OBRAS POETICAS

DE

RAMOS-COELHO

LISBOA
1910

OBRAS POETICAS

DE

RAMOS-COELHO

José Ramos-Coelho

OBRAS POETICAS

DE

RAMOS-COELHO

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
vogal da Academia de Sciencias de Portugal,
socio correspondente do Instituto de Coimbra, e da Real Academia
de Lucca, membro da Arcadia de Roma, etc.

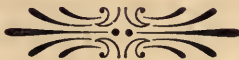
CONTENDO:

AS POESIAS ORIGINAES PUBLICADAS E INEDITAS;
AS VERSÕES DE MUITAS D'ELLAS
PELOS SNRS. THOMAZ CANNIZZARO, PROSPERO PERAGALLO, SOLON AMBROSÓLI,
LUIZ BRIGNOLI, JOSÉ BÉNOLIEL, LAMARQUE DE NOVÔA,
CÖRAN BJÖRKMAN, GUILHERME STORCK, ACHILLES MILLIEN E HENRIQUE FAURE;
AS VERSÕES DE VARIAS POESIAS DE OVIDIO, HORACIO,
LAMARTINE, VICTOR HUGO, MILLEVOYE,
ANDRÉ CHÉNIER, LAFONTAINE, BYRON, TORQUATO TASSO, DANTE,
MIGUEL ANGELO, STROZZI, MANZONI, RUBIÓ Y ORS,
E SARRAN D'ALARD

E A TRADUCÇÃO DO POEMA

JERUSALEM LIBERTADA

DE

TORQUATO TASSO

1910
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
5, Rua do Marechal Saldanha, 7
LISBOA

Editor: José Ramos-Coelho

Lisboa

PROLOGO

Espalhados por differentes volumes, alguns já de acquisição difficil, andam os meus versos originaes e traduzidos. São esses volumes os *Preludios poeticos*, a versão da *Jerusalem libertada*, de Torquato Tasso, as *Novas poesias*, os *Lampejos*, os *Cambiantes*, e os *Reflexos*, respectivamente publicados em 1857, 1864, 1866, 1896, 1897 e 1898. Os *Preludios* esgottaram-se ha muito; da *Jerusalem*, outrosim ha muito esgottada, fez-se uma nova edição em 1906, inferior aos meus desejos; das *Novas poesias*, creio que a maior parte dos exemplares ficou pelo norte de Portugal, onde se imprimiram (no Porto), e foi para o Brasil, campos das relações commerciaes do editor, de modo que em Lisboa e no resto do paiz quasi se desconhecem; e dos *Lampejos*, *Cambiantes*, e *Reflexos* alguns exemplares ainda existem, mas não tantos, que dispensem dal-os eu outra vez á estampa. A reimpressão d'estes livros não deixa pois de me convir, maxime os *Preludios*, e as *Novas poesias*, para os quaes ha ainda outra razão: a lima a que os sujeitei, sem todavia lhes prejudicar a feição do tempo e do meio que os caracterisa, lima necessaria, visto ser, o primeiro, como que o ensaio juvenil da minha musa; e o segundo, o exuberante fructo da minha verde mocidade.

Attendendo ás considerações que acabo de expor, decidi reunir todos estes volumes n'uma edição compacta facilmente manuseavel, conservando porêm separadas as col-

lecções, e sem lhes alterar quasi nunca a ordem das peças, assim como juntar-lhes algumas poesias deixadas de fóra, as compostas depois dos *Reflexos* até hoje, e as versões que de muitas foram feitas em varias linguas, embora já publicasse estas n'outro volume que lhes destinei especialmente. [1] Assim poderá ver n'um relance e julgar a minha obra poetica, se ella lh'o merecer, o publico competente, em cuja imparcialidade nutro confiança.

Tenho poetado muito, e muito haveria que mondar em tamanha seara. Conheço-o perfeitamente; e tentei proceder a este penoso trabalho; mas, depois de repetidas hesitações, decidi-me pela negativa. A escolha em taes casos, ninguem o ignora, ardua para os extranhos, é quasi impossivel para os auctores, a quem, de ordinario, illude o amor aos filhos da sua intelligencia, ás vezes tão queridos como os proprios filhos da sua carne, amor que, para ser de bons paes, não deve admittir exclusivismos, posto a sympathia ou as qualidades os inclinem mais a uns que a outros. Ora isto que digo applica-se de preferencia á poesia, e ainda mais á poesia egotista, abundante nos meus livros; e quantos cultivam o genero, no que sentem a respeito das suas producções, ou nos encontrados juizos dos criticos que as examinam, conhecem a proposito frizantes exemplos; eu, pelo menos, no que me toca, posso affirmar assim o ter experimentado. O publico por conseguinte que as escolha a seu bel prazer; e, quando digo o publico, comprehendo sabios e ignorantes, os sabios aquilatando-as conforme a sua sciencia, e os ignorantes conforme a sua sensibilidade, frequentemente mais valiosa ainda n'estes escriptos.

No tocante á ordem das poesias aqui impressas cumpre advertir que nada tem que ver com o que exprimem; ninguem portanto procure n'ellas a sequencia que teriam, se

---

(1) *Poesias* de Ramos-Coelho *vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez...* Lisboa 1907, 8.º, 1 vol.

eu as dispuzesse conforme os acontecimentos, sobretudo os da minha vida, a que muitas, mais ou menos, se referem. Em geral dispul-as só com o fito de variar os assumptos e a versificação, para, quanto possivel, suavizar a leitura. D'isso talvez nasçam algumas extranhezas; mas do systema opposto outros inconvenientes resultariam, sem por tal facto ser compensada a monotona repetição dos metros e das materias.

Da impressão das *Novas poesias* á dos *Lampejos*, *Cambiantes* e *Reflexos* ha um longo intervallo; mas não se cuide que n'elle deixei de render culto á poesia, paixão e consolo de toda minha vida, porque estes volumes são quasi no todo, como se colhe da data ou do objecto das suas peças, o repositorio das composições d'essa épocha.

Mais longo intervallo porêm é ainda o que medeia da primeira á segunda edição da *Jerusalem libertada.* Para elle concorreram muitas causas, já particulares da minha vida, já da confecção e publicação de outros escriptos, uns inherentes a meus empregos, outros voluntarios, e já da conveniencia de deixar exgottar, á primeira edição, o que, attenta a qualidade da obra, que não é para todos os leitores, demandava muito tempo. Demais, era precizo revel-a tão cuidadosamente, e, uma vez começado o trabalho, era tão necessario não no interromper, que se tornava difficil achar um periodo bastante espaçoso para o levar até ao termo definitivo com a consciencia de que me prézo. A primeira edição porêm exhauriu-se totalmente; e, fazendo das fraquezas forças, e alliviado mais um pouco das minhas occupações, pude emfim dedicar-me á sua revisão, e publical-a. Agora sahe aqui á luz pela terceira vez, ainda com leves retoques. Alguem julgará prematuro o reimprimil-a eu já, mas o facto de ser destinada a segunda edição mais ao Brasil, mercado principal da casa editora, do que a Portugal e á Italia, e o meu proposito de a vulgarisar n'estes paizes, aconselharam-me, afora a razão já apontada, que a incluisse n'esta collecção das minhas obras poeticas, a que dará lus-

tre o nome do seu auctor original, o grande Torquato Tasso, já que eu lh'o não posso dar com o meu nome obscuro.

Reimprimindo tambem aqui as traducções que varios escriptores extrangeiros fizeram de versos meus, a que já me referi, faço-o como um novo tributo de agradecimento, e não por vangloria, embora não seja insensivel á distincção que elles me concederam, escolhendo-os entre muitos de maior valia para os seus labores poeticos, e para darem a conhecer a seus conterraneos alguma coisa da litteratura portugueza. Infelizmente este meu testemunho de gratidão converteu-o a morte para alguns d'elles n'outras tantas coroas de saudade que deponho respeitoso nos seus tumulos: refiro-me ao doutor Solon Ambrosóli, ao doutor Luiz Brignoli Junior, a Lamarque de Novôa, ao conselheiro Guilherme Storck, e a Henrique Faure, nos quaes perdi, e perdeu a nossa querida Patria, sobretudo nos três ultimos, eu generosos favorecedores, e ella dedicados amigos. O meu livro terá n'esta parte, ao menos, o merito de guardar modestamente entre nós algumas de suas obras, que n'outros dos seus paizes occupam ou occuparão o logar justamente merecido, e com maior proveito.

Alguma coisa mais que eu poderia dizer é supprido pelas notas, muitas das quaes consistem na mera reproducção das que se imprimiram nos volumes separados.

Emfim aqui fico n'este meu livro como fui e como sou, com os meus erros e acertos, com as minhas illusões e desenganos, e com uma esperança, que, ainda, e apesar de tudo, me acompanha: a de achar, seja muito ou pouco o seu valor, intelligencias rectas que o apreciem, e corações generosos e sensiveis que me entendam.

1910—Julho.

Ramos-Coelho

PRELUDIOS POETICOS

SEGUNDA EDIÇÃO

A INSPIRAÇÃO

Fogo santo, divina harmonia,
Estro ou musa, que importa o que és?
Luz e alma que a mente extasia,
Eu me arrojo, me humilho a teus pés.

Do céu vens, e até lá te levantas;
És a sciencia que Deus enviou
A Moysés, quando as paginas santas
No abrasado Sinay-lhe dictou.

Pela voz dos prophetas falaste
A um povo sem Deus e sem lei;
De Babel junto ao rio vagaste;
Déste a c'rôa a quem era já rei.

Nos gemidos de Job que gemidos
Não soubeste do peito arrancar!
Como os servos fizeste atrevidos
Aos tyrannos a morte apontar!

Onde existes, aonde, aurea chamma?
No infinito, na terra, no céu,
Sol sem manchas que os raios derrama
Sobre aquelles que Deus escolheu.

Que te importa se a turba, folgando,
Mal te vê, não te chega a entender,
Se o poeta, o joelho curvando,
Reconhece o teu grande poder?

Para elle és o sonho fadado,
Que o Senhor aos humanos deixou,
Qual reflexo do mundo encantado
Donde o homem primeiro expulsou.

És o sonho que alcança outra vida
Infinita, de paz e de amor,
Das miserias a certa guarida,
Dos espinhos a candida flor.

Fogo santo, divina harmonia,
Estro ou musa, que importa o que és?
Luz e alma que a mente extasia,
Eu me arrojo, me humilho a teus pés.

Déste a David as angustias
Do longo arrependimento,
O diadema de poeta,
A harmonia, o sentimento;

A Homero a tuba altísona,
Que os heroes longe apregôa,
Que através de trinta seculos
Inda a humanidade atrôa.

Com Hesíodo cantaste;
Com Jeremias soffreste;
Com Ezechiel dos tempos
O pesado véu ergueste.

Foste grande com Virgilio
De Roma o berço buscar;
Com Píndaro em vôo altivo
Ousaste o sol demandar.

Do desterro os doces carmes
Como a Ovidio inspiraste!
Com Horacio como o calix
Das delicias esgottaste!

Nas palavras sacrosantas
Que o Homem-Deus ensinou,
Lá tambem, a Fé sincera
Os teus encantos achou.

Em todo o mundo tu vives;
Todos os tempos são teus,
Eterna, pura, sublime,
Como um effluvio dos céus.

Quantas vezes tuas graças
Não roubou o trovador,
E dos barbaros em meio
Cantou seus cantos de amor,

Muito embora despresado,
Que era então a espada a lei.
Se esta os monarchas fazia,
Elle da idéia era o rei.

No paraiso da Alhambra,
Pelas veigas de Granada,
Nos campos da Andalusia,
Em Sevilha, a namorada,

Como languida vagaste
Entre os braços do prazer,
Inda perfumes da Arabia
Teus versos a rescender!

Como encheste o peito ousado
Das glorias ao companheiro,
A Camões, o desditoso,
Ao vate, amante, e guerreiro!

Que o digam do Tejo as aguas,
Mais a gruta de Macau,
Que lhe ouviu as tristes queixas,
Ella só, mais o seu Jau!

De Cintra nos altos montes,
Com Bernardim suspirando,
Ao sussurrar do ribeiro
Não foste os ais ajuntando?

Ao meigo cisne da Italia
Não prestaste a voz canora?
O tom altivo de Homero
Ao bardo de Eleonora?

De Vauclusa inda hoje os echos
Não lembram o suspirar
De Petrarca inconsolavel,
Com seu tormento a scismar?

Não abriste a Dante o inferno,
E a sempre feliz mansão?
Não outorgaste a Racine
De commover o condão?

D'Albion ao cego vate
De condor azas não déste?
Com Young não choraste,
E com Byron não descreste?

Foste, és grande, sempre a mesma;
O espaço, o tempo são teus,
Eterna, pura, sagrada,
Como um effluvio dos céus.

Quando perpassa a viração da tarde
Pelo calix das flores,
Ornas a fronte de grinaldas roseas,
De singelos amores,

Ou a rôxa saudade lhe entrelaças,
E o martyrio tambem;
Assim a vida n'este mundo passa,
E riso e dôres tem.

Do desterro no solo aborrecido
Que gemer de amargura,
Junto ás praias do mar a contemplares
A liquida espessura!

Á noite sob a abobada estrellada
Que arroubos de poesia!
Como fundes a voz da natureza
Dos astros na harmonia!

Nos pincaros dos montes alterosos,
Degraus do throno teu,
Que não devassa o homem, que o poeta
Presente ser no céu,

Vaes ás vezes sentar-te solitaria
Em fundo meditar,
Qual aguia que ensaiasse as fortes azas,
Antes de ao sol voar.

Como em férvida prece a horas mortas
Até Deus te sublimas!
Como adoras seu braço, como o louvas
Em sonorosas rimas!

Como choras co'a tristeza;
Como ris com a alegria;
Como vestes a existencia
De perfume e de harmonia!

Como nas faces da virgem
Lês os segredos de amor;
Como através de seus olhos
Vaes inspirar o cantor!

Como no campo sangrento
Das batalhas pelejadas
Em nome da Fé, dos povos,
D'entre as dispersas ossadas,

Tomas o nobre guerreiro
E o transformas em gigante;
E carpes sobre as feridas
Do soldado agonisante!

Em toda a parte onde busco
O teu influxo sagrado,
Sempre te vejo e te adoro,
Meu archanjo idolatrado,

Pois tu és o meu allivio
N'este mundo de amargor,
O meu mais suave abrigo,
Meu primeiro, unico amor.

Que importa musa te chamem,
Ou estro ou inspiração,
Se te dou a minha vida,
Se te dou meu coração?

Foste, és grande, sempre a mesma;
O espaço, o tempo são teus,
Eterna, pura, sagrada,
Como um effluvio dos céus.

1853

AMA

Eu sei; não dizes; mas eu sei, querida,
Que esse pezar que te descora a tez
É porque sentes pullular a vida,
Que para amar a Providencia fez.

Amor solettra quem amor conhece
Na vista langue, que o ardor perdeu,
Que o peito o occulta, e scintillar parece
N'ella, por entre humedecido véu;

Na bocca breve, que sorria outr'ora,
Mas que hoje triste já não sabe rir;
Que baixo o hymno preludia agora,
E os risos guarda para amor fruir.

Amor não diz o pensamento quêdo,
Que d'antes ia sobre flor e flor,
Que tem agora de turbar-se mêdo,
Por que uma idéia só o prenda, o amor?

Na meiga face, que desmaia o susto,
Que o pejo aviva não o vês nascer,
Como, coberta por um tenue arbusto,
Se esconde a rosa, e inda se deixa vêr?

No olhar, no gesto, no pensar, em tudo
Que sentes, falas o adivinho emfim,
Eu que te adoro, que te sigo mudo,
Quando te vejo tão formosa assim;

Que te amo triste, porque um dia espero
Alegre vêr-te n'estes braços meus.
Venha essa hora; nada mais eu quero,
Senão amar-te e bemdizer a Deus.

Ah! no thesoiro d'essa luz sumida,
N'esse do rosto singular pallor,
Tens um mysterio, onde me tens a vida,
E a chave d'elle só a guarda amor.

Ama, e teus olhos raiarão brilhantes;
Ama, e teus labios saberão sorrir;
Ama, e os annos te serão instantes,
E a cor ás faces tornará a vir.

Ama, e teus olhos, que meus olhos guiam,
A luz, a vida lhes farão tornar;
Ama, e os labios, que por ti gemiam,
Co'os teus alegres os verás ficar.

1854

SOFFRIMENTO

AO MEU AMIGO JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO.

Em quanto peregrinando
Me traz o fado mesquinho,
Por augmentarem meus damnos,
Com seu facho alumiando
Vão o meu negro caminho
Os continuos desenganos.
E, para o tumulo andando,
Os meus pés a custo arrastam
Este corpo emmagrecido,
Pela doença abatido,
Doença que a matar basta,
Que a tanto me tem trazido.

Lagrimas d'antes choradas,
Já não vos posso chorar!
Ficaes agora paradas
Dentro d'alma a me acabar,
A me acabar esta vida,
Que por vós era vertida,
E que assim ha de estalar!
Unicas fontes da dor,
Não sei como ha de caber
Em mim tamanho soffrer,
Que não ha pena maior!

Vae caminhando; confia;
Resigna-te; em Deus espera;
Diz o mundo; e a dor sombria
O meu peito dilacera
Em cruel, funda agonia;
E a penuria, e o soffrimento
Me travam do pensamento,
E o prendem ao pó da terra,
Quando eu o ia elevar
Áquelle, que o céu encerra,
Em que só se póde esp'rar.

Se adormeço, á cabeceira
Põem-se-me logo os cuidados
Em sonhos de mau agoiro:
O meu unico thesoiro
São pensares mallogrados!
Se abro a bocca, a inspiração,
Que tenta aos ares subir,
Sente que é filha do mundo;
E ao sentil-o o coração
Solta um arranco profundo,
Que ninguem pudera ouvir,
Mas que ouve minha razão;
E não enlouquece, não,
Para mais o mal sentir!

E fogem todos de mim;
Nem me conhecem assim;
Tão mudado estou do que era,
Que passam, e não me vê'm!
Pois se a flor da primavera
Pelo furacão vergada
A terra já murcha vem,
Como a conhecêra alguem?
Pois, se esta fronte pendida,
Em que apenas hão passado
Escassos annos de vida,
Só fartos de desventura,
Cheios, porêm de cuidado,
Se nem eu a conheci,
Quando assim curvada a vi!

E este existir cansado,
Que de tudo já me cansa,
Em que não vejo esperança
Senão de ser desgraçado....

Não, não terá já mudança
N'este resto minguado
De vida, melhor perdida,
Se é que este viver é vida!

1853

ALMEIDA GARRETT

A ALEXANDRE HERCULANO

Morreu! A lyra lh'estalou de todo!
Era o sceptro do rei das harmonias;
Hoje, depois de morto, lhe orna a campa;
Qual brilhante pharol, se estende ao longe,
E ha de estender-se ás gerações futuras.
Nós que lhe ouvimos o soar mavioso,
Onde a saudade modulou queixumes,
Onde cantou amor, troou a gloria,
E a liberdade ergueu hymnos sagrados,
Ora um só echo lh'escutamos, grande
Como seu nome que na fama vive.
E maior se fará; que para o genio
A morte é como o sol, que da montanha
A forma, ao declinar, no campo augmenta.
Mas não ha noite que lhe apague a sombra:
Perpetuo dia, inextinguivel culto,
De paes a filhos, com o tempo alteia
A estatua augusta o pedestal sublime.
Assim de Homero ao majestoso throno
Um degrau cada seculo levanta,
E quasi nume a topetar co'os astros,
Através do passado myst'rioso,
A pia crença reverente o adora.

E eras grande, poeta. N'essa fronte
Deus estampára a inspiração divina;
Em igneas lettras solettrou-a o mundo;
Onde passavas uma esteira lucida
Lá lh'o dizia, monstruosa cauda
De audaz cometa, que outro céu buscava.
Com a idéia corrias inconstante
Da rosa ao goivo, do cypreste ao loiro,
E a vida, e a morte, e a gloria sublimavas.
Tinhas por teu dominio a terra, o espaço,
Que do infinito os páramos immensos
Ante esses olhos de aguia se estendiam,
Como aos olhos do nauta os horizontes.

Sim, eras grande! Sob um céu de fogo,
No berço quasi, pululava o estro;
E, á phantasia as azas desprendendo,
Que promettiam já voar bem alto,
Outro ar mais celeste respiravas,
O futuro a antever; ou modulando
O debil canto do Mondego ás margens,
A contemplares Deus e a natureza,
Ou pretendendo competir com Píndaro,
Na rude senda a acompanhar de perto
Filinto, porque a luz do enthusiasmo
Os barrancosos passos te marcava.
Agora em paz, no intimo dos lares,
Celebras a amizade, amores sonhas;
Agora carpes a desgraça; e, quando
Vês raiar o fulgor da liberdade,
Fervente saudação lhe mandas d'alma,
Que é a vida do homem, que nos ferros vive,
«Não, só vegeta miserando escravo.»

Ouvis? Que canto é esse que do Thâmesis
Em som extranho vae correndo as aguas?
D'ahi ávida estende os longos braços
Albion avassallando o imperio undoso;
D'ahi á terra que lhe déra o berço
E aos povos todos o seu brado envia.
O poeta no exilio; mas a Patria,
Que elle ama tanto, não no escuta. Vêde
Como rebenta o ardor no peito indomito
Do cantor de Riego! como irado
Do Tejo os filhos interroga: escravos,
«Pésa mais um punhal que uma cadeia?»

Da lyra agora temperando as cordas,
Na lingua de Camões Camões revive,
E a lingua e o vate grandiosos surgem.
Em novo estylo, remoçada e forte,
A nossa fala donairosa attinge
A louçania das da Europa cultas;
Brota, cresce, infloreia-se viçosa
E variegada, qual jardim de estio,
Onde a arte ajudou a natureza:
Aqui risonha, alli compadecida;
Desalinhada ás vezes; ora meiga;
Ora arrojada em concizão nervosa;
Mas sempre portugueza e bella sempre.

Como resôa da saudade o canto
Nas ribas extrangeiras! De acanhada
Entre os olmêdos d'esse pobre Sena,
Su'alma inquieta para os mares foge.
Como lhe anceia o coração contando
Do poeta de Ignez a sorte infausta!

Á mingua morre; na penuria expira
Quem fez a Portugal maior no mundo!
«E tu, mãe descaroavel, o engeitaste!
«Onde jaz, portuguezes, o moimento,
«Que do immortal cantor as cinzas guarda?»

Assim bradava no desterro o vate,
Dos seus o brio, a honra estimulando,
A recordar os annos do passado;
Mas o clarim ardente o incita á guerra,
E, novo Alceu, enthusiasta anima
Da Terceira as phalanges. A victoria
O volve á Patria só de fama rico;
Nem mais deseja: a liberdade agora
Corôa a lyra que a chamara á terra.

Eil-o que lá franqueia ardido a meta,
E do presente os términos quebranta.
Recúa um passo ante elle o tempo e a vida,
E, ao ouvil-o cantar, quasi se esquecem.
Tornados ao preterito, imaginam
Viver de novo na já morta scena:
Vêem Catão em Útica expirando;
Do afortunado Manuel os dias
Com Gil Vicente e Bernardim renascem;
Respiram, sentem, falam a linguagem
D'essas distantes èras; do gran Sousa
O feito nunca feito escripto fica
De modo tal, que não o podem homens
Outra vez escrever; nem elle mesmo:
Fôra do genio o maximo portento!

Quem mais seguro nos abrira os cofres
Da tradição do povo? Quem tecêra
Com mais grato sabor as lendas suas?
Com que arte e gosto restitue, imita
Do trovador incognito as endeixas,
E, como elle, suspira, ama, padece,
Ou paixões, aventuras, galhardias
Nos conte de afamado cavalleiro,
Ou feios casos de brutal fereza
Com delicada mão na tela borde!
Noite de S. João, noite bemdita,
Da nossa gente enlevo, bellas fadas,
Espiritos do ar, crenças e usanças
Do velho Portugal, perdidas quasi,
Da su'alma ao calor, viçaes de novo.

Portuguezes, chorae. Vosso irmão era.
A mente, o coração, a espada, a penna,
Tudo, tudo vos deu. Por vós sómente
«Não foi *seu* braço ao campo das batalhas
«Segar-*vos* loiros? *Seus* sonoros hymnos
«Não voaram por *vós* á eternidade?»

No palacio dos reis ladeado de honras,
Na imprensa escriptor, firme susteve
A causa publica, e, á tribuna ousado
Subindo, eloquente a voz desata.
Soffre o desterro; o carcere o recebe;
«Silvando embalde co'a viperea lingua,»
Tenta mordel-o a inveja; tudo balda;
E na desdita maior força cobra.
Assim rio caudal, se encontra acaso
No curso duras, empinadas rochas,
Que lhe pejam a estrada, estreita, sobe,
Passa, apertado entre ellas, trovejando,
E após as margens insoffrido alaga.

Quasi no extremo despedir da vida,
Que sentido cantar inda modula,
Como de joven coração? A chamma
Do amor vem animar-lhe os debeis olhos,
E erguer-lhe a fronte que já pende á terra,
Não do pêso dos annos, das corôas
E dos espinhos que acarreta a gloria.

E por fim lhe cahiu! Eis cede o corpo;
Eis esmorece a luz; e a majestade
Do genio só e Deus em frente se acham!

Como o cedro no Líbano educado,
Que, altivo, a coma para o ar arroja,
Porêm, se quebra dos tufões á raiva,
Qual thuribulo, evola-se em perfume,
Assim elle, no mundo mal nascido,
A outros mundos o pensar alava;
Chegou a morte; e do Senhor o braço
Para sempre o abateu; mas a su'alma,
Arôma da existencia, aos astros sobe.

Oh! eras grande! Portugal que o diga.
Pelos climas da America vagando,
O divino Garrett ouvi chamar-te;
A fama por mil boccas te pregôa;
A Europa ao brado se lhe junta, e cresce,
Unido ao teu o portuguez renome.

Vinde commigo pois; se portuguezes,
Sobre os restos do bardo e patriota
O meu cantar acompanhae de lagrimas.
Lagrimas são tambem que aqui derramo
Pude de perto contemplar o genio,
As palavras lhe ouvir; sei quanto era.
Por isso agora minha voz levanto,
Debil seu vôo rastreando apenas,
Que pela immensidade alem se perde.

E tu, Patria de heroes, Patria esquecida,
Desamorada mãe de illustres filhos,
De quem tanto serviu honra a memoria.
De Camões, de Garrett e de Filinto
Nos monumentos desmentido eterno
Envia ao mundo que te diz ingrata.
E, se não... grande é a terra, o tempo largo,
Outra a vida do genio. Do sepulcro,
Onde se acabam reis, perecem povos,
Tu, ó rei da harmonia, a loisa partes,
Vingas o espaço; a eternidade é tua.

1854—10 de Dezembro

ALMEIDA GARRETT

VERSÃO DO DR. LUIZ BRÍGNOLI

Morì! La cetra gli cadeva infranta!
Un dì scetro del rè dell'armonia,
Oggi trofeo d'una compianta tomba,
Immenso faro di mai spenta luce,
Che illuminando le future genti,
Pei secoli dei secoli si perde.
Noi che gli udimmo in rime sparse il suono,
Onde cantava amore, onde il desio,
La speme modulò dolci querele,
Onde tuonò la gloria, e libertate
All'Eterno offerì canti soavi,
Un ecco solo ora ascoltiam, sì grande
Come il suo nome che la fama onora.
E maggior crescerà, che morte al genio
E come il sol che in declinar le forme
Di gigante montagna estende e accresce;
Ma non v'ha notte che gli celi l'ombra:
Perpetuo giorno, inestinguibil culto
Passa da padri ai figli, e ognora inalza
Di suo gran nome l'immortal colosso.
Così prostesi i secoli sgabello
Fanno d'Omero al venerando trono,
Che sempre più si perde infra le stelle,
E del passato entro l'oscuro velo
Dei popoli la fè qual Dio l'adora.

Eri pur grande; in quella fronte Iddio
La favilla del genio avea stampato;
In ignee cifre la legeva il mondo.
Luminoso sentier svelava in terra
Di tua vita il cammino, immensa coda

Di gran cometa che altro ciel chiedeva.
In fervido olleggiar correa la mente
Dal narciso alla rosa, dal cipresso
Al lauro, e sempre in melodioso carme;
E morte, e vita, e gloria eran divini!
Sono dominj tuoi la terra, il cielo;
Ed al tuo sguardo d'aquila si spiega
Dell' infinito il più lontan confine.

Eri pur grande; sotto un ciel di fuoco,
Bambino ancor, ti sorrideva il genio,
Ed alla mente allor sciogliendo l'ali,
Che promettean di già toccar le stelle,
Come anelante a più sereno cielo,
Il futuro aspiravi; o modulando
Il debil canto il riva all'onda cheta
Del placido Mondego in dolce incanto,
A contemplar natura e il suo fattore,
O già nel volo risalendo a Píndaro,
Sul arduo di Filinto aspro sentiero,
Che entusiastica face i dirupati
Passi t'apprende; poscia nei tuoi lari
Tranquillo riposando innalzi il carme
Alla vera amistà; sogni gli amori;
Lacrime doni alla sventura; e quando
Spunta nel ciel di libertà l'aurora
Dell'alma un grido a salutarla invii,
Ch' è dessa vita all'uom, che in ceppi geme;
Non vive, non, vegeta sol lo schiavo.

Qual voce è questa inusitata e fiera,
Che del gonfio Tamigi il corso gira?
Da quella sponda all'orbe il braccio allunga
Albion superba incatenando i mari;
Da quella sponda al dolce suol natio,
Al mondo intero envia l'esule vate
I suoi lamenti, e il mondo inter l'ascolta;
Ma la sua Patria a tanta voce è muta.
Vedi come arde pura fiamma in petto
Al cantor di Riego, e come ardito
Grida ai figli del Tago: inerti schiavi,
Più vi pesa um pugnal che le ritorte?

Ora dell'arpa temperando i suoni,
Camoens revive nella sua favella,
E lingua e vate giganteschi sorgono.
Con nuovo stil ringiovenito e forte
Il luso dir gentil emula in garbo
Ogni altro idioma della colta Europa.
Sbuccia, cresce, di fior si veste, vago
E variegato, qual giardin d'Aprile,
Ove l'arte diè mano alla natura.
Or ridente si mostra, ed or pietoso;

Ora di vezzi spoglio, e poi languente;
Quando conciso, nerboruto e forte;
Ma bello, e puro, e lusitano sempre.

Come triste e soave il canto intuona
Nelle straniere sponde, oh! còme oppressa
Del paludoso Senna infra le rive
L'alma gli fugge a divagar pei mari!
Come palpita il cuor, l'obblio contando
Del gran cantor d'Ignez gentile! A stento,
A stento, ò lusi, misero si muore
Colui che tanto vi fè grande in terra.
E negletto tu l'hai, madre spietata!
Ove riposa l'urna, ingrata gente,
Che del vate divin la polve accoglie?

Così cantava nell'esilio il vate,
Di triste rimembranze il cor ripieno,
Dei suoi destando l'assopito onore.
Ma la tromba di guerra al campo invita,
E, nuovo Alceo, alla bataglia sprona
Le squadre di Tercera. La vittoria
Al Tago il rende, sol di gloria onusto.
Nè più curava, or libertade all'arpa
Che l'appellava in terra il serto impone.

Vedi come la meta ardito avanza,
E come vince del presente i fini:
Innanzi a lui ristan la vita, il tempo,
E di sua voce al suon quasi s'obbliano.
Al passato converse, all'ere sembra
Volger di nuovo alla transcorsa etade.
Caton vedan' in Ùtica spirando,
D'Emanuele i giorni e di Giovanni
Con Gil Vicente e Bernardim revivano.
Palpitano, respirano; favella
Ripeton di quei tempi; e l'unqua fatto
Fatto del Sousa ha vita, e in voci tali
Che giammai fia chi s'attenti ridirlo
In altre note; egli medesmo fosse;
Era del genio il più sublime slancio.

Della remota tradizion gli archivi
Apre con man sicura, e disoterra
Degli avi nostri i favolosi canti.
Come semplici allor, come soavi
Egli ritorna i mutilati accenti
Del vago trovator; ah! come pare
Piangere ancora e sospirar con lui;
Sia che di nobil cavalieri apprenda
L'avventure d'amor, le gentilezze;
Ossia che intessa con esperta mano
Di fierezza brutale i tristi eventi.

Notte di San Giovanni, eteree fate,
Sognati spiriti, credenze, usanze
Degli antenati nostri in lui vivete.

Piangete, ò lusi, un buon german piangete.
La mente, il cuor, la penna, il brando, tutto,
Tutto egli vi donò; solo per voi
Colse gli allori dell'onor sul campo
E all' Eterno offeriva inni sonori.

Nella soglia real carco d'onori,
Nella stampa scrittor, sempre la destra
Amica porse al popolar diritto.
Sempre incorrotto la tribuna ascende,
E per giustizia pugna, e per lei soffre
Dura prigione, e miserando esilio.
Fischiando invano la viperea lingua,
Tenta ferirlo invidia; i micidiali
Dardi le frusta, e più randiante sorge
Da tanta guerra il venerando capo.
Così ringofio fiume in suo decorso,
Si acaso incontra dirupati scogli,
Nel varco angusto si rifrange, e stringe;
Ma vincitore alfin passa superbo,
Per la valle si stende e innonda i campi.

Presso la meta del mortal camino
Che suoni intuona, che pensieri sprime!
Come giovane il cuore ancor sospira!
Come in quegli occhi amor divampa amore!
Come sublime estolle al ciel la fronte,
Non curva dall'età, ma dalle spine,
Triste retaggio d'ella gloria in terra!

E per fin si prostrò; la salma cadde;
Impallidì la fiamma, e il genio altero
In faccia al Creator spoglia si trova.
Come cedro gigante, onor del Libano,
Che la frondosa chioma intorno spande,
Di profumi innondando il ciel vicino,
Se avvien che soffii tempestoso il vento,
Che l'Eterno agitò, sul fianco piomba,
Ma più fragrante all'aure invia l'aroma,
Così costui, che ben mal nacque in terra,
Ad altre sfere il suo pensier movea;
L'uccise il braccio del Signor; ma l'alma,
Dell'esistenza aroma agli astri ascende.

Eri pur grande; Portogallo il dica;
Il dica il mondo inter. Correndo un tempo
L'americano suol, suoi figli intesi
Appellarti il divin; ne'lari tuoi
Più tarde t'ammirai; di te sol parla

Per mil bocche la fama, e risuonando
L'Europa tutta si riscuote al grido,
E cresce col tuo nome il luso nome.

Su quest'urna immortal, ove corone
La patria musa intreccia, e il patrio amore,
Venite, ò lusi, e al canto mio funèbre
Di lacrime s'accordi ampio tributo,
Che lacrime son pur queste che io verso.
Vicino il contemplai, nel cuore oppresso
Risuona ancora il melodioso accento;
Quanto era grande appresi; e tento invano,
Elevando il pensier, che a tanto è scarso,
Di quel grande seguir l'orma immortale,
Che nello spazio si confonde e perde.

E tu, Patria d'eroi, Patria obbliata,
Di magnanimo prol madre avvilita,
Onora il cener che ti fece onore.
Con monumenti di scolpito marmo
A Camoens, a Filinto ed a Garrett
Dismenti il mondo che ti dice ingrata.
Si non ti cale... è il mondo vasto, e largo
Il tempo, ed ambidue son patria al genio.
Di quell' avel che nell'obblio rinserra
I prenci álteri e i travagliati popoli,
Tu, rè dell'armonia, le porte atterri,
Hai vinto il tempo, ed è tuo nome eterno.

SÓ

Junto das praias do mar
Ha uma gruta sombria,
Onde não entra o luar,
Onde não penetra o dia,
Onde se vae assentar
Á hora do pôr do sol
Saudosa a melancholia;
O canto do roixinol
Não ameiga aquelles ares;
A brisa que sopra forte
Crispando a face dos mares,
O frio vento do norte,
E o tufão, nuncio da morte,
Só se ouvem n'esses logares.

Alli me apraz, solitario,
Longe dos homens, passar
Quantos posso ao meu fadario
Poucos instantes roubar;
Que o viver imaginario
D'essa amarga solidão
O peado pensamento,
E o oppresso coração
Leva, como o rijo vento
Pelo mar a embarcação.

Alguem certo ha de extranhar
Que eu tristezas vá buscar
Quando me queixo de triste;
Mas ha tristeza maior
Do que no seio occultar
O que mais cruel existe,
Que é n'elle sentir a dor,
E nem a dar a entender;
Sorver-lhe todo o amargor;
E rir, e rir de prazer
Com rosto falso, impostor?

Se de tristeza em tristeza
Eu divagar devo apenas,

No gremio da natureza
Quero sentir minhas penas,
E, se da terra a belleza
A meus olhos não diz nada,
Se para meu peito enfermo
A sociedade é um ermo,
Sua voz mal agoirada,
Que vou inda lá fazer?
Para em toda a parte vêr
Desejos em vão nascidos,
Vãos projectos de prazer
Logo em pena convertidos?

Mas alli sim; que harmonia
Faz do céu a immensidade,
Faz do mar a solidão
Com as dores e orphandade
Do meu pobre coração;

Alli vivo; alli respiro;
Alli commigo suspiro,
Sem que ninguem venha ouvir
Meus suspiros magoados,
Para após serem contados,
E d'elles o mundo rir.

Ah! se alli, se alli pudesse
Por toda a vida habitar,
E se um ente Deus me désse
Para me suavizar
Os dias que inda vivesse...
Como então mais estimara
Essa gruta erma e sombria;
Como então te desfructara,
Suave melancholia;
Como então eu mais te amára!

1855

A MULHER

Mulher, obra suprema e derradeira,
Que a immensa creação fecha e corôa,
Mãe do homem, irman e companheira,
Para quem sempre minha idéia vôa,
Tu não foste, qual foi a feiticeira
Deusa, que a antiguidade alto apregôa,
Gerada das espumas do oceano,
Mas de um riso do Eterno Soberano.

Dos elementos refreando a guerra,
Já tinha o Creador tirado ao nada
Esta pasmosa machina da terra,
Com o homem de todo terminada,
Quando a vista, que o espaço e o tempo encerra,
Volvendo a ella, em jubilo banhada,
Em seu contentamento a mulher cria,
Reflexo para nós d'essa alegria.

Porque te pôz a mão omnipotente
No fim do livro seu, qual fôra posto
No começo do sol o brilho ardente,
Senão porque tambem é luz teu rosto?
Vê-te o homem da vida no oriente;
No termo d'ella, no horizonte opposto,
Inda te vê ou sonho ou realidade;
E por ti deixa o mundo com saudade.

Pois, se não fosses tu, esta existencia,
Por mais formosa, que pudera ser?
Que seria do mal sem innocencia,
E sem consolação do padecer?
Que seria da culpa sem clemencia?
Da humanidade sem amar e crer?
Quem não desejaria a morte amiga
Para acabar tão aspera fadiga?

Porêm comtigo o proprio soffrimento
Converte-se em idéias de ventura,
Se, expirando paixão e sentimento,
Suave e doce tua voz murmura;
Se o olhar nos turva o pranto, n'um momento,
Sécca-se á luz da tua formosura,
Tal o astro do dia na campina
Sorve o rocío, que a açucena inclina.

Ente debil, mas cheio de nobreza,
Porque espirito és mais do que materia,
Se tomaste dos anjos a belleza,
Foi para consolar nossa miseria;
Quizeste unir a terrea natureza
Á chamma pura da mansão etherea,
Para os males da carne supportares,
E com um raio teu os abrandares.

Logo ao nascer das graças rodeada,
Differente do homem já na infancia,
És mais quieta, meiga e delicada,
Respiras só angelica fragrancia;
Rosa, mas no botão inda encerrada,
Vives á sombra da paterna estancia,
Emquanto que elle já, sonhando a guerra,
Corre nos prados, pelos campos erra.

Cresces; e a formosura vae crescendo;
E dotes mil a competir com ella,
Para amor o thesoiro estão fazendo,
Por que além de formosa fiques bella;
As tranças pelo collo vão descendo;
Da vida os pomos sob a fina tela
Tremem já; mas não é por assustados,
Que ainda não conhecem os cuidados.

Não; é farto de risos o presente;
Futuro não o tens; em cada dia
Gosas o mundo, que te diz sómente
Muito crer, muita paz, muita alegria;
De seus encantos o poder não sente
Essa tua alma toda poesia;
E, como flor da natureza filha,
Sem arte mais tua formosura brilha.

O teu delgado corpo se contorna;
Não corres; eis que o passo já moderas;
O que não se adornava emfim se adorna,
Porque o dia seguinte agora esperas;
A vista mais suave então se torna;
Então raínha sobre nós imperas;
E não amas ainda; és adorada,
Mas não foste de todo despertada.

Se vaes á tarde passear no prado,
Gostas de ouvir o roixinol soltando
Os seus quebros canoro e descuidado,
Ou a corrente placida soando;
Na fonte vês teu rosto retratado;
N'ella quêda te ficas namorando;
Queres saber a causa verdadeira
De os homens te chamarem feiticeira.

Como em flórido valle deslisavas
A vida tua; oiteiros deliciosos
Eis o teu horizonte; nem julgavas
Que outros valles houvesse mais formosos;
Os olhos para o céu não levantavas;
Em ti mesmo podiam venturosos
Vêl-o; na terra debuxado o vias;
E, sem tratar do mais, lêda vivias.

Mas uma vez, por distracção, subiste
De um dos oiteiros a relvosa estrada,
E novos horizontes descobriste,
E vidá nova, nem sequer sonhada;
Campos maiores e mais bellos viste;
Porêm a tua vista limitada
Não alcançou ainda o immenso espaço,
Onde a alma se perde de cansaço.

Chega a edade de amar; e eis, ao socego
Do teu passado longo adeus dizendo,
Nos doces sonhos do teu doce emprego
Julgas inda entre flores ir correndo;
Tudo risonho vês, que amor é cego;
Tudo risonho fazes, em querendo;
Que importa venha longo o soffrimento?
Vale-o poder gosar por um momento.

Amas; amar é lei da natureza;
É da existencia o magico perfume;
O sentimento é que nos dá belleza,
Como ás terras o sol dá vida e lume.
Ha pouco inda, candura e singeleza,
Agora só no affecto se resume.
Álem de amar, pretende ser amada;
Procura o fim para que foi creada.

Ditoso vezes mil quem ella escolhe!
Feliz quem póde ter tanta ventura!
E mais feliz quem sequioso colhe,
E logra emfim tamanha formosura,
Antes que venha o tempo, e que desfolhe
Essa rosa de amor que pouco dura!
Então, mulher, teu ser é um sorriso,
E comtigo viver o paraiso.

Oh! que meigas idéias não sabidas!
Que palavras que os beijos entremeiam!
Como se fundem n'uma duas vidas!
Como n'um pensamento dois se enleiam!
Como as almas respiram confundidas!
Como nada já temem, nem receiam!
Que abraços, que perguntas, que caricias,
Que existencia de amor e que delicias!

Vêde: ao ente que em flores a captiva
O seu futuro confiada entrega,
Para que unida a elle sempre viva,
E ao mais cruel martyrio não se nega;
Chora-lhe o mau destino compassiva;
Com preciosas lagrimas o rega.
Então mais do que amante é companheira
Do homem, d'este parte verdadeira.

Ó mãe, unica voz que exprime e ensina
Dedicação, ternura, amor sem termo,
Que tornas a mulher quasi divina,
Sem a qual este mundo fôra um ermo,
Manancial de fonte peregrina,
Que sentes palpitar o seio enfermo,
Sorrindo e desejando entregue ás dores
O fructo abençoado dos amores,

Tu és, tu és a imagem acabada
Do reflexo que á terra o céu mandára:
Só por ti a paixão é transformada,
Ella, que como espirito vagara,
N'uma face onde seja retratada,
N'uma viva porção formosa e cara
D'essa existencia que ambos mutuaram,
Quando os laços de amor os apertaram.

Para havêres um filho a morte affrontas;
Nascido, com teu leite o alimentas;
As dôres que passaste já não contas,
Porêm as graças que lhe crês e inventas;
Para os tenrinhos labios sempre promptas
Estão da vida as fontes, que apresentas
Entre risos; e, ou seja noite ou dia,
Passas velando só tua alegria.

Esposa e mãe, oh! que tão gratos nomes!
Mulher, como é tua alma illimitada,
Que, por mais dividida, a não consomes
Pelo marido e filhos espalhada!
Basta que ás d'elles o perfume tomes,
Para a têres mais bella e povoada:
Anima-te o aroma dos amores,
Bem como ao colibrí o odor das flores.

Como soffres por elles as desditas!
Como o jubilo seu te faz contente!
Como em suas virtudes acreditas!
Como por elles vês e ouves sómente!
Como no seu porvir sempre meditas!
E, quando chega a morte finalmente,
Para os filhos e esposo os olhos viras,
E bemdizendo-os socegada expiras!

Quasi o teu ser podia comparar-se
Á arvore gentil americana,
Que parece á palmeira assemelhar-se,
Posto que não como ella soberana,
Que dá, após de folhas adornar-se,
A flor, de cujo seio o fructo emana,
E da raiz a descendencia gera,
Que vê crescer, emquanto a morte espera.

Mulher, por quem o homem sente e existe,
Por quem o mesmo sol noss'alma inflamma,
Noss'alma que sem ti definha triste,
Pois d'ella és a verdadeira chamma,
Que ao mundo um novo mundo descobriste,
Que desfructar consegue aquelle que ama,
Ente debil, mas todo fortaleza,
Tu és a perfeição da natureza.

Por ti o coração dentro do peito
Sei que bate, e por vivo me conheço;
Por ti supporto os males satisfeito,
Se um riso teu ou se um olhar mereço;
Ás vezes sinto o coração estreito
Para amar, e de amores endoideço;
Por ti, por ti a minha humilde lyra
Sempre endechas de amor geme e suspira.

1856

SOLEDADE

(DE LAMARTINE.)

No monte, á sombra do carvalho annoso,
Sento-me ás vezes, quando o sol declina;
E vejo, olhando triste e descuidoso,
Desdobrar-se a meus pés varia a campina.

Aqui espuma o rio sussurrando,
E ao longe a serpear sumir-se vae;
Álem se espraia o lago calmo e brando
Do lado em que da tarde a estrella sa'e.

Dos cumes d'estes montes, coroados
De selvas, vem-se o dia despedir;
E os confins do horizonte prateados
São pela lua que se vê subir.

Entretanto eis que o som religioso
Do campanario gothico resôa;
Pára o viandante, e o echo harmonioso
Com o extremo rumor da tarde vôa.

Mas nada ha em tudo isto que te encante,
Alma já para tudo muda e fria.
Ai! ólho a terra, como sombra errante:
Morto, da vida o sol não me alumia.

De collina em collina embalde a vista
Se estende, do occidente á rôxa aurora,
Do norte ao sul, a quanto em roda avista:
Em parte alguma a f'licidade mora.

Valles, choças, palacios, acabadas
Estão as vossas graças para mim;
Rios, florestas, solidões amadas,
Um ser vos falta; que valeis assim?

Comece ou finde o sol o usado turno,
Com fria indifferença o considero;
Desponte ou caia limpido ou soturno,
Que me importa? dos dias o que espero?

Inda que a marcha immensa lhe seguira,
A não ser um deserto que encontrára
Quem de todo o universo a nada aspira,
Quem nada quer de quanto a luz aclara?

Mas, álem, se eu despisse o terreo manto,
Ante o sol verdadeiro, em outros céus,
Talvez o que no mundo sonhei tanto
Apparecesse ainda aos olhos meus.

Ahi a sêde saciara ardente;
Ahi de novo achára a espr'ança, o amor,
E esse bem ideal que anceia a mente,
E a que o homem não sabe nome pôr.

Se eu pudesse na luz da madrugada
A ti subir, meu sonho idolatrado!
Se entre mim e este mundo não ha nada,
Que faço n'elle ha tanto desterrado?

Do chão não leva a folha emmurchecida,
Á tarde o vento na fugaz passagem?
Arrebata-me, ó vento, a minha vida,
Como levas a pallida folhagem.

L'ISOLEMENT

Souvent sur la montagne, à l'ombre du vieux chêne,
Au coucher du soleil, tristement je m'assieds;
Je promène au hasard mes regards sur la plaine,
Dont le tableau changeant se déroule à mes pieds.

Ici, gronde le fleuve aux vagues écumantes;
Il serpente, et s'enfonce en un lointain obscur;
Là, le lac immobile étend ses eaux dormantes,
Où l'étoile du soir se lève dans l'azur.

Au sommet de ces monts couronnés de bois sombres
Le crépuscule encor jette un dernier rayon;
Et le char vaporeux de la reine des ombres
Monte, et blanchit déjà les bords de l'horizon.

Cependant, s'élançant de la flèche gothique,
Un son religieux se répand dans les airs:
Le voyageur s'arrète, et la cloche rustique
Aux derniers bruits du jour mêle de saints concerts.

Mais à ces doux tableaux mon âme indifférente
N'éprouve devant eux ni charme ni transports;
Je contemple la terre ainsi qu'une âme errante:
Le soleil des vivants n'échauffe plus les morts.

De colline en colline en vain portant ma vue,
Du sud à l'aquilon, de l'aurore au couchant,
Je parcours tous les points de l'immense étendue,
Et je dis: nulle part le bonheur ne m'attend.

Que me font ces vallons, ces palais, ces chaumières,
Vains objets dont pour moi le charme est envolé?
Fleuves, rochers, forêts, solitudes si chères,
Un seul être vous manque, et tout est dépeuplé!

Quand le tour du soleil ou commence ou s'achève,
D'un œil indifférent je le suis dans son cours;

En un ciel sombre ou pur qu'il se couche ou se lève,
Qu'importe le soleil? je n'attends rien des jours.

Quand je pourrais le suivre en sa vaste carrière,
Mes yeux verraient partout le vide et les déserts:
Je ne désire rien de tout ce qu'il éclaire;
Je ne demande rien à l'immense univers.

Mais peut-être au delà des bornes de sa sphère,
Lieux où le vrai soleil éclaire d'autres cieux,
Si je pouvais laisser ma dépouille à la terre,
Ce que j'ai tant rêvé paraitrait à mes yeux!

Là, je m'enivrerais à la source ou j'aspire;
Là, je retrouverais et l'espoir et l'amour,
Et ce bien idéal que toute âme désire,
Et qui n'a pas de nom au terrestre séjour!

Que ne puis-je, porté sur le char de l'Aurore,
Vague objet de mes vœux, m'élancer jusqu'à toi!
Sur la terre d'exil pourquoi resté-je encore?
Il n'est rien de commun entre la terre et moi.

Quand la feuille des bois tombe dans la prairie,
Le vent du soir s'élève et l'arrache aux vallons;
Et moi, je suis semblable à la feuille flétrie:
Emportez-moi comme elle, orageux aquilons!

PARA ONDE?

De novo o panno soltas
No mar aparcellado,
A demandar as praias
Do incognito porvir;
E que te aguarda ao cabo,
Mancebo aventurado?
Que lume de esperança
Ao longe vês surgir?

Miragens da ventura?
Encantos da belleza?
Applausos da tribuna?
Das guerras o pendão?
As vagas do oceano?
A paz da natureza?
Da gloria a eternidade?
Da campa a solidão?

Felicidade?—fumo,
Nuvem que breve passa,
Que, mal nos doira a vida,
Sente chegar a dor,
Que ao lado se lhe assenta,
Pedindo-lhe a aurea taça,
E troca o mel suave
Em fel e dissabor.

A formosura?—raio
Do sol do paraíso,
Mas que, descendo ao mundo,
Se torna terreal.
Que foge, como foge
Dos labios o sorriso,
Que aviva com seu brilho
Do soffrimento o mal.

As ovações da praça
No dia tumultuario,
Em que sacode a juba
O leão popular?
A toga do tribuno,
Que é manto e que é sudario,
Que o carro da victoria
Arrasta no passar?

Ao vento despregada
Das rábidas batalhas
Das guerras a bandeira,
Os echos do canhão?
O homem contra o homem,
O peito por muralhas
Expondo ao ferro e ao fogo,
Sobre sangrento chão?

Da tempestade infrene
O temeroso açoite?
Da vida as tempestades
Não tens para luctar?
A paz da natureza?
Em silenciosa noite
Comtigo a sós, com Deus
Contricto meditar?

Da gloria a eternidade?
Talvez o esquecimento
A loisa tua seja —
Realidade só!
Que sobre a campa a gloria
Fulgura n'um momento;
Que um sopro leve a apaga,
E logo é cinza, é pó.

Mas porque sombrear-te
A vida de tristura?
Quem sabe o que ha de vir?
Quem sabe o que é melhor?
És moço, rico, forte,
E a esp'rança te assegura:
Vae pois, segue o teu fado,
E ajude-te o Senhor.

1854

AINDA

Se ainda puderem ver-te
Estes olhos, já cansados
De tanto e tanto querer-te,
Como ficarão mudados!

Como então verás se cre'ce
Mais e mais este vulcão,
Que nas faces amortece,
Que augmenta no coração!

Sim, cresce! e ninguem o sabe,
Que todos julgam morreu;
E tanto, que já não cabe
Dentro d'este peito meu.

Porêm, se a chamma, accendida
Por teus olhos, rebentar,
Que será, ó minha vida,
Que será de tanto amar?

E, quando ás vezes eu penso
Que estar comtigo podia,
Que fogo, que fogo intenso!
Que lenta, e funda agonia!

Quando me vem á lembrança
Esse viver já passado,
Que amarga desesperança
Me tortura o peito anciado!

Mas porque, passada a hora
De tão acre padecer,
Em que assim minh'alma chora,
Eu torno de novo a crer?

É que o amor não desespera;
Vive sempre de esperar.
Se eu não cresse, perecera,
Entregue a tanto penar.

É que, sabes, te amo ainda,
Como talvez não te amei,
Quando a existencia era linda,
Quando comtigo sonhei;

Pois o viver na orphandade,
Pois o fero soffrimento
Fazem dobrar a saudade,
Aos desejos dão alento.

Que vale que os homens digam
Que é um crime? oh! que se o fôr...
Não importa; que o maldigam;
Eu bemdirei este amor.

Não o entendem, coitados!
Coitados? felizes sim;
Que não os ralam cuidados,
Como me ralam a mim.

E assim mesmo eu te abençôo;
E assim mesmo inda sou teu;
Inda, ó mulher, te perdôo;
Assim te perdôe o céu.

A PORTUGAL

Céu que animaste a portugueza gente,
Sol que alumias a minh'alma triste,
Acaso é esta essa nação valente,
Que outr'ora a ver teu berço conduziste?
Não, a mesma não é: d'antes brilhavam
Teus raios nos broqueis e nas espadas;
Da gloria a par os filhos seus te olhavam;
Agora estão as glorias acabadas!
As triumphaes corôas,
Que de teu vivo ardor os resguardavam,
Em terra eil-as murchadas!

Já não diviso as prôas
Com que aravas intrepido e orgulhoso,
Ó Tejo, o largo oceano;
Se ainda a elle corres majestoso
Que importa? já não mandas soberano.
Que percebes ao longe? o riso e insulto;
Eis as pareas que o mar hoje te paga!
E, nas imbelles mãos o rosto occulto,
A grande entre as nações a injuria traga!
Oh! n'esse tempo em que tu eras forte
Assim, cobrindo as faces, não ficavam;
Porêm vingança e morte
Nos gladios flammeavam.

Aonde a estrada que através dos mares,
Ó Tejo, franqueaste
Até á Libya e indicos palmares?
Aos mais a abandonaste!
E tu, immenso pégo, que arrojaste
As ondas tuas contra o peito ousado,
Que navegou primeiro
O teu dorso até alli não devassado,
Antes quizeste ver-te dividido,
Embora pelos povos do orbe inteiro,
Do que ao luso poder curvo e rendido?
Não, fômos nós, só nós, que te deixámos;
Fez o braço vergar do sceptro o pêso;
Se quasi meio mundo sustentámos!
Agora sustentamos o desprêzo;
Para ti acabámos!

Mas já não és o que sulcou o Gama;
Já não te ergues tremendo;
Já o soberbo Adamastor não brama,
Naufragios predizendo.
O Cabo das Tormentas, a que démos
O nome de Esperança,
Porque no meio d'ellas sempre a houvemos,

Confiados em Deus e em nossa lança,
Que é da tua vingança?
De todo se acabou? ou só quizeste
Com esses pelejar que te buscaram,
E que emfim atrevidos te domaram,
Posto que muitas vezes os venceste?

D'antes, ó Patria, a Europa a si deixando,
Olhaste um dia o pélago fremente,
E, tua pequenez então notando,
Com teus filhos passaste á Libya ardente.
Já Ceuta o collo seu trémula inclina;
Mas inda não contente,
N'uma das mãos a cruz, e n'outra a espada,
Vaes perguntar ao mar onde termina.
Eis a ilha encantada,
Flor das aguas, aos olhos te apparece.
Avante: maior gloria por ti brada;
Tua alma não padece
Abandonar-se a formosura tanta:
Eis a africana costa
Do teu alto valor treme e se espanta,
Vendo que tudo destemido arrosta.
Emfim a Asia o nome teu levanta,
E abraça o teu pendão victorioso;
Mas, como se não fosse isto bastante,
Despresando o repouso,
Ao novo mundo de Colon famoso
Tu ajuntas um mundo triumphante.

E póde terminar tanta grandeza?
E vêl-o tu pudeste,
Ó Patria, mãe out'rora da nobreza,
Da honra e valentia?
Dize, dize, morreste?
Esperança não tens de ser um dia,
Se não como já foste, grande ainda?
Vê como é bella a tua natureza;
Como o oceano te chama e te convida;
Como abundante és; como és tão linda!
Ah! não, de todo não deixaste a vida.
Haja união, vontade, e serás forte;
Abra a terra o arado;
Que vale mais a terra do que o oiro;
Nunca o fecundo seio acha cansado;
Franqueia o seu thesoiro
A quem lh'o tem cuidado.
Se o tempo já não é dos navegantes,
Que para descobrir pouco deixaste,
Ás regiões distantes,
A que a espada levaste,
Do teu trabalho os fructos abundantes
Podes levar agora;

Da riqueza e da paz então senhora,
Sobre o passado teu alevantada,
Temida não serás, mas respeitada.

Vae após as nações que te seguiram;
Que, se o mar lhes abriste deanteira,
Teus filhos os seus passos não ouviram.
Segue-as; d'ellas serás a companheira.
Pouco tens do que houveste;
Mas muito póde dar-te;
Que a Africa por ti inda se parte.
De tudo te esqueceste?
Precisas que outros venham despertar-te,
Roubando-te o que ainda não perdeste?
Vê: o mundo caminha;
O homem não descansa da fadiga;
E tu, ó Patria minha,
Só és do ocio amiga?
D'antes o braço teu ocio não tinha!

Porêm, se tudo isto não te inflamma,
E ficas no teu leito adormecida,
Treme; que pode converter-se em chamma
Tua gloria, e a cinzas reduzir-te a vida.

1857

ABORRECIMENTO

Estas festas e alegria
Não são feitas para mim,
Que vejo de dia em dia
A se augmentar sem ter fim
De meus males a porfia.

Se dos homens fujo esquivo,
Porque vim ao mundo ter?
Se, qual sonho fugitivo,
Passo, que vim ca fazer,
Onde soffro, mas não vivo?

Que é para aquelle que chora
O prazer uma irrisão:
Ai! de quem seu mal deplora!
Enluta-lhe o coração
Quanto o embellezara outr'ora.

Deixemos pois estas salas;
Deixemos o vão rumor
D'estes risos, d'estas falas,
Que não vejo o meu amor.
Festas? não vim cá buscal-as!

Sim, a vertigem deixemos
Do folguedo delirante,
Ó minh'alma, e recordemos
Aquelle formoso instante,
Em que eu e ella vivemos.

Recostemo-nos no leito
Pela sorte endurecido,
Não para dormir, que o peito
Acha o dia, tão comprido,
Para tanta dor estreito;

Mas para velar, attentos
Os sentidos, á cadeia
Negra já de pensamentos,
Ajuntando em cada idéia
Mais um élo, e mil tormentos;

Até que, chegando á beira
Do sepulcro, desprendida
Do berço, se quebre inteira
No jazigo, e d'esta vida
Com ella a dôr derradeira.

N'UMA TROVOADA

O echo do trovão resôa ao longe;
No pó curvando a frente,
Aguarda o fado seu o homem fraco
Das mãos do Omnipotente.

O virtuoso não trepida; espera;
Espera, e em Deus confia;
O impio, á alma revolvendo a vista,
Arrependido enfia.

Mas para os dois é do Senhor o braço
Como um braço de pae,
Que sem compadecer-se ouvir não póde
Da terra o afflicto ai.

E manda ás plumbeas nuvens conglobadas
No ethereo firmamento,
Que fujam a seu bafo apressuradas
Sobre as azas do vento.

Obedecem-lhe os brados da procella;
De subito emmudecem;
E o céu, e os astros, e o fulgor da vida
Já de novo apparecem.

Eleva então a Deus o homem justo
As mãos agradecido,
Mas a sēnda da impia iniquidade
Retrilha o pervertido.

Este, no dia em que vier a morte,
Ao vêl-a tremerá,
Este n'esse momento a voz divina
Confundido ouvirá;

E dirá da outra vida temeroso:
Meu Deus como pequei,
Eu, que, na minha insania, o céu e a terra
Uma illusão julguei.

Perdoae-me, meu Deus; do mundo ás portas,
Os homens vou deixar,
E, se não fordes vós, depois do tumulo
Quem poderei achar?

Ouve-o o summo juiz; e piedoso,
Em logar do terror,
Lhe manda a Fé, divina mensageira
Do seu celeste amor.

Mas o justo, na paz da consciencia
Dormindo descansado,
A vista sempre n'elle, á morte passa,
Da vida, socegado.

Como és bom, ó Senhor, que assim te esqueces
Do crime no perdão,
E a todos guias generoso ao templo
Da eterna salvação!

1854

MAL EMPREGADOS

Olhos negros, negros olhos
Mal empregados em ti,
A não ser para pintarem
Negra a alma, como a vi.

Olhos negros, negros olhos,
Onde a chamma ides buscar
Tão serena, meiga e pura,
Que ao céu parece chamar?

Ai! de quem fôr atraz d'ella!
Que a um abysmo irá ter,
Porque a luz, que foi estrella,
Ha de fazel-o perder!

Olhos negros, negros olhos,
Mal empregados em ti,
Mal empregados os versos,
Que a seu clarão escrevi,

Que eram phanal de esperança
Em deserta penedia,
Onde eu, já naufrago quasi,
Á fome, á sede morria!

Não fôra melhor na vida
Que nunca os visse brilhar?
Que antes morresse nas ondas,
Nas ondas do bravo mar?

Se d'esses olhos o brilho
Mostra d'alma a escuridão,
Quem lhes deu lume tão meigo,
Tanto poder, tal condão?

Foi o genio da desgraça
Que a viva chamma ateou
N'esses olhos negros, negros,
Que Deus tão mal empregou,

Que são phanal de esperança
Em deserta penedia,
Onde, julgando salvar-me,
Fui perder minha alegria.

AMOR

AO MEU AMIGO ERNESTO MARECOS

Porque suspiro eu, se tu suspiras,
Melancholica virgem da floresta?
Se deliro de amor, porque deliras?
Porque nas horas da calmosa sesta

O passo moves solitaria e triste
Para o logar em que estivemos sós?
Porque a primeira vez alli me viste?
Ai! d'este sonho o que esperâmos nós?

Que posso dar-te, se te dei já tudo?
Amor? e qual maior o peito encerra
Do que este meu com que a existencia illudo?
Que, sentindo-se preso cá na terra,
Para ti pressuroso, alegre vôa,
Porque dos olhos teus na viva chamma
O seu mundo ideal cria e povôa,
E em teu candido ardor todo se inflamma?

Como outr'ora te vi, mulher divina,
Á noite, quando durmo, me appareces,
Singela, qual dos campos a bonina;
Mas de joelhos a Deus mandando as preces,
Que d'alma virgem te levanta amor.
Pedes por mim? por nosso amor tu pedes?
Ai! misero de mim! ai! pobre flor!

Se este insondado abysmo, que não medes,
(Nem é possivel penetrar a luz
Celeste até aos seios do profundo)
Me arrasta para as trevas, para o mundo,
Onde me espera do martyrio a cruz,
Porque me dás o nectar, innocente,
Para sentir depois crescer a dôr?
Porque na louca, férvida torrente
Commigo assim te lanças? pobre amor!

E as azas de saphira de oiro orladas,
Por mim as fechas, sem voar aos céus?!
D'esta noite nas horas alongadas,
Como sempre, te vi nos sonhos meus.
De pallidez suave a face bella,
De indizivel tristeza se cobria,
Mas tão formosa, que julguei, ao vel-a,
De um anjo ser, que para Deus subia.
Chamei-te; os olhos para mim voltando,
O pranto d'elles te manava em fio.
Partias d'este mundo, mas chorando!
E minh'alma acordou em desvario.

Era manhan: ao sitio do costume
Corri; lá estavas; o cantor ameno
Trinava, e o sol dos montes pelo cume
A pouco e pouco placido e sereno
Do firmamento para nós sorria.
Ah! como vi então que me enganava!

Sem nosso amor o que de mim seria!
Se te perdesse, os olhos, que cegaram
A teu vivo esplendor, logo os fechava,
E tudo em mais negrura se tornava,
Porque os soes de minh'alma se apagaram.

Não fujas pois, meu anjo idolatrado,
Já que tens que provar da minha dor;
Deus nos uniu, embora desgraçado
Eu seja, e tu desassombrada flor,
Que um ar aspiras, que não é da terra,
Que as brisas sentes, que te ve'm dos céus;
Nos raios de oiro, que teu ser encerra,
Accende, anima a estes olhos meus.

E, quando a chamma, que de dia em dia
Crescendo vae em seu lavrar sem fim,
Quebrar o terreo vaso, na agonia
Estende as niveas azas sobre mim,
Anjo da minha guarda, e a Deus me entrega,
Lá, onde a vida não conhece a dor,
Porêm na morte esses teus labios chega
Aos meus, n'um beijo bemdizendo amor.

A GRUTA DO PHANTASMA

Formosa noite de estio,
Noite de meigo luar,
Como nas aguas do Minho
Alegre vês o folgar!

Folgam damas, cavalleiros
Pelo rio a navegar
Em suas barcas ligeiras,
Em concertado cantar.

Que de olhares não se trocam,
Que praticas de encantar!
E a lua a boiar nas ondas,
Nas ondas que vão ao mar.

Não ha muito os sons de festa
Eram da morte o bradar,
E o Minho só lhe podia
De sangue tributo dar,

Pois de Valença o castello
Fôra a moirisma cercar,
Que Ruy Guedelha mantinha,
Como o soubera ganhar.

Batalhou rijo combate;
Mas, por seu ruim fadar,
Antes a vida que a honra
Quiz ao contrario entregar.

Ao morrer disse a seu filho:
Vive para me vingar,
Que morro ás mãos d'estes perros.
Foi dizer, logo expirar.

E já lá vão muitos dias;
E o crescente a campear
Sobre as ameias da torre,
Que viu a cruz levantar.

Não porque o filho do alcaide
Soffresse em ocio quedar;
Basta ceára de moiros
Já começou a ceifar;

Mas descansa agora a espada;
São treguas; toca a gosar;
E n'estas noites tão bellas
Quem póde triste ficar?

Se pelos labios das damas
É tão suave o falar....
Quando finda a guerra, amores
De cavalleiro é tentar.

Por isso nas mansas aguas
Do Minho vae o folgar,
Ao tanger dos instrumentos,
Rio abaixo a navegar.

*

Que barca é essa que voga
Mais que as outras de vagar?
Nem o mesmo rumo segue,
Nem com ellas quer topar.

Silenciosa rema, rema,
Vae o rio atravessar;
Leva á popa um branco vulto;
Á prôa outro a remar.

Lá se dirigem á margem;
Lá vão á praia abicar;
E o branco vulto na areia
Eil-o depressa a saltar.

Onde vaes, quem quer que sejas,
Phantasma ou alma a penar?
E cada vez pela terra
Mais e mais a se entranhar.

Perto d'alli alta rocha
Se enxerga á luz do luar;
Na base tem uma gruta,
Que mette medo encarar;

Os raios do sol luzente
Não podem lá penetrar;
Sempre escuridão medonha
A vem mais feia tornar.

Pois ahi a essa gruta
É que o vulto foi parar;
Mas, chegando ao pé da entrada,
Em torno poz-se a mirar.

Eis senão quando de um lado
Sahe um guerreiro sem par,
Rija armadura de ferro,
Peito d'aço, elmo a brilhar.

E o branco vulto do rosto
Não foi mais do que empuxar
A mortalha que o cobria,
Para um anjo se tornar.

Mas que vejo? o cavalleiro
Vae-se co' o vulto encontrar
E na mão de pura neve
Um beijo se atreve a dar.

É Nuno o filho do alcaide,
Que amores sabe zelar,
Como zela a sua espada,
Que deu seu preito de amar

A D. Isabel, senhora,
Filha de nobre solar,
A mais formosa de quantas
Alêm Minho haveis de achar.

Desde o dia em que no rio
A salvou de se afogar,
Nunca mais, ou vente ou chova,
Deixou de a ir procurar.

Foi amor a recompensa
De acção tão nobre e humanal.
Se todas assim pagassem,
Outros as foram tentar.

Mas o desejado fructo
Não o pôde elle alcançar,
Porque o pae duro e soberbo
Não lhe quiz a filha dar.

Não tem um nome no mundo?
Têve tempo de o ganhar?
Tem coração esforçado;
Onde melhor cabedal?

Vereis agora um e outro
Começarem de falar;
Falavam á puridade.
Quem os pudera escutar?

Eram protestos e juras;
Mil requebros de matar;
De esperanças e receios
Um nunca mais acabar.

Carpia-se a dama bella,
Que era dó vêl-a chorar.
Elle triste, mas sereno
Começou de a consolar:

Isabel, não te lamentes,
Que bem cedo hei-de tornar.
Temes que de ti m'esqueça?
Nada tens que arrecear.

A honra me chama á lide;
Meu pae me está a chamar,
Porque foi brio e vingança
O que me pôde legar.

Mas pela cruz d'esta espada
Juro-te nunca deixar
A tua imagem querida,
O nosso amor olvidar.

E fico eu com meus agoiros,
Dizia ella a soluçar,
Que não ha mal n'este mundo
Que não me sinta assaltar!

Não partas, Nuno, não partas.
Que digo? que mau pensar!
Se peões e cavalleiros
Covarde te hão de apontar.

Deixa-me, sim, desgraçada,
Com meu cuidado velar.
O homem tem peito forte;
Á mulher cabe chorar.

Ai! que eu não possa comtigo
Ir á guerra batalhar;
Vigiar por tua vida;
Se morresses, acabar!

Assim dizendo, em torrente
As lagrimas de manar.
Ao escutal-a o mancebo
Por terra se foi lançar.

Partâmos pois; eu t'o peço,
Que te saberei guardar;
Amas-me? vem, vem ser minha;
Juro-te aqui desposar.

Ventura, negra ventura
Foi o nosso desejar,
Que uma vontade de ferro
Não póde a rogos quebrar.

Sem esperança amaremos,
Que teu pae não te ha de dar
A quem não tem nome ainda,
Nem prata para contar.

E ella, e ella a triste, a ouvil-o,
E a pallidez a tomar
Aquellas faces rosadas,
Qual se fôra desmaiar.

Assaltou-lhe a idéia o medo
De tão claro solettrar
Dentro d'alma lacerada,
Fel e sangue a gottejar?

Quando partes para a guerra?
Pôde por fim perguntar.
—Ámanhan—Ámanhan dizes?
Pois aqui me has de encontrar!

Ámanhan ao vir da noite
Estarei n'este logar.
—És minha?—tua—e não faltas?
—Eu a ti, Nuno, faltar?

Deixa-me ir primeiro a casa
Meu pobre pae abraçar;
Quantos remorsos não tenho
De tão velho o abandonar!

Por ti faço o que não devo,
O que a gente ha de prasmar.
Ai! amor, que assim me levas,
Aonde me irás levar?

—A meus braços—e em seus braços
Vêde-a que se vae lançar;
E o som das ondas na praia
Um beijo veio abafar.

Um instante após, o rio
Ermo está; só o luar
Vem sobre as aguas tranquillas
Mansamente se espelhar.

*

Já vem pelo céu sereno
Da madrugada o raiar;
Canta o passaro no ramo
Geme a brisa no rosal.

Dirieis que a natureza
Para o dia ir saúdar
Está das galas da terra,
Quantas póde, a se enfeitar.

Que de alegrias não trazes,
Ó sol, no teu despontar!
Que venturas despedaças!
Que flores fazes murchar!

Como arrastas compassadas
As horas do desejar!
Como azas dás á ventura;
Que o que é bom pouco ha durar!

Sentada está Isabel
No seu balcão a bordar;
Das mãos lhe cahe o bordado;
D'elle se esquece a pensar.

Em que pensas? já tão cêdo
Porque estás a trabalhar?
Quem te foi do brando leito
Tão manhanzinha acordar?

Foi o ciume, a saudade?
Ou foi o cruel pesar?
Foi a febre da loucura,
Que os homens dizem amar?

Foram credulas esp'ranças?
Foi da vida o trasbordar?
Foi o desejo impaciente?
Foi tanto, tanto aguardar?

Ah! as horas d'esta noite
Como as pudeste velar?
Que temor e que afoiteza,
E em tudo quanto penar!

Deixar a casa paterna,
O pae sósinho deixar!
Mas tambem viver sem elle!
Que tremendo pelejar!

Por isso ao balcão sentada,
Sem poderes trabalhar,
Te entregas toda á incerteza
Trémula a noite a encarar.

Por isso gemes, suspiras,
Julgando vêl-a chegar
Envolta em nuvem purpurea,
O futuro a annunciar.

Entanto, a voz desprendendo,
Ella solta este cantar,
Que de tão triste fazia
Até as penhas chorar:

Como tardias correis;
Como custaes a passar,
Horas do dia primeiro
Que me ha de a amor entregar!

Dizei-me porque é que gemo?
Será por meu pae deixar?
Meu pae, adeus; perdoae-me;
A amor me vou entregar.

Adeus, minhas bellas flores,
Meu encantado pomar
Que tanta vez me abrigaste;
A amor me vou entregar.

Meu rio Minho sereno,
Aguas que correis ao mar,
Levae comvosco a amargura;
Levae comvosco o pesar.

*

Ao longe, ao longe a perder-se
Não ouvis um resoar?
Que será? um echo apenas?
Do trovão o rebombar?

Não o sente de embebida
A bella no seu cantar;
Mas as lagrimas a furto
Pelas faces a rolar.

*

Á mesma hora sahia
Sua hoste a commandar
O filho de Ruy Guedelha,
Que ia o castello atacar.

Onde vaes? que é da promessa
Que prometteste guardar?
A gloria, a gloria te chama;
Queres um nome comprar,

Para lh'o dares a ella,
E por que tenhas que dar
Ao ancião orgulhoso,
Senhor de nobre solar.

Onde vaes, Nuno? onde vaes?
Volta; é tempo de voltar.
A vingança de meu pae
Está por mim a bradar.

Antes de a noite ser vinda,
Antes de o sol mergulhar,
Cumprirei minha promessa,
De Isabel serei a par.

E lá galopa seguido
De luzido cavalgar;
Chega cerca do castello;
Manda sua gente ordenar.

Trava-se lucta renhida;
Vôa a setta a sibilar;
Responde-lhe um ai de morte,
E outra setta, e outro expirar.

Pelas ameias os moiros
São bastos como aduar;
Os christãos em baixo poucos;
Mas quem os vê recuar?

Espadana o sangue em jorros,
E do ferro o lampejar
Mostra o caminho á victoria
Ou ao descanso final.

Combate Nuno esforçado
Dos seus á frente a mandar;
Onde chega sua espada
Chega da vida o findar.

Porêm eil-os que fraqueiam;
Elle os vê, manda avançar;
N'um esforço derradeiro,
Quer morrer ou triumphar.

Em pé, vizeira calada,
Lucta ainda sem cessar;
Mas de subito estremece;
Lembra-lhe a jura fatal.

Um nome aos labios lhe assoma,
Um cruel, fundo pensar;
E tão rapida como elle,
Vem-no uma setta varar.

Ca'e por terra morto, exangue;
E o extremo respirar
Foi o nome, o nome d'ella.
Como a não devia amar!

*

Já se pôz o sol no occaso;
Já vem a noite a baixar.
Que barco é esse que rema
Contra terra, a bom remar?

Agora chegou á margem,
E viu-se um vulto saltar.
Raro véu lhe cobre o rosto;
É de branco seu trajar.

Para a gruta do rochedo,
Que de luz véste o luar,
Eis que o vulto se encaminha,
Eil-o defronte a estacar.

Que vens tu aqui fazer?
Que vens tu aqui buscar,
D. Isabel? teu amante
Já te não póde escutar.

Sorte má tirou-lhe a vida;
Foi triste o seu acabar
Entre o sonhar de teus braços,
Entre da gloria o sonhar.

Mais se condensam as trevas,
E ella, a pobre, ella a esperar!
Já o coração lhe treme;
Já sente a mente abrasar.

Meu remeiro, passa o rio;
Vâmos, depressa, a voar;
Indaga-me o que é de Nuno;
Quando pretende marchar.

Nobre senhora... e nos labios
Embargou-se-lhe o falar.
Tu não respondes? que sabes?
Não me faças assustar.

Partiu, inda mal! senhora,
Porêm nunca ha de voltar!
Rezemos nós por su'alma;
E o remeiro de rezar.

Ao ouvil-o aquella bocca
Pareceu muda ficar,
Aquella face tão branca
Era de estatua a alvejar!

Pendidos ambos os braços,
Sem d'elle os olhos tirar,
Nem uma voz ou gemido
Afflicta poude soltar.

Só de seus labios convulso,
Qual furacão a passar,
Rompeu um riso terrivel
Em gargalhada infernal!

Desde então foi-se a alegria;
Fugia do conversar;
Só, horas mortas, gostava
O rio de atravessar;

De rever a gruta, onde
Soía o amante encontrar;
Mas depois vinha a tristeza,
Vinha do peito o rasgar!

Uma noite, que vogava
De manso o barco, soltar
Se lhe ouviu a vez primeira
Este canto singular:

Como tardias correis;
Como custaes a passar,
Horas do dia primeiro
Que me ha de a amor entregar.

Dizei-me porque é que gemo?
Será por meu pae deixar?
Meu pae, adeus, perdoae-me;
A amor me vou entregar.

Adeus, minhas bellas flores,
Meu encantado pomar,
Que tanta vez me abrigaste,
A amor me vou entregar.

Meu rio Minho sereno,
Aguas que correis ao mar,
Levae comvosco a amargura,
Levae comvosco o pesar.

Isto dizendo, de chofre,
Ás aguas se foi deitar;
E nunca jámais seu corpo
Conseguiram deparar;

Que, segundo o voz do povo,
É na gruta o seu morar,
E ai! d'aquelle que se atreve
De noite alli a passar;

Que ou seja medonho o céu,
Ou raie a luz do luar,
Se vê um branco phantasma
Em barco extranho remar,

Sem que a maré, sem que o vento
Lhe empeçam o navegar.
Infeliz do que elle encontre!
Nunca mais torna a voltar.

Muitas vezes uns gemidos,
Uns uivos se ouvem soar,
E vê-se o branco phantasma
Na margem desembarcar,

E sumir-se; como? aonde?
E o batel não mais se achar;
E no outro dia á mesma hora
Vir o rio atravessar.

E ainda hoje essa gruta
Está o caso a contar,
Que é a Gruta do Phantasma
Na tradição popular.

1854

A VIRTUDE

Qual é a verdadeira fortaleza?
A do guerreiro, que apresenta o peito
Ás balas inimigas, para que oiça
Os feitos seus apregoar o mundo?
A do nauta, que a vida barateia,
Para sulcar desconhecidos mares,
Por onde o nome seu passe aos vindoiros?
A do sabio, a do rei, a do poeta,
Que a aura popular incita e exalta?
Não; a virtude só, a paz tranquilla
Da consciencia, a alma socegada.

Póde um combate grangear-nos fama;
Póde um instante decidir da gloria.
Fez Alexandre célebre o Granico;
E Cesar, se do Rúbicon as margens
Não tivesse passado, o que seria
Para o porvir? o domador das Gallias.
O Gama é grande, porque chega á India;
Colombo, porque a America descobre;
E poucos mezes para tanto bastam.
Mas para conquistarmos a virtude
É preciso empregar inteira a vida.
D'aquelles o brilhar é como o raio,
Que n'um instante só fulgura e aterra,
Ou como a tempestade que sacode
Com as azas o mar, á natureza
Levando o assombro, a assolação, a morte;
Esta como rochedo levantado
Á beira do oceano, rebatendo
Sem descansar as ondas, que se esforçam
Por lhe minar a vigorosa base:
Uma dura um momento, a outra sempre.

A gloria, eis o maior phanal que chama
A todos que procuram d'este mundo
As ephemeras honras. Sobre os livros
Dobra o corpo e o espirito o philosopho
Para inventar insolitos systemas
Por ella; para ella é que o poeta
Desprende os cantos; o cinzel divino
Imaginando n'ella é que ás edades
Lega da arte os magicos prodigios;
N'ella vê o pintor o seu futuro;
E é ella o galardão que esperam todos.
A virtude porêm em Deus espera;
É pelo proprio bem que o bem pratica;
Não precisa dos mais; comsigo vive;
E, se alguem por acaso a reconhece,
É, como a violeta, pelo aroma.

Mas como é tão difficil alcançal-a!
Para a podermos conseguir é força
Os males esquecer que nos rodeiam
E nos perseguem, para o bem fazermos;
Ter a vista no céu; partir a alma
Pelos que vivem, como nós, na terra;
Sôam injurias, maldições? pagar-lhes
Com bençãos e perdão! escarneo e mofa?
Responder ás affrontas co'o silencio,
Supportando-as com rosto inabalavel,
Resignados até, porque na terra
É broquel da virtude a paciencia.

Sempre em opposição aos outros homens,
Que o proveito conduz, o homem probo

Acha o caminho seu cheio de escolhos.
Aqui reina o egoismo; alêm a intriga;
Se a voz eleva e alumial-os busca,
Riem-se d'elle, qual se fôra um louco;
E não pára; e as feridas que lhe abriram
Nem sequer uma queixa aos labios trazem,
Ou justa indignação; mas alta e nobre
Leva a cabeça que a desgraça arrosta.

Esse não chega quasi nunca ás honras,
Nem na cadeira do poder preside.
É o poder o píncaro de um monte
A que se vae por empinada senda.
Quem a póde vingar sem que se curve?
Poucos, bem poucos; e no meio ainda
A maior parte cede; mas á sorte,
Não ao opprobrio que levanta muitos.

E quando o alcança algum, raros conhece:
Não renegou co'os mais da fé, da honra;
Não os quer; não os teve na viagem
Por companheiros seus; não foram juntos
Passar a noite nos covis infectos.
Contra elle pois se ligam; te'm o mando;
De cada passo que na estrada avança
Da imparcial justiça um crime fazem;
Cruel o chamam, porque as leis applica;
Indigno de reger, porque não rouba;
E nescio, porque vê melhor do que elles.
Que ha de fazer? Ceder? Justificar-se?
Não; desprezal-os, e seguir qual d'antes;
Que inda lhe resta Deus e a consciencia.

Sim, Deus e a consciencia. Todo inteiro
Eis o thesoiro seu; não perdeu nada;
Antes, sabe hoje quanto vale o mundo,
E a riqueza que tinha reconhece.

1856

ANJO

Olhos maviosos;
Vista serena;
Bocca pequena;
Beiços mimosos;
Negro cabello
Que ondeia bello
No collo seu;
Meigas palavras,
Que solettradas
São pelas fadas,
São pelo céu;
Riso suave,
Que, se apparece
Nos labios d'ella,
Alli se esquece,
Vendo-a tão bella;

Maneiras graves;
Talhe engraçado;
Timido passo,
Porêm ousado
Qual de innocente;
Alma que sente
Quanto Deus cria,
E a Deus contente
Os passos guia;
Tal formosura,
Um ente assim
Amar? ventura!
Querer-me a mim?!

COM AS FLORES

Vem chegando a primavera;
Já começa a florescer
A campina, o valle, o prado;
Tudo annuncia prazer;
Folga tambem, ó minh'alma;
Deixa um instante o soffrer.

Não vês como aquelle tronco,
Lascado, roçando o chão,
Se enfeita ainda de flores?
Vive pois, meu coração;
Ao menos por algum tempo
Cobra viço e animação.

Quando a terra é toda verde,
Vestida côr de esperança,
Quando o céu azul nos mostra
Que ao mal succede a bonança,
Tu, minh'alma, nada esperas?
Acaso a dôr não te cansa?

Já as arvores te'm folhas;
Já as flores vão cahindo,
Com seu cheiro embalsamando
Os ares, e o chão cobrindo;
As avesinhas cantando
A ellas vão acudindo.

Pois assim a mocidade
É um ninho de alegrias,
Arvore bella e florida,
Hymno todo de harmonias,
Que se ausentam, mal começam
Do ríspido outomno os dias.

Porêm, antes que elles cheguem,
Ver os prazeres fugir;
E na rapida corrente
A uma e uma cahir
As flôres que o adornavam,
E sem vida se sentir!...

Não; espero dias novos,
Que, meu Deus, em ti espero;
Inda a tantas alegrias
Mixturar as minhas quero;
Ha de em bem por fim mudar-se
Este meu destino fero.

Mas entanto se levante
Minha voz agradecida;
E com fé, Senhor, te adore;
E te rogue que esta vida
Para ti e para o mundo
Não seja toda perdida.

Cantae, aves; brotae, folhas;
E vós, zephyros, soprae;
Terra, mar e firmamento,
O vosso canto entoae;
Vinde ensinar-me a esperança;
A minha crença animae.

1857

COMO EU TE AMO

Amo-te, sim, qual ama o desterrado
No exilio tudo que lhe lembra a terra,
E o lar em que nasceu:
Nem outro amor encerra

Esta alma, que foi d'ella,
Que vive inda por ella.
Pois assim te amo eu.

Quem não ama um reflexo, embora pallido,
De vaga estrella, que ultima se apaga
No claro azul do céu,
Que o pensamento afaga
N'um recordar saudoso,
Que magoa traz e goso?
Pois assim te amo eu.

E não podem saber como te quero,
Saudade viva d'esse amor perdido,
Que teve o peito meu:
Por ti comprehendido,
Quiz o fado em memoria
Que guardasses sua historia.
Por isso te amo eu.

Amo-te para d'ella mais lembrar-me;
Se é isto amor, se não é mais o templo
De um culto que inda é meu.
Oh! sim, que eu o contemplo
No peito; sinto-o aqui;
E em ti, tambem em ti.
Por isso te amo eu.

Aquelle mesmo ar, a mesma graça,
E esse olhar de innocente, e essa candura,
Que tinha o rosto seu;
A mesma formosura
Não; porêm a tristeza,
E aquella singeleza...
Como não te amar eu?

Se um a par de outro, as mãos entrelaçadas,
Nos esquecemos só pensando n'ella,
Minh'alma te entendeu;
E julgo, julgo vel-a;
E lagrimas sentidas
Me orvalham as feridas.
E então... ai! amo-te eu

Sim, entendo-te; o fundo pensamento
De nossos corações se patenteia
A nós limpo, sem véu.
Falas? como a sereia,
Eu te sigo; e a voz d'ella
Era, se era! mais bella.
E mais, mais te amo eu.

Amo-te muito mais, porque assim vejo
Em tudo como ella era mais formosa;
E tudo já morreu!

E ás vezes tormentosa
Pende-me a idéia a frente,
E quasi que desmente
Assim amar-te eu.

Amo-te pois por ella, só por ella;
E n'ella sempre vivo o pensamento
Terei, e o peito meu;
E esse encantamento
De teus olhos, donzella,
Falando-me só d'ella,
Fará que te ame eu.

ESPERANÇA NO SEPULCRO

É noite; no oceano solitario,
Atomo apenas sob a mão de Deus,
Vendo nas ondas suas meu sudario,
Vendo na sua espuma os sonhos meus,

Cresce-me o peito, e se levanta forte
O pensamento do Senhor na lei;
E encaro placido o terror da morte,
E a terra esqueço que feliz sonhei.

Sonhei; outr'ora na febril ideia
Mil phantasticas formas vaguearam!
Hoje d'essa illusão de gosos cheia
Que resta? o nada; as illusões findaram!

Que me foi o passado? só tristeza!
Ora que é? só um ermo, uma saudade!
O presente? cadeia á vida presa!
O futuro? aspirar á liberdade!

É triste a sorte do poeta: espera
Um mundo novo, onde feliz respire,
Onde da lyra, que, inda mal! modera,
As inspiradas harmonias tire;

Canta, chorando, na existencia apenas
Acerbo pranto de infinita dor;
E louco o dizem, porque sente as penas
Que os outros sentem, porque tem amor!

Amor ao grande, ao bello, a que dá culto
Em repassada, módula canção,
Amor ao mundo, que lhe cospe o insulto!
Amor á gloria, que lhe nega o pão!

E ao vir a morte, não lhe afroixa a crença
D'essa outra vida, que vae cedo achar;
Perdôa aos homens do passado a offensa,
Que vê já perto novo sol raiar.

Se Chenier, no cadafalso canta;
Se Bocage, da vida o termo o inspira;
E puro ao firmamento se levanta,
E a Deus nas cordas da orvalhada lyra.

Por isso aqui na solidão dos mares
Me esquece o mundo limitado e pobre;
E ávido bebo do infinito os ares;
E vôo aos astros, de que o céu se cobre.

Mas, vendo a alma pela carne atada
Do escravo ao potro no viver atroz,
Sorriu-me ouvindo proximo alterada
Bramir a vaga, e do oceano a voz;

Que esse futuro, que jámais se alcança,
Começa alêm do funeral jazigo,
Que essa das lidas placida bonança,
Morte, só creio desfructar comtigo.

No mar da vida unica praia, n'ella
Se levanta o pharol da eternidade.
E eu não vejo sequer pallida estrella;
E o mundo é para mim treva e maldade.

Açoitado dos ventos, solitario,
Em vão lucto contra elle e contra os céus.
Talvez aqui encontre o meu sudario;
Talvez aqui termine os sonhos meus.

1852

DESAMPARO

Que lembranças commigo ficaram!
Que martyrio que eu trouxe de lá,
D'essa vida de amor e delicia,
Que não acho, não tenho por cá!
Não, que não era isso viver,
Mas um sonho de amor e prazer!

Foi qual pharo ao nas ondas perdido
Esse sonho enviado por Deus;
Foi visão fascinante a chamar-me
Da atra noite á esperança dos céus.
E adorei-a; e segui-a; era vida;
Era vida do empyreo descida.

N'um enlevo que os homens ignoram,
Que o poeta só ousa pensar,
A meu lado, no espaço voando
Ia um anjo divino, sem par;
Era um anjo que o céu me aclarava,
Que meus passos incertos guiava.

Levantava-se o sol no oriente
Rodeado de gloria e esplendor,
Ao concerto das harpas sagradas,
Que entoavam: hosanna ao Senhor!
E, com elle e o meu anjo, eu nascia
N'um mysterio de luz e harmonia.

Que mysterio! que ar que matava,
Mas de jubilo e amores sem fel!
Ah! morrer! que eu morresse n'ess' hora,
Como a flor que em ameno vergel
Só desfructa a existencia um instante...
Feliz era; vivera bastante.

Assim iamos, ambos unidos,
Ambos sós pelo céu a voar,
Escutando os accordes ethereos,
Que diziam: viver para amar.
Nossos peitos ao canto divino
Ajuntavam, pulsando, o seu hymno.

E perfumes, e lirios, e rosas,
Que olhos vivos não pódem nem ver,
E mil astros pendidos nos ares,
E o que os homens não sabem dizer,
E o meu anjo commigo voando,
E eu com elle vivendo e amando,

Só guiado da luz do seu rosto
N'esse mar de harmonia e de luz,
Do seu rosto, que em tantas bellezas,
Qual maior, inda brilha e seduz,
Só guiado da chamma escondida
No seu seio, que era a minha vida.

Porêm subito páro; eis que sôa
Uma voz a dizer: té aqui!
Mais ávante só Deus, só os anjos.
E a minh'alma deixar-me senti!
Porque, ao ver o meu anjo fugindo,
Eu, sem elle, do céu fui cahindo.

E descendo, descendo inda os olhos
Para a altura inquieto elevei.
Vi-o ainda uma vez; foi a ultima!

E o meu céu, e o viver praguegei!
Louco, louco! saber eu devia
Que o meu goso um momento seria.

E trocou-se o brilhar das estrellas,
Das roseiras, dos lirios o odor,
A harmonia dos hymnos sagrados,
E essa vida de paz e de amor,
Desde então, n'esta magoa pesada
Entre espinhos, e dor arrastada!

FLORES NOVAS

A minha rosa, ah! quem m'a dera!
Mas já não tem viço, nem côr;
Já não lhe volta a primavera;
De todo é murcha a minha flor.

Mas botões novos apparecem,
E no rosal estão a rir;
Antes que a abrir-se elles comecem,
Vem, ó amor, minh'alma abrir.

Venham sorrisos e prazeres;
Fuja a tristeza já d'aqui;
E tu, meu peito, se puderes,
Ao mundo brada: não morri.

Por uma rosa desfolhada
Não devo, não desesperar:
Um sonho foi da madrugada.
Breve outro sonho hei de sonhar.

Foi esse amor qual primavera
Que logo inverno se tornou.
Por isso agora ainda espera
Minh'alma, e a flor breve murchou.

Por isso agora me alvoroço,
Vendo da luz vir a estação:
Com ella surjo e me remoço;
Sinto de novo o coração.

TRIBUTO

Á MEMORIA DE MEU TIO THOMAZ RAMOS DA FONSECA

Homem de paz, sob a gelada campa
Dormes tranquillo, não te acorda o canto,
Canto de morte que borbulha ferteis,
Enternecidas lagrimas.

E verdadeiras me rebentam d'alma;
São de quem te ama, de teu quasi filho,
Que mais que pae tu me amparaste amigo
Nos meus primeiros annos.

Se de outra vida, da virtude em premio,
O baixo tracto d'este mundo enxergas,
E se d'elle a memoria se não risca,
Recorda-te de outr'ora,

Quando, nos teus joelhos me assentando,
Me apontavas o céu, e as mãos tenrinhas
Me ensinavas a erguer, singelas preces
Por meus paes repetindo.

Ora que te perdi, ora conheço
Que vacuo immenso me ha deixado n'alma
Ser d'elles orphão, desde quasi a aurora
Da abandonada vida.

Ora conheço, quando já não vives,
Pelo que foste o que meu pae seria,
Pelos afagos teus os seus afagos,
Quanto valiam ambos!

E ao mesmo tempo duas perdas choro!
E tambem minha mãe, da qual tu eras
Na condição a verdadeira imagem,
Nas feições o reflexo.

Deixa-me pois no tumulo sombrio,
Onde não vem orar quem mais te deve,
Porque é feio interesse o seu cuidado,
O seu unico norte,

Vir da saudade derramar as lagrimas,
Carpir d'esse passado as mil lembranças,
E no regaço d'ellas esconder-me,
Meu derradeiro amparo.

E tu a Deus que me canduza implora
Por essa da virtude austera senda,
Por onde aqui sem deslizar marchaste
Sempre, ó animo recto.

Foste-o; na morte mesmo o comprovaste;
Da honra escravo, lhe entregaste a vida;
Porêm o premio das acções magnanimas
Agora emfim recebes.

Repoisa pois; e, se o passado lembra
N'essa do empyreo habitação divina,
E, se do mundo o murmurar escutas,
Ouve de lá meu canto;

Ouve-me o canto, que se vem tardio,
É puro e filho do chorar continuo,
Que á sombra augusta de teu santo nome
Sempre lagrimas verto.

1855

COMTIGO

Vem, vem ser minha,
Virgem querida;
Vem, porque é morte,
Sem ti, a vida.

Se n'este mundo
Quanto scismei
Tudo mentira,
Sonho encontrei,

Vem a meus braços,
Quero esquecer
A eternidade
D'este soffrer.

Quero tocando
Tua mão de neve,
Que amor a tanto,
Louco, se atreve,

Sentir o sangue
Logo animado
Correr nas veias
Como abrasado.

Quero, attrahido
Da forma airosa,
Que se requebra
Tão graciosa,

Deixar o mundo,
Que não me entende
Por tanta graça
Que assim me prende.

Porêm thesoiro,
Tão bem guardado,
A quem reserva
Benigno o fado?

Toda suave,
Toda pureza,
Toda alegria,
Toda belleza,

Um ser precisas,
Cujo sentir
Ao teu conforme
Se possa unir;

Alma singela,
Que viva em si,
Que d'este mundo
Só queira a ti;

Paixão ardente,
Sem dissabor.
Ah! quanto erra
Quem tem amor!

O meu retrato
Ia formar-te;
A mim julgava
Poder ligar-te.

Grande loucura;
Não o termino.
A dor pertence-me;
É meu destino.

Unica amante
Sempre fiel,
Fôra lançar-te
Na taça o fel.

Porêm quem sabe?
N'essa riqueza,
N'esses thesoiros,
Mas de belleza,

Tanta alegria
Juntou amor,
Que talvez tornes
Alegre a dôr.

Ouve-me a prece,
Pois eu te adoro;
Da-me o que anceio,
O que te imploro;

Luz em teus olhos
Ás trevas manda;
Com esse rosto
Meu mal abranda;

E eu te juro
Que a minha vida,
Que para todos
Anda perdida,

N'esses teus labios
Ha de beber
A eternidade
De outro viver;

De outro formoso,
Que imaginei
Logo que as graças
Tuas achei.

Vem, vem ser minha,
Virgem querida,
É vida apenas
Comtigo a vida.

A DESPEDIDA DE CHILDE HAROLD

(DE BYRON)

Adeus, adeus! da minha terra as praias
Perdem-se ao longe no azular das aguas;
Geme a brisa da noite; brama a onda;
Em gritos a gaivota solta as magoas.

Do sol, já no oceano a sepultar-se,
A luz seguimos que desmaia os céus;
A elle e a ti, ó terra de meu berço,
Pela vez derradeira adeus, adeus!

Em breve o rei dos astros novo brilho
Ao mundo co'a manhan virá trazer;
E saudarei o mar e o firmamento,
Mas não o solo que me viu nascer.

O meu nobre palacio está deserto;
Dentro d'elle a tristeza se assentou;
Bravias plantas pelos muros crescem;
Uiva meu cão á porta que guardou.

Vem cá, vem cá, ó meu pequeno pagem:
Porque choras? tua alma o que lamenta?
Das vagas temes o rugir medonho?
Da ventania a furia te amedrenta?

Enxuga o pranto que te rega as faces;
É o nosso baixel forte e ligeiro:
De meus falcões o mais veloz a custo
Na apostada carreira irá primeiro.

Sopre o vento sem freio; ruja a vaga;
Que nem o vento, nem as ondas temo;
Comtudo, meu senhor, não vos espante
Se d'esta sorte amargurado gemo:

Porque em terra deixei meu pae querido,
E minha triste mãe abandonei:
Eis meus amigos; a não serem estes,
A não ser Deus e vós, de outros não sei.

Deu-me a benção meu pae na despedida;
Resignado na dôr, susteve o pranto;
Mas, até que de novo á patria volte,
A minha afflicta mãe chorará tanto!

Basta, basta, mancebo; nos teus olhos
Ficam bem essas lagrimas de dôr;
Se eu, qual tu, innocente inda vivesse,
Tambem teria lagrimas de amor.

Vem, meu servo fiel, chega-te e dize
Que tens? porque descora o teu semblante?
Do inimigo francez acaso enfias,
Ou do vento que sopra sibilante?

Não sou tão fraco, meu senhor; em face
Da morte não julgueis que eu esmoreça;
Porêm, pensando n'uma ausente esposa,
Não é muito que o rosto empallideça.

Perto de vossa habitação meus filhos
E companheira junto ao lago moram,
E o que ha de ella, coitada, responder-lhes,
Se pelo pae que está distante choram?

Basta, meu fiel e meu antigo servo,
Ninguem póde extranhar-te essa tristeza;
Mas eu, que tenho o genio leviano,
Riu-me, ao ver dos mares a largueza.

Quem nos suspiros desleaes confia
Da esposa estremecida ou cara amante?
Novo amor limpará aquelles olhos
Que choravam por nós ha um instante.

Não julgues que eu lamente o bem passado,
Ou que os perigos antever pareça,
O que mais sinto é não deixar em terra
Quem um ai, uma lagrima mereça.

Solitario eis-me agora n'este mundo
Sobre o deserto, illimitado oceano.
Tudo se esqueça; que ninguem se lembra
Tambem de mim; amargo desengano!

Talvez meu cão á porta uive debalde,
Até ser pelo extranho alimentado;
Mas, se eu tornar, a mão que o sustentara
Infiel morderá, já deslembrado.

Eia pois, minha barca, velozmente
O pégo corre que de espuma alveja.
Não me importa a que terra me conduzas,
Basta que a minha nunca mais eu veja.

Salve, ondas do mar azul escuro!
E, quando vos perder dos olhos meus,
Salve, grutas profundas! salve, ó ermos!
Terra da minha patria, adeus, adeus!

ADIEU, ADIEU!

Adieu, adieu! my native shore
Fades o'er the waters blue;
The night-winds sigh, the breakers roar,
And shrieks the wild sea-mew.

Yon sun that sets upon the sea
We follow in his flight;
Farewell awhile to him and thee,
My native Land—good night!

A few short hours and he will rise
To give the morrow birth;
And I shall hail the main and skies,
But not my mother earth.

Deserted is my own good hall,
Its hearth is desolate;
Wild weeds are gathering on the wall;
My dog howls at the gate.

Come hither, hither, my little page!
Why dost thou weep and wail?
Or dost thou dread the billows' rage,
Or tremble at the gale?

But dash the tear-drop from thine eye;
Our ship is swift and strong:
Our fleetest falcon scarce can fly
More merrily along.

Let winds be shrill, let waves roll high,
I fear not wave nor wind;
Yet marvel not, Sir Childe, that I
Am sorrowful in mind;

For I have from my father gone;
A mother whom I love,
And have no friend, save these alone,
But thee — and one above.

My father bless'd me fervently,
Yet did not much complain;
But sorely will my mother sigh
Till I come back again.

Enough, enough, my little lad!
Such tears become thine eye;
If I thy guileless bosom had,
Mine own would not be dry.

Come hither, hither, my staunch yeoman,
Why dost thou look so pale?
Or dost thou dread a french foeman?
Or shiver at the gale?

Deem'st thou I tremble for my life?
Sir Childe, I 'm not so weak;
But thinking on an absent wife
Will blanch a faithful cheek.

My spouse and boys dwell near thy hall,
Along the bordering lake,
And when they on their father call,
What answer shall she make?

Enough, enough, my yeoman good,
Thy grief let none gainsay;
But I, who am of lighter mood,
Will laugh to flee away.

For who would trust the seeming sighs
Of wife or paramour?
Fresh feeres will dry the bright blue eyes
We late saw streaming o'er.

For pleasures past I do not grieve,
Nor perils gathering near;
My greatest grief is that I leave
No thing that claims a tear.

And now I 'm in the world alone,
Upon the wide, wide sea:
But why should I for others groan,
When none will sigh for me?

Perchance my dog will whine in vain,
Till fed by stranger hands;
But long ere I come back again,
He 'd tear me where he stands.

With thee, my bark, I 'll swiftly go
Athwart the foaming brine;
Nor care what land thou bear'st me to,
So not again to mine.

Welcome, welcome, ye dark-blue waves!
And when you fail my sight,
Welcome, ye deserts, and ye caves!
My native Land, good dight!

IMPOSSIVEL!

Esse amor mal empregado
É commigo; qual me estimas
Eu não te sei estimar;
Em vão, em vão te lastimas;
Teus ais não posso abrandar.
É meu halito gelado;
Meus sorrisos frios são;
É amor mal empregado;
Deixa pois essa paixão.

Amar-te eu, innocente?
Como te hei de amar assim,
Se esta minh'alma não sente
O que sente só por mim
A tua singela e ardente?
Dei-te apenas amizade;
Logo a tornaste em amor;
Preferiste á liberdade,
Aquella chamma fagueira,
Que a vida nos leva inteira,
O fogo devorador,
Que deixa por onde passa
No gosar tanta desgraça,
Nos prazeres tanto agror.
Preferiste; e nada vias!
Das internas alegrias
A immensa luz te cegou;
E, quando emfim reparou
A tua alma, e tudo viu,
Morta por terra cahiu.

Levado pela amizade,
Movido de compaixão,
Tive de ti piedade;
Condoeu se o coração,
E quasi a si teve horror,
Julgando que tanta dor
Era d'elle que provinha;
Mas cada palavra minha,
Por mais suave e sentida,
Não era de amor nascida,
Não tinha de amor a voz;
Que não sei que força incrivel,
Bradando-me: é impossivel!
Se vinha pôr entre nós.

E entretanto n'esse instante
Eu ha muito costumado
Com os outros a soffrer,
Pareci-te ser amante,
Mas talvez envergonhado,
Mas sem o querer dizer.
A quanto chega a paixão!
Que fatal, cega illusão!

Desde esse dia cresceu
Com o remedio o perigo;
Adelgaçou-se-me o véu
Que me servia de abrigo,
E cerrado outro desceu,
Cerrado medonho, horrendo,
E foi-me a alma envolvendo.

Tarde, tarde conheci
O abysmo traidor, profundo,
Em cujas bordas corri!
Sem attentar que no mundo
Para mim toda a ventura
É annuncio de desdita,
Luz bella, porêm traidora,
Que se torna em luz maldicta!

Essa tranquilla amizade,
Que promettia durar
Tanto, como a nossa edade,
Hoje amor, ha de acabar,
Porque encontra frialdade.
Tu a alegria perdeste;
Eu perdi minha alegria;
Tu, porque tudo entendeste;
Eu, porque nada entendia,
E mostrar-m'o tu vieste.

Muita vez imaginando
Tenho remorsos. De quê?

De te vêr assim penando.
Pois a minh'alma não vê
Que não foi a causadora
De todo este nosso mal?
Eu o creio, mas embora;
Embora! uma voz fatal
A meus ouvidos me diz,
Dentro de mim apregôa,
Que uma alma candida e bôa
Eu vou fazer infeliz!

E que mulher mais completa
No mundo achar poderia
Febril amor de poeta?
Amor, perenne alegria
Alêm da campa a raiar,
Sem ter da morte a agonia;
Amor sem fero ciume,
Sem ter d'elle o delirar,
Todo suave perfume.
Fôra luz, contentamento,
Não incendio, nem tormento;
Mas se eu não te posso amar!

Innocente, se soubesses
Dentro de ti destruir
Esse amor por que padeces,
E que eu não posso sentir;
Se de tudo te esquecesses...
Dias inda venturosos
Para nós ambos viriam,
Que amores se acabariam,
E seriamos ditosos.

Tenho-te muita amizade,
E atormento-me de ver
A tua infelicidade,
Que te faz tanto querer
Quem nasceu para a orphandade.
Mas que poderei fazer?
Fugir de ti; enviar-te
A morte, a morte talvez!
Meu peito não é tão forte;
Para algoz Deus não me fez.
Procurar ainda amar-te?
É forçar o coração;
É enganar-me e enganar-te!
Isso não esperes, não.
Que devo fazer não sei;
O que te posso affirmar
É que infeliz eu serei,
E que não te posso amar.

FORMOSURA

És bella, sim, na face desmaiada,
No limpido volver dos olhos bellos,
Dos labios no rosal, no casto riso,
E no preto setim de teus cabellos.

Quando, á noite, scismando solitaria
Em louco divagar,
Deixas a fronte descuidosa e pallida
Descahir a sonhar,

És bella, bella, como flor vergada
De leve pela brisa, que murmura,
Bem como o lirio que na debil haste
Entre as auras da tarde o aroma apura.

É que o teu sonho se assemelha á aragem,
Que passa e mal desflora
O lago de oiro, que te esmalta a vida,
Onde desponta a aurora.

E deixas-te embalar por essas aguas,
Como o baixel na trémula corrente,

Acompanhando o baloiçar macio
Das ondas que se elevam brandamente.

E como ellas não é teu casto peito
Formoso a palpitar,
Que parece dizer: não sei do mundo;
Inda não posso amar?

Bella és ainda, bella na innocencia
D'esse infantil e virginal rubor,
Que deixa apenas entrever desejos
De vir um dia a enrubescer de amor,

Qual virgem rosa não de todo aberta,
Abrochada em botão,
Que zela o seio, mas que tem nas folhas
Do futuro o condão.

Assim és tu, meu anjo de candura;
Assim no meu pensar te debuxei;
Assim, ao ver-te, me rendi captivo,
E sem teus ferros existir não sei.

1850

INCENTIVO

AO MEU AMIGO O DR. JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Que fazes, meu poeta, que não soltas
Do genio o vôo, audaz abrindo as azas,
E ousado ao sol da gloria te levantas?
Secreta chaga te lacera e punge?
Travam-te d'alma o desalento e a magoa?
Ou deixas, no repoiso descuidado,
A luz que deve dar proficua chamma,
Vulcão occulto, consumir-te a essencia?

Não te creou debalde a mão divina,
Como não fez o sol para abrasar-se,
Em vez de alumiar a natureza.
É teu fado brilhar, brilhar sem termo;
A nevoa rasga que te cerca ainda,
E, em toda a majestade apparecendo,
Aclara, guia, enthusiasma e arrasta.
N'essa espaçosa fronte mil idéias
Se atropelam e fervem; dê-lhes vida
Tua vontade; ordena; e obedientes
Aos labios correrão cadenciadas
Em casta prosa ou numeroso metro.
Porque ocioso pois assim te esqueces,

O meu amigo, ó parte da minh'alma,
Que não escuto repetir teu nome?

Tua patria não é a Patria minha;
Cobre-me um outro céu do teu diverso,
Tão formoso como elle; e o fundo abysmo
Do largo oceano se nos poz em meio.
Ajuntou-nos a sorte; captivou-me
Em ti o engenho, a condição; mais tarde
Quasi irmãos nos uniu pura amizade,
Que o tempo cada vez tornou mais firme.
E parti; porêm só por ver a terra
Que me deu a existencia, a minha terra,
A terra de meus paes, da minha esp'rança;
Porêm commigo veio o nosso affecto,
Que fiel guardo, que não sei se guardas
Em tamanha distancia, em tanta ausencia.

Como viva a lembrança tenho sempre
D'aquellas horas que passámos juntos
Em praticas suaves, ora lendo
Ambos da velha poesia os mestres,
Ora eu silencioso a ouvir teus versos,
E tu os meus silencioso ouvindo!
Ainda me recordo de uma noite,
Que d'esta sorte nos correu inteira,
Até nos separar da aurora o lume.

Desunidos agora, o mar sem termo
Se distende entre nós—embora, embora!
A saudade, como elle, grande, immensa,
Ajunta o que separa o espaço, o tempo,
E ante os olhos meus te faz presente.

Aonde, como em ti, jámais se uniram
Mocidade e saber, ou quem os raios
Da palavra soltou com mais arrojo?
A impetuosa eloquencia que dimana
De teus labios nervosa, cadenciada
A todos arrastando, um dia, em breve,
Ha de soar na popular tribuna,
Onde esclareça a opinião e a patria.
Já correu em favor do desvalido;
Já válida clamou; nem foi debalde.
Que nobre confiança te incendia,
Quando pela razão, pela virtude,
Pela innocencia rígido pugnavas!
Então eu vi teus olhos chammejando;
A loira coma se agitava esparsa;
E a voz, qual se inspirada, parecia
Em torrentes brotar vestindo rapida
Idéias mil que subjugavam tudo.
E páras da victoria na carreira?

Segue; novas grinaldas se entretecem
Para te ornar a generosa fronte.

Mas de tuas corôas a mais bella,
A tua mais querida é a que formam
Do eterno myrto os celebrados ramos;
Essa a tua vizão mais acatada,
Teu mais mimoso pensamento d'alma.
Por ella as noites longamente passam
Para ti em vigilia; só por ella
São os teus dias para ti contados.
Estás fadado para ser poeta;
Tens no teu coração o sentimento,
A musica na voz; e a phantasia,
Solta da terra vil, procura ardente
Outros mundos, espaços onde logre
Realisar seus desvairados sonhos.

E ainda silencioso permaneces?
Faze soar da tua lyra as cordas,
E conte o paiz teu mais um prodigio.
Do Amazonas ao Prata glorioso
O teu nome se escute, e repetido
Em nossas praias eu contente o oiça.

Filho de um novo mundo, nova estrada
Segue; não te acovarde o atrevimento.
Que, se o quizeres, o triumpho é certo.
A nós filhos da Europa a Europa deixa,
Deixa do Sena as populosas margens,
Do pobre Sena que regato humilde
Ao pé dos rios teus correr parece;
Alli o pensamento se amesquinha;
O sol é frio; o ar ennevoado;
E o pó dos coches o idear perturba.

Não te deslumbrem nomes; fita a mente
No natural, no bello, e serás grande.
Nem d'este nosso Tejo atrás caminhes
Dos maviosos sons, posto que falem
A teus ouvidos tua propria lingua.
Não, não busques modelos, mas comtigo
Sente, escuta, medita a natureza
Que por esse paiz abençoado
Os seus poderes ostentou vaidosa.
Fecha os livros; seu livro sempre aberto
Unicamente os olhos te seduza,
E de teu ser inteiro se apodere.
Accorda a tua voz pelo rugido
Da cataracta que espadana e salta
De rocha em rocha, e a borbulhar espuma,
De espessa chuva escurecendo os ares,
Pelo soprar do vento nas florestas,

Pelo bramir do mar, pelo cicío
Da viração nas folhas da palmeira;
Fórma de tudo isto uma harmonia,
Que tua propria e nacional se diga.
Tens o teu céu azul, teu sol esplendido
Que, inda mesmo através das virgens mattas,
Onde mal entra a luz, fecunda a terra,
Como se branda relva o revestisse.
Pede a um a pureza; o ardor ao outro,
E n'um e n'outro a immensidade aspira.

No teu paiz prodigiosa, uberrima
Se mostra em toda a parte a natureza:
Aqui rio caudal em mar se torna,
E comsigo arrastando furibundo
O solo, os troncos, generoso offerta
Ao Atlantico oceano uma ilha enorme,
E por mui largo espaço ousa arrostal-o;
Alêm alpestre monte ao ar se arroja,
Ou vasta cordilheira encadeando-se
Parece pretender fechar o mundo;
Do mar á beira, o viandante ás vezes
Pasma, vendo de um lado desdobrar-se
Do pégo as ondas, que o horizonte beijam,
E do outro lado vagas de verdura,
Que, unidas com o céu, da vista perde.

Queres scena melhor? Nada te falta;
Tudo comtigo tens; tudo te cerca;
Tudo te chama á gloriosa empreza.
Deixa a imitação; inventa; cria;
Sobra-te engenho, sentimento, força;
A gloria te convida; e a patria, a patria
Ha de teu nome coroar de flôres,
Eternas flôres que não leve o tempo,
E que não faça emmurchecer a inveja.
No passado dos teus vê o mais certo
Penhor do que has de ser; como em herança,
Na tua geração saber e honra,
Talento, brio, esforço, patriotismo
Te'm passado até hoje, e, mais que todos,
Se tu quizeres, brilharás ainda.

Sa'e do repoiso pois em que te esqueces,
Ó meu amigo, ó parte de mim mesmo,
E oiça eu em breve repetir teu nome;
Comtudo nem por isso te deslembre
Nossa firme amizade: são deveres
Differentes; mas este á consciencia
Dá nectareo sabor, e ao pensamento
Grato perfume que vapora d'alma.

1856

LEMBRANÇAS

Como já lá vão os tempos
D'aquella edade fagueira,
Quando brincavamos juntos
Á sombra da larangeira!

E nunca mais esses dias,
Que tão felizes passámos,
N'este mundo de tristezas
Nunca mais os encontrámos!

Era então a vida amena;
De nossa vida era a flor,
Que vinha desabrochando
Da primavera ao calor.

Que folguedos de innocencia
Na verde relva do prado,
Ouvindo ao cahir da tarde
Dos passaros o trinado!

Como corriamos ambos
Pelos campos á porfia,
A ver qual de nós mais flores,
Mais lindas apanharia!

E lembras-te d'esse tempo?
E lembras-te das singelas
Doces horas que passámos
Tão curtas, porêm tão bellas?

Mas depois minha má sorte,
Que um instante me deixou,
Aos baldões da tempestade
Sósinho me abandonou,

Sem aquella voz serena,
Que a virtude insinuava,
Sem aquelle caro amigo,
Que, como pae, me estimava.

Outras praias, outra gente,
Outro céu e clima vi,
Mas d'aquelles breves annos
Nunca, nunca me esqueci.

Pude emfim rever os campos,
Onde pequeno vagara,
Abraçar os poucos entes
Que a morte me não roubara.

E, em vez dos sonhos da infancia,
Á minh'alma veio a dor
Ajuntar mais um martyrio,
Derrubar mais uma flor!

Mas ao menos a amizade
Do tempo que fenecera,
Em logar de anniquilar-se,
Com o tempo mais crescera.

Eras inda a companheira
No affecto do coração;
Só vim achar feita rosa
O que era outr'ora botão.

A edade te aprimorara
O que deixaras já ver;
Posto a magoa te legasse
Os rastos do padecer!

Como d'antes a alegria
Na infancia nos ajuntou,
Assim agora a desdita
Nossos laços apertou.

Oxalá que em mil venturas
Eu te pudesse pagar
Tantos carinhos, e em risos
Tuas lagrimas tornar;

E que estes dias que correm
De flores t'os matizasse,
Muito embora na existencia
Eu sem conforto vagasse.

Mas, seja qual for a sorte
Que o futuro te destina,
Bôa ou má, nunca te esqueças
D'essa edade peregrina,

Que findou, que mais não volta,
D'essa edade tão fagueira,
Em que brincavamos juntos
Á sombra da larangeira.

QUE AMIZADE!

Não ames, innocente; amar é crime;
Suffoca o ardor que te alimenta e inflamma;
Dentro do peito o coração comprime.

Não querem que tu sejas desgraçada!
Apaga, apaga a chamma;
Escuta do dever a voz sagrada;
Beija a mão que do abysmo te desvia,
A mão que piedosa te soccorre;
Mostra falsa alegria;
Cala; padece; e morre.

Não vês como te cercam de desvelos,
E te buscam das festas o ruído?
Destruir imaginam teus anhelos!
Loucos, loucos mil vezes!
Cresce o amor, quando é mais perseguido,
E vive dos revezes.
Ao que assassina o corpo a lei condemna;
Mas ao que mata a alma as leis não chegam!
Melhor; dos homens não bastára a pena;
Assim a Deus a entregam.
Eis para onde appella a consciencia
Dos que a honra e a virtude só cortejam,
E ao amor sacrificam a existencia;
Dos que affrontam a morte por que vejam
No horizonte surgir
O dia que ha de dar a recompensa
Aos bons, e os maus punir.

E tu, meiga innocente, que fizeste?
Qual foi a grande offensa
Porque tão negro fado mereceste?
Foi o seres formosa,
O teres alma candida e sensivel!
Mas elles, elles querem-te ditosa!
Mandam deitar-te no sepulcro viva,
E cobrir-te de flôres!
Meu Deus, será possivel?
Deixa esse amor, e dão-te mil amores;
Liberta ficarás; ora és captiva.
Despraz-te o mundo; a solidão te agrada?
Te'm medo que tu morras de tristeza!
Deixa esse amor, o mundo por ti brada.

E tu os olhos fechas;
Prosegues no caminho da desgraça;
E de quem te aconselha inda te queixas!
Tens de um lado a pobreza,
Que de mil infortunios te ameaça;
Do outro o oiro, as festas, o prazer;
Querem salvar-te, e cerras os ouvidos.
Ingrata! são por ti escarnecidos,
O affecto não lhes sabes merecer!

Que amizade! e por ella has de, innocente,
Deixar o que te adora, e tu adoras,

Aquelle a que entregaste
O coração e a mente,
E a quem amor juraste?
Não, dizem não as lagrimas que choras;
Não, diz a tua face desmaiada;
Amas, tua alma é forte;
Antes o pó do nada
Do que soffrer na vida mais que a morte.

Eia pois, despedaça o jugo infame,
Que os passos te encadeia,
Muito embora dever o mundo o chame;
Teu coração desgraças não receia;
Não receia pobreza;
Ao teu amor anda a ventura junta,
Anda junta a riqueza;
Pelo mais a tua alma não pergunta.

SINGELEZA

Que m'importa se és ligeira,
Se assim mesmo és feiticeira,
Se te quero mesmo assim?
Se amo esses olhos que matam,
Porêm que não se recatam
Nem dos outros, nem de mim?

Que eu fuja de ti? loucura!
Tirar o orvalho á verdura;
Tirar-lhe o ar, o calor;
Seccar a fonte de prata,
Que no prado se desata;
E querer que viva a flor!

Deixar-te? deixar a vida?
Á luz por Deus accendida
Envíar a maldição?
Deixar o lucido trilho?
Fechar os olhos ao brilho
Do astro, que os céus me dão?

Renegar do céu, da terra,
De tudo que o peito encerra?
Oh! que não, não serei eu!
Viver por ti; adorar-te;
Pensamento e alma offertar-te
Será sempre o fado meu.

Travessuras de innocente,
Que pular a vida sente,
Que tem o sangue a escaldar,
Que experimenta um desejo
Incerto entre o riso e o pejo,
Inda incerto se é amar!

Travessuras de creança,
Que não conhece a provança
Do esperar, e do soffrer,
Os desejos delirantes,
Que fazem gosar instantes,
Que fazem sec'los morrer!

E que é isto? novo encanto,
Que dos outros sem quebranto,
Accende mais o vulcão,
Perfume puro da rosa,
Que á luz se abre, e da luz gosa,
Sem temer o furacão.

Amo-te d'esta maneira,
Mais formosa e feiticeira,
Mais singela, meu amor,
Desabrochando incuidosa
Como a purpurina rosa,
Como desabrocha a flôr.

1850

QUEIXAS

Feliz aquelle que nos verdes annos,
Que risonha nos doira a primavera,
Morre, sem ver do mundo os desenganos.

Feliz aquelle que acredita e espera,
E não vê desabar as esperanças,
E não vê sombra van quanto já crêra.

Meu pobre coração, porque te cansas,
E te afadigas em ganhar a gloria,
Quando para o sepulcro só avanças?

De mim nem ficará talvez memoria!
No mundo a poucos deixarei saudade;
E esses não saberão a minha historia!

Porque pois a violenta anciedade
De fama, que me rala e me consome,
Se não hei de lograr a eternidade?

Se quasi sempre nem se lembra o nome
Do poeta ou do rei mais poderoso?
Se a terra que os creou os guarda e some?

Da morte para alêm mora o repouso;
Que é miragem a vida aspera e rude
Nas ondas d'este mar tempestuoso.

Paira a gloria do homem no ataúde;
Só a alma, da carne já liberta,
Sóbe ao celeste amparo, onde se escude;

E encontra a porta celestial aberta;
E ao som accorde do harpejar divino
Tacitamente sua voz concerta.

Se dos humanos o cruel destino,
Que á terra os amarrou ha de cumprir-se,
E dar-lhes n'ella seu fatal ensino,

Porque tenta minh'alma inda carpir-se?
O mundo não entende o seu lamento;
Á sua dôr em nada póde unir-se.

Cada qual tem em si o pensamento;
Cada qual no seu bem só interessa;
Palavras são da idéia o fingimento!

Embora á mingua, misero pereça
O que viveu sem encontrar abrigo.
É menos um que os importune, e peça.

Eu que o recto caminho entre elles sigo,
Entre os de honras e fama rodeados,
Ou da gloria e riqueza, e vou commigo,

Tento na lyra sons desconcertados,
E, como elles, tambem loiros procuro,
Mas não a trôco de rubor comprados.

E eis vem de trevas o horizonte escuro,
E entre mim alevanta e o meu desejo
Soberbo, espesso, impenetravel muro.

Muitos que amam as lettras fugir vejo,
Porque em vez d'ellas amam sua fama,
E eu não vou augmentar-lhes o cortejo.

Mas não se apaga minha viva chamma,
Antes, do mundo o halito empestado
Cada vez mais a sua luz derrama.

Pharol em erma rocha levantado,
Vive entre as vagas, que a seus pés escuta,
Pela furia dos ventos contrastado,

Até que a assidua, tenebrosa lucta
Arremesse meu corpo á sepultura.
Eis a certeza que a minh'alma enlucta!

E eu sinto, eu sinto a morte prematura;
Oiço-lhe os passos; e alvejar bem perto
Vejo a mão, que me chama á terra dura.

Quão triste que é este caminho incerto!
E buscar inda a gloria o pensamento,
Quando já está o meu sepulcro aberto,
E deixo atrás de mim o esquecimento!

1857

RAMALHETE

No meu lindo ramalhete
Ha tantas e varias flores,
Que não sei a qual mais queira,
A qual renda mais amores.
Todas ellas são formosas,
Ou sejam lirios ou rosas,
Ou saudades ou jasmins;
Em corôa refulgente
Assim brilham juntamente
A perola transparente,
Os diamantes e rubins.

A rosa é bella; a cecem
Tanta singeleza tem;
A saudade tanta dôr...
A qual darei mais amor?
Não o sei eu, nem ninguem.
Por todas ellas se parte
Esta minh'alma, que anceia
Um amor illimitado,
Sonho nunca realizado,
Que não se póde cumprir,
Porque o homem foi creado
Para seu nada sentir.

E eu perdido, eu desvairado
Após o meu sonho vou!
E, quando no fim reparo
Nas loucuras que sonhei,
Attonito fico; e páro
Ante o que real pensei;
E co'a alma em terra dou.

Como então sou infeliz
N'essas horas de agonia!
O que eu sinto quem o diz?
Mas, a lyra temperando,
Desprendo nova harmonia,
Com que me vou remontando
Dos astros ao claro dia.
Ahi de novo deliro,
E das minhas flores bellas
Faço brilhantes estrellas.
E amo-as todas? se as amo!
Mas do lirio a singeleza
Respira tanto de Deus,
Que mais bello quasi o chamo;
Pende o calix para a terra
Com a saudade dos céus;
E as lagrimas que encerra
Embebe-as no casto seio,
Porque para o soffrimento,
Para a dor ao mundo veio.

E mais bello o chamarei?
Não sei dizel-o, não sei;
Que o meu lindo ramalhete
Tantas flores elle tem,
Que qual seja a mais formosa
Não o sei eu, nem ninguem.

A...

Tu és meu pensamento, o meu enlevo,
O ente n'este mundo a que mais quero,
Tu, a quem a esperança apenas devo
D'essa ventura que alcançar espero.

Por ti de dia e noite em chammas ardo;
N'uma voz tua minha vida posta,
Da desventura não receia o fardo,
Antes, com ella arrosta.

Que monta que n'um berço de oiro fino
Tu embalada fosses ao nascer,
E que seja meu improbo destino,
Em vez de oiro, pobreza e padecer?

É o amor imperio de egualdade;
Não se conhece n'elle distincção;
Quem ama tem de amar a liberdade,
Porque tem coração.

Quando te vi a unica riqueza
Na luz d'esses teus olhos a encontrei,
N'essa benigna, angelica belleza,
Que, mal eu conheci, logo adorei.

Se amor tamanho, que tão forte na'ce
Alguem feia ambição ousa alcunhar,
É que nunca notou a tua face,
É que não sabe amar;

Pois quem te póde contemplar que sinta
O amor que por dinheiro se calcula,
E se esqueça de ti, emquanto pinta
Riqueza torpe que a razão macúla?

Nobre és? Que eras nobre n'alma e gesto
Desde a primeira vez o comprehendi.
Nada importava para mim o resto:
Vi-te, amei-te, vivi.

Ante o poder a minha fronte pobre
Sente, padece, porêm não se curva;
Segundo o meu pensar tambem sou nobre;
Baixeza alguma o coração me enturva..

Só adoro de Deus a majestade;
Ante o que é bello e grande só me prostro;
Respeito, guardo as leis da sociedade;
Mas alta a fronte mostro.

Se d'esta mesma sorte vissem todos,
Ditosos poderiamos viver;
Mas ha para julgar diversos modos;
E elles no coração não sabem lêr!

Desgraçada de ti, que livre crias,
Ao menos para amar, a natureza!
É que tu, ó meu bem, nada sabias
Da mundana torpeza!

Amavas, eis tua unica sciencia;
Sentias ser amada e nada mais;
Era o thesoiro teu muita innocencia;
O teu futuro sonhos virginaes.

Maldicto o oiro que de ti me afasta;
Maldicta essa nobreza malfadada,
Que ante as miserias a paixão arrasta,
Só para nós creada;

Porêm bemdicto o jubiloso instante
Em que te vi pela primeira vez,
Porque a perseguição teu peito amante
E o peito meu desanimar não fez;

Porêm bemdicta a fervorosa chamma,
Que da minh'alma em versos trasbordou,
A rude lyra que tua alma inflamma,
Que o nosso amor sagrou;

E a vivaz esperança de algum dia
N'estes meus braços eu poder cingir
Quem me dará cada hora uma alegria,
Quem será minha dita, o meu porvir.

CAMÕES E A PATRIA

AO MEU AMIGO S. P. M. ESTACIO DA VEIGA

É possivel? a Patria deslembrada
Os teus restos, Camões, emfim procura,
E curva sobre a terra e desvelada
Busca-te arrependida a sepultura?
É esta a pedra humilde e consagrada?
Coube aqui tanta gloria e desventura?
É este o porto onde o cantor divino
Veio acabar o seu fatal destino?

Acorda, Portugal, teu vate abraça,
Vive ao d'elle o teu fado reunido;
Sa'e do longo torpor, ó nobre raça,
O povo outr'ora pelos mais temido;
Se com o nome seu teu nome passa
Á eternidade, onde será ouvido,
Com seu espolio tu reanimado
Serás n'outra existencia transformado.

Palladio que preside á tua sorte,
Porque perdel-o, ó Patria, assim deixaste?
Misera, nunca mais, qual d'antes, forte
Do teu leito de dôr te levantaste!
Mas não te abriga a congelada morte,
Não, á morada extrema não baixaste;
Vinde-a ver como já toda estremece
De gratidão, e palpitar parece.

E qual dos filhos teus mais merecera
O teu amor, ó terra endurecida?
Quem te amara com alma tão sincera,
E tanto das offensas não sentida?
Quem martyr o seu corpo á morte dera,
Por te legar immorredora vida,
Querendo que, se ao tumulo descesses,
No seu manto de gloria te envolvesses?

E tu que foste para elle? oceano
Sempre de escolhos e tormentas cheio,
Que, depois de o levar de damno em damno,
Só para o sepultar abriste o seio.
Assim combate o mar o fraco humano
Ás bravas ondas desprendendo o freio,
Surdo á voz da afflicção que o não desperta,
E, naufrago, lhe mostra a cova aberta.

Poeta, pobre, amante e desgraçado
Ante as grandezas alteaste a frente;
Tinhas a lyra tua; eras soldado;
De um povo a fama te incendia a mente;
Nasceste pelas palmas rodeado,
Que dava ao Tejo o submettido Oriente,
E, vendo rica a Patria, te julgaste
Rico tambem, e o oiro desprezaste.

Porêm tamanho esforço e valentia,
E nem sequer um canto resoava!
Eil-o, eil-o ahi o rei da poesia,
Que no longe futuro os olhos crava;
Ó minha Patria cara elle dizia,
E a ingrata de si o desterrava!
Já que apartas de ti o teu amigo,
Na eternidade viverás commigo.

E foi cantar do pélago aos furores,
Ouvir das vagas o feroz rugido,
Por que afizesse a voz aos seus fragores,
Para depois do mundo ser ouvido;
Tal o maior dos gregos oradores
Ia bradar ao mar embravecido,
Antes que na tribuna trovejasse,
E contra o jugo uma nação armasse.

Cantor do Gama lhe seguiste a senda;
Cantor de um povo audaz e navegante,
Encaraste, como elle, a morte horrenda,
Os seus passos medindo de gigante;
Do Adamastor tremeste á voz tremenda
Como elle; e emfim guerreiro e triumphante
Escreveste as batalhas combatidas
Pela Patria co'o sangue das feridas.

E ella sem attender-te! e longe d'ella
Tu lhe alçavas o augusto monumento,
Que ao lado seu até agora vela,
Pagando-lhe d'est'arte o esquecimento.
Por teu paiz natal e por aquella,
Que te havia captivo o pensamento,
A vida toda inteira dividiste,
E por ambos aos males resististe.

Amar como elle amou, e ser amado,
E receber a desventura em paga!
Vinde-lhe ouvir o canto magoado,
Que as suas illusões anima e afaga;
Basta falar de amor para, animado,
Logo do seu amor abrir a chaga;
Sente; commove; os corações fascina:
És tu, és tu, inspiração divina.

Ó lagrimas de Ignez, quem não derrama
Sobre vós, se alma tem, a alma em pranto?
Ó ilha dos amores, quem a chamma
Não provará de teu suave encanto?
Infeliz do poeta que não ama;
Porêm mais infeliz quem ama tanto,
Para soffrer como elle, sempre ausente
Ou perto ou longe da que tem na mente.

Camões, no exilio solitario morre;
Expira, expira ahi, bardo sublime;
Dão-te as muralhas de segura torre,
Pobreza, injurias, até mesmo o crime;
Dos seus ardis a inveja se soccorre,
E em tua fronte nobre a garra imprime;
Mas não; a Patria, a que exaltaste o nome,
Tem para dar-te um hospital e a fome!

E rever suas praias tu querias,
Que te restava a credula esperança
De despontarem mais formosos dias,
E na tua existencia haver mudança:
O seu e teu futuro lhe trazias
N'um livro; n'elle a tua fé descansa;
E ella, tambem ella, a que te amava,
Através do oceano te chamava.

Chegas; e o sonho teu se desvanece;
Foi-se o amor; é morta a formosura;
De si a Patria, mais de ti se esquece;
Que te resta no mundo? a sepultura!
Ninguem, ninguem de ti se compadece!
Gosam-te a gloria; deixam-te a amargura!
Se não fosse o teu Jau, o teu abrigo,
Não tiveras, Camões, nem um amigo!

Vergonha, opprobrio á geração ingrata,
Que assim o egregio vate galardôa;
Vergonha á Patria que á penuria o mata,
E de martyrios lhe entretece a c'rôa!
Mas elle generoso á que o maltracta,
Em vez de censurar, tudo perdôa;
Sobre a ruína sua geme e chora,
E d'ella o fado, não o seu deplora.

E finalmente acordarás do leito,
Onde a sorte, onde a incuria te ha lançado,
Misero Portugal, e contra o peito
Apertarás teu vate despresado?
Ao grande genio pagarás o preito?
Ouvirás das nações o justo brado?
Oh! sim; que já três seculos correram,
E em muito a tua divida accresceram.

Embora não condiga o monumento
Co'o divino cantor da tua gloria,
Outro, ó Patria, haverá mais opulento,
Se viveres de novo para a historia.
Resurge; e dar-lhe-has contentamento
Maior, que julgará maior victoria
Ver-te, qual d'antes, forte e venturosa,
Do que dever-te a estatua mais famosa.

PRIMEIRO SUSPIRO

(DE VICTOR HUGO)

Vive feliz, ó minha doce amada;
Em paz saúda a vida,
E de teus bellos annos colhe as flores;
No bonançoso rio
Do tempo descuidosa adormecendo,
Deixa seu curso proseguir as ondas.

Vae; risonho te açena o fado ainda;
Vae; o temor expelle; o céu não póde,
Após tão linda aurora,
Fazer seguir-se tenebroso dia.
Eu humilde o conjuro,
E ouvir-me deve, pois por ti supplico.
Todo o nosso porvir em mim só pésa!
Em breve arrebatada
Podes-me ser; eu ámanhan bem longe
De ti talvez meu soffrimento arraste.
Ah! tão depressa na existencia minha
Tudo é fatal e triste!
Amei-te, e é-me forçoso já perder-te!

Mas caia, caia inteira em minha fronte
A inf'licidade. Em sacrificio á ausencia
Breve succumbirá tão meigo affecto,
Que virão suffocar desejos novos:
Tu nos prazeres teus has de esquecer-me;
Eu amar-te no tumulo!

Sim, morrerei; já se me enlucta a lyra.
Fraca memoria deixo; irei bem joven
Á campa, mas sem medo; quem a gloria
Frente a frente encarou, afoito póde
Contemplar o ataúde.
Dos reinos infernaes visinha o Elysio;
Que são a gloria e a morte? dois phantasmas
De gala ou dó vestidos!

Vive feliz, ó minha doce amada;
Desfructa em paz os teus formosos dias;
No bonançoso rio
Do tempo descuidosa adormecendo,
Deixa seu curso proseguir as aguas!

PREMIER SOUPIR

Sois heureuse, ô ma douce amie;
Salue en paix la vie et jouis des beaux jours;
Sur le fleuve du temps mollement endormie,
Laisse les flots suivre leur cours!

Va, le sort te sourit encore,
Le ciel ne peut vouloir, dissipe tout effroi,
Qu'un jour triste succède à ta joyeuse aurore.
Le ciel doit m'écouter quand pour toi je l'implore.
Notre avenir commun ne pèse que sur moi!
Bientôt tu peux m'être ravie:
Peut-être, loin de toi, demain j'irai languir.
Quoi! déjà tout est sombre et fatal dans ma vie!
J'ai dû t'aimer, je dois te fuir!

Puis,—hélas! sur mon front que le malheur retombe!
Il faudra qu'à l'absence, à de nouveaux désirs,
Un sentiment bien doux succombe:
Tu m'oublîras dans les plaisirs,
Je me souviendrai dans la tombe!

Oui, je mourrai: déjà ma lyre en est en deuil.
Jeune, je m'éteindrai, laissant peu de mémoire,
Sans peur; puisque de front j'ai contemplé la gloire,
Je puis voir de près le cercueil.
L'Elysée immortel est près des noirs royaumes,
Et la gloire et la mort ne sont que deux fantômes,
En habits de fête ou de deuil!

Vis heureuse, ô ma jeune amie,
Jouis en paix de tes beaux jours,
Sur le fleuve du temps mollement endormie,
Laisse les flots suivre leur cours!

A CANTORA

Quando a terra, como agora,
Toda é silencio e magia,
Porque assim a voz desprendes
Em torrentes de harmonia?

Porque folgas, quando alegres
São teus sons melodiosos?
Porque, se chora teu canto,
Os olhos tens lacrimosos?

É que tu'alma é tua vida,
Teu viver a inspiração:
Tens poesia nos labios,
Poesia no coração.

Quanto mais bella te fazes,
Se inda mais se póde ser,
Quando em ondas de meiguice
Pareces desfallecer!

Como então esses teus olhos
Para o céu alevantados
Sobem nas férvidas azas
Do enthusiasmo levados!

Que brandura as tuas notas
Outras vezes não respiram,
Quando gemem tristemente,
Quando se queixam, suspiram!

E quando outras a alegria
Passageira, mesmo assim,
Te anima as faces, e encrespa
De teus beiços o carmim,

Como nos prendes e elevas!
Como brilhas radiosa!
Como serenam teus olhos!
Como ficas mais formosa!

És bella sempre, quer triste,
Quer risonha, ou magoada,
Mas, na inspiração divina
De tua magica toada,

Falta vista para ver-te,
Mente para te julgar,
Penna para descrever-te,
Coração para te amar.

1849

ALEGRIA

Torno-te a ver, ó Patria; teus encantos
Saudar posso de novo, mais a vida:
Salve! de minha infancia almas campinas!
Salve! ser do meu ser, Patria querida!

Torno-te a ver emfim, rasgado embora
Me haja a fronte a corôa da amargura;
Tuas praias emfim eu pizo, eu beijo.
Adeus, desterro, mar e desventura.

Adeus a tudo pois! N'este momento
Esqueça-se o passado, ó patrio Tejo;
Por ti matou-me a dor no amargo exilio;
Por ti vivo de novo, que te vejo.

Embarga-me o falar a f'licidade;
Treme-me o coração; palpita a vida;
Mas esta e o coração vivem comtigo.
Salve! ser de meu ser, Patria querida.

Salve! diz o verde campo;
Salve! diz do prado a flor;
Salve! dizem as mil aves
Cantando alegres amor;
Salve! diz a primavera
Com seu manto de verdor.

São as flores do prado e campina,
E das aves o meigo trinar
Tuas lettras, teus meigos accentos,
És tu mesma teu hymno a cantar.
Quem não ama tua voz, teus gorgeios?
Quem, ó Patria, não te ha de adorar?

E vem o sol do horizonte,
E te saúda tambem;
E vem a noite estrellada,
E a noite sombria vem,
E dizem-te: salve! terra
De tantos enlevos mãe!

Tens no sol e no dia que nasce
O teu sonho de amor e prazer;
Com tua noite de galas luzida
Como é bello do mar ver-te erguer;
Como és bella co'a pallida lua
Tristemente a pensar, a gemer.

Tens na brisa que murmura
Por entre os bastos rosaes,
Quando o firmamento aclaram
Os rubores matinaes,
A saudação da alvorada
A tuas graças naturaes.

De ti fala este céu que te cobre
Com seu manto de neve e saphira;
De ti fala este rio famoso
Que te banha, te anima, e te inspira;
De ti fála o meu tempo da infancia;
De ti fala em seus sons minha lyra;

Que eu tambem serei como ella,
Como a voz da natureza,
A dizer os teus primores
Em sua eterna belleza,
A te saudar nos meus versos,
Do Tejo ó linda princeza.

Salve! diz o meu peito ancioso
De em teu seio os teus mimos gosar;
Salve! dizem meus labios ardentes,

Minha vida, minh'alma e pensar;
Salve! Patria; de novo te vejo;
Em teus braços já posso acabar.

1852

LAGRIMAS

Vive, vive feliz, angelical espirito,
Na morada celeste,
A que subiste emfim, depois que todo o calice
Da desgraça bebeste.

Embalde mãe e irmans buscaram de teus labios
Em beijos de ternura
Sorver o amargo fel; oh! que contentes martyres,
Se te dessem ventura!

Mas augmentou-te o mal ouvir dos teus as lagrimas;
Com elles abraçada,
Sentiste a morte vir, e, generosa victima!
Não lhes disseste nada.

Irmans, não me choreis; ó minha mãe, consola-te;
Estou muito melhor;
Já sinto um novo ser; no rosto, ha pouco pallido,
Das rosas brota a côr.

Eram as rosas, sim, que ella sentia, misera!
Porêm da despedida!
Era como o clarão do vesperal crepusculo,
O bruxulear da vida.

Já no leito da dor, entre prantos sorrindo-se,
Aos seus ella dizia:
Vejo em nosso porvir as desgraças trocarem-se
Em candida alegria.

É Deus que assim o quer. E a mãe e irmans olhando-a:
O que nós desejamos
É que tu fiques boa; e dias inda prosperos
N'este mundo aguardamos.

Com illusões tão vans mutuamente enganando-se,
Que projectos formavam!
Já cedia o rigor do seu destino improbo;
Melhor tempo esperavam.

Mas por ella tambem seu guardador angelico
Esp'rava á cabeceira.
Eis se lhe apaga a luz; eis de seus beiços lividos
Foge a voz derradeira:

Adeus! Foi um adeus para os que amava, o ultimo!
E, unida ao anjo seu,
De anjo as azas vestiu; ambos as mãos tomaram-se;
Voaram para o céu.

Não pude, como vós, dar-lhe então minhas lagrimas;
Não a pude então ver;
Por isso permetti que venha no seu tumulo
Este pranto verter.

Assim, ó mãe e irmans que ella amava, lograssemos
Com o nosso chorar
Da primavera a flor d'entre o sepulcro gelido
Fazer desabrochar.

E tu, anjo, do céu onde subiste, ampara-nos;
A Deus por nós implora;
Vê como se mudou tudo sem ti; quaes eramos;
Como somos agora!

DUAS VIDAS

Morena, morena
Que estás a brincar,
Os brincos da infancia
Já deves deixar.

Não amas ainda?
Só amo meus paes.
A mais ninguem amas?
Não, a ninguem mais.

Vê? que borboleta!
Se a posso apanhar!...
Mas, ai! que o meu ramo
Ficou a murchar.

Passaram-se os dias
Da florea estação,
Outomno e inverno;
Tornou o verão.

E que é da morena?
Não vae ao jardim;
Do que tanto amava
Porque foge assim?

Acaso tem medo
Do tempo aos rigores?
Despiram-se os troncos?
Seccaram-se as flores?

Mas tudo é verdura;
Mas tudo é belleza;
Na força da vida
Folga a natureza.

Os paes que adorava
Doentes estão?
Todos para elles
Seus cuidados são?

Não; outros cuidados
No quarto a retem,
Que dias inteiros
Por lá se entretem.

Ai! pobre morena,
Seccaram-se as flores!
Já d'ellas não cuidas;
Só cuidas de amores.

1855

PROTESTO

A UM AMIGO

Inda de mim te lembras? Pois ainda
Nem todos me esqueceram? Quantos amo
Por essas terras me hão deixado! Triste,
Só, nas praias da Patria um surdo canto,
Como de voz que as lagrimas cortavam,
Aos mares entreguei; e o som das vagas
Com seu longo bramir o ensurdeceram.
Clamei; pedi um pensamento, um unico
A quem tantos julguei me houvera dado
Por amizade só, desint'ressado,
Franco e leal, como de amigos era.
Nem me ouviram sequer, ou maus ouvidos
Deram á viva supplica do amigo!
Amigo? mas se tal me não souberam!
Ah! que, se houvessem visto como n'alma,
Que julgarão fingida, existe a imagem
De quem não pensa em mim; como seguro
Espero sempre que melhores tempos,
Melhor opinião me restituam
Corações que estimei, que inda hoje estimo!...
Ah! se o tivessem visto, e o conhecessem,
Jamais assim me tratariam, nunca!

Mas, já que tu uma lembrança houveste
Do que d'est'arte abandonaram, grato
Devo-te ser, amigo bondadoso,
E digno de elevados sentimentos.
Da minha gratidão a ti, a elles
Seja este o protesto, e immorredoiro
Dentro em teu peito bem gravado fique,
Para arrostar a intriga e o esquecimento,
Que o tempo e os homens tecerão: tu serve-lhe
De echo, e unido a minha voz repete
Aos esquecidos: inda vive, e lembra-se.

CABELLOS LOIROS

Se até agora dizia
Nos meus versos que eram bellos
Somente os negros cabellos,
A razão é que não via
Esses teus, que bastou vel-os
Para vêr que me illudia.
E como assim não seria,
Se o amor com que eu amava
De tristezas me falava,
E d'ellas é negra a côr?
Se belleza imaginava
O emblema da minha dôr?

Sim; em noite só vivia;
Só hoje me raia o dia;
Só hoje o posso saudar.

Essas tranças ondeadas
Ao vivo sol a brilhar,
De precioso oiro formadas,
Não semelham, desparzindo
Em teu collo os raios seus,
A luz d'elle que sorrindo
Baixa fagueira dos céus,
E pela encosta florida
Escorrega dando vida,
Vida nova ao campo, á flôr?
Não ve'm ellas innundar-me
Com seu vívido esplendor;
Ao menos agora dar-me
A exp'rimentar a alegria,
Que não julgava no amor
Porque no amor padecia?

Salve pois, sol radiante!
Formoso és; tua luz
Á ventura me conduz.
Sobre mim raia incessante;
E a lembrança d'esses bellos
Negros e longos cabellos,
Que nos meus versos cantei,
Se tu me fores constante,
Da memoria riscarei;
Se não, dos teus a belleza
Para mim se acabará,
Porque acabou em tristeza;
E em tristeza ficará
Uma outra vez esta vida,
De tudo desilludida,
Excepto da minha dôr,
Sonhando com essas tranças,
Que d'ella te'm negra a côr,
Que dão menos esperanças,
Porêm são firmes no amor.

NO MAR

AO MEU AMIGO O DR. DOMINGOS DE ANDRADE FIGUEIRA

O firmamento é limpo; e a clara lua
Meia apenas espreita d'entre as aguas,
Assoalhando o mar de argenteo brilho.
Larga estrada ante nós levar parece
Até ao globo seu, qual não pintára
Jámais o genio creador dos vates,
Não pedindo o pincel á divindade.

Eil-a que já de todo descoberta
Se mostra; e o marinheiro recostado
Na amurada, co'os olhos a acompanha.
Pensa na sua terra, nos seus filhos?
Pensa na esposa que distante o aguarda?
Compara os dias que passou com ella
Aos tristes dias que no mar se passam?
E no que penso eu? Em ver alegres
Dar-me a benção meu pae, e a mãe mil beijos?
Pae, nem mãe conheci; no irmão querido,
Que após tamanha ausencia abrace e aperte?
Ha muito que morreu; no lar paterno?
Não o tenho tambem; no amor? na gloria?
Nada de tudo isso me pertence!
Incerto do presente e do futuro,
Chego saudade a ter do meu passado,
D'esse passado, que me foi tão negro,
E que o desterro me amostrou medonho;

E a minha Patria, a idéia companheira
De longos annos, unica esperança
Do porvir, que um empyreo eu phantasiava,
Que amo do coração, tremo de vêl-a!
É que receio despertar de um sonho.

Tal cogitava, quando ouvi distincta
Á prôa a rouca voz do marinheiro,
Que da guitarra os sons acompanhava:

É triste a vida da terra;
Felizes somos no mar;
Nossa Patria é nossa barca;
Nosso viver navegar.

Marinheiro, põe-te ao leme;
Vamos a terra deixar;
A porto de salvamento
O céu nos ha de levar.

Tenho quem me estime em terra,
E quem me fique a esperar;
Porêm a terra não troco
Por estas ondas do mar.

E essa rude toada despertou-me
Do pensamento meu; ergui os olhos,
E da resignação a luz amena
Julguei sentir fortalecer-me a vida.
Tambem alli havia quem soffresse;
E cantava, e sorria; e vi alegres
Aquellas faces que te'm visto a morte,
E que os padecimentos enrugaram;
E louvei o Senhor, que sempre manda
A fé no meio da maior tormenta.

Então do mar o quadro majestoso
E ermo, semelhante no silencio
Á mudez, que povoa os cemiterios,
Pareceu-me animar-se, e uma harmonia
Angelica, suave mergulhar-me
N'um extase de amor e de esperança.
Já não estava só; com Deus me achava.

1852

POR ELLA

Eu amo o roixinol que vem á tarde,
Junto á minha janella,
Modular mavioso os seus queixumes,
Porque me lembro d'ella.

Amo a fonte, onde pela vez primeira
Ambos nos encontrámos,
A cujo brando som tantas palavras
De amores mixturámos.

Se vou ao campo, julgo vêl-a ainda
Através da folhagem,
Qual visão vaporosa, ao vento dada
A candida roupagem.

Gósto das flores que ella mais amava,
Da rosa e do jasmim,
Que tantas vezes apanhámos juntos,
Vagando em seu jardim.

D'aquelle banco á beira do caminho,
Aonde nós sentados
Vimos tornarem-se horas de delicia
Momentos apressados.

E d'este céu coberto de mil astros,
E d'esta amiga lua,
Que mais suave e bella parecia,
Banhando a fronte sua.

Amo, amo até as lagrimas que verto,
Afflicto de perdêl-a;
Amo, amo até as dores que me pungem,
Porque as soffro por ella.

SAUDADE

AO MEU AMIGO J. G. LOBATO PIRES

Ó minha companheira, ó saúdade,
Que me povôas sempre o pensamento,
Ruína do que foi, tu te pareces
Com o meio cahido monumento,
Que augmenta com o tempo em majestade,
Pois, como elle, tambem co'o tempo cre'ces.

Quem me volvera áquella tenra edade,
Quando eu com outros olhos via o mundo,
E tão risonho o via!
Quando das dores o abysmo fundo,
Que os homens dizem vida,
Para mim era abysmo de alegria.
Mas passou, como um dia,
Esse bello existir; a sombra veio

Tão espessa e comprida,
Que o peito me tornou de lucto cheio.
Fez-se noite em meu céu que eu tanto amara;
Apenas no occidente
Um pallido reflexo me ficou
Do sol que se occultara,
E que o pesar e a magoa me deixou.

E meu olhar seguia
Esse debil clarão, essa esperança,
E n'elle nada via
De quanto desejava,
Senão que a esperança fenecia,
E que a treva da noite se espessava.
Tal a mãe que se cansa
Chorando o filho que se vae, que a deixa,
Em vão, em vão se queixa,
E nas feições já lívidas procura
Achar um raio ainda
Da existencia de candida ventura,
Que lhe correu tão linda,
E ante si só encontra a sepultura!

Mas n'este ponto do horizonte opposto
Froixo, tenue clarão meus olhos chama;
Viro apressado o rosto,
E vejo no meu céu que se derrama
Um lume desusado,
Em que nunca até alli tinha attentado.
O brilho que espalhava
O sol já escondido
Dirieis que lembrava,
Ou que era o mesmo brilho reflectido.
Dentro d'alma calando
Ia-m'a pouco e pouco transformando,
E á mente me trazia
Esse passado meu breve e formoso,
Doce melancholia
Mandando ao pensamento tenebroso.

A meus olhos té alli seccos, estereis
Que baixára dissereis
Fresco orvalho do céu, pois se tornaram
Duas fontes de pranto,
Que a dor me suavizaram.
Assim na quadra do calmoso estio
Vem animar as flores
Da manhan o rocio,
Restituindo ao prado os seus verdores.

E, mais e mais crescendo,
D'aquella branda luz a amenidade
Foi-me todo envolvendo,

E alentando minh'alma; a claridade
Então busquei do dia que morrera;
De todo era apagada;
Porêm nas trevas, que deixar quizera,
Eu tinha a sua imagem retratada.
Tambem, depois que a luz do sol termina,
O céu de mil estrellas se illumina,
Ou a placida lua,
Reflexo d'elle, mostra a face sua.

Por isso eu amo tanto o astro da noite,
Porque elle é da saudade o ethereo emblema,
E esta o só abrigo, onde me acoite.
E tu, grato perfume do passado,
Tu serás sempre o thema
Do meu canto, que estás em mim gravado;
E estarás inda mais; pois, á medida
Que a corrente dos annos
Levar comsigo as illusões da vida,
Deixando-me no fundo
Amargos desenganos,
Eu triste, já descrido d'este mundo,
Para mim cada vez mais nu e vario,
Eu, já pasto do inerte desalento,
Fugirei mais dos perfidos humanos,
Guardar-te-hei mais em mim como em sacrario,
E inda mais te darei meu pensamento.

1856

FELICIDADE

Ditoso aquelle que no seio poisa,
No seio puro de mulher querida,
A estas horas, a sonhar amores,
Languida fronte.

Aos labios d'ella reunindo os labios,
Nos seus cabellos escondendo o rosto,
Nos seus cabellos que entrever deixaram
Candida neve;

Á sombra d'elles em deliquio os olhos
Cerra, feridos de tamanho brilho,
E, presentindo que de leve os roça
Timido beijo,

Acorda, e ousado n'um abraço ardente
Ao peito louco, sequioso a aperta,
Na face rubra, pelo collo e braços
Osculos fervem.

Ah! quem a vida supportar pudera
Se d'esta sorte para amor corresse?
Mas são instantes estes bens, um sonho;
Rapidos findam.

1856

QUE OLHOS!

Que olhos os teus! como ferem
Tão dentro no coração!
Se o soubesses, não me olháras
Como assim me olhaste, não?

E dares a morte n'elles,
Sem uma consolação,
Não fica bem n'esses olhos,
Que tão bellos, negros são.

Mas, se o rigor não mudarem
Com que me olharam, então
Olha-me outra vez; que morra;
Que viver não posso, não!

1847

O POETA MORIBUNDO

(DE MILLEVOYE)

O poeta cantava: a luz amiga
Da lampada já froixa esmorecia;
E do seu fim o misero bem perto,
Como ella, tristemente assim dizia:

Murchou de todo a flor da minha vida.
Quão rapido correu o meu destino!
A noite do meu dia procelloso
Quasi se uniu ao brilho matutino.

Ha distante d'aqui, em longes terras,
Uma arvore, onde o goso e a morte habita:
Ai! d'aquelle que á sombra lhe adormece,
E nas suas delicias acredita!

Amoroso prazer, tu és como ella;
E eu ao viajante me pareço.
Repoisei imprudente á mortal sombra;
Por isso meu destino hoje mereço.

Quebra-te, ó lyra que eu amava tanto!
Viver não deves; morrerás commigo;
Teus sons não passarão á eternidade;
Dormirão para sempre em meu jazigo.

Não apparecerei em face ao throno,
Aonde a voz austera dos vindoiros
Julga, como seus reis outr'ora o Egypto,
Da terra as glorias e os virentes loiros.

Companheiros dispersos da viagem,
Amigos da minh'alma e pensamento,
Deixo-vos os meus cantos imperfeitos;
Salvae, salvae alguns do esquecimento.

Mulheres, por quem morro e a quem perdôo,
Ante meus debeis olhos, mesmo agora,
Como um raio de outomno vos diviso
Ou como um sonho ao despontar da aurora.

Vinde, meigos phantasmas; por extrema
Recordação de amor e de amargura,
As rosas, que não vivem mais que um dia,
Desfolhar sobre a minha sepultura.

Assim cantava, quando a amiga lyra
D'entre as mãos moribundas lhe escapou;
A lampada apagou-se; e no outro dia,
Como ella, a sua vida se apagou.

LE POETE MOURANT

Le poète chantait: de sa lampe fidèle
S'éteignaient par degrés les rayons pâlissans;
Et lui, prêt à mourir comme elle,
Exhalait ces tristes accents:

La fleur de ma vie est fanée;
Il fut rapide mon destein!
De mon orageuse journée
Le soir toucha presqu'au matin.

Il est sur un lointain rivage
Un arbre où le plaisir habite avec la mort:
Sous ses rameaux trompeurs malheureux qui s'endort!
Volupté des amours! cet arbre est ton image.
Et moi, j'ai reposé sous le mortel ombrage:
Voyageur imprudent, j'ai mérité mon sort.

Brise-toi, lyre tant aimée!
Tu ne survivras point à mon dernier sommeil;
Et tes hymnes sans renommée
Sous la tombe avec moi dormiront sans réveil.

Je ne paraîtrai pas devant le trône austère,
Où la posterité, d'une inflexible voix,
Juge les gloires de la terre,
Comme l'Egypte au bord de son lac solitaire,
Jugeait les ombres de ses rois.

Compagnons dispersés de mon triste voyage,
O mes amis! ô vous qui me futes si chers!
De mes chants imparfaits recueillez l'heritage,
Et suavez de l'oubli quelques uns de mes vers.
Et vous par qui je meurs, vous à qui je pardonne,
Femmes! vos traits encore à mon œil incertain
S'offrent comme un rayon d'automne
Ou comme un songe du matin.

Doux fantômes, venez, mon ombre vous demande
Un dernier souvenir de douleur e d'amour:
An pied de mon cyprès effeuillez pour offrande
Les roses qui vivent un jour.

Le poète chantait: quand la lyre fidèle
S'échappa tout á coup de sa débile main;
Sa lampe mourut, et comme elle
Il s'éteignit le landemain.

PALLIDEZ

Porque pallida, abatida
Hoje amanheceste assim,
Encanto da minha vida?
Foi pela noite perdida
No louquejante festim?
Foi a febre do prazer
Que a face te desmaiou?
Dando-te o mel a sorver,
Só te deixou o soffrer,
Só tristezas te deixou?

Mas se tu não vaes á festa,
Se no retiro modesta
Escondes a formosura,
Donde te vem a tristura?
Dize pois, que dôr é esta?

Chorar? choras, virgem bella?
Tuas lagrimas que são?
Que dizem ellas? saudade?
Amor? singela amisade?
Generosa compaixão?
Choras, e a fronte pendida
Mais formosa inda parece;
Que a mesma dor, com ser dor,
Para te dar mais primor
Contra si se conspirou,
E a natureza trocou.

Ah! se algum dia eu pudesse,
Como o sol á bella rosa,
Seccar-te a face chorosa,
Tuas lagrimas beber,
O peito meu acalmára
Do fogo que me devora,
E a face tua enchugára,
Que é tão linda, mas que chora!
Chora, sim, e não sei quanto
Eu dera para te ver
Nos olhos sem esse pranto,
No rosto com mais encanto
Não, porque não póde ser;
Mas demudada a tristura
Em alegre animação,
Com esp'rança na ventura,
Com amor no coração.

ROSA DESFOLHADA

Vi-te nas sombras da floresta espessa
Prazenteira vagar e descuidosa,
Nas mãos de neve desfolhar travêssa
A minha branca, tão querida rosa,

E pelas aguas da veloz corrente
A uma e uma as folhas derivarem,
E com ellas a vida juntamente
E as minhas esperanças se escoarem!

Quiz aos labios chamar o riso ainda,
Provar sequer da taça da ventura.
Minha illusão de amor, eras tão linda!
E ousei querer-te eu, ai! que loucura!

Como se a rocha de rudeza agreste,
Sem descanso das ondas combatida,
Do musgo eterno abandonando a veste,
Devêsse ainda procurar a vida!

Raio de luz, relampago fulgente,
Que a noite de minh'alma illuminaste,
Por um instante que fruí contente,
Em trevas para sempre me deixaste.

E a minha branca rosa desfolhada
Nunca mais n'este mundo ha de viçar;
Que pelos olhos teus não foi regada,
Que a corrente a levou sem mais tornar.

E ainda hoje, quando o sol declina,
Colho rôxa saudade, a minha flor,
E peço á veia argentea e crystallina
Uma lembrança d'este nosso amor.

Mas não te vejo na floresta espessa
Prazenteira vagar e descuidosa!
Ah! porque foste desfolhar, travêssa,
A minha branca, tão querida rosa?

Uma a uma, como ella as folhas suas,
As tuas illusões viste-as cahir,
E o tumulo envolvido em ancias cruas,
Unica esp'rança para ti se abrir?

Vives; respiras; mas a alma é viva?
Folga lêdo e tranquillo o pensamento?
Ah! se eu te visse, estrella fugitiva,
Qual outr'ora, brilhar por um momento,

Ou corpo ou sombra, emquanto não fechára
De todo para o mundo os olhos meus,
De tua pura luz os não tirára,
Senão para os fitar na luz de Deus.

O BRASIL

AO MEU AMIGO O DR. SILVINO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Grande, grande serás, volvendo os seculos,
Do novo mundo imperio majestoso;
Já da historia por vir eu leio as paginas,
E n'ellas o teu nome glorioso.
Filho mais bello da gigante America,
O Brasil, nosso irmão,
Inda mudo de espanto o oceano Atlantico
Ha de ver teu pendão:
Para a gloria prepara-te;
Teus rios por mil boccas
O que serás ao mar dizendo estão.

Quanto possues não trocas
Do Moscovita pelos plainos gelidos,
Onde altiva do norte a aguia impera;
Por ser egual a ti,
Por ter sequer o ultimo
Dos encantos que tens, o que não dera?
Além a natureza não sorri;
É o teu existir contínuo jubilo,
Contínua primavera.
Nem da China recondita
Sentir deves ciume.
É grande? grande tu és egualmente;
E estás perto da Europa; e do seu lume
Recebes o clarão omnisciente.

Mas o teu sol esplendido
Não fiques todo o dia contemplando,
Nem só de fados prosperos
Teus sonhos povoando.
Trabalha; e a terra próvida
Ha de sempre ajudar-te,
E da industria e commercio
Os fructos nascerão por toda a parte.

Que formoso espectaculo
Ha de ser, quando as margens povoadas
Se virem do Amazonas, e cruzando-se
As prôas se encontrarem carregadas,
Que levarão innumeras
A abundancia ás regiões mais apartadas!

Quando tua longa costa,
Que do espumoso pélago
Acompanhar pretende a immensidade,
Em temeraria aposta,
Mostrar os portos seus á humanidade,
De notal-os attonita,
Cheios das maravilhas da arte humana,
E, com ellas, tua gloria soberana!
Grande, grande serás, volvendo os seculos,
Do novo mundo imperio majestoso;
Já da historia por vir eu leio as paginas,
E n'ellas o teu nome glorioso.

Mal agora começas a vida,
Ó Brasil, e na senda que trilhas
Entre os povos da America brilhas,
E te sentes medrar e crescer,
Não á sombra dos loiros sangrentos
Pelo gume da espada cortados,
Mas da paz sob os ramos sagrados,
A que foste a existencia acolher.

Onde outr'ora campeavam florestas
Hoje o trafico e as artes porfiam;
Onde as feras á solta viviam
Vive o homem agora senhor,
Que com braço operoso e robusto
Dá a vida aos teus campos que lavra,
E ensina de Deus a palavra
Com fadiga, sciencia e amor.

Olha em roda de ti; que descobres
Nas nações que te cercam? a guerra,
Que a industria, que os gosos desterra,
E se nutre dos odios civís.
São irmãos contra irmãos que pelejam;
Todos perdem na lucta renhida;
Porêm tu de esperanças florida,
Tu da paz no regaço és feliz.

Se a Europa te quer, te procura,
Para ella os teus braços abrindo,
Tu lhe dizes: meu solo é infindo,
E a todos protege este céu,
Este céu tão azul, tão sereno,
Este sol tão ardente e formoso;
Vem, trabalho, riqueza, repouso
Te offereço, que tudo tenho eu.

Ouve-te ella, e te manda seus filhos,
E com estes seus grandes inventos;
Já o nauta não cura dos ventos,
Nem a terra do espaço que tem,

Que o vapor mares, terras percorre,
Que a electrica força insoffrida
As idéias mutúa, e convida
As nações a que o abraço se dêem.

Ouve-te ella, e á sua voz tu respondes;
E caminhas na senda já aberta
Em procura da luz encoberta,
Que o futuro te deve mostrar.
Eil-a ahi; os teus olhos levanta;
Eil-a ahi que o horizonte colora;
Do teu dia é a placida aurora;
Breve o sol principia a brilhar.

INNOCENCIA

Vinha de negro vestida;
Tinha na face a alegria;
Ao lado da morte a vida;
Junto aos risos a agonia.

Qual por entre sepulturas
Vaga o infante a brincar,
Assim a vi eu venturas
Entre luctos a sonhar.

Bell' era; mas, parte a parte
Vistas, as suas feições
Não eram d'essas que á arte
Inspiram as creações.

No fundir-se, no ajuntar-se
É que expressivas diziam
O que não póde pintar-se,
O que estatuas não diriam.

Um fio mysterioso
Seu conjuncto harmonisava,
Effluvio d'alma formoso,
Que por ella se espalhava.

E que tamanha innocencia!
E quanta simplicidade!
Tudo sorrindo á existencia
Com quinze annos de edade!

Na gentil delicadeza
Da cintura affectação
Não havia, era pureza
Toda ella e coração.

A vista incerta vagava;
Nem tinha onde se fitar;
Mil pensares afagava;
Mas não sabia inda amar.

E eu olhei-a; eu atrevido
Estes olhos n'ella puz;
Nescio! não fui entendido;
E ceguei com tanta luz.

E eis-me agora cego, cego
Para não tornar a ver
Quem me tirou o socego,
Quem m'o pudéra trazer.

GRATIDÃO!

Que palmas! que estatuas! que templos! que loiros
A quem lhe dá nome dá esta nação!
Que exemplo aos que vivem! que exemplo aos vindoiros!
Lidae, grangeae-lhe da gloria os thesoiros!
De tantas fadigas tereis galardão!

Faz hoje dois annos que a vida perdeste,
Garrett; e hoje a Patria em tal dia não vem
Honrar-te, lembrada de quanto fizeste,
De quanto sua fama no mundo estendeste,
Porque de si propria se esquece tambem!

Da scena que é nossa, que tu levantaste,
As portas se abrem tua voz para ouvir;
Que tu não és morto; mais vivo ficaste
Na hora em que o manto de carne deixaste,
Co'as grandes miserias do humano existir.

E da arte o gran templo, que fôra acanhado
Para uma nação tua fama adorar,
Escuta quasi ermo, inerte, calado
Ás tuas palavras! Que povo! Coitado!
Deixal-o; tem outro mais digno folgar!

Deixal-o; não póde na luz que te cerca
Fitar os seus olhos que tolda o negror:
A troco da estima o folguedo não merca,
Mas sim da vergonha! Que a alma se perca
Que importa? Dá tudo por seu baixo amor!

Por ti, nem por elle! E o genio realça
A quem a seus pés de joelhos se põe;
Até os monarchas na purpura exalça:
Nobreza só esta; a mais toda é falsa;
Os homens aquella; Deus esta compõe.

É que elle procura viver do presente,
Embora cadeias e opprobrio lhe dêem;
De terra seus sonhos fabrica na mente!
E n'alma o poeta em annuncio presente
Que a vida começa do tumulo além.

Que passe algum tempo, ẽ aonde repousas,
Qual outro Camões, ninguem ha de saber!
A Patria é mais rica; poupou duas lousas!
E, como teu mestre, a quem seguir ousas,
Irás para campa o universo escolher.

1856

N'UM ALBUM

Á EX.^MA SR.^A D. M. D. DA S.^A

Quando eu partir, senhora, o que desejo
De vós é uma lembrança
Dos tempos que passaram,
Das horas, que tão breves, porque alegres,
Junto a vós deslizaram.

Que levarei d'aqui dentro do peito,
Alem do fel amargo
Do negro soffrimento,
Que não seja de vós uma saudade,
E um longo pensamento?

De mim talvez não fique mais que um nome,
Sem que vos diga nada
Do que minh'alma sente,
Pallida sombra que perpassa um dia,
E foge de repente.

Não vos dei uma c'rôa, que adornasse
Vossa candida fronte
Do brilho merecido,
Dei-vos apenas um perfume d'alma,
Só por ella sentido.

1852

ANHELOS

Amor, amor meu coração procura;
Mas não encontra quem o queira amar.
Quem ama a planta, que o tufão pendura
Na rocha erma, em que se quebra o mar?

Quando da vida não cuidava ainda,
Em sonho vago sua imagem vi:
Oh! que delirio! que alegria infinda!
Que intenso fogo que eu então senti!

Desde esse tempo se me abriu um mundo,
Um mundo novo que não sei dizer;
Que o sol do amor com seu clarão jocundo
Me fez palavras e razão perder.

De amor inteira a natureza ria,
Pois era amor da minha vida o fim;
Amor, amor fóra de mim sentia;
Amor vivia, respirava em mim.

E fui contente pelo mar da vida
A luz buscando que jamais achei.
Tudo era apenas illusão mentida!
Se n'este mundo com o céu sonhei!

A terra, vi-a de miseria cheia
Leda, vaidosa para mim olhar,
Bem como as ondas para o grão de areia;
E não achei quem me quizesse amar!

Ah! quantas vezes não pensei gosar-te
Na louca febre do delirio meu,
Ó anjo, ó virgem que de toda a parte
Espero ainda como dom do céu!

Quanto suspiro que de amor falava!
Quantos desejos! que viver de amor!
Que de futuros para mim traçava!
E tudo breve se tornava em dôr!

Mas onde estás, que fervorosa prece
Todos os dias a ti mando em vão?
Ao baixo mundo teu olhar não de'ce?
Té onde habitas os meus ais não vão?

Vem, ó meu sonho, que de noite vejo,
De noite e dia para mim sorrir,
Mostrar a todos que mais nada invejo,
Do que esta vida com a tua unir.

Se conhecesses o que n'alma sinto,
Quando imagino que te posso ter!
Como na téla do futuro pinto
Um anjo, um anjo para mim descer;

E da corôa que lhe cinge a frente
De brancas rosas que produz o céu,
Encher de flores minha vaga mente,
Cobrir com ellas o caminho meu!

Como dos olhos, e que olhos! sahem
Claras faíscas de vivaz paixão,
Como das tranças, que em seus hombros cahem,
Minhas idéias pelas ondas vão...

D'esses teus labios expressão piedosa,
Um riso ao menos, uma voz sequer
Não mandarias, ó celeste rosa,
A quem das trevas te procura ver?

Comtigo a minha phantasia gira
Por entre mundos de viver feliz;
De ti meu canto se me anima e inspira;
A ti, a ti meu coração bemdiz.

Ignota deusa que a minha alma agitas,
Luz que me guias n'este mundo só,
Lá d'entre os anjos, com os quaes habitas,
A voz te mova do terreno pó.

De Deus abaixo tua imagem pura
Só ha, só brilha, só falar me vem.
Que bello sonho! que real tortura!
Como eu padeço padeceu alguem?

Mas, se no amor eu acredito ainda,
Se, como em Deus, ainda creio em ti,
Se espero firme pela tua vinda,
Anjo que d'alma com os olhos vi,

Desce; não tardes; minha fé soccorre,
Que já não póde tanta dor soffrer,
E, se ella falta, minha vida morre,
Porque foi feita para amar e crer.

NOVAS POESIAS

SEGUNDA EDIÇÃO

A SOMBRA DE CARLOS ALBERTO

AO CONSORCIO D'ELREI D. LUIZ I

Funda mudez impera na cidade
Dos Cesares out'rora, hoje de Christo,
Na duas vezes soberana e grande.
Deslisa pelo claro firmamento
A prateada lua, com seus raios
Pallida alumiando esses soberbos
Monumentos do engenho e essas ruínas,
Restos de um povo que reinou no mundo:
S. Pedro e o Vaticano, o Palatino,
O Pantheon, o Colosseu e o Fôro,
A Roma de hoje, e a Roma d'outras eras.
Em meio corre murmurando o Tibre,
Testemunha de tanta majestade
E de tanta mudança; o mais repoisa;
Tudo está silencioso; a noite é alta.

Mas álem, no elevado Capitolio,
Que vulto é esse? Como jaz immovel!
Como alveja ao luar! Marmorea estatua
O julgáreis talvez, em hora bôa
Por mão de insigne artista cinzelada,
Ou gemebunda sombra, que, a deshoras,
Lembrada do que foi, vaga na terra.

É Cesar, o triumviro guerreiro,
O ambicioso, audaz liberticida,
Inda sonhando a imperial corôa?
É Pompeu, seu rival, morto no exilio,
Que vem chorar na patria a desventura?
É Catão que a existencia sacrifica,
Para não ver a liberdade escrava?
É Scipião? É Mario? Nenhum d'elles.

Desejo insaciavel de conquistas
Não o animou na vida, mas o intuito
De reunir em reino poderoso
Um povo sempre retalhado e oppresso;
Não arrancou da espada em lucta ingloria
Contra irmãos; só extranhos e verdugos
A viram lampejar, tremeram d'ella;
Vencedor, foi magnanimo e sublime;
Vencido, a si venceu-se, e contra os males
Não foi na morte procurar abrigo;
No desterro morreu; mas elle mesmo
O demandou, para não ver sangrando
A patria sob o ferro dos tyrannos.
Quem é pois? É da Italia o patriota,
Carlos Alberto, o plantador ardido
Da gloria, da unidade italiana.

Oh! como se ergue nobre e grandioso
No alto Capitolio, contemplando
A raínha dos seculos! A sombra
Da cidade de outr'ora elle medita,
Elle, sombra do homem que ha passado.

Mas não é triste o rosto seu; levanta-o
Confiado e sereno; luz d'esp'rança
Lhe fulgura no olhar, como nos dias
De Rívoli e de Goito, quando ao lado
Via a victoria a coroar-lhe as armas,
E a Austria recuando espavorida.
Co'a dextra o coração comprime e aperta,
Qual se fôra inda vivo; sobre a espada
Poisa a sinistra; e os labios entreabertos
Como que vão falar. Por largo espaço
Volve os olhos em roda, e emfim prorompe:

Ó Roma, antiga Roma, que venturas
Te esperam no porvir! Serás de novo
Poderosa e senhora. Já vem perto
O instante de acordares do lethargo
Do teu somno de seculos. Acorda;
Acorda, capital da egregia Italia,
E ao mesmo tempo capital de Christo.
Podem juntos viver o sceptro e as chaves;
E hão de juntos viver: aquelle dando
Leis da Sicilia austral até aos Alpes;
Estas mandando aos povos do universo
Da crença do Homem-Deus brandos dictames.

Mas não, não é ainda o prazo escripto
Pelo Eterno. Esperae, italianos;
Romanos, esperae; e tu, cidade
Do Adriatico mar, que de entre as ondas
Espreitas o momento do resgate,

Os pulsos sacudindo, impaciente
De quebrar os grilhões, soffreia um pouco
Tambem o teu ardor; fôra improficua
Tentativa qualquer, fôra baldada.
Tu que o digas, ó alma generosa,
Ó guerreiro fatal e enthusiasta,
Que, sempre vencedor, foste vencido.
Mas, vencido e infeliz, como és agora
Maior do que nas horas do triumpho,
Martyr da grande idéia italiana!
Garibaldi, consola-te commigo!
Como tu, pelejei, cedi á sorte;
Á sorte; aos homens não; por lhe ir d'encontro,
Por ter antecipado a empresa, que hoje
Meu filho, mais feliz, prosegue e acaba.
Esperae; tambem eu aqùi o espero,
Do vencimento o dia, eu, sombra apenas
Entre os vivos; e só quando elle brilhe
Vos deixarei e deixarei o mundo.

Suppunheis que morri? O corpo é certo
Ao nada se volveu; porêm comvosco
O espirito ficou, filhos da Italia.
Foi elle que infundiu nos vossos peitos
Da liberdade a chamma, que no exilio
Vos confortou, apostolos da patria;
Foi elle que em Magenta, em Solferino,
E em tantas outras pugnas deu alento
Aos livres esquadrões contra as cerradas
Filas dos oppressores, dos escravos;
É elle que vos ha de abrir as portas,
Não com ferro, com ramos de oliveira,
D'esta cidade, da futura côrte
Do reino italiano, emfim de Roma.

Assim dizendo, a inspiração divina
Lhe irradiava do rosto, e resoava
A sua voz poderosa, como um echo
Dos arcanos de Deus.

Porêm que vejo
(E apontava o horizonte) ao longe, ao longe,
No fim da Europa, do oceano á beira?
O meu sangue se casa ao sangue illustre
Do portuguez monarcha. A minha divida
Pagas, ó filho meu, co'o mais querido,
Mais do teu coração, co'a propria filha.
Dois legados, álem do diadema,
Eu deixei: um ao solo do meu berço,
Á minha cara Italia; o outro á nobre
Terra de Portugal, em cujo seio
Me acolhi na desgraça, e em cujos braços,
Carpido e amado, me apartei do mundo.

O primeiro nos campos de batalha
Começaste a cumpril-o, expondo a vida
No mais rijo da lucta, e confiando
Á fortuna da guerra, á varia sorte
Os subditos fieis, a avíta c'roa.
Esse já perto o vejo do seu termo;
O segundo de todo eil-o cumprido.
Que prazer! Quanto góso n'este instante!
Italia, Portugal são minha patria
Uma e outro: escutou-me alegre aquella,
Apenas vim á luz; este escutou-me,
Compassivo, ao morrer, o extremo alento.
Que amizade, que ardor, que enthusiasmo
Não achei n'esse povo, cujos feitos
Lançam tanto fulgor no sol da historia,
Quando o fui procurar, quebrado e triste,
Após o dia da infeliz Novara!
Qual a seu conterraneo, me acolheram;
Cingiram-me de affecto e de carinhos;
Quinhoaram com animo brioso
A minha acerba dor; e, quando a morte
D'entre elles me roubou, com pranto e lucto
Inda a memoria unanimes honraram,
Nem que fôra seu rei, do pobre extranho,
Do monarcha vencido e desterrado.
De divida tamanha a maior parte
Pertence a ti, ó Porto, ínclita origem
Do nome portuguez, valente berço
Da santa liberdade lusitana.
Foi a ti que eu busquei entre as cidades
Do mundo para escudo contra os raios
Da fortuna cruel, a ti, de ha muito
Costumado a tomares o partido
Dos fracos, e que dentro de teus muros
Dom Pedro defendeste e os seus heroicos
Soldados, em tenaz e duro assedio,
Contra a hoste infinita dos tyrannos,
Crus algozes dos seus.

Ao claro neto
Do rei libertador da gente lusa
Juntar-te vaes, ó filha de meu filho.
Serás feliz; de paz e de alegria
Vida nova te espera n'esse throno
D'onde tantos monarchas venturosos
Dictaram n'outro tempo leis aos mares,
E d'onde agora nova luz começa
A scintillar, a dardejar esp'ranças.
Do esposo ao lado encontrarás a dita
Que pódes ter no mundo, e que merece
Teu coração affavel, virtuoso.
Os portuguezes te amarão, querida,
Qual se fôras sua mãe, pois da corôa

Só filhos querem ser, e não vassallos.
Como na terra nossa, liberdade
Entre elles verte o ar sereno e puro,
Egual ao nosso ar; o céu benigno
Prodigo chove flóres sobre o solo
E ditosa abundancia. Ah! quantas vezes,
Vendo-lhe o meigo azul e ouvindo a fala,
A maviosa fala portugueza,
Tu não dirás comtigo: eis minha Italia!
Outras vezes tambem far-te-hão saudades
Os teus, da tua infancia os bellos campos,
E a causa consagrada a que não podes
Presente ver o fim; mas, escutando
Como o desejam todos que te cercam,
Todo o teu povo amigo, e como sempre
E a cada passo de teu pae repete
E dos nossos heroes os grandes nomes,
Ainda pensarás: eis minha patria.
Depois, quando raiar o dia excelso,
Em que ha de esta cidade abrir as portas
A seus irmãos, e aqui no Capitolio
Arvorar a bandeira italiana
A mão da liberdade, ó minha filha,
Lá, no teu novo reino, o fausto annuncio
Saberás pelo brado fervoroso
De Portugal inteiro, o qual unísono
Dirá: Roma cedeu; a Italia é uma.

Assim acaba; mas ao longe os echos,
Pela mudez da noite retumbando,
Lentamente repetem nas ruínas
As palavras finaes: a Italia é uma.
Julgáreis nos seus tumulos de pedra
Os seculos já mortos levantarem-se
A confirmar o vaticinio augusto,
E que esses monumentos veneraveis
De tantas gerações se commoviam,
Só ao cuidarem no porvir que espera
A outr'ora soberana do universo,
A rediviva Roma.

Porêm breve
Tudo em silencio ca'e; ouve-se apenas,
Como gemer de queixa dolorosa,
Do Tibre o murmurío. O branco vulto
Inda lá está, immovel contemplando
A cidade dormida; emfim acorda
Do longo meditar, e, alçada a fronte,
Desce do Capitolio; mas seus passos
Não produzem rumor; pausado, lento,
Marcha ao clarão da lua, entre as ruínas,
Té se perder dos muros derrocados
Do vasto Colosseu na sombra enorme.

L'OMBRA DI CARLO ALBERTO IN CAMPIDOGLIO

VERSÃO DO DR. SOLON AMBROSÓLI

Greve impera la calma in sovra l'urbe
Che de' Cesari fu, oggi è di Cristo;
Sempre sovrana ambo le fiate e grande.
Trasvola per il chiaro firmamento
L' argentea luna, con i raggi suoi
Pallida illuminando que' superbi
Monumenti del genio e le ruine,
D'un popol che passò vestigia eterne:
San Pietro e il Vaticano, il Palatino,
Il Panteòne, il Foro e il Colosseo,
La Roma d'oggi e de l'età fuggite.
In mezzo scorre mormorando il Tebro,
Testimonio di tanta maestade
E di tante vicende; intorno è pace;
Tutto è silenzio; alta la notte incombe.

Ma là, su l'elevato Campidoglio,
Qual parvenza vegg'io? Deh come immota
Sta nel raggio lunar! Tu la diresti
Marmorea statua, da un artista insigne
Sculta ne l'ora che il rapisce un dio;
O gemebondo spetro che notturno
Vaga, membrando i dì che visse in terra.

È Cesare, il triumviro guerriero,
L' ambizïoso (ahimè) liberticida,
Sognante ancor l'imperial corona?
È Pompeo, suo rival, morto in esilio,
Che a lacrimar quì vien la sua sventura?
È Caton, che sacrifica la vita
Per non veder la libertade schiava?
È Mario? È Scipïon?...Nessuno d'essi.
Insazïabil sete di conquiste
Non l'animò giammai, solo il disìo
Di riunire in un possente regno
Un conculcato popòlo diviso;
Contro i fratelli, in lotta inglorïosa
La spada non brandì; stranieri solo
La vider corruscar, tremaron d'ella;
Vincitor, fu magnanimo e sublime;
Vinto, vinse sè stesso, e contro ai mali
Cercar non volle ne la morte usbergo;
Ne l'esilio morì, ma ei stesso il chiese
Per non veder la patria sanguinante
Sottesso il ferro de' tiranni infame.
Or chi gli è dunque? È de l' Italia il brando,
È Carlo Alberto, il glorïoso, ardito,
De l'itala unitade antesignano.

Oh! come grande e nobile s' aderge
Ne l'alto Campidoglio, contemplando
La regina de' secoli! Su l'ombra
De la città che fu medita assorto,
Ombra egli stesso di chi più non vive!

Ma non è triste il volto suo, lo leva
Confidente e seren; luce di speme
Gli folgora ne' rai, come a' bei giorni
Di Rìvoli e di Goito, allor che a lato
Vedea vittoria coronargli l'arme,
Ed arretrarsi l' Austria impaurita.
Con la destra comprime il cor nel petto,
Qual se vivesse ancor; sovra la spada
Posa la manca, e semischiusi ha i labri
Quasi volesse favellar. Lo sguardo
Volge a lungo d'intorno, e alfin prorompe:

O Roma, antica Roma, oh qual ventura
Ti serba l'avvenir! Sarai di novo
Poderosa e signora! Ecco già spunta
Il dì che sorgerai dal tuo letargo,
Dal sonno secolar! Su, ti risveglia,
Ti sveglia, capital d' Italia illustre,
E al tempo istesso capital di Cristo!
Posson viver congiunti e scetro e chiavi,
E congiunti vivran: quello le leggi
Ministrerà da la Sicilia a l' Alpe,
Queste a' popoli tutti invïeranno
De la fè de l' Uom-Dio miti precetti.

....

Son morto io forse? Il corpo, il corpo, è certo,
Al nulla ritornò; ma pur con voi
Restò lo spirto mio, d' Italia o figli.
Fu desso che infondea ne' vostri petti
Fiamma di libertà; che nell' esilio
De la patria gli apostoli reggea.
Esso fu che a Magenta, a Solferino,
E in tant' altre guidò vindici pugne
I liberi squadron contro lhe dense
De gli oppressor falangi e de gli schiavi;
È desso pur che v'aprirà le porte
De la futura capital d' Italia,
Di quest'inclita, eterna, unica Roma.

Così dicendo, un sovrumano spiro
Gl' irradïava il volto; e risonava
Poderosa sua voce, e quasi un'eco
De gli arcani di Dio.

.... Creduto avresti
Che ne' lor freddi tumuli di pietra
Si destassero i secoli già morti,

A confermare il vaticinio augusto;
E che que' venerandi monumenti
D'un tempo che passò, fremesser lieti
Solo pensando a l' avvenir serbato
De l'universo a la sovrana antica,
A Roma rediviva.

E tutto in breve
Nel silenzio ricade; or solo ascolti,
Come gemer di lagno doloroso
Del Tebro il mormorio. Quel bianco spetro
Immobil se ne sta, muto guatando
La cittade che dorme; alfin dal lungo
Meditar si ridesta, e, alzando il fronte,
Scende il colle fatal; ma i passi suoi
Rumor non dànno; ed ei posato, lento,
Fra le ruine a' rai lunari incede,
Sin che dilegua e perdesi lontano
Del vasto Colosseo ne l'ombra enorme.

O CAHIR DAS FOLHAS

(DE MILLERVOYE)

Do outomno o ríspido sopro
De folhas o chão cobriu;
O roixinol não gorgeia;
Seu manto o bosque despiu.
Enfermo, ja morto quasi,
Posto da vida na aurora,
Joven triste, a passo lento,
Inda uma vez divagava
No bosque amigo de outr'ora:
«Adeus, ó cara floresta;
No teu dó estou a ler
A minha sorte funesta:
Dentro em pouco hei de morrer.
Da sciencia a voz fatal
Meu termo cruel prediz:
Não tornarás estas folhas
A ver seccar, infeliz!
Cerca-te a noite do tumulo;
Mais que o outomno desmaiado,
Para elle a caminhar,
Tu, no mundo mal entrado,
Antes da relva do prado
Para sempre has de murchar.

«E morro!... Um gelido vento
Pela face me roçou;
Morro!... E a minha primavera
Como sombra se escoou!

«Cahe, ephemera folhagem;
Vem esta senda encobrir
A minha mãe; que não saiba
Onde o filho vae dormir.
Mas, se, ao fenecer da tarde,
Minha amante a soluçar
Na lameda, consternada,
O meu fim vier chorar,
Com teu leve som acorda,
Quebra o fundo somno meu;
Que a veja ainda na terra
Como um conforto do céu».

Assim disse; após instantes
Foi-se; e nunca mais voltou!
Do bosque a ultima folha
Seu dia extremo marcou!
Á sombra d'alto carvalho
O sepulcro lhe cavaram;
Mas as lagrimas da amante
Nunca a pedra lhe regaram!
Só ás vezes, quando, acaso,
O pastor alli passava,
Aquella mudez da morte
Com seus passos acordava.

LA CHUTE DES FUEILLES

De la dépouille de nos bois
L'automne avait jonché la terre;
Le bocage était sans mystère;
Le rossignol était sans voix.
Triste et mourant, à son aurore,
Un jeune malade, à pas lents,
Parcourait une fois encore
Le bois cher à ses premiers ans.
«Bois que j'aime! adieu! je succombe;
Votre deuil me prédit mon sort;
Et dans chaque fueille qui tombe
Je vois un présage de mort.
Fatal oracle d'Épidaure,
Tu m'as dit: les fueilles des bois
A tes yeux jauniront encore;
Mais c'est pour la dernière fois.
L'éternel cyprès t'environne;
Plus pâle que la pâle automne
Tu t'inclines vers le tombeau.
Ta jeunesse sera flétrie
Avant l'herbe de la prairie,
Avant les pampres du coteau.

«Et je meurs! De leur froide haleine
M'ont touché les sombres autans:
Et j'ai vu comme une ombre vaine
S'évanouir mon beau printemps!

«Tombe, tombe, fueille éphémère;
Voile aux yeux ce triste chemin;
Cache au désespoir de ma mère
La place où je serai demain.
Mais vers la solitaire allée,
Si mon amante échevelée
Venait pleurer, quand le jour fuit,
Éveille par ton léger bruit
Mon ombre un instant consolée».

Il dit; s'éloigne... et sans retour!...
La dernière fueille qui tombe
A signalé son dernier jour!
Sous le chêne on creusa sa tombe...
Mais son amante ne vint pas
Visiter la pierre isolée;
Et le pâtre de la vallée
Troubla seul du bruit de ses pas
Le silence dú mausolée.

QUADROS DE AMOR

Amo-te muito, muito! o que eu queria
Era viver comtigo, ó minha amada;
Era ter-te; era achar minha alegria,
Porque a vida sem ti não vale nada.

Não vale nada o céu que não me escuta;
O sol que não me aclara o coração;
A paz, o gôso, pois não finda a lucta;
O mundo, pois sem ti é solidão.

Soffro bem como o pobre prisioneiro
Sem luz, sem ar, em carcere medonho,
Desesp'rado do fim do captiveiro,
De entrar na vida que imagina um sonho.

Ah! tambem eu ás vezes imagino,
Quando mais me confranje o padecer,
Que não póde mudar o meu destino,
Que hei de ser infeliz até morrer.

Porêm não, que me esperam os teus braços
Com promessas de amor e f'licidade;
Porêm não, que já quebro os ferreos laços,
E antevejo o raiar da liberdade.

D'antes era meu peito solitario,
Cheio de pranto, de amargura e dó,
E meu pensar, qual crepe funerario,
Cobria o mundo aborrecido e só.

Por mim fazia idéia da existencia,
E triste supportava a minha sorte,
Só crendo terminar tanta inclemencia
Quando na campa me abraçasse á morte.

Mas agora que te amo e te conheço,
Agora que em teus olhos vejo a luz,
Que ha de alegre tornar quanto aborreço,
Que a existencia dos anjos me traduz,

Agora quero a vida, mas comtigo;
Quero sahir do carcere medonho;
Em delicias trocar este castigo;
Haver-te, ó cara, realisar meu sonho.

Como deve ser tão bello
De ti junto, minha amada,
Ver a vida transmudada
Toda animar-se e florir;
Ver dos céus a face pura,
Ver dos céus a claridade
Da tua alma na bondade,
Dos teus labios no sorrir.

Como deve ser tão bello
Depois da lida o descanso
No socegado remanso
Do nosso ninho de amor,
Como duas avesinhas
Entre os ramos acoitadas,
Pelo zephiro embaladas,
Que lhes traz do prado o olor.

D'alli veremos felizes
A virente primavera,
Que por nós contente espera,
De flores cobrir o chão,
E, invejando tuas graças,
Convidar-nos, minha bella,
Para da nossa janella
Dizermos se é linda ou não.

D'alli veremos o estio;
E, fugindo ás suas calmas,
Refrigerio nossas almas
Uma na outra hão de achar;
Alli teremos os fructos,
Fructos de amor saborosos,
Que todo o anno viçosos
Crescerão em nosso lar.

Depois, quando o outomno triste
Fizer cahir a folhagem,
Quando o vento em vez da aragem
Esfriar o ardor do sol,
Do nosso ninho a alegria
Não cahirá sobre a terra,
Não farão os ventos guerra,
Cantará o roixinol.

Emfim de nuvens toldado
Virá o frigido inverno;
Mas do amor o fogo eterno,
Do amor o vivo prazer,
Com seu clarão radiante,
Com seus sopros inflammados
Esses dias regelados
Ha de em calor converter.

Oh! que tamanha ventura
Assim felizes vivermos!
E, ainda quando soffrermos
Da desgraça o vendaval,
Como, repartindo as magoas,
Até tornaremos bellos,
Com cuidados e desvelos,
Os soffrimentos, o mal.

Mas este quadro é bem longe!
Vejo-o só por entre o pranto!
E assim mesmo prende tanto,
Respira tanto primor!
Que será quando os meus olhos
De si junto o contemplarem,
E estas lagrimas seccarem
Aos raios do teu amor!

Que será... mas que sou hoje?
Eis o fatal pensamento
Que me agrilhôa ao tormento
O rasgado coração!
Eis porque eu desejo a vida,
A vida, a vida a teu lado,
Como a luz o encarcerado
Em tenebrosa prisão.

ESBOÇO

Que arôma rescende a aragem
Quando passa em teus cabellos!
Como a luz scintilla e encanta,
Ao ferir teus olhos bellos!

Que para ser mais formosa
Mesmo a luz de ti precisa,
E nas tuas longas tranças
Bebe o seu perfume a brisa.

Corre suave o regato,
Mas da voz tua a doçura,
Quando sôa, inda lhe presta
Mais harmonia e brandura.

Mais doce que a do regato
E tua voz peregrina,
E, se elle quer egualar-te,
Pelos sons d'ella se afina.

Gabam da rosa a belleza,
A açucena, o amor perfeito;
Mas a formosura augmentam,
Andando sobre o teu peito;

Que não sei que sympathia
Tens, ó flor, co'as outras flores,
Que realças com teu brilho
O seu garbo, as suas cores.

O céu azul é brilhante,
Porêm tu, se os olhos fechas,
Nem que o céu cobrisse a treva,
Em treva a terra me deixas.

É que, quando o céu se tolda,
Tu, abrindo os olhos teus,
Me dás luz, e, quando os cerras,
Tambem me cerras os céus.

Que ha no mundo que supere
Da palmeira a gentileza?
Pois nada é junto a teu corpo
Tão gentil por natureza;

Que, se, quando tal disseram,
Acaso fosses nascida,
Comtigo o que ha mais airoso
Compararam, minha vida.

O teu aspecto sereno,
A tua graça delicada,
O teu collo de alabastro,
Tua bocca breve, engraçada,

Com que posso comparal-os?
Com tudo que bello houver;
E verão que a minha amada
Não é de certo mulher.

Da su' alma tão ingenua,
Toda pudor e recato,
Meiga, ardente, myst'riosa,
Como fazer o retrato?

Su' alma não se descreve;
Basta dizer que é ainda
Muito mais que estes primores
Muito mais perfeita e linda.

JOSÉ ESTEVAM

Calou-se a grande voz! Chora a tribuna
Seu facundo orador; um seu luzeiro
A liberdade; a Patria um nobre filho.
Hontem cheio de vida; hoje cadaver!
Hontem por entre nós passando ainda
Festejado de todos, para todos
Olhando franco e alegre, como esp'rança
De seus irmãos, do povo; hoje passando
Tambem por entre nós, porêm caminho
Do sepulcro, mas frio, inanimado!
Sem já nos ver, sem nos ouvir! perdido!

É possivel? perdido, e para sempre!
A tanta eloquencia a eloquencia
Do nada succedeu! Em vez d'applausos
De enthusiasmo, de gritos d'alegria,
A multidão, que sempre o acompanhava,
Ora o segue á morada derradeira,
A soluçar, em suffocado pranto.

Foi-se aquella palavra calorosa
Que levava após si, como torrente,
Todos os corações; aquelle brado
Contra a força e injustiça; foi-se o amparo
De tudo que era puro e generoso.

Nunca mais o ouviremos trovejando
Ferver de indignação, qual n'esse dia

Em que desaggravou da Patria a affronta,
Quando, vergonha da nação franceza,
A aguia, emblema do que é livre e augusto,
Veio, abutre, ultrajar um povo inerme,
Forte sómente em sua justa causa,
Que era a da humanidade, e á ferrea pena
De nossas leis roubar os mercadores
Do pobre negro, e de um commercio infame
Arrojo, inspiração, nobreza d'alma
Tudo n'elle brilhava n'esse dia
Que ninguem esqueceu. Julgaram todos
Ver Portugal erguer-se, altiva a fronte,
Não réu, porêm juiz, lançando em rosto
Ao vencedor o vencimento indigno.
Era a Patria a falar; era o protesto
De um povo inteiro; arrebatada a phrase,
Qual do seu peito o fogo, e tumultuosa
Dos labios lhe sahia; fulminava
Com os olhos; co'o braço distendido
Como que ameaçava; era sublime!

Calou-se a grande voz da liberdade;
Cahiu o braço que luctou por ella!
Tribuno popular dos homens livres,
Serviu-lhes de pharol de salvamento
Na furia da borrasca, e muitas vezes
Co'a palavra inspirada e poderosa
Sobrelevou da tyrannia os gritos.
Quando preciso foi, audaz e forte
No posto de mais risco o acharam sempre.
Ha pouco ainda não o viram todos
Erguer-se, protestar contra as idéias
Que os astutos apostolos do erro
Prégavam sem pudor, sob a apparencia,
Sob o nome da santa caridade?
E, aos golpes seus que o povo segundava,
O templo da traição tremeu na base;
E, intimidada abandonou, fugindo,
As nossas terras a lethal cohorte.

Ó praias do Mindello, ó Porto, ó dias
De provações, perigos e pelejas,
Dizei como elle combateu sem medo
Á frente d'esses jovens patriotas
Que trocaram os livros pelas armas
Quando a Patria o exigiu; como ante a morte
Nunca a face voltou, fiel soldado,
Só para conquistar a liberdade
Expondo a vida no verdor dos annos.

Pranteia, Portugal, perdeste um filho
Como has tido bem poucos. Prompto sempre
A te servir co'a voz, co'a penna e espada,

Quaes as mercês que te pediu? que titulos,
Que honras o acompanharam na existencia?
Não as que tu lhe déste, mas sómente
As que elevam o homem que na senda
Caminha da virtude e do direito;
Não os brazões e titulos rendosos
Que dispensa o poder, porêm seus dias
De gloria, mas seu nome que não morre.

Se pudésses tornar ao sol, á vida,
Ó claro cidadão tão cedo morto,
Se ao menos contemplasses por instantes
Como todos te seguem pesarosos
No momento fatal e derradeiro...
Se pudésses... porêm tu'alma vive,
E, ao mundo sup'rior, talvez agora
Da altura nos escuta e nos observa.
Se assim é, se de nós inda te lembras,
Abaixa a vista á nossa cara terra,
Hoje, sem ti, na magoa sepultada,
E as filas vê do prestito funereo.
Todos sem distincção ve'm tributar-te
Veneração, louvor, saudade, lagrimas.
Os amigos fieis choram o amigo,
E vão tristes, bem como se perdessem
Parte do coração, a luz brilhante
Que no meio da treva os conduzira;
Os contrarios acurvam a cabeça,
Aterrados, attonitos, confusos;
Os nobres reconhecem que ha nobrezas
Que valem mais que a sua; e o povo, o povo,
O teu irmão que sem cessar amaste,
E que sempre te amou, lamenta a perda
Do que a su'alma e idéias resumia,
Do seu grande orador, do seu tribuno.
A dor, a admiração uniu n'um corpo
Os que separa o odio, a intriga, a inveja;
Todos correram prestes, porfiosos,
Qual costumam correr, se um golpe d'estes
Faz gemer a nação, ou quando a espada
De invasor extrangeiro a Patria ameaça.

Vê tambem como a terra onde ganhaste
Mais palmas e ovações, como Lisbôa
Te destina uma estatua, um monumento,
E ao teu paiz natal, á tua Aveiro,
Disputa a honra de guardar-te os restos.
Vê tudo, e lá do empyreo, onde hoje moras,
Tu' alma folgará, não por vaidade,
Que nunca a houveste, e que nos céus não entra,
Mas por achares do teu povo o affecto,
Inda depois da morte, comprovado.
E, se alguma tristeza n'essa estancia

De jubilo e de amor vier turbar-te,
Será por não lograres nossa magoa
Consolar como outr'ora, e por a Patria
Não poderes servir, como servistes.

1852

SAUDADES DO ESTIO

Nunca tive de ti tanta saudade,
Meiga estação dos zephyros e flores;
Com ellas, ao teu bafo, em liberdade
Nasceu a casta flor dos meus amores.

Toda alegre, de gala te vestias;
Eu, triste o coração, triste o semblante,
Comparava commigo as louçanias
Do teu manto viçoso e verdejante,

Quando, lembro-me bem, fulgor mais vivo
Do que o teu sol ardente me fascina,
Me offusca a vista, leva-me captivo,
E da minh'alma as trevas illumina.

Que celeste visão! Paro enlevado,
Sem voz, e caio em meditar profundo,
Pallido, semivivo, anniquilado.
Jámais vira mulher assim no mundo!

Estava n'um jardim; por companheiras
Tinha as rosas cercando-a de perfume;
Em frente um lago; e n'elle as feiticeiras
Aves mais brancas do que alpino cume.

Só, pensando, n'um banco se sentava;
Quando me viu, talvez de mim com pena,
Dos seus olhos, que mudo eu contemplava
Dardejou a luz vívida e serena.

Sentei-me d'alli perto; após momentos
Levantou-se; eu ergui-me, acompanhei-a,
Occupado de varios pensamentos,
D'esp'rança e dúvida a minh'alma cheia.

Desde então existi só para ella,
Para a ver, para a amar, para adoral-a,
Para a seguir como fatal estrella,
Para sempre na lyra decantal-a.

Que saudades agora me não fazes,
Ó caro estio, ó quadra florescente;
E tu, bello jardim, quantas não trazes
Lembranças d'esse tempo á minha mente!

Mostra cada teu sitio uma memoria
D'esse amor que tu viste no começo;
Por isso venho em ti reler-lhe a historia,
E dizer-te o que espero e o que padeço.

Mas agora de flores e de folhas
Estás nu; já não tens risonho manto;
Com o inverno de graças te desfolhas,
E te embebes do ceu no farto pranto.

E co'as flores tambem a minha rosa,
A minha amada deu-te a despedida,
E se esconde, do inverno receiosa,
Sem nos dar alegria, luz e vida!

Ah! torne cedo a quadra da abundancia,
Do riso, da esperança, dos anhelos,
Trazendo a ti prazer, flores, fragrancia,
E a mim a minha virgem d'olhos bellos.

INVOCAÇÃO

Onde estás, onde estás, ó poesia,
Que ha tanto que não vejo,
Qual costumava, o teu olhar amigo?
Embalde por ti clamo.
Já não vens, como d'antes,
Dar desafogo a minhas doces queixas,
Que em namorados versos se espalhavam,
Ou, terna companheira,
De lagrimas banhada,
Quinhoar minha dor, dictar meus cantos.

Vem; d'onde habitas minha voz te chama;
E, se algum tempo mereci teus mimos,
Não desampares hoje
Quem d'elles mais que nunca hoje precisa.
Sinto, padeço muito, mas não posso
Quanto sinto exprimir, que tu me faltas.
Se ao menos um instante
Me fosse dado ver-te, e na passagem
Aspirar teu perfume,
A minha magoa sentiria allivio.

Sem ti a vida é areal deserto;
Comtigo é qual jardim farto de flores,
Em cujo aroma se embriaga o espirito,
E de continuo para o céu se eleva.

Só tu, ó poesia,
És minha mãe querida.
Como embala o filhinho a mãe piedosa,

Com tuas illusões tu me acalentas;
Se ella lhe dá seu leite,
Tu me dás a ambrosía e o divo nectar
Que a mente álem dos mundos arrebata.
Vela a seu lado, se elle está enfermo?
E, se eu enfermo estou, enfermo d'alma,
Não vens logo solicita
Velar tambem commigo?
Chora quando elle chora, e ao mesmo tempo
Forceja por sorrir-se,
Para que o pranto lhe disfarce e acalme?
Tambem tu, quando as magoas
O coração me apertam, de teus olhos
Vertes lagrimas puras,
Com que em meus versos minha dor escrevo,
Emquanto de teus labios,
Qual pharol de esperança, se desprende
Angelico sorriso.

Amo-te como irman. Nos teus encantos
Me revejo, que és tu a minha amada;
Espero-te ancioso; e, se tu faltas,
Fóra de mim, sem tino,
Tambem parece que me falta a vida.

E tu me desamparas!...
Oh! vem, vem distrair-me d'este mundo
As mingoadas horas; povoar-me
De um amor infinito
Est'alma solitaria; ou sobre as azas
Do quente imaginar subir-me em extasi
Ás regiões ignotas,
Onde costumas vaguear ás vezes,
Longe da esteril, van sociedade;
Que eu seguirei teus vôos,
Que eu nos teus braços viverei comtigo.

PRIMICIAS DE AMOR

Ah! como fui venturoso
N'aquelle tão breve instante,
Em que sôfrego, anhelante,
Na tua face mimosa
Pude os meus labios poisar,
E em que os teus, minha formosa,
Senti, repleto de gosto,
Ebrio de amor, o meu rosto
Levemente desflorar.

Na terra, no céu prazer
Existe como o que eu tive?
Não, que não no póde haver;
Nem nos céus assim se vive.

Nada ha que possa valer
De amor o beijo primeiro,
Quando sóbe todo inteiro
Aos labios o coração,
O coração que gemia,
A estalar de fogo e vida,
Sem achar uma sahida
Á sua voraz paixão,
Que já n'elle não cabia.

Rompeu emfim, e o perfume
Que em torno de nós lançou
De prazer e de fragrancia
Os ares em que vivemos
Meigamente enfeitiçou.
Assim em florída estancia,
Do sol ao vívido lume
O botão de rosa vemos
Alegre desabrochar,
De aromas enchendo o ar.

Respirar emfim podemos;
Viver agora já posso;
Transmudou-se o fado nosso;
Começa novo existir.
Não é assim, minha estrella?
A vida não te é mais bella?
Não te é mais bello o porvir?
Eu, por mim, outra existencia,
Desde esse feliz momento,
Dentro em minh'alma senti,
Que de outro modo te vi;
Pois ao limpido clarão
Que teus labios dardejaram,
Quando a face me roçaram,
Observei, mago portento!
Á sua luz teu coração.

Nem nas falas amorosas
Que tanta vez me disseste,
Nem nas juras suspirosas,
Nem no sorriso celeste,
Nem na tua acerba dor
Eu cri como agora creio
N'aquelle beijo de amor.

Adeus, dúvida e receio!
Adeus, para nunca mais!
Tenho bastante soffrido
Comvosco; e as chagas fataes
Com que fui tão offendido,
Se não fosse aquelle beijo,
Que para sempre as fechou,
Eram de certo mortaes.

Bem; cumpriu-se o meu desejo;
Nosso ajuste eil-o sellado;
Cada vez mais confirmado
Pelo tempo ha de ficar,
Que nada o póde quebrar.

Se alguma nuvem de leve
Perturbar nossa bonança,
Fugirá de nós em breve
D'aquelle instante á lembrança;
Fugirá quando dissermos:
O quê! pois já é possivel
Tão grata noite esquecermos?
Não, oh! nunca, fôra incrivel!
Recorda-te; puro e ledo
Era o céu; claras luziam
As estrellas que nos viam;
Tudo em roda estava quedo,
Quando nós nos encontrámos,
E um beijo á pressa, furtivo,
Ao perpassar mutuámos.
E tão suave momento,
De tão estreme ventura,
Em logar de o termos vivo
Gravado no pensamento,
Ha de d'est'arte esquecer?
Não, não póde acontecer.

E, assim dizendo, a tristeza
Sahirá de nossos peitos;
E veremos satisfeitos
Morrer a negra incerteza,
E amor ovante fulgir;
O qual cada vez mais verde,
Cada vez mais perfumado
Ficará; tal, abalado
Do vento, o lirio não perde
O cheiro que lhe foi dado,
Antes, mais o faz sentir.

A SETUBAL

Foi aqui que nasceste, ó Bocage;
Foi aqui, ó poeta do Sado,
Que o teu berço tiveste fadado,
De harmonia, de luz e de amor.

Assim busca nos ramos virentes,
No campestre silencio e repouso,
Fabricar o seu ninho mimoso
Das florestas o alado cantor.

E tamanhos enlevos deixaste,
Esta paz, este ar, esta vida,
Por correr á cidade mentida,
Onde a alma não póde scismar!
Foste grande; porêm, se ficasses
Rodeado de tantos primores,
A viver na soidão entre as flores,
Quem teu nome tentára egualar?

Lá morreste, no calix da gloria
Insoffrido a amargura bebendo,
Para a altiva cidade, esquecendo
Os teus ossos, de todo os perder;
Lá morreste infeliz, e bem longe
D'onde déste o primeiro vagido!
Melhor fôra que houvesses morrido
Onde o genio aspiraste ao nascer;

Porque ao menos seriam teus restos
N'este solo de fertil verdura,
Em que a terra co'o céu se mixtura,
Competindo com elle em primor;
E tiveras a vista, o perfume
De teus campos, o oceano fronteiro,
E os teus a apontar ao extrangeiro:
Eis o tum'lo do nosso cantor.

Ó Setubal, paiz deleitoso,
Ó ameno, aprazivel retiro,
Onde agora, passando, suspiro,
Para cedo partir-me d'aqui,
Estes dias que moro em teu seio
Nunca, nunca serão esquecidos;
Teus encantos na mente esculpidos
Me dirão que comtigo vivi.

Os teus plainos, teus valles, teus montes
(E que scenas da altura diviso!)
Vou deixar; arrancar-me é preciso
A logares de tanto prazer;
É preciso arrostar novamente
O mar bravo, joguete da sorte,
Sem saber qual meu fim, qual meu norte,
Nem se torno estes sitios a ver.

Adeus pois, ó Setubal formosa;
Fica em paz e recebe por voto
Este canto que eu, bardo devoto,
Quiz á patria do bardo entoar.

Assim ia o romeiro de outr'ora
Em procura da terra sagrada,
E, nas aras a offerta deixada,
Proseguia no seu caminhar.

1857

N'UM ALBUM

Que ambiciona o poeta,
Que procura o trovador
A que não cabe da gloria
O brilho fascinador?

Uns olhos que leiam ternos
Os cantos que elle escreveu,
Que lhe digam: crê na terra,
E lhe mostrem d'ella o céu;

Um coração com que parta
A sua dor e alegria,
Que sinta, como elle sente,
O fogo da poesia;

E, se não ha quem entenda
O seu dizer magoado,
Que o deixem viver ao menos
Com seus sonhos abraçado.

SÓ TU

Tu dizes que sem mim nada te agrada;
Que as festas, os passeios te aborrecem,
Ó minha cara amada;
Que as conversas de todos te entristecem;
Que as foges; que as evitas;
E, nos nossos amores meditando,
Passas, longe de mim, sempre penando,
As horas, a teus olhos infinitas.
E eu na tua ausencia
Como é que passo as horas,
Longas, longas, sem fim?
Porque é que fujo as portas do festim,
E as turbas folgadoras?
Porque é que da existencia
Rejeito as alegrias, e á tristeza
Só me abraço? por ti, minha belleza.

Nem nos livros do estudo
Eu acho agora encanto;
E em outro tempo os estimava tanto!
Com elles dias, noites me entretinha,
Pensando attento, mudo;
Mas transformou-se tudo
Desde que te encontrei, ó vida minha.

Perante as graças tuas vivo absorto;
Comtigo, e não co'os livros me entretenho;
Para a sciencia morto,
Em ti, em ti minha sciencia tenho.

Do teu singelo peito,
Fonte do amor mais casto,
A ler as niveas folhas satisfeito
Parte do tempo gasto;
Vejo claro o meu nome n'elle impresso,
Ao clarão do seu fogo, ao seu calor;
E por este conheço
Qual é o teu amor.

Até a minha lyra,
Que foi em outro tempo a minha amada,
Meu unico thesoiro,
N'outro tempo em que não te conhecia,
Como se se partira,
Agora jaz calada
Para cantar da gloria o verde loiro;
Para a gloria está fria.
Por ti sómente ella se anima e abrasa;
Soluça; pede; geme;
Ais e ternuras casa;
Espera; chora; freme.

Ah! se ambos padecemos
Assim um do outro ausente,
Esta ausencia e tristeza terminemos.
Um tecto nos abrigue unicamente.

Que eu veja quanto vires;
Que eu oiça quanto fales;
Que tudo que sentires
No peito meu o exhales;

Que seque o nosso choro
Ao fogo que em nós arde;
Que os bens, ó bem que adoro,
Nunca nos venham tarde;

Que a negra noite e o dia,
Os astros e as manhans
Nos achem na alegria
As almas, como irmans;

Que assim corram os annos,
Sem nós os presentirmos,
Livres de desenganos,
Sem mais a Deus pedirmos.

Porêm....baldados votos!
Ai! quando chegarão
Taes dias! quão remotos
De nós ainda estão!

O JUIZO DE PÁRIS

Do Ida sobre o cume,
De arvoredo frondoso á basta sombra,
Onde limpida fonte
Sonora ca'e, e a meditar convida,
Páris, o gentil filho
Do monarcha dardanio ha muito espera
As três deusas do Olympo mais formosas:
Juno, esposa de Jove,
Minerva, e a que nasceu do mar espumeo.
Por Jupiter mandado

O alípede Mercurio, o divo nuncio,
Ao troyano pastor ordem trouxera
Para alli decidir o grande pleito,
Que a Discordia raivosa
Entre essas divindades suscitára,
Quando, não sendo convidada ás bódas
De Thetis e Peleu, lançou na mesa
O disputado pômo,
Que trazia a legenda: á que é mais bella.

Assoma linda a aurora;
Fita a vista no céu, olha o mancebo
Como alastra do dia a mensageira
De rosas o oriente,
Por onde venha o sol dar luz ao mundo.
Mas eis que resplandor subito inunda
Ao longe o firmamento, e de três pontos
Como que três auroras ve'm crescendo.
Eil-as mais perto já; éil-as; são ellas,
As peregrinas deusas,
Que em meio de translúcidos fulgores
Ao Ida se dirigem,
Como a rivaes convem, por varias sendas.

Páris ao vêl-as treme,
E os olhos fecha, por tal brilho cegos.
Abre-os, emfim, que Jove lhes infunde
A tempera celeste
Por que possam soffrer tamanho incendio;
Abre-os, e vê-as que do vôo poisam
Do excelso monte no gramineo cume.

Verte o ar ambrosía,
E de effluvios divinos se embalsama.
Correr dissereis mais sonora a fonte,
Mais verdejar a relva,
E as flores desbrocharem
Que são de leve por seus pés tocadas.
Tudo preito lhes rende;
Tudo respira amor, e brota encantos.

Então ao rei do céu, que lança o raio,
O pastor escolhido
Em prece fervorosa se encommenda,
A qual ao throno ethereo
Sobe veloz, e Jupiter a acceita.
Respeitoso depois volve-se ás deusas,
E diz: oh! perdoae-me se me atrevo
A elevar até vós meus debeis olhos;
Sigo a ordem suprema
Do que governa o espaço, o mar, e a terra;
É força pois cumpril-a;
Porêm que não incorra em vossa ira,
Seja qual fôr a decisão, vos peço.

Juno responde: anima-te, mancebo,
Inveja dos mortaes, que os numes amam;
Ser juiz da belleza
A ti, bello entre os mais, de certo cabe.
Julga-nos, aguardâmos a sentença.
Como ella, as outras duas encarecem
Os encantos do joven,
E a escolha acertada, procurando
Todas co'os gestos e attractivos modos,
E com estes louvores captival-o.

Elle as vê e contempla;
Passeia d'uma á outra o olhar attonito,
Cogitando perplexo,
E, pasmado de vêl-as, fica mudo.
Como ha de decidir-se? a qual o premio?

Juno levanta a fronte de raínha;
Co'a vista impera, costumada ao mando;
Mas, volvendo-a, captiva
Todos, pois captivou o proprio Jupiter.
Pallas, de olhos azues, n'elles reflecte
O empyreo, e a alma sublimar parece;
Inspira o rosto seu sciencia e gloria.
Venus, Venus no olhar toda é brandura;
Ri-lhe o prazer nos labios;
E quando fala os corações penetra.
O cabello não prende,
Como as outras avara, mas nas costas,
Brancas de neve, o solta em ondas de oiro;
Não se rebuça em veste roçagante;
Servem-lhe de vestido as proprias graças,
Deixando ver as fórmas
Nuas, sem véu, como as não sonha a mente.
Só, como adorno, a cinge
A petrina que a amor tudo sujeita.

Assim pensa o mancebo, e já seus olhos
Não vagam de uma á outra duvidosos;
De Paphos e de Gnido vence a deusa,
E a ella o pomo da belleza entrega.

Recebe-o Cytheréa prazenteira,
E lhe diz: a teu lado estarei sempre,
Quando o risco o pedir; de Troya amiga,
Hei de pugnar constante
Por ella, quer na terra, quer no Olympo.
A ti dar-te-hei a taça
Do prazer, e a ventura nos amores.

Entanto Juno ao carro seu já sobe,
E Minerva a acompanha, porque ajuntam
A cólera e a vingança

Agora as que o ciume desunira.
Fulminam dos olhares,
E d'entre os labios o rancor, a ameaça.
Maldicto sejas tu, Saturnia exclama,
Seja Troya maldicta, e a raça impura,
Que nos seus campos vive.
D'ella e de ti vingar-nos saberemos:
Exemplo memorando
Que ha de assustar as gerações vindoiras.
E tu, Venus, remonta
Ao empyreo; alardeia a tua gloria.
Saberás quem mais póde,
Se tu, que és filha da salgada espuma,
Ou se eu, de Jove esposa,
Que hei parte no seu leito e no seu throno,
E a bellica Minerva,
De todas suas filhas a mais cara.
N'isto elevam-se ao ar, e desparecem.
O dardanio pastor ouve-a, estremece,
Por si e pela patria,
E no futuro meditando fica.

Venus Páris consola,
E contra ambas soccorro lhe assegura.
Deixa-o emfim na terra, e ao divo assento
Rapida se levanta
Por gosar do triumpho entre os mais deuses,
Onde Pallas e Juno já na mente
A vingança ideavam que devia
Por tantos annos flagellar os povos.

Entanto as divindades, congregadas
Do Olympo sobre o cume,
Tendo presenceado o grande pleito,
Com que os céus a Discordia perturbára,
E esperadas as deusas,
Para os seus aposentos se encaminham.

1856

CONTRASTE

Bellos sitios onde outr'ora
Vivi feliz e contente,
Que alegria e que tristeza
Ao ver-vos minh'alma sente!

E a mesma a natureza
Que estes campos adornava,
O mesmo céu que os cobria,
E de sol os esmaltava.

Eis a casa onde pequeno
Em outro tempo brinquei;
Nada mudou do que era;
Só eu do que era mudei.

Se ao menos fosse em ruínas,
Commigo se parecera,
E tão acerbo contraste
Com minha dor não fizera.

Porêm não! e o campo e as florês
E o sol e o céu com ella
Como d'antes inda existem;
Só é outra a minha estrella.

E ha quem viva, e folgue, e corra
Por aqui, como eu já fiz;
Quem sorria emquanto eu gemo,
Quem se appellide feliz!

Deixal-os ser venturosos;
Não provem os fados meus;
Mas do berço á sepultura
Sem martyrio os leve Deus.

Só me pésa ter memoria
Para tanto recordar,
Coração que tanto sinta,
Vida para tal penar,

E que as lagrimas que verto
Não me apaguem esta chamma,
Que, em vão por ellas regada,
Por ellas vive e se inflamma.

A MINHA RIQUEZA

Ó minha querida, que idéia tão falsa
Não forma de amor
Quem julga que o oiro sómente o realça,
E á fé, á virtude, á ternura, á constancia,
Que zombam da sorte, do tempo e distancia,
Não presta valor.

Amor é thesoiro; de pouco precisa;
De si se mantem:
Co'o bafo as desgraças, a magoa amenisa;
Co'a luz fere as trevas, espanca a tristeza;
Co'o fogo conforta a miseria, a pobreza,
E o mal torna em bem.

É rico, opulento quem, junto da esposa,
No seio do lar,
Gosando seus mimos, da vida se gosa,
Quem tem alma terna que á sua responda,
Uns braços amigos aonde se esconda,
Se possa abrigar.

É pobre o que nasce n'um berço doirado;
Quem rico se diz,
E só d'interesses se vê rodeado;
Quem, triste, não acha sinceros carinhos,
E sob os estôfos percebe os espinhos,
Ermando, infeliz.

Portanto, querida, riqueza nós temos,
Riqueza do céu:
Vivendo um do outro ditosos seremos.
Não troco por gloria, por farta opulencia
As graças, encantos, singela innocencia,
Que o Eterno te deu.

Serás o sorriso da minha alegria;
Meu iris de paz;
Meu ar; o meu sonho de noite e de dia;
A socia apiedada do meu soffrimento;
O porto onde fuja da dor e tormento
Da magoa roaz.

Eu sempre a tu' alma de affecto e cuidado,
De amor cingirei;
Na dita e desgraça ter-me-has a teu lado;
Verás quanto póde fazer quem te adora;
De tudo que tenho serás a senhora;
Teu servo eu serei.

E digam se existe riqueza no mundo
De tanto valor!
Se existe destino mais bello e jocundo!
Quaes são os thesoiros, quaes são as grandezas
Que valham duas almas unidas e presas
Por tão forte amor?

LAGRIMAS BEMDICTAS

Bemdicto seja esse pranto
Que o teu semblante inundou;
Foi dos céus balsamo santo,
Que o coração me acalmou,
Que te deu maior encanto.

Como, depois de regada
Pelo orvalho da manhan,
Fica a rosa nacarada
Mais viçosa, mais louçan,
Tal ficaste, ó minha amada.

Os teus olhos se animaram
De uma insólita doçura,
E as lagrimas que brotaram,
Nos teus labios, fonte pura,
Em palavras se tornaram,

Palavras estremecidas
Pela dor que te anciava,
Palavras, que, mal ouvidas,
Da pena que me matava
Sararam logo as feridas.

Quanto agora mais formoso
Não é tambem nosso amor!
Mostrou que era poderoso:
Fez chorar-te, e ao seu calor
Seccou-te o pranto, piedoso.

Que em tudo lhe pertencemos
Desde então bem se conhece:
Á lei sua obedecemos;
Morriamos, se morresse,
Pois sem elle não vivemos.

Assim é; mas outra prova
Em nós não venha fazer;
Não nos dê tristeza nova;
Conhecemos-lhe o poder;
Antes, o mal nos remova.

Que nos traga sempre dias
De ventura e de bonança.
Longe as idéias sombrias!
Cumpra-se a nossa esperança
No meio das alegrias.

E que nunca mais te veja
Magoada, ó minha amante,
Se queres que eu vivo seja;
Minha alma soffreu bastante,
E soffrer mais não deseja.

A GLORIA

A UM POETA DESTERRADO

(DE LAMARTINE)

Das musas, nobres, generosos filhos,
Por dois caminhos só podeis seguir;
Um leva á f'licidade, o outro á gloria;
Entre ambos é preciso decidir.

Filinto, á lei commum não te eximiste:
Da tua vida na aurora
Bebeste a longos tragos a poesia;
Tecer-te a gloria e a desventura viste
Os annos á porfia;
E pranteias agora!

Cora, antes; sim, cora de vergonha,
Por cubiçar ao vulgo o esteril ocio
Em que elle põe unicamente a mira;
Pode-lhe dar o céu os bens maiores;
Porêm é nossa a lyra.

Os seculos são teus; a tua patria
É o universo inteiro;
Depois de mortos erguem-nos altares;
E n'elles o futuro justiceiro
Manda que para immorredoiras honras
Desde já te prepares.

Assim a aguia altiva ao ar se arroja,
E, entre os raios e trovões librada,
Como que aos homens diz: nasci da terra,
Porêm tenho no céu minha morada.

Sim, a gloria te espera, mas detem-te,
E nota por que preço no seu templo
Se póde penetrar;
A desventura assenta-se-lhe á porta
Guardando o limiar.

Aqui é o ancião que a Jonia ingrata
Viu de mares em mares conduzindo
Seus males, cego, como paga ao genio
Um pão molhado em lagrimas pedindo.

Alem, de fatal chamma incendiado,
O Tasso nas algemas
Expia a gloria, e o desditoso amor,
E, quando perto a c'rôa do triumpho,
Sente da morte o horror.

Em toda a parte victimas, proscriptos,
Infelizes, meus olhos estão vendo,
Uns contra o fado adverso,
Outros contra verdugos combatendo,
Como se a Providencia reservasse
Para os que são melhores
As mais acerbas dores.

Portanto á lyra tua abafa as queixas;
É o infortunio da baixeza o escólho;
Mas tu que um throno deixas
Faze com que tu' alma alento cobre,
Cercada de desgraças,
E se revista de um orgulho nobre.

Que te importam a ti as ordens barbaras
Que te desterram d'onde houveste o sêr?
Que te importa o logar onde o destino
Te ha de um sepulcro glorioso erguer?

Não póde o exilio, nem os duros ferros
Que os tyrannos do Tejo te hão lançado
Encadear tua gloria
Á terra onde jazeres sepultado;
Já Lisboa a reclama, a reivindica;
Esta será a herança,
Que, em tu morrendo, á tua Patria fica.

Quantos o teu valor desconheceram
Hão de chorar o vate grandioso.
Athenas aos proscriptos abre as portas
Do Pantheon famoso;
Morre Coriolano,
E Roma o quer contar como romano.

Levanta as mãos ao céu antes que expire
O grande Ovidio; os olhos fecha, e entrega
Ao sármata grosseiro a cinza fria,
Mas aos romanos a sua gloria lega.

LA GLOIRE

À UN POËTE EXILÉ

Généreux favoris des filles de Mémoire,
Deux sentiers différents devant vous vont s'ouvrir:
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir.

Ton sort, ô Manoël, suivit la loi commune;
La muse t'enivra de précoces faveur;

Tes jours furent tissus de gloire e d'infortune;
Et tu verses des pleurs!

Rougis plutôt, rougis d'envier au vulgaire
Le stérile repos dont son cœur est jaloux:
Les dieux ont fait pour lui tous les biens de la terre;
Mais la lyre est à nous.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels,
Où le juste avenir prépare à ton génie
Des honneurs immortels.

Ainsi l'aigle superbe au séjour du tonnerre
S'élance, et, soutenant son vol audacieux,
Semble dire aux mortels: je suis né de la terre,
Mais je vis dans les cieux.

Oui, la gloire t'attend; mais arrête, et contemple
A quel prix on pénètre en ces parvis sacrés;
Vois: l'Infortune, assise à la porte du temple,
En garde les degrés.

Ici c'est un vieillard que l'ingrate Ionie
A vu de mers em mers promener ses malheurs;
Aveugle, il mendiait au prix de son génie
Un pain mouillé de pleurs.

Là le Tasse, brulé d'une flamme fatale,
Expiant dans les fers sa gloire et son amour,
Quand il va recueillir la palme triomphale,
Descend au noir séjour.

Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,
Luttant contre le sort ou contre les bourreaux:
On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes dè ta lyre:
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil;
Mais toi, roi détrôné, que ton malheur t'inspire
Un généreux orgueil!

Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare
T'enchaine loin des bords qui furent ton berceau?
Que t'importe en quels lieux le destin te prépare
Un glorieux tombeau?

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage,
N'enchaineront ta gloire aux bords où tu mourras:
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage
Que tu lui laisseras!

Ceux qui l'ont méconnu pleureront le grand homme:
Athène à des proscrits ouvre son Panthéon;

Coriolan expire, et les enfants de Rome
Revendiquent son nom.

Aux rivages des morts avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains:
Aux sarmates grossiers il a légué sa cendre,
Et sa gloire aux romains.

QUE LEMBRANÇAS!

Como entristece e apraz ao mesmo tempo
Lembrarmos os instantes passageiros
Da nossa f'licidade,
Quando nos resta apenas d'esse goso
O amargo da saudade!
Saudade que seria desespero,
Se não lhe désse alento
Pensar que lograremos algum dia
Durante muitos annos
O que só desfructámos um momento.

Sempre hei de ter presentes esses breves
Relampagos de amor e de ventura,
E os sitios onde juntos divagamos;
E tambem tu, querida,
Sempre has de recordal-os,
Que a elles ficou presa a nossa vida.
Teremos sempre, sempre na memoria,
Melhor, no coração, quantas falamos
Palavras de doçura;
E aquelles arvoredos,
Que, ouvindo-nos felizes conversando,
Com o murmurio das virentes folhas,
Por que os não escutassem,
Abafaram de amor castos segredos;
E toda aquella scena, e o céu e os campos,
E os trinados das aves,
Menos que a tua voz na melodia,
Muito menos suaves.

Ai! como iamos ambos enlevados
Um no outro, querendo sequiosos
Tantos mezes fartar de vãos desejos,
Tantos mezes eternos,
N'esses poucos instantes venturosos!
Cobrindo-nos co'as vistas inflammadas,
Suspensos os sentidos,
Nadando o coração n'um mar de jubilo,
A voz de amor tremendo,
Attentos os ouvidos!

Ai! como iamos ambos tão ditosos!
Umas vezes andando a passo lento,
Outras parando, por fugir aos raios
Do sol abrasador,
Antes, para alongar mais algum tempo
Este nosso passeio encantador.
Agora te assentavas
N'aquella bronca pedra,
Fingindo-te cansada;
Logo querias ver aquella fonte.
Como eu sentias sêde, ó minha amada;
Sêde, porêm de calorosos beijos,
Que já de ha muito aos labios acudiam,
Mas que não se atreviam
Dos labios a sahir;
Sêde, porêm de afagos e carinhos,
De apertados e sofregos abraços,
De um do outro nos braços
O peito ao peito unir.

....

Eram desejos só. Foi um momento!
Já perto estava a fonte,
E, desmaiado, o sol quasi tocava
As raias do horizonte.

Deixar-te era forçoso,
Deixar-te, meu amor e minha vida!
Ai! como eu ia a rastos, vagaroso
No instante da partida!

Ai! como foi tão rapida e tão bella
A nossa f'licidade!
Ai! como ora nos rasga tão pungente,
Feroz e duradoiro
O punhal da saudade!
E dentro d'alma ficará cravado
Até que venha o dia em que tornemos
A viver, como n'esse doce instante,
Porêm por toda a vida, ó minha amante.
Então será cumprido
Tudo que desejamos,
Viveremos então, que não vivemos,
Não, sómente penamos.

A MINHA POESIA

Não errei quando te disse
Que era só a poesia
A dama do meu pensar.

Se a tu' alma descobrisse
O que essa phrase envolvia,
Se o pudesse adivinhar!...

Vou-te mostrar como a pinto
Nos meus sonhos de loucura;
Que é bem justo o amor que sinto
Crerás ao ver a pintura.

Tem a pelle do seu rosto
Da minha cor predilecta,
De um moreno portuguez;
Cor de mil graças composto,
Cor amada do poeta,
Toda amor e languidez,

Cujo effluvio peregrino,
Cuja suave expressão
É para pincel divino;
Eu sinto-os no coração.

Nos olhos grandes, formosos
Como a noite quando finda,
Que recato! que fulgor!
Fossem elles piedosos,
E essa luz, de si tão linda,
Seria muito maior.

Todos os gostos derivam
D'esses seus olhos sem par;
Inspiram; de amor captivam;
Morte e vida podem dar.

Os cabellos, os cabellos
Compridos e assetinados,
A cor de seus olhos te'm.
Nunca vi outros tão bellos;
Ou soltos, ou penteados,
De qualquer modo estão bem.

Se lhes bate o sol, que lume
A flux não sabem verter!
A todas causam ciume;
Eu não me canso de os ver.

Em seus labios cor de rosa
Abre ás vezes um sorriso,
Que um céu me parece abrir;
Se desprende a voz maviosa,
Prende-me; tira-me o siso;
Esqueço-me para a ouvir.

E no sorriso e na fala
Toda su'alma transluz;
Como lirio odor exhala;
Como musica seduz.

Falta muito ao meu retrato;
Mal feito vae. Um conselho,
Ó formosa, te vou dar:
Podes vel-o mais exacto,
Se quizeres ao espelho
Por um momento chegar;

Que, pintando a poesia,
Eu comtigo a confundi,
Pois és tu minha harmonia,
Minha musa vive em ti.

Á QUESTÃO CHARLES ET GEORGE

Ide-vos, naus orgulhosas,
Mensageiras do tyranno,
Que do Sena, soberano,
Manda os povos insultar.
Ide; que elle vos espera;
Contae-lhe a vossa victoria.
É digna d'elle tal gloria;
Bem lh'a soubestes ganhar.

Como palma da façanha,
Levae a presa anciada;
Para escravos destinada,
Deve a escravos pertencer.
Talvez, ó França, teus filhos
Conduza ainda ao desterro,
Onde injusta mão de ferro
Manda teus filhos morrer.

Cedeu á força a fraqueza;
Á prepotencia a justiça;
O desint'resse á cubiça!
Não ha triumpho maior!
Que corôa para a fronte
Do que os livres calca e opprime,
Do que é protector do crime,
Do que é das leis oppressor!

Não ouves, França, bramindo,
Qual o mar encapellado,
Soar pavoroso brado?
É a voz de uma nação,
Que independencia respira,
Que da Patria o amor inflamma,
Que de covarde te infama,
Que te envia a maldição.

Escutando-a, a Europa inteira
Alevanta-se indignada,
Aperta o punho da espada,
E deixa o somno em que jaz.
De que povo és hoje amiga,
Depois que as leis violaste?
Contra todos te voltaste;
És a inimiga da paz.

A aguia já foi raínha
Quando da aurora ao poente
Nosso velho continente
Quasi todo avassallou.
Mas bateu a grande hora
Do castigo e da vingança,
Que a fronte baixaste, ó França,
Que a aguia altiva expirou.

Portugal e Hespanha os raios
Soltaram da tempestade.
Armou-nos a liberdade
Contra os escravos do algoz.
E tuas hostes derrotadas
Viste, e cahir a tua gloria
Do Bussaco na victoria
Nos muros de Badajoz.

Desde então se levantaram
Todos quantos opprimiras.
Não valeram tuas iras;
Foste vencida tambem.
Assim talvez dentro em breve
Da vingança chegue o dia,
E na aguia que azas cria
Os povos o golpe dêem.

Ah! pudésse o nosso grito,
Soando de terra em terra,
Contra ti chamar á guerra
Conjuradas as nações!
Que vale que cem naus tenhas,
E quinhentos mil soldados,
Se os teus pulsos aviltados
Roxeiam duros grilhões?

Gosa pois do teu triumpho!
A gloria não te invejamos!
Nós co'a justiça ficamos;
Tu ficas com teu poder.
Nossa causa Deus protege;
A tua protege-a a espada.
Pelo seu braço vingada
A nossa injuria ha de ser.

1858

LIDÉ

(DE ANDRÉ CHENIER)

Meu rosto pelo sol está queimado;
Vertem sangue meus pés, que o dia inteiro
Te andei buscando sobre as bravas urzes
Pelo fundo do val. Longes balidos
Aqui, alem meus passos incitaram.
Corri; não te encontrei. De mim fugias;
Eram outros pastores. Onde achar-te,
Ó dos humanos o mais bello? dize-me
Em que logar o teu rebanho pasces.

Joven, porque ante mim te cora a fronte?
Vês minha face pallida? É sómente
Por ti, por tua graça tão honesta,
Por teu virgem semblante. Vem; teus brincos

Deixa-os; ha outros mais. Vem; que eu te diga
Como o meu coração teu meigo rosto
Nunca pôde esquecer. E que perfume
De deleite respira o teu semblante!
E que olhares de timida donzella!
E que peito de neve occulto aos olhos
Pela atrevida veste, que parece
Dizer: ainda não conheço amores!
Sabel-o vem: eu t'o direi; entrega-me
Tu' alma tenra e casta; meus dictames,
Menos timidos que ella, hão de ensinar-lhe
A delirar e a suspirar commigo.
Vem; quero ver-te sem temor, olhar-te
As faces infantis no rubor tintas,
Mas só dos beijos meus, só do seu fogo.

Se de manhan um dia tu viesses
No meu seio encostar gracioso a fronte,
Como eu veria teu dormir! meu halito,
Para não te acordar, como nos labios
O sustivera, respirando a medo;
Com que cuidado de teu bello rosto
Com meu manto de linho apartaria
Os vis insectos e a ciosa abelha!

....

1852

LIDÉ

Mon visage est flétri des regards du soleil;
Mon pied blanc sous la ronce est devenu vermeil;
J'ai suivi tout le jour le fond de la vallée;
Des bêlements lointains partout m'ont appelé.
J'ai couru; tu fuyais sans doute loin de moi;
C'etaient d'autres pasteurs. Où te chercher, ó toi
Le plus beau des humains? Dis-moi, fais-moi connaitre
Où sont donc tes trompeaux, où tu les mènes paitre.

Ó jeune adolescent! tu rougis devant moi;
Vois mes traits sans couleur, ils palissent pour toi:
C'est ton front virginal, ta grace, ta décence.
Viens. Il est d'autres jeux que les jeux de l'enfance.
Ó jeune adolescent, viens savoir que mon cœur
N'a pû de ton visage oublier la douceur.
Bel enfant sur ton front la volupté réside;
Ton regard est celui d'une vierge timide;
Ton sein blanc que ta robe ose cacher au jour
Semble encore ignorer qu'on soupire d'amour.

Viens le savoir de moi. Viens; je veux te l'apprendre;
Viens remettre en mes mains ton âme vierge et tendre,
Afin que mes leçons moins timides que toi
Te fassent soupirer et languir comme moi;
Et qu'enfin rassurée cette joue enfantine
Doive a mes seuls baisers cette rougeur divine.

Ô je vondrais qu'ici tu vinses un matin
Reposer mollement ta tête sur mon sein.
Je te verrais dormir, retenant mon haleine,
De peur de t'éveiller ne respirant qu'à peine.
Mon écharpe de lin que je ferais flotter
Loin de ton beau visage aurait soin d'écarter
Les insectes volans et la jalouse abeille.
....

QUEM SOU EU

Quem sou eu? sou quem te adora,
Quem vive para te amar;
Quem por ti a toda a hora
Geme afflicto, anceia e chora
Sem cessar.

Sem cessar meu pensamento
Revôa em torno de ti;
É meu unico sustento
Sonhar-te a cada momento
Qual te vi;

Qual te vi n'aquelle dia,
Em que est' alma, sem saber
Que inda no mundo existia,
Sentiu de amor por magia
Outro sêr;

Outro sêr em meio posto
Do meu passado e porvir
Dizer-me: acabe o desgosto;
Vida, amor, e luz e gosto
Vão sorrir;

Vão sorrir! e eu vejo apenas
Crescer, crescer minha dor!
Porque, ó anjo, me condemnas?
Ah! tem dó das minhas penas,
D'este amor.

ANCEIO E DOR

Se eu pudesse cumprir o meu desejo
Agora, n'este instante,
O minha terna, suspirada amante;
Se fosse de ti junto, e, qual te vejo
De tamanha distancia,
Pudesse ver-te ao perto,
E aspirar-te a fragrancia,
Não vivera de certo
Desconsolado e triste, como vivo
Desde que ao teu poder estou captivo.

Talvez que tu não creias
Como ausente de ti as horas passo;
Que de extranhas idéias,
Que de projectos faço!
Como julgo possivel o impossivel;
Presente já o que só é futuro;
Como acordo dos sonhos; e, impassivel,
Acho ante mim o meu destino duro!

Ás vezes vou andando,
E contente imagino
Que me acompanhas; louco desatino!
Que te oiço e vamos ambos conversando;
Que mil coisas suaves te pergunto
Do tempo de hoje (aos olhos meus passado
N'essas horas de enlevo sobrehumano);
Que, álem de amor, não temos outro assumpto.
Mas sósinho me encontro de repente!
O meu desejo tinha-me enganado;
Veio desenganar-me o fado insano,
O meu fado inclemente.
Não nos uniu ainda a mão do Eterno;
Ainda a mão do mundo nos separa;
Depois do céu o inferno;
O que é réal depois do que sonhára.

Outras vezes tambem commigo falo:
Mais não posso esperar; a impaciencia
Me afflige, me consome;
Em breve quanto anceio hei de alcançal-o:
Hei de á tua juntar minha existencia,
Dar-te, ó bella, d'esposa o doce nome;
Corre, corre a meus braços, vem tomal-o.
Já és minha, cumpridos
Estão os meus anhelos fervorosos;
Por tantos dias pela dor pungidos
Posso agora viver dias ditosos.
És minha; não me deixas
Nunca mais; acabaram-se os lamentos;
Acabaram-se as queixas!
Vem para de mim perto; conversemos
De amor e de alegria;
Tristonhos pensamentos,
Ciumes e suspeitas não lembremos,
Nuvens pequenas na manhan formosa
D'este formoso dia.
Tu és minha; eu sou teu; de amor gosemos.

Assim deliro; mas a sorte irosa
O meu delirio finda
Co'a ferrea voz que dentro d'alma trôa
Dizendo-me, cruel: é cedo ainda!
Minha mão te agrilhôa;

Espera; não supponhas enganar-me;
Sempre para teu mal has de encontrar-me.

Vê como penso em ti, ó minha amada;
Como o impio destino me persegue;
Como sonha a minh' alma, e é despertada,
Ao teu amor, á sanha d'elle entregue.

No ermo, na cidade,
Á sombra dos frondosos arvoredos,
Junto das frescas aguas,
Da minha desventura e f'licidade
Eu murmuro os segredos,
E choro as longas magoas.
Invejo o campo e a solidão quieta
Para viver comtigo
Vida amena e secreta
Longe do mundo perfido, inimigo.
Invejo as aguas para ver teu rosto,
Como em limpido espelho,
Já pallido de amor, e já vermelho,
Do meu hombro fazendo molle encosto.
As arvores invejo para ás calmas
Nos esquivarmos do verão sequioso,
Para ouvir nossas almas
Nos ramos seus o roixinol mavioso.
Invejo a boa sorte
Dos que deparo acaso já unidos
Áquellas por que tanto suspiraram,
Dos que, perto da morte,
Já de annos opprimidos,
Sempre muito se amaram.
Invejo, invejo todos a que o fado
Concedeu a ventura,
Que, mau, não me concede,
E, injusto, creio ás vezes que tortura
A mim, emquanto aos outros logo cede.

Ah! chegue o fausto dia
Em que eu possa dizer realisado,
Minha unica alegria,
Tudo por que deliro,
Tudo por que padeço;
E então verás que só por ti suspiro,
Que o teu amor mereço.

AO PINTOR PORTUGUEZ ANNUNCIAÇÃO

Quem te dá, ó pintor, as magas tintas
Com que fazes brotar da nua tela,
Quando inspirado, enthusiasta, pintas
As graças mil da natureza bella?

Quem te dá, ó pintor, a poesia
Que veste os quadros teus de luz brilhante,
Bem como veste o céu e a terra o dia
Ao dissipar a noite negrejante?

Quem essa paz e solidão tranquilla,
Que nos induz a placido repouso,
E sobre nosso coração distilla
Celeste orvalho, deleitavel goso?

Quem essa vaga, pallida tristeza,
Que lhes realça o natural encanto,
Como realça os olhos da belleza
Humido véu de enternecido pranto?

Quem? a tu'alma só, branda, sensivel,
Onde tudo que vês se grava e apura,
Para do teu pincel brotar visivel
Tornado em sentimento e formosura.

Por isso tu vagueias solitario
Pelos campos ás vezes esquecido,
N'um existir abstracto, imaginario,
Nas feituras de Deus todo embebido,

Ou no rumor do mundo conversando
Com a tua alma sem cuidar da gente,
Em seu limpido espelho contemplando
Quanto ella contemplou, quanto ella sente.

Por isso, emquanto a multidão se parte
Após dos vãos prazeres seductores,
Tu vives pela arte e para a arte,
Só com os quadros teus, os teus amores.

Ahi tens o teu mundo, esse a que déste
A vida co'os pinceis e intelligencia,
Que te sahiu de ti, em que puzeste
Uma porção querida da existencia.

Extensissimas, placidas campinas,
Onde o gado descansa sobre o verde;
Fundos valles; ribeiras crystallinas,
Em cujo seguimento o olhar se perde;

Arvores sobre as aguas debruçadas
Ensombrando-as de tétrico mysterio;
Phantasticas, erguidas cumiadas;
Brancas nuvens; o azul do espaço aereo;

A veia que mal cobre a curta relva;
O corrego que passa; as frescas fontes;
O tronco só; a emmaranhada selva;
Os longes, vaporosos horizontes;

O fim da tarde; o astro que irradia;
O camponez que do trabalho volta,
E, depois de lidar inteiro o dia,
O cansado animal do jugo solta;

As poentas ovelhas que se apressam
Para o curral, seguidas dos pastores;
Os clarões da manhan que a vir começam,
E que esperam na praia os pescadores;

O corcel que no prado sôlto pasta;
O paciente boi que o trigo pisa,
Ou o curvo ferro pelo chão arrasta,
Que arado já em parte se divisa;

Mulher triste na borda do oceano
Meditando na sua immensidade,
Impresso no semblante o rasto insano
Que profundam os choros da saudade;

As innocentes e campestres scenas,
E quanta poesia o campo encerra;
Alegrias; amores; brincos; penas;
As bellezas do céu, do mar, da terra;

Tudo em frente ahi tens, tudo creado
Pelo condão do teu pincel fecundo
A quem mimoseou tão amplo o fado
Não são precisas distracções do mundo.

Ahi vives e gosas; ahi falas
Com tuas producções, com teu thesoiro;
Porêm o amor das artes vem roubal-as,
E engrinaldar-te de mais farto loiro.

Como então, ao perder os socios d'alma,
Entristecido e pesaroso ficas!
Da c'rôa de triumpho cada palma
De condoídas lagrimas salpicas.

Mas tornas ao trabalho; surgem, brotam,
Sob o pincel de novo mil prodigios.
Só já não és; as lagrimas se esgotam,
Ou n'outro quadro deixam os vestigios,

Que o poeta co'o pranto que derrama
É que retrata a dor e o sentimento.
Para dar luz aos mais arde e se inflamma,
Qual ignea tocha que sacode o vento.

Assim passas a vida. Que te importa
Se merecido culto não te rendem?
O coração com animo o supporta;
Outras aspirações teu brio accendem.

Trabalhas para os homens do futuro,
E para aquelles poucos venturosos,
Que, longe, como tu, do mundo escuro,
Vêem co'os olhos d'alma luminosos;

Para aquelles que sentem, como eu sinto,
Dentro de si ferver a poesia,
Que leve e mal esboço, que não pinto
Senão em froixa, díssona harmonia;

Para os que sobre a tela reproduzem
O escandecido imaginar do artista,
Ou os grandes astros que na esphera luzem
Podem ao menos rastrear co'a vista;

E para as almas candidas e ardentes,
Que, sem penna ou pincel, em si conservam,
Quaes vasos d'alabastro transparentes,
A pureza do céu que ao céu reservam.

São todos estes que de verdes loiros
A c'rôa te compoem, c'rôa de gloria,
Que hão de altear os seculos vindoiros,
E te cantam os hymnos da victoria.

Mas porque a fronte para a terra inclinas?
Basta; ia-me esquecendo que a mais rara
D'entre as tuas virtudes peregrinas
É a modestia, que as aviva e aclara.

1864—Out.

ZELO AMOROSO

Trata bem d'esses cabellos
Que valem mais do que o oiro,
Trata-os bem, porque uma parte
São de ti, do meu thesoiro.

Deixa a moda caprichosa;
Não os apertes de mais;
Não precisam de artificio;
Te'm as graças naturaes.

Por isso mais gosto d'elles,
E lhes acho mais encanto,
Quando, sôltos, os teus hombros
Envolvem n'um denso manto.

Não queiras quem t'os penteie;
Podem-t'os, bella, estragar;
De marfim com liso pente
Dével-os tu pentear;

Ou manda que eu d'elles cuide,
E por milagre de amor
Farei obra tão perfeita
Qual nunca viu toucador.

Nenhum galardão pretendo;
Por bem pago me darei
Só com ser por ti mandado,
E feliz me julgarei.

Mas perdoa-me, se vendo
Minha obra, me envaidecer,
E mil freneticos beijos
Sobre os teus cabellos der.

FRIEZA

Amas-me como eu te amo? como penso
Em ti a todo o instante,
Pensas em mim tambem, ó minha amada?
De dia em cada objecto
A minha imagem vês, qual eu te vejo
Formosa e feiticeira,
Mais semelhando apparição celeste
(Tanto brilho dardejas)
Do que terrena, humana creatura?
Quando á noite, povôo
O teu dormir de sonhos de esperança,
De quadros venturosos,
Bem como o somno meu povôas sempre?
Ouves nos teus ouvidos
Sem cessar minha voz falar-te amores,
Dizer-te delirante
Que és o meu existir, que és o meu tudo,
Que te amo, que te adoro,
Como eu oiço tua voz, não, arrojando
D'alma o fogoso incendio,
Queixar-se, protestar, jurar, sorrir-se,
Que tu não tens sorrisos,
Nem juras, nem protestos, nem queixumes,
Mas ainda assim mesmo
Para mim grata, angelica, divina?

Ai! como bella estatua,
És surda aos rogos meus, surda a meu pranto;
Não podes entender-me,
Nem dar valor á chamma em que me abraso!
És fria, és insensivel!
Se possues coração, por mim não bate.
Calculadas palavras,
Inda assim poucas, riso constrangido,
Indiff'rentes olhares
São do amor que me tens fiel retrato.
Dize-me é tal quem ama?
Eu que te amo outro sou; commigo aprende.
Mas amor não se ensina;
Nasce no peito, como nasce a planta
Nos campos, sem cultivo,
Do sol ao vivo influxo; cresce, inflóra-se,
Ou humido de lagrimas,
Ou pelo fogo abrasador queimado;
Ferve com mil desejos,
Alegre se illumina de esperanças,
Suspira, geme, anceia,
N'uma palavra, n'um só gesto apenas
Mostrando claramente
O que espera, o que teme, o que deseja.

Se d'este modo fosses,
Que f'licidade não seria a minha!
O voraz desespêro
Fugira ante a alegria espavorido;
Tornaram-se meus dias,
Hoje de negra sombra povoados,
Dias de luz, de gloria,
E por senda de flores me leváras
A uma nova existencia!

Em logar d'esse mundo de delicias,
Que distante imagino,
Vê como pagas meu amor tamanho!
Tanto rigor mereço?
Não basta inda soffrer o que hei soffrido?
Não sentirás piedade?
Do que o odio é peor a indifferença;
Aborrece-me, odeia-me,
Mas com tanta frieza não me trates.

Pela dor quasi louco,
Quantas vezes não tenho amaldiçoado
Esse dia primeiro
Em que puz nos teus olhos os meus olhos;
Depois, depois bemdigo-o,
Arrependo-me, e penso: ah! quanto a amo!
Eu sou d'ella; preciso
Vêl-a para existir; o mais é morte.
E assim é; de ti pende
Inteiro o meu presente, a minha vida;
Uma tua palavra,
Um teu suave olhar, um teu sorriso,
São a minha ventura.

UMA NOITE

Era um dia formoso, como este
Em que a terra co'o céu anda á porfia,
A ver qual de mais graças se reveste.

Já por detrás dos montes se escondia
O sol, e já da sombra o manto grave
O firmamento quasi que envolvia.

Era a hora em que mais gorgeia a ave,
Em que mais vivo aroma a flor exhala,
E o arroio murmura mais suave,

Hora que o coração e a mente abala,
Quando elle adeus dizia a esta vida,
Perto de pela eterna abandonal-a.

Pobre amigo! e a extrema despedida
Não lh'a pude eu ouvir, que não julgava,
Nem ninguem, estar junto da partida.

Com os irmãos á parte eu conversava;
Era a pratica o seu padecimento;
E a esperança entre nós se levantava,

Porque raiara algum contentamento
Durante aquelle dia em seu semblante,
Depois de noite de cruel tormento,

E adormecera; porêm n'esse instante
Abafado gemido nos desperta,
Como de homem que jaz agonisante.

Corremos; do seu quarto estava aberta
A porta; a cama a um canto mal se via
Do crepusculo triste á luz incerta.

Ernesto, Ernesto chamo; mudez fria
Só responde; adeanto-me tremendo;
Subito horror as carnes me arrepia.

Ernesto, Ernesto em ancia vou dizendo;
Fundo silencio; chego, pelo leito
Cheio de medo minhas mãos estendo,

E as suas geladas sobre o peito
Palpo; recúo; delirando grito:
É morto, é morto, em lagrimas desfeito.

Irmãos e amigos choram; precipito
Os passos; trazem luz, e consternado
Repete a minha voz o grupo afflicto.

Sim, morto era, mudo, inanimado;
Mas parecia ainda estar dormindo,
Tanto o seu fim chegara socegado.

O rosto seu julgáreil-o sorrindo,
Como se n'algum sonho de ventura
Jazesse quando a morte tinha vindo.

D'este quadro de funebre amargura
Me despertou um choro dolorido
Com mil ais e soluços de mixtura.

Dos irmãos era o choro não contido,
Que, de joelhos, ante o irmão jaziam,
Insana a mente, e o coração partido.

Ah! miseros! ah! quanto não soffriam!
Té que d'alli os fomos apartando
A força, que expirar alli queriam.

*

Que noite aquella que eu passei velando
A par do corpo seu! que noite aquella!
Lembra-me, que presente a estou julgando.

Eu vivo junto á morte! alli a vêl-a
No rosto que ha bem pouco me falava!
Eu só, eu vivo, junto d'elle e d'ella!

E a profunda mudez que me cercava,
E o relogio que, ainda á cabeceira,
As horas para elle em vão marcava!

Tudo que não esqueço, embora o queira:
As velas, o altar, e n'este alçada
Do Redemptor a imagem verdadeira.

Oh! como cada hora foi contada,
E cada instante, sem que accelerasse
O tempo em nada a marcha compassada!

Como eu anciava que a manhan chegasse,
E dizia: para elle foi-se tudo,
Contemplando do amigo a medo a face!

Já nada mais deseja; é frio; é mudo;
Seu coração não bate; o horror, o espanto
Não sente, já da morte sob o escudo.

E n'isto aos olhos me subia o pranto,
E, deixando entre as mãos cahir o rosto,
Envolvia-me a alma escuro manto,

Até que o pensamento descomposto
Me vinha despertar um outro amigo
Tambem ao corpo seu de vela posto.

Era o seu cão que estava alli commigo,
E fôra ao pé do seu senhor postar-se
Pagando-lhe ter sido o seu abrigo.

Que animal ha que possa comparar-se
A ti, do homem guarda e companheiro,
Que o amor não vês na morte anniquilar-se?

Como, alerta, elle corre o quarto inteiro
Com os olhos, e ladra, quando sente
Algum ruído, ainda que ligeiro!

Assim se foi a noite longamente
Arrastando, cada hora transformada
Em um seculo, até que o som cadente

Ouvi das aves, que a manhan mal nada
Chamavam, a cantar da rosea aurora
A vinda de esperanças bafejada.

Tudo lhe ouvia a voz animadora;
Só elle, frio, morto, não na ouvia,
Porque a alma do corpo andava fóra.

Eis-me aqui, aos mortaes a luz dizia;
Mas elle sem a ver, amortalhado,
Nunca mais os seus olhos abriria!

Para a vida era um dia começado
Com suas dores, e prazer e lidas;
E elle em breve á cova era levado!

Morreram tantas illusões floridas,
Tanta sciencia, tanta mocidade,
Ó pobre amigo, em nada convertidas.

Quando tu' alma via a f'licidade
Mais perto, e já te estava preparando
O premio do saber a sociedade,

O espirito sentiste abandonando
A materia, na qual te parecias
Ao barro d'este mundo miserando,

A que adeus para sempre tu dizias,
Pesaroso, tão joven, de deixar-nos,
E os irmãos com que a alma repartias.

Que ha agora que possa consolar-nos,
A todos nós que o estimamos tanto,
A não ser pelo céu abandonar-nos;

E estar no asylo sempiterno e santo,
Onde jámais o gôso se termina,
Onde trevas não ha, nem dor, nem pranto,
Porque a face de Deus tudo illumina?

SEGREDOS DE AMOR

Quando a sós enlevados falamos
Baixas falas de terna expressão,
Quando um do outro no peito vasamos
Alma, vida, pensar, coração,

Ai! tambem, minha amada, suppomos,
Apesar da fortuna, do espaço,
Que um ao lado do outro já somos,
Que nos prende dulcissimo abraço.

Quanto podem do amor os desejos!
São desejos, mais nada, inda mal!
Só o espirito solta os adejos;
Faz milagres; é livre, immortal.

Para o corpo a distancia mais leve,
Qual oceano, do que ama o separa;
Muito anceia; porêm não se atreve;
Quer voar; mas conhece-se e pára.

Se pudessemos ambos unidos,
Qual ás vezes sonhamos, viver,
E trocar nossos longos gemidos
Em carinhos, e paz e prazer!...

Como então muitas coisas diriam
Nossos labios que nunca disseram,
Que de longe dizer não sabiam,
Ou que nunca a dizer se atreveram;

Muitas coisas de tanto segredo,
De tamanha doçura e meiguice,
Que jámais se exprimiram, com medo
De que o ar indiscreto as ouvisse.

São palavras que só se proferem
Com as mãos mutuamente enlaçadas,
Quando os olhos aos olhos desferem
Mil faíscas d'amor abrasadas;

Quando o peito suspira offegante
Junto ao peito que emfim alcançou,
Quando o mundo se esquece inconstante,
E o tormento e incerteza acabou;

São palavras que os anjos formaram
No seu jubilo eterno, ante Deus,
E que ao homem provar outorgaram
Para ter o antegosto dos céus.

Ai! que vida! que vida! estas falas
Se eu pudesse hoje, agora escutar...
Sem proveito em suspiros te exhalas,
Ó minh'alma; é teu fado esperar!

Esperar! Mas um dia (bem cedo
Venha elle, formoso e feliz)
Nós diremos de perto, e sem medo
O que a furto, de longe se diz;

E estas horas e longos tormentos
De desejos, de anceio e de dor
Pagaremos com beijos aos centos,
Minha vida, meu bem, meu amor.

ACORDA

Acorda; abre teus olhos á luz pura,
Que já desponta alegre a madrugada;
Chama-te desejosa a natureza;
Acorda, minha amada.

Vem ver como no céu, tingido o oriente
Do matutino alvor, incerto ainda,
Rasga a manhan de manso o véu á noite,
De assustada mais linda.

Da singeleza emblema feiticeiro,
N'ella te verás toda retratada.
Assim és tu, e assim do leito surges
Tambem, ó minha amada.

Quando, após o esperar, alfim te vejo
Chegar, mal te levantas, á janella,
Pallida a face, a trança em desalinho,
Não és assim, ó bella?

E não coras depois, como ella cora,
Pelas rosas da aurora engrinaldada?
Mas é em ti o pejo a rosa unica,
O minha casta amada.

Rodeia e beija a flor da noite humida
O zephyro travesso, e á vida a chama;
Brando arroio de luz, descendo os montes,
Nos campos se derrama;

Da selva acorda o canto harmonioso;
Os passaros gorgeiam; despertada,
A terra se alvoroça; tu sómente
Repoisas, minha amada.

Porque não dás que eu no sorriso angelico
De teus purpureos labios entreveja
O dia que a minh'alma n'este mundo
Mais que o dia deseja?

Em vão, em vão te chamo! não me escutas!
Dorme, dorme o teu somno socegada;
Mas em sonhos de amor sonha commigo
Ao menos, minha amada.

Á CONCORDATA DO ORIENTE

Uni-vos ás nações que nos insultam,
Portuguezes sem fé, sem Deus, sem crença,
E os loiros que inda as chagas nos occultam
Conspurcae sem pudor.
Que vos incita para assim venderdes
Da Patria as poucas joias preciosas,
E os fructos do heroismo e do valor
N'um só dia perderdes?
A inercia, o oiro, as distincções vaidosas?
Infamia! de vergonha as faces cobre,
Ó bella Patria minha!
Embora fraca e pobre,
O teu antigo manto de raínha
Não te venham manchar.
Se Deus te mostra a campa levantada,
Morre, porêm honrada;
E vós, povos do mundo, com respeito
Arredae-vos ao vêl-a para o leito
Da morte caminhar.

Adeus, ó grande imperio do oriente,
Onde ao fulgor dos astros
Da nossa immensa gloria,
Dos Gamas, Albuquerques e dos Castros,
Se pôz de pé a historia,
E, alumiada por seu brilho ingente,
D'elles ao lado foi
Ver os reinos domar, varrer os mares,
E, contando seus feitos singulares,
De cada portuguez fez um heroe.
Adeus, que para sempre te perdemos!
O que venceu outr'ora a valentia
Hoje o largou o opprobrio, a covardia!
Sim, sem pejo, sem honra, nós cedemos
O que ceder deviamos luctando
Té ao ultimo instante,
Inda o brio e o furor golpes vibrando,
Posto que já o corpo agonisante.

D'essa Asia que de feitos inundamos
Para arvorar as portuguezas quinas,
Aonde a luz e o balsamo levamos
Das palavras divinas,
Muito inda nos restava?
Que da Europa as nações nos despojassem,
E com o que era nosso se adornassem
Ainda não bastava?
Não; tambem foi preciso que viesse
A Egreja, que em triumpho conduzimos
Sob a nossa bandeira vencedora,
Com a qual nosso imperio repartimos,

E pelo que lhe démos, só, agora,
Ingratidão nos désse!
O cordeiro da paz e da concordia,
Puro emblema do céu,
Préga em vez de branduras a discordia,
E em abutre falaz se converteu.
Eil-o; quer um quinhão haver na presa;
Ávido nada o enfreia;
Com o que ha mais sagrado negoceia,
Injuriando Deus, e a natureza!

Senhor, vê como as tuas leis sagradas
Cumpre quem mais devera!
Como pelos potentes são calcadas,
E, em seu logar, co'as armas e injustiça,
A mesquinha cobiça
No mundo quasi impera!
E vós, martyres puros, que as corôas
Do martyrio ganhastes
Nas terras onde as lusitanas prôas
E onde os nossos heroes acompanhastes,
Vós, que as terrenas palmas
Ás do céu, sempre vivas, ajuntando,
Estaes, felizes almas,
Os córos celestiaes acompanhando,
Vêde como o terreno que pisado
Foi pelas vossas plantas,
Por vós com sangue e lagrimas regado,
Theatro já de vossas obras santas,
Hoje theatro é feito de rapina,
No qual em vez da paz e do conselho
Da palavra de Christo alta e divina,
Urde a conspiração; escuma a injuria;
E a luz do Evangelho
Cede do odio e bacamarte á furia.

E tu a Roma, Portugal, cedeste?
Por uma fraca voz acovardado
Toda a força perdeste?
Ah! por teus filhos foste atraiçoado!
Resistir não pudeste.
Abjecta liga contra ti formaram
Os traidores do céu, e os vis traidores
Da Patria, que aos primeiros te entregaram,
Das reliquias d'um povo já famoso,
E do seu nome bello e glorioso
Indignos mercadores.

Adeus, ó Asia, pois. Em breve espaço
Que te resta de nós? uma epopeia
De pelejas, de feitos de heroismo.
Essa ao menos, ó povos do universo,

E nossa, em que vos pése. Só o braço
De Deus a acabará, quando, já cheia
A ira sua do viver perverso,
O mundo sepultar no escuro abysmo.

TRISTE SEM TI

Como é triste de ti longe,
Comtigo no pensamento,
Viver entregue á saudade,
Viver entregue ao tormento!

Como é triste a luz da aurora
Quando me vem despertar,
Sem a luz d'esses teus olhos
Que me venha alumiar!

Como é triste a voz das aves,
E a das auras matinaes,
Sem te ouvir dizer: acorda,
Não durmas, querido, mais;

Aqui me tens a teu lado,
Outro dia comecemos
De prazer e de esperança;
Acorda, meu bem, amemos!

Como é triste por-me á mesa;
Quanto me trava o comer
Sem, ó minha terna amada,
Por companheira te haver!

Como é triste o lar, sósinho,
Deixar sem dos labios teus
Escutar á despedida
Um sentido e longo adeus!

Como é triste entrar a porta
Da mesquinha habitação,
Sem que n'esta por mim bata,
Me espere o teu coração,

Sem que affavel me perguntes:
És tu? como já tardavas!
Por ouvir estas palavras,
Ó minh'alma, o que não davas!

Vens fatigado? descansa,
Descansa em meu seio amigo;
Vens triste? a tua tristeza
Dize, reparte-a commigo!

Quão feliz deve ser passar a vida,
Ó minha bella, assim!
Mas tão grande ventura e appetecida
Guarda o céu para mim?

Não sabes como a sorte me persegue?
Que ha sido o meu fadario
Viver no mundo á desventura entregue,
Á mingua, solitario?

E ha de agora mudar-se a minha sina?
Se tal a Deus prouvesse,
Tu serias a estrella matutina
Que ante a luz apparece.

Mas, ou sejas, ou não, eu te abençôo,
Ó maga claridade,
E á minha sorte por te haver perdôo
A dura crueldade,

Esperando que um dia, já cansada,
Cesse em mim os seus tiros,
E me dê a teus braços, apiedada,
E a teus crebros suspiros.

Oh! como te amo tanto! se o souberas...
Muito, muito! que amor!
Se qual ardo por ti, por mim arderas
Em fogo abrasador...

Ama-me tambem muito, que eu preciso
De uma paixão sem termo,
A ver se de algum modo suaviso
Meu coração enfermo;

Uma paixão, que em mim só tenha objecto,
Que una o incendio da amante,
A ternura da mãe, da irman o affecto,
Forte, pura, constante;

Que da amante, da mãe, da irman, coitado,
Não gosei os carinhos,
Que, pesadelo infausto, me ha passado
A existencia entre espinhos.

Como ancioso de amar, orphão de afâgos,
Ardente, só e triste
Me achaste quando em mim os olhos vagos
Puzeste, e me feriste!

E ao ver-te eu disse, cheio de alvoroço:
Meu anjo, d'onde has vindo?
Da esphera azul? da terra? amar-te posso?
Oh! quanto és meigo e lindo!

Para ti o thesoiro que no peito
Tanto tempo guardei,
De vivo amor, de mil desejos feito,
E os sonhos que sonhei;

Para ti todos meus contentamentos,
E da minh'alma a essencia,
Meu presente e porvir, meus pensamentos,
Meu ser, minha existencia.

Assim disse, querida, e a toda a hora
Desde então te hei seguido,
Sustentado da chamma abrasadora,
Ao teu mando rendido.

Ah! se algum dia de paixão tamanha
Chego a colher o premio,
Se emfim da desventura escapo á sanha,
E descanso em teu gremio,

Sem me importar que tempestade ou calma
Annuncie o horizonte,
A minh'alma fundida na tu'alma,
Junto á minha tua fronte,

Correremos da vida no oceano;
E, erguendo as mãos aos céus,
Direi ao sempiterno soberano:
Sou feliz, ó meu Deus.

A VASCO DA GAMA

(DE TORQUATO TASSO)

Gama, cujos baixeis, soltando o panno
Para onde o sol nos traz a luz do dia,
Voltaram da feliz, ardua porfia
Ás praias onde o sol ca'e no oceano,

Não soffreu mais que tu do mar insano
O que affrontou do Cýclope a ousadia,
Nem o que o lar turbou da séva Harpia
Assumpto ás pennas deu mais soberano.

Mas hoje a de Camões tão longe vôa,
E com tanto fulgor, que sobreleva
Teus baixeis no seu curso temerario,

Pois por elle teu nome illustre sôa
Aonde o polo para nós se eleva
E no outro lado que lhe está contrario.

OUTRA VERSÃO (livre)

Gama audaz e feliz que o mar sulcaste,
Por ver o berço d'onde o sol nascia,
E, affrontando outra vez a equorea via,
Á praia onde elle morre emfim tornaste,

Mais que Ulysses a furia exp'rimentaste
Das ondas, e do fado a tyrannia;
Mais que Enéas assumpto á poesia
Na desmedida empresa tu legaste.

Mas hoje de Camões a tuba sôa
Tanto em seu brado altivo e glorioso,
Que inda mais longe que os teus lenhos vôa;

Mas hoje com seu canto sonoroso,
Do teu commettimento a voz echôa
Em todo o mundo, ó capitão famoso.

ORIGINAL

Vasco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al sol, che ne riporta il giorno,
Spiegar le vele, e fer colà ritorno,
Dove egli par che di cadere accenne,

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel che fece al ciclope oltraggio e scorno;
Nè chi turbò l'arpie nel suo soggiorno
Ne diè più bel subieto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant'oltre stende il glorioso volo,
Ch'i tuoi spalmati legni andar men lunge.

Ond'a quelli, a cui s'alza il nostro polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigj
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

A UMA TRANÇA

Rico thesoiro,
Que amor me deu,
Lindo cabello
Do anjo meu,

Lindo cabello,
Que pertenceste
Aquella fronte
Gentil, celeste,

Ah! se eu pudesse,
Como te beijo,
Beijar-lhe as faces,
Rubras de pejo,

Pelos meus labios,
Por seu calor
Melhor soubera
Do meu amor.

Se eu a apertasse
Contra meu peito,
Qual contra elle
Sempre te estreito,

Bem entendera
Minha paixão
Pelas pancadas
Do coração!

Mas impossivel,
Que, pobre amante,
Vejo-a de longe
Só um instante!

Vem, pois, ó trança
Da minha bella,
Acompanhar-me
Em logar d'ella.

Dize, se sabes,
Como é que existe;
Se vive alegre;
Se vive triste.

Dize se moro
No seu pensar;
Se alguma coisa
Posso esperar;

Ou se inhumana
Minh'alma afaga,
Como ao baixel
A falsa vaga,

Que lhe annuncia
Ora bonança,
Ora ao naufragio
Tremendo o lança.

Mas, inda mesmo
Que seja assim,
E que escarneça
Cruel de mim,

Sempre hei de amar-te,
Dom precioso,
Por que me lembre
Que fui ditoso,

Sobre meu peito,
De mim jazigo,
Hei de trazer-te
Sempre commigo,

Que serás lettra
Da fria loisa
Do que ella ha morto,
Mas não repoisa,

Do que inda amando-a
Na cova jaz,
Sem Deus, sem ella,
Sem luz, sem paz.

CINCO DE MAIO

(DE MANZONI)

Foi; já não é; qual gelido,
Sem voz, sem movimento,
Jazeu seu corpo exanime,
Orphão de tanto alento,
Assim ferida, attonita,
Co'o a nova a terra está,

Muda na hora ultima
Do homem fatal pensando;
Nem sabe se outro egregio
Virá, como elle, e quando
Seu pó, de sangue humido,
Como elle, pizará.

Brilhante o viu no solio
O genio meu; cahido
Depois; depois no imperio;
Depois emfim vencido;
E do universo ao fremito
Sua voz unir não fez.

Virgem de servo encomio
E de covarde insulto,
Acorda ao astro esplendido
Tão de repente occulto,
E solta á morte um cantico,
Que é do porvir talvez.

Dos Alpes ás Pyramides,
Do Rheno ao Manzanares,
Raio, o veloz relampago
Seguia; pelo ares
Troou de Scylla ao Tânais,
De um mar a outro mar.

Foi verdadeira gloria?
Ao tempo a ardua sentença;
Nós do Senhor curvemo-nos
Á potestade immensa,
Que n'elle quiz a maxima
Sua obra apresentar.

O procelloso e trépido
Prazer de uma alta empresa,
A ancia de um brio indomito
Que sonha a realeza,
E a ganha, e alcança um premio
Que insania era esperar,

Tudo provou; a gloria
Maior depois do p'rigo,
A fuga e a victoria,
O throno e o exilio imigo,
No pó duas vezes, prospero
Duas vezes sobre o altar.

Appareceu; dois seculos,
Um contra o outro armado,
Para elle olharam timidos,
Como aguardando o fado;
Quedae-vos disse; e arbitro
Entre ambos se foi pôr.

Despareceu; e em ocio
Findou, longe do mundo,
N'uma ilha, alvo continuo
Da inveja e dó profundo,
De inextinguivel odio,
E de indomado amor.

Qual sobre a fronte ao naufrago
Se arroja encapellada
A vaga, d'onde o misero,
Co'a vista, alta, alongada,
Buscava emtorno, ávido,
Praia longinqua em vão,

Tal n'aquell'alma o cumulo
Tombou de mil memorias.
Oh! quanta vez aos pósteros
Tentou narrar suas glorias,
E nas eternas paginas
Cahiu sem força a mão!

Oh! quantas no fim tacito
De um dia sem proveito,
No chão o olhar fulmineo,
Braços em cruz no peito,
Inteiro o seu preterito
Viu de repente erguer.

Lembrou as tendas moveis,
O assaltear dos vallos,
Do aço o brilho tremulo,
As ondas dos cavallos,
E o concitado imperio,
E o prompto obedecer.

Ai! a tamanha magoa
Talvez cedendo afflicto,
Desesperou; mas válido
Braço desceu bemdicto,
E para outro ar mais limpido
Piedoso o transportou;

E pelas sendas flóridas
O conduziu da esp'rança
Ao campo eterno, ao premio
Que mais que o anhelo alcança,
Onde é negror, silencio
A gloria que passou.

Fé immortal, benefica,
De palmas bella e ufana,
Colhe mais esta; alegra-te,
Que nunca outra mundana
Grandeza egual do Golgotha
Á affronta se humilhou;

Exulta; e os restos frígidos
Preserva da maldade;
Quem mata e abre os tumulos,
Quem pune e tem piedade,
Deus, no ermo leito funebre
Ao pé se lhe assentou.

IL CINQUE MAGGIO

Ei fu; siccome immobile,
Dato il mortal sospiro,
Stette la spoglia immemore,
Orba di tanto spiro,
Cosi percossa, attonita
La terra al nunzio sta,

Muta pensando all'ultima
Ora dell'uom fatale;
Nè sa quando una simile
Orma di piè mortale
La sua cruenta polvere
A calpestar verrà.

Lui sfolgorante in solio
Vide il mio genio e tacque,
Quando con vece assidua
Cadde, risorse e giacque;
Di mille voci al sonito
Mista la sua non ha:

Vergin di servo encomio
E di codardo oltraggio,
Sorge or commosso al subito
Sparir di tanto raggio,
E scioglie all'urna un cantico
Che forse non morrà.

Dall'Alpi alle Piramidi,
Dal Mansanare al Reno,
Di quel securo il fulmine
Tenea dietro al baleno;
Scoppiò da Scilla al Tanai,
Dall'uno all'altro mar.

Fu vera gloria? Ai posteri
L'ardua sentenza; nui
Chiniam la fronte al Massimo
Fattor, che volle in lui
Del creator suo spirito
Più vasta orma stampar.

La procellosa e trepida
Gioja d'un gran disegno,
L'ansia d'un cor, che indocile
Ferve pensando al regno,
E'l giunge, e tiene un premio
Ch'era follia sperar,

Tutto ei provò; la gloria
Maggior dopo il periglio,
La fuga, e la vittoria,
La reggia, e il triste esiglio,
Due volte nella polvere,
Due volte su gli altar.

Ei si nomò; due secoli
L'un contro l'altro armato,
Sommessi a lui si volsero,
Come aspettando il fato;
Ei fe'silenzio, ed arbitro
S'assise in mezzo a lor;

Ei sparve; e i dì nell'ozio
Chiuse in si breve sponda,
Segno d'immensa invidia,
E di pietà profonda,
D'inestinguibil odio,
E d'indomato amor.

Come sul capo al naufrago
L'onda s'avvolve e pesa,
L'onda su cui del misero
Alta pur dianzi e tesa
Scorrea la vista a scernere
Prode remote invan,

Tal su quell'alma il cumulo
Delle memorie scese;
Oh! quante volte ai posteri
Narrar se stesso imprese,
E sulle eterne pagine
Cadde la stanca man!

Oh! quante volte al tacito
Morir d'un giorno inerte,
Chinati i rai fulminei,
Le braccia al sen conserte,
Stette, e dei dì che furono
L'assalse il sovvenir.

Ei ripensò le mobili
Tende, e i percossi valli,
E il lampo dei manipoli,
E l'onda dei cavalli,
E il concitato imperio,
E il celere obbedir.

Ahi! forse a tanto strazio
Cadde lo spirto anelo;
E disperò; ma valida
Venne una man dal cielo,
E in più spirabil aere
Pietosa il trasportò;

E l'avviò su i floridi
Sentier della speranza,
Ai campi eterni, al premio
Che i desiderii avanza,
Ov'è silenzio e tenebre
La gloria che passò.

Bella, immortal, benefica
Fede ai trionfi avvezza,
Scrivi ancor questo; allegrati;
Che più superba altezza
Al disonor del Golgota
Giammai non si chinò.

Tu dalle stanche ceneri
Sperdi ogni ria parola;
Il Dio che atterra e suscita,
Che affanna e che consola,
Sulla deserta coltrice
Accanto a lui posò.

A MINHA SORTE

Este amor que me agrilhôa,
Que tem minh'alma captiva,
Da razão quasi me priva,
Os sentidos me povôa.
No mundo perdido andava
Em busca da minha estrella;

Debalde, não a encontrava!
Perdido agora por vel-a,
Vou atrás do seu brilhar,
Sem saber, indo com ella,
Onde irei alfim parar.

Seja onde fôr. Minha sorte
Não, não me é dado fugir;
Talvez me conduza á morte,
Ou me prolongue o existir;
Porêm ao menos, emquanto
Os meus olhos n'ella fito,
Em Deus, no bem acredito;
Sinto estancar o meu pranto
Ao seu intenso fulgor;
Em mil sonhos apraziveis,
Ephemeros, impossiveis,
Esqueço a triste existencia,
E abrando a sua inclemencia
Ao fogo do meu amor.

Que importa se me despenho
Em profundo precipicio,
Seguindo tão bello guia?
Que importa se em breve tenho
De achar em vez de alegria
Augmentado o meu supplicio?
Quem ouve a razão pausada
Quando brada o coração:
Segue a florea, aberta estrada,
Segue d'esse astro o clarão?
Vale mais viver sonhando
Do que acordado soffrer;
Vale mais um instante ver
Seu lume fúlgido e brando
Do que sósinho penando
Depois de muito morrer.

Morte era a vida mesquinha
Que antes de achal-a arrastei;
Morte era a vida que eu tinha;
Agora resuscitei.
Aos seus raios scintillantes,
Nada é já qual era d'antes;
É todo o mundo um jardim;
Não porque este se mudasse,
Porêm mudou-me ella a mim.
Agora minh'alma scisma,
Como se tudo olvidasse,
Tudo quanto já passou,
Com outro mundo diverso,
Como não ha no universo,
Que o vejo através do prisma
Que a minha vista offuscou.

Ah! minha estrella, se as azas
Com que vôa o pensamento
Eu as pudesse tomar,
E esta chamma em que me abrasas
Ir mais perto contemplar,
Como fôra venturoso!
Que doce contentamento
O peito me inundaria!
Era a teu lado ditoso,
Ou em teu fogo morria.

Assim não o quer o fado;
Não lhe importa quanto sinto!
Sempre me foi despiedado!
Deixemol-o; és tu agora
O meu fado, a minha sina,
Minha estrella peregrina.
N'este humano labyrintho,
Onde andei perdido outr'ora,
Vens-me as sendas aclarar,
E tudo que triste fôra
Alegre e bello tornar.

Dá-me azas, pois, ou suspende
Sobre teus raios de prata
O meu corpo até aos céus;
Ou, senão, d'elles descende
A mim; não sejas ingrata
A quem te ama como a um deus.
Mas inda, se ingrata fores,
Hei de te dar meus amores,
Hei de te sempre seguir,
Quer á vida, quer á morte,
Que tu és a minha sorte,
E eu não te posso fugir.

ENLEIO

Quem me dará palavras com que exprima
Tão forte como a provo,
Esta ancia de viver que me flagella?
Nem eu mesmo me entendo.
Soffro, desejo, espero e desconfio;

Ora gemo e deliro,
Ora maldigo o mundo, os versos, tudo,
E tedio em tudo encontro.
Que é esta voz, composto de mil vozes,
Que dentro de mim fala,
Esta voz a chamar-me a cada instante,
E a pintar-me na idéia
Um phantastico éden de delicias
Que inda encontrar não pude?
É ambição de gloria, ou de venturas?
É desejo de goso?
É amor? não o sei; será tudo isto;
Mas o que sei dizer-te,
Ó minha formosura, é que mal vejo
Raiar o teu semblante,
Me parece sentir uma outra vida.

ÁS POESIAS POSTHUMAS DE A. DE CABEDO

Pobres orphãos do misero poeta,
Versos d'amor, de jubilo e amargura,
Como agora sorrides tristemente,
Quaes flores em deixada sepultura!

Ereis d'antes o ai de suas magoas,
Dos sonhos seus o mavioso canto,
O reflexo do fogo de su'alma,
Seus amigos na dor, seu doce encanto.

Hoje memorias sois do que não vive,
Echos soturnos de fatal saudade,
Que vem de sob a loisa onde descansa
O filho da harmonia e inf'licidade!

Quem vos ler, quando a satyra e o gracejo
Em vós achar, não julgará de certo
Como, emquanto eram ledos os seus labios,
Sentia o peito lugubre e deserto;

Como foi desgraçado nos amores;
Como arrastou a fadigosa vida;
Como ao trabalho succumbiu sem forças,
E a lyra lhe tombou no chão partida!

Mas ao menos, ao ver-vos tristurosos
Crescendo sobre a terra em que elle dorme,
Dará um pranto ao que luctou sem tregua,
E espinhos só colheu da lucta enorme;

Ao que ás suas canções nem mesmo póde
Entre louvores recolher o fructo;
Ao que teve por palma o desalento,
Por applauso a mudez, por festa o lucto!

Esta é do vate a sina: canta e chora,
Sonha co'os céus, a pelejar co'a sorte,
E muita vez as flores que educara
Só rescendem pisadas pela morte!

DECLARAÇÃO

Porque ousei levantar os meus olhos
Aos teus olhos, ó virgem formosa?
Fiquei cego da luz radiosa,
E não pude o seu brilho encarar.
Tudo quanto era alegre, fulgente
Ora triste, ora negro parece;
Assim tudo se enturva e escurece,
Ao tentarmos o sol contemplar.

Não sei, pois, quanto exprimem, que falam
Essas claras, divinas estrellas;
O que sei é que as amo e são bellas,
Como eguaes n'este mundo não vi;
E que, posto os meus olhos offendam,
Tão intenso clarão dardejando,
N'elle um raio eu diviso, que brando
Entre os outros me anima e sorri.

Minha vista offuscada enganou-se?
Não terás de quem te ama piedade?
Esse raio só traz crueldade?
Só dá morte, não vida e calor?
Se assim fosse... talvez... impossivel!
O melhor é viver na incerteza,
Que, a exprimirem teus olhos crueza,
A minh'alma estalara de amor.

O que apenas te peço é: que, lendo
Estes versos, que me has inspirado,
Me desculpes o ser tão ousado,
Me perdôes o que n'elles se diz;
E, se deve teu peito entendel-os,
Que, inda ao menos me dês a esperança
De encontrar no destino mudança,
De algum dia ser inda feliz.

CHILDE HAROLD

(DE BYRON)

Fragmentos do primeiro canto

Eis succede de Cintra o paraiso
Por variada confusão de montes
E de valles formado. Ah! quem pudera
Com a penna ou pincel seguir metade
Sequer das scenas que descobre a vista,
Scenas que mais offuscam os humanos
Do que essas fabuladas pelo vate
Que abriu do Elysio a porta ao mundo absorto.

Horrificos rochedos coroados
Por convento suspenso sobre o abysmo,
O branco sovereiro guarnecendo
A arrelvada subida, da montanha
O musgo pelo ardente céu queimado,
O fundo val onde pranteia o arbusto
Sempre ausente do sol, o azul suave
Do não rugado mar, da larangeira
Os fructos com sua cor doirando as ramos,
As torrentes das rochas despenhando-se,
A alegre vide que as alturas cobre,
Os salgueiros em baixo, um quadro formam
Brilhante, grande, variado e bello.

Subindo lentamente o sinuoso
Caminho, para traz a miude os olhos
Voltae, e novo enlevo das mais altas
Montanhas descobris. Ide subindo,
E descansae da Pena no convento,
Cujos monges frugaes aos extrangeiros
Mostram reliquias, velhas lendas contam:
Aqui houveram seu castigo os impios;
Além n'aquella gruta largo tempo
Viveu Honorio, que tornou o mundo
Para ganhar o céu em negro inferno.

A cada passo que galgaes as rochas
Rude-lavradas cruzes no caminho
Se acham; mas não julgueis que são offertas
De pura devoção, frageis memorias
Só do assassino a ira symbolisam.
Em toda a parte em que derrama o sangue
Sob o ferro cruel a afflicta victima
De duas ripas formadas as levantam.
Aos milhares abundam n'esta terra,
Onde a lei não garante a propria vida.

No pendor da collina ou fundo valle
Se descobrem palacios, em que outr'ora
Habitaram monarchas; hoje apenas
Lhes cresce em roda alguma flor agreste!
Mas inda arruinados te'm grandeza!
Além se eleva o soberboso alcáçar
Do principe. Watheke, tu dos filhos
De Albion o mais rico, alli formaste
O paraíso teu, sem que previsses
Como a infrene opulencia embalde emprega
Quantas pode attracções voluptuosas
Para reter comsigo a paz serena.

D'este monte na falda, eternamente
De verdura vestido, tu moraste,
Novos prazeres planeando alegre.
Mas ora, como coisa amaldiçoada,
Jazem sós, como tu, teus bellos paços.
Um trilho apenas as gigantes hervas
Deixam ao viajante para as portas
Abertas sempre, e abandonadas salas.
Outra lição para o que pensa quanto
São inuteis na terra os gosos futeis,
Que o tempo estragador afunda em breve.

Eis a sala onde os chefes se juntaram
Ha pouco! Scena aos olhos odiosa
Do consternado inglez! Vêde sentado
Anão demonio, sem cessar zombando;
Da loucura o barrete, qual diadema,
Lhe cinge a fronte; é pergaminho a veste;
Um sêllo e um negro rôlo traz pendentes
A tiracollo, que altos nomes ornam;
E muitos assignados o confirmam,
Para que o démo aponta ás gargalhadas.

Convenção é como este se appellida.
Foi elle que venceu os cavalleiros
Juntos de Marialva no palacio.
De juizo os privou (se acaso o tinham),
E em tristeza mudou os vãos festejos
De uma nação. Aqui foi pela insania
O vencedor pennacho aos pés calcado,
E ganhou a politica matreira
O que as armas perderam. Viça embalde
Aos nossos chefes da victoria o loiro!
Maldicto o vencedor, não o vencido,
Pois que frustrado sa'e nosso triumpho
Na lusitana terra!

E desde o dia
Do marcial congresso Albion desmaia,
Cintra, sómente de escutar teu nome.

Os cabeças do estado ouvindo-o tremem,
E do pejo obrigados corariam,
Se vergonha tivessem. Que juizo
O porvir formará de tal evento!
Como as nações amigas, como os nossos
Hão de zombar de nós, vendo privados
Da gloria os campeões por esses mesmos,
Que, vencidos no campo, aqui venceram!
O escarneo não virá inexoravel
Dos tempos através dizer tal feito?
. . . .

Ó amavel Hespanha, ó nomeado
Torrão, paiz romantico e formoso,
Onde o estandarte está, que ergueu Pelaio,
Quando de Cava o pae chamou, primeiro,
Traidor, o moiro, que de godo sangue
A tuas serras turbou as claras aguas?
Onde os pendões sangrentos, que ondearam
Triumphantes ao vento, despregados
Por sobre os filhos teus, té finalmente
Á sua praia o roubador lançarem?
Então a cruz brilhava cor de purpura,
E desmaiava pallido o crescente,
Emquanto que dos moiros as matronas
Com seu longo gemer apiedavam
Os echos africanos.

De taes feitos
Os cantos populares não são cheios?
Ah! eis aqui do heroe o melhor fado!
Quando a pó se reduz o monumento,
E fallecem annaes, a duvidosa
Vida lhe alonga de um pastor a endecha.
Baixa a vista dos céus a ti, orgulho;
Vê como cabem n'um cantar os grandes.
Podem columnas, edificios, livros,
Conservar-te a grandeza? ou te confias
Na simples tradição quando comtigo
A linsonja morreu, e a historia é injusta?

Acordae, acordae, filhos de Hespanha;
Eis a cavallaria, vossa deusa
Em outro tempo, que vos grita: ávante!
Mas, como então, a sequiosa lança
Não brande, nem as plumas de escarlata
Altaneira sacode. Vôa agora
No fumo espesso das ardentes balas;
Na bôcca negra dos canhões troveja:
Acordae, levantae-vos. É mais fraco
Hoje o reclamo seu? Já não restruge
Como quando nas praias andaluzas
Da guerra o brado levantou tremendo?

Silencio! não ouvis tropel medonho
De ginetes ao longe? na charneca
O fragor do combate não resôa?
Não vedes a quem fere o sabre irado?
Que não salvaes vossos irmãos primeiro
Que morram sob o ferro dos tyrannos,
Ou dos escravos seus? Lampeja a bala,
Fogo, fogo de morte, nas alturas;
Cada descarga que de rocha em rocha
Trôa, diz que mil homens pereceram.
Cavalga a morte ignívomo siroco;
E a vermelha batalha fere a terra
Co'o pé; e só de ouvil-o os povos tremem.

Eil-o o gigante na montanha se ergue,
Ao sol mais viva a ensanguentada coma.
Luz-lhe raio mortal na ignea dextra;
Queima tudo co'os olhos, já inquietos,
Já fitos, já ao longe fuzilando.
Junto a seus bronzeos pés nota a Ruína
Os progressos do mal, pois hoje mesmo
Para nas aras suas derramarem
Sangue humano, a oblação que lhe é mais cara,
Três nações poderosas se reúnem.

Oh! meu Deus! que magnifico espectaculo
Não é para o que alli não tem amigo,
Nem irmão, ver as fardas recamadas
De varias bordaduras, e as diversas
Armas que ao sol esplendem da batalha!
Quantos ardentes, bellicos molossos
Deixaram o covil, e os dentes armam,
E latem feros anciando a prêsa!
Todos á caça vão, mas do triumpho
Poucos devem gosar. A maior parte
Ao tumulo pertence. Da alegria
No auge, a destruição dos que morrerem
Apenas poderá dizer o numero.

Três exercitos se unem differentes
Para fazer o sacrificio; extranhas
Orações linguas três a Deus enviam;
Escarnecendo o firmamento, ondeiam
Três loução estandartes; longos vivas
Hespanha, França, Albion, victoria clamam.
A victima, o inimigo e o alliado,
Que, indulgente, por todos sempre lucta,
Porêm sempre debalde, se congregam
(Nem que morrer na patria não pudessem)
Para cevar o corvo nas campinas
De Talavera, e dar fertilidade
Ao disputado solo.

Aqui os vermes
Hão de roer os corpos d'esses loucos,
Celebres filhos da ambição, que a honra
Depois da morte com seu brilho doira.
Sophisma inutil! quando são apenas
Miseraveis, quebrados instrumentos,
Que aos milhares immolam os tyrannos
Para cobrir de corações a estrada,
A estrada que os conduz, ao quê? a um sonho!
Pode alcançar o despota quem preze
Seu imperio, ou chamar sequer um palmo
De terra seu, a não ser esse, aonde
Emfim tem de tornar-se em pó, em nada?

Ó Albuera, ó glorioso campo
De lucto e de tristeza, quem previra,
Quando por ti passava o peregrino,
Incitando o corcel, que tão depressa
Fôras da morte e da victoria a scena?
Paz aos mortos. Que a palma do guerreiro,
Que as lagrimas vertidas entre os loiros
Lhes possam prolongar a recompensa.
Até que outros á ordem de outros chefes
Succumbam, juntará teu nome o povo
Maravilhado, e fulgirás, objecto
De seus obscuros, transitorios cantos.
....

Rapido Harold e solitario segue.
Já vê Sevilha que, soberba, ainda
Indomita pompeia. Livre, é livre
Dos roubadores a almejada presa.
Mas em breve a conquista ha de pizal-a
Co'os pés de fogo, e ennegrecer cruenta
Seus bellos paços. O destino o manda!
Quando a destruição conduz seus filhos,
Esfaimados leões, contra a fortuna
Inutilmente o homem se conspira.
Se tal não fosse, inda vivera Troia,
Tyro vivera ainda, triumphante
Fôra a virtude, nem medrára a morte.

Porêm, ignaros do imminente estrago,
No canto e festas e prazer se engolfam
Os habitantes seus. Em varios modos,
E extranhos de alegria o tempo levam,
Sem que sangrem da patria co'as feridas.
O clarim do combate não resôa,
Mas do amor a guitarra. Seus sectarios
A loucura escravisa; scintillando
De mocidade os olhos, a luxuria
Gira, alta noite; e o vicio, acompanhado
Pelos tacitos crimes das cidades,

Se agarra até á ultima ás ruínas
Que ameaçam cahir.

Mas d'este modo
Não folga o camponez: junto da esposa,
Trémula, está occulto, e não se atreve
Ao longe a distender o olhar afflicto,
Temendo ver sua vinha destruida,
Crestada pelo sopro dos combates.
Já não torneia as ledas castanholas
O fandango ao luzir da amiga estrella
Da tarde. Ah! reis da terra, se a alegria
Que destruis saborear pudesseis,
Da gloria não soffrereis os trabalhos,
O rouquenho tambor ficára mudo,
E inda ditoso viveria o homem.

Que descanta o azemel? bem como outr'ora,
Os romances, o amor, as pias lendas
Com que as leguas compridas alegrava
Ao vivo tintinar das campainhas?
Não; emquanto caminha, entôa apenas:
Viva el-rei, que interrompe muitas vezes
Para amaldiçoar Godoy e Carlos,
O real consentidor, e a hora infausta
Em que o mancebo de olhos negros vira
A rainha de Hespanha, cujo goso
Adultero brotou á luz do dia
A vil traição de ensanguentada face.

A alta serra Morena a cada volta
Sustenta escura as graves baterias;
E vêem-se até onde o olhar alcança
Os cortados caminhos, da montanha
O obus, a pallissada que se erriça,
O fosso cheio, o posto, a guarda álerta,
Os armazens de guerra entre os rochedos,
Em pyramide as balas, os ginetes
Sob abrigos de colmo armados, promptos,
E o brilhante morrão, acceso sempre,
Outros tantos annuncios do futuro.

Mas esse, cujo aceno de seus thronos
Despotas, menos que elle, derrubára,
Espera um pouco antes que vibre o açoite,
E faz a graça de os poupar ainda.
Em breve as suas legiões guerreiras
O caminho abrirão. Deve o occidente
O flagello tambem provar do mundo.
Ah! quão triste ha de ser o dia, Hespanha,
Em que o abutre das Gallias sublimando
O vôo, as azas sobre ti abertas,
Vires os filhos teus arremessados
Innumeraveis no profundo abysmo!

E hão de cahir os jovens? Os altivos,
Os bravos cahirão por que o reinado
Fatal de um chefe soberboso exaltem?
Entre a escravidão e a morte um passo
Não medeia sequer? entre o triumpho
Da rapina e da Hespanha a triste queda?
Ha de castigo tal mandar Aquelle
A quem adora o homem, sem que preste
Ás fervorosas súpplicas ouvidos?
Não vale coisa alguma o desesp'rado
Valor, dos sãos conselhos a prudencia,
Do patriota o zelo, a disciplina
Do veterano, a ardente mocidade,
E dos annos viris o ferreo peito?

Foi para isto que a virgem das Hespanhas
Se levantou, e suspendeu nos ramos
Do salgueiro a guitarra silenciosa?
Foi para isto que, audaz, mudado o sexo,
Hymnos de guerra entoou, correu á guerra?
A que atemorisava a simples vista
De uma ferida, a que o piar do mocho
Resfriava de medo, agora encara
O choque das columnas de bayonetas,
Do gladio o faiscar, e sobre os corpos,
Quentes ainda, qual Minerva, marcha,
Do que treme até mesmo o proprio Marte.

Vós, que assombrados lhe ouvireis a historia,
Se a conhecesseis nos seus bellos dias!
Se aquelles olhos negros que escarnecem
De sua negra mantilha houvesseis visto,
Se lhe escutasseis os alegres cantos
Co'as companheiras, se nas longas tranças,
Que a arte do pintor em nada tornam,
Attentasseis, ou n'essas magas formas,
Ou n'essa mais que feminina graça,
Não crerieis que a viram nos perigos
Sorrir de Saragoça os fortes muros,
Com semblante de Górgona as cerradas
Fileiras rareando, e pelas asperas
Sendas da gloria conduzindo os fortes.

Ca'e o amante? não chora inuteis lagrimas.
Morre o chefe? preenche o fatal posto.
Fogem os seus? retem-nos na fugida.
Cede o contrario? com sua gente o acossa.
Quem do amante melhor calmára os manes?
Quem de um chefe melhor vingára a queda?
Que outra melhor vigoraria o animo
Dos timidos soldados? quem mais bravo
O francez fugitivo perseguira,
Ante as proprias muralhas que atacava
Pelo poder de uma mulher vencido?

Das amazonas não julgueis entanto
Filhas as hespanholas; para todos
Os feitiços de amor foram geradas.
Posto nas armas seus irmãos emulem,
E ás horridas phalanges se abalancem,
É o brando furor da rôla amante,
Que bica a mão que o companheiro ameaça.
Na firmeza ou doçura muito excedem
Dos mais remotos climas as mulheres,
Só afamadas no falar continuo.
Mais nobre é seu espirito, e suas graças
Talvez são tantas como as graças d'ellas.

Em ligeira covinha profundada
Pelo dedo do amor a lisa barba
Que brandura não mostra! Aquelles labios,
Aonde já os beijos se debruçam
Quasi a deixar o ninho, ao homem dizem
Que para os merecer seja valente.
Em seu olhar que formosura rude!
Embalde Phebo quer murchar-lhe as faces;
Da amorosa impressão mais frescas brilham.
Quem buscará do norte as desmaiadas
Bellezas? como são de encantos pobres!
Como fraqueza e languidez respiram!

Terras que em seu cantar celebra o vate,
Harens do oriente, onde na lyra exalto,
Longe, bem longe, formosura tanta,
Que nem o maior cynico a negára,
Comparae-me as hourís, ás quaes apenas
Deixaes provar do zephyro a bafagem,
De medo que no vento o amor aspirem,
Da Hespanha ás filhas de olhar negro e ardente,
E alli direis achar-se o paraiso
Do vosso bom propheta, e as de olhos pretos
Virgens celestiaes, sêres angelicos.

Ó tu, Parnaso, que eu agora vejo,
Não no delirio de escaldado sonho,
Não através do fabular dos bardos,
Mas de neve coberto, erguendo a fronte
No teu nativo céu em toda a pompa
Da agreste majestade das montanhas,
Quem levará a mal este meu canto?
O mais humilde peregrino, alegre,
Quando passa por ti, co'os sons da lyra
Os echos te convida, bem que as musas
Já não desprendam do teu cume os vôos.

Ah! quantas vezes não sonhei comtigo,
Comtigo, cujo nome glorioso
Só não conhece quem de todo ignora

Da humanidade o mais divino emprego!
E hoje, que assim te vejo, com vergonha
Em debeis sons, e timido te adoro.
Tremo, curvo o joelho ao recordar-me
De teus adoradores de outras eras.
Não posso a voz erguer, voar não posso;
Mas sob o teu docel de vastas nuvens
Pasmado te contemplo e silencioso,
Ledo por a final gosar tua vista.

Mais feliz n'este ponto que os maiores
Vates que de ti longe foram presos
Pela mão do destino, hei de, insensivel,
Presenciar a consagrada scena,
Por que outros, sem a ver, deliram tanto?
Posto já não frequente a gruta sua
Apollo, posto agora sejas tumulo,
Não assento das musas, n'estes sitios
Vaga não sei que espirito formoso,
Que suspira na aragem, que preside
Á mudez das cavernas, que deslisa
Com vitreos pés nas aguas melodiosas.

A ti pertencerão, a ti meus versos,
A ti por quem deixei o meu assumpto
Para dar-te homenagem; por tua causa
A' terra, os filhos esqueci da Hespanha,
E as virgens suas, e o seu fado mesmo,
Querido a todos que se dizem livres,
Tudo para saudar-te, não sem lagrimas.
Ora sigo. Permitte-me comtudo
Que do retiro teu sagrado leve
Uma reliquia só, uma memoria.
Dá-me uma folha da immurchavel planta
De Daphne, e faze que do teu devoto
Não me creiam alarde as esperanças.

Mas nunca viste mais brilhante côro,
Quando a Grecia floria, ó bello monte,
Em redor de tua base agigantada;
Nem viu Delphos jámais, a propria Delphos,
Quando a sacerdotisa os pythios hymnos
Soltava, accesa em sobrehumano fogo,
Mais proprias virgens para os ternos cantos
Inspirarem de amor que as andaluzas
Nutridas no regaço escandecido
Do aprazivel desejo; assim gozassem
De sombras tão pacificas, ó Grecia,
Como inda as tuas são, posto sem gloria.

Bella é a altiva Sevilha; justamente
Póde n'ella apontar soberba a Hespanha
A riqueza, o poder, a antiguidade;

Mas Cadis em distancia levantando-se
Na costa a um pensamento nos obriga
Mais deleitavel, sim, porêm ignobil.
Quão suaves não são os teus caminhos,
Vicio voluptuoso! Quem na quadra
Em que da mocidade o sangue ferve
Ao fulgir de teus olhos dardejantes
Poderá escapar? Hydra escondida
De um cherubim na imagem, famulento
Nos requestas moldando a cada gosto
Tua querida, enganadora sombra.

Quando o tempo lançou por terra Paphos
(Tempo maldicto que a raínha mesmo
Que tudo vence á tua acção sujeitas),
Os prazeres fugiram procurando
Outro, como esse, abrasador terreno,
E ao natalicio mar Venus constante,
Inda que a nada mais, voou direita
Aos brancos muros da formosa Cadis,
E dentro d'elles construiu seu templo;
Mas não foi este o unico, milhares
D'elles, sempre de luzes scintillando
Em seu culto e louvor ha dedicados.

NUNCA MAIS

Nunca mais áquellas horas
Em que eu ver-te costumava,
Quando já para o occidente
A luz do sol caminhava,

Nunca mais, ó minha bella,
Entre os vivos te hei de ver,
Que do teu leito de pedra
Já te não podes erguer!

Aquelle amor que me déste,
Que hoje ainda me alumia,
Que findara tão depressa,
Ai de nós! quem o diria?

Como a tua fronte calma
E gentil se levantava!
Como das rosas da vida
Alegre se coroava!

E pelos goivos da campa,
A morte as rosas trocou,
E as rosas de tua face
Tambem, cruel, as murchou!

Afoita no mundo entravas
Toda fagueira e risonha,
Como quem n'elle innocente
Ainda co'os anjos sonha.

Mas, logo aos primeiros passos
Que na existencia tu déste,
Encontraste a sepultura,
E para o mundo morreste!

Perdi-te; perdi minh'alma,
E a luz minha não te vendo,
E, do que fui como sombra,
Entre os homens vou soffrendo.

E nunca mais, ó querida,
Eu te hei de ver! Nunca mais
Hei de gosar teus carinhos,
Tuas graças divinaes?

Tudo acabou, foi comtigo;
Tudo acabou; e eu fiquei!
Ah! porque tambem a vida
N'esse instante não deixei?

Não o quiz o meu destino,
Por que toda houvesse a dor,
Para deixar-me a saudade
Do nosso perdido amor;

Para que eu compare os tempos
Da ventura e da desgraça,
E veja que uma foi breve,
Mas que a outra nunca passa.

Já não goso de teus olhos
A luz que me fascinava;
Já tua voz não escuto
Que do empyreo me falava!

Já não sorriem teus labios,
Já não te vejo mover,
Já do que é teu nada tenho!
Que faço pois em viver?

Como o tronco despojado
De folhas, quasi cahido
No declive da montanha,
Sobre o abysmo suspendido,

Que sente a grossa torrente
As raizes lhe banhar,
Com que ainda se alimenta,
Mas que a morte lhe ha de dar,

Assim vivo eu n'este mundo
Por meu pranto sustentado,
Até que por elle ao tumulo
Seja tambem arrastado.

Assim vivo, ó alma pura,
Desde aquelle triste dia,
Em que o teu corpo formoso
Me encobriu a terra fria.

Que me resta pois? a magoa,
E do que foi a lembrança,
O mundo sem ti deserto,
E sem ti morta a esperança.

UM QUADRO

Quero, ó pintor, um quadro bem singelo:
Nem lagos, nem jardins, enlevo d'olhos,
Nem denso bosque, nem relvoso prado,
Nem pinturas de amor, nem calmas scenas
Do campo, nem imagens de ventura;
Não, nada d'isto; pinta-me um rochedo
Onde se veja solitaria campa,
Que signale uma cruz; e ao pé o oceano
Estendendo o sudario de suas aguas,
Grande, insondavel, do infinito imagem,
Até ir confundir-se no horizonte
Co'o fundo azul do céu; é quanto peço;
Que n'esta solidão quero a minh'alma
Solta lançar, enchendo-me o deserto
Do illimitado mar, do céu sem termo
A idéia de Deus, e o desengano
D'este penar a que chamamos vida.

TEU NOME

Porque a toda a hora e instante
O nome teu pronuncío,
Ó minha candida amante?
O nome teu mais macío
Do que a brisa que murmura
Em calmosa tarde estiva
Do prado pela espessura,
E faz que o prado reviva?

E que com elle na bocca
Sinto dos labios o fel
Que logo se abranda e troca
No mais saboroso mel;
É porque elle é para mim,
Como a brisa para as flores,
Que perpassa no jardim
Espalhando os seus odores.

Quando amanhece eu o digo,
Qual se fosse uma oração,
Em que vae buscar abrigo
Meu afflicto coração;

Repito-o sempre de dia,
E depois, quando anoitece,
Como um astro me alumia,
E consolar-me parece.

Até dormindo, meus sonhos
Alegres me vem tornar,
Ou os espectros medonhos
Com seu brilho afugentar.
Sempre, ou soffra, ou durma, ou vele,
Ó minha amada, eu o vejo,
Porque tu me falas n'elle,
E tu és meu só desejo.

D. MARIA TELLES

Eram da noite as horas derradeiras;
Pouco tardava que a manhan viesse
Do seu manto d'estrellas
Despir o marchetado firmamento.
Jazia socegada
Coimbra, a bella, e a candida Maria,
A irman de Leonor, longe do esposo,
No seu ducal palacio repoisava.
Triste, distante d'elle, conta os dias,
Dias que lentamente vão passando,
E que só a esperança
De cedo o ver de leve suavisa.
Cansada de pensar, no brando leito,
Agora solitario,
Embalde revolvendo-se,
Por longo tempo o somno procurara,
Até que, a natureza
De todo subjugada, adormecera.

Mas nem assim o espirito se acalma.
Sonha, e em sonhos se lhe pinta a imagem
Do caro esposo que lhe está na mente.
Vê-o que ao lado seu lhe diz que a ama,
E, leda percorrendo
Do seu viver de amor as horas todas,
Em todas ellas a ventura encontra.

Agora é a vez primeira que se viram,
E o olhar que a centelha
Foi do voraz e subitaneo incendio;
Logo desejos, confidencias, preces,
As queixas, os suspiros namorados,
E o primeiro d'amor nectareo beijo,
Que ardentes mil e mil depois seguiram.

Outras vezes em extase,
Como presente, vê em santo laço
Por Deus abençoado, unirem-se ambos;
Depois, sempre felizes,
Uns após outros succeder os dias.
Se do seu D. João o estar ausente
Lhe vem acaso perturbar os sonhos,
Logo imagina tornará em breve;
Que já parte; que chega; que ditosa
Toda banhada em lagrimas e risos,
Se lança nos seus braços,
E n'elles outra vez encontra a vida.

Assim de pensamentos de alegria
Seu dormir povoava;
Mas de repente, em sobresalto, acorda.
Tropel ruidoso e retinir de ferros,
Inda meio disperta,
Sente, e de medo o sangue se lhe gela.
Jesus! e, as mãos alevantando tremulas,
Ao Eterno supplica
Em muda prece, que falar não ousa.
Jesus! e já forçada
A porta do aposento range, cede,
E de roldão por ella precipita-se,
Dos seus á frente, de furor armado,
Quem? o seu proprio esposo!

Do leito a pobre se ergue espavorida,
E, apesar do perigo,
Vergonhosa, cobrir tentando as formas,
As bellas formas, que a nudez revela,
Aos pés d'elle se lança,
Inundando-os de lagrimas,
Ainda por o ver esperançosa.

Quem se não abrandara,
Contemplando tamanha formosura,
E nos olhos chorosos
Vendo-lhe a alma limpa retratada?
Elle, o cruel ministro
De Leonor, da maldade conselheira;
Elle, que a nada cede;
Que a repelle de si; que a não attende;
E sobre a que o amou e ama tanto,
E o perfido sómente amar fingira
Cospe a injuria, a maldição, a infamia.
Quanto mais pede a triste, mais a raiva
Encruece do esposo;
Porêm ella animosa,
Como quem não tem crime, os pés lhe abraça;
Supplíca; geme; chora; e a Deus attesta,
A Deus, que tudo sabe, e é testemunha

De sua pura existencia.
Em vão; nada lhe vale!
Antes, a seus protestos só responde
O impio com suspeitas, com affrontas,
E sobre o tenro corpo,
De su' alma fiel formoso abrigo,
Abrasado em furor levanta a espada.
Baixa, qual raio, o golpe, o sangue em jorros
Salta, e com elle se lhe esva'e a vida.

Mal em terra a divisa, eis que se apossa
Do assassino o terror; foge, e os seus passos,
Nos longos corredores resoando,
Pavor lhe infundem, porque vão com elle
Do seu crime os remorsos.

Oh! maldicta a ambição que uniu conformes
A irman barbara e falsa, e o esposo ingrato,
Feroz e desleal contra a innocencia!
Mas do céu a vingança
Não tarda: Leonor o throno deixa,
Deixa o poder, a estrella que aos seus crimes
A conduziu das trevas da su' alma;
Tudo perde: o esposo, o sceptro, o amante,
A Patria, e em meio do remorso a vida.
Elle, no peito o inferno,
Longe dos seus, na terra do desterro,
Sómente do seu crime acompanhado,
Vê o irmão sobre o throno, e afflicto morre.

PARA UM TUMULO

Entre rochas, á sombra do cypreste,
Candida rosa, despontaste um dia,
E o pranto que, nascendo, tu verteste
Cahiu de tua mãe na loisa fria.

Eras formosa, e a propria formosura
De que foste dotada te perdeu;
Mas, se amor te cavou a sepultura
Foi só para te dar o amor do céu.

CANÇÃO DO PESCADOR

Trabalhosa é nossa vida
Exposta ás ondas e ao vento;
Podemos ver n'um momento
A cova o mar nos abrir.

Entre a incerteza e a esperança,
Sempre á sorte larga a vela,
Não sabemos se procella,
Ou calma nos ha de vir.

Mas, por mais que seja o p'rigo,
Tudo esquece o pescador
Quando á volta em casa entra,
E acha n'ella paz e amor.

É feliz nossa pobreza;
Ás vezes desgraça o oiro;
Nós temos nosso thesoiro
No mar e na mão de Deus.

Em nosso barco ligeiro
Que nos leva onde queremos,
Em nossas vélas e remos,
N'este sol, e n'estes céus;

Mas inda mais na alegria
Que acha á volta o pescador,
Na mulher que ha muito o espera,
Nos filhos, na paz, no amor.

A ESTRELLA E O TUMULO

Á MORTE DO POETA PORTUGUEZ SOARES DE PASSOS

Pobre poeta, nunca mais teu canto,
Aonde o coração todo vasavas,
Ha de prender-nos em suave encanto.

Para teus males embalar cantavas,
Qual faz o viajor em agra via;
Muitos criam sómente que sonhavas.

Sonhavas, mas co' a luz do ethereo dia;
Não com o mundo, não, que o seu ruído
Ao longe, em confusão tu' alma ouvia;

Qual naufrago do mar embravecido
Já livre, que, das costas apartado,
Apenas lhe ouve o indomito rugido.

Só, nos teus pensamentos embrenhado,
Ias buscando outro ar, outra existencia,
A que tinhas em extasi ideado,

Eterna, pura, de divina essencia,
Sem trevas, sem fadigas, sem escolhos,
Como a gosa dos anjos a excellencia.

E levavas fitados os teus olhos
N'uma vivaz, fascinadora estrella,
Sem do caminho veres os abrolhos.

O que é que te importavam? tinhas n'ella
Teu ser, a tua luz nos seus fulgores;
Resplandecia tão serena e bella!

Era o astro dos célicos amores,
Que d'esta ingrata vida transitoria
Te convidava a abandonar as dores.

Era o sol do porvir, o sol da gloria,
Que te dizia: caminhar ávante,
Para alcançar o premio da victoria.

E tu ias co'a fronte radiante,
Parecendo attender a suas vozes,
Quasi a colher a palma triumphante.

Mas cada vez os cardos mais atrozes
Te pungiam o corpo lacerado;
Nem já eram teus passos tão velozes.

E mais e mais tornava-se apertado
O caminho, mais ingreme e fragoso,
Do sangue de teus pés já purpurado.

Porêm, o olhar no astro luminoso,
Que então com maior brilho te guiava,
Tu soffrias o transito penoso.

Que mysterios dos anjos te contava
Para assim te prender o pensamento,
Que das coisas humanas não cuidava?

Como fazia claro o firmamento!
Mas eis pára de subito na altura.
Oh! singular, oh! magico portento!

Não o podes soffrer, tanto fulgura!
Baixas a vista perturbada, cega,
E tropeças em fria sepultura.

Tu que chegaste aqui a mim te chega,
Lia-se n'ella escripto; aqui o termo
É do caminho, aqui a dor socega.

Paremos pois aqui, meu peito enfermo;
Não posso ir mais adeante; o poiso é este.
Dizes; olhas em roda; e vês um ermo,

Sem ar, sem agua, requeimado, agreste,
Monótono, sem fim, sem esperança,
Onde a vida o pavor da morte veste,

Onde as procellas nunca te'm bonança,
Onde harmonia é da tormenta a lucta,
Ermo do negro inferno semelhança.

Mas n'este passo limpida se escuta
Uma fala tão candida e argentina,
Que do céu, não da terra se reputa.

Sequiosa tu' alma o ouvido inclina
Ao tumulo, pois soa dentro d'elle,
E vae atrás do enlevo que a fascina.

Um secreto poder te chama e impelle
Ao meu seio, ó miserrimo poeta;
Vem a mim, já que o mundo te repelle.

Eis afinal do padecer a meta;
Descansa do trabalho; Deus o ordena;
Trouxe-te aqui o teu fatal planeta.

Vem; troca a triste vida em vida amena;
Annos de dor em florea eternidade;
A tumultuosa guerra em paz serena.

Vem; eu só hei de dar-te a realidade
Dos sonhos teus que o mundo não entende.
Para o que soffre a morte é f'licidade.

Estas palavras funebres desprende
A voz mysteriosa; e o monumento
Do teu astro co'a luz todo se accende.

Depois escutas celestial concento
Que entra no coração, e grato aroma
Aspiras que amenisa teu tormento.

Um deliquio depois teu corpo toma;
Sentas-te nos degraus da sepultura,
E suave torpor teus olhos doma.

Depois a fronte inclinas; visão pura
Te lança os braços; n'elles adormeces;
E em breve acordas na celeste altura!

Assim, misero bardo, assim feneces!
Mas, cada vez mais radiosa e bella,
Sobre o tumulo teu, qual se vivesses,
Vive, reluz ainda a tua estrella.

PARA CANTO

Salve, noite silenciosa;
Salve, abrigo da saudade;
Em ti posso em liberdade
O meu pranto derramar.
Vem consolar minhas dores;
Vem ouvir o meu chorar.

Quantas vezes confidente
Do meu amor não has sido;
Porêm tudo está perdido;
Já ninguem me quer amar.
Vem ao menos, noite amiga,
Vem ouvir o meu chorar.

Mas, se nem tu piedade
Tens da minha triste sorte,
Venha compassiva a morte
Dor tão funda me acabar;
Venha, e nunca mais, ó noite,
Ouvirás o meu chorar.

AMEMO-NOS

Amemo-nos, amemo-nos;
Da passageira vida
Inteiro o fundo calice
Bebamos, ó querida;

Mas eu n'esses teus labios,
E tu nos labios meus,
Em longos tragos, soffregos,
Como licor dos céus;

Dando-me tu em osculos,
Ó rosa, o teu perfume,
Eu da minh'alma dando-te
O ardor que me consume.

Embora sôe o fremito
Do mundo baixo e vil,
Embora, nós gosando-nos
Em sempiterno abril,

Como em seu ninho alcyone
Vogando sobre as aguas,
D'este mundano pélago
Voguemos entre as magoas,

Porêm alçando canticos
De paz ao Creador,
Porêm cantando unisonos
Amor, sómente amor.

Que mais pretendo? As glorias
Da terra são-me inuteis;
És meu desejo unico;
O resto... coisas futeis.

É muito mais que a purpura
Viver em doce enleio
N'esses teus braços tremulos
De amor e de receio,

Receio d'alma púdica
Medo do pejo filho,
Que inda te faz mais candida,
Que inda te dá mais brilho.

Quizesses tu! podiamos,
Inveja dos humanos,
Como quieto corrego,
Sentir correr os annos;

Eu nos teus olhos vendo-me,
E tu vendo-te em mim,
Do peito meu no intimo,
No meu amor sem fim.

De rosas e de lirios
Juncára-te os caminhos;
Déras-me em paga innumeros
Afagos e carinhos.

Fôras meu Deus, meu idolo;
Eu teu escravo fôra,
Em te servir solicito,
Como a real senhora.

Assim os dias prosperos
Correram do existir.
Do que passava improvidos,
Fiados no porvir,

Assim entre delicias
Unidos, abraçados,
A vida lograriamos
Sem pena, sem cuidados.

Ah! se o quizesses... ouve-me
Bem sabes quem t'o pede;
Amor, de tudo arbitro,
É que t'o roga; cede.

Cede; não sejas impia;
Vem, que de ti preciso;
E a vida, mar inhospito,
Far-me-has um paraíso.

LAMPEJOS

SEGUNDA EDIÇÃO

A TORRES VEDRAS

AO MEU AMIGO O VISCONDE DE CASTILHO (JULIO)

Apraz-me o cimo alpestre da montanha,
D'onde se alcança ao longe a immensidade
Dos campos ou do mar a majestade,
Que ante a vista se perde e a costa banha;
Mas apraz-me tambem verde planura
Toda fechada de soberbos montes,
Que sustentam, parece, a esphera pura
Sobre as altivas, grandiosas frontes.

Tendo a terra a seus pés, o homem-verme
Da sua pequenez se capacita;
Julga a raça mortal' que em baixo habita
Ostentosa, mesquinha, pobre, inerme;
E, anniquilado, ao alto firmamento
Os olhos alevanta, o espaço corre,
E sublima até Deus o pensamento,
Que é poderoso só, que nunca morre.

Mas no fundo do val, no extenso plano,
Que muralha ondeada serrania,
Como que o céu na terra principia,
E, mais perto, se torna mais humano;
As encostas de aspecto verdejante
Ascendei até elle estão dizendo;
E a abobada divina, scintillante,
Sobre a nossa cabeça está pendendo.

Alli a scena austera se desdobra,
E a cega mente e o coração confrange;
Alli ao que é sem termo e não se abrange
Aspira o terreo pó, tão fragil obra;
E, procurando a Deus, a Deus despréza,
Pois do que foi por sua mão creado,
Dos que te'm sua propria natureza
Como que aparta os olhos indignado.

Aqui não; aqui soffre e se resigna
Ao seu breve passar por entre dores;
Folga; lida; padece; canta amores;
E não se crê de Deus feitura indigna;
Aqui só vê os céus, e nunca o iroso
Tetrico horror do pélago profundo;
Aqui vive melhor, mais em repouso,
Mais apartado do restante mundo.

É por isso que te amo, ó campo ameno
De Torres Vedras, onde pulso agora
A triste lyra, que na ausencia chora
Dos que a vida me te'm, do meu terreno;
É por isso que venho solitario
Em ti vagar, quando fenece o dia,
E em teu seio guardar, como em sacrario,
A saudade que o peito me agonia.

Ah! quanto és venturosa entre os encantos,
Que por todos os lados te rodeiam,
Entre esses ferteis montes, que se arreiam
Dos mais viçosos, peregrinos mantos!
Ah! como és socegada n'este azylo
Que amiga te fadou a natureza!
Que enlevo d'alma! Que existir tranquillo!
Que suave, que mórbida tristeza!

As vinhas pela encosta se penduram;
Em baixo cresce o milho; e d'ahi perto
O verde-escuro cannavial incerto,
Cujas folhas ao zephyro murmuram;
Alêm, vestindo as formas da montanha,
Se alonga espesso pinheiral bravío,
Que, por ella subindo, a altura ganha,
E inteira a cobre com seu véu sombrio.

Onde o trigo brotou hoje trabalha
Na lisa eira o camponez robusto,
E, suando e cantando, bate a custo
Co'os paus girantes a cortada palha.
Ouve-se o tilintar das campainhas
Dos rebanhos, o brado dos pastores;
Vêem-se as branquejantes ovelhinhas;
Sentem-se os seus balidos gemedores.

O possante carvalho, a fresca olaia,
O salgueiro folhudo e viridente,
O álamo mudavel e tremente,
O chorão lastimoso, a branda faia,
E o choupo estreito, que em fileiras orna
Do teu serpeante rio as margens bellas,
Tudo de graças mil te cinge e adorna;
E a alma quasi que se esquece, ao vêl-as.

E veio perturbar tal formosura,
Tamanha solidão a infausta guerra,
Como se não houvesse uma outra terra
Para servir dos homens á loucura!
Do vosso nome, que morrer não ha-de,
Quem se pode esquecer, linhas terriveis,
Santo muro da nossa liberdade,
Sepultura das aguias invenciveis?

Vedes um forte alêm, d'aquelle monte
No pincaro? Atalaia alli postada,
Cheia d'homens, álerta, sempre armada,
Com os olhos attentos no horizonte
Elle foi d'antes; hoje, quão diverso!
Nem sequer uma voz dentro resôa;
Desmantelado, na mudez submerso,
Agora a paz do tumulo o povôa.

Mas que outro quadro ainda na memoria
Se me apresenta e o coração me enlucta?
São dois bandos irmãos em lide bruta
Sobre o corpo da mãe, peleja ingloria!
Foi aqui, do Cizandro junto á beira,
Que pugnaram os lusos fratricidas,
Que só deviam ter uma bandeira;
Foi aqui que findaram tantas vidas.

Embalde o céu com rigoroso inverno
Lhes quiz dos golpes atalhar a furia:
Era preciso haver mais esta injuria
Á humanidade; triumphou o averno!
Embalde o rio, as aguas engrossando,
Os buscou separar; estava escripto!
Sobre a ponte uns e outros avançando
Correram da batalha ao fero grito.

N'este sitio onde estou, n'este castello,
Já quasi como agora então ruína,
Que o plaino todo em roda e a ti domina,
Se assentou dos humanos o flagello.
D'aqui partiu a arremessada bala,
Por companheira conduzindo a morte;
Aqui tombou no solo, já sem fala,
Com a espada na mão, o bravo, o forte.

Que vista! Das descargas ao ruído
Os teus montes attonitos gemeram;
Mudas as tuas aves se esconderam;
E tu tremeste do lethal bramido.
Em logar dos gorgeios e descantes,
Do campestre labor, do rir jocundo,
Só se ouviam as armas trovejantes,
O gemido, o estertor do moribundo.

Após alguns momentos, da batalha
A braveza acabou: qual morre exangue;
Qual para sempre jaz, do proprio sangue
Envolvido na rúbida mortalha;
Qual boia do Cizandro na corrente,
Vermelha ainda do combate rudo.
Reina silencio horrivel finalmente,
O silencio da morte; acaba tudo!

Hoje és outra; és feliz. Já muitos annos
Cicatrizaram a cruenta chaga;
Hoje a serena paz te adita e afaga;
Nem mesmo lembras da procella os damnos.
Ah! que nunca mais voltem! Folga e sonha;
O Senhor não te fez para taes scenas;
Não te cabe o chorar, villa risonha,
Nem da tortura amargurosas penas.

Como é bello aqui ver do dia o lume,
Quando, já aclarado o céu primeiro,
Por não te deslumbrar co'o brilho inteiro,
Resplandece dos montes sobre o cume!
Na planicie ou na equorea immensidade
Levanta-se offuscado de vapores;
A ti só quer em toda a majestade
Apparecer sem demudar as cores.

Porêm mais bello ainda é, quando pende,
E se esconde afinal todo brilhante
Por detrás de cabeço verdejante,
Cuja sombra no chão ao longe estende;
Emquanto que no oceano ou na campina,
Quando vae a tocar do curso a raia,
Tira as settas de fogo e não fulmina,
E no momento de ca'ir desmaia.

Então meigo, poetico, sombrio,
O pallido crepusculo acoberta
Com o raro cendal e a luz incerta
O céu, os montes, a planura, o rio;
Então as aves subito aos milhares
Soltam o canto em modulada nota,
E da esphera, e dos campos, e dos ares
Uma indizivel harmonia brota.

A languida tristeza d'essa hora
Só a póde esboçar de leve a idéia;
Do desespero as lagrimas enfreia;
Consola e faz pensar, fere e enamora;
Tudo nos move e poesia inspira;
Tudo de amor e de saudade fala;
O peito, sem querer, geme, suspira,
E as amarguras intimas exhala.

Tem voz a ave; a fonte sonorosa,
Que então mais triste, mais suave corre;
O froixo azul da abobada que morre;
Á terra que esmorece luctuosa;
A vespertina, refrescante aragem,
Que murmura ao passar os seus segredos
No cannavial sonoro, na ramagem
Dos copados e bastos arvoredos.

Em fim o dia acaba e a luz te deixa.
Vem a noite; e com tecto marchetado
Sobre teus altos montes sustentado
Vela-te o somno e sobre ti se fecha;
Ou manda illuminar-te a argentea lua
Com seu clarão phantastico; e o mysterio
Que então derrama pela face tua
Te faz assemelhar a sonho aereo.

Ah! quem tem coração que dores sinta
Que venha aqui desafogar as magoas!
A esta natureza, a estas aguas
O pintor, o poeta peça a tinta.
A inspiração n'esta fagueira estancia
Mora, como se fosse no seu templo.
Mas adeus, ó paiz d'alma fragrancia;
É a ultima vez que te contemplo.

Adeus; fica-te em paz, e no teu seio
Guarda-me as queixas vans que em vão suspiro;
E, quando o sol finalizar o gyro,
E as aves desprenderem o gorgeio,
Recorda-te de mim por um instante;
E em seu trinar e no sussurro vario
Da viração nos ramos ouve o amante
Que errou pelos teus campos solitario.

Torres Vedras —1867— Julho

PERFUME QUE PASSA

Diz o seu rosto innocencia;
Dizem seus olhos bondade;
Tem o sorriso nos labios;
Dentro d'alma a castidade.

Faz bem á minha tristeza
A sua ingenua alegria;
Por isso, quando ella passa,
Das outras em companhia,

Tão formosa e feiticeira
Como suas bellas irmans,
As flores, que abrem as folhas
Da primavera ás manhans,

Eu paro, e ponho os meus olhos
No seu candido semblante,
E enlevado o som lhe escuto
Da voz meiga, insinuante.

Depois, quando ella ha passado,
Fica em mim não sei que lume,
Não sei que alento de vida,
Não sei que vago perfume.

MED EN BLOMMAS BEHAG

VERSÃO DO SR. GÖRAN BJÖRKMAN

Hennes anlete af oskuld,
Hennes blick af godhet lyser.
Kyskhet talar ur det löje,
Hvarmed hon mot världen myser.

Hennes oerfarna glädje
I min natt en Giesglimt sprider.
Därför vakt jag på mitt fönster
Håller, om förbi hon slerider.

Därför när med en väninna
Henne jag hitåt hör nalkas,
Älsklig likt sin syster sippan,
Som med vinterns köld djärfs skalkas,

Står jag strat på post vid fönstret
Att med blicken henne sluka
Och att lyss till hennes stämma,
Som kan göra stenar mjuka.

Sedan, när hon är ur synhåll,
Länge kvar en Gies ning dröjer
I min själ—en glimt af lifsmod,
Och en vårlig doft jag röjer.

WANDELNDE WONNE

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK

Unschuld spricht aus ihrem Antlitz,
Aus den Augen spricht die Güte,
Auf den Lippen ruht ein Lächeln
Und die Keuschheit im Gemüthe.

Ihre harmlos-heit're Freude
Beut Erleicht'rung meinem Harme;
Wandelt sie an mir vorüber
Mit den And'ren, Arm in Arme,

So entzückend und bezaubernd
Wie die Blumen, ihre holden
Schwestern, die im Lenz entknospen,
Wenn die Sonne lacht so golden:

Dann—gefesselt steh'und schau'ich
Auf das reine Huldgebilde,
Und den süssen Klang belausch'ich
Ihrer Stimme, weich und milde.

Ist sie fort, verbleibt mir drinnen—
Weiss es selbst nicht—welche Sonne,
Weiss es selbst nicht—welches Leben,
Weiss es selbst nicht—welche Wonne!

PERFUME QUE PASA

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Dice su rostro inocencia;
Dicen sus ojos bondad;
La risa mora en sus labios;
En su pecho, castidad.

Calmarse siento mis penas
Al ver su ingenua alegria:
Por eso, quando ella pasa
En juvenil compañia,

Tan hermosa y hechicera,
Con las flores, sus hermanas,
Que entre perlas desabrochan
Primaverales mañanas,

Suspenso fijo mis ojos
En su cándido semblante,
Y extasiado escucho el eco
De su voz insinuante.

Y despues de haber pasado,
Deja no sé que luz calma,
No sé que aliento á la vida,
No sé que aroma en el alma.

RECORDAÇÃO E PRESENTIMENTO

Aquelles versos meus, aquelles versos,
Ais que sempre guardar em mim devia,
E que, espontaneos, de repente, um dia
Sahiram para o mundo em sons dispersos,

Que por isso amo tanto, que submersos
Me deixam o sentir e a phantasia
Em doce, mas cruel, melancholia,
Cada vez que os recordo, aquelles versos

Ditos pelos teus labios e memoria,
Verteram-me, ó poeta, um vivo alento
No coração, de enthusiasmo e gloria:

É que julguei ouvir o grato accento
Do meu passado, e o hymno da victoria.
Que sonho, que visão, que encantamento!

OUVINDO-A

O quebro da ave que saudosa trina,
A brisa inquieta que nas folhas geme,
A voz do nauta que descanta ao leme,
Quando o orbe argenteo na amplidão domina,
Não me entram n'alma, nem jámais me prendem,
Como os effluvios que de ti descendem,
Anjo ou mulher, na tua voz divina.

Não é que soltes inspirada as notas
De Donizetti, de Bellini ou Verdi,
Que nos infundem sensações ignotas,
Por onde a mente a delirar se perde:
Não cantas, falas; mas que doce canto
Do que tu dizes a expressão traduz?
É melodia, é sentimento, é luz!
Se és tão formosa, se te prézo tanto!

Oh! vem; modula-me as palavras ternas,
Com que me abrandas o vulcão do seio,
Com que me tiras do febril langor;
Quero, escutando-te em formoso enleio,
Voar, voar ás regiões eternas,
Onde se vive de immortal fulgor.
Oh! vem casar á minha rude lyra
Essa voz bella que no céu se inspira,
Essa voz bella que me diz amor.

A CAMÕES

O teu livro, ó Camões, ó poeta divino,
Resume um povo inteiro e de um povo o destino:
Sua origem, seu nome, e o seu formoso solo,
Fertil berço de heroes, que de um polo a outro polo,
Desde a extrema do occaso ao remoto oriente,
Levaram seu pendão vencedor e potente,
Entre o ferro, entre o fogo e as procellas do abysmo,
Semideuses no esforço, exemplos de heroismo.
D'essas aguias que teve o passado distante,
D'esses astros sem luz tu foste o sol brilhante,
Ó soberbo cantor. Levantou-lhes a historia
Estatuas colossaes sobre bases de gloria;
Mas ao marmore tu com tua omnipotencia
Déste fala, calor, uma nova existencia,
E d'aureola eterna a fronte lhes ornaste,
E do tempo através ao porvir os mostraste.

Tudo isto o livro teu nos seus versos encerra:
De uma nação a vida; as façanhas da guerra;
As sciencias da paz; as estradas abertas
Por ella á humanidade em largas descobertas;
O mar mysterioso; o Adamastor medonho;
A India, que entrevia a Europa como em sonho;
A Asia emfim vencida; o oceano avassallado;
E em tanta parte o mundo ao portuguez domado.
Como gemes de amor no magico alaúde!
Como acatas os paes, a piedade, a virtude!
Como apontas ao nobre a unica nobreza,

A sua e não de avós! Com que franca inteireza
Em verso vehemente, em palavras austeras
O juiz, o ministro, o monarcha verberas!
E, para mais fundir no egregio monumento,
Que elevavas aos teus, tu' alma e pensamento,
Como juntas tu' alma á da Patria querida,
E, para avivental-a, a tua á sua vida,
Já prevendo talvez que tinhas por estrella
Com a Patria existir e perecer com ella!

É por isso que eu te amo, ó vate sonoroso,
Como o pélago em furia ás vezes pavoroso,
Ou descrevas o cabo horrivel das Tormentas,
E o gigante feroz que ante o Gama apresentas,
Ou o liquido plaino em montes alterado,
O naufragio imminente e do terror o brado,
Ou com tintas de sangue a cruenta batalha,
Que a morte e assolação pelas hostes espalha;
Como tranquillo mar, outras vezes profundo,
Deixando de ti dentro adivinhar um mundo;
Ou infrene, qual rio entre rochas bramindo,
Que referve espumante, o jugo sacudindo,
Quando accusas a vil, inerte indifferença,
A baixa adulação que o poderoso incensa,
A tyrannia atroz, a sordida cobiça,
E a mundana cegueira, a que chamam justiça;
Acalmado outra vez, mavioso e sereno,
Qual ribeiro a correr por sobre campo ameno,
Se nos pintas a ilha errante dos Amores,
O socego campestre, o céu, a terra, as flores,
De candida paixão a viva chamma accesa,
E as graças divinaes de divinal belleza;
Ou emfim como flebil, angelica harmonia,
Que o peito faz chorar, que as mentes extasia,
Ao lamentar de Ignez a miseranda morte,
Os casos da fortuna, a tua propria sorte,
Teu inutil amor, a tua inf'licidade,
O desterro, a miseria e da Patria a saudade.

Que nação do universo outro poeta conta
Que te logre vencer? Homero a Grecia aponta
Embalde; embalde a antiga, imperecivel Roma
O primeiro logar para Virgilio toma;
Para Milton Albion; a Italia para o Tasso.
Póde aquelle que mede a mesquinho compasso
A tua secular, majestosa figura,
Sem olhos, não a ver: para elle não fulgura;
Mas quem tem coração que entenda a poesia,
Vista para encarar do genio o claro dia,
Para abranger n'um todo a alterosa montanha,
Maior na tempestade e dos raios na sanha,
Esse do teu engenho os rastos luminosos
Nos traços magistraes, simples e grandiosos,

Com que fundamentaste o ousado monumento,
Vê, admira, entre pasmo, assombro, acatamento,
E bardo te appellida excelso e patriota,
Fonte, d'onde perenne a poesia brota,
O espirito maior, mais vasto e sublimado
Em metro numeroso inteiro transformado,
Superior ainda ao heleno, ao romano,
Ao filho de Albion e ao cysne italiano,
Porque, se n'arte humana alguma vez lhes cedes,
N'alma, celeste essencia, a todos os excedes.

Assim pensa o que tem coração de poeta
E olhar para seguir teu lucido planeta;
Mas o que veio ao dia em terras portuguezas,
E acalentado foi ao som das gentilezas
Dos heroes, a que déste o ar da eternidade,
Esse julga-te quasi alguma divindade,
E, como eu, que, submisso, o teu vulto contemplo,
Respeitoso se curva e te fabrica um templo.

Para mim tu has sido o mais fiel amigo,
Ó cantor sobrehumano. Encontrei-me comtigo
Desde a infancia. Meu pae, nobre e velho soldado,
De minha joven mãe muitas vezes ao lado,
No berço me embalou, no meu berço, innocente,
Ao placido correr do teu verso cadente.
Depois acostumei minh'alma pequenina
Á tua poesia e musica divina,
Que eu, sem saber porque, como uma voz incerta,
Que não se entende, não, mas que o goso desperta
E saudades do céu, ouvia com deleite.
Foste, póde dizer-se, o meu segundo leite.
Depois, sem pae, sem mãe, sem no outro pae querido,
Que por filho me quiz, tambem cedo perdido,
No roseo alvorecer da meiga adolescencia
No mundo me achei só com a minha innocencia,
E aprendi na desgraça, escola austera e rude,
A viver, e em teu livro a seguir a virtude.
Comtigo abandonei a minha cara terra;
Comtigo supportei dos aquilões a guerra,
E, passando de Atlante o dilatado oceano,
O patrio chão troquei por outro chão tyranno.
Ahi, ah! quanta vez! o exilio me abrandaste,
E do paiz natal a lembrança avivaste!
Que o digam do Brasil as ribas extrangeiras,
Dos seus montes o cume, os valles, as palmeiras,
A cuja sombra á tarde eu me assentei chorando
Tanta vez, com meu canto os echos apiedando!
Desterrado, qual tu, do coração as fragoas,
Ao ler-te, consolava em tuas proprias maguas,
Só querendo tambem na minha inf'licidade,
Bem como tu, rever a patria claridade,
Muito embora, depois que o desejo cumprisse,

Para sempre da carne o espirito sahisse.
Emfim restituido ao meu ninho paterno,
Dia augusto e feliz! por dom do céu superno,
No teu amor fervente a minha fé tempero;
Na terra do heroismo, em nossa terra espero;
Em teus versos respiro a grandeza de outr'ora;
E em seu templo a minh'alma em silencio te adora.

Ah! se eu pudesse ver esses climas distantes,
Campos da nossa gloria inda hoje resoantes!
Ah! se me fosse dado, humilde peregrino,
O solo visitar, a que a lei do destino
Te levou, através do infortunio e dos mares,
Para o nome dos teus na lyra eternisares:
A Africa, onde tu, poeta-cavalleiro,
Aprendeste a vencer, e pagaste o primeiro
Tributo com teu sangue á Patria estremecida,
Um dos olhos perdendo e barateando a vida,
E onde as espadas nós e a victoria ensaiámos,
E, para mais voar, do vôo descansámos!
Se eu te pudesse ver, Asia, que tanto abranges:
Ó feraz Taprobana; ó caudaloso Ganges;
Ó Calecut infiel; ó Cochim sempre amiga;
Ó invencivel Diu, ante a furia inimiga
Illustre baluarte; ó Aurea-Chersoneso;
Ó grande e rica Ormuz, que te curvaste ao peso
Do braço de Albuquerque; e a ti, Goa, potente
Côrte do luzitano imperio do oriente;
E a ti, Macau, nos fins do mundo situada,
Por te prestar abrigo, ó vate, celebrada;
E a gruta, onde, fugindo ao viver tumultuario,
Consolaste o desterro a compor solitario,
O teu canto immortal! Se ver tudo eu pudesse,
E o passado ante mim glorioso se erguesse!

Mas para que, meu Deus? É melhor olvidar-me
Do presente, e na luz do teu genio cegar-me,
Ó bardo sem egual. De tamanha possança,
Que nas trevas, agora, o seu brilho inda lança,
Que, após seculos três, a Asia inda confessa,
Que nos faz levantar soberbos a cabeça,
De tamanho poder... só achara ruínas!
Já não varrem o mar as vencedoras quinas,
O mar, que estremeceu ao som de nossas frotas,
E, obrigado, nos deu cem regiões ignotas.
Mais felizes nações nos tomaram o sceptro!
Do que foi somos hoje uma sombra, um espectro!

O imperio gigantêo sobre os hombros sustido
Do Atlante portuguez, hoje quasi perdido,
Entre si do universo os povos o cortaram,
E do nosso despojo altivos se tornaram.
Agora a elles cabe o navegar, a guerra;

E limitado espaço a Portugal encerra;
Mas, onde quer que vão, da nossa velha gloria,
Reliquia de outro tempo, encontram a memoria:
Te'm dos nossos heroes, dos nossos navegantes
Os nomes eternaes as plagas mais distantes;
Nossa lingua e bandeira inda a Asia conhece;
O collo Africa ainda em parte nos off'rece;
E na America austral, florescente colosso,
Livre cresce o Brasil, livre, mas filho nosso.

Eis o que nos ficou do naufragio funesto!
Muito para outro povo; ah! mas pequeno resto
Para aquelle que ousou e fez e poude tanto!
E uma fama que move e moverá espanto,
Grande como a da antiga e bellicosa Roma,
E o teu vulto, ó Camões, que a immensidade toma,
E de cujo fulgor, como do astro do dia,
Nossa gloria sem fim sobre o mundo irradia.

1867

ANCIEDADE

Nem eu posso dizer que extranho enleio
Se apossa da minh'alma, quando a vejo;
É um mixto de amor e de receio;
Mas vêl-a e vêl-a sempre é meu desejo.

Desde que a encontrei a vez primeira,
Resurgi do meu bárathro profundo;
Que a luz d'aquelles olhos feiticeira
Me chamou novamente para o mundo.

Desde então uma timida esperança
De longe m'esclarece a noite e o dia:
É o sol que renasce e traz bonança,
Ou raio que a tormenta me alumia?

Quero ainda viver, gosar; minh'alma,
Só, sem amada ser, geme e definha.
Depois da tempestade anhelo a calma:
Não, não é vida esta existencia minha.

Deve formosa ser inda, a seu lado,
Nos seus braços gentis a natureza!
Dão os céus a quem é afortunado
Tantos bens, tanta paz, tanta belleza!

Cinza já fria o coração me cobre;
Porêm arde o vulcão dentro em meu peito:

Não o sinto bater por quanto é nobre?
Não o oiço queixar-se em ais desfeito?

Se vive para a dôr, para o tormento,
Porque uma vez tambem pulsar não ha-de
A um seu olhar, oh! doce pensamento!
No regaço da leda f'licidade?

Vinde pois, illusões, que eu tanto amava,
E que durastes um só dia apenas,
Bafejar da minh'alma a quente lava
Com as celestes, iriadas pennas.

A vida sem amor é quasi a morte;
E o trovador para cantar precisa
De um olhar, de um sorriso que o conforte,
Como a rosa do ar, do sol, da brisa.

Que ella um olhar me dê, um só, embora;
Que um sorriso me dê; será bastante
Para tornar feliz a quem a adora,
E animar minha lyra palpitante.

Mas, se tem de alongar-se o meu martyrio,
Ou alta ponho do desejo a méta,
Por Deus! que não acordem do delirio,
Dos sonhos seus o misero poeta.

AO MAESTRO SÁ NORONHA

Deu-te o céu a sublime harmonia,
Alma nobre, por Deus bem fadada,
Que nos prendes a mente enlevada,
Que nos fazes gemer, suspirar;
Inflammaram-te a Patria, as bellezas
Que no seio ella pródiga encerra;
E os echos do céu e da terra
No teu canto soubeste juntar.

Tudo ha n'elle: o concerto longinquo,
Mavioso dos coros divinos,
Que modulam os candidos hymnos
Reverentes aos pés do Senhor;
A ternura da rôla singela;
A suave tristeza da fonte;
O bramido do vento no monte;
Os suspiros, as queixas de amor.

Quem dotou liberal a fortuna
De taes graças embalde se esconde;
Canta; e aos cantos o mundo responde
Com inveja, com pasmo e desdem.
Nasce a guerra: o engenho de um lado;
Do outro lado a ignorancia, a baixeza;
Mas o engenho as offensas despreza,
E prosegue co'os olhos além.

Ao ruído do fero combate,
Acordando do languido somno,
A indiff'renca colloca no throno
Quem tão firme, sem medo luctou;
E de laureas corôas lhe cobre
A corôa de acerbos espinhos;
E ennastra-lhe os rudes caminhos
Com as palmas que ovante ceifou.

Assim foi teu destino, ó maestro;
É a sorte commum do talento;
A intriga inda ha pouco, o tormento;
Hoje vivas, festejos, canções.
Todos, todos victoria te bradam;
Só os filhos da Italia invejosos
Emmudecem, descoram raivosos
Do teu nobre diadema aos clarões.

Mas que importa? Não pensam, não sabem
Que é a patria dos grandes o mundo;
Que os applausos de um povo jocundo
Hão de á terra de Verdi chegar;
E que um dia, talvez não mui longe,
Hão de unir-se da Europa os louvores
De teus caros irmãos aos clamores;
E o teu nome mais bello tornar.

1868—Março

Á ESTATUA DA NOITE [1]

(DE JOÃO BAPTISTA STROZZI)

A Noite que aqui está formou-a um Anjo
Da tôsca pedra; que doçura exhala!
Dorme; parece respirar; tem vida;
Chama-a, se não o crês; verás que fala.

---

(1) Esculptura de Miguel Angelo ou Anjo. Veja-se a nota.

ORIGINAL

La Notte, che tu vedi in sì dolci atti
Dormire, fu da un Angelo scolpita
In questo sasso, e perchè dorme ha vita;
Destala, se no'l credi, e parlerati.

(DE MIGUEL ANGELO)

(Em nome da estatua)

Feliz de mim, que durmo e sou de pedra
N'este tempo d'opprobrio e de abandono,
Feliz, que nada sinto e nada vejo!
Não, não me acordes pois d'este meu somno!

ORIGINAL

Grato m'è il sonno, e più l'esser di sasso
Mentre che'l danno e la vergogna dura:
Non veder, non sentir m'è gran ventura;
Però non mi destar; deh! parla basso!

CEGUEIRA

Amor, não quero outras azas;
Guarda-as, louco, para ti;
És cego; mal me guiaste;
E por cego me perdi.

Vi no céu duas estrellas;
E que era fraco não vi;
Encheste-me d'esperanças;
E ao alto céu me atrevi.

Mas, ao brilho que lançaram,
Minhas azas derreti,
As minhas azas de cera,
E do ar no chão cahi.

Prostrado em terra, sem fala,
Deixa-me ficar aqui;
Não quero, amor, outras azas;
Que bem sei quanto soffri;

Que d'este modo piedade
Pode ser tenham de mi
Aquelles olhos formosos,
Aquelles olhos que eu vi.

CIEGO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Amor, no quiero otras alas;
Guarda aquellas para tí.
Mal me has guiado por ciego,
Y por ciego me perdí.

Ví en el cielo dos estrellas,
Y que era debil no ví;
Me llenaste de esperanzas,
Y al alto cielo subí.

Mas en medio del camino
A su fuego derretí
Mis pobres alas de cera.
Y del cielo me caí.

Postrado en tierra, sin fuerzas,
Déjame, por Dios, aquí;
No quiero, amor, otras alas.
Yo bien sé cuanto sufrí;

Que, talvez, de esta manera,
Compasion tengan de mí
Aquellos ojos hermosos,
Aquellos ojos que ví.

THOMAZ BLANC

AO DR. COLOMB, DE ARAMON

Como um justo morreu; de longe vinha
Já pensando no termo da viagem;
Bebia já do céu a meiga aragem;
Quieta e pura a consciencia tinha.

Vendo a hora fatal que se avisinha,
Olhou do Redemptor a santa imagem;
Despediu-se dos seus; e, na passagem
A outro mundo, lembrou-lhe a Patria minha.

Assim na vida e morte nos amaste,
Espirito gentil, e á tua França
No adeus extremo e a Portugal saudaste.

Pungiu-me, enterneceu-me esta lembrança.
Como pagar o amor que nos votaste?
Espirito gentil, em paz descansa.

1893—Fevereiro, 26

DESILLUSÃO

Se eu a visse dos mares junto á praia
Solitaria scismando,
Os olhos pela liquida campina
Tristemente alongando,

Ou admirando o sol que as nuvens cora,
E mais um dia acaba,
Ou a onda que corre; incha; se arqueia;
E espumosa desaba;

Se a visse, quando a lua pelo espaço
Deslisa vagarosa,
A contemplal-a, ou no sagrado templo
Em oração piedosa;

Se no lar da familia, que é na terra
Tambem de Deus o templo,
Onde viçam as crenças e as virtudes
Co'o maternal exemplo,

Eu a visse modesta, e, por modesta,
Inda muito mais bella,
Enchendo-o co'o perfume da innocencia,
Qual violeta singela,

Ou penteando as alongadas tranças
Em frente ao toucador,
Ou mirando-se n'elle e enrubescendo
D'algum sonho de amor;

Se d'este modo a visse, amara-a muito;
Dera-lhe o amor mais puro;
E de novo esperara ser ditoso;
E crêra no futuro.

Mas do salão da rumorosa festa
No corrupto ambiente,
Onde é tudo oiropel, tudo vaidade,
Onde tudo nos mente,

No mercado, onde, ao som das harmonias,
Se vendem os affectos,
E se mixturam co'o sorrir dos labios
Os dictos indiscretos,

Onde perde o frescor a juventude,
Onde o pejo se esconde
Sob o rubor da calma, e o braço ao braço,
E a mão á mão responde,

Oh! como a hei de amar? Embora creia
Que ella deve ser bôa,
E que a nivea pureza da su'alma
Sombra alguma ennodôa,

Embora, quando a vejo a um e outro
Sorrindo prasenteira,
Ou falando, ou sequer volvendo os olhos,
Eu soffro de maneira,

Eu sinto um não sei quê, mixto de inveja,
De affeição e desdem,
Que me faz apartar a vista d'ella,
Que o meu amor contem,

Que me apaga os meus sonhos tão formosos,
E da visão divina
Só me deixa uma sombra, mas tão bella,
Que ainda me fascina.

PALHETA E LYRA

AO MEU AMIGO JOSÉ FERREIRA CHAVES

Mutua, prompta sympathia
As nossas almas prendeu;
Mal se encontraram n'um dia,
Logo uma a outra entendeu.
Eram ambas afinadas
Pela harmonia celeste,
Que em phrases cadenciadas,
Ou em tintas inspiradas
O pensar informa e veste.

Do infinito espaço aereo
Das phantasticas visões,
Como eu, sondas o mysterio,
E argentas as illusões
D'este mundo enganador
Á luz do estro que fascina,
Que a fronte ao bardo illumina,
Que accende a fronte ao pintor.

Como eu, tu crês na amizade,
Na paixão, na fé sincera,
No que ha nobre a humanidade,
E, já na viril edade,
Tens inda um quê de innocencia,
Rescendes á primavera,
Ao florir da adolescencia.

Ambos nós nos aquecemos
Ao divo sol da esperança,
Conforto, azylo do céu,
Ambos nós viver fazemos
O passado na lembrança,
Aos tempos rasgando o véu.

Se tu és enthusiasta
Pelo solo do teu berço,
Como tu eu sou tambem.
Da minh'alma não se afasta
Sua imagem grandiosa;
Não ha nação no universo
Para nós mais portentosa;
É gloria termos tal mãe,
Grande mãe, que socegada,
Como tranquillo vulcão,
Jaz de seus filhos cercada,
Mas será inda acordada
Da chamma antiga ao clarão.

Todos estes sentimentos,
Ó meu amigo, attrahiram
Nossos communs pensamentos
E nossas almas uniram.

Ah! que tão eguaes affectos
Hoje e na edade futura
Não deixem de ser objectos
Da nossa crença mais pura;

E que a elles consagremos,
A elles e á nossa terra,
Á nossa Patria adorada,
Quanto fogo em nós se encerra,
Tu as télas animando,
Eu a lyra dedilhando,
A lyra desentoada.

TEMORES

Junto ás ondas do mar elle brincava,
Innocente, a correr na lisa areia;
E, de alegria e de tristeza cheia,
Recolhida minh'alma o contemplava;

De alegria por ver que assim folgava;
E de tristeza porque á minha idéia
Se afigurou do mundo imagem feia
O oceano, e que tragal-o ameaçava!

Mas eis subito pára; eis de repente
Me deixa e tudo quanto o distrahia,
Para olhar um baixel que velozmente

Na bruma do horizonte s' escondia.
Tremi ao vêl-o: era a ambição ardente
O baixel. Se a ambição m'o rouba um dia!

1876

UM ENTERRO EM VENEZA

D'esta maneira conduzindo as sombras
A barca de Charonte
Se fabulou que atravessava negra
O torvo Phlegetonte,

Emquanto que do rio pelas margens
A turba insepultada
Fazia estremecer o ar com supplicas,
Chorosa e lastimada.

Completam d'este quadro a semelhança,
Que eu esboço na mente,
O céu annuviado e tenebroso,
O mar plumbeo e tumente,

A solitaria, escurecida terra,
E aquelles poucos vultos,
Que se divisam, ao pé d'agua, immoveis,
Na dor e nevoa occultos.

Amigos, companheiros ou parentes
Do morto, a despedida
Extrema inda lhe mandam n'esta hora,
Na hora da partida.

Mas já, sem compaixão, a nave os deixa,
E, só, as ondas corta,
Pondo a proa na ilha funeraria,
E a ella emfim aporta.

Depois o mar o cerca para sempre,
E d'elles o separa!
Oh! duplo, mais cruel apartamento!
Aqui mal pode a cara

Esposa os frios, estimados restos
Ir prantear do esposo,
Do filho idolatrado a mãe afflicta,
Do irmão o irmão saudoso;

Que entre uns e outros, mais que o Lethes funda,
A marinha barreira
S'estende, e os vivos transportar recusa
A barca interesseira!

Nós, bem perto de nós, os nossos mortos
Na mesma terra havemos;
Nós, menos infelizes, cada instante
Visital-os podemos;

E esta proximidade e convivencia
Nos acompanha ainda;
E, vendo-os nos seus tumulos, dirieis
Que tudo alli não finda,

Que, debaixo da lapide marmorea,
De ouvir-nos estremecem,
Que as offerendas e orações piedosas
Mudos nos agradecem!

1887

PERIGOS

Não vás á tarde, minha innocente,
Por esses campos, só, passear,
Quando o crepusc'lo suavemente
Envolve as terras, o céu, o mar,

Que n'esse instante a natureza,
Alumiada por dubia luz,
Tem uma doce, acre tristeza,
Tem um mysterio que nos seduz.

Então não se ouve dos camponezes
A rude lida, nem o balir
Das espalhadas, candidas rêzes,
Nem dos cavallos o audaz nitrir.

Cessa o conjuncto de mil rumôres,
Que a mente e os olhos chama, distra'e;
Êrma-se tudo; tudo de côres
Muda, e em silencio profundo ca'e.

Fica sósinha com seus encantos
A natureza falando ao céu,
Da harpa eolia soltando os cantos,
Fada coberta de raro véu;

E co'o perfume nos embriaga,
Nos enlanguece, turva a razão,

E a seus accentos noss' alma vaga
Dos aureos sonhos pela amplidão.

Foge do campo, da soledade,
Foge da hora que faz scismar;
Os seus encantos da mocidade
Podem-te os gosos envenenar.

Eu bem te vejo, pela alameda
Quando tu passas, já posto o sol,
A cada instante ficando queda,
A ouvir os quebros do roixinol.

Oh! não, não pares no teu passeio;
Não dês ouvidos ao trovador;
Que, de mixtura com seu gorgeio,
Dentro do peito se entranha amor.

Ouves a brisa pela ramagem?
Pões-te escutando não sei o quê,
Fitos os olhos. Que diz a aragem?
Que ente invisivel tu' alma vê?

Porque te sentas junto ao ribeiro,
Que da lamêda perpassa ao fim?
Como esquecida do mundo inteiro,
Porque o contemplas, donzella, assim?

Grossa corrente de mil idéias
Segue a corrente que vês passar?
Ah! foge d'elle; como as sereias,
É perigoso seu murmurar.

Tudo é perigo, tudo, n'essa hora
Fallaz e meiga de solidão,
Para o que ainda de amor não cora,
Para o que o sente no coração.

Bem sei: não amas: tua existencia
Deslisa á sombra do lar natal,
Timida rôla, flor de innocencia,
Qual mansa veia por fundo val.

Mas no teu peito reina a ternura;
Mas dos teus olhos o meigo anil
Cobre-se ás vezes de uma tristura...
De um ar tão languido e tão gentil...

Ah! foge, foge da soledade;
Foge da hora que faz scismar,
Que os seus encantos da mocidade
Hão-de-te os gosos envenenar.

PERIGLI

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ah! non andare,
Cara innocente,
Per la campagna,
Sola, a vagar,
Quando il crespuscolo
Soavemente
Tinge la terra,
Il cielo e il mar;

Che la natura
In questo tempo
Da fosca luce
Velata già,
Dèsta una dolce,
Ma acre tristezza,
E ha un che di occulto
Che sedurrà.

Allor non s'ode
Dei villanzuoli
L'arduo lavoro,
Nè puossi udir
Del bianco e sparso
Gregge il belato,
Nè dei corsieri
Il fier nitrir.

Cessa di mille
Frastuoni il coro,
Che l'alma e gli occhi
Distrarre fa;
Tutto è solingo;
Tutto di tinte
Cambià, e in silenzio
Profondo sta.

Resta allor sola,
Sol col suo incanto,
Tutta natura
Parlando al ciel,
Sull'arpa eolia
Sciogliendo il canto,
Fata coperta
Da rado vel.

E col suo aroma
Ci inebria i sensi,
Ci sfibra, e turba
Nostra ragion;
E a' suoi accenti
L'alma si svaga
Dei sogni d'oro
Nella region.

Fuggi dai campi;
Non star mai sola;
Fuggi dall'ora
Che fa vanear;
I suoi diletti
Posson le gioie
D'un giovin core
Avvelenar.

Io bene osservo,
Quando nel bosco
Esci a diporto,
Già ascoso il sol,
Che ad ogni istante
Tu resti immota
A udire i trilli
Dell'ussignuol.

No, non fermarti
Nel tuo passeggio;
No, non badare
Al trovator;
Sappi che misto
Co' suoi gorgheggi
Dentro al tuo petto
S'insinua amor.

Odi la brezza
Stormir tra i rami?
Stai come un ch' ode
Non so mai chi,
E in esso assorta.
Che dice or l'aria?
Qual ente etereo
Tu' alma scopri?

Perchè ti assidi
Presso al ruscello
Che scorre in capo
Al tuo giardin?
E, come estranea
Al mondo intero,
Perchè il contempli
Nel suo cammin?

È che una folla
Di mille idee
Ti assale in questo
Tuo contemplar?
Ah! ti allontana!
Qual di sirene,
È periglioso
Suo mormorar.

Tutto è periglio
In cotest'ora
Di solitario,
Dolce abbandon,
Per chi non sente
D'amore il foco,
Per chi ne prova
Già la passion.

Ben so: non ami;
La vita tua
Scorre tranquilla
Nel patrio ostel;

Sei pura e mite,
Come colomba,
Tutta innocenza,
Figlia del ciel.

Ma in tuo cor regna
La tenerezza;
Ma del tuo sguardo
Il bel fulgor
Talor si copre
D'un mesto velo...
Di espression languida,
Ma cara ognor...

Ah! fuggi, fuggi
La solitudine;
Fuggi dall'ora
Che fa vanear:
Che i suoi diletti
Posson le gioie
D'un giovin core
Avvelenar.

DE MARMORE

Cala-te, coração, ama e padece;
Que não saiba ninguem como eu a adoro,
O desespero que me rasga o peito,
As lagrimas que em vão por ella choro,

As minhas noites longas e veladas,
D'estes meus dias o comprido tedio,
As ruínas das minhas esperanças,
Por onde vago, sem achar remedio.

Não, não saiba ninguem meu soffrimento;
Nem ella, que talvez de mim zombasse,
E com mais um diadema de triumpho
A mulheril vaidade coroasse.

Se é como um anjo bella, na dureza
Fria estatua de marmore parece.
Não te ouve, não te vê, que não tem alma.
Cala-te, coração, ama e padece.

LYRA INTIMA

Porque assim fui feito?
Porque sinto tanto
Minhas proprias dores
E dos mais o pranto?

Porque sempre ao alto
Subo, como o incenso,
Desde o humano vortice
Té ao céu immenso?

Porque um raio apenas
Me fabrica um mundo,
Me transporta ao éden,
Ou do averno ao fundo?

Porque á nuvem negra,
Que mal vejo, tremo,
Phantaziu horrores,
Sem allivio gemo?

Porque a um mesmo tempo
Desespero e espero,
Creio, amo, sonho,
Mais sonhar não quero?

É que é harpa eolia
Minha interna lyra,
Que á menor bafagem
Chora, ri, suspira.

Sobre um monte exposta,
Dos tufões a guerra
Não lhe quebra as cordas,
Não a lança em terra.

Mas um dia, breve
Póde ser que seja!
Cederá vencida
Na fatal peleja.

Então, nu, o tronco,
De que era alma bella,
Da tormenta oppresso,
Tombará com ella.

Então só a aragem
Que nos campos vaga,
Quando a sombra o dia
No horizonte apaga,

Póde ser que venha
Sobre o teu jazigo,
Minha pobre lyra,
Conversar comtigo.

Então só o echo
Das soidões que amaste
Redirá aos outros
O que tu cantaste,

Ou (quem é que o sabe?)
Talvez nada fique,
Nem um echo ao menos,
Que o que foste indique.

LIRA INTIMA

VERSÃO DO SR. THOMAZ CANNIZZARO

Perchè nacqui in tal guisa,
E perchè sentir tanto
I miei proprii dolori,
E degli uomini il pianto?

E perchè sempre in alto
Ascender, come incenso,
Da questo umano vortice
Al firmamento immenso?

Perchè basta un sol raggio
A crear dentro un mondo,
Che l' Edene or mi schiude,
Or de l'oceano il fondo?

Perchè per nube nera,
Che mal sorgiunse, io tremo,
E mille orrori immagino,
E senza tregua gemo?

Perchè in un tempo istesso
Spero, dispero ed amo,
E credo insieme, e sogno,
E di sognar non bramo?

È sol perchè un eolia
Arpa è l'interna lira
Mia, che, al più lieve soffio,
Piange, ride, sospira.

Esposta sopra un monte,
Degli aquilon' la guerra
Le corde non le infrange,
E non le scaglia a terra.

Ma verrà giorno — e presto
Esser questo potrà —
Che, vinta ne la pugna
Fatale, essa cadrà.

Allora il tronco nudo,
Ondé era anima e speme,
Da l'uragan percosso,
Cadrà con essa insieme.

Allor soltando l'alito,
Che sui campi, ne l'ore,
Che sotto l'ombre il giorno
Su l'orizzonte muore,

Sul letto potrà forse
Venir che Dio ti diè,
O mia povera lira,
A conversar com te.

Dei deserti che amasti
L'eco allor sol — chi sà? —
Quello che tu cantasti
Agli altri ridirà.

Ovver non fia che resti
Nel fosco oblio profondo
Eco neppur che accenni
Quel che tu fosti al mondo.

Messina — Febbraio

LIRA INTIMA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Perchè in me così strana natura?
Perchè mai mi tormentano tanto
I dolori che mi hanno ferito,
E mi accòra del prossimo il pianto?

Perchè ognor verso gli alti ideali
Io mi innalzo, siccome l'incenso,
E, dal vortice umano fuggendo,
Volo, volo fino al cielo immenso?

Perchè un raggio, un sol filo di luce
A me svela un fantastico mondo,
Mi trasporta in un eden beato,
O mi lancia d'averno nel fondo?

Perchè tosto che appar nera nube,
Benchè appena travèdasi, io tremo,
E, pensando ad un prossimo orrore,
Senza alcuno conforto allor gemo?

Perchè mai nel medesimo istante
Ora spero, poi tosto dispèro?
Perchè mai credo, ed amo, e trasogno,
Poi del sogno ho disgusto sincero?

È perchè solo ad una arpa eolia
È simile l'interna mia lira,
Che allo spiro più lieve dell'aura
Ora piange, or sorride, or sospira.

D'alto monte sul vertice esposta,
Dei furenti aquiloni la guerra
Non ne schianta le corde tenaci,
Non la puote disperdere in terra.

Pure un giorno verrà, e tal evvento
Èsser puote che ben presto sia,
Che la lira nell' aspra tenzione
Resti infine dei venti in balia.

Ed allor, nudo il tronco, spogliato
Della lira, che n'era alma bella,
Dalla fiera procella percosso,
Cadrà al suolo, disfatto com'ella.

Sòlo allora la brezza soave,
Che spirare nei campi ognòr suole,
Quando l'ombra notturna scompare
Ai gloriosi splendori del sole,

Può accadère che spiri in quel punto
Sull' avèl dove fosti riposta,
E con te si trattenga a parlare,
O mia lira, ad ogni altro nascosta.

Ed allor solo l'eco tranquillo
Di quei luoghi solinghi che amasti
Ridirà fedelmente ai viventi
Tutto quello che un giorno cantasti.

Ma fors' anco (e chi mai può saperlo?),
Ma fors' anco di te nulla resti,
Nè un ricordo, nè un eco che mostri
Quel che un de' venturosi facesti.

Genova — Luglio 1—1902

ASPIRAÇÃO

Ha pouco, inda ha pouco choravas no berço;
Agora difundes em torno o prazer,
Co'o farto cabello ondeando disperso,
Veloz, inquieta no prado a correr.

Formosa tu eras; porêm cada dia,
Que o tempo revolve no curso fugaz,
Te presta ao semblante maior harmonia,
Mais bella te faz.

E como por entre o verdor da folhagem
Do sol se adivinha o escondido clarão,
Nas graças que te ornam já timida a imagem
Me vae transluzindo do teu coração.

Já outra me beijas e outra me falas;
Teus beijos e falas já te'm mais calor;
Já mais os sentidos me prendes e abalas,
Ó candida flor.

Ás vezes, ao ver-te, m'esqueço pensando;
É que dos teus olhos o puro brilhar
A que eu amei tanto m'está recordando,
E quero os seus olhos nos teus encontrar.

Sorris? Alvoroço-me, e creio o sorriso
De teus roseos labios egual ao dos seus.
Achal-a de novo no mundo preciso.
Que sonho, meu Deus!

Será realidade? És hoje criança;
Porêm, quando chegue dos annos o abril,
Talvez a assemelhes nos olhos, na trança,
Na bocca, nos modos, no porte gentil.

O sangue tens d'ella; já tens formosura;
E é da natureza mudar ao crescer.
Como eu te amaria! Mas tanta ventura!...
Não, não póde ser.

1896

LEMBRANÇA INDELEVEL

Ah! quanto tempo já lá vae! ah! quanto!
Que eu de ti goso, ó Patria idolatrada!
Mas não m'esquece aquella madrugada,
Em que te vi surgir, cheia de encanto,

Do vaporoso ar por entre o manto,
D'entre as aguas do Tejo levantada,
Phantastica visão, tão desejada,
E chorei, de alvoroço, alegre pranto!

Não me lembra o desterro, a desventura;
Lembra-me o dia em que te vi sómente;
E inda tanto esse dia hoje fulgura,

Que o passado a meus olhos faz presente,
Que faz toda outra f'licidade escura,
Que inda banha de amor minh'alma ardente.

1891—Maio 5

Impossivel! Á c'roa da sciencia
Cumpria sobrepôr a dos espinhos,
Para vencer os triumphaes caminhos;
No teu sonho cifravas a existencia.
Não te attendemos nós, e abandonaste
A nossa terra pela terra extranha,
E, mendigo sublime, divagaste,
Pedindo um óbolo á soberba Hespanha

Oito annos, debalde; até que um dia,
Envergonhada, á voz de uma princeza,
Algum oiro te deu para a alta empresa
Que o nome teu eternisar devia.
Partes; luctas co'os homens e co'as vagas;
E, sempre o olhar nas bandas do occidente,
Emfim descobres as risonhas plagas
De uma ilha que annuncia um continente..

Venceste; o sonho teu é realidade;
Pagas a Hespanha o oiro que te dera,
Dando-lhe um mundo; mas Hespanha fera
Te priva do triumpho e liberdade:
Após levar-te ao capitolio augusto,
Depois das ovações dos reis, do povo,
Escuta a inveja torpe, o odio injusto,
E traz-te em ferros d'esse mundo novo.

Muito embora! Submerso em tua idéia,
Tudo soffres, desprezas e perdôas:
Seguem a tua esteira ousadas prôas;
Vês toda a terra do teu nome cheia;
Vês Portugal e Hespanha competindo
Em acabar teu feito; e o lôdo impuro
Deixas da terra, para Deus sorrindo,
Porque alcanças da America o futuro.

Faro — 1892 — Nov.

A CRISTOFORO COLOMBO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Nel tuo Mediterraneo, angusto mare
Per cotanta ambizion, cotanto ardire,
Già il tuo entusiasmo non potea capire,
Che, da garzone, t'era familiare.
Scena più vasta l'alma tua bramava:
L'ocèan senza fin, largo, profondo;
Questo popol di nauti che il domava,
E al mondo assorto disvelava il mondo.

Attratto dal fulgor di nostra gloria,
Ch'era per te come un faro divino,
O colonna di fuoco che il destino
Ti ponea nel sentier della vittoria,
Giungesti al mio paese, e meraviglie
Quì vedi, e scruti l'ocèan fremente,
E mille idee, del tuo gran genio figlie,
Concepisti al vederli arditamente.

Ah! sì; fu sotto questo ciel formoso,
Fu sotto queste sì vivide stelle,
Fu a bordo delle nostre caravelle,
E al rugito delle onde procelloso,
Che il sogno tuo creasti in felice ora,
Forse udendo da sperto navigante,
Leon del mare, ritto in sulla prora,
Le scoperte narrar del sommo Infante.

Iddio quì ti condusse; e quì vivesti;
Quivi i tuoi passi la gloria ha diretto;
Quivi in lasci soavi amor t'a stretto;
Di questo amor quì il frutto raccogliesti;
La dolce tua compagna quì nata era;
Quivi nacque il tuo figlio idolatrato;
Ah! perchè non restar la vita intera
In questa nuova patria amante e amato?

Impossibile! Al serto della scienza
Era fatale unir uno di spino,
Perchè ultimassi il trionfal camino;
Nel tuo sogno era tutta l'esistenza.
Non ti credemmo; e allora abbandonasti
La mia patria, e ormai tua, per una strana,
E, mendico sublime, a lungo errasti
Chiedendo aïta alla nazione ispana

Otto anni, invan; finchè, da rossor vinta,
La voce d'Isabella avendo intesa,
Un po'd'oro ti diè per l'alta impresa,
Per cui non sarà mai tua fama estinta.
Parti; lotti cogli uomini e coll'onde;
Fisso pur sempre il guardo all'occidente;
Infine scopri le ridente sponde
D'un'isola che annunzia un continente.

Vincesti; era il tuo sogno una realtate;
Paghi agli ispani l'oro che ti diero
Lor dando un mondo; ma l'ispano fero
Ti priva d'ogni onor, di libertate.
Pria ti condusse al campidoglio augusto
Tra immenso plauso a niun altro secondo;
Poscia ascolta l'invidia e l'odio ingiusto,
E in catene ti trae del nuovo mondo.

Sià pur: immerso in tuo pensier, la pena
Soffri e sprezzi, e dimentichi, e perdoni;
Ti seguon l'orma altri del mar leoni;
Vedi la terra del tuo nome piena;
Vedi in gara l'ispano e il popol mio
Per finir l'opra tua; e il luto impuro
Lasci del mondo, sorridendo in Dio,
Perchè sai dell'America il futuro.

EXTASE BUCOLICO

Hontem, qual tenho ás vezes por costume,
Já farto da monotona cidade,
Fui divagar no campo, em liberdade,
E aspirar das florinhas o perfume.

Os passaros voavam em cardume;
A aragem difundia suavidade;
Em roda a mim tudo era soledade;
Tocava já no occaso o ethereo lume.

Ao longe, no declive de um oiteiro,
Grande rebanho ao valle descendia;
Atrás d'elle cantava o pegureiro.

E não vi nada mais; que a phantasia
Me transportou a um éden feiticeiro.
Oh! Virgilio, oh! Camões, oh! poesia!

IDYLLISCH VERZÜCKT

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK

Gestern — zuweilen fröhn' ich diesem Brauch —
Liess ich der Stadt eintöniges Gewühle
Und schritt behaglich über Thal' und Bühle,
Um einzusaugen rings den Blütenhauch;

Die Vögel flatterten von Strauch zu Strauch;
Der Lüfte Spiel erregte Frisch' und Kühle;
Ich stand allein, versenkt in Lenzgefühle;
Schon barg die Sonn' im West der Nebelrauch;

Fernab zu Thale zog in munt'rem Trabe
Die Herde dichtgedrängt die Hald' entlang,
Und singend folgt' ihr nach der Schäferknabe;

Mehr sah ich nicht; mir schuf in sel'gem Hang
Mein Geist ein Eden wie mit Zauberstabe;
Oh Camoens; oh Virgil; oh Hirtensang!

Münster (Westfalen)—97-3-26.

RECÚA

Pretendes deixar o mundo,
Quando o mundo inda não viste?
D'esse abysmo o negro fundo
Por acaso já mediste,
Em que te queres lançar?
É porque a alma padece?
Porque julgas que anoitece
Teu dia, mal a raiar?
Pois, já que assim te parece,
Noite seja, noite escura;
Mas dize-me: já notaste
D'essa noite a formosura?
Já alguma contemplaste
Illuminada de estrellas
Assim tantas e tão bellas?

Deixar a mãe que te adora,
A vida que te sorri,
Deixal-a, quando na aurora
Toda riso, encantadora,
Se prepara para ti!
E o amor que, tarde ou cedo,
Ha de saber o segredo
Que te opprime o coração!
Podem só dezeseis annos
Gerar tantos desenganos,
Gerar tanta abnegação?

E, se um dia, arrependida
De te veres isolada,
Os olhos para esta vida
Tu volveres consternada,
Erma não a encontrarás?
Angustiosa procurando
Do passado o sonho brando,
A mortalha não verás
Com que da terra despiste
As esp'ranças, triste, triste,
Viva e só não te acharás?

É tempo ainda; recúa;
Deixa pois a idéia tua,
Esse sonho, essa illusão:
Quer a candida bonina
Livre ar para viver,
Luz do sol para crescer,
E uma veia crystallina
Que lhe leve fresquidão.

As lagrimas que derramas
Porque lagrimas as chamas?
São meigo orvalho do céu;
São orvalho que a verdura
Vem alimentar da flor,
A que presta mais frescura,
A que dá mais vivo odor.

Quando choras, a tristeza
Que em teu rosto se traduz
É magoa que tem belleza,
É treva que esparge luz.
Tal é triste a natureza
Na doce melancholia
Da hora do pôr do sol;
Tal é triste a melodia
Do canto do roixinol.

Eu portanto, porque leio,
Qual se fosse em livro aberto,
Do teu coração no enleio,
Minha virgem, digo e creio
Que intentas um desacerto.
E, se fôr para louvar
E servir sómente a Deus
Que assim nos tentas roubar
O lume dos olhos teus,
Vou-te dar um bom conselho:
Dentro em tu'alma o procura,
N'ella só, e mais no espelho,
Onde vês a formosura.

1852

INDIETREGGIA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Tu lasciar pretendi il mondo,
Quando ancòr non l'hai veduto?
Di quel loco il buio fondo,
Dentro al qual ti vuoi gettar,
Forse hai già ben conosciuto?
Gli è perchè l'alma patisce?
Perchè credi che finisce
Il tuo giorno al suo spuntar?
Ma, se a te notte apparisce,
Notte sia, buio perfetto;
Però dimmi, già notasti
Di tal notte il vago aspetto!
Già qualcuna contemplasti
Rischiarata dalle stelle
Così tante, e così belle?

È una madre che ti adora,
È una vita incantatrisce
Che tu lasci, or ch'una aurora,
Tutta riso che innamora,
Nunzia a te avvenir felice!
È l'amor, cui, tardi o presto,
Fia il segreto manifesto
Che al tuo core or dà passion!
Ponno dunque sedici anni
Crear tanti disingani
E cotanta abnegazion?

E, se un dì, triste, pentita
Di vedèrti sì isolata,
Rivolgessi a questa vita
I tuoi sguardi costernata,
Erma non la troverai?
Ed allor mesta cercando
Del passato il sogno blando,
Le gramaglie non vedrai,
Con che al mondo hai detto addio;
E soletta, e nell' oblìo
Tetri giorni non vivrai?

È ancòr tempo. Or su indietreggia;
E che ormai smètter ti veggia
Questo tuo pensier crudel.
Alla vita d'ogni fiore
Aria libera conviene,
E del sol luce e calore;
Un fil d'acqua indi il mantiene
Sullo stelo fresco e bel.

E le lagrime che spandi
Perchè tali le domandi?
Son rugiada pia del cielo,
Stille son che fan maggiori
Gli incantèsimi del fior;
Onde avvien che meglio odori,
E più splenda il suo color.

Quando piangi, la tristezza
Che dal tuo volto traluce
È dolor che dà bellezza,
È tenèbra che dà luce.
Così triste par che sia
La natura, allor che il dia
Muore, al tramontar del sol;
Triste è pur la melodia
Del cantar dell'ussignuol.

Io perciò, perchè ho scoperto,
Come fosse in libro aperto,
Del tuo cor gli intimi sensi,
Ti dirò che quel che pensi
Parmi, o vèrgine, error certo;
E, se è sol perchè servire
E lodare Iddio tu vuoi
Che ora a noi tenti rapire
Il fulgor degli occhi tuoi,
Buon consiglio vo'darti io:
Nel tuo cor cerca sol Dio;
Vedrai poi, se ne hai vaghezza,
Nello specchio la bellezza.

Genova, 22 Novembre 1896

COM O OUTOMNO

Como se me vae indo esta existencia,
Dia a dia, hora a hora, instante a instante,
Após uma visão, uma apparencia
Enganadora sim, porêm brilhante!

Entre as flores da minha adolescencia
Appareceu-me; soffrego, anhelante,
Quiz tomal-a nos braços; van demencia!
Fugiu; e caminhou de mim deante.

D'esta maneira os dois ha muito andamos;
Ella, espirito, vôa; eu sigo-a a medo;
E sempre um do outro mais nos apartamos.

Já mal a vejo ao longe; o tempo ledo
Findou; o outomno já desfolha os ramos.
Ai! ó meus sonhos, findareis bem cedo!

RAPTO

Que ar é este que respiro
Enlaçado nos teus braços?
Tomo-te as candidas azas;
Vôo livre nos espaços,

Nos espaços infinitos,
Alêm do mundo, no assento
Onde outro tempo subia
Apenas co'o pensamento;

Mas onde hoje me sublimo,
Desprendido da materia,
Como espirito gerado
Á luz da mansão etherea.

É que minh'alma no fogo
Da tua purificou-se,
E digna de ver o empyreo,
Vendo a tu'alma tornou-se.

É que as minhas terreas azas
Nos ares me suspendiam,
Porêm subir tanto acima,
Tanto acima não podiam.

Agora levam-me as tuas,
Que são puras e divinas,
E com ellas me levanto
Ás moradas diamantinas.

D'essas viagens que faço
Agora junto comtigo
Projecto debalde a historia
Descrever; nada consigo.

Não, não existem palavras,
Nem metro, por mais cadente,
Que saibam contar aos outros
Este viver innocente.

Nem, sabendo, o entenderiam:
É tanta nossa ventura,
Que a percebem só os anjos,
Mais nenhuma creatura.

EPITAPHIO

Como um raio de luz e de esperança,
No lar paterno só brilhaste um dia:
É que por este mundo tu voavas,
Anjo, em busca da patria da alegria.

Mas que suave aroma d'innocencia,
Que mixto de tristeza e claridade
Não deixaste, inda assim, a quem te amava,
A teus chorosos paes! e que saudade!

EPITAFFIO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Come un raggio di luce e di speranza,
Nel patrio ostello sol brillasti un giorno;
È perchè in questo mondo tu volavi,
Angelo, in cerca di miglior soggiorno.

Ma qual soave aroma di innocenza,
Qual misto di tenèbra e di chiarore
Non lasciasti quì in terra in chi t'amava!
E ne' tuoi genitori qual dolore!

VOZ SECRETA

Tenho em mim uma voz mysteriosa,
Que não ouve ninguem, que eu oiço apenas,
Mais que do campo ao longe as cantilenas,
Mais que celeste côro maviosa.

Ora é triste, monotona, saudosa;
Ora do padecer me abranda as penas;
Ora me leva d'outro mundo ás scenas
E me embala nos sonhos carinhosa.

Ah! como então é seductora e bella!
Mas outras vezes lança-me da altura
A que me ergueu; revolve-me a procella

Das paixões; torna em colera a doçura;
Apunhala-me; e vou inda após ella;
E inda encontro em seu canto formosura!

VOCE SEGRETA

VERSÃO DO SR. THOMAZ CANNIZZARO

Una voce ho nel cor misteriosa,
Che alcun non ode ed io soltanto appena,
Più che alpestre, remota cantilena,
Più di un coro celeste nebulosa.

Or monotona, or triste, or lamentosa,
Or mi lenisce del soffrir la pena;
D'un altro mondo or pingemi la scena
E in mille sogni cullami amorosa.

Oh! quanto allora è seduttrice e bella!
Ma poi ratto mi fà da tanta altezza
Del cor precipitar ne la procella.

Allor, conversa in ira ogni dolcezza,
Uccidemi; ed io pur vò dietro a quella,
E ancor nel canto suo trovo bellezza!

Messina—Febbraio—1899

DEN HEMLIGA RÖSTEN

VERSÃO DO SR. GÖRAN BJÖRKMAN

Jag har inom min barm en hemlig röst,
Som är förnimbar endast för mitt öra
Likt fjärran sång, som plötsligt man får höra
I enslig dal, där det är dödsstum höst.

Än mild, den stillar kvalen i mitt bröst.
Än kan till vemodstårar den mig röra.
Än plär till fjärran rymder den mig föra,
Vårliga land, som skänka salig tröst.

Hur trolskt dess genljud i min själ då klingar!
Men ve, i nästa stund med svarta vingar
Kommer en storm, som bort min drömvärld sopar.

En lidelse sitt härskri till mig ropar.
Och se, nyss from och blödig likt en kvinna,
Jag själfva vredens röst nu skön kan finna!

VOIX SECRÈTE

VERSÃO DO SR. ACHILLES MILLIEN

Je porte en moi je ne sais quelle étrange voix,
Que n'entendit personne et que j'entends à peine,
Plus douce que le chœur céleste, plus sereine
Que la chanson rustique au lointain dans les bois.

Tantôt triste, elle cède à de cruels émois;
Tantôt de ma misère elle allége la peine;
Tantôt d'un autre monde elle m'ouvre la scène
Et me berce et m'endort dans les songes parfois.

Ah! comme elle est alors enchanteresse et belle!
Mais soudain des hauteurs où son vol m'a porté
Elle me jette en bas, me laisse ballotté

Au vent des passions, furieuse et rebelle
Me poignarde... Et toujours, moi, je cours après elle,
Et toujours je retrouve en son chant la beauté!

PROPHECIA

Á MORTE DE GONÇALVES DIAS

Bardo, foste propheta. Nos teus versos
Com a penna cruel e inevitavel
Do proprio fado, esclarecido o animo,
Teu destino fatal assignalaste.
Quando, feliz a patria abandonando,
A patria cara, a teus fieis amigos,
No florir da existencia, adeus disseste,
Estas, em mal, fatídicas palavras
Te sahiram dos labios, segredadas
Talvez por Deus; reconditos mysterios!
«Porêm, quando algum dia o colorido
Das vivas illusões que inda conservo
Sem força esmorecer e as tão viçosas
Esp'ranças que eu educo se afundarem
Em mar de desenganos, a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojar-me
Á praia tão querida que ora deixo.
Tal parte o desterrado. Um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
D'onde tão cedo se partira e onde
Procura a cinza fria achar abrigo.»[1]

Cumpriu-se a predicção! Uma por uma,
As tuas expressões sahiram certas!
Cumpriu-se a predicção! Quem o pudera
N'esse tempo antever? Só Deus, sómente
Quem, por Deus inspirado, ao longe alcança
N'um relance as reconditas entranhas
Do longinquo porvir.

E quão ditoso
Eras então, embora no alaúde,
Alma que á terra presa ao céu subia,
Te queixasses da vida! De esperanças
Alegre o teu futuro se enramava.
Sciencia, amor, felicidade, gloria
Eram os sonhos teus. Sob os teus passos

---

(1) *Cantos,* edição de Leipzig, pag. 110

Da juventude as illusões nasciam,
Como nascem as rosas sob os passos
Da primavera, quando, findo o inverno,
Vem a terra animar. Com tão esplendido,
Tão extenso horizonte, que aos teus olhos
Das mais formosas cores se adornava
Da nascente manhan, dos patrios lares
Te despediste, e, atravessando o oceano,
Nas margens do poetico Mondego
Colher vieste do saber a palma.
Ahi, sob a ramagem dos salgueiros,
Do rio ao murmurar, tu' alma joven
A harmonia aprendeu; ahi, ao brilho
Da nossa lua e scintillantes astros,
Ahi, do nosso bello firmamento
Ao fogo creador, soltaste o vôo
Pela primeira vez, e, com saudade
Do longe berço, de sentido pranto
As meigas cordas orvalhaste á lyra.

Volveste após de Santa Cruz ás praias;
Volveste, mas feliz, mas coroado
Dos loiros da victoria. A honra, o applauso
Te foram receber, e por ditosa
Se teve a patria de gerar tal filho.

Só te faltava um ente idolatrado,
A que pudesses dedicar a vida.
Achaste-o; e louco lh' offreceste incenso
De estreme devoção. Eram completos
Todos os sonhos teus: emfim o mundo
Dava-te amor, felicidade, gloria.

Quantos falsas então não supporiam
As tuas previsões! Talvez tu mesmo,
Talvez tu mesmo duvidasses d'ellas!

Ai, misero de ti! Bateu a hora
Escripta pelo fado. O que julgaste
Do soberbo edificio que fundaras
Como o remate ser, foi o começo
Da tua perdição, lançou-o em terra.
Desceste breve do zenith ao occaso,
Á pavorosa noite! Dos teus dias
O sol radiante se obumbrou de nuvens
Nuncias da tempestade, e o igneo raio,
Do céu baixando, te feriu terrivel.
Desde então a tu' alma lacerada
Silenciosa gemeu, em si guardando,
Para mais a roer, o interno abutre.
Só desejavas o repoiso, a morte.

Desde então os propheticos agoiros
Se começaram de cumprir, ó bardo.

Tu bem o conheceste, e do teu curso
Viste perto fechar a breve estrada
A lapida funerea!

Em vão das lettras
Na improba fadiga, sem descanso
Procuraste esquecer do mal a chaga,
Se é que, antes, não buscavas no trabalho
Abbreviar a desditosa sorte.
Em vão a lyra resoar fizeste;
Em vão; as tuas notas de outro tempo
Se tornaram gemidos. Pela America,
Pelos paizes da illustrada Europa
Vagabundo correste; mas comtigo,
Mas deante de ti, a toda a parte
Ia, sem te largar, tua amargura.
Breve principiou tambem o corpo
A definhar, a padecer. Sentindo
Já perto a morte, pela vez extrema
Voltaste á patria, as previsões fatídicas
Bem como se cumprir assim quizesses.
As tuas illusões tinham passado;
No mar do desengano as esperanças
Afundado se haviam; a desgraça
Do naufragio da vida te arrojava
Á praia amiga que feliz deixáras.

Partiste. Da existencia esperançosa
Que á luz do céu natal desabrochara
Ao terreno natal o que conduzes?
Quasi um cadaver só. Distante fica
A Europa; já o espaço que a divide
Do Novo Mundo diminue; com elle
Tambem já diminue teu fraco alento.
Proximo estás do solo do teu berço;
Proximo estás do tumulo! Não ouves
Terra em festivo som gritar da gavia
O gageiro? Não vês ao longe, ao longe,
Como nuvem romper do azul dos mares
A desejada costa? Ai! o teu corpo
Mal se pode mover! Ai! os teus olhos
Quasi que os fecha o sempiterno somno!
Queres-te levantar para avistal-a
Ao menos uma vez. Esforço inutil!
Nunca mais a verás!

Mas n'este ponto
O vento cresce, e pelas óndas salta,
Presa dos mares, o alagado lenho.
Ficam-lhe á proa perigosos baixos,
Que é impossivel evitar. O gelo
Do medo, do pavor invade os membros
Aos navegantes. Elle só não treme.

Força para tremer já não tem quasi:
Jaz insensivel d'este mundo aos males,
Sobre o leito da dor despojo inerte!
Que choque horrendo, que angustioso brado
O espaço atrôa? N'um cachopo occulto
O alteroso baixel se parte e esmaga.
De machina tamanha apenas restam
Alguns destroços a boiar nas aguas!
De tantos homens que lhe davam alma
Alguns corpos á tôa, fluctuantes,
Scena triste de dor! bebendo a morte!
E o d'elle, o do infeliz? N'alguma praia
Da patria amada as despiedosas vagas
O arrojaram de certo, por que fossem
(Complemento do oraculo funesto)
N'ella os seus restos procurar abrigo.

Assim, uma após outra, se cumpriram
As tuas predicções, pobre poeta!
Foi vontade de Deus! Que desenganos,
Que altos mysterios este mundo encerra!

Torres Vedras—1867—Julho 13

AO PERTO

Quando tu eras
De mim distante,
Amava as graças
Do teu semblante:
O meigo riso,
Os olhos bellos,
Esses cabellos
Que lindos são;
Porêm agora,
Vendo-te ao perto,
Eu mais ainda
Te amo de certo,
Porque descubro
Patentes, claros,
Teus dotes raros,
Teu coração.

Assim o templo,
Que a mão do artista
Ergueu formoso,
Nos prende a vista
Com columnellos,
Arcos aos centos,
Com mil portentos
Do genio seu;
Mas dentro d'elle
Se penetrâmos,
De pasmo extaticos,
Mudos ficâmos,
Em Deus pensando,
Co'a alma cheia
Da sua idéia,
Da luz do céu.

VOZ NO DESERTO

Vinte seculos quasi, ó Christo, se hão passado,
Após que tu vieste em seu caminho errado
Os homens conduzir; vinte seculos quasi,
Depois que tu lançaste a sacrosanta base

Á nossa pura fé, e a voz da caridade,
Unida, resoou, á voz da liberdade,
Depois que a prepotencia, ó Martyr do Calvario,
Porque eras justo e bom e aos algozes contrario,
Te pregou n'uma cruz; e inda hoje a raça humana,
Corrido tanto tempo, á injustiça tyranna
Curva humilde a cerviz, que em vão sacode o jugo
Sob a ferrenha mão do potente verdugo;
Inda hoje, separada em mil povos dispersos,
Que luctam entre si, uns a outros adversos,
Que se conhecem mal, ou nem mesmo se entendem,
Que, na treva, sem lei, como loucos se offendem,
Ao acaso caminha em seu caminho incerto,
Sem teu verbo escutar, que sôa n'um deserto!

RECORDAÇÃO

Triste eu vinha das praias do desterro,
Sem pae, sem mãe, sem lar,
Moço, e já farto de lidar co'as ondas
Do infortunio e do mar.

Fôra longa a viagem; té que um dia,
De manhan, o gageiro,
Terra, alêm, pela prôa, da alta gavia
Bradou ao timoneiro.

Oiço-o; corro á amurada; e os olhos sofregos
Alongando ao horizonte,
Descubro-a, pouco e pouco, a levantar-se
Das aguas, nevoa ou monte,

E de alegria tremo. Embora seja
Para mim terra extranha,
É visinha da terra do meu berço,
É a costa de Hespanha.

Dentro em breve...E oito annos de amarguras,
Tornadas n'um desejo,
Se me apoderam d'alma e pensamento,
E só a Patria vejo.

Rompe a aurora; o baixel navega rapido
Entre lençoes de espuma;
Já se divisam valles e collinas;
Já a serra se apruma,

Se estende de nós perto, qual se o curso
Embargar-nos quizera;
Brilha o sol; abre os céus; prateia os mares;
E os campos regenera.

O espectaculo é grande, é variado.
Ah! minha amena infancia!
Sitios onde brinquei, ereis mais bellos!
Porêm, n'isto, em distancia,

Uma sombra me attra'e, um ponto, um nada,
E esqueço-me de tudo:
Do mar, do sol, da natureza em pompa;
E fico absorto, mudo,

Porque, na falda quasi da montanha,
De solitario albergue
Para a abobada azul de fumo um rolo
Suavemente se ergue,

E d'elle após meu coração suspira.
Qual columna de incenso,
A rescender amor do altar domestico,
N'aquelle templo immenso,

Mostra-me o lar quieto; e eu lar não tenho!
A familia, a alegria;
E eu, triste, pobre, só, á Patria volto!
E a familia perdi-a!

Já lá vão muitos annos; no theatro
Da vida quantas scenas:
Sonhos, desillusões, risos, tristezas,
Esp'ranças, gosos, penas!

E ainda muita vez, se vejo o fumo
Para os ares subindo
Ao longe do casal, minh'alma o segue,
Saudade e dor sentindo!

UM PARA O OUTRO

Desde que te vi amei-te;
Desde que te amei vivi;
Desde que vivo conheço
Que não posso estar sem ti.

Tu és o sol dos meus olhos;
Meu pensar, a minha vida,
O anjo da minha guarda;
A minha flor mais querida;

Dos meus amores a fonte,
Fonte saborosa e pura,
Toda composta de graça,
Toda cheia de ternura,

Onde a minh'alma a bondade,
A virtude, o gosto bebe,
Que reverbera á minh'alma
A luz que do céu recebe.

Um para o outro formou-nos
O poder do Omnipotente,
Dois diversos na apparencia,
Um no espirito sómente.

Na mesma terra nascemos;
O mesmo ar aspirámos;
Porêm juntos não vivemos;
Mas nunca nos encontrámos.

Tu ficaste onde nasceras;
O largo oceano eu corri;
E annos da Patria ausente
De saudades me nutri.

Pude vêl-a emfim de novo,
E trasbordei de alegria,
E cheio suppuz o vacuo
Que dentro de mim sentia.

Encheu-se; mas de desejos,
De um anceio illimitado,
Que até alli não conhecera,
Que nunca tinha provado.

Era amor, amor ardente
Que o meu peito esbraseava,
Que, igneo rio, nos meus versos
Refervendo se arrojava.

Porêm onde, onde empregal-o?
Procurei; e sempre em vão:
Não havia quem pudesse
Entender meu coração.

Assim errei longo tempo
Tristuroso, solitario,
O vulcão em mim guardando
Qual em fechado sacrario.

Mas não sei que voz interna
Me inspirava confiança,
E aclarava minhas trevas
Como o raio da esperança.

Era a voz do que governa
As espheras celestiaes,
Do que ambos um para o outro
Nos tinha creado eguaes.

Achei-te emfim, meu consolo,
Ó mulher que ao céu me ligas,
Santelmo na tempestade,
Termo das minhas fadigas.

Tu sim entendes minh'alma,
Pois foste feita por ella;
Tu sim és bella no corpo,
E no espirito mais bella.

Não pôde o tempo e a distancia
Desunir o que uniu Deus.
Juntos agora vivemos;
Os meus dias são os teus.

Como dois astros irmãos,
Da mesma especie formados,
Errando no ar, distantes,
Do mesmo sol aclarados,

Sem se verem, caminhando
Um para o outro, attrahidos
Pelo orbe soberano
Até n'um serem fundidos,

Assim nós fomos no mundo:
Fez-nos irmãos o Senhor;
Fundiu-nos n'um ente apenas
O sol da vida, o amor.

Um do outro completamos
Inteiro o ser, a existencia.
Ah! que unidos nos conserve
Sempre a mão da Providencia;

E que unidos expiremos
A um tempo e de um só corte.
Ficar um sem ter o outro
Fôra mais que a propria morte.

UNO PARA OTRO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Desde que te ví te amé;
Desde que te amé viví;
Desde que vivo conozco
No poder vivir sin tí.

Tú eres el sol de mis ojos,
Tú mi pensar, tú mi vida,
Tú el ángel custodio mio,
Y tú mi flor mas querida.

Tú de mis amores fuente,
Fuente sabrosa cuan pura,
Toda compuesta de gracia,
Toda llena de ternura.

Fuente en que encuentro mi dicha,
Donde la virtud se espeja,
Donde se ilumina el alma,
Donde el cielo se refleja.

Uno para otro nos hizo
El Señor omnipotente,
Dos cuerpos en la aparencia,
Pero un' alma solamente.

En una tierra nacimos,
Un aire hemos respirado,
Y aun antes de habernos visto
Siempre nos hemos amado.

Tú en tu hogar permaneciste;
Yo largos mares surqué,
Y, años de la pátria ausente,
De penas me alimenté.

Pude verla en fin de nuevo,
Sabe Dios con qué alegria;
Y luego sentí llenarse
El vacío que sentia.

Se llenó, mas de deseos,
De un anhelo ilimitado,
Para mí extraño, indecible,
Y nunca experimentado.

Era amor, amor ardiente,
Lo que el pecho me encendia,
Ignea onda que en mis versos
Violenta se esparcia.

¿Mas en qué, como emplearlo,
Como calmar mi pasion,
Si no hallaba quien pudiese
Entender mi corazon?

Así pasé largo tiempo,
Triste, ansioso y solitario,
Ocultando en mí ese incendio
Como en profundo sagrario.

Yo no sé que voz interna
Me inspiraba confianza,
Y alumbraba mis tinieblas
Como um rayo de esperanza.

Era la voz del que rige
Las esferas celestiales,
El que al uno para el otro
Nos quiso crear iguales.

Te ví al fin, tesoro mio,
Mujer que al cielo me ligas,
Santelmo en la tempestad,
Descanso de mis fatigas.

Tú sí que á mi alma entiendes,
Pués hecha has sido por ella;
Tú sí, tan bella de cuerpo,
Y de espíritu tan bella.

Tiempo ni distancia pueden
Desunir lo que une el cielo;
Un vivir mismo es el nuestro,
Uno solo nuestro anhelo.

Como dos astros hermanos
Por igual arte formados,
Surcando el cielo, distantes,
Y por un sol alumbrados,

Sin verse van caminando
Uno hácia el otro, atraidos
Por el orbe soberano,
Hasta en uno ser fundidos,

Así nos crió en el mundo
Como hermanos el Señor;
Luego nos fundió en un ente
El sol de vida, el amor.

Uno en el otro vivimos
Con una sola existencia;
Ah! que unidos, siempre, siempre,
Nos deje la Providencia!

Y que unidos expiremos
A un tiempo y con igual suerte;
Que el vivir uno sin otro
Fuera peor que la muerte.

A...

Ha em nós uma tal conformidade
No pensar, no sentir, no amor, na crença;
Da minh' alma e tu' alma a parecença
É tal, que uma só formam na verdade.

N'este modo de ser, n'esta irmandade
Nossa ventura está; que differença
Entretanto, querida, grande, immensa
Nas duas em tamanha paridade!

De si o teu espirito é só filho;
O meu de ti procede em muita parte;
Um é luz; outro espelho, antes sem brilho.

Mas, se n'isto não posso equiparar-te,
N'outra coisa não cedo, não humilho
A minh' alma á tu' alma, é só no amar-te.

AS ANDORINHAS

Ao teu eirado as andorinhas
Chegaram hontem; vi-as chegar;
Vinham cansadas as coitadinhas.
Ha tantos dias sempre a voar!

Vinham do clima lá da Moirama,
D'alêm do estreito de Gibraltar,
Do chão que vívido o sol inflamma,
Por sobre a terra, por sobre o mar.

Porêm ao longe, mal avistaram,
Entre a verdura, teu niveo lar,
Alento novo, maior cobraram;
Eil-as o vôo logo a apressar.

Todas alegres o ar fendiam,
Sem um instante sequer parar!
É que os seus ninhos já descobriam;
É que te viam, anjo sem par.

Uma, do bando certo a mais bella,
Onde é que havia d'ir-se poisar?
Da tua alcova sobre a janella;
E por ti poz-se como a chamar.

Já entreaberta era a vidraça;
Inda te estavas a pentear;
No teu cabello, manto de graça,
Vinham os raios do sol brincar.

És tu que chegas, ó minha amiga?
Disseste, abrindo-a; e ella a piar;
Eu já conheço tua cantiga;
Vem minhas magoas suavisar.

Ha muitos dias que te aguardava;
A primavera vae começar.
N'isto entre as mãos a agasalhava;
E ella deixava-se agasalhar!

Procura o ninho que te hei guardado;
Tu bem te lembras do seu logar;
Ditosa ahi vive com teu amado.
Só eu não posso na terra amar!

A taes palavras, no ar soltou-a;
E a ave, em jubilo, a pipilar,
Ao ninho perto correndo voa,
Emquanto a joven quêda a scismar.

Ah! scisma, e attende as preces minhas;
A primavera vae começar;
Se és piedosa co'as andorinhas,
Sê piedosa com meu penar.

As andorinhas são meus desejos;
Para ti andam sempre a voar;
As andorinhas são os meus beijos;
N'esses teus labios querem poisar.

Seus longos pios são minhas queixas;
Mas o que vale tanto queixar?
D'alma a janella fechada deixas;
E fico sempre, sempre a esperar.

LE RONDINELLE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ieri al tuo tetto
Le rondinelle
Giùnser le vidi
Proprio arrivar;
Erano stanche
Le poverette:
Da tanti giorni
Sempre a volar!

Venian da' luoghi
Del regno moro,
Oltre lo stretto
Di Gibraltar,
Regione adusta;
E avean viaggiato
Sopra la terra,
E sopra il mar.

Ma appena lungi
Tra la verzura
Videro il niveo
Tuo casolar,
Per nuova lena
Fatte gagliarde,
Eccole il volo
Tosto affrettar.

Oh! come allegre
Fendean lo spazio,
Ormai sdegnose
Di riposar!
È perchè i propri
Nidi han scoperto,
E te han creduto
Di ravisar.

D'esse una, certo,
La più vezzosa,
Dove mai, dove
Si andò a fermar?
Sopra il balcone
Della tua stanza,
Cantando, come
Stesse a chiamar.

Era socchiusa
Già l'invetriata,
E tu ti stavi
Ad acconciar;
Nei tuoi capegli
Copiosi e neri
Del sole i raggi
Parean scherzar.

L'imposta aprendo,
Sei tu, dicesti,
O amica? ed essa
Ponsi a cantar.
Ah! ben conosco
La tua canzone;
Vieni il mio duolo
A consolar.

Da molti giorni
Io t'aspettavo;
La primavera
Va a cominciar;
E colla mano
L'accarezzavi,
E essa lasciàvasi
Accarezzar.

Va; cerca el nido
Che ti ho serbato;
Il sito ov'era
Dei ricordar.

Quì lieta vivi
Col tuo diletto.
Sol io nel mondo
Non posso amar!

Ciò detto, libero
Lasci l'augello,
Ed esso in giùbilo
E a pigolar,
Al vicin nido
Dirige il volo;
Mentre tu resti
A fantasiar.

Ah! pensa; e ascolta
La prece mia:
La primavera
Va a cominciar;
Se ami pietosa
Le rondinelle,
Sii pur pietosa
Pel mio penar.

Le rondinelle
Son le mie brame,
Che te col volo
Vanno a cercar;
Le rondinelle
Sono i miei baci,
Che sul tuo labbro
Vorrei stampar.

Sono i miei lagni
Quei pigolii.
Ma tanto lagno
Che può giovar?
Te ognora hai chiuso
L'uscio del core;
E resto io sempre,
Sempre a sperar.

LAS GOLONDRINAS

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

A tu azotea las golondrinas
Ayer llegaron, las vi llegar;
Iban cansadas las pobrecillas,
De tanto esfuerzo, tanto volar.

De allá venian de Moreria,
Allende el monte de Gibraltar,
De aquellos climas que el sol inflama,
Cortando tierras, surcando el mar.

Mas quando apenas vieron de lejos,
Por entre flores, tu hermoso hogar,
Aliento nuevo, mayor cobrando,
Su vuelo quieren apresurar.

Ah! como el aire cruzan alegres,
Sin perder tiempo, sin respirar:
Es que ya avistan sus lindos nidos,
Es que te han visto, angel sin par.

De entre ellas todas la mas graciosa
¿Donde se habia de ir á posar?
En los balcones de tu alcobita,
Donde te empieza luego á llamar.

Ya tu ventana se hallaba abierta,
Como te habias puesto á peinar
Tus lindas trenzas, manto de gracia,
Donde el sol fuera luego á jugar.

¿Eres tu, linda querida mia?
Dijiste al verla y oirla cantar,
Yo bien conozco tu voz risueña,
Que mis dolores viene á calmar.

Ya ha muchos dias que te esperaba;
La primavera va á principiar.
Luego en sus manos la acariciaba;
Y ella se deja acariciar.

Regresa al nido que te he guardado;
Tu bien te acuerdas de su lugar;
Dichosa vive con tus amores;
Sola en el mundo no puedo amar!

Asi diciendo, libre da deja,
Y el ave alegre se echó á trinar;
Al nido suyo ya presto vuela,
Y ella soñando la ve volar.

Ah! sueña, sueña, vé mis tormentos;
La primavera va á principiar;
Si te conmueven las golondrinas,
Porque me dejas asi penar?

Las golondrinas son mis deseos
Que hácia ti vuelan sin descansar;
Las golondrinas son mis cariños;
Sobre tus labios quieren posar.

Sus largos gritos son mis gemidos;
¿Mas de que sirve tanto gritar?
De tu alma nunca me abres las puertas,
Ni ceso nunca yo de esperar!

CRENÇA NO PORVIR

Um dia, ó Patria, sahirás do leito,
Em que jazes ha tanto adormecida.
Ah! se Deus até lá me désse vida,
Como deixára a vida satisfeito!

Julgaste para ti o mundo estreito;
E hoje do mundo estás quasi esquecida!
Não succumbas porêm; resiste; lida;
Podes muito fazer, que muito has feito.

Brio, fé e valor tens, como outr'ora;
Tens de teus filhos o soberbo muro;
E o mar qu'inda te chama e te namora.

Se pois quizeres, o combate dūro
Vencerás; raiará de novo a aurora.
Crê em ti, crê no céu, crê no futuro.

FEDE NEL AVVENIRE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Un giorno, o Patria, tu uscirai dal letto,
In che stai da stagion lunga assopita.
Ah! s'io fino a quel dì durassi in vita,
Come il lasciarla mi sarebbe accetto!

Parve al tuo ardire il mondo troppo stretto;
E or la fama di te quasi è sparita!
Non t'accasciar; resisti; fitti ardita;
Molto hai fatto, e ancor molto da te aspetto.

Onor, fede e valor possiedi ognora;
Hai nei tuoi figli un'usbergo sicuro;
E il mar tuttor t'appella e ti innamora.

Vincerai, purchè il voglia, il cozzo duro;
E spunterà per te la nuova aurora.
Credi in Dio, credi in te e nel futuro.

FOI DANS L'AVENIR

VERSÃO DO SR. ACHILLES MILLIEN

O ma Patrie, un jour tu quitteras le lit,
Où te couche à cette heure un sommeil délétère.
Ah! si Dieu jusque là me laisse sur la terre,
Je mourrai satisfait, mon vœu sera rempli!

Du monde tu trouvais trop étroite la sphère;
Et le monde aujourd'hui te met presque en oubli!
Ah! relève ton cœur par le mal affaibli;
Lutte; ce que tu fis dit ce que tu peux faire.

N'as-tu pas foi, courage, ardeur comme jadis?
N'as-tu pas un rempart superbe dans tes fils?
Avec le même amour la mer encor t'appelle.

Si tu veux, le combat tu peux le soutenir
Et vaincre: pour voir poindre une aurore nouvelle.
Crois en toi, crois au ciel et crois a l'avenir.

FE EN EL PORVENIR

VERSÃO DO SR. LAMARQUE DE NOVÔA

Un dia, oh Patria, te alzarás del lecho,
En que yaces, ha tiempo, adormecida.
Ah! si hasta entonces Dios me diese vida,
Cuan feliz la perdiera y satisfecho!

Juzgabas á tu ardor el mundo estrecho,
Y hoy del mundo estás casi obscurecida!
No sucumbas al mal; lucha, atrevida;
Mucho puedes hacer, que mucho has hecho.

Fé y valor en tu pecho se atesora;
Aun tienes en tus hijos fuerte muro,
Y el mar, que aun te reclama y te enamora.

Vence, si quieres, en combate duro,
Y despuntar verás tu nueva aurora.
Cree en el cielo, cree en ti, cre en lo futuro.

CAMBIANTES

SEGUNDA EDIÇÃO

O BUSSACO

AO MEU AMIGO ADOLPHO FERREIRA DE LOUREIRO

Eil-a a grande montanha, o templo augusto
Vezes três consagrado:
Á natureza, á fé, da Patria á gloria;
Não pelo homem formado;
Mas pela eterna mão do Omnipotente,
Durante o sobrepor de mil edades,
Á luz do sol, ao faiscar do raio,
Ao abraço das soltas tempestades.

Como ao longe campeias sobranceiro,
Alçando a antiga fronte,
Senhor de terra e mar, de quanto abrange
O teu amplo horizonte,
Envolvido nas nevoas da distancia,
Quasi da mesma côr do azul aereo,
Irmão do céu, unido ao céu, como elle,
Cheio de santidade e de mysterio!

Mas, á medida que se encurta o espaço
E de nós te approximas,
O manto rarefaz-se; avultas; formas-te;
Rasgam-se tuas cimas;
Relevam-se; contornam-se teus membros;
Surges filho da terra, alto gigante,
A devassar, a interrogar o empyreo,
A offerecer-lhe os hombros, novo Atlante.

Então um mundo inteiro tu franqueias,
Como que por magia,
Um mundo de verdura, de grandeza,
De luz, de poesia;
E a alma se contra'e, suspensa, tímida,
Vendo-te apparecer já tão de perto,
Qual se temesse penetrar o encanto
Que mora nos teus bosques encoberto.

Vae subindo o caminho; e, a cada volta
Que elle dá, novas scenas
Se abrem perante os olhos admirados;
As sensações terrenas
Fogem, ao passo que nos foge o mundo,
E avisinhar-se mais o céu parece;
Até que a mente, arrebatada em extase,
E embebida no céu, o mundo esquece.

Como aqui não devia em outras eras,
No humilde santuario,
Junto do cimo teu, viver tranquillo
O monge solitario,
O que houvesse despido lá em baixo
Das humanas paixões o vil cortejo,
E, abrasado na fé, em Deus o espirito,
Em Deus tivesse apenas o desejo!

Se inda agora este ar é puro e santo,
E a alma nos eleva,
Agora que no monte consagrado
Calou do mundo a treva,
O que seria então, quando, no seio
De tanta solidão, tanta grandeza,
Só se ouvisse o eremita a Deus falando
E o concerto da agreste natureza!

Porêm aberto o ádito
Do bosque me convida.
Já entro. Que silencio!
Que paz na humana lida!
Que sombras! que murmúrios!
Que nunca vista luz!

Incerta, meiga, pallida,
Por entre os ramos côa
De innumeraveis arvores,
E a idéia me povôa
Não sei de que mysterio,
Que a cogitar induz.

Sob os meus pés afôfa-se
E aos passos meus responde
O solo, cemiterio,
Que os restos guarda e esconde
De tanto tronco válido,
De tanta folha e flor;

Restos, que a selva em lagrimas
Orvalha gemedora,
Durante a noite placida,
Até brilhar a aurora,
Qual mãe terna e solícita,
Para lhes dar frescor.

Abobadas e abobadas
Virentes se entretecem
Por sobre mim; arqueando-se
Ora aos abysmos de'cem,
Ora do monte o pincaro
Vingam, buscando os céus.

Columnas mil grossissimas,
Da terra virgens filhas,
Sustem-as, como a India,
Farta de maravilhas,
Não tem nos subterraneos,
Enormes templos seus;

Ás vezes a distancias
Eguaes, enfileiradas,
Ás vezes dessimetricas,
Sem ordem, espalhadas,
Erectas, inclinando-se,
Sobre outras a tombar.

Aqui do raio igneo
Umas lascadas jazem;
Alêm outras em circulo
Ao sol entrada fazem;
E algumas solitarias
Parecem meditar.

Que de arvores! quão varias!
O altivo, o corpulento
Cedro, que vae, pyramide,
Buscar o firmamento,
O abeto, o aderno, a tilia,
O roble colossal,

O choupo esguio e humido,
O sempre verde loiro,
Os espalmados plátanos
(Dos bosques o thesoiro),
E a pela flor lindissima
Catalpa sem rival,

E o cinnamomo, e o alamo,
E a florescente olaia,
E da nogueira umbrifera
A copa, e a leve faia,
E o companheiro, o simbolo
Da morte, e outros mil,

Cantando em suas citharas,
Já tristes, já suaves,
Com o correr das aguas,
Com o trinar das aves,
Da natureza próvida
O canto senhoril.

Em tamanhas bellezas enlevado
O pensamento e a vista,
Pelo extenso caminho fui andando
Até do monte á crista,

Por baixo sempre da cerrada abobada,
Á luz mysteriosa,
Que de fundo, poetico respeito
Povôa a selva annosa.

Mas, á medida que meus passos galgam
A arrogante montanha,
Mais viva claridade o espaço inteiro
De mim em torno banha.

Emfim ao alto chego; e a luz em jorros
Inunda o céu e a terra;
E a vista livre n'um relance abarca
O mar, o plaino, a serra.

Que espectaculo! Oh! não, nunca meus olhos
N'outro egual se fitaram;
Nunca em tamanho âmbito, á vontade,
D'est'arte se espraiaram.

Como é bello aqui estar ao pé do emblema
Da redempção humana,
Da rude cruz, a contemplar as obras
Da mente soberana!

Como tudo isto é grande! Ao longe e ao largo,
Desde o cume do monte,
Pasmado, preso, o olhar incerto corre
De um a outro horizonte!

Ora se afunda na planicie ou valle,
Que em doce paz se estende,
E que rio ou ribeira fecundante,
Líquida prata, fende;

Ora sobe ao oiteiro atapetado
De esmeraldina relva;
Ora desliza pelo dorso escuro
De emmaranhada selva.

Uma vez segue a costa que o mar beija
E o mar sempre inquieto;
Outras repoisa sobre o tenue fumo,
Que sa'e de pobre tecto.

Quantas povoações pela verdura
Aqui, alli alvejam,
N'este scenario amplissimo perdidas!
Que de aves avoejam

Pelo espaço infinito! E o soberano
Da creação, o homem,
Que tantas ambições, tamanhas lidas
Aguilhoam, consomem,

Nem sequer se descobre como um ponto
D'esta sublime altura,
Elle, que ser blasona d'entre todas
A maxima feitura!

Aquí, longe da van sociedade,
Absorto n'estas scenas,
Quem me dera morar por algum tempo;
E das prisões terrenas

Sentir quebrar-se aos pés a vil cadeia;
E descansar minh'alma,
Das mundanas procellas fatigada,
N'esta grandeza e calma!

Quem tedio sinta de viver entre homens
Venha viver tranquillo,
Perto da natureza e longe d'elles,
Em tão quieto asylo.

Se tem fé, junto á cruz, n'este augustissimo
Templo, de Deus só obra,
Reforçará o espirito que á onda
Do mundo não sossobra.

Se a não tem, sentil-o-ha, como aguia nova
Que o enthusiasmo impluma,
Erguer-se, arremessar-se no infinito
Buscando a causa summa;

Meditará no que é: um grão, um nada;
No que é quanto descobre:
Algumas lettras do universo apenas;
E ao céu azul que o cobre

Alçará, sem querer, o olhar em busca
De um ser omnipotente,
Principio, origem, fim de quanto existe,
De quanto vê e sente.

Como deve ser outro este quadro,
Quando, á sôlta os fataes elementos,
Responder ao bramido dos ventos
O rebombo do rouco trovão;
Quando a subita luz dos relampagos,
Em logar d'este sol esplendente,
Alumiar todo o espaço virente
Co'o veloz, desmaiado clarão!

Negro o céu, ora limpido e bello,
Retratando a candura celeste;
Plumbea a terra; o ar turvo e agreste;
Em diluvios a chuva a cahir;
E por cima de nós galopando
Ver as nuvens, um cahos medonho;
E por baixo de nós, como um sonho,
Ver as nuvens e o raio luzir.

Então forte, soberba, terrivel,
Embuçada no véu da tormenta,
A montanha confuso apresenta
Seu aspecto medonho e feroz.
Inconcussa na base dos tempos,
Brama, ruge, com ella peleja;
Ri-se, quando o horizonte lampeja;
E ao fragor dos trovões junta a voz.

Muito embora tufões estrondosos
A alta grenha sem tregua lhe açoitem,
Bastas sombras a face lhe ennoitem
De caligem cerrada, infernal,
Sem que ao menos do empyreo lhe venha
Algum debil fulgor d'esperança
De á procella seguir-se a bonança,
E á treva do sol o fanal;

Muito embora tombando por terra
Veja os filhos, mil troncos gigantes,
E as torrentes da altura espumantes
Em tropel pela encosta a correr
Lhe profundem rasgadas feridas,
E os penedos dos pincaros caiam,
Nunca, nunca seus brios desmaiam;
Tudo soffre sem nunca tremer.

E inda mais quão diverso este quadro
Do que é hoje não foi n'esse dia
De vergonha e derrota á ousadia
Do potente inimigo francez,

Quando o Filho á Victoria tão caro
Viu murchados os loiros primeiros
Pelo fogo dos nossos guerreiros,
Pelo fogo do exercito inglez!

Ó Bussaco, o teu nome famoso
Desde então mais famoso ha ficado;
Eras já pela fé consagrado;
Consagrou-te a natura tambem;
Mas depois d'esse dia terrivel,
Para nós de tão grata memoria,
Brilharás, qual já brilhas, da historia
Nos annaes, pelos tempos alêm.

Foi bem proximo á tua floresta
Que entre as hostes rompeu o combate;
Julgo ouvir-lhes a marcha, o embate,
E dos bronzeos canhões o troar;
Julgo vêr reluzindo as bayonetas
Em columnas, de fumo e poeira
Densas nuvens, e a nossa bandeira
Vencedora no campo ondear.

Desde então todos nós portuguezes,
Ao chegar a teu solo, provamos
Nobre orgulho, e com medo o pizamos,
Pois tem sangue de nossos irmãos,
Sangue fertil, que a alma alimenta,
Para todos gastarmos a vida
Em defesa da Patria querida,
Emquanto haja uma espada e haja mãos.

Porêm o sol esplendido
Já toca no horizonte;
Porêm seu brilho timido
Ao cume do alto monte
Co'a despedida ultima
Já manda a extrema luz;

E, ao passo que a planicie
Em baixo e as mais alturas
Das ondas do crepusculo
Se vão cobrindo escuras,
Um raio aclara pallido
D'esta eminencia a cruz.

Adeus, celeste lampada!
Em breve com seu manto
A noite triste e lugubre
Todo este monte santo,
E a terra, e o campo ethereo
De dó recobrirá;

E em sepulcral silencio
Elle será quieto,
Sob as estrellas tremulas,
Sob o seu verde tecto,
Emquanto a outro hemispherio
Tua face brilhará.

Mas, ámanhan purpurea
Apenas rompa a aurora,
Ha de soar de canticos
A luz que o espaço cora,
Ha de ser todo jubilo,
E todo festa e amor,

Para esperar-te, ó fulgido,
Eterno soberano,
Obra das obras maxima,
Da natureza arcano,
Para seu hymno mystico
Erguer ao Creador.

DELIRIO

Pelas praias do mar, horas e horas
Vago, só, no passado imaginando,
Já as ondas espumeas contemplando,
Já as minhas visões consoladoras!

Mas desfazem-se as ondas gemedoras;
Mas das minhas visões o louco bando,
Bem como o das gaivotas, vae passando;
E de vêl-o passar, minh'alma, choras.

Outras vezes, se rapida galera
Descubro ao longe, a ella me transporto
Na idéia, que inda sonha, que inda espera.

Mas outras vezes, em delirio absorto,
Esquife tórno o que baixel só era;
E dentro d'elle vou qual corpo morto.

GÔSO

No termo o dia cobre
De luz mysteriosa
O firmamento immenso,
A terra vaporosa.

As flores se levantam
Que enlanguecera o sol,
Para gosar da tarde
E ouvir o roixinol.

A relva ao brando sopro
Da aragem se aveluda;
A ave, que escondida
Ha pouco estava e muda,

Os módulos trinados
Agora alegre solta,
Fazendo o umbroso campo
Soar de nós em volta;

E ao pallido crepusculo
Que os ares escurece,
A flux a poesia
Sobre noss'alma de'ce.

Que hora tão aprazivel!
Que sitio encantador
Para os que a par um do outro
Vivem, qual nós, de amor!

A relva nos convida;
Sobre ella nos sentemos,
E ao gorgear dos passaros
A nossa voz casemos.

Dize-me aquellas falas
Que d'antes me dizias,
Quando, de mim bem longe,
Commigo estar querias;

Os sonhos e esperanças,
A duvida, o receio,
Que em ondas encontradas
Rolavam no teu seio;

As juras; as promessas
Que juntos proferimos;
E tudo que pensámos;
E tudo que sentimos.

Mas quê! nem sequer uma
Palavra me respondes!
Quanto no peito guardas
Dentro do peito escondes!

Mas quê! tremem nas minhas
As tuas mãos que aperto!
Porêm só é de jubilo;
De medo não, por certo.

Não fales, não, querida;
Que havemos de dizer,
Se a voz nos prende e embarga
O excesso do prazer?

Falar! se ambos nós temos
Os mesmos pensamentos!
Falar! se ambos nutrimos
Os mesmos sentimentos!

Muda é nossa ventura;
É muda, qual os céus,
Que, quanto mais tranquillos,
Mais apregoam Deus.

Como elles, a tu'alma,
Que é toda claridade,
Amiga providencia,
Me colma de bondade.

Como elles, com teus olhos,
Que são minhas estrellas,
Minha cegueira aclaras,
A minha sorte velas.

E os olhos amorosos
Nos olhos meus cravaste,
E a mão, sorrindo meiga,
Nas tuas me apertaste.

Que ternas confidencias
Na lingua dos amantes!
Que soffregos desejos!
Que rapidos instantes!

N'isto as singelas aves,
Occultas entre os ramos,
Ao verem nossa dita,
Dobraram os reclamos,

E incendiada a brisa
De tanto amor no lume,
Verteu de nós em roda
Balsamico perfume.

Já o tácito crepusculo
Á terra o adeus mandava,
Que já da noite o manto
O espaço acobertava.

Pouco depois na sombra
Velou-se a natureza;
Porêm do amor a chamma,
Dentro de nós accesa,

Aquella treva escura
Em luz a convertia,
Que o sol da f'licidade
Val tanto como o dia.

TRISTEZAS

(DE OVIDIO)

Quando, quando me lembro da tristissima
Noite que derradeira estive em Roma,
E dos que então perdi seres amados,
Ainda aos olhos meus o pranto assoma.

Chegava o dia de deixar a Ausonia,
De Cesar dura lei! e eu não tivera
De preparar-me nem logar, nem animo,
Porque a espera do mal m'entorpecera.

Não m'importei de socios, nem d'escravos,
Nem do mais que precisa o desterrado:
De vestes, de dinheiro; vivo e morto
Era, como por Jove fulminado.

Mas quando a mim voltei, quando essa nuvem
Se rasgou da minh'alma á dor pungente,
Disse o ultimo adeus aos dois amigos,
Que de tantos restavam, tristemente.

Eu chorava; e inda mais a minha esposa,
Que me abraçava e sem parar vertia
Immerecidas lagrimas; do caso
Minha filha na Libya não sabia.

Ais, gemidos d'aqui, d'alli resoam;
É o meu funeral no lucto e pranto:
Homens, mulheres e meninos carpem-me;
Tem lastimas meu lar a cada canto.

Se pode comparar-se o muito ao pouco,
Tal foi de Troia em fogo a scena crua.
Já da gente e dos cães a voz cessara,
E alto guiava o carro a branca lua.

Então olhando-a e olhando o Capitolio,
Embalde á minha habitação visinho,
D'esta maneira exclamo: ó divindades,
Que moraes perto do meu caro ninho,

Templo, que a ver não tornarão meus olhos,
Numes que vou deixar, numes supernos,
Que encerra de Quirino a gran cidade,
Os meus adeuses recebei eternos;

E, posto que tardío a vós recorro,
Só depois de soffrer do mal a injuria,
Protegei-me, vos peço, em meu exilio;
Dos feros odios escudae-me á furia;

E ao homem celestial que me condemna
Dizei que houve em mim erro, mas não crime.
Vós o sabeis. Placada esta deidade,
Será mais leve a dor que hoje me opprime.

TRISTIUM

Cum subit illius tristissima noctis imago,
Quæ mihi supremum tempus in urbe fuit;
Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui;
Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis.

Jam prope lux aderat, qua me discedere Cæsar
Finibus exremæ jusserat Ausoniæ.
Nec mens, nec spatium fuerant satis apta paranti:
Torpuerant longa pectora nostra mora.

Non mihi servorum, comitis non cura legendi:
  Non aptæ profugo vestis opisve fuit.
Non aliter stupui, quam qui Jovis ignibus ictus
  Vivit; et est vitæ nescius ipse suæ.

Ut tamen hanc animo nubem dolor ipse removit,
  Et tandem sensus convaluere mei;
Alloquor extremum mœstos abiturus amicos,
  Qui modo de multis unus et alter erant.

Uxor amans flentem flens acrius ipsa tenebat;
  Imbre per indignas usque cadente genas.
Nata procul Libycis aberat diversa sub oris:
  Nec poterat fati certior esse mei.

Quocunque adspiceres, luctus gemitusque sonabant:
  Formaque non taciti funeris intus erat.
Femina, virque, meo pueri quoque funere mœrent:
  Inque domo lacrymas angulus omnis habet.

Si licet exemplis in parvo grandibus uti,
  Hæc facies Trojæ, cum caperetur, erat.
Jamque quiescebant voces hominumque canumque;
  Lunaque nocturnos alta regebat equos.

Hanc ego suspiciens, et ab hac Capitolia cernens,
  Quæ nostro frustra juncta fuere lari;
Numina vicinis habitantia sedibus, inquam,

  Jamque oculis nunquam templa videnda meis,
Dique relinquendi, quos urbs habet alta Quirini;
  Este salutati tempus in omne mihi.

Et quamquam sero clypeum post vulnera sumo;
  Attamen hanc odiis exonerate fugam;

Cælestique viro, quis me deceperit error
  Dicite; pro culpa ne scelus esse putet.
Ut, quod vos scitis, pœnæ quoque sentiat auctor.
  Placato possum non miser esse Deo.

ESQUIVA

Fonte amiga que mixturas
Os teus ais ao meu chorar,
Some o echo de meu pranto,
Quando aqui ella passar.

Mas, se acaso em tuas aguas
Um instante se mirar,
Pergunta-lhe se é possivel
Ser tão bella e não amar.

Arvoredo, cuja sombra
Ella gosta de buscar
Dobra, dobra o teu mysterio,
Para mais a captivar;

Que n'esse ermo silencioso,
Onde a luz mal sabe entrar,
Pode ser que emfim se mova,
Escondida, a suspirar.

Vento, leva-lhe o perfume
Do proximo laranjal,
Das flores alvas de neve,
Que amor anda a cubiçar

Para a capella da noiva
Que ajoelha ao pé do altar.
Dize-lh'o, e dize que a sua
Não ha de ter outra par.

Rosas côr do pejo d'ella,
D'esse pejo de encantar,
Rosas qu'em meio d'espinhos
Vos tentaes a amor furtar,

Mas cedeis da abelha aos beijos,
Mas cedeis ao namorar
Da mariposa que em torno
Vos anda sempre a voar,

A vossa historia contae-lhe;
Talvez a queira escutar;
E que viveis um só dia;
E que viver é gosar.

Passaros que entre a ramagem
O ninho usaes fabricar,
Chamae-a com vosso canto;
Amostrae-lhe o vosso lar;

E nas caricias, nos mimos,
E dos filhos no cuidar
Ensinae-lhe o que é ventura,
Ensinae-lhe o que é amar.

Verdes troncos, leve brisa,
Aves, flores do pomar,
Silencio, rosas, mysterio,
Fazei-lhe o peito abrandar;

E, se depois, fonte amiga,
Em ti se vier mirar,
Se a vires, preoccupada,
Gemer, sorrir-se, corar,

Não lh'escondas minhas dores,
Antes, com teu murmurar
Pergunta-lhe se algum dia
O que soffro ha de acabar.

PROMESSA

Não mais te deixarei, ó Patria minha.
Pelo amor do saber mezes inteiros
Vaguei por esses climas extrangeiros;
Mas de ti que saudades eu não tinha!

O termo da jornada se avisinha;
Quero gosar-te os annos derradeiros;
Os vagidos ouviste-me primeiros;
Em ti acabarei, ó Patria minha.

Ver França, ver Italia desejava;
Italia, França vi; scismei deante
Das maravilhas d'arte que sonhava;

E da ausencia contei cada hora e instante!
É que longe de ti eu só penava:
Só vive ao pé da amada o terno amante.

BELLEZA

Não é formosa?
É mais; é bella;
D'alma sua graça
E luz provem.

Os seus encantos
São taes e tantos,
Que não inveja no mundo alguem.
Pois ha de a estrella
D'eterno lume
Do meteóro sentir ciume,
Do meteóro que veloz passa
E das alturas do céu não vem?
Pois a perpetua, sendo formosa
Menos que a rosa,
E sem perfume,
Não a olha e trata, porque não morre,
Só com desdem?

A formosura
Mui pouco dura.
Ai! como a rosa murcha tambem!
E não nos deixa sequer memoria!
Mas a belleza
Canta victoria
Da natureza,
E vive e fulge da morte alêm.

Qual de mais preço? Qual a mais clara?
Qual a mais rara?
Qual mais enlevos será que tem?
Não é formosa? É mais; é bella;
E não inveja no mundo alguem.

A MINHA MUSA

Da inspiradora solidão no meio
Esquecido eu scismava,
E dos sonhos no instavel devaneio
Ávido me engolfava,

Como fazer costumo, se suspenso
Me leva a phantasia
Nas largas azas; mas no espaço immenso
Minh' alma se perdia

Sem lei, sem norte, aqui, alli voando,
        Incerta, impetuosa,
De mil paixões a força exp'rimentando.
        Qual baixel que raivosa

Procella arrebatou de amigo porto,
        Que, arrojado no oceano,
Rasga as ondas, por ellas quasi absorto,
        Sujeito o rumo e o panno

Dos ventos encontrados e mudaveis
        Ao despotico imperio,
Taes os meus pensamentos variaveis,
        Tal meu pensar aereo..

E tantas impressões em verso ardente
        Brotavam-me espontaneas,
Vago o contorno, em turbilhão fervente,
        Quasi que simultaneas;

E, apenas começadas, apagavam-se,
        E outras succediam.
Já minhas azas de voar cansavam-se,
        E á terra me desciam.

Porêm n'isto uma voz melodiosa,
        Que eu cri do céu viera,
Tão serena, tão pura, tão formosa,
        Tão sympathica era,

A tormenta de idéias me aquieta,
        O espirito me anima,
E por virtude incognita e secreta
        Mais alto me sublima.

Porêm n'isto um rumor de leves passos,
        Que confundir não posso,
A estreita compressão d'uns niveos braços
        Em torno ao meu pescoço,

Uns labios que n'um osculo se apertam
        Sobre a minha cabeça,
O meu nome, á existencia me despertam,
        Fazem com que estremeça.

Volvo-me, e acho-te em pé junto a meu lado,
        Apparição celeste,
Pendido o rosto e para mim voltado,
        O rosto que reveste

A mais terna expressão, tanta belleza,
        Tão grande amor, tão santo,
E uma candura tal e singeleza,
        Que os olhos não levanto

Dos teus vívidos olhos que me inundam
De maviosa chamma,
E fazem que os meus olhos se confundam;
Que por mim se derrama

Um prazer divinal, um mundo inteiro
De magicas delicias;
Que beijo o teu semblante feiticeiro
E te encho de caricias.

Assim passei de um sonho a outro sonho;
Assim do meu delirio
Vertiginoso e quasi que medonho
Á placidez do empyreo,

Recostado em teu candido regaço,
Ó fonte de innocencia,
Liberto de saudades d'esse espaço
E d'ess'outra existencia,

Onde longe de ti andei perdido.
Já incerto não vagava;
Que tu eras meu unico sentido;
Que tudo em ti cifrava:

Felicidade, gloria, vida, tudo.
E o fogo que fervera
Dentro de mim, mas que ficára mudo,
Ou no ar se solvera,

Quaes de orchestra multisona e diffusa
Os preludios dispersos,
Vendo-te apparecer, ó minha musa,
Correu por estes versos.

1866

RESTITUIÇÃO

São muitos os beijos e causam-te enfado?
A mim nunca, nunca me fartam os teus.
Pois não te amofines, porque eu de bom grado
Recebo-os de novo; não é acertado?
Estende-me os labios e torna-os aos meus.

Porêm, se o que falas não é o que sentes;
Porêm, se os não tornas por falso pudor,
Irei eu tiral-os, mostrar-te que mentes,
E com outros beijos mais vivos, mais quentes
Fazer-te mais bello da face o rubor.

LUCTA

Oito seculos quasi te'm passado,
Após que o teu solar independente
Formaste, ó Portugal, n'este occidente,
A palmo e palmo aos infieis tomado.

Pelo mar, pela Hespanha rodeado,
Venceste Hespanha e o mar, venceste o Oriente,
Déste mundos ao mundo; e finalmente
Baqueaste da lida fatigado.

Viu-te o mundo cahir; e guerra crua
Faz-te ha seculos três; e aos invasores
Ha três sec'los resiste a força tua;

E, como leão, que affronta os caçadores
Ferido, e nobre, e a custo só recua,
Cedes; porêm com brados rugidores.

EXPANSÃO E CONCENTRAÇÃO

Quando a existencia alvorece,
De nós a alma irradia,
Como um sol que o mundo inteiro
Com seu fulgor alumia.

Tudo é bello, tudo é grande,
Como elle; tudo queremos;
Tudo nos doira a esperança;
Inda o mal não conhecemos.

O céu immenso, infinito,
Cheio de Deus e de luz,
A mulher e seus enlevos,
Mysterio que nos seduz,

A amisade, irman formosa
Do amor, sem ter o seu lume,
A terra com seus primores,
As rosas com seu perfume,

As corôas da sciencia,
Da gloria os altos fastigios,
Do futuro ao longe as nuvens,
Da humanidade os prodigios,

São outros tantos luzeiros,
Que do nosso firmamento
Nos incitam os desejos,
Nos alçam o pensamento.

E vamos sem ter receio;
E vamos, qu'importa aonde?
Sem prever quantos escolhos
O nosso destino esconde.

Assim no alvor da existencia
Afoito caminha o homem;
Porêm tantas esperanças
Breve em nada se consomem.

São quasi todas um sonho,
Vans illusões; e uma a uma
Da vida nas duras rochas
Se desfazem como espuma.

Pela gloria que o desvela,
Por façanhas, por poemas,
Dão-lhe fria indifferença
Ou do carcere as algemas.

Aqui na mulher que amava
Encontra só falsidade;
Alli só vil interesse
Onde suppunha amisade.

Medita os livros e o mundo;
E, quanto mais os estuda,
Mais o seu mundo encantado
Aos olhos se lhe desnuda.

Vê o premio para o crime;
Vê para os bons o supplicio;
Envergonhada a virtude;
Pompeando á sôlta o vicio;

A ambição ermando os campos,
Levando os povos á morte;
E suprema lei somente
A ferrea lei do mais forte;

Vendida a honra; vendidos
Os talentos, o pudor;
Vendida a fé consagrada;
E até mesmo o proprio amor.

Sempre em tudo desenganos!
Sempre em todos egoismo!
E pára; e fica suspenso
Da vida no fundo abysmo!

Então os raios luzentes
Que a toda a parte estendera,
Como um sol, nos claros dias
Da risonha primavera,

Recolhe dentro do seio;
E com seu lume fatal
Abrasa-se, e mais patentes
Vê as chagas do seu mal.

Então foge a sociedade;
Vae buscar a natureza;
Mas é tudo solitario;
Não tem d'antes a belleza.

Faltam-lhe os sonhos alados
Que a toda a parte o seguiam,
Que murmuravam nas brisas,
Que nas flores rescendiam.

Alevanta ao céu os olhos,
Todo brilhante d'estrellas,
Como no tempo formoso
Das suas crenças singelas;

Porêm não acha nenhuma
Que lhe fale, como outr'ora!
Tanta grandeza o anniquila!
Tanto silencio o apavora!

Que lhe resta pois? Comsigo
Viver das suas lembranças,
Sepultura de si mesmo,
Sem desejos, sem esp'ranças!

Feliz ainda o que pode,
Como eu, depois dos revezes,
Encontrar um d'esses anjos
Que se encontram raras vezes,

Com elle, do mundo á parte,
Passar a vida ignorado,
E, como eu entre os teus braços,
Esquecer-se do passado!

HYMNO DO TRANSWAAL

(DE DU TOIT)

De novo no Transwa'l, na patria amada,
Já o pendão quadricolor se eleva.
Ai! da mão do Senhor abandonada,
Que a arreal-o outra vez inda se atreva!
Sob este céu azul ondeia ao vento,
Ó insignia da nossa liberdade;
O inimigo fugiu; no firmamento
Resplende mais formosa claridade.

Quando arrostaste as rábidas procellas
Sempre fieis te fomos; como outr'ora,
No regaço da paz, já longe d'ellas,
Os nossos corações terás agora.

Do bretão e do cafre combatida,
Elles te vêem hoje, embalde irosos,
Sobre as suas cabeças, mais erguida
Pór nós, por nossos braços valorosos.

Albion, cobiçosa e traiçoeira,
Atreveu-se a abater-te; imaginava
Que para lhe acceitarmos a bandeira
Isto e promessas mil só lhe bastava.
Tudo nos offertou; tudo enjeitámos:
O vapor, o telegrapho, a riqueza;
E o vermelho pendão jámais honrámos,
Nem havemos de honrar. É van empresa!

Quatro annos lhe rogámos incessantes
Que nos restituisse a nossa terra:
Nada de ti queremos; como d'antes,
Deixa-nos livres só; vae-te, Inglaterra!
Mas, teimando, já gasta a paciencia,
E fartos das promessas do tyranno,
Oppuzemos-lhe armada resistencia,
Tentando sacudir o jugo insano.

E, graças ao Senhor, o conseguimos;
E a nós propicia a liberdade volta;
E vemos tremular, como já vimos,
Nossa livre bandeira ao vento sôlta.
Custou-nos muitos mortos a victoria;
Mas custou aos inglezes mais ainda.
Assim Deus nos livrou; é d'elle a gloria.
Foi para nós sua bondade infinda.

Fluctua sobre a nossa patria amada,
Ó do Transw'al quadricolor bandeira!
Ai! da mão do Senhor abandonada,
Da mão perversa que arrear-te queira!
Sob este céu azul ondeia ao vento,
Ó insignia da nossa liberdade!
O inimigo fugiu; no firmamento
Resplende mais formosa claridade.

CONFIDENCIA

Algumas vezes contemplando, ó lua,
No céu teu orbe limpido e argentino,
Ponho-me a meditar no meu destino,
E em mil idéias o pensar fluctua.

Em quanto mar e terra a face tua
Me ha visto, irrequieto peregrino,
Sujeito ao que é mais barbaro e mofino,
Sempre co'a injustiça em guerra crua!

Infancia, juventude, mocidade
Não tive; antes de tempo, a natureza
Deu-me o infortunio da maior edade.

E assim proseguirei, dos males presa,
Até que um dia, ó astro da saudade,
Não mais te contarei minha tristeza.

INCERTEZA

Postos os meus olhos
Nos teus olhos bellos,
Tento descrevêl-os
Muita vez, e em vão;
Porque nunca posso
Distinguir ao certo,
Bem que de ti perto,
De que côr serão.

Quando satisfeitos,
Pulam d'alegria;
Nem a luz do dia
Tem maior fulgor;
Inconstantes, vividos,
Como o sol tremente
Na fugaz corrente,
Cegam-me d'amor.

Quando se recolhem,
Quando tristes choram,
Quando Deus imploram,
Cegam-me tambem.
É que então ao brilho
Que sua luz derrama
Reunir-se a chamma
Da tu' alma vem.

E que não viesse...
Mudam-se elles tanto
Co' a tristeza e pranto,
Cobram tal poder,
Que os meus olhos, humidos
De piedoso affecto,
Por condão secreto,
Julgam outros ver.

Pois se os volves languidos
Quasi desmaiados,
Ou se põem turbados
Para a terra a olhar...
Sob os longos cilios,
Sob o véu zeloso,
Tiram-me o repouso,
Deixam-me a scismar.

Meio então occultos,
Vou a contemplal-os,
Para debuxal-os
Como são, emfim.
Não o ouso; tremo;
Quêdo-me indeciso;
Falta-me o juizo;
Nada sei de mim.

Mas a côr qu'importa,
Se elles são fagueiros,
Ternos, feiticeiros,
Se me são leaes,
Olhos portuguezes,
Olhos sem segundos,
Limpidos, profundos
Como não vi mais?

Mas a côr qu'importa,
Se me o peito abalam,
Se expressivos falam,
Se prazer me dão,
Se do amor no empyreo
Fulgem quaes estrellas,
Se elles são janellas
D'esse coração?

IRAS DE MAIO

Que alegria tão placida respiram
Estes campos, meu anjo! Como tudo
É em volta de nós deserto e mudo!
Que funda solidão!
No firmamento azul nem rara nuvem;
Do zenith abrasada a luz dardeja;
Pela encosta e no prado mal adeja
Tepida viração.

Não se escuta uma voz. Ninguem se avista.
Occulto jaz o passaro nos ramos;
Não chama o coração com seus reclamos
O amante roixinol.
A natureza inteira respeitosa,
De tanto brilho attonita, emmudece,
E com todas as galas apparece
Ao rei do dia, o sol.

Que é verão se dissera; e no começo
Apenas somos do risonho Maio;
Tanto fere do astro o quente raio,
Ó meu querido amor.
Sentemo-nos aqui por algum tempo,
D'este álamo copado á farta sombra,
Da curta relva na macia alfombra,
Té baixar o calor.

Não nos offende o sol em nosso abrigo,
Em nosso lar de folhas buliçosas,
Que sobre nós murmuram sonorosas,
Entremostrando o céu.
Temos por companheira a amena brisa,
Que foge, como nós, da terra que arde,
Para nos campos divagar á tarde,
Como é costume seu.

Que magnifica scena! Aqui podemos,
Cansados da monotona cidade,
Os olhos desprender em liberdade
N'esta mansão de paz.
Só com a natureza, só comtigo,
Comtigo, que a minh'alma comprehendes,
E que tudo que é bello e grande entendes,
A minh'alma se apraz.

Olha a abobada etherea, saphirina;
Olha o orbe de fogo scintillante;
Olha a terra d'esp'ranças verdejante
Para nós a sorrir.

Dize não sentes levantar-se a idéia,
Quando a vista levantas para a altura,
E uma incognita luz, suave e pura,
Teu coração fundir?

Não te alegram os jubilos campestres,
Que por todos os lados te circumdam?
As torrentes de sol que tudo inundam?
O perfume da flor?
Ah! que sim, me responde o teu semblante.
Quem me dera viver n'estes logares,
Aspirando a poesia d'estes ares,
Comtigo, meu amor!

Ainda verde, a trémula seara
Ondeia apenas com cicío brando
Até perder de vista, simulando
Mal encrespado mar;
D'entre as bastas espigas transparecem
Das papoilas as pétalas vermelhas;
Zunem voando as próvidas abelhas,
E n'ellas vão poisar.

Accidentado alonga-se o terreno
De nós á roda, em valles, em oiteiros,
Qual de pégo virente sobranceiros,
Immoveis escarcéus,
Ora tirando a rubro, ora cinzento,
Ora da côr das vivas esmeraldas,
Até beijar da serrania as faldas,
O Tejo, o mar, os céus.

Estas as raias são do nosso imperio,
D'este famoso quadro os horizontes:
Da fria Cintra os alterosos montes,
Pela parte do sul,
Em phantasticos grupos alongados,
Torreando com válida arrogancia,
Indistinctos, incertos da distancia
No vaporoso azul;

Pela outra parte o socegado Tejo,
Que, de mixtura já co'o mar undoso,
Se altera, e em curso largo e majestoso
Apressurado vem;
D'elle ao fundo, cortando o espaço aereo,
Da Arrabida silvestre a linha extensa
E do augusto oceano a face immensa
Que se prolonga alêm.

Mas fartas nuvens
Eis de repente
Erguem a frente
No fim do céu.

Outras e outras
Eis após estas,
Pardas, funestas,
Pesado véu.

Que extranha forma
Cada uma finge!
Qual é esphinge;
Qual é leão;
Qual arco enorme;
Qual grandes casas;
Qual abre as azas,
Fero dragão.

Já se approximam;
Já se amontoam;
Já correm, voam
No quente ar,
Assemelhando
No feio aspecto
Undoso, inquieto,
Cavado mar.

Umas sobre outras
Ve'm impellidas;
Já confundidas
São n'uma só.
Raivoso açoita-as
O rijo vento,
E o firmamento
Cobre de dó.

A terra, ha pouco
Bella e risonha,
Fica tristonha,
Não vendo o sol,
Qual nauta em ancias,
Da costa perto,
A noite, incerto,
Sem ver pharol;

E a paz deixando
Silenciosa,
Brada ruidosa,
Chora o seu mal.
Responde o echo
Sons agoireiros
Pelos oiteiros,
No fundo val.

Tudo se anima;
Tudo se abala;
Nada se cala
De Deus á voz;
Que pelos ares
A tempestade
Em liberdade
Passa feroz.

Os fortes troncos,
Sentindo-a, gemem;
As plantas tremem,
Tocam no chão;
Giram mil folhas,
Dilaceradas,
Arrebatadas
Em turbilhão.

Ruge a seara
Com som profundo,
Com gemebundo,
Surdo rugir,
E, de medrosa,
Curva-se á terra,
Da crua guerra
Como a fugir.

Batida a chuva,
Qual cataracta,
Eis se desata
Do opaco céu.
Cerrada, grossa,
Rapida de'ce,
E ser parece
Liquido véu.

A serra longe
Mal se descobre;
Quasi que a cobre
Da treva a côr.
A tempestade
A abarca, a insulta;
De todo a occulta
No seu negror.

O Tejo altera-se
No grande leito,
Que então estreito,
Não o contem;
E escuro, túmido,
Deixando as raias,
Por sobre as praias
Rebenta alêm.

Ao largo o oceano,
Torva negrura,
Da plumbea altura
Copia fiel,
Sacode a juba;
Verbera as fragas;
E as altas vagas
Lança em tropel.

De quando em quando
Tanta agonia
Fere, alumia
Clarão fugaz,
Vivo relampago
De luz terrivel,
Que mais horrivel
A scena faz.

E dos espaços
Ignea scentelha
Baixa vermelha,
Corta a amplidão;
E n'um instante
Fulminea tomba;
Trôa, rebomba
Rouco trovão.

Ao raio pallida
A natureza,
Como surpresa,
Fica a gemer!
E a terra o seio
Do fogo irado
Esbraseado
Sente tremer.

Oh! minha cara,
Não tenhas susto;
Não teme o justo;
Tem Deus por si.
Elle, e com Elle
Tua innocencia
N'esta existencia
Velam por ti.

Eu a teu lado
Me animo a tudo;
Que és meu escudo,
Meu casto amor.
Levanta o rosto;
Deixa esse medo;
Findará cedo
Tamanho horror.

O céu a espaços
A treva abrindo,
Já refulgindo
Vae outra vez.
No seu aspecto
Alma bonança,
Leda esperança,
Dize, não lês?

Vae abrandando
A pouco e pouco
O rancor louco
Do furacão;
A na distancia
Já se enfraquece,
Já se esvaece
Quasi o trovão.

Cessou de todo.
Foi um bramido
Mal percebido
O extremo som.
Levanta a fronte,
Minha alegria;
Em Deus confia,
Que é grande e bom.

Dissipam-se os furores da procella;
Sopra do norte o vento,
E varre as atras nuvens que toldavam
Inteiro o firmamento.

Formosa como d'antes se nos mostra
A abobada celeste,
E de esplendida luz e de saphira
Novamente se veste.

Vibra o sol os seus raios, qual vibrára,
Mas com fogo mais brando,
O terreno das chuvas ensopado
Carinhoso enchugando.

Descobre a levantada serrania
O vulto majestoso,
Do seu dorso atirando para longe
O manto tenebroso.

Já não bramam o Tejo e o largo oceano;
Já irados não rebentam;
Mas alizam a face, e como espelho
Á esphera azul se ostentam.

E alegre como outr'ora, e mais ainda
Se enfeita a natureza
Com mais vida, mais força, maior brilho,
Com dobrada belleza.

A molle relva, os troncos, os arbustos
Alvas gottas destillam,
Diamantes que á luz do rei do dia
A milhares scintillam.

Que suave frescor do solo brota,
Da molhada folhagem!
Como murmura prasenteira e amena
Pelos campos a aragem!

Até as aves que, ao calor fugindo,
Estavam silenciosas,
Voam contentes ou nos ramos soltam
As vozes sonorosas.

Tudo louva o Senhor, que traz a calma
Após a tempestade,
E que o mundo escurece para ornal-o
De maior claridade.

Vês a terra de novo como é bella?
Como é bom aqui estar
Maravilhado o firmamento, os campos,
O oceano a contemplar!

Fiquemos pois aqui em nosso abrigo
Algum tempo, querida,
Até que a chamma etherea seque um pouco
A terra humedecida;

E entretanto os olhares deleitados,
Juntos, ó meu amor,
Espaireçamos por tão grande quadro
Louvando o Creador.

NÃO ME LEMBRA

Não me lembra o que te disse
Hontem, quando te encontrei;
Não me lembra; que, de ver-te,
Como em extase fiquei.

Tantas phrases estudadas!
Todas então olvidei!
Tantas vozes sem sentido!
Talvez nenhuma acabei!

Tímida a vista baixaste,
Quando a minha em ti preguei.
D'isso mui bem me recordo,
E jámais me esquecerei.

Nada, nada me disseste;
Inda mais me embaracei;
Depois, levantando os olhos,
(Nunca assim outros achei)

Meiga em mim os demoraste,
E os meus em ti demorei;
Senti erguer-me da terra;
Feliz no céu me julguei.

Que importa pois se dos homens
As phrases em vão busquei,
Se palavras imperfeitas,
Ao ver-te, balbuciei?

É que da lingua dos anjos
Tu usaste e eu usei;
Em teus olhos me falaste,
Em meus olhos te falei.

ARREBATAMENTO

Tinha nos modos seus tanta meiguice,
Uma doçura tal no lindo gesto,
Um ar tão recolhido e tão honesto,
Que captivava logo a quem a visse.

Quasi sem o entender, sem que o sentisse,
Foi-me attrahindo o coração molesto,
Até que o fogo escuso manifesto
Um dia fez que aos olhos me subisse.

Então (metamorphose abençoada!)
Inflammou-lhe o semblante vivo pejo,
Porque soube quanto era e que era amada;

E, accendida por subito desejo,
A tremer, a su' alma recatada
Nos labios meus depositou n'um beijo.

O POETA E A AVE

Dos humanos fugindo ao tumulto,
Eu descanto meus ais, meu amor,
Como solta os gorgeios occulto
No arvoredo o plumoso cantor.

Passa o rei, o opulento, a nobreza
Com seu sceptro, seu oiro e brasões,
E, enlevados na propria grandeza,
Não lh'escutam as flebeis canções;

Mas escuta-o donzella amorosa
De magoado, profundo sentir,
Cuja mente divaga saudosa
Do passado, e mal sonha o porvir.

Tal sou eu. Não percebem da terra
A opulencia, a vaidade os meus ais,
Mas quem n'alma tristezas encerra,
Ou tem n'alma clarões divinaes.

Esses param, attendem, suspiram,
Quando me ouvem gemer, suspirar,
Que em seu peito as feridas se abriram
Ao meu triste, suave cantar.

O céu puro, ou de nuvens bordado
Não se mira no immundo paúl,
Mas no espelho do lago acalmado,
Ou na face do pélago azul.

Pois assim é no mundo a poesia,
E o cantor como a ave, a animar
Ora a selva co'a doce harmonia,
Ora alçando-se aos campos do ar,

Que, escondida entre os ramos, apenas
Pode ouvir dos humanos a voz,
Que, perdida no céu, bate as pennas,
Sem que ao menos se lembre de nós.

O meu ninho de silvas e flores
Fêl-o Deus para eu n'elle viver;
Ahi tenho os meus castos amores,
Minha paz, todo inteiro o meu ser.

Ah! são elles que aos homens me prendem,
Que da vida me enfloram a cruz;
Que me tornam melhor e defendem;
Que me dão azas de oiro e de luz;

Que me prestam mais alma e ouvidos
Para as magoas alheias chorar;
São a aragem que traz os gemidos;
Eu a harpa que os faço vibrar.

Quem me dera com elles sómente
Toda a vida viver e com Deus,
Como a ave em seu ninho frondente,
Ou pairando na altura dos céus!

Mas não pode o poeta, que é homem,
Sem os homens de todo existir;
Se do mundo seus vôos o somem,
N'elle tem de passar e carpir.

Eis porque eu nos terrenos caminhos
Muita vez firo as azas, tambem
Como a ave que o pasto aos filhinhos
Vae buscar pelas sarças alêm,

E que, ao ninho cansada voltando,
Sólta, vendo-os, alegre canção,
Para, as chagas depois recordando,
De lamentos encher a soidão.

Assim canto os prazeres e as dores;
Assim póde meus cantos ouvir
Só quem soffre ou quem vive de amores,
Alma funda de fundo sentir.

1867

HARMONIAS

Anima-se, alvoroça-se
Inteira a natureza,
De si despindo as nevoas
E o manto de tristeza,
Para saudar magnifica
Do sol o resplandor:

Soltam o canto os passaros;
Suspira branda a aragem;
Gotteja toda perolas
A tremula folhagem;
Brilham do lago as aguas;
Tem mais perfume a flor.

Desde o infinito ao atomo,
Ó Deus, tudo te adora:
Do firmamento a abobada;
A terra creadora;
A immensidão cerulea
Do irrequieto mar;

E até a fala timida
Do nosso anjo innocente,
Que deixa o somno placido,
Do dia á luz nascente,
E vérte, ó cara, o jubilo
Em nós e em nosso lar.

1866

ATRAVÉS DO TUMULO

Á MEMORIA DE J. PINTO RIBEIRO

Como os sons de confusa melodia,
Que se escutam perdidos em distancia,
Como de flores mil longe fragrancia,
Que o vento já mixtura, já varia,

Como visão, que, ao fenecer o dia,
O bosque dos seus ramos na inconstancia,
Na dubia luz, das aves na assonancia,
Nos faz alevantar na phantasia,

Assim bella na idéia m'esvoaça
De teus cantos de amor, meu pobre amigo,
Ao vago, á sombra, ao sentimento, á graça,

Da juventude, que vivi comtigo,
A imagem; mas vem triste; é porque passa,
Para chegar a mim, por teu jazigo.

AUSENCIA

São amenos estes campos,
Estes montes deleitosos,
Porêm os campos saudosos
Da nossa terra não são,
Esses campos onde havemos
Tantas vezes divagado,
E a que, só, terás contado
As penas do coração.

Tudo triste me parece,
Tudo quanto sem ti vejo;
O meu unico desejo
É volver ao nosso lar,
É volver a teus abraços,
A teus afagos, querida,
Ao nosso anjo, á nossa vida.
Quem já me dera tornar!

De saudades e cuidados
Se compõe nossa existencia:
Padeço na tua auzencia;
Padeces longe de mim;
Que quem vive em dois logares
Não tem gôso, não tem calma;
Não vive quem parte a alma;
Não posso viver assim.

A todo o instante pergunto,
Porêm nada me responde:
Onde estás, meu bem, aonde?
Soffres muito, vaes melhor?
Punge-te amarga tristeza?
Estás só, ou acompanhada
Da nossa prenda adorada,
Do fructo do nosso amor?

Ah! abraça-te com elle;
Esse allivio inda te resta;
A mim a sorte funesta
Me põe distante de vós.

O que vale é não ser longo
Este nosso apartamento;
Mas cada dia é tão lento,
Cada hora é tão atroz!

Quanta vez terá chamado
O meu pobre innocentinho
Por meu nome, coitadinho!
E sempre chamado em vão!
Ás vezes julgo escutal-o,
Julgo-o ver que o pronuncia
Com a voz que balbucia:
Doce, cruel illusão!

Se alguma mulher ao collo
Traz o filho, e o beija e afaga,
Essa vista augmenta a chaga,
Faz-me mais triste ficar;
Se elle chora, por costume,
O meu peito se alvoroça;
Se ri, a dor se me apossa
D'alma, e ponho-me a scismar.

Sabes porquê? Porque penso
Nos dois seres em que fundo
A minha vida no mundo,
E que hoje não posso ver.
Mas estou com taes tristezas
A fazer brotar teu pranto...
Não chores; já soffres tanto!
Dentro em breve hei de volver.

Não chores; por esses campos
Co'o nosso filho passeia;
Distrae-te, aparta da idéia
Quanto puderes a dor;
E que eu te encontre, voltando,
Sem um signal de desgosto,
Mais animado o teu rosto,
Bôa ou quasi, ó meu amor.

Torres Vedras—1867—Julho

AMOR FILIAL

AO MEU AMIGO O DR. H. DA GAMA BARROS

Se eu te pudesse ver qual eras d'antes,
Ó minha Patria, venturosa e forte,
Quando tinhas da Fé, da gloria o norte;
Quando a cruz, quando a espada triumphantes

Levavam os teus bravos navegantes,
Do mar senhores, com febril transporte,
Ao mundo inteiro, desprezando a morte,
Inveja, pasmo das nações restantes!

Mas, porque hoje cahiste da grandeza,
Porque vegetas misera e mesquinha,
Menos a ti não está minh'alma presa.

Não deixa o filho a mãe porque definha;
Quer-lhe mais na desgraça e na fraqueza;
Infeliz, mais te quero, ó Patria minha.

O AVARENTO...

(DE LAFONTAINE)

(Versão livre)

Quem não usa não tem, reza o adagio;
E é bem verdadeiro;
Pois nada prestará, sem desfructal-o,
Accumular dinheiro.
Esopo no seu conto
Do thesoiro escondido
Fornece bello exemplo ao nosso ponto.

Houve outr'ora um avarento
Que oiro sobre oiro juntava,
E nem um real gastava:
D'elle escravo e não senhor,
Ao vêl-o imaginarieis
Que a fortuna assim unida
Guardava para outra vida,
Para outro mundo melhor.

Enterrou-o n'uma cova,
E a alma enterrou com elle.
Coma, beba, durma, véle,
O seu unico prazer
É pensar a cada instante
No seu virginal erario,
Que adora como sacrario,
E a cada instante il-o ver.

Foi lá, foi lá tantas vezes,
Que um cavador, com suspeita
Do mysterio, a cova estreita
Abriu, e tudo roubou.
Pouco depois o avarento
O passeio costumado
Fez ao seu oiro adorado;
Mas... só o ninho lhe achou!

Pasma; lagrimas derrama;
Soluça; geme; suspira;
De raiva os cabellos tira.
É um sonho! não o crê.
N'isto acaso um viandante
Por aquelle sitio passa,
E com dó de tal desgraça
Pede a razão do que vê.

—Roubaram-me o meu thesoiro!
—O teu thesoiro roubaram?
E em que logar o encontraram?
—Junto d'esta pedra; aqui.
—Porque o trouxeste tão longe?
Receias alguma guerra,
Para o esconderes na terra
De todos, e até de ti?

Veio espairecer no campo?
Antes em casa guardado
Estivesse a bom recado,
E tu a vêl-o e a gastar.
—Eu gastar o meu dinheiro!
O meu dinheiro! estás louco!
Custa ganhal-o tão pouco?
Eu nunca lhe ousei tocar.

—Que me dizes? Impossivel!
—Nunca.—Então inutil era.
E isso te desespera?!
Famoso! deixem-me rir!
N'esse caso põe na cova
Uma pedra: o mesmo importa
Que a tua riqueza morta;
Do mesmo te ha de servir.

L'AVARE...

L'usage seulement fait la possession.
Je demande à ces gens de qui la passion
Est d'entasser toujours, mettre somme sur somme,
Quel avantage ils ont que n'ait pas un autre homme.
Diogène là-bas est aussi riche qu'eux,
Et l'avare ici-haut comme lui vient en gueux.
L'homme au trésor caché, qu'Ésope nous propose,
Servira d'exemple à la chose.

Ce malheureux attendait,
Pour jouir de son bien, une secondo vie;
Ne possédait pas l'or, mais l'or le possédait.
Il avait dans la terre une somme enfouie,
Son cœur avec, n'ayant autre déduit
Que d'y ruminer jour et nuit,
Et rendre sa chevance à lui même sacrée.
Qu'il allat, ou qu'il vint, qu'il but, ou qu'il mangeat,
On l'eut pris de bien court, a moins qu'il ne songeat
À l'endroit où gisait cette somme enterrée.

Il y fit tant de tours qu'un fossoyeur le vit,
Se douta du dépot, l'enleva sans rien dire.
Notre avare un beau jour ne trouva que le nid.
Voilà mon homme aux pleurs: il gémit, il soupire,
Il se tourmente, il se déchire
Un passant lui demande à quel sujet ses cris:
—C'est mon trésor que l'on m'a pris.
—Votre trésor? où pris?—Tout joignant cette pierre.
—Eh! sommes nous en temps de guerre
Pour l'apporter si loin? N'eussiez-vous pas mieux fait

De le laisser chez vous en votre cabinet,
Que de le changer de demeure?
Vous auriez pu sans peine y puiser a toute heure.
—A toute heure, bon Dieu! ne tient-il qu'a cela?
L'argent vient-il, comme il s'en va?
Je n'y touchait jamais.—Dites-moi donc, de grace,
Rejoint l'autre, pourquoi vous vous affligez tant?
Puisque vous ne touchiez jamais a cet argent,
Mettez une pierre à la place,
Elle vous vaudra tout autant.

SEMPRE LIVRE

Em vão prende o poeta a lei da sorte
Aos grilhões, á miseria, á insana lida;
Quebra os ferros su'alma, e, desprendida,
Não soffre jugo, não conhece norte.
Da phantasia nas potentes azas
Corre o globo, transcende o espaço aereo,
Atrás da viva chamma em que o abrasas,
Fogosa inspiração, archanjo ethereo.

Ora te segue os vaporosos passos,
E comtigo divaga na campina;
Ora junto da veia crystallina
Se assenta, reclinado nos teus braços;
Ora, á sombra dos densos arvoredos,
Escuta as avesinhas prazenteiras,
Do murmurante zephiro os segredos,
Ou aspira o perfume das roseiras.

Sobe á tarde comtigo aos altos montes,
D'onde se avista a solidão do oceano,
Quando o astro, do dia soberano,
Mergulha nos remotos horizontes,
Quando o pardo crepusculo saudoso
Envolve o coração em doces magoas,
E pensando se esquece tristuroso
A contemplar a vastidão das aguas.

Depois, quando d'estrellas aos milhares
A abobada celeste a noite accende,
Ou a pallida lua o espaço fende
Illuminando o céu, a terra, os mares,
Ao teu lado medita n'esses mundos
Que povoam os campos do infinito,
Lendo os mysterios do Senhor profundos,
Lendo o nome de Deus em tudo escripto.

Outras vezes, por ti arrebatado,
Vôa ao céu, ó archanjo de harmonia,
E vê de perto o sempiterno dia,
Só para os seres divinaes formado,
E o sol, e outros soes de ardente prata,
Arrojando através da immensidade,
Em caudal e perenne cataracta,
Mares de deslumbrante claridade.

Ah! quem, liberto das prisões terrenas,
Alma de fogo tem que alcança tanto,
Azas para ascender ao lume santo,
Olhos capazes de fruir taes scenas,
Não vive, não, no âmbito mesquinho,
Que lhe cabe entre as baixas creaturas,
Mas segue solitario o seu caminho
Para as soberbas, immortaes alturas;

E pela multidão, qual sombra, passa,
Ao mundo preso pela vil materia,
Lamentando-lhe as dores e a miseria
Que os ferros a gemer e a rir abraça;
E a multidão, ingrata, presumpçosa,
O vê passar, e, escarnecendo, o aponta,
Emquanto elle na lyra harmoniosa
Á eternidade seus segredos conta.

Mas que importam os ditos de sarcasmo,
A prepotencia, a ingratidão, a injuria,
A quem arrosta o carcere, a penuria,
E a morte com sublime enthusiasmo?
Se é Camões, pela Patria perseguido,
A Patria immortaliza, e morre pobre;
Se é Tasso, miseravel, foragido,
Com a luz do seu nome a Italia cobre.

Assim vive entre os homens o poeta
Sempre livre, qual livre pensamento,
Grande na desventura e no tormento,
Martyr, cantor, apostolo, propheta;
E, se o prostram no tumulo gelado,
Depois de tanto opprobrio e tanta guerra,
Mais livre fica, e, espirito sagrado,
Ala-se aos astros, alumia a terra.

UM ECHO

Quando escuto os gemidos da viola,
Meu coração tambem com ella geme,
Bem como faz a solitaria rôla,
E, ao vibrarem-lhe as cordas, vibra e treme.

É que me punje mais do que consola;
É que a ouvi muita vez ao som do leme,
Quando as ondas o mar não desenrola,
Nem do baixel na enxarcia o vento freme;

Ou á noite casando-se co'a flauta,
Quando n'agua o luar brinca e scintilla,
Quando junto da prôa dorme o nauta.

Então, minh'alma triste, mas tranquilla,
A ouvia em sonhos, do porvir incauta;
Hoje, é um echo só; tremo de ouvil-a.

ESPERANÇA NA PRIMAVERA

Ó minha amada, porque andas triste?
Ai! assim ver-te quanto me custa!
Feriu-nos ambos a sorte injusta;
Mas fim á doença Deus ha de pôr.
Ambos a um tempo, ambos sentimos
Um pelo outro cruel tormento:
Meu mal aviva teu soffrimento;
Crescem meus males com tua dor.

Confia, ó cara. Do nosso clima
Já foge o inverno ríspido, agreste;
Já a primavera, nuncia celeste,
No céu, na terra meiga sorri,
Dizendo: ornae-vos, ó ermos troncos,
Ó nu terreno, de verde e flores;
Enche-te, espaço, de luz e odores;
Já do seu throno chama por ti.

E, ao seu reclamo que ouves alegre,
O ar corrupto da gran cidade
Pelas campinas e liberdade
Dentro de pouco tu deixarás;
E, como a ave dos homens presa,
Que sem consolo geme, definha,
E, sôlta, anima-se, ó vida minha,
D'outr'ora a vida recobrarás.

Ó teu semblante pallido e murcho,
Que o meu espirito entenebrece,
Dos floreos campos, do ar carece,
Do quente raio do amigo sol;
Tu'alma terna, que a dor ensombra,
Para aclarar-se, d'este precisa,
E do murmurio da fresca brisa,
E dos gorgeios do roixinol.

Portanto espera, minha formosa;
Ao céu já puro levanta o rosto!
Não, não o deixes pelo desgosto
Sem côr, sem viço langue pender.
E nem te afflija quanto padeço;
Que, em tu cobrando nova existencia,
Eu, que só vivo da tua essencia,
Ao que era d'antes hei de volver.

1867

A FAVOR DE UNS INFELIZES

Bem proximo de vós e da vossa opulencia
Ha dois entes, senhor, immersos na indigencia.
É curta, porêm triste, e muito, a sua historia,
Quatro palavras só. Gravae-as na memoria,
Antes, no coração, que nobilita o nobre,
Quando attende piedoso as supplicas do pobre.

O amor os reuniu; lisongeira esperança
Lhes apertou risonha a amorosa alliança;
Entraram o limiar por ella conduzidos,
E em seu collo gentil deitaram-se embahidos
Em floreas illusões; porêm breve do sonho
Os tirou da procella o estampido medonho.
Acordaram ao pé de um abysmo arrojados,
D'elle á beira, a cahir: estavam desgraçados!
Tinham ao lado a magra, a lívida doença;
Cingia-os da miseria a nevoa escura e densa!

Desde então, ó senhor, (haverá já dois annos,
Longos, longos, sem fim, terriveis, inhumanos)
Nem um raio sequer os anima, os alegra;
Seu horizonte é nu; sua existencia é negra!
Desde então, sem poder com o suor do rosto
O sustento ganhar, eivado de desgosto,
Elle, o pobre infeliz, pouco e pouco vendido
Tem o modesto haver, tanto a custo adquirido.
Nada lhe resta já; e de tudo precisam:
Dos remedios, que o mal do doente amenisam;
Da esperança, alma luz, dentro de ambos já morta,
Que a desgraça allivia e os animos conforta;
De roupas; de vestir; e, inda mais e peior,
Até mesmo de pão! de pão! de pão! senhor.

Oh! dae-lh'o, dae-lh'o vós. Para a vossa riqueza
Qu'importa? Do que sobra em vossa lauta mesa
Dae-lhe um pouco sequer. Não sou eu que vos peço,

Que nada quasi valho e nada vos mereço;
É Deus, que a desventura e que a miseria afflige,
Quem, pela minha voz, esta prece dirige.

Oh! dae-lh'o pelo amor da que na terra amastes,
Da esposa, sem a qual tão depressa ficastes;
Dae-lh'o, dae-lh'o por vós; pelos vossos queridos,
Jovens filhos; a Deus, a Deus prestae ouvidos;
E Elle, que vos colmou de tamanha opulencia,
Vos pagará, senhor, com sua Providencia.

AMARGURA

Triste o dia me parece,
Triste o sussurro do vento,
Como choroso lamento
De funeraria canção;
Até mesmo o sol brilhante,
Que traz vida á natureza,
Me infunde acerba tristeza,
Me comprime o coração.

É que a tudo quanto vejo
Presto a côr da minha sorte;
É que o negro véu da morte
Me faz ver o mundo assim;
É que já não tenho aquella
Que os meus passos me guiava,
Por quem eu só respirava,
Que só vivia por mim!

AMAREZZA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Triste ormai mi sembra il giorno,
Triste il sussurrar del vento,
Come il flèbile lamento
D'una funebre canzon;
Anche il sole, il sol fulgente,
Che dà vita alla natura,
Con tristezza mi tortura
E al mio cor causa oppression.

Perchè ciò? Perchè al creato
Dò il color che ha la mia sorte;
Perchè un vel nero di morte
Così a me apparir lo fè;
Perchè io sono orbo di quella
Che i miei passi ognor guidava,
Per cui solo io respirava,
Che vivea solo per me.

AMARGURA

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Triste el dia me parece,
Triste el susurro del viento,
Qual quejumbroso lamento
De funeraria cancion;
Hasta el proprio sol que infunde
Vida a la naturaleza
Exacerba mi tristeza,
Y me oprime el corazon.

Es que a todo quanto veo
Presto el color de mi suerte;
Es que el luto de la muerte
Me hace ver el mundo así;
Es que ya no tengo á aquella
Que en la vida era mi guia,
Por quien yo solo vivia,
Que vivió solo por mí.

O LIMA E BERNARDES

AO MEU AMIGO DOM ANTONIO DA COSTA

Foi junto d'este rio deleitoso,
Que por entre jardins vae deslisando,
Como de abandonal-os pesaroso,

Que, o seu murmúrio placido escutando,
Ó Bernardes, ó cysne de harmonia,
O verso modulaste meigo e brando.

D'estes quadros de amor e poesia,
Que por todos os lados te cercavam,
A tua poderosa phantasia

As bellezas tomou que os adornavam:
O socego dos campos, o gorgeio
Das aves que na sombra se acoitavam,

Os regatos correndo pelo meio
Da verde relva, os canticos distantes
Do camponez, dos ramos o meneio,

Debaixo dos salgueiros verdejantes,
O pastor, a tocar na flauta agreste,
Do espalhado rebanho os sons balantes,

E de tudo um só quadro compuzeste,
Uma feliz Arcadia, como apenas
A descreve do bardo a voz celeste,

Quando, fugindo das paixões terrenas,
Sonha com outro mundo e outra edade,
Edade de oiro, em regiões amenas.

D'estes sitios ao ver a amenidade,
Ao ver o Lima, que, tranquillo, os banha,
Dando-lhes fresquidão, vida, uberdade,

A quanto passa minha idéia extranha,
Tambem te julga ver, ó meu poeta,
E co'a presença tua se acompanha;

E até suppõe, oh! illusão completa!
Que te ouve os tons mellificos da lyra,
Quando, rasgada de amorosa seta,

Prisioneira, tua alma arde, suspira,
Ou se nutre d'esp'ranças e de anhelos,
Ou do ciume o fogo só respira.

Antes de conhecer-vos, campos bellos,
E a ti, rio ditoso e socegado,
Ha muito já vos conhecia: ao lêl-os,

Os seus versos, ao vivo debuxado
Tinha deante de mim, fiel pintura,
Todo este paraíso ao céu roubado.

Como elle vos amava com ternura!
Como vós lhe prezaveis a harmonia!
Dos carmes escutando-lhe a brandura,

«O campo, o monte, o valle parecia
«Que, para festejar tão lêdo canto,
«De mais alegres flores se cobria.

«As crystallinas aguas entretanto
«Do seu natural curso descuidavam,
«Tão cheias de prazer como de espanto.

«As aves pelos ramos se calavam;
«Os ventos, por ouvir o som divino,
«Escassamente as folhas meneiavam.»

E como pois, ó rio peregrino,
O deixaste partir? Como o deixaste,
Formoso campo? A lei foi do destino!

Um dia, ó bardo, a lyra penduraste;
Troou n'este pacifico terreno
A voz da guerra; e as armas empunhaste.

D'imprevidente moço ao regio aceno
Corria a portugueza mocidade
A pelejar co'o exercito agareno.

A insania, a corrupção, a adversidade,
A cubiça lethal da hispana fera,
Velada com protestos de amisade,

Tudo foi contra nós! Quem o soubera!
Tombou no rubro occaso a nossa gloria,
Que tamanho fulgor ao mundo dera,

Grande rasto de luz no mar da historia
Deixando aos outros povos, que o seguiram,
Para depois riscal-o da memoria!

Quantos dos filhos teus, Patria, cahiram
N'aquelle chão de sangue! Do inimigo
Quantos a algema barbara sentiram!

Tu não morreste, ó bardo; mas comtigo
Gemendo a sós, em captiveiro duro,
Invejaste da morte o calmo abrigo!

Então volveste a alma ao rio puro,
Teu companheiro, e ao campo, onde á existencia
Libaste a flor, inconscio do futuro;

Recordaste os teus annos de innocencia;
E, comparando-os do presente ás fraguas,
Assim gemeste em módula cadencia:

«Eu, que livre cantei, ao som das aguas
«Do saúdoso, brando e claro Lima,
«Ora gostos de amor, outr'ora magoas,

«Agora, ao som do ferro, que lastima
«O descoberto pé, choro captivo
«Onde chôro não val, nem amor s'estima.»

D'esta maneira n'um tormento vivo
Arrastavas a vida tristemente,
A alma sempre no torrão nativo.

Se teu senhor, alguma vez clemente,
Deixava d'esses climas extrangeiros
Que os ares aspirasses livremente,

«A vista dos fructiferos oiteiros,
«Dos crystallinos lagos e das fontes
«Fazia dos *teus* olhos dois ribeiros.

«Lembravam-*te* outros valles, outros montes,
«Outras aguas mais claras, outros rios,
«Outros mais afastados horizontes;

«Lembravam-*te* outros bosques mais sombrios,
«Verdes no frio inverno e abrigados,
«E, quando o sol mais arde, então mais frios.»

Outras vezes, pensando que acabados
Talvez fossem teus dias n'essa estancia
De servidão, de lucto e de cuidados,

Longe de quanto amavas, em distancia
Da Patria, que jamais deixar devêras,
Do coração desafogando a ancia,

Clamavas: Desventura, «se quizeras
«Já desviar de mi tua crueldade,
«Na terra onde nasci morte me deras »

Emfim teve de ti o céu piedade:
«A ribeira do Lima saúdosa»
Tornaste a ver co'a doce liberdade,

Porêm não co'a alegria e paz ditosa,
Que a edade, que os desgostos as levaram!
Quem é tão infeliz vive, não gosa.

Depois quasi em miseria se acabaram
Teus annos, e no solo de teu berço
Nem sequer os teus restos descansaram!

E onde estão? Até n'isso achaste adverso
O destino cruel! Jazem na terra?
Ou foi aos ventos o teu pó disperso?

No mesmo templo que o gran vate encerra
Acaso dormes, e o teu vulto aereo
Junto da augusta sombra á noite erra,

Nas horas do silencio e do mysterio?
Está proximo a ti o que da morte
Zomba e tem sobre os seculos imperio,

O que foi teu irmão na infausta sorte,
O que egualaste quasi na harmonia,
Se não no genio e divinal transporte?

Quem o sabe? É mudez a cova fria;
Nada responde o ingrato esquecimento
Da Patria que estimar-te mais devia!

Deixal-o. Se não tens simples moimento,
Se ella ignora a que tumulo desceste,
Ao desprender o derradeiro alento,

Tu te vingas, honrando-a; tu fizeste
Illustres o teu nome, o caro Lima,
E este paraíso em que nasceste,
Que a tua vaga sombra inda hoje anima.

1879

METEORO

Sob estas arvores copadas
Andámos juntos, sós, um dia,
Ambos felizes, de mãos dadas.
Ah! como tudo nos sorria!

Já fatigada, álem sentou-se
N'aquella pedra; o sol ardia.
Em roda a nós que aroma doce!
No céu, na terra que magia!

De Abril viçoso a quadra era;
Tudo de gala se vestia;
Porêm mais linda primavera
O coração nos florescia.

Sobre seu seio branca rosa,
Inda em botão, ella trazia.
Pedi-lh'a; deu-m'a ruborosa;
Tomei-lhe a mão; de amor tremia.

Agora volve a quadra amena;
Mas não a tem por companhia.
Tudo sem ella me faz pena,
Tudo que d'antes me sorria.

Foi como a rosa do seu peito:
Viveu, floriu, murchou n'um dia.
Repoisa morta em fundo leito;
Cobre-lhe o corpo loisa fria.

Só guardo secca, por lembrança
D'aquelle tempo de alegria,
A flor que foi minha esperança,
A branca flor que ella trazia.

METEORO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Bajo esos árboles copados
Solos andábamos un dia
Ambos felices, descuidados.
Ah! como todo sonreia!

Cansada ya, reposo toma
Sobre esa piedra: el sol ardia;
En derredor que dulce aroma!
En cielo y tierra que harmonia!

De Abril risueño el tiempo era:
Todo de galas se vestia;
Pero mas linda primavera
En nuestro pecho florecia!

Sobre su seno blanca rosa,
Aun en capullo, relucia.
Dámela, dije; y, ruborosa,
Al dar la flor, estremecia.

Ya vuelves tú, estacion amena,
Mas no con ella en compañia;
Todo sin ella me dá pena,
Lo que placer antes solia.

Fué cual la rosa de su pecho:
Vivió, se abrió e secó en un dia.
Muerta ahora duerme en hondo lecho;
Cubre su cuerpo piedra fria.

Solo me queda, por memoria
De aquellos tiempos de alegria,
Seca la flor que fué mi gloria,
La blanca flor del alma mia!

A UMA JANELLA

Cada vez que meus olhos em ti ponho,
Em ti, que a luz da vida me trouxeste,
Cara moldura de visão celeste,
Principio, aurora de meu curto sonho,

Tão fiel na memoria recomponho
Aquelle quadro, tal magia o veste,
Que julgo ainda que o momento é este,
Que inda encostada a ti eu a supponho.

Era do mez de Junho a quadra bella;
Alto já ia o sol, quando, brilhante,
Como em céu puro, em ti a minha estrella

Raiou, envolta em coma roçagante.
Vê se te hei de estimar ou não, janella;
Vê se me lembro ou não d'aquelle instante!

AD UNA FINESTRA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ogni volta che te riguardo fiso,
Te che di vita il lume a me traeste,
Cornice amata di vision celeste,
Alba d'un sogno bel di paradiso,

Sì ben si pinge in mia memoria un viso
In questo quadro, e tal magia lo veste,
Che perfin stimo che le ore son queste
In che su te appogiata io la ravviso.

Era di Giugno la stagione bella,
Presso al merigio il sol, quando brillante
In te, come in ciel puro, la mia stella

Spuntò, cinta di chioma lussuriante.
Vedi or, finestra, se alto in me favella
La tua stima, e mi scordo quell'istante!

Genova, 24 Giugno 1897

AO MESMO

Que varias sensações na mente accesa
Em mim fazes nascer, janella amada!
Se aberta, creio ver-lhe a dèlicada
Sombra da tua sombra na incerteza.

Á força de te olhar, sua belleza
Toma corpo, destaca-se, é formada,
Até que cedo m'a reduz a nada
A realidade com fatal dureza.

Se fechada, qual tumulo parece
A casa onde viveu por tanto anno,
E a minh'alma se enlucta e se entristece.

Mas, se outrem vejo em ti, se alguem profano
O meu templo, sacrilego, envilece,
Então maldigo meu cruel engano.

ULTRAGE E EXPIAÇÃO

CHARLES ET GEORGE

Ide-vos, naus orgulhosas,
Mensageiras do tyranno,
Que do Sena, soberano,
Manda os povos insultar.
Ide; que elle vos espera;
Contae-lhe a vossa victoria.
É digna d'elle tal gloria;
Bem lh'a soubestes ganhar.

Como palma da façanha,
Levae a presa anciada;
Para escravos destinada,
Deve a escravos pertencer.
Talvez, ó França, teus filhos
Conduza ainda ao desterro,
Onde injusta mão de ferro
Manda teus filhos morrer.

Cedeu á força a fraqueza;
Á prepotencia a justiça;
O desint'resse á cubiça!
Não ha triumpho maior!
Que corôa para a fronte
Do que os livres calca e opprime,
Do que é protector do crime,
Do que é das leis oppressor!

Não ouves, França, bramindo,
Qual o mar encapellado,
Soar pavoroso brado?
É a voz de uma nação,
Que independencia respira,
Que da Patria o amor inflamma,
Que de covarde te infama,
Que te envia a maldição.

Escutando-a, a Europa inteira
Alevanta-se indignada;
Aperta o punho da espada;
E deixa o somno em que jaz.
De que povo és hoje amiga,
Depois que as leis violaste?
Contra todos te voltaste;
És a inimiga da paz.

A aguia já foi raínha,
Quando, da aurora ao poente,
Nosso velho continente
Quasi todo avassallou.
Mas bateu a grande hora
Do castigo e da vingança,
Que a fronte baixaste, ó França;
Que a aguia altiva expirou.

Portugal e Hespanha os raios
Soltaram da tempestade.
Armou-nos a liberdade
Contra os escravos do algoz.
E tuas hostes derrotadas
Viste, e cahir a tua gloria
Do Bussaco na victoria,
Nos muros de Badajoz.

Desde então se levantaram
Todos quantos opprimiras.
Não valeram tuas iras;
Foste vencida tambem.
Assim talvez dentro em breve
Da vingança chegue o dia,
E na aguia que azas cria
Os povos o golpe dêem.

Ah! pudesse o nosso grito,
Soando de terra em terra,
Contra ti chamar á guerra
Conjuradas as nações!
Que vale que cem náus tenhas
E quinhentos mil soldados,
Se os teus pulsos aviltados
Roxeiam duros grilhões?

Gosa pois do teu triumpho!
A gloria não te invejâmos!
Nós co'a justiça ficâmos;
Tu ficas com teu poder;
Nossa causa Deus protege;
A tua protege-a a espada.
Pelo seu braço vingada
A nossa injuria ha de ser.

1858

SÉDAN

E foi; e dentro em breve! Ah! quem diria
N'essa hora solemne,
Em que, abrasada pelo patrio insulto,
Minh' alma a voz infrene

D'este modo soltou, chamando a colera
De Deus, da Europa inteira
Contra o que injuriou, da Europa á face,
Das quinas a bandeira,

Que tão cedo cahiras, ó tyranno,
Do teu throno sublime,
A que pelos degraus te levantaste
Do perjurio e do crime!

Quem, n'essa hora tremenda imaginara,
França, que tão depressa
Baixarias do cumulo da gloria,
Vencida, humilde, oppressa,

Atrás d'elle, ao abysmo da vergonha;
E que em voz de propheta
Se mudaria tão de prompto o brado
Que soltára o poeta!

Ah! justiça de Deus! Ah! inconstancias
Da leviana sorte!
Ah! orgulho da terra, como és falso!
Perto da vida a morte,

Proximo da contente f'licidade
A pallida desgraça,
Assentam-se ao banquete da existencia;
De mão em mão a taça

Correm; e bebem todas á saude
Dos miseros humanos,
Ás suas illusões de amor e gloria,
E aos seus desenganos!

Inda um sonho parece! Hontem e hoje!
Hontem, na tua côrte,
Potente imperador, dos teus cercado,
Dono, árbitro da sorte

De milhões de homens, planeando empresas,
Menosprezando povos,
Para elles, para o teu, mais servo que elles,
Forjando grilhões novos!

Hoje, sem c'rôa e sceptro, rodeado
D'exercito altaneiro,
Que piza, que destroe o teu imperio,
E d'elle prisioneiro!

Preso e vivo! Porque é que não morreste
Ousado pelejando
Dos teus á frente, ao menos com teu sangue
A derrota lavando?

Ah! foste o proprio, tu, que te entregaste,
Mal arrancada a espada,
A ti, ao teu exercito brioso,
E á França desarmada!

E inda queres viver! Pois vive ainda,
Na deshonra sepulto,
Maldicto pela patria que trahiste,
Alvo da raiva e insulto!

Vive para morrer a cada instante,
Mudo, petrificado,
Qual estatua de marmore n'um tumulo,
Do raio anniquilado,

No meio do caminho que seguias,
Á borda d'esse abysmo,
Que te cavou aos pés, negro, insondavel,
O horrendo cataclysmo!

É melhor; se morresses, pagarias
Co'uma dôr passageira
As insidias, os crimes, os opprobrios
D'uma existencia inteira.

Vive, escutando o côro de blasphemias,
Que, de longe e de perto,
As tuas pobres victimas te enviam,
Como infernal concerto;

E os soluços, as lagrimas, os gritos,
Que na tu'alma echôam,
De dia e noite, e sempre, e de phantasmas
Tremendos t'a povôam.

Vive longe dos teus, longe da patria,
De ti mesmo inimigo,
Do remorso cruel entregue á furia,
Teu sonho e teu castigo.

E, depois de penares longos annos,
Atado ao poste immundo,
Morre emfim, por ti mesmo desprezado,
E esquecido do mundo!

*

Cumpriu-se a expiação; ergue, ó França, a cabeça;
Provada pela dôr, vida nova começa,
E das nações respeita a independencia, a paz.
Sabes quanto a desdita e quanto o aggravo custa;
O céu te castigou porque fôras injusta;
Sê justa, e, qual outr'ora, inda outra vez serás.

1870

APPARIÇÃO

Eu andava sósinho n'este mundo,
Sem saber onde era, n'um deserto,
Quando eis o anjo me apparece perto
Que eu vira, mas do peito no mais fundo.

És tu, minha visão? digo jocundo;
Não foste um sonho pois? És tu de certo?
Oh! vem a mim; o meu amor te offerto.
Já não ando perdido, só, no mundo.

Ella, ouvindo-me, os olhos lacrimosos
Põe nos meus; e estas phrases com voz presa
Meiga solta dos labios maviosos:

Para que te hei de amar, se com presteza
Os nossos dias passarão ditosos,
Se mais só ficarás e em mais tristeza?

APPARIZIONE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Soletto io mi trovava in questo mondo,
Ignaro e inconscio, quasi in un deserto,
Quando da me fu l'angelo scoperto
Ch'io vedea, ma del cor nell'imo fondo.

Sei tu, visione mia? grido io giocondo;
Non fosti un sogno dunque? Nol sei certo?
Oh! vieni a me; l'amore mio t'è offerto:
Già non vado smarrito e sol nel mondo.

M'ode ella; e in me i belli occhi lacrimosi
Fissando, in preda a intensa tenerezza,
Mi volge questi accenti dolorosi:

Perchè amarti dovrei, se con prestezza
Voleranno i dì nostri avventurosi,
Se più solo sarai con più tristezza?

MUDEZ

Que lucto, que amargura
Senti, ao ver-vos honte!
Foi como abrir a fonte
Das lagrimas saudosas.

Ó arvores annosas,
A cuja sombra amiga
Da calma, da fadiga
Ás vezes descansámos,

Ó campo, onde espraiámos
O olhar maravilhado,
Ó céu de azul trajado,
Ó simples natureza,

Em vão minha tristeza
Vos dou, meu pensamento;
Em vão o sentimento
Que na minh'alma lavra.

Nem uma só palavra
Dizeis que a pena grande
Qu'eu exp'rimento abrande.
Mudos estaes sem ella.

Se ver-vos era vêl-a!
Se amar-vos era amal-a!
Calou-se; eis-vos sem fala!
Fugiu; não tendes vida!

Adeus, terra esquecida!
Adeus, céu sem piedade!
Ah! antes a cidade
Que estar n'esta jazida!

A VEGEZZI RUSCALLA

Bardo de Italia, se meus versos prézas,
Eu prézo os versos teus; se em luso metro
Do grande Tasso o divinal poema
Ousei verter, na tua doce fala
Do inspirado Gonzaga o amor e as queixas
Tu em cadente rima trasladaste.

Amas a nossa terra; lês, admiras
Camões o eterno, Bernardim, Filinto,
E Bocage, e Bernardes, e Herculano,
E Garrett, e Castilho, qual eu amo
A tua bella patria, como eu leio,
Como admiro tambem o vate egregio
De Sorrento, Petrarca, Ariosto, Dante,
Parini, Casti, Mamiani, Grossi,
Monti, Manzoni, Pellico; devemos
Entender-nos portanto; laço duplo
De sympathia nossas almas prende.

Por isso me foi grato e alvoroçou-me
Ver que tu sabes o meu nome obscuro,
E que estimas, em mais do que ella vale,
A minha pobre musa. Um longe do outro,
Nada um do outro sabiamos: que Italia
E Portugal, a quem benigno o fado
Eguaes thesoiros naturaes reparte,
Que na lingua gentil, harmoniosa
Quasi que são irmãos, mal se conhecem.
E é lastima. O paiz que deu ao mundo
Colombo e Americo, o torrão famoso,
D'onde ao Mediterraneo ousadamente
Genova, a marinheira, impoz o sceptro,
D'onde estendeu á Grecia o braço forte
Veneza, do Adriatico senhora,
Commerciante e guerreira, e a terra illustre
De Dias, Magalhães, Cabral e Gama,
Raínha já do mar, já domadora
De cem nações remotas, bem deviam
Em todo o tempo conhecer-se e amar-se.

Graças a ti, em breve a densa nevoa
Que nos separa se fará mais tenue
Á luz do verbo teu: da Italia os filhos
Da portugueza lingua os ignorados,
Abundantes caudaes, a nossa rica
Litteratura aprenderão comtigo;

E dia chegará, em que na mente
E n'alma gravarão, a par, bem junto
Dos prosadores seus, dos seus poetas,
Das nossas lettras os famosos nomes.
Agradecida por favor tamanho
Te será para sempre a Patria minha,
Como t'o é já agora esse distante
Povo que entre o Danubio e o Pruthe habita,
Esse outro nosso irmão, de cujo nome
Has sido enthusiasta pregoeiro.
Do amante de Marilia as ternas lyras
Não te bastava traduzir, e algumas
Das mais mimosas producções de Elmano,
E o drama sem rival, tragedia nova
Do gran vate moderno; outro serviço
Inda pretendes reúnir a tantos.

E queres que teus passos acompanhe?
Falta-me alento para a nobre empresa.
Alguem melhor do que eu, da lingua italica
Os monumentos mostrará aos nossos.
E queres que traduza a intraduzivel
Trilogia do vate de Florença,
Esse mixto de luzes e de sombras,
Do céu, da terra, de quanto ha formoso,
E horrendo e grande, cujas musas foram
Odio, vingança, amor, sciencia, gloria?
Gosto de o ler; venero-o; mas apraz-me
Do Tasso muito mais a continuada
Corrente de mellifica harmonia,
Seus brandos sentimentos, e a urdidura
Phantasiosa, larga, seductora
Do seu canto immortal. Foi por amal-o
Que o traduzi. De mais, trabalhos d'estes
Fazem-se uma só vez. Quem d'elles colhe
Justo louvor de descansar precisa;
Quem balda o intento assusta-se, arrepende-se,
E não tem alma para intento novo.

Tu não; tu és feliz; tu queres, podes,
Sabio amigo e cultor das lettras nossas,
Servil-as sempre; seguir-te-hei portanto
As passadas de longe; a isso levam-me
Os teus encomios, o teu digno exemplo,
O meu amor á Italia N'esses versos,
Em que tentei o cantico soberbo
De Manzoni verter, um testemunho,
Se não pleno, bem claro e incontestavel
Do que avanço acharás; mas, se inda outras
Bellezas da poesia italiana
Á minha Patria eu desvendar um dia,
Como estas, a ti só, aos teus louvores
Na maior parte o deverei sem duvida.

SYMPATHIA

Quão túrbida esta agua, quão pobre desliza!
Por entre estas flores quão triste murmura!
Outr'ora corria tão grossa, tão pura!
Mal hoje no fundo correr se divisa!

Da grande inconstancia do tempo me avisa:
Cantou co'as endechas da minha ventura;
Agora abafados gemidos mixtura
Aos ais que eu espalho no sopro da brisa.

Ao ver minha sorte do que era mudada,
Mudou voz e aspecto, sentiu minhas dores;
Porque eu padecia ser lêda não quiz;

E em breve, do choro que verto salgada,
Fará com que sequem das margens as flores;
E então meu retrato ha de ser a infeliz.

AGRADECIMENTO

AO MEU AMIGO PROSPERO LASSERE

Graças a ti, amigo! Eil-a de novo;
Tu m'a fizeste apparecer na téla,
Qual esboçar-se pode a fórma bella
D'aquelle ente sem par;
Não a sua alta, sup'rior essencia,
Que, luz mysteriosa, a esclarecia;
Pois tanto amor, e tanta poesia
Quem soubera humanar?

Ah! se alêm de poeta, eu fosse artista,
Só eu, que dentro d'alma impressa a guardo,
A retratára, unindo á chamma em que ardo
Os dotes de pintor!
Mas nem assim; não logra a penna, a lyra,
Inspirado pincel, valente escopro
Crear do espirito o invisivel sopro,
Egualar tal primor.

Como sombra confusa n'este mundo
Só um momento perpassal-a viste.
Só tambem um momento, ai de mim triste!
Eu na terra a gosei!
E tomaste a palêta; e a que é já morta,
A sombra que encontraras na passagem
Me converteste n'essa cara imagem.
Como? dizer não sei.

Vendo-a, supponho ver-lhe as lisas faces,
Que mal tingia desmaiada rosa,
Aquella fronte larga, majestosa,
Aquelle ar senhoril,
Aquelles olhos grandes e serenos,
Que trasbordavam para mim de affecto,
A ingenuidade, o bondadoso aspecto,
O harmonico perfil.

Tal era a companheira da minh'alma;
Assim a tive nos ditosos dias
De nossas transitorias alegrias,
Toda seiva e prazer,
Não como fulge agora nos meus sonhos,
Que a morte o que foi puro mais apura,
E me apparece na celeste altura
Já anjo, não mulher.

E tu foste, só tu, que o seu contorno
Fixaste; que a suas fórmas indistinctas
Ajustaste, pintor, o brilho, as tintas,
E as fizeste reaes.
Não a podia ver por entre os raios
Que a cercam de divina claridade;
Mas entrevêl-a posso, hoje, beldade,
Com seus raios mortaes.

ANNIVERSARIO

Foi n'um dia como este, um bello dia
De primavera, todo sol e flores,
Que eu, minha cara Patria, meus amores,
Tornei a ver-te, doido de alegria.

Só do antegosto d'elle é que vivia,
Se era aquillo viver! Que dissabores,
Que saudades, que ancias, que amargores,
Ó Patria, de ti longe, não sentia!

Mas do tempo do injusto captiveiro,
Do infortunio, do exilio, da orphandade,
Compensou-me esse instante passageiro.

Para alcançar tamanha f'licidade
Vale a pena arrostar, soffrer primeiro
A penuria, o desterro, a iniquidade.

1891

NO CANAL DE VENEZA

AO MEU AMIGO JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

Que musica suave, encantadora,
Invisivel escuto,
Que em sons mesclados de prazer e lucto
Geme, delira, chora?
Já se levanta ao céu em longo anceio;
Já como que estremece,
Do arrojo arrependida,
E os impetos modera com receio
De mais alta subida;
Já na profunda placidez da noite
Apenas rumoreja,
Tenue soluça, arqueja,
Desmaia e se esvaece.

D'onde é que vem o canto.
Que a alma me suspende,
Que me avassalla e prende
Em não sabido encanto?

Digo; e meus olhos lanço
Á terra e ao mar: é tudo
Quanto me cerca mudo,
Que jaz tudo em descanso.
Nem uma luz. Mas subito
Do lado do Rialto
No Gran Canal dormente
A vista minha attra'e
Apparição extranha,
Que o mar proximo banha
De limpido fulgor
E os ares de poesia,
Ninho de paz e amor,
De brilho e de harmonia,
Ninho que pelas aguas,
Como o da bella Alcyone
Andando mansamente
A pouco e pouco vae.

É ella, é ella, é ella,
A serenata bella.
Porêm quanta tristeza
Me infunde esta Veneza!
Que sensações ignotas
Experimento aqui!
Seduzem-me estas notas,
Mas ve'm acompanhadas
De ais, de tinir d'espadas.
Parece que as ouvi.
Parece-me que vejo,
Ao seu fugaz lampejo,
Correr em borbotões
O sangue espadanando,
E as virgens desgrenhadas
E as pallidas esposas
Attonitas chorando!
Que vozes rancorosas!
Que brados! que gemidos!
Fechae-vos, ó meus olhos!
Fechae-vos, meus ouvidos!
Ide-vos, ó phantasmas!
Fugi de mim, visões!

Quanto, quanto mais formosa
Não foi aquell'outra scena,
Que eu gosei na Patria minha!
Quanto mais affectuosa
Foi aquella cantilena,
Que tanta alegria tinha,
E um não sei quê de tristeza,
Tão languida e temperada,
Que, com ella mixturada,
Lhe dava maior belleza!
Assim, ao cahir da tarde,
Casados a sombra e o dia
O espaço todo revestem
De grata melancholia.

Aqui o céu é escuro,
D'este paiz como a historia,
Feita de horror e de trevas,
Feita de sangue e de gloria.
Lá o nosso era tão puro!

Era uma noite de agosto,
D'aquellas noites sem par,
Em que a lua, cheia a face,
Pretende o sol imitar;

Era nos campos de Aveiro,
Junto das praias do mar,
Que por elles entra ufano,
Que os está sempre a abraçar

Com esteiros que são prata,
Quando lhes bate o luar;
Das marinhas as pyramides
Viam-se ao longe alvejar;

E por entre a terra verde
As barcas a navegar,
Dando ao vento as brancas velas.
Que vista de enfeitiçar!

N'uma que vinha mais perto
Vinham moças a cantar
Do nosso povo as cantigas,
E a viola a suspirar.

Que melopéa tão doce!
Parecia a alma embalar!
Era uma coisa phantastica,
Era um sonho a deslizar

Aquella barca serena
Com a vela a branquejar,
N'aquellas aguas de prata,
Á luz d'aquelle luar.

De quadro tão aprazivel
Não me hei de nunca olvidar.
Ai! quem pudera de novo
Esses cantos escutar,

Que os d'aqui lembram os homens
Da guerra o tumultuar,
Os outros a natureza,
O amor, o campo, o folgar.

Cala-te pois, harmonia
Que me estavas a tentar;
Só quero os cantos fagueiros
Da minha terra escutar.

Ide-vos, feios espectros;
E vós tomae-lhe o logar,
Toucadas de niveas rosas,
Alvo de neve o trajar,

Ó visões da minha Patria,
Que estou d'aqui a lembrar.
Vivo d'ella tão distante!
Vinde-me a ausencia enganar.

1887

ÁS ARMAS PORTUGUEZAS

Vêde como nas plagas africanas
Lá resurge um clarão da gloria antiga,
E ovantes as quinas lusitanas
Calam a inveja perfida, inimiga;

Como um homem de obras soberanas
(Quem a tamanha acção credito liga?)
Com quarenta homens só, turbas insanas
Offende, aterra e a sujeitar-se obriga;

Como, de brio nobre estimulados,
Té ás extremas regiões do oriente
Pelejam sem cessar nossos soldados.

É que ouviram da Patria o brado ardente;
É que vencem ou morrem denodados.
Sempre assim foi a portugueza gente.

1894

LAR E TUMULO

Ha no ar que me cerca n'este ambiente
Um não sei quê de ti, sombra querida.
É o echo de outr'ora, mas plangente;
São as recordações da nossa vida;

É o azylo de amor que preparámos,
Não pensando na sorte despiedosa,
E onde juntos, felizes habitámos,
Das illusões á sombra deleitosa,

Sem ti, em trevas, mudo, solitario,
Ermo de sonhos, d'esperança e flores,
Lugubre como encerro mortuario,
Mas inda a respirar nossos amores.

Quem, ai de mim! então nos prediria,
N'esses instantes de fallaz ventura,
Que tudo tão depressa acabaria,
Que tão proxima estava a sepultura!

Que a nossa alegre e candida existencia,
Que essa tua belleza e alma rara,
Tanto amor, tanto crer, tanta innocencia
Dentro de pouco em nada se trocara!

Como custa viver d'esta maneira
Sem uma estrella ao menos no horizonte,
Sem ti, minha adorada companheira
Que eras da minha vida unica fonte!

Vês? O caminho que a sorrir me abriste,
Alastrado de rosas e fulgores,
É arido, pedroso, escuro, triste,
Depois que te perdi, ó meus amores.

Embalde a vista alongo; horrendo, fero,
Vae sempre até á campa sem mudança.
Já do céu, já da terra nada espero;
Tu eras minha fé, minha esperança.

Ruína de mim mesmo, do passado,
Como as heras, apégo-me ás ruínas;
É um templo divino, esboroado,
Que inda com teu clarão tu m'illuminas.

Gosto de levantar na phantasia
Tudo que foi; anímo, recomponho
Essa quadra saudosa de alegria,
O nosso caro, fugitivo sonho.

É avivar as chagas; é matar-me;
Bem o sei; mas é ver inda um reflexo
Da ventura, e na dor atordoar-me,
Para menos sentir quanto padeço.

Por isso busco os sitios onde outr'ora
Juntos, afortunados passeámos,
E onde vago infeliz, sósinho, agora,
E evoco as sensações que já provámos.

Ai! que recordações! A cada passo
Brota sob os meus pés uma memoria:
No mar, na terra, no ceruleo espaço
Leio em lettras de fogo nossa historia.

Se ólho o céu, se ólho as nítidas estrellas,
Não é a Fé que a vista me levanta;
É a lembrança de outras noites bellas
O que a um tempo m'enleva e me quebranta.

Se ólho o Tejo, commigo logo penso:
Quanta vez o estivemos contemplando,
Ou sobre as suas ondas o suspenso
Batel co'o imaginar acompanhando!

Na terra, ahi em tudo, em toda a parte,
Ó alma da minh'alma, estás presente;
Mas só posso qual sombra divisar-te,
E encoberta por lagrimas sómente.

Porêm aonde mais te vejo, aonde
Tudo tem voz e o coração me abala,
Tudo aos meus pensamentos corresponde,
Tudo os effluvios do passado exhala,

É n'este nosso lar onde vivemos:
Quanto ha n'elle desperta-me saudade;
O nosso paraíso aqui tivemos;
Aqui choro, sem ti, minha orphandade.

Estas paredes d'antes insensiveis,
Este solo que piso, estes objectos,
Não me rodeiam frios, impassiveis:
Tudo fala de ti sob estes tectos.

Quanta vez, se os observo lacrimoso,
Parece que me dizem: nós a vimos;
Nós seu ar aspirámos virtuoso,
Nós seu contacto angelico sentimos.

Quando, ao cahir da tarde, a casa volto,
Depois de trabalhar inteiro o dia,
Para cansar o espirito revolto,
E o corpo, seu consocio na agonia,

Que ancia, que dor no coração me lavra!
Entro; e não vens á porta receber-me!
Já não tenho um sorriso, uma palavra,
Nem teus braços gentis para acolher-me!

Entro; e, só, no meu tumulo me enterro.
N'elle, distante do gelado mundo,
O reprimido choro desencerro,
E no oceano do meu mal profundo.

Então do que passou minh'alma toma
O odor, e se sublima, e se embriaga;
D'esses tempos então ao vivo aroma
O presente espectaculo se apaga,

E resurge ante mim, a pouco e pouco,
Ó minha esposa, ó anjo de innocencia,
Por milagre de amor, em sonho louco
Inteira a nossa flórida existencia.

Julgo ouvir-te distincta a voz suave,
Que todo me abalava e enternecia;
Do teu vestido o som, teu passo grave,
Que sempre, em qualquer parte eu conhecia;

Julgo que me appareces; que estás perto
De mim; que os olhos grandes e formosos,
Como não vi jámais, nem verei certo,
Diriges aos meus olhos amorosos;

Que m'estreitas a mão; que a minha bocca
Procuras com teus labios... Ah! já basta!
Não posso mais; quasi na insania toca
Esta illusão que me apunhala e arrasta.

Não posso. Pelo raio fulminado,
Gélo, succumbo de terror, de espanto;
E fico a meditar meu negro fado;
E a voz me embarga o soluçar e o pranto.

HOGAR Y TUMULO

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Hay en cuanto me cerca en este ambiente
Un no sé qué de tí, sombra querida;
Es un eco de antaño, mas doliente,
Tristes recuerdos de una dulce vida;

Es de amor el asilo que formamos,
Sin pensar en los hados rigurosos;
Donde juntos, felices habitamos,
En brazos de ideales deliciosos,

Sin tí, en tenieblas, mudo y solitario,
Yermo de sueños, de esperanza y flores,
Lugubre como encierro funerario,
Mas respirando aun nuestros amores.

¿Quien, ai de mi! entonces me diria,
En esas horas de falaz ventura,
Que todo así tan pronto pasaria,
Que te aguardaba ya la sepultura?

¿Que nuestra alegre y candida existencia,
Que la belleza tuya y tu alma rara,
Tanto amor, tanta fé, tanta inocencia,
En breve todo en nada se trocara?

¡Como cuesta vivir de esta manera,
Sin un rayo de luz siquiera en frente,
Sin tí, sin tí, adorada compañera,
Que de mi vida fuiste unica fuente!

Ves? El camino que risueña abriste,
Que sembraste de rosas y fulgores,
Ahora es yermo, pedregoso, triste,
De espinas erizado y de dolores.

La vista en vano extiendo: horrendo, fiero,
Va siempre hasta la muerte sin mudanza;
Ya del cielo y la tierra nada espero;
Tu sola eras mi culto, mi esperanza.

Ruina de mi mismo, del pasado,
Como hiedra me prendo a las ruinas.
Es un templo divino destrozado,
Que con tu pura lumbre aun iluminas.

Quantas veces mi ardiente fantasia,
Evocando esos tiempos tan risueños,
Repasa noche y noche, dia y dia,
Nuestros queridos, pasageros sueños!

Bien sé que avivo el mal, sin eludirme;
Mas, con solo el reflejo de ese cielo,
A fuerza de dolor puedo aturdirme,
Y menos padecer de lo que suelo.

Por eso mi alma en los lugares mora
Donde ajenos al mundo paseamos,
Y donde triste y solitario ahora
Expio los placeres que probamos;

Donde al través del llanto a cada instante
Brotar veo a mis piés una memoria,
Y en tierra y mar y espacio rutilante
Leo en letras de fuego nuestra historia.

Si los ojos levanto a las estrellas,
No es la fé que á los cielos los levanta;
Es el recuerdo de otras noches bellas
Que el alma me embelesa y me quebranta.

Si el Tajo veo, luego á solas pienso
En las veces que juntos contemplando
Estuvimos sus ondas y el suspenso
Vagaroso navio navegando.

Sobre la tierra... en todo, en toda parte,
Alma del alma mia, estás presente,
Pero apenas cual sombra divisarte
Entre lagrimas puedo solamente.

Adonde mas te encuentro y veo, donde
Todo tiene una voz que nada iguala,
Todo a mis pensamientos corresponde,
Y todo efluvios del pasado exhala,

Es en este hogar nuestro dó vivimos,
Donde hoy todo exacerba mi ansiedad,
Donde un cielo sin macula tuvimos,
Donde lloro, sin tí, mi soledad.

Estas paredes, antes insensibles,
Este suelo que piso, aquella sombra,
Ya no me cercan frios, impasibles;
Todo me habla de tí, todo te nombra.

Cuantas veces al verlos, triste, abtracto,
Me parecen decir: tambien la vimos;
Tambien sentimos su gentil contacto;
Tambien su aliento angelico sentimos.

Cuando, al caer el mundo en sombra envuelto,
Regreso del trabajo, con que el dia
Busco abrumar mi espíritu revuelto,
Y el cuerpo, su consocio en la agonia,

¡Como late mi pecho y con que prisa!
Ya á la puerta no vienes a esperarme;
¡Ya no hallo una palabra, una sonrisa,
Ni tu brazo gentil para ampararme!

Entro; y solo en mi tumulo me encierro;
Alli, distante del helado mundo
El reprimido llanto desencierro;
Y en ese mar de mi dolor profundo.

De lo que fué y pasó mi alma toma
El vago olor sutil que la embriaga,
Y de esos tiempos al divino aroma
El presente espectaculo se apaga.

Luego ante mi resurge, poco á poco,
Ó esposa mia, ó angel de inocencia,
Por milagro de amor, en sueño loco,
Entera nuestra celica existencia.

Distinta creo oir tu voz suave,
Que tanto me encantaba y conmovia,
De tu ropa el crujir, tu paso grave,
Que siempre yo de lejos conocia.

Que á mi lado te sientas considero;
Que tus ojos tan grandes, tan hermosos,
Como otros nunca vi, ni ver espero,
Diriges á mis ojos amorosos;

Que me estrechas las manos; que á mi boca
Tu boca solicita... Ah! basta, basta!
No puedo mas; que ya en demencia toca
Esa vision que el pecho me devasta!

No puedo. Por un rayo derribado,
Sucumbo de terror, muero de espanto;
Y, mientras pienso en mi siniestro hado,
Me ahoja el sollozar, me ciega el llanto.

N'UM ALBUM

Quê! na flor dos teus annos viçosos,
Da innocencia no templo acoitada,
A folgares na vida, animada
Por tu'alma que a tudo sorri,
Tu me pedes que a voz alevante,
Que da lyra, onde sôa a tristeza,
Solte um canto á virtude, á pureza,
Á poesia que guardas em ti?

A roseira que as brisas namoram,
Que se embala ao correr do regato,
Onde mira gentil o retrato,
Sob um céu inundado de luz,
Pede cantos ao tronco sem folhas,
Que só geme batido do vento,
Ou ao rio que vae turbulento,
Que ao oceano a corrente conduz?

Pois tu és a roseira do prado,
Eu o tronco sem folhas, agreste,
Que das auras o sopro não veste
Novamente de verde e de flor.
Não invejo dos mais a alegria;
Nem já tenho para ella uma nota.
Só descanta, só lagrimas brota
A minh'alma ás refregas da dor.

A poesia suave e singela
Que deleita, que o jubilo acorda,
Do teu rosto no mundo trasborda,
Não recebe do mundo o clarão;
A poesia, que em mim tu procuras,
Não, não podes em mim encontral-a:
Em ti nasce, em ti sonha, em ti fala;
Vive dentro do teu coração.

RAIO DE LUZ

Quão longo o meu porvir julguei outr'ora!
Quão breve o considero hoje, passado!
Como era tudo de illusões doirado,
E como tudo me apparecê agora!

Era-me então a vida rosea aurora,
Lago puro, onde o céu ria espelhado;
Hoje não o retrata, sombreado
Pelo véu da procella aterradora.

E embalde a vista elevo ao firmamento;
Já lá não acho a luz que me luzia;
Brilha só no meu triste pensamento;

Mas para duplicar minha agonia,
Relampago que fulge n'um momento,
E mais me deixa a escuridão sombria!

ALMA OCCULTA

Era velho, era pobre, era só! Que tristeza
N'estas vozes não ha! Mas o gelo da edade
Não logrou quebrantar-lhe a rija natureza,
Nem do aspecto senil lhe apoucara a hombridade.
Se acaso o amargurava a pungente estreiteza,
Se alguma vez gemia, á parte, em soledade,
Mudo sempre no rosto e nas palavras serio,
Sobre o mal, sobre si podia haver imperio.

No modesto logar que lhe marcara a sorte
Obediente á lei e do dever escravo,
Tinha na consciencia o seu reducto forte,
E era no defendel-o o que já fôra, um bravo.
Abeirou-se-lhe um dia a enfermidade, a morte;
Da miseria bebeu a gole e gole o travo;
E, pobre, velho, só, viu a esp'rança perdida,
Por abrigo o hospital, e disse adeus á vida.

Porêm antes de entrar n'essa casa hospedeira,
D'onde iria direito em breve á sepultura,
Do castello avistar, pela vez derradeira,
Quiz o Tejo, a cidade, a liquida planura.
Levaram-no; subiu a ingreme ladeira,
A custo, vacillante; e, mal chegou á altura,
Com os olhos correndo a terra, o mar, os céus,
Morro em paz, exclamou, graças, graças, meu Deus.

Na seguinte manhan do corpo desligou-se
N'uma enxerga emprestada aquell' alma sombria,
Que por espesso véu de todos occultou-se,
E que abriu junto á cova em flor de poesia.
Que mysterio, que dor fez com que elle assim fosse?
E eu que o não estimei como elle o merecia!
Mas ao saber o caso e o seu fim miserando,
Confrangeu-se-me o peito, e fiquei meditando.

ULTIMO LAÇO

Para que vivo eu, se ella não vive,
Se da minha existencia a melhor parte
Com ella se acabou? Tantos ditosos
Folgam por esse mundo; e eu soffro; eu gemo!
Não ha consolação para minh'alma,
Nem um raio de luz que entre no abysmo
Onde cahida jaz. Feliz como elles,
Mais do que elles ainda eu fui outr'ora
(Que ninguem teve amor qual era o nosso);
Fui; não sou; existi; já não existo.
O que se vê de mim é o resto apenas
De um ente que morreu; sob este peito,
Alêm de um coração que é todo sangue,
Ha uma auzencia de vida, um vacuo immenso,
Um martyrio sem fim que não s'exprimem.

Assim, no auge da afflicção, minh'alma,
Se desespera e clama; e horrendo tedio
Me invade, me anniquila; o mundo todo
Aborreço; aborreço o proprio dia,
O sentir, o viver; só quero a morte.
Mas de repente lembra-me meu filho,
O meu pobre innocente, unico fructo
Do nosso breve amor; e vejo-o olhar-me,
Sorrir-se para mim co'aquelles olhos,
Tão meigos, tão rasgados, tão formosos
Como os de sua mãe; e julgo ouvil-a
Que invisivel me diz: por elle vive!

REFLEXOS

SEGUNDA EDIÇÃO

Á INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES

AO MEU AMIGO, O DR. XAVIER DA CUNHA

A teus pés, ó Camões, um povo inteiro
Hoje se prostra humilde e arrependido:
Das glorias suas ao cantor guerreiro
O preito rende ha seculos devido.

É pequeno, em verdade, o monumento;
Porêm o intuito que o levanta é nobre.
Déste-lhe outro maior, tu, opulento;
Este é modesto; é a dadiva do pobre.

Nada parece grande ante a grandeza
Do teu augusto, sonoroso canto;
Nada consegue equiparar a alteza
Do teu vulto assombroso e sacrosanto.

Mas, se balda o saber o humano engenho
Para exprimir-te a collossal figura,
Tambem o amor dos teus é louco empenho
Querer mòldal-o em bronze ou pedra dura.

Nosso entranhado culto nos sugeitos
Limites de uma estatua não se funde;
Vive dentro de nós, em nossos peitos;
Com a nossa existencia se confunde.

Acceita pois a dadiva modesta,
Debil prova do amor que o peito encerra;
E tu, Patria, sublima a fronte mésta:
Não mais de ingratidão te accusa a terra.

Quando nas tuas praias o extrangeiro
Por Camões perguntar, tua obra aponta,
E dize: resuscita um povo inteiro,
Que assim apaga a secular affronta.

Ah! fui ingrata, ó genio,
(Contrita, envergonhada,
D'est'arte fala a Patria,
Co'a face ao chão voltada),
Porêm agora a divida
Venho afinal pagar.

Perseguições, miseria,
O carcere, o abandono
Eu só te dei, oh! barbara!
E ao teu extremo somno
Uma rasteira lapide
Meu nome a deshonrar.

Só hoje, após três seculos,
Te erijo um monumento!
Porêm, divino espirito,
Não foi esquecimento;
Foram as minhas magoas,
Que muito eu padeci.

Sábel-o bem. No ápice
Estava a minha gloria,
Quando nasceste; ao tumulo
Baixaste, cru memoria!
Quando aos alfanges d'Africa
Pugnando succumbi.

E, desde essa catastrophe,
Desde esse triste dia,
No doloroso equuleo
Da pallida agonia
Tenho arrastado inglorio
O longo, atroz viver.

Da eterna Providencia
Castigo merecido!
A vil pobreza, o escarneo
Tenho, qual tu, soffrido:
Dei-te do fel o calice;
O céu deu-m'o a beber:

Ora captiva indomita
Do sevo, odiado hispano;
Ora famoso espolio
Do bátavo e britanno;
Ora da França ás aguias
Entregue, immersa em dor;

Sempre calcada, misera,
Dos meus ou do extrangeiro:
Nas civicas discordias,
No amargo captiveiro,
Sob o punhal dos despotas,
Da Inquisição no horror.

Desde esse tempo o incendio
Da minha e tua fama
Com o clarão vulcaneo
Da sua immensa chamma
Só me alentava o animo,
Só me enviava a luz,

E me dizia: audacia,
Terra de heroes, recobra;
Quem se elevou tão válida
A fronte nunca dobra.
Não é inda o crepusculo;
O sol inda reluz.

Espera pois, e o annuncio
De Deus provindo escuta:
Serás feliz; acaba-se
Já da desgraça a lucta;
Prateia alvor propicio
As trevas do porvir.

E eu, crente no prognostico,
N'essa intima esperança,
Ia soffrendo impavida
Os malês, a tardança;
E os dias improficuos!
E o céu sem refulgir!

Mas eis que o fausto augurio
Se torna realidade:
No firmamento limpido
Aponta a claridade;
Já foge e vae longinqua
De nós a escuridão.

Porêm não é da gloria
O brilho deslumbrante;
É o sol grandioso e vívido
Da liberdade ovante,
Que manda os puros radios
Ao povo, ao teu irmão.

Chegou, chegou a épocha,
Ó filhos meus, predicta,
Bradei, ao vêl-o, em jubilo.
Ah! vezes mil bemdicta!
Livres de ferreos vinculos,
Os braços levantae.

Vinde; do vosso auxilio,
Filhos, preciso agora:
Ao vate excelso a divida
Eu vou pagar de outr'ora.
Mãe despiedada chamam-me;
Que tal não sou mostrae.

E os filhos meus solicitos
Correndo me cercaram;
E o bronze e o liso marmore,
E os braços me offertaram;
E a tua nobre estatua
Surgiu, ó meu cantor.

Da liberdade á férvida
Chamma sahiu fundida;
Foi ella só o artifice
Que lhe inspirou a vida.
Brotou-nos espontanea
Das nossas mãos e amor.

É que o teu vulto egregio
Devia ser vasado
Ou n'esse tempo homerico,
Por ti eternisado,
Ao faiscar dos gladios,
Co'as balas dos canhões,

Ou ao calor fructifero
Da liberdade santa;
Entre os alegres canticos
De um povo que supplanta
O despotismo rabido,
Partidos os grilhões.

Perdôa pois; perdôa-me,
E acolhe meigo a offerta.
É bem pequena, ò genio;
Mas vês minh'alma aberta.
Outra maior, mais propria
Merece o nome teu.

Tempo virá, bem proximo
Talvez, que eu t'a dedique,
Alto padrão que aos seculos
Como te amei indique;
Assim meu fado prospero
Seja, e me ajude o céu.

Tempo virá, oh! célebres,
Oh! magicas edades!
Que, á uma, em competencia,
As villas, as cidades
Te sagrarão estatuas,
Poeta sem egual.

Assim outr'ora a Grecia
De templos povoou-se
Ao gran cantor da Iliada,
Como se um nume fosse,
E honras, sacrificios
Votou-lhe de immortal.

D'est'arte fala a Patria ajoelhada.
Alevanta-a Camões, e a si a estreita.
É grande a tua dadiva, é sagrada,
Lhe torna; vem de ti; minh'alma a acceita.

Sempre as offensas perdoei na vida;
Mas perdoar-te o quê? Não me offendeste;
Vi-te cahir em terra succumbida;
E, ai de mim! desde então quanto soffreste!

Punindo-te, puniu-me a lei do Eterno.
Como do ventre no suave abrigo
Sente o corpo do infante o mal materno,
Eu os teus males supportei comtigo.

Jámais, ou na ventura ou na desgraça,
Minha constante sombra te abandona.
Não, a tua saudade nunca passa;
És, como foste, da minh'alma a dona.

Sempre junto de ti, sempre invisivel,
Goso os teus bens, o teu soffrer consolo.
Mas astro novo, esplendido, indizivel,
Assoma pela esphera; alteia o collo.

Tens no meu monumento o marco ingente
Que o teu passado do que é hoje extreme.
Outro Gama te leva a outro oriente,
E a liberdade te governa o leme.

Porêm entre os escolhos d'esses mares,
Porêm entre os horrores da procella,
Tu verás scintillar nos turvos ares
A minha amiga, fulgorosa estrella;

E, através das edades, abraçados
Ao meu poema, os riscos venceremos,
E, por elle das ondas escapados,
Sempre unidos no mundo viveremos.

Taes palavras soltando, nos espaços
Esvaeceu-se a imagem vaporosa.
Quiz a Patria retêl-a, em vão, nos braços;
E ergueu ao céu os olhos de saudosa.

Uma visão sería de propheta?
Um sonho apenas? Explicar não posso.
Mas d'onde estás ajuda-nos, poeta,
Auxilia ante Deus o fado nosso.

E mais algumas vezes, como agora
Aos meus olhos visivel te mostraste,
No silencio da noite scismadora
Vaga nos sitios em que já vagaste.

Vem do feliz Manuel junto ao moimento,
Ao pallido luar, meditabundo,
Pensar em nosso fausto e abatimento,
No que foste, no que és, no que é o mundo.

Vem do Tejo caudal proximo ás aguas,
Que perpassam continuas murmurando,
Ouvir ao mesmo tempo as tuas magoas,
E da Patria o destino miserando.

Contempla o vasto oceano, oppresso ainda
Sob as recordações de antigas eras,
Quando, mau grado seu, té onde finda
Levou submisso as inclitas espheras.

Ou no portal profundo do mosteiro,
Do gigante de gloria e de granito,
Evoca a sombra de Dom João Primeiro,
E dos seus bravos o tropel invicto.

Vaga junto ao Mondego lastimoso,
Que o teu poema eternisou na terra,
No plaino exposto ao sol, no val umbroso,
Sobre os cabeços de dentada serra.

E alguma vez tambem, ó vate, pára
Perto da tua estatua por instantes,
E da tua cidade e Patria cara
Vê n'ella e pésa os corações amantes.

Vem teu reino correr (parte do imperio
Maior que tens no mundo e eternidade)
Envolvido nas nuvens do mysterio,
Radiante de gloria e claridade.

E, se um dia bater á nossa porta
Com o ferro da lança o extranho ousado,
Com teu fulgor os animos transporta,
E faze-o recuar amedrontado.

1867

ZUR ENTHÜLLUNG DES CAMOENS-STANDBILDES

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK [1]

Camoens, Dir liegt am heut'gen Tag zu Füssen
Ein ganzes Volk und bietet reuevoll,
Um hundertjähriges Vergeh'n zu büssen,
Dir, Held und Sänger, seinen Dankeszoll.

Nicht ist fürwahr! Dein Ehrenmal ein prächt'ges,
Doch schuf's ein Volk, ehrfürchtig Dein gedenk;
Du gabst ein gröss'res ihm, ein übermächt'ges;
Seins ist des Armen ärmliches Geschenk.

Nichts kann als gross besteh'n vor jener Grösse,
Die Dein bestauntes, hohes Lied erweist;
Reichthum und Füll' erscheint als Leer' und Blösse
Vor Deinem heil'gen und gewalt'gen Geist.

Und wenn vergebens Seel' und Sinn erglühen,
Ganz zu begreifen Dein erhab'nes Sein,
Bleibt auch der Dein'gen Lieb' ein thöricht Mühen,
In Erz Dich darzustellen oder Stein.

Doch keines Standbilds engumschloss'ne Schranke
Fasst Deines Volkes Dir geweihte Glut;
Sein Innerstes erfüllt der Dein-Gedanke,
Du leibst und lebst in seinem Mark und Blut.

---

(1) Só da primeira parte.

Nimm denn die kleine Gabe zum Beweise
Der Liebe, die für Dich die Herzen schwellt;
Und, Vaterland! du blicke stolz im Kreise:
Undankes zeiht dich fürder nicht die Welt.

Und naht ein Fremdling jetzt sich deinem Strande
Und fragt nach Camoens, zeig' ihm dieses Bild
Und sprich: Ein Volk, das hundertjähr'ge Schande
So tilgt, erhebt auf's Neu den blanken Schild.

GEMEAS [1]

Ai! que florinhas
Tão graciosas
E appetitosas!
Duas rosinhas
N'uma só haste,
Inda em botão!
Que parecidas!
Que bem unidas!
Eguaes e bellas,
E entre ellas
Quasi impossivel
A distincção.

Apenas uma
Tem differença,
Não de nascença,
De occasião.
E foi o caso:
Que certa abelha,
Um dia andando
Nos seus labores
Haurindo o nectar
Das varias flores,
Ficou a olhal-as,
Em confusão;
Examinou-as,
A ver qual d'ellas
A melhor fosse,
E na mais doce
Deixou vestigio
Do seu ferrão.

Desde esse dia,
Graças á abelha,
Ou á doçura
De condição,
Uma da outra
Se dessemelha
Por este leve,
Gentil senão,
E, embora unidas,
E parecidas,
Já confundir-se
Não podem, não.

1897

SEM ELLA

Quanto mais para mim correm os annos,
Mais cresce da minh'alma a soledade,
E mais fujo da van sociedade,
Quasi toda mentira e desenganos.

---

(1) A duas creanças gemeas, uma das quaes tinha um signalsinho no rosto.

Mas, só, meus pensamentos, meus tyrannos,
Não me deixam gosar tranquillidade,
Pois me transportam d'uma a outra edade,
Para apenas lembrarem os meus damnos.

E como não, se ella se foi do mundo!
Se já não doira da minh'alma o fundo
Aquella meiga luz do céu descida!

Se essa luz os meus passos já não leva!
Se augmenta mais e mais a minha treva!
Se cada vez estou mais só na vida!

CONSELHO

Deixa essas largas, sumptuosas salas,
Onde se acoita a solidão e o tedio;
E para o corpo e alma só remedio
Vae procurar da natureza ás galas.

A cidade é monotona, e veneno
O pó corrupto que se aspira n'ella.
O que vale cobril-a um céu ameno,
Como o nosso, ou que seja extensa e bella,

Se é tudo sempre o mesmo: ruas, praças,
Onde muros a muros se succedem,
E ar, e luz, e liberdade pedem
Do povo fluctuante as negras massas?

Ar, liberdade, luz! Não foram feitos
Para morar no turbilhão mundano,
Ou nos carceres humidos e estreitos,
Que para si construe o fraco humano.

Te'm por habitação o imperio immenso
Do mar que banha, que circumda a terra,
A campina, a floresta, o valle, a serra,
E o firmamento sobre nós suspenso.

Ahi por sua força geradora,
Sem cessar, o espectaculo varia,
E nunca se interrompe a voz sonora,
Que louva o Creador de noite e dia.

Tudo é mesquinho e pobre na cidade;
Tudo é grande na grande natureza;
Mostra aquella dos homens a fraqueza;
Esta do Omnipotente a majestade.

Podes livre existir, e és prisioneiro;
Podes correr o mundo, e aqui te esqueces;
E dentro em teu palacio o anno inteiro
Entregue á dôr ociosa permaneces.

Eu, a quem nega a sorte o numen loiro,
Impaciente de ver que sempre habito
Quatro palmos de terra, necessito
De ao menos viajar em sonhos d'oiro,

Sonhos que logo a realidade apaga,
Deixando-me peor, e tristemente
Olho o veloz baixel que rompe a vaga,
O mar ao longe e a serrania ingente.

Ah! se não fôra essa creança, parte
De mim mesmo, que amo, que estremeço,
Fructo de um breve amor que nunca esqueço,
(Mas, meu filho, não posso abandonar-te;)

Eu iria outra vez por esse mundo,
Em procura não sei de que destino,
E de novo saudara o val profundo,
O monte, o bosque, o oceano, peregrino.

Basta que um dia a pallida doença
Pela mão para o leito nos conduza,
E que afinal a morte nos reduza
A nada o corpo que se move e pensa.

Mas, emquanto ha saúde, mas emquanto
A mocidade, como em ti, referve,
Do globo conhecer um só recanto,
Deixar que o espirito e o vigor se enerve!

Não; dize adeus aos commodos da vida,
Ao teu palacio, ao brado turbulento
Da cidade, e procura o movimento,
Que a alma nos desperta adormecida.

É como a agua o homem: se quieta,
Perde a belleza, a côr, e se empaluda;
Se corre, torna ao que era, e, em vez de infecta,
Á roda os campos em jardins transmuda.

Porêm, se á sociedade costumado,
Temes estar co'a natureza apenas,
Pois o retiro e as solidões amenas
Fazem sangrar um coração chagado,

Deixa a Patria, que a Patria já conheces,
Este solo que os astros abençôam,
Fertil d'encantos e de brandas messes,
Que mil sombras de heroes inda povôam,

E busca as terras, onde o genio do homem
Se casa á mão de Deus: a Grecia; o Egypto;
O velho Oriente, que, já quasi um mytho,
Na poetica bruma os annos somem;

Albion, que tem dos mares o governo;
França; Allemanha; e a mais formosa d'ellas,
A que no tempo antigo e no moderno
É grande, a Italia, a mãe das artes bellas:

A terra, onde perfuma a laranjeira
O tumulo famoso de Virgilio,
Onde cada campina é um idyllio,
Cada pedra de feitos pregoeira;

O paiz das ruínas grandiosas,
Da maior gente veneranda tumba,
Meio coberta de jasmins e rosas,
Que inda após quinze seculos retumba;

O paiz dos vulcões e dos poetas,
Que brotou das entranhas de gigante,
Como o Etna e o Vesuvio, o Tasso e o Dante,
No arrojo e no poder irmãos e athletas;

O paiz da harmonia e da pintura,
De Buonarotti, Raphael, Cellini,
Que junta ao som da brisa que murmura
E aos ais do roixinol os de Bellini.

Passa do Colosseu aos Apenninos;
Da alterosa Parthénope a Sorrento;
Do mar a Tibur, onde á tarde o vento
Repete ainda os cantos vènusinos;

Dos Alpes á cidade do mysterio,
Que esconde nas lagunas a vergonha;
Do Pó a Roma, que de novo o imperio,
D'entre os escombros acordando, sonha;

A Bolonha, jardim de olentes flores;
A Florença, jardim de pedra e arte;
A Milão; á Sicilia; a toda a parte;
Mesclando a humanos naturaes primores.

Varía; idéias, sitios variando,
Péza-nos menos da existencia a carga,
E, á medida que vamos caminhando,
O coração parece que se alarga.

Nada ha tão mau como viver comsigo
Solitario; eu o sei de experiente:
Soffre-se a desventura duplamente
E a habitação converte-se em jazigo.

Depois, quando te aperte acre saudade
Da Patria, viva sempre na lembrança,
Volta ao palacio teu, volta á cidade,
E do peregrinar n'ella descansa.

Rico de sensações e de memorias,
Tu então lembrarás com lêdo rosto
A ti e aos outros de cada hora o gosto,
Que é sempre farto o viajor d'historias.

Assim do impulso da passada lida
Viverás algum tempo satisfeito.
Depois, quando a existencia aborrecida
Te parecer e o coração estreito,

Dize outra vez adeus ao ocio e aos lares,
E novamente pelo mundo erra,
Ou através das regiões da terra,
Ou pela face dos undosos mares.

Tal quizera eu viver; por isso quero
Que tu vivas tambem da mesma sorte.
Peor que a lucta a inercia considero;
O luctar é viver; a inercia é morte.

1872

SEMPRE

Ainda, sim, ainda;
Qual nos passados dias,
Eleva-se, evapora-se
Minh' alma em melodias.

Mas nem por isso perde
A natural essencia,
Pois volve á terra em canticos
De celestial cadencia,

Para subir de novo
Com mais suave accento,
Inda mais bella e vívida
Ao claro firmamento.

Assim da terra ao alto
Ascendem os vapores,
E ve'm, liquidas perolas,
Dar seiva após ás flores,

De cujo tenro calix,
Tornados em perfume,
Evolam-se, levantam-se
Aos pés do excelso Nume.

Embalde os annos correm;
Não sente o bardo os annos;
Que o seu potente espirito
É outro dos humanos;

Antes, se mais do tempo
Carrega o peso grande,
Mais larga os terreos vinculos
E, ás vezes, mais se expande.

Sempre ao sublime intento,
Longe da humanidade,
Vive n'um ar diaphano,
De eterna mocidade;

N'um ar em que se aspira
Quanto ha de bello e puro,
N'um ar á gente improprio,
Inconscio do futuro.

E nunca cessa o canto;
Cantar lhe coube em sorte;
Canta do berço ao tumulo,
Em célico transporte.

Canta na lyra amores,
As magoas no alaúde,
N'harpa o heroísmo, a patria,
As crenças, a virtude.

E quando assim derrama
Su'alma todo o incenso,
Ao fogo do thuribulo,
De Deus no seio immenso,

E quando o corpo fragil,
Que n'este mundo o encerra,
Cede á fraqueza ingenita,
E emfim se torna em terra,

Ainda os seus destinos
Dos outros são diversos,
Larga da carne o involucro;
E fica nos seus versos.

1897

PRIMAVERA E INVERNO

Qual ribeiro entre margens de verdura,
Tal nos corre da vida a primavera.
Mana tranquilla a sua limpha pura;
O maior vento só de leve a altera;
Nenhuma nuvem lhe parece escura;
Quer seja rutilante o azul da esphera,
Quer se enlucte de sombras e vapores,
Miram-se n'elle da campina as flores.

Mal cobre o leito a crystallina veia,
Onde alvejam mil candidas pedrinhas;
Junto das bordas, quando menos cheia,
Ve'm bicar as singelas avesinhas,
Pulando aqui, alli na lisa areia;
Ou nos ramos das arvores visinhas
Fazem soar os módulos trinados,
Co'o murmurio das aguas ajustados.

Se ás vezes se escurece, quando passa
Por debaixo dos languidos salgueiros,
Ao sol depois fulgura com mais graça,
Multiplicada em tremulos luzeiros;
Se o curso breve estorvo lhe embaraça,
Ferve; borbulha; solta uns ais ligeiros;
Quêda-se por momentos indecisa;
E logo clara e placida deslisa.

Assim na quadra da florente edade,
Entre risos, prazeres, harmonias,
Do futuro sem medo á tempestade,
Vemos suaves decorrer os dias,
Sonhando gloria, amor e liberdade,
As penas esmaltando de alegrias,
E revestindo até de extranho encanto
A nossa propria dor, e o nosso pranto.

Mas como rio lugubre e profundo
É da existencia o desabrido inverno:
Nem floreas margens, nem verdor jocundo,
Nem das aves sequer gorgeio terno;
Nada nos mostra no sombrio fundo;
Corre entre rochas, nevoa e gelo eterno,
Rochas que formam sobranceiros montes,
E nevoa que lh'encurta os horizontes.

D'est'arte, ao declinar, se escôa a vida
Por entre desenganos e tristeza,
Turva, da edade e lagrimas crescida,
Quão diversa da antiga natureza!
Pelo véu da saudade escurecida,
Do desconsolo e dissabores presa,
Vendo o passado, tão distante, perto,
E proximo da lida o termo certo.

De se queixar, de tudo fatigado,
Foge do mundo então, e não se queixa
O homem pelo mundo abandonado;
Antes, no coração o pranto fecha;
E o mundo de apparencias enganado,
Porqu'elle o pranto resoar não deixa,
Porque não sabe ler-lhe o seio d'alma,
Negro, insondavel, o suppõe em calma!

Ah! se no abysmo penetrar pudesse
Que tão mentida placidez encerra,
Ah! se o intimo fel lhe revolvesse,
Como a veria não em paz. em guerra,
E de vêl-a talvez piedade houvesse!
Mas quanto, cego, o meu juizo erra!
Que importa ao mundo baixo, leviano,
Vão, egoista, o soffrimento humano?

ULTIMO ENCONTRO

Á MEMORIA DE J. G. LOBATO PIRES

Foi a ultima vez que o vi. A fronte
Séde ha pouco da sciencia e poesia,
Já da loucura o manto escurecia;
Cercava-o todo sombras o horizonte.

De um jardim encontrámo'-nos defronte;
Nada para dizer-lhe me occorria;
Mas elle em voz que mal se percebia
Soltou da bocca a harmoniosa fonte.

Eu então, enganado da apparencia,
Distrahil-o busquei nas suas dores,
D'algum raio alegrando-lhe a existencia.

Da primavera lhe falei, das flores.
Riu-se, e tornou com ares de demencia:
«Não é hora propicia para amores.»

OS MEUS AMORES

Meu Deus! como a adorei ninguem o sabe;
Ella, ella sómente o compre'endia;
Nem á palavra dos humanos cabe
De leve descrever o que eu sentia.

Era um amor immenso, immaculado,
Tão acima dos mais, quão eminente
Foi a tudo quanto ha melhor formado
Aquelle seu espirito innocente.

Nunca pude julgar, antes de vêl-a,
Que a terra produzisse amor tão santo:
Se a existencia lhe deu su'alma bella!
Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

Não, jámais os delirios do poeta,
Quando irrompe de nós inteira a vida
Em procura da luz, qual borboleta
Apenas da chrysállida sahida,

N'essa quadra, em que ao sol da juventude,
Entre fulgores, musicas, aroma,
A formosura nos arrasta e illude
Com dupla força e o coração nos doma,

Não, nunca a phantasia mais accesa,
Arrebatada do maior encanto,
Egualou meu affecto na grandeza.
Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

Amei; suppuz amar muitas mulheres;
Rojei ante ellas a minh'alma escrava,
Levado pela febre dos prazeres,
Verdadeiro julgando o que sonhava;

Mas conheci-a, e conheci que fôra
Tudo sonho, illusão, sombra, mentira;
E envergonhei-me das paixões de outr'ora
E de as carpir na desditosa lyra.

Longe, longe esses sonhos e essas dores;
Que não me venham macular o canto!
Ella foi os meus unicos amores.
Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

Por ella imaginei um céu a terra;
Por ella ambicionei honras, thesoiros,
Quanto de grandioso o mundo encerra,
Da turba o applauso, do poeta os loiros.

D'ella enchi minha vida, o meu futuro;
Por ella sem pavor luctei co'o fado;
Por ella o peito meu se tornou puro;
Por ella me olvidei do meu passado.

D'ella vivo inda hoje após a morte;
Por ella tudo m'ennevoa o pranto.
Onde é que pode haver amor tão forte?
Ai! ó meu Deus, como a adorava tanto!

DEVANEIO

Eu gosto de te ver, mal clareia o nascente,
Ó cidade do Tejo, ó fada do occidente,
Nas sombras aguardando o fulgor matinal,
A pouco e pouco o lucto, a tristeza expellindo,
Com diadema de luz tua fronte cingindo,
E de luz te envolvendo em manto imperial.

Eu gosto de te ver, quando, já pelo espaço
Alevantado o sol, como armadura d'aço,
De tua veste nos cega o deslumbrante alvor,
Quando acordas, e á roda os mil echos despertas
Com multímodos sons, com mil vozes incertas
De estrondosos festins, de continuo labor;

Ou tambem, quando ao longe o orbe rei declina,
E, rubro, do horizonte ainda te illumina,
Pallida de saudade, a lhe dizer adeus;
Depois, como do Tejo as descoradas aguas,
Orphan de sua luz, ouvindo ao Tejo as magoas;
Depois velando a dor na escuridão dos céus.

Mas quando mais te prézo, ó cidade formosa,
É quando, ao somno entregue, estás silenciosa
Do firmamento azul sob o vasto docel,
Ou de astros aos milhões se adorne este e recame,
Ou, como agora, a lua o seu brilho derrame,
Fazendo desmaiar dos astros o tropel.

Oh! quanto, quanto é bello, ao clarão prateado
Do amoroso planeta, alta noite, acordado,
De um dos oiteiros teus comtigo, só, falar!
Submersa na mudez, submersa no mysterio,
Do presente e passado és vasto cemiterio,
Que de illusões povôa o quente imaginar.

Como então sobre ti minh'alma se difunde!
Como com teu viver meu viver se confunde!
Como junto ao que existe o já morto, o que foi!
Erguem-se as gerações, se as gerações evoco;
Se do rei, se do heroe nos sarcóphagos toco,
Prompto o rei me apparece e me apparece o heroe.

Então cobre-te o véu da incerta poesia,
Que nas trevas do tempo o estro me alumia,
Que me faz revoar dos seculos alêm;
Então não vejo d'hoje apenas a cidade;
Vejo o triumpho, a Patria, a equorea immensidade,
O nome portuguez que o globo mal contêm.

DOIS ANNOS

Como botão de rosa vaes abrindo,
Sem espinhos, das graças bafejada,
E os anjos, teus irmãos, te andam sorrindo
Nos sorrisos da tua madrugada.

Rosto mais feiticeiro, nem mais lindo
Não ha; teus olhos te'm poder de fada;
Alegram té fechados ou dormindo;
Tua bocca fala, sem que digas nada.

A tua mesma voz, que mal se entende,
Teu pensar infantil, teu duvidoso
Passo inda mais o coração me prende.

Brincando entras o mundo procelloso;
O céu, tua innocencia te defende;
E com tua innocencia eu vivo, eu goso.

1892

A VIDA AO PÉ DA MORTE

Para que essa tristeza no teu rosto?
Muita vez ella affavel me dizia,
Quando um e outro á hora do sol posto
Olhavamos o mar,

Ou quando á noite, juntos conversando,
Subito se calavam os meus labios,
E, em terriveis idéias mergulhando,
Me esquecia a scismar.

Que pensas? Que te afflige? São cuidados
Talvez de mim; o teu amor augmenta
O que tão pouco vale; exaggerados
São os receios teus.
Ou é esse pensar sempre inquieto
Que te faz mal, a tua poesia?
E os olhos seus, com carinhoso affecto,
Punha nos olhos meus.

É tudo: ver-te assim causa-me pena,
Inda que pouco soffras, como dizes;
Porêm a tua dor a mais pequena
Me traz immensa dor.
Queria que passasses pelo mundo
Em caminho de rosas e bonança,
Dentro do coração um céu jocundo;
Tenho-te muito amor.

E depois... é tambem esta tristeza,
Que dês que me conheço me acompanha,
Como parte da minha natureza,
Este genio fatal,
Que tudo impressiona e tudo sente,
Que tanto quer subir, que a terra prostra,
E acha a perfeição em ti sómente,
Ó alma angelical.

Pois não sejas assim. Nossa ventura
Não perturbem os outros; bôa quasi
Eu já estou; dissipa essa tristura;
Faze-o por quem t'o diz;
Nada mais quero; não nos falta nada;
Deu-nos um filho o céu, que idolatrâmos;
Adoro-te, e por ti sou adorada;
Nunca fui tão feliz.

E, ouvindo-a, mudo os olhos eu cravava
Nos seus olhos de febre faiscantes,
Nas suas faces em fogo, e lhe apertava
Tremulo a quente mão;
E, por não a assustar, lhe respondia,
Sorrindo, com palavras mentirosas,
Emquanto as feras lagrimas prendia
No afflicto coração.

Que phrases! Que sorriso! Que tormento!
Que confiança, que amor ao pé do tumulo!
Quando era a tua vida um só momento!
Quando a morte feroz

A tantas esperanças, á existencia,
A mim, ao nosso filho te arrancava,
Pobre de ti, meu anjo de innocencia!
E nos deixavas sós!

CONFORMIDADE

Não me lamentem a tristeza;
Padeço e folgo, quando scismo;
Da minha mente a profundeza
É qual do mar o grande abysmo.

Á superficie é mudo, é triste
O mar na instavel egualdade,
O mesmo sempre dês qu'existe,
Um ermo d'agua, a immensidade.

Mas no int'rior ha outro mundo,
Inda mal visto, mal sonhado,
Qu'inda aos humanos não foi dado
Examinal-o até ao fundo.

Que maravilhas, que segredos,
Quantos vulcões, fontes, montanhas,
Que floreos valles, que arvoredos,
Que entes sem fim tem nas entranhas!

Assim meu rosto; assim minh'alma:
Um frio e quêdo; a outra ardente
Gosa, soffrendo, sem ter calma,
Um mundo d'este differente.

Quando mais só, melhor eu penso,
E uma alegria extranha sinto;
Co'a phantasia tudo pinto;
É meu de todo o espaço immenso.

Que o que nasceu para poeta,
O que se abrasa ao fogo santo,
Mysterioso como o asceta,
A vida bebe no seu pranto,

Pranto bemdicto, d'esplendores,
Que de mil raios se colora,
Mais perfumado do que as flores,
Mais feiticeiro do que a aurora.

Tenho-me tanto costumado
A viver sempre em meu retiro,
Que pelo mundo não suspiro,
E só estou, se acompanhado.

Então dos homens no tumulto
Meu pensamento esteril vaga,
E sigo, á tôa, e como occulto
Dentro de mim, a turba aziaga.

Então nada oiço e nada vejo;
Espessa treva me rodeia;
O ar me falta; e em vão forcejo
Por me soltar da vil cadeia.

Mas, se dos homens me separo,
O ferro quebro das algemas;
Ás regiões vôo supremas,
A luz m'innunda, o céu encaro;

E escuto ao longe uma harmonia,
Qu'em nossa lingua não se escreve;
E ve'm fazer-me companhia
As illusões de azas de neve.

Essas entendo; essas m'entendem;
Quero viver, morrer com ellas;
Do mundo acerbo me defendem;
As minhas dores tornam bellas.

Deixem-me pois a sós commigo;
Não me lamentem a tristeza;
Formou-me assim a natureza.
Ó Providencia, eu te bemdigo.

SAUDAÇÃO

AO MEU AMIGO, O SR. PROSPERO PERAGALLO

Foste? Partiste pois? Acreditavamos,
Amigo, que jámais nos deixarias;
Ha tanto aqui, nós todos te estimavamos,
E tu por todos nós amor sentias.

Na Italia, a que voltaste pesaroso,
Posto que seja patria e sempre cara,
No seio da familia precioso,
Ainda mal, de possuir-te avara,

Tu choras pela terra portugueza,
Que te foi nova patria estremecida,
Á tua quasi egual por natureza,
Onde feliz passaste o mais da vida.

Entretanto outros dias de ventura
Do teu solo natal terás no gremio,
Na paz do lar, a consciencia pura,
Da virtude e saber colhendo o premio.

Fôste! Partiste! E na hora derradeira
Não pude, não ousei adeus dizer-te.
Soffro da minha dor de tal maneira,
Que d'esta dor fugi, que não quiz ver-te.

Mas agora que longe te diviso,
E sinto mais sem ti a soledade,
Nos versos meus desafogar preciso,
E mando-te este canto de saudade.

Recebe-o; nasce de animo sincero;
Dentro do coração presta-lhe abrigo;
E, assim como eu de ti me lembro, espero
Que não te esqueças do distante amigo.

1896

COM A PRIMAVERA

Cada vez que desponta em nosso clima
De risos adornada a primavera,
Não sei o que meu peito sente e espera,
Não sei que ardor insolito me anima;

Sei que á vida me prende mais estima;
Que o meu ser se avigora e retempera;
E que, assim como ao tronco enfeita a hera,
Me enfeitam o pensar o estro e a rima.

Então, quaes d'entre a sombra da ramagem
Os passaros, ha pouco silenciosos,
Vôam, unindo a voz ao som da aragem,

Assim os versos meus, té alli medrosos,
Sahem-me d'alma á tepida bafagem,
Cantam co'a a primavera harmoniosos.

1891 — Maio, 4

DEPOIS DE UMA LEITURA

Á MEMORIA DE ALVARES DE AZEVEDO

Li os teus versos, ó meu pobre amigo,
Ó misero cantor, tão cedo morto,
E ver-te imaginei, e, como outr'ora,
Soar a tua voz nos meus ouvidos.
Quantos não repetimos juntamente,
Quando do dia e noite a melhor parte
Levavamos em praticas suaves!
Ambos creanças quasi, cheios ambos
De projectos, de amor, de enthusiasmo,
Havia já em nós um véu de sombras,
Que o purpureo horizonte da existencia
Nos empannava; uma tristeza extranha,
Indefinida; em ti da morte proxima
Claro indicio, inda mal; travo amargoso
Em mim da solidão e do abandono
De quasi toda a minha vida, annuncio
Da desgraça futura, tudo envolto
Com a saudade da adorada Patria.

Um e outro fugiamos das festas;
Eramos ambos tristes. Florea sarça
Já se nos antolhava n'esse tempo
O mundo, onde rasgavamos as azas
Em nossos vôos de infantil audacia;
Porêm d'entre os teus labios muitas vezes
A descrença fatal, o desespero,
Ou a gargalhada estrídula da satyra,
Que faz rir e lacera, prorompiam,
Verberando implacaveis quanto existe
De injusto e de ridiculo nos homens.
Eu não; nem um sorriso passageiro
Me animava o semblante; a minha musa
Era casta, sem fel, e os olhos timidos
Só estendia para o céu da Patria,
Ou para o céu ideal dos meus amores.
Por isso, emquanto soffrego os delirios
Acompanhavas do allemão poeta
No tenebroso Fausto, ou a mofa e escarneo
De Byron, ou do auctor da Notre Dame
As estrophes de fogo, eu padecia
Com a dor de Gonzaga, eu suspirava,
Longe do solo que me dera o berço,
Co'o divino cantor da lusa gloria,
Ou gemia de amor com Lamartine.

Como ao sentir o bemfazejo sôpro
Da primavera, a terra, obedecendo
Á força natural, brota espontanea,
E se enfolha e floresce, taes brotavam

Da juventude ao sol as nossas almas.
Tinhamos precisão de amar, que a seiva
Irrompia de nós; de n'algum ente
Idolatrado reflectir a chamma,
Que, indomito vulcão, nos abrasava;
D'encarnar esse typo quasi angelico
Das nossas creações; e á meiga virgem,
Que pela vez primeira nos sorria,
Ou nos jurava mentiroso affecto,
Nós, incautos e credulos, prestavamos
Nosso ardor, nossa fé, nossa pureza.
Quantas d'estas paixões, quantas choramos
No inexperto alaúde, até que vinham
Estancar-nos as lagrimas tão faceis,
Tão abundantes, outros bellos olhos,
E novamente nos fagueiros braços
De cegas illusões adormeciamos.

O que serias tu, se infausta morte
Não te roubasse á patria e a nós tão breve,
Na edade em que se empenna o genio ávido
D'outros céus, d'outra luz! Ha nos teus versos,
Preludio apenas de futuro canto,
Um secreto condão que nos fascina,
Uma desaffectada ingenuidade,
Uma belleza, uns fúlgidos lampejos
De talento e vigor, que transparecem
Aqui, alli, com duplicado enlevo,
Por entre o véu irregular e incerto
Do pensamento e forma. D'este modo,
Brilhando á luz do sol, meio escondida
Por alvacenta nevoa, se nos mostra
Mais bella e caprichosa a natureza.

Ó mancebo infeliz, que perpassaste
Na terra um só momento, acalentado
Por magicas visões de altiva gloria,
De incendida paixão, que febre insana
De gosar, de saber te devorava,
Como se presentisses que era rapido
O teu peregrinar por este mundo,
E quizesses viver em poucos annos
Uma longa existencia! Revelou-te
O horóscopo cruel do teu destino
Algum anjo talvez, quando a deshoras,
Todo embebido em cogitar ignoto,
Voavas pela abobada estrellada?
Ou essa pallidez que te cobria
De um manto melancholico, reflexo
Do sol da vida, ao pratear-te a loisa,
Ou essa pallidez qu'inda mais funda
Tornavam as vigilias da sciencia
E as insomnias de amor?

Bem me dizias,
Pobre mancebo (e, incredulo, eu negava
Fé a tuas propheticas palavras):
Antes que á Patria volvas, eu á terra
Da patria descerei; beba-se inteira,
Beba-se inteira pois do gôso a taça,
Embora saiba que hei de achar-lhe dentro
Mixturado com elle o fel da morte!
Que vale um dia mais a quem tão poucos,
E tão mesquinhos da existencia restam?

E um dia só viveste. Era a tu'alma
Grande para o teu corpo, tão franzino,
Tão debil como os leques das palmeiras
Do teu paiz natal; evaporaste-a
Em cantos, em suspiros, em desejos,
Em osculos de amor; mas assim mesmo
Quebrou o encerro que a prendia ao mundo,
E ao ar da immensidade, a que aspiravas,
Foi reúnir-se no infinito espaço.

Hoje de ti que resta, ó meu amigo,
Ó joven trovador? Os sons quebrados
De um alaúde que afinava as cordas,
Para se desprender talvez em onda
De candente harmonia; um nome caro
A quantos prezam de Camões a lingua;
E no campo dos mortos uma lapide,
Onde a patria, curvada e pranteando,
Põe a c'rôa de myrtho que tecia
Para te ornar a fronte esperançosa,
Que morte insana lhe roubou tão cêdo!

A S. S. LEÃO XIII

Agora que mais ruge a tempestade,
E que em seus fundamentos convulsiva,
Da sombra, do erro, do temor captiva,
Dissereis baquear a sociedade;

Agora que o pharol da liberdade
Ameaça tornar-se chamma viva,
E que, raivosa, a multidão altiva
Á força tenta impor sua vontade;

Só a barca de Pedro soberana
Sulca as ondas impavida e quieta,
Astro de santa paz na guerra humana:

Leva á pôpa um Leão, da egreja athleta;
Vae na esteira da Fé que o mar lhe aplana;
Dirige-a do Senhor a voz secreta.

1894—Janeiro 20

ALLA SANTITÀ DI LEONE XIII

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Or che infierisce più la tempestate,
E che in sue basi scossa, convulsiva,
Pàvida, errante, d'ogni luce priva,
Par che volga al suo fin la societate;

Or che il fulgòre della libertate
Minaccia transformarsi in fiamma viva;
Or che la plebe, che vil rabbia avviva,
Vuol col terrore impòr sua volontate;

Sol la nobil di Pier barca cristiana
Solca intrepida l'onde, e ognor quieta,
Astro di pace nèlla guerra umana.

Ne è piloto un Lèon, di Cristo atleta;
La Fede, ch'è il suo norte, il mar le appiana,
La guida Iddio con sua voce segreta.

PREITO [1]

N'outra edade ao Tibre o Tejo
Enviou d'Asia os thesoiros,
Quando mil c'rôas de loiros
A seus pés via depor,
Quando a lusa monarchia
Pelo mundo se estendia,
Quando o mar lhe obedecia
E entoava o seu louvor.

Para tantos heroísmos
Quem nos deu forças tamanhas?
A Fé que abate montanhas,
Da Patria o bem, o esplendor;

É que esta terra fadada
Para uma nova cruzada
Com a prégação e a espada
Fôra pelo Creador.

Ah! que não tenhâmos hoje
A antiga riqueza e glorias,
Para o fructo das victorias
Te mandar, Summo Pastor!
Mas se a Asia nos roubaram!
Mas se os lobos devoraram
As ovelhas, que balaram
Debalde por ti, Senhor!

1894—Janeiro 20

[1] Veja-se a nota.

A UM JARDIM

Quantas recordações, que de tristeza
Tu não m'inspiras, ó jardim viçoso,
Berço do meu amor, berço formoso,
Ornado pela mão da natureza!

Aqui minh'alma á sua ficou presa;
Aqui segui-a alegre, sem repouso;
Aqui andei com ella, ai! breve goso,
Não pensando do fado na incerteza!

Aqui dos annos seus na primavera
Veio, já proximo a deixar o mundo,
Despedir-se de ti, calmo retiro;

Aqui a pranteei; quem m'o dissera!
Aqui vago, sem ella, gemebundo;
Aqui a vejo, e de a não ver suspiro.

CANTO SECULAR

(DE HORACIO)

(Versão liberrima)

CÔRO DOS MENINOS E MENINAS

Apollo, Diana, das selvas raínha,
Brilhante ornamento dos céus estrellados,
Ó numes, que sempre sereis adorados,
Dos sacros festejos a hora chegou.
Ouvi nossas preces; das virgens, dos moços
Sem macula, as vozes ouvi argentinas,
Que aos deuses que amam das sete collinas
A terra a sybilla cantar ordenou.

CÔRO DOS MENINOS

Sol, que no carro fulgido,
O mesmo sempre e novo,
Já mostras, já escondes
A um, a outro povo
Do dia o resplandor,
Que nunca outra cidade
Tu vejas no teu curso
A Roma sup'rior.

CÔRO DAS MENINAS

Ó bondadosa Ilithya,
Ó genital deidade,
Ó candida Lucina
(Que tantos nomes tens)
Ó tu, que nos presides
Da vida ao nascimento,
Protege, guarda as mães.

A prole, ó deusa, augmenta-lhes
Dos padres o decreto,
Que as nupcias favorece,
Ajuda a prosperar,
E a lei que inda outros filhos
Promette á patria dar;

Para que, após um seculo,
Torne como hoje a epocha
Das festas, do prazer,
Que por três dias claros
E três gostosas noites
Costuma decorrer.

CÔRO DO POVO

Ó parcas, da bocca vos pende a verdade;
Os vossos decretos o fado respeita;
Aos bens já fruídos
De bens mais formosos juntae a colheita.

Que a terra abundante de messes, de gados,
A Ceres offerte corôas de espigas;
Que nutram o germe no seio fecundo
As lymphas salubres, as auras amigas.

CÔRO DOS MENINOS

Depõe tuas frechas, Apollo, e bondoso
Dos jovens romanos os rogos attende.

CÔRO DAS MENINAS

Ás virgens romanas teus olhos extende,
Ó lua, ó raínha do céu luminoso.

CÔRO DE AMBOS

Se Roma é vossa obra, se aportaram
Os troianos por vós á terra etruria,
Ilion abandonando incendiada
E o lar entregue do inimigo á furia,

Se Enéas, sobrevivo a tanto estrago,
Livre do ferro e fogo, para o exilio
Pelo mar os levou tempestuoso
A outra plaga melhor, por vosso auxilio,

Nossa prece acolhei: dae o descanso
De Roma aos anciãos; á mocidade
Sãos costumes; á patria largo imperio,
Longa prole e a maior felicidade;

E ao de Anchises e Venus sangue illustre,
Ao que hoje vos immola puros toiros,
Concedei que governe pio e forte,
E cinja sempre da victoria os loiros.

Já no mar, já na terra o médo treme
Das segures de Roma e do seu braço;
Já o scytha soberbo lhe obedece,
E o indio até, da aurora no regaço;

Já a fé, a paz, a honra, o pejo antigo
Ousam voltar á terrenal estancia,
E a virtude dos homens desprezada,
E a lêda cornucopia da abundancia.

CÔRO DOS MENINOS

Ó augur sagrado,
Ó Phebo, ó deidade
Do arco fulgente,
Ó deus que presides
Das nove camenas
Ao côro cadente,
E aos corpos que soffrem
Mitigas a dor,

Mais annos, melhores
Ainda do que estes,
Nos dá, se piedosos
Teus olhos celestes
O gran Palatino,
De Romulo o imperio
E o Lacio ditosos
Acaso contemplam,
Ó deus protector.

CÔRO DAS MENINAS

Ó deusa adorada
No Algido monte,
No monte Aventino,
Os rogos escuta
Dos que hoje perfazem

Teu culto divino,
E ao côro dos moços
Ouvidos attentos
Te digna volver.

CÔRO DE AMBOS

E nós, que entoâmos
Os altos louvores
De Phebo e Diana,
Ao lar nos tornâmos,
Co'a firme esperança

Que Jove e os mais deuses
Tambem protectores
Da gente romana,
Do imperio hão de ser.

CARMEN SÆCULARE

Phœbe, silvarumque potens Diana,
Lucidum cœli decus, o colendi
Semper, et culti, date quæ precamur
Tempore sacro;

Quo sibyllini monuere versus,
Virgines lectas, puerosque castos,
Dîs, quibus septem placuere colles,
Dicere carmen.

Alme sol, curru nitido diem qui
Promis et celas, aliusque et idem
Nasceris; possis nihil urbe Roma
Visere majus.

Rite maturos aperire partus
Lenis Ilithya, tuere matres;
Sive tu Lucina probas vocari,
Seu genitalis.

Diva, producas sobolem, patrumque
Prosperes decreta super jugandis
Feminis, prolisque novæ feraci
Lege marita.

Certus undenos decies per annos
Orbis ut cantus referatque ludos,
Ter die claro, totiesque grata
Nocte frequentes.

Vosque veraces cecinisse parcæ,
Quod semel dictum est, stabilisque rerum
Terminus servet, bona jam peractis
Jungite fata.

Fertilis frugum, pecorisque tellus
Spicea donet Cererem corona:
Nutriant fœtus et aquæ salubres,
Et Jovis auræ.

Condito mitis, placidusque telo
Supplices audi pueros Apollo:
Siderum regina bicornis audi
Luna puellas.

Roma si vestrum est opus, Iliæque
Litus etruscum tenuere turmæ,
Jussa pars mutare lares, et urbem
Sospite cursu:

Cui per ardentem sine fraude Trojam
Castus Æneas patriæ superstes
Liberum munivit iter, daturus
Plura relictis.

Dî probos mores docili juventæ,
Dî senectuti placidæ quietem,
Romulæ genti date remque prolemque
Et decus omne.

Quique vos bobus veneratur albis
Clarus Anchisæ Venerisque sanguis,
Imperet bellante prior, jacentem
Lenis in hostem.

Jam mari terraque manus potentes
Medus, albanasque timet secures:
Jam scythæ responsa petunt, superbi
Nuper et indi.

Jam fides, et pax, et honor, pudorque
Priscus, et neglecta redire virtus
Audet; adparetque beata pleno
Copia cornu.

Augur, et fulgente decorus arcu
Phœbus, acceptusque novem camœnis,
Qui salutari levat arte fessos
Corporis artus;

Si Palatinas videt æquus arces,
Remque romanam, Latiumque felix,
Alterum in lustrum, meliusque semper
Proroget ævum.

Quæque Aventinum tenet, Algidumque,
Quindecim Diana preces virorum
Curet, et votis puerorum amicas
Adplicet aures.

Hæc Jovem sentire, deosque cunctos
Spem bonam certamque domum reporto,
Doctus et Phœbi, chorus et Dianæ,
Dicere laudes.

APPARENCIA

Porque vivo commigo, solitario,
Porque divago, só, por entre a gente,
Um mundo contemplando imaginario,
Não me julguem o mundo indifferente.

Dentro de mim, como em fiel sacrario,
Guardo quanto minh'alma estima e sente;
Deploro dos humanos o fadario;
A cada ai estremeço longamente.

Tal o poeta; ouve uma voz que o chama,
E, olhos fitos no céu, parece inerte;
Mas nem por isso menos soffre ou ama;

E, quando o choro reprimido verte,
As lagrimas de fogo que derrama
Nos seus cantos em perolas converte.

O SEU OLHAR

(DE RUBIÓ Y ORS)

Porque baixas teus olhos, ó formosa,
Só feitos para amar,
Se, quando em mim os pões, minh'alma anciosa
Para ti quer voar?

Se, como a ave, que se alegra e agita,
Do sol ao resplandor,
A minh'alma de jubilo palpita
Da tua vista ao calor?

Quando, qual faz a amada ao caro amante,
Meu terno coração
Te espreita de meus olhos, o semblante
Porque inclinas ao chão?

Se, mais que a mariposa sobre as flores,
Quando poisam nos teus,
Elles gosam, aspiram os odores
Que ve'm dos raios seus,

Porque me negas este gosto, ó bella?
Porque é tua vista assim
Para os outros mais doce do que estrella,
E esquiva para mim?

Á abelha nega o mel a fresca rosa?
Nega ao filhinho a mãe
A luz que brilha clara, buliçosa,
Em que elle prazer tem?

Quero o meu coração, qual borboleta,
Nos olhos teus queimar,
E ao teu por elles a paixão inquieta,
Que me abrasa, mandar.

Quero d'esses teus olhos na ternura
Ler todo o teu amor,
Sentir o que sentir tu'alma pura,
Pois sou d'ella senhor.

Quero... porêm não rasgues, constrangida,
O véu do pejo, não,
Que, rasgado, não acha outro na vida
Egual teu coração;

Que, se, para encarar-me, te é preciso
A modestia esquecer,
Com que prestas ao magico sorriso
Ainda mais poder,

Que, se, para fazel-o, tens, ó cara,
De despir esse olhar de anjo dos céus,
Antes, d'elle, como és, sejas avara,
Antes, de Raphael madona rara
Sejas sómente para os olhos meus.

SA MIRADA

Per qué abaixas tos ulls, hermosa mia,
Tos ulls fets per'l'amor,
Si al posarlos en mi bat de alegria
Sas alas lo meu cor?

Si com s'esponja del aucell la ploma
Als raigs del sol ardent,
Aixi s' aixampla aquell, ó ma coloma,
Quant ta mirada sent?

Per qué abaixas tos ulls quant per las ninas
Dels meus mon cor aymant
Guayta ton cor, com guayta entre cortinas
L'aymada á son galant?

Si ab més goig en los teus mos ulls se posan
Que'l papalló en las flors;
Si més que aqueix en llurs perfums ells gosan
Dels teus en los ardors;

Per qué privarme de aqueix pler, ma bella?
Per qué eix esguart divi
Pels altres molt més dols que'l de una estrella
Tan esquiu, ai! per'mi?

Quína flor á la abella has vist que amague
Son botó de mel plé?
Quína mare has vist may que 'l llum apague
Quant d'éll gosa son bé?

Oh! jo vull qu'en tos ulls mon cor s'ensengue,
Com papalló en la llum;
Jo vull que per tos ulls en ton cor prengue
Lo foch que'l meu consum.

Jo vull en ta tendrissima mirada
Tot ton amor llegir:
Jo vull, puig tinch ton cor, ó ma estimada,
Tot lo qu'ell sent sentir.

Jo vull... mes no: no'm mires, si devias
Del pudor esqueixar
Lo cast vel, puig llavors, ai! no tindrias
Ton cor ab que abrigar.

Si per' mirarme á mí de tas pestanyas
Borrar era precís
Eixos raigs de modestia ab los quals banyas
Ton amorós sonrís:

Si llavors no tinguesses, com tens ara,
Eix dulsissim esguart de ángel del cel,
Segueix de tas miradas sentme avara...
Jo vull que'm semble quant te mir'la cara
Que m'estima una verge de Rafel.

A VIRGEM MARIA

É suavissima a figura
De Jesus, o Redemptor;
Dizem seus labios, se falam,
Falas de paz e de amor;

Mas ha não sei quê de grave
N'aquelles traços divinos,
Mesmo quando acolhe e afaga,
A sorrir, os pequeninos,

Ou defende a peccadora
Do furor da turba insana,
Ou aos miseros e humildes,
Elle, forte e Deus, se irmana,

Um não sei quê de severo,
Que nos mostra, a cada instante,
O filho do céu, o mestre,
Na palavra e no semblante.

Soffre, e cala quanto soffre;
Morre, e perdoando expira;
Nem chora, nem quer que o chorem.
É que a carne que vestira

De homem deu-lhe a apparencia,
Porêm não a realidade,
E ficou sendo na essencia,
Como fôra, divindade.

Ella não, a Virgem Santa;
Essa é outra, essa é mulher,
E, antes de ser do empyreo,
Conhece o que é padecer.

Geme, pranteia, soluça,
Vendo pregado na cruz,
Já pallido, agonisante,
O seu filho, o seu Jesus;

Depois o sagrado corpo
Sanguento, livido, frio,
Beija, e sobre elle derrama
Tristes lagrimas em fio;

E a todos que encontra, anciosa,
Pergunta: ó vós que passaes,
Dizei-me se dôr como esta
Houve no mundo jámais!

É que, ao matarem-lhe o Filho,
Arrancaram-lhe tambem
Como que as proprias entranhas;
É que sobretudo é mãe.

Mãe! Esta voz tão sómente,
A mais bella, a mais sublime,
Espelho de affectos varios,
Que o mais puro affecto exprime,

Só esta voz nos explica
O vivo culto, o fervor
De quantos com fé se acolhem
Ao seu manto protector.

Gemeu, ouvirá quem geme;
Chorou, verá os que choram;
E buscam-na confiados,
E como filhos a imploram.

Mãe os poetas a cantam;
Mãe debuxam-na os pintores,
Ou co'o Menino nos braços,
Ou no Calvario, entre horrores,

Aos pés da cruz, de joelhos;
É mãe, e mãe de piedade;
Com mil nomes, em mil templos
Mãe lhe chama a christandade;

Que por mãe é mais humana,
É entre os homens e Deus
Formosa ponte de graças
Do abysmo da terra aos céus.

1886

ALLA VERGINE MARIA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Dolce e cara è la figura
Di Gesù nostro Signor;
S'egli schiude le sue labbra,
Parla sol di pace e amor;

Ma vi ha un non so che di grave
In quei suoi tratti si eletti,
Anche allor che sorridente
Acarezza i pargoletti,

O salva una peccatrice
Dal furor di turba fella,
O cogli umili e tapini
Ei, che è Dio, pur s'affratella,

Sì, v'ha un non so che di austero
Che in Lui mostra ad ogni istante
Di Dio l'unto, il Dio maestro
Ne' suoi detti e nel sembiante.

Soffre, e occulta il suo patire;
Muore in croce, eppur perdona;
Nè piange egli, nè vuol pianti;
Perchè, se la sua persona

Ha di un uomo la parvenza,
Non ne ha tutta la realtà,
Che restò nella sua essenza,
Come pria, Divinità.

Non così la Vergin Santa;
Essa è donna; essa è amorosa;
E, pria d'essere indïata,
Il dolor non le diè posa.

Le si strazia il cor vedendo
Nella ria croce confitto,
E già esangue e agonizzante,
Il suo Figlio derelitto;

Poscia quel sacrato corpo
Freddo e livido cotanto
Ella accoglie, e bacia, e bacia,
E l'asterge col suo pianto;

E al viator che incontra, ansiosa,
Va chiedendo: o tu che vai,
Dimmi: um duolo al mio simìle
Nella terra ci fu mai?

È perchè quei manigoldi
Che il suo Figlio le hanno ucciso
Le strapparo il cor dal seno;
È che madre io la ravviso.

Ella è madre; e questa voce
La più bella e più sublime,
Somma di diversi affetti,
Che il più puro amor esprime,

Sol tal voce a spiegar basta
Il pio culto ed il fervor
Dei fedeli, a cui fa usbergo
Il suo manto protettor.

Gemette ella? Udrà chi geme.
Pianse? Udrà chi stà piangendo.
Perciò lei cercan fidenti
E mercè le van chiedendo.

Madre i vati l'han cantata;
Madre l'han pinta i pittori,
O col Figlio nelle braccia,
O sul Golgota fra orrori,

Curva ai piedi della croce;
Madre ella è de gran pietà;
E la invoca in mille templi
Madre la cristianità.

Nome tal più l'avvicina
De' suoi mesti figli al cor;
E qual ponte d'ogni grazia
È fra l'uomo e il Creator.

AMOR E MOCIDADE

A . . .

O que fizeste dos cabellos de oiro
Que tantas formosuras te invejavam?
Que fizeste do teu, do meu thesoiro?

Aonde aquellas tranças que ondeavam,
Que até quasi aos joelhos te desciam,
Que tão bem com teus olhos se ajustavam,

Teus olhos côr do céu, que um céu diziam,
Teus olhos todos cheios de bondade,
E que tão meigo affecto promettiam?

Recordas-te? Uma vez em liberdade
Sobre as costas e peito as derramaste,
Só para me cumprires a vontade,

E coberta de seda e luz ficaste;
E até que as apartasse com meus dedos,
Cedendo aos rogos, afinal deixaste.

Quanto m'embaracei nos seus enredos
Lembro-me bem, mas relatar não ouso.
D'esse lance guardemos os segredos.

Como o tempo corria então ditoso!
Era o da alegre, incauta juventude,
Que, inda mesmo infeliz, sempre é formoso.

Então tudo nos chama e nos illude;
E de illusões compõe-se o mais da vida;
E, sem ellas, a vida é ermo rude.

Desfez-se breve essa illusão querida,
Qual, ao bafejo de inconstante vento,
Nuvem bella da aurora colorida.

Defez-se no meu limpo firmamento.
No coração não fôra procreada;
Tinha raizes só no pensamento.

Desfez-se como o alvor da madrugada,
Quando o sol mostra a face radiante.
Por celeste visão foi offuscada.

Vi-a, e não te vi mais. Em um instante
Do passado perdi toda a memoria;
Aperteia-a em meus braços delirante.

Amámo'-nos; ventura transitoria,
Fugaz como relampago que passa,
E logo a morte d'ella; eis nossa historia.

Mas quem melhor bebeu do amor a taça?
Mas quem teve na terra amor mais puro
Do que nós? Como o bem foi a desgraça.

Voluvel, infiel, e não perjuro,
O preterito agora considero,
Ao encontrar cerrado o meu futuro,

Agora que já, triste, nada espero;
E o meu sonho, esvaído na lembrança,
Reconstruir algumas vezes quero.

Ah! não me prende já tua loira trança!
Morto é, sem ella, o olhar de côr celeste!
Para mim acabou toda a esperança!

Murchou do outomno á ventania agreste.
E tu amas ainda! É teu fadario!
Se nunca, nunca o teu amor perdeste!

Como o destino teu do meu é vario;
Tu crês do sonho teu na realidade;
Eu vivo só n'um mundo imaginario.
O meu amor fugiu co'a mocidade.

RECEIO E CRENÇA

Em vão me cerca, em vão, o temor, a apathia
D'aquelles que, da Patria ao sentir os revezes,
Olvidam o que foi, o que são portuguezes,
E julgam-na tocar as vascas da agonia.

Eu não; eu confiado espero o novo dia.
Se gemo, porque bebe o calix té ás fezes,
Creio que surgirá, qual surgiu tantas vezes.
Longe, longe de nós tamanha covardia!

Porêm da mesma causa uma e outra é effeito,
A sua pouca fé, e a minha grande e forte,
Que é ao medo, á esperança o muito amor sujeito.

E, se o p'rigo chegar (jámais o traga a sorte!)
Hão de todos por ella offerecer o peito,
Hão de todos por ella ir affrontar a morte.

1898

MYSTERIO

Pela primeira vez fui visitar-te
No teu marmoreo, solitario leito.
Como levava o coração desfeito
Dizer não posso, não o sei dizer.
Mas em logar da ancia e desespero,
Que aguardava na tua sepultura,
Vi uma luz celestial e pura,
Nunca vista por mim, resplandecer;

E um sentimento vago, não provado,
Que não tem descripção, que não tem nome,
Que nos adoça a magoa e nos consome,
Que nos obriga os olhos a chorar,
Invadir a minh'alma, qual piedosa
Mãe que solícita o filhinho trata,
Que lhe sorri, emquanto a dor a mata,
Para os seus soffrimentos abrandar.

Se eu o pudesse crer..., mas nada creio
Desde que me deixaste abandonado,
Senão que fiquei só, desesperado,
Que não é vida este viver assim;
Se eu o pudesse crer, eu supporia
Que do céu teu espirito baixava,
E as minhas amarguras consolava,
Como d'antes, quando eras junto a mim.

Delirio! Tudo acaba, tudo morre!
O que ficou de ti meu peito o encerra,
E essa breve porção de fria terra,
Que de meus prantos infeliz reguei!
Mas ainda assim mesmo por teus restos
Eu sinto uma attracção irresistivel,
Um amor para o mundo inconcebivel,
Um reflexo do amor que te votei.

Delirio! Mas ainda em teu sepulcro
(Que mysterios contêm o sentimento!)
Menos duro se torna meu tormento,
Menos só minha triste solidão:
Já morta, sob a campa sepultada,
Sem te ver, sem te ouvir, que phantasia!
Goso ainda da tua companhia;
Como? não sei; mas dil-o o coração.

Ah! se me apparecesses! Ah! se ao menos
Eu lograsse uma vez, um só instante
Avistar-te qual foste, radiante
De mocidade, de belleza e amor!
Se uma vez... Que desejos insensatos!
É impossivel; acabou-se tudo!
É impossivel; e ao pensal-o mudo
Eu caio anniquilado em minha dor!

Que lembranças me trazem
Estes logares! Do verão calmoso
Aqui nas tardes e manhans vagámos;
Aqui, bem perto d'onde agora jazem
No ultimo repouso
Os teus restos, ah! quantas, quantas vezes
O mar, o campo, o Tejo contemplámos,
Sem cuidarmos da sorte nos revezes,

Sem um breve momento
No cypreste funereo,
Ou nos muros do pobre cemiterio
Demorarmos sequer o pensamento!

Eramos venturosos;
Dentro d'alma sentiamos
Tanta vida e esperança,
Que pensar na desgraça não sabiamos,
Nem suppor como tempos tão formosos
Pudessem ter mudança.

Que existencia de amor e f'licidade!
Que extensos horizontes,
Claros, sem uma nuvem de procella,
Aqui, na soledade
D'estes campos e montes
Nós não sonhamos juntos! Que existencia
Tão limpida e tão bella!

A natureza em gala nos sorria,
A amiga natureza,
Que jámais presenceára
Tão estreme ventura,
Tamanha gentileza,
Uma paixão tão rara,
E aos nossos corações correspondia:
Qual se maga corrente
De myst'rioso affecto
A ella nos unisse estreitamente
Por um condão secreto.

Um dia (nos melhores
Eu dos nossos o conto), inda não tinha
Apparecido o sol; co'as dubias côres
Ao longe a aurora vinha
Afugentando as trevas derradeiras,
Quando do lar sahimos,
E ao alto da Cruz das Oliveiras
O passo dirigimos.
Á vida a creação resuscitava,
Esboçada, indistincta
D'entre a sombra e vapor, e a cada instante
O aspecto demudava
E a desmaiada tinta
Á luz do céu cambiante,
Até que as proprias formas retomava.

Nunca eu a vira assim tão seductora,
Nem tu, porque jámais, um do outro ao lado,
A viramos assim n'aquella hora.
É que nos é preciso

Amar e ser amado
Como nós nos amámos,
Para compre'ender o enlevo immenso
D'aquelle paraíso,
Para tanto gosar como gosámos.

Qual nós, jubilo intenso
Respiravam o mar, a terra, o espaço;
E aqui, alli parando,
Um do outro pelo braço,
Nós iamos, dissereis receiosos
De tamanha belleza perturbarmos,
Ou para a voz ardente
Melhor de nossas almas escutarmos;
E a miúde os nossos olhos encontrando,
Os nossos olhos ternos e amorosos,
Exclamavamos ambos mudamente:
Como somos ditosos!

E agora tudo se acabou comtigo!
N'estes sitios de tanta formosura
Só vejo o teu jazigo,
Só vejo de mim proprio a sepultura!
Sim, jazemos aqui; por isso venho
Aspirar d'estes sitios o perfume,
N'elles buscar a paz que já não tenho.
Ha um fatal encanto
D'extranha natureza,
Que aos teus restos me liga, e que entretanto
Parece embrandecer minha tristeza.
Pobre consolação! Mesquinho fado!
Só encontrar a vida ao pé da morte;
E sentil-a ao pensar no bem findado,
Ao maldizer o mundo, o tempo e a sorte!

AO MAR

Sempre tua vista, ó mar, meus olhos prende,
Ou quando em rôlo espumeo a areia alagas,
Ou quando arrojas furibundo as vagas,
Ou quando algum baixel te agita e fende.

O espectaculo teu minh'alma accende;
És forte, e cauterizas minhas chagas;
Com teu ruído meu pensar afagas;
Meu coração a tua voz entende.

E como não te amar eu marinheiro,
Eu que em teu dorso as calmas, as procellas,
De pequeno, affrontei, teu companheiro,

Eu, que a Patria ao deixar, soltando as velas,
Em ti meu canto solucei primeiro,
Só comtigo, com Deus e co'as estrellas?

A UNS VERSOS MEUS

Quem n'este recinto
De tantos primores
Vos pôz, ó meus versos,
Meus versos de amores?

Ninguem me responde; não oiço ninguem.
Murmura-m'o, ó agua que perto deslizas;
Revela-m'o, ó sombra do basto arvoredo;
Prometto guardar-vos eterno segredo,
Se acaso segredo pedido vos te'm.

Debalde pergunto; mas eu adivinho
Que foi a mão bella de candida amante.
O corte das lettras é fraco, hesitante,
E a trémula forma revela o temor.
Sim foi, foi de certo: parece que a vejo,
Ço'a fronte inclinada, vagar pensativa,
Á tarde, só, triste, das magoas captiva,
Chorando as saudades de férvido amor.

Parece que a vejo chegar ao loireiro,
Olhar tudo em roda, ficar meditando,
E tímida, a espaços gemendo e parando,
Á pressa meus versos no tronco entalhar.

Ó arvore, dize-me
É esta a verdade?
Pois viste,
Sentiste
A dura madeira
Co'o ferro cortar.
Foi uma deidade?
Ninguem melhor pode
A treva do escuro
Mysterio aclarar.

Então, que prodigio! senti um lamento
Sahir da folhagem quieta, sem vento,
E o tronco tremer;

As flores lançaram
Mais vivo perfume;
Soltaram as aves
Mais doce gorgeio;
As aguas da fonte correram suaves;
Que um dia aqui veio
Algum anjo ou nume
Bem como se tudo quizesse dizer.

SEM CONSOLO

Porque tentas, ó alma generosa,
Distra'ir minha dor? Os teus carinhos
Lembram-me os que perdi, tornam-se espinhos,
E recebo-os co'a face lacrimosa.

Para furtar-me á sensação penosa
Tu me apontas os flóridos caminhos;
Mas os meus pensamentos vão sósinhos
Seguindo a sua via luctuosa.

Do sitio onde vivemos eu e ella,
Socio da minha pena, me arrancaste,
Do sitio onde mais inda julgo vêl-a;

Em vão; o unico allivio me tiraste
Do tremendo infortunio de perdêl-a;
E mais só do que d'antes me deixaste!

1895

CONVITE

Como crescida estás! Como estás linda!
Vem; corre aos braços meus, minha innocente;
Dá-me um beijo; que a edade t'o consente,
E não córas ainda.

Quando appareces, venturoso dia!
Como um bando de doidas toutinegras,
Toda a casa me alegras.
Quem vivêra na tua companhia!

Largo todos os livros, se te vejo;
Que não vale o melhor um teu sorriso;
Já sciencia não quero, nem desejo;
De gosar só preciso.

E não ha para mim gôso mais bello
Do que olhar esse candido semblante,
Do que passar as mãos no teu cabello,
Do que ver-te, á andorinha semelhante,
Saltar aqui, alli, sempre chilrando
Com tua voz infantil que não se entende,
Por tudo perguntando.
Eis o que me deleita, o que me rende.

Gosto muito da flor e da creança.
Não é esta uma flor
Que desabrocha da innocencia á luz?
E a flor do seu botão mal descerrada,
Inquieta
Borboleta,
Ao mais pequeno zephyro agitada,
Não nos lembra esse ente pequenino,
Tão gracioso, tão debil, tão franzino,
Mixto de ave e de rosa,
Tambem leve, inconstante mariposa?

São os dois, elle e ella, uma esperança;
De transparente amor casta redoma,
Ambos vertem a flux
De si em torno delicado aroma,
Que nos prende e seduz;
E um e outro a cada nova aurora
Mostra uma nova graça
E mais nos enamora;
Mas...tambem um e outro breve passa.

Não dura mais que um dia a flor louçan.
Té n'isto se parece
Com sua tenra irman:
Aquella abre-se, murcha, amarellece;
Transforma-se esta, cre'ce;
Vae conhecendo o mundo; soffre; arde;
E já não é á tarde
O que era de manhan.

Mas para que pensarmos em futuros,
Se é tua vida o presente,
Se é tua vida brincar unicamente?

Deixa-me só a mim estes escuros
Pensamentos, ou, antes,
Deixa-me que eu engane da existencia,
Vendo a tua innocencia,
Os amargos instantes.

Vem; ri; fala; doideja; corre; salta;
Converte-me este azylo,
Ermo sempre, monotono, quieto,
Onde a tua presença ha tanto falta,

Em ninho povoado, harmonioso,
Que de mudar-lhe o estylo
Só tu, só tu possues o dom secreto,
O condão precioso.

Vem; e, em tu n'elle entrando,
Qual, ao raiar o dia,
Das aves agoireiras foge o bando,
Á pressa fugirá minha tristeza
Dos teus brincos, da tua gentileza,
E comtigo entrará minha alegria.

PERSEVERANÇA

Não desanima, não; nasceu para a peleja.
Quanto mais se lhe oppõem, mais se levanta ardido.
Calca impavido aos pés a indifferença, a inveja,
E segue sem temor, affrontado, esquecido.

Virá inda a colher a palma que deseja?
Da sorte virá inda a não ser perseguido?
Ou, antes que da gloria o sol formoso veja,
Na arena cahirá, só da morte vencido?

No seu proprio valor confiando seguro,
Máu grado a vis paixões, o lidador ardente
Trabalha, sem cuidar nas nevoas do futuro,

Trabalha, sem olhar ás nevoas do presente;
N'ellas ha de fulgir o seu astro mais puro;
Vencerá, vivo ou morto, a lucta finalmente.

DO CANTO 1.º DO INFERNO

(DE DANTE)

Em meio curso já da nossa vida
Achei-me n'uma tetrica floresta,
Desviado da senda conhecida.

Querel-a descrever coisa molesta!
Tanto era rude, aspera, intratavel!
Até mesmo a lembrança me é funesta.

Póde bem ser á morte comparavel.
Mas, por contar a dita alli gosada,
Contar o mais que vi é indispensavel.

Como puz pé na selva emmaranhada
Não sei; quando o caminho verdadeiro
Perdi, de somno a vista era tomada.

Mas, ao chegar á falda de um oiteiro,
Onde se aquelle valle terminava,
Que o peito de terror me encheu primeiro,

Alcei o olhar do sitio em que me achava,
E o planeta, dos homens certo guia,
Vi que a encosta do monte illuminava.

Então o medo que eu soffrido havia,
Durante aquella noite angustiosa,
No interior senti que enfraquecia.

E, qual naufrago, após lida afanosa,
Que a praia a salvo alcança, e, atrás olhando,
Contempla tímido a planicie undosa,

Assim minh'alma, horror inda provando,
O logar que ente vivo não passara
Ficou por longo espaço contemplando.

Depois que alguma coisa descansara,
Comecei a ascender pelo deserto
Solo; porêm apenas começara,

Quando eis uma panthera de mim perto
Me apparece, veloz, de mosqueada
Luzente pelle o corpo recoberto,

Que se põe ante mim, tomando a estrada,
Sem se arredar, de modo que imagino
Muitas vezes tentar a retirada.

Raiava então o brilho matutino,
E o sol subia junto co'as estrellas
Que o acompanhavam, quando o Amor Divino

No universo creou obras tão bellas.
....

NEL MEZZO DEL CAMMIN

Nel mezzo del cammin di nostra vita
Mi ritrovai per una selva oscura,
Che la diritta via era smarrita.

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura
Questa selva selvaggia ed aspra e forte,
Che nel pensier rinnuova la paura!

Tanto è amara che poco è più morte:
Ma per trattar del ben ch'ivi trovai,
Dirò dell'altre cose ch'io v'ho scorte.

I'non sò ben ridir com 'io v'entrai,
Tant' era pien di sonno in su quel punto,
Che la verace via abbandonai.

Ma po'ch'io fui al piè d'un colle giunto,
Là ove terminava quella valle
Che m' avea di paura il cor compunto,

Guardai in alto, e vidi le sue spalle
Vestite già de'raggi del pianeta
Che mena dritto altrui per ogni calle.

Allor fu la paura un poco queta
Che nel lago del cor m' era durata
La notte ch' i' passai con tanta pieta.

E come quei che con lena affannata
Uscito fuor del pelago alla riva
Si volge all'acqua perigliosa, e guata;

Così l'animo mio, ch'ancor fuggiva,
Si volse'ndietro a rimirar lo passo
Che non lasciò giammai persona viva.

Poi ch'ebbi riposato il corpo lasso,
Ripresi via per la piaggia diserta,
Sì che'l piè fermo sempre era'l più basso.

Ed ecco quasi al cominciar dell'erta
Una lonza leggiera e presta molto
Che di pel maculato era coperta:

E non mi si partia dinanzi al volto,
Anz'impediva tanto'l mio cammino,
Ch'i' fui per ritornar più volte volto.

Temp'era dal principio del mattino,
E'l sol montava in su con quelle stelle
Ch'eran con lui, quando l'amor divino

Mosse da prima quelle cose belle,
....

AMOR NA MORTE

Acabou-se afinal o teu tormento,
Mulher a padecer e amar votada,
Pela virtude em anjo transmudada,
E em martyr pelo duro soffrimento.

Sem um pranto sequer, sem um lamento,
Quando chegou a hora da jornada,
Ergueste a Deus a alma conformada,
Baixaste a mim ainda o pensamento.

Mais por mim que por ti deixar sentias
O mundo, onde sem tregua padeceste,
E que te foi tão pobre de alegrias.

Muito, muito te amei; bem o soubeste;
Bem sei o affecto que por mim nutrias;
Mas a mor prova no morrer me déste.

AMOR EN LA MUERTE

VERSÃO DO SR. LAMARQUE DE NOVÔA

Finalizóse al cabo tu tormento,
Muger para sufrir y amar creada,
Por la virtud en ángel transformada,
Y en mártir por el duro sufrimiento.

Sin llanto derramar, sin un lamento,
Quando fué de partir la hora llegada,
El alma á Dios alzaste, resignada,
Consagrandome al par un pensamiento.

Mas por mí que por tí dejar sentias
El mundo, en que sin tregua padeciste,
Y do apenas gozaste de alegrias.

Mucho, mucho te amé: lo comprendiste;
El afecto yo sé que me tenias;
Y prueba de el al expirar me diste.

PEGNO D'AMORE NELLA MORTE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ebbe termine infine il tuo tormento,
Sposa a patire e amare destinata,
Dalla virtute in angel trasformata,
E in martire da un duolo intenso e lento.

E senza pianto, senza alcun lamento,
Quando fu di partir l'ora scoccata,
Alzasti a Dio la prece rassegnata,
E a me volgesti ancora il pensamento.

Non per te, ma per me, lasciar ti dolse
Il mondo dove pur soffristi assai,
E brevi gioie l'alma tua raccolse.

Tu ben sapesti s'io molto t'amai;
So il tesoro d'amor che in te s'accolse;
Ma in morte il maggior pegno offerto mi hai.

AO SR. LAMARQUE DE NOVÔA

Alma bôa, afinada ao som da minha,
Entendeste meus versos, ó poeta,
Porque, ferido pela mesma setta,
De pena o coração geme e definha.

Sem já ter quem na vida nos sustinha,
Victimas ambos de fatal planeta,
Inda mal! nos irmana dôr secreta,
Que, do espaço através, nos avisinha.

Não, não foi pelo seu merecimento
Que em tua lingua esses versos traduziste
Com tamanha justeza e sentimento.

É que na chaga alheia a tua viste;
Disseram-te o teu proprio pensamento;
E, como echo sonoro, os repetiste.

1899—Setemro 21

CONTESTACION

(DO SR. LAMARQUE DE NOVÔA)

Es cierto, caro amigo: el alma mia
Lanzó al aire un lamento doloroso,
Porque me trajo tu soneto hermoso
Triste recuerdo de funesto dia.

Raudal de sentimiento, en tu poesía
Juzgué oir, como en eco quejumbroso,
Su voz, su amada voz, y, tembloroso,
Aun estrechar creí su mano fria.

Vana ilusion! Jamas la tumba helada
Vuelve su presa al alma atribulada,
Que desfallece en perdurable duelo.

Tú y yo, por el dolor, somos ya hermanos:
Oremos, pues, por ellas, cual cristianos,
Y alcemos juntos la mirada al cieclo.

Alqueria del Pilar 25 Septiembre 1899.

RISPOSTA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

È certo, o amico: dal mio petto uscìa
Repentino un lamento doloroso,
Perchè ha destato il tuo canto formoso
In me il ricordo di funesto dia.

Nélla tua mèsta e tènera poesia
Mi parve udir, come in eco affanoso,
Della sua voce il suon caro, armonioso,
E stringer la sua mano nella mia.

Vana illusion! Mai la tomba gelata
Rende la preda all'alma appassionata
Che in un dolore interminato geme.

Noi due siam quindi nel dolor germani:
Per esse allor preghiam, come cristiani,
E alziam lo sguardo al ciel con viva speme.

VISÃO

Uma noite eu pensava a deshoras, sentado
N'um dos oiteiros teus, só e meditabundo,
Ó cidade do Tejo, o teu vulto alongado
Contemplando a meus pés, em silencio profundo.
Ia a lua bem alta, e de limpido alvor
Illuminava o chão co'o celeste fulgor.

Era a quadra do anno em que as rosas rebentam,
Em que se amorna o ar ao sempiterno lume,
Em que a terra, em que o céu mais encantos ostentam,
Em que respira a brisa o mais grato perfume,
Era o tempo gentil de Maio creador,
O mez da inspiração, da poesia, do amor.

Aquella paz e enlevo, o embalsamado aroma,
Que a florea natureza em torno desparzia,
O murmúrio que o vento, ao passar pela coma
Dos troncos, sobre mim brandamente fazia,
Ajudado não sei de que interno langor,
Nos membros me verteu desusado torpor.

Confuso se tornou quanto via, indistincto;
Fechou-me a pouco e pouco as palpebras o somno;
E de idéias me achei em torvo labyrintho,
Pelo qual eu entrei, sem já de mim ser dono.
Foi-se a grande cidade e da lua o pallor;
E outro quadro mostrou do sol o resplandor.

Cobre a terra virginea natureza,
Caprichosa, selvatica, imponente,
Meio occulta no manto de rudeza,
Com que sahiu das mãos do Omnipotente;
Adorna dos oiteiros a aspereza
Arvoredo copado, florescente;
Vestem os campos rastejante relva,
Densos arbustos, ou ramosa selva.

Aqui desegualmente levantado
Negro, pedroso, sáfaro terreno;
Perto d'elle, de verde tapetado
E flores varias um recinto ameno;
Alli o chão de algares retalhado;
Alli ribeiro a meandrar sereno,
Ora vivo crystal ao sol brilhando,
Ora á sombra encoberto deslisando.

Mal contida em garganta penhascosa,
A torrente caudal corre e murmura,
A descer pelos montes pressurosa,
E, espadanando, atira-se da altura
Para o fundo do val tumultuosa,
Onde vae reúnir a veia pura
A um rio de aguas opulento,
Que por baixo caminha em curso lento.

Vaga a fera do dia á claridade;
Em bando as aves pelos ares vôam;
Que tão muda e agreste majestade
Só as feras e os passaros povôam.
Nem um homem que anime a soledade!
Dos animaes as vozes só resôam,
Ou o sussurro da fluente prata,
Ou o brado da espumea cataracta.

Que grande quadro, que soidão tamanha!
E o firmamento, e o astro fulgurante,
Que os naturaes productos desentranha
D'esse chão com seu lume fecundante,

Desde que de fulgor a terra banha,
E o Tejo, d'esses ermos o gigante,
Desde talvez a creação do mundo,
Correndo sempre para o mar profundo!

N'este ponto acordei a tremer, assombrado
Os olhos, duvidando, ao redor estendi,
E, ó cidade do Tejo, o teu vulto encantado
Pelos montes e val, como ha pouco, espraiado,
Entre medo e alegria attonito revi.

Mas da infausta visão a minh'alma doente,
Embora já desperta, inda meio a sonhar,
A ver-te começou de modo differente:
Primeiro quasi morta; após tumulo ingente,
Alvejando ao clarão do pallido luar.

Depois, pedra por pedra, o teu manto despiste,
E ficaste em silencio, abandonada e só;
Depois em matto espesso o teu corpo sumiste;
O homem despareceu; e um vento frio e triste
Ao longe arremessou de teus restos o pó.

Tomou a natureza o seu logar. Como antes
De entrares na existencia, um ermo rude estás!
Vi-te então? Vejo-te ora os ultimos instantes?
Foi producto fatal de idéias delirantes?
É prophecia acaso? Um dia morrerás?

Quem o póde saber? Cahiu Memphis, Palmyra,
Persépolis, Sidôn, Thebas de portas cem;
Os ossos de Balbek o viajante admira;
Troia é um nome vão; Ninive não respira;
Babylonia cahiu, de tanto povo mãe!

E, ao pensal-o, embrenhei-me em meditar profundo;
E embatendo-se vi povos, raças, nações,
Como se inteiro alli se atropelasse o mundo,
Mar de gente revolto em ondas, furibundo,
Qual se revolve o oceano á força dos tufões!

Mas tu lá estavas sempre, ó querida cidade;
E as ondas d'este mar quebravam-se a teus pés;
E esplendias mais bella, a cada tempestade,
Debaixo d'este céu, que inspira liberdade,
Protegida do Eterno, em cuja mão tu crês.

Se ha tanto contra a lei dos homens e da sorte,
Disse eu então, ao alto erguendo os olhos meus,
Senhor, guardado a tens, defende-m'a da morte;
Para o tempo voraz só tu és grande e forte;
Paga-lhe assim o amor; ouve-me a prece, ó Deus!

Ou, se ella ha de acabar, alonga-lhe o futuro:
Nova missão lhe toca; inda a deve cumprir;
Não a alcanço através do pensamento escuro;
Mas raiará, depois de cada passo duro,
Outro e outro melhor nos fastos do porvir.

Emquanto assim orava, ao longe, no horizonte,
Diffundia-se alegre o rubor da manhan;
Em breve, illuminando o céu, o val, o monte,
O astro, rei da luz e do universo fonte,
Nos ares succedia á desmaiada irman,

E em torno a mim a terra acordava ruidosa.
Tudo cobriu o sol, tudo bello tornou.
A visão se desfez; e n'outra, mas radiosa,
Na tua, ó minha Patria, ó cidade formosa,
Real se converteu. O sonho terminou.

Oh! que jubilo então eu senti no meu peito!
Oh! quanto mais e mais esta vida prezei!
E, qual filho, que a mãe, moribunda, do leito
Visse bôa sahir, por milagroso effeito,
De prazer ebrio, louco, ao rever-te eu fiquei.

A UM PIANO

Gosto de ouvir teu piano;
Produz em mim um engano,
Que tanta doçura tem!
A sua musica antiga
É e foi tão minha amiga!
Como ella me faz tão bem!

Suavisa-me o tormento;
Dá-me azas ao pensamento;
Agita-me o coração;
E ao meu animo arroubado
Abre as portas do passado;
Leva-me aos annos d'então,

A esses annos ditosos,
Inda mal, tão pressurosos,
Em que tanta vez a ouvi;
Que ella é um echo d'essa edade,
Da distante mocidade;
Que nunca, nunca a esqueci.

Bemdicto seja portanto,
Pois me causa tal encanto;
Bemdicto o que o fabricou;
Porêm muito mais bemdicta
A mão, de certo bonita,
Que existencia lh'emprestou.

Essa mão, que não conheço,
Que toca com tanto apreço,
Formosa, sim, deve ser,
Joven, febril, enthusiasta;
Apenas ouvil-o basta
Para logo o perceber.

Essa mão vejo-a na mente,
Já correndo velozmente
No teclado sem parar,
Já como que se esquecendo,
Já quasi desfallecendo,
A tu'alma a acompanhar.

Só te enxergo na distancia;
Mas como pela fragrancia
Se compõe na idéia a flor,
Assim da sombra que vejo
Forma um ente o meu desejo
Da phantasia ao sabor.

E não é este mysterio,
Este vulto quasi aerio,
Que eu criei, que, só, compuz,
O que a musica embelleza,
E lhe presta mais pureza,
E mais inda me seduz?

Sim: a tua juventude
Inda muito mais m'illude
E me prende muito mais.
Da vida na primavera,
Tu és, como eu então era;
E, ouvindo os sons immortaes,

Que tiras do teu piano,
Augmenta-se o meu engano,
Pois me parece em ti ver
Minha propria mocidade
Com as vestes da saudade,
Com a forma da mulher.

PARA UMA CORÔA

Morreste; porêm morto inda te adoro,
Ó meu esposo, e ainda te acompanho.
Vês? de joelhos, o Senhor imploro,
No teu jazigo, e em lagrimas o banho.

Esta c'rôa, por ellas orvalhada,
Como symb'lo de amor e de martyrio
Aqui deponho; os anjos transformada
Em luz um dia t'a darão no empyreo.

A TASSO EM SANTO ONOFRE

Pobre, enfermo, cansado, vagabundo,
Louco de amor e gloria, aqui vieste
Bater á porta; e ás illusões disseste
Adeus eterno, abandonando o mundo.

Abriu-te a porta a Fé com ar jocundo;
Fitaste os olhos na visão celeste;
E em seus braços de tudo te esqueceste,
Quasi solto da terra, moribundo.

Do transito final vendo-te perto,
Quiz-te levar o mundo ao Capitolio,
Da sua ingratidão emfim desperto;

Mas deu-lhe a morte só teu fraco espolio;
Mas amostrou-te a Fé o céu aberto,
E a gloria alêm da eternidade o solio.

1887

A UNS ANNOS

De mãos dadas, sorrisos vertendo,
Com a fronte cingida de rosas,
Como duas irmans venturosas
Que descantam cantigas de amor,
Hoje dão-vos a arte e amizade
Homenagem sincera e jocunda
No prazer que seus peitos inunda
E das suas grinaldas no olor.

O silencio do lar da familia
Converteu-se em ruído de festa,
Porque o lar em theatro se apresta
E a alegria pullula entre nós,
Porque, apenas raiou no horizonte
Hoje o sol que vos viu á nascença,
Olvidamos co'a sua presença
Tudo mais, a pensarmos em vós.

Sim, um mesmo, commum sentimento
Nos juntou; nossos rostos o dizem;
Um desejo que os anjos bemdizem;
Uma prece que levam aos céus.
Muitos annos como este na téla
Da existencia o futuro vos borde,
E cada anno uma dita recorde:
Eis o voto que alçamos a Deus.

Mas que funereo crepe de tristeza
Os meus olhos de lagrimas enturva!
Mas que lembrança na minh' alma pésa,
E minha fronte para o solo curva!

Quantos faltam aqui que já não vemos,
Que outr'ora nossas festas animavam,
Quantos que para sempre já perdemos,
E que amavamos tanto e nos amavam!

E tu, pobre mancebo, pela morte
Arrebatado, barbaro destino!
Quando se illuminava a tua sorte
Do sol nascente ao brilho purpurino!

Tu, que eras sempre o espirito formoso
Dos jogos e folguedos, que passaste
Por entre nós gentil, esperançoso,
E tão depressa ao tumulo baixaste!

Ai! que funereo crepe de tristeza
Os meus olhos de lagrimas enturva!
Ai! que lembrança na minh' alma pésa,
E minha fronte para o solo curva!

UMA MENINA ENTRANDO

É bello este mundo;
É urna de amor,
Que manda os perfumes
Ao seu Creador.

O espaço é tão puro!
O sol tão brilhante!
Tem tantos luzeiros
O céu negrejante!

O mar, liso espelho,
Os astros reflecte;
O campo com flores
Mil fructos promette.

Nos ares que effluvios,
Que sons, que fulgor!
Em todo o universo
Que jubilo e amor!

Eu sou a esperança;
Eu sou a alegria;
Aqui o meu anjo
Piedoso me envia.

Soou nas alturas
Ha pouco uma prece,
Que a terna amizade
Por vós offerece,

Por vós a que o orbe
Dos orbes sob'rano
Do tempo na roda
Marcou mais um anno.

Folgae; foi ouvida
Por quem tudo póde,
Por quem aos lamentos
Dos homens acode.

Depois da tormenta
Succede a bonança.
Sou eu que vos trago
De Deus a esperança.

Por ella guiado,
Nos vossos caminhos
Vereis sob as flores
Morrer os espinhos.

Tomae estas rosas [1]
Do céu bemfadadas,
De risos, de aromas,
De bençãos formadas.

A mão da amizade
Tecer-vos com ellas
Vae ramos virentes,
Festões e capellas.

Tomae estas rosas,
Signal de alegria;
São nuncias de um outro,
Como este, bom dia,

Que em paz, co'os amigos,
Dos lares no amor,
Mais fausto cad'anno
Tereis e melhor.

SEMELHANÇA

Da mulher que eu amei mais n'esta vida
Foi um como reflexo. A formosura
Não tinha d'ella, não; mas n'alma pura
Não podia por ella ser vencida.

Demais, uma expressão indefinida
Havia do seu rosto na candura,
Que, junto ao ar, aos modos, á figura,
A tornava com ella parecida.

---

(1) Entregando-as ao festejado.

Ambas egual amor por mim tiveram;
Ambas de nome egual, de egual bondade,
Foram ambas eguaes na triste sorte!

E ambas sob uma loisa se esconderam!...
Onde existiu jámais tanta egualdade
N'alma, no corpo, no viver, na morte?

VENEZA

Envolta no silencio
Da noite luctuosa,
Negra, qual coche funebre,
Deslisa vagarosa
Pelos canaes a gondola,
Que á terra me conduz,

Á terra do mysterio,
Á singular cidade,
Á côrte da republica
D'escrava liberdade,
Que foi, qu'inda nos seculos,
Como pharol, reluz.

Que hora tão propicia
Para o que a vez primeira
Te vê sahir das aguas!
A lua feiticeira,
Por entre nuvens, rapida
Caminha pelo céu,

Já livre, já sumindo-se,
N'ellas a face occulta,
Aclara-te, illumina-te,
Em sombras te sepulta,
Dando-te um ar phantastico,
Ou tristuroso véu.

E pelas ruas liquidas
D'esta cidade morta
A nave esguia e lugubre
Arfando me transporta;
E pontes, caes, palacios,
Ruínas deixo após,

Emquanto ao rijo fremito,
Ao soluçar do vento,
Do remo ao som monotono,
O gondoleiro attento
Mixtura, como annuncio,
De quando em quando a voz.

Este conjunto deixa-me
Em grato sonho immerso;
As aguas acalentam-me;
A gondola é meu berço;
A lua o somno véla-me;
Cobre-me azul docel.

Então minh'alma soffrega
Revôa n'um momento
Do que é para o preterito;
E vejo em pensamento,
Que magico espectaculo!
Mil scenas em tropel

De pugnas e de assedios,
De marchas triumphantes,
De tenebrosos mascaras,
De amores delirantes,
De luzes e de canticos,
Á noite, nos canaes;

A que dos fundos carceres
Se juntam os gemidos,
Os gritos da victoria,
O pranto dos vencidos,
O faiscar dos gladios
A sanha dos punhaes.

Fervem aprestos bellicos
Ao longo das ribeiras.
Ás armas! Ve'm já proximas
Do turco as naus guerreiras.
Correm á pressa; embarcam-se
Soldados sem cessar.

Lançando mil relampagos,
Brilhante de aço e ferro,
Eis leva a frota as ancoras,
E no seu ligneo encerro
Por companheira a gloria
Conduz, e faz-se ao mar.

Agora, as azas candidas
Sôltas, qual bando de aves,
Entram o porto em jubilo
As carregadas naves
Dos ricos fructos d'Asia,
Que o moiro até Suez

Transporta desde a India.
Já vão ferrando as vellas;
E da miuda enxarcia,
Já farto de procellas,
O marinheiro a patria
Saúda uma outra vez.

Agora extenso prestito
De barcos mil, e á frente
O Bucentauro aurifero;
E á prôa, refulgente
De galas e de purpura
O doge estende a mão.

Ao vêl-o do Adriatico
Ondeia a face e treme;
Longe o Mediterraneo
Se encrespa; o turco geme;
Ca'e n'agua o annel symbolico;
Applaude a multidão.

Co'a luz do dia acordo á realidade,
E as illusões ante ella se esvaecem;
Porêm fica-me n'alma uma saudade!
Como tão differentes apparecem

Todos estes logares! É Veneza,
Veneza, do Adriatico a raínha,
Cheia outr'ora de vida e fortaleza,
Esta que se apresenta á vista minha?

Que é feito do esplendor das grandes eras?
Aonde os teus soldados triumphantes?
Aonde as tuas rapidas galeras?
Aonde os teus expertos navegantes?

Onde, rival de Genova, a famosa,
A destemida espada que empunhaste?
Ah! do teu mar tu já não és a esposa!
Ah! já do solio ao tumulo baixaste!

Hoje, do teu passado só espectro,
Vives na solidão e nas ruínas.
Nem doge, nem poder, nem regio sceptro!
Deram-te no oriente as lusas quinas

Golpe, golpe mortal; não menos forte,
Deu-t'o na terra e mar o musulmano;
Depois Napoleão votou-te á morte,
E entregou-te da Austria ao jugo insano.

Hoje, tu, que impuzeste a tantas gentes
A lei, tu, que vivias do teu brilho,
Tu, que ensinaste aos povos dissidentes
Da Italia o mais heroico, honroso trilho,

Hoje, submissa á lei que vem de Roma,
Satelyte entre os mais, em torno d'ella,
Qual os mais, d'este sol, que vivo assoma,
Tu recebes a luz, pallida estrella;

E no tope dos mastros, arriado
Do leão o estandarte, agora mudo,
O tricolor desfraldas, adornado
Do feliz saboyano pelo escudo.

És um phantasma apenas da Veneza
Pela historia no marmore esculpida;
Porêm esta velhice, esta rudeza,
Esta ausencia de estrepito e de vida,

Estes canaes, que, lá de quando em quando,
Sulca triste batel mysterioso,
Este de pombos infinito bando,
Superstição de um tempo venturoso,

Estas ruas, que o animo entristecem,
Estas casas sem mimo e sem conforto,
Que sós, deshabitadas nos parecem,
O palacio ducal, bello, mas morto,

E ermo, cheio só da gloria antiga
E de Marino pela sombra augusta,
Que o patib'lo, a prisão e o throno abriga,
Consorcio extranho! a cathedral vetusta,

Templo, onde três religiões se adoram:
Deus, patria e arte, oriental poema,
Cujo estylo e trophéus a Asia memoram,
Que do teu heroismo é como o emblema,

Tudo isto, que nos fala do passado,
E dirieis já morto, pelo encanto
Da bruma da distancia idealisado
E dos poetas no sonoro canto,

Revive, toma corpo, e aos olhos d'alma
Se transfigura, como á luz da lua,
Quando da noite na profunda calma
Vi pela vez primeira a forma tua.

Vem pois, emquanto o astro vaporoso
Não torna, ó fascinante poesia,
Acalentar-me o somno luminoso,
Tapar-me o sol d'este importuno dia,

D'esta realidade os desenganos;
Vem, e fecha-me os olhos ao presente.
Assim a imaginei por muitos annos;
Assim a quero ver unicamente.

1887

VEM TOMAL-A

(DE SARRAN D'ALLARD)

Muitos, muitos brasões illustres eu conheço;
Alguns são honra e luz d'esta occitana terra;
Mas de todos nenhum pode egualar o preço
Do teu, ó Tourtoulon, nem tanta gloria encerra.

Sobre campo de azul, com válido arremesso,
Torre argentea se eleva, apercebida em guerra;
Três rôlas tem de guarda; e no alto, indefesso,
O teu branco pendão ao vento se descerra.

Em que aos abutres pése, uniste a espada amiga
De Apollo ao plectro, ó mestre, em pró da nossa fala;
Bebemos leite forte, e o patrio amor nos liga.

A nossa lingua d'oiro embalde sujeital-a
Quer pois o franciman, porque á turba inimiga,
Como fez teu avô, diremos: vem tomal-a!

1894

VEN! LOU QUERRE!

De bellis armarié n'en couneisse un mouloun;
Mai d'uno fan ounour à la terro óucitano,
N'en sabe, subre-tout, iéu que soun capitano;
Vése li tiéuno ansindo, egrègi Tourtouloun!

Sus ta tourre d'argent, amoundant, dins l'èr blound,
Ta bandiero, en cantant, floto à la tremountano.
Vaqui li tres tourtouro, e mau-grat li tartano,
As maridat l'espaso au lahut d'Apouloun.

Mestre, qu'as cleìrouna pèr l'idèio latino,
Aven begu lou la d'uno drudo tetino;
Noste ourguei patriau viho e jamai s'endor.

Vengue lou Franchimand aclapaire coinquerre
Lou vèrbo sèmpre béu, qu'ès toustems lengo d'or;
Coume antan toun aujóu iè direu: ven lou querre!

LYRA QUEBRADA

Cantei, quando ao florir da adolescencia
A minh'alma se abria, sequiosa
De gosar os primores da existencia,
Qual se abre no jardim a fresca rosa
Ao ar, á luz do sol; quando apparencia,
Tão risonha, quão falsa e vaporosa,
O pensamento, incauto, me cegava,
E tudo de esperanças esmaltava.

Cantei, quando da terra do meu berço
Me vi longe, do exilio a desventura;
Quando em suaves illusões immerso,
De um incognito bem, louco, á procura,
Povoei de meus sonhos o universo,
E corri de uma a outra formosura,
Qual faz a borboleta ás varias flores,
Sem jamais encontrar os meus amores.

Cantei depois, alegre e afortunado,
Junto da minha vida á companheira,
Que amava tanto e por quem era amado,
A sua gentileza verdadeira,
Seu coração ingenuo e doce agrado,
Phantasiando uma existencia inteira
De f'licidades e de amor com ella,
Para tão cedo, misero! perdel-a!

Hoje cantar não posso, que o meu canto
Abafam-no, entrecortam-no gemidos:
Falta-me da su'alma o fogo santo;
Já não me ouvem no mundo seus ouvidos;
Já não me alenta da sua voz o encanto;
Nem me vêem seus olhos tão queridos;
Já não tenho a esperança, a crença ingente,
Que me provinham d'ella unicamente.

Da vida descuidada e bonançosa
No rio deslisavamos sereno,
Em barca de mil flores odorosa,
Notando o céu azul e o campo ameno,
Esquecidos do mais, como quem gosa
E bebe o calix da ventura pleno,
Ou contemplando no horizonte puro
A estrella scintillante do futuro.

Agora, só, na funda escuridade,
Que me opprime e rodeia, corto as aguas,
Ao rugir da medonha tempestade,
Quasi morto e sepulto em minhas magoas,

Sem do céu contemplar a immensidade,
Sem cuidar no porvir, sem medo ás fragoas,
Dando as costas ao mar que ao longe brama,
Co'os olhos no passado que me chama.

E, alêm, entre tão horridos negrores,
Por entre minhas lagrimas, diviso
Ella e eu, nossos candidos amores,
Todo do meu passado o paraíso;
E, vendo-o, crescem tanto minhas dores,
Que, receoso de perder o siso,
De momento a momento os olhos fecho,
E pelas ondas arrastar-me deixo.

Assim vou através dos desenganos,
Só vivo para o mal, indifferente
Ao perpassar monotono dos annos,
Que correm sempre longos, tristemente,
O revolver continuo dos humanos
Acompanhando, automato gemente,
Para onde não sei, nem saber quero:
Nada m'importa, que já nada espero.

A PORTUGUEZA

Gabem outros muito embora
As mulheres extrangeiras,
As suas cultas maneiras,
O seu garbo senhoril,
Que nenhuma vale tanto
Como a mulher portugueza,
Na modestia, na belleza,
No porte nobre e gentil.

Nenhuma tem maior graça,
Mais meiguice, mais ternura,
Mais singela compostura,
Mais natural expressão.
É mais mulher do que as outras;
Este elogio só basta;
Tem menos arte; é mais casta;
Mas não tem menor condão.

Prende sem mostrar imperio,
E, senhora, nos captiva;
Nem foge de amor esquiva;
Nem dardeja os raios seus:
Nos meigos olhos tempera
O ésto do peito ardente,
Que assim vem suavemente,
Como a luz rompe nos céus.

E que olhos são os seus olhos!
Negros ou côr de castanha,
A volupia não os banha,
Nem do desejo o fulgor,
Olhos grandes, francos, lindos,
Graves, cheios de repouso,
Que ensombra manto sedoso
De mysterio tentador.

A fronte de leve alteada,
O escuro cabello em ondas,
Do rosto as formas redondas,
Que respiram não sei quê
D'infantil, a bocca breve,
Ninho de amor todo rosa,
Onde a nossa harmoniosa
Lingua canta, o airoso pé,

O talhe esbelto, flexivel,
Não d'estatua, a mediana
Altura que mais a humana,
E sobretudo aquelle ar,
Effluvio d'alma que a cinge,
Como a athmosphera ao planeta,
Fazem-na mulher completa,
Fazem-na o anjo do lar.

N'isto dos outros paizes
Nenhuma de certo a eguala;
Podem brilhar mais da sala
No luxo, na pompa van;
Porêm n'isto ella as excede;
No lar tem ella o seu templo;
Assim lhes serve d'exemplo
De mãe, d'esposa, d'irman.

Eis a triplice corôa,
Que orna a mulher portugueza;
Eis a c'roa da belleza
Que mais n'ella nos seduz.
As outras serão formosas,
Porêm são filhas da terra;
Ella é mais: o mundo a encerra;
Mas do céu tem dentro a luz.

1891 — Setembro 15

INSCRIPÇÃO [1]

Aqui viveu, morreu encarcerado,
Martyr da Patria, o portuguez Infante.
Ó tu, quem quer que sejas, visitante,
Descobre-te, este solo é consagrado.
E tu, Milão, pranteia o desditoso;
Quando aqui foi de Hespanha prisioneiro,
Tu soffrias de Hespanha o jugo odioso:
Ereis irmãos no mesmo captiveiro.

1887

TRISTE COMPENSAÇÃO

Aquelle tempo que vivi com ella
Foi tão bom, mas correu tão repentino,
Que uma vez abençôo o meu destino,
Que maldigo outra vez a minha estrella.

Era da terra o amor, antes de vêl-a,
Meu norte; vi-lhe o rosto peregrino,
E em seus labios provei o amor divino,
Para logo o perder, para perdel-a!

Depois fiquei eu só, na dor occulto,
Das terrenas paixões todo alheado,
Sem mesmo as entender, vivo e sepulto.

Mas por ser tão feliz sou desgraçado.
Não, o céu generoso não insulto.
Bemdicto seja pois o meu passado.

[1] Para a casa do castello de Milão, onde morreu preso o infante D. Duarte.

Á ILHA DA MADEIRA

AO MEU AMIGO, O DR. L. FERNANDES FALCÃO

Ao nauta, que do mar tempestuoso
Vem dos baldões asperrimos cansado,
Tu te mostras, ó ilha da Madeira,
Como, depois de somno fadigoso
De horriveis pezadellos,
Um dia delicioso,
Todo alegria e festa e raios bellos,
Um claro dia pelo sol doirado.

Se isto é hoje d'est'arte,
O que seria d'antes,
Quando te desvendaste a vez primeira
Da nevoa e do mysterio em grande parte
Á vista dos pasmados navegantes!
Que, não bastando ainda estar perdida
No meio do oceano,
Por seculos dos homens escondida
Em recondito arcano,
Tu, qual donzella candida e medrosa,
Que do banho sahisse,
E a nudez, vergonhosa,
De alvo cendal cobrisse,
Em manto de neblina te embuçavas;
E até do mar que ás plantas te gemia,
E até do proprio sol que te queria
A virgem formosura recatavas.

Porêm chegou o dia
Pelo Eterno marcado,
Em que, apesar d'esquiva,
Te rendeste captiva,
Do sol da nossa gloria á viva chamma,
Ao generoso brado
Do grande Infante de perpetua fama,
Quando, assim como de Synai o monte,
Sagres de raios coroou a fronte,
E, desmedido pharo,
Ao marinheiro ignaro
Fez dissipar as trevas do horizonte.

Pandas as brancas velas,
Atravessadas pela cruz de Christo,
Eis no liquido argento
As fortes, portuguezas caravellas
Correm ao sopro do inconstante vento.
Assim na edade-media a Europa ha visto,
Assignalados por egual emblema,
Passarem os guerreiros
Á Asia, para em rabido combate

De annos e annos inteiros
Dar ao sagrado tumulo o resgate.
É o mesmo o nosso thema,
A fé; tambem o oriente procurâmos;
E, como elles, tambem a leal espada,
A par da cruz, intrepidos levâmos
A uma outra cruzada.

Ruem os furacões; trôam os ares;
É plumbeo o céu; das lôbregas entranhas,
Quaes liquidas montanhas,
Volvem-se em desespero os torvos mares.
Pelas ondas corridos
Os pequenos baixeis tragam a morte,
Já quasi submergidos;
Porêm não desanima a gente forte.
Invoca a soberana potestade,
Que a protege de ha muito, e a praia ignota,
Na escura cerração da tempestade,
Compadecida, lhe dirige a rota.

Então alçando as mãos a Deus, molhadas
Ainda pelas ondas salitrosas,
A maritima turba lh'agradece
As terras deparadas,
As vidas tanto a pique assim poupadas,
Com palavras piedosas,
E murmura esta prece:

Senhor, se, como outr'ora do teu povo
Os passos pelo ermo encaminhaste,
A este porto santo nos guiaste,
Dá-nos, dá-nos ainda um signal novo,
Outro maior signal de teus favores;
Teus filhos tambem somos;
Ás asperas fadigas,
Ao bravo pégo, ás armas inimigas
Por ti só, pela Patria nos expomos;
Faze que esta primeira descoberta,
Que o dom d'esta ilha esteril e deserta
Seja seguido d'outros dons melhores.

Dizem; abaixam da cerulea altura
Os olhos; e, ao baixal-os, de repente
Vêem longe sahir de nevoa escura,
Que mais e mais se torna transparente,
Uma visão do imaginar potente?
De um monte a sobranceira catadura?

Eia, ao mar; o Senhor nos presta ouvidos;
Temos fé que é verdade essa apparencia,
Não devaneio apenas dos sentidos.
É da sua clemencia
Quem sabe se o signal; ao mar corramos.

Bradam; soltam ao vento a larga vela;
Já chegam; já de todo a alva neblina,
Aqui, alli, se esva'e ou se adelgaça,
E mostra, meio occultos, com mais graça,
Flores, verdura, emmaranhados ramos,-
Uma terra tão bella,
Que mais semelha apparição divina,
Ou cahida do céu fulgida estrella.

Assim aos denodados portuguezes
Appareceste, ó ilha da Madeira,
Para os avigorares nos revezes;
Assim aos olhos de Noé outr'ora,
Depois das grandes aguas,
Appareceu o arco da alliança
Entre elle e Deus, o iris da bonança,
Que do diluvio o confortou nas magoas.
Sim, tu foste a esperança,
Que Deus, á nossa empresa favoravel,
Nos amostrou para nos dar alentos,
E, através do luctar dos elementos,
Cumprirmos nosso fado incomparavel.
D'aqui, cheios de arrojo, nós partimos,
E d'Asia, e d'Africa, e do Novo Mundo
Em grande parte as plagas descobrimos,
E pelo pégo fundo
Em roda o globo co'os baixeis medimos.

Como és bella! Da Grecia conhecida,
Tu serias de Venus a morada,
Ou fôra, ao ver-te assim do mar sahida,
A nascença de Venus fabulada;
Ficara a téla dos jardins d'Armida,
Sendo modelo tu, mais bem pintada;
E Camões juntaria á dos Amores
Insula imaginaria os teus primores.

Do teu fogo int'rior, do mar és filha,
Como é Venus de si, da salsa espuma;
E o céu, mal tu brotaste, ó maravilha,
Mais te quiz e estimou, do que nenhuma;
Por isso graças mil dá-te em partilha;
Por isso os ares teus calma e perfuma;
Por isso em ti reúne os mais contrarios
Fructos e flores de paizes varios.

Todos do mundo os povos te namoram;
Mas a todos te mostras insensivel.
Embalde os filhos de Albion te exoram,
Te chamam Flor do Oceano immarcescivel.
Nossos antigos os primeiros foram;
Por outrem nos deixar não te é possivel.
Do céu, dos mares e de Deus á face
De nós comtigo se firmou o enlace.

Por seres tão fiel, tão portugueza,
Mais ainda te estimo, ilha formosa;
Mas por laço diverso anda a ti presa
Minh' alma: da existencia trabalhosa
Com risos matizaste-me a tristeza
Na quadra, embora amarga, descuidosa
Da passada, inexperta juventude,
Quando uns dias viver em ti eu pude.

E agora que de ti me tem distante
O logar e dos annos a carreira,
Afiguro-te ainda mais brilhante,
Vejo-te mais ainda feiticeira,
Que me recorda teu florir constante
A minha primavera passageira,
A minha tão querida mocidade,
E és para mim um echo, uma saudade.

1898

VOTO

Gozae bem d'esses dias fagueiros,
Que viveis um com outro ditosos;
São momentos e correm ligeiros.

Olhae bem estes campos formosos;
Verdes são como vossa esperança,
E convidam a placidos gosos.

Não vos saiam jámais da lembrança;
Nem o esmalte das candidas flores;
Nem este ocio, esta doce bonança;

Nem as leves, gentis, multicores
Mariposas, quaes vossas idéias
A voarem n'um céu d'esplendores.

Aqui verte a natura a mãos cheias
Os seus dons; aqui dormem cuidados
Ao suave cantar das sereias.

Por seu canto egualmente embalados,
Deslizae estes dias que passam,
Um ao outro na vida abraçados.

Nada importa, se ao longe ameaçam
Atras nuvens procella medonha.
Póde ser que no ar se desfaçam.

Não a vêdes a mancha tristonha;
Inda bem; vossa mente inexperta
Só ventura, tristeza não sonha.

Está sempre co'os olhos álerta,
Previdente, dos homens a edade,
E ao mais debil ruído desperta.

Quer saber o futuro: vaidade!
Vós, creanças, viveis dos enganos
Do presente; é a maior f'licidade.

Longe pois esses medos tyrannos!
Não penseis no vaivem da fortuna;
E que alegre o destino vos una
Com os laços de amor longos annos.

PESAR

Porque nos sonhos meus não me appareces,
Ó minha companheira idolatrada,
Que um momento gosei, que és pó, que és nada,
Mas que em meu coração jámais esqueces?

Não te podem mover as minhas preces?
Ou, a poupar-me as dores costumada,
Este meu infortunio, apiedada,
Temêras augmentar, se a mim viesses?

Quando acordado, julgo-te commigo;
Foges, quando adormeço; e então, ó cara,
Desejo mais o teu semblante amigo:

Que vale o sonho mais que a luz mais clara,
Que o ar, a voz, o garbo, o olhar antigo
Só o sonho fieis te retratara.

LAMENTO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Perchè in sogno non mi apparisci mai,
O dolce mia compagna idolatrata,
Che presto a me rapì morte spietata,
Ma che al mio spirto ognor presente stai?

Le preci mie non ti muòvono ormai?
O ti celi perchè, ad amarmi usata,
Temi, se mi apparissi, che aggravata
Sarìa la doglia ch'or mi cruccia assai?

Sveglio, mi par d' averti a me davante:
Ma fuggi, quando dormo; e è allora ch' ardo
Di brama di vedère il tuo sembiante.

Più il sogno val che luce ben fulgente:
Chè la tua voce, il bel contegno, il guardo
Sol mi ritratta il sogno fedelmente.

Genova, 16 Maggio — 1899

NAS TREVAS

Alma cheia de luz, como tão cedo
Me privaste da luz de que eu vivia,
E a f'licidade me trocaste, um dia,
Por este escuro, perennal degredo!

Quando junto de ti, tudo era ledo;
Tudo me enfeitiçava e seduzia;
Hoje, sem ti, morreu minha alegria:
Do mundo, de mim proprio tenho medo.

Mas, quanto mais os annos vão passando,
Quanto mais o horizonte se faz triste,
Tanto mais a meus olhos vaes brilhando.

É que do céu as lagrimas me viste?
É que do céu a mim já vens baixando?
É que afinal a minha prece ouviste?

SUPPLICA

Oh! vem; depois de tão comprida auzencia,
Verás como te quero, como te amo.
Vem a mim, ó meu anjo de innocencia;
Ha muito, ha muito que eu em vão te chamo.

Se este desejo meu não é demencia,
E inda sentes o fogo em que m'inflammo,
Vem-me dar um instante d'existencia;
Mova-te o pranto que por ti derramo.

Vem como foste: bella, graciosa,
Meigo o sorriso, meigo o olhar, sem arte
Sôlta a madeixa de ébano lustrosa.

Mas, se tanto não podes humanar-te,
Que eu te veja entre os anjos radiosa,
Para assim de joelhos adorar-te.

Á POLONIA

Sim, tu vives ainda, embora dividida,
Ó Polonia, infeliz, e de algemas aos pés;
Mas, se no coração tens concentrado a vida,
Ao corpo o coração dará força outra vez.

Quando contra o oppressor não valem as espadas,
E o direito emmudece ao retroar do obuz,
A liberdade e a fé, por elle desterradas,
Vão-se n'alma esconder, e prestam-lhe mais luz.

Essa luz é que fez do jugo revoltar-te,
E as hostes do tyranno encarar sem pavor;
Essa luz é que veio a quéda alumiar-te,
E attrahiu sobre ti dos mais povos o amor.

E essa luz vencerá; que á discordia d'outr'ora,
Que o abysmo te cavou da negra perdição,
No infortunio, crisol, onde o ser se melhora,
Succedeu fraternal, sympathica união.

Com ella vencereis, polacos: as idéias,
Quando justas, co'o tempo alcançam triumphar.
Porêm de três nações?! Bem fracas as areias
São, e formam barreira unidas contra o mar.

Mas o pôtro, a miseria, o carcere, o desterro?
Ha de a affronta, a violencia inda mais vos unir.
Os grilhões que arrastaes fundem-se, são de ferro;
Da patria o santo amor nada o pode fundir.

Venturosos, oh! sim, mil vezes venturosos
Os que lograrem ver da liberdade o sol!
Té estremecerão de jubilo, orgulhosos,
Vossos mortos heroes no funebre lençol.

Alguns inda hão de vir co'as carnes palpitando,
Feridos do martyrio, e de sangue a escorrer;
Porêm todos, o olhar aos céus alevantando,
Polonia, bemdirão teu faústo alvorecer.

Se eu pudesse gosar tão esplendido dia!
Mas gosal-o-ha de certo este povo leal,
Que soffreu, como tu, do extranho a tyrannia,
E, como te erguerás, se ergueu livre afinal;

Este povo que te ama; e, d'aqui, do occidente,
Te anima e te saúda, o povo portuguez.
É elle que te diz por minha voz de crente:
Espera; e serás grande, ó Polonia, outra vez.

1898—Setembro 30

À LA POLOGNE

VERSÃO DO SR. ACHILLES MILLIEN

Encor que divisée, oui, tu gardes la vie,
Avec les fers aux pieds, Pologne, en ton malheur!
Mais, si, pour toi, la vie au cœur se réfugie,
Le cœur rendra la force au corps, un jour meilleur.

Quand devant l'oppresseur sont vaines les épées,
Quand sous l'obus se tait le droit persecuté,
La foi, la liberté vont s'abriter, frappées,
Dans l'âme qui reçoit d'elles plus de clarté!

Cette clarté fomente en toi la fière lutte,
Qui, devant le tyran, te soulève, un beau jour.
Elle t'enflamme doucement; malgré ta chute,
Des peuples sur ton sort elle appelle l'amour.

Elle vaincra. Qu'enfin la discorde s'abjure!
Elle creusa l'abîme où germaient tes malheurs.
L'épreuve est un creuset en qui l'être s'épure:
Que règne l'union fraternelle des cœurs!

Par elle tu vaincras. L'idée impérissable,
Dont la base est le droit, triomphe avec le temps.
Mais quoi!... trois nations! Bien fragile est le sable:
Sa cohésion fait obstacle aux flots battants.

Mais l'exil, la prison, la misère, les peines?
L'injustice, et l'affront resserrent l'union.
Fussent-elles de fer, s'usent toutes les chaines;
L'amour de la patrie est-il faillible? non.

Ah! mille fois heureux tous ceux qui verront luire
De cette liberté le soleil pur et beau!
Même ils tressailleront d'un orgueilleux délire,
Polonais, vos héros couchés dans le tombeau!

D'aucans ne le verront qu'avec leurs chairs bléssées,
Martyrs frappés à mort et noyés dans leur sang;
Mais tous, tenant au ciel leurs prunelles fixées,
Pologne, applaudiront ton éclat renaissant.

Oh! si de ce beau jour j'avais la jouissance!
Mais mon peuple loyal de le voir est certain.
D'un tyran il souffrit, comme toi, la puissance,
Et, comme tu feras, se leva, livre enfin.

Du fond de l'occident ce peuple te salue;
Il t'aime, et confiant dans ton futur essor,
Il te crie aujourd'hui par ma parole émue:
Espoir, Pologne, espoir! Tu seras grande encor!

FLORES MURCHAS

Flores que ella colheu, que ella estimava,
Que me offertou na quadra da ventura,
Que fizestes d'aquella formosura,
Com que prodigo o céu vos adornava?

Onde o cheiro que o ar embalsamava?
Onde o verde, onde o mimo, onde a frescura?
Onde o vario matiz e a graça pura,
Que tanto a sua graça retratava?

Tudo, tudo acabou, vendo-vos, digo;
Mas tivestes do que ella melhor fado;
E entre ella e vós a differença é esta:

Posto murchas, viveis, estaes commigo;
Não provastes da morte o gume irado;
E de quem vos colheu já nada resta.

O SEU RETRATO

Horas e horas contemplando passo
Teu querido retrato,
Mulher que tanto amei, que choro tanto,
Que inda amo após a morte;
E, dos sentidos illusão suave,
Suave a um tempo e amarga,
Muita vez, alheado do presente,
Á força de admiral-o,

Julgo que suas fórmas se relevam,
Se destacam do quadro;
Que é um ente real. Se movo os labios,
Os labios tambem move;
Se nos seus olhos os meus olhos cravo,
Egualmente elle fita
Em mim o olhar, sereno, scintillante,
Como outr'ora, banhado
De amorosa expressão, mas sempre triste;
Se lagrimas derramo,
Creio vel-o tambem vertendo lagrimas.
Tal foste: nossas almas
Uma na outra amantes se fundiam;
Um do outro reflexo
Os nossos rostos eram. Mas agora
É tudo um mero engano.
Sou eu que presto vida á tua imagem,
Inanimada, immovel;
Já não tens voz, nem lagrimas, nem risos;
Não me vês; não te vejo;
Perdi-te para sempre! Agora apenas
N'este embaciado espelho,
N'este esboço da tua formosura,
Góso ainda, illudido,
Da tua companhia, e alguns instantes,
Só rapidos instantes,
Á nossa f'licidade me remonto.

ADEUS

Vaes, amigo, deixar-nos; em breve
Sôa a hora da triste partida:
Já a barca se agita insoffrida,
Escutando dos nautas a voz;
Já as candidas velas desfralda
Enfunadas ao sopro do vento;
Dentro em pouco, inda mal, n'um momento,
Levar-te-ha pelas ondas veloz.

Porque assim minha terra abandonas,
Que é a terra tambem do teu berço?
Porque a trocas por clima diverso
E tão outro do nosso paiz?
Não te prende d'alguem a lembrança?
Não te prende dos teus a morada?
Nem o pranto da mãe consternada,
Que vivia a teu lado feliz?

Se soubesses a dor que te espera!...
Se soubesses como é que soffremos,
Quando longe dos nossos vivemos!...
Quando, fóra do solo natal,
Impiedoso, sem tregua, nos mata,
Entre o tedio, o pesar, a anciedade,
Esse cancro que chamam saudade,
Esse d'alma buído punhal!...

Vaguear entre gentes extranhas;
Não achar um semblante de amigo;
Acceitar dos extranhos o abrigo,
Que por norma o interesse só te'm;
Ver, ouvir o que menos importa,
Leis, costumes, um mundo indiff'rente;
E d'aquelles de que andas ausente
Não ouvir conversar a ninguem;

Não ouvir esta lingua que é nossa,
Que bebemos co'o leite da infancia,
Que do lar nos minora a distancia,
Que nos traz do que amâmos o olor,
Esta lingua expressiva e tão nobre,
Esta lingua gentil portugueza,
Que nenhuma equipara em pureza,
Em donaires, em chiste, em sabor;

Eis a sorte infeliz que te espera.
Porêm tu, da existencia na aurora,
Mal escutas quem geme, quem chora;
Mal attendes a voz da razão!
Parte pois; corre atrás do delirio
Que da casa paterna te afasta,
Que te engana o sentir, que te arrasta;
Corre atrás do prazer, da ambição.

A ventura distante imaginas,
Quando a tens aqui mesmo tão perto!
O mysterio, o phantastico, o incerto
De brilhantes te engasta o porvir.
Pois não ha melhor terra que a nossa;
Basta ser nossa Patria querida,
Nossa mãe, nosso amor, nossa vida.
E tu vaes desprezal-a e partir!

Adeus pois; volta breve ditoso;
Eis por ti os mêus intimos votos.
Mas quem lê nos destinos ignotos?
Mas quem sabe quando has de tornar?
Se eu verei esse dia esperado?
Se os meus annos velozes e escassos
Me darão qu'inda possa nos braços
Satisfeitos o amigo apertar?

INCITAMENTO

AO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

Como o soberbo, caudaloso Douro,
Que ora, manso, permitte ao mar entrada,
E te leva a abundancia desejada,
Do commercio o thesouro,
Ora, insoffrido, se entumesce e alteia,
Corre veloz, as margens acommette,
Coisa alguma o refreia,
E contra o mar, indomito, arremette,
Assim tu és, ó Porto, sempre forte,
Quer da paz no regaço,
Quer arrostando a morte
Com teu constante, destemido braço,
Tu, activa cidade,
Severa, infatigavel luctadora,
No continuo lidar de cada dia,
Tu, que em tuas muralhas
Acolheste a fugida liberdade,
E a fizeste senhora,
Depois de em cem batalhas
Destroçares a feia tyrannia.

Porque laboras tanto,
Porque és tão denodada,
E, se urge, deixas, sem soffrer quebranto,
O pacifico trato pela espada,
Com razão te envaideces,
E em todas as partes
Do orbe resplandeces;
Mas de amar a sciencia,
De amar as bellas artes
Por isso não te esqueces,
Nem de perpetuar teus altos feitos,
Nem, entre os que te devem a existencia,
D'esses que foram pelo céu eleitos
Para, com fama excelsa e merecida,
Gosar eterna luz, eterna vida.

Já dentro de teus muros
Ha muito que erigiste ao cerco egregio,
Desafiando os seculos futuros,
Um monumento regio,
Marco do teu valor, pharol que indique
Da escravidão os miseros escolhos;
Já, mais acima levantando os olhos,
Do filho teu, do generoso Henrique,
Do que deixou na terra immenso rasto,
Vencendo o ignoto, os homens, as procellas,
Patenteando ao mundo o pégo vasto,
Do que tornou maior a nossa historia,

Por premio, por memoria,
Tu a estatua, magnanima, cinzelas;
E já hoje, que um seculo completa
O revolver dos annos,
Após que foste berço ao gran poeta,
Que fulgura entre os vates soberanos,
De ti, de todos nós brazão preclaro,
A Garrett, o divino,
Já hoje de mãe terna o affecto raro
Te leva a conceber o pensamento
De alçar-lhe um monumento,
Como o pede seu genio peregrino.

E quem mais t'o merece?
Quem, depois de Camões, ha conquistado
Melhor nas lettras e mais verde palma?
Quem, depois de Camões, do nosso povo
Na sua resumiu a grande alma,
Como elle, o trilho usado
Largando, e abrindo outro caminho novo?
Em quem mais a sua alma reflore'ce?

Quem o egualou do estylo na elegancia
Ou no verso ou na prosa,
No estylo unico, seu, inimitavel,
Grave, singelo, artistico, adoravel?
Quem do nosso passado na fragrancia,
Quando n'este, sagaz, escolhe os themas,
Com que nol-o retrata em seus poemas,
No drama, na comedia graciosa?

Ufana os restos seus guarda Lisboa,
E com razão te inveja
Têl-o por filho; como seu o acclama
Inteiro Portugal; e o mundo inteiro,
Ouvindo o pregoeiro
Brado da illustre fama,
Que dia a dia mais e mais resôa,
Como filho o contar tambem deseja.

Não te demores pois; o effeito siga
A justa idéia. Já que o ser lhe déste,
Que és apenas madrasta ninguem diga,
Nem que de amal-o e honral-o a vez cedeste.

E não, não cederás, porque o não deves,
Porque seria imperdoavel falta;
Nem a isso te atreves;
Porque assim mais teu nome inda se exalta;
Porque então só, real o teu intento,
Só então, completada a trilogia

Dos astros do teu bello firmamento,
Bem poderás dizer com ufania:
Meu monumento fiz no monumento
Á liberdade, á gloria, á poesia.

1899—Janeiro

ESORTAZIONE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Come il superbo Doro,
Che or calmo lascia al mar libera entrata,
E a te trae l'abbondanza desiata,
Del commercio il tesoro;
Ora si gonfia e irrompe alteramente,
Corre veloce, i margini conquassa,
Nessun freno consente,
E fin cozza col mar e gli fa guerra;
Tale, o Porto, tu sei. Tu sempre forte
O in ceno della pace,
O affrontando la morte
Con un valor che a tema non soggiace;
Tu, cittade severa,
Altiva, infaticabil battagliera,
Nelle continue lotte della vita,
Tu, che fra le tue mura
Accogliesti la libertà sbandita,
La creasti regina,
Dopo compiuta in cento aspre battaglie
D'un tirannico regno la ruïna.

Perchè ti àgiti tanto,
Sei tanto coraggiosa,
E sai, nell'ora del cimento, armare
Di spada il braccio uso ai lavori industri
A ragion meni vanto,
E vola di te fama gloriosa
Fra le genti dell'orbe colte e illustri;
Però di amar la scienza,
E all'arti belle dar culto sincero
È tuo gentil pensiero;
Nè lasci di eternar tue glorie eccelse,
Nè di quei, che a te dèvon l'esistenza,
E che ad alto destino il ciel prescelse,
Ti scordi di esaltar l'arte e l'ingegno
Con che resero onore al Luso regno.

Già dentro de'tuoi muri
Tu innalzasti un regale monumento,

Che sfidi il tempo, e ai sècoli futuri
Narri in sublime accento
Il tuo valor, e sia faro che irraggi
Di tirànnide gli atti empi e selvaggi.
Ti vedo altrove a modellare intenta,
Per premio e per memoria,
Una statua a un tuo figlio, a quell'Enrico,
Che, impressa in terra una indelebil orma,
Apriva un'era nuova nella storia,
Squarciando al mondo il velo dell'ignoto,
Scoprendo nuove plaghe e un mar remoto,
Del nome Lusitano a immortal gloria.
Ed oggi, che una lunga serie d'anni
Un secolo completa
Dacchè tu fosti culla al gran poeta,
Che tien fra i vati un de'più eccelsi scanni,
A colui ch'è tuo onore sempiterno,
A Garrett, il divino,
Oggi, ispirata da un amor materno,
Concepisti un sublime pensamento
D'alzare un monumento
Degno di questo genio pellegrino.

E chi ne è mai più degno?
Chi mai, dopo Camões, ha conquistato
Fama più bella, onor più meritato?
Chi mai, dopo Camões, scrutò, come esso,
Del popol nostro la grand'alma; e, smesso
L'uso vetusto, aprì nuovo camino?
E in chi mai, più che in lui, brillò quest'alma?

Chi d'eleganza gli può tor la palma,
Nella prosa o nel verso,
In quel suo stil d'una ideal purezza,
Semplice, grave, imaginoso e terso?
Chi gli stà a par, quando ei nella ricchezza
Dei nostri fasti sceglie i più bei temi
E rivìver li fa nei suoi poemi,
E in drammi che ne eternan la memoria,
O in comedie eleganti?

Le spoglie sue serba or gelosamente
Lisbona bella, e di te invidia sente,
Di te, che fosti madri a tanto figlio.
Intanto il mondo intero,
Scosso all'applauso unanime, sincero,
Con che il gran vate Portogallo acclama,
Suggella col suo plauso sì alta fama,
E come proprio figlio lo proclama.

Dunque non indugiar. Al gran progetto
Segua tosto l'effetto;
Perchè niun creda ch'ora sei matrigna,
Tu, sua madre benigna.

Ma no: a nessun tu cederai l'onore
D'esser la promotrice
D'idea così felice,
Perchè tu stessa n'avrai merto insigne.
Così si compirà la trilogia
Degli astri del tuo puro firmamento,
E potrai dir con vero fondamento:
Tre monumenti alzai,
Con essi consecrai
E gloria, e libertade, e poesia.

EXHORTATION

VERSÃO DO SR. HENRIQUE FAURE

Tantôt, dans un calme parfait, le Douro superbe offre un libre accès à la mer, et il apporte dans ton sein, ô Porto, l'abondance attendue, avec les trésors du commerce; tantôt, au contraire, il se corrouce, gonfle et soulève ses eaux, court avec impétuosité, mord ses rives, et, sans être arrêté par aucun obstacle, se précipite au devant des flots indomptés de l'océan.

Porto, ce fleuve est ton image: toujours forte et puissante, soit en pleine paix, soit en face de la mort, que repousse ton bras résolu et infatigable, tu restes, toi, une cité active et redoutable, luttant, sans te lasser jamais, dans la bataille qui chaque jour recommence. C'est dans tes murs que trouva un asile assuré la liberté errante et fugitive; c'est par toi qu'elle triompha, par toi, qui, dans cent combats avais abattu la hideuse tyrannie.

C'est parce que tu sais ainsi combattre avec ardeur déployant un vrai courage, et, quand il le faut, délaissant pour l'épée les travaux pacifiques, que tu as le droit de t'énorgueillir, et que ta gloire resplendit jusqu'au bout de l'univers. Mais tu ne sacrifies, pour cela, ni le culte des sciences, ni l'amour des lettres; tu sais perpétuer la mémoire de tes hauts faits, et aussi celle des grands hommes à qui tu as donné le jour, ceux qui furent les élus du ciel, à qui il réserva une brillante et juste renommée, et à jamais la lumière de l'éternelle vie.

Voilà longtemps dejà que, dans tes murs, en souvenir d'un siège heroïque, tu as élevé, dèfiant les outrages des siècles à venir, un admirable monument, qui atteste ta valeur; c'est un phare brillant, dont l'éclat permet de voir les tristes écueils de l'esclavage.

Déjà, portant plus haut tes regards, tu as voulu consacrer la mémoire du prince Henri: à ce fils généreux, qui a laissé ici-bas un si profond souvenir, triomphant de l'inconnu, des hommes, et des éléments déchainés, ouvrant à l'activité humaine l'immensité de l'océan, et inscrivant ainsi une page glorieuse de plus dans nos fastes, tu as donné pour récompense, ville au grand cœur, une magnifique statue.

Et aujourd'hui que le cours des années complète un siècle, depuis que tu as été le berceau du grand poète, qui resplendit au milieu

des princes de la poèsie, et qui fait ta gloire, comme il fait celle du Portugal, ta généreuse affection de mère tendre et dévoué te suggère la noble pensée d'élever au divin Garrett un monument digne de son rare génie.

Et qui, mieux que Garrett, mériterait, de ta part, un pareil témoignage? Qui, mieux que lui, depuis Camões, a conquis, dans le domaine des lettres, une palme glorieuse et toujours verdoyante? Qui, depuis Camões, a mieux résumé dans son âme la grande âme de notre peuple, abandonant la route parcourue et en ouvrant une nouvelle? Qui fut son égal pour l'élégance du style, soit en vers, soit en prose? Qui, comme lui, a su fouiller, avec art, notre glorieux passé et y puiser de beaux sujets de poèmes, de drames, de picantes comédies?

Lisbonne est fière de garder ses restes mortels, et c'est avec raison qu'elle t'envie ce fils, que le Portugal tout entier acclame comme sien, que l'univers attentif au bruit flatteur que fait, chaque jour davantage, sa noble et illustre renommée, voudrait aussi pouvoir compter au nombre de ses enfants.

Ne tarde donc plus: une idée juste doit être promptement suivie d'effet; puisque tu lui as donné l'être, il ne faut pas qu'on puisse croire que tu es une marâtre, ni que tu as cessé de l'aimer et de l'honorer.

Non, non, jamais tu ne cesseras de le faire, parceque tu ne le dois point, parceque ce serait, de ta part, une faute impardonnable. Non, tu ne le voudras point, parceque l'honorer c'est t'honorer toi-même. Alors seulement, par la réalisation de ce projet, sera complète la trinité des astres de ton beau ciel, et tu pourras dire, avec un juste orgueil: j'ai composé mon propre monument du triple monument élévé à la liberté, à la gloire et à la poèsie.

QUADRAS POPULARES

As pedras d'esta calçada
Estão gastas de eu andar;
Só não podem meus suspiros
Tua crueza gastar.

Mal me queres, mal me queres,
Que m'o disse o malmequer;
Mas eu creio nos teus olhos;
N'uma flor não posso crer.

Na estrada de San Tiago
Ha seis estrellas maiores;
Uma lettra é cada uma
Do nome dos meus amores.

Se as telhas do teu telhado
Fossem todas de crystal,
Quem fôra sol de verão,
Para por ellas entrar!

— Minh'alma gemia sempre,
Sem saber porque gemia;
Era que nunca a minh'alma
Nos teus olhos se revia;

Mas desde que meu espelho
Fiz d'elles um certo dia,
Tornaram-se os meus gemidos
Em cantares de alegria. —

— Inda bem que a minha amada
Vive nas margens do Douro,
Onde serras mais o encobrem;
São guardas do meu thesouro;

Que ella vale mais que a prata,
Que ella vale mais que o ouro;
Oxalá fosse mais branda,
Não como as serras e o Douro! —

Hontem, quando eu acordei,
Teu nome pronunciava;
Mas com elle alguns suspiros,
Não sei porquê, ajuntava.

Pelas estrellas te juro,
Por teus olhos porque não?
Que só tu entre as formosas
Tens de prender-me o condão.

Se desejos acabassem,
Ha muito que eu já morrera;
Mas desejos são esp'ranças;
E quem ama sempre espera.

Dizes que eu não tenho graça!...
Como é que hei de graça ter?
A graça á força de choros
Tu m'a fizeste perder.

Ó limoeiro que trepas
Da minh'amada á janella,
Quem chegara onde tu chegas
Para ver o que faz ella.

— Portugal é como um barco
Feito para navegar;
Por isso o poz Deus, creando-o,
Junto das ondas do mar;

Por isso de San Vicente
Deu-lhe o gurupés a aproar
Ao rumo de sudoeste,
Por onde havia de andar

Novas terras descobrindo,
O oceano a devassar,
Para que chegasse á India,
Para á America chegar.

Agora repoisa ha muito
De tanto e tanto lidar,
Canta canções do passado,
E está o vento a esperar,

Que não esqueceu ainda
Que Deus o poz junto ao mar,
Como um barco aventureiro
Feito para navegar. —

Fui encher a bilha á fonte;
Mas era salgada a agua
De n'ella chorarem tanto
Meus olhos a minha magoa.

Se tu queres, e se eu quero,
Que importa o mundo não queira?
Não ouve a paixão conselhos;
De si mesma é conselheira.

Eu sou como as andorinhas,
Que buscam sempre calor:
Eu fujo de quem não ama;
Procuro quem tem amor.

Trigueirinha de olhos verdes,
Não te amo como tu crês;
Desejo só eu tuas graças,
E a muitos fazes mercês.

Á porta da tua casa
Nasce uma fonte de prata;
Quem a vê cega de amores,
Porêm a sede não mata.

É o melhor da ventura
Pela ventura esperar;
Pois os gostos d'esta vida
São amargos no acabar.

Vens cansada do caminho;
Muito andaste, ó meu encanto?
Se andasses pelo meu braço,
Não te cansarias tanto.

És pequena de figura,
Pequena de coração;
Só és grande na maldade,
Na dureza e ingratidão.

És filha do quente Algarve;
Eu sou da serra da Estrella;
Porêm no amor nos trocámos:
Tu és neve, eu fogo, ó bella.

Tu a dizer-me que não;
Eu a dizer-te que sim;
Eu atrás de ti correndo;
E tu fugindo de mim.

O limão, posto que azedo,
Ao comer dá mais sabor;
Os ciumes são azedos;
Mas dão mais graça ao amor.

Foges de mim? Não me queres?
Tambem fugirei de ti.
Vou-te mandar uma carta
Dizendo-te que morri.

Trazes um vestido novo,
Que te fica muito bem.
Não se sabe quem t'o deu;
Não foi teu pae, nem tua mãe.

Se não me tinhas amor,
Para que é que m'o dizias?
Se sorrias para outro,
Para que é que me sorrias?

Sempre ando atrás de teus passos,
Ou eu, ou meu pensamento.
Assim os males engano;
Assim vou passando o tempo.

Entre Anninhas e Carlota
Não sei qual hei de escolher:
Uma quero por amar-me;
Outra por não me querer.

Tens em vazos á janella
A rosa, o cravo, e outras flores;
Só do coração no vazo
Te faltam os meus amores.

Padeço quando te vejo;
Se não te vejo, padeço;
Ama-te alguem como eu te amo?
O teu rigor não mereço.

—Montes como os nossos montes
Rio como o nosso rio,
O nosso Lima fagueiro,
N'este mundo ninguem viu.

Elles sobem graciosos,
Te'm o contorno macio;
Parecem peitos de moça
Que inda a homem não sorriu.

Elle corre manso, claro,
De tristezas arredio;
Parece um collar de perolas;
Parece de prata um fio.—

A ventura e a desventura,
Quando se alongam co'os annos,
Fazem-nos ambas saudade:
É que deixam desenganos.

Quando fôres pela estrada,
Não olhes para ninguem;
Eu adivinho o que fazes;
Que adivinha quem quer bem.

Olham sempre por costume
Meus olhos uma janella;
Não se lembram os meus olhos
Que m'esqueceu minha bella.

As almas do purgatorio
Com orações se libertam;
Só eu peço, e não me attendem;
E os meus tormentos apertam.

Hei de pôr entre nós dois
O monte do esquecimento,
Para ver se assim descanso
Afinal do meu tormento.

Interroguei os teus olhos;
Quiz saber a minha sina;
São surdos-mudos; não ouvem,
Nem falam, minha menina.

Se nasceste junto ao rio
Que tem por nome Sabor,
Porque é tão indifferente
E sem gosto o teu amor?

Vou mandar fazer um barco
Para passar estes mares,
Só para mim, onde eu caiba,
E não caibam meus pezares.

—O sino da minha aldeia,
Quando convida á oração,
Acorda tanta amargura
No meu pobre coração!

D'antes dizia-me esp'rança
De venturosa união;
Agora diz-me tristeza!
Agora diz-me não, não!—

Fui atrevido, imprudente,
Ousando seguir-te os passos;
Dá-me a pena que mereço;
Agrilhôa-me em teus braços.

—Ai do misero que chega
Tudo a gosar, tudo a haver!
Ai d'elle! que não lhe fica
Nada mais para querer!

É melhor do gôso a taça
Té ao fundo não beber,
Para depois todos juntos
Os males não padecer,

Para que nos reste ainda
Após a dôr o prazer,
Após a duvida a esp'rança,
Após a morte o viver.—

Ah! quem pudera arrancar-te,
Ó coração, do meu peito,
Antes que o queimes de todo,
E seja em cinza desfeito!

Semeei no campo flores;
Crestou-m'as amor ardente;
Quiz revivel-as com pranto;
Deram abrolhos sómente.

Se eu talhasse o teu vestido,
Faria n'elle dois ninhos,
Para ver, quando te visse,
No seu pombal teus pombinhos.

O teu amor não tem azas;
Não sei que amor é o teu.
Se não tem azas, não vôa,
Não pode seguir o meu.

Quando me vires de preto,
Não te espantes do meu dó;
Por minh'alma trago lucto;
Meu corpo é viuvo e só.

Entre nós, por desventura,
Ha mui grande differença:
Sem te ver, vejo-te sempre;
Tu não me vês na presença.

Em busca não sei de quê
Eu ia por esses montes,
Veio amor, viu-me abrasado,
Fez meus olhos duas fontes.

Quem me dera ter as penas,
As penas que tinha outr'ora;
Andava triste com ellas;
Porêm mais triste ando agora.

Se a beijei, foi por engano;
Porque temos o costume
Eu e tu de nos beijarmos;
Não sintas d'isto ciume.

Que hontem juntos passeamos
Não o contes a ninguem;
Podem julgar que houve mal
No que sómente houve bem.

—Os moínhos d'esta serra,
Com as velas a alvejar,
Postos no mais alto d'ella,
Como que ao longe a mirar,

Parecem pombas de neve,
Que fugiram do cazal,
E que já batem as azas
Para outro sitio buscar.

Os moínhos d'esta serra
Lembram-me a soidão do mar;
Pois quando a seara em torno
O vento curva ao passar,

Parecem mesmo navios
Que as ondas vão a sulcar,
Inchadas as brancas velas,
A gemer, a assoviar,

Como assovia na enxarcia
O sopro do vendaval,
E como gemem os mastros
No encontrado baloiçar.

Mas ainda outra lembrança
Me trazem, cruel pensar!
De uns dias de f'licidade,
Que jamais hei de olvidar,

Que n'outro, d'aqui distante,
Com ella vi deslizar,
De uns dias que me fugiram
Como pombas, a voar,

Ou como barco ligeiro
Que corta as aguas do mar,
De uns dias que talvez nunca
Eu torne eguaes a encontrar!

Ah! montes da minha terra
Ah! meu moínho sem par,
Quando vos terei de novo!
Quando a poderei gosar!—

Se me appareces eu tremo,
Foge-me o sangue do rosto;
Não é medo, não é pejo;
Mas é de ambos um composto.

O meu peito é como o vidro,
Como o vidro transparente;
Vês a doença que o mata;
Podes curar o doente.

Mandei fazer um lettreiro
Para escrever n'um jazigo,
Onde enterre meus cuidados,
Quando viveres commigo.

—Antes de chegar ao Tejo,
Disse o Zezere ao Nabão:
Tenho medo de entrar n'elle;
Une-te a mim, meu irmão.

És pequeno, eu mais ainda;
Que val, torna este, a união?
E o Tejo: quereis ser grandes?
Juntae-vos a mim então.

O Ponsul, o Erges, o Ocreza
E outros já commigo vão.
Quando sós eram bem fracos;
Agora fortes estão.

Mas o mar que o ouve, ao longe,
Brada com voz de trovão:
Grande só eu; venham todos;
Todos em mim morrerão.—

O que farei a teus olhos
Que não sejam cubiçados?
Vou escondel-os de todos
Na minh'alma bem guardados.

Hontem ferido e voando
Vi pelo ar um passarinho
Até no chão cahir morto.
Foi como eu o coitadinho.

É teu rosto um céu aberto;
Os teus olhos são dois soes;
Os teus beiços, quando falam,
Cantam como os roixinoes.

—Dizei, menina, dizei,
Porque sabel-o preciso,
Se por esses claros olhos
Se vae para o paraíso.

—Só Deus a estrada conhece
Que vae para o paraíso;
Toma tu por essa fóra;
De teus gabos não preciso.—

—Minha morena engraçada,
Se te não der a preguiça,
No domingo muito cedo
Vae á egreja ouvir missa.

—Eu não posso ir á egreja,
Que minha mãe me não deixa,
Porque dos nossos amores
Já muita gente se queixa.

—Se tu não vaes á egreja,
Tambem não vaes para os céus;
Fugir da egreja é peccado;
Amar é servir a Deus.

—Pois casemo-nos depressa,
E acabe a murmuração;
Que depois todos os dias
Nós faremos oração.—

—A planta que eu mais estimo,
De todas do meu quintal,
É uma que as folhas abre
Á luz do sol matinal.

Mas, quando elle se retira,
Começa a sentir-se mal,
E as folhas de novo fecha,
E não é ao que era egual.

Assim eu, se á minha amada
Vejo o rosto celestial,
Abro o peito, e, se ella foge,
Cerro-o em noite sepulcral.

Por isso estimo esta planta,
E só por isso ella val
Para mim mais do que todas
Que tenho no meu quintal.—

—Pedro foi á festa
Porque foi Maria;
Se eu o adivinhasse,
Tambem lá iria;

Pois saber quizera
Se tambem Maria,
Por ir Pedro á festa,
Só á festa iria.—

—Da tua casa as janellas,
Quando fechadas estão,
Parece que tambem sinto
Fechar-se-me o coração.

Mas, quando, mesmo sem ver-te
As vejo de longe abrir,
Dissera que me conhecem,
Que estão para mim a rir.—

RICORDO INDELEBILE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ah! quanto tempo è già trascorso, ah! quanto!
Che in te, Patria adorata, io fo dimora;
Pur l'alba di quel dì ricordo ancora,
In che ti ravvisai piena d'incanto,

E tutta avvolta in vaporoso manto
Dalla linfa del Tago emerger fuora,
Fantastica vision, bramata ognora;
E entusiasmato lietamente ho pianto.

Non rammento l'esilio, la sventura;
Penso al dì in che ti vidi, solamente,
Giorno che anc'oggi in suo fulgor perdura,

Che il passato a'miei sguardi fa presente,
Che fa qualunque altra allegrezza oscura,
Che bagna anco d'amor quest'alma ardente.

ENGANO

Quanta vez fitar os olhos
Tentei nos seus, mas em vão!
Que, ao vêl-os, ferido, trémulo,
Baixava os meus para o chão.

Quanta vez tentei falar-lhe,
E a palavra me faltou;
Que para o que n'alma tinha
Nenhuma voz me bastou.

Quantas quiz seguil-a, e os passos
Força ignota me prendeu;
Que não ousava, homem fraco,
Seguir um ente do céu.

E suppoz que a não amava,
Porque nunca lhe falei,
Porque não lhe fiz protestos
E a seus pés me não rojei.

Ah! crêste-o, porque não tinhas,
Como eu suppuz no fervor
Do meu sonho, uma alma propria
Para entender este amor.

TÄUSCHUNG

VERSÃO DO SR. GUILHERME STORCK

Oft versucht' ich, in die Augen
Ihr zu schau'n, doch stets vergebens;
Sah ich ihre, schlug ich meine
Nieder, wund und voll Erbebens.

Oft auch wollt' ich mit ihr sprechen,
Doch die Stimme stockt' im Munde;

Konnte doch kein Wort es künden,
Was ich fühlt' im Herzensgrunde.

Oft versucht' ich, ihr zu folgen,
Doch mich hemmt' ein inn'res Mahnen;
Denn ich armer Mensch, ich wagte
Nicht zu geh'n auf Engelbahnen.

Und sie wähnt', ich liebte nimmer,
Weil ich's nie mit Worten sagte,
Nie es ihr beschwur mit Eiden,
Nie zu Füssen ihr es klagte.

Ach, sie glaubt' es; denn sie hatte,
Wie ich's einst im Drang der Triebe
Still geträumt, in ihrer Seele
Kein Verständniss solcher Liebe.

Münster (Westfalen) 30-V-96.

SATISFAÇÃO

AO SR. FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS

Parabens, ó artista; do talento
O desejado premio emfim ganhaste:
No certamen do humano entendimento
Com a tua victoria nos honraste.

O desamor, a prepotencia, o enredo
Puderam mais na Patria que a justiça;
Porêm tu, despresado, mas sem medo,
Entrar quizeste na gigante liça.

Assim faz quem no merito se esteia,
O que tem no seu fado confiança:
Ouve apenas a intriga que o rodeia,
E trabalha co'os olhos na esperança.

Festejam-no os applausos lisongeiros?
Redobra de animo e na marcha segue.
Acolhe-o a indifferença? Annos inteiros
Lucta, aguardando que o momento chegue;

O momento que raia muitas vezes
Só quando na peleja emfim succumbe,
Muito embora depois com seus revezes
Seu engenho nos seculos retumbe.

Mas tu, vivo, já tens a recompensa;
A capital da França é que te acclama,
E o devido triumpho te dispensa,
Fazendo apregoar-te ao longe a fama.

Venceste; e a nossa terra jubilosa
Para te unir ao peito alonga os braços;
Venceste; e a senda ingrata e fadigosa
Se abre plana deante de teus passos.

Porêm não te deslumbram as victorias,
E perdôas á Patria arrependida:
Bem sabias o que eras; tuas glorias
Reflectes n'ella, pois te ha dado a vida.

Mas o dextro buril não pões de parte,
Nem descansas ao menos um momento:
Vives para a familia e para a arte,
E no louvor tens novo incitamento.

1867

A UM LIVRO DE ORAÇÕES

Quando te vejo, ó livro precioso,
Estremeço de amor, supponho vêl-a,
Amor puro, amor santo, amor piedoso;
E não pude no mundo conhecêl-a!

Principiu-te a ler; extranho goso
Me dulcifica, porque penso n'ella;
Não me lembra sua voz, ai! desditoso!
E em minha voz eu julgo percebêl-a!

Livro de suas lagrimas regado,
Livro de suas dores confidente,
Da que perdi, no mundo mal entrado,

Livro de minha mãe, em ti vivente
Mostra-m'a quasi o filial cuidado.
Oh! milagre de amor! Como és potente!

AD UN LIBRO DI PREGHIERE

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Quando ti veggo, o libriccin' prezioso,
Par che lei vedo, e allor mi strugge amore,
Amor puro, amor santo, amor pietoso;
Nè la potei conoscere; oh, dolore!

Ti stò leggendo; e un senso delizioso,
Pensando a lei, d'amor doppia l'ardore;
Ahimè! della sua voce il suon m'è ascoso;
Pur nella voce mia l'ascolta il core.

Libro dalle sue lagrime bagnato,
Libro dei suoi dolori confidente,
Di colei, che ho perduto, appena nato,

Libro della mia madre, in te vivente
Quasi ella appare al mio pensier turbato.
Oh! prodigio d'amor! Sei ben potente!

Genova—1896—Nov. 6

SEM PERFUME

Porque deixaste o mysterio,
Onde vivias sósinha?
Porque vieste queimar-te
Na luz do mundo, louquinha?

Não te bastavam as sombras
Do arvoredo, a luz coada
Por entre ramos, e o canto
Das aves na madrugada?

Antes quizeste o sol claro,
Antes a aberta campina,
Onde tudo a vista alcança,
Mas cujo calor fulmina.

Dissiparam-se os segredos,
As nuvens que te encobriam
Este mundo, e tão formoso
A teus olhos o faziam.

Sabes muito; porêm sabes
Tambem que a tua innocencia
Era na vida o teu éden,
Valia mais que a sciencia.

Fôra-te longo o futuro,
Fôra dos céus a miragem,
Se na corrente dos annos
Tu fizesses a viagem,

A pouco e pouco, em teu barco,
Entre illusões, se a grinalda
De rosas a não queimasses
Ao fogo que tudo escalda.

Em vez d'isso, de repente,
Sequiosa de liberdade,
Das illusões te despiste,
Encaraste a realidade.

Eis-te no fim do caminho,
Quando mal o começavas.
Que é da paz em que vivias?
Que é dos sonhos que sonhavas?

Tudo se foi; passou tudo;
E ao mundo tu'alma aberta
Perdeu o viço, a belleza,
Ficou muda, só, deserta,

Como a arvore frondosa,
Ninho de aves e de flores,
Lyra das auras tocada,
Urna mystica de odores,

Que o tufão tomou nos braços,
E, perdida a florea coma,
Viu fugir, tronco despido,
Canto, passaros e aroma.

SIN PERFUME

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

¿Por qué, dejando el misterio
En que solita vivías,
Quemaste á la luz del mundo
Las alitas que tenías?

¿De la arboleda las sombras,
Luz entre ramos filtrada,
No te bastaron? ni cantos
De amor de la madrugada?

Ah! preferiste el sol claro,
Que el ancho campo ilumina,
Donde el ojo abarca todo,
Pero que abrasa y fulmina!

Penetraste los secretos,
Las nubes que te ocultaban
Este mundo, y tan hermoso
Á tu vista lo mostraban.

Sabes mucho; mas bien sabes
Que la inocencia que ayer
En la vida era tu gloria
Valía mas que el saber.

Largo fuera tu futuro,
Reflejo del cielo fuera,
Y entre dulces ilusiones
Tu jornada trascurriera,

Sobre el curso de los años,
En tu barca de esmeralda,
Si en ese fuego no ardiesen
Las rosas de tu guirnalda.

En vez de eso, de repente
Tu pasion de libertad
La ilusion quemó en las aras
De la triste realidad.

Héte al cabo del camino,
Quando apenas lo empezabas;
¿Dó está la paz de tus dias?
¿Dó los sueños que soñabas?

Todo pasó, todo, todo...
Y al mundo tu alma abierta,
Ya sin frescor, ni belleza,
Quedó vacía y desierta,

Qual arbol verde y frondoso,
Nido de aves y de flores,
Lira por áuras tocada,
Urna mística de amores,

Cuya copa, en un momento,
Fuerte borrasca desploma,
Y, trônco seco, ve huirse
Cantos, pájaros y aroma.

AO INFANTE D. DUARTE

A PROPOSITO DA SUA HISTORIA

Pedra a pedra, erigi-te um monumento,
Ó Principe infeliz, modesto embora.
Sympathisei com tanto soffrimento.

Evoquei tua sombra gemedora,
Não do tumulo, não, que está perdido,
Que não sabe ninguem onde és agora,

Porêm da ingratidão, do fundo olvido,
Em que tinhas o nome sepultado,
Quasi como se nunca houvera sido.

Interroguei os annos do passado,
Dia e noite, da historia nos volumes;
Dos archivos o pó amontoado

Alevantei; e, assim como em cardumes,
Do remo ao compassar, brotam fulgentes,
Innumeraveis, inquietos lumes

Dos mares do equador nas noites quentes,
Assim brotaram d'esse pó antigo
Da tua vida raios mil ardentes.

Affeiçoei-me a ti; fui teu amigo;
Quiz ter parte na tua desventura;
Nas alegrias me alegrei comtigo.

No palacio ducal, na edade pura,
Ao lado de teu pae, seu companheiro,
Vi-te; ou correr dos bosques na espessura

O fero javali; ou, cavalleiro,
Dos jogos marciaes, das regias festas
Ser dos mais afamados o primeiro;

Depois do lar nas dissenções funestas,
D'onde o peregrinar, d'onde o desterro,
Da guerra e do infortunio as horas mestas;

Depois, por entre o sangue, o fogo, o ferro,
Em pró te expondo de uma causa extranha,
E tendo em paga das prisões o encerro,

Vendido pelo imperio de Allemanha,
Para expiar a nossa liberdade,
Ao oiro, á força da irritada Hespanha!

Passau, Gratze, Milão, eis a trindade,
Ó martyr, dos teus passos ao calvario,
Sempre a aspirar do dia á claridade,

Sempre da Patria no destino vario
Co'o coração e os olhos saúdosos,
E perseguido sempre do contrario.

Para quebrar-te os ferros impiedosos
Quantos esforços vãos! que desenganos!
Por que transes passaste amargurosos!

Até que finalmente, após oito annos,
Já não podendo mais a natureza,
Com a morte escapaste dos tyrannos.

Mas nem por isso abriram mão da presa:
No carcere o teu corpo sepultaram,
Inda em damno da gente portugueza!

Mas nem aqui teus males acabaram:
Iras d'Hespanha e a nossa indifferença
Para perder-te os restos se ajustaram!

Da escura ingratidão, da atroz offensa
De quem serviste e amaste, envergonhado,
Sem o peso medir da carga immensa,

Eu, de tantos e tantos ignorado,
De ti, da minha terra pelo affecto,
O desforço tomei a meu cuidado.

Luctei; penei; venci no audaz projecto.
Só uma coisa ainda me faltava,
Só uma apenas para estar completo:

Os sitios ver onde a injustiça brava
Te encarcerou sete annos, o castello
Onde exhalaste preso a vida ignava.

Para realizar o meu anhelo
Travei co'a negligencia aspera lida,
Enthusiasmado pelo patrio zelo.

Por ti minha mansão deixei querida,
Vivi da Lombardia na alta côrte,
E ahi findei tua historia dolorida,

E estremeci do júbilo ao transporte,
Ah! louco, louco, sem saber qual era
O galardão que me aprestava a sorte!

Principe illustre, agora considera
O premio que logrou o teu chronista
Do improbo labor e fé sincera.

Mas tu apartas desgostoso a vista
D'este nosso paiz, nossos amores?
É porque a scena feia te contrista.

Só colhi da minha obra dissabores,
Incitados do movel mais mesquinho!
«Que exemplos a futuros escriptores!»[1]

E, emquanto longe do meu caro ninho
A completava, n'este o odio, a vingança,
Fervendo do interesse no cadinho,

Da que me dava a lei firme esperança,
Do fructo de vinte annos me privaram!
Olha aqui no trabalho o que se alcança!

Comtigo, nem commigo se importaram!
Té aquelles que menos o deveram
De ti, de si, de mim não se lembraram!

Assim os nossos fados o quizeram;
Mas, apesar de tudo, é nossa a gloria;
Mas as ruins paixões não nos venceram.

D'antes era o meu livro a tua historia;
Hoje, depois de tanto esquecimento,
De ambos nós se tornou viva memoria:
Da ingratidão da Patria é monumento.

1888

---

1 Camões, *Lusiadas*, Canto 7.º, oitava 82.ª

PORQUE TREMES...

Porque tremes assim tanto
No meu peito, ó coração?
Abalas-me corpo e alma;
É ser fraco o meu senão.

Mas esta fraqueza é força;
Mas, se tremo, é de paixão:
Affronta o rochedo as ondas;
Esboroa-se o vulcão.

Como elle, o fogo me abrasa
O seio, na escuridão.
Saia um dia da cratera,
Adeus, adeus, coração!

Todo em lava derretido,
Levando a destruição,
Só na paz da sepultura
Achará quietação.

Á SOLIDÃO

AO MEU AMIGO J. G. NUNES PRIETO

Amavel solidão, desde creança,
Tu és o meu abrigo.
Quantas e quantas vezes n'essa edade,
Só para estar comtigo,

Eu deixei os alegres companheiros,
Desertei dos folguedos,
E fui depositar dentro em teu seio
Meus infantis segredos!

Eras, como eu, pequena n'esse tempo;
Depois cresci, cresceste;
E, ao veres augmentar-se-me a tristeza
Co'os annos, te fizeste

Mais meiga, mais suave e carinhosa,
Mais minha amiga ainda,
Scismadora, calada, melancholica,
E por isso mais linda.

Que delirios, desejos, esperanças
N'essa quadra risonha,
Em que o menos feliz é venturoso
Porque ama, crê e sonha,

Te confiei dos campos no retiro,
Dos mares junto á praia,
Á noite, á luz da lua ou das estrellas,
Ou quando o sol desmaia!

Ah! tempo afortunado, em que eu chorava!
Quem me dera esse pranto
Em logar d'esta dôr que não tem lagrimas,
Porêm que punge tanto!

Foi no regaço teu, soidão quieta,
Que eu encostei a frente
Muita vez, e, sonhando amor e gloria,
Dormi placidamente.

Que anjos vi perpassar no céu diaphano
Da minha phantasia!
Que promessas, que juras, que protestos!
Como o sol esplendia

Do futuro, e brilhava o sol da vida!
Como era a natureza,
Posto meio coberta pelas nuvens
De uma branda tristeza,

Formosa, encantadora, e verdadeira
A falsa sociedade!
Que tudo então nos embelleza e esmalta
A crente mocidade.

Depois do tempo o fugitivo rio
Foi volvendo co'os annos,
E despertei, ao seu fragor, dos sonhos,
E achei mil desenganos.

Mas inda de illusões eu vivo e hei-de
Viver a vida inteira;
Tu bem o sabes, solidão amiga,
Ó minha companheira.

É em ti que minh'alma se recolhe,
E os olhos fatigados
Fecha, e sonha, embalada por teus cantos,
Qual nos dias passados.

O quê, nem sei dizer. Não é tão bello
Meu céu auri-brilhante;
Não tem a mesma luz, as mesmas cores;
Minh'alma vacillante

Já não vôa por elle, como outr'ora,
Livre, febril, anciosa,
Em busca do mysterio, do infinito;
Luz pallida, saudosa,

Alumia-me o espaço; aereas fórmas
N'elle rapidas passam,
Que eu conheci, que amei ou que amo ainda,
E longo sulco traçam;

Formosas esperanças, em meu peito
Nascidas e creadas,
Em flor despontam; abrem-se; desfolham-se;
E cahem desbotadas;

Sitios, a que me prende alguma idéia,
Ou seja alegre ou triste,
Vejo-os; falam-me; falo ao que é já morto,
Ao que já não existe.

Torno a ter os anhelos que já tive;
As dores já soffridas;
Torno a ver quem amei; vivo, alimento-me
Das illusões perdidas.

O passado, o presente, a incerta aurora
Do incógnito futuro
São meus; respiro, longe dos humanos,
N'outro mundo mais puro.

Tudo isto encontro no teu calmo azylo,
Ó solidão amada.
Ah! se não fosses tu, quanto a existencia
Me fôra mingoada!

Com negra côr te pintam, feia, lugubre!
E eu acho-te formosa.
Fogem de ti; e eu busco-te. Procuram
Na vida tumultuosa

Gastar os dias, esquecer os males,
Nem sequer um momento
Ficar comtigo; que lembral-os temem;
Temem o pensamento;

E eu sem ti, sem que esteja algumas horas
Na tua companhia,
Jámais passei, jámais passar espero
Um só, unico dia.

Elles vivem apenas do presente;
Eu d'este e do passado;
Elles um só instante; eu longos annos;
Para elles é quebrado

O curso da existencia em mil fragmentos;
Para mim é cadeia,
Que vae do berço ao tumulo contínua
E de lembranças cheia.

Abençoada sejas pois três vezes,
Ó solidão querida,
Que me conheces desde infante, e sabes
Inteira a minha vida.

Abençoada sejas pois; e os sonhos
Da minh' alma acalenta;
E deixa descansar-me em teu regaço
Do mundo na tormenta;

Que sonhar é viver; que a vida é curta;
E só quem de ti gosa
Póde abrangel-a toda aos raios pallidos
Da tua luz saudosa.

METAMORPHOSE

Quando na terra ajoelhada,
Postas as mãos, oras por mim,
Creio-te um bello cherubim
Vindo por Deus a esta morada.

Tu' alma lança extranho brilho,
Que no teu corpo transparece,
E piedoso ouve-te a prece
Da sua cruz de Deus o Filho.

Ah! como então és mais formosa
De formosura myst'riosa,
Que não se póde descrever!
Se então és mais do que mulher!

Porque, bem como ao santuario
Aclara á noite o lampadario
D'incompreensivel, pura luz,
Todo o teu corpo se alumia,
Quando tu'alma se extasia
E se levanta até Jesus.

ETERNA

Sempre o mundo assim foi; não é d'agora
Da materia e do espirito o combate;
Mas a alma do cantor mais se avigora,
Mais clara sa'e do procelloso embate.

A rocha que no oceano alta se apruma
Não quebra dos tufões á sanha brava,
Antes, mais brilha ao sol, depois que a espuma,
Depois que a furia da tormenta a lava.

Porque a industria campeia estrepitosa
E o fumo nubla da cidade os ares,
Porque faz alliança proveitosa
Das nações o vapor e encurta os mares,

Porque a electrica força n'um instante
A palavra dos homens communica,
Porque reina a sciencia triumphante
E os mysterios indaga, entende, explica,

Fugiu da terra espavorida a musa,
Ou apenas o canto humilde entôa?
Já não se escuta a sua voz, confusa
No perenne fragor que rude sôa?

Morrer a poesia! a que na infancia
Acalentou da humanidade o berço,
Do que ha melhor a candida fragrancia,
A estrella companheira do universo,

A que, ao lado da Fé, do céu jocundo
Trouxe o amor aos páramos terrenos,
A flor mais bella, ao começar o mundo,
Do paraíso nos jardins amenos,

A que, superior ás leis da sorte,
Ha visto, como as ondas do oceano,
Correr, uma após outra, para a morte,
Sem conta, as gerações no errar insano!

A poesia não morre; embora a sciencia
Marche ousada arvorando o pharo ingente,
Nada importa, pois lhe abre a Providencia
Os olhos, para ver unicamente

Que, por alguns segredos que desvenda,
Brotam segredos mil ao longe e ao perto,
Que vae á tôa por escura senda,
Que tudo é vago, transitorio, incerto!

O homem sabe mais do que sabia;
Porêm soffre e trabalha como d'antes,
Ou mais que trabalhava e que soffria;
Do tempo mede os prófugos instantes;

Quer viver; quer gosar; e lucta e anceia,
Com a vista pregada na esperança,
Atrás de um vão phantasma, de uma idéia,
Que é fumo, ou que entrevê e não alcança.

N'esta miseria que se chama vida
Quem (abaixo da Fé, raio celeste)
Nos infunde valor na eterna lida,
Nos leva pela mão na estrada agreste?

Quem lagrimas em perolas transforma?
Quem nos dilata o coração no peito?
Quem com o fado injusto nos conforma?
Quem nos faz desprezar o mundo estreito?

Quem da Patria, da gloria o altar levanta?
Quem divinisa o bem, do bello a imagem?
Quem, ao som da borrasca, sonha e canta
E do céu nos illude co'a miragem?

Quem nos braços do amor nos embriaga?
Quem nos dá azas d'aguia poderosas?
Quem, abelha de luz, nos campos vaga,
Colhendo para nós olentes rosas?

Quem nos torna visivel o invisivel?
Proximo o que é passado, o que é futuro?
Quem converte em possivel o impossivel,
E o fragil barro humano em oiro puro?

Quem? ella, ella sómente, a poesia.
Como ha de pois morrer, se pode tanto,
Se o mundo, sem a ter, não passaria
De um ermo, um val de escuridão, de pranto?

Como ha de a sciencia, obra da materia,
Offuscal-a, se tudo ella domina,
Se é filha cara da mansão siderea,
Se a raia do que existe a não confina?

Cantae portanto, ó almas inspiradas;
O mundo, como sempre, vos escuta;
E a poesia e a sciencia, de mãos dadas,
Erguei no canto, sem temer a lucta.

Que importa ao sol, que passa radiante,
Seiva, força, esplendor da natureza,
Que ave nocturna, só da treva amante,
O fuja, se a não foge e a não despréza?

A poesia não morre; não consomem
Os seculos seu fogo omnipotente;
Com o homem nasceu; é parte do homem;
Com elle viverá eternamente;

E, se um dia acabar a humanidade,
Com a sua divina companheira,
Á voz de Deus, transpondo a immensidade,
Tornará para a patria verdadeira.

ETERNA

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL

Siempre el mundo así fué; pues no es de ahora
Que espíritu y materia anden luchando;
Mas del choque, aun más límpida y sonora,
Sale el alma del vate triunfando.

La peña que en los mares se alza airosa
Ni ráfaga la ofende, ni onda dura;
Que, apenas brilla el sol, aun más hermosa,
Resurge de entre espumas, y aun más pura.

¿Qué importa que la indústria altiva impere
En la tierra, y que entolde de humo el cielo?
¿Que en alas del vapor todo prospere,
Y tierra y mar domine su alto vuelo?

Acaso porque eléctrica corriente
La voz del hombre al hombre comunica,
Acaso porque reina omnipotente
La ciencia que ve todo y todo explica,

¿Del suelo huyó la musa desvalida
Vertiendo triste cuán humilde llanto?
¿Qué? ¿No se ha vuelto á oir su voz, unida
Al sublime fragor de eterno canto?

¿Qué? ¿Ha muerto aquella que encantó la infancia
Del hombre, y le meció la ruda cuna?
¿Aquella que es del bien pura fragrancia,
Del universo sol, del alma luna?

Aquella que el celeste amor fecundo
Trajo á la tierra con la fé serena;
La flor más bella, que, al nacer del mundo,
Brotó del cielo en la mansion amena?

Aquella incontrastable qual la suerte,
Que á mil generaciones vió pasar,
Corriendo una tras otra hacia la muerte,
Como corren las olas de la mar?

No muere la poesía; y si la ciencia,
Osada, anda arbolando luz ingente,
Es que le quiere abrir la Providencia
Los ojos, para ver unicamente

Que, por cada secreto que sorprenda,
Hay mil otros que aun no ha descubierto;
Que á tientas anda y por oscura senda;
Que todo es vago, transitorio, incierto.

Ya sabe el hombre más que antes sabía;
Con todo sufre y pena como antes,
Ó pena y sufre hoy qual no solía;
Ansioso mide y cuenta los instantes;

Quiere vivir, gosar; lucha, jadea,
Con la vista suspensa en la esperanza,
En pos de una quimera, de una idea,
Que es humo, ó que entrevé, y que nunca alcanza.

En la miseria á que llamamos vida,
¿Quién (sin contar la fé, rayo celeste)
Valor infunde al alma dolorida,
Y nos ampara en nuestra vía agreste?

¿Quién en aljófar lágrimas transforma?
¿Quién desahoga nuestro opreso pecho?
¿Quién con el hado injusto nos conforma?
¿Quién nos hace olvidar el mundo estrecho?

¿Quién de la pátria el sacro altar levanta?
Al bien quién presta culto y homenage?
Quién á la voz del trueno sueña y canta
Y el cielo nos revela en su lenguaje?

¿Quién en brazos de amor nos embelesa,
Ó de águila en las alas poderosas,
Ó abeja rútila en flórida dehesa,
La miel nos brinda de fragrantes rosas?

¿Quién nos hace visible lo invisible?
¿Presente lo pasado y lo futuro?
¿Quién convierte en posible lo imposible,
Y el frágil barro humano en oro puro?

¿Quién? Ella solamente, la poesía.
¿Como puede morir si vale tanto...
Si el mundo, no teniéndola, sería
Un triste valle de tiniebla y llanto?

¿Como la ciencia, material, rastrera,
Podrá ofuscar su lumbre cristalina,
Si es flor nacida en la más alta esfera,
Si todo abarca y nada la domina?

Cantad, cantad, oh! almas inspiradas:
El mundo, como siempre, os escucha;
Y á ciencia y á poesía, entrelazadas,
Alzad el canto, sin temer la lucha.

¿Qué importa al sol, que esparce, deslumbrante,
Vida á todo y vigor y luz risueña,
Que el ave aciaga, de la noche amante,
Huya de él, si él no la huye ni desdeña?

No muere la poesía; no consumen
Siglos su claro fuego transcendente;
Con el hombre nació; del hombre es numen,
Que vivirá con él eternamente.

Y quando expire en fin la humanidad,
En brazos de su etérea compañera,
De Dios al orden en la inmensidad,
Encontrará su patria verdadera!

AINDA BEM

Ainda bem que tu' alma é como a sensitiva,
Que á luz casta do céu evaporar-se deixa,
Mas, se lhe toca alguem, com timidez se fecha,
E, já liberta, se abre, e mais que antes captivá.
Ainda bem! D'este mundo os males não conheces;
És do paterno lar a gentil providencia.
Ah! que sempre viver como agora pudesses!
Quão formosa te fôra e placida a existencia!

A CHRISTOVAM COLOMBO

No teu Mediterraneo, mar estreito
Para tanta ambição, tanta ousadia,
Já teu enthusiasmo não cabia,
Ás suas ondas, de pequeno, affeito;
Outra scena a tu' alma precisava:
O oceano sem fim, largo, profundo,
E este povo de nautas que o domava,
E ao mundo absorto desvendava o mundo.

Attrahido da luz da nossa gloria,
Que era tambem como pharol divino,
Ou columna de fogo, que o destino
Te levantou na senda da victoria,
Chegaste a este paiz das maravilhas;
O pélago encaraste frente a frente;
E mil idéias, do teu genio filhas,
Ao vêl-os, concebeste ousadamente.

Sim; foi debaixo d'este céu formoso,
Debaixo d'estas vívidas estrellas,
Foi a bordo das nossas caravelas,
E ao rugido das ondas procelloso,
Que o teu sonho creaste, em hora boa,
Talvez ouvindo a experto navegante,
Velho leão do mar, de pé na proa,
As descobertas do immortal Infante.

Trouxe-te Deus aqui; aqui viveste;
Aqui a gloria dirigiu-te os passos;
Aqui teceu-te amor suaves laços;
Aqui o fructo d'esse amor colheste;
Aqui a tua esposa e companheira
Nasceu; aqui teu filho idolatrado;
Ah! porque não ficaste a vida inteira
N'esta segunda Patria amante e amado?

—Fui de Coimbra á Figueira
Um dia pelo Mondego,
Sempre á vara, sempre á sirga;
Não tinha a gente socego.

Meu amor achei no barco,
E no amor cruel emprego;
É que estava o peito d'ella
Mais vasio que o Mondego.

Mas de Montemor o Velho
Apenas defronte chego,
Eis o rio cheio d'agua;
Finda o meu desassocego.

Provo-a; sahiu-me salgada.
Como és tyranno, amor cego!
A agua doce me negaste;
Dás-me a salgada; arrenego!—

—Ó lago que o céu retratas,
Puro lago de crystal,
Porque não guardaste a imagem
Do seu rosto angelical?

—Porque o céu m'o não consente;
Porque tem ciumes d'ella;
Não quer estar a seu lado;
Teme que seja mais bella.—

—Não descansam minhas maguas;
São como as ondas do mar,
Que na praia, uma após outra,
Ve'm gemer e suspirar.

Mas as praias, mas as rochas
Respondem ao seu falar;
E tu, mais dura do que ellas,
Não me ouves sequer chorar.—

—Se desejas, ó morena,
Que ninguem te arraste a aza,
Quando sahires á rua,
Deixa os teus olhos em casa;

Pois levar essas estrellas,
Pois sorrir d'essa maneira,
E querer que não te sigam,
Não póde ser, feiticeira.—

—O sol ao nascer, é fraco;
No alto do céu mui forte;
Meu amor nasceu já grande;
Foi sempre da mesma sorte.

O sol morre cada dia;
Meu amor não soffre corte;
Viverá com minha vida;
Morrerá com minha morte.—

—Coração, não te conheço,
Dês que estás meu inimigo;
És d'ella; vae do meu peito
No seu procurar abrigo.

Ficarei mais socegado;
Viverei sem ti, commigo;
Mas não posso porque morro;
Espera que já te sigo.—

—Teu corpo é como o castello,
Como o castello d'elrei;
Tem prisões onde se pena;
Tudo lhe obedece á lei.

Prendi-me n'esse castello;
Como me prendi não sei;
Mas os grilhões são teus braços.
Nunca d'elles sahirei.—

—Quando hoje por mim passavas,
Puzeste os olhos no chão.
Deixal-o, disse eu; são falsos;
Seus olhos não quero, não.

Mas, apenas me encaraste,
Senti um sol de verão
Alumiar a minha alma.
Se eu vivo na escuridão!—

—As mulheres cá do Minho
Trabalham sempre a cantar,
Porque lidando e cantando
Fazem as penas voar.

Mas quantas vezes seus olhos
Sentem de pranto molhar!
Quantas em casa os filhinhos
Ficaram sós, a chorar!

Quantas no marido pensam
Que está longe, alêm do mar!
Ai! o meu, coitado d'elle!
Quem já m'o dera abraçar.—

—Tenho ciumes de tudo
Que estimas; não posso ver
A ovelha que tu afagas,
Á tardinha, ao recolher;

Nem as rôlas que tu beijas,
Quando lhes dás de comer;
Nem mesmo as flores que regas.
Tudo me faz padecer.—

—Fui um dia andando, andando
Atrás do meu pensamento,
Como atrás de nuvem de oiro,
Que corresse o firmamento.

Aonde me levas, grito
Afinal, já sem alento;
Porêm nada me responde,
Que tudo se fez em vento.—

—Hontem da tua presença,
Louco, imprudente, fugi;
Mas tua imagem deante
Se me poz, e eu a segui.

Fechei os olhos; debalde,
Porque ás escuras te vi.
É que, seja dia ou noite,
Eu não posso estar sem ti.—

—Andei co'uma vela accesa,
Em procura do meu bem;
Era trevas a minh'alma;
Não me deixou ver ninguem.

Andei co'uma vela accesa;
Veio um vento regelado,
Apagou-m'a de repente;
E fiquei mais desgraçado.—

—Vale muito mais que a tua
A minha terra da Beira;
A gente da tua é falsa;
A da minha verdadeira.

Lá nas serras, do céu perto,
Ama-se de outra maneira;
Na tua um dia sómente,
E na minha a vida inteira.—

—Quero um dia só comtigo
Conversar de manhan cedo,
Antes que o sol nos descubra
Junto d'aquelle penedo,

Para dizer-te que te amo,
Para dizer-t'o em segredo,
De ti perto, muito baixo,
Que tenho que me oiçam medo.

—Minha casa é situada
No ermo d'um valle obscuro;
Serve-lhe o céu de telhado;
Servem-lhe os montes de muro.

Aqui tenho quanto basta;
E nada mais eu procuro;
Que puz entre mim e os homens
D'estes montes o alto muro;

Que é todo o val minha casa;
Minha candeia o sol puro;
Que o céu me cobre e defende,
E com elle estou seguro.—

—Tuas palavras são folhas,
São folhas que leva o vento;
Não creio nas tuas juras;
Te'm ares de fingimento.

—Se nem palavras, nem juras
Acham em ti valimento,
É melhor não nos amarmos;
Que ser muda é um tormento.—

—São bellos de longe os montes
Cobertos co'o manto seu;
Até na côr se confundem
Co'a formosura do céu;

Mas perto são matto e rochas.
Assim o mundo vi eu:
Encantador, se distante,
Feio proximo e sem véu.—

—Onde vaes, flor d'estes campos,
Tão cedo, tão enfeitada?
Não me falas; não respondes;
Porêm fazes-te córada...

—Se córo, não é de ver-te;
Comtigo não tenho nada.
Vou... onde vae meu desejo.
Ai! que linda madrugada!—

Perdido eu ando, perdido,
Sem de mim nada saber;
Perdido porque te vejo,
Perdido por não te ver.

Puz-me junto de um ribeiro
A chorar o meu tormento;
Mas elle levou-me as lagrimas,
E as queixas levou-me o vento.

—Fizemos uma escriptura,
Sem ir ao tabellião,
Testemunhas os teus olhos,
Fiador teu coração.

Mas teus olhos eram falsos;
Disseram sim; dizem não;
Mas, quando menos o esp'rava,
Fugiu-me o teu coração.—

Quem me dera de ti longe,
Nunca ver a face tua,
Tão apartada e distante,
Como está o sol da lua!

—Inda que longe, é o mesmo;
Viverei da vida tua:
O sol da lua está longe,
Porêm do sol vive a lua.—

Não te rias para todos;
Não gosto de ver-te assim;
Não é por mal, imagino;
Mas fazes-me mal a mim.

—Dizem que amor é menino;
Como é que isto pode ser,
Pois tão forte nos captiva,
Pois nos faz tanto soffrer?

—As meninas dos teus olhos
Mais pequenas inda são;
E, com serem tão pequenas,
Prenderam-me o coração.

CANTARES

VERSÃO DO SR. JOSÉ BÉNOLIEL (DAS ULTIMAS NOVE QUADRAS)

Perdido ando yo, perdido,
Que así lo quiere mi suerte,
Perdido porque te veo,
Y perdido por no verte.

A la orilla de un arroyo
Fui a llorar mi gran tormento;
El agua llevó mis lagrimas,
Y mis quejidos el viento.

—Hemos echo una escritura
Para mayor precaucion;
Testigos eran tus ojos,
Fiador tu corazon.

Mas tus ojos eran falsos;
Dijeron sí, dicen no;
Y, cuando menos pensaba,
Tu corazon se me huyó.—

—Quien me diera nunca ver
La cara tuya importuna,
Y estar de tí tan distante
Como está el sol de la luna.

—Aunque de lejos, tu vida
Es mi vida y mi fortuna:
De la luna el sol va lejos,
Mas del sol vive la luna.—

No te sonrias con todos:
No me gusta ver-te así;
No es por mal, bien lo imagino;
Pero me haces mal á mí.

—Dicen que amor és un niño;
Como así puede esto ser,
Si cautiva con tal fuerza,
Y tanto hace padecer?

—Pués las niñas de tus ojos
Aun mas pequeñitas son;
Y, aunque son tan pequeñitas,
Me han robado el corazon.—

VESPERTINAS

AOS MEUS TRADUCTORES

Para vós todos sem cessar adeja
 Minh'alma agradecida,
Ó vates, que á pobreza de meus cantos
 Déstes uma outra vida

Mais extensa e melhor. Echos sonoros
 Que do meu pensamento
A uma parte da Europa me levastes
 A forma e o sentimento,

Bem me lembro de vós; porêm não basta,
 Não basta d'essa gloria
Em silencio guardar dentro do peito
 A agradavel memoria;

É necessario publical-a a todos,
 E, como sei e posso,
Aqui juntos deixar entrelaçados
 Meu nome e o nome vosso;

Meu nome, que entre tantos, quasi occulto,
 Quasi desconhecido,
Sem vós, talvez um dia se escondesse
 Inda em mais fundo olvido;

O vosso, por que diga a quem sou grato,
 Quem meus escriptos préza,
Quem, honrando-me assim, estima e honra
 A lingua portugueza.

A ti vão pois estes singelos versos,
 Ó Peragallo amigo,
Que viveste comnosco tantos annos,
 E emfim buscaste abrigo

Longe d'aqui, na tua illustre Genova,
 Mas de nós não te esqueces,
Antes, de quando em quando, algum tributo,
 Saudoso, lhe offereces,

De Lysia aos fastos já volvendo a cinza,
Já manejando o plectro.
A ti vão, Cannizzaro, que incessante
Lanças em facil metro,

Philosopho-poeta inexgottavel,
Conceituosas idéias,
E de Garrett aos mágicos accentos
Evocas as sereias

Do mar siciliano; e a ti da Grecia
E de Roma sciente,
Que á numaria dedicas o teu culto,
E vertes egualmente

Os carmes da gelada Escandinavia,
Ambrosóli, que um dia
Conheci, conversei na gran cidade
Da rica Lombardia,

Quando alli fui para acabar a *Historia*
Do desditoso Infante,
Martyr da nossa cara liberdade.
A ti vão, ó prestante

Bénoliel, ó bardo, ó polyglotta,
Que com graça profusa
Fizeste que meus hymnos perfilhasse
A castelhana musa;

E a ti, Novôa, de Sevilha orgulho,
Que no hispano idioma
Tambem os trasladaste, sem tirar-lhes
A côr, o viço, o arôma.

A ti Biórkman vão, que, abandonando
Por um momento o estudo,
O meu nome á Suecia revelaste
E o meu engenho rudo;

E a ti, das obras de Camões interprete,
Ó filho de Allemanha,
Que, depois de obrigar a nossa Patria
Com dadiva tamanha,

Te lembraste de mim, da minha lyra,
Ó sempre generoso,
Bom Storck; e a ti de Portugal amigo,
Millien harmonioso,

Que a França, teu paiz, a um tempo serves
E serves nossas lettras,
E da minha poesia no mais intimo
Fielmente penetras.

A todos vós este meu debil canto
Eu mando agradecido,
Que de vós, que de tudo que vos devo
Nunca me hei esquecido.

Assim pudesse eu a um outro ainda
Mandal-o! E esse o primeiro
Seria. Mas ha muito, infeliz Brignoli,
No asylo derradeiro

Jazes; que ha muito nos deixaste, e quando
Da vida a primavera
De gôsos um porvir te promettia,
E tão formosa te era!

Mas, se agora não podes escutar-me,
Se a terra te consome,
Permitte que entre os mais aqui recorde,
Aqui ponha o teu nome,

E que, em signal de gratidão, ao menos
Sobre a campa marmorea,
Que de mim te separa, algumas lagrimas
Dê á tua memoria.

1904

A UMA JANELLA

O janella sem par, lêda janella
Da sua velha habitação querida,
Onde uma vez, gentil, meiga, singela,
Me appareceu co'a trança desparzida,

Onde vi (quem me dera ind'hoje vêl-a!)
De dia em seus pensares embebida,
D'onde, á noite escutei dos labios d'ella
Tanto amor, tanta esp'rança, tanta vida,

Quão differente que tu estás! Embora;
Se te mudam os homens inconstantes,
Se já não posso ver-te como outr'ora,

Tenho-te na minh'alma como d'antes:
És minha, minha unicamente, agora;
Não gosarão de ti outros amantes.

1902—Dezembro 29

Á BANDEIRA PORTUGUEZA

Não te vi tremular no campo da batalha,
Ó symbolo adorado, ao rugir do canhão,
Entre o pó, entre o fumo, entre o sangue e a metralha,
Pharol que induz á gloria ou salva a perdição;

Porêm vi-te, cursando as ondas, sobranceira
No baixel, que, inda infante, á Patria me roubou;
E a ti me consagrei, desde essa vez primeira;
E do exilio tua vista as penas me acalmou.

Ahi, ao contemplar-te, a Patria eu contemplava,
Que tudo que ella é tu cifravas em ti;
E na minha soidão muito mais eu te amava;
E esse meu santo amor nunca, nunca o perdi.

Que bandeira no mundo existe assim formosa?
É como o nosso céu, como o céu portuguez.
Que outra assim ha do tempo a auréola famosa?
Que outra assim bem fadada a Providencia fez?

Qual mais longe levou a Fé, o trato, a gloria?
Qual mais terras e mar percorreu, descobriu?
Qual mais claros heroes incitou á victoria?
Qual estrada mais ampla á humanidade abriu?

Blasonem muito embora essas nações extranhas,
Que da sorte o vaevem pôz acima de nós,
Em altivo pregão, suas obras tamanhas;
A nossa foi maior; e acabámol-a sós.

Mas a ser voltará teu destino jocundo,
Bandeira, pois a Patria inda outra ha de ser;
Pois quem tem este solo em fructos tão fecundo,
Quem este mar que o banha, e o não pode esquecer,

Este mar que lhe deu n'uma parte a existencia,
Que seu theatro foi, que tanto inda lhe diz,
Que, se o quizermos nós, lhe dará opulencia,
Lhe prestará vigor, que o tornará feliz,

E n'elle, aureo collar esparso, tantas ilhas,
E n'Africa um imperio, e uma altiva ambição
Capaz de executar de outr'ora as maravilhas,
Deve, e ha de, cumprir sua augusta missão.

Mas é força aprender, trabalhar indefesso,
Que a sciencia não pára, e a lida traz valor;
O perdido ganhar na senda do progresso;
Acordar, emergir d'este longo torpor.

Temos dormido assaz nos braços do passado,
Cegos a mente, o olhar em sua intensa luz.
Basta de proseguir n'esse sonho encantado,
Que ás vezes ao abysmo a cegueira conduz;

Antes, antes, sobre elle (e não conta outro povo
Mais illustre, melhor, mais firme pedestal)
Á custa de fadiga, elevemos um novo,
Se não forte qual foi, ditoso Portugal.

Próspera a Patria emfim, como serás mais bella
Das quinas ó bandeira, ó bandeira sem par!
Tempo é já de mudar a tua negra estrella:
Chamam-te novamente o céu, a terra, o mar.

O que imagino, então, far-se-ha realidade;
E no tope gentil dos altos mastaréus
Tu irás navegar do oceano a immensidade,
E alcançar para a Patria honra, bens e trophéus.

Mas então, e hoje, e sempre, ó famosa bandeira,
Feliz ou infeliz seja a nossa nação,
Dar-te-hemos todos nós, durante a vida inteira,
Nobre culto de amor no altar do coração.

1907—Maio 16

AO DR. XAVIER DA CUNHA

No meio da geral indifferença
Vem alentar-me a tua voz amiga:
Despréza d'este mundo a malquerença,
Diz-me ella, e segue pela estrada antiga.

Eis o que julgo ler no que me escreves [1]
Pela mão indulgente da bondade.
É que meus versos entender tu deves:
Conheces-me; e são filhos da verdade.

Por isto, e porque a Patria muito estimas,
Não por elles, o applauso te mereço.
Nas tuas caras expressões me animas;
Graças pois, graças mil eu te offereço.

Ah! mas, por mais que falem os louvores,
Com minha penna quasi nada pinto!
Depuz no altar da Patria algumas flores;
É um echo apenas do que n'alma sinto.

(1) A proposito da poesia antecedente.

A JOSÉ RAMOS-COELHO

(DO DR. XAVIER DA CUNHA)

(Em agradecimento da poesia anterior)

Brilhas... qual brilha o sol no firmamento:
Não te basta o brilhar! mas illuminas
Quem te escuta feliz canções divinas,
Quem feliz segue apoz teu pensamento!

Ha quem brilhe egoista; ha quem o intento
Mostre só de brilhar! ha quem boninas
Queira só para si! e ha quem mofinas
Sortes deseje aos outros ciumento!

Mas tu, nobre altruista, és qual violeta
Que modesta se esconde e aromatiza
Relvas circumvizinhas: tu, poeta,

Brilhas illuminando, — e por tal guisa
Que, se uma insignia houveras predilecta,
«Luzir e arder» [1] lhe deras por divisa.

30 de Outubro—1907

FLAUTA CAMPESTRE

Não me vistes n'esses valles,
Não me vistes n'esses montes,
Que cercam os horizontes,
Nem á sombra dos pinhaes,
N'esses logares tão ermos,
Do mundo tão apartados,
Onde, fugindo a cuidados,
Agora o tempo gastaes?

Pois estive tambem n'elles,
Na tarde de um certo dia,
Não em vossa companhia,
Mas co'a natureza a sós,
Antes, não com ella apenas,
Com ella e o meu pensamento,
Que é meu amparo e tormento,
Meu amigo e meu algoz.

Sim, quando vós, eu lá era,
Sem vos ver, sem que me visseis,
Sem que os passos me sentisseis,
Nem os gemidos sequer,
Os gemidos que da lyra
Desprendi melodiosos
N'esses retiros umbrosos,
Que jamais posso esquecer.

Para prova da verdade,
Remetto-vos esses versos.
São um echo, uns sons dispersos
Do que então disse e pensei;
E, se não merecem credito,
Interrogae vos conjuro
As brisas d'esse ar tão puro.
Desmentido não serei.

Para minhas testemunhas
Outras não quero melhores;
Mas, se as não crêdes, as flores
Tambem podeis perguntar,
Porque ellas, tenho a certeza,
Hão de dizer que me ouviram,
Hão de dizer que me viram
N'esses campos a scismar.

---

[1] *Ardere & Lucere*, divisa do santo Arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Entenda-se não em corpo;
Em espirito sómente:
Sonhava-me lá presente
Em phantastica visão;
Chega a vossa carta; acordo;
E conheço que lá estava,
Mas nos versos que traçava.
Eis do caso a explicação.

Se por isso não me vistes,
Nem me escutastes o canto,
Não imagineis emtanto
Que egual coisa succedeu
Ou ás flores, ou ás brisas,
Que, por natural instincto,
Fogem do mundo o recinto,
Buscam o campo do céu,

Em união invisivel,
Em consorcio myst'rioso,
E ao céu o hymno mavioso
Levam de paz e de amor
Do que, a ellas semelhante
Na liberdade e perfume,
Aspira da gloria ao cume,
Do enthusiasta cantor.

Por tamanha affinidade,
Por tão apertado laço,
Todos três, mau grado o espaço,
Se entendem, se ouvem, se vê'm;
Por esse condão divino
Lá para ellas fui presente,
Para vós posto que auzente.
Eis os versos; lêde-os bem.

É severo e triste o sitio:
Montes só ao longe e ao perto;
Ninguem, ninguem se descobre;
Tudo em roda está deserto.

Por toda a parte escurecem
O chão cerrados pinheiros,
Para o ar alevantando
Os seus cimos agoireiros.

É severa e triste a hora,
A hora do fim do dia,
Que nos chove dentro d'alma
Extranha melancholia.

Já se foi o sol ha muito;
Já ve'm as sombras cahindo,
Mas não inda a cor e especie
Dos objectos confundindo.

Ó do crepusc'lo da tarde
Hora encantada e saudosa,
Que mal desfructa a cidade,
Como no campo és formosa!

Lá o pensar distrahido
Não vê, não ouve, não sente
Os effluvios que derramas
Do teu véu suavemente;

Lá a turba nos opprime;
Lá o mundo é sempre o mundo;
Ao sol succedem mil luzes,
Ao trabalho o rir jocundo,

Ou os brados da miseria,
Ou os da inveja e da intriga,
Que a cidade mais que festas
A desdita e o pranto abriga.

Lá o coração esconde-se,
Geme só então no peito,
E não sa'e, porque o não deixam
Aos olhos, em agua feito.

Porêm aqui quão diversa
Esta hora calma e fagueira,
A derradeira do dia,
E das sombras a primeira!

Aqui, sem querer, mal chega,
N'ella, em nada mais pensâmos,
Que do mundo que nos cerca
De todo nos olvidâmos.

E não haver n'estes ermos
Uma alma da minha irman,
Que aqui fuja como eu fujo
D'esse mundo a pompa van!

Quem a Deus as mãos eleve,
E suba a Deus n'uma prece,
Agora que a natureza
Templo gigante parece,

De altas, profundas arcadas,
Onde luz incerta côa,
Onde a alma quêda em extase,
Onde a voz do céu rebôa!

E não haver n'estes ermos
Quem soffra de amor as penas
E conforto busque á magoa
N'estas regiões serenas,

Tão sós, tão mudas e agrestes,
Mas dos homens tão distantes,
Que adrede o Senhor ha feito
Para as dores lancinantes.

Ninguem! Tanta soledade
No espirito meu já pésa,
E, como á terra, m'o envolve
No seu manto de tristeza.

Ninguem! Mas ao longe, ao longe
Não sôam debeis gemidos?
E ponho o pensar álerta,
E ponho álerta os ouvidos.

Já muito melhor os oiço,
Que já d'aqui se approximam,
E a pouco e pouco estes sitios,
Só de escutal-os, se animam.

É a flauta dos pastores,
D'algum que vae retardado
Ao aprisco recolhendo
O poento, manso gado.

Toca, ó flauta montesina;
Povôa-me este deserto;
Vem soltar os teus queixumes
Aqui junto, de mim perto.

Sou capaz de compre'nder-te;
Ha muito sou teu amigo;
Vem, ó pastor, por instantes
Quero conversar comtigo.

Quão bem tanges, rude flauta!
Nunca vi maior encanto.
Os teus sons harmoniosos
Casam-se á minh'alma tanto!

Alvoroça-me os sentidos
Esta musica singela;
Arrebata-me; suspende-me;
Não ha outra assim tão bella.

Nem a de mais voga e fama
De Donizetti, ou Rossini,
Ou do roixinol da Italia,
O incomparavel Bellini;

Que á d'elles falta o scenario
D'esta solidão agreste,
Este silencio dos campos,
Esta abobada celeste,

Esta luz tão seductora,
Que gradualmente se apaga,
E nos mostra a natureza
N'uma forma aeria, vaga,

N'uma forma, que antes crêreis
Ser do céu, do que da terra,
Que nos move a doces penas,
E do mundo nos desterra.

Toca, ó flauta montesina;
Anima-me este deserto;
Vem soltar os teus queixumes
Aqui junto, de mim perto.

Porêm mais e mais se alongam
Os seus sons e se enfraquecem;
Já quasi não se distinguem;
Já de todo desparecem.

Eis de novo só me vejo;
Mas não só; que aqui existe
Alguem que, talvez de amores
Padecendo, geme triste,

Alguem que o tempo aqui leva,
Como eu levo solitario,
Quem se nutre de esperanças,
Ou lamenta o seu fadario;

Pois tudo isto ella me disse
Na sua magica toada,
Tão simples, tão expressiva,
Tão meiga, tão namorada.

Mas não só; que aquella flauta
Assim ouvida distante
Foi um balsamo sem preço
Ao meu coração amante.

Que aquella flauta, áquella hora,
Á hora do fim do dia,
Invisivel companheira
Da minha melancholia,

Em mim calou, e tão fundo,
Que hei de sempre, sempre ouvil-a,
Inda mesmo de ti longe,
Ó minha soidão tranquilla;

Inda mesmo no tumulto
Da cidade ruidosa,
Onde tanto me aborreço,
Onde tanta gente gosa.

E quando da turba inutil
Eu quizer estar auzente,
E figurar-me estes campos,
Bastará unicamente

Evocar-te na memoria,
Ó minha flauta campestre
Para ouvir-te, para vêl-a,
Esta solidão silvestre.

E vós, ó montes e valles,
E vós, densos arvoredos,
A que errante hei confiado
Meus reconditos segredos,

Montes outr'ora tão ermos,
Valles tão ermos outr'ora,
Arvoredo tão sombrio,
Quão diversos sois agora!

Tão diversos que me custa
De vós até apartar-me;
Tão diversos que quizera
Até comvosco ficar-me.

É que aquelles sons maviosos
A meus olhos vos mudaram,
Vos revestiram de enlevos,
De visões vos povoaram.

Graças, graças pois, ó flauta,
Que me commoveste tanto:
Foste o allivio da minh'alma;
És d'estes sitios o encanto.

1899 — Setembro

QUEM ME DERA...

Quem me dera chorar como chorava,
Quando amor entre os prantos me sorria,
Qual ás vezes, se a chuva a terra lava,
Por entre ella resplende o rei do dia.

Quem me dera sonhar como sonhava,
E até os desenganos que sentia,
Quando a realidade me acordava,
E os tormentos crueis que então soffria.

Lagrimas, vinde mitigar-me o peito;
Sonhos, levae-me d'este mundo estreito,
Onde gélo, onde o tedio me consome.

Soccorrei-me a existencia, por piedade!
Que sem vós, que sem vossa claridade,
Me perco; e o ar me falta; e morro á fome.

1900 — Março 27

NO CENTENARIO DE CASTILHO

Fechou-te para o mundo a Providencia
Os olhos corporaes,
Quando mal encetavas a existencia;
E não o viste mais.

Não viste mais o céu que te cobria,
E as nítidas estrellas,
E o sol, fonte perenne de alegria,
E tantas coisas bellas,

Que ao esplendido sol da juventude,
De jubilo se adornam,
E a existencia, depois aspera e rude,
N'um paraíso tornam.

Não viste mais os azulados montes,
Nem do campo os verdores;
Não viste mais as prateadas fontes,
E as aves multicores.

Não viste nada mais; mas semelhante
Á flor mysteriosa,
Que, ao vir da noite a sombra negrejante,
Cerra as folhas mimosa,

E guarda dentro em si o seu perfume,
Para se abrir mais tarde
Mais rescendente ainda, quando o lume
No alto céu já arde,

Assim tu'alma branda e pequenina,
Repleta de fragrancia,
Guardou em si a imagem crystallina
Dos teus sonhos da infancia,

Perdida a luz dos olhos, para um dia
Se descerrar fluente
Em niagara, mas de estro e de harmonia,
Á voz do Omnipotente.

E esse dia chegou breve:
Um anjo do céu baixou,
Com azas brancas de neve,
E a tu'alma franqueou.
E aos hymnos qu'elle soltava,
Com que tudo deleitava,
Tudo fazia pasmar,
Ella sahiu feiticeira
Cantando de egual maneira
O mais suave cantar.

Nunca uma voz tão maviosa
Entre homens se ouviu assim.
Era a tua voz formosa?
Ou era a do cherubim?
Como saber de quem era,
Se parecia de esphera,
Baixar a nós, sup'rior?
Gemia ternas endechas,
Modulava doces queixas,
Falava de paz e amor.

Depois, cheio de ternura,
O anjo tomou-te a mão,
E da treva densa, escura,
Dissipou-te a cerração.
Os olhos d'alma espraiaste,
Outro mundo e sol achaste,
Diff'rentes do mundo teu;
Mas do que antes n'elle viras,
Mas do sol a que te abriras
Tu'alma não se esqueceu.

É que da infancia os fulgores
Guardaras dentro de ti,
E, aspirando-lhe os odores,
Te julgavas inda alli.
Por isso teu pensamento
Já se alteia ao firmamento,
Já até aos homens vem,
Porque teus mélicos versos
Os mais bellos sons, dispersos
No céu, na terra, contem;

Teus versos, onde á harmonia
Entre os vates singular,
Se casa a melancholia,
E muita fé, muito amar;
Onde o mais rico thesoiro
Do portuguez, sem desdoiro,
Fizeste resplandecer;
Teus versos e tua prosa,
Que tão pura, tão formosa
Ninguem a póde escrever.

Foram ainda lembranças
D'essa edade juvenil
Que attrahiram ás creanças
Teu espirito gentil.
Cegas, mas da intelligencia,
Com olhos, mas sem sciencia,
Com sol, e sem terem luz,
Tu para ti as chamaste,
E as acolheste, e as amaste,
Como o divino Jesus.

Foi inda o anjo formoso,
Que a alma te descerrou,
Quem teus ouvidos bondoso
Ao tenro bando inclinou.
E foi n'um dia como este,
Quando ha um seculo nasceste,
Que esse anjo o Senhor te deu.
D'esse anjo, ó grande Castilho,
Tu és o dilecto filho,
E é poesia o nome seu.

1900—Janeiro 16

FRANCISCA DE RIMINI [1]

(DE DANTE)

(Fragmento do Canto v do *Inferno*)

D'esses varões e donas tendo ouvido
Ao meu doutor a historia, tal piedade
Senti, que fiquei quasi succumbido.

E comecei: poeta, com vontade
Falára áquelles dois que juntamente
Leva o vento com tanta agilidade.

Ao que elle: quando mais proximamente
Fôrem, tu pelo amor que ambos inspira
Lh'o pede: hão de attender-te certamente.

Logo que o vento pois a nós os vira,
Vinde falar-nos, clamo, almas penadas,
Se de outrem n'isto não provaes a ira.

Quaes pombas do desejo estimuladas,
Que, azas abertas, o seu ninho brando
Buscam, em firme vôo, apressuradas,

Assim dos réus a turba os dois deixando,
Tão forte foi o grito affectuoso,
Vôam a nós, o ar mau atravessando.

---

[1] Veja-se a nota.

Ó mortal, agradavel, generoso,
Que visitando vens n'este ar adverso
Os que o mundo tornaram sanguinoso,

Se amigo o Rei nos fosse do universo,
Nós paz lhe pediriamos te désse,
Pois te compunge nosso mal perverso.

Dize quanto dizer se te offerece,
Que a tudo que disseres se responde,
Emquanto o vento a repoisar se esquece.

Na marinha nasci, na costa onde
Co'os affluentes seus o Pó descende,
E, para socegar, no mar se esconde.

Amor que as ternas almas cêdo prende
Prendeu este da minha formosura,
Que me roubaram; como, inda me offende.

Amor, que amor compensa com ternura,
A este me ligou em nó tão forte,
Que aqui inda hoje, como vês, perdura.

Amor deu-nos aos dois a mesma morte;
A negra furna de Caína espera
Quem nos assassinou por esta sorte.

Apenas um e outro assim dissera,
Eu os meus olhos abaixei, e tanto,
Que o meu poeta perguntou o que era.

Ao que lhe respondi: ah! quanto, quanto
Doce pensar, e anhelo arrebatado
A esse fim os levou digno de pranto!

Isto dizendo, para os dois voltado,
Principiei: Francisca, as tuas dores
Obrigam-me a chorar-te consternado;

Mas dize-me: no tempo dos amores
Porque, e como foi que tu sentiste
Da paixão os desejos tentadores?

Ao que ella a mim: nada peor existe
Que lembrar na desgraça a f'licidade.
Bem o sabe o poeta que te assiste;

Mas, se tamanha é tua vontade
De ouvir do nosso amor o fundamento,
A chorar contarei toda a verdade.

Por distracção, de mêdo o peito exempto,
Como foi Lançarote a amor captivo
Liamos, sós, um dia, um e outro attento;

E, lendo-o, muita vez o olhar mais vivo
Trocámos, descorou-nos o semblante;
Mas foi um ponto só o decisivo.

Ao ver beijados por tão grande amante
Os labios que elle tanto anciado havia,
Este que me é e me será constante

Beijou meus labios, e ao beijar tremia.
Foi o culpado o auctor e o seu escripto.
Depois, não lêmos mais n'aquelle dia.

Emquanto que por um isto era dito,
O outro chorava assim na magoa absorto,
Que eu desmaiei de compaixão, afflicto,
E cahi como cahe um corpo morto.

1907—Novembro.

FRANCESCA DA RIMINI

Poscia ch'io ebbi il mio dottore udito
Nomar le donne antiche e i cavalieri,
Pietà mi vinse e fui quasi smarrito.

Io cominciai: poeta, volentieri
Parlerei a que' duo che 'nsiene vanno,
E pajon sì al vento esser leggieri.

Ed egli a me: vedrai quando saranno
Più presso a noi; e tu allor li prega
Per quell' amor che i mena, e quei verranno.

Sì tosto come 'l vento a noi li piega,
Mossi la voce: o anime affannate,
Venite a noi parlar, s' altri nol niega.

Quali colombe dal disio chiamate,
Con l'ali aperte e ferme al dolce nido
Volan per l'aer dal voler portate;

Cotali uscir della schiera ov' è Dido,
A noi venendo per l'aer maligno;
Sì forte fu l' affettuoso grido.

O animal grazioso e benigno,
Che visitando vai per l' aer perso
Noi che tignemmo 'l mondo di sanguigno;

Se fosse amico il Re dell' universo,
Noi pregheremmo lui per la tua pace,
Po' ch' hai pietà del nostro mal perverso.

Di quel ch' udire e che parlar vi piace,
Noi udiremo e parleremo a vui,
Mentre che 'l vento come fa si tace.

Siede la terra dove nata fui
Su la marina dove 'l Po discende
Per aver pace co' seguaci sui.

Amor ch' al cor gentil ratto s'apprende
Prese costui della bella persona
Che mi fu tolta, e 'l modo ancor m'offende.

Amor ch' a nullo amato amar perdona,
Mi prese del costui piacer sì forte,
Che come vedi ancor non m'abbandona.

Amor condusse noi ad una morte:
Caina attende chi 'n vita ci spense:
Queste parole da lor ci fur porte.

Da ch' io 'ntesi quell' anime offense,
Chinai 'l viso e tanto 'l tenni basso,
Fin che 'l poeta mi disse: che pense?

Quando risposi, cominciai: oh lasso,
Quanti dolci pensier, quanto disio
Menò costoro al doloroso passo!

Poi mi rivolsi a loro e parlai io,
E cominciai: Francesca, i tuoi martiri
A lagrimar mi fanno tristo e pio.

Ma dimmi: al tempo de' dolci sospiri,
A che, e come concedette amore,
Che conosceste i dubbiosi desiri?

Ed ella a me: nessun maggior dolore,
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria; e ciò sa 'l tuo dottore.

Ma se a conoscer la prima radice
Del nostro amor tu hai cotanto affetto,
Dirò come colui che piange e dice.

Noi leggevamo un giorno per diletto
Di Lancilotto come amor lo strinse:
Soli eravamo e senza alcun sospetto.

Per più fiate gli occhi ci sospinse
Quella lettura e scolorocci il viso;
Ma solo un punto fu quel che ci vinse.

Quando leggemmo il disiato riso
Esser baciato da cotanto amante,
Questi che mai da me non fia diviso

La bocca mi baciò tutto tremante:
Galeotto fu il libro e chi lo scrisse:
Quel giorno più non vi legemmo avante.

Mentre che l'uno spirto questo disse,
L'altro piangeva sì, che di pietate
Io venni men così com' io morisse,
E caddi come corpo morto cade.

A VIEIRA LUSITANO

Quando, de enthusiasmo arrebatado,
Tomavas o pincel, nobre Vieira,
Ignez, a tua amante e companheira,
Junto da Gloria punha-se a teu lado.

Vendo-as, ia-te o olhar maravilhado
De uma á outra, e egualava-as de maneira
Qu'era uma como a outra feiticeira,
E uma da outra o mais fiel traslado.

Deram-te azas de luz á farta mente
O amor da mulher, o amor da arte:
N'ellas bebeste a inspiração sómente;

E comprovaram tanto, tanto amar-te
Ignez e a Gloria, que, ó pintor ingente,
Inda vivem comtigo em toda a parte.

1901—Abril 8

A UMA LEITORA

É possivel? Os meus versos,
Que dispersos
Por esse mundo soltei,
Como um bando de avesinhas,
Pobresinhas,
Que na minh'alma creei,

A tu'alma commoveram?
Que disseram
Que te obrigasse a chorar?
Pois ha n'elles tal encanto?
Pode tanto
O meu humilde trovar?

É que acharam no teu peito
Ninho affeito
A sentir dos mais a dor;
É que n'elle os recolheste,
E lhes deste
Vida, agasalho, calor;

O calor dos vinte annos,
Todo enganos,
Todo sonhos e illusão,
Que inda o mundo... mas que digo?
Não prosigo;
Fique em paz teu coração.

Baste já ter-te levado,
Malfadado,
Esses prantos a verter;
Já culpa não é pequena;
Dura pena
Por isto devo soffrer.

Que as lagrimas n'essa edade,
Em verdade,
São faceis, não trazem fel;
São de affecto, de ternura;
De mixtura
Té nas mais tristes ha mel.

São qual das noites do estio
O rocío,
Que, ao brilhar dos céus a luz,
Torna suas gottas brilhantes
Em diamantes,
E só ledice produz.

Mas, se, de tudo a despeito,
No teu peito
Desejas os versos meus,
Se lhes relevas piedosa,
Generosa,
A culpa de que são réus,

Acolhe-os de vez em quando
N'esse brando
Ninho tépido e gentil,

Onde a graça á juventude
E á virtude
Se junta em sereno abril;

Que á força de recordal-os
E escutal-os
Harmoniosos resoar,
Far-te-hão suave tristeza
Com certeza,
Mas não te farão chorar.

Assim no teu bello rosto
Do desgosto
As lagrimas não verei,
E não pena, recompensa,
Grande, immensa,
Terão elles, e eu terei.

Mas porventura o mereço?
Não o peço;
Fôra ousadia de mais;
Só o lembro, e muito a medo,
Em segredo.
Temo a inveja dos mortaes.

Se não, deixa-os, innocente;
Que sómente
Quero que os versos que fiz
Não turbem de novo a calma
Da tu'alma;
E vive sempre feliz.

1902—Dezembro 31

REFUGIO

Quando me ponho a meditar nos annos
Á voragem do tumulo descidos,
E noto como em vão foram vividos,
Ou como foram para mim tyrannos,

Auguro, escarmentado de seus damnos,
Que outros virão com elles parecidos,
Ou mais pelo infortunio escurecidos,
E evito ler do tempo nos arcanos.

Então fujo do que é para o passado,
Que vejo d'estes ermos do presente
A falar-me de tudo que hei amado,

Como visão phantastica e gemente,
Como vulcão no seio inda abrasado,
Como templo de lagrimas ardente.

1900—Março 26

FELICIDADE MATERNA

Sopra o vento impetuoso;
Bate a chuva na vidraça;
É noite escura, medonha;
Pela rua ninguem passa.

Porêm nós em nossos lares
Do vento e chuva zombâmos,
E com Deus, ó meu esposo
Da paz o bem desfructâmos.

Guarda-nos nossa filhinha
Do céu ha pouco chegada,
Que dorme ao som da tormenta
No seu berço descansada.

Que mansidão! Que innocencia
Tem no rosto angelical!
É nossa unica riqueza;
Não ha no mundo outra egual.

Os seus olhos grandes, lindos,
Estão de todo fechados,
Mas parece que fulguram,
Qual se fossem descerrados.

Os seus labios pequeninos,
Que tantas vezes beijâmos,
Sorriem-nos meio abertos;
Dir-se-hia que os escutâmos.

Dorme; e no somno respira
Poesia, amor, perfume;
Dorme; e verte do seu corpo
Da sua alma o doce lume;

Que não sei que raio ethereo
Lhe dá tamanha expressão,
E nos enche de alegria
Té ao fundo o coração.

No afôfado travesseiro
Tem deitada a face pura,
Mais macia do que rosas,
De leite e rosas mixtura.

Tem sobre a roupa de neve
Os gordos e nus bracinhos,
Que parece nos estende
Buscando nossos carinhos.

Como é bello estarmos juntos
N'esta paz encantadora
Dentro dos lares, emquanto
Rugem os ventos lá fóra!

Foi n'uma noite como esta
(Qual se hontem fosse, me lembro)
N'uma noite procellosa
Do frio mez de Novembro,

Que ella pela vez primeira,
O nosso anjo de innocencia,
Abriu os olhos no mundo,
E começou a existencia.

E, desde então, a nós ambos,
Por ella e por Deus guardados,
Te'm-nos os dias corrido
Risonhos e bem fadados,

Descobrindo cada hora
Uma graça em seu semblante,
Rodeando-a de desvelos,
De afagos a todo o instante,

Sentindo crescer com ella
A nossa felicidade,
Vendo o céu nos seus encantos,
O céu na sua bondade.

Dorme, dorme, minha filha,
Ao rebramar da tormenta,
O teu somno de innocencia,
Que tua mãe te acalenta;

Dorme; e aos anjos com quem falas
Pede alcancem do Senhor
Que das procellas da vida
Nos livre e dê muito amor;

Que nos conserve a teu lado
Por muitos e longos annos,
Para guiar os teus passos
Entre os escolhos mundanos;

E que afinal nos separe
De ti Deus, mas pela morte,
Mas só quando, ó minha filha,
Fôr ditosa a tua sorte.

A GLORIA DE CABRAL

NO QUADRICENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Ha quantos, quantos dias proseguimos
N'este rumo sudoeste, e inda não vimos
Senão o mar e o mar,
E nem sequer uma de tantas ilhas,
Que julgam n'elle haver, as nossas quilhas
Lograram encontrar!

A chusma já murmura impaciente:
Basta de navegar para o poente
N'este oceano sem fim;
Já d'ella com receio aos alvorotos,
A uma voz me perguntam os pilotos:
Onde vamos assim?

É a India, não outra, a nossa rota;
Mais do que andar cumpria andou a frota
Para o cabo transpor;
Não a arrisqueis portanto sem proveito;
Á India, á India pois d'aqui direito;
Attendei-nos, senhor!

E na sua sciencia calumniam-me;
E, injustos, até mesmo pronunciam-me
Por vassallo infiel,
A mim, que tal affronta não mereço,
A mim, que só ás ordens obedeço
D'elrei D. Manuel.

Á India, disse-me elle, á despedida,
N'esta frota de tudo apercebida,
Impor o jugo vaes,
Mas da Guiné as calmas evitando,
Corre para occidente navegando
Quanto puderes mais.

Talvez que, de caminho, descoberta
Seja por ti alguma terra incerta,
Ou que ninguem sonhou,
Mais que Duarte Pacheco venturoso,
Que já mandei por esse mar undoso,
E nenhuma avistou.

Que immenso contentamento,
Ó rei, de ouvir-te senti!
Penetrei teu pensamento,
Porque o meu n'elle bem li.
Tinhas ciume de Castella,
Ciume de agora vêl-a
N'estes mares imperar;
Querias aos teus dictados,
A tanto custo ganhados,
Um outro ainda juntar.

E eu, como tu, me sentia
De ciume arder tambem,
Porque tinha a fidalguia
Que só dos avós provem,
E os seus limites estreitos
Alargar co'os proprios feitos
Desejava, mas em vão;
E anciava luz, espaço,
Para mostrar o meu braço,
E o meu forte coração.

Desde muito novo, a gloria
No seu fogo me incendeu;
Mas da portugueza historia,
Onde minh'alma a aprendeu,
O que mais me estimulava,
Me prendia, enthusiasmava,
Como não chego a dizer,
Era do mar as façanhas,
Tão illustres e tamanhas,
Nas paginas suas ler.

Com que sofrego alvoroço
Meu pensar seguiu depois
D'este bello tempo nosso
Os argunautas heroes!
Com que inveja, clara inveja,
Que honra e trabalho dezeja,
Triumphantes os saudei,
Ao voltarem gloriosos,
E que sonhos tão formosos
De imital-os não sonhei!

Pois quando Vasco da Gama
Da India feliz tornou,
Como ambicionei a fama,
Que entre as nações conquistou!
Então só tive uma idéia
De visões ridentes cheia:
Anhelei ser d'elle egual,
E, em vez de viver inglorio,
Augmentar o territorio
Do meu caro Portugal.

Por isso a elrei o commando
D'esta viagem pedi;
E, os perigos desprezando,
A servil-o me atrevi.
Que á India passe me ordena,
Certo mercê não pequena;
Mas nutro ambição maior:
É pouco trilhar o rasto
D'outrem; meu fim é mais vasto:
É ser eu descobridor.

Por isso immensa alegria
Me fez d'elrei a instrucção
De cruzar, como eu queria,
D'estes mares a extensão.
E, se não m'a désse, embora,
Por mim devassal-os fôra,
Porque julgo que talvez,
Alêm das ilhas que achado,
Pelo nosso mau peccado,
Tem o ardido genovez,

Ha outras da mesma sorte,
Ou um continente ha,
Que se alonga desde o norte,
E no sul acabará.
Porêm terra não se alcança;
E toda a minha esperança
Vae-se a nada reduzir;
Mais a deante andar não devo;
Já mui longe a armada levo;
Ao meu rumo tenho de ir;

Ao rumo d'esse Oriente,
Que m'incumbe elrei buscar.
D'esta miseranda gente
É força a voz escutar.
Adeus, projectos queridos;
Vejo-vos quasi perdidos;
Breve sereis sombra van!
Que á India me tornaria
Prometti-lhe, d'hoje a um dia.
Acabereis ámanhan!

D'esta sorte Cabral a si falava
Da capitanea á pôpa, só, velando;
E o céu e o mar ás vezes contemplava,
Como que o céu e o mar interrogando;
Mas um e outro silencioso estava;
Té que, de tanto imaginar cansando,
Presa afinal de desalento amargo,
Pendeu a fronte em intimo lethargo.

Emtanto unida a portugueza frota,
Ao resplandor das nitidas estrellas,
Continuando para oeste a rota,
Ao vento de feição largas as vellas,
Seguia acautelada a via ignota,
Alerta no convez as sentinellas,
E na prôa, que as ondas dividia
Attento o marinheiro de vigia.

Aqui, alli, para entreter as horas
Do quarto, alguns á turba circumstante
As descobertas narram tentadoras
Das caravelas do immortal Infante,
As calmas da Guiné abrasadoras,
Insoffriveis ao pobre mareante,
As tormentas, as fomes, os perigos,
As doenças, os povos inimigos.

Porêm o que interesse mais reclama
De todos é ouvirem a viagem
Que os companheiros do arrojado Gama
Contam, porque é de todos a miragem
A India, porque a India a todos chama,
E lhes incita a marcial coragem;
Assim que, de escutal-os tão sómente,
Nas plagas se imaginam do Oriente.

Á India, á India! bradam. Só deixámos
Por ella quanto a gente mais estima;
Por ella nossa Patria abandonámos;
Por ella iremos ao mais longe clima,
Sem medo a privações, como juramos;
Eis o desejo só que nos anima,
Não este mar correr talvez sem termo,
Nunca jamais sulcado, ingrato e ermo.

Á India, á região abençoada
Do luxo, do commercio, da riqueza,
Dos reinos do universo cubiçada,
E que fadou tão bella a natureza,
Á India, que será por nós domada,
Não resistindo á furia portugueza,
Á India, á India dentro em pouco iremos,
Que ámanhan no seu rumo nos faremos.

N'esta pratica e n'outras consumiram
Impacientes a noite os marinheiros,
Até que despontar ao longe viram
Da aurora, que esperavam, os luzeiros,
E alegre o coração bater sentiram
Aos impulsos da gloria verdadeiros.
Só Cabral ainda á pôpa meditava,
Insensivel ao dia que assomava.

Mas quando o sol esplendido
Emerge do horizonte,
Acorda do deliquio,
Desannuvia a fronte,
E em si depara insolita,
Nunca provada luz,

Que o despe das miserias
Da fraca especie humana,
Que um limpido revérbero
Da força soberana
Projecta em seu espirito
E a esp'rança lhe conduz.

Então de novo ás aguas
O olhar experto inclina,
E alonga-o té ao término
Da liquida campina;
Porêm nenhum phenomeno
Avizo lhe é do céu.

Depois á azul abobada
Os olhos alevanta,
E nota uma ave mystica,
Bella, que nada espanta,
Voar, descer, da gavea
Poisar no mastaréu.

Salve, da terra nuncia,
Que a terra nos envia,
Ou, antes, o alto empyreo,
A nos servir de guia!
Só eu te vi! Prodigio!
Perdão, perdão, Senhor,

Se n'um momento unico
Cedi ante a fraqueza;
Bem sabes qu'ella é propria
Da nossa natureza;
E que é o meu proposito
Da Fé ser defensor.

Só n'um momento unico.
No mais fui sempre crente.
Chamavas-me, chamavam-me
Aos mares do occidente
A Patria, a minha gloria,
As ordens do meu rei.

Venci contra os incredulos
A porfiada guerra.
Posso descer ao tumulo:
Dos sonhos meus a terra,
Occulta pelos seculos,
Por teu favor achei.

Acaba; e de mil flammulas
De cores variadas,
De mil bandeiras candidas
Co'a cruz atravessadas
Como em signal de jubilo,
As naus manda adornar,

Emquanto a capitanea
No real tope arvora
De Portugal a insignia
Do oceano vencedora,
Que veio um mundo incognito
Aos homens desvendar.

Depois aos seus dirige-se,
E diz d'esta maneira:
É grande a Providencia;
Grande é nossa cegueira;
É grande o beneficio
Que Deus hoje nos fez.

Podeis ir para a India,
Que tanto vos enleva;
A India minha é proxima;
Eil-a que sa'e da treva;
Eil-a: e, apontando, mostra-a,
De pé sobre o convez.

Ao mesmo tempo unisono
De terra o grito sôa;
Ao mesmo tempo subito
A gente á borda vôa,
Que de seus olhos nescios
O véu sentem cahir;

E em bando ignotos passaros
Vêem cortando os ares,
E verde manto undivago
Cobrindo ao largo os mares,
E a costa, como nevoa,
Das aguas a sahir.

Alguns dias depois no rumo do Oriente
O pelago sulcava a portugueza armada,
Porêm de Vera-Cruz na terra unicamente
Meditava Cabral encostado á amurada:

É que um grande paiz de um grande continente
Phantasiava já na idéia illuminada,
E via o nome seu, equiparando em gloria
O do Gama, a brilhar no templo da Memoria.

1900—Janeiro 28

INFELIZ MÃE

Infeliz mãe, dos teus lares
Fugiu de todo a alegria
Com tua filha adorada,
Tua melhor companhia.

E como não, se era d'ella,
Se foi ella que lh'a deu?
Existiu, quando ella viva,
Morta ella, desappareceu.

Primeiro, mais caro fructo
De teus fugazes amores,
Foi um consolo, uma aurora
Do destino entre os rigores.

Sentiste uma vida nova
Quando á luz ella nasceu;
Sentes hoje a morte n'alma,
Que a tua filha morreu.

Dos beijos com que a beijaste
Dos seus beijos e carinhos,
Trava-te o gosto a saudade,
Pungem-te a alma os espinhos.

Flor de quinze primaveras,
Tu só foste o mundo seu.
Um só inverno murchou-a,
Pobre innocente! e morreu!

Já mulher quasi na edade,
Toda doçura e meiguice,
Composto bello e sympathico
De juizo e meninice,

Tinha no riso dos labios,
Tinha nos olhos sem véu
A candidez do seu animo,
Que nunca o mal conheceu.

Que sonhos de f'licidade
Não formaria! que esp'rança
De viver, gosar, amar-te!
E morrer! Pobre creança!

Não ha dor que a dor eguale
Da mãe que o filho perdeu;
Nada pode consolar-te,
Nem consolar-te sei eu,

Que compre'endo o teu martyrio,
Que tambem a choro ainda,
Que a vi desde tão pequena
Crescer cada vez mais linda,

Que, ao ouvir suas palavras,
Que ao olhar o rosto seu,
Sentia não sei que balsamo
Penetrar no peito meu.

Só, mãe, te resta um allivio:
A seus dois irmãos te abraça;
E, achando-a no rosto d'elles,
Ser-te-ha menor a desgraça.

Porêm aquella alegria,
Tão sua, que Deus lhe deu,
Essa, a teus lares não volta;
Com ella á cova desceu!

1901—Abril

EM CINTRA

Quero sósinho estar co'a natureza.
Abafam-me estes ares da cidade,
Onde minh'alma vive como presa.

Anceio respirar, longe, á vontade;
Quebrar estes estreitos horizontes;
As cadeias trocar em liberdade;

Subir ao cimo de elevados montes;
Co'os olhos abranger o espaço immenso;
Ouvindo o som monotono das fontes,

Deixar correr o espirito suspenso
Nas azas da iriada phantasia,
Envolto do mysterio no véu denso;

Ir no valle aspirar melancholia;
E, do commercio humano segregado,
Os effluvios colher da poesia,

Ao cantico das aves ajustado,
Ao murmurio da brisa no arvoredo,
Ao perfume das flores emanado;

Pedir a cada coisa seu segredo:
Ao mar distante, ao passaro que vôa,
Ao tronco, á relva, ao córrego, ao penedo.

Vâmos a Cintra pois, á que pregôa
Dos poetas a lyra um paraíso,
Cuja fama sem par na terra sôa.

É das suas bellezas que eu preciso;
Que ella reúne em si quanto desejo,
Mil dons que n'outra parte não diviso.

Mais me captiva quanto mais a vejo,
Esquiva, meio occulta na verdura,
Bem como virgem que recata o pejo,

Mudando a cada instante a formosura,
Já triste, já risonha, já severa,
Já toda luz, já sombras e frescura,

Já arrojada á celestial esphera,
Já afundada em valles deleitosos,
Mais linda sempre do que d'antes era.

Onde retiros ha tão silenciosos?
Onde nos falam tanto as aguas claras,
Sussurrando nos leitos pedregosos?

D'onde recordações nos ve'm mais caras?
Onde o que a sorte a padecer condemna
Sente as chagas que tem menos amaras?

Quero estar só n'aquella estancia amena.
Vâmos a Cintra pois; vâmos com ella
Desafogar a represada pena.

E fui; e nunca me sorriu tão bella;
Mas com olhos assim tão descuidados
Tambem da natureza a rica téla

Jámais eu vi. Seus sitios apartados
Não busquei; não subi seus altos montes;
Não desci a seus valles encantados;

Mal contemplei seus largos horizontes;
Mal ouvi seus alados trovadores;
Não poetei ao suspirar das fontes;

Não lhe communiquei meus dissabores;
Não estive só com ella n'esse dia;
Depois de o procurar com taes ardores!

É que alli te encontrei, minh'alegria,
Ó filha de meu filho, ó flor de esp'rança,
E antes quiz desfructar-te a companhia.

Tudo, ao ver-te, fugiu-me da lembrança,
Pois nada para mim ha n'este mundo
Mais gentil, do que tu, gentil creança,

Com teu olhar, tão meigo, tão profundo,
Com as tuas perguntas de innocente,
Com teu bom coração, teu rir jocundo,

Que a memoria me trazem docemente
De um outro meu pequeno companheiro
Que d'antes me seguia alegremente,

De teu pae. Como foi tão feiticeiro
O tempo que eu e tu alli passámos!
E como decorreu, voou ligeiro!

Nunca te esqueças d'onde então vagámos;
Do que ambos alli vimos e dissemos;
Dos bancos onde juntos nos sentámos;

Como em redor as vistas extendemos
A toda a parte, as vistas sequiosas,
E quasi de falar nos esquecemos,

Debaixo das abobadas frondosas
Ao sol fugindo, que era então ardente,
A ouvir as brisas ciciar medrosas

Nas folhas, que moviam brandamente;
Ou os leves, aligeros cantores,
Que nos ramos saltavam livremente.

Nunca te esqueças das formosas flores;
Do vivo aroma, que estas exhalavam;
Como de entre a verdura multicores,

Que aqui e alêm a espaços matizavam,
Sem ciume de ti, ó flor modesta,
Ufanas de tua vinda se mostravam.

Tudo n'essa hora se ostentava em festa,
Ou tudo, de ti perto, assim eu via,
Porque a tua presença luz me empresta,

E tudo então formoso me fazia;
Ah! não te esqueça, não, quanto has passado
N'aquelle nosso fugitivo dia,

E ao longe o regio paço acastellado,
E Setiaes, e o Penedo da Saudade,
E o panorama seu tão dilatado.

Eu de hora de tamanha f'licidade
Nunca me olvidarei; e mais belleza
D'esse éden acharei na amenidade,

Se outra vez lá tornar, e á natureza
Fôr, só, dizer meu intimo queixume;
Que da tua innocencia e singeleza

Beberei nos seus ares o perfume;
Que a voz, das aves te ouvirei no canto;
Que teus olhos verei no ethereo lume;

Que d'esses bosques de cerrado manto
Até mesmo crerei ver tua imagem
Sahir, apparecer-me por encanto;

E ouvir teu passo rapido na aragem,
E o teu riso, e o rugir do teu vestido
No ramalhar da trépida folhagem,
Ou das fluentes aguas no ruído.

1903—Setembro 26

HYMNO PORTUGUEZ

(Projecto)

Terra como a nossa terra
Não ha nenhuma, não ha:
Grande foi na paz, na guerra;
E um dia grande será.

Pela Patria dar a vida
É, foi sempre, a nossa lei;
Salve pois, terra querida!
Viva a Patria! viva o Rei!

O mundo ouviu nossa historia;
Contou-lh'a, vencido, o mar;
O mundo viu nossa gloria,
E embalde a tenta offuscar.

Pela Patria dar a vida
É, foi sempre, a nossa lei;
Salve pois, terra querida!
Viva a Patria! viva o Rei!

Hoje, a par da liberdade,
Seguimos nossa missão,
D'ella mais á claridade,
Do que ao brilho do canhão.

Pela Patria, dar a vida
É, foi sempre, a nossa lei;
Salve pois, terra querida!
Viva a Patria! viva o Rei!

Mas, se á gente portugueza
Outra quizer affrontar,
Em sua antiga braveza
O leão ha de acordar.

Pela Patria dar a vida
É, foi sempre, a nossa lei;
Salve pois, terra querida!
Viva a Patria! viva o Rei!

Nossa historia é um poema;
Nosso povo o seu cantor;
Liberdade o nosso lemma;
Nossa Patria o nosso amor.

Pela Patria dar a vida
É, foi sempre, a nossa lei;
Salve pois, terra querida!
Viva a Patria! viva o Rei!

1909—Julho 29

NO MEU RETIRO

Estas que vão alcatifando a terra
Folhas seccas das arvores cahidas,
Porque o vento feroz lhes move guerra,
Lembram as minhas illusões perdidas.

Mas assim como, após o inverno feio,
A estação voltará de Abril amena,
E os ramos tristes, demudada a scena,
Recobrirá de verdejante arreio,

Assim minh'alma, que o infortunio agora
Despe de sonhos, de visões, de flores,
Deixada qual viuva que deplora
No ermo, inconsolavel, seus amores,

Talvez de novo torne, alegre o fado,
Desperto eu já do longo abatimento,
A resurgir, a recobrar alento,
A desprender o cantico inspirado,

E aos accordes da lyra e do alaúde,
Outras vizões, quaes fadas vaporosas,
As saudades da minha juventude
Venham do outomno mixturar as rosas;

Ou talvez da harpa ao fremito guerreiro,
Os já mortos heroes da nossa historia
Venham dizer-me: canta; que inda gloria
Dará Deus a este povo aventureiro.

É que, mâu grado ao decorrer dos annos,
E ao frequente vaevem da infausta sorte,
Mal escapo do mar dos desenganos,
Sinto minh'alma juvenil e forte.

Esse bem devo a ti, ó meu retiro,
Onde longe da turba os dias passo,
A ti, onde soar meu canto faço,
Onde amo, gemo, sonho, ardo, deliro;

A ti, onde sem odio, sem inveja,
Sem cubiçar nem distincções, nem oiro,
Livre do afan da mundanal peleja,
Guardo, cultivo occulto o meu thesoiro,

O maximo thesoiro, inestimavel,
Que a Providencia me outorgou um dia,
O que val mais que tudo, a poesia,
A minha companheira inseparavel.

A ella só, a mais ninguem, confesso
Meus desejos, esp'ranças e cuidados;
A ella só, amparo, allivio peço;
A ella os votos meus são consagrados.

E ella escuta benigna minhas queixas;
E ella abranda piedosa minhas fragoas;
E até em risos me converte as magoas,
Ou m'as espalha em quérulas endechas.

Ah! não, não sabe quem, na terra a mente,
Vive preso da terra á vil cadeia,
O que é sentir, ao fogo redolente
Da inspiração que o animo incendeia,

Assim mudar-se a vida do poeta,
E rever-se maior, melhor, mais puro,
E, confiando em si e no futuro,
Quebrar dos annos e do espaço a méta.

O que elle gosa então n'esse delirio
Não pode descrevêl-o, e não no esquece,
Nem mesmo, se depois vem o martyrio,
E quanto mais subiu tanto mais de'ce;

Porque então inda o céu lhe offusca os olhos,
E não vê bem do mundo a escuridade:
Porque inda então do céu a claridade,
Distante, lhe abre goivos entre abrolhos.

Bemdicta sejas pois, ó minha estrella,
Que me consolas e meu passo guias,
Meu santelmo na túmida procella,
Meu encanto nas horas de alegrias.

Bemdicto seja pois o doce instante,
E o sitio, e a occasião afortunada,
Em que a primeira vez tua luz sagrada
Penetrou no meu peito e o fez amante.

E bemdicta essa luz que me devora,
E bemdictos até meus desalentos,
E o pranto que por ti minh'alma chora,
E os que soffro por ti crueis tormentos.

1902—Dezembro 31

N'UM ALBUM

Nas folhas d'este album
Ha tantos primores,
Que eu sinto temores
De n'elle escrever;
Mas pede-me, obriga-me
A voz da amizade;
Seria maldade
Deixar de o fazer.

Talvez poucos leiam
Meus versos, coitado!
E a critica o ousado
Castigue sem dó.
Embora; não olho
Das glorias ao fructo;
Singelo tributo
Offerto-vos só.

Hesito entretanto,
Que a dadiva é pobre;
Não é oiro, é cobre;
Nem posso mais dar.
E agora... a proposito
Me acode á memoria
Um caso, uma historia
Que quero narrar.

Foi n'um certo dia,
Não sei, não sei quando;
A aurora apontando
Já vinha no céu;
E a terra, como elle,
Do somno acordava,
E longe atirava
Das sombras o véu.

A hora propicia,
A placida aragem,
Que eu cri, na passagem,
Dizer-me: eia, vem
Ouvir como as aguas
Murmuram suaves,
Ouvir como as aves
Gorgeiam tão bem,

Do ar a frescura,
Dos campos o aroma,
O astro que assoma,
Tudo isso por mim
Chamava; o convite
Acceito gostoso,
E vou descuidoso
Passear no jardim,

Sosinho, ao acaso,
Sonhando desperto,
No quê, não acerto;
Até que parei,
E d'entre suas flores
Colhi as que eu amo,
E d'ellas um ramo
Pequeno formei,

Um ramo variado
Na côr e no cheiro,
Gentil e fagueiro,
No qual ajuntar
Eu fiz a acucena,
Que diz castidade,
O cravo, a saudade,
E as rosas sem par.

Porêm ao atal-o
(Não sei como o conte)
Das rosas defronte,
Dos cravos ao pé,
Encontro a papoila,
Que alli compromette
O meu ramalhete,
Tão feia ella é!

Incrivel o julgo;
Parece uma affronta
Da simples, da tonta
Ser van presumpção.
Arranco-a zangado;
Machuco a atrevida;
E lanço-a sem vida,
Sem fórma no chão.

Assim vinguei logo
Das flores a injuria;
Assim minha incuria
De prompto emendei.

Findou-se o meu conto.
Ha n'elle um agoiro?
Entre outros desdoiro
Tambem eu serei?

Talvez poucos leiam
Meus versos, coitado!
E a critica o ousado
Castigue sem dó.
Embora; não olho
Das glorias ao fructo;
Singelo tributo
Offerto-vos só.

PROFISSÃO

Cada vez que procuro a sociedade
Venho d'ella mais triste e descontente:
Deixem-me pois viver na soledade
Das minhas pobres illusões somente;

Das que tive e que tenho, das que a edade
Não me levou na rapida corrente.
Não quero nua ver toda a verdade;
Mas sonhar e soffrer longe da gente.

Sim, que inda na virtude eu acredito,
Na amizade, no amor, na fé sincera;
Sim, que para existir crer necessito:

Que, se em tudo que creio eu já não crêra,
E visse o mundo um ermo, um ser precito,
O céu e a terra a amaldiçoar morrêra.

1907–Novembro.

DO TEU NOME...

Do teu nome as poucas lettras
Valem cem, cada uma linda,
E mil ia eu apostar
Que valem, ou mais ainda.

Amo-as; porêm a primeira
E a ultima inda melhor:
São tua cifra abraçadas
Como nós em nosso amor.

As restantes, se as juntares
Em syllabas, que doçura!
Formam sons meigos e brandos;
São musica; são ternura;

Mas unidas em teu nome
São um astro no esplendor;
Falam-me todas d'esp'rança;
Falam-me todas de amor.

Por isso, apesar de poucas,
Valem cem, cada uma linda;
E mil ia eu apostar
Que valem ou mais ainda.

A CERVANTES

NO TRICENTENARIO DO D. QUICHOTE

Ao meditar teu livro, ó bom Cervantes,
Através do seu rir prantos eu vejo,
E creio, entre ais, imprecações distantes,
Passar das suas graças o cortejo.

É que elle foi da desventura o filho,
Velado pelo manto da alegria;
É que tambem as lagrimas tem brilho;
É que, escrevendo-o, o coração gemia.

Sonhaste glorias, empunhaste a espada;
Pela Fé, pela patria combateste;
Sonhaste amores; e encontraste o nada;
Que em tudo, sim, desillusões colheste!

Era pouco! Faltava-te o destêrro,
A indiff'rença, a miseria, ser captivo;
E supportaste dos grilhões o ferro
No exilio, pobre, só, sem lenitivo!

Mas, lasso de soffrer, ó alma forte,
Emfim um dia sacudiste a algema;
E a nova lucta provocaste a sorte;
E escreveste, immortal, o teu poema:

A sorte que te havia por domado,
Mas que pelo teu genio foi vencida,
Porque trocaste o âmbito acanhado
Da passageira pela eterna vida;

O teu poema, o teu poema em prosa,
Que do verso e da rima suppre o encanto
Com o espirito e forma caprichosa,
Que attra'e, que prende, que fascina tanto,

O poema da Hespanha, inconfundivel,
A que nenhum dos outros se assemelha,
Só para a patria feito, intraduzivel,
Pois n'elle um povo e seu auctor se espelha.

E a patria o desprezou quasi! E deixou-te
Na pobreza morrer, no esquecimento!
Presa ao passado, injusta, condemnou-te;
Não podia alcançar o pensamento

Do teu livro, protesto de revolta
Contra o que era, onde o fel, onde a aspereza
Da ironia mordaz ia de envolta
Co'o sorriso e das flores na belleza.

Mas quando ella sahiu da treva funda,
Em que jazeu, qual tu, no captiveiro,
Viu, saudou tua luz que o espaço inunda,
E ufanou-se de ti no mundo inteiro.

Mas hoje o nome teu ella memora;
Mas seu filho selecto hoje te chama;
E d'essa luz se veste encantadora;
E te corôa jubilosa e acclama.

Taí ás nações o genio se antecipa;
Tal exerce contra ellas a vingança:
Vivo, pharol, a sombra lhes dissipa;
Morto, a gloria lhes deixa como herança.

1905—Maio 1

JUNTO Á SERRA

N'esses sitios aprazíveis,
Onde estás do céu mais perto,
Não achas o peito aberto
Á mais grata sensação?
Não é tudo mais suave?
Não é tudo mais ameno?
Não te bate ahi a pleno
Satisfeito o coração?

Bem sei que o mar que abandonas
Prende, se é calmo e jocundo;
Porêm, sempre abysmo fundo,
Assim mesmo, faz tremer.
Pois, se as ondas encapella...
Pois, se a praia em furia invade...
Pois, se á voz da tempestade,
Mostra de Deus o poder...

Ahi não, minha querida;
Ahi, proximo da serra,
Tudo te fala da terra,
Tudo parece feliz.
Ahi, em vez do deserto
Das aguas que mette medo,
Tens o frondoso arvoredo
Que á alma tanto nos diz;

Tens a fonte que borbulha
E por entre as pedras salta,
A curta relva que esmalta
Um tapête multicor,
Um tapête de florinhas
Variadas e singelas,
Que são por isso mais bellas,
Sem terem menos valor.

Tens o corrego tranquillo
Que murmura e lento passa;
Tens a ave que esvoaça
De ramo em ramo a cantar;
Tens os casaes que, sorrindo
Ao longe na sua alvura,
Mansas pombas na verdura
Estão como que a lembrar.

Tens as ovelhas pastando
Espalhadas na campina,
Ou quando, á luz vespertina,
Vão juntas para o redil,
Emquanto o zagal deitado,
Ou traz d'ellas caminhando,
Suas penas enganando
Vae na flauta pastoril.

Ai, quem me dera escutal-a
Quando o campo é silencioso,
E tudo chama ao repouso,
Áquella poetica luz,
Que do mundo nos aparta,
Que dentro de nós nos fecha,
E a sós comnosco nos deixa,
E nos ameiga e seduz!

Se hoje a ouvisse, que saudade
Eu de ouvil-a sentiria!
Mas tratemos de alegria.
Saudades não te estão bem.
Tua existencia começas;
Toda a vês; toda é presente;
E vives unicamente
De teu pae, de tua mãe.

Vaga pois por essas terras;
Bebe a agua d'essas fontes;
Aspira o ar d'esses montes,
E n'elle da vida o ar;

E dize adeus d'essa altura,
Um adeus muito distante,
Ás praias onde bastante
Soffreste, ás praias do mar.

Mas pelos gosos campestres
Não troques os da cidade:
Vem, ó flor de mocidade;
Volta breve para aqui.
Vem, ó filha de meu filho,
Já bôa, lêda, radiosa:
Minh'alma é de ver-te anciosa;
Mais não quero estar sem ti.

1908—9 de Outubro

TEIMOSÍA

Este meu coração nunca se emenda:
É brando, é amoroso, é compassivo,
Embora surdo, altivo,
Passe o mundo por elle e o não attenda.

E como é que elle brando não seria,
Se tem sido de dôres tão calcado,
E de noite e de dia
De lagrimas regado?
Ahi n'essa brandura
Nasceu um dia amor,
Como, depois de noite procellosa,
Nasce da terra nua,
Molhada pela chuva copiosa,
Rasgada pelo ferro da charrua,
Campestre, olente flor,
Ou qual da molle, trabalhada cera,
Humedecida do suor do artista,
Que o fogo inspirador ávido espera,
Ou melhor do seu pranto,
Sa'e, como por encanto,
Uma obra de esculptura nunca vista.

Depois, grato perfume
D'esse amor que brotou do soffrimento,
Foi-se formando um outro sentimento,
Que os dois em si resume,
A piedade, a celeste, casta filha,
Do céu reflexo que entre os homens brilha:
Que tornei o meu peito e os meus ouvidos,
Por fatal exp'riencia,
Tão sensiveis ás magoas e gemidos,

Que, os gemidos dos outros mal ouvia,
Com a sua existencia
Quasi que a minha propria confundia
E as magoas como proprias lhes sentia.

Assim eu fui e sou, posto me veja
De outra maneira a gente;
Pois nem o longo perpassar dos annos
Na rapida corrente,
Não por campo bordado de boninas,
Mas por sobre estevaes e rudes fragas,
Nem as ingratidões, nem as ferinas
Garras da torpe inveja,
Nem as desillusões e desenganos
Me puderam tornar frio, impassivel
Aos influxos do amor e da piedade.
Do tempo e sorte resistindo ás vagas,
Eu sinto, amo, padeço, como outr'ora;
Só, achaque talvez do genio e edade,
A minh'alma se esquiva,
Cada vez mais, bem como a sensitiva,
Á frequencia da van sociedade.
Porêm na sombra onde sósinha mora,
Surda para os rumores,
Cega para os fulgores
Que levam depós si a humanidade,
Quantas e quantas vezes
As alheias miserias e revezes
Comsigo apenas a minh'alma chora!

1910—Março 30

ATTRACÇÃO

Se a vejo apparecer, *bianco vestita*,
De manhan, á janella, descuidada,
Vago o contorno, a face desmaiada,
Não sei porquê meu coração palpita.

Assim, vista de longe, que infinita
Graça não tem na forma delicada,
Pelo mysterio encantador velada,
Mysterio que mais prende e a amar incita!

Amar..., não eu; que já não posso amal-a.
Para mim acabaram os amores!
Se tanto o peito meu inda se abala,

É para comprimir as suas dores:
Calcado, o lirio inda perfume exhala;
Sobre o cadaver tambem deitam flores.

1903

Á LINGUA PORTUGUEZA

Ó lingua portugueza, ó minha lingua,
Que da fonte materna
Bebi co'o leite da primeira infancia,
Fonte de amor em breve
Estincta, secca pela mão da morte,
Como formosa és, e como te amo
Cada vez mais ainda,
Ao passo que profundo teus segredos!
Ó lingua de meus paes, da minha Patria,
Qual te vence em meiguice, em nervo e arrojo,
Quer te deslizes limpida e suave,
Como suave corrego entre flores,
De Sousa, de Bernardes
Na immaculada prosa, ou de Castilho
Nos expressivos, sonorosos cantos,
Quer, pompeando, vertas
Divinal ambrosia
Do arrebatado Elmano nas estrophes,
Quer soberana e altísona,
Como os heroes que perpetúa grande,
Dos tempos através, eterna echôes
No bronze dos Lusiadas gravada.

Mas quão diversa estás do que já foste,
Eivada de vocabulos,
De phrases extrangeiras,
Cerzida, rôta, suja, como veste
De misero mendigo,
Tu, que no teu thesoiro inexgottavel,
Filha mais pura da dicção latina,
Tens naturaes, e hauridos
N'esta e n'outras nascentes
Para qualquer idéia amplos recursos!

E são indignos filhos
D'este claro torrão que lhes foi berço
Esses que te abastardam,
Porque, nescios e fatuos, só te'm vista
Para o que não é nosso,
Ou porque não lhes ferve
Dentro do peito o santo amor da Patria!
Quantos te julgam pobre,
Porque elles pobres são! Quantos te infamam,
Porque pejo não te'm! Quantos te crivam
De envenenadas settas,
Porque máus, porque barbaros,
Sem ver que a consciencia tarde ou cedo
Os culpará do misero attentado,
Que é crime, e crime enorme,
Roubar, ferir a nossa mãe, a Patria,
No que ella ha de mais caro e precioso.

Embora alguns, honrando-a,
E honrando-se, procuram da torrente
Do desamor, da insania, da torpeza,
Diques oppor á furia,
Pois ella os galga, e se avoluma e espraia
Cada hora na imprensa,
Que mal cuida o que faz, que segue rapida
Cada hora ao seu destino,
Bem como o ferreo monstro
Devorador do espaço,
Que vôa, a mira só no termo posta,
Sem ver quasi tambem por onde vôa,
Cego da mesma rapidez que o leva.

Ó lingua de meus paes, ó minha lingua,
Que saudade pungente
Eu não tive de ti, quando hei vagado
Nos extrangeiros climas,
Das multidões em meio,
Só, triste, por faltar-me o chão da Patria,
Mas, por não te escutar, mais só, mais triste!
Como entre a varia turba,
Para mim insensivel, enfadonha,
Eu buscava encontrar fosse quem fosse
Que uma palavra me dissesse ao menos
Da tua fala tersa, harmoniosa!
E quantas vezes o julguei, e quantas,
Barbaro desengano!
Só respostas ouvi em lingua extranha!
Quantas me perguntei, arrependido
De estar auzente do que mais prezava:
Pois vale, vale a pena,
Para admirar os sitios celebrados
Os ricos monumentos
De França e Italia, não gosar os proprios,
Tão famosos, tão bellos,
Da terra de meus paes, privar-me d'ella,
Defraudar a existencia,
Que já não deve longa ser, do tempo
Que passo aqui sem vel-a, sem ouvil-a?

Agora alheias terras
Não tornarei a visitar; agora,
Depois que as vi, mais inda me seduzes
Com tua gentileza,
Mais do que nunca, ó portugueza lingua;
Agora os teus poetas
E os prosadores teus leio, medito
De preferencia a quantos
Ha do mundo nos povos,
Porque mais amo cada vez a Patria;
Agora, longe d'elles,
No meu paiz natal sempre estimado

Da vida passo o resto,
Amando-o e ouvindo-te, ó formosa lingua;
E, amando-o sempre, e ouvindo-te
No adeus extremo, acabarei contente.

1909—Abril

AO CENTENARIO DE BOCAGE

Pelo seculo teu não entendido,
Pela inveja mordaz aboccanhado,
Sempre ás tuas paixões avassallado,
Sempre pela miseria perseguido,

D'este mundo, inda mal! desilludido,
Depois de tão formoso o haver sonhado,
Já descrente do amor e do teu fado,
Bocage, á dor cedias succumbido;

Mas ouves uma voz: segue o teu norte;
És grande; o genio teu nunca definha;
Grande, maior serás, depois da morte.

É Filinto que a gloria te adivinha.
E surges, bradas: desafio a sorte;
«Zoilos, tremei; posteridade, és minha.» [1]

1905—Dezembro 17

JARDINEIRA

Vaes-te fazer jardineira?
Ha muito sêl-o devias.
Pela flor chamam as flores:
Myst'riosas sympathias.

Não ha emprego mais lindo,
Não ha moda mais gentil,
Para quem vê ir-se abrindo
A existencia em pleno abril.

Para das flores cuidares
Deixas de ser preguiçosa,
Da manhan bebes os ares,
Como os bebe a fresca rosa.

E que mal d'ahi te vem?
Menos tempo estar no leito?
Não madruga o amorperfeito,
E não madruga a cecem?

Olha a flor que fecha as pétalas,
Flor, como tu, de modestia,
Á noite, e, se abre inda humida
Do sol á primeira restia.

Viverás menos nas salas
Dos candelabros á luz?
Pois muito mais não seduz
O dia com suas galas?

---

[1] Bem conhecido verso de Bocage.

Se foges do sol brilhante
Que nos dá calor e vida,
Offendes Deus, e perdida
Ser-te-ha a cor do semblante;

Que do dia fazer noite,
Que fazer da noite dia,
É mesmo quasi um peccado,
Tira saúde e alegria.

Aprende co'a natureza;
Das flores toma a lição:
Hão de guardar-te a belleza,
E talvez... o coração.

Nem tu sequer imaginas
O quanto, na convivencia
D'estas obras pequeninas
De Deus, se apura a existencia;

Como se lhes cria amor;
Que amizade se lhes toma;
Como attra'e o seu arôma;
Que encanto ha no seu primor;

Como, no mudar continuo
Que te'm a cada momento,
Prova o olhar não sei que jubilo,
Se allivia o pensamento!

Faze-te pois jardineira,
Que prazer, saúde e paz
Certamente encontrarás,
Vivendo d'essa maneira.

Vae correndo o mez de Maio;
N'este mez delicioso
Encurta ao dormir o goso,
Começa do emprego o ensaio.

Parece que já te vejo
Toda entregue ao teu cuidado,
Ligeiramente vestida,
Com modesto penteado,

Descer os degraus que levam
Ao teu ameno jardim,
Falar ao cravo, ao jasmim,
E ás flores que mais te enlevam.

Como estás, a uma dizes,
Tão formosa e bem medrada!
Quanta graça! que matizes!
E ante ella ficas parada.

A outra que na haste vês
Languida e meio pendente:
Que tens? porque estás doente?
E sentir sua pena crês.

O muito sol prejudica-te;
Precisas de muito mimo;
Vou regar-te, e de ti proximo
Pôr uma canna, um arrimo.

Assim a varias falando,
Irás nas bellas manhans,
Como irman por entre irmans,
Das tuas flores tratando.

Ha outra vida ligeira,
Bôa, alegre, como esta?
É um emprego que é festa.
Faze-te pois jardineira.

1909—Março 24

AO MAR!

AO SR. JOÃO BRAZ DE OLIVEIRA

Como os de outr'ora, oh! tempos de ventura!
São inda os marinheiros portuguezes
No esforço, na constancia, na bravura,
Na lida, no triumpho, nos revezes.

Bem o sabia eu, e o sabe a historia;
Mas n'esta epocha má de desalento
É preciso avival-o na memoria,
Para a todos servir de incitamento.

Isso teu livro faz.[1] Bemvindo seja.
N'elle puzeste parte da tu'alma.
É uma arvore bôa que frondeja,
Que nos seus fructos ha de dar-te a palma.

É uma voz que diz á Patria cara:
Vê quanto valem hoje inda os teus filhos;
Deixa com elles de mostrar-te avara,
E ao nome antigo juntarás mais brilhos;

Uma voz que lhe grita: foste grande
No mar quando feliz, potente eras;
Pois com taes filhos pelo mar te expande,
E ditosa serás. O que é que esperas?

Olha como elles correm porfiosos,
Só para te servir, Patria querida,
A arrostar os perigos animosos,
Ao ferro, á doença, á morte expondo a vida,

Já da infrene procella nos horrores,
Já da tua bandeira na defeza,
Já do sertão nos mórbidos rigores,
Com o feroz gentio em guerra accesa.

Se tanto fazem, sendo tu agora
Fraca, se não o fosses, que fariam!
Como do occaso ás regiões da aurora
De novo o teu pendão desfraldariam!

Isto diz o teu livro; e o marinheiro
Muita vez o dirá, quando, alta noite,
Medite, á pôpa do baixel guerreiro,
Embalado das ondas pelo açoite.

Então verá apparecer-lhe a imagem,
Sobre as aguas, da Patria idolatrada,
E sonhará das glorias co'a miragem,
Cuidando ouvil-a que por ti lhe brada.

Isto ensina o teu livro á mocidade,
Que da Patria será um dia o muro,
A que aspira do mar á immensidade,
E crê ser d'ella o mar inda o futuro.

E tu, ó Patria, este pregão attende
De um marinheiro teu que te honra e ama;
N'elle o que és hoje, se ignorante, aprende;
Que outra vez para o mar o céu te chama;

---

(1) As *Narrativas navaes* ultimamente publicadas.

Que o teu baixel entre os escolhos nuta;
Que valem, valem muito inda os teus filhos:
Ajuda-os, forma-os pois do mar na lucta;
E ao nome antigo juntarás mais brilhos.

1909—Março 4

A SANTAREM

(DE IBD-ABDUM)

Sobre estavel fundamento
Elevas-te majestosa
No teu monte sobranceiro,
De teus encantos vaidosa.

Só por ingremes caminhos
A ti se pode chegar;
E os campos que te rodeiam
Da altura estás a mirar,

Esses campos deleitosos,
Que comtigo para os ares
Parece que vão subindo
Com jardins e com pomares,

Como dona soberana
Que para dote os quizesse,
E os mais bellos de entre todos
Attentamente escolhesse.

Do rio Tejo formoso
Altiva as aguas dominas;
E do Tejo as mansas aguas
Te circundam crystallinas,

Como cinge niveo braço
De donzella feiticeira
Recamada de saphyras
Auriluzente pulseira.

Á CASA DE MEUS PAES

Salve! lar da minha infancia!
Salve! casa onde nasci,
Do meu passado fragrancia!
Eis-me deante de ti.
Estes muros consagrados
Pelos annos respeitados
Abalam-me o coração;
Erecta, augusta memoria,
Avivam-me n'alma a historia
Dos tempos que já lá vão.

Foi respirando estes ares
Que do mundo eu vim á luz;
Foi aqui, n'estes logares,
Que eu tomei da vida a cruz,
Cruz então leve e de flores,
Que o seu pêso, as suas dores
Quinhoava minha mãe,
Depois, já orphão, pesada,
Nos meus hombros só levada,
Sem ajudar-me ninguem.

Era aqui que ella vivia,
E que vivia meu pae
No socego, na alegria
Que o mal do mundo distra'e,
Satisfeitos na estreiteza
Da sua humilde pobreza,
Sem se queixarem de Deus,
Ambos juntos, e um filhinho,
Que da terra no caminho
Lhes mostrava ao longe os céus.

Elle oppresso pela edade,
Das lidas pelo amargor,
Espelho de lealdade,
De nobreza e pundonor,
Desde imberbe adolescente,
A braços co'a guerra ardente,
Sempre os riscos a encarar,
Entre os seus dos mil embates
Da fortuna e dos combates
Afinal a descansar.

Ella candida e mimosa,
Toda graça feminil,
Na quadra mais vigorosa
Da edade, na mais gentil,
Ha pouco unida a quem ama,
Ha pouco a materna chamma
Sentindo no seio arder,
Feliz por ser adorada,
E no filho retratada
A sua imagem rever.

Meu irmão mal da existencia
No começo da manhan,
Alma cheia de innocencia,
Face das rosas irman,
Fronte de oiro, pequenina,
Bocca breve e purpurina,
Passo curto, mas veloz,
Falar incerto e nascente,
Que diz pae e mãe sómente,
Que a mais não lhe chega a voz.

Para os três assim unidos
Nos braços da santa paz
Dias lêdos e floridos
Tecia o tempo fugaz:
Ella da casa cuidando,
Ou do filhinho tratando
Com ternura maternal,
Meu pae gosando a seu lado
Esse viver descansado
Que mais do que o oiro val.

Se do preterito ás vezes
Elle erguia o escuro véu,
Se as victorias, se os revezes
Contava do tempo seu,
De quando entrou por Hespanha,
De quando fez a campanha
Chamada do Rossilhão,
De quando luctou brioso
Contra o exercito famoso
Do invasor Napoleão;

Se narrava da batalha
A furia accesa, o tropel
Dos cavallos, a metralha,
A mortandade cruel,
Como foi um dos eleitos
Para affrontarem co'os peitos
Os muros de Badajoz,
E, n'uma perna ferido,
Pelejou sem ser vencido
Contra o inimigo feroz,[1]

A espôsa, só de escutal-o,
Perdia do rosto a côr,
Tremendo em violento abalo,
Gelada pelo terror;
E nos seus braços tomava
O filho, e a si o chegava,
Dizendo ao espôso assim:
Quantos trabalhos soffreste!
Quantos perigos correste
Que me assustam tanto a mim!

Graças a Deus! a teu lado
Agora em paz aqui estou;
Graças a Deus! que apiedado
Essas guerras acabou.
Se eu então te conhecesse...
Mas foi antes que nascesse,
Ou mal a vida encetei.
Longe de ti, que fizera?
Sem ti, como é que vivera?
Não quero pensar, nem sei.

Oxalá que nunca tornem
Essas epochas de dó,
E nossos gosos transtornem;
Que nunca me deixes só;
Que o mal em nós nunca entre,
Que o fructo que hei no meu ventre
Deus felicite e abençôe;
E nossos filhos vejamos
Felizes como hoje estamos
Té que a hora extrema sôe.

Ah! este quadro formoso
Imagino-o muita vez:
O filhinho, a espôsa, o espôso,
Contentes todos os três,
Quando os teus muros contemplo,
Ó minha casa, ó meu templo,
Trasbordando o coração,
E vejo em minha memoria
Inteira surgir a historia
Das eras que já lá vão.

(1) Historico.

Mas logo a quadro tão bello
Vem um outro succeder.
Embalde tento esquecel-o;
Não me é dado esse poder.
Horrivel, todo negrura,
Tendo ao fundo a sepultura,
Ostenta-se aos olhos meus;
Cobre-o o véu da tempestade,
E choram sós, na orphandade
Dois innocentes, meu Deus!

Foi breve tanta alegria;
Foi breve tamanha paz!
Seguiu-se o lucto, a agonia,
Seguiu-se a guerra voraz,
Não contra nações extranhas,
Mas contra as mesmas entranhas
Da pobre Patria, infeliz!
Guerra sem gloria e sem honra,
Que os vencedores deshonra,
Que os vencidos torna vis.

E o nobre, velho soldado
Da lucta Peninsular,
Apenas acostumado
Pela Patria a batalhar,
A espada victoriosa
De outros tempos sonorosa,
A seu pezar arrancou,
E contra o bando inimigo,
Contra o irmão, contra o amigo,
Obedecendo, empunhou.

A combater o chamava
Do guerreiro a austera lei:
O ferro desembainhava
Para a defesa do rei.
Embora fosse tyranno,
Jurara-o por soberano;
Ficou-lhe sempre leal;
Não queria deslustrada
A farda nunca manchada;
Nunca fôra desleal.

Então o existir tranquillo
E dos seus o terno amor
Deixou, ó sereno azylo,
Das batalhas pelo horror.
Tu de ti partil-o viste
Pesaroso, mudo, triste,
Montado no seu corcel;
Tu da espôsa estremecida
E do filho a despedida
Escutaste; adeus cruel!

Desde essa hora tão funesta
O prazer em ti morreu,
E a desgraça amarga, infesta,
Os muros te ennegreceu!
Foi então, n'essa tristeza
Que, dos males tenra presa,
Eu comecei a existir,
Fructo de infaustos amores,
Para a tanta magoa e dores
Ajuntar o meu carpir.

Receberam-me na terra
O pranto, o lucto, a afflicção,
A peste, a furia da guerra,
Do infortunio o atroz condão,
E minha mãe que em seus braços
Com afagos, com abraços
Triste e alegre me beijou,
E lagrimas de ternura
Travadas pela amargura
Sobre meu corpo chorou.

Ah! não ha no mundo affecto
Que o dos paes possa egualar!
É fundir n'um ser dilecto
A alma, a vida, o pensar;
Suave, celeste, ardente,
Nem o exprime quem o sente,
Que nem artista ou cantor
Pintará sequer de leve
O que nunca se descreve,
O paterno, santo amor.

Os outros nascem de fora,
De um ente que nos dá luz;
São chamma que nos devora,
Que ao mal ou que ao bem conduz;
Do espirito este deriva;
É lampada sempre viva
Em nós, um raio do céu,
Que a treva nos alumia,
Que nos enche de alegria
Co'o limpido brilho seu.

Nos outros sómente amâmos,
Depois de o que amâmos ver;
E os filhos nós os presâmos
Antes mesmo de nascer.
Hoje dês que a Providencia
Abençoou minha existencia,
Dando-me um filho tambem,
É que sei, é que imagino
Vosso affecto peregrino,
Ó meu pae, ó minha mãe.

Quantas vezes me recordo,
Ao ameigal-o, de vós,
E dos meus sonhos acordo
D'esse tempo á idéia atroz!
Quantas vezes carinhosa,
Contemplando minha espôsa
O nosso filho a beijar,
Eu digo: assim me adorava
Minha mãe e me beijava;
E não na pude gosar!

Não pude; que, mal nascido,
N'este mundo só fiquei,
Sem meus paes, orphão, perdido,
Da desgraça entregue á lei.
Minha mãe pela saudade
Rasgada e pela anciedade,
Longe do espôso infeliz,
Compartilhar sua sorte,
Quer na vida, quer na morte,
Junto d'elle, ao menos quiz.

Com meu irmão e commigo
Um dia te deixou só,
Ó d'antes alegre abrigo,
Então coberto de dó,
Sem saber desventurada!
Que á sua velha morada
Não tornaria jámais,
Que a trocava pela escura
Morada da sepultura,
Pelas sombras eternaes.

Partiu-se da sua terra,
Da sua casa a buscar
Entre as balas, entre a guerra
O espôso, e o foi encontrar.
Chegou; viram-se; oscularam-se;
Estreitamente apertaram-se
N'um longo abraço, sem fim;
E ella ao seu marido e amante
Mostrou-me toda radiante,
Sorrindo-se para mim.

Ah! que suave momento!
Como da sorte o rigor
Esqueceram e o tormento
N'aquelle abraço de amor!
Mas foi breve, passageira
Essa alegria primeira!
Um sonho! pouco depois
N'outro abraço se abraçaram:
O derradeiro! E baixaram
Á cova mortos os dois!

Do espôso socia na vida,
Na morte o quiz tambem ser.
Pobre mãe! Da dor ferida,
Deixou-se de dor morrer!
Entre uma e outra agonia
Mediou como que um dia!
Foi um quasi o funeral!
E nós ficámos no mundo,
Submersos em dó profundo,
Sem entender nosso mal,

Sós no meio dos soldados,
No meio da turba van,
De todos abandonados,
Nós e uma fraca ancian,
Que, vendo a filha assim morta,
Fechada á esperança a porta,
Duas creanças sem pão,
E o seu tumulo já perto,
Para recebel-a aberto,
Perdeu a luz da razão.

Meu irmão, passados annos,
Foi, procural-os ao céu.
Á edade dos desenganos
Não chegou; cheguei só eu.
Feliz d'elle! Da existencia
Nunca teve a consciencia,
Nem do seu fado cruel;
Não conheceu a orphandade;
Não palpou a realidade;
Não sorveu da taça o fel!

D'esse amor por Deus bemdicto,
Que tão bello começou,
Que se julgava infinito,
Que breve a morte acabou,
D'esse militar honrado,
Sempre nobre e dedicado,
Que emfim as armas depoz,
D'essa mulher virtuosa,
Terna mãe, fiel esposa,
Que o seguiu ao céu veloz,

De meu irmão que, innocente,
Não quiz sem elles ficar,
De tudo que foi sómente
Eu resto, e restas, meu lar;
Eu e tu, e um livro santo
Que escutou o triste pranto
E as preces de minha mãe.
Nada mais! Nem uma lousa!
Que onde ella e meu pae repousa
Não sei, nem sabe ninguem!

Por isso é que eu te saúdo
E paro deante de ti
Muita vez, absorto, mudo,
Ó morada onde nasci,
E submisso te contemplo,

Como se fosses um templo,
Trasbordando o coração.
E vejo em minha memoria
Inteira surgir a historia
Dos tempos que já lá vão.

1867—Março 27

QUADRAS POPULARES

Não se fiem na ventura,
Que ella passa como o vento;
E mesmo quando mais dura
Parece dura um momento.

O coração como os campos
De ser regado precisa:
É sem lagrimas esteril;
Com ellas se fertiliza.

Tens uma bocca engraçada,
Uma bocca sem egual;
Mas porque, sendo tão bella,
Não faz senão dizer mal?

—Um dia que passeando
Eu e ella iamos sós,
O amor que nos perseguia
Veio metter-se entre nós;

Deu-nos os braços risonho,
E prendeu-nos com taes nós,
Que, desde então, somos três,
E não mais andámos sós.—

Não te vejo e creio ver-te;
Quando só, julgo-te perto;
Não te oiço, e penso escutar-te!
Vê do amor o desconcerto!

—Como andas, ó minha rosa
Tão murcha, tão desmaiada!
—Ai de mim! É que me rega
Amor com agua salgada.

—Se trocasses essas lagrimas
Por meus beijos, minha amada,
Tornáras a ser o que eras,
A minha rosa encarnada.—

Tenho andado n'estas serras
A chamar-te com meus ais;
O seu echo me responde:
Porêm tu, cruel, jámais.

—D'antes gostava da noite,
Quando em mim tinha a alegria;
Agora que a já não tenho
Antes quero a luz do dia.

A lua já não me fala
As falas que me dizia;
O céu ornado de estrellas
Só me faz melancholia.—

Como a ovelha tresmalhada
Vaga á tôa sem pastor,
Eu vago errante no mundo
Perdido por teu amor.

—A carta que m'escreveste
Tentei-a debalde ler;
Vinha regada de lagrimas;
Não se podia entender.

Cheguei-a então a meu peito,
Que estava por ti a arder;
E ao fogo d'elle seccou-se;
E amor ensinou-m'a a ler.—

—O rio que vaes correndo
Por estes campos floridos,
Por ires onde eu não posso
Tu me levas os sentidos.

Ó rio, se acaso a vires,
No teu murmurar gemente
Diz-lhe que eu gemo por ella,
Como tu, eternamente.—

Viver no mundo enganado
Quanta vez é f'licidade!
Quanta vez um bello engano
Vale mais que uma verdade!

—Puz-me a contar as estrellas,
E na conta me perdi.
Que seria, se eu contasse
As graças que vejo em ti!

Que são sem conto as estrellas
E as tuas graças tambem;
Mas para a vista cegarem
Teus olhos o céu não tem.—

—Ao dia succede á noite;
Á noite succede o dia;
Sómente á minha tristeza
Nunca succede a alegria.

É que o sol da minha vida,
O sol que eu tanto queria
Sumiu-se ha muito nas trevas;
Já me não traz alegria.—

—Dizem que as brancas são bellas;
Que as trigueiras o não são;
Pois digam quanto quizerem;
Não lhes encontro razão.

As trigueiras te'm mais graça,
Muito maior expressão;
Te'm para prender as almas
Uns feitiços, um condão!

E, se amam, amam deveras;
Não é amor, é paixão.
Eu por mim, sempre ás trigueiras
Tenho dado o coração.—

Tenho andado todo o dia
A perguntar por meu bem;
Por meu mal só o conhecem;
Não o pode achar ninguem.

Bemdicta seja a ignorancia
Da crédula mocidade:
Saber é ter desenganos;
Não saber é f'licidade.

—O livro da minha vida
Debalde o forcejo ler;
São as suas folhas negras,
Não o posso perceber.

Só uma está inda branca;
É a ultima; ai de mim!
Tem sómente uma palavra;
E essa palavra diz: fim!—

—Maria, se vae á fonte,
Fica lá horas inteiras;
É que, a scismar, adormece
Ouvindo as aguas palreiras.

E sonha sonhos tão lindos!
E sonha meio desperta!
Maria, toma cuidado,
Porque amor está álerta.

Toma cuidado na bilha;
Vae a agua a trasbordar;
E amor, o sonso, o matreiro,
A rir de ti e a pular.

Olha que te faz alguma...
Anda, Maria, desperta;
Que, se elle te parte a bilha,
Nem Santo Antonio a concerta.—

Tu és decerto bonita,
Mas tens não sei que expressão
Que o contrario no teu rosto
Mostra do teu coração.

—As minhas trovas singelas
Quem m'as dera ouvir cantar
Ao som da nossa viola,
Quando é mais bello o luar;

Ao som da nossa viola
Que nos parece falar,
Que tem alma, que se queixa,
Que ás vezes crêreis chorar.

Ouvi-a á noite nos campos
Dos aldeões junto ao lar;
Ouvi-a dizer tristezas;
Ouvi-a alegre trinar;

Ouvi-a na terra extranha
A minha terra lembrar,
Esta terra portugueza
Que no mundo não tem par;

Ouvi-a ao rumor das ondas
Os seus gemidos casar,
Quando canta o marinheiro,
Quando está quieto o mar.

Por isso, escutando-a, ás vezes
Ella me faz suspirar,
Que vejo tantas lembranças
Pela memoria passar.

Por isso as trovas singelas
Em que as tento retratar
Quem me dera aos teus gemidos,
Minha viola casar;

E de novo sentir vida;
E ao meu passado tornar;
E á minh'alma vestir azas;
E voar, voar, voar! —

FRAGMENTOS DE UM POEMA

A PARTIDA

Vae despontando o sol; do norte a brisa
Encrespa mansamente o largo Tejo
De mastros povoado. Impaciente
De o deixar e fender os vastos mares,
Alterosa galera se baloiça,
Ainda ao fundo presa; pela enxarcia
Uns marinheiros galgam; pendem outros
Das antennas, e ao vento as velas soltam;
Outros, no bolinete as barras pondo,
Puxam o ferro, que emperrado sobe;
Outros ao longo do convez arrastam
A corrente ruidosa. Emfim, já livre
Do freio, á rouca voz do commandante,
Freme o baixel, e vae rasgando as aguas,
Sôltas as brancas, enfunadas azas.

Sentado ao pé da pôpa, e os olhos fitos
Na cidade, que foge a pouco e pouco,
Eduardo parece quasi alheio
Ao que se passa em roda e tòdo immerso
Em intimo scismar; como phantasmas
Cobertos de sudarios alvacentos,
Vê correndo ante si, uns após outros,
Os altos campanarios e os palacios,
Já inundados do clarão celeste,
E escuta apenas, como em vago sonho,
A multísona voz, composto immenso
De vozes mil e mil, de riso e chôro,
De ais, de lamentos, de prazer, de musicas,
De trabalho e de amor, com que desperta
Todos os dias, mal a chama a aurora,
A raínha do Tejo; é que sua vista,
É que os ouvidos seus a mente seguem;
E esta é longe d'alli, junto a quem ama.

Algum tempo depois, qual se acordasse,
Volve o olhar á cidade, já distante,

Já pela pôpa alêm, e diz, seguindo
A cadeia tenaz de pensamentos,
Que a alma lhe agrilhôa: bem depressa
Quanto sob estes céus eu tenho, tudo
Que amo na terra ha de tambem fugir-me!
E sabe Deus se para sempre!......

.... Emtanto
Mais veloz proseguia no seu curso
A garbosa galera, e então chegava
Mesmo em frente do sitio onde a morada
De Eduardo se erguia. Que funereo,
Longo manto de dó correu tremendo
Sobre elle, ao descobrir o tecto amigo,
Onde tanto vivera; ao ver os campos,
Tão conhecidos seus, seus companheiros,
Vicejando em memorias perfumadas
De vinte annos de vida; e não distante
Essa outra casa onde mais tinha agora
O pensar, a existencia, o doce ninho
Do seu amor, a casa de Maria;
E esse oiteiro formoso, em que o destino
Quiz a primeira vez que se encontrassem;
E esse mundo pequeno de venturas,
De jubilo, de paz e de innocencia,
Que para ambos cifrava inteiro o mundo!
Ai! o que fará ella? Como eu peno,
Ha de penar tambem! Ai! quantas lagrimas
Não terão inundado aquellas faces
Outr'ora tão risonhas! Se um instante
Eu pudesse voar, ir enxugar-lh'as!

D'este modo pensando, uma janella
Aberta julgou ver, e um branco vulto,
Que a ella se assomou; era Maria;
Disse-lh'o o coração, que lhe pulsava
No peito alvoroçado, pois a vista
Não a pudera distinguir de certo
Dos prantos através, em tal distancia.

Por muito e muito contemplou scismando
Aquelle niveo ponto, os longos olhos
A estender para elle, quêdo, immovel,
Co'os labios entreabertos, dir-se-hia
Procurando falar-lhe; mas em breve
Se esvaeceu de todo, como estrella
Ultima, que no céu se apaga e some
Sob o véu da tormenta. O adeus extremo
Dá o triste mancebo a quem adora.

Refresca o tempo; as ondas inquietas
Dansam em torno do baixel veleiro,
Que as divide espumando, e salta alegre

Ao avistar a immensidão dos mares.
Parece que respira enthusiasmo,
Aspirando o ar livre, que os limites
Espreita do horizonte; que sequioso
Sorve o espaço infinito; e que se anima,
Ouvindo á prôa o borbulhar da vaga,
Ou o vento nos cabos esticados.

Transpunha então o conhecido termo
Onde caudal e majestoso o Tejo
Vae encontrar o oceano, e offerecer-lhe
O tributo abundante de suas aguas,
Sem que receba d'elle em recompensa
Forçada vassallagem, como d'antes,
Quando seus filhos, percorrendo o globo,
Reis no mar e na terra vencedores,
Voltavam, semideuses de heroismo,
Carregados de gloria. Desfraldada
Á pôpa leva a bicolor bandeira,
As quinas portuguezas, e, soberbo
De vêl-as fluctuar, encara o p'rigo.
Tal o nobre corcel, á guerra afeito,
Ao sentir cavalleiro experiente
Apertar-lhe as ilhargas, pula ufano,
Morde o freio espumoso, o chão escarva,
E anhela as armas e o feroz combate.

Quanto custa deixar da patria o solo,
E ver da borda do baixel veleiro,
Que a tudo que estimâmos nos arranca,
A terra desmaiar, como desmaia
Candida amante, ao despedir-se em pranto
Do terno amado, que choroso parte!
Quanto custa deixar os bellos sitios,
Onde nascemos, onde a vez primeira
Nos despertou a luz da natureza:
O céu, o sol, as nítidas estrellas,
E o astro melancholico da noite,
Que nos foram no berço testemunhas,
Socios depois nos infantis folguedos,
E depois confidentes silenciosos
Do nosso amor, da desventura nossa!

Então deante de nós reapparecem
Vivos, reanimados, e julgáreis
Falando até, os annos do passado,
E com elles o magico theatro
Da nossa vida inteira. A conhecida
Egreja, onde rezar acostumavamos,
Então na idéia avulta com suas festas,
Com suas torres de neve, e os bronzeos sinos
A dizer-nos: adeus; não mais ás preces
Te havemos de chamar como chamavamos.

O cemiterio, em cuja terra dormem
Paes, irmãos, a escolhida da nossa alma,
Os amigos, ou d'esses caros entes
Alguns sequer, tambem, tambem parece
Dizer (e sôa a voz de sob a campa,
A voz de quem amámos): ao sol posto
Não te verei a divagar calado
Aqui, por entre os funerarios leitos,
Como ás vezes fazias, orvalhando
O chão frio de lagrimas saudosas.
Os passeios, os densos arvoredos,
O oiteiro, o monte, os valles, as planicies
Estão-nos acenando a convidar-nos
Com flores e verdura e extensas vistas,
Qual d'ellas mais variada, mais alegre,
E no sonoro murmurar das folhas,
Da agua a correr em fontes, em ribeiros,
E no canto das aves tristemente
A segredar-nos: porque assim te apartas?
Vaes-te; e nós nos ficâmos, de mysterio,
De musica e fragrancia enchendo os ares.
Chama por nós o vozear continuo
Da cidade ou da villa em que moravamos,
As largas praças, as sabidas ruas,
Em cada hora e momento uma lembrança,
E, inda mais do que tudo, a casa e aquelles
Seres queridos que por nós viviam.

Como estará tão muda e tão deserta
A minha habitação! toda fechada,
Sem do sol receber a luz benigna,
Quasi mesmo sem ar! Traja de lucto
Qual o meu coração. Eramos ambos
Amigos; conhecia meus pesares
E as minhas alegrias; separados
Não podemos viver sem sermos tristes.
Assim pensa o mesquinho desterrado
Que familia não tem, que vê fechar-se
A porta do seu lar logo sobre elle,
Como se fecha sobre o morto a porta
Do tumulo sombrio. O que ditoso
Conta familia que amargura acerba,
Que tristeza padece no momento
Da fatal despedida! Como chega
A invejar até mesmo os que são orphãos
De affectos e de amor! Ah! insensato!
Que não te escute Deus. Nada ha mais duro
Do que só existir. Mas tão penoso
Esse momento é, mas queima tanto
O choro, mas confrangem tanto a alma
Os abraços na hora da partida,
Que a dor o desassisa, o torna injusto,
E desconhece os bens que Deus lhe dera.

Para esse que de angustia e desespero,
Ao perder tantos seres adorados,
Com quem reparte o sentimento e a vida!
Que saudades que matam! que memorias
Do tempo em que eram juntos! quanta magoa
Não vem casar á sua o pensamento
Dos que soffrem por elle, e como treme,
Como gela de susto, se imagina
Que a morte em sua auzencia algum lhe rouba!

....

Desde que a foz do Tejo o leve barco
Passou de todo, a cortadora prôa
Poz no rumo do sul, e sem receio
Engolfou-se no pélago infinito.
A pouco e pouco foi atrás ficando
A costa, e foi-se confundindo á vista.
Primeiro as varias sortes de terreno
Tornaram-se uma só; depois as casas
Aqui e alli dispersas desmaiaram
Té de todo sumirem-se; as aldeias
Transformaram-se em manchas espraiadas,
Depois em vaga, mal distincta sombra;
Emfim tudo cobriu escuro manto
De baça, unida cor.

Algumas horas
Assim co'a prôa aguda foi cortando
Do salso argento as ondas agitadas
O garboso baixel. Já o horizonte
Ia a tocar a lampada diurna,
E baixava dos céus essa tristeza,
Que é para o coração do que padece
Fonte de amor, de abençoado pranto,
Quando ao longe nas aguas do oceano
Viu o pobre Eduardo sepultar-se,
Quasi na côr egual á azul esphera
E ao mar azul, a idolatrada Patria.
Viu-a sumir-se; e consternado a fronte
Sobre o peito inclinou, e duas lagrimas
A furto pelas faces lhe rolaram.
Depois elevantou-a, vagaroso
Olhou em torno, e descobriu apenas
O firmamento, a vastidão das aguas.

O AMANHECER

Com a luz da manhan deixou o leito,
O movel leito em que por só instantes
Cerrara os olhos o infeliz mancebo,
E foi-se respirar sobre a coberta
Da madrugada as refrescantes auras,
Ou, antes, procurar um outro sitio
Em que pudesse espairecer as dores.

Que de quadros essa hora offerecia
De indizivel encanto! No oriente
A aurora assoalhava as suas galas,
Tingindo o limpo céu de oiro e de rosas;
Sereno estava o mar, a desdobrar-se
Por toda a parte em roda até ás raias
Do alongado horizonte, onde se unia
Ao puro anil da abobada celeste,
Como que a sustental-a, pavimento
De sempiterno, immensuravel templo.
Era tudo silencio e majestade;
Nem uma vela ao menos animava
Tamanha solidão; e, só, perdido
N'esse liquido plaino, e centro d'elle,
Um pequeno baixel, um quasi nada,
Onde um punhado de homens atrevidos
A natureza e a morte defrontavam;
E lá em cima Deus. Depois o globo
Foi das ondas o sol alevantando
Até surgir inteiro. Então o quadro
Animou-se; inundaram no ambiente
Cataractas de luz; o mar vestiu-se
Em parte de armadura fulgurante,
Toda escamas de prata, qual guerreiro
Que esperta o sol do dia do combate;
E o nauta se alegrou, como se visse
Um amigo fiel, um socio, um guia,
Para ajudál-o a supportar com animo
As lidas, as tormentas e inclemencias
Do oceano voraz.

Ficou Eduardo,
Logo que lhe feriu tal scena os olhos,
Sem voz, estupefacto. A grandiosa
Poesia, que em tudo alli falava,
Captivou-lhe o pensar, acostumado
A percorrer o espaço imaginando
Quanto ha de portentoso e de sublime.
Pequeno se julgou ante grandeza
Tamanha. Muitas vezes ideara
Espectaculo assim: mas a verdade
Excedia os seus sonhos de poeta.
Pensou que sobre o pégo se estendera
Alcatifa de pedras scintillantes
Para Deus o pizar; que se elevara
Em toda a pompa sua o rei dos astros,
Para do rei dos reis dizer a vinda,
E que dentro de pouco, o céu rasgando,
O proprio Omnipotente apparecia
De mil soes rodeado, e fulminava
Com mêdo e pasmo a natureza absorta.
Por algum tempo d'este modo esteve
Dobrado ao pêso de tamanho assombro;

Recordou-se depois de como lhe era
Aprazivel e doce aquella hora
Na Patria, e suspirou pelo passado,
Por quantas vezes o gosou ditoso;
E tudo quanto amava de repente
Surgiu aos olhos seus, mas tudo triste
E com as cores da feral saudade.

O ENCONTRO

É o dia formoso, o mar pequeno,
E ligeiro o baixel corre alastrando-o
Todo á roda de espuma. Em céu sem nuvens
Caminha o astro maximo, não longe
Do elevado zenith, e com seus raios
Bate nas brancas, retesadas velas
De luz ferindo a vista. Que elle toque
Da esphera azul o meio, sobre a tolda
De pé o capitão e o mestre aguardam
Com o sextante em punho. Não se esfalfa
O marinheiro a subjugar o leme,
E a fazel-o rodar; de quando em quando
O move apenas, e elle cede logo.
Parte da gente no convés sentada
Cose o velacho, parte distribue-se
Pela prôa, uns na borda recostando-se
A conversar, outros no chão jazendo;
Parte descansa do afanoso quarto,
E se refaz para encetar de novo
As nauticas fadigas.

Uma vela,
Brada, álerta, o gageiro, que no cesto
Da gavia se esquecia do trabalho,
Espreitando os remotos horizontes;
Uma vela, repete logo em baixo
A maritima turba. Ao grito alegre
Em movimento se transforma a calma.
Quaes acordam, os membros estirando,
E, ainda mal dispertos, se levantam;
Quaes a pratica deixam; quaes altercam
Sobre o ponto onde está; quaes se descuidam
Da agulha e volvem para o mar a vista.
Com olhares expertos, penetrantes
Todos elles a buscam. Já suspensa
No limite do céu e do oceano
Quasi invisivel a final a enxergam.
Já se descobre o casco. A pouco e pouco
Se vem avizinhando e vem crescendo.
Cêdo se encontrarão, que opposto rumo
Os dois baixeis conduz. Um d'elles iça
A bandeira das quinas; iça o outro
A da forte Inglaterra. Eduardo e o velho
Tinham tambem corrido á bôa nova,

E attentos, encostados á amurada,
Viam-no approximar. Como orgulhoso
O pélago fendia, vomitando
Pelo grosso canudo ondas de fumo,
Velozes, conglobadas, que deixava
No ar atrás de si, qual densa nuvem;
Como bramando co'as girantes rodas
Alvorotava o mar, que, perturbado,
E em cachões alvacentos refervendo,
Em larga esteira ao longe se estendia!
Qual brilha ao sol a mádida baleia,
Quando sa'e fóra d'agua, assim brilhava
O negrejante, rútilo costado
Da garbosa fragata, cujas peças
Olhavam das abertas portinholas,
Como olhos infernaes, a dardejarem
Torva ameaça de morte. Já perpassam
Um pelo outro; já se avista a borda
Do guerreiro baixel, toda animada
De turba curiosa; já resôa
Nos ares a buzina atroadora,
E indaga qual o porto da sahida
E qual o porto do destino seja;
Até que mais e mais ambos se apartam,
E, um após outro, arriam as bandeiras
Que ondeavam na pôpa alegremente.

Como o inglez poderoso ha de ufanar-se
De ver o seu pendão senhor dos mares,
E de achal-o temido e respeitado
Nas mais escusas e distantes praias
Do populoso mundo, emquanto o nosso
Raro se encontra, e não se lembra quasi,
Pensou comsigo Eduardo, o qual seguia
Com a vista a fragata para o rumo
Do norte mais e mais a separar-se.
E de repente a fronte povoou-se-lhe
Das scenas mil da nossa velha gloria,
Sem eguaes, espantosas; e, enlevado
Nos seus sonhos, passar viu dentro d'alma
Por sobre a face do revolto oceano
Nossas potentes, atrevidas frotas
Umas atrás das outras navegando
Como em scena phantastica. Era o Gama
A abrir as ondas inda não domadas
Em demanda da India; era o ditoso
Cabral, pela fortuna protegido,
Achando para porto de repoiso
Um novo, immenso imperio; era Albuquerque
Varrendo a ferro e fogo o pégo em chammas
Com o incendio dos lenhos inimigos
Desde Ormuz a Malaca; e Almeida, e Castro
Correndo ambos a Dio, ambos anciosos

Por vingarem a Patria e os caros filhos;
E outros tantos que o povo levantaram,
O povo portuguez como de todos
Os illustres do mundo o mais illustre.

Ó mar, ó tu, que foste ao mesmo tempo
Berço, theatro, e tumulo famoso
De tão grandes façanhas e prodigios,
Como os que outr'ora obramos, hoje incriveis
Para os homens pygmeus da nossa edade,
Que alma de portuguez te não estima?
Qual não se enche do santo amor da terra
Onde nasceu á luz, do nobre impulso
Do fogoso enthusiasmo ao contemplar-te?

Ah! eu que o diga, quando, ainda impubere,
Misero, te sulquei a vez primeira,
Levado pelo sopro do infortunio
A extranho, longe clima, ah! eu que o diga!
Já, de infante, no peito me fervia
A innata inclinação, que o sentimento,
O amor, a gloria, a fé, tudo que ha bello
Seu torna, apura em si, para expressal-o
Em sublimada, cadenciosa forma;
Já então ensaiava implumes azas
O mal contido espirito, mas inda
Não me era dado desferir o canto.
Era ainda feliz, não tinha dores,
Não podia cantar, que são do vate
Ellas a mais prolifica semente,
A inspiração melhor. Mas dentro em breve
Cerrou-se-me o horizonte da existencia,
E dos golpes da sorte retalhada
Em torrente de lagrimas sentidas
Se desprendeu minh'alma, como a rocha
Que no ermo tocou de Deus a vara;
E soltou-se-me a voz como em gemidos,
E da alta pôpa do baixel insano,
Que á terra do meu berço me roubava,
A ella disse adeus, carpi meus males.

Ó mar, extenso campo onde se espraia
A idéia á larga, e o coração se aperta,
Ao comparar a pequenez humana
Com tua immensidade, ah! quão saudoso
O adejo eu desprendi então incerto,
Timido, a rastejar as tuas aguas
De pranto carregado; e quantas vezes
Falei comtigo, e me abrandou a auzencia
Da Patria o meditar que n'outro tempo
Foste uma parte quasi d'ella, arena
Gigante, onde os gigantes contendores
Da portugueza, immorredora gloria
Assombraram co'os feitos o universo!

NO FIM DO DIA

Hora do pôr do sol, hora banhada
De meiga poesia, melancholica,
Crepusculo da tarde, hora de fadas,
Puro manto do céu com que se encobre
Em parte o mundo, para a sós ficarmos
Com as nossas tristezas e saudades,
Quem é que te não ama, e no teu seio
Uma vez não chorou sequer na vida?
Como por ti o roixinol mavioso
Modula as ternas queixas, encantando
Com os seus trillos a espessura, os valles,
E corre mais sonora e calma a fonte,
E o ribeiro entre a relva; como a brisa
Por ti anima as folhas do arvoredo,
E lhes empresta as murmurantes falas,
Que percebe quem pena, e os mais só ouvem;
Como se ala por ti a mente em extase
Ao Creador, e se allivia o peito
Do doloroso, represado pranto!
Mas aos plainos do mar és bem diversa,
Hora de grato enlevo: pesam n'alma
Tamanha solidão, tanta grandeza.
O homem, como a ave que precisa
De vez em quando abandonar os ares,
Para poisar das arvores nos ramos,
Ou junto ao córrego onde mate a sêde,
Tambem precisa repoisar a vista
E o pensamento, de voar cansados
Pelo espaço infinito, n'algum tronco,
N'alguma flor, n'alguma veia argentea.
Porêm das aguas o deserto infindo
Nada offerece que nos prenda os olhos!
Nenhum canto de amor, nenhuns trinados
Do rei dos bosques, nenhum som de folhas,
Ou de correntes que trás si nos levem
Os sentimentos, a attenção captivos.
Nada. As ondas, o vento, o mar sem termo!
Cansa, aterra tão grande majestade;
E as lagrimas, que embalde procuravam
Subir do coração, ca'em de novo,
E mais crueis, do coração nas chagas!

A FUGA

Assim dizia a carta. Era o veneno
Co'a doçura do mel; era, entre flores,
N'ellas occulta, vibora traidora.
E ella cedeu, cahiu, como do empyreo,
Queimando as azas celestiaes no fogo
Da rebelde soberba, fulminado
Cahiu outr'ora o principe dos anjos.

Lá vão, cobertos pelo véu umbroso
Da noite, o seductor e a fementida.
O crime que a perdeu, que os junta, os segue;
É seu unico socio. A terra escura,
O céu, orphão de luz, farto de nuvens,
Feias, horrendas, diminuir intenta
Em vão com seu negror da acção nefanda
O profundo negror, e o vento irado
Tambem debalde lhes arranca as vozes,
Lh'as espalha no ar, e para longe
Leva comsigo as meigas confidencias,
Os projectos de amor, as loucas juras;
Pelos olhares chammejantes falam
Ternas palavras que dizer não ouso.

Lá vão correndo nos corceis ligeiros,
Cujo tropel se junta ao rumoroso
Começo da medonha tempestade.
De jubilo infernal incendiados,
Passam nas trevas como passa o raio
Que brilha, desparece e deixa a morte.
E a morte, a assolação deixaram elles
Atrás de si tambem. Ai! Eduardo!
A tormenta que enlucta a natureza
Tambem de espesso dó te cobre a alma.
Sobre a tua cabeça a amontoaram.
Foi a crua, a infiel! Do floreo prado
Onde a vida com ella deslizavas
Contente, venturoso, á fria borda
Te arrastou do sepulcro!

A nova infausta
Elle a ouviu; e gelou de horror, de assombro.
Cego pelo furor, pelo ciume,
Tresloucado correu de casa em casa
Por toda a sua habitação, sem fructo;
Não a pôde encontrar. Se elle a encontrasse,
Que fizera não sei; se achasse o amante
Da desleal, co'o sangue lhe pagara
N'esse mesmo momento a atroz affronta.
Cego pelo furor, pelo ciume,
Mandou sellar o seu melhor ginete;
Poz á cinta as pistolas; n'um instante
Montou. Para onde vae nem elle o sabe.
Segue o caminho que lhe marca a sorte.
Sob os pés do animal que infrene vôa
Tine, fuzila o chão; por ante os olhos
Do mancebo perpassam na carreira
Veloz, vertiginosa, casas, troncos,
Valles, campos, vergeis, e tudo breve
Lhe fica após, e tudo se confunde
Na escuridão da tempestuosa noite.
A grossa chuva que em torrentes zune,

As terras alagando, as repetidas,
Fortes rajadas que lhe o rosto açoitam
Nem as sente sequer. Nada lh'importa
Que soffra o corpo quando soffre a alma
Tormentos infernaes. Que importa o mundo?
Vive, respira só para a vingança.

A VINGANÇA

Começava a raiar a madrugada
Quando aos lares voltou. Louco de raiva,
Transviado correra toda a noite
No fogoso corcel, sem que os achasse.
Do rosto respirava o desespero;
Pelo furor os labios lhe tremiam;
E espumava de colera, bem como
De lassidão o seu veloz ginete.

Descavalgou; subiu silencioso;
E ficou só; não só, acompanhado
Pelos seus tenebrosos pensamentos.

Mas onde vae agora? Novamente
Para lhe dar sahida as portas se abrem,
E se fecham sobre elle. Ao seu mandado
Nunca mais se hão de abrir. Caminha rapido;
E atrás não volve os olhos; não envia
Á sua habitação o adeus extremo.
Nada lhe resta alli para chamar-lhe
O coração; ninguem alli, que o ame,
Ou com humida vista o siga ao menos.
Alli da sua breve f'licidade
Foi um tempo o theatro e logo o tumulo.
Era do seu viver uma memoria,
E buscava esquecêl-a. Porêm como
Esquecer o passado, se vivia
Para o passado só, para a vingança?
Se lhe pulsava só pelo que fôra
A existencia febril? se no presente
Encontraria um pavoroso vacuo?
Se o esquecimento só lh'o dera a campa?

Pouco tempo depois do Prata as aguas
Para sempre deixava: que embarcaram
Em outra parte com destino a França
Ao certo lhe constou. Ia após elles.

Viu, insensivel, desfraldar as velas;
Viu, insensivel, desmaiar a costa;
Sem verter uma lagrima. Seccou-lh'as
Dentro do peito das paixões queimado
O intimo vulcão. Mas quando em torno
Só descobriu do oceano a immensidade

Animou-se-lhe o rosto. Aquelle plaino
Deserto, pelos ventos açoitado,
E em cuja profundeza myst'riosa
A morte, as tempestades se encerravam,
Era como a sua alma.

Atravessando
Assim do largo Atlantico os espaços,
Os dias, as semanas se passaram
Monotonas, sem fim, só variadas
Pelas trevas e sol, pelos rugidos
Do vento, pelas ondas que se acalmam,
Ou formam serras vomitando ameaças;
Mas perigos, mudanças não sentia
Quem pelejava sem repoiso, entregue
Do coração ás intimas procellas.

Já da torrida zona a altura vingam;
Já a d'Africa ao norte; já da Europa,
De Portugal, que ver não lhes é dado,
Sulcam as aguas; já, vencida a custo
De Biscaia a bahia tormentosa,
Abocam o canal, tambem, como ella,
Por miseros naufragios povoado,
E ao seu destino finalmente chegam.

Bella se ostenta a capital da França
Ao extrangeiro, enorme, ruídosa,
Sorrindo folgazan, porêm áquelle
Que procura o prazer, ao que não roem,
Como cancro voraz, as chagas d'alma.
Para estes o continuo movimento,
A continua alegria, os esplendores
Da riqueza, do fausto os importunam.
Assim foi Eduardo. Tantas festas
Ao pé da sua dor! tantos felizes
Ao pé d'elle infeliz! tão cambiante,
Confusa multidão, que o não prendia,
Que lhe era indifferente, aborrecida,
E sem poder achar no meio d'ella
A quem buscava só!

Em vão buscava.
Tinham passado já talvez seis dias
Que deixaram Paris, tomando a estrada
De França a Italia, de caminho a Roma.

Folgam; correm a Europa venturosos!
Não se lembram de mim! Ah! pobres loucos!
Esqueceram-se? Eu não; nunca os esqueço.
Sigo-os por toda a parte infatigavel;
E um dia, de repente, como um raio,
Entre ambos cahirei.

Assim pensava
Eduardo merencorio, caminhando,
Ao deixar a cidade. Que de quadros
Agradaveis, que longos panoramas
Os seus olhos turvados de tristeza
Não iam descobrindo! Os verdes campos,
Esmero do cultor, a um lado e outro
Amenos se estendiam, de palacios,
De parques, de vivendas elegantes,
De successivas povoações ornados:
Ora Fontainebleau co'o regio paço
Que viu da Europa o vencedor vencido
Dizer ao throno adeus meio sumida
Entre espesso arvoredo; ora, nas margens
Do Loire, Nevers com sua velha,
Altiva cathedral; Moulins, Roanne,
Lyão, tão fabricante e rumorosa;
Depois da França as derradeiras terras,
Da Saboya os confins; e logo n'elles
Chambery, que disputam os dois povos,
Como entre ambos incerta.

Agora entranha-se
Nos Alpes, cujos pincaros agudos
De neve sempiterna se corôam,
E se erguem temerosos e gigantes,
Quaes gigantes phantasmas. Sobe agora
Ao cume do Cenís, e a Suza desce,
Suza, chave da Italia, tantas vezes
Pela Italia perdida e recobrada,
Passa a grande Turim, do Pó senhora,
Onde reinava o homem que devia
Pouco mais tarde levantar da espada
Contra a Austria feroz, para as algemas
Espedaçar da lacrimosa patria,
E, derrotado, abandonar o sceptro,
E, no desterro, abandonar a vida.
Passa de Alexandria os fortes muros;
Genova, tão soberba antigamente
Do seu pingue commercio, e inda soberba
Hoje do seu passado grandioso,
Dos seus marmoreos paços, do seu golfo,
Que os pés lhe vem lamber; Pisa, a toscana,
Patria de Galileu e de Ugolino,
Com sua celebre torre sobre o Arno
A mirar-se gentil; Siena, outro tempo
Rival potente de Florença e Pisa,
E que não tem rival em toda a Italia
Da fala e das mulheres na belleza;
O lago de Bolsena e as suas ilhas
Nos estados do Papa; a rica em praças
E em templos, a magnifica Viterbo;

E, dentro em breve, atravessando o tracto,
Que há de Viterbo a Roma, em Roma entra.

Aqui chega e resfol'ga. A vez primeira
Se lhe aclara o semblante, mas de torvo,
De sinistro clarão. Em parte a França,
A Italia percorrera, e tantas scenas
No pensamento de amargura cheio
Apenas as sentiu. Plainos viçosos,
Onde outro tempo deleitara a vista,
Cidades e logares povoados
De mil recordações, a cujos echos
Respondera sua mente de poeta,
Se ver, falar pudesse alguma coisa
Que não fôra sua dor; altas montanhas,
A que subir ambicionava outr'ora
Para atirar nas amplidões do espaço
O olhar amigo do que é grande e bello,
Estrepitosos rios, fundos valles,
Que passageiro sol aquenta apenas,
E onde humedece de tristeza os vôos
O bardo scismador, nada o seu peito
Conseguiu demover. Impaciente,
Eram-lhe as horas e os momentos seculos:
Só da vingança desejava o termo;
Só pensava na affronta e na vingança.

Ás maravilhas da cidade augusta
Do Tibre, duas vezes soberana
Pela religião e pelo tempo,
Nem um momento deu, posto que n'alma,
Viva pelo passado, lhe falassem
Os ossos da cidade do passado,
Os restos do que foi. Outro alvo tinha
Que o prendia tenaz. Chegou e logo
Indagou do traidor. Soube onde estava;
E desde então, como persegue á prêsa
O tigre, o perseguiu sem ter descanso.

Uma vez, de ninguem reconhecido,
Os viu sahir, a elle e á refalsada
Em esplendido coche, radiantes
De jubilo, sorrindo venturosos,
E estreitou contra o peito onde o guardava,
Como socio fiel, com mão convulsa
O buído punhal, porêm conteve-se,
Embora ávante lhe bradasse o inferno.
Viu-os uma outra vez entrando as portas
Do theatro, elle e ella, juntos ambos,
E abafou de furor, e deu dois passos
Para romper a multidão; mas logo
Na espessa multidão se confundiram.
Outro dia porêm no fim da tarde

O viu sahir a pé; ia sósinho
E cauteloso o acompanhou de longe.
Deixaram a cidade, dirigindo-se
Para a parte do norte, onde se estendem
Da Roma antiga os veneraveis restos.
O sitio, a occasião me favorecem,
Disse comsigo mesmo; é vinda a hora.

Nas orlas do horizonte incendiado
O sol desparecera, e as pardas sombras
Já cahiam do céu cobrindo a terra.
Pouco depois das bandas do oriente
Surgiu a lua illuminando o espaço.
E n'esse chão deserto, povoado
Só de ruínas, que ao fulgor argenteo
Se alçavam como palidos sepulcros,
Elle o seguia sempre. Assim chegaram
A distante logar. Parou o extranho;
Sobre uma pedra se assentou, e alheado
Jazeu, e inerte, e em meditar profundo,
Como se nada visse; porêm subito
Appareceu ante elle, erecto, livido,
Como phantasma que deixasse a campa,
Eduardo ameaçador. Ergueu-se á pressa;
Quiz falar, defender-se; inutil era;
Que mão de ferro lhe travou de um braço;
Que nos ares luziu, como relampago,
Fulminante punhal, e sobre a terra,
Rubra de sangue já, tombou ferido,
Para logo expirar.

Sou eu; conhece-me,
Com voz rouca, de colera tomada,
O mancebo rugiu; infame, morre.
E a toda a pressa o accusador terreno
Deixou, sem para trás volver o rosto.

Ante os olhos, que horrendos scintillavam,
Como o sol entre as nuvens da procella,
Iam-lhe o sangue, a morte, o inferno d'alma.
De temor, de remorsos erriçavam-se
Sobre sua fronte livida os cabellos;
Na sombra das columnas solitarias,
Que ao nascente fulgor da branca lua
Ao longe sobre a terra se estendiam,
Suppunha ver do assassinado a sombra
A perseguil-o sempre, e ouvir-lhe os passos
No sussurrar da viração da noite,
Ou no longo rumor dos proprios passos.

Ah! vingança cruel, quanto não custas!
Para reinar, os que perder intentas
Cercas de escuridão, que só na treva

Póde luzir o teu fatal incendio,
Que assim lhes velas o tremendo abysmo
Onde vão após ti; depois o abysmo,
Onde os lançáste, aclaras sem piedade,
Co'a luz sanguinea illuminando a treva.

Vingado estou! nada mais faço em Roma.
Ella... que viva, e d'esse mundo indigno
Por que me desprezou receba a pena.
Maldicta sejas tu, cidade torpe,
Que de ti dentro a vibora resguardas;
Maldicto seja o dia em que hei nascido;
Maldicta a luz do céu que vê meu crime!
Assim dizia, abandonando o Tibre,
Insano quasi, o desditoso joven.

De envolta com tão lugubres idéias
Recordou-se da Patria, dos seus dias
De innocencia, de quieta juventude,
Do seu vagar sosinho pelos montes,
Scismando, ao pôr do sol, dos seus primeiros
Amores... e um sorriso entre acre e doce,
Que lhe assomava aos descorados labios,
Se converteu em lagrimas. Chorava
Mais do que o seu destino, o de Maria;
Mas esse pranto, amargurado embora,
Verteu-lhe n'alma balsamo suave.

A VOLTA Á PATRIA

Recordou-se da terra do seu berço,
E a ella quiz tornar, inda que tudo
Que n'outro tempo amou, que lhe aprazia
Fosse para o seu mal espinhos novos.
Mas onde havia de ir que os não sentisse,
Se elle era a sua dor? Voltou á Patria.

Das alegrias todas d'esta vida,
Tão erma, qual existe que se eguale
Á de rever o idolatrado solo,
Onde houvemos a luz? Certo nenhuma.

Ainda me recordo d'esse dia
(Nunca me ha de esquecer!), em que a meus olhos,
Cansados de chorar, appareceste,
Ó cidade do Tejo. Tantos annos
De longe te sonhei! O meu desejo
Unico, o meu constante pensamento
Foste só tu nas plagas extrangeiras.
Bem como se ama o lar em que nascemos,
Em que passámos a mais bella quadra,
Mais feliz da existencia, e onde suspiram
Por nós saudosos, adorados seres,

Assim te amava eu. A tua imagem,
Os teus logares celebres, teus grandes
Edificios guardava-os na minh'alma,
Posto inda tenra e no florir primeiro
Dos annos juvenis, como se guarda
Cada um dos aposentos, dos objectos
Da casa paternal, que a cada canto
Resôa das lembranças do passado:
É que, através da nuvem de tristeza,
Que ensombra aquelle que no exilio habita,
É que, através do tempo e da distancia,
A Patria, esse composto variado,
De tantas partes, um conjuncto forma,
Uma visão de amor e de saudade,
E co'o lar da familia se confunde.

Como, longe de ti, eu te anciava,
Como, longe de ti, por ti soffria,
Ó Patria, conheceste-o n'esse instante
Em que pude beijar emfim tuas praias.
Orphão de affectos, socio da miseria,
De tudo me olvidei. Era alvoroço
Todo eu, todo fogo, enthusiasmo,
Lagrimas de prazer. Co'os vivos olhos
Do coração, do corpo devorava-te;
Parecia falar-te; como insano
Corria aqui e alli. Viveu de certo
Quem d'est'arte gosou. Uma hora d'estas
Muito mais vale que uma vida inteira.

Não assim Eduardo. As alegrias
Morreram para elle. Nem a Patria,
Que amava com extremos de poeta,
Lhe pudera acordar senão tristeza.
O grandioso, magnifico espectaculo
Da raínha do Tejo surpre'endeu-o;
Porêm logo de subito as memorias
Da sua edade gentil o circumdaram,
Como infantes risonhos e innocentes,
Que viessem brincar junto da victima
Que sobre o cadafalso espera o golpe
Do cutello do algoz.

E tão formosa,
Tão animada a senhoril Lisbôa
Nunca em manhan serena pompeára
Pelos seus grandiosos, ricos montes,
Por seus gramineos valles estendida,
Magico amphitheatro que no mundo
Não tem comparação. Alumiava-a,
Subindo pelo céu, claro, sem nuvens,
O sol já levantado do horizonte,
O forte sol do estio; d'entre a alvura

Das bastas casas, a animar o quadro,
Como véus recamados de esmeraldas,
Se alastravam jardins, hortas, pomares;
Aqui, alli, alêm o tenue fumo
Das chaminés, do lar de mil familias
Lentamente se erguia; o bronzeo sino
Com voz sonora convidava ás preces,
E do rouco tambor os seccos rufos,
E as trombetas estrídulas soavam.

Ai, que recordações! ai, que funesto,
Que tão duro contraste! Aquella hora
Foi da partida a memoravel hora;
Mas cheio então de vida e mocidade
Elle partiu, embora padecesse,
Peito sensivel que dá pasto á magoa,
Pelo que abandonava acerba pena;
E ora voltava na amargura immerso,
Outro no aspecto, pallido, sem forças,
Por doença fatal, que lhe ia a alma,
De fel a trasbordar, gastando os membros,
Eivado de remorsos, sem esp'rança,
A não ser a da morte.

Era de Junho
O quente mez; foi n'esse mez ditoso
E desgraçado que encontrara acaso
Maria e sua mãe; que houve principio
O seu amor com ella. Recordavam-lh'o
Aquelle sol radiante, aquelle puro,
Limpido firmamento, aquelles campos
Cobertos de lembranças e verdura;
E aquelle fumo que subia aos ares,
Que da familia os socegados gosos
Lhe vinha retratar, tambem pungente
Lhe memorava que ventura tanta
Elle a podia ter, se o consentisse
A impia sorte; que era só no mundo!

N'isto em frente passou do bello oiteiro
Onde a vira, do sitio onde, não longe
Uma da outra, a casa de Maria
E a sua habitação se divisavam;
E mão de ferro lhe cravou mais dentro
A c'rôa do martyrio. Ambas fechadas
Estavam, quando outr'ora ambas se abriam
Tão cedo á luz do sol. Deserta, a d'elle
Não era de extranhar; mas assim mesmo
Infundiu-lhe tristeza! Ninguem tinha
Que de braços abertos o esperasse,
O viesse receber! Porêm a outra....
Que será feito d'ella? E o desespero
E a duvida cruel o assoberbaram.

Como por taes cogitações oppresso,
A cabeça inclinou, que enlouquecera
Quasi á força, ao rigor do soffrimento.

Entretanto o baixel com branda aragem
Por entre cem baixeis ao fundo presos
Vae o Tejo subindo, cujas aguas
Scintillantes espumam perturbadas
Já das agudas, cortadoras prôas,
Já do sonoro compassar dos remos,
Até que ao tom de alegre cantilena,
Ao fragor da corrente, a ancora desce.

Todos folgam; sómente Eduardo triste
Salta da Patria na molhada areia.

A MORTE

É noite, orphan de lua, semeada
De astros que a azul abobada guarnecem.
Conversando das sombras co'o mysterio
Maria se assentou. Fugia o brilho
Do sol; amava a escuridão das trevas;
Qual se não fosse escuridão bastante
A que o espirito sempre lhe cingia
De profundo negror. Ai, que memorias
Não na assaltavam! Que saudade amarga!
D'antes essas estrellas radiavam
Alegria, esperança; e agora apenas
Baço clarão de mortos. Apagou-se
Dos olhos seus a namorada estrella;
E tudo jaz escuro. Esmigalhou-se
Ao pêso do destino o bello prisma,
Por onde via a natureza, o mundo;
E tudo lhe parece feio, pobre,
Inerte, sem valia.

D'este modo
Pensando, do estrellado firmamento
Baixou a vista á casa de Eduardo,
E viu n'ella uma luz, como outro tempo
Viu tantas vezes. Illusão acaso
Dos sentidos será? Tremente a dextra
Pela fronte correu; fechou os olhos,
Como se o transviado pensamento
Reter quizesse e afugentar a incrivel,
Subita apparição. Depois de novo
Olhou; lá estava; duvida nenhuma
Já poderia haver. Não era um sonho.
Mas é o amado? O coração previsto
Lhe diz que sim. Por que maneira volta?
Para quê? vem sósinho ou vem com ella?
Estas e outras idéias a perturbam,

Sem que em tamanha confusão alcance
Co'a verdade acertar.

Ah! vem sósinho!
Dentro do peito seu por companheiras
Traz a doença que o devora e a morte!
É a desgraça que o conduz á Patria!
Volta para morrer onde nascera!

Breve descansará na fria terra.
Aquelle corpo de paixões minado,
Véu de espirito e fogo, se consome
Por seu interno ardor. Atroz persegue-o
A tisica fatal, que, despiedada,
Arranca d'este mundo para sempre
As mais singelas e mimosas flores.
Tem de cahir no alvorecer dos annos,
E não lhe pésa de deixar a vida,
Como não pésa aos que exgottaram todo
O calix das humanas amarguras,
E do sol de ámanhan já nada esperam.

É cada dia um passo para a campa.
Não sa'e; odeia a natureza e os homens.
Vive á parte, comsigo, do passado,
Do seu passado, tenebroso cahos,
Aonde remoínham confundidos
A mocidade, o amor, a desventura,
Os remorsos, o crime. Ah! se pudesse
Volver atrás aos invejaveis tempos
Da minha f'licidade! Se a pudesse
Tornar a ver! Mas para quê? mas como?
Como hei de apparecer-lhe? E, assim dizendo,
Fitava Eduardo o olhar enfraquecido
N'essas janellas, onde outr'ora alegre
Ella o saudava, nos formosos sitios
D'esse tempo feliz.

Soube Maria
O do mancebo miserando estado;
E, coração angelico, fundiu-se
De compaixão em lagrimas ferventes.
É só; padece; ninguem d'elle trata;
Eis os seus pensamentos. Que desgraça
Não é a nossa! Juntos poderiamos
Viver; e um do outro separados somos!

Emtanto cada noite ás mesmas horas
A costumada luz brilhava ao longe.
Mas uma vez faltou, e outra, e mais outra.
Maria estremeceu. Não sei que agoiro
Lhe passou pela fronte, negro, horrivel
De morte, de terror. Aquelle lume

Froixo, cercado de mudez, de trevas,
Era da vida do mancebo a imagem.
Apagou-se como elle? ou vive ainda?

Vive; mas bate á porta do sepulcro.
Já o leito não deixa; não tem forças!
Desfallece; definha; sem amparo
De mãe, de amante, de chorosos filhos,
De um amigo sequer. Velho creado
Lhe assiste apenas ao momento extremo.

Desde então o desejo de Maria
Foi estar a seu lado, e amenizar-lhe,
Quanto possivel, o cruel tormento;
Foi ouvir essa voz que ouvia outr'ora
A falar-lhe de amor e de esperança,
Embora só tristeza hoje falasse,
Pela ultima vez; porque, esquecida,
Esquecida por elle, o amava sempre.
Mas ha de abandonar o proprio tecto,
A idolatrada mãe? Não é um crime?
Ha de fugir? Que não dirá o mundo?
Retem-na o affecto filial; retem-na
O receio, a vergonha; chama-a; impelle-a
O amor, a piedade; forte lucta,
A que, alma terna, resistir não póde.
Vence a piedade, o amor. Em curtas linhas
Escreve á mãe qual a razão de tudo,
Rogando lhe perdôe; e á vaga aurora
Da seguinte manhan ir determina.

Mal começam do lado do nascente
Os céus a esclarecer, quando ella se ergue.
Co'as mãos incertas e de mêdo tremulas
Veste-se á pressa, sem fazer ruído,
E com pequeno, cauteloso passo,
O solo tenteando, o quarto deixa.
Quando chega ante a porta do aposento
Onde poisava a auctora de seus dias,
Quasi que lhe fallece inteiramente
O resoluto ardor; hesita; pára;
Escuta um pouco. Silencioso é tudo.
Dorme tranquilla, diz; talvez commigo
Sonhe agora; mas não que d'ella fujo,
Que não me ha de encontrar, como é costume,
Erguendo-se. Que lagrimas doridas
Não verterá por mim! É impossivel.
Mas elle? Morrerá sem que eu o veja?
E continúa ávante. Em breve chega
Á casa do oratorio alumiada
De uma pequena, suspendida lampada
Pelo escasso clarão. Atravessando-a,
Da Mãe de Deus na imagem sacrosanta

Os olhos põe, e o divinal semblante,
Onde encontrara tanta vez bondade,
Que lhe sorrira sempre, carregado
De severa tristeza lhe parece,
Como que censurando-a. Novamente
Pára; torna a hesitar; e de joelhos
Se lança aos pés da Virgem, toda afflicta.
Pede que lhe perdôe; que a mãe ampare;
Que lhe dirija o caridoso empenho,
E as suas puras intenções protesta.
Vou soccorrer quem soffre, élla accrescenta;
Vossa missão é soccorrer quem soffre;
Seguir o que fazeis não é um crime.

Assim orando, a celestial imagem
Julga ver aclarar-se de repente
De maior luz, de animador sorriso,
Que dizer-lhe suppõe: tranquilla parte;
Esta mansão protejo e te acompanho.
Por tão grande prodigio alvoroçada,
Anima-se, e encaminha-se ligeira
Á porta; mas, abrindo-a cuidadosa,
De novo a hesitação lhe assalta o animo;
Treme-lhe a dextra; por momentos pensa
Irresoluta; mas poder mais forte
A supporta, a avalora. O tempo corre;
Cumpre-lhe decidir; abre-a; decide;
E emfim transpõe o limiar paterno.

....

Em aposento breve onde mal entra
A luz do sol, que já no céu declina,
Eduardo jaz no leito do martyrio.
Repoisa a fronte emmagrecida e pallida,
Tão differente do que foi, tão outra,
No travesseiro, confidente unico
Dos pensamentos seus, e que ha molhado
Hora a hora de lagrimas; os olhos
Fechados tem, e os braços estendidos,
Immoveis sobre a roupa. Se não fosse
O forte respirar, imaginareis
Que a alma abandonara o debil corpo.
Tinha velado quasi inteira a noite
Em inquieta agonia, e pouco antes
D'alva, como vencido pela lucta,
N'aquella funda prostração ficara.

Do leito á cabeceira está Maria,
E junto d'ella a mãe, que, dentro em breve
Consternada a seguiu, que a ajuda, a alenta
Para soffrer o doloroso transe.
Ora lhe diz algumas curtas phrases

De materno consolo e de esperança,
Onde esperança, nem consolo existem;
Ora lhe estreita a mão silenciosa;
Ora se esquecem ambas engolfadas
No pégo de suas dôres, ou contemplam
No rosto demudado do mancebo
Do que é e foi o misero contraste.

Emfim as langues palpebras a custo
Descerra o enfermo, e vagaroso corre
Co'a debil vista em roda do aposento.
Quem sois vós, admirado elle pergunta
Com mal distinctos sons, as duas vendo,
Quem sois que dó de mim haveis ainda?
Por unica resposta ouve soluços,
Como do que pranteia e o pranto esconde,
E em seguida uma voz que lhe confunde,
Que lhe revolve o pensamento e a alma,
Dizer maviosa: sabereis quem somos,
Quando fordes melhor; vimos tratar-vos;
A amizade nos liga; abandonado
Estaveis quasi; e padecieis tanto!
Quizemos soccorrer-vos. Assim fala
Maria, o nome seu não delatando.
Encobrir-se pretende com receio
Que, subita, a verdade lhe origine
Algum damno fatal. Esforço inutil:
As palavras que trunca e mal profere,
O coração angustioso a trahem.

Que escuto? Pois será, será possivel?
Sois vós? Eduardo exclama, e attento a observa
Mais do que até então. É isto um sonho?
O que vejo é real? Sois vós? É certo?..
E, após alguns instantes de silencio:
Porque viestes quinhoar meus males?
Eu não mereço, não, vossos cuidados.
Sou indigno de vós, de tudo indigno,
Indigno da existencia. Ente celeste,
Pagaes-me com bondade a desventura
Em que vos arrojei. Pobre innocente,
Fui eu que vos perdi, que me hei perdido!
Fatal eu sou a mim, fatal aos outros!
Devo morrer como semente infausta!
Ah! cêdo bata essa hora afortunada!
Cêdo me acabe o soffrimento a vida,
Que já não posso supportar. Termina
As ultimas palavras que soltara,
A custo, interrompendo-se, n'um surdo,
N'um murmúrio indistincto.

Socegae-vos
Lhe responde a donzella inconsolavel,

Com lagrimas na voz. Do mal o excesso
Vos empeora o mal, vos torna injusto.
Não sois como dizeis. Eu vos perdôo.
Por muito tempo vivereis ainda.
Confiae-vos em Deus que tudo pode.
Está junto de vós quem vos estima....

Que anjo não és, Maria! E tal riqueza
Desprezar eu! Por quem?! Cruel e infame!
Que anjo não és! E eu deslizar pudera
De placida existencia os doces annos
Ao teu lado; e ao teu lado agora morro!
Ás virtudes, ao bem nasci propenso;
Para a ternura, para o amor fui feito;
Mas a sorte do mundo me ha mudado
No que sou, no que vês, n'um monstro horrendo.
No que vês? D'este modo antigamente
Vos falava, por tu. Ai! que lembranças!
Hoje nem sei como vos falo e vejo.
Ha entre nós um tenebroso abysmo!
E vivo? Só para expiar meus crimes!
Porêm vós, desgraçada, que fizestes
Para soffrer d'esta maneira? amar-me.
Ah! se eu morresse vendo-vos ditosa....
Mas sois muito infeliz; não é verdade?
Muito, muito infeliz! E eu fui a origem....
N'isto as palavras lhe suffoca o pranto,
E rec'ae no torpor em que que jazera.

Tentou Maria confortal-o; embalde.
Quiz falar, e chorou. Para taes dores
Não ha na terra balsamo possivel.
Nem que falasse, a ouvira elle, no fundo
Aterrador lethargo, egual á morte,
O pensamento e a sensação perdidos.

Pouco depois pela afflicção desperta;
Volve-se; os olhos abre de repente;
E erguer-me quero, diz; o ar me falta;
Não posso estar assim. As duas o erguem,
E sobre o leito o assentam, recostando-lhe
Em almofadas o dorido corpo.
Com muita f'licidade o céu vos pague
O que a pagar não chego, almas piedosas,
O joven balbucia, e lhes estende
A descarnada mão, que apertam ambas.

Que horas são? É já tarde; escuto os passaros
Cantando no jardim, junto á janella,
Como te'm por costume, quando finda
O resplandor do sol. Abri-m'a toda;
Quero beber a refrescante aragem.
Mal vos pode causar, Maria lembra.

Não, não me fará mal. Aqui suffoco.
De respirar precizo. É o mez de Agosto,
Se não me engano; e é muito forte a calma.
Bem me fará, pelo contrario, abri-m'a.
E, depois de cumprido o seu desejo:
Como perpassa socegada a brisa!
Que harmonia no cantico das aves!
Tudo é verdura e flores! tudo exhala
Encantos, esperança, amor e vida!
E eu deixo tudo! eu morro! Ai, que de tristes
Recordações em quanto vejo, e sinto!
Quantas recordações! Porque não perco
A memoria, o pensar? Antes mil vezes!
Não soffreria assim.

Não digaes isso;
É offender a Deus. Eu vol-o peço.
Por Deus, por mim, por vós, por quanto existe
Tranquillisae-vos; precisaes descanso.

Eu descansar? Quando de todo acabe
A miseranda vida. O meu tormento
Está dentro de mim, de mim em roda.
Vós mesmo, pobre victima innocente,
Anjo do céu, que me velaes solícita,
O mal que vos causei em bens pagando,
Sois a viva lembrança d'esses tempos
De jubilo e de amor; co'a caridosa
Mão que trata de mim, cravaes-me n'alma
Dentro, bem dentro, os cravos do martyrio.
E, ouvindo-a soluçar, oh! perdoae-me.
Não choreis; o que digo são loucuras.
Já nem sei o que digo. O meu allivio
Sois vós sómente; o céu amerceou-se
Inda de mim, fazendo que vos visse.

Depois emmudeceu; fechou as palpebras;
E longo tempo assim ficou. Dissereis,
Tanto era immovel, pallido, prostrado,
Que não vivia já.

Mas a si torna.
É a ultima vez. O moribundo
Olhar, como de tudo despedindo-se,
Lança em volta. Depois demora-o instantes
Em Maria e na mãe, que se acercaram
Mais do leito, que afflictas o contemplam,
E em surda, rouca voz, que apenas se ouve,
Tomada já pelo estertor: eu morro;
Morro; adeus; perdoae-me, elle murmura.

Emtanto, a pouco e pouco, se enfraquece
E se anniquila o respirar incerto.
Jaz sem fala, sem luz. Cobre-o de todo

Frio suor, a lividez da morte,
E sobre o corpo inanimado e hirto
Paira o silencio eterno!

Como estatuas
De branco marmor, que famoso artista
Cinzelou sobre um tumulo chorando,
Uma á outra abraçada, a mãe e a filha,
Em pé, junto do leito, de mãos postas,
Olhos no céu, de lagrimas se cobrem.
Nada mais quebra do aposento lugubre
A sepulcral mudez.

Porêm lá fóra
Os passaros gorgeiam entre os ramos
Seus canoros poemas; bebe a aragem
O perfume das flores; pela estrada
Passa o trabalhador cantando alegre,
E da luz se despede a natureza,
Ao mesmo tempo jubilosa e triste,
Já esperando na manhan seguinte
Com ella resurgir, sem que lh'importe
Se uma existencia abandonou a terra,
Se n'ella fica pranteando sempre
Uma alma em trevas onde o sol não entra,
Onde só entra uma unica esperança,
A de achar n'outra vida, alêm do tumulo,
O premio que á virtude e á inf'licidade
O Eterno aos seus magnanimo concede.

1867

JERUSALEM LIBERTADA

POEMA

DE

TORQUATO TASSO

VERTIDO ESTANCIA POR ESTANCIA DO ORIGINAL ITALIANO

TERCEIRA EDIÇÃO REVISTA E MELHORADA

CANTO I

As armas canto e o capitão piedoso,
Que libertou de Christo a sepultura,
Affrontando os trabalhos valoroso,
Armado de prudencia e de bravura:
Embalde o inferno o combateu raivoso,
E a Asia se alliou á Libya impura,
Que o céu lhe deu soccorro, e os espalhados
Socios juntou sob os pendões sagrados.

Ó Musa, tu que a fronte não corôas
No Hélicon de loiros morredores,
Mas co'os seres angelicos povôas
O empyreo aureolada d'esplendores,
Faze que minhas rimas sejam bôas;
Vem inspirar-me divinaes ardores;
E releva se o falso em meu poema
Uno á verdade, e ao teu diverso thema;

Pois bem sabes que o mundo o que mais ama
É do Parnaso a lisongeira gala,
E que ao mais rude coração inflamma
A verdade, se em verso meiga fala.
Tal a creança enferma ao calix chama
Doce licor, que foi para enganal-a
Nas bordas posto, e, emquanto o amargo bebe,
No proprio engano seu vida recebe.

Est. I a III.

Tu, grande Affonso, por quem sou liberto
Da morte, e a porto amigo conduzido,
Eu, peregrino errante, que tão perto
D'ella estou, pelo mar quasi sorvido,
Acolhe o canto meu com rosto aberto,
Qual voto que te pago e te é devido.
Talvez por ti de minha penna saia
Um dia o que sómente agora ensaia.

Se acaso em algum tempo socegado
Fôr o povo de Christo, e em pugna accesa
Por mar e terra do infiel armado
Quizer reconquistar a injusta presa,
Justo é que te seja confiado
O commandares a famosa empresa.
Rival de Godefredo emtanto escuta
Minha voz, e te apresta para a lucta.

Corria o anno sexto, após que a gente
Da cruz ás plagas orientaes passára;
Já Nicéa de assalto, e arteiramente
De Antiochia os muros conquistára;
Já esta emfim contra o poder ingente
Do persa innumeravel sustentára,
E vencera Tortosa; á quadra fria,
O novo anno esperando, ora cedia.

E já findava o rigoroso inverno,
Que a começada guerra interrompera,
Quando no céu mais puro o Padre Eterno,
Que é tanto acima da estrellada esphera,
Quanto dos astros vae ao negro inferno,
Do solio, desde o qual tudo modera,
Baixou a fronte; e o mundo n'um instante
Todo se desvendou d'elle deante.

Tudo notou; depois o olhar poisando
Na Syria sobre os principes de Christo,
Esse olhar que, no fundo penetrando
Das almas, nada deixa sem ser visto,
Godefredo contempla, o qual, anciando
Expellir do logar de Deus bemquisto
O descrente, de pio zelo cheio,
Do oiro, gloria e poder não sente o freio.

Mas vê em Balduino o cobiçoso
Desejo, que a grandeza humana prende;
Vê Tancredo da vida desdenhoso;
Tanto uma van paixão o opprime e rende;
Vê Boemundo, que o reino seu famoso
D'Antiochia cimentar pretende,
Dando-lhe leis e artes e costumes
E a verdadeira fé, não falsos numes;

EST. IV a IX.

E que tão firme ha n'isto o pensamento,
Que nenhuma outra coisa premedita.
Em Reynaldo guerreiro atrevimento
Descobre, que o menor descanso irrita,
Não a thesoiros, nem ao mando intento,
Mas á sêde de honras infinita;
Vê-o de Guelfo a voz sempre attendendo,
Os antigos exemplos aprendendo.

Depois de estes e outros int'riores
Sentimentos notar, o Rei do mundo
Chama d'entre os angelicos fulgores
Gabriel, dos primeiros o segundo.
Interprete fiel das sup'riores
Almas e Deus este é, nuncio jocundo;
Aos homens a vontade traz do Eterno,
E as orações eleva ao céu superno.

Procura Godefredo, e lhe reprova
(Ordena ao anjo Deus) o ocio alongado,
Por que motivo a lide não renova
Para o jugo a Sião tirar pesado.
Convoque os chefes; os tardios môva
Á excelsa empresa; d'ella nomeado
Capitão é por mim; sel-o-ha na terra
Por seus ministros, socios já na guerra.

Disse; e no mesmo instante preparou-se
Gabriel por cumprir a alta embaixada.
Como fosse invisivel, disfarçou-se,
Tomou forma visivel, de ar cercada;
Fingiu figura humana; mas ornou-se
Co'a majestade aos anjos facultada;
Fez-se não bem mancebo inda na edade,
E a aurea coma cercou de claridade.

Azas de oiro vestiu e branca neve,
Infatigaveis, com as quaes ligeiro
Fende as nuvens, os ventos, e se atreve
Sobre o mar, sobre a terra sobranceiro.
D'esta maneira dirigiu-se em breve
Ao baixo mundo o divo mensageiro;
E, depois de no Libano reter-se
Librando o vôo, e novamente erguer-se,

Em direitura aos plainos de Tortosa
Precípite desceu. Do roxo oriente
Surgia o sol então com luz formosa,
A mór parte no mar inda latente,
E a matutina prece fervorosa
Alçava Godefredo a Deus clemente,
Quando, a par do seu orbe, mais brilhante
Que elle, o anjo divisa triumphante;

Est. x a xv.

O qual lhe diz: da guerra o tempo chega,
Godefredo, e te induz a que despertes;
E ao repoiso teu braço inda se entrega?
Deixas gemer Sião sem que a libertes?
Os capitães do exercito congrega;
Incita os que mostrarem ser inertes.
Deus te escolhe por chefe; elles o acceitam,
E a ti sem violencia se sujeitam.

Seu enviado sou: eu te revelo
Seu decreto em seu nome. Oh! que esperança
Deves ter da victoria! Oh! quanto zelo
D'esse exercito que hoje em ti descansa!
Findou; e os olhos mais não podem vel-o,
Que ao céu calmo e superno o vôo lança.
Fica a estas palavras Godefredo
Cego de tanta luz, com santo medo.

Mas, depois de pensar e recordar-se
De quem veio, por quem, para que effeito,
Sente o desejo antigo ora abrasar-se
Para a guerra acabar, seu chefe eleito.
Nem, porque aos outros saiba avantajar-se
De Deus na mente, se lhe orgulha o peito;
Mas seu querer mais no querer s'inflamma
Do seu Senhor, como faísca em chamma.

Portanto os espalhados companheiros
N'um ponto a reúnirem-se convida
Por cartas e frequentes mensageiros,
Sem que a prece jamais seja omittida.
Quanto impelle os espiritos guerreiros,
E a coragem vigora adormecida,
Tudo emprega, e de modo tal o adorna,
Que das ordens suave a força torna.

Vieram os maiores; e os seguiram
Os outros; Boemundo só não veio,
E os que por fóra as armas impediram,
Ou Tortosa guardava no seu seio.
Os cabeças do exercito se uniram,
Grande senado em grande dia! Em meio
De todos Godefredo majestoso
Começa então na fala sonoroso:

Exercito de Deus, por quem os damnos
Da fé vingar assenta o rei celeste,
Ao qual das armas cruas, dos enganos
Da terra e mar livre ficar deveste,
Pelo que tantas em tão poucos annos
Provincias de descrentes lhe rendeste,
E foram entre os povos sujeitados
O seu nome e estandarte sublimados,

Est. XVI a XXI.

De certo não deixámos os penhores
Caros e a patria, se o meu crer não erra,
Nem a vida expozemos aos furores
Do mar, e aos riscos de apartada guerra,
Para alcançar ephémeros louvores,
Ou para possuir barbara terra;
Fôra mesquinho premio, baixa palma,
Verter o sangue em prejuizo d'alma.

A tudo nos levou sómente a idéa
De expugnar de Sião os nobres muros,
E os christãos libertar da vil e fêa
Escravidão e de seus ferros duros,
Novo estado fundando na Judéa,
Onde logrem viver emfim seguros,
Sem que impedir alguem ouse os devotos
De o tumulo adorar, cumprir os votos.

Portanto mil trabalhos supportámos
Até hoje; mas ganho só teremos
Alguma honra, se a marcha que encetámos
Se alterar, ou se aqui nos esquecemos.
Pois quê! tamanhas forças transportámos
Da Europa, e á Asia o fogo em vão puzemos?
Restarão de tão bellico apparato
Não reinos, mas destroço e desbarato?

Sós, e poucos em tanto ajuntamento
De homens, que a fé de nós diversifica,
Sem confiar no grego fraudulento,
Nem no Occidente, que tão longe fica,
É loucura em mundano fundamento
Imperios levantar, pois só fabrica
Ruínas quem o faz, onde opprimido
Tem para si o tumulo erigido.

Turcos, Antiochia, persas (feitos
Illustres e palavras grandiosas)
Obras nossas não foram, mas eleitos
Dons do Senhor, victorias milagrosas.
Agora, se por nós são contrafeitos
Os fins, que Elle dispoz, tão estrondosas
Acções temo que em fabula se mudem,
E que as graças do céu nos não ajudem.

Ah! que em uso tão mau, e tão instavel
Nenhum os dons obtidos malbarate;
Ao principio de uma obra tão notavel
De toda ella que o fio e o fim se adapte.
Francas as vias temos; favoravel
Já chegou a estação para o combate;
Porque contra a cidade não marchâmos,
Nosso desejo só? Que estorvo achâmos?

Est. xxii a xxvii.

Principes, eu protesto (e o meu protesto
Ha de o presente ouvil-o, ha de o futuro;
Ouvem-no os céus tambem, aos quaes attesto)
Da nossa empresa o tempo está maduro.
A demora o fará contrario e infesto,
Tornando contingente o que é seguro;
De mais, se não corremos, acredito
Que ha de á Judéa soccorrer o Egypto.

Acaba; e rompe murmurío breve;
Mas logo se levanta Pedro o Ermita,
Que entre os chefes assento sempre teve,
E por auctor da guerra se acredita:
O que diz Godefredo seguir deve
Meu parecer, nem duvidar admitta
A verdade, a qual elle por extenso
Demonstrou, e a que vós déstes assenso.

Junto apenas: que, ao ver as supportadas
Vergonhas, e as discordias promovidas,
Com que Deus vos tentou, e as encontradas
Opiniões e obras impedidas,
De uma unica fonte derivadas
Supponho tanta mora, tantas lidas,
Da auctoridade em varios pareceres
Fluctuante, o que annulla os seus poderes.

Onde um só não impera, de quem venham
O premio e a pena com egual juizo,
Donde egual divisão os cargos tenham,
Anda o governo errante, anda indeciso;
Formae um corpo só, o qual sustenham
Todos os membros seus, como é preciso;
Um chefe nomeae-lhe; e que este o imperio
Exercite no summo ministerio.

O ancião se calou. Que pensamento,
Que peito, aura divina, a ti resiste?
Tu o inspiraste; e no congresso attento
Logo as suas palavras imprimiste;
Nos corações o innato sentimento
Da ambição e das honras comprimiste;
Tanto que os principaes, com gesto ledo,
Guelfo e Guilherme, acclamam Godefredo.

Os mais o approvam. Cabe-lhe o commando
E o conselho tambem; leis á vontade
Impor aos que se forem sujeitando;
E escolher guerra e paz em liberdade.
Os d'antes seus parceiros do seu mando
Se submettam agora á auctoridade.
Isto feito, voando corre a fama,
E pela voz dos homens se derrama.

EST. XXVIII a XXXIII.

Godefredo aos soldados apparece,
Que o julgam digno do supremo posto;
E as saudações que a multidão lhe tece
E o applauso acceita placido, composto.
Depois que tantas mostras agradece
De obediencia e amor, sereno o rosto,
Decide, mal o dia vindo seja,
Que a hoste prompta em largo campo esteja.

Já o sol no oriente reluzia
Formoso, qual jámais nascido tinha,
Quando co'o despontar do novo dia
Sob os pendões o exercito caminha,
E adereçado o mais que ser podia
Todo no plaino se desdobra em linha
Perante o chefe, que passar em frente
Cavalleiros, peões vê claramente.

Memoria, tu dos annos inimiga,
Das coisas fiel guarda e dispenseira,
Presta-me auxilio, por que lembre e diga
Cada um dos cabos seus, cada bandeira.
Sôe e resplenda a sua fama antiga,
Que o tempo escureceu; d'esta maneira
De teus thesoiros minha voz ornada
Será sempre dos évos escutada.

Primeiro os francos ve'm, que já marcharam
Com o irmão do seu rei, Hugo chamado.
A bella ilha de França estes deixaram,
Solo entre rios quatro situado.
Agora, após que os céus Hugo levaram,
Dos lizes o pendão assignalado
Obedece a Clotario, chefe egregio,
A que sómente falta o nome regio.

São mil de pesadissima armadura.
Seguem-nos outros tantos cavalleiros
Normandos, no ar, nas armas, na bravura,
E n'arte parecidos c'os primeiros;
O principe Roberto d'elles cura,
Seu natural. Após estes guerreiros
Adelmaro e Guilherme se apresentam,
E as insignias da cruz claras ostentam.

Ambos elles, que d'antes já serviram
Os divinos mysterios piedosos,
Sob o elmo os cabellos comprimiram,
E exercitam as armas animosos.
Quatrocentos soldados acudiram
A um de Orange e seus confins, briosos;
Numero egual de Puy o outro guia
Á guerra, eguaes tambem na valentia.

Com os seus bolonhezes depois vêde
Balduíno, e os do irmão traz juntamente;
Que, capitão dos capitães, lhe cede
Godefredo levar a sua gente.
Logo o conde de Chartres lhe succede,
No valor, nos conselhos excellente;
Quatrocentos governa; e triplicados
Balduíno a cavallo bem armados.

Proximo Guelfo está, que f'licidade
Gosa com alto merito irmanada.
Da casa d'Éste a sua dignidade
Por longa ordem de avós flue derivada;
Mas, germano de nome e propriedade,
Na casa Guelfa a sua anda entroncada.
Domina no Istro, na Carinthia e Rheno,
Dos suevos e rhecios já terreno.

A isto que da mãe herdara outr'ora
Uniu gloria, e tambem dominio grande,
D'onde traz gente, a qual sem mêdo fôra
Contra a morte, comtanto que elle a mande,
E que, amiga da mesa e folgadora,
Faz que no quente lar o inverno abrande.
De cinco mil um terço apenas resta,
Escapado do persa á mão infesta.

Vinha depois a branca e loira raça,
Que do allemão, do franco e oceano em meio
Jaz, onde o Mosa e o bravo Rheno passa,
Terreno de animaes e fructos cheio;
E os insulanos seus, que ao mar, que ameaça
As praias engulir, põem duro freio,
Ao mar, que não só bens e náus afunda,
Mas os reinos até assola e inunda.

Todos sobem a mil; marcham unidos
A um outro Roberto sujeitados.
Por Guilherme, seu principe, regidos
Da Britannia em mór força eis os soldados.
São os frecheiros anglos atrevidos,
E os que, do pólo agreste approximados,
De suas bastas selvas rude manda
A do mundo apartada ultima Irlanda.

Tancredo após caminha; no denôdo,
A Reynaldo não ser, ninguem o eguala,
Nem no semblante, nem no brando modo,
Nem na altivez, onde o temor não cala;
Se alguma leve nodoa offusca o todo
De tantos dotes, é que amor o abala,
Amor na guerra nado e visto apenas,
Que se nutre e avigora em suas penas.

Est. xl a xlv.

No dia para sempre glorioso
Em que os persas o franco derrotára,
Quando Tancredo emfim, victorioso,
Os fugitivos de seguir cansára,
Conta-se que, indo em busca de repouso,
E d'agua, por que a sêde mitigara,
Fôra a uma fonte dar, cuja frescura
O chamava, entre assentos de verdura.

Alli, eis de improviso uma donzella,
Excepto a fronte, lhe apparece armada:
Era infiel, e tambem fôra aquella
Fonte buscar com sêde e fatigada.
Viu-a o joven; pasmou de a ver tão bella;
E ficou-lhe a alma logo incendiada.
Oh! maravilha! o amor que mal nascera
Já grande vôa, já potente impera.

Pôz a virgem o elmo; e, se não fosse
Gente chegar então, certo o atacava.
Do vencido soberba retirou-se
Que só força maior a afugentava;
Mas sua imagem linda conservou-se
No peito de Tancredo, e viva estava.
Até mesmo o logar e a forma guarda
Em que a viu, o que faz que sempre elle arda.

Quem entende de amor ler poderia
No rosto seu: sem esperança este ama;
Tão triste baixa os olhos, e a agonia
Do coração ferido em ais derrama.
Uns oitocentos de cavallo guia,
Naturaes da Campanha, que bem chama
Sua flor a natureza, e dos fagueiros
A que o Tyrrheno quer ferteis oiteiros.

Após estes da Grecia os filhos vinham;
Duzentos são de ferro mal providos.
A retorcida espada a um lado tinham;
Ás costas arco e aljava suspendidos.
Em corceis velocissimos caminham,
Parcos e na carreira não vencidos;
Promptos no ataque e no ceder, combatem
Errantes, quando em retirada batem.

Chama-se o chefe que os conduz Tatino.
Infamia, ó Grecia! O unico foi este
Que ousou seguir do exercito o destino,
E entrar na guerra que tão perto houveste!
E em ocio tu opprobrioso e indino,
Qual mera espectadora, te esqueceste!
Se vil escrava és pois, que te lamentas?
Castigo e não ultrage experimentas.

Est. xlvi a li.

Pela ordem desfilam derradeiros
Os principaes no brio, esforço e arte,
Os invictos heroes aventureiros,
D'Asia inteira terror, raios de Marte.
Calem-se os Argonautas e os guerreiros
De Arthur, com quem a fabula reparte
Os sonhos seus, e a secular memoria.
Mas quem de dirigil-os conta a gloria?

Dudon de Contz; ao qual por ter outr'ora
Mais visto, e haver da edade a experiencia,
Cederam todos, que difficil fôra
N'algum d'elles achar preeminencia.
Já de annos carregado muito embora,
Desmente só nas cans a adolescencia;
Mostra nobres signaes de mil feridas
Com honra nos combates recebidas.

Eustachio entre os primeiros por seu brilho,
E por irmão de Godefredo sôa,
E o do rei da Noruega illustre filho,
Gernando, que mil titulos pregôa.
Rogerio Barneville egregio trilho
Pisa, e Enguerrand que a fama já corôa.
São celebrados entre os mais galhardos
Um Gentonio, um Rambaldo, dois Gerardos.

Tambem louvado é Ubaldo e o bom Rosmundo,
Que herdar a casa de Lancastre deve;
Nem levará o esquecimento fundo
Obizzo, que em Toscana o berço teve;
Nem Sforza, Achilles, Palamede, ao mundo
Caro grupo de irmãos; nem tambem leve
Othon que o infante nú, meio tragado
Pela serpe, ha no escudo conquistado.

Nem Guasco, nem Rodolpho ingrato olvido
Suma, nem os dois Guidos, tão famosos,
Nem Everardo ou Gernier subido.
Aonde, amantes e gentis esposos,
Me arrebataes, do canto enrouquecido,
Ó Gildipe e Eduardo venturosos?
Na guerra compartis a mesma sorte;
Não vos desunirá a propria morte.

Tudo comtigo, amor, tudo se aprende;
Por ti ella se fez forte e atrevida;
Vae sempre ao pé do seu querido, e pende
De um só fado uma vida e outra vida.
Golpe que a um offende ambos offende;
É indivisa a dor, uma a ferida;
Se um ferem, prova o outro o seu tormento;
Se um verte o sangue, verte o outro o alento.

Est. LII a LVII.

Mas o joven Reynaldo concentrava
As vistas, excedendo inda os maiores;
Docemente arrogante levantava
A fronte regia ornada de fulgores;
Os annos, a esperança antecipava;
Nasciam n'elle a par fructos e flores;
Se armado, como Marte, resplandece;
Se descobre o semblante, Amor parece.

Junto ás margens do Adige este nascera
Do potente Bertholdo e de Sophia,
De Sophia a formosa; e apenas era
No berço, já comsigo o recolhia
Mathilde, a qual o encaminhou severa
No regio officio, e com a qual vivia
Quando veio incitar-lhe a tenra mente
A bellicosa trompa no Oriente.

Então (nem os três lustros acabara)
Fugiu só; percorreu vias, montanhas;
Passou o mar Egeu, a Grecia clara;
E ás regiões chegou do campo extranhas.
Oh! fuga insigne, que a memoria honrara
Do que imitar pudera acções tamanhas!
De estar na guerra já três annos conta,
E prematuro o buço mal lhe aponta.

Seguem-se aos cavalleiros os infantes.
Commanda-os de Tolosa o soberano,
Raymundo, que os tirou dos habitantes
D'entre Garonna, Pyrenéus e oceano.
São quatro mil armados e prestantes,
Dextros e afeitos ao mavorcio damno;
É bôa a gente; o chefe sabio e forte;
Nem outro achar lograram d'esta sorte.

Com Estevam d'Amboise tambem vinham
Cinco mil combatentes reúnidos,
Os quaes nem força, nem constancia tinham,
Embora fossem de aço revestidos,
Que ao paiz deleitoso se avizinham
Na indole os que n'elle são nascidos.
Violentos, apenas acommettem,
Dentro de pouco o impeto remettem.

Marcha Alcasto depois, na fronte a ameaça,
Bem como em Thebas Capanêo já fôra;
Manda seis mil helvecios, fera raça,
Dos sobranceiros Alpes moradora.
Por que mais digno o arado se lhes faça,
Em melhor uso é convertido agora,
E essa mão, que pasceu grosseiro armento,
Tem de arrostar os reis o atrevimento.

Est. LVIII a LXIII.

Ondeando ao vento após vêde o estandarte
Co'o diadema de Pedro e as santas chaves.
Camillo, sete mil filhos de Marte
Reges, peões brilhantes, de armas graves,
Ledo por teres em tal obra parte,
Para que dos avós da espada traves
Com honra, e mostres que á nação latina
Nada falta, ou sómente disciplina.

Já tinha todo o exercito passado,
Que foi esta a cohorte derradeira,
Quando o chefe aos maiores, que ha chamado,
Expõe o seu pensar d'esta maneira:
Amanhan deve ser alevantado
O campo, mal raiar a luz primeira;
E nossas marchas tanto se accelerem,
Que cheguemos a Sião sem que o esperem.

Ide; aprestae-vos pois para a viagem,
E tambem para a lide e vencimento.
De homem tão cauteloso esta linguagem
Em todos move ardor e atrevimento.
Insoffridos e cheios de coragem
Esp'rando estão do dia o nascimento;
Porêm o previdente Godefredo
Algum receio tem, posto em segredo;

Visto que certo annuncio recebera
De como o rei do Egypto já marchava
Para a munida Gaza, por que dera
Ajuda ao reino syrio; nem julgava
Que, emquanto ardia em torno a guerra fera,
Quedasse o que entre as armas sempre andava.
Por isso, e por que mais segure fique,
D'est'arte fala ao seu fiel Henrique:

Já em ligeiro barco necessito
Que te dirijas para a grega terra.
Ahi chegar devia (por escripto
O sei de quem avisos nunca erra)
Um mancebo real de animo invicto,
Que nos vem ajudar durante a guerra;
Da Dinamarca é o principe; e comsigo
Traz grande hoste que o pólo ha por abrigo.

Mas, porque o grego imperador arteiro
Talvez o mova da encetada empresa,
Fazendo que atrás volte, ou que ao guerreiro
Designio seu transforme a natureza,
Tu, meu nuncio, meu vero conselheiro,
Em meu nome lhe aponta com clareza
Seu interesse, e o nosso; e que se apresse;
Que tal valor demora não padece.

Est. LXIV a LXIX.

Mas não venhas com elle; o promettido
Soccorro, com que nossas esperanças
Se te'm por tantas vezes illudido,
Vê se do grego imperador alcanças,
Soccorro que outrosim nos é devido,
Por assentes e firmes allianças.
N'isto as crenças lhe entrega, e se despede
Henrique. Ao somno Godefredo cede.

Na seguinte manhan, mal o planeta,
Pae da luz, sa'e das portas do oriente,
Sôa o rouco tambor, sôa a trombeta,
Chamando á marcha o exercito contente.
Mais grato que o trovão, quando é propheta
De desejada chuva em tempo ardente,
É a voz dos mavorcios instrumentos,
Que a alegria transporta aos pensamentos.

Todos logo, em desejo immenso ardendo,
Vestem na usada, lucida armadura.
Já são prestes; já vae cada um correndo,
E reunir-se ao chefe seu procura;
Já ordenado o exercito tremendo
Desfralda mil pendões á brisa pura;
E no estandarte imperial ovante
Tremúla a cruz de Christo radiante.

Emtanto o sol, que no celeste espaço
Contínuo segue e mais e mais ascende,
Fere das armas o fulgente aço,
E, scintillando incerto, a vista offende.
O ar, ha pouco inda de brilho escasso,
Agora em chammas, qual incendio, esplende;
Ao rinchar dos cavallos junto echôa
Dos ferros o tinir, e o campo atrôa.

O capitão, que os seus das emboscadas
Dos inimigos segurar queria,
A descobrir as partes ignoradas
Muitos montados e á ligeira envia.
Para livres ficarem as estradas
Adeante mandado já havia
Os gastadores, a que abrir tocava
O caminho, e aplanar a terra brava.

Não ha gente pagan, soberbo monte,
Muralha que defenda larga fossa,
Nem curso d'agua ou selva que os affronte,
Ou na marcha fatal sustal-os possa.
Tal dos rios o rio, se ergue a fronte,
E alvoroçado e desmedido engrossa,
Invade as margens torvo, caudaloso,
Levando tudo após impetuoso.

Est. lxx a lxxv.

Só de Trípoli o rei, que em bem guardados
Muros guerreiros, oiro e armas encerra,
Tardar pudera os francos arrojados,
Mas provocal-os não ousou á guerra;
Antes, com dons, e nuncios aplacados
Voluntario os recebe em sua terra;
Á lei de Godefredo se sujeita,
E humilde as condições de paz acceita.

Aqui do monte Seir, que alto apparece
Do nascente, e está cêrca da cidade,
Multidão de fieis ao plaino de'ce,
De ambos os sexos e de toda a edade;
Ao vencedor presentes offerece;
De o ver, de lhe falar em liberdade
Folgam; pasmam das armas que trazia;
E o proveem de fido e astuto guia.

Contiguo á praia o capitão experto
Vae sempre o seu exercito levando,
Porque bem sabe que navega perto
Amiga armada a terra costeando,
Da qual receberá soccorro certo,
O sustento preciso, o trigo brando
Das ilhas do mar grego, e o precioso
Vinho de Scio e Creta, saboroso.

Geme o vizinho mar ao duro peso
Dos grandes lenhos, e dos mais pequenos,
Tanto que navegar fica defeso
No mar Mediterraneo aos sarracenos;
Que, esquecendo, sem ser por menosprezo,
Os que vieram dos confins amenos
De Genova e Veneza, a França, a Hollanda,
A Inglaterra e a Sicilia muitos manda.

Todos sulcam as ondas confundidos
N'uma vontade só por firmes laços,
Para que ajudem fartos e providos,
Do exercito os menores embaraços.
Mas, vendo este que estão desguarnecidos,
E já abertos da fronteira os passos,
Ao sitio velozmente se encaminha
Onde Christo na cruz morrido tinha.

Precedendo-o entretanto vôa a fama,
Da verdade e do falso portadora,
Que ovantes os christãos marcham proclama,
E que já nada a marcha lhes demora.
Quantas, quaes hostes são; como se chama
Cada um dos chefes seus; tudo memora;
Narra terrivel seu valor na guerra,
E os habitantes de Sião aterra.

Est. lxxvi a lxxxi.

É talvez esperar o mal futuro
Peor do que sentir o mal presente.
O povo, ao som mais leve, não seguro,
Receia, é todo ouvidos, todo mente.
Na cidade e no campo alêm do muro
Rumor confuso se ouve em som gemente.
Emtanto vendo o rei propinquo o damno,
Volve comsigo pensamento insano.

Este rei, cujo nome é Aladino,
Ha pouco no poder, vive em cuidado:
Fôra d'antes cruel; mas o ferino
Genio os annos lhe tinham mitigado.
Agora ouvindo o intento do latino
De lhe a séde tomar do proprio estado,
Casa ao velho temor nova suspeita,
E a ella o inimigo, e os seus sujeita;

Pois dentro das muralhas gente habita
Que na religião tem differença:
Em Christo a parte minima acredita;
Segue a maior de Mahomet a crença.
Mas, depois que em Sião elle exercita
O mando, e alli reside, com offensa
Da justiça, os de Christo carregára
De tributos e os seus alliviára.

Esta idéia a crueza, que é nativa
Na su'alma, e que a edade adormecera,
Excitando, de sorte a acorda e aviva,
Que sangue assim beber jámais quizera.
Tal outra vez feroz na calma estiva
Fica a serpe, que o gelo entorpecera;
Tal leão amansado cobra a furia
Que lhe é innata, se recebe injuria.

N'essa turba infiel vejo, dizia,
Signaes claros do seu contentamento;
Só ella tem nos olhos a elegria,
E folga no commum padecimento;
Talvez algum projecto agora cria
Para me assassinar a seu contento,
Ou por que as portas franquear consiga
Á raça sua egual, minha inimiga.

Oh! não; serão por mim contrariados;
As penas sentirão do meu receio;
Morrerão com supplicios requintados;
Os filhos matarei das mães no seio;
Casas, templos serão incendiados,
Pyra digna dos mortos; e no meio
Mesmo do seu Sepulcro, justiceiro,
Os sacerdotes queimarei primeiro.

Est. LXXXII a LXXXVII.

Assim no animo iniquo determina,
Posto não siga o barbaro conceito;
Se os miseros comtudo não fulmina,
Por piedade não é, mas contrafeito;
Que, se o temor a ser cruel o anima,
Outro mais poderoso o tem sujeito:
Fechar do accordo a via d'esta sorte,
E irritar do contrario o braço forte.

Modera pois o impio a raiva insana;
Antes, por novo modo lhe dá gasto:
As rusticas moradas prostra e aplana;
O cultivado chão do fogo é pasto;
Nenhum abrigo ou misera choupana
Deixa aos christãos o odio seu nefasto;
As aguas limpas do regato ameno
E da fonte mixtura com veneno.

Alêm de ser tyranno, acautelado,
De Sião reforçar se não esquece;
Por três partes fortissima, do lado
Do norte só mais fraca ser parece;
Porêm, mal das suspeitas avisado,
De difficil reparo esta guarnece,
E á pressa alli recolhe grande e varia
Turba de gente sua e mercenaria.

Est. lxxxviii a xc.

CANTO II

Emquanto se apercebe para a guerra
Assim o rei, ante elle se apresenta
Um dia Ismeno, o qual de sob a terra
Póde os mortos tirar, e os aviventa,
Ismeno, cujo carme tudo aterra,
Pois até a Plutão no Orco amedrenta,
E os seus demonios a servir obriga
Como escravos, que prende ou que desliga.

Este, que foi christão, Mafoma adora;
Mas, o rito ant'rior não despresando,
Ambas as leis, que por egual ignora,
Muita vez junta em uso impio e nefando.
Das fundas espeluncas, onde mora
Sósinho, as suas artes cultivando,
Vem no publico damno ao cruel velho
Prestar ainda mais cruel conselho.

Est. i e ii.

Senhor, diz elle, sem demora chega
O temeroso exercito aguerrido;
Mas, se n'aquillo que convem se emprega,
Cada qual pelos céus é soccorrido.
Que tudo tu proveste ninguem nega;
De chefe e rei o officio has preenchido;
Façam todos o mesmo, e a gente impura
Esta terra haverá por sepultura.

Eu, nos riscos serei teu companheiro,
Pois venho nos trabalhos ajudar-te.
No que a edade servir de conselheiro,
Ou a magía, em mim pódes fiar-te.
Os anjos que do céu foram primeiro
Até na minha obra terão parte.
D'onde pretendo começar o encanto,
E de que modo te exporei emtanto.

No templo dos christãos occulto fica
Um subterraneo altar, e ahi guardado
O simulacro está da que publíca
Deusa e mãe do seu Deus o vulgo errado.
Perante elle se vê lampada rica
Brilhar sempre; da vista é recatado
Por um véu; ao redor pendem mil votos,
Que lhe offertaram credulos devotos.

Pois esta imagem deve ser tirada
Por tua propria mão, por que a transporte
Para a tua mesquita consagrada;
Depois o encanto formarei, de sorte
Que todo o tempo que ahi for guardada
Será d'esta cidade a guarda forte,
E immune tornará o teu imperio,
Seguro por tão novo e gran mysterio.

Assim o persuadiu; impaciente
Corre á casa de Deus o rei tyranno;
Os sacerdotes fórça; irreverente
Lhes rouba o simulacro soberano;
E o conduz para o templo, onde frequente
Irrita o céu culto falaz e insano;
N'este após contra a Mãe de Deus divina
O magico em blasphemias desatina.

Mas, quando appareceu o novo dia,
Aquelle que guardava a impura egreja
A imagem não achou onde existia,
E n'outro sitio achal-a em vão forceja.
Logo previne o rei, que, mal o ouvia,
Contra elle se levanta, arde, esbraveja;
E imagina que algum christão houvesse
O roubo commettido, e o retivesse.

EST. III a VIII.

Ou foi de mão fiel acção piedosa,
Ou por que n'isto o céu se demonstrára,
Não querendo que a sua gloriosa
Raínha tão vil tecto acobertára.
Incerta a fama é se milagrosa
Obra ou humano artificio o executara;
Mas piedade é que o zelo do homem ceda,
E tamanho milagre ao céu conceda.

Manda o rei procurar por toda a parte
Casas, templos; a quem delata ou esconde
O furto ou o réu promessas já reparte
Do premio e punição que lhes responde.
Tambem emprega Ismeno a sua arte;
Mas nada a seus esforços corresponde,
Que o empyreo silencioso conservou-se,
Ou fosse a obra alheia, ou sua fosse.

Depois que o rei cruel viu occultar-se
O crime que aos christãos só imputava,
Sentiu contra elles de odio arrebatar-se,
E de colera enorme se abrasava.
Todo o respeito perde; que vingar-se,
Custasse o que custasse, desejava.
Morra, clamava, morra a infiel gente,
E o roubador com ella juntamente.

O innocente pereça; o justo acabe;
Mas não se salve o réu. Porêm que digo?
Todos culpados são; quem é que sabe
De um que do nosso nome seja amigo?
Se do delicto a algum culpa não cabe,
Bastem passados erros ao castigo.
Sus! ó vassallos meus, a fogo e ferro
Vingae-me, e castigae o commum erro.

Assim discursa ao povo. Eis se propala
O caso entre os christãos em continente;
E o coração de todos já se abala
Com o medo da morte, que é presente.
De fugir ou de supplicas quem fala?
Escusar-se, quem ha sequer que o tente?
Porêm da duvida e temor no meio
Inesperada a salvação lhes veio.

Vivia entre elles uma virgem pura
De magnanimo e regio pensamento;
Da extrema gentileza apenas cura
No que serve á virtude de ornamento;
E o que mais lhe realça a formosura
É esconder o seu merecimento
No retiro, onde foge dos louvores,
E d'aquelles que faz soffrer de amores.

Est. ix a xiv.

Mas nada ha que velar possa a belleza
Digna de ser por todos contemplada;
Não o consente amor; fôra crueza;
E de um mancebo a torna desejada,
Amor, que, argos, ou cego, a vista accesa
Umas vezes nos deixa, outras vendada,
Que, apesar de mil guardas, té aos lares
Os mais castos conduz nossos olhares.

Elle Olindo, Sophronia ella se chama;
Da mesma patria e fé cada um procede;
Se ella é formosa, elle é modesto: ama;
Quer muito; pouco espera; e nada pede;
Nem sabe ou dizer ousa o amor que o inflamma;
Ella em paga ou desprezo lhe concede,
Ou não o vê, ao menos, ou conhece.
Por esta sorte o misero padece.

Ouve-se emtanto a nova; que se ápresta
Contra os pobres christãos atroz ruína;
E a dama, generosa quanto honesta,
O modo de livral-os imagina;
Se a coragem tal feito lh'admoesta,
Ao contrario o pudor virgineo a inclina;
Vence a coragem, antes, animosa
Se mostra juntamente e vergonhosa.

Baixa a vista, de um véu coberto o rosto,
Só, através da gente se encaminha:
Nem quanto é bello occulto nem exposto,
Com singelas maneiras nobre vinha.
Do desalinho e ornato era um composto;
Por acaso? Por arte? É que lhe tinha
Amor co'a natureza e o céu propicio
Mudado o desadorno em artificio!

Sem attentar na multidão que a mira,
Passa altiva, e ao monarcha se apresenta;
Nem porque o veja austero se retira;
O seu aspecto impavida sustenta.
Senhor, eil-a começa, a tua ira
Acalma, e o povo refrear intenta;
Venho o réu que procuras amostrar-te,
E quem te ha offendido preso dar-te.

Ao animo modesto, á inesperada
Luz de tanta belleza audaz e pura,
O rei, quasi que a alma subjugada,
Poz na colera e rosto compostura.
Amára-a até, se a condição mudada
Fosse n'elle, ou se branda a formosura;
Porêm contrarios corações não prende
Amor, que de ternuras só entende.

EST. XV a XX.

Prazer, inclinação e pasmo apenas,
Se não amor, moveram no tyranno.
Narra tudo, lhe manda; assim serenas
O rancor contra os teus; não temas damno.
E ella, respondendo: pois o ordenas,
Fui eu que executei o furto e engano;
Eu a imagem tirei; eis justamente
Quem procuras; a mim pune sómente.

D'esta arte, o crime publico attrahindo
Sobre si, ao castigo se offerece.
Oh! magnanima acção que faz mentindo!
Que verdade com ella se parece?
O barbaro suspenso, tal ouvindo,
Não se irrita, qual sempre lhe acontece.
Depois: quem te prestou do crime a ideia,
Quem é que te ajudou me patenteia.

Não quiz da minha gloria que fruisse
Ninguem a menor parte; eu fui a auctora;
Cumplice não busquei que me assistisse;
Fui eu a conselheira e executora.
Pois em ti caia inteira, elle lhe disse,
A minha ira tremenda, vingadora.
E ella: justo é; e bem convinha
Que fosse a pena, como a honra, minha.

Então o rei, já quasi enraivecido,
Lhe pergunta: onde a imagem foi occulta?
A cinzas ficou tudo reduzido,
Responde; e de a queimar minha'alma exulta.
Assim ao menos não será ouvido
Jámais que o infiel blasphemo a insulta.
Se o furto buscas ver, nunca has de vel-o,
Senhor; mas o ladrão pódes prendel-o;

Posto não haja aqui ladrão, nem crime,
Pois deve recobrar-se o que é roubado.
Escutando-a, na voz a ameaça exprime
O tyranno monarcha arrebatado.
Que esp'rança de perdão ha que te anime,
Donzella de pensar alevantado?
Em balde amor a indignação lhe apara,
Como em escudo, na belleza rara.

Prendem a virgem púdica e formosa,
Condemnada a perder no fogo a vida;
Rasga-lhe o manto e o véu mão impiedosa;
De asp'ras cordas nos braços é cingida.
Soffre ella muda, e, embora não medrosa,
Sente-se alguma coisa commovida;
Tinge-se o rosto seu de tal alvura,
Que não é pallidez, porêm candura.

Est. xxi a xxvi.

Divulga-se a noticia; o povo em massa
Vem apressado, e ao mesmo tempo Olindo.
O preso incerto é; certa a desgraça;
Lembra-lhe a amada; e corre, o caso ouvindo.
Mal que no meio a vê da populaça,
Qual condemnada, com seu gesto lindo,
E prompto o algoz para o mister infando,
Vôa, a turba apinhada atropelando,

E brada ao rei: não é a criminosa
Esta; jacta-se d'isso por loucura;
Nem pensou em acção tão perigosa.
Como debil perfez tal aventura?
Como illudiu os guardas ardilosa?
Como pôde tirar a imagem pura?
Se o fez, que o narre. Foi por mim roubada.
Ah! tanto, sem que amasse, ella era amada!

Fui eu, diz elle após, continuando,
Que uma noite subi té onde acceita
Vossa mesquita a luz, e, praticando
Caminho, ahi entrei por via estreita.
Estão-me a honra e a morte reclamando;
A minha alma o castigo não engeita;
Usurparm'o não queiram. Por mim chama
A prisão; para mim se apresta a flamma.

Ergue Sophronia a vista, e humanamente
Com olhos de piedade o considera.
Que vens aqui buscar, pobre innocente?
Que conselho ou furor te desespera?
Supporás que eu não basto unicamente
Para arrostar de um peito a raiva fera?
Ainda coração possúo forte
Para soffrer sem companhia a morte.

Assim fala ao amante, sem que mude
Este de pensamento ou se desdiga.
Oh! famoso espectaculo! a virtude
E o amor um proposito afadiga:
Do vencedor o premio é o ataúde!
O vencido co'a vida se castiga!
Mas, quanto mais constantes porfiavam,
Tanto o barbaro rei mais irritavam.

Julgando-se da pena co'o desprezo
Pelos réus humilhado e escarnecido,
Ambos se creiam, diz; um e outro preso
Sejá, e receba o galardão devido.
Aos algozes acena; e o indefeso
Mancebo é por cadeias opprimido;
De costas a um poste ambos atados
Ficam, das mutuas vistas resguardados.

Est. xxvii a xxxii.

Já a fogueira preparada estava,
E incitavam a chamma adormecida,
Quando por modo tal se lamentava
Olindo á que com elle foi unida:
É este o laço pois que eu esperava
Que nos ligasse em fortunosa vida?
É este o fogo casto dos amores,
Que eu julgava nos désse eguaes ardores?

Outro fogo, outros laços nos prepara,
Não os de amor promessa, a iniqua sorte.
Tanto nos separou d'antes avara!
Tanto, cruel, nos casa hoje na morte!
Ao menos, já que te condemna, ó cára,
A tão extranho fim, sou teu consorte,
Se não no leito, na fogueira; o fado
Teu só chóro; feliz morro a teu lado.

Oh! fôra a morte vezes mil ditosa,
E o meu martyrio eu por fortuna houvera,
Se, juntos peito a peito, a jubilosa
Alma nos labios teus deixar pudera!
E, se, morrendo juntos, ó formosa,
Teu ultimo suspiro eu recebera!
Tal chorando se exprime; e respondendo
Ella meiga o aconselha; e vae dizendo:

Outro pensar, amigo, outros lamentos
A occasião mais elevados pede.
Põe nos peccados teus os pensamentos,
E no premio que Deus aos bons concede;
Soffre em seu nome; e doces os tormentos
Serão; aspira á sempiterna séde;
Olha o céu como é bello; o sol que é vida,
Que nos consola e á gloria nos convida.

Nos olhos do infiel borbulha o pranto;
Chora o christão; porêm a voz comprime;
Um desusado, não sabido encanto
Até mesmo no rei brandura imprime.
De o conhecer se indigna; arreda emtanto
O olhar; mas teima em lhe assacar o crime.
Tu sómente, de todos pranteada,
Não pranteias, Sophronia, conformada.

N'este ponto de ar nobre eis um guerreiro
(Parecia-o) do sitio se approxima;
No vestuario e armas extrangeiro,
Mostra que chega de distante clima.
Chama os olhos o tigre carniceiro,
Que do elmo brunido traz em cima;
Por onde ser Clorinda imaginavam,
Pois é sua divisa, e não erravam.

Est. xxxiii a xxxviii.

Esta o engenho e os feminis cuidados
Desdenhou desde a tenra mocidade;
Soberba, usar os dedos delicados
Na agulha e fuso creu indignidade;
Fugiu o ocio, e os lares retirados,
Que ha nas armas tambem honestidade;
Tornou o rosto seu grave e orgulhoso,
Mas vel-o nem por isso é menor goso.

Nos annos juvenis co'a nivea dextra
A domar os cavallos aprendera;
Jogara a espada, a lança; e na palestra,
E na carreira o corpo endurecera;
Depois no monte e selva, em caçar mestra,
Dos ursos e leões atrás correra;
Seguiu a guerra; e homem se mostrara
Ás feras, e qual fera pelejara.

Agora do paiz da Persia vinha,
Para que á força dos christãos resista,
Dos christãos que vencido ella já tinha,
Deixando a terra do seu sangue mixta;
Porêm, mal que da turba se avizinha,
Da morte a scena lh'impressiona a vista.
Como a curiosidade a punge e incita,
Apressada o ginete precipita.

A multidão se arreda; então parando,
Mais de perto nos réus presos attenta;
Nota a fraca mulher valor mostrando;
E o forte que se queixa e se lamenta;
Chora o triste de dó, ou a dor provando
Que de outrem compaixão experimenta;
Muda é aquella, no céu toda embebida,
Qual se já d'este mundo dividida.

Clorinda se enternece; e do seu fado
Movida algumas lagrimas derrama;
Pésa-lhe mais o padecer calado;
Mais o silencio do que o pranto a chama;
Para um homem que alli lhe estava ao lado,
Já velho, se dirige; e inteira a trama
Da historia criminosa quer lhe aponte;
E que o crime dos réus, se o te'm, lhe conte.

O ancião, á pergunta respondendo,
Lhe narrou brevemente o que sabia.
Ella o ouviu, e pasmou, logo entendendo
Que em ambos culpa alguma não havia.
Roubal-os pois á morte pretendendo
Quanto co'o rogo e armas poderia,
Veloz corre á fogueira; e apagal-a
Faz, emquanto aos algozes assim fala:

Est. xxxix a xliv.

Nenhum de vós no ministerio duro,
De que foi incumbido, se afadigue
Por algum tempo, emquanto o rei procuro.
Não temaes que por isso vos castigue.
Obedeceram prompto ao ar seguro
E regio, que nada ha que não obrigue.
Depois a ver o rei d'alli caminha,
O qual achou que ao seu encontro vinha.

Eu Clorinda me chamo; nomear-me
Talvez ouvisses já, senhor; e venho
Para junto comtigo aventurar-me
Do reino teu, da nossa fé no empenho.
Manda, e em qualquer facção hei de provar-me;
Prézo as grandes; as simples não desdenho;
Se em campo aberto, ou no recinto estreito
Dos muros me quizeres, nada enjeito.

Replica-lhe Aladino: que tão triste
Sitio, por longe da Asia e sol doirado,
Ó virgem gloriosa, acaso existe
Que não saiba o teu nome celebrado?
Hoje, que á minha tua espada uniste,
Nada temo, por ella descansado;
Se exercito potente me ajudara,
Tamanha confiança não cobrara.

Já mais do que devia me parece
Que aqui tardam as forças nazarenas;
Mas, para emprego, teu valor merece
Empresas que não são d'almas pequenas.
A hoste que me segue e me obedece
Commanda, impondo a lei, impondo as penas.
Assim dizia; e em graças lhe pagava
Ella o louvor; e assim continuava:

Extranho julgarás, bem o prevejo,
Ser pelo premio a obra precedida;
Mas a bondade tua dá-me o ensejo:
D'estes miseros réus te peço a vida;
Que, se é a culpa incerta, como vejo,
É a condemnação immerecida;
Mas calo-me, e tambem calo os patentes
Signaes de estarem ambos innocentes.

Só direi que é geral o pensamento
Entre vós de que a imagem foi roubada
Pelos christãos; pois eu não me contento
Com essa opinião, de certo errada.
Foi o alvitre do mago atrevimento
Contra o céu, contra nossa lei sagrada,
Que idolo algum a nós ella consente,
Quanto mais os que são de uma outra gente.

EST. XLV a L.

A Mahomet attribuo a milagrosa
Acção portanto; foi por elle feita,
Por mostrar que em seus templos odiosa
Religião soffrer sempre rejeita.
Sua arte Ismeno empregue myst'riosa;
A taes armas só tem sua alma afeita;
Nós cavalleiros temos ferro e lança;
Esta é nossa arte e unica esperança.

Findou; e o rei, ainda que á piedade
Difficilmente e raras vezes cede,
O animo dobrou, que o persuade
A razão, e o pêso de quem pede.
Logrem vida, responde, e liberdade;
A quem o roga tudo se concede;
Ou seja por justiça, ou por clemencia,
Absolvo, e outorgo a ambos a existencia.

Livres assim ficaram. Venturoso
Sem duvida que foi de Olindo o fado;
Acorda o peito d'ella generoso,
Por fineza tamanha incendiado.
Vae da fogueira á boda, já esposo
De réu, e não de amante só amado;
Com ella quiz morrer; e não se esquiva
Sophronia a que com elle agora viva.

Mas o rei suspeitoso crê perigo
Virtude perto haver tão peregrina,
E, como logo resolveu comsigo,
Expulsa-os do paiz da Palestina.
Exila outros ou prende por castigo,
Segundo lh'aconselha a alma ferina.
Oh! como deixam tristes os filhinhos,
Os decrepitos paes, e os doces ninhos!

Separação cruel! Sómente aquelles
Desterra que te'm força, e engenho altivo,
Emquanto o sexo debil, e os imbelles
Retem, dos que se partem penhor vivo!
Vagabundos tornaram-se alguns d'elles;
Outros (á ira o animo captivo
Mais que ao mêdo) rebeldes se aggregaram
Aos francos, logo que Emaús entraram.

Emaús de Sião pouco é distante;
Se, apenas a manhan principiara,
De uma partir moroso viandante,
Por passeio, na outra ás nove pára.
Que annuncio para o exercito prestante!
Quanto os pios desejos lhe prepára!
Mas, como já nos céus o sol baixava,
O chefe as tenda assentar mandava.

EST. LI a LVI.

Prestes já eram; já, pouco remota
Do mar, a luz do sol ia apagar-se,
Quando de ar extrangeiro, e veste ignota
Dois inclitos barões vêem chegar-se,
Cujo aspecto pacifico denota
Para o chefe um e outro destinar-se.
São do gran rei do Egypto mensageiros;
E trazem muitos pagens e escudeiros.

É um Alete, que principio teve
Da plebe rude e vil no seio immundo,
E que ascender ás mores honras deve
Ao seu falar astuto, alto, facundo,
Ao modo brando, e ao vario genio e leve,
Prompto em fingir, e no enganar profundo;
Tem das calumnias a sciencia infusa;
Louvar parece, e quando louva accusa.

Chama-se Argante o outro, circassiano,
Que á real côrte foi parar do Egypto;
E que, satrapa eleito, vive ufano
Entre os primeiros da milicia inscripto.
Impaciente, acerbo, deshumano,
Infatigavel na peleja e invicto,
Zomba de toda a crença, e no seu erro
Tem por lei e razão da espada o ferro.

Como audiencia pedissem, no aposento
Onde era Godefredo penetraram;
E em trajo simples, e rasteiro assento
Entre os seus cavalleiros o encontraram;
Mas serve-lhe a modestia de ornamento,
Pela qual os seus dotes mais se aclaram.
A fronte apenas inclinou Argante,
Desdenhoso, magnifico, arrogante;

Porêm Alete, pondo a mão no peito,
E a cabeça e os olhares abaixando,
O saudou, ao contrario, com respeito,
O costume dos seus n'isto imitando.
Depois principiou, em rio feito
De doce mel o seu falar manando;
E, porque os francos já senhores eram
Do syrio, quanto disse perceberam.

Ó tu, que digno o céu achou sómente
De tão nobres heroes levar á gloria,
A que déste a gosar, forte e prudente,
Já reinos, já as palmas da victoria,
Transpoz o estreito herculeo e o mar fremente
A fama tua, para nós notoria,
A fama tua que por todo o Egypto
Os teus feitos illustres ha descripto.

Est. LVII a LXII.

Todos o nome teu, que ella levanta,
Ouvem, qual maravilha não sabida;
Mas ao pasmo geral, que tudo espanta,
Meu rei sente a alegria reunida;
Nem teme ou inveja nomeada tanta;
Antes, por sua bocca repetida
Com prazer a miude, hoje vontade
Tem só de procurar tua amizade.

Sim, comtigo amizade e paz deseja,
Visto que a occasião o favorece;
O laço que vos prenda o valor seja,
Pois a diversa crença o não padece.
Mas porque ouviu que tu para a peleja
Te armaste, o que ora exacto lhe parece,
Para do estado seu fóra lançares
O rei amigo, e d'elle te apossares,

Propõe, antes que damno d'ahi venha,
Que do que has ganho já te satisfaças;
Que a Judéa tranquilla se mantenha;
E que ao mais que protege mal não faças;
E elle se obriga a que firmeza tenha
Teu fraco reino; se este accordo abraças,
E vos ligaes, quando é que o turco e o persa
Verão a sorte melhorar adversa?

Senhor, em pouco tempo effeituaste
Acções que respeitar hão de as edades;
Fomes, ingratas marchas supportaste;
Venceste, entraste, exercitos, cidades;
E as provincias longinquas aterraste
Co'a voz da fama, com que tudo invades;
Podes inda ganhar nova victoria
E terra, porêm não ganhar mais gloria.

Ao teu zenith subiste; d'ora ávante
Evitar te convem a guerra incerta;
Que só terreno alcanças, triumphante,
E a gloria outras corôas não te offerta;
Emquanto que, vencido, n'um instante
Perdes tudo e ruína contas certa.
Jogar o ganho e o muito contra o pouco
E duvidoso é jogo audaz e louco.

Mas o conselho d'esses a quem pésa
Que longo tempo o havido outrem conserve,
E o sempre conseguir qualquer empresa,
Junto á ambição que natural referve,
Nos corações heroicos tão accesa,
De ter mais quem o sirva e a lei lhe observe,
Far-te-hão fugir a paz mais do que a dura
Guerra fugir outro qualquer procura.

Est. LXIII a LXVIII.

Hão de exhortar-te a proseguir na estrada,
Que a teus passos o fado abriu tamanha;
A não largar essa famosa espada,
Que a victoria feliz sempre acompanha,
Té ser de Mahomet a lei prostrada,
E a Asia ermar a bellicosa sanha;
Doces juizos são, doces enganos,
D'onde podem provir extremos damnos.

Mas, se a paixão os olhos te não cerra,
Nem da razão o lume te escurece,
Verás, seja qual fôr a nova guerra,
Que temor, não esp'ranças, offerece.
A mudavel fortuna varia erra,
Ora ventura, ora desgraças tece;
E áquelles, cujo vôo foi mais alto,
Mais proximo do abysmo fica o salto.

Se contra ti se move o rei do Egypto,
De armas, de oiro e conselho poderoso,
E se o turco da guerra solta o grito,
E o filho de Cassano, e o persa iroso,
Que oppões ao seu poder grande, infinito?
Que asylo tens, ó chefe valoroso?
Firmár-te-has por acaso nos ajustes
Que assentaste co'o grego, e em seus embustes?

Quem dos gregos a fé no mundo ignora?
Bem deves conhecel-a, que a provaste
Por vezes mil; pois sempre na traidora
Gente enganos apenas encontraste.
E ha de a vida por ti expor agora
Quem ao passar contrario já achaste?
Ha-de-te dar o sangue o que a estrada
Te negou no que é seu, a todos dada?

Mas talvez a esperança tu puzeste
N'esse exercito que hoje te rodeia,
E os mesmos que espalhados já venceste,
Vencel-os reunidos tens na idéia.
Pois ignoras a gente que perdeste
Na crua guerra de miserias cheia?
Não vês co'o persa e o turco alliado o egypcio,
Novo inimigo para o teu exicio?

Ainda que supponhas que é teu fado
Pelo ferro jámais seres vencido,
E que tudo quanto has imaginado
Por decreto do céu seja cumprido,
Ficarás pela fome subjugado;
Por quem és n'este caso soccorrido?
Tira contra ella a espada, vibra a lança,
E nutre de vencer inda esperança.

Est. LXIX a LXXIV.

A previdente mão dos habitantes
Os campos destruiu, e de alto muro
Quanto produz a terra, dias antes
De chegares aqui, pôz no seguro.
Como has de os cavalleiros, e os infantes
Sustentar? Que farás em tal apuro?
Dirás que tens a armada bem provida;
Então dos ventos pende a tua vida?

Pois quê, tua fortuna aos ventos manda,
E quando lhe parece os prende e instiga?
O mar, que aos nossos ais se não abranda
Uma palavra tua a tanto obriga?
Não lograremos nós por outra banda
Com o turco e o persa em forte liga
Armada congregar tal e tamanha,
Que possa contrastar da tua a sanha?

Duplicado triumpho necessitas
Para venceres. N'uma só derrota,
Senhor, o nome teu desacreditas,
A não soffreres damno de mais nota;
Pois tua hoste na fome precipitas,
Se é vencida por nós a tua frota;
E, se és vencido em terra, victoriosos
Debalde são teus lenhos poderosos.

Porêm, se em tal estado inda preferes
Rejeitar nossas treguas e amizade,
Com tão má decisão de ti differes.
Perdôa-me, se avanço esta verdade.
Ah! se recomeçar a lucta queres,
Mude-te o céu superno essa vontade,
Por que a Asia respire e dispa os luctos,
E tu goses tambem da gloria os fructos.

E vós, seus companheiros nos azares,
Nos perigos, na lida e vencimento,
Não vos enganem da ventura os ares;
Na guerra não ponhaes o pensamento;
Mas, qual nauta escapado a grossos mares,
Que o barco recolheu livre do vento,
Já deveis amainar as soltas velas,
Sem mais vos arriscardes ás procellas.

Calou-se; e o seu falar logo seguiram
Os heroes em voz surda murmurando,
Nos torvados semblantes do que ouviram
Signaes de indignação manifestando.
O capitão por vezes quatro viram
Volver-se, em roda o olhar nos seus fitando,
Té que no mensageiro, que esperava
Pela resposta, confiado o crava,

Est. lxxv a lxxx.

E diz: cortez e altivo referiste
Do teu rei a embaixada; o qual, se ama
Os meus feitos e a mim, como exprimiste,
Mercê me faz, que o meu affecto inflamma.
Quanto á guerra que contra nós previste
Do paganismo, accorde em firme trama,
Qual é proprio de mim, com liberdade
Responderei, mas com simplicidade.

Sabe que tudo quanto supportámos
Ou na terra ou na liquida planura
Foi só para o caminho que encetámos
Abrir até de Christo á sepultura;
Por ganhar sua graça nos armámos,
Libertando Sião da algema impura.
Para facção tamanha cremos leve
Reinos, honras perder, e a vida breve.

Não nos levaram, não, á santa empresa
Da ambição os estimulos (arrede
De nós o eterno Padre essa vileza,
Se por ventura algum de nós lhe cede;
Nem consinta que adoce tal torpeza
Veneno bello que a existencia impede);
A sua mão que os corações mitiga
Suave é que sómente nos obriga.

Por ella entre embaraços conduzidos
Fomos, a mil perigos escapando;
Ella é que aplana os montes mais subidos
E que os rios caudaes secca, acenando;
Que aplaca o mar e os ventos desprendidos;
Que torna o estio fresco, o inverno brando;
É ella que entra os muros; que batalha;
Que vence armadas hostes, e as espalha.

D'ella nos vem a esp'rança, o atrevimento,
E não de nossas forças já cansadas,
Nem da frota ou de todo o ajuntamento
De nações pela Grecia e franco armadas.
Tenhamos nós do céu o valimento,
E sejam as mais coisas desprezadas;
Quem o conhece, e vê como defende,
Ou fere, outro soccorro não pretende.

Mas inda que sem este nós fiquemos,
Por culpa nossa ou por seus fins occultos,
Como alegres á terra desceremos,
Onde os restos de Deus foram sepultos!
Mortos, inveja aos vivos não teremos;
Os nossos corpos não serão inultos;
Nem a Asia rirá da nossa sorte;
Nem choraremos nós a nossa morte.

Est. lxxxi a lxxxvi.

Emtanto que fujamos não se creia
Da paz, como da guerra assoladora;
Ninguem do teu monarcha a alliança odeia;
Sua amizade até grata nos fôra.
Mas, se não lhe obedece inda a Judeia,
Por que razão tanto a protege agora?
Que o alheio conquistemos impedil-o
Não tente, e reja o seu feliz, tranquillo.

Assim responde; e com furor pungente
A resposta d'Argante o seio parte;
Nem o disfarça, mas com voz tremente
Se chega ao capitão, e diz d'est'arte:
Paz não queres; pois bem, guerra sómente
Haverá entre nós; guerra vou dar-te;
Claro desejo d'ella demonstraste,
Já que as nossas propostas recusaste.

N'isto pela aba toma a veste sua,
E, apanhando-a na fórma de regaço,
Ainda mais orgulhoso continúa,
Pintado no semblante rude ameaço:
Guerra e paz aqui tens á espera tua;
E de uma d'ellas dadiva te faço;
Escolhe, homem soberbo, sem tardança,
Já que no tão incerto has confiança.

Como tal altivez todos movesse,
Guerra, guerra se escuta em brado inteiro;
Que ninguem aguardou que respondesse
Godefredo do Egypto ao mensageiro.
Este, desfeito o bolço, que estremece:
Para guerra mortal eu vos requeiro.
Assim falou, e tão feroz e insano,
Como se o templo abrisse do deus Jano.

Julgáreis que da veste lhe sahira
Com o louco furor discordia fera,
E dos olhos terriveis despedira
De Alecto o rubro fogo e o de Megera.
O ousado, que chamou de Deus a ira,
Querendo ao céu chegar, certo assim era;
Babel assim o viu a fronte alçando,
As estrellas e o sol desafiando.

Avizae vosso rei de que o esperamos;
E que se apresse, torna Godefredo;
A guerra que ameaça lhe acceitamos;
Se não vier, aguarde-nos bem cedo
No seu Nilo, que ahi buscal-o vamos.
Com presentes depois, e gesto ledo
Os despediu. A Alete deu brilhante
Elmo, que houve em Nicéa, triumphante.

Est. lxxxvii a xcii.

Coube a Argante uma espada; é pedraria
E oiro o punho d'ella; tão bem feita,
Que lhe excede o trabalho a alta valia;
De artifice sublime obra perfeita.
Depois que elle notado attento havia
A tempera, a riqueza e o que a enfeita,
Exclama: Godefredo bem depressa
Verás teu dom como a servir começa.

Então se despediram. Por Argante
Foi com seu companheiro concertado,
Que este, á primeira luz do sol radiante,
Seguisse para o Egypto c'o recado.
Quanto a elle, vindo a noite negrejante,
Para Sião partiria; que escusado
Era o prestimo seu para onde ia
O outro, e só entre armas se queria.

Assim de nuncio torna-se inimigo.
Se o move ira ou razão, d'isso não cura;
Se offende das nações o estylo antigo,
Nem sequer em tal pensa n'alma impura.
Sem resposta esperar, vae pelo abrigo
Do silencio nocturno, e treva escura
Para Jerusalem impaciente.
Não menos a demora Alete sente.

Era noite; jaziam no repouso
O vento e as ondas; mudo estava o mundo.
Os lassos animaes, e os que do undoso
Mar, e dos lagos nos esconde o fundo,
E as aves e os rebanhos no gostoso
Ocio da doce paz, o mais profundo,
Depois das suas lidas se entregavam
Ao somno, e das fadigas descansavam.

Mas os christãos, e o chefe não se esquecem
Dormindo, porque esperam sequiosos
Que os raios da manhan a vir comecem,
Para elles tão festivos e formosos.
Como olham para o céu, e lhes parecem
Tardar; como os seus passos pressurosos
Desejam que conduza o novo dia
A Sião, onde fim a empresa havia!

Est. xciii a xcvii.

CANTO III

A brisa da manhan já sussurrava,
Annunciando o despontar da aurora,
A qual de ethereas rosas adornava
A fronte de oiro, onde a alegria mora,
Quando o exercito ancioso, que se armava,
Erguia a voz altísona e sonora,
Prevenindo as trombetas, que echoaram
Logo, e em som mais canoro se escutaram.

O sabio capitão com freio brando
O desejo dos seus secunda e guia,
Pois que de Scylla o mar sempre bramando
Muito mais facil enfrear seria,
Ou Boreas, quando, os lenhos afundando,
Açoita do Apennino a penedia.
Commanda-os, e encaminha-lhes a pressa,
Posto em nada esta a ordem lhes empeça.

Azas n'alma e nos pés cada qual sente,
Sem pela marcha dar apressurada;
Mas, quando já na altura o sol ardente
Fere as campinas, eis a desejada
Jerusalem que surge de repente;
Eil-a, eil-a por todos amostrada;
Eis vozes mil, que n'uma voz resôam,
Jerusalem, Jerusalem pregôam.

Tal de nautas punhado audacioso,
Que em busca foi de terra não sabida,
E sob ignotos céus ao duvidoso
Mar e á furia do vento expoz a vida,
Se emfim descobre o porto do repouso,
O saúda co'a grita conhecida,
Emquanto que um ao outro ávido o aponta,
E já o mal soffrido em nada conta.

Ao jubilo sem par, que lhes inunda,
Vendo tal scena, docemente o peito,
Logo succede contrição profunda,
Mixturada de timido respeito.
A medo a vista alongam sitibunda
Ao logar, que por Christo foi eleito
Para na cruz morrer, ser sepultado,
E do tum'lo sahir resuscitado.

Est. i a v.

Baixas palavras em devoto accento,
Lacrimosos suspiros, ais partidos,
Exprimindo alegria e sentimento,
Ouvem-se n'um murmurio confundidos.
Assim em basta selva sôa o vento
Por entre os troncos de verdor vestidos;
Nas rochas ou na praia assim rouqueja
O oceano, quando túmido esbraveja.

Todos marcham descalçós, incitados
Pelo exemplo dos pios commandantes;
Todos tiram os oiros, os brocados,
E as cimeiras dos elmos scintillantes;
Tambem domam os peitos altanados,
E em lagrimas desfazem-se abundantes;
E cada qual, como se não chorara,
D'este modo se accusa em phrase amara:

Na terra, que o teu sangue sacrosanto
Deixou, Senhor, de rios mil coberta,
É possivel que nem um só de pranto
Por tão cruel memoria hoje eu não verta?
Porquê, meu coração, não choras tanto
Até que em duas fontes se converta
Essa tua dureza? ah! bem mereces
Chorar sempre, se aqui não te embrandeces.

· Emtanto um dos pagãos que em guarda estava
De excelsa torre, e os campos descobria,
Vê denso pó, que ao longe se formava,
E ser immensa nuvem parecia.
De relampagos cheia ella marchava,
E lançar de si fogo se diria;
Logo depois distingue dos guerreiros
As armas; logo infantes, cavalleiros.

Que de pó vejo alêm, subito brada;
Como parece resplender, qual flamma.
Sus; armae-vos; travae da forte espada;
Subi aos muros; o momento o clama;
Eis á vista o inimigo; e, recobrada
A voz, de novo com mais força exclama:
É elle; ás armas! attentae na grande
Nuvem de denso pó, que alêm se expande.

Os que te'm n'alma e corpo só fraqueza,
Meninos, anciãos, donas afflictas,
Inhabeis no atacar, e na defesa,
Buscam tristes o amparo das mesquitas;
Os que te'm maior brio e fortaleza
Armam-se contra as hostes infinitas;
Quaes já correm ás portas; quaes aos muros.
O rei tudo provê, e os faz seguros;

· Est. vi a xi.

E em seguida a uma torre se retira
Entre duas portas, donde, sobranceiro
Ao campo e aos montes, facil acudira
Aos perigos; á qual por companheiro
Leva a formosa Herminia, a quem abrira
A côrte sua, asylo derradeiro,
Depois que o braço dos christãos havia
Morto o pae, e tomado Antiochia.

Clorinda já dos francos se avizinha
Entretanto, de todos adeante.
Mas junto a porta escusa tambem tinha
Prestes os seus para ajudal-a Argante.
A guerreira os soldados encaminha,
Movendo-os co' discurso e co' o semblante.
Hoje é o dia, diz ella, de fundarmos
D'Asia a esperança, e com valor brilharmos.

Emquanto assim falava, descobriu
Não distante um christão ajuntamento,
Que a depredar o exercito expediu,
E voltava provido já de armento.
Foi contra elle; o inimigo, mal o viu,
Lhe correu ao encontro n'um momento.
Gardo é o nome do chefe, homem famoso,
Porêm contra ella pouco poderoso.

Gardo, ao choque primeiro, ca'e por terra
Perante os francos e os pagãos, que alçaram
O brado, fausto annuncio para a guerra
D'alli tomando, em vão, pois se enganaram.
De perto então co'os outros ella cerra;
Fere, qual se mãos cem juntas baixaram.
Seguem-na os seus guerreiros pela estrada
Que lhes abrira a vencedora espada.

Em pouco tempo recupera a presa,
E o christão vae cedendo já vencido;
Tanto, que a um oiteiro, em cuja alteza
Um refugio encontrou apercebido,
Se acolhe; porêm logo, como accesa
Rubra chamma, ou tufão enfurecido,
Em punho a lança, á voz de Godefredo,
Co'os seus soldados move-se Tancredo.

Tão firmemente a grande lança enrista,
Vem com tão brava, tão gentil presença,
Que o velho rei, o qual da torre o avista,
Ser um dos bons entre os melhores pensa;
Pelo que à Herminia diz, que se contrista
E alegra, a palpitar, meio suspensa:
Qualquer chefe christão, posto coberto
De armas, tu deves conhecer de certo.

Est. xii a xvii.

Conta-me pois quem é esse valente
De ar tão soberbo e fronte sublimada.
Ella em suspiros lhe tornou sómente,
A vista pelas lagrimas turvada;
Depois reteve o pranto de repente
E os ais, porêm não foi tão disfarçada,
Que a não trahisse um timido gemido,
E a rosea côr do olhar humedecido.

Emfim ao rei assim responde, e encobre
No odio o amor sob o manto da mentira:
Conheço-o bem, senhor, ai de mim pobre!
Até mesmo entre mil o distinguira!
Quantas vezes verter o sangue nobre
O vi do povo meu! Que nunca o vira!
Como é cru no ferir! Ah! para a chaga
Que elle faz não ha herva ou arte maga.

É o principe Tancredo. Que algum dia
Seja meu prisioneiro, mas com vida!
Como em vingar-me n'elle eu folgaria,
E fôra minha dôr diminuida!
De tal sorte falava; e ninguem cria
Esta sua resposta ser fingida.
Terminando, um suspiro, que procura
Reter embalde, no falar mixtura.

Entretanto Clorinda já se avança
Contra Tancredo, e a pugna se começa.
Ferem-se na vizeira; e cada lança
Partida o embate aos ares arremessa.
Mas eis d'ella esvoaça a loira trança,
Que o elmo lhe tirara da cabeça
Pasmoso golpe; e, como assim ficasse,
De virgem bella patenteia a face.

Os olhos seus qual raio lampejaram,
Doces na ira; o que seria rindo!
Ó Tancredo, que idéias te turbaram?
Este é da tua amada o rosto lindo,
Aonde os teus sentidos se abrasaram.
Não o está o teu peito repetindo?
É esta a joven que lavando a fronte
Achaste junto á solitaria fonte.

Fica pedra o guerreiro, ao conhecel-a,
Que antes cimeira e escudo não notara;
Cobre a cabeça, como póde, a bella,
E o ataca; elle cede, e não apara
Os temerosos botes da donzella,
Posto que de ferir os mais não pára,
Sem paz pedir-lhe; espera a virgem clama,
E ameaçadora a dupla morte o chama.

Est. xviii a xxiii.

Offendido, Tancredo não offende;
Nem tanto os golpes evitar procura,
Como ver esses olhos, donde tende
Amor o arco, e tanta formosura;
E considera: em vão a mim descende
O seu gladio, indefesso, em vão fulgura;
Mas da sua belleza sou ferido,
A ella sempre o coração rendido.

Resolveu-se afinal, bem que piedade
Não espere, a lhe abrir o seio amante;
Saiba que um homem já sem liberdade
Fere, um escravo humilde, supplicante;
E diz: ó tu, que mostras crueldade,
Só contra mim, com tantos adeante,
Saiamos d'esta confusão; e á parte
Melhor commigo poderás provar-te.

Ahi verás se ao meu teu valor cede.
A guerreira, o convite logo acceito,
Sem elmo embora, intrepida o precede;
Segue-a elle turbado e contrafeito.
Já Clorinda está prompta; já despede
O ferro, que ao contrario vae direito,
Quando este: antes que a pugna comecemos,
Das condições é justo que tratemos.

Cessa a dama; e Tancredo, que mudado
Tem da paixão a desesp'rança fera,
Eil-as: meu coração seja arrancado
Por ti, pois que da paz já desespera.
Pertence-te; se for o teu agrado
Que morra, voluntario a morte espera;
Pertence-te de ha muito; vem tiral-o;
É já tempo; nem eu devo estorval-o.

O peito sem defesa te apresento.
Porque é que tua espada o não traspassa?
Desejas que te ajude o braço lento?
Despirei, se quizeres, a coiraça.
Mais talvez continuando co'o lamento
Ia o guerreiro, sem que branda a faça,
Mas dos seus e pagãos tropel ruidoso
Lhe veio interromper o tom queixoso.

Ou fosse mêdo ou manha, recuavam
Os infieis, e ante os christãos cediam.
Viu um d'estes as tranças que voavam,
E da donzella os hombros encobriam;
E, porque más idéias o animavam,
Nos logares que nus appareciam
Foi a feril-a por detrás; mas brada
Tancredo; e á do inimigo oppõe a espada.

EST. XXIV a XXIX.

Comtudo um pouco vulnerada fica
Na fronte nivea, junto ao collo bello.
De purpurinas gottas se salpica,
Como de tenue orvalho, o seu cabello.
Taes brilham os rubins em obra rica
De oiro. Porêm o heroe, ao percebel-o;
Sobre o cruel em colera se lança,
Levando em punho o ferro da vingança.

Vôa aquelle; e este após acceso em ira;
Nem mais rapida a setta os ares corta.
Ella Tancredo e o outro que fugira
Vê longe, e de alcançal-os não se importa;
Antes, co'os fugitivos se retira.
Ora dos francos o impeto supporta;
Ora acossa animosa; ora temendo
Retra'e-se, nem vencida, nem vencendo.

Assim na arena o toiro perseguido
Dos cães, se a elles volve a testa armada,
Recúam todos, porêm, mal fugido,
Continuam na caça abandonada.
Na fuga sobre as costas leva erguido
Clorinda o escudo, e a fronte resguardada.
Nos seus jogos dest'arte o moiro experto
Corre, das alcanzías a coberto.

Já acossando uns e outros cedendo
Proximo aos grossos muros se chegaram,
Quando os pagãos, soltando grito horrendo,
Contra os de Christo subito voltaram,
E, grande giro rapidos fazendo,
Pelos lados e espalda os atacaram.
N'isto co'os seus do monte Argante de'ce
E a pugna pela frente estabelece.

Adeanta-se o feroz circassiano,
Que deseja na lide ser primeiro;
Logo um por terra deita o deshumano;
E o cavallo acompanha o cavalleiro.
Muitos provam tambem o mesmo damno,
Antes que a lança quebre do guerreiro;
Então arranca a espada, e, se não mata,
Ou derriba, ou vulnera, ou desbarata.

Clorinda, émula sua, tira a vida
A Ardelio, ancião de espirito indomado,
Que tinha por dois filhos soccorrida
A velhice, nem mesmo assim guardado;
Pois Alcandro, o maior, grave ferida
Breve arredou do filial cuidado,
E o menor, Poliferno, que ficára
Co'o pae, difficilmente se salvara.

Est. xxx a xxxv

Mas Tancredo, depois que não alcança
Quem seguia, por ir mais velozmente,
Para trás um instante a vista lança,
E vê que muito além foi sua gente;
Vê-a cercada; e em seu corcel avança,
Para auxilio prestar-lhe diligente.
Nem só elle em tal ponto os seus soccorre,
Mas a hoste que ao p'rigo sempre accorre;

A hoste de Dudon aventureira,
Flor dos heroes, vigor, nervo da guerra.
D'ella Reynaldo vae na deanteira,
E veloz mais que raio tudo aterra.
Herminia pela marcha sobranceira
Logo o conhece; e mostra que não erra
A aguia de neve em campo de saphira;
Pelo que diz ao rei, que attento o admira:

Áquelle a palma cabe entre os briosos;
Nenhum a elle ou poucos se comparam,
Posto bem joven seja; valorosos
Assim os inimigos seis contaram,
E já foram da Syria victoriosos,
E os reis do oriente e sul se lhes curvaram;
Talvez até debalde o Nilo a fronte
Escondêra na longe, ignota fonte.

É seu nome Reynaldo, mais temido
Das muralhas que a machina mais dura.
Agora nota aquelle, ó rei subido,
Que de oiro e verde tem toda a armadura;
Dudon se chama, chefe esclarecido
Da ala dos cavalleiros da ventura;
Nobre, sabio, e o primeiro pela edade,
Não teme no valor desegualdade.

Gernando, irmão do rei da Noruega
É o outro alto, de negro acobertado.
Soberba egual no mundo a ninguem cega;
Seu esforço é por isto só manchado.
Ora n'aquelles dois o olhar emprega,
Que se vestem de branco; é o par falado,
Gildipe e Eduardo, almos esposos,
Na guerra e lealdade ambos famosos.

Emtanto Herminia e o rei em baixo viam
Ir o destroço em progressivo augmento;
Que Reynaldo e Tancredo rôto haviam
Dos contrarios o basto ajuntamento.
Dudon e os seus tambem se lhes uniam,
Atacando-o com força e atrevimento.
Té Argante, que Reynaldo no terreno
Prostrou, a custo se ergue não pequeno.

Nem se erguera talvez, se n'esse instante
De Reynaldo o cavallo não cahisse,
Pisando o pé do dono triumphante;
O que fez que ao perigo elle acudisse.
Para os muros retira-se offegante
O infiel, por que á morte assim fugisse;
Só de Argante e Clorinda a mão guerreira
Aos que os perseguem serve de barreira.

Os ultimos são estes; com potente
Esforço abrandam do inimigo a sanha,
Tanto que a fuga da descrida gente
Com sua ajuda segurança ganha.
Dudon prosegue na victoria ardente
E o altivo Tigrane já apanha:
Com o corcel o encontra; vibra a espada;
E em terra o deita, a fronte separada.

Nada presta a Algazar fina coiraça,
Ou elmo forte a Córban, o forçoso,
Que o ferro a nuca e as costas lhes traspassa
Até á cara e ao peito, furioso.
Tambem por sua dextra ao nada passa
Mehemet, Amurat, e o impiedoso
Almansor; nem Argante está liberto
De escapar do christão ao golpe certo.

Freme o circassiano; e, ora, parando,
Mostra a frente, e ora cede e volve o rosto;
Afinal, de repente se voltando
Contra o inimigo, firme no seu posto,
N'um dos lados a espada lhe enterrando,
Da existencia lhe rouba o doce gosto.
Ca'e elle, e os olhos que já mal abria
Sente em breve chumbar a morte fria.

Abriu-os por três vezes em procura
Da luz, e sobre um braço levantou-se;
E recahiu três vezes, e em escura
Nevoa sua vista debil occultou-se;
Cobriu suor e funeraria alvura
O corpo, e inteiramente enregelou-se.
Com o cadaver o feroz Argante
Não se importa, porêm caminha ávante;

E, sem parar, para os christãos virada
A face, estas palavras proferia:
Eil-a tinta de sangue a propria espada
Que me deu Godefredo faz um dia;
Dizei-lhe qual por mim foi estreada;
A nova ha de causar-lhe soberbia,
Vendo que o seu riquissimo presente
A riqueza no emprego não desmente.

Est. xlii a xlvii.

Dizei-lhe que a melhor exp'rimental-a
Dentro em suas entranhas se decida;
E que, se não se apressa a vir proval-a,
O buscarei para tirar-lhe a vida.
Os christãos irritados d'esta fala
Iam a pena impor-lhe merecida;
Porêm co'os outros já do muro amigo
Se recolhera ao protector abrigo.

De tal forma a arrojar os defensores
De cima d'elle pedras começaram,
E innumeras aljavas passadores
Em copia tal aos arcos ministraram,
Que cederam os francos pugnadores,
E na cidade os infieis entraram.
Mas Reynaldo, que o pé livrado tinha
Do corcel, a ajudar os seus já vinha.

Para Dudon vingar se accelerava,
E dar ao matador paga severa.
Que vos demora ainda aqui? bradava
Iracundo; porque é que assim se espera?
Morreu o que á victoria nos guiava;
E está inulto ainda! Quem o crêra?
Póde fragil muralha amedrontar-nos,
E em tanta indignação embaraçar-nos?

Não; fosse ella de ferro ou de diamante,
Ou mesmo impenetravel se julgasse,
Não poderia defender Argante,
Para que ás vossas iras escapasse.
Eia, ao assalto pois. Diz; e adeante
De todos vae, por que o caminho trace;
Das pedras e das flechas a procella
Não lhe assusta a segura fronte bella.

Sacudindo a cabeça, elle a sublima,
Cheio de tão terrivel ardimento,
Que leva o mêdo até do muro acima,
E gela o coração do mais exempto.
Emquanto uns ameaça, outros anima,
Chega, por moderar-lhe o ousado intento,
Co'as ordens do que tinha o summo imperio
O fiel mensageiro, o bom Sigerio.

Do chefe em nome o arrojo este condemna,
Mandando-lhe que torne sem demora.
Voltae, que Godefredo vol-o ordena;
É inopportuna a occasião agora.
Ao ouvil-o, Reynaldo se asserena,
Elle que instigador dos outros fôra;
Porêm não se refreia de tal modo,
Que o rosto encubra a colera de todo.

Est. xlviii a liii.

Sem molestado ser pelo inimigo
Retrocede o christão mal sofreado;
Nem fica de Dudon o corpo amigo
Dos ultimos deveres defraudado.
Nos pios braços levam-no comsigo
Os companheiros, caro pêso e honrado!
Godefredo entretanto de uma altura
Vê da cidade as forças e a postura.

Sobre duas collinas estendida
É Sião, deseguaes e fronte a fronte;
Um valle a faz ao meio dividida,
Separando tambem um do outro monte;
De três lados difficil a subida
Ao valor se apresenta do que a affronte;
Do outro facil; mas por isso forte
De muralhas está; é o lado norte.

Cisternas, onde a chuva se reserva,
Lagos e vivas fontes a cidade
Possue, mas em redor é nua d'herva
A terra, e de agua tem necessidade;
Nem co'a sombra das calmas a preserva
Arvoredo, e lhe presta amenidade;
Só d'álli a seis milhas se levanta
Selva horrenda, que os animos espanta.

Donde rompe no céu a luz radiosa
Do ditoso Jordão frue a corrente;
E do Mediterraneo na arenosa
Praia toca da banda do occidente;
Fica ao norte a Samária, e a criminosa
Bethel, que o aureo boi adorou crente;
E Bethlem, que acolheu o grande parto,
Da banda do austro, de chuveiros farto.

Emquanto Godefredo examinava
A cidade, o paiz, sua defesa,
E para o campo sitio procurava,
E onde o muro apresenta mais fraqueza.
Herminia ao rei pagão o indigitava,
Accrescentando: aquelle que grandeza
Tanta revela, em purpura trajado,
É Godefredo, a um rei equiparado.

De certo este nasceu para o governo,
Pois de reinar, de commandar sabe a arte;
E une ser cavalleiro ao grau superno;
E nos misteres dois cabal se parte;
Nem um em tantos de valor eterno
Mais sabio ou forte poderei mostrar-te;
No conselho ha Raymundo só que o valha,
E Reynaldo e Tancredo na batalha.

Est. LIV a LIX.

Bem o conheço, o rei lhe respondia.
Vi-o, quando eu na capital da França
Mensageiro do Egypto residia,
Em nobre justa manejar a lança;
E, inda que então lhe a barba não cobria
A delicada tez, já esperança
Dava no porte e obras, sem embargo,
De algum dia ascender a summo cargo.

Presagio, ai! verdadeiro! diz, baixando
Confusa a vista; e, erguendo-a após segura:
Quem é o que a par d'elle vae andando,
E veste rubra tem? Na catadura
Como parece estal-o retratando,
Apesar de ceder-lhe na estatura!
É seu irmão Balduino; a face o mostra,
E mais o esforço com que tudo prostra.

Agora vê Raymundo, que á maneira
De mentor o acompanha do outro lado,
De cuja previdencia verdadeira
Tanto falo: homem velho e ajuizado,
De todos o melhor na guerra arteira.
Aquelle mais alêm, de elmo doirado
É Guilherme, preclaro por seu brilho,
Do monarcha britanno egregio filho.

Com elle Guelfo está, de acções de preço
Rival, grande em nobreza, e potestade;
Pelas largas espaduas o conheço,
Pelo sahido peito e majestade.
Mas o inimigo meu, que não esqueço,
Boemundo, cuja infanda crueldade
Meu sangue destruiu, falta sómente.
Busco-o na multidão inutilmente.

Tudo notado o capitão já tendo,
Ao plaino desce, para aos seus juntar-se;
E pela ingreme parte já sabendo
Que em vão buscára na cidade entrar-se,
Vae o campo n'aquelle distendendo
Ante a porta do norte; e prolongar-se
Fal-o té abaixo, onde se elevava
A torre que Angular se appellidava.

D'esta maneira as tendas abrangiam
De Sião quasi um terço; que abrangel-a
Em todo o seu circuito não podiam;
Tantas habitações havia n'ella.
Mas as sendas por onde buscariam
De fóra auxilial-a e abastecel-a
Tenta o chefe impedir, e os passos manda
Egualmente occupar de uma e outra banda.

EST. LX a LXV.

Tambem que as tendas sejam guarnecidas
De largo fosso ordena e de trincheiras,
Para dos sitiados ás sortidas
Se oppor e ás correrias forasteiras.
Estas coisas por elle assim providas,
Para á morte prestar as derradeiras
Honras, Dudon vae ver, ao qual rodêa
Lacrimosa, tristissima assembléa.

Nobremente os amigos adornaram
O feretro, onde o corpo fôra posto.
Quando entrou Godefredo, se tornaram
As lagrimas em chôro descomposto.
Este as suas, que do intimo brotaram,
Dentro em si represou, nem calmo o rosto,
Nem turbado; e, depois que pensativo
Olhando o esteve, disse compassivo:

Por ti correr não deve nosso pranto;
Se deixas este mundo, o céu te chama;
E aqui, onde has largado o terreo manto,
Fica da tua gloria illustre fama.
Viveste e pereceste como santo
Cavalleiro christão; em Deus, que te ama,
Pasce os olhos agora, ó feliz alma,
E da tua virtude acceita a palma.

Vive feliz; a nossa infeliz sorte,
Não a tua desgraça pranteâmos,
Pois de parte de nós tão digna e forte
Pela tua partida nos privâmos;
Mas, se por isto, que nomeiam morte,
Hoje sem teu auxilio nos achâmos,
De Deus entre os eleitos nos acodes;
Que nosso protector hoje ser podes.

E assim como de ti ajuda houvemos
E co'as armas mortaes nos defendeste,
Esperar co'as do céu tambem devemos
Que nos valhas, espirito celeste.
Ouve as preces que todos te fazemos;
Soccorre nossos males; seja este
O annuncio da victoria; e a ti devotos,
Vencendo, pagaremos nossos votos.

D'este modo falou. A noite escura
Já emtanto apagara a luz do dia,
E, no somno calando a desventura,
Treguas á dor e ás lagrimas trazia.
Porêm o capitão, que á força dura
Sem machinas entrar Sião não cria,
Cogita onde ha madeira de que as forme,
Qual a sua estructura, e pouco dorme.

Est. lxvi a lxxi.

Levantou-se co'o sol; e o sahimento
Quiz elle proprio acompanhar piedoso.
Tinham composto um funeral moimento
A Dudon do cypreste mais cheiroso,
Perto donde se alonga o acampamento,
Ao sopé de um oiteiro: alli repouso
Houve de uma palmeira que frondeja
Á sombra, e as preces ultimas da egreja.

D'entre varios dos ramos penduradas
Armas, bandeiras em trophéu se viam,
Que ao syrio e ao persa em muitas fortunadas
Acções tinha tomado; reluziam
As peças da armadura d'elle usadas
No tronco, cujo meio revestiam.
Aqui Dudon descansa, foi escripto;
As cinzas respeitae do heroe bemdicto.

Mas Godefredo, após estar cumprida
Esta obra de dó, trabalhadores,
Quantos ha, manda á selva já sabida
Com escolta de fortes defensores,
Á selva, que, entre valles escondida,
Conhecem muito bem os vencedores
Dês que um syrio a mostrara, por que os lenhos
Tragam d'ahi para os fataes engenhos.

Todos se animam para activa guerra
Fazer ao grande bosque; decepado
O luctuoso cypreste ca'e por terra,
O pinheiro, a palmeira, e o freixo ousado;
No abeto e roble o ferro o gume enterra,
E na faia e no olmeiro desposado,
Em cujo tronco ás vezes a videira
Com torto pé se enrosca prazenteira.

Quaes d'elles o carvalho e o teixo cortam,
Que vezes mil as folhas renovaram,
E que os machados ora não supportam,
Posto que os ventos vezes mil domaram;
Quaes em chiantes carros já transportam
Os freixos, e altos cedros que cortaram.
Deixam ao som das armas e das vozes
A ave e a fera o ninho seu velozes.

EST. LXXII a LXXVI.

CANTO IV

Das machinas prosegue a lida insana,
Que hão de com brevidade ter emprego;
Mas o inimigo da progenie humana
Emtanto os olhos volve sem socego
Contra os de Christo; a cogitar se afana;
Ambos os labios morde em furor cego;
E, como toiro que ferido grita,
Urrando e a suspirar sua dor vomita.

Voltado pois inteiro o pensamento
Para aos fieis mover atroz ruína,
Unir seu povo (infando ajuntamento)
Dentro do regio paço determina;
Qual se fôra pequeno atrevimento
Á Providencia resistir divina!
Louco! ao céu egualar-se! não lembrado
De como pune o braço eterno irado.

Sôa a tartarea trompa, das eternas
Sombras os moradores convocando;
Tremem as amplas, tetricas cavernas;
Ao som responde o ar negro rebombando.
Não baixa assim das regiões supernas
O coruscante raio trovejando,
Nem assim abalada treme a terra,
Quando o vapor em si gravida encerra.

Ouvem-na; e correm logo em turmas varias
Do abysmo os deuses ao palacio ingente.
Oh! que formas terriveis e contrarias!
Lançam morte e pavor do olhar ardente!
Alguns te'm pés, não de homens, de alimarias,
De cobras coroada humana frente,
E longa, immensa cauda, a qual enrolam
Á maneira de açoite e desenrolam.

Aqui Centauros, Górgones verias,
Muitas Scyllas ladrando, Esphinges feras,
Pythões a sibilar, sujas Harpias,
E atro fogo a expellirem mil Chymeras;
De ver os Polyphemos sentirias
Horror; e mêdo aos Geryões houveras;
Novos monstros de insolita figura,
Differentes, em hybrida mixtura.

EST. I a V.

Divididos á esquerda e á direita,
Do cru monarcha sentam-se deante;
Este, no meio, tem na mão, afeita
Ao mando, o sceptro rustico e gigante;
Rocheo escolho, que o pélago respeita,
O Calpe levantado, o magno Atlante
São junto d'elle apenas baixo oiteiro;
Tanto a armada cabeça ergue altaneiro.

Horrida majestade o aspecto feio
Lhe torna mais medonho e soberboso;
O olhar sanguineo, de veneno cheio,
Cometa infausto, esplende pavoroso;
Acoberta-lhe o queixo, e hirsuto seio
Longa barba, pêlo aspero e asqueroso,
E, á semelhança de voragem funda,
Abre a bocca de negro sangue immunda.

Como o fumo sulfureo, que inflammado
Do Etna sa'e com fetido e estampido,
Assim por ella sa'e o envenenado
Cheiro com fumo e fogo confundido.
Emquanto discorreu ficou calado
Cerbéro; a Hydra emmudeceu; sustido
O Cocyto parou; e o abysmo infindo
Tremeu, a sua voz troar ouvindo:

Tartareos numes, cujo proprio assento
No céu, onde nascestes, ser devia,
A quem commigo o gran commettimento
N'esta lançou estancia de agonia,
Bem conhecido é o nosso atrevimento,
E a tão velha suspeita, e a tyrannia
D'aquelle por quem já vencidos fomos.
E elle hoje é rei, e nós rebeldes somos!

E em vez do dia celestial e puro,
Do sol, dos estelliferos fulgores,
N'este barathro aqui nos fecha escuro,
Sem que nos deixe as honras ant'riores
Cobrar, e (ai! lembral-o quanto é duro!
Eis o que os males meus torna maiores)
Até ao bello empyreo ha conduzido
O homem vil, de vil barro procedido.

Nem bastou isso; mas o Filho á morte
Deu por nos fazer mal; este o mysterio
Do Orco e as suas portas quebrou forte,
E altivo penetrou em nosso imperio,
Tirando as almas nossas pela sorte,
E com ellas subindo ao céu sidereo,
Onde a bandeira do vencido inferno
Desenrolou, como em escarneo eterno.

Est vi a xi.

Mas porque avivo minha dor falando?
Quem os nossos ultrages não conhece?
Em que logar aconteceu ou quando
Que elle as suas injurias suspendesse?
Nas offensas antigas não pensando,
Lembremos a que é d'hoje e não se esquece:
Não vêdes como agora busca modo
De ao seu culto incitar o mundo todo?

E, inertes, nós os dias passaremos,
Sem que brioso fogo nos accenda?
Que mais se fortaleça soffreremos
N'Asia o seu povo, e que a Judéa renda?
Crescer a sua honra deixaremos,
E que o seu nome se dilate e estenda?
Que sôe em novos bronzes esculpido,
E em mais linguas e cantos repetido?

Que tombem nossos idolos quebrados?
Que a elle quem nos segue se converta?
Que lhe sejam os votos consagrados?
Que incenso, que oiro, e myrrha haja em offerta?
Que dos templos sejamos expulsados,
Onde sempre tivemos porta aberta?
Que nos falte das almas o tributo,
E habite vosso rei um ermo bruto?

Porêm não; que inda em nós não se extinguiu
Esse espirito forte e brio antigo,
Que de ferro e de fogo nos cingiu
Para atacar o céu, nosso inimigo.
Se então tamanho esforço succumbiu,
Foi o valor do grande empenho amigo;
Tocou aos mais felizes a victoria;
Do invencivel arrojo a nós a gloria.

Mas porque vos demóro, ó companheiros
Fieis, a vós, a minha fortaleza?
Ide; opprimi os perfidos guerreiros,
Emquanto não alcançam mais grandeza;
A chamma ateada soffocae ligeiros,
Se não d'ella a Judéa será presa;
Ide; e empregae em seu extremo damno
Umas vezes a força, outras o engano.

Assim se cumpra. Que uns errem dispersos
Por varias partes; outros, que pereçam;
E que outros, em amor lascivo immersos,
Por um olhar, e um riso tudo esqueçam;
Travem dos ferros, entre si adversos,
Contra o seu capitão; não lhe obedeçam;
Do exercito vestigio algum não fique;
Nada sua existencia testifique.

Est. xii a xvii.

Os rebeldes a Deus nem consentiram
Que o chefe terminasse; mas voando
Da espessa treva para a luz sahiram,
Das estrellas o brilho procurando.
Taes as procellas túrbidas se viram,
As grutas naturaes abandonando,
Muitas vezes toldar o céu, e a guerra
Sobre os mares lançar e sobre a terra.

Em direcções partindo differentes,
Rapidos pelo globo se espalharam,
E a exercer suas artes eminentes
Com diversos enganos começaram.
Mas dize, ó musa, tu que tens presentes
Estes factos, que mal a nós chegaram,
Dize donde o primeiro mal proveio
Aos christãos, e a maneira como veio.

Idraote Damasco governava
E a terra em torno, magico famoso,
Que á magia, de joven, se entregava,
Da qual a edade o fez mais amoroso;
Comtudo coisa alguma lhe augurava
O exito da guerra duvidoso:
Nem dos astros o aspecto o predissera;
Nem a verdade o inferno respondera.

Pensou este (ah! pensar do homem prescripto,
Como os juizos teus são vãos e errados!)
Que os céus a destruir o sempre invicto
Exercito fiel eram voltados.
Por isso, acreditando que ha de o Egypto
C'roar-se emfim dos loiros conquistados,
Quer que tenha o seu povo da victoria
Quinhão nos fructos e tambem na gloria.

Mas, como o valor franco em muito conta,
Temendo ser fatal o vencimento,
De abater os christãos antes aprompta
Varios meios no astuto pensamento,
Para que o egypcio e elle sem affronta
Juntos depois os vençam. N'este intento
Vem o anjo das trevas encontral-o,
E mais em seu proposito instigal-o.

Com seus falsos conselhos o encaminha,
E do projecto a execução alhana.
Era então de Idraote uma sobrinha
Entre as bellas do Oriente soberana,
Mulher que a astucia das mulheres tinha
E a magica sciencia mais que humana.
É esta que elle chama e a quem desdobra
Seu plano assim, para o tornar em obra:

Est. xviii a xxiii.

Ó cara, que has debaixo da apparencia
D'essa aurea coma e candido semblante
Alma viril e velha experiencia,
E em meu saber já me passaste adeante,
Volvo idéia de grande consequencia,
Que será, se me ajudas, triumphante:
A tela tece que eu te mostro urdida,
De cauto ancião executora ardida.

Vae ao campo inimigo; ahi emprega
Quanto de amor a labareda accende;
Ameiga as preces e de pranto as rega;
Em ais, suspiros, as palavras prende;
Com as graças e a magua todos cega,
Mesmo esses, cujo peito não se rende;
Some a audacia do pejo nos rubores,
E o falso da verdade sob as cores;

O proprio Godefredo me captiva
Co'os doces olhos e o discurso brando,
De sorte que rendido em ocio viva,
A guerra aborrecendo e transtornando;
Se o não puderes, os mais chefes priva
Da liberdade, e a sitio os vae levando,
Donde não voltem. Mais depois se explica
E ajunta: a patria, a fé te justifica.

Acceita Armida a singular empresa,
Nos seus dotes e edade confiada,
E por occultas sendas, sem defesa,
Parte só, mal a noite começada,
Esperando co'a sua gentileza
A hoste avassallar nunca domada.
Emtanto varias causas inventaram
Do seu partir, que adrede divulgaram.

Passados poucos dias a donzella
Chega onde era acampada a franca gente.
Rompe um sussurro, apenas entra, e a ella
Cada um o olhar dirige de repente.
Assim cometa ou não sabida estrella
Seduz a vista, ao despontar fulgente.
Todos a ver concorrem quem seria
A linda peregrina, e quem na envia.

Argos, Delos e Chypre formosura
Nunca houveram egual, nem ar tão nobre,
Tem de oiro a coma; e já do véu na alvura
Transluz; e já de todo se descobre.
Tal, se dos céus aclara a face escura,
De sob a nuvem candida que o cobre
Brilha o sol, ou, já livre d'esta, a chamma
Duplica, e os raios em redor derrama.

Est. xxiv a xxix.

Em seu cabello solto e ondeado
Faz novas ondas zephiro brincando;
O olhar aváro esplende recatado,
Os thesoiros de amor e os seus velando;
Com o marfim do rosto mixturado
Vem o rubor das rosas apontando;
Mas a bocca, que expira aura amorosa,
Só purpureia a pudibunda rosa.

O collo a neve nua á vista off'rece,
Onde se nutre amor, e arde accendido;
Parte dos virgens peitos lhe apparece;
Zela-lhe a outra o ínvido vestido;
Mas, se este aos olhos penetrar empece,
Nem por isso o pensar fica tolhido,
Que, não contente da belleza externa,
No mais occulto ávido se interna.

Como o crystal e a agua a luz traspassa,
E nem passando-os os divide ou parte,
Assim o mais secreto, audaz, devassa
A idéia, por que seus anhelos farte.
Ahi ella divaga, e o todo abraça
De tantas maravilhas parte a parte;
Narra-as depois ao seu desejo; e o fogo,
Em que este se queimava, augmenta logo.

Armida pela turba cobiçosa
Vae; e a turba excitada a louva e admira.
Ella o sente; e sorri-se esperançosa
De vencer; mas disfarça o que sentira.
Emquanto pára e péde graciosa
Quem ante Godefredo a conduzira,
Sa'e-lhe Eustachio ao encontro, que irmão era
Do capitão que sobre os mais impera.

Qual borboleta, o attra'e a claridade
D'essa belleza angelica, divina,
E de ver perto os olhos ha vontade,
Que o pudor docemente ao chão inclina.
Vê-os; e com voraz intensidade
O incendio da paixão o abrasa e mina;
Pelo que a ella fala d'esta sorte,
Pelos annos e amor tornado forte:

Senhora, se é que um erro não commetto,
Nomeando-te assim, mulher celeste,
Pois mais do que a nenhum mortal dilecto
De seu fulgor sereno o céu te veste,
Donde vens? Qual te move escuso objecto?
Por que feliz acaso a nós vieste?
Explica-me quem és; que eu te conheça,
E te honre, ou de joelhos te obedeça.

Est. xxx a xxxv.

Não me toca esse merito excessivo;
Não me cabem tambem tantos louvores;
Senhor, mortal eu sou, e morta vivo
Para o prazer, mas viva para as dores.
Em modo vagabundo, fugitivo
Trazem-me aqui meus males e amargores;
Em Godefredo puz minha esperança;
Tanto a sua bondade ao longe alcança.

Se alma tens, como julgo, nobre e pia,
Do capitão conduze-me á presença.
E Eustachio: ser-te medianeiro e guia,
Como irmão seu, é justo me pertença.
Attendida será tua agonia,
Pois elle a sua graça me dispensa.
Dispõe de tudo, virgem sublimada,
Que seu sceptro valer ou minha espada.

Calou-se; e a conduziu 'onde da gente
Longe estava entre os chefes Godefredo.
Ella, inclinando a fronte reverente,
Perturbada ficou, e o labio quedo.
Mas o guerreiro a anima; o pejo, a mente
Lhe serena; e do peito expelle o medo;
Até que seus embustes meiga expende
Em voz suave, que os sentidos prende:

Principe, cujo nome se remonta
Ao céu com tanto brilho e tanta gloria,
Que soberboso cada povo conta
Ser vencido por ti como victoria,
A insigne fama tua o mundo aponta,
Porque é ao mundo inteiro bem notoria;
Até mesmo o contrario a estima e préza,
E se acolhe a tamanha fortaleza.

Té eu, filha da crença que has domado,
E que tenta acabar teu braço fero,
Por ti ao throno de meus paes herdado
Inda restituida ver-me espero.
Costuma-se dos seus ser ajudado
Contra o extranho furor; e eu a ti quero
Contra o meu sangue, a ti meu inimigo,
Visto nos meus não encontrar abrigo.

Senhor, minha esperança em ti se encerra;
Só tu podes tornar-me á potestade;
Essa valente mão, que doma e aterra,
Deve alçar dos oppressos a humildade.
Nem mais os loiros da sanguinea guerra
Se exaltam do que a branda piedade.
Dá-me a c'rôa, se a muitos a tiraste,
E gloria egual terás á que alcançaste.

Est. xxxvi a lxi.

Mas, se a religião que nos separa
Te obriga a desprezar o meu pedido,
Valha-me a tua compaixão preclara,
De que seria improprio o desmentido.
Testemunha me é Deus, que tudo ampara,
Se alguem com tal justiça has soccorrido.
Mas, por que tudo saibas, ouve o engano
Dos outros, e ouve meu destino insano.

Sou filha de Arbilan, que o sceptro teve
De Damasco, o qual, nado em baixa esphera,
Da formosa Cariclia a mão obteve,
E, por sua morte, o reino que ella houvera.
Minha mãe se apartou da vida leve
Quasi no mesmo instante em que eu nascera;
Pelo que alumiou meu nascimento
O mesmo dia e seu extremo alento.

Porêm um lustro mal se concluia
Depois de ella despir da carne o manto,
Quando meu pae, cedendo a sina impía,
Talvez se lhe juntou no reino santo,
Deixando-me, e deixando a monarchia
Entregues ao irmão que amara tanto;
De cuja alma devia confiar-se,
A lástima poder no mundo achar-se.

Tomando pois de mim este o governo,
Mostrou-se tanto do meu bem zeloso,
Que de incorrupta fé, de amor paterno
O louvor alcançou mais valioso;
Ou porque então seu máu pensar no interno
Encobrisse do peito, mentiroso,
Ou porque, inda sincero, me estimasse,
Com o filho querendo que eu cazasse.

Cresci; este cresceu; e á natureza
E ás artes não se afez de cavalleiro;
Baixo de pensamento, a gentileza
Nunca estimou, vil animo e grosseiro;
Sob aspecto disforme atra avareza
Sustentava em espirito altaneiro;
E eram taes seus costumes e seus modos,
Que elle egualara, só, seus vicios todos.

A tal homem ligar-me desejava
Em matrimonio o meu tutor; meu leito,
O reino meu para elle destinava,
Que me falou mil vezes d'este geito.
Artificios, palavras empregava
Para levar a cabo o odioso feito;
Mas eu, sem nada prometter, calei-me
Sempre, e sempre a taes vistas recuzei-me.

Est. xlii a xlvii.

Deixou-me um dia emfim, torvo o semblante,
O cruel coração bem demonstrando.
Então, no rosto, meu porvir distante
Julguei-lhe soletrar triste e nefando.
Ignotos sonhos desde aquelle instante
Senti o meu repoiso perturbando,
E um terrivel horror da inf'licidade
Presagiar-me evidente a tempestade.

De minha mãe a sombra apparecia
Ante mim muitas vezes lacrimosa,
Pallida a face, a mesma, ai! quem creria
Que eu em retrato vira tão formosa!
Filha, foge depressa, ella dizia,
Foge a morte imminente, criminosa;
Já o veneno e o ferro do assassino
Prepara contra ti o algoz ferino.

Mas ai! de que servia a desventura
O coração mostrar-me tão vizinha,
Se a tenra edade em deparar-lhe cura
Irresoluta em si força não tinha;
Sahir do reino, á mingua, ir em procura
De outra terra, e deixar a terra minha,
Por coisa havia tão penosa e austera,
Que acabar decidi onde nascera.

A morte receava, desgraçada,
Sem que ousasse evitar os seus rigores!
E de apressar a hora já marcada
Tinha mêdo, contando meus temores!
Em continuo martyrio torturada
Inquieta assim vivia entregue ás dores,
Como homem que espera a todo o instante
No pescoço o cutello scintillante.

N'este ponto, ou por ter amiga a sorte,
Ou me ser peior lance destinado,
Um dos ministros que na regia côrte
Vivia, e por meu pae fôra creado,
Disse-me o termo ser do ultimo corte,
Pelo tyranno assente, já chegado,
E que elle mesmo promettido havia
Propinar-me o veneno aquelle dia.

A isto accrescentou: que a minha vida
Fugindo alongaria tão sómente,
E, pois era por todos esquecida,
Que ao meu serviço o tinha obediente.
Fiquei, a phrases taes, tão atrevida,
Que fugir assentei em continente
Com elle, aproveitando o véu sombrio
Das trevas, e deixar a patria e o tio.

Est. xlviii a liii.

Veio a noite pesada e silenciosa;
E, apenas suas azas nos cobriram,
Sahi com duas donas, animosa,
As quaes na má fortuna me seguiram;
Mas para a minha terra saúdosa
Meus olhos muita vez se dirigiram
Cheios de pranto; nem me saciava
De a patria contemplar que abandonava.

Imitava-os afflicto o pensamento,
E sem querer meu passo se movia;
Como baixel que furacão violento
Á cara praia arranca, assim eu ia.
Por sitios não trilhados, sem alento,
Toda a noite vaguei e o outro dia,
Até que n'um castello repoisámos,
Que no limite do meu reino achámos.

Pertencia este a Aronte, o que me dera
Aviso, o que ao perigo me acudira.
Porêm mal o traidor viu que eu pudera
Escapar das insidias que me urdira,
O que sómente d'elle culpa era
Contra ambos nós voltou, acceso em ira,
E nos fez réus do crime, que inhumano
Queria exercitar para meu damno.

Disse que Aronte seduzido fôra
Por mim, por que veneno lh'aprestasse,
A fim de que eu, dos actos meus senhora,
Depois de fallecido, me encontrasse,
E co'a lascivia natural cada hora
A um e mil amantes me entregasse.
Ai! que o raio do céu antes me inflamme,
Do que eu da honestidade a lei desame.

Que avára fome de oiro e sêde intensa
Do meu sangue innocente o cru tivesse
Muito era já, mas a maior offensa
É que a minha honra macular quizesse.
Receando do povo a dextra infensa,
Depois mentiras de maneira tece,
Que a cidade, do certo duvidosa,
Em meu favor não se arma poderosa.

Nem agora em meu solio, já na fronte
O diadema, e cumprido o seu anhelo,
Quer que a esperança para mim desponte;
Tanto a fereza conseguiu volvel-o!
Se prisioneiro não se entrega, Aronte
Arderá juntamente co'o castello;
E a mim, e ás que me seguem triste sorte
Prepara: a guerra, o vilipendio, a morte.

Est. liv a lix.

Pretexta que assim quer purificar-se
Das manchas, com que o hei envilecido,
E ver meu throno e sangue levantar-se
Da vergonha, a que os tenho reduzido;
Porêm é a verdade arrecear-se
Que me seja o poder restituido;
Que a troco só da minha desventura
Sua corôa julga estar segura.

E, se não me proteges, satisfeita
Sêrá do algoz a rigorosa idéia,
E no meu sangue cessará desfeita
Sua raiva, que o pranto não refreia.
A defesa de uma orphan, pois, acceita;
De uma fraca innocente a vida esteia;
Valha-me o pranto que a teus pés eu verto,
Se não o sangue verterei de certo.

Por estes pés que os impios hão calcado,
Por este braço que a justiça escuda,
Pelas grandes victorias que has ganhado,
Por esses templos a que foste ajuda,
E serás inda, meu antigo estado
Conserva; e á minha vida a face muda.
Bem o póde fazer tua piedade,
Antes, tua razão, tua equidade.

Tu, a quem concedeu benigna a sorte
O que é justo querer, e executal-o,
Dá-me o reino; liberta-me da morte;
E ganharás um reino e um bom vassallo.
Concede-me só dez de animo forte
D'entre tantos heroes para cobral-o;
Que por mim tendo os nobres, tendo o povo,
Ná minha terra eu entrarei de novo.

Té dos maiores um, que em segurança
Guarda uma occulta, não sabida porta,
Abril-a, e pôr-me á noite me afiança
Dentro do paço regio; só me exhorta
A pedir-te soccorro, pois descansa
N'elle; e se fôr pequeno não importa:
Mais do que força numerosa o anima;
Tua bandeira e teu nome tanto estima.

Assim acaba; e quêda-se esperando,
Posto fale e supplique silenciosa.
Godefredo, mil coisas cogitando,
A decisão suspende perigosa;
Teme o falso descrente, o qual, negando
A fé a Deus, sem duvida enganosa
A haverá para os homens; mas, atreito
Á compaixão, tambem lhe prova o effeito.

EST. LX a LXV.

E nem o predispõe só a piedade
Acostumada, e que por ella sente,
Pois o instiga tambem a utilidade
De em Damasco reinar um dependente,
Que o caminho lhe abra por vontade,
E o apoie na guerra fortemente
Com armas e soldados e dinheiro,
Contra o Egypto e alliados companheiro.

Emquanto, os olhos baixos, duvidoso
Está o chefe, o pensamento errante,
Pende do rosto seu silencioso
Armida, e o observa attenta e penetrante.
Porque tarda a resposta, receioso
Geme-lhe o peito, anceia a cada instante.
Elle a graça pedida emfim lhe nega,
Mas, sem embargo, a cortezia emprega:

Se Deus em seu serviço não quizera
A nossa espada, para ti seria;
D'ella a tua esperança bem pendera,
Que o auxilio á compaixão se seguiria,
Porêm, emquanto a liberdade espera
Esta terra da nossa valentia,
Não é justo que o exercito rareie,
E a marcha da victoria se encadeie.

Eu te prometto (por penhor acceita
Minha palavra, e n'ella te assegura)
Que, se um dia livrarmos a sujeita
Cidade do Senhor da algema impura,
Será nossa piedade em obras feita,
E subirás ao throno co'a ventura.
Impio agora a piedade me tornára,
Se, não por Deus, por outrem pelejára.

Abaixa a dama a vista contristada,
Ouvindo-o; e immovel algum tempo fica.
Depois, erguendo-a em lagrimas banhada,
D'esta maneira a soluçar se explica:
Ai! quem a vida tem tão desgraçada,
Como esta minha, só de males rica?
Mudam os outros mente e natureza;
E meu fado é constante na dureza!

Já não ha esperança; embalde choro;
Já não ha dó no coração humano!
Deverei esperar, se em vão te imploro,
Que mova a minha dor o meu tyranno?
Se o favor não concedes que te exoro,
Não te direi por isso deshumano;
O céu accuso só que me persegue,
E até tornar-te barbaro consegue.

Est. LXVI a LXXI.

Tu não foste, senhor; foi meu destino
Que me negou a ajuda requerida.
O fado, em me seguir sempre ferino,
Acaba esta existencia aborrecida.
Não te bastou no brilho matutino
Da sua edade a meus paes tirar a vida;
Tambem do throno meu vens despojar-me,
E ao ferro, pobre victima, entregar-me!

Já que da honestidade a lei não deixa
Que eu aqui permaneça n'este estado,
Quem me ha de soccorrer na minha queixa?
Onde abrigo terei contra o malvado,
Se nada, por excuso, se lhe fecha?
Que aguardo ainda? É aguardar baldado!
A morte vejo certa; se evital-a
Não posso, co'esta mão irei buscal-a.

D'este modo termina. Generoso,
Magnanimo despeito o olhar lhe accende,
E com ar contristado e soberboso
Move-se, e mostra que partir intende.
O pranto rebentando copioso,
Mixto de raiva e dor, lucido pende
Dos cilios seus, e em perolas deriva;
Que é perolas á chamma do sol viva.

Suas faces que as magoas entristecem,
Com profusão de lagrimas regadas,
Brancas e rubras flores ser parecem
Do matutino orvalho rociadas,
Que, mal do dia os raios apparecem,
Á brisa abrem o calix namoradas,
Emquanto a aurora d'ellas sente inveja,
E adornar-se com ellas só deseja.

Mas as gottas do pranto scintillantes,
Que o seio e o rosto candido lhe adornam,
Como fogo voraz, de mil amantes
Secretamente o animo transtornam.
Oh! milagre de amor! Em só instantes
Com agua os corações brazas se tornam!
A elle sempre a natureza cede;
Mas a si por Armida amor se excede.

Choram muitos, ouvindo a dor fingida,
E o mais ferrenho natural se abranda;
Todos a sentem; nem alguem duvida
Que, se attendel-a o capitão não manda,
O leite, apenas encetou a vida,
De alguma tigre recebeu nefanda,
Ou dos mares nasceu, ou rocha dura;
Cruel! que afflige assim tal formosura.

EST. LXXII a LXXVII.

N'isto o mancebo Eustachio, em que mais fala
Da compaixão e amor a voz fervente,
Emquanto cada qual murmura ou cala,
Se adeanta, e prorompe ousadamente:
Ó irmão e senhor, se não se abala
De todos ao pedido a tua mente,
Conformando-te um pouco, é na verdade
Bem tenaz teu proposito e vontade.

Não pretendo que os chefes, a que o mando
Compete, os muros deixem sitiados,
O seu honroso posto abandonando,
E aquelles que lhes foram confiados;
Mas entre nós, aventureiro bando,
Sem cargo e menos que ninguem ligados,
Pódes dez escolher para defesa
Da causa da justiça e da fraqueza.

Não, de Deus ao serviço não se esquiva
O que innocente virgem serve e ampara;
Do tyranno a armadura, qual votiva
Dadiva offerta ao céu, ao céu é cara.
Mas outra causa meu desejo aviva,
Ainda álêm da utilidade clara
Da empresa, a obrigação de cavalleiro,
Que ás damas deve auxilio verdadeiro.

Oh! por amor de Deus, que não se diga
Em França, ou onde reine a cortezia,
Que os riscos nós fugimos e a fadiga
De uma obra, como esta, justa e pia.
Por mim aqui deponho elmo e loriga,
Aqui descinjo a espada, proseguia,
Por que a cavallaria não deturpe,
E aos cavalleiros o seu nome usurpe.

Tudo que expõe seus parciaes approvam,
O conselho applaudindo fervorosos,
E ao capitão as supplicas renovam,
Com as quaes o circumdam porfiosos.
Cedo, este exclama emfim, já que reprovam
Tantos o voto meu, esperançosos;
Seja a dama ajudada pelo vosso
Parecer, a que unir o meu não posso.

Porêm, se Godefredo vos merece
Alguma fé, calmae esses ardores.
Nada ouvir mais preciso lhes parece;
Acceitam a licença os defensores.
Quem á chorosa voz não se embrandece
Da gentileza, e ao fogo dos amores?
Dos doces labios sa'e-lhe aurea cadeia,
Que ao seu querer os corações enfreia.

Est. LXXVIII a LXXXIII.

Eustachio a chama, e assim lhe diz: modera
A dor, ó peregrina formosura;
A protecção de nós em breve espera,
Qual o desejo teu aqui procura.
Armida o olhar que o pranto escurecera
N'isto ameiga; sorri, toda brandura;
E, enchugando-se as lagrimas, que chora,
No bello véu, o mesmo céu namora.

Agradece-lhe após suave e affavel
A mercê que lhe fôra concedida,
Que guardaria dentro d'alma estavel,
Fazendo-a a todo o mundo conhecida;
Ao mais, que é pela lingua inexplicavel,
Os gestos, muda lingua, prestam vida;
E o seu pensar encobre tanto e enfeita,
Que não move em ninguem leve suspeita.

Vendo pois que a fortuna lhe sorria
Propicia ao começar seu fingimento,
Antes de revelar-se quanto urdia,
Quer a cabo levar o máu intento,
Excedendo das graças na magia
De Medéa e de Circe o encantamento,
E das sereias com a voz cadente
Captivando o mais sabio, o mais prudente.

Emprega os meios todos por que colha
Nas suas rêdes algum novo amante;
Varía a cada passo, atrás da escolha
Do melhor modo, e muda ar e semblante:
Já pudibunda para a terra olha;
Já a famelica vista gira errante;
De uns sopra o ardor; em outros o enfraquece;
Segundo aquelles, a que os laços tece.

Se algum vê que fugir-lhe determina,
E reprime o pensar desconfiado,
Para elle sorrindo o olhar inclina,
De mansidão e jubilo banhado.
D'esta sorte o avigora, e lhe fascina
O peito na esperança mal firmado,
E, do receio desfazendo o gelo,
O amoroso lhe ateia e dubio zelo.

A outro, que de mais adeantara
A força da paixão cega e imprudente,
Dos ditos seus, dos astros seus avára,
Co'o respeito e temor lhe impede a mente;
De compaixão, comtudo, um raio aclára
Mesmo assim o seu rosto. Mêdo sente
O infeliz, porêm não, não desespera,
E é mais captivo, se ella é mais severa.

Est. lxxxiv a lxxxix.

Ás vezes retirada novo encanto
Mostra, afflicção nos actos simulando,
Ora attrahindo ás palpebras o pranto,
Ora dentro de si o represando.
Por estas artes a choral-a emtanto
Mil corações ingenuos vae levando,
E por que a todos roube a liberdade
Tempéra os tiros seus na piedade.

Depois, como deixando a dôr mesquinha,
Como se uma esperança luz lhe empreste,
A voz solta, aos amantes se encaminha,
Erguida a fronte que a alegria veste,
E a nuvem triste, que primeiro tinha
Espalhado sobre elles, com celeste
Sorriso e puro olhar, dois soes brilhantes,
Illumina fallaz dentro de instantes.

Mas emquanto sorri suave e fala,
E inebria os sentidos de doçura,
A alma quem a vê quasi que exhala,
Não afeita a sentir tanta ventura.
Cruel amor! por ti o absinthio eguala
O mel, e a morte em ambos se mixtura;
Como o teu mal, a tua medicina
Sempre ha sido mortal, sempre assassina.

Tal em meio dos gelos e da chamma,
Do pranto e rir, da esp'rança e dos temores,
Todos incertos deixa a falsa dama,
E zomba dos que illude em seus amores;
E se, a balbuciar, algum que a ama
Lhe diz, e ousa exprimir seus dissabores,
Ella, qual se no amar fôra inexperta,
Finge não perceber sua alma aberta;

Ou a elevar os olhos não se atreve,
E do incendio do pejo se orna e córa,
Conseguindo occultar a fria neve
Sob as rosas da face encantadora.
Tal na hora em que sopra a brisa leve
Da manhan pelo céu desponta a aurora.
A cor da indignação em que se abrasa
Vem a par da vergonha, e se lhe casa.

Mas se n'algum indicios reconhece
De que os anhelos descobrir medita,
Ora foge, ora modos favorece
De lhe falar, que, se elle busca, evita.
Assim o dia inteiro ella o escarnece,
Até que da esperança o precipita,
Deixando-o como o caçador, que a fera
Perde de vista, que seguido houvera.

Est. xc a xcv.

Estas foram as artes que puderam
Mil corações prender furtivamente,
Antes, as fortes armas, que os fizeram
Submetter-se aos grilhões de amor ardente.
Se Hercules e Theseu a amor cederam,
Se lhe cedeu Achilles, o valente,
Não pasmeis, que servirem-no se ha visto
Os que a espada empunharam só por Christo.

Est. xcvi.

CANTO V

Emquanto assim com seu amor sustenta
Os cavalleiros a ardilosa Armida,
Mais do que os dez já promettidos tenta
Levar comsigo a furto na partida.
Medita Godefredo; e não assenta
No chefe para a empresa fementida;
Pois a escolha difficil lhe fazia
De tantos a ambição e galhardia.

Com prudente conselho emfim deseja
Que um proclamem, qual for sua vontade,
Que em logar de Dudon a todos reja,
E assuma da eleição a gravidade;
Por que d'elle queixar-se alguem não veja,
Doendo-se da sua auctoridade,
E por que mostre o assignalado apreço
Devido a gente de tamanho preço.

Congregando-os portanto, assim se exprime:
A minha opinião vós escutastes
De a donzella ajudar que o fado opprime
N'outro ensejo opportuno, e a reprovastes.
Pezae-a; talvez hoje vos anime
Diversa idéia d'essa que expressastes;
Que é no mundo leviano e variavel
Constancia muitas vezes ser mudavel.

Mas, se evitar perigos vergonhoso
Ainda imaginaes, e não acceita
Meu parecer, por muito cauteloso,
A vossa intrepidez a tudo afeita,
Não susterei esse animo brioso,
E nem a graça que por mim foi feita
Me vereis retirar; como ser deve
Sobre vós meu imperio será leve.

Est. i a iv.

Podeis pois ir ou não; a vós sómente
Decidir este ponto se conceda;
Mas quero que elejaes primeiramente
Quem ao que é morto em capitão succeda,
E d'entre vós nomeie livremente
Os dez; nem esse numero se exceda.
Apenas isto para mim reservo;
No mais não fique o seu arbitrio servo.

Assim diz Godefredo; e com assenso
Dos presentes o irmão assim lhe torna:
Se a ti, ó capitão, cabe o véu denso
Ler do porvir, e a sapiencia te orna,
Pertence a nós o arrojo e o gladio, eu penso;
E essa grande prudencia que te adorna,
E o ardor te modera, em nós seria
Reputada covarde villania.

E, já que o risco é de pequeno damno,
Quando co'os proes se mede e contrapesa,
Permittindo-o teu voto soberano,
Irão os dez á projectada empresa.
D'este modo termina, e em tal engano
Vela a vontade n'outro zelo presa.
Fingem tambem os mais, bem como elle,
Que a honra, não o amor, é que os impelle.

Eustachio emtanto que cioso vira
Sempre do claro filho de Sophia
A belleza e o valor, que inveja e admira,
Para seu companheiro o não queria.
Cautos alvitres a seu peito inspira
O ciume astucioso que o roía;
Pelo quê, o rival tirado á parte,
Razôa lisongeiro por est'arte:

Ó tu maior do que teu pae famoso,
E, tão joven, nas armas tão perfeito,
Quem ha de ser do corpo generoso,
A que nós pertencemos, chefe eleito?
Eu que só pela edade ao corajoso
Dudon outr'ora me deixei sujeito,
Eu, do supremo chefe irmão, não posso
Ceder, se a ti não fôr, o mando nosso.

A ti, egual ao mais illustre, eu cedo
No merito não só, tambem na gloria;
Nem se abaixára o proprio Godefredo
Em entregar-te a palma da victoria.
Sê nosso capitão, se não te é ledo
Quinhoar da donzella a causa ingloria,
Posto eu supponha que não tens por nobre
Empregar-te em facções que a noite encobre.

Est. v a x.

Nem aqui faltará onde occupado
O teu valor com melhor fama seja.
Portanto, se isso for do teu agrado,
Conseguirei que o nome teu se eleja.
Mas porque inda não estou determinado,
Nem a minh'alma sabe o que deseja,
Deixa-me, eu te requeiro, ir ao perigo
Com Armida, ou, se não, ficar comtigo.

Calou-se Eustachio; e aos ultimos accentos
A côr do pejo ao rosto lhe subiu.
Os seus mal simulados pensamentos
Leu Reynaldo; e no intimo sorriu.
Mas porque ao coração golpes mais lentos,
E sem poder amor lhe desferiu,
Competidor haver pouco o importuna,
Nem da bella em seguir cuida a fortuna.

D'outro lado no seio tenazmente
A morte de Dudon guarda esculpida,
E por deshonra julga inda o insolente
Argante que o matou fruir a vida.
Tambem aquella voz gostoso sente
Chamando-o á dignidade merecida;
Pelo que se lhe alegra o moço peito,
Do louvor verdadeiro satisfeito.

Responde pois: os principaes logares
Mais merecer do que alcançar eu quero;
Nem, por ter qualidades singulares,
Subir á altura do commando espero;
Mas, se m'a crês devida e me chamares
A este posto que tanto considero,
Acceitarei; e estimarei a nova
Que me daes do que valho amiga prova.

Não rogo nem recuso; porêm, quando
Chefe eu seja, serás dos defensores.
Então Eustachio o deixa, e vae captando
Para a eleição dos socios os favores.
Só não o escuta o principe Gernando,
Ao cargo pretensor; posto que amores
Por Armida este sinta, mais o anima
A honra, que de tudo põe acima.

Vem Gernando dos reis da Noruega,
Os quaes muitas provincias governaram;
Do pae e avós tantas corôas cega
A fronte sobranceira lhe tornaram.
A altivez de Reynaldo mais se emprega
Nos feitos seus que nos que avós obraram,
Embora em lustros cem elle tivesse
Quem na guerra e na paz o ennobrecesse.

Est. xi a xvi.

Mas o barbaro principe que olhava
Só ao oiro e dos reinos á valia,
E os dotes mais insignes reputava
Obscuros, quando o throno os não subia,
Não soffre no que tanto ambicionava
Que nutra o cavalleiro a soberbia
De se lhe oppor, e, sôlta a redea á ira,
Sem a razão olhar, fogo respira.

O tentador espirito do Averno,
Vendo abrir-se ante si tão larga estrada,
Escondido entra n'elle, e do governo
Das idéias lhe adula a via errada;
Exacerba-lhe a ira e o odio interno;
Fere; excita-lhe a alma já turbada;
E faz que a seus ouvidos sempre sôe
Uma voz, que distincta lhe pregôe:

Reynaldo teu contrario! Tanto vale
O blazonar dos seus antepassados?
Enumere, primeiro que te eguale,
Os povos a seu jugo avassallados;
Quantos sceptros possue tambem não cale;
Com os teus vivos sejam comparados
Todos os seus que jazem sob a lousa.
Da serva Italia um filho vil o que ousa!

Ou vença ou não, ganhou grande victoria
Desde que assim rivalizou comtigo.
Dirá (que honra!) o presente e um dia a historia:
De Gernando já foi este inimigo.
O cargo de Dudon com lustre e gloria
Podia acrescentar teu nome antigo,
E havel-os de ti; mas, pois querido
É por elle, está hoje envilecido.

Se quem já não respira n'este mundo
Alguma coisa d'este mundo sente,
Como o nobre ancião no céu jocundo
Ha de agora mostrar colera ingente,
Quando n'esse arrogante sem segundo,
E na sua altiveza pondo a mente,
O vir, falto de edade e experiencia,
Entrar co'os feitos seus em competencia!

E atrevido elle o tenta! E só recolhe
Honra e louvores em logar de pena!
E alguem ha que o incita, applaude e acolhe!
Oh! vergonha commum e não pequena!
Porêm, se Godefredo isto não tolhe;
Se do que é teu roubar-te não condemna,
Não o consintas tu, porque o não deves;
Antes, mostra quanto és, e ao que te atreves.

Est. xvii a xxii.

O seu despeito a falas taes se inflamma,
E, como facho sacudido, augmenta;
Já não lhe cabe n'alma, e se derrama
Da lingua, e pelos olhos arrebenta.
Quanto presume que Reynaldo infama,
Tudo com feias tintas apresenta;
Vão, soberboso a todos o figura;
E chama o arrojo seu furor, loucura.

E quanto de magnanimo e famoso,
De sublimado e illustre n'elle esplende,
Tudo com véu encobre, rancoroso,
E como vicio exprobra e reprehende.
Té ao proprio rival o injurioso
Publico som da inculpação se estende;
Mas nem por isso a raiva se·lhe ceva,
Nem calma o impulso que a morrer o leva;

Porque o cruel demonio que o inspira,
Compondo-lhe as palavras á vontade,
Amontôa os aggravos e a mentira,
Do fogo alimentando a intensidade.
No campo ha um sitio aonde se retira
Sempre da hoste a flor em liberdade,
E onde nos torneios, e na lucta
Em dextresa e vigor cada um disputa.

Gernando ahi, quando mais gente havia,
Seguindo o fado seu, Reynaldo accusa;
Fere-o, qual setta hervada, com a impía
Lingua, do Orco no veneno infusa.
Reynaldo, que era perto, e tudo ouvia,
Já não podendo a ira ter reclusa,
Mentes, lhe grita, e a elle se encaminha
Logo, tirando a espada da baínha.

Troveja a voz; relampago annunciando
O raio, é da sua arma o fino corte;
Não vendo meio de escapar, Gernando
Treme perante a irreparavel morte.
Porêm, do exercito em presença estando,
Alardeia de intrepido e de forte,
E espera do inimigo a furia accesa,
O ferro em punho, firme na defesa.

N'aquelle ponto gladios mil ardentes
A um mesmo tempo á luz do sol dardejam
Dos muitos que concorrem diligentes,
E separal-os em tropel forcejam.
Sons incertos, confusos, differentes,
Fremem n'um som; d'est'arte, se bravejam,
As ondas, junto á praia confundido
Dos ventos e do mar trôa o ruído.

Est. xxiii a xxviii.

Porêm nada no heroe tão ultrajado
Os vehementos impetos amansa;
Os estorvos, os gritos arrojado
Despreza; aspira apenas á vingança.
Pelos que o cercam rompe denodado;
Rodeia a espada fulminante; e avança
Pelo meio dos muitos defensores,
Só buscando o inimigo e seus furores;

E com a mão, que, posto irada, é mestra
Lhe atira golpes mil com sevo Marte;
Ora no peito ou fronte, ora na sestra
Feril-o tenta, ou na direita parte.
E é tão ligeira, tão fogosa a dextra,
Que escarnece da vista, e engana a arte,
E emfim cala onde menos se temia
Subito, abrindo ao sangue larga via.

Nem descansou emquanto pelo peito
Uma e outra vez não lhe metteu a espada.
Ca'e o infeliz, e o corpo, á vida acceito,
A alma lança pela dupla estrada.
Embaínha Reynaldo satisfeito
O ferro em sangue tinto; e, abandonada
A sanha, que até alli vencido o tinha,
Para outro sitio os passos encaminha.

Vindo ao tumulto, Godefredo emtanto
A scena inesperada vê deante;
No chão o cavalleiro, rubro o manto
E a coma, impressa a morte no semblante;
Ouve os suspiros, o queixume, o pranto
De muitos da gran turba circumstante,
E attonito pergunta: quem a culpa
Tem do crime, que nada aqui desculpa?

Arnaldo, um dos mais caros a Gernando,
Lhe responde; e, ao narrar o caso, o augmenta:
Reynaldo accusa, leve a causa achando
De uma acção de tal modo violenta.
Foi elle, diz, que, o gladio levantando
Contra os de Christo, cuja fé sustenta,
Infringiu tuas leis e teu mandado,
Que de ninguem no campo era ignorado.

Que réu era de morte, accrescentava,
E devia portanto ser punido,
Já porque o facto em si o condemnava,
Já por então alli ser succedido;
Que, 'se o delicto seu se perdoava,
Com o exemplo qualquer fôra atrevido,
E, visto que os juizes se esqueciam,
Vingar-se os offendidos quereriam.

Est. xxix a xxxiv.

Que d'aqui a discordia rebentara,
E as contendas em todo o acampamento.
Os meritos lembrou do que expirara,
E quanto incita a raiva e o sentimento.
Tancredo contraría o que escutara,
E ha por justa a razão do triste evento.
Sombrio o rosto, os ouve Godefredo,
E mais do que esperança inspira medo.

Então Tancredo: ó capitão prudente,
Lembre-te de Reynaldo a qualidade,
Quanta honra merece, não sómente
Por si, pela alta e regia auctoridade
Dos seus, mas por seu tio Guelfo, o potente.
Não deve haver nas penas egualdade;
Diversa a culpa é, se vario o estado;
Só é proprio entre os seus ser egualado.

Torna o chefe: as lições da obediencia
Ensinam-nas ao vulgo os poderosos.
São teus principios máus, pois a insolencia
Queres que deixe impune aos poderosos.
Perdera o imperio meu toda a excellencia,
Se os fracos só mandasse e os humildosos.
Se com tal quebra és dado, eu me envergonho
De ti, sceptro sem força, e te deponho.

Mas não; deram-m'o livre e veneravel;
Ninguem os seus poderes diminúa!
Sei como e quando a lei é variavel,
Ou premios ou castigos destribúa,
Ou como e quando irmana o miseravel
Com os maiores na equidade sua.
Assim conclue; Tancredo nem replica,
Porque vencido do respeito fica.

Raymundo partidario da severa
Rigida antiguidade o segundava.
D'est'arte o capitão que bem impera
Respeitado se faz, elle ajuntava;
Nem disciplina inteira ser pudera
A que, sem castigar, só perdoava.
Se a clemencia no medo não se estriba,
Os estados mais válidos derriba.

Tancredo, estas palavras com cuidado
Ponderando, d'entre elles se partiu,
E em rapido corcel apressurado
Para Reynaldo a marcha dirigiu;
O qual, depois que de alma já privado
O orgulhoso rival no chão cahiu,
Para a sua barraca se tornara.
Alli diz-lhe Tancredo o que passara;

Est. xxxv a xl.

E, suggere afinal: posto eu não creia
As apparencias mostras da verdade,
Que dos homens occulta jaz a idéia
Do peito na maior profundidade,
Pelo que em parte o chefe patenteia
E fala, no que luz sua vontade,
Julgo ter em proposito prender-te,
E, como réu commum, submisso haver-te.

Reynaldo se sorri; e com um rosto,
Onde o sorriso e a indignação fulgura:
Defenda-se em grilhões o servo posto,
Ou quem sel-o merece por ventura.
Livre nasci; sou livre; e antes de imposto
Me ser o jugo irei á sepultura;
O gladio e os loiros só sustem meu braço;
Não póde supportar infame laço.

Porêm se Godefredo em recompensa
Do meu valor pretende acorrentar-me,
Qual um homem dos infimos, e pensa
Em carcere plebeu preso encerrar-me,
Venha elle, ou alguem por elle; a sorte vença;
Vença a peleja; que hão de prompto achar-me.
Quer que scena feroz se represente
Para alegrar-se do inimigo a gente.

Dito isto, pede as armas, e o formoso
Corpo de aço finissimo defende;
Embraça o escudo largo e ponderoso,
E ao lado o gladio tão fatal suspende.
Augusto no semblante e majestoso,
Bem como raio assolador, esplende.
Assim desce do quinto céu á terra,
De horror e ferro armado, o deus da guerra.

Tancredo emtanto a colera terrivel,
Que o tomou, vê se ao menos enfraquece:
Joven, ao teu poder sempre invencivel
A façanha mais ardua o não parece;
O teu merito excelso, immarcescivel
Mais seguro nas obras resplandece;
Mas contra nós cruel d'esta maneira
Que ora o demonstres o Senhor não queira.

Que intentas? Qual será o teu partido?
De teus irmãos no sangue ennodoar-te?
Que seja Christo nos christãos ferido?
Pois não sabes que d'elle formam parte?
Pundonor transitorio, parecido
Com a mudavel onda, ha de arrastar-te
Mais do que a fé, e amor d'aquella gloria,
Digna no empyreo de eternal memoria?

Est. xli a xlvi.

Não o faças, por Deus; vence-te; e abranda
Da tua alma feroz a soberbia;
Cede; não é temor; o céu t'o manda;
E palma alcançarás de gran valia.
Se a minha juventude em nada branda
Para exemplo servisse, eu te diria
Que egualmente dos meus offensas tive,
E contra elles não fui, e me contive;

Pois de Christo a bandeira já plantado
Havendo na Cilicia, que tomara,
Balduíno chegou, e indigno e ousado
O paiz occupou, que eu conquistara.
Em sua falsa amisade confiado
Tão avara tenção não penetrara.
Comtudo, posto que talvez havel-o
Pudesse á força, não tentei fazel-o.

Porêm, se os ferros enjeitar tu queres,
E tens á vil prisão odio profundo,
Se projectas seguir os pareceres,
Que pelas leis da honra approva o mundo,
Retira-te d'aqui; não mais esperes;
Busca em Antiochia a Boemundo;
Eu te defenderei; vae, porque hei medo
Do impeto primeiro em Godefredo.

Se marchar contra nós o Egypto em breve,
Ou outro infido povo, triumphante
Quanto mais teu valor ficar não deve!
Como te chorarão, quando distante!
Qual corpo que de um braço perda teve,
Será sem ti o exercito possante.
N'este ponto vem Guelfo; tudo approva;
E decide que logo os passos mova.

A taes conselhos a alterada mente
Do audaz mancebo torna-se em brandura;
De sorte que partir em continente
Então aos seus mais caros assegura.
Correra emtanto muita amiga gente,
Que á porfia com elle ir-se procura.
Agradece-o Reynaldo; e só se aprompta
Com escudeiros dois, e o corcel monta.

Parte; e leva desejos de alta gloria,
Que os corações magnanimos incita;
Nobres acções e a c'rôa da victoria
Na soberana idéia já medita;
Ou pela fé morrer ou meritoria
Nomeada ganhar, clara, infinita;
O Egypto percorrer: chegar té onde
O não sabido berço o Nilo esconde.

EST. XLVII a LII.

Guelfo, depois que o joven corajoso,
Apressado em partir, se ha despedido,
Não pára alli; mas corre pressuroso
Aonde crê Godefredo recolhido.
Ao descobril-o, o capitão piedoso
Lhe diz: Guelfo, hora boa te ha trazido;
Meus arautos havia já mandado
Para seres por elles procurado.

Após, a todos retirar fazendo,
Grave, com baixas vozes principia:
Na verdade, em a ira o commettendo,
Muita do teu sobrinho é a ousadia!
E mal se poderá, segundo entendo,
Dar ao que obrou motivo de valia.
Bastante o sinto, quando o considero,
Mas sobre todos egualmente impero.

Sim, do justo serei e do prescripto
Em tudo e sempre defensor inteiro,
Para julgar permanecendo invicto
Das paixões contra o ferreo captiveiro.
Se pois Reynaldo violou o edicto
Obrigado pelo outro cavalleiro,
Como affirmam alguns, venha inclinar-se
Ante nós, e innocente apresentar-se.

Venha a prisão buscar em liberdade,
Concedo-lh'o por seu merecimento.
Mas, se inda assim oppõe contrariedade,
(Bem lhe conheço o indomito ardimento)
Dobra-o tu, e encaminha-lhe a vontade,
Por que não force quem é de odio exempto
A se tornar da lei, que em guarda têve,
Juiz e vingador, como ser deve.

Disse; e Guelfo: como é que alguem pudera
Com uma alma da infamia não manchada
Ouvir-se alvo da injuria mais austera,
E deixal-a sem ser desaggravada?
Se o ultrajador matou, que homem soubera
Um freio pôr á colera indignada?
Quem no calor da briga mede a offensa?
Em os golpes contar quem é que pensa?

Quanto a quereres que elle sujeitar-se
Ao teu arbitrio soberano venha,
Pésa-me não poder executar-se;
E que do campo já sahido tenha.
Mas offereço-me eu para provar-se
Commigo quem a accusação mantenha;
Que eu mostrarei co'o ferro que sómente
Puniu Reynaldo a affronta justamente.

Sim, com razão ao túmido Gernando
O orgulho abaixou; e, se ha faltado,
Apenas foi em se esquecer do bando;
N'isto, inda mal, por mim é censurado.
Calou-se; e Godefredo: pois errando
Vá, e a discordia leve; perturbado
Por ti de novo o exercito não seja;
Por Deus, que o fim d'esta contenda eu veja.

De promover o seu soccorro emtanto
Cessado a enganadora não havia;
Durante o dia praticava quanto
Engenho, formosura e arte podia;
Depois, quando, estendendo o opaco manto,
A noite o firmamento escurecia,
Com cavalleiros dois e damas duas
Se retirava para as tendas suas.

Mas nem a perfeição de seus enganos,
Seu ar gentil e voz persuasiva,
Nem toda essa belleza, que entre humanos
Ninguem logrou vencer, tal, que captiva
Do exercito os guerreiros mais ufanos,
E em seus grilhões da liberdade os priva,
Induzír conseguiram Godefredo
Do sensual deleite ao doce enredo.

Arrastal-o após si em vão procura
Para os prazeres da amorosa vida;
Que elle, qual ave farta, que não cura
Do comer com que a tenta mão fingida,
D'este mundo despreza a van loucura,
E do céu busca a estrada não seguida;
Quantas traições amor apresta e adorna
Inutiliza assim, e em nada torna;

Nem do santo pensar que Deus guiava
Algum estorvo se poria adeante.
Ella com mil astucias o tentava,
Como Proteu moderno a cada instante;
Mas todos os encantos que empregava,
Que moveriam peitos de diamante,
Tudo (graça do céu) frustrado via;
Por isso as esperanças já perdia.

A bella dama, que o mais casto peito
Creu que um olhar apenas lhe entregara,
Maravilha-se, abafa de despeito,
E desca'e da altivez que a levantara.
A volver suas forças onde effeito
Mais facil tenham já se emfim prepara,
Qual capitão que inexpugnavel terra
Deixa, e para outra parte muda a guerra.

Est. lix a lxiv.

Mas contra as suas armas invencivel
Egualmente Tancredo se ha mostrado.
N'elle nova paixão era impossivel,
Andando pela antiga incendiado.
Livra do amor o amor, qual do terrivel
Veneno outro veneno receitado.
Estes dois tão sómente lhe escaparam.
Os mais ou muito ou pouco se abrasaram.

Ella, inda que lhe dôa inteiramente
Não ser bem succedida na ardileza,
Consolação, apesar d'isto, sente,
Tendo obtido de heroes tão util presa;
E delibera, antes de alguem patente
Fazer seu dolo, a parte mais defesa
Conduzil-os, aonde lhes apresta
Uma prisão muito contraria a esta.

Como chegasse pois o promettido
Termo do auxilio, o capitão buscando,
Reverente lhe diz: já decorrido
É o dia aprazado. Ah! se o nefando
Tyranno sabe como te hei pedido
Favor contra o meu fado miserando,
Ha-de-se armar, porque esperar-nos possa;
Nem tão facil será a empresa nossa.

Portanto, antes de a elle incerta fama
Esta nova levar ou certo espia,
Alguns poucos dos teus mais fortes chama,
E commigo, senhor, presto os envia;
Que, se as obras humanas o céu ama,
E a innocencia para elle tem valia,
No reino serei posta, e a minha terra
Tributaria haverás na paz, na guerra.

Assim lhe fala, e o capitão piedoso
O que não póde denegar concede,
Inda que este partir tão pressuroso
A escolha de si lançar lhe impede;
Mas cada qual se julga venturoso
Em ser dos dez, e com instancia o pede;
A emulação, que o espirito lhes venda,
Torna-os mais importunos na contenda.

Vendo seus peitos francos, a donzella
Concebe de vencer novo argumento,
E a alma perturbada lhes flagella
Do roedor ciume co'o tormento;
Que sabe enfraquecer-se a flamma bella
De amor, quando fallece este sustento;
Assim menos veloz corre o cavallo,
Se outro perto não vae para incital-o.

EST. LXV a LXX.

E de tal modo os ditos seus reparte,
E o fascinante olhar, e o doce riso,
Que o coração de inveja a muitos parte,
E os faz temer e esp'rar, como é preciso.
Dos amantes a turba, á qual a arte
De um rosto enganador tirára o siso,
Corre sem freio ter, e sem vergonha,
Embora o capitão se lhes opponha.

Elle, que todos contentar procura,
Mas que para nenhum dos lados pende,
Posto, ao presencear tanta loucura,
Muita vez d'ira ou de rubor se accende,
Como cada um no seu desejo atura,
Por novo modo proceder entende.
Escrevei vossos nomes; em um vaso
Ponham-se, diz; decidirá o acaso.

Logo, escriptos os nomes, se deitaram
Em urna breve, e foram sacudidos.
Em primeiro logar dois se tiraram:
Gerardo e Artemidoro esclarecidos,
Conde este de Pembrocke; sortearam
Venceslau em seguida, o qual, perdidos
O conselho e o pensar grave de outr'ora,
Encanecido velho, amante é agora.

Oh! como os olhos fulgem inundados
De jubilo, e o prazer d'alma apparece
N'esses três pela sorte contemplados,
Que amor antes dos outros favorece!
Os mais que a urna esconde, flagellados
Pela duvida, o ciume os estremece,
E dos labios estão como pendentes
Do que desdobra as sortes differentes.

Guasco, Rudolpho após tambem sahiram.
Guilherme Roncilhon, sexto guerreiro,
E Old'rico e o franco Henrique se seguiram,
E o bávaro Everardo; e derradeiro
Rambaldo, o qual depois descrente viram,
Inimigo do culto verdadeiro.
Pois pode tanto amor? São escolhidos
Só estes. Os restantes, excluidos,

Accusam a fortuna de inhumana,
Ardendo em colera, em ciume e inveja;
E accusam-te, ó amor, por soberana
Deixares que ella o teu imperio reja;
Mas como instincto é da raça humana
Que o que se veda mais mais se deseja,
Tentam muitos, d'encontro á sorte avessa,
Armida acompanhar, mal escureça.

Est. LXXI a LXXVI.

Querem de dia e noite acompanhal-a;
A seu favor luctar, e expôr a vida.
Suspiros suavissimos exhala
A falsa, e em meias phrases os convida;
Ora a este, ora áquelle meiga fala:
Sem vós triste será minha partida.
Entretanto do chefe o grupo eleito
Se despedia armado e satisfeito.

Cada um dos guerreiros elle exhorta;
Mostra-lhe como é debil, varia e leve
A fé pagan, que ajuste não supporta;
Como insidias, perigos fugir deve.
Debalde! Amor aconselhar que importa?
Para a prudencia nunca ouvidos teve.
Despede-os afinal; e a enganadora
Donzella nem espera a nova aurora.

Parte victoriosa; e os contendores,
Quaes prisioneiros, leva ante as ovantes
Rodas do carro seu, entre mil dores
Deixando atrás de si os mais amantes.
Mas, quando veio a noite, e co'os negrores
Trouxe a mudez e os sonhos inconstantes,
Muitos de amor pelo dictame falso
Occultamente se lhe poem no encalço.

É Eustachio o primeiro, o qual ancioso,
Logo que a sombra começou tardia,
Vae pela cega treva sem repouso
Os passos confiando ao cego guia.
Errou durante a noite, mas formoso
Apenas despontou nos céus o dia,
Appareceu-lhe Armida e o seu estado
N'um logar, onde tinham pernoitado.

Sem detença para ella se encaminha;
Conhece-o, mal o vê, pela armadura
Rambaldo, e lhe pergunta ao que alli vinha.
Venho seguir de Armida a formosura;
Nem o auxilio será, por vida minha,
Mais tardo ou a sujeição menos segura,
Se os quizer. Para honra tão ingente
Quem é que te escolheu? O amor sómente.

Sim, eu fui por amor só nomeado,
Tu pela sorte; qual melhor eleito?
E Rambaldo: esse titulo é baldado;
Não será teu intento satisfeito;
Que não conseguirás ser mixturado
De Armida aos campeões, tu sem direito,
Illegitimo servo. Altivo acode
Eustachio a isto: e quem vedar-m'o póde?

Est. LXXVII a LXXXII.

Eu, lhe responde o outro; e, respondendo,
Para elle arrebatado os passos vira.
O mancebo em valor egual fervendo,
Ao encontro lhe sa'e. A que os ferira
N'alma, entre ambos o braço distendendo,
Se mette de permeio, acalma a ira,
E diz para Rambaldo: que te pésa
Ter eu mais um que sirva a minha empresa?

Se estimas ver-me salva e defendida,
Porque de tal soccorro assim privar-me?
Para Eustachio: eu te fico agradecida,
Pois opportuno vens auxiliar-me.
Nem a tanto serei desconhecida,
Buscando a teus favores esquivar-me.
Emtanto no caminho a cada instante
Se aggrega á companhia um novo amante.

Ignaros uns dos outros vão chegando
D'aqui, d'alli, e se olham ferozmente.
Alegre ella os acolhe, demonstrando
Que da sua chegada prazer sente.
Porêm de tantos pela ausencia dando
O summo capitão, co'o sol nascente,
No pensar que infortunios lhe augurava
Sobre o negro porvir se afadigava.

Emquanto isto cogita, eis apparece
Um correio, anhelante, o olhar afflicto,
Como quem novidade má trouxesse,
O que revela no semblante escripto,
E assim fala: senhor, bem cedo, crê-se
No mar a armada se verá do Egypto.
Guilherme que dos lígures commanda
Os baixeis esta nova ora te manda.

Diz tambem: que os guerreiros, que traziam
Provisões d'estes para o campo, acharam
No meio do caminho por onde iam
Os arabes, que a marcha lhes cortaram;
E que todos, que alli pugnado haviam
Morreram ou captivos se entregaram,
Sem escapar nenhum, n'um val tomados,
E pela frente e costas rodeados;

E que a soberba e impávida licença
D'esses errantes barbaros é tanta,
Que emtorno, qual diluvio, alastra infensa;
Nem coisa alguma o seu arrojo espanta.
Por isto ser conveniente pensa
Enviar, a ver se a furia lhes quebranta,
Bastante força, que proteja a estrada
Do acampamento ao mar que sulca a armada.

EST. LXXXIII a LXXXVIII.

De bocca em bocca a fama n'um momento
Se espalha, e em toda a parte já se estende.
Dos soldados trepida o pensamento,
Pela fome vizinha, e o medo os prende.
O capitão o usado atrevimento
Como n'elles falhar agora entende,
Procura avigoral-os, firme o rosto,
Na dor em que o desanimo os tem posto:

Ó campeões de Deus, que em tantos annos
Commigo riscos mil tendes soffrido
Em tantos climas, por livrar dos damnos
Sua lei, que para isso haveis nascido,
Vós que o persa vencestes, e os enganos
Do grego, e os montes, e o oceano infido,
O frio, a sêde, a fome roedora,
Constantes sempre, estremeceis agora?

Já no Senhor vos falta a confiança,
Que em trances mais difficeis encontrastes?
Já de vos proteger seu braço cansa,
E da sua clemencia vos privastes?
Breve, cumprindo os votos, a lembrança
Grata achareis dos males que passastes.
Eia pois, ó guerreiros, animae-vos,
E para grandes casos reservae-vos.

Com taes palavras as turbadas mentes
Consola, e c'o sereno e alegre aspeito;
Porêm cuidados mil guarda pungentes
Esculpidos no âmago do peito.
Pensa em como nutrir tão varias gentes
Victimas da penuria; de que geito
No mar se opponha á armada, e como em terra
Os arabes ladrões dome na guerra.

Est. lxxxix a xcii.

CANTO VI

Porêm pela outra parte os sitiados
Esperança mais válida assegura,
Pois, fóra os mantimentos já guardados,
Outros lhes traz a amiga noite escura.
Do norte os grossos muros reforçados
De machinas e de armas, na estructura,
E elevação crescidos, dos maiores
Combates não receiam nos furores.

Est. i.

O rei, comtudo, os seus faz diligente
Lidar, e os lados alça e fortalece.
Encontra-os no trabalho o sol fulgente,
E o céu, quando de estrellas resplandece;
Em armas fabricar continuamente
Súa o armeiro, e lasso já parece;
Mas em aprestos taes intolerante
D'esta maneira ao rei falou Argante:

Té quando nos terás, quaes prisioneiros,
Entre muros em vil assedio e lento?
Que vale preparar elmos guerreiros,
Broqueis, coiraças, sem tomar alento,
Se os inimigos correm bandoleiros
Campos, povoações a seu contento?
Se não ha entre nós quem vá sustal-os,
Nem ao som da trombeta despertal-os?

Seus banquetes não são interrompidos;
Antes, vêem, com ampla confiança,
Os dias sempre e as noites devolvidos
Na mór tranquillidade e segurança.
E vós sereis ao jugo reduzidos
Pela fome, e por tanto ocio e tardança,
Ou, caso que do Egypto a ajuda tarde,
A expirardes aqui como o covarde.

Quanto a mim, não terei ignobil morte
Que me cubra de olvido a campa fria,
Nem aqui recolhido d'esta sorte
A aurora me verá do novo dia.
Se soffrerei ou não o ultimo corte
Sabe-o a celestial sabedoria;
Mas não fará que eu, sem tirar a espada,
A vida obscuro perca e não vingada.

E até, se o costumado animo vosso
Abatido de todo não jazera,
Em vez da honrada morte que achar posso
De viver, de vencer esp'rança houvera.
Vâmos todos n'um corpo o fado nosso,
E o inimigo encontrar que nos espera.
Os conselhos da audacia nos maiores
P'rigos a miude excedem nos melhores.

Mas, se julgas o aviso temerario,
E de arriscar os teus te prende o medo,
Nomeia um campeão e outro o contrario
Para a guerra acabar. A Godefredo
Propõe-no; e por que acceite voluntario
Ainda mais este projecto e ledo,
As armas elle escolha em liberdade,
E ponha as condições á sua vontade.

Est. II a VII.

Comtanto que o inimigo uma alma tenha
E duas mãos, por mais audaz que seja,
Temer não deves que se não sustenha
A causa, a cujo lado em guarda eu esteja.
Se por ti minha dextra hoje se empenha,
Que importa o fado teu não te proteja?
Por garantia solida t'a offerto;
Crê n'ella, e o reino teu salvo é de certo.

Cala-se; e o rei lhe torna assim: fogoso
Mancebo, posto já me curve a edade,
Não sou tão baixo e amigo do repouso,
Nem tamanho torpor meu corpo invade,
Que preferisse um fim opprobrioso
A morrer com valor e heroicidade,
Se, qual tu annuncias, eu temesse
Que a fome ou damno grande me viesse.

Longe, longe essa infamia! Ora contar-te
Vou coisas que hei a todos escondidas:
Solimão de Nicéa, o qual em parte
Vingar busca as offensas recebidas,
De juntar desde a Libya teve arte
Dos arabes as tribus divididas,
E, o inimigo atacando á noite, dar-nos
Victualhas pretende e auxiliar-nos.

Cêdo elle aqui será. Se no entretanto
Nossos fortes cahirem, que os reserve
O vencedor em seu poder, comtanto
Que eu minha côrte e o sceptro meu conserve.
Tu essa impaciencia enfreia um tanto,
E reserva o calor que em ti referve
Para outra occasião mais opportuna
De vingar-me e provar tua fortuna.

Sentiu a indignação Argante ousado,
Que era de Solimão émulo antigo,
Encher-lhe o peito, ouvindo magoado
O apreço em que elle tinha o rei amigo;
E respondeu-lhe: guerra ou paz te é dado
Escolher, ó senhor; nada mais digo;
Aguarda Solimão para a contenda;
Quem seu reino perdeu que o teu defenda.

Venha, como celeste mensageiro,
Teu povo libertar; eu só espero
Do braço meu o amparo verdadeiro,
E d'elle apenas liberdade quero.
Mas permitte que, simples cavalleiro,
Ao campo eu desça, e, combatendo fero
Corpo a corpo co'os francos, me aventure,
E, não por ti, por mim gloria procure.

Est. viii a xiii.

Replica o rei: posto esse ardor e a espada
Devêras empregar em melhor feito,
Que a desafio chames, se te agrada,
Algum dos inimigos não rejeito.
Argante, ouvindo-o, sem que tarde nada,
Para um arauto diz: desce direito
Á planicie, e perante o campo todo
Fala ao chefe christão por este modo:

Que um cavalleiro, que indolente achar-se
Por muralhas occulto mal padece,
Quanto póde em esforço avantajar-se
Nas armas demonstrar estabelece,
E em duello está prompto a apresentar-se
No plaino que ante os muros se offerece,
Para o quê a bater-se desafia
Dos francos o que mais em si confia;

E que a um, dois e três não só intenta
Combater do christão acampamento;
Na liça até ao quinto se sustenta,
Tenha elle baixo ou nobre nascimento.
Sirva o vencido, como a guerra assenta,
Ao vencedor; se for do seu contento,
Mande seguro. Então o arauto veste
De oiro e purpura rica sobreveste;

E, chegando á magnifica presença
Do chefe, dos barões acompanhado,
Pergunta: concedeis, senhor, licença
De vos expôr, qual devo, o meu recado?
Concedo; sem temer nenhuma offensa
Perfaz o que te foi determinado.
Torna-lhe o arauto; ora vereis se bôa,
Ou formidavel a embaixada sôa.

Continuando, propoz o desafio
Com palavras soberbas e alterosas.
Os guerreiros, ouvindo-o, ardem em brio,
E trovejam com vozes desdenhosas.
Voltou-lhe sem demora o chefe pio:
Intenta o cavalleiro acções custosas;
Arrepender-se deverá depressa;
Nem o quinto haverá por que appareça.

Porêm vir póde, que de todo o ultrage
Lhe assigno campo livre, e o asseguro;
Com elle pugnará, sem ter vantage,
Algum dos meus; d'esta maneira o juro.
A resposta levando da mensage,
N'isto o arauto calcou o solo duro,
E, emquanto dado a Argante não na teve,
Não cessou de marchar com passo leve.

Est. xiv a xix.

Que esperaes, ó senhor, para apromptar-vos?
Lhe diz; vosso cartel vos acceitaram;
Até os menos bravos de arrostar-vos
Na liça desejosos se mostraram.
Cem olhares eu vi ameaçar-vos;
Cem mãos da espada os punhos apertaram;
O chefe segurança vos concede.
Então Argante as suas armas pede;

E accelerado as veste, impaciente
De se encontrar defronte do inimigo.
Disse a Clorinda o rei, que era presente:
Não é justo ficares tu no amigo
Seio dos muros, mas da nossa gente
Com mil o segue, e serve-lhe de abrigo;
Comtanto que elle vá só á peleja,
E tua hoste distante d'elle seja.

Em breve da guerreira a força armada
Deixa a cidade; aos mais todos precede
Argante em seu corcel co'a costumada
Fina armadura que a nenhuma cede.
Ha em meio dos muros e estacada
Um sitio, que parece feito adrede
Na egualdade do chão e na largueza
Para exercicio de guerreira empresa.

Só, a esse logar, fero descendo,
Parou á vista dos christãos Argante;
Forte de alma e de corpo, está vertendo
Ameaça e altivez o seu semblante,
Qual Encélado em Phlegra, ou qual o horrendo
Desmesurado philisteu gigante.
Porêm muitos de o ver não estremecem,
Porque bem quanto póde não conhecem.

Emtanto Godefredo inda escolhido
O melhor entre muitos não havia,
Posto para Tancredo esclarecido
A geral intenção se dirigia.
Ser de tantos heroes o mais subido
Cada rosto sem duvida exprimia,
Assim como o sussurro que soava,
E que o chefe no gesto confirmava.

Superior por todos confessado,
Mesmo por Godefredo piedoso,
Vaé diz-lhe este; não te é por mim vedado;
E castiga o furor d'esse orgulhoso.
Elle cheio de jubilo e arrojado,
Por ser campeão do feito glorioso,
Péde o cavallo e o elmo ao escudeiro,
E seguido de muitos sa'e ligeiro.

Est. xx a xxv.

Ainda ao largo campo, onde o ferino
Argante era, Tancredo não chegara,
Quando eis que da guerreira o peregrino
Vulto divisa e a formosura rara.
Tinha a vizeira erguida; em cume alpino
Jámais neve alvejou que lhe egualara
Da sobreveste a côr; n'um alto posta
Aos olhares de todo estava exposta.

Já Tancredo o pagão não vê cruento,
Que a pavorosa fronte ao céu levanta;
Porêm guia o corcel a passo lento,
E os olhos volve áquella que o encanta;
Depois, qual pedra, jaz, sem movimento,
Gêlo por fóra; mas a força é tanta
Do incendio, que, a admiral-a embevecido,
Parece o pelejar ter esquecido.

Argante que ninguem descobre em acto
De á lide se aprestar d'est'arte exclama:
Quem é que se me oppõe? A quem combato?
Este desejo só aqui me chama.
Attonito o christão e estupefacto
Nada ouve, de enlevado em sua dama.
N'este ponto o ginete Othon impelle,
E na liça o primeiro a entrar é elle.

Othon fôra um dos que antes accendera
De brigar co'o pagão nobre ousadia;
Mas, cedendo a Tancredo, lhe fizera
Com alguns cavalleiros companhia.
Agora, como desattento era
O mesmo, e quasi o duello lh'esquecia,
Joven audacioso e impaciente,
Acolhe a occasião ávidamente;

E mais veloz que tigre ou leopardo,
Quando rapidos correm na floresta,
Vôa a ferir Argante, o qual galhardo
Contra elle a ponderosa lança enresta.
N'isto, como de um sonho, do seu tardo
Scismar Tancredo sa'e; eil-o se apresta,
E grita: espera, que a peleja é minha;
Porêm muito avançado Othon já tinha.

Conhece-o, e estaca, de despeito cheio,
E o rosto de rubor incendiado,
Vendo a sua vergonha, e que outro veio
O logar occupar que lhe foi dado.
Mas entretanto da carreira em meio
No elmo é o sarraceno fulminado;
Este encontra o mancebo, ao qual traspassa
Com o ferro o broquel, logo a coiraça.

Est. xxvi a xxxi.

Ca'e o christão; bem grave e temeroso
O golpe foi para que assim cahisse;
Mas não ca'e o descrente, nem, forçoso,
Vacilla, qual se o choque não sentisse.
Após com modo altivo e despeitoso
Ao derrubado cavalleiro disse:
Rende-te; para gloria só te baste
Contares que commigo pelejaste.

Não, torna Othon; não se usa d'esta sorte
Entre nós entregar o brio e a lança.
Outrem me escusará; eu só a morte
Quero, ou do ultraje conseguir vingança.
Freme com face de Medusa o forte,
Audaz circassiano, e chammas lança.
Então, conhece a minha valentia,
Pois desprezas as leis da cortezia;

E estimula o corcel, tudo olvidando
Que deve respeitar um cavalleiro.
Foge o franco, do embate se esquivando,
E ao passar fere o lado do guerreiro
Tanto, que tira o ferro gottejando
Da carne, e torna em purpura o terreiro.
Que importa? O vencedor não se amedronta,
Antes, raiva maior ganha na affronta.

Na carreira o cavallo Argante pára;
E recuar o faz tão prestemente,
Que, quando o seu rival mal o notára,
Um grande encontro o abala de repente
Tremem-lhe as pernas; qual se desmaiára,
Empallidece; o alento debil sente;
O animo lhe falta; e fraco e exangue
A terra cobre que regou de sangue.

Argante se embravece; e, abrindo estrada
Co'o corcel do vencido sobre o peito,
Morram os orgulhosos todos, brada,
Como este, que a meus pés tenho sujeito.
Do invencivel Tancredo a alma indignada,
Não podendo soffrer tão negro feito,
Quer que o arrojo seu sirva de emenda
Á culpa havida, e, qual costuma, esplenda;

E corre; e clama: ó vil, que entre os favores
Da victoria te mostras baixo e infame,
Perverso, descortez, por que louvores
Esperas? quem será que te honre e acclame?
Viver deves co'os duros roubadores
Da Arabia, ou com quem barbaro se chame.
Foge a luz; vae morar entre as mais feras
No monte e selvas, onde estar devêras.

Est. xxxii a xxxvii.

Calou-se; e Argante, o indomito, a quem pésa
Soffrer, os labios morde enraivecido.
Quer responder, porêm a voz sa'e presa,
Qual de bravo animal rouco rugido,
Ou, qual raio que brilha, e com presteza
Rasga o ar em terrivel estampido.
Com força egual troando lhe sahia
A voz do peito, que inflammado ardia.

Mas, após a ameaça mutuamente
Em ambos irritar o orgulho e a ira,
Um e outro, tomando velozmente
Logar para a corrida, o corcel vira.
Musa, eleva o meu verso ora cadente,
E, como o seu furor, furor me inspira,
Por que á façanha minha penna eguale,
E o som das armas no meu canto fale.

As ponderosas lanças pondo em reste
Para o alto, os guerreiros se atacaram;
Aguia ou tigre feroz que cala ou investe
Jámais á ligeireza lhes chegaram;
Nem houve nunca impeto egual ao d'este,
Quando Tancredo e Argante se toparam;
Sobre os elmos as lanças se partiram,
E em lascas faiscando ao ar subiram.

Foi temivel o estrondo; de escutal-o
Nutou o campo, e os montes responderam;
Mas ao grande conflicto e grande abalo
As frontes soberbosas não penderam.
Foi tal o encontro, que um e outro cavallo
Cahindo, com afan do chão se ergueram.
Tiram nos dois o gladio, e o pé em terra
Põem, preparados para nova guerra.

Cada qual acompanha do inimigo
O olhar, o passo, os golpes cauteloso;
Muda de posição; muda de abrigo;
Rodeia; avança; ou cede receoso;
Ferir simúla aqui; e onde perigo
Não parecia haver fere ardiloso;
Finge outras vezes descobrir-se em parte,
Tentando a arte descurar com arte.

O christão um dos lados mal guardado
Pelo broquel e espada mostra a Argante;
Tenta este alcançal-o, e desarmado
Fica por outra banda; n'um instante,
Alêm de o golpe lhe aparar vibrado,
O vulnera Tancredo triumphante;
Nem, depois d'isto, em retirar-se tarda,
Porêm no escudo se recolhe, em guarda.

Est. xxxviii a xliii.

O cruento pagão, que nada teme,
O seu sangue notando e certo damno,
Com insolito horror suspira e freme,
Pela colera e dor tornado insano,
E a voz robusta, que de raiva treme,
Alça junto co'o ferro deshumano,
Em acto de ferir; mas é ferido
De ponta onde anda á espadua o braço unido.

Qual urso na floresta, que, mal sente
Nas carnes o venabulo, de sorte
Sobre as armas se atira, que audazmente
Affronta os riscos, e despreza a morte,
D'este modo o infiel, que a dor pungente
E a dupla chaga e injuria faz mais forte,
Apenas respirando atroz vingança,
Sem reparo aos perigos se abalança;

E, alliando ao decidido atrevimento
Estrema, infatigavel fortaleza,
Gira o gladio fatal tão violento,
Que estremece, lampeja a natureza.
Para lhe responder nem um momento
O seu contrario tem; para a defesa,
Nem para respirar acha intervallo.
Nada de Argante poderá livral-o.

Em vão Tancredo em guarda ver procura
Se dos golpes acaba a tempestade;
Já se oppõe, já se aparta com bravura,
Volteando com mestra habilidade.
Porêm como de Argante a sanha dura
Nada perde na sua intensidade,
Furioso tambem a espada em roda
Brande, empregando alli a força toda.

Vence a ira a razão, supera a arte;
E co'o furor a robustez lhes cre'ce;
Sempre que luz o ferro ou corta ou parte
A armadura; debalde jámais de'ce.
Armas cobrem o chão sujas em parte
De sangue, que o suor empurpurece;
Os gladios quaes relampagos dardejam,
Ferem, qual raio, e no ferir trovejam.

Vacilla na incerteza cada lado,
Scena tão nova e atroz presenceando,
Pelo receio e esp'rança balançado,
Nos varios movimentos attentando.
Nem aceno se vê, nem se ouve brado,
Nem sôa ao menos murmurío brando;
Todos immoveis são e silenciosos;
Vida só te'm nos corações anciosos.

Est. xliv a xlix.

Lassos já estavam ambos; e findaram
Alli, se a pelejar continuassem;
Mas as sombras a terra acobertaram,
Fazendo com que as coisas se occultassem.
Dois arautos então se adeantaram,
Para que os contendores apartassem;
Aridêo era um d'elles; o outro era
Pindoro o astuto, que o cartel trouxera.

Estes da paz os sceptros se atreveram
A estender entre os fortes combatentes
Com essa segurança que lhes deram
As leis antiquissimas das gentes;
E, depois que o combate suspenderam,
Pindoro assim se exprime: ambos valentes
Sois e na honra eguaes; cesse a peleja;
Que o jus da noite respeitado seja.

Em trabalhos o dia se despende,
E, quando elle termina, se descansa;
Nem generoso coração pretende
Acção nocturna que mudez alcança.
Responde Argante: a lide me defende,
A meu pesar, a noite que se avança;
Posto ame a luz tambem, a pugna é finda;
Mas jure o meu rival tornar ainda.

E tu jura, Tancredo lhe dizia,
Que o prisioneiro teu trarás comtigo.
Sómente d'este modo, proseguia,
Ora a peleja a abandonar me obrigo.
Juraram-no. Marcado o sexto dia
Para o encontro de um e outro inimigo
Pelos arautos foi, por que voltassem
Vigorosos, depois que se curassem.

Do terrivel duello impressionados
Os sarracenos e os christãos ficaram,
De tanta maravilha e horror tomados,
Que por mui largo espaço os recordaram.
D'isto se fala só; commemorados
São o arrojo e valor que ambos mostraram;
Mas o pensar do vulgo se divide,
Pois qual d'elles prefira não decide;

E em suspensão, e dubio permanece
Esperando da briga o acabamento,
E se ao valor a furia prevalece,
Ou á coragem excede o atrevimento.
Mas Herminia é de todos quem parece
Mais desvelar aquelle pensamento,
Porque da decisão do incerto Marte
Vê de si perigar a melhor parte.

EST L a LV.

Esta, que filha foi do rei Cassano,
Que outr'ora Antiochia governara,
Tomado o reino seu, do soberano
Vencedor serva o fado a destinara;
Mas Tancredo encontrou tão bom e humano,
Que em seu poder ninguem na injuriara,
E no meio da patria arruínada,
Qual raínha, por elle foi honrada.

Nem só a honrou; serviu-a, e a liberdade
Lhe concedeu o joven glorioso,
Deixando-a conservar com dignidade
Joias, oiro, quanto era valioso.
Em tão bella apparencia e curta edade
Achando animo tal, tão generoso,
No amor prendeu-se Herminia, e tão captiva,
Que algema nunca se formou mais viva.

Assim, se o corpo fôra libertado,
Ficou-lhe a alma para sempre escrava,
E abandonar o seu senhor amado,
E o carcere querido a magoava;
Mas o real decoro, que olvidado
Não póde ser, d'est'arte lh'o mandava;
Portanto resolveu refugiar-se,
E em terra amiga a sua mãe juntar-se.

Veio a Jerusalem, onde acolhida
Pelo tyranno foi; mas logo teve
De chorar sua mãe, de dó vestida,
Que a morte lh'a roubou em tempo breve.
Entretanto nem esta dor pungida,
Nem o exilio, outra dor tambem não leve,
A paixão das entranhas lhe arrancaram
Nem coisa alguma o incendio lhe abrandaram.

Abrasada de amor, a pobre ama,
E esperança tão fraca experimenta,
Que o fogo occulto, que lhe o peito inflamma,
Quasi só de memorias se sustenta.
Quanto mais dentro em si esconde a chamma,
Tanto esta mais se ateia, mais se augmenta;
Até que a vem reanimar Tancredo,
Ao chegar a Sião com Godefredo.

Temeram todos, quando a hoste ovante
De Christo foi distincta apparecendo;
Ella acalmou o túrbido semblante,
Ço'a vista alegre as filas percorrendo;
Ávida procurava o caro amante
N'aquelle acervo de homens basto e horrendo.
Buscou-o muitas vezes sem que o visse;
Eil-o, outras muitas a si mesmo disse.

Est. lvi a lxi.

Ao pé dos muros no palacio havia
Torre de antiquissima estructura,
De cujo alto em redor se descobria
O campo franco, os montes e a planura.
Ahi, desde o raiar do claro dia
Até descer o véu da noite escura,
Se assenta, os olhos pelas tendas gira,
E com o seu pensar fala e suspira.

D'ahi o duello presenceou travado;
E estremeceu-lhe o coração tão forte,
Que crêra annunciar-lhe: o teu amado
É aquelle que em risco está da morte.
D'ahi incerta, o espirito abalado,
Observou do combate a varia sorte;
E, cada vez que o ferro o infiel brandiu,
Os golpes dentro d'alma dar sentiu.

Mas, quando tudo soube e a nova certa
De que ha de a lide renovar-se, ai d'ella!
Insolito pavor, tamanho a aperta,
Que nas veias o sangue lhe congela.
Ignota chora, ou faz que se converta
Em gemidos seu mal, e á parte os vela;
Pallida, meio morta, entre temores,
Tem impressos no rosto o susto e as dores.

Com tremendas visões a sua idéia
A amedronta, a perturba a toda a hora;
É seu somno peor que a morte feia,
Com tão horriveis larvas a apavora!
Julga até ver de rubro sangue cheia
A imagem do guerreiro a quem adora
Pedindo-lhe soccorro; e acorda emtanto,
O seio e os olhos humidos de pranto.

O temor do porvir não é sómente
O que sem pausa o coração lhe abala;
As feridas do amado juntamente
Ve'm na sua desgraça flagellal-a.
Álem d'isto o rumor cresce vanmente
O obscuro, o longe, e o que não ha propala,
Pelo que julga que padece enfermo
Tancredo, perto já do ultimo termo.

E, pois da mãe outr'ora ella aprendera
Das plantas as virtudes ignoradas,
E os carmes com que ás chagas dar pudera
Curativo e deixal-as mitigadas,
(Arte em que alli o uso estab'lecera
Serem dos reis as filhas amestradas)
Por si mesmo sarar ambicionava
O senhor caro que ferido estava.

Est. LXII a LXVII.

Medicar só o amante pretendia,
E tratar do inimigo lhe é forçoso.
Matar a este ás vezes lhe occorria,
Nas chagas pondo succo venenoso;
Porêm foge-lhe a mão candida e pia
De se manchar em feito criminoso;
Deseja ao menos que de todo o encanto
Percam as hervas e o fadado canto.

Pelo meio da gente aos seus contraria
Andar não receava; decorrida
Na matança e na guerra sanguinaria
Foi-lhe a inconstante, fadigosa vida;
Assim, é por costume temeraria,
Posto que o debil sexo a não convida;
Nem a perturba levemente ou espanta
A imagem do terror que outros quebranta.

Porêm mais do que tudo amor ousado
Tanto sua fraqueza fortalece,
Que arrostara com passo confiado
As serpes e os leões que Libya houvesse.
Da existencia comtudo sem cuidado,
Cuidado a fama sua lhe merece;
Luctam no seio d'ella duvidosos
Honra e amor, adversarios poderosos.

Um d'est'arte lhe diz: nobre donzella,
Que até agora minha lei guardaste,
De quem zelei a castidade bella,
Quando captiva entre os christãos moraste,
Hoje livre, pretendes esquecel-a,
Quando então prisioneira a conservaste?
Ai! quem te acorda o tenro pensamento?
Qual é tua esperança e teu intento?

Do teu nome serás tão pouco amiga,
Apreciarás tão pouco a honestidade,
Que vás buscar desprezo entre inimiga
Gente pela nocturna escuridade?
Queres que o fero vencedor te diga:
Com o reino perdeste a gravidade,
Não és digna de mim; e, baixa presa,
Te entregue dos soldados á bruteza?

De uma outra parte amor d'esta maneira
A embala, conselheiro falso e astuto:
Não nasceste de tigre carniceira,
Virgem formosa, nem de monte bruto,
Para que desdenhar tua alma queira
A paixão, e jámais provar-lhe o fructo;
Não tens peito de ferro ou de diamante;
Não, vergonha não é seres amante.

Est. LXVIII a LXXIII.

Vae; corre onde o desejo por ti chama.
Pintas-te o vencedor como inhumano?
Não sabes, se teu pranto se derrama,
Que elle quinhôa teu chorar, teu damno?
Tu, a quem seu perigo pouco inflamma,
É que has de certo coração tyranno.
Soffre o pio Tancredo, ó crua e ingrata,
E de outrem teu desvelo cuida e trata.

Salva, salva de Argante, pois, a vida,
Para que o teu senhor entregue á morte;
A tua obrigação será solvida,
E elle pago tambem por esta sorte.
Mas não te sentes toda constrangida
N'este mister por um horror tão forte,
E por um tedio tal, que estão dizendo:
Foge d'este logar, foge correndo?

Pelo contrario quanto humano fôra,
E tua alma que jubilo provára,
Se essa mão piedosa e salvadora
Ao valoroso corpo se chegára!
Se teu senhor, por ti curado agora,
De novo no semblante se animára!
Como, vendo-lhe as graças ir voltando,
Te orgulharas, tua obra contemplando!

Tambem tiveras parte em seus louvores,
E nas suas façanhas gloriosas;
E elle honestos e fervidos amores
Te offertaria e nupcias venturosas;
Depois mostrada e honrada entre as melhores
Mães serías e candidas esposas
Na Italia, n'esse assento verdadeiro
Da fé certa, e do animo guerreiro.

Louca! por taes esp'ranças enganada,
Já imagina o auge da ventura;
Mas de duvidas mil se vê cercada
Sobre como partir ha de segura.
Estão guardas nos muros, na morada
Do rei; nem porta alguma, emquanto dura
Tanto perigo e tão estreita guerra,
Sem haver grande causa, se descerra.

Herminia de Clorinda em companhia
Residir muitas vezes costumava;
Com ella a achava o sol, quando descia,
E a aurora, no horizonte mal raiava;
Depois, quando de todo entrévecia,
Ás vezes um só leito as abrigava;
Conhece uma da outra a dita e as dores;
Apenas te'm segredo nos amores.

Est. LXXIV a LXXIX.

Isto Herminia lhe esconde unicamente;
E, se Clorinda a escuta lamentar-se,
Finge diversa causa a quanto sente,
Mostrando do seu fado lastimar-se.
Com amizade tal não ha quem tente
Prohibir-lhe da estancia utilizar-se
Da guerreira, quer esta n'ella esteja,
Quer ausente em conselho ou na peleja.

Um dia, que era a joven n'outra parte,
No quarto seu a triste Herminia entrando,
Se pôz a meditar no modo e arte
De sahir, seu desejo executando.
Emquanto assim sem tregua se reparte
Em pensamentos mil esvoaçando,
De Clorinda á armadura os olhos vira,
Suspensa nas paredes, e suspira;

E diz comsigo a suspirar: òh! quanto
É feliz a fortissima donzella!
Como eu a invejo! Não por ter o encanto
Da gloria, nem a honra de ser bella;
Mas porque a não estorva longo manto,
Nem seu valor ínvido muro zela,
Antes, se quer, sem que ninguem se opponha,
Anda armada, sem medo e sem vergonha.

Que não me concedesse a natureza
Força, e esforço que ao d'ella se egualasse,
Para que este vestido de fraqueza,
E este véu por coiraça e elmo trocasse!
Não retivera então minh'alma accesa
O tufão, por medonho que soprasse,
Nem sol ou neve; mas ao campo iria,
Acompanhada ou só, de noite e dia.

Não pelejáras, despiedado Argante,
Se eu fôra tal, com meu senhor; primeiro
Do que tu me puzera d'elle deante,
E quiçá hoje o houvesse prisioneiro,
Soffrendo o jugo da inimiga amante,
Jugo de escravidão doce, ligeiro;
E já por seus grilhões suavisados
Eu sentiria os meus, ai! tão pesados!

Ou com a sua mão me traspassára,
Reabrindo-me o peito; d'esta sorte
De amor a chaga ao menos me curára
Do seu gladio querido o fino corte;
E hoje meu corpo e mente descansára;
E o vencedor, depois da minha morte,
Talvez á que o amou sepulcro erguesse,
E n'elle algumas lagrimas vertesse.

Est. lxxx a lxxxv.

Impossivel! Embalde, desditosa!
De illusões infundadas me alimento!
Ficarei pois aqui fraca e chorosa,
Como mulher de ignobil nascimento?
Ah! não! minha alma, torna-te animosa.
Porque por breve espaço não sustento
A armadura tambem, para mostrar-me
Com ella forte e ao p'rigo aventurar-me?

Sim; dar-me-ha energia amor ardente,
Amor, que inda os mais fracos avigora,
Que até o veado imbelle faz valente
Correr da paz á guerra assoladora.
Tanto não quero eu; porêm sómente
Com estas armas disfarçar-me agora,
E fingir-me Clorinda. A sua imagem
Torna-me certa e facil a passagem.

D'aquelles a que a guarda é incumbida
Das altas portas qual será o ousado
Que trate de impedil-a na sahida?
Não tenho outro caminho franqueado.
Seja a fraude innocente defendida
Pela fortuna e amor que me ha mandado.
Vâmos; a hora é bôa ao meu intento;
Clorinda está co'o rei n'este momento.

D'est'arte se resolve; impulsionada
Da violencia do amor, mais nada espera,
E a armadura transporta accelerada
Ao seu quarto, que perto d'alli era;
E effeitual-o pôde, que, deixada
Só, a occasião a soccorrera;
E inda alêm d'isto a noite, que cobria
Os amantes e o furto, a protegia.

Notando ella que o céu já se recama
De astros, e cada vez mais se escurece,
Um fiel escudeiro a occultas chama,
Sem que tempo nenhum interpuzesse,
E uma das criadas que mais ama;
Diz-lhes em parte o que na idéia tece;
Fala-lhes de fugida; mas simula
Que outra causa a vontade lhe estimula.

Logo o fiel escudeiro aprompta quanto
Na occasião preciso ser podia.
Herminia a veste sua larga emtanto
Que majestosa até aos pés descia;
Mas o simples trajar lhe presta encanto
E agilidade, qual ninguem creria.
Apenas a criada, que tomara
Para seguir-lhe os passos, a prepara.

Est. LXXXVI a XCI.

Co'o durissimo aço opprime e offende
A coma de oiro e o collo delicado;
Co'a dextra debil o broquel suspende,
Peso insoffrivel, e jámais provado.
Assim toda de ferro ornada esplende,
Apparentar tentando ar de soldado.
Ao vel-a ri-se amor, como se rira,
Quando Alcides de dama se vestira.

Oh! como ella sustenta com fadiga
A impropria armadura, e a custo avança!
Como faz ir deante a serva amiga
Para apoiar-se; como assim descansa!
Mas força aos membros, que o cansaço obriga,
E ao espirito infunde amor e esp'rança.
Chegam emfim onde eram aguardadas
Pelo escudeiro, e montam apressadas.

Vão com disfarce, que o temor os leva,
E os caminhos mais sós seguir procuram;
Acham gente, comtudo; e pela treva
Muitas armas aqui e alli fulguram;
Mas contra elles ninguem ha que se atreva;
Todos o passo a dar-lhes se apressuram,
Que essa candida veste e a insigna horrivel
Era mesmo de noite conhecivel.

Posto que veja o susto enfraquecido,
Herminia alguns receios inda sente;
Teme que seja o engano percebido;
E medo tem do arrojo seu ingente.
Mas, junto á porta, o esconde; em decidido
Tom dirige-se ao guarda, e ousadamente
Lhe diz: Clorinda sou; abre-me a porta;
O rei me envia onde ao serviço importa.

É semelhante a voz da dama bella
Á da guerreira, e a astucia facilita.
Que outra, a não ser a bellica donzella,
D'este modo se armou quem acredita?
O guarda prestes lhe obedece; e ella
Sa'e rapida; co'os seus se precipita
Para os valles, por ter mais segurança,
E em longa, obliqua senda o corcel lança.

Mas, quando a sitio fundo e só chegára,
A carreira veloz um pouco susta,
Pois os riscos primeiros crê passara;
Nem de ser alcançada já se assusta.
Pensa agora n'aquillo em que pensara
Mal ao principio, e vê que mais lhe custa
Do que ideou, por seu amor levada,
No campo dos christãos haver entrada.

Est. xcii a xcvii

Que em meio do inimigo, qual guerreiro,
Era insania arriscar-se agora via;
Tambem a outrem se mostrar primeiro
Que ao seu senhor amado não queria.
Com honra á tenda ir do cavalleiro
Secreta, inesperada pretendia;
Pára pois; o escudeiro tira á parte,
E, mais prudente, falla-lhe d'est'arte:

Ao campo franco os passos me precede;
Mas sê dextro e sagaz, por vida minha;
Ahi indaga de Tancredo; e' pede
Que te levem aonde elle definha;
Ao qual dize: uma dama vem adrede
Dar-vos saúde, e pedir paz, mesquinha!
Paz que me move guerra amor tyranno.
Assim, curando-o, abrandarei meu damno.

E que essa dama está d'elle tão certa,
Que, sendo em seu poder, não teme nada;
Finge ignorancia, se depois te aperta
Curioso, e faze volta sem parada.
Eu aqui, n'estes sitios encoberta,
Aguardarei emtanto descansada.
Acaba; e o nuncio, como se tivesse
Azas, dentro de pouco desparece.

E tão bem procedeu, que amigamente
No campo e na presença introduzido
Foi do heroe, que escutou alegremente
Da donzella o recado. Despedido
Já d'este, que mil duvidas na mente
Volveu e revolveu era partido,
E a ella a fausta nova já trazia:
Que occulta, com decencia ir poderia.

Emtanto Herminia, a qual se impacientava,
Inquieta, receosa da demora,
Os passos do escudeiro numerava,
Calculando: chega, entra, volta agora.
Parece-lhe, e a idéia a magoava,
Mais vagaroso do que nunca fôra.
Emfim para uma altura se endereça,
Donde o arraial a descobrir começa.

Sem nuvens, e com toda a pompa sua
Mostrava a noite o manto constellado;
Raios lançando e perolas, da lua
Já reluzia o globo, ha pouco nado;
Herminia aos astros a desdita crua
Do coração mandava enamorado.
Nos mudos campos, no silencio amigo
Tinha seus confidentes, seu abrigo.

Est. xcviii a ciii.

Depois dizia, o acampamento olhando:
Tendas formosas por que só suspiro,
Conforta-me este ar; em me acercando
De vós até mais placida respiro!
Assim tornem meus rogos o céu brando,
E eu logre a paz, a que de ha tanto aspiro,
O que em vós só desejo; pois só creio
Paz encontrar de vossa guerra em meio.

Ai! acolhei-me; aquella piedade
Ache eu em vós que amor me promettera,
E que já desfructei na f'licidade,
Quando do meu senhor captiva era.
Cobrar com vossa ajuda a majestade
E o reino esta minh'alma não espera;
Não, se me é concedido tão sómente
Servir em vós, existirei contente.

D'este modo se exprime, não prevendo
Como o infortunio proximo lhe esteja.
Nas suas armas lucidas batendo
De chapa o lume celestial lampeja,
De sorte, que em distancia percebendo
Qualquer o seu clarão, que em roda alveja,
E o grande tigre argenteo, que vomita
Chammas, Clorinda ser logo acredita.

Quiz a sua má sorte que estivessem
Perto muitos guerreiros emboscados,
Que aos dois irmãos latinos obedecem
Alcandro e Poliferno, os quaes postados
Eram alli, por que estorvar pudessem
Que a Sião fossem viveres levados;
E, se passou acaso o mensageiro,
Foi por volta maior ir dar ligeiro.

O joven Poliferno, que ao pae vira
De Clorinda matar a espada infensa,
Notando a branca veste abafa de ira,
Pois que é de certo a matadora pensa,
E aos seus soldados o seu fogo inspira;
Nem já em si contendo a raiva immensa,
Como que insano, lhe arremessa a lança,
E grita: morre; porêm não na alcança.

Qual cerva, que demanda sequiosa
Logar onde agua tenha fresca e viva,
De rocha a rebentar fonte formosa,
Ou rio que entre troncos se deriva,
Mas que, se encontra os cães, quando ociosa
Quer mitigar a sêde á sombra estiva,
Torna atrás, por fugir, e vae correndo
Do cansaço e da sêde se esquecendo;

Est. civ a cix.

Assim Herminia a sêde, que soffria
De amor no peito enfermo sempre ardente,
Mitigar esperava na alegria
Honesta, e repoisar a oppressa mente.
Porêm, vendo que alguem isso impedia,
Apenas a ameaça e o ferro sente,
O desejo abandona, e intimidada
Deita o cavallo seu á desfilada.

Foge a dama infeliz; piza ligeiro
O seu corcel o chão; correndo a segue
A socia logo, emquanto que o guerreiro
Com muitos dos soldados as persegue.
N'isto chega das tendas o escudeiro,
Por que a resposta já tardia entregue,
E as acompanha incerto; na campina
Separam-se co'o mêdo que os domina.

Mas o prudente Alcandro, posto viu
Qual o outro, a Clorinda simulada,
Porque estava mais longe, decidiu
Permanecer, como antes, na emboscada.
Para o campo depois logo expediu
Um nuncio com aviso que tomada
Coisa alguma por elles fôra ainda;
Mas que ia seu irmão após Clorinda;

E que suppunha, e que a razão mostrava,
Sendo ella commandante, e não soldado,
Que da cidade a essa hora se apartava
Para algum feito grande e assignalado;
Porêm ao capitão mandar tocava,
E a elle executar o seu mandado.
Chega noticia tal ao acampamento,
E entra as tendas latinas n'um momento.

Tancredo inda suspenso da ventura
Da outra nova, esta escutando, ah! vinha
Talvez buscar-me, diz; a formosura
Corre agora perigo; e a culpa é minha.
Então, tomando parte da armadura,
Cavalga tacito, e veloz caminha;
E os indicios da dama vae seguindo
Pelas vias por onde a crê fugindo.

Est. cx a cxiv.

CANTO VII

Entretanto a uma antiga selva umbrosa
Pelo cavallo Herminia é conduzida;
Já não governa o freio, de medrosa,
E parece entre a morte quasi e a vida.
Por tantas sendas leva á desditosa
O corcel, que por fim desparecida
É para os que sem tregua a perseguiam;
Pelo que d'ella após embalde iriam.

Como, depois de fadigosa caça,
Os cães recolhem tristes e anhelantes,
Por haverem perdido á fera a traça,
Escondida entre troncos verdejantes,
Taes, cheios de vergonha e de ameaça,
Os christãos tornam lassos e offegantes;
Foge a donzella emtanto á redea sôlta,
E a olhar se a perseguem nem se volta.

Sem conselho e sem guia vae fugindo
Durante toda a noite e todo o dia,
Nada vendo em redor e nada ouvindo
Senão seu pranto e gritos de agonia,
Até quê, quando o sol, já disjungindo
Os cavallos, ao salso mar descia,
Do formoso Jordão á veia clara
Chega, e ao pé d'ella se desmonta e pára.

Nada come; seus males a alimentam,
E sómente de lagrimas tem sêde;
Mas o somno, em que os homens exp'rimentam
Repoiso e olvido, e que ao lidar succede,
As dores paralysa, que atormentam
Sua alma afflicta, e a sensação lhe impede.
Amor, como a infeliz os olhos fecha,
Nem assim mesmo socegal-a deixa.

Só acordou quando sentiu as aves
Saudar chilrando os matinaes albores,
E o rio e arbustos murmurar suaves,
E o zephyro brincar n'agua e nas flores.
As palpebras então descerra graves,
Vê uns ermos albergues de pastores,
E da agua imagina e d'entre a rama
Que uma voz sa'e, que a prantear a chama.

Mas quebrados seu choro e seus lamentos
São pelos sons de musica serena,
Mixtura de bucolicos accentos,
E da grosseira, campesina avena.
Ergue-se; e, caminhando a passos lentos,
Acha um velho abrigado á sombra amena,
Tecendo cestos de um rebanho perto,
E ouvindo de três jovens o concerto.

Das insolitas armas, de repente,
Á vista em sustos cada qual se lança;
Cumprimenta-os Herminia gentilmente;
E para os socegar descobre a trança.
Segui, lhes diz, do céu bemdicta gente,
Vossa lida com toda a confiança;
As minhas armas guerra não vos trazem,
Nem vosso canto e obras cessar fazem.

Depois accrescentou: tão descansados
Como habitaes aqui, em torno ardendo
A sanguinosa guerra, dos soldados
Sem mêdo ás forças e ao furor tremendo?
Filha, a minha familia e estes meus gados
Sempre illesos guardei aqui vivendo;
O temeroso estrepito de Marte
Nunca alterou esta remota parte;

Ou porque, favoravel, a humildade
O céu proteja do pastor insonte,
Ou porque, como o raio, e a tempestade
Que buscam mais do que a planicie o monte,
Da espada do extrangeiro a feridade
Só procure dos reis ferir a fronte;
Nem que incite as cubiças é possivel
Nossa pobreza vil e desprezivel.

Vil para os outros, para mim tão cara,
Que por ella oiro e c'rôas não acceito;
Vontade alguma ambiciosa e avara
Encontra abrigo no meu calmo peito;
Apago o ardor da sêde na agua clara,
Onde veneno sei não é desfeito;
A minha horta e rebanho fornecida
Me te'm a parca mesa de comida.

Facilmente os desejos satisfaço;
Para viver com pouco me contento;
Estes meus filhos são; a elles faço
Guardar o gado; servos não sustento.
Aqui os dias solitario passo,
Entretendo-me em ver saltar o armento,
Os peixes n'este rio em ver nadando,
E as avesinhas para o céu voando.

Est. vi a xi.

Outr'ora no calor da juventude
Outra ambição nutri bem differente;
Reputei ser pastor officio rude,
E o meu paiz abandonei contente;
Estive em Memphis; ao serviço pude,
Como criado, entrar do rei potente;
E, posto que os jardins em guarda tive,
Sei que nas côrtes a injustiça vive.

Levado de esperança presumida,
Longo tempo ao mais arduo sujeitei-me;
Porêm, da florea edade á despedida,
Sem arrojo e esperanças encontrei-me;
Suspirei pela minha paz perdida;
D'esta baixa existencia recordei-me;
E da côrte sahi. Assim, tornado
A meus bosques, feliz tenho passado.

Emquanto d'este modo elle se exprime,
Escuta-o Herminia com mudez completa;
A voz prudente n'alma se lh'imprime,
E um pouco o soffrimento lhe aquieta.
Depois que a mente imaginando opprime
Com mil idéias, n'essa tão secreta
E calma solidão ficar deseja
Até que o fado a volta lhe proteja;

Pelo que diz: ó velho afortunado,
Que houveste do infortunio a experiencia,
Assim te guarde o céu tão doce estado,
Como te môva a dó minha existencia;
Entre os teus me recebe apiedado;
Quero habitar aqui n'esta innocencia;
Talvez a minha magoa se minore,
Quando no meio d'estas sombras more.

Se fôsses de thesoiros desejoso,
Como o vulgo, que um deus n'elles adora,
Poderia fazer-te venturoso,
Tanta riqueza tenho mesmo agora.
N'isto dos bellos olhos copioso
Chôro derrama, e triste se deplora,
Contando parte do seu mal; emtanto
Chora o pastor por escutar seu pranto;

E a consola depois, nem que por ella
De paternal amor inteiro ardesse,
E á esposa a conduz, a qual, singela,
Na indole com elle se parece.
De grosseiro vestido a real donzella
Se cobre, e a tôsco véu a trança offrece;
Nas maneiras porêm e no semblante
Mostra não ser dos bosques habitante.

Est. xii a xvii.

Não lhe occulta o vestido humilde e extranho
O brilho, a majestade, a gentileza;
É o regio esplendor tal, e tamanho,
Que tra'e dos exercicios a rudeza.
De cajado, a pastar leva o rebanho:
Do ovil á tarde o encerra na estreiteza;
Munge o leite co'as mãos de pura neve,
E o comprime depois no cincho breve.

Quando, fugindo aos estivaes ardores,
Á sombra todo o armento descansava,
Nas faias, nos loireiros sorridores
O amado nome vezes mil gravava,
E seus crueis e tétricos amores
Em milhares de troncos memorava;
Depois a propria historia lendo escripta,
Innundava-a de lagrimas, afflicta;

E conservae, carpindo-se dizia,
Ó arvores, a minha inf'licidade,
Porque, se algum fiel amante um dia
Buscar do vosso abrigo a amenidade,
Vendo tamanha dor, tanta agonia,
Sinta acordar em si a piedade,
E exclame: ah! quão injusta foi a sorte!
Como pagou amor amor tão forte!

Talvez, se tu, ó céu, ouvido prestas
Ao rôgo dos mortaes, que inda trazido
Seja a estes logares e florestas
Quem talvez já de mim vive esquecido,
E, dirigindo os olhos para estas
Partes, onde o meu corpo perseguido
Emfim repoisará, verta algum pranto,
Premio tardío de martyrio tanto.

Assim, se em vida foi triste meu peito,
Morta eu, será minh'alma venturosa,
E do seu fogo a fria cinza o effeito
Gosará, que eu não góso desditosa.
Aos surdos troncos fala d'este geito,
Derramando mil lagrimas formosa.
De a procurar emtanto não se farta
Tancredo; e mais e mais d'ella se aparta.

Cuidadoso a seus rastos attendendo,
Guia o corcel á selva que é vizinha;
Mas o matto era aqui tão negro e horrendo,
E o dia tanto declinado tinha,
Que, já signal algum não conhecendo,
Assaltado de duvidas caminha,
E escuta em derredor attentamente
Se algum tropel, se algumas armas sente.

Est. xviii a xxiii.

Se a viração nocturna rumoreja
Ao passar pela faia ou pelo olmeiro,
Se move os ramos ave que avoeja,
Ao sitio do rumor corre o guerreiro.
Deixa a selva por fim; a lua alveja,
E á luz d'ella dirige-se ligeiro
Por senda ignota a um som que longe ouvia,
Té que chega ao logar donde sahia;

No qual rebentam de vivaz rochedo
Limpidas, frescas aguas abundantes,
Que murmuram depois em curso ledo
Qual ribeiro entre margens verdejantes.
Ahi pára; ahi brada em vão Tancredo;
Só os echos lhe tornam circumstantes.
Entretanto desponta já da aurora
A face rubicunda e encantadora.

Geme, accusando o céu que a desejada
Vista lhe rouba, e especial ventura;
Mas, se fôr sua amante maltratada,
Obter vingança das offensas jura.
Voltar decide então, inda que a estrada
Não sabe se achará por que procura;
Volta, que perto o dia era prescripto
De pelejar co'o campeão do Egypto.

Parte por via incerta. Eis senão quando
Percebe um tropear que augmenta e avança,
E vê de estreito valle despontando
Um homem de correio á semelhança,
Na mão flexivel látego agitando,
Com a bozina ao lado, á nossa usança.
Pede Tancredo que o caminho diga
Que para o campo dos de Christo siga.

Para lá mesmo agora Boemundo,
Responde o outro em italico, me envia.
Nuncio do tio o crê; e assim jocundo
O mancebo lhe acceita a companhia.
Vão ter emfim a um lago inerte e immundo,
O qual forte castello em meio havia.
Era a hora em que o sol se precipita
No reino do negror, que a noite habita.

Sôa o nuncio a bozina, mal chegado,
E uma ponte se abaixa em continente.
N'este logar, lhe diz, ficar te é dado,
Se és christão, até vir o sol nascente.
O conde de Cozenza assignalado
O tomou ha três dias ao descrente.
Examina-o Tancredo; e formidavel
O suppõe, na arte e sitio inexpugnavel.

Est. xxiv a xxix.

Receia logo após que n'um tão forte
Castello alguma insidia se occultasse;
Porêm, afeito a defrontar a morte,
Nada fez que no rosto o demonstrasse;
Que aonde fosse por escolha ou sorte
Só seu valor queria o assegurasse;
Comtudo aqui bater-se não deseja,
Por o ter emprazado outra peleja.

Por isso no terreno, em que descera
A curva ponte, a marcha duvidosa
Susta um pouco, e indeciso considera
Sem ir atrás da guia insidiosa.
Mas n'ella já um cavalleiro o espera
Com apparencia altiva e rancorosa;
Na mão direita a nua espada esgrime;
E ameaçador e aspero se exprime:

Ó tu, que por acaso, ou por quereres
Aos dominios fataes chegas de Armida,
Entrega-te; na fuga não esperes;
Que a tua liberdade está perdida.
Entra o seu paço; e emquanto aqui viveres
Serve-a, como por muitos é servida;
Nem de rever o céu tenhas esp'rança
Com o tempo, ou da edade co'a mudança,

A não prestares antes juramento
De os christãos guerrear. Ouve ao refece
Tancredo, e logo, mal o encara attento,
Pela fala e armadura o reconhece.
É Rambaldo o gascão, que em seguimento
Foi da formosa Armida, e lhe obedece;
Tornado á crença do infiel por ella,
Empunha o ferro só por defendel-a.

De justa indignação a fronte accesa,
O pio heroe troveja: renegado,
Eu sou Tancredo, que de Christo a empresa
Tomei, e só por ella hei pelejado;
Seus contrarios por sua fortaleza
Venci; em ti vel-o-has ora provado;
Pois minha mão foi pelo céu eleita
Para vingança em ti ser hoje feita.

Turba-se, áquelle nome glorioso,
O impio guerreiro, e lhe desmaia a face;
Mas, disfarçando-o, exclama: desditoso,
Porque has vindo onde a morte te acabasse?
Hei de domar-te as forças, orgulhoso,
Hei de cortar essa cabeça audace,
E aos francos envial-a de presente,
Se o que valho meu braço não desmente.

Est. xxx a xxxv.

D'este modo o pagão; e, como o dia
Findo era já, e apenas se enxergava,
Tanta lampada em torno apparecia,
Que o ar formoso e lucido ficava.
Qual em rico theatro, resplendia
O castello; e no alto se assentava
Armida, por que, a todos invisivel,
Tudo presencear fosse possivel.

Para a lucta feroz o joven nobre
Emtanto as armas e o valor prepara;
Deixa o debil cavallo, porque sobre
A ponte o infiel a pé se adeantara;
Com o elmo e o broquel, de que se cobre,
Rambaldo vem, erguendo a espada clara.
Sa'e-lhe ao encontro o principe arrojado,
Sinistro o olhar e pavoroso o brado.

Aquelle pelas armas defendido
Dá largas voltas, botes simulando;
Este, posto cansado e mal guarido,
Vae contra elle, resoluto, e, quando
O inimigo recúa, decidido
E veloz o persegue fulminando;
Já o estreita; já o encalça e affronta,
E o gladio ao rosto muita vez lhe aponta;

E onde mais o vulnera cruelmente
É onde pôz mais vida a natureza,
Unindo a ameaça aos golpes, imponente,
E aos temores dos golpes a fereza.
Aqui, alli se volve o diligente
Gascão, e furta o corpo com dextreza,
Buscando com o escudo ou com a espada
Que seja a furia do rival baldada.

Menos veloz Rambaldo era comtudo
Na defesa que o outro; da peleja
Tem já partido o capacete e o escudo,
Já sangue o traspassado arnez gotteja,
E inda o contrario não feriu sanhudo,
Pois sempre em vão por lhe chegar forceja;
E teme, e já o pungem com ve'emencia
Vergonha, amor, despeito, consciencia.

Emfim resolve em desesp'rada guerra
Exp'rimentar o esforço derradeiro;
Larga o broquel, juntando as mãos, aferra
O virgem gladio, e co'o fiel guerreiro
Audaz, de perto, rudemente cerra;
Joga-lhe grande talho; era o primeiro
Que damno lhe causasse, pois se interna,
Da armadura apesar, na esquerda perna;

EST. XXXVI a XLI.

E tão rijo na fronte lh'o segunda,
Que no metal batendo fundo echôa.
Não lhe abre o elmo a espada furibunda,
Mas faz que elle se encolha e o atordôa.
A face do christão de ira profunda
Flammeja; o olhar de chammas se povôa;
E da vizeira sahem-lhe os ardentes
Raios dos olhos e o estridor dos dentes.

O perfido pagão já não sustenta
Aquelle assustador, fatal aspeito;
Ouve zunir o ferro, e se amedrenta,
Crendo sentil-o já dentro do peito.
Evita o golpe; o qual em cheio assenta
N'um pilar junto á ponte, de tal geito
Que o parte. Em lascas este ao ar se eleva,
E ao coração traidor o gêlo leva;

Pelo que á ponte corre, e na fugida
Da sua salvação põe só a esp'rança.
Tancredo o aperta; e a mão já destendida
Tem sobre elle; e co'os pés seus pés alcança;
Mas eis que apaga força não sabida
Astros, luzes, e a fuga lhe afiança;
Nem no deserto céu a meiga lua
Mostra a mais tenue claridade sua.

Entre encantos e trevas o animoso
Vencedor ao vencido não persegue,
Que nada vê; e o passo duvidoso
E mal seguro move, ao pasmo entregue.
Transpõe no seu caminho tenebroso,
Por acaso, uma porta, e ávante segue;
Mas sente-a após de si bater terrivel;
E n'um logar se encontra escuro e horrivel.

Qual o peixe que busca fugitivo
Abrigo onde o mar sóe apaúlar-se
No seio de Comacchio, ao furor vivo
Alli crendo das ondas esquivar-se,
E se entrega á prisão, em que captivo
Ficará para nunca libertar-se,
Pois é carcere aquelle que só deixa
Entrar, e que a sahida sempre fecha;

Assim Tancredo então, fosse qual fosse
O modo extranho da prisão sombria,
Penetrou n'ella, e de repente achou-se
Preso onde ninguem fugir podia.
Para forçar a porta em vão cansou-se;
Com mão robusta em balde a sacudia.
Emtanto ouve estas vozes: ó guerreiro,
Não sa'es d'aqui; de Armida és prisioneiro.

Est. xlii a xlvii.

No sepulcro dos vivos, sem ter medo
Á morte, viverás aqui teus annos.
Não responde, mas guarda o bom Tancredo
Os gemidos do peito nos arcanos;
Accusa a sorte e amor como em segredo,
Sua insania, dos outros os enganos,
E ás vezes diz em tácita linguagem:
É-me leve perder do sol a imagem.

Perco de um outro sol a cara vista.
Ai! nem sei se algum dia será dado
Que a minh'alma de jubilo se vista,
E se asserene ao brilho seu amado.
Lembra-lhe após Argante, e se contrista
Inda mais: ao dever como hei faltado!
E que falta! E que opprobrio! Que eu mereça
Que me insulte o inimigo e me escarneça!

Pelo amor, pela honra commovido,
Tancredo alternamente assim pensava;
Mas n'este tempo Argante mal soffrido
De estar no brando leito se indignava.
Tanto o socego lhe era aborrecido,
Tanto sem gloria e sangue se alterava,
Que, das feridas não curado ainda,
Da sexta aurora anceia pela vinda!

A noite precedente o infiel guerreiro
Apenas a cabeça descansára;
Inda escuro, levanta-se ligeiro,
Quando os cumes a luz nem mesmo aclara,
E as armas pede ao próvido escudeiro,
Que solícito já lh'as apromptara,
Não as do uso, mas outras com que o havia
Presenteado o rei, de alta valia.

Sem muito reparar, toma a armadura;
Nem o gran pêso o corpo lhe carrega;
Ao lado a amiga espada dependura
De finissima temp'ra, e a si a chega.
Assim cometa pela esphera escura
Medonho, rubra a coma, se desprega,
Vindo os reinos mudar, e trazer damnos
E peste, infausta luz para os tyrannos.

Armado Argante brilha d'esta sorte,
E volve o olhar ebrio de sangue e d'ira;
Vertem os actos seus horror de morte,
E ameaça de morte o rosto inspira.
Alma não ha, por mais segura e forte,
Que não se aterre, se elle os olhos gira.
A espada nua brande; o ar, a treva,
Baldadamente fere e o brado eleva:

Est. XLVIII a LIII.

Dentro de pouco o roubador ousado,
Que a mim no orgulho seu quer egualar-se,
Ha de cahir vencido e ensanguentado,
Ha de sob os meus pés no chão rojar-se.
Verá, vivo, por mim ser despojado,
Sem que pelo seu Deus possa livrar-se;
Nem, pedindo-o, fará que aos cães eu tire
O pasto do seu corpo, quando expire.

D'esta maneira o toiro, se o irrita
Dos ciumes o estimulo pungente,
Em horroroso brado muge e grita,
Os brios despertando loucamente;
Pelos troncos as pontas exercita,
Aos ventos arremette inutilmente;
E, de longe, escarvando a dura terra,
Desafia o rival a entrar em guerra.

De egual furor movido, chama Argante
O arauto, e assim lhe ordena em voz truncada;
Desce ao campo inimigo, e o arrogante
Christão convida á pugna começada.
N'isto cavalga, conduzindo adeante
O seu captivo; e, sem que espere nada,
Já da cidade sa'e, já altaneiro
Corre e se precipita pelo oiteiro.

Entretanto a trombeta resoando
Em tom horrisono ao redor se estende,
E, dos trovões o estrepito imitando,
Os corações e ouvidos acre offende.
Vão-se os heroes na tenda congregando,
Que maior extensão em si compre'ende;
Ahi juntos, o arauto desafia
Tancredo; os mais tambem não excluia.

Em torno Godefredo move lento
A vista, incerta a mente e receosa;
Por mais que olhe e que volva o pensamento,
Ninguem vê para empresa tão famosa.
A flor dos seus partiu do acampamento;
De Tancredo nem nova duvidosa;
Longe Boemundo está; e por seu erro
O invencivel Reynaldo anda em desterro;

E, álem dos dez da sorte protegidos,
Tambem do campo foram nos melhores
Da bella Armida atrás, favorecidos
Da noite silenciosa e seus negrores.
Os outros menos fortes e atrevidos,
Mudos, sentem do pejo as vivas cores;
Nem ha quem pela honra a vida exponha;
O temor vence n'elles a vergonha.

Est. liv a lix.

A tal silencio e mostra da fraqueza
Dos seus o capitão capacitou-se,
E, todo indignação, todo nobreza,
Subito d'onde estava levantou-se.
Não merecera a luz da natureza,
Principiou, se tão abjecto eu fosse,
Que vilmente um pagão assim deixasse
Que nosso pundonor aos pés calcasse.

Fique o exercito em paz; e de segura
Parte o perigo meu veja folgado.
Eia, trazei-me prestes a armadura.
Sem demora o que diz é executado.
Mas Raymundo, que á edade já madura
Reúne são conselho e comprovado,
E aos presentes nas forças bem se eguala,
Á frente avança, e d'este modo fala:

O que, senhor? Em contingencia o inteiro
Exercito comtigo ha de ser posto!
És capitão, não simplice guerreiro;
Fôra commum e publico o desgosto.
Da fé, do imperio arrimo verdadeiro,
Por ti ha de humilhar Babel o rosto;
A ti cabe sómente o sceptro e o mando;
A nós expor a vida pelejando.

Eu, bem que já me curve a longa edade,
Estou prompto na lide a apresentar-me.
Fujam outros da guerra a tempestade;
Co'a velhice não quero acobertar-me.
Ah! se eu tivera a vossa mocidade,
Não poderia, como vós, quedar-me,
Sem a vergonha vos tirar da incuria
Contra quem vos arroja á face a injuria!

Ah! fosse eu como quando satisfeito
Ante a Germania, na sublime côrte
Do segundo Conrado, abri o peito
Ao feroz Leopoldo, e o dei á morte!
E foi de alto valor mais claro effeito
O então triumphar de homem tão forte,
Do que se algum de nós, sem que se armasse,
Muitos d'essa vil gente afugentasse.

Se esse antigo vigor inda meu fôra
Houvera este orgulhoso já punido;
Mas, se não tenho o prestimo de outr'ora,
Tenho alma, e grave de annos não trepido.
Se no campo ficar sem vida, embora;
Com damno do infiel serei vencido.
Vou-me armar; seja o dia este que illustre
Todo o passado meu de novo lustre.

Est. lx a lxv.

Assim o augusto ancião; e os generosos
Sons o valor nos animos accendem.
Os tímidos ha pouco e silenciosos
Ora altivos a colera desprendem.
Ninguem foge da pugna; ambiciosos
Muitos para alcançal-a até contendem:
Estevam, Guelfo, do germano imperio,
Balduino, os Guidos dois, Gernier, Rogerio,

E Pyrrho, o mesmo que entregou sem guerra
A nobre Antiochia a Boemundo,
E Evrardo, oriundo da escoceza terra,
E Rudolpho, e o intrepido Rosmundo,
Este d'Irlanda, aquelle d'Inglaterra,
Povos que parte o mar do nosso mundo;
Tambem Gildippe e Eduardo alli porfiam,
Esposos que um para o outro só viviam.

Mas, excedendo-os, o arrojado velho
Se mostra cheio de desejo e ardente.
Armado é já do bellico apparelho;
Falta-lhe apenas o elmo reluzente.
Diz-lhe então Godefredo: ó vivo espelho
Do vetusto valor! que a nossa gente
Comtigo aprenda, pois em ti de Marte
Reluz a honra, disciplina e arte.

Oh! se acaso entre os jovens eu tivera
Dez de valor a este semelhante,
Como Babel soberba não vencera,
E a cruz de Thule ao Bactro alçara ovante!
Mas cede agora, eu te supplico; espera
Obra aos teus annos propria, e mais prestante;
E deixa que dos mais um vaso acolha
Os nomes, por que a um a sorte escolha;

Ou, antes, Deus, de cujo pensamento
É escrava a fortuna, escravo o fado.
Não desiste o ancião do seu intento,
E quer ser entre os mais tambem contado.
No elmo as sortes deita o chefe attento,
E, depois de as haver bem agitado,
A primeira de dentro sahir vê-se,
E n'ella o conde de Tolosa lê-se.

É o seu nome alegremente ouvido,
E da escolha ninguem ousa queixar-se.
Elle, de fresco arrojo abastecido,
Parece no semblante remoçar-se.
Tal, demudado o natural vestido,
Lança oiro a cobra, e crêreis renovar-se.
Mais que todos o applaude o chefe, e gloria
Lhe augura com magnifica victoria;

Est. LXVI a LXXI.

E, descingindo a espada assignalada,
A entrega em suas mãos e assim se exprime:
Do rebelde Saxão esta é a espada;
Co'a vida negra, em que pesava o crime,
Por minha propria mão lhe foi tirada;
Hoje, fazendo minha vez, a esgrime.
Commigo ficou sempre vencedora;
Toma-a, feliz comtigo seja agora.

Emtanto impaciente o sobranceiro
Argante ameaçando assim dizia:
Ó gente invicta, ó povo tão guerreiro
Da Europa, um homem só vos desafia.
Venha Tancredo pois, saia a terreiro,
Se é que no seu valor tanto confia;
Ou quer no brando leito esp'rar a noite,
Na qual de novo seu temor acoite?

Venha outro, se elle teme; juntamente
Vinde vós, cavalleiros, vinde, infantes;
Pois não ha quem commigo as armas tente
Entre tantos mil homens arrogantes.
Eis de Christo o sepulcro em vossa frente.
Porque a elle não ides triumphantes
Realizar os votos? Eil-a a estrada;
Para que obra maior guardaes a espada?

O sarraceno atroz, escarnecendo,
Estas injurias aos christãos atira;
Mas, soffrer tanta affronta não podendo,
Mais que todos Raymundo acceso o ouvira,
Que o brio estimulado vae crescendo
Na proporção em que se augmenta a ira.
Ouve-o, e o seu Aquilino com presteza
Monta, ao qual nome impoz a ligeireza.

Este corcel no Tejo nado fôra;
Alli a ávida mãe do audaz armento
Ás vezes, quando a quadra que enamora
Sorri, e a excita com ardor violento,
Abrindo a bocca á brisa geradora,
Recebe-a, e, fecundada pelo vento,
Com o tepido ar, que aspira e bebe,
Oh! maravilha natural! concebe.

Aquilino julgáreis ser nascido
Da aragem d'entre todas mais ligeira;
Ou o vejaes, sem ser o chão ferido,
Passar desparecendo na carreira,
Ou rapido girar apercebido
Em curtas voltas de uma e outra maneira.
O conde em tal corcel corre disposto
Á peleja; e, volvendo aos céus o rosto:

Est. LXXII a LXXVII.

Ó Deus, tu que á fraqueza concedeste
Que em Threbintho Golias atacasse,
E esse flagello de Israel fizeste
Que a funda de um mancebo o derribasse,
Faze que da mesma arte eu vença este,
Obrigando-o a rojar na terra a face,
E que á soberba dome ora a velhice,
Como outr'ora a domou a meninice.

Assim do conde as preces resoaram;
E, movidas de Deus na esp'rança interna,
Á abobada celeste remontaram,
Qual sobe o fogo á região superna.
No Omnipotente logo abrigo acharam,
O qual um anjo da milicia eterna
Chamando, o encarregou de auxilial-o,
E immune, e vencedor do infiel tornal-o.

O anjo que Raymundo em guarda houvera,
Escolhido da mão da Providencia,
Desde o dia primeiro em que viera
Do mundo vaguear pela inclemencia,
Como Deus novamente ora o escolhera,
De preserval-o dando-lhe a incumbencia,
Ao alto forte vôa, onde resplendem
As armas, que a divina hoste defendem.

Ahi guarda-se a hasta que a serpente
Matou, e os grandes raios temerosos,
E aquelles que, invisiveis para a gente,
Trazem pestes e males horrorosos;
Ahi suspende-se o fatal tridente,
O mór terror dos homens criminosos,
Que as cidades abate e os monumentos,
Sacudindo da terra os fundamentos.

Ahi entre outras armas refulgia
Broquel de lucidissimo diamante,
Que as nações e os paizes cobriria
Do frio Caucaso ao famoso Atlante.
É com este que o Eterno protegia
Algum rei justo, ou povo ao céu constante.
Embraça-o o anjo, e, sem que seja visto,
Ao lado se vae pôr do heroe de Christo.

Cheios os muros entretanto estavam
De varia turba, e pelo rei mandados
Para parar no oiteiro caminhavam
Muitos, que por Clorinda eram guiados;
Da outra parte egualmente se avistavam
De christãos alguns troços ordenados.
Para os dois combatentes um terreno
Se abre entre ambos os campos não pequeno.

Est. LXXVIII a LXXXIII.

Olha Argante, e Tancredo em vão procura.
Em vez d'elle outrem vê desconhecido.
O conde avança, e diz: por tua ventura
Quem buscas, d'aqui longe está retido;
Mas não te orgulhes, não, que essa bravura
A contrastar eu venho decidido;
Tomar posso o logar do outro guerreiro,
Ou comtigo pugnar como terceiro.

O soberbo sorri-se, e lhe responde:
Onde pois é que está? Que faz Tancredo?
O céu ameaça; e tímido se esconde,
Só na fugida segurando o medo!
Seguil-o-hei, muito embora vá para onde
Do mar é o centro; paz não lhe concedo.
Mentes, replica o ancião; quem mais valia
Tem do que tu, de ti não fugiria.

Freme o circassiano e iroso brada:
Em seu logar te acceito; aqui te espero;
Como a tua loucura sustentada
Ha de ser dentro em breve saber quero.
Cada um d'elles, a lança sopesada,
Move-se, e joga ao elmo golpe fero;
O bom Raymundo o infiel co'o ferro alcança;
Este na sella nem sequer balança.

Corre do outro lado, mas vanmente,
Caso insolito, Argante rancoroso,
Porque pelo seu guarda resplendente
Foi defendido o capitão famoso.
Os labios morde o cru de raiva ardente,
E, blasphemando louco, furioso,
Em terra quebra a lança, a espada tira,
E impetuoso ao seu rival se atira.

O possante cavallo precipita,
Como quando a marrar corre o carneiro.
Raymundo passa á dextra; o golpe evita;
E fere o infiel na fronte, passageiro.
Torna este, no contrario a espada fita;
Torna-se a desviar o ancião guerreiro;
Comtudo o capacete lhe fulmina,
Embalde, que é de tempera mui fina.

Mas o feroz pagão, que a lucta anceia
Mais perto, se adeanta, e co'elle cerra.
O conde, que de mole tal receia
Que o faça e ao seu cavallo dar em terra,
Cede-lhe ora; atrevido ora o salteia;
Circumvagando em inconstante guerra.
Segue o ginete o mais pequeno mando
Do freio, em falso nenhum passo andando.

Est. LXXXIV a LXXXIX.

Qual capitão, que excelsa fortaleza
Oppugna entre paúes, ou em monte erguida,
Procurando mil vias para a empresa,
Tudo tentando, assim do conde a lida.
Porêm como lhe oppõe tanta defesa
O peito, e a fronte de aço guarnecida,
Fere em logar mais fraco; e para a espada
Busca entre ferro e ferro abrir estrada.

Em duas ou três partes do contrario
É entrada a armadura, e já sanguenta;
Escapando ao perigo instante e vario,
A de Raymundo illesa se apresenta.
Em vão o ataca Argante temerario,
E emprega n'elle a colera violenta;
Mas não se cansa, e duplicando a força
E os botes, a cada erro mais se esforça.

Emfim entre mil outros um terrivel
Lhe joga; e tão chegado o conde era,
Que evital-o talvez fosse impossivel,
E, junto co'o corcel, ao chão viera;
Não no esquece porêm o alto e invisivel
Soccorro, o anjo da celeste esphera,
O qual estende o escudo de diamante
Para aparar o aço fulgurante.

Quebra-se n'elle o gladio (nem podia,
Pela humana pericia fabricado,
Co'as armas competir, que feito havia
Puras divino artifice); admirado
Viu-o cahir Argante, e não no cria;
Viu-o cahir em terra espedaçado;
Para o braço olha inerme; e lá comsigo
Pasma das fortes armas do inimigo.

Que se partira a espada acreditava
No outro escudo que o christão defende;
Tambem o bom Raymundo isto julgava,
Sem saber que a seu lado o céu contende.
Mas, como desarmado o infiel estava,
Por um pouco no ataque se suspende,
Pois com essa vantagem por ingloria
E desprezivel tem qualquer victoria.

Toma, dizer queria, nova espada;
Porêm pensa comsigo d'este geito:
Se é vencido, sua gente é deshonrada,
Sendo de todos defensor eleito.
Por isso ignobil palma não lhe agrada,
Nem os christãos expor em dubio feito.
Emquanto escolhe atira-lhe ao semblante
Do gladio o punho o destemido Argante,

Est. xc a xcv.

E incita, impelle célere o ginete,
O combate suspenso continuando;
E attinge de Raymundo o capacete,
Com um golpe, inda a face lhe marcando;
Mas o conde, que o medo não submette,
Veloz os fortes braços evitando,
Rasga-lhe a mão, que a elle já descia,
Mais do que abutre, desalmada, impía.

Depois move-se de uma a outra parte;
Já volta; já retira; e assim fluctua;
Porêm sempre, quer volte, quer se aparte,
Fere o duro pagão com dextra crua,
Tudo que tinha de vigor e de arte,
Tudo que fazer pode a raiva sua,
Tudo reúne do infiel em damno.
O céu o ajuda, e o fado soberano.

Fiado na armadura e em si, não teme
O descrente; o seu animo o alimenta.
Tal poderosa nau, quebrado o leme,
E rasgadas as velas na tormenta,
Posto que o mar a bate, e o vento freme,
Tendo são o costado, se sustenta,
E, sem abrir-se á furibunda vaga,
Não imagina ainda que naufraga.

Perigavas, Argante, em tal maneira,
Quando auxiliar-te Belzebú procura.
De uma nuvem compõe sombra ligeira,
Á qual de humano ser presta a figura;
Assemelha-a a Clorinda sobranceira
Na apparencia e na lucida armadura,
No andar, no gesto e voz tão conhecida;
Torna-a em tudo com ella parecida.

A sombra ante Oradino, experiente,
Famoso sagittario se offerece,
E lhe diz: Oradino sapiente,
A quem a setta obedecer parece,
Ah! que damno seria, se o valente
Defensor da Judéa assim morresse,
E o seu rival de seu despojo ornado
Tornasse para os seus victoriado!

Dá provas da tua arte habilidosa,
E ao franco salteador traspassa o peito;
Que, álem da fama que haverás honrosa,
O rei premiará tão grande feito.
Finda; e aquelle co'a alma jubilosa,
De tamanhas promessas satisfeito,
Da farta aljava tira para a empresa
Uma flecha; e, ajustada, a corda entésa.

Est. xcvi a ci.

Sibila a têsa corda; desprendida
A flecha pelo ar vôa zunindo,
E a coiraça penetra enfurecida,
As fivellas do cinto dividindo.
Ahi pára, de sangue mal tingida,
A pelle apenas do christão ferindo;
Que o guerreiro celeste lhe embargara
Proseguir, e a violencia lhe quebrara.

A setta da coiraça o conde tira;
E ao ver o sangue em colera redobra;
Mil affrontas vomita; e, cheio d'ira,
A fé quebrada do infiel exprobra.
O chefe, que os seus olhos nunca tira
De Raymundo, percebe a iniqua obra,
O ajuste violado; e, como teme
Que seja grave o ferimento, geme;

E co'a voz, e co'a fronte sobranceira
Incita os seus soldados á vingança.
N'um instante cada um cala a vizeira,
As redeas larga, põe no riste a lança.
D'este e d'aquelle lado sa'e guerreira
Turba, que de armas oiriçada avança.
O campo desparece; e o pó miudo
Em densos globos se ergue e envolve tudo.

Topam-se; e um rumor se ouve retumbante.
Elmos, lanças, broqueis trôam quebrando.
Um cavallo aqui jaz; mais adeante
Outro, sem dono ter, anda vagando;
Um guerreiro é já morto; outro expirante;
Qual suspira; qual geme soluçando.
Fera a peleja vae; e se encruece
Tanto mais, quanto mais se trava e cre'ce.

Salta Argante no meio apressurado,
E, a um guerreiro tomando ferrea maça,
Fórça o tropel que o cerca, denodado;
E a rodeia, fazendo larga praça.
A Raymundo só busca; a elle voltado
Só tem o ferro; a elle só ameaça;
Qual se em suas entranhas alimento
Haver quizesse, lobo famulento.

Mas os passos lhe impedem corajosos
(Obstaculo forte) Orman primeiro,
E um Guido, e os dois Gerardos bellicosos,
E o de Barneville audaz Rogeiro.
Não cede; antes, por estes valorosos
Apertado, mais lida inda o guerreiro;
Tal a chamma captiva, quando fóra
Rompe, arruina tudo assoladora.

Est. cii a cvii.

Mata Orman; fere Guido; lança em terra
Entre os mortos Rogeiro egro e gemente;
Mas dobra a multidão, com elle cerra,
Opprimindo-o n'um circulo potente.
Emquanto por seu braço egual a guerra
Se mantinha entre uma e outra gente,
Godefredo o irmão chama; e d'esta sorte
Lhe diz: cumpre mover tua cohorte.

Corre, 'onde mais mortal a pugna arde,
E investe o flanco esquerdo do inimigo.
Elle o escuta, e se move sem que tarde,
Tão bravo, que, obrigada do perigo,
Da Asia a multidão, como covarde,
Foge do franco, procurando abrigo;
O qual penetra as filas e alvorota,
E os cavalleiros e os pendões derrota.

Tambem o dextro lado em fuga é posto
Pelo choque; resiste só Argante;
Disperso tudo corre e descomposto,
Que azas lhe presta o medo delirante.
Tão sómente elle firme volta o rosto;
Nem de cem mãos indomito gigante,
Que com cincoenta escudos pelejara,
E com cincoenta gladios, mais obrara.

Maças, lanças, espadas, só, contrasta,
E dos corceis os impetos affronta;
Só, contra tantas forças elle basta,
E vulnera este, aquelle, ou amedronta.
É ferido; a armadura é rota e gasta;
Verte sangue e suor; com tal não conta;
Mas, da turba cercado e comprimido,
Emfim a acompanhal-a é constrangido.

Á invencivel torrente d'este modo
As costas dá, e rábido obedece;
Do coração emtanto o brio todo
Mostra, se este por obras se conhece.
Inda a ameaça nos olhos, o denodo,
E o terror fuzilando lhe apparece;
Inda de os seus reter nutre esperança;
Faz quanto póde, porêm não no alcança.

Nem consegue que a fuga ao menos seja
Com mais ordem, ou menos apressada;
Arte, ou freio não ha que o medo reja;
Nem supplicas, nem mando valem nada.
Godefredo que observa, qual deseja,
Para os seus a fortuna bandeada,
Segue o caminho alegre da victoria,
E envia auxilio a compartir a gloria.

Est. cviii a cxiii.

E, se Deus não tivesse ha muito escripto
No livro do destino um outro dia,
N'esse o exercito seu fiel e invicto
Á sacrosanta guerra fim poria.
Mas a hoste infernal que no conflicto
Sente baquear a sua tyrannia,
Sendo-lhe permittido, o firmamento
De espessas nuvens cobre, e solta o vento.

Aos olhos dos mortaes véu tenebroso
Occulta a luz; o céu, horror lançando,
Negreja mais que o inferno pavoroso,
De raios, de relampagos brilhando;
Sôa o trovão; granizo procelloso
Ca'e, os pastos e os campos inundando;
Quebra, espedaça os troncos a tormenta,
E os proprios montes abalar intenta.

Ao mesmo tempo o vento e a tempestade
Ferem do franco as faces altaneiras;
Da imprevista procella a intensidade
Susta-o; fatal terror entra as fileiras.
D'ellas a mais pequena quantidade,
Sem as ver, fica em roda das bandeiras.
Clorinda, que d'alli distante era,
N'isto ao cavallo os passos accelera,

Gritando aos seus: por nós o céu combate;
Favor á causa da razão concede;
Sobre nós o seu braço não se abate,
Nem manejar a espada nos impede;
Só irritado sobre as frontes bate
Do inimigo medroso que já cede,
E as armas lhe arrebata e o claro dia.
Vamos, pois, a fortuna é o nosso guia.

D'este modo os anima; e, recebendo
Só pela espalda os infernaes furores,
Os christãos accommette, encontro horrendo,
E zomba dos seus golpes e rancores.
Então Argante, para traz volvendo,
Basta carnagem faz nos vencedores,
Os quaes do campo á pressa se retiram,
E ao ferro e á tempestade as costas viram.

Os que fogem persegue a sanha dura
Do Orco, e o gladio que esta favorece;
O sangue corre; ás aguas se mixtura
Da grande chuva, e o campo se enrube'ce.
Entre o vulgo dos mortos na planura
Ca'e Rudolpho; tambem Pyrrho perece;
Que o Circassiano áquelle rouba a alma;
E d'est'outro Clorinda leva a palma.

Est. cxiv a cxix.

Assim dos francos o tropel fugia,
E o demonio co'o syrio o não deixava.
Contra as armas, granizo e ventania,
Contra o rouco trovão que rebombava,
Só Godefredo calmo resistia;
Asperamente os chefes censurava;
E do arraial á porta no soberbo
Corcel, colhia os seus do fado acerbo.

Para o feroz Argante inda se lança
Por duas vezes; e depois recúa;
E inda outras tantas para o sitio avança,
Onde a pugna é maior, a espada nua.
As trincheiras emfim co'os seus alcança,
A victoria largando que foi sua.
Retira-se o infiel, e consternados
Ficam no campo os francos fatigados.

Nem mesmo ahi da horrida tormenta
Achar podem reparo contra a ira;
Alaga a chuva tudo; e a violenta
Força do vento, que raivoso gira,
Apaga luzes, pannos arrebenta,
E arranca tendas, que a distancia atira.
O vento, os gritos, os trovões entôam
Horrivel harmonia, e o mundo atrôam.

Est. cxx a cxxii.

CANTO VIII

Já cessara o trovão, e a tempestade,
E o vento mitigara seus furôres;
Já da manhan raiava a claridade,
De oiro adornada e purpurinas côres;
Mas inda dos demonios a maldade
Não cuidava em pôr termo a seus rancôres;
Antes, um, que Astarothe se chamava,
Assim, falando a Alecto, se expressava:

Vês álem vir aquelle cavalleiro,
(Por nós não póde ser embaraçado)
Que d'entre as mãos do defensor primeiro
Do nosso imperio, vivo, se ha livrado?
Aos francos vae o triste e verdadeiro
Fado contar dos seus, do chefe ousado,
E outras coisas tambem; pelo que hei medo
Que emfim chame a Reynaldo Godefredo.

Est. i e ii.

Tu bem sabes como é conveniente
Oppor, para impedil-o, a força e engano.
Desce aos christãos, portanto, velozmente,
E quanto elle expuzer converte em damno;
Da britanna, latina e helvecia gente
Deita nas veias teu veneno insano;
Excita os odios; os tumultos fórma;
E em confusão o exercito transforma.

É de ti propria a obra; já deante
Do nosso rei disseste que a fizera
Tua astucia e poder. Isto o bastante
Para Alecto acceder; mais nada espera.
Emtanto o cavalleiro n'este instante
Chegado ao campo dos christãos já era,
E pedia que alguem o conduzisse
Ao capitão, e ante elle o introduzisse.

Immensa turba os passos lhe seguia,
De ouvir o peregrino curiosa.
Este inclinou-se, e a mão beijar queria,
A mão de que Babel treme medrosa.
Senhor, cujo renome, prorompia,
Finda co'o mar, e esphera luminosa,
Trazer melhores novas desejava;
Aqui gemia; e após continuava:

Sueno, do rei dano unico filho,
Seu bordão na velhice, e honra amada,
Como outros, decidiu seguir o trilho,
Que has tomado, e cingir por Christo a espada.
Nem a fadiga, ou da corôa o brilho,
Nem perigos, ou a edade fatigada
Do velho, amigo pae o commoveram,
E do intento magnanimo o torceram.

O seu desejo era aprender a arte
Da milicia na guerra aspera e dura
Comtigo, nobre mestre, e acompanhar-te.
A sua fama o confundia obscura,
E Reynaldo, de quem por toda a parte
Soava o nome e a gloria, já madura
Em verdes annos; porêm mais o zelo
Do céu, da terra não, vinha movel-o.

Venceu tudo, portanto; e impaciente
Juntando um corpo illustre e aventureiro,
Se encaminhou da Thracia á côrte ingente,
Que é coração do imperio, verdadeiro.
O grego imperador urbanamente
O recebeu; depois um mensageiro
Em teu nome chegou, e que rendida
Fôra Antiochia, disse, e defendida;

Est. III a VIII.

Defendida do persa poderoso,
O qual com tantas hostes a cercara,
Que o reino seu extenso e populoso
Deserto julgariam que ficara.
De ti falou, e de outros; do famoso
Reynaldo sobretudo: a sua clara,
Audaz fuga narrou e a longa historia
Dos feitos seus tão dignos de memoria,

Concluindo: que o franco já marchava,
Para dar á cidade o assalto forte,
E que ao menos a ser o convidava
Na ultima victoria teu consorte.
Assim o mensageiro se expressava.
Causa em Sueno esta nova tal transporte,
Que é cada hora um lustro, já querendo
Entre os pagãos achar-se combatendo.

Sente da gloria alheia envergonhar-se;
E se lhe rala o coração e enlucta.
Quando alguem aconselha aquietar-se,
Não lh'o concede, ou mesmo o não escuta:
Nos riscos e triumphos não achar-se
Comtigo como risco só reputa;
Este o unico mêdo que alimenta;
Não sabe mais nenhum; nada o amedrenta.

É elle mesmo que o seu fado apressa,
O fado que a nós todos conduzia,
Pois se mette a caminho, mal começa
A desejada luz do novo dia.
Como a optima estrada lhe pareça
A mais breve, por ella só nos guia;
Nem os passos difficeis e os perigos
Evita dos paizes inimigos.

Fomes, penosas sendas encontrámos,
Mil emboscadas, e combates varios;
Mas foi tudo vencido; afugentámos,
Ou fizemos morrer nossos contrarios;
Co'a fortuna seguros nos tornámos,
Seguros, e até mesmo temerarios;
Quando n'um sitio estando que confina
Quasi co'a região da Palestina,

Participar nos ve'm os corredores
Que immenso rumor de armas hão ouvido,
E enxergado pendões; donde temores
Te'm de haver perto exercito aguerrido.
Nem o pensar, nem do semblante as côres,
Nem a voz muda nosso chefe ardido,
Posto que dos presentes estremeçam
Muitos, e a tal noticia empallideçam;

Est. ix a xiv.

Antes, diz: oh! quão perto de nós vejo
A palma ou do martyrio ou da victoria!
Mais uma espero, mas tambem desejo
A outra de mór preço e egual na gloria.
O irmãos, este campo, eu bem prevejo,
Templo será, onde a immortal memoria
Aos seculos por vir um dia aponte
O nosso tum'lo, ou nossas obras conte.

Assim discursa; e ordena as sentinellas,
E reparte os empregos e a fadiga.
Manda que armados fiquem; nem as bellas
Armas desveste, que a prudencia o obriga.
Inda a noite era esplendida d'estrellas,
E na hora do somno mais amiga,
Quando barbaros gritos se escutaram,
Que até ao céu e inferno penetraram.

Arma, arma resôa; na armadura
Guardado, Sueno a todos se adeanta;
Verte dos olhos máscula bravura,
E o semblante arrojado ao ar levanta.
Eis nós assaltam com fereza dura;
Cercam-nos; e sua força é tal e tanta,
Que de ferros nos cinge uma floresta,
E uma nuvem de settas nos molesta.

Na pugna desegual, pois congregados
Vinte atacantes são contra um sómente,
Muitos morrem nas trevas, ignorados,
Muitos recebem golpes cruamente;
Mas serem uns e outros numerados
A funda escuridade não consente:
A noite nossos damnos não descobre,
E nossos feitos juntamente cobre.

Comtudo Sueno tanto a face alteia
Entre todos, que a todos é visivel,
E na sombra com provas se nomeia,
Mostrando audacia e robustez incrivel.
Um monte de homens mortos o rodeia;
Faz-lhe um rio de sangue fosso horrivel;
E, a qualquer lado a que o conduz a sorte,
Leva o susto no olhar, no braço a morte.

Pelejámos assim té os alvores
Apparecerem do nascente dia;
Mas, depois de esva'idos os negrores
Da noite, que da morte o horror cobria,
A suspirada luz nossos terrores
Dobrou com triste scena de agonia;
Cheia estava de mortos a campina,
E nós quasi na ultima ruína.

Est. xv a xx.

De dois mil cem não eramos. Ah! quando
Elle vê tanto sangue e mortandade,
Não sei se áquelle quadro miserando
O desalento o animo lh'invade;
Mas não no manifesta; antes, bradando,
Imitemos, exclama, a heroicidade
Dos nossos; para o céu com elles vâmos;
Por seu sangue marcada a via achâmos.

N'isto da morte que vizinha espera
Penso que alegre n'alma e no semblante,
Contra os perigos e a derrota fera
O peito põe intrepido e constante.
A tempera melhor não sustivera,
Não de aço, mas de rigido diamante,
Os golpes com que Sueno o campo alaga;
E todo o corpo seu como uma chaga.

O valor, não a vida, lhe alimenta
O soberbo cadaver não vencido.
Ferem-no: fere; e firme se sustenta;
E mais offende, ao ser mais offendido.
Quando eis grande guerreiro se apresenta
Ante elle, atroz no aspecto, enfurecido,
E, após comprida, porfiada guerra,
De muitos ajudado, o lança em terra.

Ca'e, miserrimo caso! o heroe preclaro!
Nem logrou ser por nós alli vingado.
Eu vos attesto a vós, meu senhor caro,
E ao vosso nobre sangue derramado,
Como não fui d'esta existencia avaro,
E não fugi o ferro, acovardado;
Se permittisse Deus que então morrera,
Com as minhas acções o merecera.

Fiquei vivo entre os mortos, eu sómente;
Nem talvez alguem vivo me creria;
Nada mais soube da inimiga gente,
Porque todo o sentir perdido havia.
Mas, quando aos olhos meus a luz fulgente
Voltou, pois negra treva m'os enchia,
Noite me pareceu, e avistei logo
Ao longe o vacillar de tenue fogo.

Não tinha eu tanto alento que pudesse
As coisas distinguir de modo certo;
Mas só da mesma sorte que acontece
Ao que as palpebras abre mal desperto.
Meu padecer fazia que crescesse
A aura nocturna, pois ao ar aberto
Exposto, ao frio, e sobre a terra nua
Das feridas tornou-se a dor mais crua.

Est. xxi a xxvi.

Entretanto de mim se approximava
Com ligeiro rumor a luz sumida,
Té que, chegando perto, em fim parava.
A custo a vista elevo enfraquecida,
E enxergo vultos dois; cada um trajava
Um manto, e um facho tinha; oiço em seguida:
Filho, confia em Deus, cuja piedade
As orações previne com bondade.

Assim me diz um d'elles animando,
E para abençoar-me a dextra avança,
Baixas vozes devoto murmurando,
Que oiço apenas, e a mente não alcança.
Ergue-te, ajunta. Eu obedeço ao mando,
Como se não ferido, sem tardança.
Oh! milagre famoso! até parece
Que insolito vigor me fortalece.

Maravilhado, observo-os; e, suspensa,
A minh'alma entre duvidas anceia.
Percebe-o aquelle: homem de tibia crença,
Que duvidas concebe a tua idéia?
É este nosso corpo vivo e pensa;
Servos de Christo somos, que, da feia
Vida do falso mundo segregados,
Morâmos n'estes ermos ignorados.

Para te dar saúde eu fui eleito
Pelo Senhor que impera á redondeza,
O qual obrar miraculoso feito
Pelos meios humildes não despreza,
E não quer que ahi jaza sem respeito
Quem uma alma abrigou de tal nobreza,
Quem com ella outra vez unir-se deve,
Algum dia immortal, brilhante e leve.

Falo em Sueno, a quem cumpre levantar-se
Tumulo ao que valeu conveniente,
Que inda honrado ha de ser, e indigitar-se
Nos seculos futuros nobremente.
Mas olha o céu; lá fulge a assignalar-se
Entre os astros um astro, sol luzente;
Pois vae com os seus raios conduzir-te,
E o teu inclito chefe descobrir-te.

Então um raio eu vejo que da clara
Estrella, cujo brilho a vista offende,
Direito aonde Sueno a morte achara,
Como aureo traço de pincel, se estende,
E de maneira o corpo seu aclara,
Que cada uma das chagas bella esplende.
Subito n'esse corpo, todo rubro
De sangue, o amado capitão descubro.

Est. xxvii a xxxii.

Sobre a terra de bruços não jazia;
Mas, por sempre lhe andar o pensamento
No céu, para elle o rosto inda volvia,
Qual se aspirasse ao divinal assento.
Cerrada a dextra, em punho o gladio havia,
Manifestando de ferir o intento;
Tinha a outra no peito repoisando,
E como que perdão a Deus rogando.

Emquanto as chagas lavo com meu pranto,
Com que minha paixão nada mitigo,
Abre-lhe a mão fechada o velho santo,
E d'ella extra'e o egregio ferro amigo.
Esta espada, elle diz, que sangue tanto
Derramou n'este dia do inimigo,
De que é tinta, conheces que é perfeita,
E que talvez nenhuma assim é feita.

Por isso praz ao céu, que, se apartada
Foi do seu dono pela acerba morte,
Não permaneça em ocio aqui deixada,
Antes, passe a outra mão valente e forte,
Para com brio egual ser empregada,
Mas por tempo maior com leda sorte,
E tirar (cabe-lhe essa honrosa herança)
Do que matou Sueno inda vingança.

Matou-o Solimão, e ao deshumano
De Sueno a espada ha de arrancar a vida.
Recebe-a; e o campo busca soberano,
De que Sião agora está cingida,
Sem recear que venha novo damno
A marcha perturbar-te emprehendida;
O braço do Senhor é que te guia;
E ha de facilitar-te a ingrata via.

Quer elle que essa voz, de que não priva
O corpo teu, ao mundo manifeste
A piedade, o valor, a furia altiva,
Que em teu chefe adorado conheceste;
Por que a purpurea cruz tomem votiva
Muitos outros, seguindo o exemplo d'este,
E hoje e após muitos lustros inflammados
Sejam n'elle os varões mais illustrados.

Falta-me apenas apontar-te agora
A quem tamanha graça Deus concede:
É ao joven Reynaldo, a que na aurora
Da existencia em arrojo qualquer cede.
Dá-lh'a; e dize que a elle a punidora
Vingança pede o céu, e a terra pede.
Mas, ao passo que ouvidos eu lhe presto,
É-me novo portento manifesto;

Est. xxxiii a xxxviii.

Pois n'aquelle logar onde jazia
O cadaver, vi uma sepultura
Surgir subito, a qual todo o encobria;
Como, o pensar nem mesmo o conjectura;
Em breves termos do varão se lia
O nome n'ella e a indomita bravura.
Eu de tal scena a vista não tirava,
E ora o tum'lo, ora as lettras contemplava.

Aqui, prosegue o velho, descansando
Fica entre os seus teu chefe valoroso,
Emquanto as almas, lá no empyreo amando,
Gosam do bem perpetuo e glorioso.
Porêm tu já pagaste o miserando
Dever á morte, e é hora de repouso:
Hospede meu serás até que inflamme
O sol o espaço e a viajar te chame.

Finda. Eu com elles vou penosamente;
Por valles, por oiteiros caminhâmos;
E a uma gruta, cavada fundamente
Em brutas rochas, afinal chegâmos,
Onde com o discipulo sómente
Vive em meio das feras, que evitâmos;
Mais do que ferro e escudo, de defesa
Lhes serve a sua candida pureza.

Pobre leito, e silvestre mantimento
Ao corpo meu allivio concederam;
Porêm, mal da manhan no firmamento
Os raios de oiro e rosas se accenderam,
Para rezar me ergui, os dois attento
N'isto imitando, que tambem se ergueram.
Depois do santo velho despedi-me,
E aqui, qual me ordenára, dirigi-me.

O tedesco se cala. A quem responde
O pio Godefredo: cavalleiro,
A tua historia é triste; e corresponde
Com magua a tal desgraça o campo inteiro.
Quanto amigo e soldado a morte esconde
Em pouca terra! O vosso tão guerreiro
Senhor, bem como raio fulminante,
Brilhou, despareceu n'um só instante.

Porêm essa derrota e feliz morte
Valem mais que conquistas e grandeza;
Nem poderá jactar-se d'esta sorte
O Capitolio de tamanha empresa.
Ora immortal corôa na alta côrte
Do céu lhes recompensa a fortaleza.
Ahi, julgo eu, suas feridas bellas
Mostra cada um, e alegra-se de vel-as.

Est. xxxix a xliv.

Mas tu, que para os riscos e pelejas
A vida inda desfructas n'este mundo,
Convem que d'essa gloria herdeiro sejas,
E o rosto mostres placido e jocundo.
Do filho de Bertholdo ter desejas
Noticias; saberás que é vagabundo;
Nem julgo bom que o passo d'aqui môvas
Sem d'elle haver primeiro fieis novas.

Este falar de todos traz á mente
Reynaldo, e em todos seu amor ateia.
Quaes dizem: ai! entre descrida gente
O inclito mancebo ora vagueia!
Cada um vae desdobrando longamente
De seus illustres feitos a cadeia
Ao extrangeiro, o qual se maravilha
De quão formosa se lhe ostenta e brilha.

No ponto em que do heroe tinha a lembrança
Os corações assim apiedado,
Voltam muitos, que haviam por usança
Ir em torno prear e roubar gado,
De carneiros e bois com abastança,
Com pouco trigo, (quanto fôra achado)
E de palha tambem com provimento,
Para os corceis famintos alimento.

Estes de desventura conduziam
Triste signal, que na apparencia é certo,
Pois o vestido bellico traziam
De Reynaldo, sanguento, e todo aberto.
Em breve se espalhou (nem poderiam
O accidente esconder) rumor incerto.
Afflicto o vulgo corre, á voz aziaga
Das armas, do guerreiro; o caso indaga;

E logo reconhece a mole immensa
Da coiraça, e as mais peças, e o seu lume,
E o emblema da ave, que á do sol intensa
Chamma os filhinhos educar presume.
Outr'ora, quando a pugna era mais densa
Vêl-as sempre na frente era costume;
E agora, oh! dor! oh! colera! quebradas,
Sem seu dono, as contempla ensanguentadas.

Emquanto gran murmurio se derrama,
Cada qual varia causa á morte dando,
O summo capitão ante si chama
O chefe preador, que era Aliprando,
Homem de livre pensamento e que ama
Quanto é verdade; a quem interrogando:
Esta armadura onde e como a achaste?
Dize tudo que ouviste ou presenceaste.

Est. xlv a l.

Ao que o outro: d'aqui muito distante,
Quanto em dois dias um correio andara,
Breve plaino com Gaza confinante,
Escondido, entre oiteiros, se depara;
Descendo corre lento e sussurante
Um ribeiro para elle de agua clara;
Logar de matto e de arvores cerrado,
Como que para insidias preparado.

Emquanto algum armento procurâmos,
Que pelas verdes margens se pascesse,
Da agua perto um guerreiro morto achâmos
Na herva, que de sangue se enrube'ce.
Fazem suas armas que para elle vâmos;
Cada qual, posto sujas, as conhece.
Eu a todos me adeanto, pois desejo
Notar-lhe o rosto; mas sem fronte o vejo.

Tambem a mão direita lhe faltava;
Das costas golpes mil ao peito havia;
E não longe co'a aguia que alargava
As brancas azas o elmo, só, luzia.
Quando eu d'alguem informação buscava,
Eis um camponezito apparecia,
Que, ao descobrir-nos, para trás volvendo,
Procurou escapar, deitou correndo.

Mas foi seguido e preso; e, perguntado,
Por estes modos afinal se expressa:
Que na vesp'ra da selva um bando armado
Sahira; e que elle se escondera á pressa;
Que um dos seus pelo loiro e ensanguentado
Cabello transportava uma cabeça,
Que ser de imberbe joven distinguiu
Quando o exame primeiro repetiu;

Que o mesmo após instantes a envolvera
N'um panno, e que do arção a poz pendente.
Ajuntou: que das vestes percebera
Serem os cavalleiros nossa gente.
O corpo eu fiz despir com dor sincera,
E a suspeita pranteei amargamente;
Mandei-lhe dar honrosa sepultura,
E trouxe a sua bellica armadura.

Mas, se é de quem supponho, mais honroso
Tumulo cabe ao tronco e pompa rica.
N'isto Aliprando em modo respeitoso
Se aparta, pois mais nada testifica.
Incerto o heroe do facto lastimoso,
Grave e pensando tristemente fica,
E quer que se conheça o manco busto,
E juntamente o matador injusto.

EST. LI a LVI.

Surgia a escura noite, o firmamento
Sob as tetricas azas encobrindo;
E o somno conduzia o esquecimento
Dos males, os cuidados illudindo.
Só provava Argillan bravo tormento,
Grandes projectos no pensar urdindo;
Nem fruiam seus olhos o descanso,
Nem seu animo turvo o somno manso.

Esforçado, em palavras atrevido
E impetuoso, da vida a claridade
Viu este ao pé do Tronto, e foi nutrido
Das discordias civis na tempestade;
Depois o reino, de que foi banido,
Roubou, ensanguentou com crueldade;
Até que á Asia veio, a combatel-a,
E alcançar melhor fama logrou n'ella.

Só dormiu Argillan perto da aurora;
Não foi porêm o seu dormir quieto;
Foi torpor que em sua alma posto fôra,
Profundo, egual á morte, por Alecto.
Caterva de maus sonhos o apavora;
Pois a furia infernal, vária no aspecto,
A seus olhos cerrados se apresenta,
E com horriveis larvas o atormenta.

Grande tronco sem fronte lhe figura,
Do qual o dextro braço mão não tinha;
A cabeça, que a morte desfigura,
Cortada com a esquerda mão sustinha;
Fala a bocca já morta; e, de mixtura
Aos suspiros e á voz, o sangue vinha:
Foge, Argillan; ahi vem a luz do dia;
Foge o campo, e do chefe a tyrannia.

Quem do cru Godefredo, quem do engano,
Com que me assassinou, vos afiança?
Arde, amigos, de inveja o deshumano,
E é matar-vos tambem sua esperança.
Mas, se ao preço da gloria soberano
Tu aspiras, e em ti has confiança,
Oh! não, não fujas, para que elle exangue
Me aplaque os manes no malvado sangue.

Serei comtigo e te armarei; minha ira
Toda derramarei n'esse teu seio.
D'esta maneira no intimo lh'inspira
Alento novo de furores cheio.
Então elle desperta; os olhos gira,
Que respiram rancor, peste e receio;
E, mal armado é, logo os soldados
Da Italia faz que sejam congregados.

Est. LVII a LXII.

Juntou-os no logar, onde se achava
De Reynaldo a armadura suspendida;
E á inquieta paixão que o torturava
Com altivez sem par dando sahida,
Pois quê! de um povo barbaro, bradava,
Que não préza razão, de fé perdida,
Que não farta oiro e sangue, aturaremos
O jugo? á sua lei nos curvaremos?

É tal quanto em sete annos supportado
Havemos do seu mando iniquamente,
Que encherá pelos seculos contado
De pejo e indignação a Italia ingente.
Calo a Cilicia, a qual pelo esforçado
Tancredo foi tomada ousadamente,
E que ora gosa o franco traiçoeiro,
Roubando a fraude o premio do guerreiro.

Calo tambem que aonde é necessario
Decisão, braço firme, ardor que inflamma,
É sempre algum de nós que temerario
Leva entre mortes mil o ferro e a chamma;
Depois, quando se emfim vence o contrario,
E o espolio e as honras distribue a fama,
Coisa alguma nos toca: seus os loiros
São, e o dominio, e as palmas, e os thesoiros.

Julguei outr'ora como coisa incrivel
Soffrermos o que tinhamos soffrido;
Mas hoje não; barbaridade horrivel
As mais a quasi nada ha reduzido;
Sim, mataram Reynaldo, o heroe terrivel;
As leis da terra e céu te'm offendido;
E não os queima o céu, não se abre a terra,
E em seu eterno horror os não encerra!

Mataram no broquel e a forte espada
Da nossa Fé, e jaz ainda inulto?
Deixaram-no, qual presa abandonada,
Nu, ferido, no chão, sem ser sepulto!
Buscaes o auctor da obra scelerada?
A qual de vós, ó socios, é occulto?
De Godefredo e Balduíno a inveja
Ao lacio arrojo não sabeis qual seja?

Mas que tento eu provar? Pelo céu juro,
Que nos escuta, e é da verdade amigo,
Que á hora em que esclarece o mundo escuro
O vi, sombra infeliz e sem abrigo.
Ai! que espectac'lo tão cruel e duro!
Como os tramas predisse do inimigo
Godefredo! Eu o vi; não foi um sonho;
E inda o vejo, onde quer que os olhos ponho.

Est. LXIII a LXVIII.

Que se ha de pois fazer? Baixar-nos-hemos
Sempre a essa mão, de crime tal immunda?
Ou para longe d'elle fugiremos
Para as margens que o Euphrates rega e inunda,
Onde a seus debeis filhos tomaremos
As cidades e os campos que fecunda?
Já são nossos; que tudo a nós rendido
Será, mas não co'o franco dividido.

Vâmos, se não vingado d'esta sorte
Vos praz ficar o corpo do innocente;
Posto que, se o valor, que dorme, forte,
Qual devia, brotasse em vós e ardente,
A vibora feroz, que deu a morte
Ao ornamento e flor da lacia gente,
Exemplo memorando legaria
Com seu fim do futuro á tyrannia.

Eu quizera, se o vósso grande brio
A tudo quanto pode se arrojasse,
Que vossa mão seu peito a ferro frio,
Onde a traição se abriga, castigasse.
Assim diz Argillan fremente, impío;
E fez que a turba a raiva lhe imitasse.
Arma! arma! insano freme, o brado echôa;
E arma! arma! a mocidade audaz pregôa.

Vae entre elles Alecto, a dextra armada,
Veneno e fogo ás almas ministrando,
A colera, a loucura, e a scelerada
Sêde feroz de sangue exacerbando.
Já a peste se estende, e, dilatada,
Sa'e das ítalas tendas trasbordando;
Passa aos helvecios; e d'alli caminha
Para onde a gente ingleza o campo tinha.

Nem sómente a estes povos incitavam
O triste caso, e o gran publico damno;
Tambem velhas offensas augmentavam
O nutrimento ao seu rancor insano.
As preteritas queixas renovavam,
Chamando ao franco perfido e tyranno.
Rebenta em feia ameaça convertido
O odio impaciente e mal contido.

Assim em vivo lume a agua fervendo
Borbulha, e fumo deita, sussurrante,
Té que, dentro do vaso não cabendo,
Salta inundando as bordas espumante,
Nem a suster do vulgo o ardor tremendo
É o juizo e o poder de alguns bastante;
E Camillo e Tancredo longe andam,
Como Guilherme, e os outros que commandam.

Est. LXIX a LXXIV.

Já das armas se apossam furiosos
Em tropel, todos juntos, de repente;
Já sôam com accentos bellicosos
Da sedição as trompas bravamente.
Muitos a Godefredo pressurosos
Pedem que se arme, emtanto, velozmente.
E Balduíno, antes dos mais, armado
Se lhe apresenta, e se lhe põe ao lado.

Ouvindo o chefe a accusação, na altura
Fita o olhar; e, qual sóe, a Deus attesta:
Senhor, pois sabes que a minh'alma é pura,
E que o sangue civil sempre detesta,
De ante a idéia lhes tira a venda escura,
Calma, reprime a insania que os empesta;
E que a minha innocencia, a ti bem certa,
Se mostre ao cego mundo descoberta.

Acaba; e novo fogo que o céu lança
Nas veias correr sente desusado,
De sublime vigor, de alta esperança,
Que a face indica e o tornam confiado.
Dos seus em companhia eil-o se avança
Contra os que imaginavam que vingado
Ia Reynaldo ser; nem entre a fera
Ameaça e as armas o seu passo altera.

Cobre-o fina coiraça; nobre veste
Mais rica traz, e fóra do costume;
Tem nuas mãos e rosto, que celeste
Majestade dardeja e extranho lume;
Brande o sceptro de oiro, e só com este
Aquietar a sedição presume.
Por modo tal ante elles apparece,
E fala; nem mortal nos sons parece.

Quem estas ameaças impensadas
Suscitou? Quem das armas o ruído?
Depois de tantas provas por mim dadas
Sou assim respeitado e conhecido?
Ha contra mim suspeitas levantadas?
Ha quem me accuse? E approvam-no, e é crido?
Esperareis que a vós venha humilhar-me,
Pedir, e com razões justificar-me?

Ah! não oiça tamanha indignidade
A terra, cheia já da minha gloria!
Para me defender tenho a verdade,
O sceptro, e de meus feitos a memoria.
Fiquem nos réos impunes; á piedade
Ceda a justiça a palma da victoria;
Pelo vosso passado vos perdôo,
E ao vosso Reynaldo inda vos dôo.

Est. lxxv a lxxx.

Sómente em Argillan, pois culpa estreita
Só elle tem, do crime caia a pena,
Porque, levado da menor suspeita,
Os outros induziu; isso o condemna.
Do rosto majestoso raios deita,
Emquanto assim se exprime em voz serena,
E tanto, que Argillan (quem o cuidara!)
Attonito, submisso o não encara.

E o vulgo irreverente, audacioso,
Que de colera ha pouco rebramava,
E com mão decidida tumultuoso
O facho e o gladio rábido empunhava,
Cala-se, ouvindo o chefe imperioso,
(Nem com pejo e temor a fronte alçava)
E deixa até que seja manietado
Argillan, de suas armas rodeado.

D'este modo o leão a juba horrivel
Sacode, ruge altivo e se enfurece;
Porêm, mal vê o dono, a quem possivel
Foi só domal-o, os impetos esquece;
Humilde acceita o jugo desprezivel,
E o mando e a ameaça recear parece;
Sem que os dentes e as garras poderosas
Façam as suas forças orgulhosas.

Diz-se que visto foi, encruecido,
Minaz, feroz nos gestos, no semblante,
Um alado guerreiro, que estendido
Tinha ante o chefe escudo de diamante,
A brandir, fulminando, o desvestido
Ferro ainda de sangue gottejànte,
Sangue talvez de reinos e cidades
Que irado o céu chamaram com maldades.

Depõem as armas; finda-se a revolta;
Muitos depõem com ellas os rancores.
Á tenda sua Godefredo volta,
Intento a empresas varias e maiores;
Que, antes que o sol três vezes dê a volta,
Quer de Sião atacar os defensores;
E vae, em tal idéia cogitando
As machinas já promptas revistando.

EST. LXXXI a LXXXV.

CANTO IX

Mas o monstro infernal vendo quietos
Os animos, baldada a ira ardente,
E impedir não podendo os gran decretos
Do destino, ou mudar a eterna mente,
Parte; e por onde passa torna infectos
Os campos, e desmaia o sol luzente.
A nova empresa corre e mal sinistro,
De novas furias portador, ministro.

E como bem conhece que a maldade
Dos seus do campo separado tinha
Do filho de Bertholdo a heroicidade,
Tancredo, e o que de illustre mais continha,
Que espero? diz; da guerra a tempestade
Traga ora Solimão; não no adivinha
O inimigo; triumpho julgo certo
De um campo fraco, desaccorde e incerto.

N'isto vôa para onde entre as errantes
Hordas, que manda, Solimão vivia,
Solimão, que entre quantos arrogantes
Negavam Deus a todos excedia;
Nem, se por outra injuria os seus gigantes
Reproduzisse a terra, egual faria.
Este senhor dos turcos fôra outr'ora,
E a sua capital Nicéa fôra.

Do Sangario ao Meandro se estenderam
Suas terras, onde as gentes já moraram
Da Mysia, Phrygia, e Lydia, onde viveram
As do Ponto, e os bythinios habitaram.
Mas, quando as armas os christãos moveram
Contra os infieis, e á Asia se passaram,
Foi-lhe o reino tomado, elle vencido,
E duas vezes de todo destruido.

Depois, tentando em vão de novo a sorte,
Do seu natal paiz sendo expulsado,
Do rei do Egypto encaminhou-se á côrte,
Que lhe deu cortezmente gasalhado,
E folgou ter por socio homem tão forte
Para no feito entrar assignalado,
Qual era defender a Palestina
Dos que envia contra ella a mão divina.

Est. 1 a v.

Mas antes que da Fé para o desdoiro
A guerra abertamente annunciasse,
Entregou-lhe mui grande copia de oiro
Para que a soldo os arabes tomasse;
E emquanto d'Asia o povo e o povo moiro
Juntava, Solimão, sem que encontrasse
Estorvo, multidão alistou varia
D'aquella raça ladra e mercenaria.

Assim, d'elles tornado chefe e amigo,
Toda a Judéa indomito depreda,
De modo que ao exercito inimigo
Para as costas do mar os passos veda;
E, ainda o insulto recordando antigo,
E do seu reino a miseranda queda,
Maiores coisas merencorio volve,
Porêm na execução não se resolve.

Mostra-se a este Alecto, semelhante
A um homem de edade já cansada,
Sem côr, cheio de rugas o semblante,
Sómente de bigode a cara ornada;
Traz a cabeça envolta n'um turbante,
A veste até ás plantas alongada;
O arco n'uma das mãos, ás costas larga,
Provída aljava, e cimitarra á ilharga.

Emquanto nós andamos percorrendo
Terras ermas, e a areia do deserto,
Despôjo algum, diz ella, recolhendo,
Sem victoria alcançar com louvor certo,
A Sião Godefredo combatendo
Já co'as torres lhe tem o muro aberto,
E veremos, se um pouco mais tardâmos,
Seus estragos e as chammas donde estâmos.

Choupanas incendiadas, preso gado
São os trophéus de Solimão ufano?
Assim cobras o sceptro? Assim vingado
Na affronta cuidas ser, e no teu damno?
Eia, audacia; em seu mesmo campo armado
De noite opprime o barbaro tyranno.
No throno e exilio me provaste; o velho
Araspe crê; confia em meu conselho.

Não nos espera o franco; e até despreza
Os arabes sem armas e medrosos;
Nem imaginará que, á fuga e á presa
Costumados, tanto ousem corajosos.
Mas esforçal-os-ha tua fortaleza
Contra homens a dormir e descuidosos.
Tal falando, o furor que a punje e aquece
N'elle infunde; e nos ares se esvaece.

Est. vi à xi.

Ó tu, que tanto o peito me irritaste,
Grita o guerreiro, ao céu as mãos erguidas,
Que homem não és, mas homem te mostraste,
Já te sigo para onde me convidas.
De mortos, de feridos, qual mandaste,
Montes farei; as terras convertidas
Serão de sangue em rios, se me acodes,
E me guias na treva, como podes.

Cala-se; e, unindo as hostes, sem demora,
Com palavras no fraco inspira alento,
E a todos presta o fogo que o devora,
Para os persuadir ao seu intento.
Sôa a trombeta Alecto; a signa arvora
Co'a propria dextra, e a desenrola ao vento.
Marcha o exercito; e a fama até supplanta
No vôo; tão ligeiro se adeanta.

Segue-o a deusa; mas deixa-o bem depressa,
A fim de disfarçar-se em mensageiro;
E, quando tudo a escurecer começa,
Quasi o dia no termo derradeiro,
Entra em Jerusalem, onde atravessa
A turba mésta; e ao rei conta o guerreiro
Auxilio que dos muros se approxima,
A hora, o signal do ataque; e assim o anima.

N'isto das sombras ca'e o horrido manto
Alastrado de rúbidos vapores;
Banha a terra, em logar do usado pranto,
Tepido orvalho de sanguineas cores;
Enchem monstros o ar; impera o encanto;
Das larvas más escutam-se os clamores.
Plutão o inferno inteiro despejara,
E suas trevas no espaço derramara.

Por tão profundo horror o audacioso
Sultão contra o inimigo se encaminha.
Mas, quando do seu curso tenebroso
A noite a meio já chegado tinha,
Do sitio onde o christão dorme em repouso
A menos de uma milha se avizinha.
Aqui aos seus dá de comer; e em alto
Discurso os avigora para o assalto:

Vêdes um campo alêm de furtos cheio,
Muito mais afamado do que forte,
Que os thesoiros da Asia no seu seio,
Ávido mar, tragou, lançando a morte.
Pois, quasi de perigo sem receio,
Benigna agora vol-o entrega a sorte.
São vossos, nem lhe servem de defesa
As armas e corceis que orna a riqueza.

Est. xii a xvii.

Não é a mesma gente, por que o persa
N'outro tempo, e Nicéa foi vencida;
Em guerra tão extensa e tão diversa
D'ella a parte maior perdeu a vida;
E que o fosse, no somno jaz immersa,
Inerme, e de cuidados esquecida.
Depressa ha de acabal-a nosso braço,
Que do dormir á morte é breve o espaço.

Sus! ávante! eu vos quero abrir estrada
Para o campo através da mortandade;
No ferir imitae a minha espada,
E commigo aprendei a crueldade.
Hoje acaba de Christo a lei errada;
É livre a Asia; é vossa a eternidade.
D'este modo a coragem lhes excita;
Depois tácito a marcha precipita.

Porêm as sentinellas vê na escura
Sombra que incerta luz tingir parece;
Não é como suppoz; de tudo cura
O sabio capitão; nada lhe esquece.
Gritam ellas; o mêdo as apressura
A fugirem da onda que recre'ce;
E a primeira das guardas que desperta
A armar-se corre, como pode, e incerta.

Os arabes os rudes instrumentos
Tocam, mal se conhecem presentidos;
Terriveis gritos vão ao céu nos ventos;
Dos corceis sôam passos e nitridos;
Trôam montes e valles; seus accentos
Pelos abysmos são repercutidos.
Então Alecto ergue do Averno a flamma,
E da cidade os combatentes chama.

Corre o Sultão, e ataca furioso
A guarda que acudiu confusamente,
Mais veloz que tufão tumultuoso
Que rompe de entre os montes de repente;
Rio que arranca os troncos caudaloso,
Raio que as torres queima e prostra ardente,
Terremoto que o mundo enche de horrores,
Egualar não souberam seus furores.

Não baixa o ferro sem que a pleno alcance;
E não alcança a pleno sem que fira;
Nem fere sem que uma alma fóra lance;
E, se incrivel não fosse, eu proseguira.
Peleja, sem que a mão jámais lhe canse,
Como se o ferro agudo não sentira,
Posto que o elmo rebombando sôe,
E horrivel de faíscas se povôe.

Est. xviii a xxiii.

Já a guarda primeira que encontrara,
Só elle, quasi havia derrotado,
Quando, como diluvio, que engrossara
Com rios mil, o bando arrebatado
Vem dos arabes; foge e nunca pára
O christão; e o infiel desordenado
Com elle entra no campo de mixtura,
Enchendo-o de ruína e de amargura.

Traz o Sultão no elmo serpe feia,
A qual desenroscando o collo horrendo,
De azas abertas, sobre os pés se alteia,
A cauda bifurcada retorcendo;
Crêreis que vibra linguas três; que cheia
De raiva, espuma lívida vertendo,
Sibila; que da briga o augmento a abala;
Que se inflamma, e que fumo e fogo exhala.

D'esta maneira armado, fulgurando
O Sultão formidavel se apresenta.
Tal á luz dos relampagos luctando
O oceano se revolve na tormenta.
Uns fogem, pela vida receando;
De outros o punho ousado o ferro ostenta;
A atra noite, que o risco em si occulta,
Redobra a confusão e o risco avulta.

Foi dos que maior alma alli mostraram
Latino, o qual no Tibre vira o dia,
E cuja força, e esforço não domaram
As fadigas, e a edade em que já ia.
Cinco filhos á guerra o acompanharam,
Nas lides costumada companhia;
Quasi em annos eguaes, inda não chegam
A homens, e co'as armas se carregam.

Pelo brio paterno enthusiasmados
Anhelam todos elles o combate.
Vâmos, brada o ancião, filhos amados,
Contra o impiedoso que os que fogem bate;
Nem ver tantos por este derribados
Afrouxe vosso ardor que não se abate,
Pois, ó filhos, as honras e louvores
São vis, quando os não ornam taes cruores.

Assim leôa indomita comsigo
Leva os cachorros, a que nega a edade
As garras tão fataes para o inimigo
E da comprida juba a majestade,
A prear, a assaltar, sem mêdo ao p'rigo,
Movendo-os co'o exemplo á feridade
Contra o que a paz dos bosques alvoroça,
E os menos fortes animaes destroça.

Est. xxiv a xxix.

A Solimão ataca o imprevidente
Bando dos cinco pelo pae seguido;
A um tempo, qual por uma voz e mente,
Dirigem-se seis lanças n'um sentido.
Mas o filho mais velho de imprudente
Deixa a sua; co'o turco destemido
Cerra; e co'a espada rijo em vão forceja
Que sob elle o corcel morto lhe seja.

Mas como á tempestade exposto monte,
Que das ondas soberbo se levanta,
E soffre, sem que nunca se amedronte,
O raio, a ventania, o mar que espanta,
D'este modo o Sultão sublima a fronte
Contra os golpes, e a furia lhes quebranta;
E ao que havia ferido o seu cavallo
Fende a cara das faces no intervallo.

Aramante, do irmão notando a sina,
Sustel-o n'um dos braços inda tenta.
Piedade louca, inutil o domina!
A sua perdição a extranha augmenta;
Que para o braço o ferro o infiel inclina,
E prostra o que é sustido, e o que sustenta.
Tombam, um sobre o outro, a alma exhalando,
Os suspiros e o sangue mixturando!

Depois d'isto a Sabino corta a lança
Com que de longe intrepido o hostiliza;
Com um encontro do ginete o alcança,
E tremulo no chão o deita e o piza.
Do tenro corpo a alma sem tardança
Penosamente sa'e; e á que desliza
Bella e meiga existencia na alegria
Da mocidade, triste adeus envia.

Inda restava Pico, inda Laurente,
Com que n'um parto o pae se enriquecera,
Em coisa alguma um do outro differente,
O que doces enganos promovera.
Mas, se os ha feito o céu tão irmanmente,
Alli os deseguala a morte fera.
Dura diff'rença! a um corta a cabeça
O ferro; a outro o peito lhe atravessa.

O pae (ah! já não pae, que injusta sorte
De tantos filhos n'um momento o priva!)
N'elles mortos contempla a sua morte,
E a da sua progenie, ha pouco altiva.
Nem sei como velhice tem tão forte,
Que em tanta desventura inda é tão viva,
E combate. Dos filhos o semblante
Não viu talvez, e o gesto agonizante,

Est. xxx a xxxv.

Pois parte d'este quadro luctuoso
A escura noite amiga lhe roubara;
Emtanto só se crê victorioso
Se morrer, já que tudo se acabara.
Do seu sangue tornado generoso,
Do sangue do rival tem sêde avara;
Nem se sabe julgar se mais deseja
Matal-o, ou que por elle morto seja.

Grita ao contrario o ancião: tão desprezivel
Me crês, ou me acabrunha tal fraqueza,
Que o teu braço chamar não me é possivel,
Mesmo unindo quanto hei de fortaleza?
Calou-se; e um golpe lhe jogou terrivel,
Que lhe quebrou das malhas a dureza,
E n'um dos lados gran ferida abriu,
Da qual o sangue tépido saiu.

A tal golpe, a taes phrases o acommette
Solimão com a espada, ardendo em ira;
A coiraça lhe abre, (o escudo sete
Vezes envolto em coiro antes lhe abrira)
E o ferro pelas visceras lhe mette.
O misero christão soluça e expira,
O sangue ora da bocca, ora da chaga
Soltando, com que em roda o campo alaga.

Qual do Apennino roble agigantado,
Que, após zombar da procellosa guerra,
Se é por tufão medonho derrubado,
As arvores em torno lança em terra;
Assim ca'e elle, e, do furor levado,
Arrasta no cahir quantos aferra,
Fim que de homem tão bravo ser demostra,
Pois, ao morrer, os inimigos prostra.

Emquanto, o seu rancor desafogando,
O Sultão nos contrarios o fartava,
Animado dos arabes o bando
Egualmente os christãos exterminava.
Draguto ao anglo Henrique, miserando!
E a Oliferno, o bávaro, matava;
E a Gilberto e a Philippe, que no Rheno
Nascidos tinham sido, Ariadeno.

Co'a maça a Ernesto Albázar abatia;
A Enguerrand de Algazel derriba a espada.
Mas quem da morte os modos narraria,
E quanta baixa plebe é victimada?
Desde o principio despertado havia
Godefredo, e, a armadura já tomada,
Dos seus um grosso corpo congregara,
Com o qual diligente caminhara.

Est. xxxvi a xli.

Escutando os clamores e o tumulto,
Mais e mais cada instante formidavel,
Que ser devia repentino insulto
Dos arabes ladrões suppoz provavel;
Pois que não era ao capitão occulto
Como em roda preavam; posto instavel,
E tão grosseira turba não julgasse
Que jámais a atacal-o se arrojasse.

Emquanto elle assim marcha, de repente
Arma, arma, por outro lado sôa,
E quasi ao mesmo tempo horrivelmente
Barbara grita os ares atordôa:
É Clorinda do rei trazendo a gente,
A qual a par de Argante á lide vôa.
Então a Guelfo, que sua vez fazia,
O capitão, voltando-se, dizia:

Ouves o novo estrepito de Marte,
Que da cidade vem, que vem do oiteiro?
É necessario o teu valor e arte
Para enfrear do ataque o ardor primeiro.
Vae pois; tudo provê; comtigo parte
Conduze d'estes meus; eia, ligeiro;
Por outra banda os outros vão commigo
A sustentar o impeto inimigo.

Isto justo, proseguem divididos;
Leva-os egual fortuna com presteza,
Guelfo ao oiteiro, e o chefe onde aos descridos
Arabes cede tudo sem defesa.
Porêm muitos, a este reunidos
No caminho, lhe accrescem fortaleza,
De modo que onde o turco vigoroso
Esparze o sangue chega poderoso.

Assim, descendo do nativo monte,
Não enche o Pó humilde o álveo estreito,
Mas, quanto mais lhe fica atrás a fonte,
Tanto maior se torna, e de tal geito
Que rompe as margens, elevada a fronte,
Tudo alagando que lhe cerca o leito,
E por muitos canaes ao mar parece
Que só guerra, não páreas, offerece.

Vendo fugir os seus amedrontados,
Corre, e assim os ameaça Godefredo:
Que temeis? aonde ides, ó soldados?
Vêde sequer quem vos inspira medo;
Um vil bando, por quem os golpes dados
São nas costas, e o rosto viram cedo.
Para os vencerdes ser-vos-ha bastante,
Não armas, amostrardes o semblante.

Est. xlii a xlvii.

Diz; e o cavallo rábido espicaça
Para onde Solimão peleja forte;
Vôa; por entre o pó e o sangue passa,
Desprezando o perigo, o ferro, a morte;
Pelas mais densas filas abre praça;
Vence-as; prostra-as co'o choque e o igneo corte;
Faz por terra cahir de ambos os lados
Cavalleiros, corceis, armas, soldados.

Sobre montes de mortos fero salta;
Do estrago em meio sem parar caminha.
Não evita o inimigo que o assalta
Solimão, pois temor de nada tinha,
Antes, vae para elle, e, a espada alta,
Em acção de ferir, se lhe avizinha.
Oh! que dois cavalleiros tão subidos
São dos confins do mundo em lucta unidos!

Contra o valor a furia alli peleja
D'Asia a fortuna em limitada arena.
Quem dirá como rapido lampeja
O gladio? Quem da pugna a feroz scena?
A noite adeantada que negreja
Quanto feito ao olvido não condemna,
Feitos que eu passo, dignos do luzeiro
Do sol, e de os notar o mundo inteiro!

Os christãos com tal guia cobram vida,
E avançam decididos e arrojados;
Rodeia a Solimão força escolhida
D'entre os guerreiros seus mais bem armados.
Tanto a gente fiel, como a descrida,
Deixam de sangue os campos alagados;
Vencidos, vencedores d'esta sorte
Similmente recebem, dão a morte.

Quaes com violencia egual e egual braveza
Oppostos austro e áquilo combatem,
Chocando as nuvens, reis da natureza,
E as curvas ondas do oceano embatem,
Assim ambas as partes a crueza
Da pugna disputada não abatem;
Nos encontros horriveis que atordôam
Elmos, gladios, broqueis, a um tempo sôam.

Emtanto em grande numero batalham
Do outro lado tambem sem piedade.
Soccorrendo os pagãos, do espaço coalham
Milhares de anjos máus a immensidade;
Pelo que elles com animo trabalham;
Nem de retroceder sentem vontade.
Argante acceso já na propria chamma,
No vulcão infernal tambem se inflamma.

Est. xlviii a liii.

Este, as guardas christans afugentando,
Velozmente de um salto o campo entrara,
E, de corpos os fossos entulhando,
Para atacar, as sendas aplanara;
Acompanham-no os mais, ensanguentando
As primeiras das tendas; a preclara
Clorinda, descontente do segundo
Logar, segue o guerreiro furibundo.

Já os de Christo para trás volviam,
Quando Guelfo co'os seus chegou potente,
E, fazendo tornar os que fugiam,
Susteve do infiel a furia ardente.
Pelejava-se assim; rios corriam
De sangue dos dois lados irmanmente;
Quando o Senhor, do throno soberano,
Baixou os olhos ao combate insano.

No empyreo se assentava; álem do angusto
Orbe que são juizo não governa,
Donde tudo compõe e ordena, justo
E bondadoso com razão superna,
Da eternidade sobre o solio augusto
Com três luzes fulgindo n'uma eterna.
Tem aos pés, com respeito e abatimento,
Natura, fado, tempo, movimento,

E o espaço, e aquella que anniquila e torna
Em fumo o oiro, as glorias, a conquista,
Como na altura apraz; nem a transtorna,
A colera dos homens; não na avista.
De resplandor tão vivo Elle se adorna,
Que da maior pureza offusca a vista.
Immortaes infinitos o rodeiam,
Que eguaes desegualmente se recreiam.

Do céu com beatifica harmonia
Resôa a côrte em jubilo celeste.
Chama Deus a Miguel, que em brilho ardia,
(Tanto luz a armadura que o reveste)
E lhe diz: não vês como a turba impía
Minha gente fiel e amada investe,
Tomando as armas? como sa'e do fundo
Abysmo, a fim de inquietar o mundo?

Vae; manda-lhe que deixe a guerra dura
Aos guerreiros, a quem compete a guerra;
Nem envenene, como peste impura,
O ar, ou turbe as regiões da terra;
Do Acheronte regresse á noite escura,
Onde a minha equidade em pena a encerra;
Ahi a si, e aos réprobos flagelle.
Eis meu decreto; meu poder o asselle.

Est. liv a lix.

N'isto o chefe da aligera cohorte
Se inclina com humilde acatamento,
E, abrindo as aureas azas, de tal sorte
Vôa, que excede o proprio pensamento.
O fogo passa e a luz, immovel côrte
Do bemaventurado ajuntamento.
Vê depois o céu puro e crystallino,
E o circulo de estrellas peregrino.

Vê mais no aspecto e obras variantes
Á sinistra rolar Saturno e Jove,
E os outros astros que não são errantes,
Porque a suprema força não os move.
Após desce dos campos flammejantes
Da eterna luz para onde trôa e chove,
Para onde o mundo se destroe e pasce,
E morre em suas luctas e renasce.

Com as celestes azas apartando
Da funda escuridão vem os horrores;
O seu divino rosto scintillando
Doira da noite os lugubres negrores;
Assim depois da chuva o sol raiando
As nuvens pinta de formosas côres;
Assim lucida estrella os ares fende,
E sobre o globo rapida descende.

Mas, perto donde as furias alimenta
Dos infieis a multidão culpada,
Pára um pouco, nas azas se sustenta,
Vibrando a lança, e d'este modo brada:
Ó vós, cuja arrogancia inda o céu tenta,
Raça ao desprezo, e ás dores condemnada,
Já devieis saber quão metuendo
Troveja o raio do Senhor tremendo.

Que abra as portas Sião ao sacrosanto
Signal da cruz está nos céus escripto.
Para que luctaes pois co'o fado, e tanto
Irritaes o poder summo, infinito?
Voltae ao reino vosso, onde ha só pranto,
Castigo e morte só, reino maldicto;
Ahi, carcere vosso, e não na terra,
Sejam vossas victorias, vossa guerra.

Ahi vossos furores prepotentes
Praticae nos que soffrem condemnados
Entre os clamores, o ranger dos dentes,
E os ruidosos grilhões sempre arrastados.
Disse; e feriu co'a lança os indolentes.
Todos logo fugindo apressurados
Deixaram a gemer as plagas bellas
Da claridade e auriferas estrellas;

Est. lx a lxv.

E em direcção ao bárathro voaram,
Para aos réus dar o sólito castigo.
Tantas aves jámais o mar passaram,
Buscando contra o inverno doce abrigo;
Nem jámais tantas folhas alastraram
O chão, no outomno ríspido e inimigo.
Livre d'elles, o mundo a face negra
Desveste, e se asserena e realegra.

Mas nem por isso o peito rancoroso
Do altivo Argante menos se encruece,
Posto não sinta o fogo temeroso
De Alecto, e o açoite dos infernos cesse.
Rodeia o duro ferro sem repouso,
Onde a turba mais basta lhe apparece;
Tudo prostra; os soberbos e melhores
Confunde com os vis e inferiores.

Perto Clorinda está; de estrago feio
Junca tambem o campo vencedora;
Enterra a espada a Beranger no seio,
No coração, onde a existencia mora;
E o golpe é tão fatal e tanto em cheio,
Que rubra pelas costas lhe sa'e fóra;
Depois d'este, vulnera triumphante
No collo Albino, Gallo no semblante.

A dextrá de Gernier, por que ferida
Tinha sido, cortada lança em terra;
E ahi fica a saltar a mão sem vida,
E co'os dedos tremendo o gladio aferra.
A serpe a cauda, de que foi partida,
Assim em vão se tenta unir. A guerra
Leva a outro lado a intrepida heroína;
Volta-se contra Achilles, e o fulmina.

Entre a nuca e o pescoço o golpe assenta.
Ca'e a fronte do corpo separada
No terreno, onde vae rolar sanguenta,
De pó a face toda maculada;
E na sella inda o tronco se sustenta
Sentado! Oh! triste vista e desgraçada!
Mas o corcel aqui e alli se vira
Sem governo, escouceia, e ao chão o atira.

Emquanto assim a indomita guerreira
O exercito de Christo rareava,
Contra o infiel Gildipe aventureira
Não menos formidavel se mostrava.
No sexo irmans, por uma só maneira
Em ambas o valor se demonstrava.
Mas não podem medir os seus primores,
Que o céu lhes guarda campeões maiores.

Est. LXVI a LXXI.

Por chegar uma á outra em vão forceja;
Não lh'o concede a multidão espessa.
Porêm o nobre Guelfo, como o veja,
Então contra Clorinda se arremessa;
Fere-a, e no bello lado faz que seja
Tinto o gladio, e algum sangue lh'o enrube'ça.
N'uma estocada ella lhe dá resposta;
Nas costellas o attinge, e audaz o arrosta.

Guelfo repete o bote, que é baldado;
Pois passa acaso o palestino Osmida,
E o ferro, não para elle destinado,
A cabeça lhe corta, e a cara vida.
Mas o franco é por muitos rodeado
Da hoste ás suas ordens submettida,
E tambem da outra parte cresce a turba;
Pelo que a lide ferve e se perturba.

Entretanto da aurora a face clara
Já no purpureo oriente reluzia.
No meio do tumulto se soltara
Argillan da prisão em que jazia,
E das primeiras armas se apossara,
Boas ou más, á sorte; assim elle ia
Por que os recentes erros emendasse
Com os novos triumphos que alcançasse.

Qual corcel que do regio captiveiro,
Onde só para a guerra se destina,
Foge, e corre entre os mais o campo inteiro,
E a agua bebe amada e crystallina;
Sacode, eleva o collo sobranceiro,
Ao vento fluctuante a basta clina;
Fere a terra co'os pés, fogo lançando,
De nitridos o espaço atordoando,

Assim vem Argillan, feroz e ardente
O olhar, a fronte impavida e sublime;
Agil nos saltos, corre velozmente,
Tanto, que mal no chão o rasto imprime;
Chegando perto da inimiga gente,
Bem como se o perigo em nada estime,
Arabes imbecís, d'est'arte exclama,
Do mundo escoria vil, que vos inflamma?

Para vós elmo e escudo muito pésa;
Não podeis supportar grave armadura;
Mas timidos, e nus, do mêdo presa,
O ar feris, e a fuga vos segura.
Só nas trevas mostraes a fortaleza;
Vosso soccorro está na noite escura.
Melhores armas, e mais brio agora
É necessario; já desponta a aurora.

Est. lxxii a lxxvii.

Inda falando assim, um talho dava
Na garganta a Algazel co'a espada fera,
Que as fauces e a palavra lhe cortava,
Que para responder já prompta era.
Torpor gelado de seus membros trava;
Fecha os olhos que a morte escurecera;
Ca'e; e, morrendo, na odiosa terra,
Levado do rancor, os dentes ferra.

Egualmente Agricalte e Saladino
Mata, e Muleiassem; do valoroso
Aldiazil, que alli trouxe máu destino,
Divide em dois o corpo temeroso;
Traspassa o peito e prostra a Ariadino,
Insultando-o com modo desdenhoso;
Este os olhos, nos quaes a luz se esconde,
Levanta, moribundo, e lhe respcnde:

Folga, quem quer que és, com minha morte;
Por tempo curto gosarás da palma;
Espera-te egual sina; mão mais forte
Junto de mim te ha de arrancar a alma.
E elle rindo cruel: a minha sorte
Deus a decidirá; ao frio e á calma
Pasto dos cães ahi fica; após com ira
O piza; e d'elle o ferro e a vida tira.

Um pagem do Sultão alli se via
Mixturado com tantos contendores;
Inda lhe a face liza consentia
A primavera, a quadra dos amores;
Na tez bella o suor lhe reluzia
Em perolas, orvalho sobre flores;
O pó augmenta a graça ao descomposto
Cabello, e é doce a colera em seu rosto.

Monta um corcel egual á propria neve
Apenas cobre do Apennino o cume;
Não é como elle tão veloz, tão leve,
Turbilhão, ou fugaz, vivido lume;
Uma zagaia vibra; espada breve
E recurvada traz de fino gume,
Que em baínha magnifica lhe pende
Ao lado, e de oiro e purpura resplende.

Emquanto o joven que alcançar deseja
Gloria, dos poucos annos seduzido,
As fileiras transtorna, sem que seja
Por nenhum dos contrarios offendido,
Cauto o nota Argillan, para que eleja
Azo de o atacar; emfim colhido
A geito, o seu cavallo a furto mata,
E vae sobre elle, que de erguer-se trata;

Est. LXXVIII a LXXXIII.

E ao tímido semblante, a que a piedade
Em vão servir queria de defesa,
Dirige a mão com gran barbaridade
Offendendo tão candida belleza.
De prancha a espada ca'e, na crueldade
Menor que o que tem de homem natureza.
Mas nada val; para emendar seu erro,
De novo ao mesmo sitio desce o ferro.

Solimão, que não é muito distante,
Com Godefredo em lide, mal avista
O perigo do moço, n'um instante
Volve o corcel, sem que em brigar insista.
Abre o passo co'o gladio; chega ovante
Para vingal-o, e não por que lhe assista;
Pois, triste dor! o seu Lesbin depara
Morto, qual flor que o cegador cortara.

Doce langor os olhos lhe estremece;
Dobrado, o collo para trás se vira;
Gentil, pallido e morto, elle parece;
E tão suave sentimento expira,
Que o Sultão, d'antes pedra, se embrandece,
E pranteia, afogado pela ira.
Tu choras, Solimão? tu que perdeste
O reino, e um pranto nem sequer verteste!

Porêm o gladio do inimigo vendo
Do sangue do mancebo ennodoado,
Vence a colera a dor, e refervendo
No peito estagna o choro magoado.
Corre contra Argillan, a espada erguendo;
Parte-lhe o escudo, e, o elmo penetrado,
Enterra-lh'a na fronte e na garganta;
Golpe d'elle condigno em furia tanta.

Não contente com isto, ao já cahido
Cadaver inda continua a guerra;
Assim o cão das pedras percutido
Com os dentes feroz inda as aferra.
Oh! vão conforto a tanto mal soffrido!
Perseguir o que em breve será terra!
Mas dos francos o chefe batalhava
Emtanto, e em cheio os golpes empregava.

Havia alli mil turcos, de lorigas,
De capacetes e broqueis cobertos,
Indomaveis, afeitos ás fadigas,
De animo audaz, e em pelejar expertos;
Já pertencido haviam ás antigas
Tropas de Solimão; pelos desertos
Da Arabia após vencido o acompanharam,
E amigos na desgraça lhe ficaram.

Est. lxxxiv a lxxxix.

A esses que formavam turba espessa,
Cedendo ao valor franco pouco ou nada,
Godefredo animoso se arremessa;
Fere a ilharga a Rosten; a fronte alçada
A Corcutte; a Selim corta a cabeça,
E os braços a Rossen, co'a forte espada.
Nem estes só derriba e desbarata;
Muitos outros vulnera, e muitos mata.

Emquanto assim persegue a infída gente,
Cujos ataques com denodo arrosta,
Mas derrotal-a a sorte não consente,
Nem lhe ser a esperança descomposta,
Approxima-se nuvem reluzente
De pó e raios bellicos composta;
Lampejam de armas subitos fulgores,
E enchem nos inimigos de temores.

São cincoenta guerreiros; sobre argento
Trazem a cruz purpurea vencedora.
Se eu cem boccas tivesse e linguas cento,
E a minha voz como de bronze fôra,
Dos mortos não dissera o ajuntamento,
Que logo faz a hoste assoladora.
Resistindo e atacando, no conflicto
Ca'e o arabe imbelle e o turco invicto.

O terror, a crueza, o lucto, o espanto
Se espalham; triumphante o espectro vago
Da morte corre tudo; e o sangue é tanto
Que ondeia, parecendo rubro lago.
Já das portas sahido havia emtanto
Dos seus com parte o rei, como presago
Da victoria, e d'aquella altura via
Em baixo o campo, e a guerra que pendia.

Porêm, notando que o mór corpo cede,
Tocar á retirada manda logo,
E á illustre Clorinda, e a Argante pede
Que retrocedam do marvocio jogo.
O sangue os embriaga, e a ira impede
Pôrem os dois em pratica tal rogo;
Retiram-se por fim, unir buscando
Os seus, e ainda os sujeitar ao mando.

Mas a fraqueza e o mêdo quem lograra
Dominar? Vôam todos com presteza;
Um o escudo, outro a espada desampara;
São-lhe as armas estorvo e não defesa.
Entre a cidade e o campo situara
Um val de occaso a sul a natureza;
Para ahi fogem levantando escuros
Densos montes de pó até aos muros.

Est. xc a xcv.

Emquanto d'esta sorte vão descendo,
Segue-os, dizima-os o christão insano;
Mas quando sobem, já vizinho tendo
O soccorro do barbaro tyranno,
O fragoso caminho não querendo
Guelfo tentar, exposto a certo damno,
Pára. O monarcha os seus do tão funesto
Prelio acolhe, inda assim não pouco resto.

Quanto é á força do homen concedido
O Sultão praticou; já mais não póde.
Todo elle suor e sangue, um repetido
Penoso anceio o corpo lhe sacode;
O braço pelo escudo é opprimido;
Fraco vigor á dextra já lhe acode
Para o gladio vibrar, o qual, pelo uso,
Não corta, offende só, de gasto e obtuso.

Hesita, n'este extremo angustioso,
Se alli, a vida desprezando, tire
De o matar ao imigo victorioso
A honra, e contra si a espada vire,
Ou se, sobrevivendo desditoso
Aos derrotados socios, se retire.
Vença o fado, resolve; da victoria
Minha fuga trophéu lhe seja e gloria.

Sim, que as espaldas o christão me veja,
E de novo me insulte, desgraçado,
Com tanto que eu de novo com peleja
Lhe inquiete a paz, e o reino mal firmado.
Não cedo, não; meu odio eterno seja,
Como as offensas que elle me ha causado;
Mais cruel cada vez, lhe farei guerra
Sempre, ainda que morto, e sob a terra.

Est. xcvi a xcix.

CANTO X

Assim dizia, quando perto viu
Um cavallo que errante divagava;
Deitou-lhe a mão, e o dorso lhe opprimiu,
Posto que fatigado e afflicto estava.
Já cahida é a cimeira que luziu
Tremenda, e o capacete lhe adornava;
Tem rôta a sobreveste, e nem vestigio
Conserva ao menos do real fastigio.

Est. i.

Qual lobo, que do aprisco expulso fôra,
Que em procura de abrigo vae correndo,
E, a voragem profunda e tragadora
Do grande ventre saciado havendo,
Ávido de mais sangue, inda de fóra
Deita a lingua, dos beiços o lambendo;
D'este modo, após tanta mortandade,
Satisfeita não acha elle a vontade.

Cerca-o nuvem de settas estridente;
Por lanças mil e mil é alvejado;
Mil espadas o ameaçam ferozmente;
Porêm da morte o guarda amigo fado.
Desconhecido emtanto velozmente
Calca o caminho menos transitado;
E, o que faça volvendo em sua idéia,
Turbilhão de pensares o salteia.

Ir decide a final, 'onde o appellido
Do egypcio rei une hoste poderosa;
Juntar-se a elle, e, á guerra apercebido,
Retentar a fortuna duvidosa.
N'isto certo, e por nada já detido,
Toma a estrada direita que á arenosa
Costa leva, onde Gaza estava sita,
Sósinho; nem de guia necessita.

Sente o mal das feridas aggravar-se,
E enfermo o corpo; mas ávante segue,
Sem descanso lograr, nem desarmar-se,
Aquelle dia inteiro á lida entregue;
Té que, vendo na treva unificar-se
Da natureza a côr, por que socegue,
Desmonta, os golpes trata, e, como póde,
Os fructos de palmeira alta sacode.

Tendo comido, sobre a terra nua
Poisar o corpo molestado assenta,
E no escudo encostando a fronte sua,
Do espirito dar treguas á tormenta.
Mas das feridas cada vez mais crua
Se torna a dor, que muito mais augmenta
Do soffrer e da raiva o interno abutre,
Que do seu coração no fundo nutre.

Emfim, quando ao redor e pelo espaço
Tudo quêdo, a deshoras, permanece,
Os cuidados, vencido do cansaço,
E o cogitar fastidioso esquece;
Que os tristes olhos fecha; e o corpo lasso
E afflicto fraco somno lhe entorpece;
Mas voz severa, emquanto elle dormia,
Assim os seus ouvidos estrugia:

Est. ii a vii.

Solimão, Solimão, esse indolente
Socego para uma outra vez reserva;
Que inda sob o poder de extranha gente
A patria, onde reinaste, geme serva.
E tu dormes aqui tranquillamente
No chão que sem sepulcro os teus conserva?
Onde provaste uma tamanha affronta
Novo dia esperar teu ocio conta?

Acorda o turco; e, erguendo a vista, edoso
Homem descobre, grave no semblante,
O qual arrima n'um bordão nodoso
O passo mal seguro e vacillante.
Quem és tu, lhe pergunta furioso,
Que, phantasma importuno, ao viandante
O debil somno quebras? Que cuidado
Tens da minha vingança e mau estado?

E o velho: um homem sou, o qual em parte
Adivinha, percebe o teu intento;
Só por esta razão, e por amar-te
Mais que julgas, te busco em tal momento.
Falei aspero; foi para incitar-te;
A colera desperta o atrevimento;
Ouve-me pois, senhor; possa mover-te
O prompto brio o que ora vou dizer-te.

É teu projecto, se a verdade eu penso,
Ir ter co'o rei do Egypto assignalado;
Porêm debalde o quererás, o extenso
Caminho em vão por ti será trilhado;
Pois, inda que não vás, virá o immenso
Seu exercito, em breve, congregado;
Nem lá tens nada, onde a coragem mostres,
Nem inimigos nossos a que prostres.

Mas, se por conductor me acceitas, juro
Que na cidade, que o christão sitia,
Sem tirar ferro, te porei seguro,
Ao maximo esplendor da luz do dia.
Ahi, co'as privações e armas em duro
Combate, gosto e gloria te adviria,
Defendendo Sião té que chegasse
Do Egypto a hoste, e a pugna renovasse.

Emquanto assim se exprime, o olhar e a fala
Do velho o turco temeroso admira;
Ouve-lhe a voz, e só por escutal-a
Depõe do rosto e peito o orgulho e a ira.
O teu conselho, nobre ancião, me abala,
Responde; irei 'onde o animo te inspira;
Pois como preferivel sempre tenho
O perigo maior, de mais empenho.

Est. VIII a XIII.

Applaude-o o outro; e, porque emtanto fôra
A noite exacerbando-lhe as feridas,
Lh'as pensa, e ao mesmo passo lhe robora
Com um licôr as forças abatidas.
Depois, como já de oiro o sol colora
As rosas pela aurora desparzidas,
Diz: tempo é de partir; do dia a flamma
Inunda as vias, e ao trabalho chama.

N'isto a um seu carro, que esperava perto,
Sóbe elle e Solimão; co'a mão antiga
Larga as redeas, e os dois corceis experto
Com alternado látego fustiga.
Correm; nem deixa no terreno incerto
Signal a roda, que a passagem diga;
Lançam fogo os cavallos anhelantes;
Alvejam-lhes os freios espumantes.

Então o ar (oh! maravilha rara!)
Em nuvem, ao redor, se lhes condensa,
Invisivel a todos; mas ampara,
E cobre o carro; se uma pedra immensa
Mural, terrivel machina arrojára,
Não lhe pudera, não, causar offensa;
Mas elles do seu seio podem vel-a,
E ver do firmamento a face bella.

De caso tão insolito e estupendo
Enruga a fronte Solimão pasmado;
A nuvem nota, e o carro, que, vencendo
Quantos estorvos ha, vôa apressado.
O socio, o enleio da sua alma lendo
No seu semblante immovel e turbado,
O silencio, chamando-o, lh'interrompe;
Ao que aquelle desperta, e assim prorompe:

Ó tu, quem quer que és, que a natureza
Dobras á tua enorme potestade,
E dos peitos a occulta profundeza
Devassas como impõe tua vontade,
Se o teu saber, que do alto vem, se présa
De futurar do tempo a escuridade,
Dize-me qual o termo que destina
Á grande guerra d'Asia a mão divina.

Mas qual o nome teu? Mas donde a arte
Para coisas tamanhas perfazeres,
Pois devida attenção como prestar-te,
Se minha admiração não desfizeres?
Sorriu-se o velho, e respondeu-lhe: em parte
É-me leve cumprir o que tu queres:
Ismeno sou, na Syria nomeado
Mago, por á magia haver-me dado.

EST. XIV a XIX.

Pretendes que ao porvir afaste o manto,
E abra o livro dos fados escondido!
O poder dos mortaes não chega a tanto;
Audaz é teu desejo, e desmedido.
Caminhe cada qual por entre o pranto;
A isto vão seus esforços e sentido;
Que muita vez succede ao sabio e ao forte
Alcançarem por si ditosa sorte.

Tu a dextra invencivel, que ha em nada
Defender a Sião, estreitamente
Pelo feroz exercito cercada,
E o imperio abalar da franca gente,
Tem contra o fogo e as armas preparada;
Ousa; soffre; confia; espero-o crente.
Mas entretanto o que inda mal eu vejo
Exporei por cumprir o teu desejo.

Vejo, ou supponho-o, um homem, que antes de annos
Muitos volver o luminar do mundo,
Orna a Asia co'os feitos soberanos,
E governa do Egypto o chão fecundo.
Calo a paz, as industrias e os arcanos
De outras mil excellencias que confundo;
Basta saberes que o christão possante
Não só porá em risco, triumphante;

Mas que tambem, cortado nas raizes,
Fará que o injusto reino emfim pereça,
Fechando em solo estreito os infelizes
Restos, onde só coito o mar lhe off'reça.
Este será teu sangue. O que predizes
Muito me alegra, Solimão começa:
Oh! feliz para tanta gloria eleito!
E do goso e da inveja sente o effeito.

Accrescenta em seguida: venha a sorte
Boa ou má, como está na altura escripto;
Não consegue domar meu peito forte,
E ha-de-me achar em qualquer tempo invicto.
Primeiro deixarão a etherea côrte
As estrellas, do que eu deixe o prescripto
E direito caminho. D'este modo
Fala; e arrebata-o energico denodo.

N'estes e outros discursos alcançaram
O logar do guerreiro acampamento.
Que espectaculo acerbo depararam!
Que varias mortes, e que horror sangrento!
Os olhos do Sultão se annuvearam;
E o rosto retratou-lhe o sentimento.
Ah! como os seus pendões d'antes terriveis
Vê a terra varrendo despreziveis!

Est. xx a xxv.

E os christãos ledamente aos pés calcando
Os seus pobres amigos mais queridos;
E arrogantes os mortos despojando
Das armas e dos miseros vestidos!
Muitos com pompa os que amam vão honrando
E os cuidados lhes prestam merecidos;
Muitos sopram no incendio, e a labareda
Arabes, turcos juntamente enreda.

A quadro tal suspira, arranca a espada,
Do carro atira-se, e correr queria;
Porêm o encantador sustem-no, brada,
E enfreia o louco impulso que o movia.
Tendo-o feito subir, tomam na estrada
Que ao mais sublime oiteiro conduzia.
D'esta maneira por um pouco andaram,
E o campo dos fieis ultrapassaram.

Sa'em do carro então, que de repente
Desapparece; a pé ambos proseguem,
E, da nuvem no meio occultamente,
Descendo á esquerda, para um valle seguem,
Té que onde as costas vira ao sol ponente
O monte de Sião afinal cheguem.
Ahi parado o mago se conserva,
Emquanto a parte inferior lhe observa.

N'esse sitio uma gruta fabricou-se
Antigamente no rochedo aberta;
Mas, como a ella ha muito ninguem fosse,
Por arbustos a bocca era coberta.
Apartou-os o magico, e abaixou-se
Para na senda entrar angusta, e incerta;
Co'uma das mãos adeante o espaço tenta,
Para guia ao Sultão a outra apresenta.

Aonde vou, Solimão pergunta, aonde
Por via tão incognita e furtiva?
Outra abrira eu melhor, que não se esconde,
Se o deixasses, co'o gladio á força viva.
Não desdenhes, Ismeno lhe responde,
Esta escura pisar, ó alma altiva;
Trilhou-a n'outro tempo o illustre Herodes,
Illustre em guerras, e imital-o podes.

Esta gruta cavou, quando pôr freio
Quiz aos subditos seus o rei que eu digo.
Invisivel, por ella, e sem receio,
Da torre, que chamou, do caro amigo
Antonio, Antonia, quantas vezes veio,
E penetrou no grande templo antigo!
Por aqui não notado é que sahia
Só ou com gente, e gente recolhia.

Est. xxvi a xxxi.

Esta senda é por mim só conhecida;
Por ella iremos, sem temer affronta,
Aonde tem em conselho a flôr unida
Dos seus, quanto mais bravo e sabio conta,
O rei, que da fortuna embravecida,
Quiçá mais do que deve, se amedronta.
É boa a hora. Attento escuta e cala,
E, sendo occasião, soberbo fala.

Assim lhe disse. Após co'o corpo enchendo
O Sultão a estreitissima caverna,
Pelo caminho tenebroso e horrendo
Acompanha o que os passos lhe governa.
Primeiro baixos seguem; mas crescendo
Largueza á gruta, quanto mais se interna,
Facil e brevemente ambos subiram,
E do antro negro quasi o centro viram.

Então Ismeno abre uma porta estreita,
E vão juntos por não servida escada,
Que por uma abertura do alto acceita
Pallida luz, tremente, minguada,
E para casa subterranea deita;
Da qual sobem a quadra apalaçada,
Onde co'o sceptro e a c'roa refulgente
O rei e os seus estavam tristemente.

Dentro da nuvem concava o guerreiro,
Sem de ninguem ser visto, em roda espia,
E ouve o rei entretanto, o qual primeiro
Assim do bello throno principia:
Foi bem damnoso o dia derradeiro,
Meus subditos fieis, á monarchia;
E, cahidos da nossa confiança,
Temos no Egypto, apenas, esperança.

Mas de nós muito longe esta demora,
E o perigo é mui perto, e se engrandece.
Por isso aqui vos ajuntei agora,
Por que seu parecer cada qual désse.
Calou-se; e, como em selva aura sonora,
Um fraco murmurío em torno cre'ce.
Mas Argante levanta-se com gesto
Nobre, e calma o sussurro manifesto.

Ó magnanimo rei, (esta a resposta
Do cavalleiro bravo e arrebatado)
Porque em materia a todos tão exposta
Nosso voto pretendes escusado?
Só digo: em nós seja a esperança posta;
E, se é certo jámais ficar domado
O valor, só com elle nos armemos,
Nem, se elle o prohibir, a vida amemos.

Est. xxxii a xxxvii.

Não falo assim n'este conselho nosso
Por na ajuda certissima do Egypto
Fé me faltar; que nem justo é, nem posso
Deixar de crer no que meu rei ha dito;
Mas só por desejar mais alvoroço
Em alguns d'entre nós, e arrojo invicto,
Por que, aprestado para qualquer sorte,
Cada um confie na palma, e encare a morte.

Nada mais diz o generoso Argante,
Que a coisa julga em si não duvidosa.
Depois, a auctoridade no semblante,
Ergue-se Orcano, de nobreza honrosa.
Este já nos combates foi prestante;
Mas agora da joven, cara esposa
E dos filhos ao lado, enfraquecido
Vive no amor de pae, e de marido.

Poderoso senhor, eu não accuso
De altiloquo discurso a demasia,
Quando nasce do ardor, que estar recluso
N'alma não quer, nem póde, prorompia;
Mas se o Circassiano tem por uso
Exprimir-se com tanta soberbia,
Essas fortes palavras lhe competem,
Por nas obras mostrar quanto promettem.

Porêm a ti incumbe, a ti, que hão feito
Os successos e a edade tão prudente,
Ao teu conselho conservar sujeito
Esse calor desenfreado, ardente;
Pesar a ajuda longe com o effeito
Do risco de nós proximo ou presente;
Pesar as posses e armas do inimigo
Com tua nova defesa, e o muro antigo.

Nós, perdoem-me o livre pensamento,
Temos situação, animo e arte;
Mas de machinas grande ajuntamento
O franco tambem tem por outra parte.
Não sei da guerra qual será o evento;
Espero e temo o tão voluvel Marte;
E receio, se o cerco mais se aperta,
Que tenhamos ao cabo a fome certa.

Esse gado e esse trigo, que a cidade
Ha um dia recebeu, quando a planura
Ensanguentava a lide, na verdade
Foi para nós a maxima ventura;
Mas de povo tamanha quantidade
Por pouco deve sustentar, se atura
O assedio; e aturará, embora o Egypto
Mande o soccorro quando foi prescripto.

Est. xxxviii a xliii.

E se elle nos tardar? Vâmos, concedo
Que venha antes da esp'rança, e das promessas;
Não vejo da victoria o rosto ledo,
Nem livres as muralhas hoje oppressas.
Pugnaremos com esse Godefredo,
Senhor, com esses chefes, e com essas
Legiões corajosas que hão vencido
O arabe, o turco, o syrio, o persa ardido.

Sabes quaes são, que o campo lhes cedeste
Tanta vez, ó Argante valoroso,
E tanta vez as costas lhes volveste,
Fiando-te no passo pressuroso.
Tu, Clorinda, egualmente os conheceste,
E eu; foi-nos o mesmo o fado iroso.
Não crimino ninguem; nossa ousadia
Muito bem demonstrou quanto valia.

E juntarei, posto que Argante a morte,
Surdo á verdade, ameace: de maneira
Vae dirigindo a inevitavel sorte
Do inimigo fatal a hoste guerreira,
Que não ha gente, nem reparo forte
Que faça ella não reine sobranceira.
Digo-o do rei e patria pelo zelo;
Em testemunho para os céus appello.

Prudente o rei de Trípoli, e assizado,
Que alcançou dos christãos a paz e o mando!
Mas teimoso o Sultão morto ha ficado,
Ou geme, indignos ferros arrastando,
Ou, para mais soffrer inda guardado,
Com medo no desterro anda vagando;
E, se parte cedesse, outra salvára
Com os dons, co'os tributos que pagára.

D'esta maneira Orcano se expressava,
Mas de palavras com rodeio incerto,
Que abater-se, pedir paz evitava
Tímido aconselhar de modo aberto.
Indignado o Sultão tudo escutava,
E não podia ouvir mais, encoberto;
Quando o seu companheiro: por acaso
A que elle continue queres dar azo?

Eu, torna o outro, aqui contra vontade
Me sinto; a raiva e o pejo me incendeia.
Mal isto acaba, logo á claridade
A espessa nuvem se abre que os rodeia,
E nos ares se esva'e com brevidade.
Solimão apparece; e, a face cheia
De resplandor magnanimo, da sala
Em meio, de improviso assim lhes fala:

Est. xliv a xlix.

O Sultão aqui está; eil-o presente;
Como pretendem, não fugiu medroso.
Co'esta mão provar hei de ao que insolente
O avança, que é covarde e mentiroso.
Eu que de sangue fiz larga torrente,
E montes de cadaveres, brioso,
No acampamento dos christãos mettido,
E sem os meus por ultimo, eu fugido?

Mas se este ou outro a elle semelhante,
Á patria sua, á sua crença ingrato,
Ousa accordo propor vil e infamante,
Perdôa-me, senhor, aqui o mato.
O cordeiro co'o lobo devorante,
E as pombas com as serpes terão pacto,
Antes que nós e os francos sobre a terra
Vivamos juntos sem viver em guerra.

A fera dextra ameaçador na espada
Poisa emquanto discorre. Ouve tremendo,
Attonita, em silencio, a voz irada
A assembléa, o temivel rosto vendo.
Depois, com vista menos enturvada,
Cortez, os passos para o rei movendo:
Anime-te, senhor, o meu soccorro;
Eu Solimão em teu auxilio corro.

Aladino, o qual já se tinha erguido,
Responde: ó caro amigo, que alegria
De aqui sêres! A gente que hei perdido
Já não choro; findou quanto temia.
Pódes teu reino restaurar cahido;
Pódes firmar a minha monarchia
Em breve, o céu querendo. E os braços passa
Em torno ao collo do Sultão, que abraça.

Findado o acolhimento, o rei concede
Seu proprio solio ao ínclito Niceno;
Á sinistra se assenta em nobre séde,
E senta de si perto o mago Ismeno.
Da vinda sua emquanto novas pede
A Solimão, saúdam no agareno
Primeiramente a varonil donzella,
E todos os guerreiros depois d'ella.

Veio tambem Ormusse, que alli era,
Pois, co'os arabes que ouvem seu commando,
Quando a peleja ao apogeu crescera,
Por desusadas vias escapando,
Graças á escuridão que o protegera,
Entrara na cidade mais seu bando,
E com o gado e os trigos apanhados
Acudira na fome aos sitiados.

EST. L a LV.

Sómente o Circassiano desdenhoso
E sinistro se quêda, tão terrivel,
Como grave leão, quando em repouso
Ao redor volve os olhos impassivel.
Orcano os seus abaixa receoso;
Nem no Sultão fital-os lhe é possivel.
Taes no conselho estavam no tyranno,
Solimão, e o concurso soberano.

Godefredo entretanto libertado
Tinha as estradas, e seguindo fôra
Os vencidos; depois, já tributado
Aos mortos o dever da extrema hora,
Dispõe que tudo seja preparado
Para assaltar-se na segunda aurora;
E ameaça os cercados com indicio
De maior guerra e de maior exicio.

E porque a hoste audaz, que lhe acudira
Contra a gran multidão da infida gente,
Que era dos seus mais estimados vira,
Dos que Armida illudiu astutamente,
E um d'entre estes Tancredo, o qual cahira
Seu prisioneiro, chama-os diligente.
Com elle ficam só Pedro o Eremita
E alguns que circumspectos acredita.

Eu quereria que um de vós contasse
Vossa peregrinagem trabalhosa.
E como é que chegou nos explicasse
A ponto a vossa ajuda poderosa.
Ninguem se atreve a levantar a face,
Pela culpa ligeira vergonhosa;
Té que, depois que a timidez desterra,
O principe lhe torna d'Inglaterra:

Pela sorte excluidos, de amor cego
Sentindo o fogo, occultos nós partimos,
E do guia fallaz, não vol-o nego,
E da enganosa dama atrás fugimos.
Discordes, com ciume, sem socego,
Por vias intricadas a seguimos.
Ai! tarde o sei! os odios e os amores
Co'a voz nutria e olhares seductores.

Emfim chegámos onde a chamma accesa
No céu cahiu na raça condemnada,
E as offensas vingou da natureza
Por nos crimes andar tão arreigada;
Região já fecunda e de belleza,
Hoje betuminosa agua tornada,
E esteril lago, o qual em quanto alcança
Opprime o ar, e cheiro impuro lança.

Est. LVI a LXI.

D'este lago o mór peso não se atreve
A penetrar o fundo escurecido,
Porêm boiam-lhe á flor, qual pinho leve,
A pedra, o ferro, o homem. Construido
Está n'elle um castello, o qual por breve,
Estreita ponte á margem fica unido.
Alli Armida nos levou; fragrancia,
E risos verte aquella doce estancia.

É branda a aragem, calmo o firmamento;
São lêdos troncos, prados; a agua é pura;
Mana entre myrtos uma fonte, e em lento
Regato se transforma; na verdura
Ca'e influxo suave e somnolento,
Ao rumor da folhagem que murmura;
Cantam nas aves. Oiro e marmor calo;
Nem do lavor maravilhoso falo.

Armida á sombra mais amena e densa
Na relva, junto ao som da lympha clara,
Com vasos esculpidos mesa extensa
De mimosas comidas preparara.
Os fructos que todo o anno ha de nascença,
O que dá terra e mar, e arte alcançara,
Tudo era alli; serviam-nos cem bellas
Apressadas, solicitas donzellas.

A falsa, meiga rindo e conversando,
Seu veneno, cruel, nos propinava;
Nós, bebiamos todos, não cuidando,
Á mesa o olvido e o incendio que abrasava.
N'isto ella se ergue, e diz: volto; e, voltando,
Tão tranquillo o semblante não mostrava;
Trazia na mão dextra uma varinha;
Aberto na sinistra um livro tinha.

Lê; e eu sinto mudar vontade e idéia;
Sinto no corpo e vida transformar-me;
Novo prazer me incita e me recreia;
Salto n'agua, e começo a mergulhar-me.
Como pôde (o pensar aqui se enleia)
O corpo braços, pernas occultar-me?
Encolho-me, já a pelle escâmas somem,
E logo peixe sou em logar de homem.

Assim cada um dos mais desfigurou-se,
E mergulhou, como eu, na viva prata.
Do que era, qual se inquieto sonho fôsse,
Uma recordação tenho inexacta.
De á forma propria nos tornar lembrou-se
Emfim; porêm co'a alma estupefacta,
Mudos ficâmos, quando, torva a vista,
Se exprime d'este modo, e nos contrista:

Est. lxii a lxvii.

Já vos é meu poder bem conhecido,
E como sobre vós hei mando pleno;
De mim pende que em carcere mettido
Um seja, sem rever o céu sereno;
Que outro em passaro seja convertido,
Outro em arvore, ou, só a um meu aceno,
Em pedra se endureça, em molle fonte
Se liquefaça ou traje hirsurta fronte.

Comtudo evitareis minha ira ingente,
Se seguir meu desejo vos agrada:
Se vos fazeis pagãos, e contra a gente
De Christo em nosso pró tomaes a espada.
Todos o accordo enjeitam dignamente,
Exceptuando Rambaldo; e, como nada
Val defesa, algemados n'uma negra
Cova nos põe, que a luz jámais alegra.

Tancredo, por acaso, dentro em breve,
Entrou no mesmo forte prisioneiro.
Mas na prisão por pouco nos reteve
A maga; e, se o que sei é verdadeiro,
Comsigo conduzir-nos d'ella obteve
Do senhor de Damasco um mensageiro,
Para em dom nos levar agrilhoados
Ao rei do Egypto em meio de soldados.

Assim iamos pois; mas, como a alta,
Eterna Providencia o destinára,
Reynaldo, cujo arrojo sempre exalta
Com acções novas sua fama clara,
Encontra-nos; a nossa guarda assalta;
E, obrando as que de obrar jámais deixara,
Vence-a; e as armas, que então ella possue,
A nós, primeiros donos, restitue.

Eu e todos, alli de certo o vimos,
E a dextra lhe apertámos generosa;
Eu e todos, alli de certo o ouvimos;
A nova de ser morto é mentirosa.
D'elle três dias ha nos despedimos,
Quando, a armadura rôta e sanguinosa
Largando, caminhou ao seu destino,
A Antiochia, e com elle um peregrino.

D'esta sorte falava; o ermita emtanto
Ao firmamento os olhos revolvia,
Outro na côr, na catadura; oh! quanto
Mais venerando e sacro parecia!
Cheio de Deus, cheio de zelo santo,
Té á morada angelica subia;
O porvir se lhe mostra, e pela eterna
Serie dos annos o pensar interna;

Est. LXVIII a LXXIII.

E, abrindo a bocca, em discursar profundo,
O que ha de acontecer perto apresenta.
Cada um, para elle olhando tremebundo,
No desusado gesto e voz attenta.
Vive Reynaldo, exclama, inda no mundo;
O resto a fraude feminil o inventa;
Vive; e guarda-lhe a vida no começo
Para outra gloria o céu, de maior preço.

Brincos seus feitos são que a Asia está vendo,
Presagios do clarão que mal assoma.
Eis claro alcanço, o tempo decorrendo,
Que ao impio Augusto elle se oppõe e o doma;
E que, as pennas argenteas estendendo,
A aguia sua cobre a egreja e Roma,
Tendo-a da fera ás garras arrancado.
Dignos filhos dará pae tão honrado.

E os filhos d'estes, e os que após vierem
Seguirão seu exemplo memorando,
As tiaras e os templos que soffrerem
Dos reis máus, dos rebeldes amparando.
Pizar o altivo, erguer os que gemerem
E a innocencia, punir o impio execrando,
Serão suas proezas; triumphante
Passará a aguia d'Este o sol brilhante.

E é bem justo, se á luz tende e á verdade,
Que os raios preste a Pedro irresistiveis.
Onde por Christo se peleje, ella ha-de
Abrir ovante as azas invenciveis:
Dotou-a d'esta nobre qualidade
O céu por suas leis impreteriveis.
Quer pois o Eterno que chamado seja
Reynaldo a entrar de novo na peleja.

D'este modo destroe a voz da morte
Do valente mancebo o sabio ermita.
Só o applauso commum não segue o forte,
Piedoso Godefredo, que medita
Nos vagos casos da futura sorte.
Emtanto a noite as sombras precipita.
Então cada um se vae, e ao somno acode;
Mas do chefe o pensar dormir não póde.

Est. LXXIV a LXXVIII.

CANTO XI

Tendo postos no assalto os pensamentos,
O capitão prudente, sem repouso
Aprestava da guerra os instrumentos,
Quando Pedro o Eremita cuidadoso
O procurou, e, á parte, em taes accentos
Lhe disse venerando e rigoroso:
Senhor, das armas terreaes tu cuidas,
Mas do que é mais precizo te descuidas.

Começa pelo céu; com pios cantos
Seja em publicas rezas invocada
A milicia dos anjos e dos santos,
Por que te hajam victoria bemfadada.
Preceda o clero com sagrados mantos,
E erga fervente, súpplice toada.
Comvosco a piedade o vulgo aprenda,
Grandes chefes, e trilhe a vossa senda.

D'esta maneira se expressou previsto.
Applaude Godefredo o austero velho,
E torna: ó servo de Jesus bemquisto,
Acolho com prazer o teu conselho.
Emquanto chamo os capitães de Christo,
Os ministros congrega do evangelho,
Adelmaro e Guilherme, para olhardes
Por tudo, e a cerimonia apparelhardes.

Na seguinte manhan o ancião juntava
Com esses sacerdotes, os maiores,
No terreno, onde o altar se levantava,
Outros na jerarchia inferiores.
Branca veste cada um d'estes tomava;
Mantos de oiro bordados os pastores,
Que, bipartidos sobre o linho, uniam
No peito; a nobre fronte ambos cobriam.

Pedro caminha deante, e ao vento aberto
Solta o pendão no empyreo respeitado;
Depois o choro a passo grave e certo
Em duas ordens immensas separado,
Que alternamente dúplice concerto
Entoam, sobre a terra o olhar pregado;
Adelmaro e Guilherme, a par marchando,
As compridas fileiras vão fechando.

Est. 1 a v.

Seguem-se: Godefredo, qual a usança
Dos que commandam, só, sem companheiro,
E a dois e dois os principaes; avança
Toda a hoste christan por derradeiro,
Prompta á defesa. Assim com confiança
Deixam no campo; o brado pregoeiro
Da trompa não se escuta, ou sons ferozes,
Mas só de devoção timidas vozes.

A ti, Pae, a ti, Filho, em sêr, grandeza
Eguaes, a ti do amor de ambos nascido,
E a ti, do Homem-Deus ó Mãe illesa,
Imploram no seu canto compungido;
Invocam-vos, a vós, que a fortaleza
Do exercito dos anjos tripartido
Dirigis, e a ti, santo, que na fonte
Lavaste do peccado a diva fronte;

E a ti, sólida pedra, que sustenta
A casa do Senhor segura e forte,
Onde o que em teu logar hoje se assenta
Abre a porta ao perdão; da mesma sorte
Os mais nuncios que o céu nos apresenta,
Que hão publicado a triumphante morte;
E aquelles que a verdade confirmaram,
E co'o sangue e martyrios a sellaram;

Tambem os que ensinaram na perdida
Via do céu co'a penna, ou fala rara;
E aquella que elegeu a melhor vida,
Serva do Redemptor fiel e cara;
E quantas para esposas Deus convida,
Virgens que n'este mundo o claustro ampara;
E as outras que magnanimas soffreram
Tormento, e aos reis e aos povos se atreveram.

Assim cantando o préstito ordenado
Em longa volta lento se encaminha
Para o monte Olivete appellidado,
O que das oliveiras lhe provinha,
Monte por sacra fama celebrado,
Que do oriente os muros avizinha,
Sendo só d'elles pelo val partido
De Josaphá, que em meio está mettido.

Para lá marcha o exercito canoro;
Grutas, oiteiros, valles, resoando,
Fazem voar seu cantico sonoro;
Repetem-no mil echos murmurando,
Nos fundos antros, na folhage um choro
Selvatico, e secreto, semelhando;
Tão perceptivel replicar se ouvia
De Christo o grande nome ou o de Maria.

Est. vi a xi.

Sem se mover, cheio de pasmo, emtanto
Vê tudo das muralhas o precito:
A desusada pompa, o humilde canto,
O tardo movimento, o extranho rito.
Depois, passada do espectac'lo santo
A novidade, alça tremendo grito.
O val, o monte, a rapida torrente
Repetem-lhe as blasphemias claramente.

Mas a suave e casta melodia
A procissão piedosa não deixava,
Nem a clamores taes o olhar volvia;
Como de bando aligero os tomava.
Pelos ares a setta em vão zunia;
Que viesse perturbar não receava
Sua paz de tão longe. Assim levados
Foram ao termo os hymnos consagrados.

Depois no alto do oiteiro o altar se adorna,
Que ao sacerdote o pábulo dispensa,
No qual de cada lado luz entorna
Uma bella, aurea lampada suspensa.
De outras vestes Guilherme então se orna,
Do maior preço; e, após que mudo pensa,
Desprende a voz; accusa-se; e offerece
Graças a Deus, e juntamente a prece.

Ouvem-no os mais chegados humilmente;
Olham-no os mais distantes silenciosos.
Do puro sacrificio finalmente
Celebrados os actos religiosos,
Ergue o pastor a mão solemnemente,
Em face dos guerreiros numerosos,
E os abençôa. O exercito retira
Pela senda que á vinda antes seguira.

Já entra o acampamento, e já se solta;
Torna ao seu pavilhão acompanhado
Godefredo, que muita gente o escolta
Até ao limiar. Ahi chegado,
Por que a despeça para trás se volta;
E só dos capitães fica cercado,
Os quaes recebe á mesa, onde fronteiro
Quer ter Raymundo, o sabio conselheiro.

Após a sêde, e a natural vontade
Dos alimentos mitigada achar-se,
Tudo co'a matutina claridade,
Lhes diz, para o assalto ha de ordenar-se.
Amanhan tereis guerra; em liberdade
É hoje descansar e preparar-se.
Portanto repousae; depois se arompte
Cada um co'os seus, e co'a peleja conte.

EST. XII a XVII.

Da grande tenda os chefes se apartaram;
E os arautos, as trompas emboccando,
Que todos se aprestassem proclamaram
Para a guerra em a aurora despontando.
Assim parte do dia repousaram
Os christãos, parte andaram trabalhando,
Até que trouxe treguas á fadiga
A calma noite do socego amiga.

Mal surgia a manhan no céu escuro;
Mal seu clarão no oriente apparecia;
Nem a terra sulcava o arado duro;
Nem para os campos o pastor volvia;
No ramo estava o passaro seguro;
Na selva nem ladrido ou voz se ouvia;
Quando a soar a matutina tromba
Armas começa, armas o ar rimbomba.

Armas, armas, repetem n'um instante
Em unisono grito cem fileiras.
Põe-se a pé Godefredo, e em vez da ovante
Coiraça, e das usadas canelleiras,
Outra armadura veste, como infante,
De peças mui singelas e ligeiras;
Ao leve peso já o corpo entrega,
Quando Raymundo junto d'elle chega.

Este, assim vendo o chefe, entra em cuidado,
E penetra qual seja a sua mente.
Que é da forte coiraça, do pesado,
Ferreo arnez? Onde vaes tão simplesmente,
Senhor, e em parte inerme? Ajuizado
Não julgo de tal modo ires sómente.
D'estes claros signaes eu imagino
Que méta baixa e obscura é teu destino.

Ah! que desejas? A privada gloria
De assaltador de muros? Que a procure
Quem alma tiver menos meritoria;
Esse, qual deve, ás lides se aventure.
Tu arma-te melhor para a victoria;
Que por nós tua vida se segure;
Do exercito christão nervo e sciencia,
Convem que te preserves com prudencia.

E Godefredo: o que te ha sido ignoto
Sabe agora; cingindo-me esta espada
O grande Urbano, e armando-me devoto
Cavalleiro em Clermont sua mão sagrada,
Fiz ao Senhor tacitamente um voto:
Não só de capitão seguir a estrada,
Mas tambem, qual soldado, preparar-me,
E aos perigos, como outros, arriscar-me.

Est. xviii a xxiii.

Portanto, apenas contra o musulmano
O exercito fiel marchar disposto,
E eu cumprir o que ao mando soberano
Compete, e pela lei me foi imposto,
Justo é (nem o reprovas) do tyranno
Que eu ás muralhas apresente o rosto,
E que a minha promessa a Deus se observe;
Elle só me proteja e me conserve.

Disse; os chefes francezes o imitaram,
E os dois irmãos na edade inferiores;
Os outros principaes tambem se armaram,
Como elles, de peões batalhadores.
Entretanto os pagãos já se postaram
No logar onde aos gelidos rigores
Do norte para o occaso vira o muro,
Sitio facil no accesso, mal seguro,

E donde unicamente se temia
Sião de alguma injuria dos contrarios.
O vulgo forte alli não só unia
Aladino, e os soldados mercenarios,
Mas tambem ás fadigas compellia
Meninos e anciãos por modos varios,
Os quaes vão conduzindo aos mais galhardos
Cal, enxofre, betume, pedras, dardos.

De machinas e de armas arrogante
Mostra-se o muro que do plaino cre'ce;
Da cinta para cima, atroz gigante,
O Sultão indomavel apparece;
Entre as ameias torreando Argante
Ameaçador de longe se conhece;
E na torre angular de altura infinda
Mais que todos avista-se Clorinda.

Cheia de agudas flechas a guerreira
Trazia ás costas pendurada a aljava.
Já nas mãos tinha o arco, já a primeira
Dispunha contra a corda, e álerta estava.
Anciosa de ferir, d'esta maneira
Que chegassem nos francos esperava;
Tal de Delos a virgem seductora
Das nuvens setteava o mundo outr'ora.

Mais a baixo o monarcha, discorrendo
A pé, de uma a outra porta se apressura,
O que ordenou nos muros cauto vendo,
Confortando os cercados, que assegura,
Já reforçando a gente, já provendo
De mais armas; emfim de tudo cura.
As mães afflictas para o templo correm,
E ao seu nume embusteiro se soccorrem:

Est. xxiv a xxix.

Do roubador christão, senhor, a lança
Quebra com esse braço recto e forte,
Pois contra o nome teu jámais descansa;
Ante as portas abate a vil cohorte.
Assim pedem; ouvil-as não alcança
O inferno entre o chorar da eterna morte.
Ora emquanto Sião tal se aprestava,
O pio Godefredo os seus postava.

Primeiro o corpo dos peões presenta
Com muita providencia e bôa arte,
E contra o lanço que assaltar intenta
Obliquo por dois lados o reparte;
As balistas no centro d'elle assenta,
E os mais engenhos horridos de Marte,
Donde se arrojam de braveza cheias
Hastas, pedras ao alto das ameias.

Cobre co'os cavalleiros os infantes
Na espalda, e ordena em róda os corredores.
Dá o signal do ataque; e os sitiantes
Bésteiros tantos são e atiradores,
E os projecteis das machinas volantes,
Que rareando vão os defensores.
Qual expira; da pugna qual se afasta;
Já do muro a corôa é menos basta.

O passo dos christãos enthusiasmados
Quanto possivel é então se apressa.
Os broqueis aos broqueis levam pegados
Muitos para abrigarem na cabeça;
Muitos marcham co'as machinas guardados
Das pedras, cuja chuva nunca cessa;
Até que, approximando-se do vallo,
Tentam co'o chão vizinho nivelal-o.

Não era elle de limo pantanoso,
Nem de agua, porque o solo o não consente;
Portanto enchem-no, ainda que espaçoso,
De troncos, terra e pedras facilmente.
N'isto Alcasto descobre-se animoso;
Põe a primeira escada ao muro em frente;
E sóbe; nem os tiros o demovem,
Nem o betume que as ameias chovem.

Do curso aereo em meio já se via
O fero helvecio, a flexas mil exposto,
E nenhuma offendido ainda o havia,
E a tanta audacia estorvo tinha posto,
Quando redonda pedra (parecia
Lançada por bombarda) junto ao rosto
No capacete o colhe, e ao chão o atira.
Fôra o Circassiano o que o ferira.

Est. xxx a xxxv.

Não é mortal, mas serio o golpe e a queda,
Pelo que immovel ca'e e atordoado.
Então Argante clama, a face lêda:
O primeiro prostrei; quem segue o ousado?
Vinde ao assalto; o mêdo não me arreda;
Não me escondo, qual vós, acovardado.
Vosso abrigo de nada servir deve:
Quaes feras no covil morrereis breve.

Tal dizia; comtudo não deixavam
Os christãos de avançar apercebidos,
E mil settas e pesos sustentavam,
Sob os reparos e os broqueis unidos.
Já aos muros co'o ariete chegavam
Grandes machinas, lenhos desmedidos,
Que tinham de carneiro ferrea fronte.
Tremem nas portas só de os ver defronte.

Emtanto mole de extensão immensa
Por cem mãos é de cima arremessada,
Que dos escudos na juncção mais densa
Tomba, quasi a um monte comparada;
Separa-os; entra-os; e na furia intensa
Elmos, cabeças piza, faz em nada.
De armas, cerebros, ossos fica pleno
O ensanguentado, mádido terreno.

Então os assaltantes de a coberto
Das machinas estar não se contentam;
Mas abalançam-se ao perigo aberto,
E o seu esfôrço á luz do dia ostentam;
Qual arrimando a escada a sobe incerto;
Quaes minar á porfia o muro tentam;
Abre-se este afinal, e ruínoso
Passagem mostra ao franco impetuoso.

E, ao rude encontro, com que o bate e offende
O ariete, sem treguas, cahiria;
Porêm d'entre as ameias o defende
O infiel com saber e valentia;
Pois quando o lenho válido se estende
Desce fardos de lan, nos quaes esfria
O choque, porque o faz menos terrivel
A materia domavel e flexivel.

Emquanto assim o exercito arrojado
Proximo da muralha se chegara,
Tinha por sete vezes encurvado
Clorinda o arco, e a setta disparara;
E outras tantas o ferro açacalado
Nos corpos do inimigo empurpurara,
Não no sangue plebeu, mas no mais digno,
Que o outro, de soberba, julga indigno.

Est. xxxvi a xli.

O menor filho do anglo rei sentiu
Antes de todos seu valor guerreiro.
Mal de fóra a cabeça ella lhe viu,
Um tiro logo lhe jogou certeiro;
Nem de aço o rijo guante lhe impediu
Que a dextra mão passasse ao cavalleiro;
Tanto que este, a bramir mais pela ira
Que pela dôr, inhabil se retira.

Mata o conde d'Amboise junto ao vallo;
Mata Clotario que na escada estava;
Um, depois de no peito vulneral-o;
De lado a lado o outro atravessava.
O ariete puxava, e ia lançal-o
De Flandres o senhor, quando eis lhe crava
Fundo uma flecha no sinistro braço,
Que arrancal-a da carne é vão cansaço.

Ao incauto Adelmaro, o qual distante
O pelejar olhava embravecido,
Fere na fronte setta sibilante;
Leva elle a mão ao sitio assim ferido,
E nova setta a prega no semblante;
Ca'e então no terreno enrubescido,
Ministrando no sangue puro e sacro
Ás armas feminis vasto lavacro.

Não longe das ameias Palamede
Uma escada subia, em nada tendo
O perigo, quando uma flecha o impede,
Que, o supercilio dextro lhe rompendo,
Atravessa do olho a cava séde,
Rasga os nervos, e sa'e sangue vertendo
Pela nuca; da altura elle resvala,
E do muro ao sopé a vida exhala.

Emtanto Godefredo diligente
Em novo assalto opprime os defensores:
Para uma porta faz levar ingente
Lignea torre, entre as machinas maiores
De todas a maior, tão eminente,
Que os muros não lhe estão superiores,
Torre que, de guerreiros grave e armada,
É sobre varias rodas transportada.

Caminha a instavel mole arremessando
Settas, lanças, e por se unir trabalha,
Qual em guerra uma nau outra abordando,
Á opposta e fortissima muralha.
Mas quem a guarda o tolhe, e forcejando,
Tiros d'aqui, d'alli contra ella espalha;
Desvia-a com os piques, e a combate;
E com pedras ameias, rodas bate.

Est. xlii a xlvii.

Tantos dardos e pedras os dois lados
Despediram, que os ares se obumbraram.
Topam-se duas nuvens, e voltados
Alguns dos tiros são aos que os lançaram.
Quaes dos ramos de folhas despojados
Pelas chuvas, que em gelo se tornaram,
Ca'em no chão os fructos immaturos,
Por modo egual os infieis dos muros;

Porque padecem estes mais o damno,
Menos armados. Dos que ainda existem
Muitos tomam na fuga, que ao insano
Fulminifero engenho não resistem.
Mas fica o de Nicéa já tyranno,
E alguns retem, que em pelejar insistem;
E o corajoso Argante a oppor-se corre
Com grande trave do inimigo á torre;

E a repelle, e de si a põe distante
Quanto é comprido o lenho, e o braço forte.
Baixa tambem a atiradora ovante,
E vem dos socios quinhoar a sorte.
Entretanto o christão lida incessante
Por que aos fardos de lan as cordas corte
Com longas foices; estes vão a terra
E o muro deixàm desarmado á guerra.

Assim a torre em cima o fustigava,
E o ariete em baixo ponderoso,
Pelo que já em partes amostrava
O recondito seio; o valoroso
Capitão a distancia pouca estava
Do lanço estremecido e ruínoso,
No seu maior escudo recolhido,
O qual só rara vez era trazido.

D'aqui elle vê cauto o que fazia
O inimigo; e o Sultão nota, o qual de'ce,
E vae pôr-se em defesa onde se abria
A perigosa brecha; que apparece
A audaz Clorinda na elevada via;
E que Argante com ella permanece;
Vê-o, e sente da bravura o effeito
Incendiar-lhe o generoso peito.

Dá-me esse arco e esse escudo mais ligeiro
Do que este, determina ao esforçado
Sigerio, que, seu próvido escudeiro,
Outras armas levava, e tinha ao lado;
Sobre aquelles destroços o primeiro
Serei a entrar o passo receado;
Tempo é já de provar se um feito nobre
Distinctamente meu valor descobre.

Est. xlviii a liii.

Assim, mudado o escudo, elle dissera,
Quando uma setta pelos ares vôa,
E o offende na perna, onde é mais fera
A dôr, que de mais nervos se povôa.
Clorinda, que de ti ella viera,
E te cabe esta honra a fama entôa.
Se os teus da mórte ou jugo não são presa
Então, devem-no á tua fortaleza.

Mas Godefredo as dores mal sentindo,
As mortiferas dores da ferida,
Não susta a marcha, antes, audaz subindo
Pelas ruínas vae, e os mais convida.
Emtanto como, os passos lhe impedindo,
A perna o não sustente enfraquecida,
E, como o andar o padecer lhe augmente,
Á força deixa o assalto finalmente.

E, chamando o bom Guelfo co'um aceno,
Lhe diz: vou-me forçado da peleja;
Que faças minha vez aqui te ordeno,
Té que tornado novamente eu seja.
Vou e volto depressa; é por pequeno
Espaço. Tendo dito o que deseja,
Monta veloz corcel, e n'um momento
Entra, não sem ser visto, o acampamento.

Á partida do chefe tambem parte
Dos francos a fortuna vencedora;
Cresce o vigor pela contraria parte,
E a esperança e a coragem lhe robora.
Já nos de Christo a protecção de Marte
Fallece, e o arrojo, e o espirito de outr'ora;
Já os ferros ao sangue lentos correm;
Já mesmo os sons da trompa quasi morrem.

O parapeito a guarnecer não tarda
A turba que fugira, e ao muro assoma;
Té as donas, a exemplo da galharda
Clorinda (o patrio amor o sexo doma)
Correm, a fim de collocar-se em guarda,
A veste curta, desparzida a coma,
E atiram dardos, sem pavor mostrarem
De pelos seus as lides affrontarem.

O que ao franco moveu maior quebranto,
E ao infiel mais animo infundiu,
Foi verem os dois lados no entretanto
O forte Guelfo que no chão cahiu.
Uma pedra bem certa em povo tanto,
De longe despedida, o descobriu.
Ao mesmo tempo uma outra egual apanha
Raymundo, e em terra o deita, e em sangue o banha.

Est. liv a lix.

Tambem do fosso á borda asperamente
O temerario Eustachio foi colhido.
Nem do inimigo um tiro houve sómente
Dos mil que n'esse trance dolorido
Contra os fieis lançou, que cruamente
Não deixasse algum morto, algum ferido.
Em tal prosperidade, mais Argante
Feroz ainda brada trovejante:

Não é esta Antiochia, não é esta
A noite das traições, a vossa amiga.
Vêde, o sol é brilhante, a gente presta;
Outro é o modo de guerra, outra a fadiga.
Do amor do roubo nem centelha resta
Na vossa alma? O louvor não vos obriga,
Para assim tão depressa fatigados
Cederdes, francos vis e afeminados?

Acaba; e tanto enthusiasmo accende
Do cavalleiro audacioso o peito,
Que aquella ampla cidade que defende
Julgando pouco ser, corre direito
Para o logar onde se o muro fende,
E mostra um passo entre a ruína estreito,
E, occupando-o, ao Sultão, proximo, grita,
E com elle a sahir d'est'arte o incita:

Solimão, este é o sitio, e esta a hora
Julgadores da nossa valentia.
Páras? Que temes? Busque d'aqui fóra
A gloria quem quizer com galhardia.
Assim falando, Argante, sem demora,
Parte, e aquelle tambem, como em porfia;
A um faz o furor se precipite;
A outro a honra e o temerario envite.

Ambos contra o inimigo se arrojaram
Subito, em competencia, inesperados,
E tanto homem por terra derribaram,
E tanto escudo e elmo, denodados,
E tanta escada, e ariete estroçaram,
Que, sendo co'as ruínas mixturados,
De tudo em roda um monte quasi ergueram;
Um reparo em logar do que perderam.

A gente que Sião ha pouco vira
Suas grossas muralhas escalando,
Agora já a entral-as não aspira,
E até mal se defende pelejando;
Do novo ataque cede emfim á ira,
E foge, aos dois as machinas deixando,
Que já não soffrerão outro combate;
Tão forte é este que incessante os bate.

Est. lx a lxv.

Um e outro pagão impetuosos
Cada vez mais avançam, triumphantes;
Já o lume pedem; voam furiosos
Á torre com os fachos flammejantes.
Taes sa'em dos infernos tenebrosos
As três irmans, as cobras sibilantes,
E o fogo na mão impia sacudindo,
O universo assolando e destruindo.

Mas o joven Tancredo, que invencivel
N'outra parte os latinos animava
Para o assalto, ao notar a acção incrivel,
E a gigantesca chamma que ondeava,
No discurso parando, o ardor terrivel
Dos sarracenos a enfrear marchava;
E façanhas obrou de taes primores,
Que venceu, pôz em fuga os vencedores.

D'esta maneira da batalha o estado
Co'o volver da fortuna se volvera.
Emtanto Godefredo vulnerado
Á sua grande tenda se acolhera;
De Sigerio e Balduino acompanhado,
Entre muitos amigos tristes era;
Tirar da chaga a flecha inutilmente
Procura, e quebra a canna impaciente.

O mais apressurado e prompto meio
Para curado ser achar deseja;
Quer que á ferida se descubra o seio,
E que cortada largamente seja.
Restitui-me á guerra, que eu anceio,
Antes que, finda a luz, findada a veja.
Disse; e, encostando-se a comprida lança,
Ao ferro a perna dá com confiança.

Já se apresta Erotímo, ancião preclaro,
Que nas margens nasceu do Pó jocundo,
O qual o emprego mais occulto e raro
Das aguas, e das hervas sabe a fundo;
Ás nove musas egualmente é caro;
Mas em curar se apraz; douto e facundo
Pode os nomes levar á eternidade,
E só nos corpos mostra a habilidade,

Encostado, com face alta e segura,
Soffre immovel o chefe a dôr pungente.
O velho, arregaçada a vestidura,
E os braços livres d'ella, co'o potente
Valor das hervas ora em vão procura
Tirar a flecha, ora co'a mão sapiente;
E a mão de novo e o tenaz ferro emprega
Para a arrancar, embalde; a nada chega.

Est. LXVI a LXXI.

Sua arte o não ajuda; ao seu intento
Não sorri o destino favoravel;
E o martyrio do heroe é tão cruento,
Que se lhe torna quasi insupportavel.
Commovido o anjo seu por tal tormento,
Colhe no Ida o dictamo, herva saudavel,
Toda adornada de purpureas flores,
Que qualidades tem superiores.

Ás cabras da montanha a natureza
Quaes as virtudes que ella tem ensina,
Quando feridas vão, levando presa
No flanco ensanguentado a setta fina.
Embora de mui longe, com presteza
A transporta do anjo a mão divina,
E o seu succo, invisivel, espremendo
N'um banho que se estava então fazendo,

Da nascente da Lydia ao licor santo
Mixtura a planta de vivaz perfume.
Lava a chaga Erotímo; extranho encanto!
Solta-se por si mesmo o ferreo gume,
E pára o sangue; foge a dôr emtanto,
E o seu vigor a perna reassume.
Grita o velho: não foi, não foi, minha arte,
Nem minha dextra que logrou curar-te.

Maior poder te salva; anjo piedoso,
Medico por ti feito, veio á terra;
Vejo da mão de Deus signal famoso.
Toma as armas; que esperas? Volta á guerra.
Calça o chefe, da pugna desejoso,
A purpura; a gran lança com que aterra
Os inimigos brande; o escudo embraça,
Que depuzera, e o capacete enlaça.

Já sa'e do acampamento, e se adeanta
Com mil contra a cidade combatida;
Enturva o ar o pó que se levanta;
Treme a terra a seus passos commovida.
O infiel nas ameias se quebranta,
Vendo-o chegar, e a hoste destemida;
Pelo que lhe congela o sangue o medo.
Solta o brado três vezes Godefredo.

Reconhecem nos seus aquellas vozes,
E o grito que os excita na batalha,
E, recobrando o impeto velozes,
No assalto novo cada qual trabalha.
Porêm já n'isto os dois pagãos ferozes
Se acolhiam na brecha da muralha,
E obstinados a entrada defendiam
De Tancredo, e de quantos o seguiam.

Est. LXXII a LXXVII.

Pelas armas coberto, a fronte alçada,
Chega aqui Godefredo, ardendo em ira;
E logo a desmedida hasta ferrada
Ao torvo Argante fulminando atira.
Machina por melhor, por mais falada,
Jámais lança como esta despedira.
Trôa pelo ar a longa trave, e ao rudo
Golpe intrepido Argante oppõe o escudo.

O ferro lh'o penetra em continente,
E tambem a coiraça lhe atravessa,
Té manchar-se no sangue; o cru descrente,
Sem que ao menos a dôr sentir pareça,
Toma-o, arranca-o das carnes inda quente,
E ao capitão dos francos o arremessa,
Com estas vozes, que o contrario ouviu:
Recebe as armas tuas que eu te enviu.

A hasta, que ora offensa, ora vingança
Conduz, percorre o trilho conhecido;
Porêm o que procura não alcança,
Que elle o corpo lhe furta prevenido;
Encontra o fiel Sigerio, e em terra o lança
Fundamente na goela mal ferido;
Nem pésa a este, em vez do chefe e amigo,
Assim baixar ao sepulcral jazigo.

Quasi a este tempo Solimão vulnera
Com uma pedra o capitão normando,
Que se contorce co'a pancada fera,
E vae a terra, qual pião, rodando.
Não póde mais soffrer, mais nada espera,
Ao vêl-o, Godefredo, que, empunhando
O gladio, das ruínas sóbe o monte,
E ataca os sitiados fronte a fronte.

Alli acções pasmosas praticava,
E oppozição de morte lhe moviam;
Mas já nos céus a noite começava;
A terra as suas azas já cobriam;
E os rancores a treva sopitava;
E a lucta os contendores suspendiam;
Pelo que Godefredo a guerra deixa.
D'est'arte o dia sanguinoso fecha.

Porêm, antes que assim elle cedesse,
Mandou levar ás tendas os doentes;
Nem consentiu que em presa o infiel houvesse
As reliquias das machinas potentes;
Já salva, a torre fez se recolhesse,
O mór terror das inimigas gentes,
Posto que da marvocia, horrenda lida
Aberta n'alguns sitios e partida.

Est. lxxviii a lxxxiii.

A mil perigos escapado havendo,
Toca ella quasi o campo da defesa.
Mas, como nau, que, afoita o mar correndo,
Da tempestade zomba, e o mar despreza,
E, quando o porto proximo já tendo,
Se espedaça das rochas na dureza;
Ou qual corcel, que junto ao poiso amado
Ca'e, após precipicios ter passado;

Tal a torre, da parte d'onde fôra
Mais exposta dos tiros á tormenta,
Duas rodas quebrando, pára agora
Pendida a um lado, e a custo se sustenta.
Mas estacas lhe põe, e firme a escora
A turba que a conduz, a tudo attenta,
Até que promptos os obreiros chegam,
E o prejuizo em reparar se empregam.

Godefredo isto ordena, pois queria
Que antes do novo sol se concertasse;
E esta via occupando e aquella via
A rodeia de força que a guardasse.
Mas na cidade o ruído que se ouvia
Dos instrumentos fez que adivinhasse
Tudo o contrario, e tudo descobrisse
Quanto dos fachos o brilhar lhe disse.

Est. lxxxiv a lxxxvi.

CANTO XII

Era noite, e socego não gosavam
Os corpos da peleja fatigados;
Que no fabril trabalho se empregavam
Os christãos na custodia precatados,
Ao passo que os descrentes reforçavam
Os seus muros, batidos e abalados,
E tapavam nas brechas; egualmente
Dos feridos cuidava uma e outra gente.

Tratados eram estes; e já finda
Era em parte a nocturna e veloz obra;
E durava remissa em parte ainda,
Que ao somno induz a treva que redobra;
Mas não descansa a intrepida Clorinda,
Em que a sêde de honra e valor sobra:
De Argante acompanhada os seus apressa
No labor, e a falar a si começa:

Est. i e ii.

Hoje dos turcos o senhor e Argante
Façanhas singulares praticaram,
Pois, sós, entrando o exercito possante,
Suas machinas fortes destroçaram
Eu, (esta é a minha gloria mais brilhante)
Posto que sempre as settas me ajudaram,
Encerrada, de longe hei combatido.
Só isto a uma mulher é concedido?

Quanto melhor no monte ou na floresta
Não fôra que eu as feras acossasse,
Do que, onde tal valor se manifesta,
A par de heroes donzella me amostrasse!
Porque, se este vestido me molesta,
O de mulher não uso, e escondo a face
No retiro? Isto diz; pensa; e resolve
Grande coisa; e ao guerreiro emfim se volve:

Ha muito um não sei quê de extraordinario
E arrojado me turba a mente incerta,
Ou porque Deus a inspire, ou porque o vario
Seu desejar em Deus o homem converta.
Não vês fóra do campo do contrario
Luzes? Pois eu irei lá encoberta
A torre incendiar, com ferro e fogo;
O céu regule o resto; assim lh'o rogo.

Mas, se me impede minha má ventura
Tornar, deixo-te d'esse velho honrado,
Que sempre me foi pae quanto á ternura,
E das minhas donzellas o cuidado.
Para o Egypto envial-as tu procura
E o ancião já dos annos carregado.
Faze-o por Deus, senhor; é de piedade
Bem digno o debil sexo e a longa edade.

Pasma Argante, e ferido o illustre peito
Do brio pelo estimulo pungente,
Quê? has de ir, lhe responde, ao nobre feito,
E eu ficar entre o vulgo unicamente?
Longe de ti, e em segurança o effeito
Presenciarei do fumo e chamma ardente?
Não; houvemos na guerra a mesma sorte;
Juntos alcançaremos gloria ou morte.

Tambem tenho alma que o morrer despreza,
E que aspira a trocar pela honra a vida.
E ella: demonstraste-o com certeza
Na tua generosa, audaz sortida;
Comtudo eu sou mulher, e nada pésa
Minha falta á cidade confundida;
Mas se tu ca'es (arrede agoiros duros
O céu) quem ha de defender os muros?

Est. III a VIII.

Replica o cavalleiro: escusas frias
Não me demovem, nem razões fallazes;
Seguirei teu exemplo, se me guias,
Ou preceder-te-hei, se o tu não fazes.
Vão ao rei, que do exercito entre os guias
Estava, e entre os mais sabios e capazes;
Ao qual Clorinda: escuta-nos attento,
Senhor, e dá-nos teu aprazimento.

Promette Argante (e em vão não ousa tanto)
Queimar commigo do contrario a torre;
Só esperâmos que este ceda emtanto
Ao somno, e a hora em que o trabalho morre.
Levanta as mãos o rei; alegre pranto
Por suas faces enrugadas corre;
E prorompe: meu Deus, sejas louvado,
Que guardas o teu servo e o seu estado.

Nem cahirá tão cêdo, defensores
Taes encontrando e tão seguro amparo.
Mas que dons obtereis ou que louvores,
Se condigno de vós nada deparo?
Cantem da fama os sons immorredores
Em todo o mundo vosso nome claro:
Vossa obra é vosso premio; e premio deve
Ser-vos do reino meu parte não leve.

Depois d'essas palavras, ternamente
Ora um, ora outro aperta contra o seio.
Não póde Solimão, alli presente,
Á generosa inveja impôr o freio;
Não cinjo, exclama, a espada inutilmente;
Comvosco irei, ou pouco atrás, eu creio.
Ah! Clorinda volveu, todos a esta
Empresa vamos? Se tu vaes, quem resta?

Assim ella falou. Já sobranceiro
A recusal-o se aprestava Argante,
Quando o rei, prevenindo-o, diz primeiro
A Solimão com placido semblante:
Sempre tu, ó magnanimo guerreiro,
Te mostraste a ti mesmo semelhante,
Tu, que nunca ante a face desmaiaste
Dos riscos, e na guerra não cansaste.

Sei quanto ora obrarias pelejando;
Mas julgo inconveniente e perigoso
Ires, nenhum de vós aqui ficando,
Do que a cidade conta mais famoso.
Mesmo imporia a estes o meu mando,
Por poupar-lhes o sangue precioso,
Se não urgisse a utilidade, e houvera
Outrem que acção tamanha emprehendera.

Est. ix a xiv.

Mas, pois a grande torre, por defesa,
De tanta gente em roda se guarnece,
Que força pouca a deixaria illesa,
E ir muita inopportuno me parece,
Partam nos dois sómente para a empresa,
A que sua alma heroica se offerece;
N'esses lances mil vezes se hão achado,
E valem mais que exercito ordenado.

Tu, qual convem á regia dignidade,
Co'os mais aguarda ás portas, eu t'o rogo;
E quando, como a fé m'o persuade,
Elles voltarem, já deitado o fogo,
Do inimigo a domar a feridade,
Se os seguir, e a ajudal-os corre logo.
D'est'arte um rei; o outro não responde;
Porêm o seu desgosto não esconde.

Ismeno, do Orco o magico bemquisto,
Ajunta: antes de o feito começardes
Attendei melhor azo; emtanto um mixto
Vou compor para a machina queimardes.
Então talvez já muitos dos de Christo
Jazam dormindo dos que em guarda achardes.
Concordam; cada qual o tempo espera
Que para o feito mais propicio era.

Deixa Clorinda as vestes que orna o argento,
O elmo gentil, as armas altaneiras,
E toma outras sem plumas e ornamento,
Negras, do fado seu como agoireiras;
Porque julga, indo assim, facil o intento
De atravessar dos francos as fileiras.
Com ella é Arsete, eunucho, que incessante
A tem acompanhado desde infante;

E que, os cansados passos arrastando
Sempre após os seus passos, a seguia.
Afflige-se este, as armas observando
Mudadas, e os perigos em que a via;
E pelas cans, que, d'ella só cuidando,
Entre fadigas mil creado havia,
E pelos seus serviços muito pede
Que fique; mas Clorinda o não concede.

Finalmente lhe diz: já que teimosa
Te vejo, e no teu mal tão firme e dura,
Que nem dos annos meus, nem da piedosa
Vontade, nem do rôgo e prantos cura,
Vou-te mostrar, ó virgem valorosa,
Da tua vida a quadra mais escura;
Depois teu querer ouve ou meu conselho.
Ella ergue a fronte; e, começando, o velho:

Est. xv a xx.

Senapo outr'ora a Ethiopia governava,
E inda a talvez governe afortunado,
O qual na lei de Christo acreditava,
Como tambem o povo seu queimado.
Eu, de crença pagão, a vida escrava
Supportei co'as mulheres mixturado
No seu palacio, servo da raínha,
Que, posto negra, formosura tinha.

Muito a amava o marido; e seu ciume
Em violencia era egual a seus amores.
No afflicto peito o zelo que o consume
A tanto foi crescendo nos temores,
Que a velava de todos; té do lume
Que accende o céu de rútilos fulgores
O quizera fazer. Ella prudente
O servia gostosa e obediente.

De devotas figuras, e de pia
Lenda estava pintada a regia estancia.
Branca donzella presa alli se via,
Coberta de rubor; pouco em distancia
Um cavalleiro um drago percutia,
Morto no proprio sangue. Com instancia
Alli prostrada muita vez ella ora,
E, confessando seus peccados, chora.

Concebe emtanto, e ao mundo lança em breve
Uma menina, que na alvura brilha;
Eras tu. Perturbada, a cor de neve
Contempla; e o caso tem por maravilha;
Mas do rei aos furores não se atreve;
Pelo que assenta de occultar a filha,
Pois elle supporia na brancura
Do corpo teu a sua esposa impura;

E que uma outra creança, que nascera
Negra, lhe seja em teu logar mostrada.
Como a torre, seu carcere, só era
Por mim e pelas servas habitada,
A mim, que sempre a amei com fé sincera,
Te confiou não inda baptizada.
Nem então baptizar-te poderia,
Que o costume da terra o não soffria.

Por que a longe paiz te conduzisse,
Chorando, ella te entrega nos meus braços.
Quem seria que a dôr lhe repetisse,
E os fervorosos, ultimos abraços?
Quantos beijos com pranto! Quantas disse
Queixas, que o soluçar quebrava a espaços!
Emfim, ó Deus, exclama, aos céus erguendo
O rosto, ó Deus, que estás minh'alma vendo,

Est. xxi a xxvi.

Se ella mancha não tem, se fui constante,
E intacto conservei do esposo o leito,
(Por mim não peço, não; de ti deante
Vil sou, e mil maldades tenho feito)
Salva-me a vida da innocente infante,
Á qual denega a mãe materno peito.
Viva, e seja como eu na honestidade,
Porêm aprenda de outra a f'licidade.

Tu, celeste guerreiro, que a donzella
Do veneno da serpe libertaste,
Se te accendi no altar humilde vela,
Se oiro e incenso fragrante me acceitaste,
A Deus a recommenda, para que ella
Com teu soccorro a desventura afaste.
Findou; á triste o coração fechou-se,
E mortalmente pallida tornou-se.

Recebi-te a chorar, e n'uma cesta
Levei-te sob as flores escondida;
Encobri-te de todos; e nem esta
Coisa, nem outra foi jámais sabida
Incognito sahi; e, por floresta
Indo, de escuras arvores vestida,
Uma tigre de feia catadura
Vi caminhando a mim em direitura.

A um tronco subo, áquella vista horrivel;
E tamanho pavor me precipita,
Que te deixo na relva. Ella impassivel
Se chega, e sobre ti os olhos fita;
Porêm com modo placido, aprazivel,
Amoravel até; quem no acredita?
Lenta, depois, a ti se dirigindo,
Te lambe; e tu a acaricias rindo;

E ao focinho feroz, brincando lêda,
Estendes a mãosinha afoitamente.
Ella, como se lhe alma o céu concêda,
Dá-te as têtas; e chúpal-as contente.
De mêdo e pasmo o sangue se me veda;
Sinto, a prodigio tal, confusa a mente.
Como de leite a fera te acha farta,
Para ao bosque tornar, de ti se aparta.

Desço da arvore; apanho-te; e, volvendo
Ao caminho, sem ter mais embaraço,
Páro emfim n'uma aldeia, onde vivendo
Algum tempo, crear-te a occultas faço,
Té que, por mezes dezeseis correndo,
O sol aos homens aclarára o espaço.
Então com lingua lactea a voz soltavas
Inda indistincta, e incerta caminhavas.

Est. xxvii a xxxii.

Mas como perto a épocha já vinha
Em que para a velhice pende a edade,
Eu, rico e farto do oiro, que a raínha
Me concedera em grande quantidade,
De descansar a errante vida minha
Na terra onde nasci tive vontade,
Calmando dos amigos na assistencia
Em meu lar dos invernos a inclemencia.

Para o Egypto, paiz onde fui nado,
Levando-te commigo os passos rejo;
E eis que chego a um logar, onde apertado
Por grosso rio e por ladrões me vejo.
Que deverei fazer? Teu pêso amado
Largar não quero, mas fugir desejo.
Deito-me a nado; afoito as aguas córto,
Co'uma das mãos; co'a outra te supporto.

Rapidissimo é o curso, e mesmo em meio
Forma um redomoínho violento,
O qual, onde abre mais profundo o seio
E mais ferve, me arrasta n'um momento.
Largo-te; mas da agua o farto veio
Te eleva, e, graças a propicio vento,
Na branda areia em salvação te lança;
A praia com afan meu corpo alcança.

Alegre te recolho; e á noite, quando
Tudo já em silencio estava posto,
Vi em sonho um guerreiro, ameaçando,
A espada nua me chegar ao rosto,
E clamar com imperio: ouve o meu mando;
Cumpre o que pela mãe te foi imposto;
A creança baptiza; pois é cára
Ao céu benigno, e meu poder a ampara.

Dó para a respeitar eu dei ás feras
E a agua fiz pensar, e apiedou-se.
Infeliz, se do sonho teu descreras!
Foi Deus que t'o enviou. N'isto calou-se.
Levantei-me: tomei-te donde eras,
E parti, como a luz nascida fôsse.
Mas, crendo a minha fé, e o sonho crendo
Falso, e as maternas preces esquecendo,

Nunca te baptizei; fôste instruida
Qual pagan; coisa alguma tu soubeste.
Com a edade, nas armas atrevida,
Venceste a natureza e te venceste:
Fama, terras ganhaste em marcia lida.
O resto sabes, e tambem como este
Pobre velho de servo e pae te ha feito,
Sempre a teu lado, á guerra expondo o peito.

Est. xxxiii a xxxviii.

Hontem, quando eu, já proximo da aurora,
Jazia em somno, semelhante á morte,
Appareceu-me o anjo, qual outr'ora.
Mas o olhar mais austero, a voz mais forte,
E disse-me: infiel, chegou a hora
De Clorinda mudar de vida e sorte.
Minha será, mau grado teu; com pranto
Sabel-o-has; e voou o nuncio santo.

Ouve-me pois, que para ti prepara
O céu successo extranho. Não consente
Elle talvez contrariar, ó cara,
Dos paes a crença; ou esta unicamente
A verdadeira é. No intento pára;
Depõe as armas; deixa a ousada mente.
Finda e chora. Assustada e pensativa
Fica ella, que egual sonho a tem captiva.

Emfim, asserenando o rosto, exclama:
Persistirei na fé que hei por verdade,
Que me inspiraste com o leite da ama,
E agora de abalar mostras vontade.
Nem deixarei a empresa que me chama,
Por mêdo (d'alma nobre indignidade);
Não; embora de mim tenha deante
Da morte o mais horrifico semblante.

Entretanto o consola; e, pois a obriga
O tempo a executar o grande feito,
Parte, e ao guerreiro indomito se liga,
Que aos perigos quer ser tambem sujeito.
Une-se-lhes Ismeno, o qual instiga
O brio que por si arde no peito.
E lhes dá duas bolas de betume
E enxofre, e em fundo vaso escuso lume.

Sahem de noite, e mudos pelo oiteiro
Descem a passo pressuroso e aberto,
Tanto que donde era o alto madeiro
Dos christãos n'um instante se acham perto.
Então rebenta seu valor guerreiro;
Referve, e salta o coração desperto;
O furor os incita ao sangue, ao fogo.
Brada a guarda, e o signal lhes pede logo.

Ambos seguem calados; ao que a guarda
Grita: ás armas! Ás armas rijo sôa.
O generoso par já mais não tarda,
Porêm, sem se encobrir, não corre, vôa.
Como o raio veloz, como a bombarda,
Que luz e ca'e, e prostra, apenas trôa,
Correr, chegar, ferir o ajuntamento,
Abril-o, e entral-o foi um só momento.

Est. xxxix a xliv.

Apesar das mil armas que os carregam,
E dos golpes innumeros, terriveis,
Já descobrem nos lumes, os quaes pegam
De prompto nas materias combustiveis,
E toda a mole invadem; já se empregam
Em seus gigantes lados as horriveis
Chammas. Quem contaria como ellas
Crescem toldando o brilho das estrellas?

Vê-se em globos o fogo mixturado
Entre rodas de fumo ao céu alçar-se;
Trepa o incendio dos ventos assoprado,
Cujas linguas n'um todo vão juntar-se.
Do franco espanta o olhar amedrontado
A flamma, e corre cada qual a armar-se.
O lenho immenso rue, terror da guerra;
Tal obra um tempo breve põe por terra.

Acode hoste christan; o truculento
Argante, qual se o risco em nada conte,
Lhe grita: o incendio apagarei violento
No sangue vosso, e encara-a fronte a fronte;
Mas a par de Clorinda cede, e lento
Se retira para o ápice do monte.
A turba augmenta mais do que ribeira
Co'a chuva, e sobe, e encalça-os altaneira.

A Aurea Porta patente se offerece;
E ahi está entre muitos Aladino,
Para acolher os dois, se os protegesse
Na façanha e na volta o seu destino.
Já tocam ambos o limiar; recre'ce
O franco, e entra atrás d'elles repentino;
Porêm repelle-o Solimão, e fecha
A porta; só Clorinda fóra deixa.

A guerreira ficou sómente fóra,
Pois, quando aos mais a porta se cerrara,
Precípite sahiu e ameaçadora
A punir Arimon, que a salteara;
E o logrou. Advertido inda não fôra
Por Argante como ella se apartara,
Que privavam da vista e sentimento
A escuridão, a pugna, o ajuntamento.

Mal no sangue fartou a sêde irada,
Clorinda, de si mesma recordou-se,
E, ao ver fechada a porta, e que é cercada
De contrarios, por morta reputou-se.
Crendo entretanto que não é notada,
De novo modo de escapar lembrou-se:
Finge-se franco, e silenciosa, ignota,
Mette-se entre elles, nem alguem a nota.

Est. xlv a l.

Depois, bem como lobo, que se encobre,
Feito o mal, e, manhoso, se desvia,
Da noite protegida, a dama nobre,
Da confusão em meio proseguia;
Mas Tancredo, apesar d'isso, a descobre,
Tancredo, que chegado alli havia,
Quando a Arimon matara a virgem bella,
E assignala-a, e se vae logo após ella.

Quer o esforço medir-lhe acreditando
Ser homem que o merece na bravura.
Clorinda, o alpestre cume rodeando,
Por outra porta penetrar procura.
Apressado o guerreiro a segue, e, estando
Já perto, as armas sôam na armadura;
Vira-se ella, e, que trazes, d'esta sorte
Veloz? lhe brada. Guerra trago e morte.

Guerra e morte haverás; eu não regeito
Dar-t'a, se a buscas; tal responde, e espera.
Apeia-se Tancredo, com respeito
Do inimigo, pois que elle peão era.
Ambos tiram no ferro; ambos no peito
Accendem na altivez e a raiva fera,
E embatem-se crueis, impacientes,
Quaes dois toiros ciosos e frementes.

Grande theatro, e a grande claridade
Do sol deviam ter eguaes façanhas.
Ó noite, que na funda escuridade
As guardaste, e do olvido nas entranhas,
Arrancar-t'as permitte, e á eternidade
Mandar em todo o brilho obras tamanhas.
Que a sua fama viva, e a sua gloria
Vos illumine, ó trevas, a memoria.

Não buscam defender-se ou retirar-se;
No duello a dextreza não tem parte;
Nem os botes fingir, nem regular-se;
Balda a sombra e o furor o emprego d'arte.
Na espada a espada em cheio ao encontrar-se
Tine horrenda; combatem sem que aparte
Nenhum o pé; continuo os braços movem;
E nunca inutilmente os golpes chovem.

Provoca a injuria a colera á vingança;
E co'a vingança a injuria mais se aviva;
Pelo que sempre a dextra, que não cansa,
Com razão nova seu ferir motiva;
Cresce o combate, e mais e mais avança;
Cerram-se, o que de usar o gladio os priva;
Dão-se co'os copos, loucos e sanhudos;
Chocam-se os elmos; chocam-se os escudos.

Est. LI a LVI.

Entre os braços robustos apertara
O heroe três vezes a donzella errante;
E outras tantas Clorinda se soltara
Dos laços do inimigo, e não do amante.
Voltam ao ferro; tinge a espada clara
Sangue de muitas f'ridas; anhelante
E lasso cada um d'elles se retira,
E de tão longo pelejar respira.

Sobre o pômo da espada descansando
O corpo exangue, um para o outro olhava.
Já a ultima estrella desmaiando
Ia no céu, que a aurora mal corava.
Nota o christão mais sangue derramando
O inimigo do que elle derramava,
E soberbo se alegra. Insania nossa!
Que da sorte aura leve tanto possa!

Misero! de que folgas? Em tristeza
Teu triumpho e jactancia hão de volver-se!
Em mar de pranto, se não fôres presa
Da morte, ha de este sangue converter-se!
Assim, quietos e olhando-se, a fereza
De ambos pôde por pouco suspender-se.
Tancredo emfim d'esta maneira disse,
Por que o outro o seu nome descobrisse:

Tanto valor a nossa desventura
Manda brilhar aqui só e escondido;
Mas, se applauso nos nega a sorte dura
E testemunhas, faço-te um pedido,
(Se em combate pedir não é loucura)
Quem és, o que és confessa-me; ou vencido,
Ou vencedor, que eu saiba, para gloria,
Quem me honra com a morte, ou co'a victoria.

Replica-lhe a animosa: inutilmente
Perguntas; nunca o tenho declarado;
Porêm, seja eu quem fôr, de ti em frente
Um tens dos que hão a torre incendiado.
Arde Tancredo em ira, e diligente
Torna: em má hora o affirmas, desgraçado,
Porque a tua resposta só consegue
Que eu a vingança, descortez, empregue.

De novo os toma a colera, e transporta,
Posto já debeis, á terrivel guerra.
Oh! que pugna! Sem arte, e a força morta,
Só na furia o poder de ambos se encerra!
Oh! que sanguinea, que espaçosa porta,
Se na armadura ou carne o gume enterra
A espada! E, se não sa'e do corpo a vida,
É porque a raiva a aperta ao seio unida.

EST. LVII a LXII.

Qual o profundo Egeu, cessando o vento,
Que inteiro o sacudira e revolvera,
Conserva ainda o som e o movimento
Das grossas ondas que alteroso erguera,
Assim, posto lhes falte o sangue e alento,
Que o braço na peleja lhes movera,
O impeto primeiro inda inhumano
Os nutre, e augmenta o damno com mais damno.

Mas eis resôa a hora em que o desterro
Da existencia largar Clorinda deve.
Fere-lhe o bello seio o agudo ferro,
Que a beber o seu sangue, impio, se atreve,
E a veste de oiro ornada, casto encerro,
Que lhe apertava o seio branda e leve,
Á farta purpureia. A triste sente
Os pés faltar-lhe, e a morte vê presente.

Tancredo, na victoria a mente fita,
Contra a donzella ameaçador avança.
Ca'e a pobre, e, cahindo, a bocca afflicta
Abre, e estas phrases derradeiras lança,
Que um desusado espirito lhe dicta,
De fé, de caridade, e de esperança,
Infundidas por Deus, o qual deseja
Que sua ao menos, expirando, seja:

Venceste; eu te perdôo... perdão concede
Não ao meu corpo; já não teme nada;
Mas á minha alma só; por ella pede;
E no baptismo a faze depurada.
Esta fala, que a morte quasi impede,
Tem não sei que de meiga e de chorada,
Que enternece Tancredo, que a inimiga
Dextra lhe abranda, e a lagrimas o obriga.

Perto d'alli um corrego do meio
Do monte sa'e com fraco murmurío,
A elle corre, e, o capacete cheio,
Vae o acto cumprir augusto e pio.
Ao descobrir-lhe a fronte com receio
Sente um tremor, um subitaneo frio.
Vê-a, conhece-a, quêdo, silencioso!
Que vista! Que tormento angustioso!

Mas não morreu; todo o vigor juntando,
Em guarda ao coração, fortificou-se,
E, dentro d'elle as magoas occultando,
Para dar vida a quem matou voltou-se.
Emquanto ia as palavras recitando
Da egreja, ella sorriu-se, e transmudou-se,
Alegre no expirar, qual se dissera:
Em paz morro, por mim o céu espera.

Est. LXIII a LXVIII.

Tinge bello pallor do rosto a alvura,
Quaes violas sobre lirios delicados;
Encara o firmamento a virgem pura;
Olham-na o sol e o céu, como apiedados.
A mão já neve alevantar procura
Para Tancredo, e em vez de sons quebrados
N'esta doce penhor de paz lhe off'rece.
Assim expira, e adormecer parece.

Apenas o infeliz a vê perdida,
Perde a energia que o sustera forte,
E de todo se entrega á dôr pungida,
E ao seu intenso, rábido transporte,
Que só no coração fechou a vida,
E lhe enche as faces e o pensar a morte.
O vivo ao morto se assemelha, mudo,
Insensivel, na côr, no sangue, em tudo.

E a existencia indignada, tristurosa
Da carne o fragil carcere quebrara,
Para seguir de perto a alma formosa,
Que pouco antes da terra se soltára,
Mas chega hoste de francos numerosa,
Que agua ou diversa causa alli levara,
E o guerreiro conduzem co'a donzella,
Mal vivo, ou morto, pois morreu com ella.

Da força o capitão, posto distante,
Pelas armas o principe conhece;
Por isso corre a elle n'um instante;
Depois, a virgem olha, e se entristece;
Nem quer deixal-a á sanha devorante
Dos lobos, inda que infiel parece.
Ambos são sobre os braços dos soldados
Á tenda de Tancredo transportados.

Conduzem-nos a passo grave e lento.
Não torna a si de todo o heroe ferido;
Comtudo solta debil, froixo alento,
E demonstra não ter inda morrido;
Mas o outro corpo jaz sem movimento,
E indica ser o espirito partido.
D'esta maneira os levam té que param
No acampamento; os dois então separam.

Já muitos escudeiros estão perto
Do cavalleiro e o servem promptamente;
Já elle os olhos abre, mal disperto,
E vê a luz; já a cura e as vozes sente;
Mas com juizo estupefacto, incerto,
Ao redor de si olha; o sitio, a gente
Emfim reconhecendo, afflicto exhala
Quanto soffre em submissa, triste fala:

Est. lxix a lxxiv.

Vivo? Respiro ainda? O brilho odioso
Inda contemplo d'este infausto dia,
Que presenceou meu feito tenebroso,
E que me exprobra a minha tyrannia?
Ah! braço, como és fraco e vagaroso!
Tu que sabes ferir com tal mestria,
Tu, ministro d'infame, acerba morte,
Poupas a vida minha d'esta sorte?

Com teu ferro, cruel, passa-me o peito;
Emprega, emprega n'elle os teus furores;
Mas já talvez, a atrocidades feito,
Crês compaixão matar as minhas dores.
Viverei pois, para memoria eleito
De infelizes e lugubres amores.
Só de tão grande crime é digna pena
Este indigno existir que me condemna.

Viverei em tormentos e amargura,
Justos algozes meus, errante, insano;
Haverei mêdo á noite só, escura,
Que me ha de recordar fui deshumano;
Do sol que me alumiou a desventura
Horror terei ao brilho soberano;
Temer-me-hei a mim proprio, em vão tentando
Fugir de mim, commigo sempre andando.

Mas, ai! ó desditoso! onde ficaram
As reliquias do corpo lindo e casto?
Tudo que os golpes meus d'elle pouparam
Talvez dos animaes já seja gasto!
Ai! como, nobre presa, te deixaram!
Ai! doce, caro, precioso pasto!
Ai! contra ti moveu-me a escuridade,
Que após moveu das feras a maldade.

Se acaso inda existis, irei buscar-vos,
E vos conservarei, restos amados;
Porêm, se não puder mais encontrar-vos,
Se de algum animal fostes tragados,
Quero no ventre seu acompanhar-vos;
Sejam por sua bocca devorados
Os membros meus. Feliz, honroso abrigo
Para mim o que fôr vosso jazigo.

D'est'arte se ia o misero carpindo;
Dizem-lhe que alli junto a amada estava:
O seu rosto se aclara, o annuncio ouvindo,
Como do raio á luz tormenta brava;
E a muito custo, pallido, sahindo
Do leito, em que a doença o demorava,
Vae ver Clorinda, enfraquecido e lasso,
Com fadiga arrastando o incerto passo.

Est. lxxv a lxxx.

Apenas lá chegou, no seio puro
Notando a sua obra, a atroz ferida,
E, como céu sereno, posto escuro,
A face peregrina, a côr perdida,
Tremeu de modo, que, a não ser seguro,
Cahiria; e depois logo em seguida:
Ó rosto, que até mesmo a negra morte
Mitigas, porêm não a minha sorte;

Ó idolatrada mão, que me offertaste
Doce penhor de paz e de amizade,
Qual te vejo, ai de mim! qual me tornaste!
E tu, despojo da maior beldade,
Do perverso furor que em mim provaste
Não estás delatando a feridade?
Ó vista minha, qual meu braço crua,
Que vês assim o mal da culpa sua!

E vejo-o sem chorar? Não me concede
Lagrimas o meu peito? Corra ardente
Em vez d'ellas meu sangue; e, como o pede
O seu desejo, que é morrer sómente,
Faixas, feridas rasga; a carne expede
Por estas rubra, tepida corrente;
E matara-se até, se o não livrasse
A propria dor, que fez que desmaiasse.

Posto no leito, a alma, que ligeira
Fugia, á odiosa vida já se chama.
Do seu soffrer, do caso pregoeira,
Voando emtanto a faladora fama
Trouxera o chefe, e a multidão guerreira
Dos amigos selectos que mais ama;
Porêm dictame algum, ou prece branda
O mal tenaz do coração lhe abranda.

Bem como chaga de tremendo corte,
A qual co'o tratamento se encruece,
Nada ha, por mais suave, que o conforte,
Antes, sua dor, se é consolado, cre'ce.
O venerando Pedro d'esta sorte
Notando a ovelha, bom pastor, padece,
E o seu longo delirio vehemente
Exprobra, e o aconselha gravemente:

Ó Tancredo, ó Tancredo, quão mudado
Teu ser está do que outro tempo fôra!
Quem d'este modo surdo te ha tornado?
Que denso véu teus olhos cobre agora?
Este infortunio foi do céu mandado.
Não lhe escutas a voz atroadora,
Que te accusa, e te mostra o já seguido
Caminho, para ti hoje perdido?

Est. LXXXI a LXXXVI.

Deus te convida para o honroso officio
De defensor da sua causa bella,
Que trocaste por vil, triste exercicio,
Por ser amante de infiel donzella.
Com bondadosa colera e propicio
Padecer sua mão leve flagella
Tua loucura, e em ti mostra-te o remedio
Da salvação, mas tua loucura impede-o.

Recusas pois o dom que o céu quer dar-te,
Ó ingrato! e contra elle assim te irritas?
Entregue a teus martyrios, em que parte
D'este modo, infeliz, te precipitas?
O abysmo eterno está quasi a tragar-te;
E não no vês sequer, e não no evitas?
Vê-o, peço-t'o eu; modera a pena,
Que a morte duplicada te condemna.

Calou-se. E o que morrer já pretendia
Cede ao morrer perpetuo e a seus terrores;
Um tanto se conforma, e da agonia
Sente adoçar os intimos agrores;
Comtudo inda lamenta a sorte impía,
E solta seus gemidos e clamores,
Falando a si, ou áquella que formosa
O ouve talvez da esphera luminosa.

A ella chama, e implora em voz cansada,
Quer se ponha, quer surja o claro lume;
Qual roixinol canoro a que roubada
Fôra do tenro ninho a prole implume,
Que as noites em cantiga magoada,
Só chora, e a selva acorda co'o queixume.
Emfim sobre a alva um pouco os olhos fecha,
E o somno pelos prantos entrar deixa.

De estellifera veste, diva essencia,
Então em sonhos se lhe mostra a amante,
De outro tempo guardando inda a apparencia,
Apesar de mais bella e fulgurante;
Limpar-lhe os tristes olhos com clemencia
Parece, e lhe dizer, meigo o semblante;
Vê quão formosa sou, vê-me a alegria,
Querido, e as tuas dores allivia.

Pois quanto sou te devo; tu sómente
Por teu erro do mundo me solveste,
E no gremio de Deus, no céu luzente
Digna de entrar, piedoso me fizeste.
Aqui feliz habito e amando, crente
De que outro assento para ti se apreste,
Onde á luz do gran Sol, em dia eterno
Goses de mim, do seu brilhar superno,

Est. LXXXVII a XCII.

Se não attra'es do céu tu mesmo a ira,
Se não segues dos homens a loucura.
Vive; eu te amo; porque é que t'o encobrira?
Qual posso amar terrena creatura.
Seu olhar, mal d'est'arte se exprimira,
Com sobrehumano resplandor fulgura.
Então nos raios seus se inclue e vôa.
No peito d'elle novo alento côa.

N'isto acordou Tancredo, calma a face,
E á cura se entregou esclarecida;
E ordenou que da amada se enterrasse
O corpo, albergue já de nobre vida.
Se marmore custoso que adornasse
O tumulo não houve e arte subida,
A melhor pedra ao menos escolheram,
E o melhor esculptor que achar puderam.

Depois de fachos por fileira immensa
Fez com illustre pompa acompanhal-a,
E sobre a campa a uma arvore suspensa
Depoz sua armadura para honral-a.
Mas no dia seguinte logo pensa
Em ir, como cumpria, vizital-a;
E, combalido, abandonando o leito,
Partiu cheio de dó e de respeito.

Ao chegar ao sepulcro, no qual vivo
Estava o seu espirito encerrado,
Pallido, silencioso, insensitivo,
N'elle os olhos pregou, gelo tornado;
Um rio emfim vertendo compassivo
De choro, um ai soltou fraco, magoado,
E disse: ó pedra cara e honrada tanto,
Que has dentro o incendio meu, fóra o meu pranto,

Não encerras a morte; só abrigo
És de cinza vivaz, de amor o pouso;
Por ti eu sinto ainda o fogo antigo,
Menos doce, não menos poderoso.
Os meus suspiros, ah! toma comtigo,
E estes beijos que banho lacrimoso;
Dá-os, já que eu não posso, ao corpo d'ella,
Que tanto amei, e que teu seio vela.

Dá-lh'os; que, se o olhar volve benigna
Aos seus restos sua alma encantadora,
Nem o meu dó, nem meu arrojo a indigna;
Que na altura dos céus odio não mora.
Perdão da minha culpa ella me assigna;
E esta esperança meu soffrer minora.
Que só a mão foi despiedada sabe,
E quer que, amando-a, quem na amou acabe.

Est. XCIII a XCVIII.

E amando-a morrerei; feliz tal dia,
E muito mais feliz e appetecido,
Se, como ora aqui estou, ó loisa fria,
De ti debaixo então fôr acolhido.
No céu serão as almas na alegria,
No tumulo um ao outro reúnido:
O que a vida não teve tenha a morte.
Oh! se o posso esperar, ditosa sorte!

Confusamente se sussurra emtanto
Do triste caso na cercada terra;
Já se confirma e espalha, e a cada canto
Da cidade assustada a nova erra,
Junto com gritos e femineo pranto;
Julgáreis que a Sião prostrara a guerra,
E que o impio contrario, e a chamma aziaga
Pelas casas e templos se propaga.

Todos olham Arséte gemebundo,
Que a afflicção retratada tem no aspeito.
Qual os mais, não vêl-e elle o seu profundo,
Cruel penar em lagrimas desfeito;
Suja as cans, e de pó as cobre immundo,
O semblante ferindo, e afflicto peito.
Mas em meio da turba se adeanta
Argante, e d'este modo a voz levanta:

Bem quiz eu, quando vi tinha ficado
Fóra dos muros a donzella forte,
Seguil-a; e inda corri logo apressado
Por quinhoar no risco a mesma sorte.
O que não disse e fiz! Por mim rogado
Foi o rei que cedesse ao meu transporte,
E abrir mandasse as portas da cidade;
Embalde! impoz-me a sua auctoridade.

Ah! certo, se eu então sahido houvera,
Do perigo a guerreira aqui traria,
Ou, como ella, o terreno enrubescera,
E com fim memorando acabaria.
Mas o que me restava? o que pudera,
Se o céu e a terra assim não permittia?
Houve ella fatal morte, e eu bem conheço
O que devo a mim mesmo, não no esqueço.

Ouve, Jerusalem, o que te afiança
Argante; ouve-o, sagrado firmamento;
E, se faltar, fulmina-me: vingança
Tomar eu juro do christão cruento,
Que é isso que me cumpre, a minha herança;
Nem largarei a espada um só momento
Emquanto de Tancredo não derrame
O sangue, e o deixe aos corvos, presa infame.

Est. xcix a civ.

Disse, e os brados multiplices e varios
Dos infieis a promessa lhe applaudiram,
E esses projectos só imaginarios
Allivio em sua magoa produziram.
Oh! juramentos vãos! Cêdo contrarios
Effeitos esperança tal seguiram,
Pois elle pela mão do que já cria
Vencido dentro em breve morreria.

Est. cv.

CANTO XIII

Apenas ca'e em cinza a torre infensa,
Que moveu ás muralhas guerra dura,
Em diversa maneira Ismeno pensa
De tornar a cidade mais segura;
As madeiras, que o franco não dispensa,
Impedir-lhe portanto elle procura,
Para contra Sião, já fulminada,
Não ser uma outra machina formada.

Das tendas dos christãos não longe se ergue,
De ermos valles em meio, alta floresta,
De horridos, velhos troncos basto albergue,
Que derramam de si sombra funesta,
E fazem que, sol claro, mal se enxergue
Em lúz incerta, descorada e mesta,
Qual de encoberto céu, quando succede
O dia á noite, ou á noite o dia cede.

Porêm, mal parte o sol, logo anoitece;
É tudo escuridão, nuvens e horrores,
Copia do inferno; cego o olhar parece,
Ao vêl-a, e o peito se enche de temores.
Com o seu gado aqui nunca apparece
O boieiro; não vem aqui pastores;
Só transviado peregrino a affronta,
Passando ao longe, e receoso a aponta.

Aqui as feiticeiras co'os amados
Se juntam, quando a natureza dorme.
Vôam estes em nimbos transportados,
Qual na forma dragão, qual bóde informe;
Concilio infame, que dos bens anciados
Convida fallaz quadro e amor enorme
Com pompa immunda a celebrar, insanos,
As impias nupcias e os festins profanos.

Est. i a iv.

Era a crença; e nenhum dos habitantes
Jámais da selva os ramos arrancara;
Mas o franco a violou, porque bastantes
Madeiras ella só lhe ministrara.
Aqui entrou o mago nos instantes
Em que a mudez da noite o auxiliara,
Da noite immediata, e, feito um breve
Circulo, aonde seus signaes escreve,

Põe n'elle, descingido, reverente,
O pé descalço, e imprecações vomita;
Os olhos vezes três volta ao oriente;
E três para onde o sol se precipita;
Move outras três a vara, que potente
Tira os mortos da cova, e os resuscita;
E outras tantas co'o pé o solo fere;
Depois, bradando, tal falar profere:

Ouvi-me, ouvi-me, ó vós, que das estrellas
Os raios arrojaram furibundos,
Vós, que formaes as túmidas procellas,
Dos ares moradores vagabundos,
E vós, que as penas infligis áquellas
Almas, que soffrem nos abysmos fundos;
Eu vos invoco, cidadãos do Averno,
E a ti, senhor e rei do fogo eterno.

Em guarda me tomae a selva antiga,
E estes troncos, por mim enumerados.
Como dentro do corpo a alma se abriga,
Sede vós dentro d'elles abrigados,
Para que fuja o franco, ou não prosiga,
E vos tema, os primeiros golpes dados.
O mais que accrescentou foi tão horrivel,
Que impia lingua narral-o é só possivel.

Então os astros mil, de que se adorna
O céu sereno, o magico descora;
Entre nuvens a lua se transtorna,
E vela a sua face encantadora.
Irritado a clamar de novo torna:
Espiritos, que tanto vos demora?
Porque tanto tardar? Estaes esp'rando
Maior mysterio, e mais activo mando?

Pelo desuso não me esquece o meio
Da minha arte mais forte, o mais famoso;
Não; co'a lingua ensopada em sangue feio,
Tambem profiro o nome temeroso,
Que sempre ouviu o inferno com receio,
E a que obedece até Plutão medroso.
Sim, sim... Seguir queria; mas emtanto
Reconheceu que se operara o encanto.

Est. v a x.

Innumeros espiritos maldictos
Chegam, dos que vagando o ar encerra,
E dos que entre o chorar e eternos gritos
Vivem no fundo tetrico da terra.
Inda marcham confusos, os precitos,
Da gran prohibição de andar em guerra,
Posto não lhes tolheu que ora viessem,
E nos troncos e folhas se escondessem.

Ismeno, como tudo estava feito
Para o seu fim, ao rei se torna ledo:
Seguro tens o throno; acalma o peito,
Senhor, e deixa as duvidas e o medo;
Que as machinas, qual ha no seu conceito,
Renovar nunca pode Godefredo.
Assim lhe diz; depois, parte por parte,
Conta os successos da invisivel arte.

A isto, continúa, ora accrescento
Coisa que menos agradar não deve:
No celeste Leão Marte sanguento
Do sol ao orbe se ha de unir em breve;
Nem o seu fogo abrandarão cruento
A chuva, as auras, ou rocío leve;
Pois por quantos signaes nos céus eu vejo
Aridissima sêcca já prevejo.

Egualará da calma a gravidade
A do paiz dos nasamões queimados;
Para nós será menos, na cidade,
De agua, sombras e commodos dotados;
Mas não lhe soffrerão a intensidade
Os francos n'esses campos abrasados;
Assim d'ella vencidos, ha de a gente
Do Egypto destruil-os facilmente.

Triumpharás sem lucta; nem a sorte
Eu creio que tentar mais te convenha;
Porêm, se Argante impaciente e forte,
Que a mais honrosa quietação desdenha,
Te incitar, para nada isso te importe,
E procura como elle se contenha,
Pois dar-te-hão brevemente os céus amigos
Paz e guerra cruel aos inimigos.

Ouvindo-o, o rei infiel se fortalece;
Já não teme o contrario poderoso;
E, inda que em parte reparado houvesse
Os muros do combate furioso,
Em restaurar o mais que inda o carece
Diligente se mostra e cuidadoso.
Ferve incessante a obra; em varios modos
Servos e cidadãos trabalham todos.

Est. xi a xvi.

Emtanto Godefredo, não querendo
Que debalde a cidade se atacasse
Antes que o lenho, presa do tremendo
Fogo, e os outros engenhos reformasse,
Manda, qual costumava, ao bosque horrendo
Os seus, por que madeira se cortasse.
Partem estes sobre a alva; porêm param
Com incognito medo, quando o encaram.

Qual menino innocente, que aos terrores
Das larvas cede, e ao susto que o domina,
Ou no meio da noite e seus negrores
Grandes monstros, portentos imagina,
Taes eram dos obreiros os temores,
Não sabendo o que a tanto os determina,
A não ser o pavor, que talvez finge
Mores portentos que a Chimera ou Esphinge.

A turba retrocede; e intimidada
A sua narração troca e varia
De modo, que não é acreditada,
E até mesmo promove zombaria.
De guerreiros então forte e provada
Força o prudente capitão envia,
Por que os trabalhadores escoltasse,
E a cumprir o trabalho os animasse.

Mal estes do logar se avizinharam,
Onde o inferno seus filhos tinha posto,
E as tenebrosas sombras encararam,
Gelou-se-lhes o sangue; mas, composto
Um pouco o susto, ávante caminharam,
Acobertando-o sob o firme rosto;
E tanto proseguiram, que já perto
Eram do bosque de negror coberto.

N'isto um som parte d'elle, de repente,
Qual rebombo da terra quando treme;
Ouve-se o murmurar do austro, o plangente
Quebrar da onda, que nas rocas geme;
Ruge o feroz leão; silva a serpente;
Uiva o lobo voraz; e o urso freme;
A trombeta diz guerra; os trovões trôam;
Tantos e varios sons n'um som resôam.

Então pallidos todos com espanto
Mil signaes de pavor na face exprimem;
Nem póde disciplina ou razão tanto
Que vençam nas idéias que os opprimem,
E caminhar os façam contra o encanto;
Occultas influencias os comprimem.
Fogem emfim; e um d'elles conta o facto
Ao chefe, e juntamente escusa o acto:

Est. xvii a xxii.

Senhor, nenhum de nós, por mais prestante,
Á floresta se atreve; tão guardada
Está, que eu juraria o arrogante
Rei do inferno ter lá côrte e morada.
Cinge-se vezes três de diamante
Quem fitar n'ella a vista não turbada;
Só, só loucos a ouvil-a trovejando
Se aventuram, rugindo e sibilando.

Assim falava. Alcasto que alli era
Entre muitos, acaso, animo forte,
E de temeridade rude e fera,
Desprezador dos homens e da morte,
Alcasto que nenhum monstro temera,
Inda temivel ao mais fino corte,
Nem o que ha mais violento e mais remoto,
O raio, o furacão, o terremoto,

Sorriu-se ufano; e, sublimando a frente:
Aonde ir este não ousa eu ir confio;
A matta cortarei, eu tão sómente;
Quanto n'ella se acoita desafio.
Não m'o prohibirá phantasma ingente,
Canto de aves, ou brado ou murmurío;
Inda mesmo que em seu pavor interno
Ache o caminho para o baixo inferno.

D'esta sorte blazona; já licença
Do chefe obtida, ao bosque se encaminha;
Encara-o destemido; escuta a immensa
Bulha de extranhos sons, que de lá vinha;
E em retroceder sequer não pensa;
Seguro avança; e quasi que já tinha
Calcado o chão defeso; mas suspende-o,
Ante elle alevantado, enorme incendio,

Que em forma de muralha para a altura
Cresce, e as linguas atira fumegantes,
Rodeando a floresta, que segura
Assim contra os machados scintillantes.
Mostram nas mores chammas a figura
De soberbos castellos torreantes.
Esta outra Dite está bem defendida,
E de apparelhos bellicos munida.

Oh! quantos monstros com aspecto horrivel
Das setteiras em guarda estão armados!
Quaes o contemplam com olhar terrivel,
Quaes o ameaçam co'os ferros apontados.
Foge elle emfim; e, qual leão temivel,
Afasta-se com passos demorados;
Porêm foge, e o temor lhe abala o peito,
De que até alli não conhecera o effeito.

Est. xxiii a xxviii.

Temeu, sem que soubesse o que sentira;
Só a distancia faz que o bem conheça.
Enche-se então de pasmo; abafa d'ira;
Que o amargo pesamento a vir começa;
E confuso, calado se retira
Para onde o pejo seu não appareça;
Como se erguer a outr'ora altiva face
Em presença dos homens receasse.

O capitão o chama; elle a demora
Desculpa, inda que a mente em ir não ponha;
Depois vae de vagar; e é, qual se fôra
Mudo, ou palavras diz, como quem sonha.
Que fugira, e que o prende a culpa agora
Tira o chefe da insolita vergonha.
Que é isto? emfim pergunta. São prestigios
Talvez? da natureza altos prodigios?

Mas, se alguem há que brio nobre accenda
De arriscar-se á selvatica morada,
Partir o deixo; esta aventura empre'enda,
E nova ao menos dê mais acertada.
Assim falou; e a matta grande e horrenda
Nos três seguintes dias foi tentada
Pelos mais extremados, sem que houvesse
Algum que ás ameaças não cedesse.

Tancredo a sua amada fôra emtanto
Sepultar, porque a lei de amor o obriga;
E, posto ainda sem vigor, e tanto,
Que bem soffrer não póde elmo ou loriga,
Como a necessidade o pede e o encanto,
Não se furta aos perigos e á fadiga;
O coração no corpo lhe transfunde
Força tamanha, qual se d'ella abunde.

Parte o valente joven, circumspecto,
Para o risco affrontar não conhecido;
Da selva arrosta o pavoroso aspecto;
Sente a terra tremer; ouve o estampido
Dos trovões; e só lhe entra no secreto
D'alma escasso temor, breve banido;
Vae ávante; e entre as arvores eis logo
Vê a cidade apparecer do fogo.

Pára então, e cogita, duvidando:
O que podem nas armas ajudar-me?
Nas fauces d'esses monstros, continuando,
E na flamma voraz irei lançar-me?
Em pró commum, pelo dever lidando,
É justo que cada um se exponha e arme;
Mas que da vida prodigo não seja
Quem se préza, e como este um feito eleja.

EST. XXIX A XXXIV.

Comtudo a hoste que dirá, se eu cedo?
Em que outra selva temos esperança?
Nem esta deixa certo Godefredo
Sem na entrar; e se entral-a outrem alcança?
Este incendio talvez filho é do medo,
Não como se suppõe; com confiança
Eia sigâmos pois. E n'elle salta:
Acção famosa que seu nome exalta!

A calma, propria a fogo tal, não sente
Debaixo da armadura o cavalleiro;
Porêm não ajuiza prestemente
Se mentiroso é, se verdadeiro,
Porque, apenas tocado, de repente
Despareceu, e um denso nevoeiro
Trouxe a noite, e o inverno, que passaram
Tambem, e n'um momento se acabaram.

Fica Tancredo attonito e pasmado,
Mas intrepido; e, ao ver tudo tranquillo,
No profano logar entra esforçado,
E do bosque examina o ignoto asylo.
As phantasticas formas hão findado;
Nada o estorva, ninguem tenta impedil-o;
Só lhe oppõe a floresta á vista e ao passo
Emmaranhado, tetrico embaraço.

A um terreno afinal chega espaçoso,
Como de amphitheatro, onde só cre'ce
Gigantesco cypreste luctuoso,
Que em modo de pyramide fenece.
Ao tronco se encaminha; curioso
O observa; e uns signaes n'elle reconhece,
Parecidos aos que houve em tempo avito
Por escriptura o fabuloso Egypto.

Entre os signaes formados d'essa sorte
Phrases syrias descobre que entendia:
Guerreiro audaz, que na mansão da morte
Penetraste com tanta valentia,
Ah! se não és cruel, bem como és forte,
Não turbes esta habitação sombria.
Perdôa ás almas que hão deixado a terra;
Não lhes devem nos vivos fazer guerra.

Tal dizia a inscripção. Tancredo intento
Ao occulto sentido e absorto estava.
Continuo emtanto murmurando o vento
Nas folhas e nos ramos escutava,
Como som, que de lagrimas concento,
E suspirar humano semelhava,
Infundindo-lhe n'alma não previsto
De dor, de susto, de piedade um mixto.

Est. xxxv a xl.

Mas elle o gladio arranca, e rijo a alçada
Arvore fere. Oh! quem pudera crel-o!
Verte sangue a cortiça retalhada,
Avermelhando o chão. O heroe, ao vel-o,
Com mais força de novo brande a espada,
Posto sinta erriçar-se-lhe o cabello.
Então, como de tumulo, um gemido
Sahir d'ella ouve surdo e compungido,

Que logo em clara voz: bravo inimigo,
Tancredo, te encontrei! agora ai! baste.
Do corpo que viveu por mim, commigo,
D'antes feliz morada, me tiraste;
N'esta arvore, que o fado por abrigo
Me prestou, inda perseguir-me apraz-te?
Cruel, depois de morto, o teu contrario
Vens offender no encerro funerario?

Clorinda fui; nem eu sómente habito
D'este cypreste sob a casca dura,
Mas de pagãos e francos infinito
Numero, quantos ceifa a morte escura
Junto aos muros, aqui encanto invicto
Prende, não sei se em corpo ou sepultura.
Estes troncos te'm vida; e, se ferino
Os cortas, serás d'elles assassino.

Qual doente, que sonha, imaginando
Dragão ou chammejante, gran chimera,
E, muito embora em parte suspeitando
Ser phantasma que a idéia compuzera,
Fugir deseja, tanto o olhar nefando
O aterra, e a catadura horrida e fera,
Tal o timido amante, que não cria
De todo o engano, pávido cedia.

Tanto o seu coração sente occupado
De effeitos varios, que se gela e treme;
Com o abalo potente, inesperado,
Larga a espada, se bem que pouco teme;
Fóra de si, o lindo objecto amado
Julga presente que ferido geme;
Nem póde ver-lhe o sangue precioso,
Nem ouvir-lhe o gemido tristuroso.

Assim o peito contra a morte ardido,
Do qual nada abater soube a coragem,
Só debil para amor, foi illudido
Por um lamento vão, por falsa imagem.
Emtanto o ferro seu no chão cahido
Arrebatou tufão da atra paragem;
Pelo que se partiu vencido, e a espada
Achou depois, que fôra dar á estrada.

Est. XLI a XLVI.

Mas não ousou tornar o cavalleiro,
Por que os mysterios outra vez sondara;
E, quando junto ao capitão primeiro
Chegou, e um pouco o animo aplacara,
Disse; eis-me aqui, senhor; sou mensageiro
De novas que ninguem acreditara;
No que da extranha scena referiam
E dos sons temerosos não mentiam.

Maravilhosa chamma appareceu-me,
Sem ter materia, n'um instante accesa,
Que se alargou, qual muro, e offereceu-me
Mil monstros preparados á defesa.
Passei-a, e livre transito cedeu-me;
Nem m'o embargou das armas a fereza.
Tornou-se n'isto noite, e inverno feio;
Depois o céu sereno, e o dia veio.

Sabei tambem que as arvores te'm vida
E alma, que pensa como nós e sente.
Eu o provei; a voz por mim ouvida
No peito inda me sôa flebilmente.
De si derramam sangue, se ferida
Recebem, qual pessôa propriamente.
Não, não; vencido aqui eu me proclamo;
Não tirarei da selva nem um ramo.

Assim dizia; e o capitão ondeava
De mil idéias na procella emtanto:
Ás vezes que ir devia planeava
Elle mesmo tentar por si o encanto;
Ás vezes que madeira só restava
Buscar mais longe, e não difficil tanto.
Do grave pensamento em que medita
D'esta maneira o acorda Pedro o Ermita:

Tua mente abandona audaciosa;
Será outro o que ao bosque môva guerra.
Já, já a barca fatal sobre a arenosa
Praia abica, e as doiradas velas ferra;
Já, quebrada a prisão indecorosa,
Deixa o esp'rado guerreiro a bella terra.
Proximo está de nós o instante escripto
De Sião ca'ir e o exercito precito.

Como fala, no rosto é viva flamma,
E sobrehumano no falar parece.
Novo cuidado Godefredo chama,
Porque estar ocioso não padece.
Mas do celeste Cancer já derrama
Calma incognita o sol, tanta, que empece
Seus planos, e, dos corpos inimiga,
Faz insoffrivel ser qualquer fadiga.

EST. XLVII a LII.

Não fulgura nenhum astro propicio;
Só os astros maleficos dominam,
E com envenenado maleficio
Do ar o campo extenso contaminam.
Cresce o nocivo ardor; cresce o supplicio
Do mal, que seus influxos não declinam.
A dia máu noite peor succede,
Que inda com peor dia se despede.

Jámais desponta o sol sem vir cingido,
E manchado de rúbidos vapores,
Agoirando na face entristecido
Infausto dia de fataes calores;
Ao pôr-se sempre em sangue vae tingido,
Para a volta ameaçando eguaes rigores.
Assim augmenta os males inhumanos,
Já supportados, com futuros damnos.

Vê-se a flor, já sem viço, desmaiando,
E a folhagem que murcha, e amarelleja;
Com sêde a herva mirra-se, provando
Os raios que o sol vívido dardeja:
Fende-se a terra; as aguas vão faltando;
Tudo a ira do céu prova e fraqueja;
No ar estereis nuvens espalhadas
Mostram-se como chammas enrubradas

Crêreis atra fornalha suffocante
O' ar; a vista em nada se recreia;
Está calado o zephiro inconstante;
Suave aragem nem sequer vagueia;
Sopra só, a braseiro semelhante,
Vento partido da africana areia,
Que os rostos com calor immenso fere,
Por que os miseros corpos desespere.

Mais alegre não é a noite escura,
Pois ainda reflecte o ardor do dia,
E de fogos innumeros fulgura,
E de caudaes cometas se alumia.
Nem, ó terra infeliz, tanta seccura
A avara lua ao menos allivia
Com o fresco rocío; a herva, as flores
Embalde anceiam seus vitaes frescores.

Dos inquietos leitos foge o somno;
Que o visite debalde ancioso pede
O languido mortal n'este abandono.
Por cumulo de males chega a sêde;
Pois da Judéa o rei e feroz dono,
Com venenos mortaes feitos adrede,
Torna livido e turvo o rio e a fonte
Mais que a Estyge avernal, mais que o Acheronte.

Est. LIII a LVIII.

O pequeno Siloé puro e jocundo,
Que aos christãos seus thesoiros offertava,
Tepido, agora apenas o ermo fundo
Cobrindo, fraco allivio lhes mandava.
Nem o Pó, quando corre mais profundo,
Para a sua avidez certo bastava;
Nem o Ganges e o Nilo, que acommette
O Egypto, não contente em boccas sete.

Se entre margens frondosas estagnar-se
Algum viu antes crystallino argento,
Ou de elevada rocha despenhar-se
Sussurrando, ou no prado em curso lento,
Vê-o ora em desejos figurar-se,
Para lhe accrescentar inda o tormento;
Pois sua imagem fresca só lhe serve
Para incendel-o, e no pensar referve.

O corpo do guerreiro, que esforçado
A aspereza das marchas supportara,
Que não vergou das armas carregado,
E que o ferro mortal nunca domara,
Pela excessiva calma jaz prostrado,
E, inutil pêso, sobre a terra pára,
Emquanto se lhe espalha occulto incendio
Nas veias, de sua vida com dispendio.

Consome-se o corcel já tão garboso;
A herva, que estimava, o enoja e offende;
Treme-lhe o passo enfermo; e o soberboso
Collo agora submisso e baixo pende;
Já não é dos seus feitos orgulhoso,
Nem já illustre amor de gloria o accende;
Dos ovantes arreios a riqueza,
Como vil carga, sem vigor, despreza.

Definha o cão fiel, abandonando
O lar amado, e o seu senhor, que esquece,
E, estendido no chão, sempre anhelando,
Busca o fogo abrandar que interno o aquece.
Porêm, se n'este estado miserando
A natureza acaso favorece
Com algum ar, o ar que se respira
É espesso, e nada ou pouco aos males tira.

Assim languia a terra sem bonança,
E os seus pobres, afflictos moradores.
Os christãos, de vencer perdida a esp'rança,
Ainda de peor tinham temores;
E, como já este martyrio os cansa,
Unanimes soltavam taes clamores:
Que espera Godefredo? Ficaremos
Aqui, onde á penuria morreremos?

Est. lix a lxiv.

Ah! com que julga da inimiga gente
Assoberbar os elevados muros?
Donde virão as machinas? A ingente
Ira elle só não vê dos astros duros?
De contraria nos ser a eterna mente
Mil prodigios nos dão signaes seguros;
E o sol que nos abrasa é mais insano
Do que o sol incendido do africano.

Crerá que por ventura nada importe
Que nós, indigna turba aos pés calcada,
Soffr amos, almas vis, a triste morte,
Para que seja a sua lei guardada?
É de quem manda n'este mundo a sorte
F'licidade tamanha reputada,
Que cubiçoso assim busque retel-a,
Sacrificando os seus por causa d'ella?

Eis o homem que diz piedoso a fama!
Piedosa providencia e humanidade!
Por manter a honra van, que tanto ama,
Nos entrega á fatal necessidade,
E, vendo-nos com sêde, á mesa chama
Os socios, e com elles á vontade
Do distante Jordão bebe a selecta
Agua co'o vinho da exaltada Creta!

D'esta maneira os francos. Mas o grego
Capitão, farto já de os ter seguido,
Porque hei de aqui morrer de outrem no emprego,
Exclama, e o corpo que é por mim regido?
Se em sua loucura Godefredo é cego,
Perca-se, perca o povo seu querido.
Não nos faz damno algum. E pela densa
Tácita noite foi-se sem licença.

Sabido o caso, mal raiou o dia,
Houve alguns que imital-o resolveram.
Os que Adelmaro outr'ora conduzia,
E Clotario, e os mais guias que morreram,
Como a jurada fé quebrado havia
Quem tudo quebra, só fugir quizeram;
Pelo que a furto sob a negra treva
Já mais de um fugitivo os passos leva.

Vê-os; ouve-os o chefe; e com insano
Remedio logo lhes baixára as frontes;
Porêm seu coração o evita, humano;
Antes, co'a crença que aluira os montes,
E os rios soffreára, ao gran Sob'rano
Roga da sua graça lhe abra as fontes,
De zelo incendiado as mãos erguendo,
Ao céu o olhar, as orações volvendo:

Est. lxv a lxx.

Pae e senhor, se outr'ora já choveste
Por teu povo o maná sobre o deserto;
Se arrancar á mão do homem concedeste
Fluido ribeiro do rochedo aberto,
Por nós renova agora o que fizeste;
E, se o valor é desegual e incerto,
Suppra-nos teu favor nossos defeitos;
Valha guerreiros teus sermos eleitos.

Sem tardar estas preces verdadeiras,
Que de justo desejo derivaram,
A Deus, como aves promptas e ligeiras,
Subindo, n'elle acolhimento acharam.
Então para as fieis, tristes fileiras
Seus olhos compassivos se voltaram,
E taes palavras pronunciou amigas,
Com dó de tantos riscos e fadigas:

Até hoje crueis e perigosas
Desgraças meu exercito ha passado,
E com armas e artes myst'riosas
Contra elle o inferno e o mundo tem-se armado.
Mude-se agora tudo; ás porfiosas
Lidas prospero seja e bello o fado;
Chôva; ao campo o guerreiro torne invicto;
E venha dar-lhe gloria a hoste do Egypto.

A fronte sacudiu, assim dizendo;
E as espheras e os céus estremeceram;
E respeitoso o ar, e o abysmo horrendo,
E as montanhas, e o mar tambem tremeram;
Relampagos luziram; respondendo
Retumbantes trovões lhes succederam.
Todos, á uma, em gritos de alegria
O rebombo acompanham que se ouvia.

Eis n'um instante as nuvens, não da terra
Por virtude do sol alevantadas,
Porêm do céu provindas, que descerra
Todas as portas, descem conglobadas;
Eis imprevista noite o dia encerra
Nas suas negras sombras alongadas.
Segue-se chuva impetuosa, e, feito
O rio caudaloso sa'e do leito.

Bem como ás vezes, se na quadra estiva
A chuva ca'e que desejada era,
Bando de patas de a sentir se aviva,
E em rouquenho grasnar ávida a espera;
Abrem nas azas, em banhar-se esquiva
Nenhuma é no licor que as refrigera,
E aonde d'este vêem mais quantidade
Mergulham todas, fartam na vontade;

Est. LXXI a LXXVI.

D'est'arte acolhem nos christãos bradando
A agua que do céu baixa bondosa,
Cada um molhar o manto procurando,
O quente manto, e a coma sequiosa.
Qual em vidro, qual no elmo a vae tomando;
Qual em ter n'ella as mãos se apraz e gosa;
Qual o semblante, qual as fontes banha;
Qual, do futuro cauto, em vaso a apanha.

Nem os homens se alegram tão sómente,
E reparam seus damnos; a mesquinha
Terra, a qual até alli triste e doente
Cheios os membros de feridas tinha,
Tambem recolhe a chuva, e allivio sente,
E a côa ao mais interno que definha,
Generosa partindo seus frescores
Com as hervas, os troncos, e co'as flores.

Tal dama enferma, a quem permitte vida
Remedio que lhe acalma o soffrimento,
E á origem do mal abre sahida,
De que foi o seu corpo nutrimento,
Se restaura, e se põe, qual na florida
Época do verdor e luzimento,
Tanto que folga, as dores olvidando,
Aos queridos ornatos se tornando.

Cessa a chuva por fim; o sol desponta,
Mas tempera da luz a intensidade;
É como quando o mez de maio aponta
Sua máscula, e branda claridade.
Oh! quanto a Fé que apenas com Deus conta,
E o serve bem, serena a tempestade!
Como das estações transforma o estado,
Vence as estrellas e supera o fado!

Est. LXXVII a LXXX.

CANTO XIV

Da molle e fresca terra entre os vapores
Começava a romper a noite escura,
Conduzindo das auras os frescores
E o seu orvalho, fonte rica e pura,
Sacudindo os vestidos, com que as flores
Regava, e das campinas a verdura;
Corriam nas aragens adejando,
Os mortaes para o somno convidando.

Est. I.

Já cada qual a idéia mergulhava
Na paz do esquecimento mais profundo;
Porêm na eterna luz attento estava
Ao seu governo o excelso Rei do mundo,
E o chefe dos christãos da altura olhava
Com olhar favoravel e jocundo;
Enviava-lhe após sonho quieto
Para lhe revelar summo decreto.

Ao pé das portas de oiro, donde o lume
Vem cada dia, quando o espaço inflamma,
Ha outra de crystal, que por costume
Se abre antes de raiar a etherea chamma;
Por ella os sonhos manda o grande Nume
Áquelles dos humanos que mais ama;
D'ella desprende o vôo luminoso
O que ora baixa ao capitão piedoso.

Nunca a nenhum mortal visão tão doce,
Como esta, se mostrára, nem tão bellas
E fagueiras imagens; desvendou-se
Ante elle o céu recondito e as estrellas;
Como se n'um espelho impresso fôsse,
Distinguiu tudo quanto existe n'ellas;
Julgou-se transportado a amenos ares,
Que scintillavam de aureos luminares.

Emquanto pasma n'este sitio erguido
Da extensão, montes, luzes e harmonia,
De vivo fogo e raios mil cingido,
Um cavalleiro approximar-se via,
Que com voz, pela qual fôra excedido
Da terra o som mais grato, assim dizia:
Porque é que não me falas? Já tão cedo
O teu Hugo esqueceste, Godefredo?

E o chefe: esse teu rosto demudado,
Que um sol parece ter por claro adorno,
Tão longe me levou do meu passado,
Que a muito custo ao que já foi me torno.
Depois por vezes três ao socio amado
Os braços estendeu do collo emtorno,
E por três vezes lhe fugiu a imagem,
Bem como leve sonho ou vaga aragem.

Ao que o amigo sorrindo: falsamente
Ainda me suppões humana veste;
Em mim tens um espirito sómente,
Uma van sombra, um morador celeste.
Eis o templo de Deus, e a séde, em frente,
Dos seus guerreiros; teu logar é este.
Quando o verei? Se a vida de embaraço
Me serve, d'ella já se quebre o laço.

Est. II a VII.

Dentro em pouco, diz Hugo replicando,
Tu na gloria entrarás dos triumphantes;
Muito sangue entretanto, militando,
Cumpre na terra que derrames antes.
Primeiro hão de tirar do jugo infando
O sacro chão as tuas mãos ovantes,
E um estado fundar; no mando regio
Haverás por herdeiro o irmão egregio.

Mas, por que avive mais os teus amores
Pelo céu, mais attento agora admira
D'estas moradas santas os fulgores,
E tanto astro que á lei do Eterno gira.
Ouve do canto angelico os louvores;
Ouve dos anjos a sonora lyra.
Inclina (elle após diz, e aponta a terra)
A vista ao que esse globo ultimo encerra.

Quão baixa a causa é nas obras tuas
Do premio, e do trabalho, ó raça humana!
Em que breve theatro, entre que nuas
Solidões tua gloria é soberana!
Como ilha, o fecha o mar co'as ondas suas,
O mar, que do gran titulo se ufana
De oceano, e sem limite se apregôa,
Sendo pequeno charco e vil lagôa.

A isto, Godefredo, o olhar descendo
Ao globo, de desprezo se sorriu,
Rios, terras e mar n'um ponto vendo,
Que em tantas partes o homem distinguiu;
E de trás fumo e sombras ir correndo
O homem louco admiração sentiu,
Servo imperio buscando, e muda fama,
Sem ouvidos prestar ao céu que o ama;

E depois: já que ainda não agrada
A Deus do humano carcere soltar-me,
Mostra-me qual do mundo seja a estrada
Menos fallaz para poder guiar-me
Ao que Hugo: a senda trilhas acertada;
Prosegue; nada tens que perguntar-me;
Que o filho de Bertholdo do inimigo,
Distante exilio chames só te digo;

Porque, se te elegeu a Providencia
Da guerra capitão preeminente,
Que elle de teus decretos a prudencia
Realize dispoz conjuntamente.
Cabe a ti ordenar por excellencia;
A elle executar; tu és a mente;
Elle o braço; nem seu logar tomado
Será por outrem, nem a ti é dado.

Est. VIII a XIII.

Só por elle ha de o bosque ser vencido,
Que tem o encantamento por defesa;
Por elle o teu exercito provido
Pouco de homens, que inhabil para a empresa
Parece, e a retirar-se compellido,
Ha de cobrar mais alma e fortaleza,
E ficar da cidade e do famoso
Soccorro oriental victorioso.

Calou-se; e o capitão: com quanto agrado
Eu veria tornar o cavalleiro!
Tu, que o pensar penetras mais velado,
Sabes se o estimo, e falo verdadeiro.
Porêm com que propostas enviado,
E aonde deve ser o mensageiro?
Pedir cumpre ou mandar? como ser feito
Este acto com decencia e com direito?

Hugo então respondeu: o Rei eterno,
Que te enche assim de sua graça infinda,
E te incumbiu de todos o governo,
Quer que tu sejas respeitado ainda.
Não peças; fôra do poder superno
Menosprezo talvez; mas sua vinda,
Se a pedirem, concede; e, mal o rogo
Primeiro se escutar, perdôa logo.

Guelfo te pedirá, pois Deus o inspira,
Que absolvas o mancebo dos errores,
Só commettidos pelo excesso d'ira,
Para que volte ao campo e a seus labores.
E, posto que bem longe elle delira,
Nos braços da indolencia e dos amores,
Não duvides que aqui a tempo chegue,
E no lance apertado bem se empregue.

O vosso Pedro, com que o céo reparte
Das suas maravilhas o segredo,
Enviará os nuncios a uma parte,
Onde noticia d'elle tenham cedo,
E se lhes mostre o modo e mais a arte
De o livrar, e trazer-t'o, ó Godefredo.
Assim os socios haverás juntados
Emfim debaixo dos pendões sagrados.

Com uma conclusão fecharei breve
O meu discurso, a qual te será cara:
Teu sangue ao d'elle casar-se-ha; e deve
De ambos prole nascer formosa e clara.
N'isto sumiu-se, como fumo leve,
Ou nevoa que ante o sol se dissipara.
Foge o somno; e, sentindo no seu peito
De espanto e de alegria um vago effeito,

Est. xiv a xix.

Abre os olhos o chefe piedoso,
Já crescido o clarão da luz celeste;
Pelo que sa'e do leito do repouso,
E o fatigado corpo de armas veste.
Em breve cada chefe cuidadoso
No pavilhão se lhe une; o sitio é este
Do conselho, onde tudo se debate
Para que após de o praticar se trate.

Ahi Guelfo ante a bellica assembléa
Primeiro que algum outro (já na mente
Lhe incutiram nos céus a nova idéa)
Diz d'esta forma: principe clemente,
Perdão venho pedir-te, posto crêa
Que, por a culpa ser inda recente,
Se possa imaginar que é immatura
A supplica, e apressada por ventura.

Porêm a Godefredo quando vejo
Que em favor de Reynaldo é meu pedido,
E que eu pelo perdão é que forcejo,
Intercessor n'alguma conta havido,
Alcançar facilmente já prevejo
Este favor a todos concedido.
Ah! deixa que elle volte, e o sangue expenda
Por todos, do seu erro como emenda.

E quem será, se não fôr elle, o forte
Que entre a floresta horrivel triumphante?
Quem o perigo arrostará e a morte
Com valor mais intrepido e constante?
Hão de as portas cahir ao seu transporte;
Os muros subirá de todos deante.
Restitue ao exercito, eu t'o peço,
Sua esperança e anhelo de mais preço.

Restitue-me o sobrinho; e tu o braço
Cobra que tuas ordens executa;
Do ocio não no deixes no regaço,
Mas restitue-o á gloria que o disputa.
Fulgure á nossa vista; siga o passo
Do teu pendão já vencedor na lucta;
Com acções de si dignas se acredite;
E a ti, seu chefe e mestre, só imite.

Tal falava; cada um, acompanhando
Seus ditos com sussurro, os applaudia.
Godefredo, a vontade simulando
Dobrar ao que pensado não havia,
Como hei de a graça, que me estaes rogando,
E que tanto anciaes, negar, dizia?
Ceda o rigor, e lei e razão seja
O que o consenso universal deseja.

Est. xx a xxv.

Torne Reynaldo; o impeto enfreado
Para o futuro ás suas iras tenha;
E com obras responda ao confiado
Exercito que em pró d'elle se empenha.
Julgo que prompto voltará; mas dado,
Guelfo, é a ti procurar como elle venha.
Escolhe pois o mensageiro, e o manda
Aonde imaginas que o mancebo anda.

Então Carlos, o dano aventureiro:
Peço que me confiem na embaixada;
Vencerei o caminho mais fragueiro,
Mais longo, e entregarei a honrosa espada.
Robusto é este e de animo guerreiro,
Motivo por que a offerta a Guelfo agrada.
Seja pois um dos nuncios, e o prudente
Ubaldo o siga, astuto e previdente.

Tinha Ubaldo na florea adolescencia
Muitas, diversas terras percorrido,
Desde o gelado polo até á ardencia
Do solo da Ethiopia aborrecido,
E, como quem buscando ia sciencia,
Tinha usos, linguas, ritos aprendido;
Depois, maduro em annos, o acolhera
Guelfo entre os seus, e muito caro lhe era.

Aos mensageiros dois a nobre empresa
De o heroe procurar se encarregava;
E já Guelfo á cidade que se préza
De côrte de Boemundo os enviava,
Que por publica fama e com certeza
Se cria que Reynaldo alli parava,
Quando o bom Eremita os interrompe,
O engano conhecendo, e assim prorompe:

Cavalleiros, annuindo á mentirosa
Opinião do vulgo, cegamente
Obedeceis a guia perigosa,
Que vos fará perder e andar vanmente.
Da proxima Ascalon ide á arenosa
Praia; e onde entra um rio o mar fremente
Um homem achareis, um nosso amigo;
Crêde-o; o que vos disser eu vol-o digo.

Muito elle vê por si, muito conhece
Esta viagem, da qual o hei informado,
Pois de ha muito prevista me apparece.
Tão cortez vos será quanto assisado.
Como os avisos seus Pedro expendesse,
Carlos, e o companheiro nomeado
Seguem-nos, que inspiral-o Deus costuma,
Sem mesmo perguntarem coisa alguma.

Est. xxvi a xxxi.

Despedidos, tão presto se aviaram,
Que, sem demora, postos a caminho,
A marcha para o mar endereçaram,
Que fica aos muros de Ascalon vizinho.
E ainda o rouco som não escutaram
Do resoante estrepito marinho,
Quando um rio descobrem, que então era
Grosso da chuva que do céu viera.

Cheio, não se contêm já no seu leito,
E corre mais que a setta pressuroso.
Emquanto os dois se quêdam, eis de aspeito
Veneravel se mostra homem edoso.
Traz de faia uma c'rôa; todo feito
O vestido é de linho alvo e formoso;
Brande uma vara, e a pé o rio passa;
Nem a opposta corrente lh'o embaraça.

Bem como os camponezes lá do Rheno,
Quando este pelo inverno flue coberto,
Escorregam no gelido terreno
Velozmente com passo firme e certo,
D'este modo o ancião piza sereno
A agua não gelada, e chega perto
Dentro de pouco tempo aonde estavam
Os guerreiros que n'elle o olhar fitavam;

E diz: busca difficil e molesta
Tentaes; quem vos dirija é necessario.
Está longe o mancebo, em terra infesta,
Paiz á fiel crença mui contrario.
Quanto, oh! quanto trabalho inda vos resta!
Quanto mar correreis, e solo vario!
Na vossa indagação, no curso vosso,
As raias transporeis do mundo nosso.

Mas não vos pése entrar nas escondidas
Cavernas onde tenho a minha séde;
Grandes coisas por vós serão ouvidas,
E o que saber o vosso caso pede.
Apenas taes palavras proferidas,
Ordena que a agua se abra; e a agua cede;
E curva a um lado e outro, qual montanha,
Sustida pende; o centro só não banha.

Pela mão n'isto o velho os encaminha
Sob o rio á maior profundidade,
Que alumiava luz debil, e mesquinha,
Como de meia lua a claridade
Em selva escura; em antros se continha
Alli de lympha enorme quantidade,
De que todas as fontes se partiam,
Que as terras do orbe inteiro abasteciam.

Est. xxxii a xxxvii.

Do Euphrates e do Pó vê'm a nascente,
E donde o Hydaspe e o Ganges se deriva;
E o berço do Istro e Tanais; nem o ingente
Nilo a origem alli occulta esquiva.
Encontram mais abaixo um rio ardente
A brotar vivo enxofre e prata viva,
Que o sol apura, quando os céus adorna,
E em massas brancas e doiradas torna;

E observam suas margens que resplendem
De preciosas pedras adornadas,
As quaes com raios mil o ar accendem,
Vencendo as tristes sombras condensadas.
As saphyras azues a vista offendem;
Brilha o jacintho; as verdes e estimadas
Esmeraldas sorriem; flammejante
O carbunc'lo scintilla e o díamante.

Absortos, silenciosos caminhando
Continuam nos dois, que a voz se cala,
Tamanhas maravilhas devassando;
Até que o nuncio Ubaldo ao guia fala:
Quem és tu? Onde estou? Onde levando
Nos vaes? O meu pensar tanto se abala,
Que se é verdade ou sonho não conheço
Quanto aqui ha, e sem razão pareço.

Da terra vós estaes no seio immenso,
Da terra, a dadivosa geradora;
Nem penetráreis n'este abysmo extenso,
Não tendo a minha ajuda protectora.
A meu paço vos levo, o qual d'intenso
Brilho vereis luzir em breve Outr'ora
Fui pagão; porêm quiz regenerar-me
Deus na agua do baptismo, e a graça dar-me.

Não entra em minhas obras a inimiga
Força que contra os céus alçou a fronte:
Livre-me Deus de que as palavras diga
Que obrigam no Cocyto e o Phlegethonte.
Indago só a qualidade amiga
Que guarda dentro em si a herva e a fonte;
Contemplo, estudo a natureza ignota,
E das estrellas a diversà rota;

Pois nem sempre dos céus vivo distante
Em fundos subterraneos escondido,
Mas do Carmelo e Libano gigante
Ás vezes sobre os cumes sou retido,
Ondè admiro na altura rutilante
Venus sem véu, e Marte enrubescido,
E os outros astros lentos ou velozes,
Com aspectos já brandos, já atrozes;

Est. xxxviii a xliii.

E as nuvens vejo aos pés negras, iriadas,
Ou raras, ou em basto ajuntamento;
De que maneira as chuvas são geradas;
Como se fórma o orvalho e sopra o vento;
Como se inflamma o raio; e por que estradas
Tortuosas desce á terra n'um momento.
Cometas, e mais fogos tão de perto
Noto, que a me orgulhar cheguei de certo.

Foi meu orgulho e meu arrojo tanto,
Que infallivel medida e justa cria
O meu saber e arte para quanto
Da natureza o Auctor fazer podia;
Mas quando me levou ao rio santo
Vosso Pedro, e lavou minha alma impía,
Mais acima estendeu-me o olhar vaidoso,
Que me provou ser fraco e tenebroso.

Então vi que o pensar ante a luz pura
E eterna ave nocturna ante o sol era;
E zombei de mim mesmo, e da loucura
Que a tamanha soberba o enaltecèra.
Sigo inda emtanto (elle o consente) a escura
Vida, á qual o costume me afizera;
Sou parte só do que já fui; dependo
D'elle, só n'elle a mente sempre havendo.

Como a elle por mestre e senhor tenha,
Em tudo lhe obedeço humildemente;
Nem por meio de mim obrar desdenha
O que só cabe á sua mão potente.
Fica ao cuidado meu que ao campo venha
Da longinqua prisão o heroe valente.
Elle o dispoz; muito ha eu vos esp'rava,
Pois vossa vinda ha muito me augurava.

Chegou, assim com ambos conversando,
Ao aposento seu mysterioso.
Por fóra uma caverna está mostrando;
Dentro ha camaras, salas, espaçoso.
Aqui com luz sem par vê-se brilhando
Quanto no gremio seu mais precioso
Nutre a terra; e este ornato é de tal modo,
Que natural, não de artificio, é todo.

Cem famulos aqui os dois acharam
Em os servirem habeis e apressados;
Nem em mesa magnifica faltaram
De oiro, prata e crystal vazos formados.
Mas, da sêde os ardores mal findaram,
E de comida foram saciados,
Tempo é que eu satisfaça n'este ensejo,
Começa o mago, vosso mór desejo.

Em parte conheceis as doces phrases,
E as tredas obras da ardilosa Armida;
Como muitos guerreiros com fallazes
Modos levou á empresa fementida;
Sabeis tambem que em seus grilhões tenazes
Toda a turma prendeu, hospeda infida,
Donde a Gaza a mandou com boa escolta;
E que, indo pela estrada, após foi sôlta.

O que se lhe seguiu eu conto agora,
Coisas a vós occultas, com certeza.
Depois que a falsa viu que assim lhe fôra
Tirada a sua tão custosa presa,
Mordeu de dor as mãos, e, de si fóra,
Disse comsigo mesma em raiva accesa:
Ah! não ha de Reynaldo ter vaidade
De os meus captivos pôr em liberdade.

Se os outros libertou, soffra o tormento
Que lhes cabia, e o seu destino insano;
Nem isso basta, não; é meu intento
Que tambem sobre todos caia o damno.
Cogitou; e teceu no pensamento
O que ides escutar iniquo engano.
Veio ao sitio, no qual os seus vencera
O cavalleiro, e a morte a muitos dera.

Este, a armadura aqui despido havendo,
Uma armadura de pagão tomara,
Talvez ir escondido pretendendo
Sob outra menos conhecida e clara.
Armida a recolheu, e, n'ella tendo
Mettido um corpo sem mão dextra e cara,
Junto de um rio o expôz, por onde um trôço
Havia de passar do campo vosso.

Isto prever a magica podia,
Pois espiões sem numero espalhava,
Pelos quaes muita vez novas sabia
De quem d'elle sahia, ou n'elle entrava.
Tambem entre os espiritos vivia
Ás vezes, e com estes conversava.
Collocou-o portanto n'um propicio
Logar para exercer seu maleficio;

E um pagem sagacissimo bem perto
Postou, ao modo de pastor vestido,
Nas suas fraudes ensinado, e certo
De quanto ser devia respondido;
O qual falou aos vossos, e o incerto
Rumor fez espalhar-se, que, nutrido,
Rixas originou, discordia insana,
E quasi a civil guerra deshumana;

Est. L a LV.

Pois, como ella intentava, foi julgado
Que Reynaldo por traça perecera
De Godefredo, posto ao crer errado
Quasi logo a verdade succedera.
Este o primeiro engano fabricado
Pelos finos ardis da dama fera.
O mais que aconteceu ao peregrino
Guerreiro ides ouvir e o seu destino.

Qual cauto caçador, o aguarda Armida;
Chega o heroe 'onde uma ilha verdejante
Do Oronte pelos braços é cingida,
Que alli se parte o rio, e se une adeante;
Na margem acha uma columna erguida,
E um batelinho d'ella não distante.
O marmore Reynaldo admira algente,
E lê em lettras de oiro reluzente:

Ó tu, que por vontade ou pela sorte
Até aqui vieste, maravilha
Não existe maior do sul ao norte
Do que as graças que em si guarda esta ilha.
Passa, se a queres ver. O joven forte
E incauto a idéia da inscripção perfilha,
E, como era pequena e estreita a barca,
Os escudeiros deixa, e só embarca.

Aporta; ávido em roda olha em procura
Do annunciado; e, como nada veja,
A não ser flores, agua, antros, verdura,
Quasi suppõe que escarnecido seja;
Mas é tão ledo tudo, formosura
Tão varia tem, que alli ficar deseja.
Senta-se; o elmo tira; e a debil aura
Á fronte afogueada lhe restaura.

O rio emtanto murmurar ouviu
Co'um novo som, e, os olhos estendendo,
Mover-se n'elle uma onda descobriu,
Que caminhava, sobre si volvendo;
D'ella em parte aurea trança após sahiu;
Depois rosto femineo foi rompendo;
Depois o peito, as pômas, e da bella
Nivea forma até onde o pejo zela.

Tal deusa ou nympha de nocturna scena
Lenta surge, e afinal nos apparece.
Esta, posto não é sereia amena,
Porêm mago phantasma, ser parece
Das que habitaram junto da tyrrhena
Costa o mar que traiçoeiro se entume'ce;
Á formosura a voz eguala branda;
E assim cantando o céu e o vento abranda:

[1] Est. lvi a lxi.

Jovens, emquanto abril risonhamente
Vos adorna de ramos e de flores,
Não vos levem trás si a tenra mente
Da gloria e da virtude os vãos fulgores.
Sabio é quem segue o seu prazer sómente,
E da edade gentil colhe os favores.
A natureza o ensina. E vós fugindo
Ides, os seus conselhos não ouvindo?

Loucos! porque estragaes a mocidade,
Que passa tão depressa, e tanto se ama?
Nomes, inuteis idolos, vaidade
São o que brio e gloria o mundo chama.
Essa a quem adoraes como deidade,
Ó soberbos mortaes, a illustre fama,
É um echo, antes, sombra que um momento
Forma, e logo depois dissipa o vento.

Gose o corpo seguro, e a alma peça
Alegria aos sentidos, só gosando;
As desventuras que ha soffrido esqueça,
E não apresse o mal outro esperando;
Não se importe se raios arremessa,
E se fulgura o céu relampejando.
Eis o saber, eis a ditosa vida;
A natureza o ensina, e nos convida.

Finda; e o somno do joven se apodera,
Trazido pelo canto, de tal sorte,
Que a pouco e pouco o invade, e já impera
Sobre os sentidos seus tyranno e forte;
Nem dos trovões o trom quebrar pudera
Essa paz semelhante á paz da morte.
Sa'e da cilada a magica enganosa
Então, contra elle vingativa e irosa.

Mas na sua belleza quando attenta,
E observa como placido respira,
E o sorrir que seus olhos opulenta
Fechados, (o que fôra, se os abrira!)
Pára suspensa, ao lado se lhe assenta,
E, contemplando-o, se lhe aplaca a ira.
Já toda pende sobre a linda fronte,
Como Narcizo sobre a calma fonte;

E do rosto o suor candido e vivo
Lhe limpa a um véu que tinha cautamente,
E o calor lhe mitiga do ar estivo,
Ventilando-o suave e docemente.
Assim o peito rendem-lhe captivo
Esses olhos cerrados, de repente,
O peito seu mais duro que diamante,
E de inimiga já se torna amante.

Est. lxii a lxvii.

Depois colhe jasmins, lirios e rosas,
De que era aquella natureza rica,
E cadeias, que amor faz poderosas,
Por arte, nova para os mais, fabrica;
Com estas collo, pés e mãos formosas
Lhe algema; assim Reynaldo preso fica.
Emfim, emquanto dorme, ella o transporta
A um carro, e diligente os ares corta.

A Damasco não volta a fementida,
Nem ao castello seu de agua cercado;
Mas com vergonha da amorosa vida,
E toda zelos do seu bem amado,
Busca no mar sem fim para guarida
Uma ilhasinha, á qual navio ousado
Raramente ou jámais de nossas praias
Foi, muito álem das conhecidas raias.

Da Fortuna a ilhasinha se nomeia,
Como as outras contiguas; aqui ella
Sobe a uma montanha, que campeia
Erma, e escura, pois sombra espessa a vela,
E de neve branquissima a rodeia,
Só livre lhe deixando a cima bella,
A qual em graças e verdor abunda;
E ahi, perto de um lago, um paço funda,

Onde, de amor servindo o cego nume,
Vive em perenne abril com seu guerreiro.
Ir arrancal-o do escondido cume
Vos cumpre, e do distante captiveiro,
Vencendo as guardas, que ella por ciume
Poz na montanha e no palacio inteiro.
Não faltará quem vossos passos mande,
Nem quem vos arme para o feito grande.

Deparareis, do rio mal sahidos,
Mulher joven no rosto, e grave de annos,
Com os cabellos crespos e compridos,
De varia côr a veste, e varios pannos.
Pelo alto mar por esta conduzidos
Sereis; nem da aguia os vôos soberanos
Vos vencerão no curso; guia experta,
Ao voltar a achareis não menos certa.

Junto á falda do monte, onde demora
A magica, mil serpes sibilando
Arrastar-se vereis, e a tragadora
Bocca ursos, leões escancarando;
Mas de uma vara minha encantadora
Hão de fugir, em vós a meneando.
Depois, se for o que se diz verdade,
O mór p'rigo é na alpestre summidade.

Est. lxviii a lxxiii.

Brota uma fonte alli de agua tão pura,
Que desafia a sêde ao caminhante,
Porêm traiçoeira esconde na frescura
O effeito de veneno delirante,
Pois enche de alegria e de loucura
A alma um gole só n'um só instante,
E quem a assim bebeu a rir começa,
E vae crescendo o rir té que pereça.

D'essa agua matadora a bocca esquiva
Desviae; nem na margem verde as bellas
Iguarias, nem mesmo a comitiva
Vos seduzam das perfidas donzellas;
As quaes com meigo rosto e voz lasciva
Vos chamarão sorrindo; fugi d'ellas;
A seu discurso e olhares com despreso
Respondei, e no paço entrae defeso.

O mais interno d'este, amplo recinto
De inextricaveis muros e confusos,
Eu n'um papel vos mostrarei distincto,
Por que em seus giros não vagueis illusos.
Tem um jardim no centro o labyrintho,
Que de si verte amor em dons profusos.
Ahi encontrareis do chão fagueiro
Na verde relva Armida e o seu guerreiro.

Mas para longe do mancebo caro
Quando ella se apartar apparecei-lhe,
E um meu escudo de diamante raro
Que vos darei, perante o rosto erguei-lhe,
Para que n'este o cavalleiro ignaro
Com seu adorno mulheril se espelhe,
E por tal modo a colera, a vergonha
Fóra do peito o vil amor lhe ponha.

Para dizer-vos nada mais me resta,
Senão que podereis ir-vos seguros,
E penetrar da embaraçada e infesta
Mansão nos sitios intimos e escuros.
Não vos será de Armida a arte molesta,
Não vos impedirão seus esconjuros;
Nem a vossa ida, tal poder vos guia,
Antever saberá sua magia.

Ao sahirdes completa segurança
Encontrar devereis, como na entrada.
Mas a hora do somno já se avança,
E tendes de acordar de madrugada.
Assim diz; e com elles logo alcança
O quarto, em que hão de á noite haver pousada.
Ahi lêdos pensando o velho os deixa;
Ao seu depois se acolhe, e os olhos fecha.

EST. LXXIV a LXXIX.

CANTO XV

Já para a lida os animaes chamava
O clarão da manhan inda recente,
Quando o sabio ante os dois apresentava
A carta, o escudo e a vara aurifulgente.
Á viagem aprestae-vos, exclamava,
Antes que o dia cresça no oriente;
Eis o que prometti; eis ahi quanto
Póde de Armida superar o encanto.

Como erguidos então ambos já eram,
E armados, co'o ancião que os hospedara,
Sem mais tardança, em marcha se puzeram
Por caminhos que o sol jámais aclara.
É aquelle por onde já vieram
O que a sahida agora lhes prepara;
Porêm, chegados do seu rio ao leito,
Ide, lhes disse o ermita, ao vosso feito.

Apenas no alto seio a lympha os teve,
Impelle-os e levanta-os com brandura,
Qual levantar costuma folha leve,
Que o furacão arrebatou da altura,
E na praia arenosa os põe em breve;
Donde logo descobrem na agua pura
Uma barquinha, e junto á pôpa d'ella
A que os ha de levar fatal donzella.

O rosto lhe compõe basto cabello;
No doce olhar a mansidão lhe mora;
É seu semblante como de anjo bello,
Tanta luz de si deita abrasadora.
Já ceruleo o vestido crêreis vêl-o,
Já rubro; de mil modos se colora;
De sorte que se muda e se transtorna
Em cada vez que a examinar-se torna.

Tal a colleira, que da pomba amante
O pescoço gentil enfeita e cinge,
Nunca se mostra ao que era semelhante,
E ao dar-lhe o sol de varia côr se tinge;
Qual collar de rubins ora é brilhante;
Ora no verde as esmeraldas finge;
Ora as cores mixtura; e assim com tanta
Inconstancia aprazivel nos encanta.

Est. 1 a v.

N'esta barca, na qual com segurança
Sulco o oceano, lhes diz, entrae, ditosos;
Nenhuma carga sente; é o mar bonança
Para ella, e bons os ventos procellosos.
Meu senhor, que de bem fazer não cansa,
A reger vossos passos perigosos
Me envia. Terminando, mais vizinho
Á areia conduziu o curvo pinho.

Depois que n'este um e outro havia entrado,
Da terra o empuxa e o freio lhe modera;
E, tendo a vela ás auras despregado,
Se assenta ao leme, e o navegar tempera.
É tão caudal o rio alli tornado,
Que naus té mesmo sustentar pudera;
Mas pêso algum em si a barca havia,
E outro muito menor a soffreria.

Mais do que é natural corre movida
Em direcção do mar á loira praia;
De espuma alveja a agua dividida,
Que atrás murmura da ligeira faia.
Eis chegam 'onde o rio, adormecida
A corrente, em maior leito se espraia,
E se deita no mar para esconder-se,
Ou na sua amplidão todo perder-se.

Mal a barca no pélago tocara,
O qual então bramia marulhoso,
Vão-se as nuvens, e o sul, que ameaçara
Tempestade, não sopra furioso;
A brisa aplana as ondas que elle alçara,
E sómente lhe encrespa o azul formoso;
Sorri-se o firmamento claro e ameno,
Como jámais sorrira a ser terreno.

Já Ascalon transposta, encaminhou-se
Á esquerda o lenho, a prôa no occidente,
E depressa de Gaza perto achou-se,
Que foi porto de Gaza antigamente;
Mas na alheia ruína melhorou-se,
E cidade se fez ampla e potente.
De homens então as praias tinha cheias
Quasi em numero eguaes ao das areias.

Olhando para a terra, os navegantes
Innumeraveis tendas divisavam;
Entre a costa e a cidade mil infantes,
E cavalleiros ir e vir notavam,
E camellos oppressos, e elephantes,
Que o solo adusto sem cessar pizavam;
Depois, do porto viam no profundo
Os baixeis que prendia a ancora ao fundo.

Est. vi a xi.

Uns soltavam na vela; outros remando
Ligeiramente o curso proseguiam;
Turbava-se a agua, aqui e alli espumando,
Sob os remos e prôas que a feriam.
Então d'est'arte a dama vae falando
Aos mensageiros que em silencio a ouviam:
Tudo aquillo, posto encha o mar e a terra,
Parte é do que o tyranno traz á guerra.

É do Egypto e confins o que alli vemos;
As gentes mais remotas faltam inda,
Que para léste e sul muito os extremos
Extende a sua monarchia infinda.
Por isso espero longe o encontraremos
De marchar, quando for a nossa vinda,
A elle, ou a quem tenha do governo
Do grande exercito o bastão superno.

Isto dizendo aos dois, qual aguia altiva,
Que vae por entre os passaros segura,
E chega tanto ao sol, que da luz priva
Quem quer olhal-a, e perde-se na altura,
Em meio dos baixeis com força viva
Corre a barca na liquida espessura,
Sem temor de que alguem trás ella parta,
Ou a obrigue a parar; assim se aparta.

De Raphia n'um momento passa em frente,
Primeira póvoa syria que apparece,
Navegando do Egypto; após da ardente
Rhinocolura, a que o céu nega a messe.
Sobre o mar avançada a fronte ingente,
Um monte perto á vista se offerece,
Banhando n'agua a falda; alli repoisa
O vencido Pompeu sob sua loisa.

Já descobre Damieta, e de que sorte
Ao pégo leva o Nilo seus furores
Por sete boccas de espaçoso corte,
E por cem outras mais, porêm menores;
Passa a cidade pelo grego forte
Fundada para os gregos moradores;
E a insigne Pharo, que ilha d'antes fôra,
Ao convizinho chão unida agora.

Rhodes e Creta, ao norte situadas,
Deixa em distancia, e Africa costeia,
Paiz que tem as praias habitadas,
E feras no int'rior e quente areia:
Marmarica e Cyrene, a das louvadas
Cinco cidades, que inda a fama alteia,
Vê perto; e Ptolomaida, e o calmo e lento
Rio do fabulado esquecimento.

Est. xii a xvii.

Da maior Syrte, para o nauta infesta,
A barca foge ao largo, porque a teme;
O cabo de Judeca dobra lesta;
E para álem do Magra inclina o leme.
Eis Trípoli depois, e, em frente d'esta,
Malta, occulta no mar que n'ella freme;
Co'as mais Syrtes lhe fica á pôpa em breve
Alzerbe, que lotóphagos já teve.

Tunis e o golfo seu vê em seguida,
Que de uma e de outra parte guarda um monte,
Tunis, rica cidade e esclarecida,
Por mais que esclarecidas Libya conte.
Do Lilybeu co'a mole desmedida
Eis da Sicilia a insula defronte.
Aos guerreiros aqui a dama indica
Onde a terra que foi Carthago fica.

Jaz Carthago; e da sua alta grandeza
Só signaes de ruína o chão conserva!
Reinos, imperios são da morte a presa;
O fasto e a pompa cobre areia e herva.
E o homem por morrer se menospreza!
Oh! mente da cobiça e orgulho serva!
Chegam breve a Biserta; e do outro lado
Longe a Sardenha sa'e do mar salgado.

Tambem as regiões os três passaram,
Onde a númida foi pastor errante;
E dos corsarios o vil ninho acharam:
Bug, e Argel; e Oran mais adeante;
Da Tingitania as plagas costearam,
Mãe do nobre leão, e do elephante,
Por Marrocos e Fez hoje occupada,
Para o norte deixando atrás Granada.

Já do estreito vão proximo, que outr'ora
Ser feito por Alcides se fingiu,
Que terreno continuo talvez fôra,
Que horrendo cataclismo dividiu.
Forçou-o o mar com furia tragadora,
E álem Calpe, áquem Ábila impelliu,
Partindo Libya e Hespanha com garganta
Pequena; te'm os tempos força tanta!

Quatro vezes o sol apparecera,
Depois que a barca a praia abandonara,
E inda, nem foi preciso, se acolhera
A porto algum dos muitos que avistara.
Abocca o estreito agora, e o cursa, e a fera
Soidão aquosa, sem limite encara,
A qual, se aqui tamanha é entre a terra,
Que será quando em si a abrange e encerra!

Est. xviii a xxiii.

Eram-se já nas ondas occultado
Cadis e as duas mais com que avizinha;
De todo a costa havia-se alongado;
Por termo os céus o pélago só tinha,
Quando Ubaldo: tu, cujo alumiado
Condão por este mar nos encaminha,
Conta-me se alguem veio 'onde ora estâmos,
E se é povoado o mundo que buscâmos.

Tendo Hercules os monstros abatido
Da quente Libya e do paiz hispano,
Torna ella, e os vossos climas submettido,
Não ousou arrostar o largo oceano.
Abalizou o mundo conhecido,
Prendendo em breve espaço o genio humano;
Mas o saber Ulysses procurando
Foi álem, taes limites desprezando.

As columnas transpoz, e pelo aberto
Mar desferiu o vôo audacioso;
Mas não lhe valeu n'elle ser experto,
Que elle o tragou voraz e temeroso,
E jaz, qual o seu corpo, inda encoberto
O seu fim, para os homens duvidoso.
Se o vento outrem levou por essa altura
Não voltou, ou lá teve a sepultura.

É pois desconhecido o vasto pego
Que sulcas, e a porção quasi infinita
D'ilhas e reinos que do homem cego
Encobre inda, paizes que este habita,
E que fecunda o sol com diurno emprego,
E a produzirem fructos mil incita.
Então Ubaldo: n'esse mundo occulto
Dize-me as leis que ha, qual é o culto.

São diversos na lingua, usos e crença
D'estas partes os povos differentes:
Qual as feras adora; qual a immensa
Mãe commum; qual o sol e astros luzentes;
Qual faz té mesmo á natureza offensa
Com seus manjares impios e indecentes.
Emfim quanto do Calpe áquem se abriga
Barbaros são, que fé barbara liga.

Portanto, lhe replica o cavalleiro,
Deus, que a ensinar desceu a humanidade,
Negar da sua crença ha de o luzeiro
De nações a tão magna quantidade?
Não, responde ella, o culto verdadeiro,
E as artes lhe darão a claridade;
Nem sempre apartará comprida rota
A vossa gente d'esta gente ignota.

Est. xxiv a xxix.

Serão os marcos de Hercules um nome,
Fabula para o nauta; e d'estes mares
E reinos, que a distancia obscura some,
Hão de ouvir-se inda os fastos singulares;
Então, sem que o temor jámais o dome,
O lenho mais audaz, por mil azares,
A terra medirá, do sol radiante
Arrojado rival e triumphante.

Cabe a um filho da Italia o atrevimento
De se arriscar ao curso não provado;
Nem o rugido ameaçador do vento,
Nem o inhospito mar não navegado,
Nem vario clima ou quanto o pensamento
Phantasia terrivel e pesado
A sua idéia e generoso peito
De Abila fecharão no breve estreito.

Colombo, tu do mundo a nova parte
Conduzirás tão longe a feliz vela,
Que a fama de azas mil acompanhar-te
Só poderá co'os olhos. Cante ella
Embora Alcides, Baccho; para honrar-te
Basta esboçar a tua acção tão bella,
Porque esse esboço valerá memoria,
De um poema dignissima e da historia.

Assim acaba; e pela estrada undosa
Corre ao ponente, e dobra ao meio-dia;
E vê cahir em frente a luz radiosa
Do sol, e renascer atrás o dia.
Mas no proprio momento em que a formosa
Aurora orvalho e rosas diffundia
Distante se lhes mostra escuro monte,
Em véu de nuvens rebuçando a fronte.

Vêem-no logo, navegando ávante,
Já a cima de nuvens descoberta,
Ás piramides grandes semelhante,
Pois engrossa no meio, e no alto aperta,
Fumegando como esse que o gigante
Opprime, de cratera sempre aberta,
Que lança fumo até que o sol se ponha,
E á noite inflamma o ar com luz medonha.

Outras ilhas, mas menos elevadas,
E outros cumes descobrem finalmente.
As ilhas juntas são, e Fortunadas
As nomearam já antigamente;
As quaes pelo céu eram tão amadas,
Que sem arado imaginava a mente
Produzirem, e ser mais lucrativo
Alli o bacello sem nenhum cultivo.

Est. xxx a xxxv.

Alli nunca a oliveira em suas flores
Mentia; mel os robles destillavam;
Das montanhas desciam sem furores
As aguas, e suaves murmuravam;
Não traziam incommodo os calores;
Que as auras, e o rocio os mitigavam;
Alli se collocaram nas famosas
Habitações das almas venturosas.

Já para estas a barca vae volvendo.
Finda é quasi a viagem, diz a dama;
As ilhas Fortunadas estaes vendo,
De que heis ouvido incerta, illustre fama.
Formosas, ferteis são; porêm, correndo,
O certo de mentiras se recama.
Como assim fala, a prôa aventureira
Se chega á que das dez era a primeira.

Carlos então: concede-me, senhora,
Se tanto por ventura permittido
É a tua missão, que eu saia fóra,
E estude este paiz desconhecido,
E os seus povos, e o deus que aqui se adora,
Para ser pelos sabios attendido,
Ao contal-o, com pasmo e com inveja,
Por que de tudo testemunha seja.

O pedido, volta ella, é na verdade
Bem condigno do teu merecimento;
Mas decreto da summa potestade,
Inviolavel, impede tal intento.
Ainda não girou inteira a edade,
Que Deus marcou ao gran descobrimento,
Nem podereis levar do mar profundo
Noticia exacta para o vosso mundo.

Estas aguas, as quaes o marinheiro
Não sulca, a vós sulcar é outorgado,
E saltar onde está preso o guerreiro,
E tornal-o da terra ao outro lado.
A projecto aspirar mais sobranceiro
Seria orgulho, e combater o fado.
N'isto a ilha primeira já baixar-se
Parecia, e a segunda levantar-se.

Mostra-lh'as ella á parte do oriente
Como em fileira todas dirigidas,
Umas das outras quasi que egualmente
Pelas salgadas ondas divididas.
Signaes te'm sete de habital-as gente,
Cultura, e algumas casas esparzidas;
Três são ermas, e livres moram n'estas
Só feras nos seus montes e florestas.

Est. xxxvi a xli.

N'uma das três ha um sitio occulto, onde
Se curva a praia, e para fóra extende
Dois longos braços, entre os quaes esconde
Ampla bacia; a entrada lhe defende
Um rochedo que a ella corresponde,
Dando as costas ao mar, que embalde o offende;
Crescem de cada extremo, quaes gigantes,
Dois penhascos, aviso aos navegantes.

Em baixo muda a onda em paz se esquece;
Bosques espessos vêem-se na altura;
Uma caverna entre estes apparece,
Farta de heras e de agua e de frescura.
Aqui navio entrar nunca acontece,
E no fundo deitar a ancora dura.
N'este porto deserto penetrava
A dama, e as velas candidas ferrava.

Attentae bem na mole sublimada
C'roando aquelle monte, ella dizia;
Lá de Christo o guerreiro em vida errada
Entorpecem nas festas e alegria.
Trilhareis, mal nascer a madrugada,
Aquella trabalhosa, ingreme via;
Nem vos pése a tardança, pois que fôra
Infausta para vós uma outra hora.

Comtudo até ao monte o lume pobre
Do dia aproveitae, que já desmaia.
Despedindo-se então da guia nobre,
Pizam nos dois a desejada praia,
E andam, sem que a força lhes sossobre,
O facil tracto, e chegam d'elle á raia,
Quando ainda distante do oceano
Ia o carro de Phebo soberano.

Que só por precipicios e ruína
Se sobe ao cume cada qual observa,
E que até lá geada e neve alpina
Somem tudo; depois ha flores e herva.
A coma verdejante a arvore inclina
Sobre o gêlo, que ao lirio amor conserva,
Bem como ás rosas delicadas; tanto
Vencem a natureza a arte e o encanto!

N'um logar só, umbrifero e selvagem,
Do monte junto á falda, pernoitaram
Os guerreiros christãos; e, mal a aragem
Matutina soprou, e os céus brilharam,
Vamos, exclamam ambos; e a viagem
Com promptidão e ardor recomeçaram;
Porêm sa'e, saber donde é impossivel,
E se atravessa ante elles, serpe horrivel.

EST. XLII a XLVII.

Alça a fronte d'escamas buliçosas
Côr de oiro escuro; incha-lhe o collo a ira;
Os olhos são quaes chammas furiosas;
Encobre o chão; veneno e fumo expira;
Ora toda se enrola; ora as nodosas
Roscas desmancha, e a caminhar se estira.
Tal na sólita guarda se apresenta;
Mas nenhum dos guerreiros amedrenta.

Puxa Carlos a espada, e ataca a fera;
Grita o outro: que fazes, imprudente?
Com armas d'essas o teu braço espera
Por acaso vencer esta serpente?
N'isto sacode a vara que trouxera;
Foge ella, assim que sibilar a sente,
E esconde-se veloz, intimidada,
Deixando sem estorvo aos dois a estrada.

Mais acima a passagem lhes disputa
Um leão, que a rugir bravo os encara;
Eriça a grenha fluctuante e hirsuta;
A voraz, funda bocca abre e escancara;
Com a cauda se açoita, e anima á lucta;
Porêm, apenas o ameaça a vara,
Pavor secreto seus furores doma,
E, em vez de os assaltar, a fuga toma.

Continuam com passos apressados,
Quando eis que surge d'elles adeante
Horda espantosa de animaes irados,
Varios no andar, na voz, e no semblante.
Quantos monstros terriveis e indomados
Habitam desde o Nilo ao monte Atlante,
Quantos da Hyrcania as selvas abastecem,
E as da Hercynia alli juntos apparecem.

Porêm turba tão grande e embravecida
A resistir-lhes nem sequer se atreve.
Novo milagre! obrigam-na á fugida
Da vara um fraco silvo, um olhar breve!
Então da encosta a ríspida subida
Galgam ambos; sómente a basta neve,
E o terreno difficil e fragoso
Lhes retardam no andar victorioso.

Comtudo após que a neve superaram,
E os precipicios, e o caminho incerto,
Tepido ar como d'estio acharam,
E da montanha o cume extenso e aberto.
Odoriferas auras encontraram,
Correndo frescas sempre em modo certo;
Cujos sopros o sol, mudando o lume,
Não altera, como ha por seu costume.

Est. xlviii a liii.

Alli jámais os gêlos, os calores,
As nuvens, e o sereno o ar variam;
Vestem-se sempre os céus dos esplendores
Mais puros; nem se inflammam, nem se esfriam,
As hervas sustentando, e as tenras flores,
E grato odor e eterna sombra criam.
Sobre o lago o gentil paço campeia,
E em roda montes, mares senhoreia.

Como os guerreiros aspera fadiga
Subindo experimentam, vão d'espaço,
Ou parando na florea senda amiga,
Ou já movendo novamente o passo,
Quando uma fonte placida os instiga
A beber, sequiosos do cansaço,
Que de alta rocha ca'e, em mil se espalha
Espadanas, e a relva emtorno orvalha.

Mas depois, entre margens de verdura,
N'um canal toda a agua se ajuntando,
De folhagem perpetua á sombra, escura
E gelida prosegue murmurando;
Do fundo nada esconde, a formosura
Limpida inteira está patenteando;
Sobre as margens tufada a herva se ostenta,
E, molle, como que a assentar-se tenta.

Eis a fonte do riso, e a lympha vemos,
Que perigos mortaes tem enganosos;
Sopear o desejo aqui devemos,
Diz um, pois nos convem ser cautelosos.
Ás fallazes sereias não prestemos
Ouvidos, e a seus cantos maviosos.
Assim foram té onde em maior leito
O rio se avoluma, e em lago é feito.

Está n'uma das margens rica mesa,
Que orna comida preciosa e cára;
Duas gárrulas jovens de belleza
Lasciva em brincos andam na agua clara;
Ora uma a outra molha; com presteza
Ora nadam, que aposta as obrigara;
Já mergulham; já mostram finalmente,
Reapparecendo, a espalda, a nivea frente.

As nadadoras nuas e tão bellas
Notando, os dois guerreiros titubeiam,
E a contemplal-as ficam; porêm ellas
Em novos jogos trêfegas se estreiam;
N'isto levanta-se uma das donzellas,
E os peitos e o que as vistas muito anceiam
Expõe desde a cintura descoberto;
O mais do lago é pelo véu coberto.

EST. LIV a LIX.

Qual sa'e a estrella d'alva scintillante
Dos mares orvalhada de frescores,
Ou qual nasceu da espuma fecundante
Do oceano a antiga deusa dos amores,
Assim esta apparece, a gottejante
Loira coma a brilhar de vivas cores;
Olha emtorno depois; e, simulando
Vel-os então, encolhe-se córando;

E a longa trança, no alto da cabeça
Em molho junta, apressurada solta
Do corpo á roda, como chuva espessa,
Com que é a neve em aureo manto envolta.
Oh! que scena que esconde! mas por essa
Outra deixa melhor. Assim se volta
Alegre para os dois, envergonhada,
Pelos cabellos, e agua recatada.

Corava e ao mesmo tempo alegre ria;
E rindo era o seu pejo mais formoso;
E mais formoso o riso parecia
No rosto enrubescido e vergonhoso.
Depois com meiga voz assim dizia,
Voz que a todos tirara alma e repouso:
Ó viajores felizes, que a ventura
Trouxe a esta plaga tão ditosa e pura,

Este é o porto do mundo; n'elle mora
O fim dos males, e o prazer se sente,
Que nos doirados seculos outr'ora
Saboreou em liberdade a gente.
Essas armas, precisas até agora,
Deixal-as podereis seguramente,
E sangral-as á paz n'estes fagueiros
Sitios, pois só de amor sereis guerreiros.

Suave campo de batalha o leito
Vos ha de ser, e a fôfa herva dos prados.
Ireis comnosco ante o real aspeito
Da que faz os seus servos fortunados;
A qual vos tomará no conto eleito
Dos que ella ao gosto seu ha destinados;
Mas primeiro do pó vinde lavar-vos
N'esta agua e a esta mesa saciar-vos.

Uma assim disse; e a outra em concordancia
Segue o convite com o olhar e os gestos,
Como dos instrumentos a assonancia
Seguem nos passos languidos ou prestos;
Mas á alma dos dois guarda a constancia
Contra os carinhos perfidos, funestos;
O encantador aspecto, a branda fala
Só por fóra os sentidos lhes abala.

E, se entra uma porção de tal doçura
Aonde o desejar brota e prospera,
Logo a razão, vestida de armadura,
Corta e arranca a vontade, mal nascera.
Vencida se confessa a formosura;
Vão-se os nuncios, que o encanto não vencera,
E penetram no paço. É tanta a magua
De ambas as nymphas, que mergulham n'agua.

Est. LXVI.

CANTO XVI

Do edificio é redonda a forma rica;
Do seu centro no mais mysterioso
Um jardim singular, variado fica,
Superior a quanto ha mais famoso.
Galerias occultas multiplica
Emtorno d'elle o inferno astucioso,
As quaes em confusão inexplicavel
Fazem com que se torne impenetravel.

A entrada principal do monumento,
Que conta cem, transpõem os enviados.
As altas portas de lavrado argento
Rangem nos quicios de oiro fabricados.
As figuras, que são de obra um portento,
E vencem na materia olham pasmados;
Vivem; só da palavra necessitam;
Mas que a teem, vendo-as, muitos acreditam.

Está alli da Meonia entre as donzellas,
Á cinta a roca, Alcides conversando;
Se Orco e fado venceu, ora como ellas
Maneja o fuso; Amor se ri olhando;
E Iole co'as mãos tenras e bellas,
Por mofa, as armas fortes empunhando,
A pelle do leão aos hombros presa,
Muito pesada para tal fraqueza.

Defronte acha-se um mar, que as alteradas
Ondas cobre de manchas espumantes;
E em meio, em ordem duplice postadas,
Naus e armas, que fulgem lampejantes;
Arde em guerra Leucáte; incendiadas
São as aguas, como oiro scintillantes.
De um lado Augusto e Roma; Antonio em frente
Co'o indio, o egypcio, o arabe, o Oriente.

Est. I a IV.

Dirieis que, arrancadas por encanto,
Iam as ilhas Cýclades chocar-se;
É de uma e de outra parte o furor tanto
Dos torreados lenhos no encontrar-se.
Já vôam fachos, dardos, entretanto;
De destroços parece o mar coalhar-se.
Eis, nem pendido ainda a lide tinha,
Fugindo vae a barbara raínha.

E foge Antonio, abandonando a esp'rança
Do governo do mundo, ao qual aspira.
Não teme, não; que o medo o não alcança,
Mas acompanha a amada que partira.
Imagináreis que bramidos lança,
Como o que tem vergonha, amor, e ira,
Ora a pugna indecisa e crua vendo,
Ora as velas em fuga já correndo.

Após, no escuso Nilo recebido,
Entre os braços da amante espera a morte,
E n'um formoso gesto embevecido,
Menos sente do fado o agudo corte.
Das regias, grandes portas esculpido
Era o metal luzente d'esta sorte.
Mal d'ellas os guerreiros apartaram
A vista, o labyrintho logo entraram.

Qual o obliquo Meandro brinca incerto,
E com dubio correr ou sóbe ou de'ce,
Em diverso rodeio, o mar aberto
Já buscando, já as fontes onde cre'ce,
Assim e emmaranhadas mais de certo
As vias; mas o livro as esclarece,
O livro dom do mago, e d'ellas trata
De modo que o nó prompto se desata.

Deixados os caminhos tortuosos,
O jardim lêdo e feiticeiro viam.
Aguas calmas, crystaes mil buliçosos,
Diversas plantas, flores que sorriam,
Collinas que ama o sol, valles umbrosos,
Selvas, grutas n'um todo descobriam,
E o que a belleza e o preço lhe dobrava,
A arte que fez tudo, e o disfarçava.

Unem-se o culto e o inculto de tal geito
Que crêreis naturaes sitio e ornamento,
Ou que tomára a natureza a peito
Da arte imitar por graça o atrevimento.
Como o resto, é o ar de Armida effeito,
O ar que enflora os troncos n'um momento;
Com as flores eterno o fructo dura,
E á medida que um nasce o outro madura.

Est. v a x.

Na mesma arvore junto do nascente
Figo pende o já murcho e velho figo,
Ambos n'um ramo só: o reluzente,
De aurea côr e o que é verde, o novo e o antigo.
Serpeia co'os racimos a excellente
Torta videira exposta ao sol amigo,
Em principio a uva aqui, álem roxeada,
Ou fulva, já de nectar carregada.

Encantadoras aves na folhagem
Cantam lascivas notas porfiando;
Murmura a brisa, e as aguas e a ramagem
Deixa, ao tocar de leve, sussurrando.
Calam-se as aves? alto echôa a aragem;
Gorgeiam? sopra em som inda mais brando;
E, acaso ou não, ora lhes segue o canto,
Ora lh'o alterna co'o murmúrio emtanto.

Uma entre todas multicôr avôa
De purpurino bico, e varia gala,
Cuja lingua espaçosa claro sôa
De modo que semelha a nossa fala;
E então de tal maneira arremedou-a,
Que maravilha grande era escutal-a.
Param nas outras para ouvir-lhe as vozes;
Sustem-se no ar os zephyros velozes.

Vêde, ella disse, despontar a rosa
D'entre verdores, candida e singela,
Que, meio aberta ainda e vergonhosa,
Quanto se mostra menos é mais bella;
Depois o seio nu abre animosa;
Depois definha; e não parece aquella,
Aquella que invejada fôra d'antes
Por mil donzellas, e por mil amantes.

Assim se passa, ao perpassar de um dia,
Da existencia mortal flor e verdura;
Nem, porque novamente abril sorria,
O garbo recupera e a formosura.
Colha-se a rosa apenas principia
A aurora; á tarde, adeus viço e frescura;
De amor se colha pois a rosa; amemos
Emquanto amados ser tambem podemos.

Mal finda, o canto seu logo recobram,
Como approvando, as aves ajustadas;
Beijos as pombas entre si redobram;
Sentem-se até as feras inflammadas;
O loireiro e o carvalho vida cobram;
E as mais arvores todas animadas,
E a terra e as aguas pensam e respiram
Só ternuras de amor e amor suspiram.

Est. xi a xvi.

Entre essa melodia, e as incitantes
Bellezas que o prazer lhes offerecem,
Os dois guerreiros vão; porêm constantes
Contra o deleite o animo endurecem.
Eis através das folhas os amantes
Julgam ver; claramente eis apparecem;
Ella na relva flacida sentando-se,
Elle no seu regaço recostando-se.

Armida tem o peito descoberto,
E descomposta a coma ao vento estivo;
Langue de amor; pelo suor coberto,
Luz-lhe o rubro semblante inda mais vivo;
Um sorriso, qual n'agua raio incerto,
Lhe brilha no olhar humido e lascivo;
Sobre elle pende; elle em seu seio encosto
Faz á cabeça e lhe contempla o rosto;

E co'a vista faminta ávidamente
A devora, e a paixão o rala e mina.
Para sorver-lhe a bocca, ou para ardente
Libar os olhos seus ella se inclina.
Suspira então o joven tão ve'emente,
Que a alma crê fugir-lhe peregrina
Para a amada. Os guerreiros curiosos
Espreitam estes actos amorosos.

Esplendido crystal á cinta pende
Do amante, gladio certo desusado.
Ergue-se ella, e nas mãos já lh'o suspende,
Para os ritos de amor ministro âzado.
N'um objecto, entre tantos, só se prende
O olhar d'ella a sorrir, d'elle abrasado:
Ella ao espelho se compõe e adorna;
Elle os seus olhos seu espelho torna.

Um préza o mando; o outro o captiveiro;
Ella ufana de si, e o joven d'ella.
Teus olhos em mim põe, diz o guerreiro,
Que são a tua e a minha dita, ó bella;
Meu incendio é retrato verdadeiro
D'essa belleza; em mim bem pódes vêl-a;
Seu aspécto gentil, que maravilha,
Mais que no vidro teu n'est'alma brilha.

Ah! pois que me desdenhas o meu preito,
Se ao menos tuas graças ver pudesses,
E ao teu olhar, de nada satisfeito,
De contemplar-se o gosto concedesses!
Mas como copiar crystal estreito
Um paraíso? como enlevos d'esses?
É teu espelho o céu, nos astros, cara,
Reflexo tens da formosura rara.

Est. XVII a XXII.

N'isto Armida sorri, porêm não cansa
De enfeitar-se, e admirar os seus primores.
Parte da sôlta coma prende e entrança;
Parte em anneis divide, os quaes de flores
Gentilmente recama, á semelhança
De oiro esmaltado de diversas cores;
Junta rosas depois de ameno encanto
Do collo aos lirios, e concerta o manto.

Nem o pavão a cauda de olhos cheia
Amostra assim em toda a pompa sua,
Nem Iris assim doira e purpureia
Ao sol a forma aerea que fluctua.
Mas é o maximo ornato que alardeia
O cinto que nem mesmo deixa nua.
Deu corpo ao que o não tem, e o fez tão lindo,
Impossiveis de unir para isso unindo.

Meigas repulsas; mimos namorados,
Ternas iras, sorrisos, paz, brandura,
Baixas vozes, suspiros não findados,
Doce pranto com beijos de mixtura,
Uns com outros fundidos, combinados,
Ella temp'rou de amor na chamma pura,
E esse cinto compoz maravilhoso
Com que cingia o corpo melindroso.

Finalmente do amado se despede,
Quebrado o galanteio; e o beija e parte.
De abandonal-o o sacrificio pede
Durante o dia o emprego da sua arte.
Fica elle, que sahir lhe não concede
A magica jámais para outra parte,
Entre os troncos e feras habitante,
Vagando triste, solitario amante.

Mas quando a treva co'a a mudez amiga,
Propicia ao furto, os amorosos chama,
Debaixo de um só tecto ambos abriga
A noite que feliz os prende e inflamma.
Apenas o severo officio obriga
A deixar o jardim a falsa dama,
Os dois sa'em dos ramos, que os encobrem,
E armados ao guerreiro se descobrem.

Qual soberbo corcel ao fadigoso
Lidar da guerra vencedor tirado,
Que, lascivo marido, em vil repouso,
Erra solto nos pastos entre o gado,
Mas, se o desperta o aço luminoso,
Ou a trompa, a rinchar corre açodado,
Ancioso de combate, e sob o dono
De o contrario atacar com bravo entono;

Est. XXIII a XXVIII.

D'este modo o mancebo de repente
Das armas ao brilhar alvoroçou-se.
O peito seu tão arrojado e ardente
Com aquelle fulgor enthusiasmou-se,
Inda que, ebrio de gosos e indolente,
Em ocio molle enfraquecido fosse.
Emtanto Ubaldo avança, e põe deante
D'elle o límpido escudo de diamante.

O joven para o escudo os olhos vira,
E alli se espelha tal como é, com quanto
Fausto pompeia languido; respira
Lascivia e odores o cabello e o manto;
O gladio mais que tudo ao lado admira,
De luxo feminil e adorno tanto,
Que ser parece esteril ornamento,
Não militar, mortifero instrumento.

Como homem que, de sonhos opprimido,
Depois de grave somno despertasse,
Tal ficou elle ao ver-se reflectido;
Sem que a olhar o broquel continuasse,
A vista abaixa tímido e abatido,
Volvendo ao chão envergonhado a face;
Por se esconder, do mar entrara dentro,
E até do fogo procurara o centro.

Então Ubaldo principia: agora
Que a Asia e a Europa estão fervendo em guerra,
Que todo o que ama a gloria e Christo adora
Armado lida na judaica terra,
A ti, ó filho de Bertholdo, fora
Do mundo, ignoto chão ocioso encerra!
Só não te instiga o som do mundo inteiro,
De uma donzella egregio cavalleiro!

Em que lethargo jaz adormecida
Tua alma? Que fraqueza em ti impera?
Sus! Godefredo e o campo te convida;
A fortuna, a victoria alli te espera.
Vem a empresa acabar bem dirigida,
O guerreiro fatal, e a seita fera
Que afracado já tens, caia prostrada,
Por tua inevitavel, forte espada.

Diz. Permanece um pouco o joven nobre,
Perturbado, sem voz, sem movimento;
Mas o pejo logar logo descobre
Á indignação, ao alto pensamento;
E ao roxo incendio que lhe a face cobre
Outro fogo succede mais violento.
Rasga elle então aquella gala futil,
Insignia dos grilhões, agora inutil;

Est. xxix a xxxiv.

E, apressando a partida, do intricado
Labyrintho se afasta. Armida vendo
Da real porta o guarda inanimado,
O feroz guarda sobre o chão jazendo,
Que a ia abandonar o seu amado
Suspeitou, logo bem o conhecendo,
Quando, ai! triste! o avistou ao doce abrigo
Dando as costas veloz, como inimigo.

Porque me deixas só! gritar queria;
Onde vaes? mas a dor lhe prende a fala,
A qual, tornando atrás, com agonia
Inda mais ardua o coração lhe abala.
Desditosa! do amor de que vivia
Força maior que a sua vem roubal-a.
Ella o conhece e em vão retel-o tenta;
Embalde d'esperanças se acalenta.

Quantos jámais soltou impios conjuros
De maga da Thessalia a bocca immunda,
Quanto a marcha sustem dos astros puros,
E evoca as sombras da mansão profunda,
Tudo, tudo empregou; mas dos escuros
Infernos o poder a não secunda;
Deixa a magía emfim, e, por que o mova,
Dos seus encantos a magía prova.

Sem da honra cuidar, corre, a mesquinha.
Onde as suas victorias arrogantes?
A que o imperio de amor mandou, raínha,
A um relance dos olhos triumphantes,
A que altivez e só desprezos tinha,
A que algemava mil e mil amantes
Para os odiar, e em si só se aprazia,
Ou na paixão que n'elles accendia,

Agora escarnecida, abandonada,
Vae após o que a foge, o que a despreza,
E procura co'o choro a rejeitada
Face adornar de insolita belleza.
Corre; nem lhe embaraça a delicada
Planta o gelo, e das vias a aspereza;
Só junto á praia o apanha, mas seus brados,
Como nuncios, deante vão magoados.

Louca ella exclama: ó tu, que d'esta sorte
Levas uma porção da minha vida,
Volta-m'a, ou leva a outra, ou vibra a morte
A ambas; ai! detem-te na fugida.
Da minha ultima voz colhe o transporte;
Meus beijos não; são de outra mais querida
Os teus; espera; que temor é este?
Podes-m'o recusar; fugir pudeste!

Est. xxxv a xl.

Pára, escutando-a, o cavalleiro, e ella
Anhelante se chega e lacrimosa,
Dolorida em extremo, porêm bella
Tanto mais, quanto mais desventurosa.
Encara-o, observa-o tacita a donzella,
Meditabunda, ou irada, ou receosa;
Mas Reynaldo, se a olha, é com furtivo
Modo tardio, envergonhado e esquivo.

Qual famoso cantor, que, antes de a clara
Voz desprender em levantado canto,
Para a harmonia os animos prepara.
E em baixas notas preludia emtanto,
Assim ella na dor que o peito lhe ara
Não esquece de todo a fraude e o encanto,
E alguns suspiros faz sahir primeiro
Para dispôr o espirito ao guerreiro.

Depois começa: barbaro, comtigo
Não supponhas que eu fale em tom de amante;
Fui, foste-o já n'aquelle tempo amigo.
Se hoje outro és, se te pésa até bastante
Lembral-o, ao menos ouve-me; o inimigo
Ás vezes o inimigo ouve um intante.
O que te peço é tal, que o teu desprezo,
Posto que cedas, ficará illeso.

Se me odeias, se n'isso prazer sentes,
Folga, não venho esse prazer tirar-te.
Crêl-o justo; assim seja. Ás tuas gentes
Odio tive tambem, e pude odiar-te.
Nasci pagan; por meios differentes
Os de Christo opprimi com a minha arte;
Persegui-te; tomei-te; e em ignorado
Logar te puz, das armas apartado.

A tudo junta o que has entre os maiores
Crimes pelo maior, mais em teu damno:
Enganei-te; nutri-te em meus amores.
Que tão cruel amor, que iniquo engano!
Da virgindade sua dar as flores,
Sujeitar sua belleza a um soberano,
E o que em premio negado a muitos fôra
A um novo amante facultar n'uma hora!

Fique essa entre as mais culpas numerada.
Movido por seu numero infinito,
Parte; deixa esta placida morada,
Que estimavas em tanto, e que eu habito;
Vae; passa o mar; trabalha; brande a espada;
A destruir a nossa fé te incito.
Nossa? Já não é minha! Apenas crente
Sou em ti; és meu idolo sómente.

Est. xli a xlvi.

Acompanhar-te concedido seja;
Entre inimigos dá-se o que requeiro;
Leva a presa o pirata; da peleja
Segue ao triumphador o prisioneiro.
Que em teu despojo o exercito me veja,
E una aos louvores teus este, ó guerreiro;
Que a que de ti zombou agora affronte,
E como escrava repellida a aponte.

Porque é que este cabello inda conserva
Quem rejeitaste? De que vale tel-o?
Hei-de-o cortar; envilecida serva,
Devo em todas as coisas parecel-o.
Este meu peito, quando o ardor mais ferva
Da guerra, irei por ti offerecel-o;
Lança e corcel conduzir-te-hei; coragem
E forças tenho para ser teu pagem.

Servir-te-hei de escudeiro ou de defesa;
Jámais por te guardar quero poupar-me;
Antes de a ti chegar, ha de a fereza
Das armas este corpo atravessar-me.
Homem não haverá de tal crueza
Que para te matar ouse matar-me,
Que não deixe a vingança desejada,
Ao ver esta belleza desprezada.

Misera! porque espero ainda tanto
Da minha escarnecida formosura?
Continuaria; mas embarga-a o pranto,
Como fonte a manar da rochea altura.
Com acto supplicante n'isto o manto
Ou a dextra agarrar-lhe ella procura;
Pára o joven; porêm resiste e vence;
A amor seu coração já não pertence.

Não torna amor a alimentar no seio,
Que a razão congelou, a chamma; d'esta
Em vez, a compaixão, sem ter receio,
Socia d'elle, mas púdica, só resta;
E tanto o move, que ao chorar um freio
A custo põe, e animo lhe presta;
Comtudo o meigo affecto em si esconde,
E, compondo o semblante, lhe responde:

Assaz me punge teu soffrer, Armida;
Ah! como, se eu pudesse, desfizera
Essa tua paixão tão mal nascida!
Nem rancor, nem desprezo em mim te espera.
Vingança e offensas minha idéia olvida;
Serva não és, nem inimiga fera.
É verdade que muito e muito erraste,
E os extremos do amor e odio tocaste.

Est. xlvii a lii.

Mas erros são communs a toda a gente.
Tua crença te escusa, o sexo, a edade.
Tambem eu fui em parte delinquente;
De ti, como de mim, tenho piedade.
Entre as minhas lembranças caramente
Guardar-te-hei na amargura e f'licidade;
Teu campeão serei, quanto a honra pede,
E a guerra d'Asia, e a minha fé concede.

Ah! ponha-se á fraqueza aqui um termo,
E esta nossa vergonha aqui se occulte;
N'estes confins do mundo, ignoto ermo,
Sua memoria inteira se sepulte.
Possa o fundo silencio escurecer-m'o,
Por que esta acção as outras não me insulte.
Ah! não manches com ella o nome egregio,
A belleza, o valor, o sangue regio.

Fica-te em paz; eu parto. É-te vedado
Commigo vir; quem me conduz t'o nega.
Fica, ou procura mais ditoso fado
Em outra parte, e o imaginar socega.
Ella, emquanto assim fala o seu amado,
Torva, desinquieta á dor se entrega.
Ha muito o olhava com feroz despeito,
Até que emfim prorompe d'este geito:

Não foi tua mãe Sophia, nem nasceste
Da Azzia origem; do mar á furia insana,
Ou ao Caucaso frio o ser deveste,
E amamentou-te alguma tigre hyrcana.
Para que de disfarce inda se veste
Minh'alma? Nem mostrou ter mente humana!
Nem mesmo a côr mudou compadecido!
Nem um pranto sequer! nem um gemido!

Quanto calar, dizer me cumpre! Vario,
Fiel me serve, e me abandona e esquece;
Qual vencedor grandioso, do contrario
Ao olvido, ao perdão das culpas de'ce.
Vinde escutar o casto! um solitario,
Um austero philosopho parece.
E tu, céu, estes impios não fulminas!
E reduzem teus templos a ruínas!

Vae-te, cruel, e gosa do repouso
Que me deixas; de mim pódes partir-te.
Nu espirito em breve e vaporoso
Indivisivelmente hei de affligir-te;
Co'as serpentes e o facho temeroso,
Qual te amei, nova furia, hei de punir-te;
E, se tens de escapar aos grossos mares,
E, se no campo da peleja entrares,

Est. LIII a LVIII.

Lá, no meio dos mortos, mal ferido,
Pagarás minha pena, ó cru guerreiro;
Muitas vezes meu nome repetido
Ouvir-te-hei no momento derradeiro.
N'isto falta-lhe o alento enfraquecido,
Nem o ultimo som se escuta inteiro;
Desmaia; desfallece; ca'e em terra;
Frio suor a inunda; e os olhos cerra.

Fechas, Armida, os olhos, por que, avara,
A sorte não acalme o teu tormento.
Abre-os, ó infeliz, abre-os, repara:
Chora o inimigo teu teu soffrimento.
Se o souberas! oh! como te abrandara
As magoas o soar do seu lamento!
Compassivo co'a vista se despede
De ti, e quanto póde te concede.

Que fará? Na deserta, nua areia,
Semiviva, ha de assim desamparal-a?
A cortezia, a compaixão o enfreia;
Mas o dever por ultimo o avassalla.
Parte; e da sua guia a coma ondeia
O zephyro, de leve a bafejal-a.
Nos largos mares a aurea vela corre;
Elle olha a praia até que ao longe morre.

Em roda tudo só, tudo calado
E triste vê Armida, a si tornando.
Foi-se, diz, e deixou-me n'este estado,
Aqui, a minha vida perigando?
Nem um instante esp'rou, nem um cuidado
Teve para o meu caso miserando!
E eu persisto em amal-o? E aqui occulta,
N'esta praia sentada choro inulta?

Porque pranteio em vão? porque suspiro?
Tenho outras armas. Seguil-o-hei, perjuro;
Nem dos abysmos no maior retiro,
Nem no céu mesmo parará seguro.
Alcanço-o; agarro-o; o coração lhe tiro;
Aos sem piedade aviso no futuro;
Já suspendo suas carnes. Superal-o
Na fereza pretendo....Mas que falo?

Ah! desditosa Armida! tu devias
Contra o malvado encruecer outr'ora,
Quando retido nos grilhões o havias;
Tamanha indignação vem tarde agora.
Não me valem nem graças nem magias?
Tua vontade cumprirás, embora,
Ó minha formosura desprezada;
Has de virgar-me; foste a injuriada.

Est. lix a lxiv.

Offereço por paga esta belleza
A quem cortar a abominosa frente.
Meus famosos amantes, uma empresa
Vos proponho, difficil, mas decente:
Eu, herdeira de esplendida riqueza,
Para vingar-me, vendo-me contente.
Se premio baixo sou, por desventura,
És inutil, ó minha formosura.

Dadiva infortunada, eu te rejeito;
E odeio da existencia estar captiva;
E ser raínha; e ter nascido; o feito
Da vingança o desejo só me aviva.
Co'a voz pela ira presa, anciado o peito,
Freme, e da praia se desvia altiva,
Demonstrando o furor no descomposto
Cabello, irado olhar, e acceso rosto.

Mal penetra em seu magico aposento,
Horrenda invoca os deuses cem do Averno.
De lucto o céu se cobre; n'um momento
Empallidece o gran planeta eterno;
Brama, e aos montes sacode o cume o vento;
Já debaixo dos pés lhe ruge o inferno;
Em quanto o paço abrange só bramidos
Se ouvem, e urros, silvos, e latidos.

Negror maior que a noite, ao qual não orna
Debil raio sequer todo o circumda;
Só fulge algum relampago, que entorna
Clarão sinistro na caligem funda.
Acaba a treva; o sol livido torna,
Melancholico ainda, e o ar inunda.
Desparece o palacio; nem vestigio
Ha do sitio onde esteve; oh! que prodigio!

Qual se forma de nuvens mole immensa
Pelos campos do espaço, e pouco dura,
Que a some o vento, ou a luz do sol intensa,
Ou qual sonho que enfermo se afigura,
Tal se foi o edificio. Feia, extensa
Penedia só fica, horror e agrura.
Armida sobe do seu carro acima,
E, como soe, á altura se sublima.

Voando, as nuvens piza, o ar agita
Por tufões e borrascas escoltada.
Passa as terras que n'outro polo habita
Gente ainda por todos ignorada;
Passa as columnas de Hercules; e evita
O paiz moiro, a Hesperia nomeada;
Porêm suspensa sobre os mares segue
Até que ás praias syrias emfim chegue.

Est LXV a LXX.

Foge Damasco; a patria que já tinha
D'antes amado tanto ora fugia;
E ás infecundas plagas se encaminha,
Onde nas aguas seu castello havia.
Alli, dos servos longe, vae sósinha
No retiro esconder quanto soffria.
A mente em mil idéias lhe fluctua;
Mas cedo o pejo ante o furor recua.

Partirei; e em partir hei de appressar-me
Antes que marche, assenta finalmente,
Do rei do Egypto a hoste; ahi mudar-me
Quero por todo o modo variamente:
As armas manejar; serva tornar-me
Dos grandes; atear-lhe o esforço ardente.
Que da minha vingança parte veja,
E que a honra de lado posta seja.

Ah! que meu tio e guarda não me exprobre,
Mas a si mesmo; assim elle o ha querido.
Elle só me moveu, ai! de mim pobre!
O fragil sexo, o animo atrevido;
E, azas dando ao pudor e ao brio nobre,
Me ha em donzella errante convertido.
Tudo caia sobre elle quanto feito
Por amor tenho, e da vingança o effeito.

Assim dizendo, á pressa já congrega
Servos, pagens, guerreiros e donzellas,
E arte summa em se adornar emprega,
E em riqueza mostrar nas vestes bellas.
Põe-se a caminho; e ao somno os olhos nega,
Ou raie o dia, ou luzam nas estrellas,
Té aos campos chegar de Gaza, abertos
Ao sol, então de pavilhões cobertos.

Est. LXXI a LXXIV.

CANTO XVII

Está Gaza na estrada que encaminha
A Peluzio, na extrema da Judêa,
Junto ao mar construida, convizinha
A immensuravel solidão de arêa,
A qual o furacão revolve e apinha,
Como o austro, quando as vagas revolteia;
Pelo que a custo encontra o viajante
Abrigo n'esse campo fluctuante.

Est. I.

Limita o Egypto esta cidade forte.
Seu rei, que ha muito aos turcos a ganhara,
Por ficar situada de tal sorte,
E convir á empresa que intentara,
Deixando Memphis, verdadeira côrte,
Para mais perto ser, a ella passara,
E ahi de varias partes formidavel
Exercito formara, innumeravel.

Ó musa, qual das coisas fosse o estadó
Ao pensamento meu faze presente:
Que armas o grande imperador juntado
Havia, e companheira ou serva gente;
Quando vieram aqui por seu chamado
Tantas forças e reis do sul e oriente;
Só tu podes os chefes recordar-me,
E meio mundo em armas revelar-me.

Depois que o Egypto o jugo sacudira
Do grego imperio, e a antiga fé, tyranno
D'elle ficara, e ao throno seu subira
Um guerreiro de sangue ma'ometano;
Califa se chamou, nome que unira
Sempre depois ao seu cada sob'rano;
Ptolomeus, Pharaós o rio Nilo
Contou outr'ora pelo mesmo estylo.

Volvendo o tempo, o reino instituido
E accrescentado está de tal maneira,
Que vae, pela Asia e Africa estendido,
De Cyrene e marmorica fronteira
Á Syria, e, terra a dentro, o desmedido
Nilo segue; nem Syene lhe é barreira;
Os campos de Sabá abrange, e chega
Aonde a terra o longo Euphrates rega.

Á direita, e á esquerda comprehende
O rico mar, e a costa do perfume;
Para álem do Erithreu muito se estende,
Para onde o sol dardeja o nado lume.
Tem amplo senhorio; e dês que entende
No mando o que o dirige, e em si resume
Pratica militar e tacto regio,
Mais se tornou assignalado e egregio.

Contra o turco este foi e contra o persa
Muita vez, muita vez os repelliu,
Vencido ou vencedor; e a sorte adversa
Maior que se vencera sempre o viu.
É agora sua vida bem diversa;
A edade já lhe a espada descingiu;
Mas não depoz o bellicoso engenho,
Nem da cobiça, nem da gloria o empenho.

Est. II a VII.

Inda por seus ministros faz a guerra,
E com tanta sciencia e fortaleza,
Que o cargo de monarcha o não aterra,
Nem nos seus annos avançados pésa.
Partida em reinos a africana terra
Treme de ouvir-lhe o nome; o Indo o préza;
Outros povos soccorro voluntarios
Lhe dão de tropa, ou são-lhe tributarios.

Eis o homem que ordena se reúna
Tão numerosa força, e já se apressa
Dos incertos christãos contra a fortuna,
Por que o nascente estado assim pereça.
Vem Armida por ultimo; opportuna
Chega, pois a revista então começa.
Fóra dos muros em campina extensa
O exercito do rei marcha em presença.

N'um throno de sublime luzimento,
De cem degraus eburneos assentado
Fero elle está, sob um docel de argento,
Panno purpureo aos pés de oiro bordado.
Todo o luxo e barbarico ornamento
Mostra com real habito adornado;
Em muitas voltas seu cabello cinge
Branco linho, e diadema alto lhe finge.

Empunha o sceptro; a barba encanecida
O respeito lhe augmenta e a austeridade;
Nos olhos, que não muda a longa vida,
Lampeja o arrojo, o ardor da mocidade;
E por todos seus actos é mantida
Dos annos, do poder a majestade.
Figuraram assim, com tal semblante
Phidias e Apelles Jupiter tonante.

Dois sátrapas, de todos os maiores,
Tem ao lado, um á dextra, outro á sinistra.
Ergue o primeiro, de honras sup'riores,
A espada nua, do rigor ministra;
Traz o sello o segundo, e os int'riores
Segredos guarda e o reino lh'administra;
Mas o outro exerce auctoridade plena
Sobre o exercito, e aos réus inflige a pena.

O throno lhe rodeiam luxuoso
Os fieis circassianos ordenados,
De lança, de coiraça, e de lustroso
Curvo e comprido gladio bem armados.
Tal sobranceiro aos mais o rei famoso
Attento observa juntos os soldados.
Ao perpassar humildes as fileiras
Ante elle inclinam armas e bandeiras.

Est. viii a xiii.

Desfilam nos egypcios adeante;
Mandam-nos quatro chefes; dois vieram
Da terra que das praias é distante,
E dois das que do Nilo as aguas deram,
Tomando o mar co'o limo fecundante,
As quaes, seccando, ferteis se fizeram.
Assim cresceu o Egypto. Oh! quanto agora
Jaz no int'rior, que d'antes costa fôra!

No primeiro esquadrão se encontra a gente
Habitante da rica Alexandria
E da região que volta ao sol ponente,
Aonde Africa a ser já principia.
Rege-a Araspe, no engenho mais potente,
Muito mais, do que illustre em valentia;
De emboscadas perito, em si encerra
Toda a arte que os moiros hão na guerra.

Seguem-se os que no lado estão da aurora,
Na costa d'Asia, os quaes se congregaram
Debaixo de Arontêo, que não decora
Brio ou vigor, mas titulos aclaram.
Do capacete o jugo ainda ignora,
E jámais as trombetas o acordaram:
Do commodo e da paz á acerba lida
Ambição imprudente ora o convida.

Depois um corpo innumero apparece,
Que as praias cobre, e tem o campo cheio.
Não crêreis, não, que sustentar pudesse
Tanto o Egypto, e do Cairo tudo veio,
Cidade que provincia antes parece,
E mil povoações inclue no seio.
Cabe a Campsóne o maximo commando
No grande sim, mas indomavel bando.

Marcham sob Agazel os que a colheita
Fazem na terra proxima fecunda
Até chegar ao sitio, onde se deita
O Nilo em quéda pela vez segunda.
De elmo e coiraça o pêso o egypcio enjeita;
Só tem arcos e gladios; mas abunda
Em trajes sumptuosos e em riqueza,
Movendo mais, do que ao temor, á presa.

De Barca a plebe quasi inerme e nua
Passa sob Alarcon; esta a existencia
Por muito tempo em erma plaga e crua
Sustentou de rapinas e insolencia;
E de Zumara o rei e a gente sua,
Que é melhor, mas não mostra resistencia;
E o que impera de Trípoli na terra.
Ambos dextros volteando usam na guerra.

Atrás, da Arabia Pétrea os moradores
Ve'm, e os da Arabia que Feliz se chama,
Onde do gelo e sol nunca os rigores
Reinam, se é verdadeira antiga fama,
Onde nascem no incenso e os mais odores,
Onde a phenix revive d'entre a flamma,
E sobre flores de perfume vario
Construe o berço, e o leito mortuario.

É d'estes o vestir menos ornado,
Posto ás do egypcio as armas semelhantes.
Depois ve'm outros arabes, que estado
Não gosam certo, instaveis habitantes.
Em perpetuo vagar e descuidado
Mudam nas suas povoações errantes;
Te'm feminil a voz, e a estatura,
Longo, preto o cabello, a face escura.

Arma-lhes grandes cannas ferro fino
Na ponta; e em corceis correm tão depressa,
Qual se os levára vento repentino,
Se algum existe que o voar lhes meça.
Os primeiros conduz Sífa'ce; Aldino
O passo dos segundos endereça;
E Albiazar o do esquadrão terceiro,
Homicida ladrão, não cavalleiro.

Sĕgue-se o povo que deixado havia
As ilhas que da Arabia o pégo lava,
Em cujas ondas rica pescaria
De perolas outr'ora se apanhava,
Com o negro na sua companhia,
Que do mar Roxo á esquerda demorava.
Rege áquelle Agricalte; Osmida a este,
Desprezador das leis terrea e celeste.

Logo de Méroe, que a corrente banha
Do Nilo, e a do Astabora, os insulanos
Se vêem succeder, terra tamanha,
Que ha duas fés, e três reinos soberanos.
Dois reis, Canario e Assimiro, a extranha
Hoste dirigem; são mahometanos,
E o califa tributam; santa crença
O rei terceiro de aqui estar dispensa.

Outros dois reis vassallos com suas gentes
Marcham; por armas settas e arcos trazem;
Um é o sultão de Ormuz, cujas potentes,
Nobres terras no golfo Perseo jazem;
O outro o de Boecan, paiz que, enchentes,
As maritimas aguas ilha fazem;
Mas, quando estas decrescem na vazante,
Entra-o a pé enxuto o caminhante.

Est. xx a xxv.

Nem a ti, Altamoro, o casto leito
Poude reter, e a esposa idolatrada.
Em vão chorou, feriu a coma e o peito,
Por demover-te da fatal jornada.
Quê, dizia, do mar o horrendo aspeito
Mais, ó cruel, que o rosto meu te agrada?
Antes suster as armas quer teu braço,
Que o meigo filho em carinhoso abraço?

De Samarcanda é este rei, e o exalça
Muito mais do que o livre diadema
À sciencia das armas, que realça
Inclito arrojo e valentia extrema.
O christão saberá se a fama é falsa,
E se motivo ha para que o tema.
Armam-se seus guerreiros de coiraça;
Ao lado a espada te'm; no arção a maça.

Vem logo o fero Adrasto, do apartado
Paiz dos indios e da rosea aurora,
De pelle de atra serpe acobertado,
Sua unica veste protectora,
Tamanho, que elephante agigantado
Cavalga, como se ginete fôra;
Guia a gente que áquem Ganges habita,
Onde o Indo no mar se precipita.

O seguinte esquadrão conta os primeiros
Da milicia real, os escolhidos,
Que são, na paz e guerra companheiros,
Com honras e mercês favorecidos.
Montam rijos corceis estes guerreiros,
Para a defesa e ataque premunidos.
Reluz ferido o ar, batendo em tantos
Oiros e armas e purpureos mantos.

Alarco e Omar, que o povo ordena vario
Estão no meio d'elles, e Idraorte,
E Rimedon nos riscos temerario,
Que escarnece dos homens e da morte,
E Tigrane, e Rapoldo, o gran corsario,
Já tyranno do mar, e Ormundo o forte,
E Marlabusto o Arabico, a que dera
Nome a Arabia rebelde que vencera,

E Orindo, e Pirga e Arimon; Brimarte,
Expugnador de muros; Suífante,
Domador de cavallos, e o que n'arte
Da lucta mestre é, Aridamante;
Tisaferno tambem, raio de Marte,
Ao qual ninguem ser ousa semelhante,
Se na sella, ou se a pé fere e resiste,
Rodando a espada ou com a lança em riste.

Est. xxvi a xxxi.

Manda um armenio o exercito infinito,
Emiren, que na sua primavera
Trocou de Christo a lei pelo impio rito,
E o nome, pois Clemente d'antes era.
Homem digno e de fé, que o rei do Egypto
Mais préza do que todos a que impera,
E chefe e cavalleiro preeminente,
Grande n'alma e valor, sabio e prudente.

Já para desfilar ninguem faltava,
Quando apparece Armida com guerreira
Cohorte; em alto carro se assentava,
De vestuario curto, armada á archeira.
Çasa no lindo rosto a sanha brava
Á natural brandura, de maneira
Que respira vigor, e rude e altiva
Parece ameaçar, e mais captiva.

Seu coche, que o do sol imita, arreiam
Pyropos e jacinthos reluzentes;
De exercitado auriga as mãos enfreiam
Quatro unicornes, dois a dois, ardentes;
Cem donzellas, cem pagens o rodeiam,
Que as aljavas dos hombros te'm pendentes,
E a nevados corceis o dórso opprimem,
Os quaes o curso mal na terra imprimem.

Segue-a sua força, e, conduzindo aquella,
Que assoldado na Syria Idraote havia,
Aradim. Qual visita a phenix bella
A Ethiopia, ao tornar á luz do dia,
Maravilha de quantos logram vêl-a,
Co'a formosa plumagem que varia,
O faustoso collar, a aurea corôa,
E o bando de aves que lhe em torno vôa;

Tal passa a nobre Armida radiosa
No trajo, no donaire, no semblante.
Alma, por mais feroz ou desdenhosa,
Alli não ha que não se torne amante.
Se vista só austera, temerosa,
Assim fica de todos triumphante,
Que será quando o rosto alegre torne,
E a bocca e os olhos o sorrir lhe adorne!

Já finda a continencia, o rei superno
Ordena que Emiren ante elle venha,
Para que dos mais chefes ao governo
O exalte, e o mando universal sustenha.
Este, presago, traz signal externo
Na face de que o grau bem lhe convenha;
Abre-lhe estrada a guarda circassiana;
Ascende o armenio á sede soberana;

Est. xxxii a xxxvii.

E, dobrando o joelho e a fronte, ao peito
Chega a dextra. O monarcha assim começa:
Toma o bastão de comandante eleito;
A hoste, qual a mim, te reconheça.
Sobre os francos, livrando o rei sujeito,
Por ti minha ira vingadora de'ça.
Vae, vê e vence; o poder seu reduze
A nada, e os vivos presos me conduze.

Por este modo expressa-se o tyranno:
Recebe o outro o penhor da dignidade,
E responde: o bastão que soberano
Tu me outorgas, invicta majestade,
Da Asia acabará o grave damno,
Com o auspicio da tua auctoridade;
Nem voltarei, se não me ajuda a sorte,
Pois a vergonha tal prefiro a morte.

Ao céu rogo, se acaso infausta hora
(O que eu nao creio) nossa empresa ameaça,
Que na minha cabeça a punidora
Procella unicamente cahir faça.
Torne o exercito salvo, e a vencedora
Palma perto do tumulo me na'ça.
N'isto echôa, do povo co'os accentos,
Longo fragor de agrestes instrumentos.

Entre os gritos, os sons, e a turba densa
Dos nobres o rei parte sublimado,
E ajunta á mesa em sua tenda extensa
Os chefes. Senta-se elle retirado,
E as falas e os manjares lhes dispensa,
De distincções honrando um e outro lado.
Armida as suas artes não esquece,
Pois a festa e o prazer a favorece.

Acabado o banquete, a maga, vendo
Como todos a admiram fixamente,
E por seguro indicio conhecendo
Que cada qual já seu veneno sente,
Ergue-se, o rosto para o rei volvendo,
Com ar entre soberbo e reverente,
Magnanima na voz e na apparencia,
Mostrar buscando do animo a excellencia.

Ó rei supremo, diz, tambem eu venho
Em pró da fé, da patria aventurar-me.
Sou mulher, mas real o sangue tenho;
Julgo proprio aos combates arriscar-me.
Guie a quem quer o throno regio empenho;
A mão que o sceptro empunha é bem que se arme.
Saberá esta (nunca entorpecida)
Ferir, e tirar sangue da ferida.

Est. xxxviii a xliii.

Não supponhas ser hoje o unico dia
Em que meu braço combater deseja;
Por nossa lei, por tua monarchia,
Senhor, corri mais vezes á peleja.
De alguma nossa obra de valia
Te lembrarás que prova d'isto seja;
E que d'entre os christãos fiz prisioneiros
Muitos dos mais famosos cavalleiros.

Por mim captivos e com laço duro
Foram-te estes em dadiva mandados,
E jazeriam inda no antro escuro
De perpetua prisão por ti guardados,
Estando tu agora mais seguro
De veres teus projectos ultimados,
Se o terrivel Reynaldo não matasse
Os meus, e todos elles não livrasse.

Reynaldo conheceis, e sua comprida
Historia, que aqui mesmo a fama conta.
Por este é que depois tanto offendida
Fui; e vejo até hoje inulta a affronta;
Pelo que a colera á razão unida
Me torna para a guerra inda mais prompta.
Qual minha injuria referil-o espero
De espaço, agora só vingança quero.

E eu á procurarei; debalde o vento
Nem sempre leva a setta que se atira;
E até alguma vez do justo e exempto
O céu contra o culpado as armas vira.
Mas, se ha quem a cabeça do cruento
Corte, e m'a entregue, posto que eu prefira,
O que mais digno é, por mim vingar-me;
Com desaggravo tal hei de alegrar-me.

Concederei em galardão da empresa
O que possuo de mais caro preço:
Do que a levar a cabo eu, de riqueza
Dotada, ser esposa estabeleço.
Prometto-o aqui para maior certeza;
Com firme juramento o fortaleço.
Se alguem suppõe que o premio digno seja
Do perigo, declare que o deseja.

Emquanto Armida fala, o cobiçoso
Olhar Adrasto fita na donzella.
Nunca permitta o céu que ao criminoso,
Lhe diz, fira o teu arco, archeira bella;
Homem tão vil com honra tal vaidoso
Ficára; indigno elle é de merecel-a.
Da tua colera eu sou ministro ardente;
Da fronte sua te farei presente.

Est. XLIV a XLIX.

Arrancar-lhe-hei o coração; em pasto
O darei aos abutres palpitante.
D'este modo se expressa o indio Adrasto;
Brada-lhe Tisaferno intolerante:
E quem és tu, que orgulho assim, tão vasto
Mostras perante o rei, de nós deante?
Ha aqui, talvez, quem vença quanto exhala
Tua soberba com acções, e o cala.

Sou um homem, lhe torna o indio fero,
Que faço mais que digo, e nada temo;
E, se falasses n'outra parte, espero
Que este seria o teu arrojo extremo.
Continuavam, quando a mão, severo,
Entre elles estendeu o rei supremo.
Disse depois a Armida: nobre dama,
Alma grandiosa e varonil te inflamma.

Sem duvida mereces que soceguem
Ambos por teu respeito seus rancores,
Por que depois, como pretendes, cheguem
A saciar no barbaro os furores.
É melhor que em tal obra elles se empreguem;
Ahi podem mostrar-se contendores.
Finalisou; a offerta os dois repetem,
E vingal-a á porfia lhe promettem.

Os principaes da hoste os imitaram
Logo com linguagem confiada;
Off'receram-se todos, e juraram
Tirar vingança da cabeça odiada.
Tanto rancor e armas se apostaram
Contra Reynaldo á voz da sua amada!
Mas este, havendo abandonado a costa,
Felizmente de novo o mar arrosta.

O barco no voltar segue ligeiro
O caminho que á ida já seguira;
E o vento, como então, sopra fagueiro,
E favoravel, como então, respira.
Já as Ursas e o polo o cavalleiro,
Já os astros innumeros admira,
Via da noite; e rios e altos montes,
Que estendem sobre o mar as suas frontes.

Ora o estado do campo, ora o diff'rente
Existir de nações varias indaga.
Quatro vezes o sol rompeu do oriente
Dês que partiram da distante plaga,
Quando chegam á terra finalmente
No momento em que a luz no céu se apaga.
Então a dona: é esta a Palestina;
Aqui vossa viagem se termina.

Est. L a LV.

Mal os três desembarca, por secreto
Condão some-se rapida. Surgia
A noite, e do mysterio sob o aspecto
Tudo uniformemente confundia.
Na soidão arenosa nenhum tecto,
Nenhum muro sequer se descobria,
Nem rastos de cavallo ou de pés de homem,
Nem outra coisa que por guia tomem.

Suspensos ficam; porêm cedo avançam,
Costas ao mar, com passo duvidoso;
Quando eis ao longe os olhos seus alcançam
Um não sei que de incerto e luminoso,
Cujos raios de prata e de oiro lançam
Luz sobre o véu nocturno tenebroso.
Logo ao clarão direitos se encaminham,
E já percebem donde os raios vinham.

Vê'm umas armas lucidas e bellas,
Que a lua fere, a um tronco penduradas;
Brilham mais do que limpidas estrellas
As pedras no aureo arnez e elmo engastadas;
Notam gentis imagens á luz d'ellas
No grande escudo em ordem figuradas.
Perto um velho se assenta como guarda,
O qual a il-os receber não tarda.

Logo é pelos dois nuncios conhecido
Do sabio ancião o rosto veneravel.
Tendo este os cumprimentos recebido
Acolheu-os cortez e favoravel,
E a Reynaldo, que o olhava embevecido
E silencioso disse em voz affavel:
Aqui te espero, só, n'esta erma parte
A estas horas, senhor, para saudar-te.

Sou teu amigo; que te provem quanto
Teus socios, e o cuidado que me déste;
Pois fui eu que lhes fiz vencer o encanto
Onde vida tão misera tiveste:
Ouve o discurso meu; não é o canto
Das sereias, porêm não te moleste.
N'alma o imprime até que oiças a verdade
De outro de mais sciencia e santidade.

Da virtude no cume, entre as maiores
Fadigas é que está nossa ventura,
Não em meio de nymphas, aguas, flores,
Á sombra, em fôfo prado de verdura.
Não na obtem o que fóge dos rigores
Da existencia, e prazeres só procura.
E queres que dos cumes longe viva
Teu valor, como em valles aguia altiva?

Est. lvi a lxi.

Ergueu-te ao céu a fronte a natureza,
E adornou-te de espirito excellente
Para aspirar á altura, e por nobreza
De obras subir ao mais preeminente;
Tambem dotou-te d'ira prompto accesa,
Não para a civil guerra cruamente
Servir, nem avidezas implacaveis,
Nem praticas injustas, condemnaveis;

Mas para o brio teu, d'elles armado,
Bravo atacar o oppugnador externo,
E com força maior ser moderado
O cubiçar, impio inimigo interno.
Portanto o que te for apropriado
Te incumba o que ha de todos o governo,
E esforce, e acalme, como lhe pareça,
Teu valor, e ora o excite, ora o embrandeça.

Tal se exprimia. O outro, attento e quedo,
Ouvindo-o, os justos ditos ponderava,
E, cheio de respeito e doce medo,
Confuso a vista para o chão baixava.
Leu-lhe o ancião do animo o segredo,
E ajuntou: alça o rosto, ó filho, e crava
N'este broquel os olhos satisfeitos;
N'elle verás de teus avós os feitos,

E longe a fama sua divulgada
Té no logar mais arduo e solitario.
Tu inda atrás lhes ficas na illustrada
Liça da gloria, e vôo temerario.
Sus; que a tua coragem levantada
Seja por este quadro grande e vario.
Findou; e o cavalleiro o olhar havia
No escudo, emquanto aquelle assim dizia.

Com engenho subtil em campo estreito
Mil figuras o artista executara.
Via-se o tronco proseguir perfeito
Da nobreza que em Accio começara;
Da velha Roma derivar direito
E incorrupto, qual veia de agua clara.
Os principes de loiro t'em capellas;
Mostra as guerras o velho e as acções bellas.

Caio lhe mostra, o qual, já começando
O imperio a sujeitar-se ante o extrangeiro,
De um povo que o requer acceita o mando,
E faz-se d'Este o principe primeiro.
Os vizinhos mais fracos vão buscando
Para abrigo tambem o audaz guerreiro.
Mostra-lhe, após que o godo a raia invade
Celebre, porque Honorio o persuade,

Est. lxii a lxvii.

Aurelio, que sem jugo inda conserva
A gente que o seu sceptro reconhece,
Posto que inteira em sangue a Italia ferva;
Tanto o barbaro incendio se encruece!
Governa livre quando Roma serva
De anniquilada ser toda estremece;
E mostra-lhe Foresto oppondo forte
Barreira ao huno, domador do norte.

Eis Attila, que o diz o atroz semblante
Com olhos de dragão enrubescidos,
E ao de cão temeroso semelhante;
Escutar-lhe julgáreis os ladridos.
De pugna singular foge o arrogante
Para o meio dos seus de armas fornidos.
Foresto a defender vae Aquilêa;
Italia a este o seu Heitor nomêa.

Em outra parte morre; seu destino
É egual ao da patria. Eis do famoso
Pae herdeiro, o magnanimo Acarino,
Da Italia campeão, lida animoso.
Ao fado cede, não ao huno, Altino,
E procura logar de mais repouso;
Depois uma cidade de diversas
Casas compõe em Val de Pó dispersas.

Este peia do rio o curso forte,
E levanta a cidade que devia
Dos Estenses magnificos a côrte
Nos seculos futuros ser um dia.
Desbarata o alano; triste sorte
Contra Odoacro ter após se via,
E morrer pela Italia Oh! sempiterna
Morte que á gloria o reuniu paterna!

Ca'e com elle Alforizio; acompanhado
Pelo irmão, Azzo vae a exilio insano;
Mas voltam com esforço redobrado,
Oppresso já o hérulo tyranno.
De uma setta o olho esquerdo traspassado,
O Epaminondas d'Este morre ufano,
Alegre porque Tótila é vencido,
Porque o caro broquel não ha perdido.

De Bonifacio falo. Segue o passo
Do pae Valeriano, inda creança:
Já com peito viril e viril braço
Do godo os esquadrões ante si lança.
Perto Ernesto, na face rude ameaço,
Contra o esclavonio feliz nome alcança.
Mas antes d'elle o intrepido Aldoardo
Expulsa de Monselce o rei lombardo.

Est. LXVIII a LXXIII.

Henrique alli se admira, e Berengario,
O qual onde o pendão Carlos desprega,
Carlos o Magno, logo, temerario,
Para o servir antes de todos chega.
Serve depois Luiz; este ao contrario
Sobrinho o envia, e em debellal-o o emprega.
Eis em batalha o vence, e o faz captivo;
Eis com os filhos cinco Othon altivo;

E Almárico egualmente, que a cidade
Que o Pó domina já senhor desfructa.
Ao céu eleva os olhos com piedade,
Como quem tantos templos lhe tributa.
Defronte poz do artista a habilidade
Azzo segundo em porfiada lucta
Com Berengario; sorte dubia e alterna
Lhe cabe; vence, e Italia emfim governa.

Eis Alberto, seu filho, entre os germanos,
Que o seu valor de tanto lume cerca.
Já vencidos em justa e em guerra os danos,
Othon por genro com bom dote o merca.
Eis atrás d'elle Hugo; dos romanos
Este obriga a soberba a que se perca.
Marquez a ser virá da Italia ainda,
E mandará toda a Toscana linda.

Depois Theobaldo, e Bonifacio; á ilharga
A sua Beatriz este trazia.
Para tal pae, e herança tal, tão larga,
Nem sequer um varão herdeiro havia.
Mathilde, a qual do mando toma a carga,
Supprindo o sexo e a edade, se seguia;
Que pode a sabia dama e valorosa
Suster c'roas e sceptros orgulhosa.

Impulso varonil do rosto expira,
Mais do que varonil no olhar parece.
Alli bate o normando, e as costas vira
Guiscard, que nunca achou quem o vencesse;
Aqui Henrique estrue, e a que lhe tira
Bandeira imperial ao templo offrece;
Aqui de novo o papa soberano
Põe no solio do egregio Vaticano.

Vê-se após, como quem ella honra e ama,
Azzo quinto a seu lado, ou no seu trilho.
Mas de Azzo quarto a prole se derrama
Abundante com mais ditoso brilho.
Corre á voz da Germania, a qual o chama,
Guelfo, de Cunegundes digno filho;
E é o germen romano bemfadado
Aos campos da Baviera trasladado,

Est. LXXIV a LXXIX.

Aonde um fausto ramo a casa d'Éste
Dos Guelfos na já velha arvore enxerta,
Que mais do que antes de belleza a investe,
E para mór poder os seus desperta.
Já por favor da excelsa luz celeste
Cresce, e a virente copa mostra aberta;
Já topeta co'o céu; já quasi meia
Germania occupa; já toda a sombreia.

Mas nos ramos italicos frondeja
Com elle o regio tronco em competencia:
Por um Guelfo um Bertholdo alli viceja;
Azzo sexto aos avós rouba a excellencia.
Esta é a serie de heroes, de heroes inveja,
A que presta o metal forma e existencia.
Reynaldo contemplando-o, da nativa
Honra sente o incendio que se aviva;

E pela emulação arrebatado,
Se commove, se inflamma tão ve'emente,
Que quanto em sua idéia tem gravado,
Cidades combatidas, morta gente,
Não julga ser apenas figurado,
Mas que tudo é verdade, está presente;
E arma-se á pressa; e, ambicionando a gloria,
Previne-a, vae adeante da victoria.

Então Carlos, que já do regio herdeiro
De Dinamarca lhe contara a morte,
Entregando-lhe o gladio do guerreiro,
Toma-o, lhe diz, com venturosa sorte;
Só pelo Deus eterno e verdadeiro
O emprega, justo e pio, como forte;
E do que o teve, e te amou tanto, vence
O matador; vingal-o te pertence.

Replica-lhe Reynaldo: o céu consinta
Que a mão, que tal espada ha recebido,
A vingança esperada não desminta,
E satisfaça o preço merecido.
Carlos, no qual o jubilo se pinta,
Lh'o agradece em discurso resumido.
Emtanto o sabio ancião se preparava,
E á viagem nocturna os apressava:

Partâmos, Godefredo já te espera,
E todo o campo; és-lhe preciso agora.
Na escuridão, que em roda a nós impera
Té lá vos serei guia protectora;
A um carro n'isto sobe que alli era,
No qual os três recebe sem demora,
E, aos ligeiros corseis redeas largando,
Fustiga-os para o oriente caminhando.

EST. LXXX A LXXXV.

Calados pela noite tenebrosa
Vão, quando o velho d'este modo exclama:
Viste da tua estirpe gloriosa
Qual a raiz distante e farta rama,
E, posto desde a edade mais mimosa
Mãe foi sempre de heroes de insigne fama,
Não cuides que de têl-os sinta mingua,
E que o extenso viver seu brio extingua.

Oh! se eu, como tirei do seio fundo
Da antiguidade os teus avós, pudesse
Descobrir-te o porvir largo e jocundo
Dos que virão de ti, e, antes que houvesse
Para elles raiado a luz do mundo,
Do mundo conhecidos os fizesse,
Menor serie de heroes não descobriras,
E tão illustres certamente os viras!

Mas para que adivinhe do futuro
A verdade a minha arte é bem escassa;
Indeciso sómente o observo e escuro,
Como facho por nevoa longe e baça.
Nem me julgues audaz, se t'o asseguro
Agora em parte; concedeu-me a graça
De o penetrar o que do empyreo santo
Os segredos ás vezes lê sem manto.

O que lhe ha revelado a luz divina,
E me elle patenteou eu te predigo:
Progenie grega, barbara ou latina
Nunca houve o tempo de hoje ou o tempo antigo
Com tamanhos heroes, quaes te destina
Nos claros netos o alto céu amigo,
Porque logar cada um ao lado toma
Do maior de Carthago, Esparta e Roma.

Entre estes vê-se Affonso, intitulado
Segundo, mas primeiro em valentia,
O qual deve nascer quando cansado
Precize o mundo de homens de valia.
Não ha de por ninguem ser empregado
O gladio assim; com tanta galhardia
Não cingirá ninguem o diadema;
Do sangue teu será gloria suprema.

Inda creança, a pugna arremedando,
Patenteará o seu valor bastante;
Fará terror ás feras monteando;
A todos passará na justa adeante;
Em verdadeiras guerras pelejando,
Palmas recolherá depois ovante;
E muita vez de roble, grama e loiro
A cabeça ornará e a c'rôa de oiro.

Est. lxxxvi a xci.

Nem será menos honra e luzimento,
Quando chegar á já madura edade,
Entre armados vizinhos ter exempto
Das luctas o seu reino e em liberdade;
Nutrir e fecundar a arte, o talento,
E festas celebrar com majestade;
Premios, penas pesar com são juizo,
E ao futuro prover como é preciso.

Oh! se algum dia contra o povo infido,
Que ha de a terra infestar, varrer os mares,
E impor a sua lei n'esse affligido
Tempo ás nações do mundo singulares,
Por summo capitão fosse escolhido
Para desaffrontar templos e altares,
Que tão justa vingança tiraria
Do tyranno feroz, da seita impía!

Embalde com mil hostes pretendera
O turco e o moiro oppôr-se-lhe animoso,
Que do Euphrates álem levar pudera,
Álem do Taureo pincaro nevoso,
E inda álem donde estio eterno impera
A cruz, a aguia, os lizes, poderoso,
E, para o negro baptizar remoto,
Mostrára do gran Nilo o berço ignoto.

D'esta maneira o velho se expressava,
E o mancebo o attendia alegremente,
Que um tacito prazer antegostava,
Na sua descendencia pondo a mente.
A aurora emtanto o sol annunciava;
Os céus a côr mudavam no oriente,
E já viam ao longe esvoaçando
As bandeiras, as tendas adornando.

Então de novo o sabio principia:
O sol formoso, que vos dá na fronte,
Vos mostra, e com seus raios alumia,
O exercito, a cidade, o campo, o monte.
Até este logar fui vosso guia
Por ignotas estradas; eis defronte
Os vossos; ora aqui podeis largar-me;
Nem me é licito mais adeantar-me.

Assim se despediu, os cavalleiros
Alli deixando a pé. Estes marcharam
Contra o nascente, e aos pavilhões guerreiros
Dos christãos o caminho endereçaram.
A fama com seus brados pregoeiros
Logo espalhou que os três barões chegaram.
Godefredo, ao sabel-o, alvoroçou-se,
E para os receber alevantou-se,

EST. XCII a XCVII.

CANTO XVIII

Perante Godefredo já chegado,
O mancebo Reynaldo assim se exprime:
Senhor, sómente a honra me ha levado
A Gernando matar: eis o meu crime;
E, se foste por mim n'isso aggravado,
Muito o senti depois, e arrependi-me.
Obedeci ao teu chamado prompto,
E por obras cobrar tua graça conto.

Inclina-se, acabando, com respeito;
Abraça-o Godefredo, e lhe responde:
Guarde a memoria d'esse triste feito
O olvido, cujo seio tudo esconde.
Para servir de emenda só teu peito
Faça o que ao seu passado corresponde,
O que por uso tens; vae da floresta
Vencer a turba monstruosa e infesta.

A antiquissima selva, donde outr'ora
Tanta madeira foi por nós tirada,
Não se sabe porquê, acha-se agora
Terrivel e de encantos povoada.
Os mais fortes guerreiros apavora;
Mas não deve sem machinas tentada
Ser a cidade. Aqui, onde se prostra
De tantos o valor, teu valor mostra.

Com pequeno discurso offereceu-se
O cavalleiro aos riscos e á fadiga;
Mas em seu nobre gesto claro leu-se
Que muito ha de fazer, posto o não diga.
Para os outros após lêdo volveu-se,
A todos estendendo a mão amiga,
Que alli Tancredo e Guelfo se encontravam,
E os principaes que o exercito mandavam.

Já tendo os cumprimentos com seus pares,
Os chefes, satisfeito dignamente,
Recebeu com maneiras populares
E agradaveis da hoste a menor gente.
Não seriam nos gritos militares
Tão alegres, e o povo tão frequente,
Se as nações orientaes e austraes domasse,
E em carro de triumpho aos seus voltasse.

Est. 1 a v.

Festejado assim, entra a tenda cara,
E entre os amigos senta-se. Entretanto
Lhes responde, e pergunta o que passara
Na guerra, ou da floresta qual o encanto.
Emfim, quando cada um já se apartara,
D'este modo se exprime o Ermita santo:
Muito has visto e corrido com destino
Inconstante, admiravel peregrino.

Quanto deves a Deus, grande guerreiro!
Do prazer te arrancou á ebriedade,
E ao antigo redil, pobre cordeiro,
Te reconduz agora com piedade,
Para eleger-te o capitão primeiro
Executor da sua alta vontade.
Mas não cumpre que o braço inda profano
Armes em seu serviço soberano;

Que estás na triste escuridão do mundo,
E na da carne vil tão mergulhado,
Que nem co'o grosso Nilo, ou o mar profundo
Conseguiras de todo ser lavado.
Só o favor do céu quanto has de immundo
Póde puro tornar; ao céu virado
Perdão portanto reverente implora,
Tuas culpas confessa, pede e chora.

Findou. Em si Reynaldo recolhido
Carpe a ira soberba, e os vãos amores;
Depois ante elle ajoelha arrependido,
E lhe confessa os juvenis errores.
O ministro de Deus, já concedido
O perdão, accrescenta: co'os alvores
Do dia irás orar áquelle monte,
Que vê os raios da manhan defronte.

D'alli caminha ao bosque verdejante,
Morada de phantasmas mentirosos.
Não te resistirá monstro ou gigante,
Se nova falta não t'os faz damnosos.
Nem flebil voz, nem voz que doce cante,
Nem rir suave, e ares maviosos
Dobrem teu coração; da falsa prece,
Das formas apparentes escarnece.

Tal o aconselha. Entre desejo e esp'rança
Se apresta o cavalleiro para a empresa.
O dia e toda a noite não descansa
Cogitando impaciente; nem accesa
É a luz d'alva, e mão das armas lança;
Outra armadura toma com presteza;
Os companheiros deixa; e a pé, sósinho,
Silencioso vae logo ao seu caminho.

EST. VI a XI.

Era o tempo em que ainda não clareia
Inteiramente a abobada sombria,
Mas de algumas estrellas se semeia,
E a roxear o nascente principia,
Quando ao Monte Olivete, erguida a ideia,
O guerreiro christão se dirigia,
Contemplando as bellezas matutinas,
E as nocturnas, perpetuas e divinas.

Ah! quantas, quantas lampadas tão bellas
Ornam do empyreo o templo! A pompa sua
Mostra o sol dardejante; aureas estrellas
Ostenta a noite, e a prateada lua.
Porêm no mundo quem se apraz de vêl-as?
E amâmos a luz debil que fluctua,
E que um olhar, um riso nos descobre
Da terrea formosura, fraca e pobre!

Assim dizendo, ao mais soberbo cume
Subiu; e alli, por terra, humildemente,
Alçou álem dos céus de eterno lume
O pensar, fita a vista no oriente:
Nos graves erros meus, supremo Nume,
No meu passado põe benigno a mente;
Pae e Senhor, em mim tua graça chova;
Do mal me purifica, e me renova.

Emquanto ora, nas abas do horizonte
De oiro se tinge a rubicunda aurora,
Que o elmo, as armas, e do verde monte
A cima d'elle em derredor colora;
E sente pelo peito, e pela fronte
O meigo sopro da aura animadora,
Sobre a sua cabeça sacudindo
O orvalho que a manhan vem desparzindo.

Poisando do guerreiro na armadura
De côr de cinza, os celestiaes frescores
Transformam-na, de lívida e de escura,
Em peregrinos, lucidos candores.
Assim dá outra vida e formosura
A aragem matinal ás seccas flores;
Assim á mocidade a serpe torna,
E de outra pelle reluzente se orna.

Reynaldo a sua veste demudada,
E o intenso fulgor que deita admira;
Depois á velha selva nomeada
Intrepido e seguro os passos vira.
Chega onde a alma cede amedrontada
Aos menos fortes do terror que expira,
E com desgosto ou medo não no empece
O bosque; alegre sombra lhe parece.

Continúa; e um rumor percebe emtanto
Que deleitosamente o ar povôa:
De escondido regato o surdo pranto,
A viração que na folhagem sôa,
O lastimoso cysne, a cujo canto
O roixinol responde, e se magôa,
Cytharas, phrases de poesia amenas!
Tantos sons exprimia um som apenas.

Reynaldo, como os outros, esperara
Fragor de acovardar o mais exempto;
E escuta das sereias a voz cara,
A agua, a brisa, as aves em concento.
Surprehendido, por instantes pára;
Depois caminha pensativo e lento;
E só por embaraço encontra um rio,
Que se desliza limpido e tardio.

N'este uma e outra margem se retrata
Risos vertendo e insolita fragrancia;
O curso fluvial, que se dilata,
Não serve de grinalda á maga estancia;
Pois n'ella entra em canal de viva prata,
Que a divide e se perde na distancia.
O rio banha a matta, e a matta o assombra,
Troca gentil de fresquidão e sombra.

Emquanto o heroe onde passar buscava,
Pasmosa ponte de oiro eis que surgia,
Que em arcada firmissima assentava,
E em larga estrada ante elle se estendia.
Transpõe-na; e, a outra margem mal tocava,
Logo a ponte sobre a agua se abatia,
A qual comsigo a leva apressurada,
De branda em caudalosa já tornada.

Olha elle atrás e entumescida a nota,
Qual se grossa da neve liquescente,
Que voluvel, inquieta se alvorota,
Em mil ondas correndo velozmente.
Porêm de examinar a selva ignota
Curioso desejo ávido sente,
E mais e mais de cada vez o inflammam
Outros encantos que lhe a vista chamam.

Por onde vae, a terra myst'riosa
Em producções arrebentar parece;
Abrem-se os lirios; desabrocha a rosa;
Nasce uma fonte; um córrego apparece;
E em cima e em torno d'elle a selva annosa
Remoça as folhas suas; amollece
Cada cortiça; lêda formosura
Os ramos traja de maior verdura.

Est. XVIII a XXIII.

Maná estão as folhas gottejando;
Mel destillam nos troncos; a voz doce
Então, queixas e cantos mixturando,
De novo, extranha musica, escutou-se;
Porêm o choro humano, acompanhando
A brisa, a agua e os cysnes, onde fôsse
Não se via; nem quem estes accentos
Formava; nem ainda os instrumentos.

Emquanto observa, embora não no creia,
Tudo isto que os sentidos lhe fascina,
Encaminha-se a um myrto, que campeia
Onde em praça um caminho se termina;
O extraordinario myrto mais se alteia
Do que o cypreste e a palma peregrina,
Sobrelevando as arvores de sorte,
Que alli crêreis do bosque ser a côrte.

Á grande praça chega; e absorto encára
Inda mais assombrosa novidade:
Com um carvalho, attonito, depara,
Que se abre, e que produz; uma beldade
Do centro d'elle sa'e, com veste rara,
Nympha de amor na florescente edade;
Depois de outros cem troncos verdejantes
Sa'em tambem cem nymphas elegantes.

As deusas das florestas que pintadas
Vêmos, ou no theatro apresentar-se,
Braços nus, de cothurnos, adornadas,
Saia curta, o cabello a despregar-se,
Poderiam ás filhas simuladas
D'esses troncos de certo comparar-se;
Em logar só dos arcos e da aljava,
Qual laúde, qual cithara empunhava.

Logo giros e danças começaram,
E concordes n'um circulo se uniram,
Com que o forte guerreiro rodearam,
E egualmente a grande arvore cingiram.
Então os cantos seus meigos soaram,
E estas vozes melodicas se ouviram:
Bem vindo sejas a esta amena estança,
Ó da senhora nossa amor e esp'rança.

Saúde tu vens dar á que te espera,
E, abrasada, do amor sente a ferida.
Esta selva, outro tempo horrida e fera,
Logar conforme á desditosa vida,
Com teu chegar se anima e regenera,
De mais ridente gala revestida.
Taes cantavam; do myrto um som partia
Dulcissimo depois; e o tronco abria.

Est. xxiv a xxix.

A edade fabulosa produziu
Troncos eguaes de fertil natureza;
Porêm o myrto, quando o seio abriu,
Mais patenteou, causou maior surpresa,
Porque uma dama nobre descobriu,
No falso aspecto angelica belleza.
Olha Reynaldo; e, como olhado houvesse,
A feiticeira Armida reconhece.

Ella, no heroe fitando a vista ardente,
Que exprime affectos mil, risonha e triste,
Exclama: eis que te vejo finalmente;
Voltas áquella de que já fugiste.
Vens os dias e as noites docemente
Consolar da que só, sem ti existe?
Ou trazes guerra, e vens para expulsar-me,
Occulto o rosto, e as armas a mostrar-me?

És amante ou contrario? A rica ponte
Não preparei julgando-te inimigo,
Nem fiz brotar o arroio, a flor, a fonte,
Nem te livrei do estorvo e do perigo.
Esse elmo tira pois; descobre a fronte;
Põe nos meus os teus olhos, se és amigo;
A bocca á bocca, o peito ao peito unâmos;
Sequer as mãos um e outro confundâmos.

Proseguindo, para elle o olhar mavioso
Volvia, e descorava-lhe o semblante,
Mentindo nos suspiros, no ancioso
Soluçar, e no choro delirante,
Tanto, que á compaixão um descuidoso
Movera, posto de aço ou de diamante;
Mas não cruel, prudente o cavalleiro
Já não na ouve, e arranca o ferro inteiro.

N'isto ao myrto ella corre, o tronco abraça,
Que lhe é tão caro, e brada, a elle unida:
Ah! que a effeito não leves a ameaça
Contra a arvore minha tão querida.
Barbaro, deixa o ferro, ou, antes, passa
Com este o coração da pobre Armida.
Para o myrto ferir só tens o meio
De primeiro ferir este meu seio.

Ergue elle, sem na ouvir, a espada dura;
Mas eil-a se transforma, oh! maravilha!
Tal de repente muda de figura
Vaporosa visão, dos sonhos filha.
Engrossa os membros; torna a face escura;
Onde já a neve e a purpura não brilha;
Converte-se em altissimo gigante,
Briareu de cem braços arrogante.

Est. xxx a xxxv.

Cincoenta gladios vibra; com cincoenta
Escudos sôa, e ameaçando freme;
Cada nympha tambem armas sustenta,
Feita cýclope horrendo; e elle não teme;
Antes, contra o gran myrto mais se alenta,
O qual, como animado, aos golpes geme.
O ar parece o ar do campo estygio:
Tantos os monstros são, tanto o prodigio!

Abala-se, e estremece em torno a terra;
Trôa, e fulmina o céu na escuridade;
Travam nos ventos, e as procellas guerra;
Açoita-lhe o semblante a tempestade;
Mas Reynaldo nenhum dos golpes erra;
Nada lhe impede a indomita vontade.
Corta a arvore, que um myrto ser parece.
Vão-se as larvas; o encanto se esvaece.

Calma-se então o ar e o firmamento;
E o bosque volta ao natural estado,
Não lêdo ou com tremendo encantamento,
Porêm do horror innato só ornado.
Procura o vencedor se impedimento
Inda existe para elle ser cortado;
Depois sorrindo diz: falsa apparencia!
Ter de ti medo o homem! que demencia!

D'alli caminha ás tendas. Entretanto
Bradava Pedro, o Ermita, prazenteiro
Está quebrado da floresta o encanto;
A nós já torna o inclito guerreiro.
Vêde-o. E ao longe elle aponta, niveo o manto,
Majestoso no aspecto e sobranceiro,
E da aguia a plumagem prateada
Raiando ao sol com luz descostumada.

Acolhe-o o acampamento jubiloso;
Soltando gritos mil corre a saudal-o;
Godefredo depois em modo honroso
O recebe; e ninguem ousa invejal-o.
Disse ao chefe Reynaldo: ao temeroso
Bosque fui, qual mandaste, e pude entral-o;
Vi, e venci o encanto. Agora a gente
Que enviares irá seguramente.

Marcham á velha selva, onde cortadas
São as madeiras que preciso era.
As machinas primeiro fabricadas
Um artifice obscuro as dispuzera,
São de outra sorte as novas preparadas,
E n'ellas um famoso artista impera,
Guilherme, o chefe lígure, que o dorso
Do mar senhoreara, entregue ao corso,

Est. xxxvi a xli.

Mas que afinal, forçado a retirar-se,
Ao sarraceno audaz o abandonara,
E no campo viera apresentar-se,
E marinheiros, e armas offertara.
Entre todos a elle equiparar-se
N'aquellas construcções ninguem lograra.
Conduzia comsigo cem menores
Obreiros, do que idéia executores.

Catapultas, balistas com presteza,
E aríetes formando principia,
Para tirar aos muros a defesa,
E lhes desmoronar a soberbia.
Outra obra inda construe de mais grandeza,
Torre maravilhosa em valentia,
Pinho e abete o int'rior, coiro por fora,
Abrigo contra a chamma assoladora.

Desfaz-se e recompõe-se o alto madeiro,
Cujas peças subtil trabalho liga;
A trave com cabeça de carneiro
Sa'e debaixo, e em vaivem tudo fustiga;
Lança uma ponte o centro, que ao fronteiro
Muro se junta, quando a guerra obriga;
Outra torre menor d'elle na cima
Se mostra, e para os ares se sublima.

Pelos terrenos bons correntemente
Sobre mais de cem rodas conduzida,
Gravida de armas, gravida de gente,
Levada póde ser com pouca lida.
A traça e a rapidez attentamente
Da obra admira o exercito. Em seguida
Duas torres tambem do mesmo modo
Se edificam, áquella eguaes no todo.

Emtanto os sarracenos não deixavam
De perceber o que os christãos faziam,
Porque nos muros onde avizinhavam
Mais o campo a espiar guardas haviam.
As cargas de madeira estas notavam
Que da velha floresta conduziam;
Mas dos engenhos como seja a forma
Não vê'm, e qual do seu fabrico a norma.

Egualmente o infiel com muita arte
Ordena os seus; e as torres e a muralha
Reforça, levantando esta na parte,
Onde mais debil é para a batalha,
Tanto, que já não julgam que de Marte
Para a tomar a diligencia valha.
Mas, álem d'isso, Ismeno ainda aprompta
Copia de fogos, e com elles conta.

Est xlii a xlvii.

Betume e enxofre o magico mixtura,
Que o lago de Sodoma ha produzido,
Antes, o inferno, e o rio de agua escura,
Por que este nove vezes é cingido,
Com que aos rostos atira chamma impura,
Fetido cheiro e fumo ennegrecido.
Vingar d'esta maneira elle pretende
A cara selva, que o christão lhe offende.

Emquanto estão o exercito e a cidade
O assalto e a resistencia apparelhando,
Uma pomba na aerea immensidade
Sobre o franco arraial vê-se passando,
A qual vae com veloz agilidade
A vazía campina atravessando.
Já a branca mensageira peregrina
Das nuvens á cidade o vôo inclina,

Quando, de curvo bico, e unhas armado,
Um falcão, não sei donde, lhe apparece,
Que entre os muros e o campo accelerado
A busca. A triste para a terra de'ce.
Baixa elle, e, á maior tenda já chegado,
A persegue; alcançal-a já parece,
E quasi que empolgal-a; mas com medo
Ella auxilio procura em Godefredo.

Recolhe-a o capitão presto, e a defende;
Observando-a, depois pasmo sentia,
Pois uma carta por um fio pende
Do collo, a qual n'uma aza se encobria.
Abre-a; desdobra-a; e facilmente entende
As poucas linhas que ella em si havia.
Ao senhor da Judéa, encerra o escripto,
Saúda o capitão do rei do Egypto.

Senhor, não desanimes; té á quarta,
Ou quinta aurora oppõe-te com firmeza;
Que muito pouco faltará que eu parta,
E vença o franco, e livre Sião presa.
Este o segredo que na breve carta
Vinha em barbara lettra com clareza,
E o que trazia o portador volante;
Nuncios outr'ora em uso no Levante.

A pomba Godefredo então liberta,
A qual, como o sigillo desvendara,
Não volta para o dono, estando certa
De que rebelde a elle se tornara.
Convoca o chefe os principaes; a aberta
Missiva mostra, e diz-lhes: como clara
Do Eterno a providencia por nós vela!
Como tudo bondosa nos revela!

Est. XLVIII a LIII.

Nada pois á demora nos obriga;
Já póde assalto novo começar-se;
Não devemos poupar-nos á fadiga
Para na rocha estrada franquear-se
Pelo sul; não é facil se consiga;
Mas vi-a, e é possivel praticar-se,
Pois do muro essa parte pela agrura
Do logar estará menos segura.

Que o ataques tambem por esse lado
Com os engenhos teus, Raymundo, quero.
Eu co'o apparato bellico ordenado
Ir contra a porta Aquilonar espero,
Para que o infiel seja enganado,
E aguarde alli o pelejar mais fero.
Depois a minha grande torre, que anda
Rápida, levará guerra a outra banda.

Camillo, conduzir á mesma hora
Té junto a mim has de a terceira torre.
Então Raymundo, que ao pé d'elle fôra,
E attentamente o ouvira, assim discorre:
A quanto Godefredo ordena agora
Nada tirar ou accrescentar occorre;
Apenas aconselho que se envie
Alguem ao campo hostil que tudo espie,

E seu poder nos narre verdadeiro,
E o mais que averigue exactamente.
Tenho para esse effeito um escudeiro,
Diz Trancredo; proponho-o alegremente;
Homem sagaz, intrepido, ligeiro,
Á intrepidez unindo ser prudente,
Que muitas linguas fala, e muda o passo,
As maneiras e a voz sem embaraço.

Veio este, e, depois de percebido
Quanto o chefe e o seu amo pretendia,
Ergueu sorrindo o rosto decidido,
E eis-me prompto a partir, lhes respondia.
Breve onde está o exercito estendido
Chegarei cauteloso, ignoto espia.
Á luz do sol pretendo devassal-o,
E cada homem contar, cada cavallo.

Quanta a gente, qual seja, e o pensamento
Do capitão eu vos direi ao certo;
Prometto descobrir-vos seu intento,
E o que em su'alma jaz mais encoberto.
Tal blasona Vafrino; e n'um momento
Traja comprida veste; descoberto,
Livre deixa o pescoço, e a fronte arreia
Com turbante, que em voltas a rodeia.

Est. liv a lix.

Toma a aljava, o arco syrio, e semelhando
Fica mesmo um infiel; todos de ouvil-o
Admirados se mostram, ponderando
Como idiomas varía, como o estylo;
Phenicio fôra em Tyro demorando,
E egypcio fôra no paiz do Nilo.
N'isto sobre um corcel depressa abala,
Que a areia no correr leve assignala.

Mas os francos as vias aplanaram
Antes que a vez terceira o sol raiasse,
E as machinas guerreiras aprestaram,
Sem que jámais o trabalhar cessasse;
Até á noite a quietação roubaram,
Fazendo com que ao dia se ligasse.
Nada já ha que a marcha lhes retarde,
E o fogo abafe que nos peitos arde.

Na vespera do assalto o piedoso
Chefe por longo tempo humilde reza;
Confessar todos manda, e o precioso
Pão receber na sacrosanta mesa.
Onde ha menos mister, insidioso,
Engenhos, armas junta com presteza;
O pagão illudido se conforta,
Vendo-o chegar-se á prevenida porta.

Pela nocturna escuridão a ingente
Agil machina após é transportada
Aonde a muralha mais direitamente
Corre, e menos está fortificada.
Sobre o oiteiro tambem fica eminente
Raymundo a Sião com sua torre armada;
Com a sua Camillo se encaminha
Ao lado que do norte a occaso vinha.

Porêm mal no oriente appareceram
Os clarões com que o sol se annunciava,
Temor extremo os infieis tiveram,
Por não se achar a torre onde se achava,
E porque de duas mais noticia houveram,
Cada uma a um lado, o que ninguem cuidava.
São em numero immenso tambem vistas
Catapultas, aríetes, balistas.

Emtanto o syrio rapido prepara
O muro que o christão agora ameaça,
E a defesa do lanço que julgára
Atacado antes ser a este passa.
Mas o chefe, que as vias occupara,
Para que damno o egypcio não lhe faça
Na espalda, aos dois Robertos convocados
Diz e a Guelfo: a cavallo estae armados;

Est. LX a LXV.

E procurae, no tempo em que eu ascendo
D'aquelle muro os sitios menos fortes,
Que alguma gente, sobre nós correndo,
Não traga aos que lidâmos guerra e mortes.
Acaba; e a partes três o assalto horrendo
Movem as três impavidas cohortes.
Defronte os seus em três tambem colloca
O rei, que a veste pelas armas troca.

Elle mesmo o seu corpo vacillante
Do proprio pêso, e tanto andar no mundo,
Cobre com a armadura, que em distante
Epocha usara, e vae contra Raymundo.
A Godefredo Solimão, e Argante
Ao bom Camillo oppõe, que de Boemundo
Tem comsigo o sobrinho; este a fortuna
Conduz, por que o Sultão matando, o puna.

A atirar os archeiros principiam
Tiros banhados em veneno infenso.
Escurecer-se os ares pareciam
Ao chuveiro que formam grande e denso;
As machinas muraes os despediam
Com vigor mais feroz, e mais intenso,
Arrojando marmoreas balas graves,
E com cabeças de aço, ferreas traves.

Qual raio é cada pedra despedida;
E armas e membros piza de maneira,
Que não rouba sómente a amada vida,
Mas do corpo, e do rosto a forma inteira.
Não fica a lança dentro da ferida;
Fere, e ainda prosegue na carreira;
Entra por um, e sa'e pelo outro lado,
Depois de haver a morte já causado.

Não arreda entretanto da defesa
Tanto furor a multidão descrente,
Que applicára dos tiros á dureza
Materia que cedia facilmente.
Não tendo opposição n'esta, a braveza
Das machinas quebrava facilmente.
Mil settas sobre a turba mais exposta
Ve'm de cima dos muros em resposta.

Todavia o christão não desanima,
E ao triplicado ataque as forças move;
Quem vae sob os engenhos, sem que o opprima
O granizo das flechas, que em vão chove;
Quem á muralha as torres approxima,
Que d'esta quanto pode o infiel remove.
Já lançar tenta cada torre a ponte;
Bate o carneiro co'a ferrada fronte.

Est. lxvi a lxxi.

Reynaldo emtanto pára, como entenda
Que d'elle tal perigo indigno era,
Pois, se entre os mais á marcial contenda
Fôsse, plebeu louvor lhe pertencera.
Os olhos volve em torno, e illustre senda
Só crê a que o valor mais desespera;
Onde o muro é mais forte, onde é mais alto,
E está em paz levar pretende o assalto;

E, voltando-se áquelles a que o puro
Dudon guiou outr'ora, heroes famosos:
Que vergonha ficar aquelle muro
Tranquillo, aqui com tantos valorosos!
Tem nos riscos o brio alvo seguro;
Planas as vias te'm os animosos.
Marchemos contra os tiros do inimigo;
Dos escudos formemos vasto abrigo.

Diz; e todos n'um corpo se ajuntando,
Elevam nos broqueis sobre a cabeça,
E os unem, ferrea abobada formando
Contra a procella horrivel, que não cessa.
Debaixo da coberta vão marchando
Ligeiros; nem ha nada que os empeça,
Que a firme tartaruga apara e acceita
Quanto o contrario das ameias deita.

Ás muralhas já chegam. N'isto escada
Reynaldo ergue de incrivel comprimento,
E a move com mão firme e confiada,
Como sacode a canna solto vento.
É a lança, a trave, a pedra arremessada
Da altura, e nem por isso elle mais lento
Sobe, que ousado, invicto desprezara
O Ossa, e o Olympo até, se desabara.

Muita setta e ruína, qual mortalha,
Tem sobre si, e sobre o escudo um monte;
Bate co'a dextra a proxima muralha;
Eleva a outra, resguardando a fronte.
Seu arrojo a incitar os mais não falha;
Quantos, como esse exemplo a estrada aponte,
Não encostam escadas temerarios!
Mas a sorte e o valor são-lhes contrarios.

Morrem uns, ca'em outros; atrevido
Elle trépa; uns anima; outros ameaça;
E já se acha tão alto, que, estendido,
Donde está as ameias toca e abraça.
Grande turba então corre, e o destemido
Quer derrubar, porêm não no embaraça.
Um só a muitos, maravilha! espanto!
Resiste, no ar suspenso! e pode tanto!

Est. LXXII a LXXVII.

Resiste, continúa, e se reforça.
Qual o pêso altear faz a palmeira,
Tal o contraste o animo lhe esforça,
E mais o incita na tenção primeira.
Afinal tudo vence, tudo força,
Obstaculos e gente sobranceira;
De um pulo galga, senhoreia o muro,
E passo aos que após ve'm abre seguro;

E até mesmo do chefe piedoso
Ao menor dos irmãos, como estivesse
Quasi a cahir, o braço poderoso
Alonga, por que após elle ascendesse.
Álem emtanto ao capitão famoso
A sorte contraría ou favorece;
Que alli não só os homens combatiam,
Mas tambem os engenhos o faziam.

Fôra no muro pelo infiel cravado
Um tronco, antena já de alguma nave;
A elle com o tôpo chapeado
Suspende-se através mui grossa trave;
Por cordas o madeiro atrás puxado
Veloz se adeanta, impetuoso e grave.
Assim a tartaruga a fronte sua
Umas vezes amostra, outras recúa.

Bateu este na torre, e com tão duras
Pancadas, e de modo as repetiu,
Que as travadas, as solidas junturas
Separou, e, impellindo-a, a sacudiu.
Tinha ella á mão para isso armas seguras,
Duas foices, com que antes se muniu,
Que ao madeiro os christãos logo deitaram,
E as cordas que o sustinham lhe cortaram.

Como rocha arrancada á summidade
De um monte pelo tempo ou rude vento,
Que esmaga e leva após com feridade
Arvores, casas, o pastío, o armento,
Assim da trave arrasta a enormidade
Ameias, homens, armas n'um momento;
Treme a torre duas vezes, mas não tomba;
Tremem nos muros, e o fragor rebomba.

O chefe victorioso passa ávante,
E já os muros occupar presume,
Quando vem contra elle fumegante,
Fetido, vivo, repentino lume.
Tantas chammas sulphureas o arrogante
Etna não roja do fendido cume,
Nem o indico céu tantos vapores
Chove na quadra de estivaes calores.

EST. LXXVIII a LXXXIII.

Hastas ardentes, vasos, rodas vôam;
Sanguenta, escura labareda esplende;
O odor inficiona; os sons atrôam;
O fumo cega, e o fogo se distende.
Já os coiros, que os lados lhe povôam,
Sente a torre encrespar; mal se defende;
Se alguns momentos faz o céu que tarde
A necessaria ajuda, certo que arde.

Sem de posto mudar, nota-se á frente
Dos seus o capitão, que não descora,
Confortando os que regam prestemente
Os coiros contra a chamma assoladora.
Em tal estado era de Christo a gente,
E já quasi a agua toda gasta fôra,
Quando eis um vento subito respira,
E contra o proprio auctor o incendio vira.

Soprado, o fogo, para trás voltando,
Os pannos queima que os pagãos alçaram,
Breve a branda materia devorando;
Co'o que sem este auxilio se encontraram.
Ó chefe glorioso e venerando,
Que Deus protege, e sempre os céus amaram,
Elles a tua obra favorecem,
E aos teus clarins os ventos obedecem.

Porêm Ismeno, que a sulphurea flamma
Vê ser contra elle mesmo convertida,
Seus artificios em soccorro chama,
Por que cêda a natura compellida.
Com magas duas para a impia trama
Occupava a muralha combatida;
Plutão de duas furias era em meio,
Negro, esqualido, hirsuto, horrido e feio.

Já das palavras o soar se ouvia,
De que treme o Cocito, e Phlegetonte,
Já densa treva o ar todo cobria,
E o sol annuviava a clara fronte,
Quando da torre sa'e com valentia
Gravida pedra, parte já de um monte,
E os três juntos de um tiro só apanha,
E os prostra, e o chão de farto sangue banha.

Espalhando as cabeças criminosas,
Feitas pedaços mil ensanguentados;
Pouco mais sob as mós mais ponderosas
Ficam nos trigos brandos triturados.
Gemendo abandonaram nas damnosas
Almas os ares lucidos e amados;
E desceram do inferno á escuridade.
Mortaes, aprendei n'isto a piedade.

Est lxxxiv a lxxxix.

Emtanto a Sião a torre se approxima,
Que o vento contra as chammas a assegura;
Já chega perto; já do muro em cima
Deita a ponte, que a elle se segura.
Accorre Solimão; o brio o anima,
E o passo angusto destruir procura;
Golpes e golpes vibra; e a cortaria;
Porêm logo outra torre apparecia.

A grande mole se apresenta á vista
Minaz, e as mores casas assoberba.
Da novidade pasma e se contrista
O infiel, que exp'rimenta dor acerba.
Firme é o turco feroz, posto que o invista
Nuvem de pedras; e inda com soberba
Cortar a ponte impavido pretende,
E os que temem anima e reprehende.

Então o anjo Miguel, nuncio celeste,
Se mostra ao chefe, a elle só visivel;
Armadura translucida o reveste;
Brilha mais do que o sol immarcescivel;
Godefredo, lhe diz, o tempo é este
De Sião libertar do jugo horrivel;
Não inclines o olhar amedrontado,
Que o Senhor ajudar-te ha decretado.

Sublima-o, antes, e contempla o immenso
Exercito immortal que o ar povôa;
Rasgar-te-hei para tanto o véu intenso
Que o pensar dos humanos ennevôa.
Assim no espaço avistarás suspenso
Bando de mil espiritos que vôa;
E sustentar assim por breve instante
Dos anjos poderás a luz brilhante.

Vê como os que por Christo o sangue deram,
Hoje do empyreo eternos moradores,
Em teu favor a pelejar vieram,
Quinhoando tuas glorias e labores.
Lá onde o fumo e o pó turvos imperam,
E a ruína apresenta mais horrores,
Na escuridão cerrada Hugo combate
E as torres desde o fundamento abate.

Eis lá tambem Dudon, o qual a porta
Aquilonar com ferro e fogo tenta;
Os pugnadores arma, anima, exhorta
A subir, as escadas lhes sustenta.
Ao que está sobre o oiteiro o olhar transporta;
Corôa e vestes sacras apresenta;
É o pastor Adelmaro, alma ditosa,
Que ainda agora vos bemdiz piedosa.

Est. xc a xcv.

Eleva mais a vista ardidamente;
Vê a gran força celestial postada.
Ergue-a o chefe, e descobre de repente
Bella milicia de azas adornada,
Em três esquadras, cada esquadra ingente
Movendo-se em três ordens dilatada,
Mais, quando são os circulos externos,
E menos, quando os circulos internos.

Baixa os olhos, tal brilho contemplando;
Ergue-os de novo; nada lhe apparece;
Volve-os á pugna; os seus acha lidando,
E que a victoria a todos favorece.
Muitos após Reynaldo vão galgando
O muro, onde este a morte ao syrio off'rece.
Do chefe impaciente a mão guerreira
Então toma do alferes a bandeira,

E o primeiro na ponte suspendida
Se precipita; oppõe-lhe resistencia
D'ella em meio o Sultão; de desmedida
Coragem mostram ambos a excellencia.
Grita o cru Solimão: dos mais á vida
Voto n'este logar minha existencia;
Cortae atrás de mim a ponte, amigos.
Cara presa serei dos inimigos.

Mas vê Reynaldo vir com rosto horrendo,
E que ante os golpes seus tudo fugia.
Que farei? pensa; a vida aqui perdendo,
A perco em vão, em feito sem valia;
E, de defesa novo ardil tecendo,
O passo livre ao capitão cedia,
Que o segue ameaçando, e da cruz santa
O pendão nas muralhas alevanta.

Em ondas a bandeira vencedora
Volteia com soberba majestade;
O vento respeitoso se minora;
N'ella augmenta do sol a claridade;
Evita-a a pedra, e a setta voadora,
Ou recúa co'a mór velocidade;
Parece que Sião e o opposto monte
A adoram lêdos, inclinando a fronte.

Então, á uma, as hostes conclamaram
Em grito festival e triumphante,
E os montes resoando replicaram
Os sons extremos; quasi n'esse intante
De Tancredo os esforços destroçaram
Quanto embaraço lhe fizera Argante;
Então sua ponte lança o joven, chega
Ao muro, e tambem n'elle a cruz desprega.

Est. xcvi a ci.

Mas para o sul, aonde o encanecido
Raymundo e Aladino combatiam,
Os guerreiros gascões 'inda podido
Acercar-se co'a torre não haviam,
Que o rei da flor dos seus era cingido,
E na peleja todos insistiam,
E, embora alli mais fraco fosse o muro,
Tornavam-no os engenhos mais seguro.

Tambem alli a grande mole achara
Outros estorvos inda sup'riores,
Que ao solo a asp'reza toda não tirara
A obra dos christãos oppugnadores.
Emtanto o brado ovante que soara
Ouviram nos gascões e os defensores;
Donde Raymundo e o rei vê'm ser tomada
A cidade no plaino situada.

Grita Raymundo aos seus: vence o estandarte
De Christo; álem Sião é d'elle presa;
E comnosco inda lucta! Quê só parte
Nós não teremos n'esta honrada empresa?
Mas Aladino finalmente parte,
Desesperado já de mais defesa,
E para um sitio premunido e alto
Foge, onde espera sustentar o assalto.

N'isto os muros e as portas entra o inteiro
Exercito c'roado pela sorte,
Que abatido e queimado foi primeiro
Tudo que elle encontrou fechado e forte.
O ferro farta a ira do guerreiro;
Com o lucto e o horror caminha a morte;
O sangue corre em rios abundantes,
Cheios de corpos mortos e expirantes.

Est. cii a cv.

CANTO XIX

Já a morte, o conselho, e o medo tinha
Os infieis da defensão tirado;
Argante pertinaz só se mantinha
Ainda sobre o muro conquistado.
Alteroso o semblante, se sustinha
Pugnando de inimigos rodeado.
Morrer prefere a ver-se repellido,
E quer morrer sem parecer vencido.

Est. i.

Porêm mais do que todos chega infesto
Alli Tancredo, e o fere com bravura.
O Circassiano reconhece presto
Pelo andar, pelos actos e armadura
Seu antigo rival, que ao dia sexto
Faltado havia, sem respeito á jura;
E brada: assim, Tancredo, mantiveste
A fé? O modo de voltar é este?

Voltas tarde, e não só; mas não rejeito
Entretanto comtigo exp'rimentar-me,
Posto inventor de machinas te has feito,
E não vens qual guerreiro procurar-me.
Escuda-te co'os teus; por vario geito
De engenhos novos teu valor se arme;
Não poderás de minhas mãos á morte
Fugir, ó matador de damas forte.

O bom Tancredo, como tal ouvisse,
Rindo de escarneo, e intrepido e orgulhoso,
Volvo tardío certamente, disse;
Breve crerás que volvo pressuroso;
E então almejarás te dividisse
De mim alpestre serra, ou o mar undoso;
Que esta minha demora não foi medo,
Nem covardia saberás bem cedo.

Não; eu te espero e á tua soberbia,
De heroes gigantes vencedor valente;
O matador das damas desafia
Teu braço; e, para os seus virada a frente,
Fazendo retiral-os, concluia:
Não o firaes; deixae-o a mim sómente;
Este é mais que de vós meu inimigo,
Porque a elle me liga pacto antigo.

Ao campo desce pois só, ou seguido,
Como queiras, replica o Circassiano;
Busca logar occulto ou concorrido;
Não te deixo, qualquer que for meu damno.
O convite proposto e recebido,
Cada um á lide se dispõe ufano;
Socios o odio os faz, e os seus rancores
Os tornam mutuamente defensores.

Zeloso da honra, só vingança expira
Tancredo, e o sangue do pagão deseja;
Nem julga, se uma gotta outrem lhe tira,
Que seu furor de todo farto seja;
Com o broquel o cobre; e que o não fira
Grita a quem vê, posto que longe esteja.
Assim livra o inimigo das iradas
Armas dos vencedores inflammadas.

Est. II a VII.

Afinal ambos deixam na cidade,
Ao campo dos christãos as costas dando,
E por senda tortuosa em liberdade
Vão, a par um do outro, caminhando,
Té chegarem de um val á soledade
Entre oiteiros e estreito, figurando
Amphitheatro, ou terreno circumdado,
A guerras ou a caças destinado.

Aqui param; Argante, a alma suspensa,
Olha para Sião, misera e afflicta;
Tancredo, como o infiel não tem defensa
De escudo, o seu desamparando, o imita;
E lhe diz: tua mente no que pensa?
Que do teu fim é perto a hora escrita?
Se do temor, prevendo-o, estás captivo,
É esse teu temor intempestivo.

Penso n'esta cidade, já senhora
Da Judéa, que triste hoje declina,
Que eu, enganado, imaginei outr'ora
Livrar da ultima e fatal ruína,
E que vingança leve tenho agora
Na tua fronte, que me o céu destina.
Cala-se; e atacam-se ambos com resguardo,
Que sabe um do outro o animo galhardo.

Agil Tancredo é; na ligeireza
Dos passos e dos golpes excellente;
O alto Argante excede-o na grandeza;
Quanto a cabeça, fica-lhe eminente.
Gira baixo Tancredo com presteza,
Para o ferir assim, porêm prudente;
Co'a espada faz á espada resistencia,
E emprega em na arredar toda a sciencia.

Firme o Circassiano e levantado,
Mostra egual arte, mas com jogo vario;
Estende quanto póde o braço armado,
E do ferro em logar busca o contrario.
O christão novos meios tenta ousado;
Ao rosto sempre o gladio sanguinario
Lhe aponta Argante; ameaça-o, e está álerta
Para impedir-lhe aos botes uma aberta.

D'este modo, se o vento não respira,
No mar combate egual e aventureiro
Entre dois lenhos deseguaes se admira,
Um mais possante, o outro mais ligeiro;
Um assalta, e da prôa á pôpa gira;
O outro está immovel, sobranceiro;
E, quando o mais veloz mais perto passa,
Destruil-o de cima fero ameaça.

Est. VIII a XIII.

Emquanto surpre'ender o joven tenta
O infiel, e o ferro que lhe oppõe desvia,
Argante a espada aos olhos lhe apresenta;
Para o baldar aquelle inda porfia;
Mas tão rapida a vibra, tão violenta
O descrido, que em vão se defendia;
Fere-o no lado; e, vendo que é ferido,
Clama: ó esgrimidor, eis-te vencido.

Tancredo, de vergonha e raiva ardendo,
Deixa as cautelas que até alli tomára;
Anhela apenas a vingança, crendo
Que não vencera, se em vencer tardára;
Pelo ferro ás injurias respondendo,
Lh'o dirige á vizeira; Argante apára
O golpe; já Tancredo a meia espada
N'isto chegou, a fronte sublimada.

Então co'o pé sinistro dando um passo,
Co'a esquerda o dextro braço ao outro prende,
E o dextro lado co'o direito braço
De estocadas mortiferas lhe offende.
Eis a resposta, diz, que ao mestre faço;
É do vencido esgrimidor, entende.
Freme Argante; e debalde se sacode,
Que o braço preso libertar não póde.

Emfim, deixando a espada na cadeia
Pendente, contra o que o feriu lançou-se.
Imitou-o Tancredo; e, a alma cheia
D'ira, um ao outro subito abraçou-se,
E um ao outro pizou. Na adusta areia
Nem co'o gigante Alcides estreitou-se
Com mais força, do que elles se estreitaram
Nos vigorosos braços, e luctaram.

Tamanha a briga foi, de tanta agrura,
Que cahiram os dois no mesmo instante.
Fica, por estrategia ou por ventura,
Tolhido o braço esquerdo só a Argante;
Porêm o que maneja a espada dura
Fica a Tancredo sob o infiel possante;
Este, perigo ao conhecer tão certo,
Em pé salta, do outro já liberto.

Levanta-se o pagão mais vagaroso,
E é antes atrozmente vulnerado;
Mas, qual pinheiro que euro impetuoso
Dobra, e logo se eleva, não domado,
Tal seu brio o sublima valoroso,
Quando ia ser de todo subjugado.
Então começa pelejar temivel,
De menos arte, muito mais horrivel.

Est. xiv a xix.

O sangue de Tancredo em copia salta,
Emquanto o do infiel corre em torrente;
Já ao debil corpo o impeto lhe falta,
Como chamma nutrida escassamente.
Tancredo, vendo que elle fraco o assalta,
E que o braço esmorece gradualmente,
Magnanimo retra'e-se, o ardor reprime,
Que lhe abrasava o peito, e assim se exprime:

Venci-te; é minha a palma da victoria;
Ou o fado te venceu, guerreiro forte;
Não desejo de ti despojo ou gloria,
Nem direito qualquer pretendo impor-te.
Mais medonho o pagão com irrisoria
Maneira lhe responde d'esta sorte:
Quê! já ousas vencido reputar-me?
Com vileza tamanha vens tentar-me?

Tua fortuna segue; nada temo;
Tua insania será por mim punida.
Bem como luz, que no momento extremo
Renasce, e cobra mais fulgor e vida,
Assim elle o furor uniu supremo,
E a força avigorou desfallecida.
Da já vizinha morte quer as horas
Por acções illustrar immorredoras.

Á direita a sinistra mão juntando,
Com as duas o gladio descarrega,
O qual, posto o do outro em meio achando,
Passa, e as espaduas a ferir lhe chega,
Ao ferir muitos golpes afundando
Nas costellas, que rubro sangue rega.
Se n'este lance não temeu Tancredo,
Fêl-o insensivel a natura ao medo.

Segunda o golpe o infiel; porêm no vento
Emprega inutilmente a ira sua,
Porque a tudo o christão estava attento,
E, fugindo-lhe, evita a espada crua.
Por seu pêso obrigado, n'um momento
Baqueia Argante sobre a terra nua.
Ninguem te derrubou, oh! sorte lêda!
Tu foste o proprio auctor da tua quéda.

O cahir as feridas lhe embravece,
E corre o sangue d'estas com largueza.
Firma elle a esquerda em terra, e favorece,
Levantado n'um joelho, inda a defesa.
Rende-te, novamente lhe offerece
O vencedor, usando de nobreza;
Mas o outro o vulnera em ar furtivo
No calcanhar, e o desafia altivo.

Est. xx a xxv.

Tancredo furioso então lhe brada:
Assim abusas da piedade minha?
E por uma e outra vez lhe enterra a espada
Na vizeira, e lhe tira a alma mesquinha.
A ameaça no rosto inda pintada,
Argante morre qual vivido tinha.
São soberbos, tremendos e ferozes
Seus movimentos ultimos e vozes.

Guarda Tancredo a lamina preclara,
E dá graças a Deus do vencimento;
Porêm sem forças quasi que deixára
Ao vencedor o pelejar cruento.
Teme este, da maneira que ficára,
Que não lhe soffra o andar o tenue alento;
Comtudo o experimenta, e, passo a passo,
Por onde foi arrasta o corpo lasso.

Mas pouco andou que logo não parasse,
Pois, quanto mais se esforça, mais se cansa;
Pelo que, em terra se assentando, a face
Poisa na mão, que trémula balança.
Vê tudo como se em redor andasse,
E o resplandor do dia mal alcança;
Emfim desmaia; e junto do vencido
O vencedor mal fôra distinguido.

Emquanto segue aqui d'est'arte a guerra,
Por motivo privado tão ardente,
A ira dos fiéis á solta erra
Em Sião sobre o povo irreverente.
Oh! quem jámais da conquistada terra
A imagem poderá mostrar gemente?
Oh! quem ha de poder o miserando
Espectaculo atroz pintar, falando?

Reina a matança; grandes montes fazem
Os corpos; muitos vivos enterrados
Gemem sob os cadav'res; muitos jazem
Feridos sobre os mortos derribados;
Os filhinhos as mães fugindo trazem
Contra o peito, cabellos despregados;
E o soldado, vergando co'o despojo,
As virgens pela coma traz do rojo.

Mas para o occaso, as vias que ao famoso
Templo levam na maxima collina,
De sangue hostil manchado e pavoroso
Reynaldo corre, e á fuga o impio inclina.
Sómente o bravo gladio o generoso
Contra os armados baixa e os extermina.
Pouco aproveita capacete e escudo;
Vale ser indefeso sobre tudo.

Est. xxvi a xxxi.

Só vibra contra o ferro o ferro nobre;
Inermes atacar crê desprezivel;
Os que armadura ou animo não cobre
Com o olhar afugenta e a voz horrivel.
Seu insigne valor alli descobre;
Despreza; ameaça audaz; fere terrivel;
Com risco desegual afugentados
São egualmente armados, desarmados.

Já co'a gente mais fraca se acolhera
Não pouca força ao templo sobranceiro,
O qual por vezes se queimára e erguera,
E o nome tem de Salomão, primeiro
Fundador, que de cedro o compuzera,
De marmore e de oiro todo inteiro,
Agora não tão rico, mas seguro
Por ferreas portas, torreado muro.

Chegando o cavalleiro onde fugida
Em sublime logar a turba estava,
As portas vê fechadas, e munida
A parte que as alturas coroava.
Vezes duas a vista alça temida
De baixo acima; aberta não achava;
E outras duas tambem com veloz modo
Circumda do edificio o espaço todo.

Qual lobo tragador, que em noite escura
Rodeia das ovelhas a morada,
Nas fauces a avidez, e a fome dura
Pela nativa sanha estimulada,
Tal em torno caminho elle procura
Ingreme ou plano, para haver entrada;
Na grande praça pára emfim; do alto
Estão os tristes aguardando o assalto.

Não sei para que uso alli jazia
Ao abandono desmedida trave,
Que em comprimento e corpo excederia
A uma antena de ligeira nave.
Reynaldo (extraordinaria valentia!)
Toma-a na mão, para a qual nada é grave,
Em ar de lança, e com tremendo embate
O muro em frente sem descanso bate.

Não resistem a pedra e o ferro á ira
Do rude encontro, no iterar mais forte.
Arranca os gonzos, os ferrolhos vira,
E arromba as grossas portas; de egual sorte
Aríete sómente as destruira
Ou bombarda talvez, raio de morte.
Como um diluvio, pela franca via
Seguem Reynaldo muitos á porfia.

Est. xxxii a xxxvii.

Enche atroz mortandade e deshumana
O sanctuario do Senhor outr'ora.
Oh! justiça do Eterno soberana!
Tardaste, para vir maior agora!
Teu poder despertou colera insana
Nos peitos onde só piedade mora.
Deixa o pagão no sangue seu lavado
O templo já por elle profanado.

Emtanto de David á grande torre
Solimão se encaminha, e a toda a pressa
Dos seus co'o resto a ella se soccorre,
E as sendas de defesas atravessa.
Para lá Aladino tambem corre.
Mal o nota, o Sultão assim começa:
Vem, ó famoso rei, vem abrigar-te
N'esta fortissima e elevada parte;

Pois aqui da inimiga tempestade
Salvas comtigo o reino e o seu governo.
Ai! de mim! torna aquelle, da cidade
O christão arruína o seio interno.
Acabou-se-me a vida e auctoridade!
Vivi; reinei; não vivo, nem governo.
Póde dizer-se: fomos. Este é o dia
Ultimo que a nós todos alumia.

Senhor, que has feito da energia antiga?
O interrompe o Sultão impetuoso;
Se o imperio nos tirar sorte inimiga,
Fica o proprio valor, que é precioso.
Mas aos membros quebrados da fadiga
Alli dentro procura algum repouso.
Taes palavras lhe fala, e obriga o velho
Monarcha a executar o seu conselho.

Ao lado a fina espada então suspende,
E, agarrando ás mãos ambas ferrea maça,
Afoito o ingresso dos christãos defende,
E a marcha triumphal lhes embaraça.
É mortal cada golpe que descende;
E, se não mata, prostra; larga praça
Já fazem todos pávidos, querendo
Escapar do Sultão ao braço horrendo.

De soldados intrepidos seguido,
Chega áquelle logar então Raymundo.
Ao perigoso passo corre ardido,
Os golpes desprezando furibundo.
Fere o turco, mas é mal succedido;
Não fere embalde o feridor segundo;
Colhe-o na fronte a maça que não erra,
E de costas, convulso, o deita em terra.

Est. xxxviii a xliii.

Nos vencidos renasce finalmente
A ousadia, que o medo afugentára;
É repellida a vencedora gente,
Ou morre junto á porta onde luctára.
Mas Solimão, olhando o chefe ingente,
Que, entre os mortos cahido, desmaiara,
Grita aos seus: conduzi esse guerreiro,
E seja conservado prisioneiro.

Obedecer vão elles ao mandado,
Mas ardua encontram, fadigosa a empresa,
Porque é Raymundo pelos seus cercado,
Que todos o auxiliam com presteza;
Pugna o furôr de um lado, do outro lado
O affecto; do combate é digna a presa;
Ao nobre ancião a liberdade e a vida
Qual em roubar, qual em guardar só lida.

Entretanto vencido sempre houvera
O Sultão obstinado na vingança,
Pois da maça, que um raio parecera,
A armadura melhor cede á pujança;
Aos contrarios porêm ajuda fera
Vê que d'aqui e que d'alli se avança,
Que Reynaldo e o gran chefe se encontraram
N'um ponto, inda que oppostos caminharam.

Como o pastor, que, se rebrama o vento,
E resôa o trovão rouco troando,
Ao encher-se de treva o firmamento,
Vae do campo as ovelhas apartando,
Onde fuja ao rancor do céu violento
Á pressa algum abrigo procurando,
E co'o cajado as faz andar deante,
Ao som das vozes, que ouve o caminhante;

Tal o pagão, que já chegar sentia
A irreparavel, bellica procella,
Que o ar de extranho fremito feria,
O chão de homens enchendo, á força d'ella
Cede, e os soldados seus protege e envia
Para dentro da larga cidadella;
Retira-se depois com fronte nobre;
Que na prudencia inda o valor descobre.

Difficilmente acolhe-se o guerreiro;
Porêm a porta mal fechado tinha,
Quando, estruindo tudo, eis que ligeiro
E audaz Reynaldo a ella se avizinha.
Por vencer o indomavel cavalleiro,
E executar seu juramento vinha,
Pois não se esquece, não, que promettera
Matar o que a Sueno a morte dera.

Est. xliv a xlix.

E n'essa hora sua mão jámais domada
Certo atacara o inexpugnavel muro;
Nem ao abrigo seu da egregia espada
Do contrario o Sultão fôra seguro;
Mas toca o capitão á retirada,
Que já desce da noite o véu escuro.
Alli mesmo repoisa Godefredo,
Para o assalto innovar de manhan cedo.

Dizia o chefe aos seus com segurança:
Do Eterno conseguimos os favores;
O principal se fez; pouca tardança
Terá o resto; foram-se os temores.
Da torre, pobre e unica esperança
Do infiel, seremos ámanhan senhores;
Havei ora piedade dos feridos;
Sejam os que padecem soccorridos.

Ide; e cuidae de quem, do céu bemquisto,
Nos ganhou esta patria e eterno loiro,
Coisa mais propria aos campeões de Christo,
Que desejar vingança ou vão thesoiro.
Ai; já sangue de sobra hoje se ha visto!
Ai! sobeja em alguns cubiça de oiro!
Cessem as crueldades e a desordem;
Publiquem as trombetas esta ordem.

Cala-se; e vae aonde o ancião valente,
Posto a si já tornado, inda gemia.
Não menos o Sultão afoitamente
Falava aos seus, e a dôr n'alma escondia:
Emquanto a esp'rança é para nós virente
Resisti, socios meus, á sorte impía;
Nosso damno é de pouca consequencia;
Do medo lhe provêm outra apparencia.

Tomou só o inimigo com seus feitos
Muros, e tectos vis da vil pobreza,
Porêm não a cidade; em vossos peitos
Em nosso rei tem ella a fortaleza.
Salvo é o rei; salvos são os seus eleitos;
Cerca-nos inda válida defesa.
Guarde o christão a abandonada terra;
Vão trophéu! Perderá por fim a guerra.

Perdel-a-ha; que a experiencia o ensina:
Insolente na propria f'licidade,
Ha de entregar-se ás mortes, á rapina,
E aos abraços que foge a honestidade,
E entre o saque, as orgías e a ruína
Cederá sem mover difficuldade,
Se n'este meio tempo nos acóde
A hoste egypcia, que tardar não póde.

EST. L a LV.

Emtanto os edificios mais erguidos
Com pedras dominar conseguiremos,
E ao Sepulcro os caminhos dirigidos
Co'as machinas ao franco impediremos.
Assim, avigorando os succumbidos,
A esperança renova em taes extremos.
Ao passo que tudo isto aqui se dava,
No exercito infiel Vafrino errava.

Mandado ao campo egypcio por espia,
Quando baixava o sol, partiu Vafrino;
Trilhou escura, solitaria via,
Incognito, nocturno peregrino;
Por Ascalon passou; não reluzia
Então ainda o brilho matutino;
Depois o acampamento poderoso
Avistou, no zenith o sol radioso.

Tantas barracas viu com tremulantes
Pendões azues, vermelhos, amarellos,
E escutou tantas linguas discordantes,
Trompas, tambores, gritos de camellos,
Unidos aos de enormes elephantes,
E ao nitrir de corceis grandes e bellos,
Que comsigo pensou: á marcia lida
É a Africa, e a Asia conduzida.

A forte situação do campo observa,
E o vallo que o rodeia; após por onde
Ha mais pessoas vae; não se conserva
Occulto; de ninguem foge ou se esconde.
Corre as partes melhores, sem reserva,
E umas vezes pergunta, e outras responde;
E em tudo que responde ou que pergunta
Habilidade á confiança junta.

Por aqui, por alli cauto elle gira,
E os sitios todos no girar compre'ende;
Armas, corceis, guerreiros, tendas mira;
Nota as disposições; nomes aprende.
Não contente com isso, a mais aspira,
Prescruta os fins e alguma coisa entende.
Tanto anda, tal dextreza em tudo emprega
Que ao pavilhão do commandante chega.

Ahi descobre descosida tela,
Que communica os sons e a vista acceita,
A qual do capitão a estancia vela,
E para a parte mais escusa deita.
O que se passa dentro assim revela
A quem no exterior escuta e espreita.
Vafrino espia, qual se o não fizesse,
E concertar a tenda pretendesse.

Est. LVI a LXI.

Armado e núa a fronte, o chefe estava
Trajando rica purpura, encostado
A firme lança; um pagem lhe guardava,
Distante, o elmo, outro o broquel pesado.
Um guerreiro de torvo aspecto olhava,
Que gigante e membrudo lhe era ao lado.
Vafrino attenta; mas põe mais sentido,
Tendo de Godefredo o nome ouvido.

Áquelle fala o capitão: seguro
Estás de a Godefredo dar a morte?
Sim, torna elle, e voltar ante vós juro
Vencedor, ou não volto mais á côrte.
Prevenirei os meus no empenho duro.
Por triumpho ganhar de homem tão forte
Só me permittam que no Cairo eleve
De suas armas trophéu, que dizer deve:

Ormundo ao chefe assolador do Oriente
Estas armas tirou em gran victoria
Com a vida que tinha juntamente,
E as pôz aqui para eternal memoria.
E Emiren: nosso rei, de ti contente,
Não deixará sem paga tanta gloria;
Ha-de-te conceder o que tu queres;
Comtudo é justo que outro premio esperes.

As armas enganosas pois prepara;
O dia da batalha vem já perto.
Promptas estão, responde. Mal findara,
Çalaram-se. Ficou Vafrino incerto,
Á vista das palavras que escutara,
Volvendo no pensar, sempre desperto,
Essa conjuração o que seria,
E essas armas; e nada percebia.

D'alli partiu; e aquella noite inteira
Velou, sem que um instante repoisasse;
Mas quando fez cada hoste que a bandeira
Sua á brisa da aurora esvoaçasse,
Marchou tambem co'a multidão guerreira,
E, como ella, parou, por que acampasse.
Então de novo foi de tenda em tenda,
Para ao mysterio levantar a venda.

Procurando-o, acha em séde alta e pomposa
Armida entre guerreiros e donzellas,
Recolhida em si mesma, pesarosa,
E a suspirar; uma das faces bellas
Apoia sobre a mão nivea e mimosa;
Ao chão abaixa as languidas estrellas;
Se pranteiam não sabe; mas molhadas
Lhe reluzem, de perolas ornadas.

Est. LXII a LXVII.

Em frente Adrasto soberboso vê-se;
Nem move os olhos, nem sequer respira;
Tão famulento apascentar parece
N'ella o vivo desejo; os seus não tira
Tisaferno dos dois; e se enfurece
De atro ciume, ou de paixão delira,
No vario rosto bem mostrando as cores
Da colera ou do fogo dos amores.

Vê-se ainda Altamoro, o qual sentado
Com as donzellas se encontrava á parte.
Não deixa este o desejo libertado,
Mas move os olhos cúpidos com arte
Para a mão, pára o rosto delicado,
Ou já rodeia mais vedada parte,
E penetra por onde raro abria
Entre os peitos um véu secreta via.

Ergue a vista afinal Armida; um tanto
No magoado semblante se asserena;
E através da tristeza e amargo pranto
De repente sorri suave e amena.
Senhor, prorompe (e é sua voz encanto),
Vossa promessa diminue-me a pena,
Que cêdo, espero-o, alcançarei vingança;
Dulcifica-me a ira esta esperança.

O indio lhe responde: a fronte mesta
Calma, calma a pungente anciedade;
De Reynaldo a cabeça, a ti molesta,
Aos pés te cahirá com brevidade,
Ou prisioneiro t'o trarei com esta
Mão vingadora, se é tua vontade;
Assim o prometti. Ouve o outro e cala,
Immovel, mas no coração se rala.

Voltando a Tisaferno o olhar mavioso,
Que pensas? diz Armida meigamente.
E elle ironico: eu sou muito moroso;
De longe seguirei o ardor valente
Do teu campeão terrivel e famoso.
Com taes ditos o punge cruelmente.
Ao que o indio: fazêl-o bem tu deves,
Que a provar quanto valho não te atreves.

Tisaferno, meneando a fronte altiva:
Ah! pudesse eu mostrar-te o meu intento!
Não fosse a minha espada ora captiva,
E souberas qual é de nós mais lento.
Nem a ti, nem tua furia vingativa
Temo; só temo o céu e amor cruento.
Findou; Adrasto em pé contra elle poz-se;
Mas Armida solicita interpoz-se:

Est. LXVIII a LXXIII.

O quê? pretendereis que mallogrado
Fique o auxilio que me heis offerecido?
Serdes meus campeões tendes jurado;
Devêra empenho tal ter-vos unido.
Commigo se ira quem braveja irado;
Quem offende me offende; é bem sabido.
Assim se exprime, e assim prende concordes
Sob um jugo de ferro almas discordes.

Tudo Vafrino presenceava, e ouvia.
Depois d'isso retira-se. Da incerta
Conjuração o fim debalde espia;
Em profunda mudez jaz encoberta.
Té importuno ás vezes se fazia;
Os desejos o estorvo lhe desperta.
Morrer alli decide, ou o gran segredo
Patenteado levar a Godefredo.

Busca artes mil e astucias ignoradas,
Para saber o criminoso plano,
E da trama e das armas simuladas
Jámais consegue descobrir o arcano.
Pela sorte por fim são aclaradas
As duvidas do seu pensar insano,
Tanto, que lhe é a insidia manifesta,
Que para o chefe dos christãos se apresta.

Tornara 'onde, como antes, se assentava
Entre os seus campeões a hostil amante,
Pois opportuno esse logar julgava,
Por ser de varias gentes abundante.
A uma joven, que proximo lhe estava
Se chega, e tão affavel no semblante,
Na voz se lhe dirige, que parece
Que de antiga amizade a já conhece;

Á qual propõe em ar de quem graceja:
Tambem servir alguma dama eu quero,
Por que por mim cortada a fronte seja
De Godefredo ou de Reynaldo fero.
A de qualquer barão pede, que eleja
Tua vontade, e contentar-te espero.
Tal principia; e d'este modo usa
Por que a mais grave a pratica reduza.

Porêm essa proposta lhe fazendo,
Sorriu-se co' um seu geito costumado.
Alli chegado uma donzella havendo,
Ouviu-o, olhou-o, foi-se-lhe pôr ao lado,
E lhe disse; roubar-te ás mais pretendo;
Nem será teu amor mal empregado;
Meu campeão te escolho, e ora á parte,
Qual a meu cavalleiro, urge falar-te.

Est. lxxiv a lxxix.

Depois com elle só: tu és Vafrino;
Acaso o teu olhar não me conhece?
Pasma, perturba-se o donzel ladino,
Mas, jovial, e sem que isto o detivesse:
De te ver com lembrança não atino,
E teu rosto ser visto bem merece;
O certo é que commigo te enganaste,
E por maneira errada me chamaste.

Em Biserta nasci, que o sol fustiga,
De Lesbin; Almansor é o meu nome.
E a dama: eu sei a tua historia antiga,
Nem cuides que te o passo agora tome.
Não te occultes; não sou tua inimiga;
Por ti, se fôr preciso, á morte dou-me.
Herminia sou, filha de reis e serva
De Tancredo depois, tua comserva.

Na suave prisão, dois gratos mezes
Benigna me guardaste e piamente,
Com modos attendendo-me cortezes.
Olha para o meu rosto attentamente.
O escudeiro, seu socio tantas vezes,
Encara-a; e reconhece-a facilmente.
Torna-lhe Herminia: está de mim seguro;
Por este céu, por este sol t'o juro.

Até quero pedir-te que ao voltares
Me reconduzas á prisão amada;
Noites e dias cheios de pesares
Em liberdade vivo, desgraçada!
Se n'este sitio por espia andares,
Fortuna encontrarás assignalada,
Porque a conjuração que se prepara
Saberás, e o que a custo se alcançára.

Escuta-a elle silencioso, attento,
E de Armida relembra a aleivosia.
É gárrula a mulher, e n'um momento
Muda; insensato quem se n'ella fia.
Entretanto responde: se has intento
De vir commigo, servir-te-hei de guia.
Fique isto entre nós ambos ajustado,
E para melhor tempo o mais guardado.

Determinam partir d'alli primeiro
Que o exercito do Egypto em marcha fôra.
Deixa Vafrino o pavilhão guerreiro;
Ella ás damas se torna, e se demora.
Allude em tom leviano e galhofeiro
Ao seu campeão; depois vem para fóra.
Ao prescripto logar a peregrina
Chega, e dirigem-se ambos á campina.

EST. LXXX a LXXXV.

Já caminham por parte erma e escondida,
Já o campo foge e a solidão redobra,
Quando aquelle: ora explana contra a vida
Do pio Godefredo como a obra
Da traição se dispõe. Da trama urdida
Então a historia toda ella desdobra.
Oito guerreiros, volve d'esta sorte,
Dos quaes é principal Ormundo, o forte,

Por maldade ou por odio conspiraram.
O proposito seu direi qual seja:
No dia em que os destinos ordenaram
Do imperio d'Asia a singular peleja,
Vestir armas francezas ajustaram,
E adornal-as da cruz da vossa egreja;
Será de branco e de oiro o seu vestido,
Co'o da guarda do chefe parecido.

Mas, como aviso aos seus, por differença,
No elmo hão de levar um signal posto;
Depois, quando formar a lide intensa
Dos dois corpos contrarios um composto,
Cercarão Godefredo sem detença,
De guardas remedando amigo rosto,
Com ferros no veneno temperados,
Para os golpes de morte irem armados.

E, como pelo exercito constasse
Que eu vos conheço as vestes e armadura,
Mandaram-me, ai! de mim! lh'as indicasse;
E as indiquei, por minha má ventura.
Isto obrigou-me a que eu abandonasse
O campo e a gente imperiosa e impura.
Aborreço em traições envolta achar-me;
Fujo de no seu mal contaminar-me.

Esta a causa; outra ha... Então se cala,
Baixando os olhos, que o rubor a cobre;
E os derradeiros sons da meiga fala
Tenta reter, porêm inda os descobre.
Vafrino, que a seguir quer obrigal-a,
Para que diga o que o pudor encobre:
Mereço pouca fé; d'esta maneira
Porque escondes a causa verdadeira?

Suspira a bella por amor captiva,
E assim baixo e a tremer a voz derrama:
Vergonha mal zelada, intempestiva
Vae-te, que nada aqui ora te chama.
Porque tentas, embalde aspera e esquiva,
Com teu fogo velar do peito a flamma?
Em outro tempo te acatei bastante;
Hoje és inutil; sou donzella errante.

Est. LXXXVI a XCI.

Pouco depois accrescentou: n'aquella
Noite fatal a mim e á patria amada,
Mais ainda eu senti do que perdel-a
A dôr na sua quéda originada.
Perda pequena é a cr'ôa; mas com ella
Tambem eu me perdi, ai! desgraçada,
Pois que vi para sempre então perdidos
Coração, pensamento, alma, sentidos!

Sabes como, de mêdo o animo cheio,
Em tamanho prear, ruína tanta,
Ao teu senhor e meu, que deante veio,
E entrou meu paço, eu me accorri; com quanta
Humildade lhe disse com receio:
Tem compaixão, teu animo quebranta,
Invicto vencedor; vida não peço;
Salva-me só da virgindade o preço.

Elle, a dextra estendendo-me famosa,
Me interrompeu, e, todo gentileza:
Não supplicas em vão, virgem formosa,
Em mim encontrarás certa defesa.
Então não sei que sensação maviosa
Minh'alma penetrou, ficou lá presa,
Que após vagando n'ella enfeitiçada,
Não sei como, em incendio foi tornada.

Muita vez vizitou-me, e com piedade
Me consolou, meus males lastimando.
Até que me outorgou a liberdade,
De todos os meus bens nada guardando.
Ai! não foi dom! foi roubo e crueldade;
Libertou-me, o meu ser de mim tirando!
O menos caro concedeu-me e serio;
Porêm do coração tomou-me o imperio.

Não se encobre a paixão. A ti frequente
Por meu senhor cuidosa perguntava;
Tu, notando os signaes da inquieta mente,
Disseste que de amor eu me abrasava.
Neguei-o, mas um meu suspiro ardente
Confessou-te o que tanto eu recatava;
Talvez que mesmo o olhar t'o demonstrasse,
E a forte chamma em que ardo delatasse.

Desditoso silencio! Ah! que eu triaga
Então buscado houvesse a taes rigores,
Já que o freio depois, donzella vaga,
Tinha em vão de soltar a meus ardores!
Parti em summa, e trouxe occulta a chaga;
Julguei até morrer de suas dôres;
Por fim soccorro á vida amor buscou-me,
E todos os respeitos dissipou-me.

Est. xcii a xcvii.

Foi procurar Tancredo o meu intento,
A ver se ao mal que fez traria cura;
Mas no caminho grande impedimento
Achei de gente descortez e dura;
De ser presa escapei por um momento;
Para o ermo fugi; e, da espessura
De longinqüa floresta habitadora,
N'ella um tempo vivi como pastora.

O desejo do mêdo soffreado
Um dia despertou; vontade deu-me
De ao sitio me volver tão estimado,
E desventura egual aconteceu-me.
Salvar-me não logrei, que troço armado
Me seguiu as pizadas e prendeu-me.
Á cidade de Gaza fui levada,
Pois por egypcios fôra aprisionada.

Como dadiva ao chefe me entregaram;
Contei-lhe o fado meu; e compungida
Tanto deixei su' alma, que me honraram
Emquanto residi junto de Armida.
Assim uma e outra vez me captivaram,
E fiquei livre. Eis minha triste vida.
Mas o grilhão primeiro inda conserva
A tantas vezes libertada e serva.

Oh! que esse que o deitou de mim em volta,
Para jámais me desprender, não diga:
Outro asylo demanda, mulher sôlta,
Que de andar vagabunda és só amiga.
Não; compassivo acolha a minha volta,
E me receba na prisão antiga.
Assim Herminia; e ambos conversando
Vão a par, dia e noite caminhando.

Vafrino, abandonada a usada via,
Busca trilho mais curto ou mais seguro.
Chegam junto a Sião quando descia
O sol, tornando o céu no oriente escuro.
Vêem que sangue o chão enrubescia,
E um guerreiro depois de sangue impuro,
Que, distendido, o transito embaraça;
Para o ar vira o rosto, e extincto ameaça.

Ser pagão no vestir denunciava,
E nas armas; álem passa o escudeiro.
Mas d'hi a pouco n'outro reparava,
Que jazia tambem como o primeiro.
Este é christão, Vafrino em si pensava.
Escuro o trajo! Sel-o-ha? Ligeiro
De cima do corcel se precipita;
Examina-o; e é Tancredo morto, grita!

Parára para olhar attentamente
O guerreiro feroz a desgraçada,
Quando pela voz triste cruelmente
Do coração no fundo é traspassada.
Ao nome de Tancredo, velozmente
Corre fora de si e delirada,
E, a fronte ao encarar livida e bella,
Não desce, não, atira-se da sella.

Sobre elle infindo pranto afflicta chora;
E em suffocados sons a dor soltando:
Em que tempo a fortuna enganadora
Me traz aqui! Oh! quadro miserando!
Tancredo, pude emfim achar-te agora;
Torno-te a ver, e não me vês chorando;
Não me vês de ti perto; e posso ver-te,
Mas para eternamente só perder-te!

Misera! quando é que eu imaginara
Que a meus olhos serias desgostoso!
Se para te não vêr Deus me cegara,
Que dita! nem fital-os em ti ouso.
Ai! onde a luz dos teus tão doce e avára?
Onde está o seu brilho tão formoso?
Onde estão do teu rosto as vivas cores,
Sua serenidade, e seus primores?

Mas quê? mesmo qual és eu de ti gósto.
Alma gentil, se estás no corpo d'elle,
Se ouves o choro que me banha o rosto,
Perdôa o arrojo, o furto; amor m'impelle.
Os beijos, que esperei colher com gosto
Da bocca fria que o viver expelle,
Quero roubar, para que d'esta sorte
Tambem te roube em parte á lei da morte.

Bocca piedosa, que durante a vida
Costumavas as magoas abrandar-me,
Deixa antes de chegar minha partida,
Com um teu caro beijo consolar-me.
Talvez então m'o deras, se atrevida
Fosse em pedir; nada hoje podes dar-me!
Deixa abraçar-te, e que a teus labios chame
Meu espirito, e n'elles o derrame.

Recolhe esta minh'alma que te segue;
Leva-a para onde a tua se partiu.
Suspirando assim disse á pena entregue,
E de lagrimas toda se cobriu.
Elle, o calido humor como lhe chegue
Á face, os debeis labios entreabriu,
E, inda os olhos fechados, um gemido
Desprendeu com os d'ella confundido.

Est. civ a cix.

Gemer escuta a dama o cavalleiro,
E, ao escutal-o, se consola um tanto.
Abre os olhos, Tancredo; o derradeiro
Dever te pago, exclama, com meu pranto.
Attenta em mim; serei teu companheiro
No transito fatal, ó meu encanto;
Attenta em mim; não fujas tão depressa;
Será a extrema coisa que te peça.

Abre os olhos Tancredo froixamente,
E logo os cerra. A desditosa chora.
Vive; cuidemos d'elle; inutilmente,
Vafrino diz, é lamental-o agora.
N'isto o desarma; ella com mão tremente
O ajuda, e, de remedios sabedora,
Depois de as chagas estudar experta,
Sente que a esp'rança de o salvar desperta;

Porque o mal da fadiga só provinha,
E do abundante sangue derramado.
Como para o pensar um véu só tinha,
E em logar se encontrava ermo e apartado,
Amor por artes novas encaminha
A sua compaixão e o seu cuidado:
Com o cabello, que de si arranca,
As feridas enxuga, aperta e estanca;

Que o véu chegar para isso não podia,
Tenue e de proporções mui resumidas;
E, pois nem croco, nem dictamo havia,
Profere as phrases magas bem sabidas.
Eil-o que a vir a si já principia;
Eil-o ergue o vago olhar, logo que ouvidas;
Já o escudeiro reconhece, e a dama,
Curva sobre elle, a vista já lhe chama.

Vafrino, como aqui vieste e quando?
E tu quem és, ó medica piedosa?
Ao que ella, incerta e alegre suspirando,
Rubro o semblante, como fresca rosa:
Saberás tudo; medica, te mando
Calar agora; de descanso gosa.
Terás saúde; a paga me prepara.
E a cabeça do heroe no collo ampara.

Entretanto Vafrino como o leve
Antes da noite aos arraiaes pondera;
Porêm guerreira força chega em breve
Que elle conhece de Tancredo era.
Estava junto d'este, quando teve
Começo com Argante a lide fera;
Por seu chefe ordenar, o não seguira,
Mas procurou-o, mal detença vira.

Est. cx a cxv.

Varios se afadigavam n'esta empresa,
Até que o vão achar em tal estado.
Um assento dos braços com presteza
Arranjam para ser d'alli levado.
Disse Tancredo então: dos corvos presa
Ha de Argante ficar abandonado?
Ah! não se prive, não, bravo tão digno
De sepultura e do louvor condigno.

O seu corpo já morto e emmudecido
Eu não guerreio; pereceu qual forte;
Pelo que este meu preito lhe é devido;
Nem outro preito resta álem da morte.
Assim, sendo por muitos soccorrido,
Faz que Argante após elle se transporte.
Vafrino vae ao lado da donzella,
E toma por encargo protegel-a.

Mais determina o principe: á cidade,
Não á minha barraca, ir-me pretendo;
Se acabar, será onde á humanidade
Deus se sacrificou, na cruz soffrendo.
O caminho da eterna f'licidade
Talvez que eu facilite, alli morrendo.
D'est'arte perfarei o santo voto,
E o meu projecto cumprirei devoto.

Para Sião conduzido, em mole cama
O põem, e em somno ca'e brando e quieto.
Vafrino, não distante, para a dama
Escolhe asylo incognito e secreto.
Depois procura o chefe, que o céu ama,
E sem demora entra, inda que objecto
Importante em conselho este tratasse:
Da guerra o curso; e os votos ponderasse.

Godefredo na borda se assentava
Do leito onde doente era Raymundo;
Como nobre corôa, o rodeava
Quanto de arrojo e de pensar fecundo
O exercito christão em si contava.
Fala o donzel; reina silencio fundo:
Senhor, como por ti me foi prescripto,
No campo entrei do capitão do Egypto.

Mas com ouvir a relação immensa
De quantos vi armados tu não contes;
Só direi que ao passar era tão densa
A multidão, que enchia o plaino e os montes;
A terra, inda que seja a mais extensa,
Despoja; secca rios, secca fontes;
Toda a agua que encontra não lhe basta;
Quanto a Syria produz depressa gasta.

Est. cxvi a cxxi.

Porêm dos de cavallo, e dos infantes
Em parte são inuteis as fileiras,
Pois, indisciplinados, ignorantes,
Não te'm ferro, e só frechas traiçoeiras;
Comtudo alguns guerreiros ha prestantes
Que da Persia seguiram n-as bandeiras;
E talvez inda é hoste de mais fama
A que a hoste immortal do rei se chama.

Nomeia-se immortal, porque de feito
Jámais falta no numero padece.
Se algum succumbe, sem detença eleito
Outro no seu logar logo apparece.
Rege Emiren as forças, cujo peito
Eguaes bem poucos ou nenhum conhece.
Encommenda-lhe o rei por qualquer arte
Que a peleja campal busque chamar-te.

Creio que dias dois apenas tarde
A estar aqui o exercito contrario.
Tu, ó Reynaldo, que o valor te guarde
A fronte do desejo sanguinario.
Contra ella a espada afia, e em raiva arde
Quanto ha forte no campo e temerario,
Porque a si mesma se propõe Armida
Em recompensa ao que te corte a vida.

Vem entre os seus campeões o illustre persa
Altamoro, que é rei de Samarcanda,
E Adrasto o giganteu, que onde dispersa
A aurora as rosas grande reino manda,
Homem de condição dos mais diversa,
Que só no dorso de elephantes anda;
E tambem o soberbo Tisaferno,
Que geralmente frue gabo superno.

Assim se exprime; e o joven decidido
Fogo lança dos olhos indignado;
Já com os inimigos envolvido
Quizera estar; nem se refreia irado.
Após Vafrino ao capitão: sabido
Pouco tens no por mim noticiado:
Hão de as armas de Judas, em resumo,
Contra ti empregar-se, ó chefe summo.

E o que a conjuração horrenda esconde
Refere longamente por miudo:
As armas falsas, como o ouviu e onde,
Promessas, premios, o veneno, tudo.
Muito perguntam; muito elle responde;
Fica o congresso breve tempo mudo;
Diz então Godefredo ao egregio velho:
Que devemos fazer? qual teu conselho?

Est. cxxii a cxxvii.

Torna este: de ámanhan co'os resplandores
Julgo que já não cumpre o assalto dar-se,
Mas na torre apertar os defensores,
Por que d'alli não possam desviar-se;
E repousemos nós para os maiores
Feitos, em que ha de a hoste aventurar-se.
Depois espera, se isso mais te agrada;
Ou ataca o inimigo á mão armada.

Comtudo, eis minha opinião: primeiro
Em salvo pôr os dias teus procura;
Comtigo vence o exercito guerreiro;
Sem ti quem o dirige, e o assegura?
Por descobrir o bando traiçoeiro,
Muda de teus soldados a armadura.
Assim te deve desvendar o engano
Quem escondido o traz para teu damno.

Volve-lhe o capitão: és meu amigo;
Móstral-o, como sempre, e sabia mente;
Mas, acabando o que apontaste, digo:
Do Egypto marcharemos contra a gente.
Dos vallos e dos muros ao abrigo
Não fiquem os senhores do Oriente.
D'esses impios as armas arrostemos
Em campo aberto, e á luz do sol pugnemos.

Do nosso nome só ante a grandeza
Tremerão, e ante o nosso atrevimento;
Cahirá toda a sua fortaleza,
Do nosso imperio estavel fundamento.
Ha de entregar-se a torre, ou, se defesa
Tentar, tomal-a-hemos n'um momento.
N'isto se parte o heroe; já declinavam
As estrellas, e ao somno convidavam.

Est. cxxviii a cxxxi.

CANTO XX

Já os mortaes á lida o sol chamava,
Já dez horas corrido tinha o dia,
Quando a força, que a torre povoava,
Sombra confusa ao longe descobria,
Que nevoa em fria tarde semelhava.
Ser o exercito amigo emfim já via.
Sob elle oiteiros, campos desparecem,
E os céus co'o pó cerrado se escurecem.

Est. i.

Então levantam bellicosa grita
D'enthusiasmo os cercados combatentes.
Com tal rumor de grous turba infinita
Deixa os campos da Thracia, quando algentes,
E a mais suaves climas precipita
O vôo, dando gritos estridentes.
É que o soccorro proximo já prompta
Lhes torna a mão e a lingua para a affronta.

Bem o motivo os francos suspeitaram
Donde tamanha audacia origem tinha;
E, olhando de alta parte, divizaram
Do Egypto a hoste, que avançando vinha.
Logo todos briosos se animaram;
Todos a lide anceiam; já se apinha
A altiva mocidade, e n'um só grito
Clama: o signal, ó capitão invicto.

Mas antes do sol novo não concede
Batalha o chefe, e os seus faz que se enfreiem;
Até em correrias lhes impede
Que o inimigo instaveis assalteiem.
Tanto labor, ajunta, um dia pede
Em que os corpos cansados se recreiem.
Talvez queira tambem que essa tardança
Nos contrarios infunda confiança.

Cada qual fervoroso se prepara
Da luz a volta sôfrego esperando.
Nunca o ar tão formoso se mostrára
Como ao nascer o dia memorando.
Sorri-se a aurora festival e clara,
Como que o rei dos astros imitando;
Dobra o céu o esplendor; a gran peleja
Sem véu algum presenciar deseja.

Godefredo, a manhan mal é nascida,
Move-se com o exercito ordenado;
Mas a guarda do rei deixa incumbida
A Raymundo, e ao povo baptizado,
Que da terra viera á Syria unida
Ajudar quem no havia libertado;
Ao qual, por que de gente mais disponha,
Alguma addiciona de Gasconha.

Marcha; e todos lhe notam no semblante
O annuncio de vencer a christandade;
Sua graça lhe presta o céu, brilhante,
Ornando-o de não vista majestade;
Ennobrece-lhe o gesto; á scintillante
Frescura o restitue da mocidade:
E no olhar e no corpo soberano
Mais ser parece do que um ente humano.

EST. II a VII.

Em pouco tempo chega onde o imponente
Arraial do descrido se assentava,
E se apossa de um monte, diligente,
Que á retaguarda e á esquerda lhe ficava;
Depois no plaino a hoste, larga a frente,
E delgados os flancos, desdobrava;
Cobre os peões no meio; e de uma força
De cavallos os lados lhe reforça.

Na ala sinistra, que se achava perto
Do oiteiro já tomado, que a protege,
Colloca um e outro principe Roberto;
Commandante do centro o irmão elege;
A dextra, que occupava o campo aberto,
Principal nos perigos, elle rege,
A dextra, que o egypcio, pois havia
Mór possança, envolver pretenderia.

Alli seus lotharingios, e os primeiros
Soldados põe tambem melhor armados,
Bem como alguns peões entre os archeiros
A cavallo, a esta pugna costumados;
Não distante depois de aventureiros
Um esquadrão, e de outros extremados.
Á parte estes ordena no direito
Flanco; é d'elles Reynaldo chefe eleito;

Ao qual diz: móra em ti nossa esperança;
De ti pende de tudo o acabamento.
Meio occulto co'os teus aqui descansa
D'estas alas atrás té ao momento
De acercar-se o inimigo; então avança
Pela ilharga, e lhe frustra o pensamento.
Quererá, se o juizo meu não erra,
Girando, á espalda e flancos trazer guerra.

N'isto, a cavallo as filas revistando,
Vôa entre os cavalleiros e os infantes.
Através da vizeira faiscando
Brilham-lhe o rosto, e os olhos fulminantes.
Uns conforta; outros firma; a outros lembrando
Vae as proezas praticadas antes;
A outros seu valor; a quem favores,
Premios promette já; a quem louvores.

Pára emfim onde em ordem se estendia
Do exercito o mais nobre, e o mais luzido,
E com discurso, que as razões prendia,
Principia a falar de sitio erguido.
Qual do cume de alpestre serrania
Se precipita o gelo derretido,
Taes corriam voluveis e velozes
Da sua bocca as sonorosas vozes:

Est. VIII a XIII.

Dos inimigos de Jesus flagello,
Guerreiros vencedores do Oriente,
Eis o ultimo dia, vosso anhelo
De ha tantos tempos, eil-o ahi presente.
Seus contrarios uniu o céu; fazel-o
Não quiz de certo sem motivo ingente;
Determinou que aqui se congregassem,
Por que as guerras com uma se acabassem.

Muitas victorias n'uma colheremos,
Sem risco ter maior ou mais fadiga.
Não trepideis; nenhuma causa havemos
Para temer a immensa hoste inimiga.
Discorde dentro em pouco saberemos
Como a si se embaraça e se afadiga.
Poucos pelejarão, uns por defeito
De arrojo, a outros será o campo estreito.

Quasi todos que contra nós pugnarem
Ve'm nús, carecem de arte e de bravura;
Para o ocio e escravidão abandonarem
Foi preciso violencia; d'esta altura
Gladios, pendões, escudos vacillarem
De mêdo já enxergo na planura,
E o dubio movimento e os sons incertos;
Vejo n'elles da morte indicios certos.

Esse, que, de oiro e purpura trajado,
Os seus dispõe, e tão feroz se ostenta,
Quiçá o moiro ou o arabe ha domado,
Mas contra nós seu brio o não sustenta.
Como procederá, posto assisado,
Em tanta confusão, tão turbulenta?
Dos que rege não é, qual me parece,
Bem conhecido, e raros só conhece.

Mas eu impero em vós, gente escolhida;
Socio vos fui no p'rigo e vencimento,
E vosso chefe na mavorcia lida.
De qual de vós ignoro o nascimento?
Que espada me será desconhecida?
Que setta, inda voando, n'um momento
Não distinguo, e não sei que braço a manda,
Se frecheiro francez ou se da Irlanda?

Pouco exijo de vós: á semelhança
Cada um se porte do que já lhe hei visto;
O zelo haja que ha tido, e na lembrança
O que á sua honra deve, á minha, a Christo.
Ide; abatei dos impios a pujança;
Firmae o reino do Senhor bemquisto.
Porque inda vos detenho em taes extremos,
Se no olhar vos descubro que vencemos?

Est. xiv a xix.

Disse; e julgáreis que da azul saphira
Desceu sobre elle um raio de luz bella,
Como quando do manto negro atira
Estiva noite reluzente estrella.
Que este o sol enviou se presumira
Do seio, onde a mais pura chamma véla;
Creram alguns a fronte rodear-lhe,
E a corôa futura annunciar-lhe.

Talvez (se é dado o celestial mysterio
Lerem idéias do homem presumpçosas)
Foi o seu anjo, que baixou do ethereo
Chôro, e o cercou co'as azas luminosas.
Emquanto assim orou com brando imperio
Godefredo a suas gentes animosas
E as foi dispondo, as suas aprestara
O egypcio, e a pelejar as incitara.

O exercito postou, apenas viu
Marchar ao longe o franco preparado,
E, em arco, ao meio com peões, o abriu,
Pela cavallaria flanqueado.
A elle o direito lado competiu;
A Altamoro o sinistro foi marcado;
Governa a peonagem reúnida
Muleiassem; no centro fica Armida.

Co'o chefe á dextra Tisaferno estava,
E Adrasto, e a regia hoste preeminente;
Mas onde o largo plaino facultava
Á ala esquerda girar mais facilmente,
Altamoro os tyrannos commandava
Libyos, persas e os dois da Ethiopia ardente.
Fundas, arcos, balistas em gran furia
Farão d'aqui ao franco activa injuria.

D'esta sorte Emiren os seus ordena,
E lhes passa revista em marcio arreio;
Por si ou por interpretes á pena
E ao premio allude; louva e exprobra em meio.
De algum que os olhos baixa assim condemna
A fraqueza: de que é que tens receio?
Que póde um contra cem? Afugentados
Serão co'a sombra nossa, e os nossos brados.

A outro: ó valoroso, a gloria é certa;
Vâmos, recobra a presa a nós roubada.
No pensamento a algum tambem desperta,
E quasi que lhe mostra a patria amada,
Que afflicta pede, exora, e a triste e incerta
Supplicante familia lastimada.
Após termina: por meus labios fala
Tua terra natal; vem escutal-a:

Est. xx a xxv.

Protege minhas leis; que meu profano
Sangue não banhe os templos; assegura
A virgem do furor do deshumano,
E dos avós a cara sepultura.
O grave ancião, do tempo o desengano
Carpindo, de suas cans mostra-te a alvura;
Mostra-te a meiga esposa o doce peito,
Os filhinhos, o berço, o casto leito.

E a muitos: de sua honra defensores
A Asia vos elegeu; viça a esperança
Em vós de n'esses poucos roubadores
Tomar cruel, justissima vingança.
Assim previne os seus para os horrores
Da lucta e lhes infunde confiança.
Porêm de discursar os chefes param,
Que os exercitos dois mal se separam.

Que espectac'lo! quando ambas as guerreiras
Hostes se estão em frente contemplando!
Como a postos se alongam as fileiras,
De abalar, de atacar signaes já dando!
Soltas ao vento ondeiam n-as bandeiras;
Dos elmos vê'm-se as plumas meneando,
Vestes, empresas mil, armas brilhantes,
E ao sol o oiro e o ferro dardejantes.

É cada uma densissima floresta,
Em tanta multidão de hastas abunda!
Vibram-se os dardos; já se a lança enresta;
Arma-se o arco; roda no ar a funda.
Para a guerra o cavallo já se apresta,
E o odio e o esforço do senhor secunda;
Raspa; bate; relincha; altivo gira;
Incha as ventas; e fumo e fogo expira.

Em tal quadro é o horror até formoso;
Do temor um prazer brota secreto;
O brado tão tremendo e sonoroso
Das trombetas é lêdo e fero objecto.
O christão, posto menos numeroso,
Mais admiravel é nos sons e aspecto;
As trompas suas mais guerreiras chamam,
E as armas luz muito maior derramam.

Sôa a trompa christan, e a guerra off'rece;
Responde-lhe o africano e acceita a guerra;
Ajoelham n-os francos; viva prece
Fazem a Deus; depois beijam a terra.
No meio o chão já míngua; desparece;
Já com um inimigo o outro cerra;
Já peleja feroz anda nos lados,
E avançam n-os infantes apressados.

EST. XXVI a XXXI.

Entre os que ao infiel causaram damno
Em primeiro logar te distinguiste,
Gildipe illustre, que o famoso Ircano,
Que reinava em Ormuz, logo feriste,
(Essa honra a uma mulher o soberano
Céu permittiu) e pelo peito o abriste.
Tomba elle traspassado, e, succumbindo,
Ouve o feito os contrarios applaudindo.

Tendo quebrado a lança, com ventura
Empunha a dama varonil a espada;
Mette o corcel dos persas á espessura;
Abre; rareia as filas arrojada.
Partido quasi em dois pela cintura
A Zopiro na terra ensanguentada
Com uma cutilada, audaz supplanta;
A Alarco impio e feroz corta a garganta.

Artaxerxes e Argeu em pouco espaço
Fere; um derruba, o outro co'a morte pune.
Depois talha a Ismael do esquerdo braço
Os nervos, onde a mão a elle se une;
Deixa esta a redea e ca'e; sem embaraço
Sobre a fronte ao ginete a espada zune,
O qual, vendo-se livre, pela turba
Armada foge rapido, e a perturba.

Estes e muitos mata, que em vetusto
Manto esconde do tempo a tyrannia.
Da gloria de a tomar no empenho justo
Juntam-se os persas, cercam-na á porfia;
Mas o esposo fiel treme de susto,
E vôa a soccorrer quem mais queria.
Assim ambos concordes alma cobram,
E na segura alliança as forças dobram.

Arte nova de guerra nunca ouvida
Empregam; nenhum d'elles se defende;
Antes, cada um esquece a propria vida,
E a conservar a do outro só attende;
Rebate os golpes a guerreira ardida,
Com que attingir o amado o infiel pretende;
Este as armas que a buscam firme apara
No escudo; até na fronte as aparara.

Se a defesa é commum, da mesma sorte
É commum a vingança. Ao arrogante
Artaban elle faz descer a morte,
Então na ilha de Boecan reinante.
Lança em terra tambem com rijo corte
O que feriu a sua amada, Alvante.
Ella entre as sobrancelhas a Arimonte,
Que vulnerava o esposo, parte a fronte.

Est XXXII a XXXVII.

Fazendo mais estrago o rei famoso
De Samarcanda os francos assolava;
Que onde o corcel movia e o gladio iroso
Os cavalleiros e os peões prostrava.
Quem logo alli morresse era ditoso,
Porque assim peor lance não provava;
Pois, se vivo é algum ao chão deitado,
Calca, morde o cavallo ao desgraçado.

Altamoro co'a dextra carniceira
Brunelon mata, o forte, e Arduino, o grande.
De um abre o elmo e a fronte de maneira
Que pende aberta para os lados; brande
Contra o outro um golpe, e até onde a primeira
Causa o rir tem e o coração expande
O atravessa, de sorte, caso horrendo!
Que a rir ficou, já sem querer, morrendo.

Nem a estes sómente dividiu
O ferro matador do doce mundo,
Porêm no mesmo fado reuniu
Guido, Gentonio, Guasco e o bom Rosmundo.
Quem contaria os que elle destruiu
Com o corcel e a espada furibundo?
Quem os nomes dissera aos mortos todos?
Quem das feridas, quem da morte os modos?

Ninguem ha que ao pagão altivo affronte,
Nem que distante ao menos o ameace;
Gildipe só contra elle volve a fronte,
Sem vêr desegualdade. Com tal face
Nunca amazona junto ao Thermodonte
Se escreve que a bipenne manejasse,
Ou embraçasse o ponderoso escudo,
Como a bella atacando o persa rudo.

Colhe-o onde de esmalte e oiro brilhava
Diadema por que o elmo era cercado,
E lh'o espedaça e espalha; ao que elle a brava,
Alta cabeça inclina violentado.
De homem robusto o assalto semelhava;
Treme d'ira Altamoro envergonhado;
Porêm vinga-se prompto com corage,
Porque a vingança vae após o ultrage.

Alcança a dama sobre a nivea frente,
E uma f'rida lhe faz. Tão funda é ella,
Que a priva dos sentidos totalmente,
E, o esposo a não ser, perdera a sella.
O infiel por nobreza de valente,
Ou fortuna dos dois esquece a bella,
Qual leão que despreza generoso
Quem jaz por terra, e segue temeroso.

EST. XXXVIII a XLIII.

Ormundo emtanto, a cujas mãos damnadas
Incumbido se havia à trama impura,
Aos christãos, sob as armas simuladas,
Com os seus companheiros se mixtura.
Assim de noite os lobos as manadas
Buscam, occultos pela nevoa escura,
Fingindo que são cães, e artes empregam
De as investir, e a cauda ao ventre chegam.

Approximam-se já; já o africano
Proximo a Godefredo por-se intenta.
Este, nas cores do ajustado engano,
E nos signaes suspeitos mal attenta,
Grita: eis o vil, que para o tredo plano
De franco mostras falsas apresenta;
Eis já co'os conjurados me acomette.
Assim falando, ao perfido arremette,

E o fere mortalmente; elle, o refece,
Não fere; não se guarda; não recúa;
Fica de pedra, qual se em frente houvesse
Medusa; e fôra tanta a audacia sua!
Contra todos o ataque se embravece;
Mil gladios, lanças mil em furia crua
Os perseguem de modo tal e infestam,
Que sequer os cadaveres não restam.

De sangue hostil vendo a armadura aspersa,
Godefredo se atira aonde entrava
Das filas o mais basto o chefe persa,
E a turvação, e a morte lhes levava,
Tanto que, como subito dispersa
N'Africa o vento a areia, as dispersava;
Contra elle corre pois; os seus repre'ende,
E ameaça; a fuga susta, e o persa offende.

Então ambos duello principiam,
Qual não presenceou Ida nem Xanto.
Pugna pedestre n'outra parte haviam
Muleiassem e Balduino emtanto.
Tambem ao pé do oiteiro combatiam
Os cavalleiros; vel-os causa espanto.
Alli o chefe barbaro das gentes
Peleja, e traz comsigo os dois potentes.

O impio chefe combate co'um Roberto,
Sem que no esforço mais do que este valha;
Do outro de egual nome o elmo aberto
Deixa o indio, e a armadura lhe desmalha;
Tisaferno não tem contrario certo;
Nem alguem que o eguale na batalha;
Acode onde é a multidão mais densa,
E leva a morte e a assolação na offensa.

Est. xliv a xlix.

Assim se combatia; balançavam
Temores e esperanças suspendidas;
Esmigalhadas lanças alastravam
O solo, e mil broqueis e armas partidas;
As espadas nos corpos se mostravam
Cravadas, ou por terra distendidas;
Quem supino jazia; quem volvendo
O rosto ao chão, como que o chão mordendo.

Jaz o cavallo do seu domno ao lado;
A par fieis e infieis pelejadores;
O morto sob o vivo sepultado;
Dos vencidos em cima os vencedores.
Não ha silencio, nem se escuta brado,
Mas rouco som de lugubres rumores,
Fremitos de furor, murmurios d'ira,
Gemidos do que soffre, do que expira.

As armaduras, que tão lêdas eram,
Agora inspiram só terror, tristeza;
O aço e o oiro o resplandor perderam;
Já as côres não te'm vivaz belleza;
Os ornatos no sangue se envolveram,
Pizados pelos pés da guerra accesa;
E o que o sangue poupou cobre a poeira;
Tudo mudado está d'esta maneira.

N'isto os moiros, os arabes, e o bando
Ethiope, que juntos occupavam
A extrema da ala esquerda, desdobrando
Seu corpo, os francos tornear buscavam.
Já fundeiros, frecheiros, atirando,
Os christãos desde longe molestavam,
Quando á frente dos seus Reynaldo avança,
Terremoto ou trovão na semelhança.

A Assimiro de Méroe, que o primeiro
Era da raça ethiope, e o mais forte,
O negro collo fere sobranceiro,
E o deita em terra, victima da morte.
Apenas o appetite o cavalleiro
Com o sangue excitou por esta sorte,
Façanhas pôz em pratica famosas,
Impossiveis, tremendas, monstruosas.

Mais matou que feriu, posto frequente
Ferva dos golpes seus a tempestade.
Qual três linguas se julga que a serpente
Vibra, o que a ligeireza persuade,
Assim três gladios a assustada gente
Cria ver-lhe da mão na agilidade.
Crê o olhar o que é falso e se apresenta,
E o terror da apparencia a fé augmenta.

Est. L a LV.

Uns no sangue dos outros os tyrannos
Da ardente Libya e os negros reis estende.
Dão nos mais seus guerreiros soberanos,
Movidos pelo exemplo que os accende.
Vilmente sob os ferros deshumanos
Ca'e a plebe infiel, nem se defende;
Morticinio só é, e não combate;
Ais d'aqui, d'alli a espada que se abate.

Em breve as costas a voltar obriga
O mêdo; as turbas fogem tão levadas
Do pavor indomavel que as instiga,
Que sem ordem já vão e derramadas.
Mas não descansa o heroe sem que consiga
Serem inteiramente destroçadas;
Depois, por ter a dextra menos fera
Contra os que fogem mais, o andar modera.

Qual o vento, que, se acha alta ramagem,
Ou algum monte, dobra ao sopro a ira,
Mas no campo, sem peias, meiga aragem
Parece, e brando e placido respira,
Qual o mar, que das rochas na passagem
Brama em cachões, e a voz com que bramira
Ao largo perde, livre, assim calmava
Reynaldo o ardor, quando fraqueza achava.

Depois que de empregar este indignou-se
A nobre mão na gente que fugia,
Contra a infantaria emfim voltou-se,
A que o arabe e o libyo antes cobria;
Mas descoberta agora ella encontrou-se;
É longe ou morto quem na ajudaria;
Flanquei-a pois co'os seus audaciosos
Cavalleiros no ataque impetuosos.

Lanças, estorvos rompe; o violento
Contraste vence; as filas entra unidas,
E as debanda e aterra; nunca o vento
Quebrou tão presto as messes sacudidas.
Junca-se n'um instante o chão cruento
De membros mil e de armas mil perdidas.
Corre a cavallaria abrindo praça
Sobre os corpos infrene, e ávante passa.

Chega o heroe 'onde em carro de oiro ornado
Estava Armida com marcial despejo;
Como guarda, cercava-a desvelado
Dos barões, dos amantes o cortejo.
Mal o avista, conhece logo o amado;
Olha-o a tremer de raiva e de desejo;
Elle muda o semblante um pouco ao vel-a;
Torna-se em gelo, após em fogo a bella.

Est. lvi a lxi.

Evita o carro o cavalleiro e avança,
Como se de outra coisa só cuidasse;
Oppôem-se-lhe os rivaes, e o não alcança,
Sem que primeiro alli pugna travasse;
Qual brande o ferro; qual abaixa a lança;
Té ella ajusta a setta; que atirasse
A colera ao seu braço aconselhava;
Mas, abrandando-a, amor o embaraçava.

Contra a colera o amor d'est'arte a prende,
O amor que na su'alma occulto fecha;
Três vezes por feril-o a mão estende,
E a tentativa por três vezes deixa.
Vence aquella afinal; o arco tende,
E a setta alada rapida desfecha;
O tiro vôa; porêm, mal o expede,
Que inutilmente vôe, afflicta, pede.

Quizera ella que a flecha, atrás volvendo,
Dentro do coração se lhe encravara.
Se, abandonada, é tal, como, o não sendo,
Mais a sua paixão patenteara!
Logo, de o desejar se arrependendo,
Recrudesce-lhe a furia, que tornara;
Assim receia e almeja que se empregue
A setta, e pelo ar co'a vista a segue.

Mas perdida não foi; no curso prompta,
De Reynaldo acertar vae na coiraça,
Para seu pulso rija; e se desponta
Apenas, sem que damno algum lhe faça.
Elle as costas lhe vira. Por affronta
Armida o toma, e inflamma-se e ameaça;
Muita vez o arco embalde descarrega.
N'ella os tiros emtanto amor emprega.

Que impenetravel natureza a d'este
Barbaro, que de hostís golpes não cura!
O corpo fria pedra lhe reveste,
Comsigo diz, como su'alma dura?
Não ha olhar ou ferro que o moleste.
Que tão rígida tempera o segura!
E inerme eu sou vencida, e o sou armada,
Ou amante ou guerreira, desprezada!

Que artificio inda tenho? Em que diversa
Maneira ainda transformar-me posso?
Corre aos meus campeões a sorte adversa!
Ai! perdido é de todo o imperio nosso!
Tudo vejo ceder-lhe; e que os dispersa,
E lhes inflige o maximo destroço.
E na verdade muitos estendidos
Mortos via, e os restantes abatidos.

Não basta a defender-se ella sómente;
Já prisioneira se reputa e serva;
Nem confia, e as tem prestes, á mão tente,
Nas armas de Diana ou de Minerva.
Qual o tímido cisne, a que imminente
Desce a garra feroz da aguia proterva,
Se agacha e encolhe as azas, tal estava
Armida, e nos seus gestos o mostrava.

Mas Altamoro, que distante fôra
Té alli, e a hoste persa, que já vinha
Recuando ante a espada vencedora,
Bem a custo no posto, só, continha,
Avistando o perigo da que adora,
Corre, vôa em auxilio da mesquinha,
Sem da honra cuidar, nem da peleja.
Salve-se ella, e ruína o mundo seja.

O carro apenas defender lhe importa,
E co'o ferro caminho abre deante;
Mas é sua gente afugentada e morta
Pelo chefe e Reynaldo n'esse instante.
Conhece-o o desditoso, e se conforta,
Muito melhor, que capitão, amante;
A seguro logar Armida guia,
E ajuda aos seus vencidos dá tardia;

Que o exercito pagão d'aquelle lado
Irreparavelmente está perdido;
Porêm do opposto, o campo abandonado,
Os nossos as espaldas hão volvido.
A custo, o peito e o rosto golpeado,
A um Roberto escapar foi permittido;
Aprisionou Adrasto o outro Roberto.
Assim o estrago se librava incerto.

Então o ensejo proprio imaginando,
Reordena Godefredo os seus guerreiros,
E torna a entrar na lide. Já, marchando,
Ambos os esquadrões chocam-se inteiros,
Do sangue do inimigo gottejando,
Adornados de loiros e altaneiros.
Paira a victoria e a honra em cada parte;
Duvída entre elles a fortuna e Marte.

Emquanto aqui a pugna embravecia
Do christão e do egypcio, sem repouso,
Da torre ao cume Solimão subia,
Donde, como em theatro populoso,
Ainda que em distancia, descobria
A tragedia do mundo procelloso,
O horror da morte, os varios movimentos,
E do fado mudavel os eventos.

EST. LXVIII a LXXIII.

Não poude ver tal scena sem turbar-se;
Mas breve, a chamma interior accesa,
Ambicionou tambem no meio achar-se
Do perigoso campo na alta empresa.
Não tarda; põe o elmo; para armar-se
Faltava-lhe sómente esta defesa.
Sus! grita; não tenhamos mais demora;
Ou triumphar ou perecer agora.

Ou seja acaso que o saber divino
Tamanho arrojo inspire á sua mente,
Por que os restos do imperio palestino
Se acabem n'este dia totalmente,
Ou seja que o conduz o seu destino
Para a morte, que já chamal-o sente,
Impetuoso, célere descerra
A porta, e leva inopinada guerra.

Nem espera que acceitem os amigos
E socios o convite; sa'e só elle;
Affronta, só, mil juntos inimigos;
Só, mette-se entre mil, e mil repelle.
Acompanham-no os outros aos perigos,
E Aladino tambem; o exemplo impelle.
Mais de furor que de esperança cheia,
A alma do cauto e vil nada receia.

Os que encontra primeiro o turco forte
Prostra co'os rudes golpes imprevistos;
Tão repentinamente vibra a morte,
Que cahir os que mata não são vistos;
Porêm de voz em voz corre de sorte
O terror e os gemidos a elle mixtos,
Que os fieis syrios já se revolviam
Em debandada e quasi já fugiam.

Não tanto soffre do terror o effeito
O gascão, do perigo avizinhado,
Que, em vão colhido subito, direito,
A ordem guarda ainda e o posto honrado.
No redil ou nas aves d'este geito
Bruta fera ou abutre esfomeado
Jámais originou tamanho damno,
Como a espada fatal do ma'ometano.

Famelica e voraz ella parece
Fartar na carne e sangue a fome sua.
Aladino e o tropel que lhe obedece
Seguem-no, e esparzem mortandade crua.
Vê Raymundo sua gente que perece,
E do Sultão, que a vence, não recúa,
Posto conheça a dextra por que outr'ora
Elle offendido mortalmente fôra;

Est. lxxiv a lxxix.

Antes, de novo o arrosta, e novamente
Ca'e, vulnerado onde o já tinha sido,
Culpa da edade só, que não consente
De taes golpes o peso desmedido.
Por cem gladios e escudos juntamente
É o ancião atacado e defendido;
Mas ávante o Sultão vae e o despreza,
Ou porque o julgue morto ou facil presa.

Lança-se contra os mais; e fere e talha,
E acções incriveis obra em pouco espaço.
Busca após outro sitio, onde a batalha
Dê novo pasto ao furibundo braço.
Qual de uma mesa a outra que mais valha
Dirige o homem famulento o passo,
Assim elle procura melhor parte,
Onde no sangue alheio a sêde farte.

Desce através dos derrocados muros,
E encaminha-se á lucta que o chamava,
O seu furor deixando aos seus, seguros,
Emquanto que aos christãos mêdo deixava.
Tentam aquelles com mil golpes duros
A victoria acabar que elle largava;
Oppõem estes pequena resistencia,
Que de fugida tem quasi apparencia.

Já, apartando-se, o gascão cedia,
E já da Syria a gente ia em revolta.
Perto era isto do tecto onde jazia
Tancredo, o qual a voz que a turba solta
Ouvindo, sa'e do leito que o prendia,
Sobe a uma altura, move o olhar em volta,
E avista o conde em terra, e uns retirarem-se,
E os outros em tumulto dispersarem-se.

Não fraqueia o valor no generoso,
Bem que padeça o corpo quebrantado,
Antes, lhe incute espirito brioso,
Supprindo a força e o sangue derramado.
Embraça impávido o broquel gravoso,
Para elle, inda tão debil, não pesado;
Empunha a espada, desnudado o corte;
Não precisa de mais; e d'esta sorte

Corre, e os soldados de Raymundo incita:
Onde ides, vosso chefe abandonando?
O quê! pois ha de a barbara mesquita
Das armas suas se adornar folgando?
Á Gasconha tornae e ao filho, grita;
Do pae dizei-lhe o fado miserando;
Que morreu, que fugistes! Finda, e cobre,
Enfermo, os fortes com seu corpo nobre.

Est. lxxx a lxxxv.

E co'o solido escudo e formidavel,
O qual de coiros sete era composto,
Havendo de aço fino impenetravel
Forro a estes ainda sobreposto,
O ancião acoberta veneravel,
Á sombra d'elle em segurança posto,
E dos gladios e settas o defende,
Emquanto o impio em roda expulsa e offende.

Sob o amparo seguro dentro em breve
Se levanta Raymundo e animo aspira;
Dupla chamma succede á côr da neve,
Pois o córa a vergonha, e accende a ira.
Com vista ardente um circulo descreve,
Para encontrar aquelle que o ferira;
Como o não ache, freme, e se prepara
Nos seus a executar vingança amara.

Voltam os aquitanos sem tardança,
E marcham do seu chefe em seguimento;
Temem os que eram todos confiança;
Aos que temiam passa o atrevimento;
O ovante cede; quem cedera avança;
Tudo assim variou n'um só momento.
Raymundo em se vingar tem a mão prompta,
E paga com cem mortes uma affronta.

Ao tempo que elle a colera indignada
Desafogar nos principaes intenta,
O usurpador da terra abençoada
Entre os primeiros vê, que á lide o tenta.
Fere-o na fronte co'a fulminea espada;
E mais uma e outra vez, não desalenta;
Ca'e o tyranno, e em soluçar horrendo
A terra onde reinou morde morrendo.

Depois que um chefe é longe e outro sem vida,
Dos que restam no centro do perigo,
Quaes, ao modo da fera enraivecida,
Sobre as armas se atiram do inimigo,
Quaes procuram medrosos na fugida
O conhecido, protector abrigo;
Mas com estes penetra o victorioso
Christão, e acaba o feito glorioso.

Rende-se a torre; o ferro aos que fugindo
Pelas escadas vão prostra e descora.
Raymundo, ao cimo d'ella então subindo,
Empunha a gran bandeira vencedora,
E, em signal de triumpho, ao vento a abrindo,
Perante os dois exercitos a arvora.
Visto estas coisas Solimão não tinha,
Que andava longe, e para o plaino vinha.

Est. LXXXVI a XCI.

Ao campo chega, o qual de sangue quente
Cada vez mais enrubescido ondeia,
Tanto, que a morte estar alli presente
Crêreis, que altiva o reino seu passeia.
N'isto encontra um cavallo, que pendente
Traz a redea, e sem dono ter vagueia;
Deita-lhe a mão ao freio; monta-o logo;
Vôa sobre elle; fere a terra fogo.

Grande ajuda, mas breve e repentina
Leva ao lasso infiel amedrontado,
Grande e breve, qual raio que fulmina,
Sem se esperar, e some-se inflammado,
O momentaneo curso na ruína
Dos rochedos deixando memorado.
Mais de cem elle mata. Só a historia
De dois eu contarei para memoria.

Eduardo e Gildipe, a claridade
Do vosso feito, e a vossa desventura,
Se me é dado gosar a eternidade,
Farei que sejam de perpetua dura,
Por que vos mostre a mais remota edade
Como exemplo do amor e fé mais pura,
E algum fiel amante com seu pranto
Vos honre, e ao mesmo passo honre o meu canto.

Guia o corcel a ínclita donzella
Para onde Solimão destroça tudo.
Valentes golpes dois lhe atira a bella;
Fere-o na ilharga e lhe espedaça o escudo.
O cruel, pela veste ao conhecel-a,
Eis a amiga e o amigo diz sanhudo;
Melhor o fuso e a agulha te guardara,
Do que esse gladio e esse que te ampara.

Assim se exprime; e de furor já cheio,
Levanta e baixa logo a espada fera,
Que ousa, cortando o arnez, entrar o seio,
Que dos golpes de amor digno só era.
Ella, largando de repente o freio,
Empallidece, como se morrera.
Bem o vê o miserrimo Eduardo,
Infeliz defensor, posto não tardo.

Ao que ha de resolver-se? N'um instante
A doce piedade, e a ira o empenha,
Aquella a que auxilie a cara amante,
Esta a que do offensor vingança obtenha.
Amor não crê uma coisa só bastante,
E indifferente as duas não desdenha.
Sustenta a bella pois co'a mão sinistra,
E a outra faz de seu poder ministra.

Est. xcii a xcvii.

Mas como assim, a força dividida
E a vontade, arrostar homem tão forte?
Não a sustem, nem logra no homicida
Vingar da que adorava a infausta morte;
Pois que de Solimão a espada erguida
Lhe corta o braço, apoio da consorte;
Ca'e Gildipe, não tendo onde se arrime;
E Eduardo após, e o corpo d'ella opprime.

Qual olmo, a cujo tronco corpulento
A videira tenaz se abraça e liga,
Que, se o prostra o machado ou rude vento,
Leva tambem comsigo a planta amiga,
Com seu peso esfolhando-lhe o ornamento,
Pizando-lhe os racimos, e a que obriga
O triste fim da que morrendo o segue
Mais á dôr, que o destino que o persegue,

Assim ca'e elle, só chorando o fado
Da companheira, a quem os céus o uniram.
Tentam falar; mas é querer baldado;
Pois em vez de falar, ambos suspiram;
Olham-se; e, como os tinha habituado
Amor, juntam-se, emquanto não expiram;
Foge de ambos a um tempo a luz do dia,
E ao céu as almas vão-se em companhia.

A fama as azas solta em continente;
O caso narra e as attenções desperta.
Ouve-o Reynaldo; e ouve juntamente
De um mensageiro a nova inda mais certa.
Dever, affecto, indignação pungente
Levam-no a que em vingança se converta;
Mas do Sultão se lhe atravessa á vista
Adrasto, e lhe embaraça que o envista.

Pelos signaes, o rei feroz bradava,
És emfim o que eu tanto andei buscando,
Co'os olhos nos escudos que encontrava,
Todo o dia por ti em vão chamando.
Ao meu nume pagar meu voto anciava
Com a tua cabeça. Pelejando
Brio e rancor provemos, ó guerreiro,
Tu de Armida inimigo, eu cavalleiro.

Diz, e vibra-lhe ás fontes golpe horrendo;
Depois sobre o pescoço o ferro cala;
O elmo fatal não fende, não podendo;
Porêm na sella com violencia o abala.
Baixa o gladio Reynaldo, e em fogo ardendo
Lhe abre ferida, que não ha cural-a.
Um só fendente o homem desmedido
Mata; assim finda o rei nunca vencido.

Est. xcviii a ciii.

O pasmo, o susto, o horror, formando um mixto,
A multidão congelam circumstante.
O proprio Solimão, que o golpe ha visto,
Se perturba e desmaia no semblante.
O seu morrer bem claro então previsto,
Irresoluto fica e titubante,
Coisa insolita n'elle; mas a eterna
Lei n'este mundo o que é que não governa?

Como o insano, ou quem soffre de doença,
Que, em breve somno interrompido e lasso,
Querer correr apressurado pensa,
Porêm que inutil é todo o cansaço,
Pois para que se mova e que se vença
Não no ajudam os pés, e o froixo braço,
E incognito poder faz se lhe extingua
A voz, se a tenta desprender a lingua,

Ao assalto correr assim quizera
O Sultão, e se excita; porêm nada
Reconhece da raiva que uso era
Sentir, nem sua força tão provada.
Quantas faiscas n'elle o valor gera,
Tantas secreto mêdo torna em nada;
Sente a fronte de idéias povoar-se,
Sem tratar de fugir, de retirar-se.

Ataca o vencedor ao duvidoso;
Vê-o este chegar, e lhe parece
Na ligeireza e cenho furioso
Que mais do que mortal se anima e cre'ce.
Pouco lucta; porêm no doloroso
Transe o nobre costume não esquece;
Não geme, nem o corpo ao ferro esquiva,
Grande nos actos e a presença altiva.

Mal o Sultão, que vezes mil na guerra,
Qual novo Anteu, cahira e se elevára
Cada vez mais atroz, a rubra terra
Para não mais se erguer, emfim calcára,
A fortuna, que varia e instavel erra,
Fixa a victoria, que até alli vagara,
E, cessando dos vôos inconstantes,
Se alista sob os francos commandantes.

Do rei, como as demais, foge a cohorte,
Nervo da resistencia do Oriente.
Chamava-se immortal, e o extremo corte
Prova, mau grado o titulo eminente.
Ao que leva a bandeira d'esta sorte
Fala Emiren, e a fuga susta ardente:
Não és tu que por mim de toda a hoste
Para o pendão trazer eleito foste?

Est. civ a cix.

E foi-te para isto confiado,
Rimedon? Para o rosto assim voltares?
Deixas o chefe teu desamparado,
Covarde, da peleja nos azares?
Que desejas? salvar-te? vaes errado;
Fica; fugir é á morte caminhares.
Quem escapar quizer combata; a via
Da honra á salvação direito guia.

Torna atrás Rimedon, que o pejo córa;
Mais grave os outros Emiren repre'ende;
Já ameaça; já fere; a vencedora
Mão arrostam de novo os que elle offende.
Assim ordena muitos e avigora,
E a esperança inda o animo lhe incende;
Mas Tisaferno mais que tudo o anima,
Que não cede, e que a vida em nada estima.

Maravilhas obrara Tisaferno;
Destroçara os flamengos; dos normandos
Muitos matara; e dera ao reino eterno
Gerard, Gernier, Rugeiro, miserandos!
Após da eternidade ao ar superno
Chegar com esses actos memorandos,
Como se já viver pouco lhe valha,
Busca o maior perigo da batalha.

Reynaldo encontra: e, posto o aço brunido
O sangue esparso demudado houvesse,
E o corpo da aguia fosse enrubescido
N'uma parte, a armadura bem conhece.
Eis, diz elle, o perigo mais subido;
Aqui, ó céu, meu braço favorece.
Veja Armida a vingança desejada.
Voto-te do christão, Mahomet, a espada.

Assim pediu; porêm debalde orava;
Não lhe ouve Mahomet a prece viva.
Qual se açoita o leão com sanha brava
Para a fereza despertar nativa,
Tal incita o furor que o abrasava
Tisaferno, e do amor na chamma o aviva;
Une todo o vigor, punje o ginete,
E, fechado nas armas, acommette.

Vae contra elle Reynaldo valoroso.
Os que estão mais de perto abrem terreno,
Sedentos do espectaculo famoso,
Para os dois contendores, não pequeno.
É tão vario o combate e porfioso
Do guerreiro christão, do sarraceno,
Que todos do perigo se descuidam,
E de presenceal-o apenas cuidam.

Est. cx a cxv.

Mas um só fere, e o outro fere e estraga,
Mais forte, mais armado, e sempre certo.
De sangue Tisaferno o campo alaga,
Privado já do escudo e o elmo aberto.
Nota ao seu campeão a bella maga
N'este estado, de f'ridas mil coberto,
E que aos mais o terror de modo obriga,
Que já fragil prisão a custo os liga.

Por tantos n'outro tempo defendida,
Ora em seu carro é só, sem segurança.
Teme ser prisioneira; odeia a vida;
De vencer desespera e da vingança.
Apeia-se assustada e enfurecida,
E sobre um seu corcel veloz se lança.
Foge mas vão com ella o amor e a ira,
Quaes dois lebréus que no pensar nutrira.

Cleópatra no seculo vetusto,
Só, da cruel peleja assim fugia,
Deixando a arcar co'o venturoso Augusto
Seu amante, que a este já cedia,
O qual, por ella a si tornado injusto,
Em breve as caras velas lhe seguia.
Tambem seguido Tisaferno houvera
Armida, mas Reynaldo o não tolera.

Tendo perdido o infiel a amada, fica
Do mesmo modo que se o sol transmonte,
E com o gladio ao que o detem replica
Desesperado, e lhe vulnera a fronte;
Menos vigor emprega, se fabrica
O raio atroador o adusto Bronte;
O golpe temeroso é de tal geito,
Que o christão curva a fronte sobre o peito.

Curva-a, e intrepido logo se levanta,
E vibra o ferro, o qual, rôta a coiraça,
Lhe entra as costellas, com braveza tanta,
Que ao coração, fonte da vida, passa.
Dupla ferida o corpo lhe quebranta,
Pois desde o peito ás costas o traspassa,
E ao fugitivo espirito mesquinho
Mais de uma estrada larga abre caminho.

Então Reynaldo victorioso pára,
Procurando onde ataque, ou onde acuda;
Mas os pendões do infiel todos prostrara
O franco, que mister não tem de ajuda.
Põe n'isto fim ás mortes que espalhara,
E o seu bellico ardor abranda e muda.
Socega, e, socegando, vem-lhe á idéia
Armida que fugiu de magoa cheia.

Est. cxvi a cxxi.

Que ora a ampare a piedade do guerreiro
Manda, mandam-no as leis da cortezia;
E lembra-se que ser seu cavalleiro
Prometteu, quando d'ella se partia.
Por onde a viu correr corre ligeiro;
A pista do corcel lhe marca a via.
Armida emtanto a um sitio chega escuro,
Bom para, só, findar seu fado duro.

Áquelle val umbroso sente gosto
De que a sorte os seus passos conduzisse.
Alli, já desmontada, e já deposto
O arco e as outras armas, infelice,
Ó armas tristes, que coraes meu rosto,
Que o sangue não provastes, ella disse,
Minhas injurias consentis inultas;
Deponho-vos aqui, jazei occultas.

Ah! mas de todas uma triumphante,
Rubra, sequer não se verá em meio?
Se os mais peitos vos são de diamante,
Não ousareis atravessar meu seio?
Eil-o nú; n'elle acção tendes brilhante;
Vencereis; atacae-o sem receio;
É brando, é fraco, aos golpes não resiste;
Sábel-o tu, amor; sempre o feriste.

Ó armas, acabae-me, que a maldade
E a passada fraqueza vos relevo.
Pobre Armida, ai! a minha inf'licidade!
Só a esp'rar salvação em vós me atrevo!
Não tenho mais remedio; a crueldade
Das feridas com outras sarar devo.
Venha o ferro curar de amor a chaga;
A morte seja só minha triaga.

Feliz, se a peste eu não levar que abrigo,
E não for, morta, inficionar o inferno!
Fique amor; venha o odio só commigo,
Da minha sombra companheiro eterno;
Ou volte á luz para habitar comtigo,
Meu impio zombador; saia do Averno,
E mostre-se aos teus olhos tão terrivel,
Que te interrompa o somno, e o torne horrivel.

Calou-se; e, firme assim seu pensamento,
Escolhe a setta mais aguda e forte.
Chega Reynaldo alli n'esse momento,
E, achando-a perto já da ultima sorte,
Já preparada para o negro intento,
Já tinto o rosto do pallor da morte,
Corre para ella, e por detrás segura
A mão que o peito vulnerar procura.

Est. cxxii a cxxvii.

Vira-se Armida; e, vendo-o inesperado,
Porque o não presentiu quando chegara,
Grita; desvia irosa o olhar do amado,
E vae quasi a cahir, que desmaiara,
Como o lirio da foice mal cortado,
Dobrando a haste, porêm, elle a ampara;
Com um braço a sustenta; desaperta
Emtanto a veste que lhe o seio aperta;

E o bello rosto, e o seio da mofina
Banha com choro de alma generosa.
Como do orvalho á chuva matutina
Se aformoseia a desbotada rosa,
Assim ella ergue a fronte peregrina,
Do pranto de Reynaldo lacrimosa.
Levanta o olhar três vezes para o amante;
Abaixa-o vezes três no mesmo instante;

E com a debil mão ao forte braço,
Que a sustem pertinaz, se furta esquiva.
Embalde; quanto mais é seu cansaço,
Mais a segura o heroe, mais a captiva.
Fechada emfim n'aquelle estreito abraço,
Que inda talvez lhe é caro e o amor lhe aviva,
Posto o occulte, assim fala, baixa a face,
Sem que nunca para elle a vista alçasse:

Que te conduz aqui? És despiedoso,
Na volta como o foste na partida?
Vens-me roubar á morte, caridoso,
Tu, depois de me haver tirado a vida!
Vens salvar-me? A que mais de injurioso,
A que outras penas é guardada Armida?
Teus artificios, barbaro, eu entendo;
Mas que posso, se em vão morrer pretendo?

Defraudas tua gloria, se algemada
Não fôr no teu cortejo triumphante
Uma mulher captiva, abandonada
Por ti; esse o teu feito mais prestante.
Vida e paz te pedi outr'ora, amada;
É-me doce hoje a morte que hei deante;
Mas não t'a peço, não; se procedera
De ti, como execranda coisa a houvera.

Por mim mesmo, cruel, hei de livrar-me
Da tua feridade com certeza;
Posto não tenha laço ou não me arme
Com ferro ou com veneno, por ser presa,
Que eu morra não conseguirás vedar-me;
Dou graças ao auctor da natureza.
Deixa os afagos teus. Como acarinha
O falso, e illude a tenue esp'rança minha!

Est. cxxviii a cxxxiii.

D'est'arte se carpia; e á lympha pura,
Que a raiva e amor aos olhos seus levava,
Affectuoso pranto elle mixtura,
No qual honesta compaixão brilhava,
E lhe responde co'a maior doçura:
Calma o peito onde a magoa o espinho crava;
Não á mofa, á corôa te reservo;
Não sou teu inimigo, sou teu servo.

Em meus olhos confirma o que te digo,
Se fé minha palavra não merece.
Juro de teus avós no solio antigo
Repor-te. Ah! se ao Senhor inda aprouvesse
Tua mente aclarar de um raio amigo,
Que o véu do paganismo desfizesse,
Tão alto no Oriente sublimara
Teu throno, que nenhum se lhe egualara.

Acaba; e á fala e á prece fervorosa
Une pranto e suspiros egualmente.
Como á neve do monte a luz radiosa
Obriga a desgelar-se, ou a brisa quente,
Assim perde ella a colera teimosa,
E co'os desejos seus fica sómente.
Eis tua escrava, exclama; auctoridade
Tens em mim; cumprirei tua vontade.

Emtanto o summo capitão do Egypto
O estandarte real em terra vendo,
E a um golpe só de Godefredo invicto
Ir ao chão Rimedon, e conhecendo
Que os seus fogem ou morrem no conflicto,
Não quer covarde ser no transe horrendo;
Mas busca, e acha em breve o que deseja,
Que por insigne braço morto seja.

De encontro a Godefredo o corcel vira,
Que inimigo não tem melhor, mais fero;
Por onde quer que passa, mostra a ira,
E do valor extremo o desespero.
Longe inda, e antes que o combate fira,
Brada: por tua mão morrer espero;
Porêm cahindo buscarei levar-te
Tambem commigo, e te esmagar, matar-te.

Então um contra o outro preparado
Altivo, em acto de brigar se lança.
É roto o escudo; e o braço desarmado
E após ferido ao capitão de França;
Um golpe ao infiel no esquerdo lado
Do rosto com tamanha força alcança,
Que o atordôa; e, antes que em si entre,
Ca'e em terra varado pelo ventre.

Est. cxxxiv a cxxxix.

Assim deixa Emiren a vida cara.
Pouco existe do exercito vencido.
Godefredo o persegue, até que pára,
Vendo Altamoro a pé, todo tingido
De sangue, cuja espada se quebrara,
E elmo tambem, de lanças mil cingido;
Vê-o, e grita: cessae; e tu, guerreiro,
Rende-te a Godefredo prisioneiro.

O pagão, que humilhar a fronte nega,
Seja a quem for, por mais illustre e forte,
Mal ouve o nome que preclaro chega
Da abrasada Ethiopia ao frio norte,
As armas logo ao capitão entrega,
Dizendo: és digno de vercer-me; e a sorte,
Que de mim te concede esta victoria,
Te concede proveito, alêm de gloria.

Para me resgatar joias, riqueza
Possue minha mulher, meu reino oiro.
Volve o chefe: não sou por natureza
Cubiçoso de ter o metal loiro.
O que te vem da Persia, e a India préza
Reserva para ti; é teu thesoiro.
Por ti preço não quero pobre ou rico;
Vim combater na Asia; não trafico.

N'isto se cala e aos guardas o confia.
Depois segue o inimigo, que em procura
Vae das trincheiras; mas em vão fugia;
Encontra em vez de amparo sepultura.
Toma-se o campo; mortandade impía!
Rios de sangue inundam n-a planura;
Cobre o sangue o despojo, e o luxo e a pompa
Da hoste barbara faz que se corrompa.

D'est'arte vence Godefredo; e tanto
Resta ainda do dia aos esplendores,
Que á cidade já livre, e ao templo santo
Do Salvador conduz os vencedores.
Sem que deponha o sanguinoso manto,
Entra n'elle co'os mais libertadores;
E alli suspende as armas, è devoto
O gran Sepulcro adora, e cumpre o voto.

Est. cxl a cxliv.

FIM

NOTAS

NOTAS

PROLOGO

Ensaio juvenil da minha musa—pag. v

Com effeito nos *Preludios poeticos* ha poesias da minha adolescencia. Vejam-se por exemplo, nas que teem data, as intituladas: *Que olhos, A cantora* e *Formosura*, compostas aos quinze, dezesete e dezoito annos. Nas sem data encontram-se outras que não são posteriores.

Entre as edições de 1864 e de 1906 da *Jerusalem*—pag. VII

Pondo de parte as causas particulares do longo intervallo de uma á outra: doenças, mortes de pessoas estimadas, difficuldades de vida, com que não tenho o direito de tomar tempo aos leitores, e que para elles nada valem, mencionarei unicamente as litterarias, as quaes foram entre as obrigatorias: a collaboração de cinco tomos da obra *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo* (continuação da do mesmo titulo dada á luz pelo visconde de Santarem), e a de nove tomos da obra *Corpo diplomatico portuguez*, ambas sobre os negocios com a Curia Romana, e ambas subsidiadas pelo Governo e publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; e entre as voluntarias, não falando n'algumas menores: a edição critica (de 1879) d'*O hyssope*, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, precedida de um largo estudo sobre o auctor e o seu poema, e a *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV*, cujos materiaes existentes em varias bibliothecas e archivos do reino e de França, Hespanha e Italia procurei, colligi e aproveitei com improba fadiga, o que só por si me levou não poucos annos. No mesmo intervallo compuz tambem e estampei os versos que formam os volumes *Novas Poesias, Lampejos, Cambiantes,* e *Reflexos*.

PRELUDIOS POETICOS

ALMEIDA-GARRETT—pag. 6

Foi composta esta poesia, digo eu em nota aos *Cambiantes* (primeira edição), logo em seguida á morte do grande poeta, acontecida a 9 de Dezembro de 1854, e logo depois (a 13) impressa no jornal *O progresso*, e tambem em folheto. Publicando, em 1857, os meus

Preludios poeticos, incluí-a ahi, dedicando-a a Alexandre Herculano. Hoje reimprime-se com a traducção que em 1856 fez d'ella o doutor Luiz Brignoli Junior. Esta reimpressão pode portanto considerar-se um novo preito a dois dos três vultos eminentes, que dominam e hão de dominar nas lettras portuguezas do seculo dezenove como seus maximos cultores; e egualmente um tributo de saudade e agradecimento á memoria do traductor. Dei-me com Almeida-Garrett nos dois ultimos annos da sua vida; profunda impressão produziu elle na minha tenra adolescencia; muito senti a sua morte; guardo com amor as suas cartas; e conservo do seu talento, favores e delicadeza vivissima e gratissima lembrança.(1) Tive outrosim a honra de conhecer e tratar, posto menos, Alexandre Herculano. Mantive aturadas relações com o dr. Luiz Brignoli Junior, relações que me apraziam em extremo, porque este meu amigo reunia a um genio franco e attractivo bastante conhecimento da litteratura italiana, sobre que frequentemente conversavamos, concorrendo ás vezes em sua casa comnosco o fallecido conselheiro Antonio José Viale, que era n'aquella, assim como na portugueza, franceza e latina, versadissimo. Foi ahi que entrei em mais intimidade com este poeta (porque em portuguez, italiano e latim versificava com a maior correcção) e com este verdadeiro sabio, tão mal apreciado por muitos. De Luiz Brignoli conheço,

(1) Francisco Gomes de Amorim, no volume 3.º pag. 630 da sua obra—*Garrett, memorias biographicas*, relatando a doença a que fatalmente succumbiu o grande poeta, escreve:

«Falemos dos amigos. Nunca escassearam a João (assim trata o auctor Almeida-Garrett), durante a sua vida de lucta, de actividade e de gloria. Nos ultimos dias, não julgavam talvez que elle estivesse quasi desamparado. Além de que, se acaso sabiam o seu verdadeiro estado, tinham tambem que attender aos proprios cuidados, achaques ou negocios. Quem é que os não tem, sobretudo em terra de egoistas, como esta! Raros offereceram sinceramente os seus serviços, que não foram acceitos: Felner, Mendes Leal, Epiphanio, Tasso, José Ramos-Coelho, poeta de talento, que João me apresentára; e poucos mais.»

Estas ultimas palavras obrigam-me a entrar em explicações a meu respeito, que, se não fossem ellas, seguramente calaria.

Conheci Almeida-Garrett, como acima declaro, nos dois ultimos annos da sua vida, n'uma quadra para mim bem triste, pois me achava só, desamparado no mundo, e sem experiencia d'elle, sem dinheiro, sem protecções, sem conhecimentos, sem posição, nem esperança de adquiril-a, doente do corpo e ainda mais do espirito. Ora, apesar de tamanha reunião de contrariedades, o meu sonho doirado era (quanto póde a paixão e a mocidade!) publicar um volume de versos, fructo das minhas primicias litterarias, e que já estivera para estampar em diversas, posto não menos desfavoraveis, circumstancias. Enthusiasta das obras de Garrett, conhecedor por informações da sua benevolencia para com os que entravam na carreira das lettras, e desejoso de obter meio de dar á luz o meu trabalho, escrevi-lhe pedindo-lhe o favor de o examinar; e elle respondeu-me sem demora, annuindo ao meu desejo. Procurei-o na casa em que então morava, sita na calçada do Salitre, n.º 180 (depois 334), e que ultimamente substituiram por um predio de três andares. O antigo tinha um apenas. Ahi encontrei Gomes de Amorim e ahi travamos relações. As que mantive com Rebello da Silva, Mendes Leal, e Felner foram posteriores e obtidas n'outros logares.

Eis a resposta de Garrett á minha carta:

«Ill.mo Snr.

«Maio 15 (de 1852).

«Terei muito gosto de poder servir e ajudar a um companheiro nos trabalhos litterarios, que tem sido uma das principaes occupações, e certamente a mais agradavel da minha vida. Confie-me V. S.ª o seu livro, e, depois de ter a satisfação de o ler, farei quanto esteja na minha mão, que não é muito, mas será feito da melhor vontade.

«Desculpe-me de não escrever por minha mão, porque tenho padecido muito d'ella e apenas posso assignar-me De V. S.ª m.to att.o v.or c.do—*Almeida Garrett.*»

álem d'esta traducção, uma poesia original italiana, em estrophes como as do *Cinque Maggio*, de Manzoni, á morte da filha de D. Pedro IV, a Princeza D. Maria Amelia. Por ventura serão estas duas obras os unicos testemunhos da sua aptidão poetica. Morreu ha muitos annos, na força da vida. Era formado em medicina, julgo que na Italia.

As mudanças que fiz á minha poesia foram poucas e quasi todas mais na forma do que na essencia; a versão portanto pouco soffreu com ellas, ficando quasi sempre apenas mais livre. Os versos precedidos de commas são de Garrett: o primeiro e segundo da *Lyrica de João Minimo*, pag. 237 e 262 (edição de 1858); os seis seguintes do *Camões*, pag. 200, 205 e 199 (edição de 1854); e o ultimo da *Lyrica de João Minimo* (dita edição), pag. 68.

Para os verdadeiros cultores das lettras e para a maioria dos apreciadores do que é bom em poesia tornam-se completamente desnecessarias as notas ás allusões dos meus versos, quanto á vida e escriptos de Almeida Garrett; não assim porêm para outros, e eis a razão por que as ponho aqui.

O debil canto do Mondego ás margens—pag. 7

As mais antigas composições do poeta, feitas quando estudante na

---

Sobrescripto: «Ill.mo Snr. José Ramos Coelho.—Rua de S. Bento, n.o 250.—Almeida Garrett.»

A doença que só permittiu ao poeta escrever o nome e a subscripção era, se não me falha a memoria, um panarizio.

Em vista de tão delicado offerecimento, sujeitei á sua censura parte do munuscripto, e, havendo passado algum tempo, muito para a minha juvenil impaciencia e muito pouco para uma vida tão cheia de occupações, qual então era a de Garrett, recebi d'elle est'outra carta:

«Pedroiços, junto á Torre de Belem—7 de Setembro (de 1852).

«Illmo Sr. José Ramos Coelho.

«Tenho recebido as suas cartas e hontem ultimamente, a que n'esse dia me escreveu. Mas deve perdoar-me não lhe responder, porque absolutamente me não foi possivel. Trabalho immenso e maiores cuidados me teem opprimido o corpo e o espirito. Desde hoje começo a estar mais desembaraçado, e pedia-lhe que, antes de tudo, me fizesse favor de vir almoçar commigo ás 10 horas (minha hora costumada) em qualquer dia que não sejam 3.as, 6.as e sabbados: dias em que tenho obrigação de ir de manhan cedo para Lisboa. Os seus versos teem grande merecimento e verdadeira poesia em muitos. Valem muito a pena de alguns retoques de fórma exterior, que tomo a liberdade de lhe recommendar e que só á vista posso explicar-lhe.

«Creia-me porque o sou «De V. S.a muito affeiçoado e certo c.do e v.dor—*Almeida Garrett.*»

Entretanto o poeta não se descuidava de me procurar os meios de publicação da minha obra, e até se prestava a favorecel-a com uma honra que eu de certo não esperava, conforme resalta do que vae ler-se.

«Ill.mo Sr.

«Pedroiços 22 de Setembro (de 1852).

«Hoje fui a Lisboa e em minha casa emfim achei o resto dos seus versos que restituo.

«Pode mostrar esta carta ao meu amigo o sr. E. de Faria (Eduardo de Faria, então gerente, julgo eu, da typographia que é hoje do *Diario de Noticias*), na qual me comprometto a escrever o prologo promettido aos seus bellos versos. Mas é preciso que, á proporção que se forem tirando as folhas, m'as mande. De V. S.a mto atto v.dor e c.do—*Almeida Garrett.*

Universidade de Coimbra. (Na *Lyrica de João Minimo* e *Fabulas e Folhas cahidas.)*

Na rude senda a acompanhar de perto
Filinto, ...—pag. 7

A maneira filintista de Garrett nos principios da sua carreira litteraria, evidente em muitas das suas poesias e no poema *D. Branca,* o qual até foi publicado por elle a primeira vez como obra posthuma de F. E. (Filinto Elisio.)

Ouvis? Que canto é esse que do Thamesis—pag. 7

Algumas das poesias que compoz em Inglaterra, quando emigrado, e sobretudo a que dedicou á morte de Riego. (Na *Lyrica de João Minimo.)*

Da lyra agora temperando as cordas

até

Que do immortal cantor as cinzas guarda?—pag. 7 a pag. 8

O poema *Camões* composto no exilio, em França.

Mas o clarim ardente o incita á guerra,
E, novo Alceu, enthusiasta anima

Sobrescripto: «Ill.mo Sr. José Ramos-Coelho — 250, rua de S. Bento. — (de Almeida Garrett).»

Uma carta por esse tempo endereçada pelo poeta a Eduardo de Faria, a meu respeito, que eu estava muito longe de pensar ainda existisse, e, existindo, que viesse um dia a gosar a luz da imprensa, guardava-a como reliquia, entre diversas de Garrett, o sr. Antonio de Portugal de Faria, sobrinho do destinatario, e por occasião do centenario do poeta sahiu estampada no *Seculo,* n'um artigo qne o nosso estimavel litterato, o sr. Joaquim de Araujo, dirigiu de Genova a este jornal, intitulado *Duas cartas de Garrett.* Uma d'essas cartas é a que fica acima; a outra (a de recommendação) é como segue:

«Ill.mo Sr. e meu amigo.

«5 de Junho (1852).

«Peço-lhe o favor de dizer a seu Pae que hontem lhe mandei pagar o que se achou com effeito que lhe era do stylo e uso devido, pelo quartel que lhe não satisfizeram.

«Vou pedir agora um obsequio. O portador, o sr. José Ramos-Coelho, é um joven poeta das maiores esperanças e que tem realmente fundo.—Elle quer publicar os seus versos e consultar sobre elles o juizo publico.—Eu sei decerto que a opinião não pode ser senão muito favoravel. Veja-os, falle com o A., e, se poder ser-lhe util e auxilial-o, como decerto pode, creia que obriga muito a quem é De V. S.a Am.o verd.o e obrig.do —*Almeida Garrett.*»

Alem de virem no *Seculo,* vieram tambem as duas cartas no opusculo *Garrett em França,* publicado pelo dito sr. Antonio de Portugal de Faria em Paris, a proposito do centenario, e a ultima em fac-simile na *Revista moderna,* fac-simile de que por este me foi offerecido um exemplar.

Da minha obra chegaram a imprimir-se as primeiras folhas, que recebi e com o tempo vim a inutlisar; ficando por ahi, obrigado de novos e crueis golpes da fortuna e da necessidade de angariar o estrictamente preciso para sustentar-me. Muito poucas das suas composições entraram nos *Preludios poeticos,* impressos em 1857.

As visitas que fiz a Garrett foram quasi todas na casa da calçada do Salitre. De uma vez me lembro que para estar mais agasalhado almoçava na sala; de outra que, ferido provavelmente por qualquer allusão politica, rompia n'estas ou em similhantes exclamações: poetas! o que valem poetas; poetas não servem para nada; e continuava adubando a pratica de ditos finos e mordazes contra pessoas e factos que me eram completamente desconhecidos; de outra que discreteava humoristicamente sobre as inconveniencias do casamento, a proposito do de um homem de lettras, que então se effeituava ou estava

Da Terceira as phalanges.—pag. 8

As poesias do tempo da lucta civil, como as que teem por titulo: *A victoria da Praia*, *O juramento, etc.* (Nas *Flores sem fructo.)*

a liberdade agora
Coroa a lyra que a chamara á terra.—pag. 8

As que compoz a favor d'ella e se lêem na *Lyrica de João Minimo.*

Vêem Catão em Utica expirando;
Do afortunado Manuel os dias
Com Gil Vicente e Bernardim renascem;—pag. 8

A tragedia *Catão* e o drama *Um auto de Gil Vicente.*

Do gran Sousa
O feito nunca feito escripto fica—pag. 8

O drama *Frei Luiz de Sousa.*

Quem mais seguro nos abrira os cofres
Da tradição do povo?...—pag. 8

Ou feios casos de brutal fereza
Com delicada mão na téla borde...—pag. 8

---

para affeituar; de outra que me appareceu já vestido para sahir, e fomos juntos até á casa da rua de Santa Isabel, para onde se devia mudar, e que se preparava a seu gosto, parando elle disfarçada e amiudadamente nas subidas, por causa do seu máu estado de saúde, e não, segundo então imaginei, da animação da conversa; e de outra em que falamos sobre as *Folhas cahidas*, cuja primeira edição acabava de publicar-se. Visitei-o tambem na casa de Pedroiços, annuindo ao amavel convite da sua carta, e na casa da Junqueira, quando adoeceu da enfermidade que o levou á sepultura. Achei-o n'essa occasião abatido e desanimado, embora apparentasse uma certa despreoccupação, e recordo-me muito bem das seguintes palavras que me disse: o peor foi não perder esta cabeça. Na casa nova da rua de Santa Isabel, para onde d'alli se trasladou, já bastante mal, nunca lhe falei; mas fui saber d'elle frequentes vezes, e, como diz Gomes d'Amorim, offereci-lhe em tão critica situação, qual a sua, os meus fracos serviços, que não foram, como não foram os de outros, acceitos.

Morto o grande poeta, escrevi e imprimi no jornal *O Progresso*, e depois em separado a poesia a que se refere a presente nota; fiz publicar no *Achivo Pittoresco*, servindo-me, de um desenho, que pedi a Joaquim Pinto Ribeiro Junior, a casa onde Garrett nasceu na cidade do Porto; e compuz a poesia intitulada ironicamente *Gratidão*, uma das que veem nos *Preludios poeticos*, indignado com a frieza do publico na commemoração do segundo anniversario de tão fatal perda, que se celebrou no theatro de D. Maria, e em que se representou uma das suas peças, a *D. Filippa de Vilhena*, a que não assisti, como desejava, por estar doente.

Ainda outro pequeno serviço prestei á memoria do grande escriptor, signal evidente, como todos, da minha admiração e do meu animo reconhecido, razões por que sobretudo aqui os lembro.

«Quando a companhia dramatica italiana do actor Rossi esteve em Lisboa por 1869, representando no theatro de S. Carlos, por conta do então emprezario sr. Campos Valdez, (lê-se no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, tomo 10, pag. 185, artigo João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett), desempenhou o drama *Fr. Luiz de Sousa*, traducção do sr. Vegezzi Ruscalla. Rossi executou o papel de Manuel de Sousa Coutinho e a actriz Casilini o de Maria de Noronha. Não póde fazer-se perfeita ideia da execução d'essa obra prima do theatro portuguez e do insigne poeta, senão lendo as apreciações dos periodicos d'aquella épocha. A companhia italiana recebeu muitos applausos, e o desempenho de Rossi e de Casilini causou enthusiasmo indiscriptivel. Os dois talentosos e celebrados artistas puzeram em favor do nome glorioso de Garrett e em honra do theatro nacional todos os recursos de que podiam dispor. Sua Majestade El-Rei o Sr. D. Luiz agraciou o actor Rossi em consideração ao modo como executara o *Fr. Luiz de Sousa*. Vejam-se principalmente os n.os 4:617, 4:618 e 4:619 do *Jornal do Commercio* de 21, 23 e 24 de Março de 1869

«N'este ultimo n.º é referido, com minuciosidade, como o eminente Rossi viera a saber

bellas fadas,
Espiritos do ar, crenças e usanças
Do velho Portugal... — pag. 8

O *Romanceiro*, *Adozinda*, *D. Branca*.

Quasi no extremo despedir da vida,
Que sentido cantar inda modula,
Como de joven coração?... — pag. 9

As *Folhas cahidas*.

As palavras que vão em italico são as que alterei para adaptal-as á minha poesia.

Pésa mais um punhal que uma cadeia?

É de José Frederico Pereira Marecos, conforme o proprio Garrett, diz na sua *Lyrica*, edição de 1829; o que depois, não sei porque, omittiram.

Com esta das *Obras* é a septima vez que se publica a presente poesia: no *Progresso;* em folheto; nos *Preludios;* nos *Cambiantes;* no *Occidente,* ao centenario de Garrett; e nas *Poesias* de Ramos-Coelho *vertidas.*

---

que existia no seu paiz uma traducção do drama de Garrett; e quaes as diligencias empregadas, primeiro pelo sr. Ramos-Coelho, depois pelo fallecido jornalista José Ribeiro Guimarães, para convencer o sr. Campos Valdez a que incitasse o actor italiano a fazer ensaiar e representar, antes de se partir de Portugal com a companhia, o *Fr. Luiz de Sousa*; e as duas ultimas recitas com que fechou o periodo da estada em Lisboa foram de tão brilhante exito, que o illustre Rossi confessara que se julgava bem pago do trabalho com os ensaios rapidos de uma peça nova, cujos effeitos não previra, e declarava que a incluiria no seu repertorio, e a daria em algum theatro da Italia.»

«No tomo 10, pag. 185, artigo João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, (diz o mesmo diccionario no tomo 13, pag. 376, artigo José Ramos-Coelho) referi-me ás diligencias empregadas pelo sr. Ramos-Coelho e José Ribeiro Guimarães para que o actor Rossi representasse o drama *Fr. Luiz de Sousa*. Convem explicar este facto, que é em extremo honroso para o sr. Ramos-Coelho e prova a veneração que elle dedicava a Almeida Garrett.

«A vinda de Rossi a Lisboa despertou no sr. Ramos-Coelho a ideia de fazer entrar no repertorio do afamado actor o celebre drama portuguez, para o tornar conhecido nos principaes theatros da Europa. Escreveu-lhe pois recommendado-lhe a conveniencia de represental-o, indicando-lhe a versão italiana do sr. Vegezzi Ruscalla, e, o que é mais, enviando-lhe para satisfazer o seu desejo, segundo manifestou em uma carta, o proprio exemplar com que o esclarecido traductor fôra presenteado (aliás: o presenteára). Note-se que Rossi nem sequer conhecia a traducção. Mas o tempo ia correndo; a partida do actor já não estava longe, e a peça não subia á scena. Foi então que o sr. Ramos-Coelho falou a José Ribeiro Guimarães nas difficuldades existentes, e que este instou com o sr. Campos Valdez, conseguindo-se afinal que o *Fr. Luiz de Sousa* fosse dado nas duas ultimas recitas.»

Esta vinda de Rossi a Lisboa foi a de 1868, e a resposta d'elle á minha carta é datado de 14 de dezembro d'esse anno.

Finalmente a estada do notavel actor Novelli ha tempo entre nós despertou-me a lembrança de o persuadir a fazer o mesmo que fizera Rossi; cheguei até a escrever-lhe; mas ou elle não recebeu a carta, ou não a tomou na consideração devida, para fugir talvez ao grande trabalho de ensaiar uma peça nova, demais a mais sendo aqui tão breve a sua demora; nem este negocio devia tratar-se sem o poderoso auxilio da imprensa, como eu já conhecia pela experiencia do passado.

De quasi todos estes factos publicos em jornaes e em livros soube Gomes d'Amorim; mas de nenhum fala, do mesmo modo que não fala de outros relativos a outros escriptores que se deram com Garrett ou sobre quem este exerceu influencia (haja vista Pereira da Cunha, Varnaghen etc.), porque na sua obra, aliás interessantissima, nos apparecem quasi sós na parte litteraria o auctor e o seu protagonista, como se o papel que representou n'ella tão grande poeta e reformador se pudesse comprehender bem assim isolado; o que digo, não por mim, que pouco valho, mas por quem vale mais do que eu.

A DESPEDIDA DE CHILDE HAROLD—pag. 46

É para lastimar o comportamento de Byron com Portugal, quando no primeiro canto do *Childe Harold* o avaliou tão acre e falsamente, e mais ainda é para lastimar que n'isto influisse, como creio e muitos crêem, uma vingança descabida e mesquinha.

A mocidade dissipadora de Byron, e sua vida irregular são bem conhecidas, assim como as accusações que o alvejaram na Inglaterra em desabono da sua moral. Como nobre, a sua presumpção era excessiva, inconveniente, e mesmo ridicula, para o que veja-se, por exemplo, como tomou assento na camara dos lords, onde foi recebido com tanta delicadeza, á qual correspondeu com sobranceria e gracejos; como em Portugal, ou em Hespanha, estando n'uma sala com o Embaixador inglez, e, tendo ambos de passar a uma casa immediata, Byron o fez primeiro, sem lhe dar a porta, conforme devia; como entrou em questão em Constantinopola, tambem com o seu Embaixador, quando, despedindo-se este do Sultão e convidando Byron para a cerimonia da audiencia, na qual era costume serem acompanhados os ministros extrangeiros alli residentes pelos seus naturaes, o presumido lord não acceitou o convite, por pretender que lhe fosse concedido logar á parte, caso que decidiu contra elle o Internuncio austriaco, para isso nomeado arbitro; e veja-se como desembarcou em Malta, onde não sahiu em terra senão quando de todo ficou desenganado da estulta esperança de o porto salvar á sua chegada, para o que a mandara annunciar ao governador da ilha. Não era menor a vaidade que Byron tinha dos seus dotes physicos, pois sentia profundo e pueril desgosto de ser coxo, defeito de tal modo leve, que á primeira vista não se conhecia, mas que o levava a antipathizar com todos que o observavam. A estes dois capitulos de accusação junte-se o de ser vingativo em pequeno (assim o testemunhavam os collegas), no que, já depois de homem, se filia o seu procedimento com seu tutor e parente, o conde de Carlisle, um dos que elle criticou rudemente nos *Bardos inglezes e revisteiros escocezes,* por este não se lhe haver offerecido para ser seu introductor ao entrar na camara dos lords; e junte-se ainda a presumpção que o envaidecia n'aquella epocha pela recente victoria litteraria obtida com este escripto, em que teve occasião de desafogar a atra bilis e despeitos contra inimigos e até contra um amigo, como acabamos de ver.

Alêm d'isso, no tocante a Portugal, cumpre considerar que Byron esteve aqui só poucos dias e o desconhecia completamente e aos seus habitantes; que não conviveu com portuguezes, mas apenas com inglezes, n'este ponto pouco mais sabedores do que elle, e então soberbissimos com o auxilio que prestavam ao paiz, cujo estado era sobre maneira calamitoso: fugido o rei, a braços com a invasão franceza, baldo de recursos; que Byron contava então só vinte e um annos, e que não viu satisfeita a sua insaciavel vaidade com os obsequios que talvez de nós esperasse, pois a sua estada em Lisboa passou despercebida.

Podia pois ter sido desagradavel a Byron a breve permanencia em Portugal, mas d'ahi até romper nos excessos em que rompeu contra nós vae immensa distancia, a que é preciso achar motivo plausivel; e esse motivo, segundo a voz publica, e segundo alguns escriptores, foi uma questão com um bolieiro, ou não se sabe ao certo com quem,

de que lhe resultou ser offendido corporalmente. Não o diz Byron, e só que uma vez o assaltaram nas ruas de Lisboa, escapando, por estar armado, de o assassinarem. Mas, seja como for, a sua ira contra nós não se póde deixar de attribuir a caso particular que muito o offendesse, o que bem provam, álem dos seus versos no *Childe Harold*, as suas notas escriptas posteriormente, pois, n'uma só, de leve procura attenuar a má opinião que concebera dos portuguezes, cujo caracter julga melhorado por Welington! e n'outra aproveita o facto de Walter Scott ceder o producto da venda do seu escripto, *A visão de D. Rodrigo*, a favor da nossa causa e de nos elogiar, para nos offender novamente; e isto sem manifestar a minima admiração pelos actos de patriotismo e heroismo, que praticaramos e tinham sido exaltados pelos proprios generaes inglezes, compartilhadores comnosco dos triumphos contra a França.

E verdade que Lisboa então não era uma cidade limpa (as de Hespanha, Grecia e Turquia, por onde Byron andou não lhe ficavam superiores no aceio); é verdade que em Lisboa e no reino se gosava de pouca segurança, a qual não deve ser avaliada como Byron a avalia pelas cruzes que uma intenção piedosa levantava nos logares dos assassinios (quantas se veriam n'outros paizes, se n'elles houvesse o mesmo costume!); nem admira essa falta de segurança, attentas as circumstancias especialissimas em que viviamos, muito differentes das da Inglaterra, que, tendo bom governo e meios bastantes, protegida pelo mar e pelas suas esquadras, vinha, livre de alterações intestinas, combater o inimigo commum no continente da Europa, onde lhe serviu de porta e de terreno para vencel-o primeiro Portugal, e depois Hespanha, com o auxilio das duas nações peninsulares. Mas tambem é verdade que nem a falta de aceio de Lisboa, nem a falta de segurança n'ella e no reino, ainda que lhes coubessem as cores exaggeradas e falsas com que o poeta os pinta, explicam e desculpam o que elle disse contra Portugal não só n'estes pontos, mas até no do caracter dos seus habitantes, que rebaixou o mais possivel com palavras eivadas de viperino odio, emquanto nada disse contra outros estados que lhe poderiam excitar accusações semelhantes. E nem sequer uma simples referencia ao nosso glorioso passado, quando se enthusiasma tanto com o de varios paizes. Pois havia nada mais natural n'um inglez illustrado como era Byron, n'um filho da primeira nação maritima, do que exclamar, falando de Portugal, e principalmente de Lisboa: d'aqui sahiram os descobridores de grande parte do mundo, d'aqui procedeu a grande revolução do commercio universal? Devia dizel-o, e então poderia notar, mas com termos decentes e commedidos, a decadencia e a infelicidade em que se lhe apresentou o reino já tão florescente e poderoso.

Este odio constante a Portugal, repito, com certeza nasceu de uma grave offensa particular, e porventura da que é voz constante.

Aqui vem a proposito um caso alguma coisa parecido ao nosso, e que corrobora a opinião. Já vimos como Byron ridiculamente pretendeu que á sua chegada a Malta as fortalezas lhe salvassem, para o que a mandou participar ao governador, e como ficou, decahido da sua esperança, ridiculamente desapontado. Além d'isto outro facto desagradavel lhe aconteceu na ilha: uma questão com um official, cujo resultado o seu silencio indica ter-lhe sido grave e penoso. Pois bem; sabeis o que fez Byron? Nem sequer falou em Malta no

Childe Harold, o que extranha o seu biographo John Galt, meu guia na presente nota; como extranha o que aconteceu com os dois Embaixadores, achando censuravel que elle se não referisse ao passado glorioso dos seus cavalleiros, e julga propositado, e vingança do poeta originada d'aquelles successos. E ainda Byron concedeu a Malta um favor, calando-se, porque podia injurial-a, como a Portugal.

Emfim acabarei esta nota com as seguintes palavras do seu biographo; teem aqui muito cabimento, e são em parte significativas para ella: «It was his Lordship's foible to overrate his rank, to grudge his deformity beyond reason, and to exagerate the condition of his family and circunstances. But the alloy of such small vanities, his (attenção) caprice and feline temper were as vapour (não tanto assim) compared with the mass of rich and rare ore wich constituted the nucle of his brilliancy.» Hubhouse, poeta inglez que o acompanhou nas viagens e muito lhe aturou, accrescenta a este depoimento, segundo o mesmo biographo, que era preciso tratar a Byron como uma criança.

Frivolo, soberbo e vingativo. Que mais se precizava para Byron, na edade fogosa e inexperiente dos vinte e um annos, rico, e victorioso da *Revista de Edimburgo*, desencadear as iras contra Portugal que não conhecia, e que o não conhecia, nem fez caso d'êlle, e onde foi corporal e obscuramente offendido, conforme se assevera?

O fragmento do *Childe Harold,* a que se refere esta nota e os que adeante irão publicados traduzi-os a pedido de um enthusiasta de Byron, e, posto já sahissem á luz sem declaração alguma, julguei opportuno por-lh'a agora, para explicar a origem da minha obra, e para não supporem que sou insensivel como portuguez ás injustas e desabridas accusações do seu auctor.

A despedida de Childe Harold imprimiu-se a primeira vez na *Revista peninsular*, n.º de Julho de 1856.

CAMÕES E A PATRIA — pag. 63

Pela sexta vez sahe esta poesia a publico, sendo a primeira nos meus *Preludios poeticos*, a segunda no livro intitulado *Sociedade Nova Euterpe — Tricentenario de Luiz de Camões — Discursos pronunciados em sessão solemne no dia 13 de Junho de 1880,* (Porto); a terceira na *Homenagem a Camões*, publicação d'algumas poesias minhas, feita á minha custa para commemorar o trigesimo decimo anniversario do fallecimento do poeta; a quarta nas *Leituras portuguezas* do sr. Adolpho Coelho; a quinta nos *Cambiantes;* e a sexta no presente volume. Na segunda vez soffreu algumas alterações.

GRATIDÃO — pag. 84

Foi composta por occasião de se representar no Theatro de D. Maria o drama *D. Filippa de Vilhena,* no segundo anniversario da morte do auctor, como já se disse.

NOVAS POESIAS

A SOMBRA DE CARLOS ALBERTO — pag. 89

O presente poemeto, escripto para o consorcio d'El-Rei D. Luiz I, foi então impresso na *Corôa poetica* (volume de verso e prosa des-

tinado a festejar aquelle fausto acontecimento), e depois nas minhas *Novas poesias*, nos *Lampejos* e nas *Poesias de Ramos Coelho vertidas*, com a traducção do dr. Solon Ambrosóli.

Álem da minha poesia, entraram na *Corôa poetica* as dos senhores: Antonio Feliciano de Castilho, Antonio da Silva Cabedo, Camillo Castello-Branco, Eduardo Augusto Vidal, Eusebio Asquerino (hespanhol), Gaetano Frascarelli (italiano), Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, J. P. Bianchi (italiano), José da Silva Mendes Leal, L. (Antonio José Viale, pois L. é a inicial de Lodi, appellido que tambem tinha), Manuel Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, e Luiz Breton y Védra (hespanhol). A prosa é de Luiz Augusto Rebello da Silva.

> Tu que o digas, ó alma generosa,
> Ó guerreiro fatal e enthusiasta,
> Que, sempre vencedor, foste vencido.

É referencia á acção em que Garibaldi foi obrigado pelas tropas do governo de Italia a desistir da sua tentativa sobre Roma.

> É elle que vos ha de abrir as portas,
> Não com ferro, com ramos de olíveira,
> D'esta cidade, da futura côrte
> Do reino italiano, emfim de Roma.

N'esta parte o que succedeu foi muito diverso do que se esperava, pois a juncção dos Estados pontificios não se fez pela vontade dos seus babitantes, mas pela invasão e occupação do exercito de Victor Manuel, com atropelamento de todos os direitos, e aproveitando o ensejo em que a Europa estupefacta e preoccupada assistia á guerra gigante da Allemanha com a França.

> Julgáreis nos seus tumulos de pedra
> Os seculos já mortos levantarem-se
> A confirmar o vaticinio augusto.

É magnifico o espectaculo que se patenteia aos olhos do pensador instruido desde o Capitolio até ao Colosseu por esse extenso campo de imponentes ruínas, que não tem egual, nem de longe parecido, em qualquer parte do mundo. No primeiro plano os templos da Concordia, de Vespasiano, de Saturno, o Portico dos Deuses, o arco de Septimio Severo; depois o Foro Romano e a Basilica Julia; depois os templos de Cesar, de Castor e Pollux, de Vesta, de Romulo; depois o Palatino, o arco de Tito; e no fundo o vulto grandioso do Amphitheatro Flavio (o Colosseu)! Quantos centenares de annos n'aquelles monumentos! Quanta majestade e quantos destroços! Com propriedade se podem chamar portanto aquellas ruínas, como chamei, tumulos dos seculos. Não ha logar nenhum que mais se preste á contemplação do philosopho e á imaginação do poeta; nem eu podia achar theatro mais estupendo para fazer apparecer a sombra de Carlos Alberto. Assim fossem os meus pinceis adequados á pintura de tão extraordinarias scenas, que conhecia dos livros, que vi depois com os meus proprios olhos, mas que, mesmo vistas e admiradas, se torna impossivel reproduzir devidamente.

Por occasião de se publicar a *Sombra de Carlos Alberto* na *Corôa poetica*, Antonio Feliciano de Castilho, que tambem n'ella collaborou, como vimos, dirigiu-me estas linhas, para mim de singular valor:

«Meu poeta

«Acabo de ouvir pela primeira vez, e fio-lhe que não ha de ser a ultima o seu poema inserto na *Corôa poetica* sob o titulo *A sombra de Carlos Alberto*. É bello sentir, pensar e escrever assim. Receba os meus sinceros parabens.

«De V. Ex.ª

«Admirador e confrade muito affectivo

(a) *A. F. Castilho*

«Lisboa 9 de Outubro de 1862.»

Desculpem-me os leitores, se, inserindo aqui tamanho encomio a mim proprio, falto á modestia de que sempre me prezei; mas confesso que me é de tanto lenitivo n'uma épocha de completa indifferença e de confusa e deprimente egualdade litteraria, como a que vamos atravessando, que me não pude abster de tiral-o do silencio e escuridão, onde ha longos annos tem jazido.

Quanto á versão da *Sombra de Carlos Alberto* pelo doutor Ambrosóli, eis o que eu escrevo no prologo das minhas *Poesias vertidas*. Em 1900, a 14 de Março, inaugurou-se um monumento em Roma áquelle rei; e a commissão para isso nomeada estampou, a fim de memorar tão grande facto, um numero unico, na mesma cidade, collaborado por muitos escriptores distinctos italianos, e adornado de muitas gravuras da estatua e dos baixos-relevos do munumento, de retratos e medalhas de Carlos Alberto, de quadros e passagens allusivas á sua vida etc. (1). Ora uma das peças litterarias que entraram n'esse numero foi a traducção da minha poesia, que o doutor Ambrosóli fez expressamente para figurar ahi; mas, como o assumpto da original consiste no casamento d'El-Rei D. Luiz com a Rainha senhora D. Maria Pia, e como a fala de Carlos Alberto no Capitolio é na maxima parte dedicada a esse acontecimento, o doutor Ambrosóli aproveitou só o que se referia ao heroico rei da Sardenha e á Italia, com excepção de poucos versos, tornando-a assim propria e opportuna. Da mesma maneira se imprimiu separadamente na cidade de Milão em 1902, e em 1904 na de Leipzig, na collecção de poesias dada á luz por Morandi e Ciampoli sob o titulo de *Poeti stranieri scelti nelle versioni italiane*.

Na edição milaneza é precedida a versão da minha poesia por algumas linhas do traductor, que passo a transcrever.

«Questi versi, diz o doutor Ambrosóli, formano parte di un poemetto pubblicato nell' anno 1862, per le nozze del defunto Rè Luigi I di Portogallo con Maria Pia di Savoia, dall' illustre poeta ed erudito Ramos-Coelho, autore della *Historia do Infante D. Duarte*, e benemerito della Italia per le sue magistrali versioni della *Gerusalemme*

---

(1) Eis o titulo da obra e os seus collaboradores:
XIV Marzo MDCCCC—Carlo Alberto—Scritti di Luigi Ferraris, Nicola Nisco, Tancredi Canonico, Raffaello Giovagnoli, Ernesto Masi, Giovanni Faldella, Guido Biagi, Giuseppe Bertoldi, Primo Levi, Luigi Felice Rossi, Enrico Pessina, Giuseppe Saredo, Pietro Chimienti, Adolpho Venturi, M. C., Girolamo Dell'Acqua, Cecilio Fabris, Camillo Manfroni, Ruggiero Bonghi, Raffaelo Ricci, Gabriele Fantoni, Carlo Segrè, Alfonso Sansoni, Olimpia Savio, Giovanni Prati, Domenico Carutti, José Ramos-Coelho, Solone Ambrosoli.—Roma —Coi Tipi dell'Officina Poligrafica Romana. *(Numero unico publicato dal Comitato per il monumento in Roma)*—4.º de 40 pag.

liberata e del *Cinque Maggio*. La presente traduzione comparve già nel numero unico *Carlo Alberto*, edito il 14 Marzo 1900, inaugurandosi il monumento in Roma; ora si ristampa, compiendo i quarant' anni dacchè si stringeva con quelle nozze un vincolo d'affetto tra le due Nazioni latine.»

Referindo-se a alguns dos assumptos mais importantes do numero, escrevem no prologo os srs. Guilherme Brenna e Dante Vaglieri: «Da tutto questo esce il vivo e profondo sentimento di italianità, che nel suo carme esprime il poeta portoghese Coelho e che ne'loro articoli riassumano tre uomini venerandi, i quali richiamano l'epoca eroica del risorgimento, il decano del Parlamento italiano, senatore Ferraris, il senatore Canonico, il barone Nisco.»

Agora um reparo.

Nada havia mais natural e mais proprio n'uma publicação em que se trata dos principaes acontecimentos da vida de Carlos Alberto, como é este numero, do que aproveital-a não só para dizer alguma coisa da sua estada em Portugal, mas tambem, e sobretudo, para, em lance tão solemne, patentear a gratidão da Italia pela maneira por que este rei extrangeiro, sem corôa, vencido e expatriado, foi acolhido entre nós de braços abertos, e tratado e honrado, como se fosse natural, durante a vida e depois da morte. Pois nada se diz. Reduz-se tudo á reproducção de uma lithographia, nada artistica, existente na Bibliotheca Real de Turim, que vem com o titulo: «Carlo Alberto esule a Oporto,» e o apresenta n'um campo, sentado n'uma pedra, com um papel que parece acabou de ler ou vae ler, na mão direita, e a cabeça descoberta, e ás seguintes linhas: «In un foglieto volante egli notò dì per dì i luoghi ove fece sosta la misteriosa carrozza che portava il conte di Barge (titulo com que Carlos Alberto viajou) nella lontana Oporto, termine dell'affanoso corso di ventisette giorni.» Segue-se o apontamento de Carlos Alberto, no qual ainda se nomeiam esta cidade e Vianna do Minho, e que aqui ponho por curiosidade.

«Départ de Novara le 24 à une heure et demie du matin. Le 26 à Antibes—du 27 au 28 à Beaucaire—le 29 à Toulouse—le 30 à Pezenas—le 31 à Tarbes—le 1.er avril à Bayonne—le 2 à S. Sebastien—le 3 à Tolosa—le 4 à Miranda—le 5 à Torquemada—le 6 à Rio Seco—le 7 à Leon—le 8 à Cubillo—le 9 à Lugo—le 10 à la Corogna—le 11 à Santiago—le 12 à Pontevedra—le 13 à Vigo—le 16 à Valenza—le 17 à Viana—le 18 à Poa *(sic)*—le 19 à Oporto.»

Não posso como portuguez e homem de coração deixar de fazer aqui o meu vivo prostesto contra silencio tão inqualificavel a nosso respeito.

A casa em que esteve Carlos Alberto em Vianna tinha, não ha muitos annos, n'uma parede interior uma inscripção commemorativa. Lá a vi. A casa era n'este tempo de umas senhoras chamadas Ervedosas, e n'ella me hospedei.

Ácerca da vinda do Rei da Sardenha vêja-se a obra do escriptor Cibrario *Ricordi d'una missione in Portogallo al Rè Carlo Alberto.*

Agora algumas noticias ácerca do illustre traductor.

Solon Ambrosóli, doutor em leis, Inspector dos Museus do reino de Italia, Director do Gabinete Numismatico da Bibliotheca de Brera, em Milão, Professor aggregado de numismatica da Academia Scientifica Litteraria d'esta cidade, presidente da Sociedade Historica de

Como, é auctor das seguintes obras: *Poesie* (1880); *Versioni poetiche dalle lingue del Nord* (sueco, dinamarquez e dano-norueguez) (1881); *Breve saggio di un vocabolario italiano-islandese* (1882); *Poesie originali e tradotte* (1882); *Le medaglie di Alessandro Volta* (1899); *Un trait d'union numismatique entre la France et l'Italie* (1900); de muitos escriptos mais sobre varias moedas e medalhas romanas e italianas; da *Breve relazione di un viaggio ad Atene e Constantinopoli* etc. Para mais noticias veja-se o *Dictionnaire des écrivains du monde latin,* de Angelo de Gubernatis.

Já tinha composto esta nota (digo eu nas *Poesias vertidas*), quando infelizmente me veio a triste noticia da morte do dr. Ambrosóli. Foi para mim a sua perda um golpe muito sensivel. Conheci-o em Milão no tempo em que ahi estive consultando documentos para a minha *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'Elrei D. João IV;* conheci-o apenas nos ultimos dias de residencia n'aquella cidade; mas acolheu-me tão benevola e francamente, mas era de indole tão agradavel e prestimosa, que conservei sempre d'elle as melhores recordações. Carteamo-nos depois de eu voltar a Portugal, embora pouco, e em 1900 levou a sua bondade até traduzir em grande parte a minha *Sombra de Carlos Alberto* para o fim que já se disse. Nem se limitou a isto, porque então começou a verter uma outra minha poesia, como se vae ver do seguinte.

«Quando, nella primavera di quest'anno (escrevia-me elle em 7 de Outubro de 1900, do lago de Como) traducevo il suo *Carlo Alberto* m'innamorai dell'altra sua poesia: *Recordação;* sia pei concetti che la informano, sia per il profumo di mare che l'attraversa e che mi ricorda così vivacemente la mia giovinezza, il mio viaggio da Amburgo a Nuova York e da Nuova York a Marsiglia su di un bastimento a vela. E, quantunque le occupazioni, ond'ero (come ho detto) veramente oppresso, me lo vietassero, dovetti *a viva forza* incominciare a tradurla così:

Triste io redìa da le straniere sponde,
Senza casa redìa nè genitor;
Fanciul, ma stanco di lottar con l'onde
Del mare e del dolor.

Ben lungo il viaggio fu; sin che una volta,
In sul primo mattino, odo il gabbier:
Terra di prua da l'elevata scolta
Gridare al timonier.

Io corro alla murata; e i guardi intendo
Avidi verso l'ultimo orizzonte;
E a poco a poco sorgere scoprendo
Dall' acqua o nebbia o monte,

Trasalisco di gioia...

«Ebbene, crede che abbia potuto continuare? neppure per sogno. E sì che p. es.:

«Rompe a aurora; o baixel navega rapido
Entre lençoes de espuma»

mi rammenta così dappresso una mia poesia incompiuta giovanile da sembrare l'espressione degli stessi, identici sentimenti:

Balza la nave; con l'ardita prora
Taglia i flutti che s'aprono spumosi;
Lontan biancheggia una falace aurora
Sovra i marosi.

«Sopratutto mi seducono quei passi:

.... «na falda quasi da montanha,
De solitario albergue
Para a abobada azul de fumo um rolo
Suavemente se ergue.

...........«no theatro
Da vida quantas scenas:
Sonhos, desillusões, risos, tristezas,
Anceios, gosos, penas!»

«Eppure, ripeto, non sono stato capace di proseguire, nè sò quando proseguirò, o se mai proseguirò!»

Ignoro se o dr. Ambrosóli continuou a traducção; que a não concluiu é quasi certo. Impediram-no as suas muitas occupações, a sua trabalhosa e incessante labutação quotidiana, e por ultimo a sua prolongadissima enfermidade, a que finalmente succumbiu. Entretanto apraz-me deixar aqui publico o fragmento da sua carta com os versos que chegou a compor, já que não posso fazel-o á traducção completa, fragmento e versos que para mim duplicaram de valor depois da sua morte.

A poesia a que se refere a carta acima é a que fica a pag. 221 d'este volume.

O dr. Ambrosóli, alêm do que deixou de traduzir da *Sombra de Carlos Alberto,* e se collige das linhas de pontos, omittiu outrosim, julgo que por escrupulo politico, o verso 30 da pag. 91:

Não com ferro, com ramos de oliveira.

O CAHIR DAS FOLHAS — pag. 96

La Chute des fueilles foi antes de mim traduzida por Alexandre Herculano e tambem por Manuel Rodrigues da Silva Abreu. Vide *Panorama,* 1.º tomo, pag. 280 e *Instituto* (de Coimbra), anno de 1853. Para a minha versão servi-me das *Leçons de littérature française* de Noël e De la Place.

JOSÉ ESTEVAM — pag. 100

Quem presenciou o sentimento e o espanto que de repente se espalharam em Lisboa ao divulgar-se a fatal noticia da morte do grande orador, e quando tanto se esperava do seu amor á liberdade e da sua palavra inspirada, poderá comprehender estes versos, compostos no proprio momento, e debaixo da impressão de tamanha perda.

A SETUBAL — pag. 106

Parece-me que é esta a vez oitava que os presentes versos vêem a luz da publicidade, sendo, álem d'ella, três em varios periodos em jornaes de Setubal, uma nas minhas *Novas poesias*, outra no *Occidente*, vol. de 1895, outra no *Almanach* do mesmo de 1896, e outra nos *Reflexos*, em 1898. No *Occidente* mudei-lhes o titulo: *Á Setubal* para *Voto*, e fiz-lhes algumas alterações. Agora restitui-os ao titulo primitivo.

O JUIZO DE PÁRIS — pag. 109

Foi escripta esta poesia a pedido de Antonio Feliciano de Castilho para a sua traducção dos *Fastos*, de Ovidio, e ahi vem entre as notas. Isto desculpa o assumpto.

A GLORIA — pag. 115

Não me levarão a mal transcrever aqui parte do commentario que Lamartine pôz no fim d'esta ode.

«Cette ode est un des premiers morceaux de poésie que j'aie écrits, dans le temps où j'imitais encore. Elle me fut inspirée à Paris, en 1817, par les infortunes d'un pauvre poëte portugais appelé Manoel. Après avoir été illustre dans son pays, chassé par les réactions politiques, il s'était réfugié à Paris, où il gagnait péniblement le pain de ses vieux jours en enseignant sa langue. Une jeune religieuse, d'une beauté touchante et d'un dévouement absolu, s'était attachée d'enthousiasme à l'exil et à la misère du poëte. Il m'enseignait le portugais et m'apprenait à admirer Camoëns».

Á QUESTÃO CHARLES ET GEORGE — pag. 120

Veja-se a nota á poesia *Ultraje e expiação*, da pag. 270.

LIDÉ — pag. 121

D'esta poesia de André Chénier ha só este fragmento, que é o da fala de Lidé namorada de um pastor.

A VASCO DA GAMA — pág. 140

Este soneto do grande cantor da *Jerusalem libertada*, embora endereçado a Vasco da Gama, sómente o é para exaltar o divino poeta que, celebrando os feitos dos portuguezes, soube tão admiravelmente grupal-os em torno ao da maxima importancia, o descobrimento da India. Por isso o dei na primeira edição das minhas *Novas poesias* como dirigido a Camões, e como tal é geralmente conhecido; agora porêm, attendendo unicamente ao seu conteúdo, intitulei-o *A Vasco da Gama*. Verti-o a pedido do visconde de Juromenha, para a sua edição das obras do sublime épico, e em 1860 viu n'ellas a luz a primeira vez, sendo a segunda nas *Novas poesias*, a terceira n'uma *Folha avulsa do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro*, publicada em 1880, por occasião do centenario do poeta, a quarta no opusculo do sr. Pereira Caldas: *Soneto italiano de Torquato Tasso... ao nosso Luiz de Camões com as versões em portuguez, francez e inglez...*, a quinta na minha *Homenagem a Camões*, a sexta no

Circulo Camoniano, num. 4.º de 1891, a setima nos *Cambiantes*, e a oitava nas *Leituras portuguezas* do sr. Adolpho Coelho. Muito posteriormente (em 1908) fiz a traducção que vae no primeiro logar.

Este soneto foi vertido por Fanshaw e por Mickle em inglez, por Duperron de Castera, e por Millié em francez; e em portuguez pelo sr. José Leite de Vasconcellos, e por Mendes Leal, que para isso se serviu da traducção de Millié. Todas estas versões são em verso e mais ou menos livres, excepto a minha feita em 1908. Os quatro primeiros traduziram tambem, como se sabe, os *Lusiadas*.

Ha ainda, álem d'este escripto, outro attribuido ao cantor da *Jerusalem libertada*, em que muito se elogia Camões, *Le veglie del Tasso*, as quaes correram tanto mundo e foram traduzidas em francez, allemão, portuguez e latim, e até postas em verso italiano, mas de que é verdadeiro auctor José Compagnoni, natural de Lugo, nascido em 1754 e fallecido em 1833, e não o grande poeta. (1)

O original do soneto foi copiado das *Opere di Torquato Tasso*, Firenze, 1724, onde vem na pag. 469, do tomo 2.º

CINCO DE MAIO — pag. 142

Esta minha traducção imprimiu-se a primeira vez no *Archivo pittoresco*, vol. 6, pag. 310; a segunda nas *Novas poesias;* a terceira na *Musica terrenal*, de Salvador Costanzo, Madrid, 1868; a quarta na obra de C. A. Meschia, *Ventisette traduzioni in varie lingue del Cinque Maggio di Alessandro Manzoni*, Foligno, 1883; a quinta no *Occidente*, vol. 8.º, pag. 271; a sexta no mesmo anno n'uma folha solta, impressa na Typ. Elzeviriana (Lisboa); a setima no opusculo *Ode heroica de Alexandre Manzoni e três versões em portuguez*, Rio de Janeiro, 1885, publicado pelo sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, esclarecido negociante nosso compatriota n'essa cidade, e irmão de Manuel da Silva Mello Guimarães, o auctor da publicação *Da glottica em Portugal*; a oitava no *Instituto* (de Coimbra), vol. 34, pag. 145; e a nona nos *Lampejos*.

As traducções colligidas pelo sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães são: a de Francisco Adolpho de Varnaghen (visconde de Porto Seguro), a de D. Pedro II, imperador do Brasil, e a minha.

As impressas por C. A. Meschia são: latinas: de Erifante Eritense (Pietro Soletti); Angelo Bonucelli; Francesco Pavesi; Antonio Rota; Federico Callori; Giuseppe Vaglica; francezas: de Antoine de La Tour (em prosa); Marc Monier; M. Villemain (em prosa); hespanholas: de Rubi; Cañete; Garcia de Quevedo Venezolano; Hartzenbusch (duas); Marte y Folguera (duas); José Llausás; portuguezas: de D. Pedro II; Ramos-Coelho; allemans: de Goethe: August Ferdinand Ribbeck; F. H. Karl de la Motte Fouqué; Karl Giesebrecht; August Zeune; Fr. Rempel; Emilie Schrœder; Paul Heyse; ingleza: de Edward Derby; o que dá vinte e oito, e não vinte e sete, como conta Meschia, talvez por julgar identicas as duas de Hartzenbusch, quando aliás são muito diversas.

A estas vinte e oito ha a accrescentar, que eu saiba, nas portugue-

(1) Veja-se Ferrazzi, *Torquato Tasso, studi biografici-critici-bibliografici*, Bassano, 1880, e o meu artigo sobre a questão no *Circulo Camoneano*, vol. 2.º pag. 183.

zas: a de Varnaghen, que já então existia, e desde muito, pois foi publicada antes de 1857; e as de Antonio José Viale, José da Silva Mendes Leal, Luiz Vicente de Simoni, e a de um visconde brasileiro, cujo titulo esqueci, que appareceram posteriormente; e nas hespanholas: as de Pesado, Risel, Guillermo Matta, Leandro Mariscal, e Sanz y Rives, incluidas na *Musica terrenal* de Salvador Costanzo, e portanto anteriores á collecção do sr. Meschia, as quaes tomei a liberdade de indicar-lhe por intermedio do sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, quando a este agradeci o exemplar do seu opusculo, com que teve a bondade de presentear-me.

Conheço pois já trinta e sete versões da ode de Manzoni; outras de certo haverá, e não poucas, a avaliar pelo que n'estes ultimos annos succedeu com as portuguezas, que duplicaram em numero.

O sr. Meschia pretendia ampliar a sua collecção, e não sei se o fez. «Das traducções que reimprimo, escreve elle, as mais fieis são, no genero, as latinas, as allemans e as portuguezas.» Quanto a estas, encostam-se todas ao original; são verdadeiramente versões; e todas guardam semelhança com elle na medida do verso, na disposição e qualidade da rima e na collocação dos exdruxulos, menos a de Viale, o qual não se prendeu nem com elles, nem com a rima, a não ser ás vezes no fim das estrophes, o que é pena, por ser precisamente quem podia superar melhor do que a maior parte dos traductores as difficuldades metricas e a apertada concizão da celebre ode, pelos seus muitos recursos de versificador e pelo cabal conhecimento das duas linguas, em que compunha com summa propriedade, tanto prosa como poesia. Das hespanholas que vi (as que vem na *Musica terrenal*) algumas reduzem-se a meras paraphrases.

A traducção de Goethe deve ser chronologicamente uma das primeiras, ou talvez mesmo a primeira, por isso que a leu á côrte de Weimar a 8 de Agosto de 1822, pouco mais de um anno depois de composto o original.

As obras de Manzoni, e sobretudo *Il cinque Maggio*, teem fornecido materia a muitos escriptos, que formam uma especialidade bibliographica e litteraria, a qual certamente já originou a existencia de muitos colleccionadores. Entre todos deve ser o mais notavel e abundante a Bibliotheca de Brera, em Milão, sua patria, onde se guardam n'uma casa especial, intitulada Gabinete Manzoni, livros, manuscriptos, e objectos que pertenceram ao poeta, alguns originaes seus, um dos quaes o da ode á morte de Napoleão, que ali vi com bastantes emendas, e manuscriptos e impressos que com elle se relacionam. Lá estava o original da traducção do imperador do Brasil, e hoje lá está o da minha, por pedido de algumas pessoas d'aquelle paiz e de alguns patricios amigos, pois só d'este modo me resolveria a figurar em tal exposição. O Gabinete Manzoni é elegante, e foi feito á custa de particulares, cujos nomes estão logo á entrada n'uma tabella. Exemplo digno de imitar-se!

A respeito da minha versão publicou Vegezzi Ruscalla, illustre traductor italiano da *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga, e do *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, no periodico *Corrispondenza letteraria*, de Turim, do 1.º de Janeiro de 1865, o seguinte:

«L'ode il 5 Maggio tradotta in portoghese:

«Se l'Italia ha nel cav. Andrea Maffei tale distinto poeta da far sì che le poesie inglesi e tedesche, da lui volte in italiano, paiano cose

aflato originali, il Portogallo ha nel cav. Ramos Coelho un poeta così profondo conoscitore del nostro idioma, da far reputare di nascita portoghese le poesie italiane ch'egli trasporta nel suo idioma natio.

«La traduzione ch'egli mandò, non ha guari, in luce della grand'epopea dell'immortale Torquato n'è splendida testimonianza; ma, mentre mi riserbo di scriverne in proposito, oggi, quasi a preludio delle altre, trovo bene di far noto come il Ramos Coelho abbia dato alle stampe, non è guari, la versione della magnifica ode di Alessandro Manzoni, ode che, pe'suoi ardimentosi costrutti, offriva difficoltà quasi insuperabili.

«Il portoghese è idioma assai affine all'italiano, e quasi quasi, ne gareggia l'armonia, ma formando i plurali colla suffisione della *s*, e non ammettendo voci principianti da *s* impura, dovendovi far precedere, come lo spagnuolo ed il francese, una *e*, ne deriva che, soventi volte, volendo nella versione conservare la parità di ritmo, riesce difficilissimo riprodurre tutto quanto il testo per quest'augmento sillabico.[1]

«Ecco intanto alcuni passi dell'ode manzoniana colla versione a fronte, affinchè tutti possano giudicare della maestria con cui il traduttore portoghese gareggiò col testo».

Seguem-se os doze primeiros versos e continua:

«E così va innanzi con non mai scemata fedeltà. Il ritmo, l'avicendamento delle rime e l'intersecazione delle voci sdrucciole è nella versione come nell'originale; per altro non posso trattenermi dal riferirne ancora le due ultime strofe così belle».

E depois de as reproduzir:

«O m'inganno a partito, o si veramente quest'ode diventò bilingue. Coloro poi che hanno qualche dimesticheza colla lingua portoghese, così copiosa e resa tanto forbita dagli scritti di una gran pleiade di chiarissimi autori, a cominciare da Bernardino Ribeiro per giungere

---

1 Não são estes só os motivos que tornam difficeis as traducções do italiano para portuguez, sobretudo quando a traducção é no mesmo genero e no mesmo numero de versos do original, e, pelo contrario, faceis as do portuguez para italiano, ainda mesmo dados aquelles casos, mas outros muitos que seria longo enumerar aqui, e d'entre os quaes lembrarei: a consideravel quantidade de palavras que n'essa lingua teem mais de uma fórma, como: *cuore, cor, corde; spe, spei, speranza* e *spene*, se é preciso para rima, como usa o Tasso; *piè, piede; libertà, libertate, libertade; pensier. pensiere, pensiero; consule, consulo; scolare, scolaro; mestiere, mestieri* (singular), *mestiero; destriere, destrieri* (singular), *destriero*, etc.; os substantivos que contam mais de um plural, como: *anello, anelli* ou *anella; braccio, bracci* ou *braccia*, etc; a transformação dos infinitos da maioria dos verbos e de muitos substantivos de breves em longos e o seu encurtamento pela suppressão da lettra final, como: *amare, amar; godere, goder; sentire, sentir; fiore, fior; piacere, piacer; castello, castel*, etc.; a conservação no plural da fórma do singular, como: *i cavalier* em vez de *i cavalieri*, etc.; e a eliminação de uma lettra no meio da palavra, como: *potea* em vez de *poteva; nobiltà* em vez de *nobilità*, etc ; liberdades e variantes estas que em grande numero são usadas tambem na prosa. Nas poesias com versos exdruxulos, como a presente, ha ainda a notar vantagem dos italianos aos portuguezes, pois aquelles, n'est especialidade, são riquissimos.

Por curiosidade e para exemplificar melhor o meu dito, ponho em seguida as palavras que, pelas suas mudanças ajudaram Manzoni na composição do *Cinque Maggio;* e são ellas: *mortal* por *mortale; uom* por *uomo; piè* por *piede; calpestar* por *calpestare; vergin* por *vergine; or* por *ora; mar* por *mare; nui* por *noi; chiniam* por *chiniamo; fattor* por *fattore; creator* por *creatore; stampar* por *stampare; gran* por *grande; cor* por *corde; sperar* por *sperare; maggior* por *maggiore; gli altar* por *gli altari; fe'* por *fece; lor* por *loro; inestinguibil* por *inestinguibile; amor* por *amore; invan* por *invano; narrar* por *narrare; man* por *mano; morir* por *morire; sen* por *seno; spirto* por *spirito; spirabil* por *spirabile; i sentier* por *i sentieri; ancor* por *ancora; disonor* por *disonore*.

fino a Feliciano Castilho, come Omero e Milton, cieco della luce degli occhi, ma veggente coll'intelletto, potranno da questi due brani dell'ode manzoniana giudicare quanto il cav. Ramos Coelho la padroneggi a sua posta; ma ne avrò, come dissi, maggior campo, allorchè parlerò della sua traduzione della *Gerusalemme liberata*.»

ÁS POESIAS POSTHUMAS DE A. DE CABEDO—pag. 146

Estes versos foram escriptos a pedido de A. Feliciano de Castilho para fazerem parte d'uma edição das poesias posthumas do infeliz mancebo, edição que ainda não viu a luz pública. A. de Cabedo era principalmente poeta satyrico, e morreu victima do trabalho e da infelicidade.

A CANÇÃO DO PESCADOR—pag. 161

Foi feita a pedido de Julio Cesar Machado para uma das suas obras.

LAMPEJOS

A TORRES VEDRAS—pag. 166

E veio perturbar tal formosura etc.

É quasi escusado dizer que esta oitava e as seis seguintes se referem ás celebres linhas de Torres Vedras, que sustaram e mallograram a terceira invasão de Napoleão em Portugal, commandada por Massena, e á batalha que houve n'esta villa entre as tropas do governo e os revoltosos da Junta do Porto no dia 22 de Dezembro de 1846.

Depois d'esta exposição comparem-se as numerosas liberdades e variantes italianas com as poucas da nossa lingua em geral, e em particular da minha traducção, e mais seguros elementos colherão d'ahi os leitores para avaliar por si mesmos as difficuldades com que me vi a braços, ao reproduzir na mesma qualidade e quantidade de versos do original, em estrophes eguaes ás d'elle, com numero e disposição egual de exdruxulos a sobria concisão da poesia de Manzoni.

Comtudo, não obstante esta ductilidade da lingua italiana, a portugueza na sua contextura e harmonia tem recursos de sobra para muitas vezes se medir com ella vantajosamente; e a isso, mais do que a mim, se deve o que ha de bom na minha versão.

Quanto ás liberdades que usei, quasi que nem vale a pena cital-as, tão poucos são ellas. Entretanto fal-o-hei. Reduzem-se unicamente ás seguintes: *co'a* por *com a*; *imigo* por *inimigo; desparecer* por *desapparecer; desesp'rou* por *desesperou; flóridas* por *floridas;* e *esp'rança* por *esperança*.

Terminarei esta nota, já longa bastante, auctorisando-me com o que o visconde de Castilho escreveu no preambulo á sua traducção de *Adriana Lecouvreur*. que vem aqui muito a proposito: «Todos os que estudaram com certa profundeza, e comparando-as, as duas linguas, confessam, e não podiam dissimular, vantagens que a italiana leva á nossa: vocabulos elasticos, dilataveis ou contrahiveis *ad libitum*, e ao reclamo do metro; maior abundancia de exdruxulos, e faculdade de converter muitos d'elles em graves, e muitos graves em agudos; menos desinencias em inflexões, e por consequencia mais facilidade em absorpções, sem falarmos em que as palavras d'esse feliz idioma são por via de regra mais curtas que as do nosso».

A estas excellencias contrapõe o visconde de Castilho: «que tambem nós, abaixo dos italianos, possuimos uma lingua poetica e musical, uma formosa e guapa lingua, que, a não ser á d'elles, á de nenhum outro povo cede a palma».

Estes elogios, embora sejam a repetição de muitos antigos e modernos, á bella e expressiva fala portugueza, é bom que se registem, como sahidos da penna de seu sacerdote maximo, para espelho de quantos a teem em menos conta.

GÖRAN BJÖRKMAN — pag. 171

O sr. Göran Björkman, lusophilo sueco bem conhecido entre nós, socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisbôa, das Academias Reaes Hespanholas, da de Bôas Lettras de Barcelona, socio honorario da Sociedade dos Escriptores e Artistas de Madrid, poeta laureado da Academia Sueca e da Academia Real das Sciencias de Stockolmo, etc. É notavel o serviço que este sr. nos tem prestado na sua patria, como zelozo divulgador da nossa litteratura, com os seus estudos e versões poeticas de auctores portuguezes, de que ha impresso varios volumes, que alcançaram o melhor acolhimento alli e em Portugal.

GUILHERME STORCK — pag. 171

Guilherme Storck, ha pouco fallecido, foi o homem que mais contribuiu para se apreciarem modernamente as lettras portuguezas na Allemanha, donde era natural, e onde era professor de philologia germanica na Universidade de Munster. Poeta distincto, dotado de instrucção variada e solida, dedicou-se ao estudo das linguas neo-latinas, e de preferencia ao da nossa, que muito lhe ficou devendo, pelo que publicou a seu respeito, já original, já traduzido. Está no primeiro caso a sua: *Luis' de Camoens Leben* (Vida de Luiz de Camões); e no segundo a sua versão completa das poesias do grande epico *(Luis' de Camoens sämmtliche Gedichte); Hundert altportugiesische Lieder* (Cem trovas antigas portuguezas); *Aus Portugal und Brasilien* (De Portugal e Brazil) e *Antero do Quental Ausgewählte Sonette.* (Anthero do Quental Sonetos escolhidos). *Aus Portugal und Brasilien* é uma collecção de versões de poesias portuguezas e brasileiras, antigas e modernas. Storck era socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa e naturalmente de outras sociedades scientificas e litterarias. Sobre este amigo de Portugal o sr. J. Leite de Vasconcellos acaba de publicar uma interessante obra intitulada: *O doutor Storck e a litteratura portuguêsa,* merecido preito ao muito que devemos todos a este escriptor. Ahi o sr. Vasconcellos refere-se ás minhas poesias por aquelle vertidas e ao artigo que o mesmo escreveu apreciando e elogiando a minha *Historia do Infante D. Duarte.*

JOSÉ BÉNOLIEL — pag. 172

O sr. José Bénoliel, polyglotta illustre, auctor dos *Echos da Solidão,* poesias portuguezas originaes e traduzidas do hebreu e do arabe, traductor em portuguez das *Fabulas* arabes de Loqman, traductor de muitas poesias de Camões em francez e hespanhol *(Lyricas de Luiz de Camões*, Lisboa, 1898), e auctor de outros trabalhos apreciaveis nas linguas portugueza, franceza, e hespanhola, que cultiva com facilidade e gosto, em prosa e em verso.

A CAMÕES — pag. 173

Foi uma das peças que entraram na minha publicação *Homenagem a Camões.*

> E uma fama que move e moverá espanto,
> Grande como a da antiga e bellicosa Roma, — pag. 177

Fama que augmenta mais e mais de valor, á proporção que vamos profundando o conhecimento da historia patria. Nem somos só nós portuguezes que o dizemos; são tambem os extrangeiros, bastando citar por todos o general Dumouriez, o qual no prefacio da sua obra *Campagnes du maréchal de Schomberg en Portugal* se expressa do seguinte modo: «Il n'est aucun peuple en Europe, sans en excepter les romains, dont l'histoire présente plus de faits héroïques, et qui enflamme plus l'imagination, que celle des portugais. Malheur à l'homme qui n'est pas ému et jaloux, en lisant les historiens de cette nation! Il n'est susceptible d'aucune vertu!» Não é menos honroso o testemunho de Vartema no seu *Itinerario,* posto se refira aos nossos tempos aureos, quando escreve: «Ego universum orbem terrarum peragravi, multis sæpe bellis interfui, sed hac gente lusitanorum fortiorem vidi neminem».

AO MAESTRO SÁ NORONHA—pag. 178.

As difficuldades que alguns cantores do theatro de S. Carlos levantaram para não se levar á scena a opera *O Arco de Sant'Anna,* d'este maestro portuguez, originaram a presente poesia, que foi distribuida impressa no mesmo theatro na noite em que ella se cantou a primeira vez (20 de Março de 1868). As esperanças que o publico então concebeu do futuro artistico de Sá Noronha mallograram-se infelizmente em grande parte, quiçá pelas embaraçadas circumstancias da sua vida, que o levaram a retirar-se da Patria para o Brasil, onde falleceu a 23 de Janeiro de 1881.

Á ESTATUA DA NOITE—pag. 179

É esta sempre admirada estatua uma das duas que decoram o famoso tumulo de Juliano de Medicis na Nova Sacristia da egreja de S. Lourenço, de Florença. A outra representa o Dia. Em frente d'este tumulo está o não menos celebre de Lourenço de Medicis. A capella, os tumulos e as estatuas são de Miguel Angelo, e formam um conjuncto bello e harmonioso. Conservo lembrança indelevel d'este notavel monumento, que visitei no dia 3 de Novembro de 1887.

Conhecem muitos a origem das quadras de Strozzi e do incomparavel artista; comtudo aqui fica para que de todos se entendam. Escreveu aquelle poeta a primeira junto da estatua da Noite, e o esculptor, que tambem o era, alludindo ás desgraças da patria, desgraças que o obrigaram, segundo se diz, a não acabar a sua obra, respondeu-lhe em nome da estatua, e referindo-se a ellas, com a segunda.

A THOMAZ BLANC—pag. 181

Foi composta ao saber a noticia da morte do veneravel sacerdote, occorrida a 26 de Dezembro de 1892, e imprimiu-se pouco depois no jornal *O Instituto,* de Coimbra (vol. 40, pag. 684).

Thomaz Blanc nasceu em Outubro ou Novembro de 1806, em Aramon, cabeça de um dos cantões do departamento maritimo de Gard, no sul da França, e escreveu diversas obras, umas traduzidas do grego, italiano, portuguez, inglez e hespanhol, e outras originaes, avultando entre estas as poesias, já em volume, já dispersas por jornaes litterarios.

Acerca d'este auctor publiquei no *Occidente* (vol. 16, n.º 518 e seguintes) uns artigos, que depois reúni em folheto com o titulo *Thomaz Blanc, traços biographicos,* onde se encontram mais algumas particularidades da sua vida.

O sr. doutor Coullomb, tambem de Aramon, a quem dedico este soneto, é sobrinho do fallecido.

Tive algumas relações litterarias com Thomaz Blanc; e aquelles artigos e este soneto não são mais do que o pagamento de uma divida de gratidão, pela defeza que elle escreveu da minha poesia *A Virgem Maria,* accusada nas *Instituições christans* (de Coimbra) de menos orthodoxa, defeza que, juntamente com a de Abilio Augusto da Fonseca Pinto e com a composição incriminada, sahiu no *Parnaso Mariano*, colligido por este escriptor.

UM ENTERRO EM VENEZA — pag. 184

Pondo a proa na ilha funeraria,

A ilha chamada dos Tumulos, o cemiterio de Veneza. Fica ao norte d'esta cidade, entre ella e a ilha de Murano.

Esta poesia foi-me inspirada nos proprios logares.

PROSPERO PERAGALLO — pag. 187

O sr. Prospero Peragallo, sacerdote italiano, natural da cidade de Genova, prior durante muitos annos da egreja do Loreto, em Lisbôa, um dos maiores benemeritos da litteratura portugueza. Tem publicado as seguintes versões poeticas, quasi todas da nossa lingua, que primam pela elegancia e fidelidade: *Sonetos escolhidos de Luiz de Camões traduzidos em sonetos italianos.* Lisbôa, 1885; *Poesias de Luiz de Camões e outros vertidas a italiano.* Lisbôa, 1890 e 1892. *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano.* Lisbôa, 1893; *O gigante Adamastor com traducção em versos italianos.* Lisbôa, 1898; *Saggio di poesie sivigliane tradotte in italiano.* Genova, 1898; *Poesie portoghesi e sivigliane tradotte in italiano.* Genova, 1899 e 1900; *Due episodi del poema I Lusiadi di Camões ed altre poesie straniere.* Genova, 1904. Dos seus valiosos escriptos historicos notarei os colombinos e os que respeitam a Portugal, a saber: *Cristoforo Colombo e la sua famiglia; rivista generale degli errori del signor Harrisse.* Lisbôa, 1898; *Due documenti riguardanti le relationi di Genova col Portogallo.* Genova, 1892; *Disquisizioni Colombine.* Genova, 1893 a 1902; *La Biblia dos Jeronymos e la Biblia di Clemente Sernigi.* Genova, 1901; *Viaggio di Geronimo di Santo Stefano e di Geronimo Andorno in India nel 1494-99.* Roma, 1901; *Viaggio di Matteo da Bergamo in India sulla flotta di Vasco da Gama* (1502-1503). Roma, 1902. Fóra estes escriptos alguns tem impresso tambem de assumptos relativos á historia da sua patria que ainda se prendem com a da nossa.

THOMAZ CANNIZZARO — pag. 189

O sr. Thomaz Cannizzaro, poeta italiano de subido merecimento, natural da Sicilia, auctor de diversos livros de poesias originaes, onde á suavidade e enlevo da fórma se allia a profundeza dos pensamentos. Conta, álem d'isso, outros volumes de traducções de linguas antigas

e modernas, e entre estas, da portugueza, a dos *Sonetos*, de Anthero do Quental e a das *Folhas cahidas*, de Garrett. Das suas obras poeticas originaes possuo, por offerecimento do egregio escriptor, as intituladas *Quies* e *Vox rerum;* e das versões poeticas *Sonetti completi*, de Anthero do Quental; todas impressas em Messina. Na *Vox rerum* vejo citadas, a mais das que indiquei: *Ore segrete; In solitudine carmina; Épines et roses; Tramonti; Uragani; Goutes d'âme; Cinis;* estas originaes; e traduzidas: *Fiori d'Oltrealpe da varie lingue antiche e moderne;* e Carlos de Lemos *Georgica—versione italiana dal portoghese.* Veem ahi tambem as suas obras ineditas, e entre ellas destaca-se a traducção das *Orientaes*, de Victor Hugo.

LEMBRANÇA INDELEVEL—pag. 192

Com esta é a quinta vez que se publica este soneto, sempre acompanhado pela fidelissima e elegante versão do sr. Prospero Peragallo: no *Instituto*, vol. 39, pag. 654 e 655, nas suas *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano,* nos *Lampejos,* e nas *Poesias vertidas.*

SATISFAÇÃO—pag. 194

Esta poesia é apenas um echo do resentimento publico, ao ver substituir o sr. Frederico Augusto de Campos no logar de gravador da Casa da Moeda de Lisboa, que exercia com tanta proficiencia, por um extrangeiro chamado Winner, que felizmente pouco se demorou entre nós, e uma congratulação pelos premios que o artista portuguez obteve na exposição de Paris, celebrada n'essa epocha, e onde mais uma vez honrou Portugal, provando assim completamente a injustiça, que o governo lhe fizera com aquella nomeação.

AO INFANTE D. DUARTE—pag. 197

Houve-se a Academia das Sciencias com a maior bizarria na publicação da minha *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV,* cujo dispendio foi muito grande, já pela extensão d'ella (2 vol., contendo o 1.º 740 pag. e o 2.º 898), já pelas illustrações que a acompanham, e já pela tiragem que foi de 1200 exemplares.

As copias dos manuscriptos de Simancas, Madrid, e Paris que me serviram para esta obra mandei-as alli tirar á minha custa; as de Milão, umas, foram requisitadas por mim ao Governo, sendo ministro do Reino Thomaz Ribeiro, que por um simples requerimento meu, deitado na caixa do Ministerio, as pediu para Italia, facto muito abonador d'este preclaro homem de lettras, a cuja memoria me confesso gratissimo, e essas em nada importaram, porque o Governo italiano as cedeu gratuitamente ao nosso; as outras (a parte maior) tirei-as eu no Archivo de Milão, para o que o Governo me concedeu seis mezes de licença com vencimento (do meu logar de Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa), e 250:000 rs. de ajuda de custo para a viagem a Italia. As copias de Simancas, Madrid, e Paris dei-as de presente ao Estado; as vindas de Milão, depois de me servir com previa auctorisação d'ellas, restitui-as ao Ministerio do Reino; as que tirei em Milão, tambem depois de as aproveitar do mesmo modo na minha obra, entreguei-as no Archivo da Torre do Tombo, para utilidade do paiz, como prescripto me fôra na portaria de licença. Formam todas três

volumes encadernados, as do primeiro com 262 pag.; as do segundo com 128; e as do terceiro com 322, e guardam-se n'este archivo, na gaveta 23, maço 3.º

Para mais particularidades veja-se a minha *Historia do Infante*, cuja leitura aliás basta a formar uma idéia, embora imperfeita, dos documentos que vi, copiei, summariei, extractei, ou de que tirei simples noticias, dos archivos e bibliothecas do Reino e dos paizes extrangeiros.

> Passau, Gratze, Milão, eis a trindade,
> Ó martyr, dos teus passos ao calvario,—pag. 198

As três cidades, onde o Infante esteve preso.

> Para quebrar-te os ferros impiedosos
> Quantos esforços vãos! —pag. 198

Allusão aos muitos que se tentaram para a sua liberdade.

> Para realisar o meu anhelo
> Travei co'a negligencia aspera lida,—pag. 199

Nos principios de 1884 tinha quasi concluida a minha *Historia do Infante;* não podia porêm acabal-a de todo, com a extensão e minudencias com que até alli a compuzera, sem examinar os abundantes e preciosos documentos que se guardam no Archivo do Estado de Milão, e que interessam tanto á existencia do meu biographado. Pedi por conseguinte ao governo para me mandar tirar copias d'elles ou para me encarregar de as tirar, ficando-lhe pertencendo as mesmas, n'um ou n'outro caso, e emprestando-m'as apenas para eu terminar a minha obra. Tratava-se de fazer um serviço ao paiz, que serviço era e grande trazer para elle, ao menos em transumpto, quanto respeita a um principe, martyr pela liberdade da sua Patria e parente dos nossos reis; mas, apesar de tudo isso, foram innumeras e desagradabilissimas as contrariedades que encontrei na realisação do meu proposito; e só no fim de quasi quatro annos as venci completamente.

> Da que me deu a lei firme esperança,
> Do fructo de vinte annos me privaram.

Quando parti para Italia estava quasi a ser primeiro conservador de antiguidades e numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, isto é, chefe de uma das três repartições que compunham a mesma bibliotheca, onde servia havia vinte annos, emprego que a lei me garantia, e cujo ordenado era 800:000 rs., álem de 200:000 rs., que me competiriam como lente de numismatica, logar que tambem por lei lhe andava annexo. Pois, emquanto eu trabalhava em acabar a *Historia do Infante,* crendo as boas mostras que me tinham dado, e que depois sahiram tanto ao avesso do que pareciam, fez-se a reforma de 29 de Dezembro de 1887, pela qual se extinguiram os logares de primeiros conservadores, e transferiram-me, sem eu o saber, sem eu o suspeitar sequer, porque não fui consultado como outros, e nem ao menos se me disse uma palavra, para o Archivo da Torre do Tombo,

como conservador, com o ordenado de 600:000 rs. É verdade que me nomearam, egualmente sem eu o saber, e ao mesmo tempo, lente de numismatica, com o dito ordenado de 200:000 rs.; mas a transformação por que passara a Bibliotheca Nacional, onde está a collecção de moedas e medalhas, e o procedimento que houveram commigo levaram-me a não acceitar a nomeação. Não tive remedio senão descer a estas coisas pessoaes, e até á prosa da prosa, as cifras, afim de tornar completamente claros os meus versos, do que peço desculpa ao leitor.

JOAQUIM GREGORIO NUNES PRIETO—pag. 200

Teem-se malbaratado de tal maneira os epithetos encomiasticos ácerca de vivos e mortos, e estão por isso tão vulgarisados, a ponto de se julgarem logares communs, que não sei, já gastos e rebaixados todos, de quaes me hei de servir para louvar Joaquim Gregorio Nunes Prieto como elle o merece. Direi só que nunca vi ninguem verdadeiro, honrado, amigo do seu amigo, modesto, despido de invejas, desinteressado, caritativo, emfim um exemplar de virtudes como foi este illustre pintor e professor, que a nossa sociedade não soube apreciar devidamente porque não era capaz de entendel-o. Os seus quadros de natureza morta, genero em que primou, são dos melhores, ou os melhores que temos, e os seus restauros das pinturas dos Jeronymos, de S. Pedro de Alcantara, de S. Roque e outros constituem modelos de sciencia e consciencia no mais alto grau. Como professor foi um pae para os discipulos, que chegou a soccorrer nas suas necessidades; e no professorado e nas suas obras sacrificou quasi sempre os proprios interesses, apesar de pobre, ao culto da arte e á satisfação dos seus deveres. Assim foi Nunes Prieto na vida publica, e na particular. O seu altruismo sobretudo não conhecia limites. Sob aquella apparencia, ás vezes um pouco aspera, havia um coração do mais fino oiro. As suas acções de beneficencia encheriam um livro, e dos mais salutares. Tambem não caberiam em poucas paginas as ingratidões dos beneficios que espalhou por amigos e indifferentes, moeda com que o mundo costuma satisfazer os animos bons e generosos. Devo á amizade, que sempre mantivemos, este desafogo, e aqui o deixo consagrado á sua memoria. Se um dia haverá alguem que faça justiça a tão nobre caracter? Appelo para o futuro da indifferença do presente, que, na sua confusão de homens e de coisas, deixou passar quasi despercebida a sua morte, para tratar dos inuteis, dos poderosos, e dos intrigantes, que, ao contrario d'elle, grande sempre na generosidade e independencia, pedem, perseguem, abaixam-se, mandam, e insultam.

A CHRISTOVAM COLOMBO—pag. 208

Resolvendo a antiga e nomeada Arcadia de Roma celebrar uma sessão solemne commemorativa do quarto centenario da descoberta da America por aquelle grande navegador, o nuncio de Sua Santidade em Portugal, monsenhor Jacobini, pediu-me que compuzesse alguma poesia para a solemnidade, ao que annuí gostosamente. Eis a origem d'estes versos. D'elles se tiraram então cinco exemplares, em folha á parte, para evitar em Roma os erros de leitura e transcri-

pção, que naturalmente resultariam, se fossem manuscriptos, dos quaes mandei um para aquella sociedade, dando os restantes quatro a amigos como raridades bibliographicas. Logo em seguida o sr. Prospero Peragallo teve a bondade de os traduzir em italiano, e juntamente com a traducção sahiram á luz no numero do *Occidente* de 21 de Janeiro de 1893, e depois em folheto, de que se imprimiram apenas cem exemplares. Ainda n'este anno o mesmo illustre escriptor incluiu-os nas suas *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano;* em 1898 o sr. Adolpho Coelho inseriu-os nas suas *Leituras portuguezas, para uso dos lyceus;* e em 1907 fizeram parte do meu livro *Poesias vertidas.* Só na primeira e na quinta vez não foram acompanhadas da versão.

> Chegaste a este paiz das maravilhas;
> O pélago encaraste frente a frente;
> E mil idéias do teu genio filhas,
> Ao vêl-os, concebeste ousadamente.
>
> Foi a bordo das nossas caravelas
> E ao rugido das ondas procelloso
> Que o teu sonho criaste em hora boa,
>
> Não te attendemos nós; e abandonaste
> A nossa terra, etc.

Estes versos não fogem em nada á verdade historica. Duas coisas concorreram principalmente para Colombo pretender chegar á Asia, e portanto á India, pelo occidente, julgando-a muito menos longe, e nem sequer imaginando a existencia de um continente intermedio a ella e á Europa: a sua permanencia em Portugal, sobretudo nas ilhas adjacentes, onde observou os phenomenos do oceano, cujas correntes arrojavam d'aquelle lado ás suas praias, como ainda arrojam, destroços vegetaes e animaes, provas evidentes de terras alli situadas, e a instrucção e pratica adquiridas em nossas viagens e na conversação dos nossos homens do mar.

> Vês Portugal e Hespanha competindo
> Em acabar teu feito;

Estas palavras referem-se não só ao proseguimento da descoberta da America pelos portuguezes e hespanhoes, mas tambem á viagem do nosso immortal compatriota Fernão de Magalhães, primeira de circumnavegação, e pela qual, passando-se alêm do novo continente e atravessando-se o oceano Pacifico, se chegou á Asia pelo rumo de oéste, o que o grande genovez imaginou infundadamente haver levado a effeito com as terras americanas que encontrara.

Por esta composição e por eu haver traduzido em oitava-rima portugueza a *Jerusalem libertada*, de Torquato Tasso, a Arcadia de Roma concedeu-me a distincção de me incluir entre os seus socios.

ACHILLES MILLIEN — pag. 216

O sr. Achilles Millien, bem conhecido poeta francez e lusophilo distincto, de quem têmos as seguintes obras em verso: *A Camoens; Chez*

nous (1896); *Étrennes Nivernaises* (1895); *La légende de Marko Kraliévitch Cycle populaire serbe; Légendes d'aujourd'hui, poèmes suivis de lieds et sonnets* (1870). Ha muito que o sr. Millien trabalha na composição de um parnaso portuguez, escolha de poesias nossas por elle traduzidas em versos francezes, e que muito devemos sentir não se ter ainda publicado.

PROPHECIA—Pag. 217

Estampou-se primeiro no *Archivo pittoresco*, vol. 10, pag. 398, e foi depois incluida por Camillo Castello Branco no artigo ácerca de Gonçalves Dias, do *Diccionario universal de educação e ensino*, de E. M. Campagne, por elle ampliado, acompanhando-a de algumas palavras encomiasticas.

O doutor Antonio Henriques Leal, que esteve muito tempo em Lisboa, commissionado pelo governo do Brasil, e com quem tive relações, era comprovinciano e amigo de Gonçalves Dias, e publicou as suas obras posthumas em S. Luiz do Maranhão, em 1868 e 1869, em 6 vol. de 4.º O setimo volume devia conter os escriptos a respeito do poeta. Ignoro se chegou a ver a luz, e, no caso affirmativo, se n'elle se reproduziu a minha poesia. O meu conhecimento com o mallogrado poeta foi só quasi no fim da sua vida, quando a ultima vez residiu em Lisboa. Gonçalves Dias, como é sabido, morreu na bahia de S. Luiz, no naufragio da barca franceza Ville de Boulogne, em que voltava, já muito doente, da Europa ao Maranhão, sua patria, a 3 de Novembro de 1864, sendo infructiferas todas as diligencias para se encontrar o seu corpo.

A minha poesia é composta muito posteriormente, e foi-me inspirada pelos versos d'elle que transcrevo no principio.

CRENÇA NO PORVIR—pag. 229

Veio no *Occidente*, vol. 16 n.º 512, onde foi publicada pela primeira vez; nas *Flores de poesia portugueza traduzidas em italiano* com a elegante versão do sr. Prospero Peragallo; no *Instituto*, de Coimbra, vol. 41, pag. 226, com a mesma, e nas *Poesias vertidas*.

Fóra as quatro versões d'esta poesia que aqui se imprimem, ha uma em provençal, que nunca vi, e de que tenho noticia por estas linhas de um artigo da *Revue du monde latin* (tomo 35, pag. 178) a respeito d'ella e de mim:

«C'est ce noble sentiment (o amor da patria) qui lui a inspiré: *Foi dans l'avenir;* traduit en vers italiens par le P. Peragallo, en vers français par Achille Millien, en vers castillans par José Lamarque de Novôa, ce beau sonnet vient d'être traduit en vers provençaux par le jeune et vaillant directeur de l'*Aioli*, le comte Folco de Baroncelli-Javon. Ce dernier sonnet, encore inédit, sera, je l'espére, publié dans l'ensemble sur la poésie portugaise que prépare notre *Revue*.»

JOSÉ LAMARQUE DE NOVÔA—pag. 230

José Lamarque de Novôa, illustre poeta hespanhol natural de Sevilha, ha pouco fallecido, auctor das obras poeticas: *Sueños de primavera* (1891); *Poesias liricas* (1895); *El fondo de mi cartera* (1898); *Desde*

mi retiro (1900); *Recuerdos de las montañas* (1901); *Remembranzas* (1903); e *Cristobal Colon, poema* (1892); todas impressas em Sevilha. Novôa foi casado com a poetisa hespanhola Antonia Diaz de Lamarque, tambem já fallecida, de quem conheço: *Poesias liricas* (1893); *Poesias religiosas* (1889); e *Aves y flores* (1890).

O BUSSACO—pag. 231

Publicou-se a primeira vez no *Instituto* (Vol. 33. pag. 446); a segunda em folheto em 1886; a terceira no interessante *Guia historico do viajante no Bussaco*, do sr. A. M. Simões de Castro, edição de 1896; a quarta nos *Cambiantes*, e a quinta na quarta edição do mesmo *Guia*, de 1908.

Esta minha poesia faz parte de um florilegio com que termina a obra do sr. doutor Augusto Mendes Simões de Castro, e que tem mais a collaboração de Antonio Feliciano de Castilho, Soares de Passos, Mendes Leal, João de Lemos, Duarte Ribeiro de Macedo, Bingre, Borges de Figueiredo, fr. Antonio das Chagas, Luiz Carlos, Candido de Figueiredo, Ayres de Sá Pereira e Castro, e Robert Southey, e a da sr.ª D. Amalia Janny.

TRISTEZAS—pag. 238

É um fragmento da Elegia 3.ª do liv. 1.º A edição de Ovidio de que me servi é a de Amsterdam de 1664. Esta versão foi reproduzida nas *Leituras portuguezas*, do sr. Adolpho Coelho.

A MINHA MUSA—pag. 242

Sahiu primitivamente na *Grinalda, periodico de poesias ineditas*. Porto. 1869.

HYMNO DO TRANSWAAL—pag. 246

Este hymno composto por Stephanus Jacobus du Toit, ministro da instrucção da republica, verti-o, annuindo aos desejos do sr. conselheiro Augusto de Castilho, que o inseriu no seu artigo *A deputação do Transwaal*, publicado no vol. 7 do *Occidente*, quando veio a Lisboa a deputação d'aquelle estado, a fim de tratar com o governo portuguez sobre a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques. A deputação era formada do presidente da republica Stephanus Johannes Paulus Kruger, do general Nicolaus Jacobus Smit e do auctor do hymno. Com o artigo veem os retratos dos três emissarios. «A bandeira... é egual á hollandeza, tendo mais uma tira verde na tralha; tem portanto as côres vermelha, branca, azul e verde», diz o sr. Castilho. Servi-me para a minha versão de uma ingleza em prosa.

ATRAVÉS DO TUMULO—pag. 256

Tive aturada amisade com Joaquim Pinto Ribeiro Junior; e, embora ella se quebrasse com o andar do tempo, não por culpa minha, apraz-me recordal-a, e render-lhe aqui este saudoso tributo. No seu

volume *Lagrimas e flores* ha uma poesia offerecida a mim, intitulada *Elvira*, e outra a mim feita, intitulada *O bardo.* D'esta poesia, que ao publicar-se foi muito alterada e ampliada, guardo a primeira fórma, da propria lettra do auctor, assim como a carta que acompanhou o offerecimento, e na qual se lêem as seguintes palavras: «Junto acharás uma poesia que te dedico; a adversidade que te tem abatido e a constancia que tens mostrado deveriam inspirar-me algum canto que te consolasse; mas nem por isso está conforme os meus desejos.» Esteve então para ser publicada d'esse modo no meu primeiro volume de versos *(Preludios poeticos)*, por ser essa a vontade de Pinto Ribeiro; mas como as *Lagrimas e flores* sahiram á luz antes d'elle, foi impressa n'aquella collecção, e com mais propriedade, pois na minha era mal cabida pelos grandes e exaggerados encomios que ahi se me tecem. Ainda por este motivo e a meu pedido imprimiu-se nas *Lagrimas e flores* sem o meu nome e só com a indicação—*A um joven poeta.*

Apesar de por este motivo a não reproduzir em nota aos *Cambiantes*, primeira edição, faço-o agora, sobretudo, para mostrar o estylo filintista de um escriptor que deixou de si bom nome na litteratura patria. Se não vale pelos elogios, que são desmedidos, valerá ao menos como documento para a biographia de Pinto Ribeiro, pois talvez seja o unico testemunho tão pronunciado d'esta sua primeira maneira. Eis a poesia que os leitores reduzirão ás devidas proporções, confrontando-a com o meu pequeno merecimento.

Ao meu amigo José Ramos Coelho

O BARDO

Laisse tamber l'orage et grandir ton laurier
Victor, Hugo. Od. I,L.III

Quando ao peso das magoas acintosas,
Em teus delirios, suffocar teu canto,
E houver vibrado a derradeira fibra
Do teu soffrido peito;

Quando haurida já for no ésto ardente
A mais acerba lagrima dos olhos,
E só fulgir nos sonhos teus um anjo,
E na vigilia uma harpa;

Quando a inveja mordaz, de baço aspecto,
Tenras esp'ranças te abafar no seio,
E o sarcasmo feroz, aguia sublime,
Humilhar teus arrojos;

Quando a lembrança de uma morte instante
O assoberbado peito espedaçar-te,
Como abutre caucaseo a rêz lacéra
Nas presas famulentas;

E que teu coração myrrhado e frio
Em convulso tremor busque repouso,
Repouso a um canto d'esse peito afflicto,
Que lhe foi berço e tumba;

Então, librado em azas de ouro um anjo,
Raio de luz, que Jehová diffunde,
Dar-te-ha no céo teus hymnos em perfumes,
O cysne de harmonias,

E a grata Patria buscará, qual sóe
Em mésto cemiterio a mãe saudosa
A urna funeral da amada prole
Para esparzir grinaldas,

Com pia mão no fundo do sarcophago
As cinzas que animara o sacro fogo!
E sobre a tumba cingirá teu busto
De laurel merecido,

Laurel, a cuja sombra repousada
Tens de dormir em teu funereo leito,
Laurel, que humedecer cumpre do berço
Com lagrimas sanguentas.

Tal foi de Tasso e de Camões a vida!
Tal foi do genio em todo o tempo a sorte!
Tal premio ás suas victimas reserva
A musa enfurecida!

1851

A respeito de Pinto Ribeiro veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, o *Panorama*, vol. 12, e o *Genio do mal*, de Arnaldo Gama, no fim. Camillo Castello Branco tambem trata d'elle com os maiores elogios, nos *Esboços de apreciações litterarias;* e Augusto Soromenho, menos favoravelmente, nos artigos insertos na *Revista peninsular* sobre auctores portuenses, debaixo do pseudonymo de Abd-Allah.

AMOR FILIAL—pag. 258

A idéia com que fecho o presente soneto exprime os sentimentos do meu amigo e illustre auctor da preciosa obra *Historia da administração publica em Portugal* e ao mesmo tempo os meus; e porque foi a communicação d'esses sentimentos que fez com que eu o compuzesse, lh'o dedico, e não pelo seu valor, que bem sei é muito limitado.

O AVARENTO—pag. 258

Traduzi esta poesia a pedido do sr. Eduardo Garrido para a bella edição que fez em Lisboa das *Fabulas* de Lafontaine, vertidas em portuguez em verso por muitos dos nossos homens de lettras comtemporaneos e acompanhada das illustrações de Gustavo Doré que

serviram na edição franceza. Vem na pag. 132. A seu respeito publicou *O Instituto,* onde tambem se imprimiu, uma apreciação do dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, na pag. 515 do vol. 36, antecedendo-a. A traducção é livre; principalmente a do preambulo, que se póde considerar liberrima, ao que só fui levado por conveniencias bem manifestas.

AMARGURA — pag. 264

«Les grandes douleurs sont muettes, a-t-on dit. Cela est vrai. Je l'éprouvai après la première grande douleur de ma vie. Pendant six ou huit mois, je me renfermai comme dans un linceul avec l'image de ce que j'avais aimé et perdu. Puis, quand je me fus, pour ainsi dire, apprivoisé avec ma douleur, la nature jeta le voile de la mélancholie sur mon âme, et je me complus à m'entretenir en invocations, en extases, en prières, en poésie même quelques fois, avec l'ombre toujours présente à mes pensées.»

As palavras de Lamartine que acabo de transcrever (commentario de uma das suas *Meditações,* a 9.ª) podem applicar-se á presente poesia, a algumas que se lhe seguem e a outras intimas e pertencentes á epocha mais amargurada da minha vida.

O LIMA E BERNARDES — pag. 265

Publicou-se no periodico *A arte* (em 1880), a pag. 27 do 2.º vol., tambem com dedicatoria a D. Antonio da Costa, dedicatoria que então era um tributo de affeição e respeito pelos raros dotes de homem e de litterato que o ornavam, e que hoje é infelizmente uma corôa de saudades posta sobre o seu tumulo por um dos seus maiores amigos. Todos quantos puderam apreciar as bellezas do seu livro *No Minho,* ainda que não tivessem a felicidade de admirar as virtudes do auctor, approvarão a homenagem. Entretanto, cumpre dizel-o, mais o homem do que o escriptor concorreu para que esta se fizesse, e não foi na sua valiosa obra que bebi a inspiração, porêm sim na propria natureza, n'aquelles sitios encantadores das margens do Lima, que o notavel escriptor piemontez Cibrario não duvida qualificar como «o paiz mais delicioso do mundo». [1]

A cubiça lethal da hispana fera,
Velada com protestos de amisade, — pag. 266

O plano fatal da união de Portugal á Hespanha datava de ha muito; o enfraquecimento do reino favoreceu-o; a inconsiderada e mal disposta passagem de D. Sebastião a Africa mostrou o ensejo favoravel; e Filippe II aproveitou-o. Diz-se que elle dissuadiu o sobrinho da empreza; fal-o-hia ostensivamente, para melhor mascarar os ambiciosos intentos, mas por tal arte que salvasse as apparencias, e, contrariando-o, mais o estimulasse. É o que mandava a politica, e sobretudo a de Hespanha a nosso respeito. Ninguem ignora como a diplomacia

---

[1] *Ricordi d'una missione in Portogallo al Rè Carlo Alberto.*

ás vezes por caminhos, na exterioridade louvaveis, realiza as suas aspirações mais tôrpes. Eis como admitto a opposição do monarcha hespanhol á jornada de Alcacer Kibir. Releva ainda considerar quem era Filippe II e quem D. Sebastião; os cincoenta annos de um e os vinte e quatro do outro; a frieza, o calculo, o conhecimento dos homens e das coisas d'aquelle que a historia chamou Demonio do Meio Dia; o fogo, o valor, a juvenil presumpção, a inexperiencia do neto de D. João III; e de tudo isto resultará, creio, o bastante para confirmar a minha de ha longo tempo inabalavel crença.

O que nos versos de Bernardes, marcados por commas, vae em italico é o que foi preciso alterar-se para adaptal-os á minha poesia. As transcripções são tiradas, as da pag. 158 do *Lyma,* pag. 37 (ed. de 1820); as da pag. 160 das *Varias rimas,* pag. 134 (ed. de 1770); as da pag. 161 id., pag. 139 e 137; e a da pag. 162, id., pag. 138.

No mesmo templo que o gran vate encerra
Acaso dormes?.......................... Pag. 268

Barbosa Machado na *Bibliotheca lusitana* escreve que Bernardes foi sepultado na egreja de Sant'Anna. Coincidencia notavel que reuniu mortos no mesmo templo dois poetas que tiveram entre si tantos pontos de similhança! Quanto aos seus restos, mais infelizes ainda do que os do sublime épico, nem ao menos mereceram ser procurados no fim de três seculos. Não acharam, suppomos, um D. Gonçalo Coutinho que os assignalasse piedosamente com uma singela campa, e, indiscriminaveis entre tantos que alli jaziam, confundiram-se talvez com elles no trabalho a que se procedeu para encontrar os de Camões, e podem julgar-se de todo perdidos.

AD UNA FINESTRA—pag. 269

Traeste—em vez de—traesti, licença poetica usada por varios auctores, do que ha exemplos no canto XXXII do *Inferno*, de Dante:

Piangendo mi sgridò: perchè mi peste?
Se tu non vieni a crescer la vendetta
Di mont'Aperti, perchè mi moleste?

Nota do traductor

ULTRAGE E EXPIAÇÃO—pag. 270

Está bem impresso ainda no coração de todos os portuguezes o insolito procedimento de Napoleão III, quando, tendo nós aprisionado em Moçambique a barca franceza *Charles et George* por traficar em escravos, fomos obrigados a entregal-a, em virtude das ameaças do seu governo, aos navios de guerra que para esse fim vieram ao Tejo. A Europa, que assistiu de braços cruzados a essa grande prepotencia, indignou-se com o facto, receosa de outros peores; a mesma França não pôde deixar de envergonhar-se; e d'ahi a celebre carta escripta pouco depois por Napoleão III a Jeronymo Bonaparte, e onde procurava mitigar a sensação produzida. Era então a épocha das glorias; e com algumas glorias, bem caras, bem inuteis, e até

bem prejudiciaes para a França, doirou o tyranno os ferros que lhe lançara, e embriagou-a. O ruído das suas armas acordou porêm e sobresaltou a Europa; a juncção dos estados italianos, obra d'ellas, trouxe comsigo a idéia da união dos estados allemães; a Prussia, conhecedora da verdadeira, posto não apparente, fraqueza do imperio francez e da podridão que lhe corroía as entranhas, ensaiou as suas forças e o animo do inimigo, invadindo e retalhando á sua vista a Dinamarca; influida com o triumpho e com a impassibilidade criminosa dos outros, marchou contra a Austria; em quinze dias chegou ás portas de Vienna; dictou-lhe a lei; arrancou-lhe, tomando-a para si, a preponderancia na confederação germanica; e desde então o que pretendia dominar a Europa, o oppressor dos fracos, fraco tambem, foi arrastado fatalmente á guerra, levando comsigo a França a profundo e pavoroso abysmo, sem ao menos, aggravo da sua vergonha, morrer combatendo á frente do exercito que sacrificara, antes, entregando-se e entregando-o, mal desembainhada a espada, e preferindo ao castigo que o esperava na patria os ferros dos seus vencedores.

Estas considerações bastam para explicar o principal da minha composição; nem tanto era preciso, porque os nomes que servem de titulos ás duas partes d'ella: *Charles et George* e *Sédan*, não esqueceram ainda, nem esquecerão jámais.

A primeira d'essas partes foi impressa nas minhas *Novas poesias* em 1866; e aqui vae entre as suas peças; a segunda, seu complemento, nascida de um facto posterior á publicação d'ellas, só hoje se lhe une, formando assim as duas um todo homogeneo.

VEGEZZI RUSCALLA—pag. 275

Mantive aturadas relações litterarias com este conhecido escriptor piemontez, que não se deve confundir com o diplomata dos mesmos appellidos. Para explicação da presente poesia, direi que Ruscalla traduziu a *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga (impressa em Turim em 1844), o *Fr. Luiz de Sousa*, de Almeida-Garrett (idem, 1852), e algumas poesias de Bocage no seu opusculo *Notizie intorno agli scritti di Manoel Maria Barbosa de Bocage* (idem 1860); outras tantas eloquentes demonstrações do seu amor ás nossas lettras; pelo que a Academia Real das Sciencias o nomeou seu socio correspondente; que foi muito affeiçoado á lingua e historia moldo-valachas, de que era professor na capital do Piemonte; que pretendeu alli abrir um curso de litteratura portugueza, o que não effeituou por não ser ajudado pela mesma academia; e que me propoz, illudido quanto á minha competencia, abrir eu outro aqui em Lisboa da italiana.

No dia 25 de Julho de 1865 celebrou-se em Ravena a festa do sexto centenario de Dante; prestou-se Ruscalla a representar n'aquella solemnidade, assim como na que por egual motivo se fez em Florença, a Academia das Sciencias, e no discurso que então leu e publicou em Turim no mesmo anno disse: «Antonio José Viale pochi anni fa tradusse i canti I, II, III, IV, V, e XXXIII dell'*Inferno*, ed ora si aspetta dal valente traduttore della *Gerusalemme* il cav. Ramos Coelho quella dell'intero poema dantesco». D'aqui poderá alguem concluir que tive tenção de traduzir a trilogía de Dante; o que não é assim; ou que, embora a não tivesse, o inculquei a Ruscalla, o que tambem

é inexacto, como se collige das seguintes linhas da sua carta de 3 de Maio de 1866, que conservo em meu poder: «Avendo avuto l'onore di rappresentare a Firenze e Ravenna codesta Reale Accademia, ho fatto parola di V. S. e l'annunziai come intenta a dare una versione della *Divina Commedia*. Con ciò Ella non prende impegno; ma l'avrò sollecitata a dare al Portogallo il più gran poeta della rinascenza».

Não é a primeira vez que se explica pela imprensa este ponto. Quando o meu especial amigo o sr. dr. Xavier da Cunha dirigiu a publicação do *Inferno*, de Dante, traduzido por Domingos Ennes, nos estudos a que se entregou com respeito ao poema original, encontrou uma referencia a este particular na obra de Jacopo Ferrazzi, *Manuale Dantesco*, a pag. 439 do vol. 4.º, extrahida naturalmente das palavras de Ruscalla, ou talvez havida de Angelo de Gubernatis, a quem fôra dedicado o discurso, e, perguntando-me por isto, mostrei-lh'o para maior clareza e a dita carta, que elle fez favor de transcrever, na parte respectiva, no elucidativo prologo com que acompanhou a obra, quando teve occasião de citar o meu nome entre os que verteram muito ou pouco da *Divina Comedia*, apresentando então ao publico, bem contra minha vontade, o unico fragmento que encontrei de uma versão apenas por mim começada. Ahi tambem por favor espontaneo d'este meu amigo appareceu a poesia—*A Vegezzi Ruscalla*—, ainda inedita, por se ligar ao caso da traducção.

A idéia de abrir em Turim um curso de litteratura portugueza foi assumpto de muitas das cartas que Ruscalla me endereçou, e era da maxima conveniencia para Portugal. Já em 11 de Setembro de 1864 me escrevia: «J'aurais voulu être à même de faire un cours de langue et littérature portugaise à l'Université de Turin, comme je fais celui du roumain, si j'en avais eu les moyens. Il faut que je me résigne à un pauvre désir». Na carta de 3 de Maio de 1866, ha pouco citada, escrevia de novo: «Da oltre un anno nutro il pensiero di fare un corso libero di letteratura portoghese in questa università, in cui sono dottore collegiato, e ciò perchè vidi che il corso che io vi fò di lingua e storia rumana rese popolare questa letteratura fra noi. Non mandai ad effetto questo progetto perchè non ho abbastanza di libri portoghesi. Posseggo il *Canzoniere*, di Barcellos; di Garcia de Resende; il *Parnaso lusitano*, di A. Garrett; *Marilia*; la *Storia del Brasile*, di Varnaghen; Bocage; Garrett; alcune opere di Feliciano Castilho; di Pereira da Silva; Magalhães; quelle che V. S mi favorì; ed alcuni altri volumetti di Lisbona e Rio de Janeiro; ma mi mancano opere di polso, come Herculano, *Historia de Portugal*, 4 vol.; Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. 2 vol.; Leoni, *Genio da Lingua portugueza*, 2 vol.; Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, 7 vol.; *Bibliotheca racional dos melhores auctores; Cancioneiro* d'El-Rei D. Diniz, 1 vol.; Southey, *Historia do Brasil*, 6 vol.; Ribeiro, *Primeiros traços de uma resenha da litteratura portugueza*, 1 vol. &&. Io aveva scritto a Teixeira Vasconcellos, a Dantas, consigliere di legazione portoghese a Parigi, a Pereira da Silva, brasiliano in Parigi, osservando che, si avessi quei libri ovvero lire 500 dal governo portoghese per potermi fare questo acquisto, avrei intrapreso tal corso. Teixeira Vasconcellos mi rispose che ne avrebbe fatto proposta al ministero o nella prima o nella seconda domanda, ma non ebbi risposta. Se la cosa potesse accogliersi, mi converebbe avere risposta in Luglio tanto per aver tempo di procurarmi i libri e pre-

pararmi le lezioni a cominciare dal primo Novembre venturo. Io scrivo di ciò a V. S. per provarle come mi stia a cuore di rendere popolare in Italia la letteratura portoghese quì del tutto sconosciuta. Due sono le nazioni che amo quanto l'italiana, e sono, primo la portoghese, e poi la rumana (moldo valaca)».

Em 23 de Outubro de 1869 Ruscalla insistia no seu louvavel proposito e mostrava desejos de que a Academia das Sciencias, a exemplo do que fizera o ministerio de Boukharest, o convidasse para professar o curso, que seria semanal e gratuito, e duraria seis mezes; sobre o quê e a necessidade de alguns livros para elle escrevera a Teixeira de Vasconcellos, mas sem resultado.

Em 28 de Agosto de 1870 ainda não perdia as esperanças de realizar a sua idéia, apesar d'esta indifferença, e appellava para quando terminasse a guerra entre França e Allemanha, e Italia voltasse ao estado normal, pois me dizia: «Se pel Novembre saranno composte le sanguinose lotte..., il corso che mi propongo di fare avrà spero numerosi auditori»; e pedia-me, para se ir preparando, que lhe mandasse o *Curso de litteratura portugueza e brasileira*, de Sotero dos Reis. «Quì chi insegna il portoghese al Club Filologico è un brasiliano negoziante e che non va oltra all'insegnare a scrivere lettere commerciali»..., accrescentava Ruscalla. «Avrò una sessantina di volumi in portoghese. La biblioteca della università di Torino ne ha meno assai, e quella del Rè solo dieci; uno solo eccettuato, io posseggo del pari gli altri nove.» Que penuria! (1)

Foi por este tempo que, vendo a maneira censuravel por que era attendida a boa e persistente vontade do illustre escriptor italiano, me decidi a falar no assumpto na Academia das Sciencias e a empenhar n'isso o duque de Avila, seu digno presidente, convencido, como estava, do meu limitado valimento. A Academia porêm não attendeu a pretenção, induzida sobretudo pela opinião de Augusto Soromenho de que Ruscalla não estava convenientemente habilitado para o que se propunha ensinar. Esta opinião, que não deixava de ser em parte verdadeira, não era entretanto opportuna. Nem Ruscalla estava inteiramente habilitado, nem o julgava estar; e tanto, que se preparava por meio do estudo, pedindo esclarecimentos, e pedindo e comprando livros; mas tambem é verdade, que, attenta a quasi completa ignorancia da Italia a nosso respeito, não se devia desprezar o seu offerecimento, antes, acceital-o da melhor vontade, e agradecer-lh'o, pois cumpre aproveitar e agradecer a todos os extrangeiros a sympathia que mostram por este paiz, tão pouco e tão mal apreciado, e os esforços que empregam para o tirarem d'essa obscuridade. Ficaram portanto as coisas em muito peor estado, porque desde então sobre a Academia e Portugal carregou a accusação de indifferença que até alli pesava sobre um ou outro individuo.

Eu pela minha parte fiz quanto foi possivel ás minhas pequenas forças, já do modo que acabo de dizer, já mandando a Ruscalla varias obras e muitos apontamentos litterarios, de alguns dos quaes elle se aproveitou para artigos de jornaes; porque Ruscalla, embora desa-

---

(1) A das bibliothecas de Milão (Brera e Ambrosiana) sei por mim mesmo que tambem é grande.

preciado e desprezado quasi, não deixava de se occupar de Portugal, não só quanto a lettras, mas tambem quanto a politica, do que são testemunho as seguintes linhas: «Io informo di ciò V. S. affinchè conosca che non venne meno in me l'affetto verso la nazione portoghese. Io quì in giornali politici ho combattuto ad oltranza i partigiani della chimerica unità iberica, *la cui consequenza sarebbe lo spegnimento della nazionalità portoghese*. In una parola, sebbene senza corrispondenza letteraria e politica col Portogallo, non pretermisi occasione di riferirne gli avvenimenti, le aspirazioni, le brame d'avere un governo economico e promotore degli interessi industriali».

Alêm das obras mencionadas, Ruscalla escreveu um folheto sobre Gil Vicente, que nunca vi, e, por occasião do centenario de Camões, um artigo no jornal de Milão *La Lombardia* n.º 174.

Teve Ruscalla relações litterarias com os srs. Miguel Martins Dantas, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Antonio Rodrigues Sampaio, Almeida-Garrett, Castilho, Varnaghen (depois visconde de Porto Seguro), Domingos José Gonçalves de Magalhães (o auctor dos *Suspiros poeticos* e da *Confederaçõo dos tamoios)*, Pereira da Silva (o auctor do *Plutarcho brasileiro)*, e porventura com outros, entre os quaes julgo poder contar Mendes Leal e Manuel de Araújo Porto-Alegre (o auctor do poema *Christovam Colombo* e depois barão de Sant'Angelo). Foi, como vimos, professor na Universidade de Turim de lingua e historia roumanas, doutor collegiado na mesma universidade, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa; pertenceu tambem a outras sociedades litterarias; teve o gráu de commendador da Ordem de Christo e o de cavalleiro da ordem brasileira da Rosa; e fez parte como deputado das camaras italianas de 1864 e 1865, pelo menos. Afora estas honras, o parlamento de Boukharest concedeu-lhe a de cidadão roumano em attenção aos seus serviços.

Era sogro de Constantino Nigra, homem de lettras, n'aquelle tempo chefe do gabinete politico no Ministerio dos Extrangeiros, e tinha uma filha chamada Ida, muito nova, a quem ensinara o portuguez, e para a qual me pediu algum livro de contos, a fim de ella os traduzir em italiano e publicar, pedido que satisfiz, enviando-lhe não me lembra que obra.

Ignoro o anno em que morreu este benemerito das lettras italianas, portuguezas e roumanas, e quaes as outras circumstancias da sua vida, que eu folgaria de deixar aqui consignadas como deixo estas, sincero tributo de um amigo reconhecido e de um filho, embora obscuro, do paiz que elle estimou e serviu tanto.

A traducção de Manzoni a que me refiro é a da poesia *Cinque Maggio*, que viu a luz n'outro volume, e a respeito da qual publicou Ruscalla um artigo na *Corrispondenza letteraria*, de Turim (n.º 1, do 1.º de Janeiro de 1865). A versão de Tasso a que alludo é a da *Jerusalem libertada*, em oitava-rima, impressa em 1864, e ácerca da qual Ruscalla tambem escreveu na *Rivista contemporanea*, de Turim.

PROSPERO LASSERE — pag. 277

Pintor francez que viveu muitos annos em Lisboa, e ha alguns é fallecido.

ÁS ARMAS PORTUGUEZAS—pag. 280

Este soneto foi feito por occasião das victorias alcançadas pelos nossos bravos soldados, tanto na Africa Oriental, como na Occidental e em Timor, nos annos de 1895 e 1896; e commemora principalmente a grande façanha de Mousinho de Albuquerque e dos seus quarenta companheiros, em Chaimite, no aprisionamento do Gungunhana.

Á INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES—pag. 289

Ao meu especial amigo e distincto escriptor, o dr. Xavier da Cunha, cabe muito bem a dedicatoria da presente poesia, não só por ser um dos principaes camonianistas, mas tambem pelo seu interessante estudo a respeito das *Endechas a Barbara escrava*, do immortal cantor, com que acompanhou a publicação de versões das mesmas em differentes linguas e dialectos, promovidas na maior parte pela sua diligencia.

D'esta poesia sahiu impressa a primeira parte, não o podendo ser toda, por causa da sua muita extensão, no *Diario de Noticias* de 9 de Outubro de 1867 (*numero dedicado á memoria do cantor das grandezas nacionaes*) no proprio dia em que foi inaugurada a estatua, juntamente com as que fizeram para a solemnidade os srs. Antonio Pereira da Cunha, Mendes Leal, João de Lemos, Gomes de Amorim, Ernesto Marecos, Roque Barcia (hespanhol), Cascaes, Breton y Vedra (hespanhol), Latino de Faria, Oliveira Vaz, Adriano Coelho, Francisco Anon (hespanhol), Eduardo Coelho, Vidal, e Braz Martins. No numero do dia seguinte veio porêm toda em folhetim. Depois formou parte do livro *Album de homenagens a Luiz de Camões—Nova edição dos principaes escriptos em verso e prosa publicados pela imprensa periodica por occasião de se erigir o monumento que á memoria do egregio poeta consagrou a patria reconhecida, colligido por Antonio Maria de Almeida Netto* (Lisboa 1870), e finalmente foi uma das peças da minha *Homenagem a Camões*.

A obra do sr. Guilherme Storck *Aus Portugal und Brasilien,* selecta de traducções suas de poesias breves compostas em portuguez, onde vem a do fragmento da minha, impressa em 1892, já a citei, e é um dos relevantes serviços ás nossas lettras por elle prestados.

E os filhos meus solicitos
Correndo me cercaram;
E o bronze e o liso marmore
E os braços me offertaram;—pag. 291

Referencia a ser feito o monumento por subscripção nacional e por artistas e operarios portuguezes.

Outro Gama te leva a outro Oriente—pag. 292

Por este outro Gama entende-se outro ideal, e não determinada pessoa, como alguem tem querido ver.

CONSELHO — pag. 295

Quando pela primeira vez publiquei estes versos, recebi do grande poeta, que se chamou Antonio Feliciano de Castilho, a seguinte carta, que me comprazo em deixar aqui registada.

Ex.^mo Confrade sr. Ramos Coelho

Lisboa, 19 Junho 72

«Não resisto á ancia de o abraçar em espirito e dar-lhe cordeaes parabens pela sua admiravel poesia, que já três vezes ouvi ler n'este 4.º numero das *Lettras e artes* (aliás *Artes e lettras*).

Que esplendida revindicação para a musa classica! Envergonhem-se, se podem, os que não admittem salvação litteraria fóra do pathos, do abstruzo, do symbolico e do amphyguri alcunhado philosophia.

«Novamente, e cem vezes, parabens por esta sua victoria, e mil agradecimentos pelo gosto que me deu, convencendo-me de que ainda de todo não morreram ás mãos dos modernos barbaros as boas tradições litterarias em Portugal.

«Tenho a honra de me assignar

«De V. Ex.ª

«Agora ainda mais admirador e fiel confrade

(a) *A. F. Castilho.*»

SEMPRE — pag. 298

É resposta ao dito de um meu conhecido, que, tendo feito versos na sua juventude, se admirou de eu os fazer ainda hoje.

ULTIMO ENCONTRO — pag. 300

Foi com effeito o derradeiro que tive com o meu infeliz amigo Jorge Guilherme Lobato Pires, então já atacado de loucura, e que pouco depois falleceu. Este soneto reproduz uma scena real, e o verso com que termina foi o que elle me disse á despedida, ou, antes, ao deixar-me abruptamente. Ignoro se é seu improvisado então ou já escripto ou se d'outrem. Os verdadeiros cultores das lettras conhecem este illustre e mallogrado poeta, cujas obras infelizmente não chegaram a ser impressas em volume, o que bem mereciam. Supponho que tratava d'isso quando adoeceu. Virão talvez a perder-se as manuscriptas, e ficarão dispersas e meio occultas as que sahiram em jornaes. Conservo as mais gratas lembranças da nossa breve camaradagem litteraria. A minha poesia compoz-se muito posteriormente, o que prova não se ter extincto para mim a sua memoria, que ainda dura e durará, com o andar do tempo.

A S.S. LEÃO XIII — pag. 310

A origem d'este soneto é a seguinte. Havendo-se formado no sul da França (em Alais, departamento do Gard) uma associação intitulada:

Comité néo-latin international de la Couronne poétique de Sa Sainteté Léon XIII, com o fim de colligir poesias inéditas que tivessem por objecto este Summo Pontifice, e de formar d'ellas um album de autographos, que lhe seria offerecido, em commeração do seu jubileu episcopal, e depois impresso, recebi nos meados de Janeiro de 1894 uma carta do sr. Sarran d'Allard, secretario geral do mesmo *Comité,* pedindo a minha collaboração, e, outrosim que obtivesse a de alguns dos nossos poetas meus conhecidos, e me encarregasse de formar, a exemplo do praticado em França, Italia e Hespanha, uma secção portugueza, da qual eu seria o presidente. D'esta ultima parte escusei-me logo; nem podia deixar de escusar-me; pois a minha obscura posição social e litteraria e as minhas poucas relações assim m'o aconselhavam. Quanto á segunda, dirigi-me a dez pessoas, que pelas suas idéas (de respeito a Leão XIII ou como chefe da Egreja Catholica, ou como poeta, com exclusão das politicas) e pela sua aptidão julguei mais no caso de me coadjuvarem; mas d'essas dez só quatro responderam ao appello; e foram ellas: os srs. visconde de Castilho, dr. Xavier da Cunha, dr. Candido de Figueiredo e Sebastião Pereira da Cunha. Quanto á primeira, escrevi um soneto (o da presente nota) que enviei ao sr. Sarran d'Allard, juntamente com as composições obtidas.

PREITO—pag. 311

Esta poesia foi feita com o mesmo fim da antecedente, e primeiro do que ella, e terminava então do seguinte modo:

Mas, se elles faltam, sobeja
Braço e fé para a peleja,
E amor puro á Santa Egreja;
Recebe pois nosso amor.

Mal porêm a tinha acabado, lembraram-me as nossas desintelligencias com a Curia por causa do padroado do Oriente, cujo resultado nos foi tão desfavoravel, pois diminuiu em muito a acção moral e o prestigio que ainda alli tinhamos, e substitui-lhe aquelles versos pelos que agora se lêem. É claro que depois d'isto não podia servir para o album. D'aqui procedeu a composição do soneto, que em seu logar mandei para França. Á questão do padroado escrevi em tempo competente os versos que se encontram nas minhas *Novas poesias.*

CANTO SECULAR—pag. 312

Verti esta conhecidissima e tantas vezes traduzida poesia de Horacio, a rogo do fallecido professor e escriptor Francisco Julio de Caldas Aulete, para a sua *Selecta Nacional* (Poesia), publicada em 1877, onde se lê a pag. 209, assim como uma nota elucidativa e encomiastica a respeito d'ella e de mim. Imprimiu-se depois com alguns retoques no volume XXXV do *Instituto*, a pag. 488.

«O poemeto que n'este logar damos á luz, vertido a pedido nosso, é admiravel pela fidelidade e elevação de phrase; é mais um glorioso padrão com que elle (diz essa nota, referindo-se ao traductor) acaba de honrar as lettras patrias. Nenhuma das traducções d'este hymno,

que figuram na grande edição polyglota de Horacio, eguala esta na fidelidade e sabor poetico horaciano, com que tanto se deliciavam os ouvidos dos cidadãos de Roma.»

Alguns julgam que os versos do *Canto secular* eram ditos em coro alternadamente pelos meninos e meninas e pelo povo, e adoptei esta opinião, que se deduz do sentido da propria poesia.

O SEU OLHAR—pag. 316

Vem na collecção de poesias catalans do auctor intitulada *Lo Gayter dell Llobregat*. São essas poesias acompanhadas de traducções em varias linguas; desejou Rubió y Ors algumas tambem em portuguez para o quarto volume; manifestou esse desejo ao sr. dr. Xavier da Cunha; e este meu amigo pediu-me que me encarregasse de uma d'ellas. Eis o motivo da presente versão. A poesia conhecida pelo titulo geral da publicação e outra pelo de *Mos cantars* foram transplantadas para o idioma patrio em verso com toda a felicidade pelo mesmo sr. Xavier da Cunha. A por mim escolhida é muito intima e uma das que o auctor, pouco depois fallecido, mais prezava. O seu merecimento e o de toda a obra correspondem ao bom conceito em que Rubió y Ors é tido pelos seus admiradores.

Á VIRGEM MARIA—pag. 319

Pretendendo Abilio Augusto da Fonseca Pinto, ha annos roubado pela morte, com geral sentimento, ás lettras patrias que tão bem cultivou, publicar o *Parnaso Mariano* (collecção de poesias de auctores antigos e modernos a Nossa Senhora). pediu-me para elle alguns versos. Escrevi estes. Inseriu-os elle primeiro nas *Instituições christans*, de Coimbra, como fazia a todos os outros, para aproveitar a composição typographica na impressão do seu livro; mas os redactores d'aquelle periodico, suppondo ter eu sacrificado ao meu ideal a verdadeira doutrina da Egreja Catholica, desculparam-se com a urgencia da revisão de a terem admittido. Então Fonseca Pinto tomou sosobre si espontanea e obsequiosamente o encargo de defender-me, o que muito lhe agradeci.

A sua defeza, sabiamente deduzida e muito apreciada do publico entendedor da materia, encontra-se no *Instituto*, logo após a minha poesia (Vol. 34, pag. 466) e em nota a ella no *Parnaso Mariano*. Ainda em meu favor escreveu de França o fallecido poeta reverendo Thomaz Blanc algumas considerações, que sahiram no vol. 35 do mesmo *Instituto*, pag. 378, as quaes transcrevo em seguida na integra, não fazendo o mesmo á defeza de Fonseca Pinto, de que só vae o fim por ser muito extensa.

«Concluindo, diz este, como comecei: no que fica exposto desejei protestar pela orthodoxia d'um ponto que julgo leviana e injustamente censurado. Suppor que o snr. Ramos-Coelho na sua formosa elegia quiz dizer que Christo só *ficticiamente* tomara a apparencia de homem, que vestira a fórma humana, como se afivela ao rosto o disfarce de uma mascara, é suppor o que está muito longe do pensamento e até das palavras (bem entendidas) do religioso escriptor. Eliminar a realidade do corpo de Jesus é supprimir a vida mortal do Homem-Deus, que o poeta canta em sentidos versos; é suppri-

mir designadamente a tragedia do Golgotha, que elle nos pinta com tanta viveza; é destruir pela raiz a essencia mesma da crença catholica, á qual mostra prestar inteira adhesão. O poeta merece mais justiça. Os seus versos devidamente interpretados encerram doutrina perfeitamente orthodoxa em completa harmonia com a Escriptura, com os Santos Padres, e com as decisões do mesmo concilio (o de Chalcedonia) que se invoca para os condemnar (o que tudo Fonseca Pinto provou largamente com auctores e textos que omitto por brevidade). A sua formosa elegia, toda impregnada de suavissimo affecto religioso, não visa, nem de longe, a macular a fé catholica, nossa, e egualmente sua, e que resumbra espontanea, eloquente, irresistivel em todos os versos da sua maviosa canção.»

Logo abaixo do escripto de Fonseca Pinto vem o de Thomaz Blanc, dirigido em fórma de carta ao mesmo, que é a seguinte:

«Très honoré Collègue:—Je viens de relire la très belle élégie de votre poëte portugais sur la Vierge au pied de la croix. Mr. Ramos-Coelho n'a voulu montrer qu'une chose: que la divinité de Jesus-Christ mourant sur l'infame gibet se révèle au milieu des cruelles souffrances qu'il endure. En effet l'humanité semble avoir disparu:

> «Il souffre, et il se tait sur ses cruelles souffrances; il meurt et expire en pardonnant; il ne pleure pas, et il ne veut pas qu'on le pleure, parce que la chair qu'il a revetue
>
> «Lui donne l'apparence de l'homme, mais non la réalité; et il reste dans sa nature Dieu comme au paravant.»

«Qu'a voulu dire le poëte?—que Jésus-Christ n'était pas homme et Dieu? nullement. Il a voulu prouver que le divin Sauveur, quoique ayant «la forme de l'esclave» un corps comme le nôtre en apparence, a en réalité un corps auquel n'étaient point inhérentes toutes les faiblesses de l'humanité, toutes les passions, qui sont la suite funeste du péché originel, un corps sans péché, sans souillure. C'est pourquoi il a pris ce corps dans le corps pur et virginal de Marie conçue sans péché et exempt de la souillure commune à tous les enfants d'Adam. Jésus-Christ n'avait donc que l'apparence de l'homme déchu, de l'homme souillé dans son origine, quoiqu'il fût réellement homme, *habitu inventus ut homo,* ayant une double nature, la nature divine et la nature humaine. Mais au milieu des tortures de la crucifixion cette nature humaine est sans faiblesse, comme il convient à l'Homme-Dieu, parce qu'elle est plus parfaite que celle du reste des descendants souillés d'un père coupable.

«Si le poëte nous montre le Fils comme impassible en face de la mort et au milieu des souffrances les plus cruelles, il place sous nos yeux la Mère désolée, le cœur percé par le glaive de la douleur, qui l'oppresse, et qui se répand en gémissements et en sanglots.

> «Elle gémit, elle pleure, pousse des sanglots, en voyant suspendu à la croix, pâle et agonisant, son Fils, son Jesus.»

«Ceux qui aiment à épiloguer sur les mots pourraient encore blâmer notre poëte d'avoir appliqué à Marie l'épithète de «*divina*», *divine;* cette expression est généralement employée et reçue dans les cantiques français. Faudrait-il en conclure que Mr. Ramos-Coelho croit que la Sainte Vierge n'est pas une créature, qu'elle n'a plus no-

tre nature, mais qu'en devenant mère du Sauveur elle a pris la nature divine? Qui oserait le soutenir?

«En resumé, je crois que certaines expressions employées par notre poëte—*prout sonant*—peuvent prêter le flux à la critique, mais que, sérieusement examinées, elles peuvent recevoir un sens trés orthodoxe.

«Qu'on n'oublie pas que, s'appuyant sur l'autorité du maitre, les poëtes peuvent se montrer *hardis;* que c'est un privilège que leur accorde le chantre de Tibur:

Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

«Il ne faut donc pas trop se presser de critiquer les favoris des muses, mais attentivement péser les mots qu'ils emploient pour en bien pénétrer le sens.

«J'ai l'honneur d'être avec le plus profond respect votre très humble et très reconnaissant serviteur et collègue Thomas Blanc. Domazan, 18 Janvier 1888, par Aramon, Gard.»

A poesia á *Virgem*, álêm de sahir nas *Instituições christans* e no *Parnaso Mariano,* imprimiu-se tambem no *Instituto* antes da sua defeza, nos *Reflexos* e nas *Poesias vertidas.*

E a todos que encontra anciosa
Pergunta: ó vós que passaes,
Dizei-me se dor como esta
Houve no mundo jamais.—pag. 319

Estes versos são quasi a traducção de parte do versiculo 12 das *Lamentações* de Jeremias:

«O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus».

A UNS VERSOS MEUS—pag. 326

Os versos a que alludo acham-se nos meus *Preludios poeticos,* a pag. 247. Eil-os:

Amo a fonte onde pela vez primeira
Ambos nos encontrámos,
A cujo brando som tantas palavras
De amores mixturámos.

DO CANTO I.º DO INFERNO—pag. 329

Visto que já foi publicado este fragmento no prologo, com que o meu amigo, o sr. dr. Xavier da Cunha, acompanhou a traducção d'aquella parte do poema do immortal florentino, feita pelo fallecido escriptor Domingos Ennes, resolvi-me a inseril-o na presente collecção. De outro modo ficaria inedito.

Sobre o que infundadamente correu na imprensa de eu intentar verter a trilogia de Dante veja-se o mesmo prologo e a nota n'este volume á poesia—*A Vegezzi Ruscalla*—pag. 801.

AO SR. JOSÉ LAMARQUE DE NOVÔA—pag. 333

Tendo este poeta hespanhol vertido o meu soneto *Amor na morte,* pouco depois de eu o publicar no meu volume de poesias intitulado

Reflexos, fiz-lhe o presente, a que elle replicou com o seu *Contestacion*, que vae em seguida acompanhado da traducção do sr. Prospero Peragallo. O de Novôa sahiu á luz pela primeira vez no jornal de Sevilha *El Programa* de 1 de Outubro de 1899 juntamente com o meu, a que é resposta, com o meu *Amor na morte* e com a sua versão, e pela segunda com esta, com o meu original *Amor na morte* e com a versão italiana da *Contestacion* no livro de poesias de Novôa *Desde mi retiro*. A *Contestacion* e a versão do sr. Peragallo sahiram tambem nas *Poesie portoghesi e sivigliane* d'este ultimo, razão por que tambem aqui as dou unidas.

PARA UMA CORÔA—pag. 338

Esta corôa devia ser posta, e julgo que o foi, no tumulo de Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, filho do estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, pela viuva d'aquelle, a Condessa de Geraz de Lima. Os versos pediram-m'os para esse fim.

A TASSO EM SANTO ONOFRE—Id.

O presente soneto foi inspirado pela visita que fiz a 5 de Novembro de 1887, no dito convento, á cella onde morreu o celebre poeta, e onde se guardam alguns dos objectos que lhe pertenceram; nem podia deixar de cumprir este acto piedoso como seu admirador enthusiasta e como traductor do seu famoso poema. Nenhuma das grandezas de Roma produziu em mim uma impressão semelhante á d'esse pequeno quarto cheio todo de memorias suas e que se nos afigura habitado por elle ainda: as outras abalam e commovem profundamente a intelligencia; esta abala e commove profundamente o coração. É em geral sabido como constantemente foi victima da desgraça o auctor da *Jerusalem libertada*, desgraça que emparelhou na grandeza com o seu genio: os seus amores infelizes, as perseguições que lhe moveram, a sua reclusão por louco no hospital de Sant'Anna, de Ferrara, a sua quasi miseria, a sua vida irrequieta e errante, e como emfim, acolhendo-se áquella casa religiosa, ahi exhalou o espirito, quando estava para ser coroado no Capitolio. O seu tumulo, obra do artista Fabris, acha-se na egreja do convento, na primeira capella da esquerda, entrando. Para elle lhe trasladaram os restos mortaes, que até então haviam jazido n'uma humilde sepultura, em 1857. O meu amigo, o fallecido Marciano da Silva, pintou um quadro, julgo que em Roma, onde estudou algum tempo, intitulado *Os ultimos momentos de Tasso*, em que o representa passeando na cerca do convento, da qual se avista uma boa parte da cidade, pois Santo Onofre fica sobre o monte Janiculo, ajudado por dois frades. Esse quadro, que elle trouxe, quando recolheu a Portugal, consta-me que pertence á galeria d'El-Rei. O presente soneto publiquei-o no *Occidente* em 1895, antecedido d'algumas linhas explicativas, por occasião do centenario da morte do grande poeta, n'esse anno celebrado em Italia. Julgo que foi a unica demonstração que houve em Portugal d'este facto; e só tomei sobre mim tal encargo por me competir mais do que a outrem, á vista de uma das razões acima apontadas: a de ser traductor do seu poema.

A UNS ANNOS—pag. 339

Foi feita a pedido, para se recitar n'um theatrinho de familia, festejando os annos do dono da casa.

VENEZA—pag. 341

Publicou-se no vol. 11 do *Occidente*, a pag. 78; e d'ella se fez então uma pequena tiragem á parte, que não foi posta á venda. É inspiração da minha chegada a esta cidade, a 23 d'Outubro de 1887 ás 7 ½ da noite.

Negra qual coche funebre—Id.

Parecem-no as gondolas, porque são pintadas de preto, e algumas teem o camarim, onde vão os passageiros, todo coberto por cima com um panno da mesma côr. As almofadas dos assentos do camarim são tambem revestidas de coiro negro. Pessima idéia, que torna estes graciosos barcos uma especie de carros de enterro! Que contraste com os nossos de cores vivas e alegres!

O gondoleiro attento
Mixtura como annuncio
De quando em quando a voz.—Id.

Referencia aos gritos do gondoleiro para evitar o abalroamento quando volta de um canal para outro. São dois: o primeiro avisando que se approxima (già è), e o segundo á direita (premè) ou á esquerda (stalì).

Deram-te no oriente as luzas quinas

Golpe, golpe mortal; não menos forte
Deu-t'o na terra e mar o musulmano,
Depois Napoleão votou-te á morte,
E entregou-te da Austria ao jugo insano.—Pag. 342

É quasi escusado dizer que estes versos alludem á passagem do commercio da Asia, dos venezianos para os portuguezes, depois da descoberta da India; ás victorias da Turquia sobre Veneza no Mediterraneo, em que lhe tomou Chypre, as Cicladas, Candia, a Moréa etc.; á extincção da Republica em 1797 por Napoleão; e á cessão do seu territorio á Austria pelo tratado de Campo Formio.

Porêm esta velhice, esta rudeza,
Esta auzencia de estrepito e de vida,

Estas ruas que o animo entristecem,
Estas casas sem mimo e sem conforto,

Que sós, deshabitadas nos parecem;
O palacio ducal bello, mas morto

E ermo, cheio só da gloria antiga &—Pag. 343

É profundamente triste a impressão do viajante que se demora em Veneza alguns dias, pelo menos, e não se limita a ver a parte melhor e mais animada, a do Canal Grande, mas a percorre em todos os sen-

tidos e a observa com os olhos do preterito e do presente. O deserto das ruas, a vetustade, pobreza e pequenez da maioria das habitações, a falta de ruído, pois todos andam ou a pé ou embarcados, visto que a cidade, pelos seus continuados canaes e pontes com degráus, não admitte nem carros, nem cavalgaduras, o funebre aspecto de muitos d'esses canaes, a escuridão de muitas d'essas ruas, em geral estreitissimas, e ás vezes a proximidade do mar, quando, como do lado do norte (Santa Maria del Orto, Sacca della Misericordia, Fondamenta Nuove &), despovoado de navios, estende a perder de vista a solidão das suas aguas, tudo nos péza n'alma e nos enche de desanimadora melancholia. A visita ao palacio dos doges tambem é triste: admiram-se as suas bellezas, a sua grandeza, mas esta mesma grandeza, sem habitantes e como que abandonada, confrange-nos o espirito. Só á custa de evocar os seculos é que o povoamos, porêm de sombras.

Este de pombos infinito bando,
Superstição de um tempo venturoso,—pag. 343

Estes bandos de pombos reúnem-se na praça de S. Marcos, onde a Camara de Veneza os sustenta em memoria dos que no seculo XIII contribuiram, pelos avisos que levaram ao almirante Dandolo, para a conquista da ilha de Candia, que elle cercava.

E de Marino pela sombra augusta — Id.

Entenda-se o doge Marino Faliero, elevado ao poder em 1354, depois de ter servido gloriosamente a republica durante muitos annos, e decapitado em 1355, no seu proprio palacio, como auctor de uma conspiração, cujo fim era o morticinio de todos os patricios. Esta personagem bem conhecida na historia, é-o ainda mais por causa das tragedias de Byron e de Casimir Delavigne.

O palacio ducal...
Que o patib'lo, a prisão e o throno abriga — Id.

Assim era; porque, alêm de morada para os doges, tinha prisões, e bem horrorosas, e logar para a execução dos condemnados politicos, o que ainda hoje se vê.

Templo, onde três religiões se adoram:
Deus, patria e arte; oriental poema,
Cujo estylo e tropheús a Asia memoram, — Id.

A egreja romano-byzantina de S. Marcos, famosa pela sua architectura e opulencia, e não menos pelas memorias que encerra dos tempos aureos de Veneza.

VEM TOMAL-A — pag. 344

Tendo o sr. Sarran d'Allard, escriptor francez, a que já me referi (vid. a nota á poesia — *A Leão XIII)*, feito este soneto em provençal para festejar o anniversario do seu amigo, o sr. barão de Tourtoulon, fundador da *Revue du monde latin*, e querendo acompanhal-o de traducções em diversas linguas, pediu-me que fizesse a portugueza, ao que accedi, servindo-me d'uma versão que me enviou.

Vem tomal-a—foram as nobres palavras com que um dos senhores de Tourtoulon, no seculo XV, respondeu ao inimigo que o cercava dentro de um castello, situado na Auvergne, antiga provincia de França, quando o intimou a render-se.

Occitana, da terra da lingua d'oc. Francimans, segundo me diz o sr. Sarran d'Allard, é o nome que dão aos centralisadores que a todo o custo combatem o idioma do sul da França, a lingua d'oc.

INSCRIPÇÃO—pag. 347

Esta inscripção, como outras muitas, que teem feito poetas e não poetas, não se poz no logar competente, e significa mais que tudo o desejo de alli se insculpir alguma, que assignale e perpetúe o sitio do castello de Milão, onde D. Duarte, o Infante-Martyr da restauração portugueza, penou sete annos preso pela tyrannia de Hespanha, e afinal exhalou o ultimo suspiro. Muito desejaria eu effectuar tão piedoso intento; mas falta-me influencia para isso. Estimo estes versos como lembrança de quando visitei e examinei aquelles logares com o distincto architecto milanez, o sr. Lucas Beltrami, para a composição da *Historia* do Infante, que então escrevia e depois publiquei. A descripção do castello e da prisão, onde morou o Infante, vem no 1.º volume da mesma *Historia*, pag. 542 e 554.

Isto dizia eu nos *Reflexos* em 1898. O meu desejo de no castello se pôr uma memoria de ter estado alli preso e de alli ter morrido o Infante D. Duarte realizou-o porêm em 1904 o nosso illustre compatriota o sr. Mauricio Bensaude, o qual á sua custa mandou fazer a competente lapide, que foi inaugurada a 15 de Novembro do mesmo anno, com a assistencia de varias auctoridades, nossas e italianas. É pouco todo o elogio que se tribute ao sr. Bensaude pelo seu nobre e generoso procedimento; e eu, como portuguez e como historiador do Infante, aqui lhe apresento publicamente a minha homenagem de gratidão respeitosa. Se não concordei, nem concordo, com a inscripção, isso não tira nada ao grande merito do seu serviço ao nosso paiz, nem significa da minha parte (é bem que se note) despeito por não se collocar no castello a que aqui publico em verso, ao contrario do que se julgou até na imprensa, porque não foi feita para esse fim, conforme colligirá da presente nota dada á luz (a sua primeira parte) nos meus *Reflexos* em 1898, quem a lêr com olhos despreoccupados. A inscripção é: Don Duarte de Braganza generale al servizio della Germania morì prigioniero in questa Rocchetta vittima della ragione di stato a dì III dì settembre MDCXLIX dominando gli spagnoli. Anno MCMIV. P.

Esta incripção ficaria bem, se fosse posta no castello quando Hespanha era senhora do Milanez; mas agora que ella é do reino de Italia, que se diz livre, e que, de mais a mais, é governada por soberanos parentes dos nossos, agora não tem admissão possivel. Em vez das palavras—general ao serviço da Allemanha—ou antecedendo-as, devia portanto lêr-se, depois de—D. Duarte (sem o de Bragança, que não era preciso)—irmão do rei de Portugal D. João IV.—Isto é que se entendia; que era claro e era justo. Não culpo o sr. Bensaude, extranho ao caso; seria este apenas devido a descuido de quem redigiu a inscripção; mas não é menos digno de reparo esse descuido e o das auctoridades portugueza e italiana que o consentiram.

Á ILHA DA MADEIRA—pag. 348

Ao sr. dr. Fernandes Falcão, ornamento da advocacia portugueza, caracter bom e verdadeiro, deixo na dedicatoria d'esta poesia um signal da minha consideração e antiga amisade.

Em manto de neblina te embuçavas—Id.

Assim estava sempre esta ilha, toda vestida de espesso arvoredo; e por isso não foi descoberta durante o espaço de alguns mezes, se não de um anno, pelos moradores da de Porto Santo, que a não distinguiam, e que só, quando chegaram perto d'ella, viram ser uma terra, em vez de uma sombra ou nevoa, como até alli julgavam. Esse espaço fiz desapparecel-o, tornando successivos immediatamente os dois descobrimentos, por conveniencia poetica.

Ao generoso brado
Do grande Infante de perpetua fama,
Quando, assim como de Synai o monte,
Sagres de raios coroou a fronte,
E, desmedido pharo,
Ao marinheiro ignaro
Fez dissipar as trevas do horizonte.—Id.

Allusão á residencia do iniciador e propugnador das nossas empresas maritimas, o Infante D. Henrique, junto d'aquelle promontorio, e aos conhecimentos seus e dos homens de sciencia e de arrojo, que o rodeavam, e destruiram as lendas pavorosas, com que a ignorancia e a phantasia povoavam o oceano Atlantico, unico sentido este em que se pode tomar a denominação de Escola de Sagres, na qual muitos teem querido ver a existencia de uma especie de academia estabelecida no mesmo logar, mas sem nenhum fundamento.

D'esta poesia fez-se uma tiragem de cem exemplares para presentes.

Do teu fogo int'rior, do mar és filha,—pag. 350

Como se sabe, a ilha da Madeira é um vulcão extincto.

Á POLONIA—pag. 354

Na relação dos membros do quinto congresso da Imprensa, celebrado em Lisboa no mez de Setembro de 1898, não especificaram alguns jornaes os da Polonia, pois alli os incluiram como pertencendo a um dos paizes por que aquella desditosa nação foi injusta e violentamente repartida. A este lamentavel facto acudiu o sr. Szczepanski, um dos sete congressistas polacos, dirigindo ao *Diario de Noticias* uma nobre carta, em que o rectifica, a qual termina com o seguinte paragrapho:

«Nous vous prions de donner ces détails parce qu'on nous confond avec des délégués des autres nations—et nous tenons à constater que les délégués de la presse polonaise de toutes parties de l'ancienne Pologne ne représentent qu'eux mêmes, c'est á dire, la nation polonaise, qui, malgré qu'elle est divisée parmi trois états—reste *une* dans sa totalité.»

Da leitura d'esta carta, e immediatamente a ella, nasceu a minha poesia, que publiquei, pouco depois de composta, no *Occidente* (n.º 712), e em seguida á parte n'uma tiragem de quarenta exemplares, que não entrou no mercado, sendo o fim principal d'esta mandal-a para a Polonia, onde acolheram os meus versos com o maior enthusiasmo. A versão que d'elles fez em prosa franceza o sr. Salema Barbosa, official do nosso exercito, viu a luz no *Bulletin Polonais* que se publica em Paris, no n.º de 15 de Dezembro de 1898, e pouco depois o sr. Wenceslau Gasztowtt, professor da escola franco-polaca da mesma cidade, mandou-me pedir licença para tambem a traduzir, o que não sei se realizou. A traducção do sr. Millien sahiu a primeira vez nas *Poesias vertidas.*

INCITAMENTO—pag. 359

Foi escripta a pedido da Redação da *Provincia*, do Porto, para o numero 4 de Fevereiro de 1899 d'este jornal, commemorativo do centenario de Almeida-Garrett; e dediquei-a ao Atheneu Commercial d'aquella cidade, e chamei-lhe *Incitamento,* porque o foi ao proposito da mesma corporação de fazer com que se lhe erijisse um monumento, proposito, infelizmente, não levado até hoje a effeito. Para o mesmo fim concorri com cem volumes dos *Reflexos,* que então se haviam acabado de imprimir, e onde vira a luz a dita poesia.

HENRIQUE FAURE—pag. 363

O sr. Henrique Faure, ha pouco tempo fallecido, escriptor francez, antigo e festejado amigo das nossas lettras, traductor do *Frei Luiz de Sousa*, do *Camões,* e de parte das *Viagens na minha terra (La jeune fille au rossignol)*, de Garrett.

QUADRAS POPULARES—pag. 364

Resultado de mero passatempo e alheias á tenção de se imprimirem, aconselharam-me todavia alguns amantes do genero que as désse á luz; hesitei bastante; emfim decidi-me a incluil-as na primeira edição dos *Reflexos*, e agora aqui as reimprimo nas minhas *Obras poeticas.* Nada valem; são uma imitação, um ensaio, e apenas um tributo especial de affecto pelo melhor dos povos, o povo portuguez, e pela sua singela e maviosa poesia, tirado do intimo d'alma de um seu irmão amantissimo. Algumas apartam-se um pouco do estylo popular, mas não duvidei incluil-as debaixo do mesmo titulo.

VESPERTINAS

AOS MEUS TRADUCTORES—pag. 372

Esta poesia serve de introducção ao meu livro publicado em 1907 com o titulo de *Poesias de Ramos-Coelho vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez pelos snrs. Thomaz Cannizzaro, Prospero Peragallo, Sólon Ambrosóli, Luiz Brignoli, José Bénoliel, Lamarque de Novôa, Göran Björckman, Achilles Millien, e Henrique Faure,*

a que me tenho referido varias vezes. Entre os traductores mencionados unicamente falta o ultimo, porque a sua versão foi feita posteriormente á composição da poesia da presente nota.

Quando publiquei em folheto esta poesia, que antes sahira no periodico litterario *O Occidente* (anno 1904, pag. 130), mandei alguns exemplares ás pessoas n'ella nomeadas, e o doutor Ambrosóli respondeu-me agradecendo com estes versos:

Da le rive del Tago remote
Una voce per l'etra sali;
Gittò ai venti le magiche note,
E una schiera dispersa l'udì.

E d'Italia, di Francia, di Spagna
Calda un'eco quel suono destò...
Col saluto di Svezia e Alemagna
A le rive del Tago tornò.

A UMA JANELLA—pag. 374

É o mesmo assumpto das pag. 269 e 270.

Á BANDEIRA PORTUGUEZA—pag. 375

Imprimiu-se no *Culto da Bandeira,* do capitão-tenente da armada sr. Leotte do Rego, antecedendo a conferencia feita pelo mesmo a este respeito na Liga Naval na noite de 14 de Maio de 1907; e depois no *Occidente*, n.º 1037 (d'esse anno), pag. 226.

Foram baldados todos os pedidos que fiz ao sr. Xavier da Cunha para diminuir os elogios que mè faz no seu bello soneto adeante impresso, elogios exaggerados e immerecidos. Ahi vão pois como foram compostos, sem alteração alguma, e com o meu publico protesto de agradecimento.

FRANCISCA DE RIMINI—pag. 382

Dante, guiado por Virgilio, desce do primeiro circulo do inferno para o segundo, onde Minos sentenceia as almas condemnadas. «Io venni», diz o poeta,

Io venni in luogo d'ogni luce muto
Che mugghia come fa mar per tempesta,
Si da contrari venti è combattuto.

La bufera infernal, che mai non resta,
Mena gli spirti con la sua rapina,
Voltando e percotendo li molesta.

Quando giungon davanti alla ruina,
Quivi le strida, il compianto e 'l lamento,
Bestemmian quivi la virtu divina.

Intesi ch' a così fatto tormento
Eran dannati i peccator carnali
Che la ragion sommettono al talento.

E come gli stornei ne portan l' ali
Nel freddo tempo a schiera larga e piena;
Così quel fiato gli spiriti mali,

Di quà, di là, di giù, di sù li mena:
Nulla speranza li conforta mai
Non che di possa ma di minor pena.

E come i gru van cantando lor lai,
Facendo in aer di se lunga riga;
Così vid' io venir traendo guai

Ombre portate dalla detta briga:
Perch' io dissi: maestro che son quelle
Genti che l' aer nero sì gastiga?

Responde-lhe Virgilio citando os nomes de diversos condemnados: Semiramis, Dido, Cleopatra, Helena, Achilles, Páris, Tristão, e outros muitos; e então segue a parte do canto que traduzi.

Julguei necessarias esta explicação e transcripção. Lidas attentamente, entende-se e aprecia-se muito melhor o episodio de Francisca de Rimini.

A VIEIRA LUSITANO — pag. 386

Tendo-me mostrado desejos o meu amigo, o Visconde de Castilho, de que eu compuzesse uma poesia para a obra *Amores de Vieira Lusitano*, que elle então escrevia, mandei-lhe a presente, que inseriu na mesma, a pag. 276.

Para boa intelligencia d'estes versos, cumpre lembrar a duradoira e contrariada paixão do artista pela que depois veio a ser sua mulher querida, paixão de que é objecto a sua obra: *O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, historia verdadeira que elle escreveu em cantos lyricos*, tornando assim inseparavel o seu nome do de Ignez, e dando occasião ao sr. Visconde de Castilho para perpetuar a mesma paixão no seu bello livro.

A GLORIA DE CABRAL — pag. 389

Foi-me pedida a composição d'esta poesia pela Redacção do *Brasil-Portugal* para o numero d'este periodico litterario destinado ao quarto centenario do descobrimento das terras de Santa Cruz, e n'elle se publicou com bastantes erros, por haver pouco cuidado na revisão das provas, que, posto as pedisse, me não mandaram.

E nem sequer uma de tantas ilhas
Que julgam n'elle haver — Id.

As ilhas dos mappas conjecturaes, feitos pelos cartographos, ao sabor da sua imaginação, como, por exemplo, o de Toscanelli, consultado por Colombo e pelo governo portuguez.

Instrucção a Cabral — Id.

Não se conhece das instrucções dadas a Cabral senão um frag-

mento a respeito da India; acredito porêm que devia existir n'ellas um capitulo recommendando-lhe que, visto ir tanto para occidente, a fim de melhor dobrar o cabo da Bôa Esperança, examinasse aquelles mares, a ver se encontrava alguma terra desconhecida. Nem seria a primeira vez que o nosso governo tentasse semelhante pesquiza, porque já em 1498 a encarregara a Duarte Pacheco, levado de egual proposito, conforme este declara no seu *Esmeraldo de Situ Orbis.*

O dito capitulo não teria logar, porventura, antes d'este facto, e principalmente antes da feliz viagem de Colombo; mas depois, tudo aconselhava que se não deixasse perder tão bello ensejo, qual era o da ida de Cabral á India. E digo que antes o governo portuguez não incluiria aquelle capitulo nas suas instrucções, antes sobretudo da viagem de Colombo, porque até então, embebido na idéia das navegações orientaes, apesar de haver mais de cincoenta e três annos que os portuguezes tinham achado os Açores, a meio caminho da Europa e do novo continente, não só não impulsionou os descobrimentos para aquelle lado por conta propria, mas até mesmo não favoreceu como podia as expedições particulares, que dos Açores e da Madeira para alli partiram, privando talvez assim Portugal da gloria de patentear ao mundo a sua quarta parte.

Nem unicamente supponho com toda a probabilidade que houve esse capitulo; mas ainda me inclino a que a vontade de adquirir um nome, que emparelhasse com o dos grandes navegadores portuguezes, influiria em Cabral para persistir no rumo do occidente.

Deve-se outrosim lembrar que a 11 de Maio de 1500 se passou carta de doação a Gaspar Corte-Real das terras e ilhas que encontrasse, (1) e que a noticia dos passos anteriores a tal doação (coroada de bom exito, o descobrimento da Terra Nova), provavelmente sabidos de Cabral, que partira dois mezes antes, tambem contribuiria para robustecer as suas ambições de gloria.

A questão de não ser casual o descobrimento do Brasil tem tido defensores e impugnadores. Contam-se entre aquelles, que eu saiba, Varnhagem, (2) Major, (3) Joaquim Norberto de Sousa e Silva, (4) Pinheiro Chagas, (5) o sr. Baldaque (6) e o sr. João Braz de Oliveira, (7) estes dois officiaes da nossa armada. Transcreverei as palavras do ultimo, que mais cabem aqui pela sua brevidade, e que mais se conformam com o meu modo de ver.

Estabelece o sr. Oliveira que os pilotos portuguezes mudaram as suas derrotas, em virtude do avanço das descobertas para o sul, do conhecimento da brisa de Cabo Verde, das calmas do golfo de Guiné, do geral de sudeste, e sobre tudo do Cabo da Bôa Esperança, e que, para fugirem das ditas calmas e ganharem barlavento, tanto se alongaram para oeste que foram ter ao Brasil; e prosegue:

«Este facto pode admittir-se como derivado dos anteriores descobrimentos de Colombo; pois, estando provado haver ao occidente

(1) Arch. da Torre do Tombo, *Misticos*, vol. 5.º, fol. 46 e *Chanc. de D. João 3º*, liv. 35, fol. 2 v.
(2) *Panorama*, 4.º vol., pag. 21.
(3) *Lyfe of the Prince Henry*, pag. 409.
(4) *Memoria*, na *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brasil*, vol. 18, pag. 289
(5) *Historia de Portugal*, vol. 3.º
(6) *O descobrimento do Brasil*, no *Centenario do descobrimento da America*.
(7) *Os navios de Vasco da Gama*, no mesmo *Centenario*.

terras, era provavel que se prolongassem para o sul. Accrescia ser vantajoso continuar no bordo de oeste para melhor ir de bordada larga montar o Cabo; e sem pensar em ter ou não havido instrucção especial para procurar a nova terra pelo sul, parece natural que um navegador experimentado tivesse desejos de seguir na bordada mais alguns dias ao rumo do poente, e demais sem perder caminho, e a fortuna lhe tivesse confirmado as previsões.»

Idéia de haver um continente—pag. 390

A idéia de haver um continente do norte ao sul alêm do Atlantico já existia em 1501, e poderia existir com menos fundamento mesmo em 1500. Na carta de Pedro Pascualigo ao Senado de Veneza, de 18 de Outubro d'aquelle anno, já se diz, annunciando a chegada a Lisboa de uma das duas caravelas da segunda expedição que D. Manuel mandou em 1501, sob o commando de Gaspar Corte-Real, que os seus tripulantes acreditavam ligarem-se as terras, que acabavam de descobrir, ás outras, que tinha descoberto na primeira viagem em 1500 o dito Corte-Real, ás Antilhas dos hespanhoes e ao Brasil. (1)

Aves á chegada de Cabral—pag. 392

A verdura que boiava no mar, e os bandos de aves que appareceram pouco antes de se ver terra. (2)

HYMNO PORTUGUEZ—pag. 396

Como digo, é apenas um projecto. Foi-me pedida a sua composição por um amigo, e não tem musica, nem se divulgou.

N'UM ALBUM—pag. 399

As principaes idéias d'esta poesia não me pertencem. Revesti-as, e nada mais. Não tendo porêm servido o meu trabalho litterario para o fim a que se destinava, decidi imprimil-o aqui, pedindo desculpa ao auctor das mesmas idéias da collaboração a que o obrigo.

A CERVANTES—Pag. 401

Figurou manuscripta esta poesia na exposição commemorativa do terceiro centenario da primeira edição do *D. Quichote de la Mancha* do grande hespanhol, que se realizou na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 8 a 31 de Maio de 1905, e viu a luz da imprensa no folheto *A exposição Cervantina*, do conspicuo e zeloso director da mesma bibliotheca, o sr. doutor Xavier da Cunha, que a promoveu com o intuito louvavel de bem servir aquelle importante estabelecimento publico, sem olhar, como outras vezes tem feito, nem a trabalhos, nem a malevolencias, nem a invejas. Foi a seu pedido que fiz esta poesia.

---

(1) *Centenario do descobrimento da America.*
(2) Arch. da Torre do Tombo, Gaveta 8, Maço 2, num. 8. (Carta de Pero Vaz Caminha).

AO CENTENARIO DE BOCAGE—pag. 407

Este soneto composto para as festas que se celebraram em Setubal solemnisando a data do seu fallecimento, foi n'ellas recitado por Manuel Maria Portella, poeta da mesma cidade, e acerrimo cultor da memoria do seu grande conterraneo. Depois sahiu no *Occidente*, no vol. 29 (1906), pag. 138.

Antonio Feliciano de Castilho compoz um soneto por occasião de se inaugurar o monumento a Bocage em Setubal no anno de 1871, que tambem acaba com o verso final do meu, alterado porêm na sua contextura, para o tornar de heroico em alexandrino, harmonisando-o assim com os restantes, que alexandrinos são egualmente. Não conhecia eu este soneto e só o vi no vol. III das *Novas telas litterarias* do grande poeta, publicado em 1908. No mais, a sua poesia e a minha são inteiramente diversas.

AO MAR—pag. 408

Publicou-se, pouco depois de composta, na *Liga naval portugueza*, serie VIII, n.º 3, 1909.

A SANTAREM—pag. 410

Serviu-me para esta versão a portugueza que vi n'um escripto, cujo titulo e auctor me fugiram da memoria. Ibn-Abdum era um poeta arabe, de Evora.

Á CASA DE MEUS PAES—Id.

É tão pessoal e intima esta poesia, que até ha pouco eu estava no firme proposito de a não imprimir; o acolhimento porêm que tiveram outras semelhantes que viram a luz publica nos *Lampejos*, *Cambiantes* e *Reflexos*, e o conselho de alguem fizeram com que a tirasse da obscuridade onde viveu commigo tantos annos. Entretanto é com certa repugnancia que a isso me determino, porque mais do que em nenhuma entro n'ella em minucias ácerca da minha vida, e a minha vida sem importancia não as merece.

QUADRAS POPULARES—pag. 414

Não desagradaram geralmente as que publiquei nos *Reflexos*. Eis o motivo por que vão affrontar a publicidade estas insignificancias.

FRAGMENTOS DE UM POEMA—pag. 416

Tinha mais de quatro mil versos; e d'elle só resta o que aqui fica. O caso não pede outra explicação.

JERUSALEM LIBERTADA

JERUSALEM LIBERTADA—pag. 443

Em 1880, o professor Jacopo Ferrazzi, publicando em Bassano a

sua curiosissima obra: *Torquato Tasso, studi biografici-critici-bibliografici,* inseriu n'ella o seguinte parecer ácerca das traducções portuguezas da *Jerusalem libertada*: «La versione del Mattos è molto elegante e nell' insieme ben metrificata; del Tojal non abbiamo che i primi cinque canti: abbastanza melodiosi ne sono i versi, ma troppi gli errori madornali. Il Ramos quasi pareggia il Mattos nell' eleganza: ma vince tutti i suoi predecessori nella fedeltà. Il sig. Pereira, senza contrasti, ha il vanto di esprimere fidelissimamente il genuino pensiero del sublime cantore del Goffredo».

Conforme acabamos de vêr, Ferrazzi cita como diversa da de Mattos a versão falsamente attribuida a Tojal. P. G. Maggi na conferencia que fez em Milão no Instituto Lombardo a 23 de Dezembro de 1869 a respeito da minha traducção, e que n'aquella cidade no mesmo anno se imprimiu, com o titulo: *Di una versione portoghese della Gerusalemme Liberata di Torquato Tasso,* é de egual parecer. Alêm d'estes dois auctores entre nós tambem varias pessoas, e algumas até por escripto, assim o teem julgado, levadas naturalmente, umas pelo exame superficial que fizeram do assumpto, e outras por confiarem ás cegas na opinião dos que os precederam ou informaram.

Pois, apesar de tantos testemunhos em contrario, a versão chamada de Pedro de Azevedo Tojal, de que apenas sahiram cinco cantos em 1733, é a de Mattos, emendada por aquelle ás vezes para melhor e ás vezes para peor; o que resalta não só do confronto das duas obras, mas até simplesmente (o que é mais para notar) do que diz o proprio Tojal no seu prologo, onde se lêem estas palavras bem significativas:

«Eu... me resolvi a incansavelmente vencer com o trabalho o que o traductor (Mattos, a quem antes se refere), a ter mais paciencia, sem duvida que mais cabalmente conseguiria com o engenho: e assim fiz todo o possivel por afinar a lyra portugueza pela toscana, seguindo os passos (note-se) da mesma traducção, se bem que por differentes pontos, pelas mesmas cordas, retocando sómente aquellas que me parecerão mais dissonantes».

E que Tojal só corrigiu a traducção de Mattos melhor se evidencia do seguimento do mesmo prologo, onde cita os defeitos em que incorreu o seu antecessor e se propõe emendal-os, e das passagens de ambos os auctores que trancrevo adeante.

Á vista do exposto, as quatro versões que conta Ferrazzi ficam reduzidas a três; a saber: a de Rodrigues de Mattos, impressa em Lisbôa em 1682, reimpressa em Coimbra em 1859, e reimpressa emendada por Tojal (só os cinco primeiros cantos) em Lisbôa em 1733, a minha, e a do doutor João Felix Pereira, publicadas ambas na mesma cidade, a primeira em 1864 e a segunda em 1877.

Alêm d'estas traducções dadas á estampa, ha duas manuscriptas, existentes, uma no Archivo da Torre do Tombo, e outra na Bibliotheca Nacional de Lisbôa, ambas em oitava-rima, que não são mais do que a de Mattos alterada, e de egual merecimento á d'este, e uma em prosa no dito Archivo, indigna de toda a consideração. De todas três, assim como da de Mattos e da attribuida a Tojal, escreve larga e proficientemente o sr. dr. Xavier da Cunha nas suas *Impressões Deslandesianas*, apresentando os fructos da analyse a que as sujeitou, os quaes vieram confirmar, com maiores provas, o estudo menos minucioso que eu d'ellas fizera em tempo, e que me levara á convicção do que acabo de expor.

Quanto ao juizo de Ferrazzi sobre a minha versão, eis o que o mesmo sr. doutor Xavier da Cunha imprimiu na dita sua obra (de pag. 224 a 226 do primeiro volume), onde espontanea e generosamente sahiu em minha defesa, ao tratar da primitiva edição do escripto de Mattos, por sêr feita na typographia de Miguel Deslandes.

«Se, diz elle, depois de reproduzir a opinião do auctor italiano, por pessôa de tanta gravidade (como sem favor deve o erudito Ferrazzi qualificar-se) não estivessem subscriptas as palavras que transcrevi... (as do principio d'esta nota) cuidaria, quem as lêsse, achar-se mystificado por algum dos espiritositos zombeteiros que, na superstição lendaria da edade-media, gostavam de vir por travessura divertir-se á custa da pobre humanidade.

«Mas.... subscriptas por aquelle insigne professor.... palavra de honra que se me afiguram perfeitamente um sonho!

«E de duas uma:—ou o illustre Ferrazzi está longe de sufficientemente comprehender a lingua portugueza, para aquilatar traducções na mesma lingua escriptas; ou exclusivamente se constituiu porta-voz de informações extranhas, que não soube devidamente interpretar. (1)

«Sem por modo algum atacar uma questão (que entra aquí apenas como incidente mui secundario), direi entretanto que, para ajuizar da leviandade com que o professor Ferrazzi avaliou em quatro pennadas as quatro versões, basta reparar no qualificativo attribuido á traducção de Mattos: chamar «muito elegante e bem metrificada» uma versão que no seu banal prosaismo antes parece o primeiro insaio de um collegial inexperiente,—representa um dislate comparavel ao de quem affirma que a traducção de Ramos-Coelho «quasi imparelha na elegancia com a de Rodrigues de Mattos»! *quasi imparelha!* (note bem o leitor); por Deus.... que parece isto inacreditavel, mas lá está *ipsis verbis* clarissimo no livro do professor Ferrazzi (il Ramos quasi pareggia il Mattos nell' eleganza)!

«No seu auctoritarismo de critico sobranceiro, o professor Ferrazzi compraz-se todavia em figurar de benevolo: e assim, antepondo em pontos de elegancia á traducção de Ramos-Coelho a de Rodrigues de Mattos (!), declara (não sei se como premio de consolação) que Ramos-Coelho «sobrelevou em fidelidade aos seus predecessores». Mas logo—(como se o preoccupasse a idéa de poder-se Ramos-Coelho invaidecer com tamanha gloria!—trata o sobrio critico de lançar agua na fervura, ponderando que, entre todas as versões portuguezas do poema, só na traducção do professor João Felix (aqui para nós, uma traducção litteral em prosa metrica) se encontra *(senza contrasti)* expresso com fidelidade maxima o genuino pensamento do poeta sorrentino!

«*Amicus Plato, sed magis amica veritas!* hei de morrer abraçado a este soberano principio de eterna justiça,—principio tantas vezes invocado e tantissimas sophismado ou postergado por aquelles mesmos que o invocam. *Amicus Plato* (repito), *sed magis amica veritas.*

«Em meu caso muitos se acobardariam tolhidos por natural modes-

(1) Ferrazzi, ignorante da nossa lingua, como o sei por mim proprio, não podia avaliar obras escriptas n'ella; teve a infelicidade de recorrer a uma pessoa, que julgou competente, e o era, a uma pessoa que julgava conscienciosa, e que n'este caso não se mostrou nem uma nem outra coisa. Errou portanto só na escolha do informador, e estou quasi certo que procedeu innocentemente.

tia. A mim.... nada porêm me tolherá de protestar contra as iniquas affirmativas do illustre cathedratico,—pois que, em verdade, traducção portugueza do poema de Tasso, capaz de imparilhar com as bellezas e excellencias do original italiano, capaz outrosim de cabalmente mostral-as a quem não logre na lingua toscana intendêl-as, outra não conheço eu, nem conhecem criticos imparciaes, senão aquella com que José Ramos-Coelho inriqueceu em 1864 as lettras patrias.»

Vejamos agora qual é a grande elegancia e a bôa versificação de Mattos, que Ferrazzi tanto encarece, fazendo-se echo de mal fundadas informações; e vejamos ao mesmo tempo qual a sua fidelidade, qual o seu conhecimento da lingua italiana e da portugueza, e qual a sua sciencia; para o que servirão os exemplos em seguida, pequeno numero dos que eu poderia apresentar, se não me importasse avolumar este escripto. Pondo em confronto com as passagens do original as da versão de Mattos, os leitores poderão avaliar a justiça das minhas apreciações, e, juntando-lhes as da versão de Felix Pereira, ficarão habilitados inteiramente para conhecer o credito que merecem as palavras do auctor italiano. Devo porêm observar que Felix Pereira traduz em geral com acerto, e que o transcrevo só para mostrar o limitado valor da sua traducção, a qual, sendo tão prosaica, não pode exprimir o «genuino pensamento do sublime cantor de Godefredo», como se lê em Ferrazzi, porque um poema, e um poema como a *Jerusalem libertada*, não se traduz á laia quasi de um thema de collegio, e porque a fidelidade, mais exterior e de palavras, do que interior e de pensamento e colorido, se transforma n'este caso em verdadeira infidelidade.

Vámos pois aos exemplos.

Diz Tasso (Canto 1.º, oitava 63):

> Alcasto il terzo vien, qual presso a Tebe
> Già Capaneo, con minacioso volto.

Diz Mattos:

> Terceiro Alcasto vem; que Thebas vira
> Pastor, e aspira a feitos valorosos.

A antiga Thebas não viu, nem podia ver, o cruzado Alcasto, mas sim Capaneo, com que Tasso o compara, comparação que o traductor supprime, assim como o nome de Capaneo, o qual foi um dos sete chefes, que, junto com Polynices, cercaram aquella cidade. «Pastor e aspira a feitos gloriosos» não consta do texto. De maneira que em dois versos ha estes defeitos: suppressão da comparação e do nome de Capaneo; confusão de pessoas e de tempos (do cruzado Alcasto, que Mattos faz aqui pastor em Thebas, com Capaneo, que é de quem Tasso fala em referencia a Thebas, e da epocha das cruzadas com a da Grecia) e implicitamente ignorancia da historia e infidelidade.

Felix Pereira traduziu:

> Depois Alcasto vinha, qual, em Thebas
> Já Capaneo co'o ameaçador semblante.

E Tojal, emendando Mattos:

Segue-se Alcasto, a quem já Thebas vira
Pastor, que aspira a feitos valorosos.

Na oitava 80 do mesmo canto Mattos confunde os navios que seguiam perto da costa para auxiliarem os cruzados com o exercito que se dirigia a Jerusalem.

Diz Tasso:

E questi, che son tutti insieme uniti
Con saldissimi lacci in un volere,
S'eran carchi, e provisti in vari liti
Di ciò, ch'è d'uopo à le terrestre schiere;
Le quai trovando liberi e sforniti
I passi de' nemici a le frontiere,
In corso velocissimo sen vanno
Là ove Christo soffrì mortale affanno.

Diz Mattos:

E estes a um fim com firme laço unidos,
Que em fé segura uma vontade encerra,
De varios portos vinham já providos
Do necessario aos esquadrões da terra;
E, vendo que estão já desimpedidos
Os passos dos imigos para a guerra,
Seu curso deixam dirigir dos ventos
Lá onde Christo soffreu crueis tormentos.

Ora — questi — concorda com — pini (navios) que está na oitava anterior, e — le quai — com — schiere (hostes), que immediatamente antecede, e não podia concordar com — pini — por esta palavra ser masculina. Levado do seu engano, Mattos, em vez de traduzir — o corso velocissimo — do original como devia, mudou-o em — ventos —, para os suppostos navios irem até Jerusalem!

Tojal, emendando Mattos, cahe no mesmo erro; como se vê dos dois ultimos versos:

Seu curso deixam impelir dos ventos
Para onde Christo mil soffreu tormentos.

Felix Pereira verteu apropriadamente.

Na oitava 88 do mesmo canto diz Tasso:

Che, se un timore a incrudelir lo sprona,
Il retien più potente altro sospetto:
Troncar le vie d'accordo, e de'nemici
Troppo teme irritar l'arme vittrici.

E Mattos:

Que, se cruel por temeroso esteve,
Outro novo temor lhe abranda o peito;
Manda troncar a via, e por agora
Teme irritar a esquadra vencedora.

Outro mais poderoso temor — tem o original; e esse mais poderoso

temor é fechar o caminho a um ajuste com o inimigo triumphante; o que Mattos interpreta: que Aladino «manda troncar a via á esquadra». Além d'isso, emprega fóra de proposito o verbo «abrandar», quando Tasso tem «suspender».

Felix Pereira traduziu:

> Que, se o temor a ser cruel o incita,
> Retem-o outra suspeita mais potente:
> Receava perder do accordo as vias,
> Irritando os imigos vencedores.

E Tojal, emendando Mattos:

> Que, se cruel por temeroso esteve,
> Outro maior temor lhe esfria o peito;
> Manda a via troncar, e por agora
> Teme irritar a esquadra vencedora.

No canto 3.º, oitava 61, aos versos:

> Presagio ah, troppo vero! E quì le ciglia
> Turbate inchina, e poi le innalza e chiede

faz corresponder Mattos estes:

> Presagio, oh, quanto certo! E a sobrancelha
> Inclina aqui e levanta, mas pergunta;

demonstradores do seu máu gosto e do seu espirito de traductor servil.

Felix Pereira traduziu:

> Ah! presagio tão certo! E então a vista
> Turbada inclina; e após pergunta, erguendo-a.

E Tojal, emendando Mattos:

> Presagio oh quanto certo! e a sobrancelha
> Aqui baixa e levanta; mas pergunta.

Da bella oitava 30 do canto 4.º (o retrato de Armida) reduziu Mattos os dois primeiros versos á semsaboria que vamos ver:

> Fa nove crespe l'aura al crin disciolto,
> Che natura per se rincrespa in onde.

> Faz novo crespo a aura ao desatado
> Pello, que em ondas naturaes responde.

Felix Pereira traduziu:

> Novos anneis em seu cabello solto
> Por natura annellado faz o vento.

Tojal não se atreveu a emendar a versão de Mattos, o que indica julgal-a bôa!

Já antes na oitava 26 interpretara Mattos os dois primeiros versos d'este modo especial:

Se puder ser, prenda a Godfredo a vista
E a isca das palavras adornadas;

Prendi, s'esser potrà, Goffredo all'esca
De' dolci sguardi e de' bei detti adorni;

o que Felix Pereira traduziu:

Captiva Godefredo, se puderes,
Com encantos de olhar e vozes meigas;

ao passo que Tojal emendou assim o seu antecessor:

Faze ser a Godfredo rêde a vista
Na isca das palavras adornadas.

A elegancia que lêmos em Mattos era muito do seu gosto; e logo no canto 5.º, oitava 25, álêm de n'outros logares, a encontrâmos repetida.

Diz Tasso:

Che'l reo demon che la sua lingua move
Di spirto in vece, e forma ogni suo detto,
Fà che l'ingiusti oltraggi ognor rinnove,
Esca aggiungendo al infiammato petto.

Diz Mattos:

Que o réo demonio que súa lingua move,
E dá vigor e forma ao seu despeito,
Faz que sempre os ultrages lhe renove,
Isca juntando no inflammado peito.

O original tem: Che il reo demon, isto é: que o malvado demonio; o que não equivale ao «réo» (criminoso) portuguez. O ultimo verso é a traducção litteral desengraçadissima do italiano.

Felix Pereira verteu:

O demonio que a lingua lhe movia,
E tambem as palavras lhe dictava,
Injusto ultrage fez que repetisse,
Juntando fogo no inflammado peito.

E Tojal, emendando Mattos;

Que o demonio que a lingua lhe movia,
Qual espírito, e voz dava ao conceito,
Renovar-lhe os ultrajes lhe fazia,
Isca ajuntando no inflammado peito.

No mesmo canto oitava 40:

A ver-se com Reynaldo volta a cara,
E azas parece dar a um bruto agora.

Eis a traducção de Mattos dos versos originaes:

Ma ver Rinaldo immantinente volse
Un suo destrier che parve aver le penne;

o que corresponde em Felix Pereira a:

Mas a Rinaldo incontinente volve
O seu frisão que pennas ter parece;

e em Tojal, emendando Mattos:

A ver-se com Reynaldo logo a cara
Volta n'um bruto, a que azas dava a espora.

E no mesmo canto ainda, oitava 60, não parece Mattos levantar o testemunho ao poeta de dizer que Armida se deitava na cama com quem era do seu agrado!

Co'aquelles da familia, que havia eleito,
Retirada cobrava o doce leito;

sendo o original:

Fra duo suoi cavalieri e due matrone
Ricovrava in disparte al padiglione;

o que significa apenas: que tornava á tenda acompanhada de duas damas e de dois cavalleiros?

Felix Pereira traduziu:

Entre dois cavalleiros e duas damas
Retirando-se foi ao seu tentorio.

E Tojal, emendando Mattos:

Entre os seus dous campiões, que havia eleito
E as duas aias, só buscava o leito.

Os trechos dos cinco primeiros cantos, que se acabam de ver, mostram claramente que a versão chamada de Tojal é, como eu disse, a de Mattos emendada, e tambem qual a infidelidade, falta de poesia e deselegancia d'este; mas, para maior prova, apresentarei ainda alguns exemplos.

Escreve Tasso na oitava 80 do canto 6.º:

Or in tanta amistà senza divieto
Venir sempre ne puote alla compagna,
Nè stanza al giunger suo giammai si serra,
Siavi Clorinda, o sia in consiglio o'n guerra.

Isto é: Ora em tanta amizade (como havia entre Herminia e Clorinda) pode vir sempre (Herminia) sem obstaculo ver a companheira; nem se lhe impede o entrar em sua morada, ou Clorinda esteja alli, ou esteja em conselho ou na guerra.
Isto verteu Mattos assim (parece incrivel):

> E como a esta amizade corresponde
> Clorinda, era impossivel a fugida,
> Pois nunca do seu lado se desterra,
> Ou assista nos conselhos ou na guerra.

Felix Pereira traduziu:

> Ora em tanta amizade, sem obstaculo,
> Falar-lhe pode vir a toda a hora:
> Não se lhe fecha a casa, quer esteja
> Clorinda no conselho, quer na guerra.

E o episodio de Herminia no Canto 7.º! Abre-o logo Mattos com a seguinte ignorancia do italiano, sem ao menos notar que a sua interpretação está em manifesta desharmonia com o que segue:

> Em tanto Herminia, entre a espessura umbrosa
> De antiga selva, do cavallo de'ce,

correspondendo aos versos de Tasso:

> Intanto Erminia infra l'ombrose piante
> D'antìca selva dal cavallo è scorta;

os quaes querem significar que Herminia é levada pelo cavallo etc.
Felix Pereira traduziu:

> Emtanto Erminia, entre as umbrosas plantas
> De antigas selvas, a cavallo corre.

N'outros logares d'este formoso episodio é Mattos infelicissimo. Só notarei d'elle os versos quinto e sexto da oitava 17:

> La fanciulla regal di rozze spoglie
> S'ammanta,

em Mattos:

> A regia dama as rosas despojava.

Rozze, grosseiros, e portanto adjectivo, transformado no substantivo—rosas, e o verbo cobrir ou vestir no contrario—despojar ou despir!
Felix Pereira traduziu:

> A donzella real de toscas vestes
> Se cobre,

Na oitava 56 do mesmo canto diz Tasso:

> Quinci alcun non aspetta, e monta in sella,
> E fa condursi innanzi il suo prigione,

ou: então, sem esperar ninguem, monta a cavallo (Argante) e faz conduzir deante de si o seu prisioneiro (Othon, que tinha vencido em combate singular).

Não o comprehendeu assim Mattos; porêm d'est'outro modo:

Monta a cavallo em furias revestido,
Com elle ao mesmo tempo se partia.

Felix Pereira traduziu:

E, sem mais esperar, monta a cavallo,
Fazendo ir na frente o seu captivo.

O dislate de Mattos no ponto sujeito bem se evidencía transcrevendo os quatro versos antecedentes da sua mesma traducção:

Chamou, d'estes furores commovido,
O araldo, e em voz turbada lhe dizia:
Ao campo vae, e o duello estabelecido
Ao cavalleiro de Jesu annuncia.
Monta a cavallo etc.

donde se conclue que a palavra—elle—é referencia não a Othon, mas ao arauto, isto, apesar de o original dizer claramente:

E fà condursi innanzi il suo prigione.

E Mattos no canto 6.º lá vira o combate de Argante com Othon; como aquelle o vencera; como depois pelejara com Tancredo, e ficaram aprazados para a continuação da lide, obrigando-se Argante a trazer comsigo o seu prisioneiro, que prostrara ferido; por signal que Mattos, transtorna a oitava em que ha este compromisso e o aprazamento, vertendo:

Logo o outro lhe diz: tu ao mesmo effeito
Promette que trarás teu afilhado,
Que de outra sorte por nenhum respeito
Desistirei do duello começado.
Jura um e outro araldo este preceito,
E sinalando o tempo destinado,
Sendo a cura dos golpes o pretexto,
Poem por termo a manhan do dia sexto;

o que é bem diverso do italiano (canto 6.º, oitava 53):

Soggiunse l'altro allora: e tu prometti
Di tornar, rimenando il tuo prigione,
Perch' altrimenti non fia mai ch'aspetti
Per la nostra contesa altra stagione.
Così giuraro: e poi gli araldi eletti
A prescriver il tempo alla tenzone,
Per dare spazio alle lor piaghe onesto
Stabiliro il mattin del giorno sesto.

Quem fala no primeiro caso é Tancredo a Argante: os que juram são estes dois, e não os arautos; e verter—prigione—por—padrinho—é não saber italiano.

Felix Pereira traduziu:

> Então lhe torna o outro: E tu promette
> Voltar, teu prisioneiro conduzindo;
> Porque d'outra maneira não espero
> Decidir a contenda n'outro tempo.
> Assim jurarão; e os arautos logo
> Eleitos p'ra marcar o prazo á lide,
> Escolhem a manhan do sexto dia,
> A fim que os dois curar as chagas possam.

Mas continuemos com o canto 7.º e com o mesmo combate. Seja a oitava 84 a escolhida.

Diz Tasso:

> Mirava Argante, e non vedea Tancredi,
> Ma d'ignoto campion sembianze nove.
> Fecesi il conte innanzi, e quel che chiedi
> È (disse a lui) per tua ventura altrove.
> Non superbir però, che me quì vedi
> Apparecchiato a riprovar tue prove;
> Ch'io di lui posso sostener la vice,
> O venir come terzo a me quì lice.

Diz Mattos:

> Olhava Argante sé a Tancredo via,
> Mas o ignoto guerreiro viu diante.
> Que queres, diz elle ao conde, ou quem te envia?
> A ti busco, responde, ó fero Argante.
> Por tua grande ventura n'este dia
> D'este logar Tancredo está distante;
> Mas eu sua falta supprirei valente,
> Ou vir já como quinto me é decente.

No original não é Argante que fala ao conde Raymundo, que substituira Tancredo no combate; mas sim o conde a Argante. Na traducção dá-se o contrario no principio, e só depois é que fala o conde, transtornando-se n'isto, como no mais, o sentido, e até na palavra—terzo, que é traduzida indevidamente por quinto, quando com effeito o conde era o terceiro com que Argante ia pelejar, tendo sido o primeiro Othon e o segundo Tancredo. E álêm de tudo a belleza d'aquelle verso:

> Que queres, diz elle ao conde, ou quem te envia.

Felix Pereira traduziu:

> Argante olhou, mas viu, em vez do principe,
> De ignoto campeão semblante novo.
> O conde avança e diz-lhe: Quem procuras
> Está, p'ra tua dita, n'outra parte.

Mas não te orgulhes: tens-me aqui, agora,
Apparelhado p'ra brigar comtigo,
Por quanto fazer d'elle as vezes posso,
Ou me é licito vir como terceiro.

E logo quatro oitavas depois não verte Mattos:

E'l possente corsiero urta per dritto,
Quasi monton che al cozzo il capo abassa,

O cavallo arremessa por direito,
Qual carneiro que baixo o encontro espera,

estragando a comparação com os verbos oppostos—arremessa e espera?
Felix Pereira traduziu:

O possante corcel direito avança,
Como o carneiro que a marrar se atira.

Ainda no canto 8.º, os dois primeiros versos da oitava 4.ª:

L'opra è degna di te: tu nobil vanto
Ten desti già dinanzi al signor nostro

traduzidos d'este modo:

Obra é digna de ti, que sublimado
Premio do senhor nosso has conseguido

mostram quanto Mattos era pouco consciencioso, e conhecia pouco o italiano, pois não se trata aqui de premio, porêm de a furia Alecto se haver já gabado deante do demonio de perseguir os christãos.
Felix Pereira traduziu:

De ti a obra é digna: nobres gabos
Perante nosso chefe já fizeste.

Agora vem o que devia ser fecho d'esta analyse, porque é o cumulo da ignorancia.
Diz Tasso (canto 9.º, oitava 3.ª):

Ciò detto, vola ove fra squadre erranti,
Fattosen duce, Soliman dimora,
Quel Soliman, di cui non fu tra quanti
Ha Dio rubelli uom più feroce allora;

o que significa: dito isto, vôa (o monstro infernal) para onde Solimão vive entre hordas errantes, de que se fizera chefe.
Pois Mattos desfecha n'este desproposito:

Disse. E ás esquadras voou logo errantes,
Que guia Fatosem, e onde demora
Solimão, que de quantos arrogantes
Tem visto o céo, é o mais rebelde agora.

O participio do verbo —fare— com o pronome —se— e a particula —ne— transformados n'um nome proprio, e o sentido do original portanto alterado completamente!

Felix Pereira traduziu:

> Dito isto, vôa aonde, feito chefe,
> Solimão entre errantes bandos vive,
> Aquelle Solimão, o mais ferino
> De quantos ha então a Deus rebeldes.

Este erro crasso é um dos que Tojal diz no seu prologo ter emendado. Como, não se sabe, porque não nos põe ao facto da emenda, e porque a sua publicação não passou do canto quinto.

Mas ainda notarei, para acabar, os dois primeiros versos da oitava 7.ª do canto 13.º:

> Udite, udite, o voi che da le stelle
> Precipitar giù i folgori tonanti;

que Mattos verteu;

> Ouvi, ouvi, ó vós que das estrellas
> Abaixo os raios despenhaes tonantes;

o que exprime o contrario do original, sem advertir o traductor que é uma invocação aos espiritos infernaes, e que estes, em concordancia com as idéias recebidas, não lançaram os raios do céu, mas foram d'elle lançados pelos raios do Eterno, que é o que diz Tasso.

Felix Pereira traduziu;

> Ouvi, ouvi, ó vós que das estrellas
> Precipitaram já tonantes raios.

Posto já se vissem nas transcripções feitas alguns exemplos de como estropia Mattos o italiano e a lingua materna, e até de quanto carece ás vezes dos mais elementares conhecimentos e de senso commum, insistirei n'este particular, notando ainda os seguintes tirados ao acaso. As palavras italianas pesante (pesado), arriva (chega), circasso (circassiano), tempre (tempera), crudo (cruel), face (facho), torregianti (torreado), pagano (pagão), soldano (sultão), estringe (aperta), são para Mattos em portuguez o mesmo, isto é: pesante, arriva, circasso, tempre, crudo, face, torregiantes, pagano, soldano, estringe.[1] Pluto (Plutão) conserva-o tambem do mesmo modo, sem attender a que Pluto é o deus da riqueza, e o de Tasso o do inferno; Matelda (Mathilde) fica para elle Matelda; Enrico (Henrique) Henrico; Cunigonda (Cunegundes) Cunigunda; Guilhelmo (Guilherme) Guilhelmo; reti (rethios) retos; norvegi (norueguezes) norvegios; Soría (Syria) Soría ou Sória; Ambuosa (Amboise) Ambuosa; conte de' Carnuti (Conde de Chartres) conde dos Carnutos; saracino (sarraceno) sarracino; arme

---

(1) Canto 4, oit. 6, v. 4; 4, 36, 2; 6, 31, 6; 7, 88, 8; 7, 92, 7; 9, 53, 7; 13, 27, 6; 20, 8, 2: 20, 73, 4; 20, 33, 1.

novelle (armas novas) armas novellas: lunga stagione (muito tempo) larga estação; talora (algumas vezes) tal hora; sulla prima giunta (logo) sobre a junta primeira; capo di Giudeca (cabo de Judeca) de Judeca a cabeça; gioghi del Tauro (cumes do Tauro) jugos do Touro. (1)

Quanto a versos máus e errados, ou tão forçados que assim se podem considerar, os primeiros e terceiros são frequentes, como temos notado, e dos segundos ahi vão alguns para amostra, álem dos já conhecidos:

Doces nas iras; que seriam no riso?

Do pai e dos avós o fazem altivo;

Quando outro corre a elle, ou elle a outro corre.

Se me queres soccorrer, porque me privas

Mas, se me queres por guia, dentro ao muro

Nem do triste, dubio caminho temo o damno

E dão tributo ao Califa, mas tinha. (2)

E com estes exemplos ficam bem provadas a elegancia, a correcta metrificação, a fidelidade e a sciencia de Mattos; nem proseguirei cansando os leitores com outros muitos, que qualquer pode achar, se estiver disposto a fazer o confronto da obra portugueza com a italiana, trabalho a que procedi em larga escala, e de que guardo abundantes apontamentos.

Quanto ás emendas que Tojal fez na versão de Mattos, já temos d'ellas uma perfeita idéia pelas que reproduzi dos logares competentes dos cinco cantos publicados, e que são: do canto 1.º, oit. 63, 80 e 88; do 3.º, oit. 61; do 4.º, 26 e 30; e do 5.º, 25, 40 e 60; álêm d'isso, das palavras soltas que citei deixou Tojal nos mesmos cinco cantos correspondendo ás italianas: Pluto, Henrico, Guilhelmo, retos, norvegios, Soría, Ambuosa, conde dos Carnutos, circasso e pagano. Na parte metrica pouco melhorou Tojal a obra de Mattos, quando não a peorou.

Mas, bôas ou más, foi Tojal que fêz as alterações á obra do seu antecessor? Aqui surge uma nova questão que o sr. Xavier da Cunha nas suas *Impressões Deslandesianas* (vol. 2.º pag. 219) decidiu em desfavor de Tojal, pois da comparação, a que procedeu, da sua chamada versão e da de Mattos com os manuscriptos da Bibliotheca Nacional e da Torre do Tombo, chegou ao convencimento de que a dos manuscriptos (que ambos representam só uma «salvas umas variantes insignificantissimas») é a de Mattos com as numerosas emendas que o seu amigo, o padre André Nunes da Silva lhe fez;

---

(1) Canto 4, oit. 14, v. 8; 17, 77, 5; 5, 75, 4; 17, 79. 6; 8, 74, 8; 1, 41, 8; 5, 16, 1; 3, 74, 6; 1, 62, 1; 1, 40, 5; 20, 115, 6; 6, 2, 5; 6, 54, 4; 7, 76, 1; 11, 73, 3; 15, 18, 3; 17, 94, 4.

(2) Canto 3, oit. 22, v. 2; 5, 16, 4; 5, 70, 8; 5, 84, 1; 10, 12, 1; 14, 27, 3; 17, 24, 7.

para o que o sr. Xavier da Cunha se apoia no testemunho dos auctores da *Bibliotheca Lusitana,* e do *Dibuxo historico e panegyrico da vida e acções* do mesmo Nunes da Silva (ms. da Bib. Nac.), Diogo Barbosa Machado e D. Manuel Caetano de Sousa, os quaes dizem ter Nunes da Silva realizado taes emendas, e que esse texto assim alterado é intermediario no tempo aos textos de Mattos e de Tojal; concluindo o illustre escriptor que Tojal se aproveitou de ambos em muita parte, o que prova com adequadas citações.

De modo que Tojal, não só alterou, sem direito algum, a obra de Mattos, porque obras d'estas só o auctor as póde emendar, ficando aos mais o direito de notal-as, critical-as, ou levar a cabo outras, se tiverem cabedal para tanto, mas tambem se serviu da emendada, de Mattos, ou as emendas fossem d'este, ou de Nunes da Silva, ou de pessoa que desconhecemos; e, o que é sobre modo censuravel, calando a ultima circunstancia, por julgar que, não se divulgando o manuscripto, não se conheceria a sua fraude.

E, depois de tudo isto, a sua remodelação tem o merecimento que se vê; o que não obsta a que elle, no fim do volume primeiro e unico publicado, como já sabemos, dirigindo-se a D. João 5.º, a quem offerece a obra, ouse com inqualificavel e injustificavel falta de modestia, transcrever, apropriando-as a si, modificadas apenas no primeiro verso, as duas oitavas finaes do sublime poema de Camões:

Para amar-vos ás aras genio feito,
Para cantar-vos mente ás Musas dada,
Só me falece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se isto o céu me *(sic)* concede, e o vosso peito.
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina,

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

E, finalmente, depois de tão emendada e reemendada, a obra de Mattos (porque a publicação de Tojal, repito, e os manuscriptos da Bibliotheca Nacional e da Torre do Tombo não deixam, apesar de tudo, de ser a obra de Mattos) pouco ou nada melhorou, e o seu valor litterario é bem pequeno. Demonstral-o foi o fim que tive em vista, fim a que só me induziu a necessidade de combater o juizo do professor Ferrazzi ácerca da minha traducção; pois era insensatez deixal-o eu ir por esse mundo á revelia, sendo-me tão prejudicial, e de homem de tanto credito, e de um livro tão manuseado, como o d'elle, embora esse juizo se estribe em informações superficiaes, se não suspeitas.

Agora algumas palavras ácerca da minha obra.

A publicação da *Jerusalem*, em 1864, foi precedida pela de varios trechos do poema em jornaes politicos e litterarios, lembrando-me apenas dos primeiros o *Futuro*, n.º 472 com o retrato de Armida (canto 4.º), e dos segundos a *Revista contemporanea de Portugal e Brasil* com o episodio de Olindo e Sophronia (canto 2.º), e o *Archivo pittoresco*, com a embaixada do rei do Egypto (do mesmo canto).

Este periodico no seu volume 3.º correspondente a 1860, pag. 370, depois de falar da traducção de André Rodrigues de Mattos, e acompanhando o fragmento da minha, dizia: «Era comtudo desejada outra versão, em que a poesia moderna, mais bem dotada e polida que a antiga, resplandecesse na trasladação de tal epopéa para o nosso idioma. Um poeta novel mas já bem estreiado na imprensa com um volume de poesias, (1) se dedicou a esta laboriosa tarefa e conseguiu leval-a a cabo. Tem a versão do sr. José Ramos Coelho merecido a approvação dos peritos, e tanto que o sr. Alexandre Herculano a recommendou como obra que devia desde já ser contemplada na distribuição da verba do orçamento que se destina para auxiliar a impressão de livros uteis, taes como o *Diccionario bibliographico*, do sr. Innocencio; o *Camões*, do sr. Juromenha; a *Historia portugueza*, do sr. Rebello da Silva, que se estão estampando na Imprensa Nacional. Sabemos que já se requereu isto ao governo, e é de crer que a verba votada este anno seja repartida com o Tasso portuguez».

Nem foi só Alexandre Herculano que elogiou, como acabamos de ver, a minha traducção. Vegezzi Ruscalla, o illustre amigo de Portugal, o traductor do *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, e da *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga, conhecedor em Italia da minha obra, teceu-lhe tambem animadores encomios na *Rivista contemporanea*, de Turim, (fasciculos 68 a 70, pag. 417), e esse applauso do publico, e principalmente o d'esses dois homens de lettras, foi para mim um lenitivo no meio da indifferença e da ignorancia de muitos, isto é, do maior numero.

A impressão da *Jerusalem* não foi, apesar d'isso, nada facil. De 1860, em que ella já estava acabada, a 1864, luctei com varias difficuldades, até que n'este anno sahiu á luz, não á custa da verba destinada pelo Governo para publicações uteis, visto que sempre se achava esgottada, mas graças ao favor que me fez o mesmo Governo de assignar com duzentos exemplares, o que me cobriu dois terços da despeza.

Seguem-se reproduzidos da segunda edição, quatro artigos ácerca da minha obra.

Artigo da *Rivista Italiana*, de Turim, de 6 de fevereiro de 1865.

A Jerusalem libertada de Torquato Tasso, vertida em oitava-rima portugueza por José Ramos Coelho. Lisboa — Typographia Universal — 1864. in-8.º»

«Depois de varias considerações sobre quão pouco se conhece em Italia a litteratura portugueza, e sobre a maior noticia que ha em Portugal da italiana, para confirmação do quê, cita diversas obras

(1) «*Preludios poeticos*, de J. Ramos Coelho 1 vol., de 300 pag. de 8.º Lisbôa, 1857».

traduzidas em verso e em prosa na nossa lingua e algumas grammaticas e diccionarios, restringe-se Ruscalla ao assumpto, e continúa do seguinte modo:

«Fra i devoti alle cose nostre vuolsi nominare prima e sovra tutti il chiarissimo cav. Giuseppe Ramos Coelho. Egli non pure conosce a fondo la lingua italiana, ma ne sa trar fuori le più squisite bellezze e traducendo poesie di nostri autori sa dar loro tal veste portoghese da farle parere originali.

«Nel N. 1 della *Corrispondenza Letteraria*, che si stampa in Torino, disse di una sua elaborata versione della celebre ode di Manzoni: *Il cinque Maggio:* ora mi fo a parlare di quella dell'intiero poema del gran vate da Sorrento, come ne feci promessa in quell' articolo: versione che occupò per molti anni il chiarissimo signor Ramos Coelho, adoperandovi attorno, come consiglia Orazio, diurnamente la lima, onde dare ai suoi versi non solo ammiranda lindura, ma far loro riprodurre la sfumatura dei colori e persino la speciale armonia che governa ogni verso italiano. Sotto questo aspetto la traduzione del Ramos Coelho è superiore a tutte quante le francesi, inglesi, tedesche, la spagnuola, la rumena,(1) e l'olandese,(2) che lessi e meditai. A parer mio questa versione ha tal pregio da trarmi ad asserire formar essa un bel riscontro ai *Lusiadi* dell'immortale Camoens.

«Affinchè i miei lettori facciano essi stessi stima che queste lodi non sono esagerate, riferirò alcune belle stanze del testo e della versione. L'analogia grandissima che passa tra il portoghese e l'italiano dà ad ognuno la facoltà di giudicarne, e le ottave trascelte, offrendo robuste o delicate imagini, mostrano meglio di altre la perizia del traduttore.

CANTO IV, STROFA 3

Chiama gli abitator dell'ombre eterne
Il rauco suon della tartarea tromba:
Treman le spaziose, atre caverne,
E l'aer cieco a quel rumor rimbomba.
Nè stridendo così dalle superne
Regioni del cielo il folgor piomba;
Nè sì scossa giammai trema la terra,
Quando i vapori in sen gravida serra.

VERSIONE

Sôa a tartarea trompa, das eternas
Sombras os moradores convocando;
Tremem as fundas, horridas cavernas;
Ao som responde o ar negro rebombando.

(1) La versione rumena del signor Atanasio Picleanu è in prosa e fu stampata a Bucaresti nel 1852; ma dessa venne condotta certamente su una versione francese, giacchè vi si chiamano gli eroi del poema Godefroà, Bouillon, Arnaud, Renaud, Beranger, Badoen in vece di Goffredu, Bullionu, Arnaldu, Renaldu, Berlinghieri e Balduinu; inoltre i francesismi vi si trovano a bizzeffe: come i *flattat, bandon, markis*, ecc.

(2) A questa veramente bella ed accurata versione dovuta al chiarissimo signor Ten-Kate, edita in Leida l'anno 1863 (2.ª edizione) ho consecrato uno speciale articolo, che inserii nel *Museo di famiglia*, che publicasi in Milano, numero 13 (27 Marzo 1864).

Não baixa assim das regiões supernas
O coruscante raio trovejando;
Nem assim abalada treme a terra,
Quando o vapor em si gravida encerra.

STROFA 7

Orrida maestà nel fero aspetto
Terrore accresce e più superbo il rende;
Rosseggian gli occhi, e di veneno infetto,
Come infausta cometa, il guardo splende;
Gl'involve il mento, e su l'irsuto petto
Ispida e folta la gran barba scende;
E in guisa di voragine profonda
S'apre la bocca d'atro sangue immonda.

VERSIONE

Horrida majestade o aspecto feio
Lhe torna mais medonho e soberboso;
O olhar sanguineo, de veneno cheio,
Cometa infausto, esplende pavoroso;
Acoberta-lhe o queixo e hirsuto seio
Longa barba, pello aspero e asqueroso,
E, á semelhança de voragem funda,
Sua bocca se abre, de atro sangue immunda.

CANTO XVI, STROFA 18 e 19

Ella dinanzi al petto ha il vel diviso
E'l crin sparge incomposto al vento estivo;
Langue per vezzo, e'l suo infiammato viso
Fan biancheggiando i bei sudor più vivo;
Qual raggio in onda le scintilla un riso
Negli umidi occhi tremulo e lascivo.
Sovra lui pende, ed ei nel grembo molle
Le posa il capo e'l volto al volto attolle;

E i famelici sguardi avidamente
In lei pascendo si consuma e strugge.
S'inchina, e i dolci bacci ella sovente
Liba or dagli occhi, e dalle labbra or sugge.
Ed in quel punto ei suspirar si sente
Profondo sì, che pensi: or l'alma fugge
E in lei trapassa peregrina: ascosi
Miranno i due guerrier gli atti amorosi.

VERSIONE

Armida o peito mostra descoberto,
E descomposta a coma ao vento estivo;
Langue de amor; de bello suor coberto
Luz-lhe o inflammado rosto inda mais vivo;

Um riso, como n'agua raio incerto,
Lhe brilha no olhar tremulo e lascivo;
Sobre elle pende; elle no seio brando
Poisa a fronte, o seu rosto contemplando;

E co'a vista faminta avidamente
A devora, e de amor se rala e mina.
Para sorver-lhe a bocca, ou para ardente
Libar os olhos seus ella se inclina.
Suspira então o joven tão ve'emente,
Que a alma crê fugir-lhe peregrina
Para a amada. Os guerreiros curiosos
Occultos vê'm taes actos amorosos.

«Potrei riferire intiero un canto, e si vedrebbe sempre ugual maestria ed ugual talento, ma il saggio che ne porsi basterà a provare la verità delle mie asserzioni.

«Il traduttore dedicò il suo lavoro al Rè ed alla Regina di Portogallo come simboli dell'unione delle due nazioni italiana e portoghese, ma con gentil pensiero diede ordine che se ne offrisse un esemplare al municipio di Sorrento. Per altro non solo Sorrento dev'esser grata a quest'omaggio, sì tutta Italia, perchè il Tasso è gloria italiana, e non solo della città che lo vide nascere. Io quindi mi permetto, a nome di tutti noi, di ringraziarnelo vivamente...

VEGEZZI RUSCALLA.»

Artigo do jornal: *Il Corriere di Firenze* de 28 de julho de 1867.

«Onorevolissimo Sig. Cav. Segretario. Appena io ricevetti lo stupendo poema *La Gerusalemme liberata,* tradotto in portoghese ed in ottava rima dall' illustre letterato sig. Giuseppe Ramos Coelho, che V. S. si compiacque di inviarmi prima che fosse depositato fra le altre opere appartenenti à codesta nobile Accademia degli Oscuri, cui il traduttore la offerì, mi posi a leggerne quà e là alcuni brani, come suol farsi di un libro nuovo. Ma poichè da quel semplice e primo balocco io intesi scendermi nell' anima un contento non mai provato in simili occasioni, cagionato dal sentire così bene e fedelmente interpretati ed espressi gli alti sensi dell' altissimo poeta sorrentino, aprii tosto tutti i fogli del libro, stampato in Lisbona nella Tipographia Universale nel 1864, ed il caso volle che mi trovassi appunto sott' occhio, il canto 13, nel quale il Tasso descrive il famoso bosco incantato custodito da quelli spiriti infernali e maligni, che impedir vogliono alla turba dei lavoratori cristiani la remozione del legname per fabbricarne macchine acconcie all' assalto di Gerusalemme. E così preso in un subito l'originale italiano, e confrontandolo colla versione ottava per ottava, verso per verso, parola per parola, io restai sommamente maravigliato, come il sig. Coelho abbia potuto far opera tanto bella e perfetta scrivendo in una lingua al certo meno armoniosa e forse meno ricca della nostra.

«È vero che tanto l'una quanto l' altra traendo origine dal celtico (la portoghese essendo stata poi modificata dall' arabo, dal goto, e dal latino; l'italiana dal greco, dal latino, ed in qualche parte dal provenzale) hanno fra loro molta somiglianza nella struttura, nella

forza delle parole e nell' armonia del discorso, ma ciò per un traduttore di versi già sublimi e limati è di ben poco ausilio, avvegna che gli rimanga sempre l' estrema difficoltà di ritrarre col pennello della copia sia la concisione dello stile, sia la sostituzione di un gran numero di piccole parole che molto esprimono in italiano, e che non trovano le equivalenti in portoghese, e la difficoltà inoltre grandissima di rendere intelligibili e chiare le ampie libertà poetiche che possiede la nostra bella lingua.

«Colla mia piena sodisfazione adunque proseguii a leggere quel canto, e giunto alla stanza 21.ª ove si dice:

> N'isto um som parte d'elle de repente,
> Qual rebombo da terra, quando treme;
> Ouve-se o murmurar do austro, o plangente
> Quebrar da onda, que nas rocas geme;
> Ruge o feroz leão; silva a serpente;
> Uiva o lobo voraz, e o urso freme;
> A trombeta diz guerra; os trovões troam.
> Tantos e varios sons n'um som resoam,

«Sicuro della fedeltà del sig. Coelho, lasciai da parte l'originale e presi a leggerne la sola traduzione, che mi suonò sino alla fine del canto medesimo sommamente poetica ed armoniosa.

«Con pari attenzione e sempre con maggior piacere ho scorso di poi tutto il libro ammirando ovunque il bel dire, la scelta giudiziosa delli aggiunti, e di tanti vocaboli, che quantunque abbiano un eguale significato fra loro, pur nondimeno possono desconvenire in poesia se applicati indifferentemente a certi concetti più ò meno sublimi, sicchè di mano in mano trasportato dal desiderio di leggere in portoghese, ebbi convincimento, che la lingua lusitana od esprima in poesia le scene di quiete e di melanconia come in Bernardino Ribeiro, o le ardite e le sublimi come nel Camoens, o le imitative e le strepitose come in Bocage, ella è sempre col suo verso armoniosa e variata, e somministra alla pari del verso italiano un compiuto esempio di elevatezza per la forza del suo numero.

«Tal è, mio Signore, l'opinione che mi son fatto di questa traduzione di gran lunga superiore all' altra che in Lisbona mi fece leggere, or volge qualche anno, il mio reverito amico sig. Antonio Feliciano Castilho, quel felice e ardito traduttore dei *Fasti* di Ovidio, volgarizzamento il primo che renderà al certo anche fra i lusitani più celebre il nome di uno dei più grandi epici che siano comparsi al mondo, e che omai si è reso immortale siccome lo si resero Omero, Virgilio e Dante, e quello stesso Camoens che ebbe al pari del nostro Torquato uguale la fama e la sventura.

«Ed ora, se è lecito ad uomo onesto comunque oscuro di reclamare un premio per colui che con tanta solerzia ed amore così bella traduzione compiè; se è lecito in questi tempi di tristizia (nei quali la voce soltanto dell' ipocrisia e dell' egoista reclama immeritato guiderdone per chi lo aiuta nelle sue male opere); se è lecito implorare onori e ricompense per que' che ha procurato di far gustare a nuovi popoli l'opera ammiranda di un genio che fra le communi meraviglie segnò la più alta linea del sapere italiano, io chieggo a lei, onorevole sig. Segretario a nome di tutti gli italiani riconoscenti che voglia

proporre alla predetta illustre Accademia di annoverare fra i suoi Socii onorari il sig. Giuseppe Ramos Coelho, unica, ma nobile ricompensa di che essa può disporre; e che altresì gli manifesti colle usate e sempre gentili sue maniere la sentita sua gratitudine e l'alta sua riverenza; riverenza e gratitudine le quali non verrano mai meno neppure nel cuore dello scrivente verso colui che ha diffuso nella sempre a me cara sua patria quel canto che diè a tanti fatti cospiranti a religioso fine unità, grandezza e gloria imperitura nel volgere dei secoli, e delle umane vicende. Lucca 22 Luglio 1867. Sono ecc.
«Di V. S. Illustrissima devotissimo servo Cesare Perini». (1)

Nota de Salvador Costanzo á minha versão do *Cinque Maggio* de Manzoni. (1)

«El Sr. Ramos Coelho ha traducido tambien *La Jerusalem libertada* de Tasso, con elegancia y esmero, y yo doy mil parabienes á ese insigne literato y poeta. Hace más de dos meses que he adquirido su preciosa traduccion, y juzgando-me juez competente en la materia por ser italiano, no vacilo en afirmar, que la traduccion del Sr. Coelho es una de las mas perfectas del gran épico Torcuato Tasso. Yo muy aficionado á la literatura lusitana, la he leido dos veces, y la leeré talvez una tercera.
«La literatura lusitana ha desplegado hoy un gran vuelo, y el Portugal tiene una numerosa falange de escritores de nota, asi prosistas como poetas.»

---

(1) Eis as noticias que dá d'este escriptor Innocencio Francisco da Silva no tomo II do seu *Diccionario bibliographico:*
«Cesar Perini, natural de Lucca, nasceu em 1807. Esteve por alguns annos domiciliado em Lisbôa, onde entrou em 1837, na qualidade de emigrado por motivos politicos. Obteve passados tempos a cadeira de Professor de Declamação no Conservatorio Real, e serviu como tal até regressar para a sua patria, embarcando com destino para Genova a 21 de Outubro de 1848. Escreveu:
O Conde Andeiro: Drama historico portuguez premiado pelo Jury Dramatico do Porto. Lisboa, Typ. da Acad. das Bellas Artes. 1840. 4.º
O Cigano: Drama em quatro actos. Ibi, na Typ. de Antonio Sebastião Coelho. 1842. 8.º gr.
O Marquez de Pombal, ou vinte e um annos da sua administração. Drama historico em quatro actos. Ibi, na Typ. da Viuva Coelho & C.ª 1842. 8.º gr.
A vespera de um desafio na regencia de D. João I: Drama em cinco actos, premiado pelo Conservatorio Real de Lisboa. Ibi, na Typ. Rollandiana. 1848. 8.º gr.»
Naturalmente publicaria algumas obras em italiano, mas nada sei a este respeito.
No tomo IX do mesmo *Diccionario* lê-se ainda ácerca de Cesar Perini:
«Ha uma carta sua escripta de Italia, e outra do sr. doutor Paulo Midosi a seu respeito; insertas uma e outra no *Diario de Noticias* n.º 773 de 10 de Agosto de 1867.»

(1) Na *Musica terrenal* do mesmo auctor, publicada em 1868, em Madrid, onde esta vem inserta, assim como varias traducções hespanholas da mesma poesia, de Hartzenbusch, Pesado, Risel, Matta, Rubi, Quevedo, Cañete, Mariscal, e Rives.
Salvador Costanzo nasceu em Syracusa, na Sicilia, e quando imprimiu a sua obra havia trinta annos que residia em Hespanha, em cuja lingua escreveu todas as suas obras, entre as quaes se destacam:
El Anfitrion de Plauto y la Adriana de Terencio traducidas del latin al castellano. Madrid. 1859.
Historia universal desde los tiempos mas remotos hasta nuestros dias. 5 tomos.
Manual de literatura griega. Madrid 1860.
Musica celestial, expresada en leyendas historicas, fantasias y elogios satirico-burlescos. Madrid. 1865.
Opusculos politicos e literarios. Madrid. 1841.

Folhetim do *Commercio de Lisboa* de 23 de Abril de 1864.

...«E, comtudo, notaveis publicações teem sahido da imprensa n'estes ultimos tempos.

«Uma, sobre todas, preoccupa hoje de certo a attenção do mundo que lê, e tem o jus indisputavel a ser detidamente estudada e conscienciosamente admirada: é a traducção da *Jerusalem libertada* do Tasso, com que o nosso distincto poeta o Sr. José Ramos Coelho acaba de enriquecer a litteratura.

«Não é esta uma obra que se avalie de leve, mas um monumento grandioso, cujo preciosissimo valor só pertence aquilatar aos juizes competentes. Eu pretendi consignar aqui apenas um testemunho da minha profunda admiração.

«No seu longo trabalho não nos dá só Ramos Coelho a epopéa do immortal cantor de Godefredo, mas ainda a da propria luminosa e reflectida paciencia; e esta traducção, cujo maior merecimento se não cifra talvez em ser escripta em bellissimos versos, é o triumpho mais completo que a applicação do talento póde colher de difficuldades tamanhas, que assustariam qualquer vontade menos robusta, e arrefeceriam qualquer intelligencia menos ardente.

«Ramos Coelho apoderou-se da *Jerusalem libertada;* estreitou-a com todas as suas faculdades, não ficou ahi uma idéia que lhe passasse despercebida, não deixou um pensamento que não comprehendesse como se houvera sido o primeiro a concebel-o; e depois, por um d'estes esforços gigantescos, de que o segredo se não divulga, verteu estrophe por estrophe, verso por verso, para um idioma menos opulento, o poema de Torquato Tasso, isto é, do poeta mais imaginoso da Italia, que é a patria da poesia e dos sonhos.

«E por que forma o fez elle?—de maneira a tornar impossivel o separarem-se jamais da memoria dos que cultivam as lettras esses dois nomes—do auctor e traductor—que representam duas glorias tão vividouras como o bello, tão esplendidas como a inspiração que lhes deu luz e alento.

«Desfila perante Godefredo o exercito dos cruzados; é a occasião de passarem os «almos esposos» Gildipe e Eduardo, a quem a guerra não conseguiu separar, como tão pouco o conseguirá a morte; e o poeta exclama:

> Nelle scuole d'amor che non s' apprende?
> Ivi si fe' costei guerriera ardita:
> Va sempre affissa al caro fianco, e pende
> Da un fato solo l'una e l'altra vita.
> Colpo ch'ad un sol noccia unqua non scende;
> Ma indiviso è il dolor d'ogni ferita;
> E spesso è l'un ferito, e l'altro langue,
> E versa l'alma quel, se questa il sangue.

«O sentimento suavissimo que perfuma toda esta magnifica estrophe só podia cabal e exhuberantemente ser reproduzido na estrophe que se segue:

> Tudo comtigo, amor, tudo se aprende;
> Por ti ella se fez forte e atrevida:
> Vae sempre junto ao caro lado, e pende
> De um só fado uma vida e outra vida.

Golpe que a um offende ambos offende;
É indivisa a dor, uma a ferida;
Se um ferem, soffre o outro crú tormento;
Se um verte o sangue, verte o outro o alento.

«Em outro qualquer genero prima egualmente o traductor, e, para exemplo, citarei uma, de entre muitas oitavas que se me deparam, a que mui de proposito faço succeder a dicção italiana, para que ambas se cotejem e confrontem, visto que, sinceramente, me parece a portugueza mais energica ainda e onomatopaica do que a outra.

«É no formosissimo canto setimo, depois do duello de Argante e Raymundo, em que este é traiçoeiramente ferido por Oradino; os christãos arremessam-se impetuosamente sobre os infieis:

Topam-se; e um rumor se ouve retumbante
De elmos, lanças e escudos resoando.
Um cavallo aqui jaz; alêm errante
Outro, sem dono ter, anda vagando;
Um guerreiro é já morto: outro expirante;
Qual suspira; qual geme soluçando.
Fera a peleja vae, e se encruece
Tanto mais, quanto mais se trava e cre'ce.

«Diz o original:

D'elmi e scudi percossi e d'aste infrante
Ne'primi scontri un gran romor s'aggira.
Là giacere un cavallo, e girne errante
Un altro là senza rettor si mira.
Quì giace un guerrier morto, e quì spirante;
Altri singhiozza e geme, altri sospira.
Fera è la pugna; e quanto più si mesce
E stringe insieme, più s'inaspra e cresce.

«O que acontece com as estrophes transcriptas, acontecerá com outra qualquer que, ao acaso, se escolha; e para apontar todos os prodigios de escrupulosa exactidão e de surprehendente belleza que encerra o livro de Ramos Coelho fôra necessario nada menos do que apontar-lhe todos os versos.

«Restrinjo-me pois a saudar com enthusiasmo o traductor da *Jerusalem libertada*. Resta á imprensa o cumprir com o seu dever, não, recommendando a obra, que o não preciza, mas lembrando-a mais de uma vez, visto que o nosso publico, mesmo o dos litteratos, attende mais ainda hoje ás nullidades bulhentas que se impõem, do que aos talentos, que, como o do auctor dos *Preludios poeticos*, vivem tranquillos á sombra da sua modestia.»

ERNESTO MARECOS.(1)

---

(1) Posto que nacional e nosso contemporaneo, não será descabida aqui uma noticia de este talentoso e infeliz escriptor, desconhecido da maioria das novas gerações, e esquecido mesmo talvez por muitos dos que o trataram, no meio do tropel de auctores e acontecimentos que se teem succedido desde a sua morte.

«Ernesto Frederico Pereira Marecos (diz Innocencio Francisco da Silva no tomo nono do seu *Diccionario bibliographico*) filho do distincto poeta e benemerito funccionario publico já fallecido José Frederico Pereira Marecos, de quem já fizemos devida commemoração (V. *Dicc.*, tomo IV, pag. 342). N. em Lisboa, a 16 de junho de 1836. Habilitado com os

CANÇÃO DO PESCADOR—pag. 161

Completo a nota a estes versos que fica na pag. 787, dizendo que Julio Cesar Machado os aproveitou no seu conto—*Regresso á aldeia.* (Vide *Revista contemporanea de Portugal e Brasil*, vol. 2.°, pag. 502, anno de 1860).

---

estudos preparatorios indispensaveis, matriculou-se no curso de direito da universidade de Coimbra, obtendo plenas approvações no 1.° e 2.° annos; ainda chegou a frequentar o 3.° anno do mesmo curso, o qual comtudo não concluiu por motivos que me são desconhecidos. Nomeado official da secretaria do governo geral da provincia de Angola, partiu para Loanda, exercendo alli o emprego referido por espaço de alguns mezes. Regressando a Lisboa, passou a servir como amanuense na direcção geral da contabilidade do Ministerio da Fazenda, logar de que recebeu a exoneração que solicitara. Em junho de 1869 alcançou a nomeação de Director da Alfandega do Ibo, no districto de Cabo Delgado, provincia de Moçambique, para onde seguiu viagem pouco depois na barca-transporte do estado *Martinho de Mello*—Escreveu:

«*Maria, historia de uma mulher.* Coimbra, na Imp. da Universidade, 1855. 8.° gr. de 22 pag. (Em verso).

«*Primeiras inspirações; poesias.* Lisboa, Typ. do Panorama, 1865. 8.° gr. de 210 pag. e 2 de indice.

«*Juca, a Malumtolla: lenda africana.* Ibi, na mesma Typ. 1865. 8.° gr. de 42 pag. (Em versos de differentes medidas).

«*Juramentos bem cumpridos.* Ibi. 1865. 8.° (Em prosa).

«*Corôa de perpetuas: elegia por occasião da sentida morte da actriz Manuela Lopes Rey.* Lisboa, Imp. de J. G. de Souza Neves. 1866. 8 gr. de 16 pag.

«*O thesouro de Fafnir, legenda extrahida das tradições germanicas ácerca da morte de Attila* (em varias especies de metros). Lisboa, Typ. do Futuro, 1866. 8.° gr. de 43 pag.

«*As confidencias: romance* (em prosa). Ibi, 1867. 8.°

A morta: poema em sete cantos. Ibi, Typ. do Futuro. 1867. 8.° gr. de 198 pag.»

ERRATA

Pagina	Verso	Lê-se	Leia-se
3	3	Com	Com o
11	2	olleggiar	aleggiar
11	15	il	in
50	4	dight!	night!
80	9	suavez	sauvez
103	4	servistes.	serviste.
117	20	em	en
210	19	lasci	lacci
210	39	ridente	ridenti
228	33	da	la
229	25	fitti	fàtti
374	25	vi	a vi
466	25	devia	deviam
673	31	sangral-as	sagral-as

INDICE

PRELUDIOS POETICOS

NOVAS POESIAS

LAMPEJOS

CAMBIANTES

REFLEXOS

JERUSALEM LIBERTADA (de Tasso)

PUBLICAÇÕES DO AUCTOR

Á nação portugueza tributo de saudade pela morte do principe dos seus poetas. Lisboa. Typ. do *Progresso*. 1854. 1 folheto. (Exgottada)

Preludios poeticos. Lisboa. Idem. 1857. 8.º 1 vol. de 303 pag. com retrato. (Exgottada)

A Jerusalem libertada *de Torquato Tasso vertida em oitava-rima portugueza*. Lisboa. Typ. Universal. 1864. 8.º 1 vol. de 507 pag. (Exgottada)

Novas poesias. Porto. Cruz Coutinho, editor. Typ. do *Jornal do Porto*. 1866. 12.º 1 vol. de 172 pag.

O Hyssope, de Antonio Diniz da Cruz e Silva. *Edição critica disposta e annotada por José Ramos-Coelho... com um prologo, pelo mesmo, ácerca do auctor e seus escriptos, acompanhada de variantes, e illustrada com desenhos de Manuel de Macedo e gravuras de Alberto, Hildibrand, Pedroso e Severini.* Lisboa. Edição da Empresa do *Archivo Pittoresco*. Typ. Castro Irmão. 1879. 8.º 1 vol. de 461 pag.

Cinco de Maio (Traducção em verso da ode de Manzoni *Il cinque Maggio)* Lisboa. Typ. Elzeviriana. 1885. Uma folha. (Exgottada)

O Bussaco. (Poemeto) Coimbra (Typ. da Universidade). 1886. 1 folheto. (Exgottada)

Veneza. (Poesia) Lisboa. Adolpho Modesto & C.ª Impressores. 1889. 1 folheto. (Exgottada)

Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV. *Obra fundada em numerosissimos documentos, e com desenhos do architecto milanez o sr. Lucas Beltrami e phototypias do sr. Carlos Relvas.* Lisboa. Por ordem e na Typ. da Academia Real das Sciencias. 1889 e 1890. 8.º 2 vol. com XXI—740 e 898 pag.

Homenagem a Camões. (Poesias em celebração do 310.º anniversario da morte do poeta) Lisboa. Typ. da Academia Real das Sciencias. 1890. 4.º 1 folheto. (Exgottada)

Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo ácerca das navegações e conquistas portuguezas publicados por ordem do governo de S. M. F. ao celebrar-se a commemoração quadricentenaria do descobrimento da America. Lisboa. Impr. Nacional. 1892. 4.º 1 vol. de XVII—551 pag. e 2 in. (De collaboração com os srs. dr. Xavier da Cunha e Prospero Peragallo).

A mãe de Camões, *a proposito da opinião do sr. Wilhelm Storck.* Lisboa. Adolpho Modesto & C.ª Impressores. 1892. 8.º 1 folheto. (Exgottada)

A Christovam Colombo. *Poesia para a commemoração quadricentenaria do descobrimento da America, celebrada pela Arcadia de Roma.* Lisboa. Idem. 1893. 1 folheto. (Com versão italiana do sr. Prospero Peragallo). (Exgottada)

Thomaz Blanc, *traços biographicos*. Lisboa. Idem. 1893. 1 folheto. (Exgottada)

Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa. Lisboa. Idem. 1894. 8.º 1 folheto. (Exgottada)

Lampejos, *poesias*. Lisboa. Typ. Castro Irmão. 1896. 8.º 1 vol. de VIII—229 pag. e 2 in.

Cambiantes, *poesias*. Lisboa. Idem. 1897. 8.º 1 vol. de VIII—275 pag. e 4 in.

Ácerca do primeiro Marquez de Niza. Lisboa. 1897. Typ. de A. E. Barata. 8.º 1 folheto.

Á ilha da Madeira. (Poesia) Lisboa. Idem. 1898. 1 folheto.

Á Polonia. (Poesia) Lisboa. Idem. Idem. 1 folheto. (Exgottada)

Reflexos, *poesias*. Lisboa. Typ. Castro Irmão. 1898. 8.º 1 vol. de IV—310 pag. e 4 in.

Visitas de D. João V á Inquisição de Evora. (Lisboa.) 1902. 1 folheto.

O primeiro Marquez de Niza. (2.ª ed. muito ampliada do escripto acima sobre o mesmo). Lisboa. Typ. Calçada do Cabra. 1903. 4.º 1 folheto.

Aos meus traductores. (Poesia) Lisboa. Empresa do *Occidente*. 1904. 1 folheto.

Jerusalem libertada, *poema de Torquato Tasso vertido em oitava-rima do original italiano, segunda edição muito melhorada*. Lisboa. Livraria editora Viuva Tavares Cardoso. 1905-1906. 8.º 1 vol. com 548 pag. e 6 in.

Poesias de Ramos-Coelho, *vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez*... Lisboa. Typ. de Francisco Luiz Gonçalves. 1907. 8.º 1 vol. com VIII—301 pag. e 8 in.

NO PRELO

Camões e Macedo, *analyse do «Discurso preliminar» com que este prefaciou o seu poema O Oriente*.